HISTOR
DE S.
DOMINGO
T. IV

Francisco. fec.t Porto.

Retrato da Prodigiosa Imag.m de N.ª Snr.ª das Dores, que se venera na Igreja da Congregação, do Porto. O Ex.mo e R.mo Snr. Bispo, do Porto, concede 40 dias de Indulg.ª a todos os q.e devotam.te rezarem, 3 Av. M.ª em louvor das Lagrimas, de Maria Santissima.

QUARTA PARTE
DA
HISTORIA
DE
S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO,
e Conquiſtas de Portugal.

QUARTA PARTE
DA
HISTORIA
DE
S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO
e Conquistas de Portugal.

QUARTA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

OFFERECIDA

A' AUGUSTA MAGESTADE DELREY nosso Senhor

DOM JOAÕ V.

POR

Fr. LUCAS DE S.TA CATHARINA,

Chronista da Ordem dos Prégadores, e Academico da Academia Real.

LISBOA,

Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1767.

SENHOR.

EM tempo, em que a incomparavel grandeza de V. Mageſtade erigio aquella preclara Officina da Verdade, em que ſe

ſe vaõ lavrando, ou polindo as Eſtatuas da gloria Portugueza, dívida he que ſe lhe tributem aquellas, que tambem entraõ a fazer numero com as obrigadas; porque ſe a eſtas (para exemplares da poſteridade) já a virtude lhes lavrou os Templos, agora lhes manda a generoſa, e Regia direcçaõ de V. Mageſtade renovar os Cultos.

Saõ eſtas (já immortaes, como glorioſas Eſtatuas) os filhos daquelle eximio Patriarca S. Domingos de Guſmaõ (eſclarecido conſanguineo de V. Mageſtade) que de Antagoniſtas da obſervancia, e Oraculos da ſciencia, paſſaraõ a brilhar Eſtrellas no Firmamento da immortalidade, depois que luziraõ tochas nas atalaias da Virtude. E ſe eſtes, que ou o Mundo eſcutou Sabios, ou a veneraçaõ teſtimunhou Juſtos, ſaõ os que tambem a Coroa de Portugal reconheceo vaſſallos, naõ deſconhe-

cerá

cerá V. Mageſtade as razoens de lhes permittir o ſeu Pio, Catholico, e Real patrocinio; nem elles ſe eſquecerá õ de agradecer o buſcar-lhes eu o mais ſoberano, negoceando com Deos que o perpetúe ditoſo. O Ceo dilate a V. Mageſtade a vida, e proſpére ſeu Real Eſtado para gloria de ſeus Reynos, e premio de ſeus vaſſallos.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

PRO-

PROTESTO
DO AUTHOR.

CONformando-me com os Decretos Pontificios, ſobre eſta materia, que aqui eſcrevo, proteſto, que tudo o que digo de milagres, revelaçoens, titulos de ſantidade, mercês, e favores de Deos, naõ intento que tenhaõ mais credito, e verdade, que a dàs peſſoas, e papéis, de que o tomey; excepto o que já eſtá recebido, e approvado pela Santa Fé Catholica.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

PRO-

PROLOGO

A' OBRA, E AO LEITOR.

O Mayor emprego, a que a vaidade dos homens conſagrou todos os deſvelos da ſua ambiçaõ, foy ſempre aquella induſtria de ſe reſtituirem á poſteridade na ſegunda vida da memoria; para iſſo cortaraõ os jaſpes, poliraõ os bronzes, eſcolheraõ os cedros, em que tornaſſem a avultar em o grande theatro do Mundo, emendando o caduco das cinzas na artificioſa tranſmigraçaõ das eſtatuas.

Eſpalhada vive eſta verdade na Divina, como na humana Hiſtoria, ſendo os primeiros, que infauſtamente cobiçaraõ eſta induſtrioſa vida (ó vaidade poſthuma!) aquelles, que com eſpirito ſoberbo, deſconhecendo a diſtancia da terra ao Ceo, queriaõ, que huma deſmedida torre os commerceaſſe com a Divindade. Parou no ar a fabrica, porque dahi naõ paſſara a idéa. Começou a confuſaõ das linguas a ſer mordaça da blasfemia, ſem que ſe lograſſe daquella fadiga mais, que o deſengano de que fora aerea.

Venite faciamus nobis turrim, cujus culmen pertingat ad Cælum, & celebremus nomen noſtrum. Geneſ. 11.

Deſvelou-ſe Abſalam vaidoſo, fabricando o illuſtre, e triunfal Cenotafio, em que ſe perpetuaſſe o ſeu nome aos aſſombros da poſteridade; ſem advertir, que nem o magnifico o livrava de ſepulchro, arquivo do eſquecimento. Hercules, que (ſogeita a mayor parte do Mundo) fazendo Templo de toda a Africa, lhe levantou aquellas duas columnas, a que conſagrou a fama as ſuas duas azas. Semiramis, que levantando os muros ao prodigio da Aſſiria, parece, que quiz moſtrar, que para o mageſtoſo do ſeu eſpirito, ſó huma Babylonia podia ſer Palacio. Artemiſa, que lavrando o milagre da Grecia, para Regia urna das cinzas de ſeu eſpoſo, aſſim eſtendeo a fabrica a conſelhos da grandeza, que ſe naõ diſtinguio, ſe quiz eternizar a ſua magoa, ou a ſua ſoberba.

Samuelis 1. Qui vivens ſibi monumentum perpetuitatis conſtituerit. Maluen. hic. Volate in Philolog. l. 33. Diodorus Sicul.

Os Reys da Africa, que em ſuperſticioſo culto authorizaraõ aquelle grande Templo de Diana, gloria

Plinius l. 36. c. 14.

de Efeſo, e extraordinaria maravilha do Mundo, multiplicando com generoſo, e nunca aſſaz pezado diſpendio, nunca bem encarecido artificio, o *non plus ultra* em cento e vinte columnas, levantadas atalayas, em que deſcançaſſe a ſoberba de ſua Coroa, e de que ſe deſcobriſſe o eſpaçoſo deſtricto de ſua fama.

Cyro, Rey dos Medos, lavrando hum Palacio, em que o jaſpe, e o ouro eſcureceriaõ a arquitectura á meſma obra, a naõ ſer igual prodigio a arquitectura. Os Egypcios, erigindo ſuas celebradas Pyramides, talvez Altares conſagrados ao fogo, a quem levantadas, e agudas ſerviaõ de retrato, e de ſacrificio. Trabalho, que illuſtrando a Memfis, e aſſombrando o Nilo, foy occupaçaõ deſempenhada por ſeſſenta mil homens em eſpaço de vinte annos; mas empenho taõ filho da deſvanecida ſoberba de ſeus Authores, que caſtigado do Ceo em perpetuo eſquecimento, até a ſeus nomes ficou tanta maquina ſervindo de ſepulchro, ſem lograrem nelle os intereſſes de epitapho.

Obliteratis tantæ vanitatis authoribus. Plinius l. 36. c. 32.

Finalmente a vaidade ambicioſa dos que inventaraõ, e erigiraõ os Obeliſcos, que ennobreceraõ a Heliopolis, multiplicando as grandezas a Alexandria, e paſſando a coroar os prodigios de Roma no Circo Vaticano, onde Nero, e Cayo lograraõ memorias a pezar do tempo, porque contra ſuas injurias ſe apoſtaraõ as Hiſtorias.

Aſſim ſe deſvelou na humana natureza a cobiça da fama, mas taõ pouco afortunada, que, naõ lhe valendo as cautelas dos bronzes, e dos marmores, triunfou finalmente o tempo das mais duraveis, e agigantadas torres, em que a induſtria dos ſoberbos ſe quiz guarnecer contra a continua bataria dos annos. Só o artificio da penna eternizou incontraſtavel os aſſumptos, a que quiz dar vida. Se naõ, veja-ſe qual he a deſſas cahidas eſtatuas, e eſpalhadas cinzas, mais que o eſpirito, que em hum papel foy eternizando o Prélo, a cujas vozes mudas vaõ eſcutando os ſeculos as mais affaſtadas memorias.

Eſta a valentia, com que os Eſcritores triunfaõ da injuria das idades, naõ ſe devendo menos á fadiga de

ſuas

ſuas pennas, que pouparem aos homens aquella diſcreta magoa de naõ terem naſcido a lograr as paſſadas experiencias do tempo, em que nem toda a imperceptivel velocidade de ſua carreira baſta a eſconder os ſucceſſos, fiados á penna, que os eſcolhe aſſumptos.

Que baldados os deſvelos, os diſpendios, os artificios, os ſimulacros, a que a vaidade fiou o pregáõ de ſuas cinzas, a naõ ſer o eſpirito da Hiſtoria, alma, com que tornaõ a viver as idades! Eſſa a utilidade da Hiſtoria, a que os homens deviaõ deſtinar todas as poſſes de ſeu engenho para eſcrevellas, como todos os entendidos as de ſua aplicaçaõ para repaſſallas. Mas he laſtima, que o ſuor, que a penna offerece ao eſtudo, o tenha tomado por ſua conta a cenſura; eſtando hoje taõ praticado eſte vicio, que ha necedade, que ſe reſolve a cenſurar, ſem mais cabedal, que o ſaber ler. Daqui naſce o encolher-ſe a prudencia entre os limites da deſconfiança, e perderem as idades o theſouro das noticias, deſpendido por aquellas pennas, em que ſe podera pezar o que a noſſa lingua tem de grave, de eloquente, de expreſſiva, e de propria. Mas eſtá taõ tratavel o querer ſaber emendar quem nem ſabe aprender, que mais facil ſerá darem os Authores em affoutos, que eſperar os neſcios emendados.

Se he digna de eſtimaçaõ a empreza de eſcrever com os ameaços de naõ agradar o animo de perpetuar noticias, ſem a ambiçaõ de querer competir elegancias, naõ proponho aos politicos Leitores outra valia, para que olhando para os motivos do meu trabalho, deixem paſſar as quebras do eſtylo, em que ainda naõ aſſentou a eſcolha, por ſer o Tribunal da cenſura taõ publico, que ſe contaõ os Juizes pelos Leitores, ſobre entrar a votar o goſto de miſtura com o juizo.

Quer a Hiſtoria eſtylo corrente, como filha da verdade; mas naõ humilde, como Meſtra da vida; e he difficil de conciliar a circumſpecçaõ de quem enſina, com a ligeireza de quem conta. Deve ſer a Hiſtoria, verdadeira, clara, breve, e elegante. Eſtas ſaõ as quatro qualidades, que animaõ o racional corpo da ſua eſcritura. Mas ſendo, no entender de todos, o con-

ciſo, e o verdadeiro, vencivel difficuldade ao trabalho, e ao artificio, a clareza, e a elegancia me parecem as eſtrellas Pleidas, na eſféra da Hiſtoria difficilmente juntas; ſendo muitas vezes o compoſto, e o eſcolhido das palavras, o dobrado; e o medido das oraçoens, o que vay dilatando os periodos, a perigar entre o Scylla, e Charibdis de enfadonhos, ou de confuſos.

Nem a nimia clareza ha de deſnaturalizar a ſuave adulaçaõ da Rhetorica, ſendo eſta diſcreta negaça o melhor desfaſtio da leitura. Os livros naõ ſe eſcrevem para os neſcios; os entendidos naõ ſe cançaõ nos reparos. Nenhum homem he feito para todos. Para contentar goſtos, naõ baſta deſempenhar acertos. Eſcuras ſaõ talvez as parabolas; naõ deſmereceraõ por iſſo tomallas o meſmo Chriſto por argumento de verdades, que propunha aos rudes; reſolvendo, que as comprehendeſſe quem podeſſe. O Eſcritor naõ ha de perder as licenças da Hiſtoria com o receyo de peregrinar a ignorancia. Quem naõ chegar a entender, reconheça o achaque em ſua caſa; que a Hiſtoria póde dar luz, mas naõ viſta.

Sine parabolis non loquebatur eis. Matth. 24.

Quis poteſt capere capiat. Idem 19. v. 12.

Sem perder della eſtas advertencias, me animo a pegar na penna, fiando á fortuna os logros, a que naõ alcançar a diligencia; que naõ cabem todos os acertos na juriſdicçaõ da eſcolha. Os Varoens notaveis da minha Religiaõ Sagrada, e illuſtres filhos deſta Provincia de Portugal, ſaõ o aſſumpto do meu emprego; e havendo nelles muito, que ponderar, he preciſa grande advertencia para que a narraçaõ naõ ſe alargue a panegyrico, ou rompendo as leys da Hiſtoria, ou propondo a verdade encarecida.

Aſſumpto grande! Empreza difficil! Pezo incomportavel! Ainda aos hombros dos Tacitos, dos Lucios, e dos Livios, Atlantes, em que deſcançou a elegante maquina da Hiſtoria, com aquella ventura, que ainda hoje juſtifica a ſingularidade, e deſengana a imitaçaõ. Grande, difficil, e incomportavel ao debil, ao curto voo de huma penna, a primeira vez aparada para correr a grande eſféra das Eſtrellas de Domingos, Varoens illuſtres, em que a ſua eſtampou reflexos, e logrou influxos taõ ſagradamente deſempenhados, que, paſſando ao

eter-

eterno Firmamento da Igreja, ſervem hoje de ſeguros nortes á mais conſiderada obſervaçaõ da vida.

Ficçaõ foy Gentilica, elegancia Poetica, que, gemendo com a nobre carga da esféra Celeſte, de hum hombro a outro aliviava Atlante o grande pezo. Ornava-ſe de eſtrellas o deſmedido globo. Tudo cantou Virgilio. *Ænei. l. VI.*

. . . . . *ubi Cælifer Atlas*
Axem humero torquet ſtellis ardentibus aptum.

Huma esféra glorioſamente ornada de eſtrellas cança os hombros ao mayor Atlante; e como ſe naõ recearáõ opprimidos os que reconhecem em minha Religiaõ Sagrada melhor esféra, em que ſeus filhos ſaõ luzidas eſtrellas, doutrinadas daquella, que em meu illuſtre Patriarca madrugou a ſer Aurora de ſua vida, como ſe os luſtroſos jeroglificos de ſeu illuſtre ſangue lha empreſtaraõ para portentoſo phenómeno de ſua virtude, ou preſagio feliz da Familia, que promettia á poſteridade.

E ſe he preceito Evangelico, que ſe naõ eſcondaõ as luzes doutrinadas delle, venturoſa obediencia a de deſcobrir aos olhos de todos as que de Domingos herdaraõ ſeus filhos, offerecidas ás imitaçoens, ou aos aſſombros. Eſte he o meu deſvelo, e o meu aſſumpto. Quando eſtes ſaõ taõ ſobidos, a mayor parte do emprego ſe fia aos deſejos; ſempre os fará ditoſos a reſoluçaõ, quando naõ os acertos. O deſengano, e deſintereſſe, conſultados ambos com o meu curto talento, naõ haõ de cançar os Leitores com a antiga hypocriſia de lhe pedir, ou liſongear a cenſura; que quem proteſta eſcrever verdades deſpidas de novo artificio, deſconhece os caminhos de grangear applauſo.

A ninguem deixou eſperanças de os merecer (como juſtificado acrédor de todos) o grande Chroniſta o Padre Fr. Luiz de Souſa, a cujo deſvelo, e inconſideravel trabalho ſe deveraõ deſcubertos, com tanta fidelidade de perdidas noticias, e felicidade de hiſtoricas elegancias, os grandes ſucceſſos deſta Provincia até o anno de 1614., em que glorioſamente triunfadora de embaraços,

ços, e coroada de acertos, podera accreſcentar ás azas da fama aquella penna, em que eternamente voara o ſeu nome, a naõ ſer divida o pendural-la no ſeu Templo, como reconhecido milagre.

O que nos reſta (deſde o anno em que findou a terceira Parte da Chronica deſta Provincia, em que comprehendeo até a ultima notabilidade della) he recolher as noticias de alguns filhos ſeus, eſpalhadas pelos Conventos, ou, para melhor dizer, ſepultadas nelles, naõ tanto á penſaõ de largos annos, ou culpaveis deſcuidos, como a cuidados, e cautelas da modeſtia religioſa, ou magnanimidade Portugueza; taõ natural ſempre em huma, e outra, o obrar acçoens dignas de ſer eſcritas, como o buſcar caminhos para as eſconder obradas. Eſte he (Leitor) o aſſumpto, que te proponho. Lê a teu goſto; mas lembro-te que eſte genero de eſcritura encaminha-ſe antes ao exemplo, que á delicia; e ſerá culpavel, que a attençaõ, que te havia de dever a doutrina, te leve a cenſura.

Naõ ignoro que neſte ultimo periodo era proprio o lembrar, e propor aos claros, e benemeritos filhos deſta Provincia, as glorias, que, á imitaçaõ de ſeus primeiros Pays, deviaõ lavrar para ſeu credito na religioſa officina de ſeu Sagrado Inſtituto: mas devendo eu entender, que me era preciſa huma penna, em que os raſgos paſſaſſem a ſer voos, forçoſamente me accommodava com o pezar de naõ poder expender como elogios os que de algum modo ſoube predicamentar como ſucceſſos. Porém foy alta Providencia de mayor fortuna o deſcobrir o elegante epitome, em que o Reverendiſſimo Padre Meſtre Carlos Antonio Caſnedi da Companhia de Jeſus, Oraculo da ſciencia Sagrada, (como o teſtemunha a ſua *Criſis Theologica*) Cicero Religioſo, (como o moſtra eſte Epitome Panegyrico) dá a conhecer ao Mundo, e perpetúa nos Faſtos da Chriſtandade, o triunfante, e glorioſo Triduo, com que a ſua Caſa Profeſſa de S. Roque celebrou a Beatificaçaõ do Beato Franciſco Regis: porque expondo o dia, em que officiou a Communidade dos Religioſos de S. Domingos de Lisboa, e eſpalhando em toda a Religiaõ o melhorado cofre de

Amal-

Amalthéa de ſua erudiçaõ profunda, e florida elegancia; ſendo o ſeu bem meditado emprego o ponderar aquella devida attençaõ, com que a Ordem dos Prégadores teve ſempre por ſingular, e generoſa empreza o reconhecer, venerar, e promover as glorias dos eſclarecidos filhos do grande Ignacio, que podia eu eſcolher para elogio da meſma Religiaõ Dominicana, (eſpecial eſta Provincia Portugueza) ſenaõ o ſaber a meſma Provincia reconhecer, na eſclarecida Religiaõ da Companhia, taõ alto Inſtituto, e conſervar com ella taõ eſtimavel commercio; empenhando-ſe (para ſeu mayor credito) em a venerar benemerita, e a merecer affectuoſa. As clauſulas do Epitome (que haõ de acreditar a minha eſcolha, e ſervir de immortal gloria a eſta Provincia Dominicana) ſaõ as ſeguintes:

Coronidem ſolemniſſimo Triduo ſtatuit florentiſſima, omnis ſapientiæ, & heroicarum odore virtutum, ſuorumque myſteriorum roſis, annuente Empyreo, coronata Patrum Prædicatorum Religio, non tantùm ubi Deus ſcitur, ſed & ubi neſcitur Orbi toti notiſſima; cujus Filii Protoparentis ſui Dominici lucem æmulantes, facem pro lingua, ignem pro voce ſpirant. Convenit ſub ſecundæ diei Veſperam, præeunte Crucis trophæo, populoſum Patrum Prædicatorum agmen. Celebratæ à Reverendiſſimo Patre Provinciali Fratre Dominico à Sancto Thoma, viro omnibus numeris abſoluto, qui mitiſſima animi ſui indole, & aurea morum ſuavitate, de ſuis, & de exteris omnibus, præcipuè de noſtra Societate religioſè triumphat; celebratæ, inquam, maximo cum apparatu, aſſiſtentibus ſex gravioribus ſui cætus Patribus, ornatiſſimo Pluviali ſuperamictis, primæ Veſperæ, quibus abſolutis, fervidiſſimæ Caniculæ ignes pro nihilo habentes, & ab aſperrimo excelſi collis aſcenſu, & deſcenſu minimè territi, ſexies intra viginti horarum ſpatium idem iter, latrante Canicula, ſuſcepere.

Præter feſtivos æris campani, tum in Patrum Dominicanorum, tum, quòd magis mirandum eſt, in inclytarum excelſi hujus Inſtituti Sancti Monialium Conventibus iteratos fragores, expoſiti ante utrorumque Cœnobia

bia naturales, & jactati ante Templorum fores, per noctis tenebras artificiales ab amicis ignes.

Cantata postremo die ab eodem laudatissimo Patre Provinciali, piissima ostentatione, Missa, & repetitæ secundæ Vesperæ, post quas instituta solemnis per Urbis plateas processio, in qua inter PP. Prædicatores, & nostros urbana humilitate certatum, renuentibus illis digniorem, ut par erat, conantibus nostris, ut ratio exigebat, inferiorem locum occupare; certamen à charitate, quæ omnia unit, definitum; ita enim utrique comiscebantur, ut, nisi candor habitus nos proderet, ignorari planè posset, uter Dominicanus, uter Jesuita foret.

Delata per longos viarum tractus Beati Joannis Francisci Statua, succolantibus piæ sarcinæ duobus ex Sanctissimæ Trinitatis Patribus, & duobus nostris. Tandem Christus Dominus, qui omnium Alpha, & Omega est, numerosæ, ob multiplicem aliorum Religiosorum, præcipuè Trinitariorum, concursum Processionis agmen clausit, sustentantibus Baldachinum octo Patribus Dominicanis, Pluviali ornatis, & deferente Sacrum Divinæ Eucharistiæ pignus Reverendissimo eorumdem Patre Provinciali.

Oravit sub Sacrum (nequid splendoris deesset Ulyssiponensis Conventus) Reverendissimus Prior, Doctor Frater Antonius à Sacramento. Ut pro re loqueretur, totus Pontificis Beatificationis Brevi institit; & quidem tam inenarrabili plausu, ut, sicut nefas est dubitare, quin Breve fuerit à Clemente XI. Spiritu Sancto concessum, ita dementatæ temeritatis reus habendus foret, qui Concionatorem speciali Spiritûs Sancti assistentia munitum negaret. Etenim Ulyssiponenses continere se non potuerunt, quin quater saltem concionantem Concionatorem interrumperent, eumque inusitatis laudibus in Cælum ferrent.

Hæc simplici, & pedestri veritatis stylo supereresset modo, vel glorioši hujus Ordinis exundantem obsequiorum in nos excessum; vel nostrorum erga eumdem indelebilem grati animi observantiam expendere. Primum breviuscula apostrophe, alterum taciturna admiratione expediam.

Favistis, Religiosissimi Patres, tuque præcipuè Reverendissime Provincialis; favistis, inquam, & sine meta Societati favistis; nobisque favendo, vobis ipsis favistis.

Nam

Nam vagientem, primis ſub annis, Societatem veſtræ ſapientiæ uberibus, multiplici in Univerſitate lactaſtis. Vos eam in Tridentino Concilio totis viribus promoviſtis. Vos mirabilem exercitiorum librum à mordacibus linguis voto veſtro illæſum ſervaſtis. Vos Divum Ignatium contumeliosè, & duriſſimè vexatum veſtris in Clauſtris perhumaniter tractaſtis. Vos Collegia in Luſitania, & Indis, prodiga manu ſumptibus veſtris erexiſtis. In vobis magna illa veſtrorum Herorum nomina, Venerabilis Archiepiſcopus Bracharenſis, Frater Bartholomæus à Martyribus, & celeberrimus ſanctitate, & ſapientia Ludovicus Granatenſis (ne à Luſitania recedam) quo conatu dilatationem Societatis promoverint, in omnium mente, & ore verſatum; & ita quidem, ut eoſdem in hodierna feſtivitate revixiſſe credendum ſit. Faviſtis igitur ſupra modum Societati, at Societati veſtræ; ita enim veſtra eſt, ut, ſi veſtra, vos colendo, & honorando non ſit, Societas non ſit. Nihil igitur mirum, ſi favendo exceſſiſtis. Nemo enim ſecum ipſo avarus.

Eſta memoria panegyrica deixou eſcrita o Reverendiſſimo Meſtre Caſnedina ſua *Criſis Theologica*. Tomo 5. diſp. 10. ſect. 5. §. 2. p. 228.

Eſta a narraçaõ elegante, e authorizado apoſtrophe, com que aquella aurea penna da doutiſſima, preclara, e florentiſſima Companhia de Jeſus, quiz condecorar a Religiaõ Dominicana, eſpecialmente eſta ſua Provincia Portugueza; e he eſte reconhecimento taõ eſtimavel, e decoroſo para ella, que o eſcrevo no *Prefacio* dos heroicos progreſſos de ſeus illuſtres filhos, querendo perpetuar-lhes neſta lembrança a mais glorioſa coroa.

LICENÇAS.

DA ORDEM.

Cenſura do M. R. P. M. em Theologia, Fr. Pedro Monteiro, Prégador do Sereniſſimo Senhor Infante D. Franciſco, Conſultor do Santo Officio, Examinador Synodal do Arcebiſpado de Lisboa Oriental, das Igrejas do Infantado, e das do grande Priorado do Crato, e Academico da Academia Real.

MAnda-me V. P. M. R. que veja a Chronica, que compoz o Reverendiſſimo Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta deſta Provincia, Academico da Academia Real; favor, de que fiz ſingular eſtimaçaõ, para ter nella que admirar de novo os muitos ſogeitos, que neſte ultimo ſeculo da Religiaõ floreceraõ nella em virtudes, e letras, porque muitos delles foraõ promovidos a diverſas dignidades.

A Obra he muitas vezes digna do grande nome do ſeu Author, grangeado em muitas, de que tive noticia, por mais que a algumas naõ permittio o nome a ſua modeſtia. Com eſte conhecimento já eſperava o acerto, com que aqui eſcreve a ſua grande capacidade, bem conhecida, e experimentada nas Aulas, e Collegio Conimbricenſe, de que foy digno Collegial, ſatisfazendo as obrigaçoens literarias com aquella exacçaõ, que ſe pede nellas.

Depois ſe entregou a eſtudos Sagrados, em que ſempre o acharaõ com a penna na maõ. Nelles deu há annos ao Prélo a Hiſtoria Panegyrica da Princeza Santa, (com o titulo de Eſtrella Dominicana) ornada com todo o genero de erudiçaõ Divina, e humana; obra, e parto de hum vaſto eſtudo; e naquelle genero, e no ſeu eſtylo incomparavel no voto dos eruditos deſapaixonados, naõ ſó neſte Reyno, mas em algum eſtranho.

Naõ ſe eſperava menos de hum engenho, em que ſe faz facil o eſcrever em varias materias, accommodando-ſe ao eſtylo de cada huma, aſſim no Sagrado, como no Politico, e ainda no Poetico, com igual (por mais que difficil) pratica no ponderoſo, e no jocoſerio, em que conhecendo a impiedade da Critica Nacional, eſcondeo a ſua modeſtia, e a ſua advertencia aos curioſos muitos empregos, em que os bons diſcurſos achariaõ naõ ſó divertimento, mas documentos.

Das ſuas occupaçoens eſtudioſas, e continuas daõ agora á eſtampa alguns affectos á Religiaõ, que as conhecem, e as eſtimaõ, a *Vida do noſſo Grande Patriarca S. Domingos*, (que faltava no idioma Portuguez) e glorias da Ordem, com o titulo de *Taumaturgo do Roſario*; obra, que envolve erudiçaõ Hiſtorica, e Predicativa.

Imprime mais o *Pantheon Euangelico*, com cincoenta, e mais Panegyricos Sacros; e podiaõ continuar quatro Imprenſas dos papeis, que deſte genero andaõ eſpalhados por varias mãos, de que ſaõ taõ mal conhecidos, como andaõ já confuſos, e desfigurados. Sepulta ainda na ſua cella a impoſſibilidade do diſpendio (que lhe nega indevidamente o Prélo) cinco tomos de varias materias Predicaveis, Aſceticas, e Panegyricas, que o nome do Author ſegura dignas da ſua luz publica, que talvez lhe nega a fortuna em obſequio da enveja.

Nos empregos Academicos vay dando repetidas provas de que naõ degenera, antes confirma a grande proporçaõ com os heroicos eſpiritos, de que ella ſe compoem; ſendo o ſeu emprego (em que tem eſcrito dous livros) materia a primeira vez expoſta no noſſo idioma, e naõ achada na noſſa Hiſtoria; mas tudo vencerá a applicaçaõ laborioſa de quem ſe ſabe adiantar nella.

Quem em ſemelhantes empregos naõ ſó profeſſa noticias, mas pratîca experiencias, e a quem nem os muitos annos deſta pratica enfraquecem a penna, naõ podia deixar de ſatisfazer com toda a exacçaõ (aſſim na verdade fielmente hiſtoriada, como no eſtylo verdadeiramente hiſtorico) as *Memorias deſta Provincia*, para glo-

gloria do ſeu, e noſſo Grande Patriarca, e dos heroicos filhos, que illuſtrou nella. Aſſim me parece a Obra taõ digna da eſtampa, como o Author da gloria, que ſe lhe ſeguirá deſta Imprenſa. Eſte he o meu parecer. Voſſa P. M. R. ordenará o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa Occidental, em 2 de Mayo de 1732.

Fr. Pedro Monteiro. Meſtre.

FR. Chriſtovaõ de Santo Thomaz, Meſtre em Santa Theologia, Conſultor do Santo Officio, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores neſtes Reynos de Portugal, pela preſente damos licença ao Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta deſta Provincia, para que poſſa imprimir a Quarta Parte da Hiſtoria della, viſto eſtar reviſta, e approvada pelos Padres Meſtres da Ordem. S. Domingos de Lisboa Occidental, 10 de Mayo de 1732.

Fr. Chriſtovaõ de Santo Thomaz. Vigario Geral.

Do Santo Officio.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Alvaro Pimentel, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILL.mo, E REV.mo SENHOR.

REvi a *Quarta Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal*, compoſta pelo Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Lucas de Santa Catharina, da Ordem dos Prégadores, ſeu Chroniſta; e acho nella muito que admirar, aſſim no eſtylo proprio da Hiſtoria, como na materia de que trata, pois em qualquer vida dos Religioſos, que conta, ſe deſcobre hum exemplar da perfeiçaõ, do zelo de Deos, e Santa Fé, ſem que o Author tropeſſe contra

ella, ou offenda aos bons coſtumes: pelo que a julgo por muito digna de ſe dar ao Prélo. Voſſa Illuſtriſſima fará o que for mais acertado. Lisboa no Convento de Noſſa Senhora da Graça, 20 de Setembro de 1708.

O Meſtre Fr. Alvaro Pimentel.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Miguel da Reſurreiçaõ, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILL.mo, E REV.mo SENHOR.

MAnda-me Voſſa Illuſtriſſima, que dê o meu parecer ſobre ſe haver de imprimir, e ſahir á luz a *Quarta Parte da Hiſtoria de meu Patriarca S. Domingos, particular do Reyno de Portugal*, compoſta pelo Muito Reverendo Padre Meſtre Fr. Lucas de Santa Catharina, da Ordem dos Prégadores, e ſeu Chroniſta: e obedecendo, digo o que entendo, e me parece que naõ tem couſa alguma contra a pureza de noſſa Santa Fé, nem contra os bons coſtumes; antes muitos, e varios exemplos de Veneraveis Padres, e Religioſas, que aſſim como podem preſtar augmento á imitaçaõ da vida mais reformada, aſſim tambem podem ſervir de credito á veneraçaõ da Religiaõ Catholica, e de taõ illuſtre Familia, em que o Author entra com huma grande parte pela elegancia, com que os eſcreve, e exprime: e aqui naõ digo tudo o que ſinto, porque as leys da Cenſura naõ permittem os Panegyricos, que merece a ſua erudiçaõ. Voſſa Illuſtriſſima mandará o que for ſervido. Santa Clara de Lisboa, 29 de Janeiro de 1709.

Fr. Miguel da Reſurreiçaõ.

Viſ-

VIstas as informaçoens, póde-se imprimir a *Quarta Parte da Hiſtoria Dominicana*, de que trata eſta petiçaõ; e impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, e ſem ella naõ correrá. Lisboa, 29 de Janeiro de 1709.

Carneiro. Moniz. Haſſe. Monteiro. Ribeiro.

Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

Do Ordinario.

PO'de-ſe imprimir a *Quarta Parte da Hiſtoria Dominicana*, viſta a licença do Santo Officio; e depois de impreſſa torne para ſe conferir, e dar licença para correr, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa, 10 de Abril de 1709.

Biſpo de Tagaſte.

Do Paço.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Miguel de Santa Maria, Academico da Academia Real, &c.

SENHOR.

LI a *Quarta Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular dos Reynos de Voſſa Mageſtade*, Authorr o Muito Reverendo Padre Meſtre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta da Ordem daquelle Santiſſimo Patriarca: e tendo lido as trez primeiras, que compoz o inſigne Chroniſta Fr. Luiz de Souſa, me parece

rece que o Padre Meſtre Fr. Lucas em nada lhe he inferior, mais que em florecer depois, como de Cicero, comparado com Demoſthenes, diſſe a ſabia antiguidade; certeza de que he vivo exemplo eſta quarta Parte, compoſta com eſtylo taõ caſto, taõ elegante, taõ proporcionado ás materias de que trata, e taõ verdadeiro, que vimos nós com os noſſos olhos muito do que eſcreve aqui, e illuſtra a ſua penna; podendo qualquer Leitor de ambos, dizer ſem liſonja de hum, e ſem offenſa de outro, que naõ he mais para admirar o principio, e progreſſo da Hiſtoria Dominicana Portugueza, na primeira, ſegunda, e terceira Parte, que o ſeu fim, e coroa na quarta, como a outro intento diſſe Plinio o o Segundo: *Initium, & progreſſum laboris mirer, an finem?* O Padre Fr. Luiz começou, e proſeguio com tanto acerto, que meritiſſimamente logra o applauſo, de que até agora nenhum Hiſtoriador lhe tirou da maõ a palma; mas ſe huma ſó o pode ſer de duas mãos, naõ recuſaria o Padre Fr. Luiza do Padre Meſtre Fr. Lucas, que, por lhe ſer igual no trabalho, na verdade, no engenho, na erudiçaõ, e no eſtylo, he razaõ que lhe ſeja companheiro no triunfo: e naõ ſerá injuria ainda o preferir eſta Quarta Parte ás trez primeiras; porque a Hiſtoria he como a vida, cuja perfeiçaõ naõ eſtá tanto em começar, e proſeguir bem, como em acabar bem; que por iſſo Cicero coroou a eloquencia dos Athenienſes, dizendo, que a aperfeiçoaraõ depois de a inventarem: *In quibus ſumma dicendi vis & inventa eſt, & perfecta.*

Pelo que toca ao argumento da Obra, contém eſta Quarta Parte muitos Religioſos, e Religioſas, illuſtriſſimos Heroes em ſantidade, em letras, em dignidades, e em nobreza de ſangue, os quaes adequadamente correſponderaõ, e deſempenharaõ os merecidos encomios, com que graviſſimos Eſcritores, e, o que mais he, os Summos Pontifices honraraõ a preclariſſima Ordem dos Prégadores, intitulando-os Defenſores invictos da Fé Catholica, verdadeiras luzes do Mundo, fideliſſimos Miniſtros de Chriſto, fortalezas incontraſtaveis da Igreja, e radiantes illuſtraçoens de todas as gentes:

con-

conſervando os filhos deſta Provincia, de quem com tanta modeſtia faz a Chronica preſente, a piedade, eruditçaõ, e zelo de ſeus predeceſſores, e creſcendo cada vez mais nas honras, e acclamaçoens dos que ſabem diſtinguir o ſolido, e verdadeiro do fantaſtico, e fabuloſo, a pezar da inveja inimiga de tudo o que he excelſo, e illuſtre. Eſte he o meu parecer, em que, ſuppoſto o acerto do Author, e nobreza da materia, naõ póde deixar de ſer elogio a Cenſura: pelo que julgo eſta Obra digniſſima da luz publica, e o Author della merecedor de toda a honra, e mercê, que V. Mageſtade for ſervido fazer-lhe, como taõ benemerito, naõ ſó da ſua Religiaõ, mas da naçaõ Portugueza. No Convento de noſſa Senhora da Graça, 16 de Mayo de 1709.

Fr. Miguel de Santa Maria.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meza para ſe taxar, e conferir, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa, 22 de Mayo de 1709.

D. Preſidente. Oliveira. Lacerda. Botelho.

Da Academia Real.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Miguel de Santa Maria, Academico da Academia Real, &c.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

VI o livro, que Voſſas Excellencias me mandaraõ cenſurar: e ſendo o meſmo, que revi por ordem do Deſembargo do Paço no anno de 1709, agora torney a achar a grande razaõ, com que lhe troquey a Cenſura em elogio, devendo ſer, no voto dos que melhor entendem da Hiſtoria, digna de todos eſta, que

que o Author eſcreveo para norma de todas. Iſto o que diſſe com mais diffuſaõ naquella Cenſura, e o que repito neſta, remettendo-me ao mayor elogio do que (entaõ, como agora) reconheço no Author benemerito da mayor honra, como o livro do beneficio da Imprenſa. Eſte he o meu parecer. Voſſas Excellencias mandaráõ o que forem ſervidos. Noſſa Senhora da Graça, em 16 de Junho de 1727.

Fr. Miguel de Santa Maria.

O Director, e Cenſores da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, daõ licença ao Padre Fr. Lucas de Santa Catharina para uſar do titulo de Academico neſte livro, viſta a approvaçaõ do Academico, a que ſe commetteo o ſeu exame. Lisboa Occidental, 20 de Junho de 1727.

Marquèz de Alegrete. *D. Manoel Caetano de Souſa.*

Marquez de Fronteira. *Marquez Manoel Telles da Sylva.*

Do

LICENÇA.
Da Real Meza Cenſoria

POdem correr todos os quatro Tomos deſta Hiſtoria, Meza, 21 de Julho de 1768.

Arcebiſpo Regedor P.

Gama.

Coelho. Vaſconcellos. Pereira.

QUARTA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO PRIMEIRO.

Dos Religioſos filhos deſta Provincia, que floreceraõ, e acabaraõ com reputaçaõ de virtude, e letras.

SUSPENDEO a penna o Padre Frey Luiz de Souſa, grande Chroniſta deſta Provincia, deixando-a rica com ſeus eſcritos, e ſingularmente authorizada com a larga, e elegante hiſtoria, em que depoſitou nos Archivos da poſteridade os nomes dos Varoens, que a ennobreceraõ inſigne, com a voz, com a penna, com a vida; e naõ menos os das Religioſas, que nos Clauſtros Dominicanos ſouberaõ meditar os deſenganos della, e correr por entre eſpinhos de mortificaçoens a abraçar a verdadeira.

A hum, e outro numero tem eſpiritos, que accreſcentar eſte noſſo ſeculo, ainda que nos faltaſſe com a materia, e aſſumpto de novas fundaçoens, ſobre cincoenta e ſeis, que aponta a noſſa hiſtoria: reſtanos a do Moſteiro do Sacramento em Lisboa, e a do Convento de Santa Joanna na meſma Cidade; a das Religioſas Hibernias do Bom Succeſſo; aſſim me pareceo repartir eſta quarta Parte em quatro claſſes, ou quatro livros. O primeiro tocará aos Religioſos. A's Religioſas o ſegundo. O terceiro com eſpecialidade ao Moſteiro do Sacramento, como aquelle, que ainda nas noſſas Chronicas naõ entrou a fazer

A vulto,

vulto, Benjamim da Provincia, filho da ſua ancianidade neſte Reyno. O quarto, ao Moſteiro do Bom Succeſſo, de Religioſas Hibernias, que ainda que peregrino para a Provincia, hoſpedado em Portugal, ſerá razaõ, que lhe ſucceda o meſmo em a Chronica; e naõ ſe queixará o ſeu merecimento, de que a que eſcolheo para Patria, lhe veyo a ſervir ſó de ſepultura.

Encoſtar-ſeha a eſta eſcritura a de alguma noticia da Congregaçaõ da India. Hiraõ os Religioſos, e Religioſas pela antiguidade de ſuas Caſas, naõ faltando a noticia do que houver de novidade nellas, desde o tempo, que as deixou o Padre Frey Luiz de Souſa, pelos annos de 1613. ſendo Miniſtro Geral da Ordem Frey Serafino Silo Papienſe, e Prior Provincial neſtes Reynos Frey Agoſtinho de Souſa; naõ havia mais novidade no eſtado da Provincia.

CAPITULO I.

De alguns filhos do Convento de Santarem, que deixaraõ nome, e opiniaõ de virtude.

NAõ podem deixar de correr parelhas a juſta queixa do noſſo deſcuido, e a materia, que os grandes eſpiritos deſta Provincia nos deraõ para deſtruillo, porque o meſmo ſerá irmos deſcobrindo Varoens inſignes, que irmos tropeçando na culpavel omiſſaõ das memorias delles. Aſſim ſerá a queixa prologo da noticia.

He a Caſa de Santarem o primeiro domicilio, que a Familia Dominicana teve naõ ſó neſte Reyno, mas em toda Heſpanha, berço de ſua obſervancia, antes fecunda ſeára de Santos, que vivenda de recoletos, de que foraõ boas teſtemunhas ElRey D. Affonſo IV. o Bravo, e o piedoſo Rey D. Joaõ o II. Naõ promettia menos fruto aquelle cantinho de terra, cultivado pelos Santos Fundadores Frey Soeiro Gomes, e Frey Domingos do Cabo. Entaõ ſe fez Caſa pequena, como para homens, que amortalhados a queriaõ ter por ſepultura. Augmentouſe depois, e com mais largueza, a Igreja; tudo arruinaraõ os tempos, e tudo reedificou o zelo de bons Prelados; hoje ſe vê perfeito, e acabado, aſſim de officinas, como de ornato, e aceyo de Templo, verdadeiramente toda a Caſa como Palacio de Deos, donde ſe hoſpeda a ſua Familia, que o louva. Mais antigas, e miudas noticias tem os curioſos na primeira Parte das Chronicas. Paſſemos aos edificios eſpirituaes, que ſaõ noſſa unica importancia.

Fr. Antonio de Sande.

Foy hum delles o Padre Fr. Antonio de Sande (Fr. Domingos diz outra noticia, nenhuma certa, a do ſobrenome ſim, que paſſará a ſervir de nome a quem tanto neſtes eſcritos o merece.) Filho he ſem duvida o Padre Sande deſta Caſa, porque ſendo conhecida ſua virtude, em nenhuma outra ſe deſcobrio memoria delle, ſendo experiencia neſta Provincia, que Religioſos de ſemelhante vida ſempre vaõ ſervir, e acaballa nas Caſas onde ſaõ filhos. Nem faça equivocaçaõ o acharſe na meſma Caſa outro Religioſo com o meſmo nome, e a meſma, ou quaſi circunſtancia de morte;

morte ; porque o primeiro Fr. Antonio de Sande , que traz a primeira Parte deſta Chronica , foy filho da Batalha , foy aqui Porteiro , e faleceo no anno de 1612. e o noſſo foy aqui Organiſta , naõ ſe lhe ſabe de filiaçaõ , e faleceo em 1680. pouco mais , como nos affirmavaõ Religioſos graves em que eſtava freſca a tradiçaõ , unico documento , a que logo começamos a recorrer do noſſo deſcuido. De grande Frade , e exacto obſervante , deixou nome eſte Padre , naõ ſó na eſtreiteza deſta Clauſura , mas no reſpeito , e memoria dos ſeculares da Villa. Aſſim ſe eſcutaraõ eſtas noticias a hum Sacerdote della , poſſoa de boa opiniaõ , com que tinha acabado pouco tempo antes que iſto eſcreveſſemos.

Em exercicios de verdadeiro Religioſo , notavel recolhimento , e amor da Clauſura , gaſtou eſte Padre grande parte da vida neſta Caſa. Era nella organiſta , occupaçaõ em que ſervia a Deos deſvelado , e goſtoſo : correſpondia a vida á occupaçaõ ; ſe neſta era Anjo , naõ menos naquella ; aſſim naõ tinha hora mais goſtoſa , que a em que hia ajudar os Religioſos nos louvores Divinos. Pagoulhe o Ceo eſte goſto com outro mais ſobido.

Santo Chriſto dos Affligidos.

Ve-ſe no Templo deſta Caſa de Santarem , no Cruzeiro , da parte do Evangelho , contigua á Capella do Menino Milagroſo , a do Santo Chriſto dos Affligidos , huma das perfeitas , que tem o Templo ; bom retabolo , em que ſe abre hum nicho , capaz de recolher o Senhor em o madeiro da Cruz : a eſtatura de homem , aſpecto aſſim devoto , que juntamente atemoriza , e obriga a reſpeito. Moſtra antiguidade , antes parece ter a da fundaçaõ da Caſa. Eſteve como eſquecido na da Sacriſtia velha , de donde a devoçaõ de hum Religioſo o tirou para o lugar , que tem agora : no primeiro ſuccedeo o que vamos a referir ; caſos , que ſem duvida o fizeraõ buſcado , com o titulo dos Affligidos , confirmado cada dia com copioſos milagres , que honraõ aquellas Sagradas paredes , e convidaõ a Fé para os pedir , e os eſperar.

Com eſta Sagrada Imagem era continuada , e viva a devoçaõ do bom Padre Sande. Paſſava a todas as horas do Coro a tocar o Orgaõ , e pondo os joelhos em terra , repetia com eſpirito humilde , e penitente o Pſalmo *Miſerere*. Detinha-ſe neſta devoçaõ hum dia , que paſſava á occupaçaõ coſtumada , quando lhe fere os ouvidos , e o coraçaõ huma voz , que ſahida da Sagrada Imagem , lhe dizia : *Preparate , porque hoje ſerás comigo no Paraiſo.* Aſſuſtado , e alegre o bom velho , de ver taõ anticipado , e ſeguro o premio de ſeu pouco trabalho , deixaſe cahir por terra , pondo nella a boca , como recolhido ao centro da ſua humildade. Já ſe levanta com alvoroço , chega á cella do Prior , começa a pedirlhe o Viatico , e a Unçaõ , affirmando , que eſtava no ultimo dia de ſua vida.

Suſpendia-ſe o Prelado , que o via com forças , e inteira ſaude ; culpavalhe a diligencia como delirio. Inſta com palavras concertadas , e encarecidas o bom velho ; entra em ſi o Prelado com a experiencia do eſtylo de vida do ſubdito , repreſenta-

ſelhe, que haverá myſterio, poemlhe preceito, que diga a cauſa de taõ repentina ſupplica, e diligencia. Refere o Padre o que lhe ſuccedera; e deſpedindo-ſe pelas cellas dos Religioſos, que o acompanhavaõ, tanto com lagrimas, como com inveja, recolhido, e tomando os Sacramentos, com hum admiravel ſocego, paſſou deſte valle de miſerias ao Paraiſo, dando a alma nas mãos daquelle Senhor, que para elle o chamara desde a arvore da vida. No Cemiterio (venerada hoſpedaria das reliquias dos primeiros cultivadores deſta Santa terra) tem ſepultura, eſcondendo-ſe nella, aſſim a certeza de qual ſeja, como mayores noticias de huma vida, que mereceo eſta morte.

Segundo prodigio do Santo Chriſto dos Affligidos.

Naõ devia ter menos circunſtancias a de outro Religioſo, com quem o meſmo Senhor uſou a meſma piedade, mas com particularidade grande. Naõ achamos a do nome do Religioſo, procurado com incançavel, e perdida diligencia. Relatemos a tradiçaõ. Sendo eſte Padre ainda Noviço, e de pouco tempo paſſado das liberdades, e delicias do Mundo áquelle eſtreito modo de vida, em que a Religiaõ coſtuma provar a conſtancia de quem a abraça, pareceo-lhe duro o caminho, facil a execuçaõ de deixallo, como quem naõ tinha até entaõ mais carcereiro, que o ſeu goſto. Reſolvia-ſe huma noite a romper eſte pequeno embaraço, e chegando a fazer oraçaõ á Imagem Sagrada, de que era devoto, quando ouve clara, e diſtintamente, que lhe reprehendia a temeridade, e o exhortava a abraçar ſofrido os rigores da vida, que eſcolhera; mas era tal o metal da voz, tal o affecto com que ſe exprimia, que naõ duvidou o Noviço, que o Senhor o reprehendia, naõ ſó com vozes, tambem com lagrimas, naquelle madeiro, em que já lhe devera o meſmo extremo todo o genero humano.

Cum clamore valido, & lacrymis exauditus eſt. Ad Hebræos 5. 7.

Naõ quiz o Senhor, que ficaſſe eſte exceſſo ſem teſtemunha; na face direita ſe lhe ficou diviſando, e hoje ſe lhe diviſa, a nodoa, e a propria eſtampa de huma lagrima. Louvada ſeja infinitamente ſua clemencia, taõ paga de ſer liberal com noſco, que nos deixa teſtemunhadas as finezas, como ſe fizera brazaõ dellas! Mas grande confuſaõ para as noſſas rebeldias, naõ nos melhorarem agradecidos taõ nobres teſtemunhas. Aſſim abalaraõ o coraçaõ do Noviço já venturoſo a reprehençaõ, e conſelho, que abraçou desde alli, e continuou huma vida, como o promettia o Conſelheiro della, profeſſando, vivendo, e morrendo no habito, ainda que ſe ignora a Caſa, como he tradiçaõ commua dos Religioſos mais antigos, que ha pouco faleceraõ neſta, e o naõ haver mayor noticia; culpavel omiſſaõ de naõ haver naquelles tempos quem por officio as guardaſſe para os futuros.

Fr. Paulo do Roſario.

Com mais alguma clareza nos veyo á maõ a noticia do Padre Frey Paulo do Roſario, porque foy tal ſua vida, que mereceo conſervarſe por tradiçaõ de memoria em memoria, permittindo-o o Ceo, para ennobrecer as deſta Caſa, e deſta eſcritura. Tomou eſte Padre o habito em o noſſo Convento de de Coimbra, mas naõ como filho

lho delle, como querem alguns, mas deſte de Santarem, para donde veyo no ſeguinte dia, ſendo a tomada do habito naquella terra, ou por acharſe alli o Prelado, que o recebeo á Ordem, ou ter eſſa comiſſaõ o daquella Caſa, ou finalmente por ſe fazer aos parentes do Noviço eſſa liſonja, porque ſe entende, que Coimbra era ſua Patria.

Correo o anno de approvaçaõ com moſtras de quem naõ hia a paſſallo, antes a aprender nelle a ſer toda ſua vida Noviço. Profeſſou no anno de 1641. ſendo Geral da Ordem o Padre Meſtre Frey Niculao Rodulfo; e recolhendo-ſe outra vez neſta Caſa, (depois que em outras acabou os eſtudos) foy nella Meſtre de Noviços, occupaçaõ, que naquelles tempos, e em tal Caſa podia ſer boa fiadora de ſua vida. Eſte cargo exercitou pelos annos de 1666. ſendo Prior o Padre Frey Franciſco de Lemos. Primeiro enſinava os diſcipulos com a vida, que com o caſtigo, ou a palavra. Para os defeituoſos era aſperiſſimo, e taõ zelador da obediencia, que lhe ſuccederaõ caſos, que eternizaraõ eſta noticia; hum ſó baſtará para a termos do muito que o era. Entendia, e bem, que he a obediencia a baze, e total fundamento da obſervancia, ou o coraçaõ, de que ſe reparte a vitalidade a todo o myſtico corpo da Religiaõ. Conheceo em hum Noviço alguma rebeldia, naõ valeo a primeira reprehençaõ para a emenda; chamou-o hum dia, e levando-o ao quintal da caſa de Noviços, diz-lhe que cave na terra, e mandalhe que àſveſſas ponha nella huma planta. Sahio logo, como eſtranhando o deſacerto, o genio do Noviço; e por mais que o Meſtre inſtava que obedeceſſe, mais ſe eſcuſava com replicas, e deſculpas. Chama o Meſtre os outros Noviços, manda que abraõ mayor cova, e que nella metaõ, e ſepultem o Noviço até ao peſcoço, martyrio em que o deixou eſtar por algum tempo, tirando-o delle ſogeito, e doutrinado.

Naõ eraõ menos as aſperezas, que uſava comſigo, exacto no jejum de ſete mezes, nas Matinas á meya noite, na eſtamenha junto á carne; e parecendo-lhe a laã aliviada, recorria aos cilicios, e delles paſſava a rigoroſas diſciplinas de ſangue, naõ havendo arma com que naõ pertendeſſe domar aquelle inimigo, mais para temer, quanto mais caſeiro. Mas aſſim ſe agradou o Ceo deſta ſua ultima penitencia, que nas meſmas pedras quiz, que ſe lhe conſervaſſe a noticia della. Era grande a devoçaõ, que tinha com o bom Jeſus, Imagem de hum Crucifixo milagroſo, que fica na primeira Capella da nave, que corre da banda do Evangelho. Diante deſta Imagem coſtumava Frey Paulo tomar a miudo aſperas, e copioſas diſciplinas de ſangue. He ainda hoje conhecido, e venerado o lugar adonde o fazia, que he hum grande marmore, que correndo igual com o lageado da coxia, que continúa ao pé dos Altares, ſe moſtra ſingular, por alvo, e limpo; aſſim naõ admitte em nenhum tempo ou pó, ou outro deſaceyo, que faz preciſo eſte reparo, moſtrando-ſe limpo, e branco em todo aquelle circui-

to,

to, em que podia eſtar o corpo, e eſpalharſe o ſangue dos golpes.

Inviolavel na guarda do ſilencio, ſó o faziaõ diſpenſar nelle as obrigaçoens do officio. Nelle durou muitos annos, até que o apoſentou antes a falta de alento, que de eſpirito. Mais individuaes noticias nos podiaõ ficar delle, mas foy taõ eſcaço o tempo, que conſervandolhe com eſtas qualidades o nome, lhe ſepultou as acçoens, que lho podiaõ eternizar com mais circunſtancias de grande. Mas deſta curta narraçaõ ſe podem inferir mayores progreſſos de virtude, por mais que culpaveis os deſcuidos deixaſſem eſquecer as particularidades de ſua morte, como tambem o lugar da ſua ſepultura, roubando-nos eſſa conſolaçaõ aos olhos, como em mayores noticias, mayor exemplo para os reformados, e mayor edificaçaõ para todos. Mas ainda que ſeu corpo ficou duas vezes eſcondido, naõ o ficou aſſim a tradiçaõ de que eſtá inteiro.

Mayor numero de filhos memoraveis (como ſempre taõ fecunda delles) nos promettia eſta Caſa, e o eſpaço de 80. e mais annos, que ſe naõ tem fallado nella, ſendo experiencia, que nunca lhe faltaraõ em todos os tempos eſpiritos da primeira obſervancia, como morgada deſta Provincia. Deſta verdade podiamos ainda hoje moſtrar evidente prova; mas contentarnos-hemos com eſtas, que temos dado, viſto poder mais o envelhecido deſcuido de quem podia evitar eſte defeito, que a diligencia, e moderno cuidado de quem pegou na penna, achando já eſta Provincia ſem aquellas venerandas idades, que eraõ, e podiaõ ſer promptuarios vivos das memorias della. Naõ eſqueceremos com tudo neſte lugar huma, por muitos titulos preciſa, que ſirva de recompenſaçaõ ás muitas, que perdemos neſta Caſa.

Nella tem ſeu jazigo, em que eſtá ſepultado (na Capella môr, que he de ſua Caſa) Manoel de Saldanha, fidalgo de ſingulares prendas, da illuſtre Caſa deſte appellido, bem conhecido, e eſtimado neſte Reyno. Foy filho de Diogo de Saldanha, neto de Frey Diogo de Saldanha, filho de Antonio de Saldanha, que nos tempos de elRey Dom Manoel paſſou á empreza memoravel de Tunes, em companhia do Emperador Carlos V. e voltando a eſta Coroa, cheyo de bizarrias militares, mereceo o premio, e o agrado do grande Monarca Dom Joaõ o III. Veyo a caſa a ſeu filho Diogo de Saldanha, que fez deixaçaõ della a ſeu filho morgado Antonio de Saldanha, vendo-ſe já entrado em dias, e naõ podendo reſiſtir ao amor da Religiaõ Dominicana, que feito natureza em tantos annos, o chamava para os ſeus Clauſtros, donde veſtio o habito, profeſſou, e faleceo, como ſe lê na primeira Parte da Chronica deſta Provincia. 1. Part. liv. 2. cap. 42.

Herdou Manoel de Saldanha de ſeu viſavou Frey Diogo eſte affecto ſingular ao habito de S. Domingos, e com eſpecialidade a eſte Convento de Santarem, conſervando-ſe mais vivo o commercio pela aſſiſtencia da Caſa, que eſta Familia tem na Villa. Mas aſſim paſſou em

em Manoel de Saldanha eſta devoçaõ a extremo, que fazendo de ſua caſa antes hoſpedaria, que vivenda, parece que naõ tinha outra mais, que o Convento, nem mais commercio, que com os Religioſos delle, com grande edificaçaõ, e ainda lucro temporal de todos, a que a ſua liberalidade eſpreitava a penuria, ſoccorrendo-a com maõ larga. Eraõ neſta parte eſpeciaes beneficiados ſeus os que, curſando as eſcolas, tinhaõ nome, e reputaçaõ nellas, fomentando, como taõ grande amante da Provincia, aquellas plantas, que creſciaõ para coroalla.

Naõ o experimentava menos cuidadoſo bemfeitor o material do Convento, naõ havendo nelle obra, que ou em parte, ou em todo lhe naõ deveſſe diſpendio. Effeitos eraõ eſtes da devoçaõ, que tinha com S. Domingos, taõ exceſſiva, que no ſeu tempo chegou a ſer apodo dos amantes das Familias Sagradas. Em dia do Santo accreſcentava com grandeza o prato aos Religioſos, como ſe eſtivera ainda eſcutando o preceito, que o grande Varaõ Frey Diogo de Saldanha pozera a ſeu filho em ſemelhante dia. Em huma Veſpera delle 3. de Agoſto, de 1686. faleceo, diſpondo-o (no que ajuizou a piedade Chriſtãa) o meſmo Santo, agradecido áquelles extremos, a que negociaria immortaes premios.

1. Part. ubi ſupra.

Aſſim acabou, cumprindolhe Deos o deſejo de chegar com vida até aquelle dia, que foy em hum Sabbado, quando a voto, e reſoluçaõ de medicos, naõ podia paſſar do da quinta feira; e dando graças ao Santo Patriarcha, e á Virgem piedoſa do Roſario, (retratos, que tinha á cabeceira, e a que chamava o ſeu theſouro,) moſtrando o quanto tinhaõ de mais valor na eſtimaçaõ, e no affecto. Mas naõ deixemos huma circunſtancia ſem reparo, (que á boa conſideraçaõ naõ parecerá indigno delle) que foy acharſe aſſim diſpoſto o caixaõ, em que recolhiaõ o corpo no jazigo, que ſem poder ſer de outra fórma, feita muita diligencia, veyo a ficar o cadaver com o roſto voltado á imagem do Santo, que eſtá no Altar môr, ao lado do Evangelho, como ſe o grande Patriarcha quizeſſe dar a entender, que por aquelle eſtylo, que viaõ ao ſeu devoto na terra, eſtava gozando na gloria de ſua viſta.

A eſte reconhecimento do pay ſe ſeguio o dos filhos, mandando o Provincial deſta Provincia, o Padre Meſtre Frey Manoel Leitaõ por toda ella igualmente á Caſa de Religioſos, como de Religioſas, que ſe lhe fizeſſem publicas exequias, com o meſmo eſtylo de piedade, e fauſto, que ſe coſtuma nas dos Geraes da Ordem. Naõ ſe contentou, nem contenta com menos demonſtraçaõ o agradecimento dos ſeus filhos neſta Provincia, ſendo ainda mais extremoſo, e mais duravel em toda ella o funeral das ſaudades, em que ſempre durará ſua memoria.

CA-

CAPITULO II.

Addiçaõ á fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Lisboa: de algumas particularidades, que ſe vem nelle ao preſente.

FOy eſta Caſa levantada dos primeiros fundamentos a diſpendios da pia, e Real magnificencia delRey Dom Sancho II. do nome, e IV. de Portugal, augmentada de Templo (obra verdadeiramente meditada em hum grande, e eſpaçoſo eſpirito) por elRey Dom Affonſo III Conde de Bolonha. Naõ ſe eſtenderaõ menos, que eſtes dous grandes braços, a ſuſtentar tanta fabrica! A fortuna, que ella correo, já de inundaçoens, já de terremotos, póde ver o curioſo no Padre Frey Luiz de Souſa. Melhorou-a finalmente elRey Dom Manoel de Dormitorios, (obra taõ ſua, como o eſtá gritando na grandeza) hoje acabados com igualdade ás mais officinas, formando huma das mageſtoſas Caſas, em que na Corte avulta o culto de Deos, e a grandeza della.

Fr. Luiz de Souſa. 1. p. l. 3. cap. 17.

Mas naõ deixarey de avaliar bem a modeſtia daquelles ſeus primeiros habitadores, que tendo baſtante largueza, e pedindo a da Caſa exteriores de mais vulto, cahindo-lhe dous lanços de Dormitorio ſobre a celebre praça do Rocio (donde ſe podia deſculpar a demaſia, com as licenças de ornato, e correſpondencia da praça) aſſim he toſca, e humilde a frontaria (para o que hoje vemos em outras fabricas Sagradas) que quem por dentro examina a largueza deſta, confeſſa, que a deſconheceo por fóra; em fim Caſa dilatada ao commodo de numeroſa familia, e naõ á culpavel oſtentaçaõ de grandeza.

Algumas accreſceraõ depois que o Padre Frey Luiz de Souſa a deſcreveo, eſpecialmente na Igreja, e Coro della. Na Capella môr ſe vê dourado hum grande retabolo, que lhe mede a altura: (he elle primoroſo, e ella exceſſiva) oito de boa pintura, e douradas molduras de entalhado moderno, veſtem de huma, e outra parte o eſpaçoſo campo das paredes, que dando lugar ſobre elles a ſeis grandes janellas, ſobem a fechar em huma alteroſa bodeda, mais viſtoſa com hum gracioſo bruteſco, que a afermoſea.

No Coro correm por huma, e outra parte ayroſas, e bem lavradas cadeiras de bordo, acompanhadas de dous retabolos de entalhado, repartido em bem lavradas columnas, e ayroſas quartellas, dando em os vãos lugar a 22. quadros dos Santos da Ordem. Deveraõ-ſe ao Meſtre Frey Domingos de Santo Thomaz, aſſim as copias dos Santos, como o dourado dos retabolos; a mais obra da Capella, e Coro ao Meſtre Frey Alvaro de Meſquita, e a Frey Jeronymo da Aſſumpçaõ, aquelle Prior, eſte Sacriſtaõ môr do Convento, ficando os degraos do Altar de fino jaſpe vermelho (mais duravel, e naõ menos viſtoſa alcatifa) e o pavimento do Coro do meſmo jaſpe, tecido com preto, e branco, em extravagante xadres, ſendo obra de Religioſos particulares, e entre elles do Meſtre Frey Manoel Veloſo, Deputado do Tribunal de Lisboa.

O

O corpo da Igreja, como ſe ſe quizera guardar no theor, e fabrica (reduzidas já hoje todas á moderna) para venerado padraõ da antiguidade, que obriga a hum certo reſpeito, e devoçaõ, ficou incapaz de emenda, ou melhora, pelo muito que ſe apurou na nave, que corre da parte da Epiſtola, em que ſe lavraraõ as Capellas de Santo Thomaz, do Senhor Jeſus, e do Roſario, taõ alteroſas, e bem acabadas, como ſe deſenganaraõ a correſpondencia nas frontarias. Melhorouſe com tudo eſta grande machina, aſſim no torneado das grades, que fechaõ eſta nave, como em huma tea, que divide toda a outra, ficando ambas com a melhora de duas raſgadas janellas, que no cabo de cada huma ſervem de Collateraes ao grande eſpelho, que fica ſobre a porta. Ve-ſe hoje todo o Templo livre, e deſembaraçado, ſuſtentada toda a ſua machina, que he mageſtoſa, em oito columnas; eſtado a que a reduzio a improporçaõ, que tinha em todo o corpo, e Capella, que para os primeiros tempos eraõ grandezas. Deveo eſte bem meditado deſembaraço ao Meſtre Frey Antonio do Sacramento, ſendo actualmente Provincial deſta Provincia. Agora eſpera pela proporçaõ, que lhe dará a induſtria, e architectura moderna, de que já ſe vem principios, (devidos á meſma maõ, que lhe quiz emendar os defeitos) promettendo avultar ſem elles entre as mais fabricas Sagradas, que hoje ſe veneraõ na Corte, como mageſtoſos Padroens da Chriſtandade.

O corpo do Convento ſe vê augmentado em obras de azulejo, eſpaçoſas, e bem lançadas eſcadas de pedra, deſafogada, e ayroſa Portaria; e iguaes ao Convento as mais officinas, melhor a Sagrada da Sacriſtia; Livraria eſpaçoſa, e bem acabada, obra, que ſe deveo ao Meſtre Frey Gonçalo do Crato, do Conſelho Geral de Lisboa.

Ao preſente ſe acha com notavel augmento pela induſtria, deſvelo, e profuſo diſpendio do Preſentado Frey Manoel Guilherme, cobrindo-ſe todas as paredes com ſegundas eſtantes (que tocaõ no tecto com artificioſos remates) em que ſe diſtribue huma numeroſa Livraria de nobre enquadernaçaõ, e taõ igual, como eſcolhidos os livros; e eſtes taõ copioſos, que foy preciſo recorrer a nova Caſa, que lhe fica contigua, e igualmente ornada, hoſpedando-ſe em huma, e outra os Varoens illuſtres de huma, e outra claſſe, ou na laborioſa applicaçaõ da penna, ou na rigoroſa obſervancia da vida, e entre elles infinitos Eſcritores da Ordem, como Antagoniſtas dos ſeus Inſtitutos, parece ſe devia eſculpir nos jaſpes daquellas artificioſas portadas por glorioſo timbre eſta letra: *Felices, quibus contigit aut ſcribere legenda, aut facere ſcribenda!*

O Clauſtro com eſpaçoſo ambito, cuberto com deſafogadas, e alegres varandas, que deſcançaõ ſobre ayroſos arcos de bem lavrada pedraria, com remates, e embutidos de jaſpes pretos, e vermelhos. Cercaõ eſtes com grades hum deſembaraçado terreiro, que com vario lavor de murtas ſe reparte em ruas, dando no meyo lugar a hum tanque, que em fórma

engenhoſa oitavada ſuſtenta no centro della em hum pilar huma grande taça, em que de outro ſe recebe a agua deſtilada em artificios varios. Aſſim o ſaõ os jaſpes finos, que matizaõ toda a obra. Deveo-ſe eſta ao deſvelo do Meſtre Frey Pedro Calvo.

Mas naõ deixarey em ſilencio o ornato, que lhe veſte as paredes, naõ pela vida de Noſſo Padre eſtampada em azulejo, (obra groſſeira, e indigna de ſer eſtampa daquella vida) mas pela que ſe lê animada em huns dyſticos do Padre Fr. Luiz de Souſa, que parece deſtinou muitos annos antes o fino deſta Poeſia a diſſimular o toſco daquella pintura, bem afortunada (e quando o naõ foy o enorme?) em achar alli huma penna, que lhe trocaſſe os borroens em figuras, ou hum eſpirito, que animaſſe com a vida da Poeſia o toſco daquelle barro.

Veſe no primeiro quadro a Senhora Dona Joanna de Aça, mãy de Noſſo Padre, deſcançando em hum leito, e repreſentando-ſelhe hum rafeiro com huma tocha acceza na boca; e diz inferior ao quadro o dyſtico:

Vera vides genitrix: Cœleſtem condis in alvo,
Qui mundum accenſo perſonet ore, canem.

Veſe no ſegundo quadro Domingos menino, quando ſahindo do Sagrado banho do Bautiſmo, ſe lhe diviſou na teſta huma Eſtrella, aurora, com que lhe madrugou o dia da graça; e diz inferior ao quadro o dyſtico:

Fax in ventre latens, jam ſacro fonte lavatus
Aurora eſt, ardens poſtmodo Phœbus erit.

Veſe no terceiro quadro Noſſo Padre acompanhado do Biſpo de Oſma, quando (para confuſaõ da pertinacia heretica) lhe reſpeitou tres vezes o fogo o livro, em que eſcrevera as verdades da doutrina Sagrada, ardendo em hum inſtante o que continha os dogmas hereticos; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Abſumens pravum pia litem flamma diremit,
Et ſanctum innocuæ ter repulere faces.

Veſe no quarto quadro a Rainha dos Anjos, dando a Noſſo Padre hum Roſario, para que ſaya a eſpalhallo pelo Mundo, como ſeu primeiro Miſſionario; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Accipe ab æthereo miſſum tibi munus Olympo,
Orbis tutamen, deliciasque meas.

Veſe no quinto quadro Noſſo Padre na guerra dos Albigenſes occupando a vanguarda do campo Catholico, Alferes daquella Sagrada bandeira, que já arvorada ſobre o Calvario, deu a conhecer vencido o meſmo adverſario, que agora em ſeus ſequazes lhe fazia roſto. E ſe lá mais victorioſa, quando rota de huma lança, aqui naõ menos feita alvo das ſettas inimigas, como ſe de eſtandarte ſe paſſara a eſcudo para recebellas; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Pro Chriſto certans, ſcutum Crucis objicit hoſti,
Hanc ſolam, illæſo milite, tela petunt.

Veſe no ſexto quadro Noſſo Padre, glorioſo Athlante da Igreja, que (figurada na de S. Joaõ de Latraõ em Roma) ameaçando ruina, encontrava aquelles grandes hombros para evitalla;) myſterioſa viſaõ, repreſentada em ſonhos a Innocencio III.) e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Quam potuit quondam templi cohibere ruinam,
Per ſobolem verus nunc quoque fulſit Athlas.

Veſe no ſetimo quadro Noſſo Padre com os joelhos em terra, mãos, e olhos no Ceo, pedindo clemencia a Chriſto Senhor Noſſo, que indignado brandia tres ſettas para caſtigo do Mundo, quando ſua piedoſa Mãy lhe moſtrava a Domingos, como ſuſpenſaõ do caſtigo dos homens, e fiador da emenda delles, como dizendo no dyſtico:

Nate, quis in miſeros tantus furor? Aurea terris,
Hoc duce, reſtituet ſæcula priſca fides.

Veſe no oitavo quadro Noſſo Padre recebendo com os joelhos em terra a confirmaçaõ da ſua Ordem de Honorio III. e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Quas ſæpe Cœlis prænuntia ſigna probarunt,
Æterna leges conſecro lege tuas.

Veſe no nono quadro Noſſo Padre, quando pernoitando na Igreja de S. Pedro em Vaticano em oraçaõ diante das reliquias dos grandes Apoſtolos Pedro, e Paulo, eſte lhe deu hum livro, aquelle hum bordaõ, como ſe hum lhe encaminhara os paſſos para correr a terra, outro lhe illuſtrara o entendimento para propor a doutrina; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Luſtret & illuſtret mens æmula Solis ut Orbem,
Legis Evangelicæ eſt rector hic, ille viæ.

Veſe no decimo quadro o Santo Reginaldo enfermo; Noſſo Padre em ſua cella orando por ſua melhora; a Rainha dos Anjos (acompanhada das Protectoras da Ordem as Santas Catharina, e Cecilia) reſtituindo-lhe com myſterioſo oleo a ſaude, e moſtrando-lhe, e offerecendo-lhe o Eſcapulario branco, que queria lhe ſerviſſe a elle, e aos mais filhos de Domingos de habito; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Arte laboratam noſtra tibi ſuſcice veſtem,
Reginalde, mei ſtemmata Dominici.

Veſe no decimo primeiro quadro Noſſo Padre recuſando a offerta de tres Mitras; eſcravidaõ, que temia por authorizada, naõ por trabalhoſa: e inferior ao quadro diz o dyſtico.

Prodigus ad pœnas renuit, horretque Tiaras:
Omnis anhelanti ſidera ſordet honos.

Veſe no decimo ſegundo quadro Noſſo Padre diante de hum Crucifixo com os joelhos em terra, deſcubertos os hombros, deſcarregando ſobre elles com rigoroſa maõ huma cadea de ferro, (que tres vezes os banhava em ſangue entre dia, e noite) e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Ferrea vincla diu, terque horrida verbera noctu
Alterna repetunt conditione vices.

Veſe no decimo terceiro quadro Noſſo Padre no meyo daquelles funeſtos eſpectaculos, em que triunfou da morte a ſua piedade; o ſobrinho do Cardeal deſpedaçado da queda de hum cavallo; o official opprimido da parede do Convento em que trabalhava; a viuva choroſa, e moſtrando-lhe o filho ſem vida; os quarenta romeiros, que ſorveo tormentoſo o rio de Tholoſa; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Quæ non monſtra tibi, quæ non miracula cedent,
Cui toties ſpoliis mortis onuſta manus?

Veſe no decimo quarto quadro N. Padre com os Religioſos em Communidade no Refeitorio do Convento de S. Xiſto em Roma, levantadas as mãos, e olhos ao Ceo, quando ſem haver para aquella Santa Familia hum paõ, (por ſe ter dado de eſmola hum unico, que havia em Caſa) entraraõ dous Anjos pelo Refeitorio, repartindo a cada Religioſo o ſeu; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Felix paupertas! Quid non ſperemus egeni?
Cælicolûm o ſocii paſcimur ecce penu.

Veſe no decimo quinto quadro Noſſo Padre arrebatado em hum extaſi diante de hum Crucifixo; e o demonio em fórma de horrivel dragaõ voando-lhe ſobre a cabeça, e ameaçando-lha com hum pezado, e deſmedido penedo; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Corpoream excidit molem ſuper aera raptus:
Nec pavet inſidias, hoſtis inique, tuas.

Veſe no decimo ſexto quadro Noſſo Padre, e ſeu companheiro pizando hum deſerto; o Ceo deſatando-ſe em formidavel inundaçaõ; mais ao largo (já ſereno o Ceo) buſcando o Povo com reverencia, e applauſo; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Qui potuit pluvias cohibere, & claudere cœlum,
Hunc mira populi religione colunt.

Veſe no decimo ſetimo quadro Noſſo Padre entre as ſaudoſas lagrimas dos filhos eſpirando; hum Anjo no ar com huma coroa, e huma palma; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Ergo triumphales fert victor ad æthera paſſus,
Sacra manus ornat palma, corona caput.

He iſto o mais notavel, que accreſceo á fabrica deſte Convento. Naõ ſerá deſagradavel leitura aos que o naõ viraõ, nem deſmerecido premio ao zelo dos Religioſos, que o ornaraõ.

CAPITULO III.

Dos Meſtres Frey Pedro de Magalhaens, Frey Agoſtinho de Cordes, Frey Guilherme do Vadre.

AThenas Dominicana podiamos chamar á Caſa de S. Domingos de Lisboa, porque ſendo ella pella mayor parte a em que reſidem os Meſtres em Theologia, com a circunſtancia de ſer huma das cinco Univerſidades, que tem eſta Provincia, aqui ſe achaõ as ſciencias nos ſeus dous eſtados, já na cuſtoſa fadida de aprendidas, já na ſocegada felicidade de laureadas. Mas naõ roubara eſta ás Caſas a gloria de berços de ſeus benemeritos filhos, contantando ſó aquelles, que a reſpeitaraõ mãy, e naõ os que a eſcolheraõ vivenda.

O M. Fr. Pedro de Magalhaens.

Foy hum delles o Meſtre Frey Pedro de Magalhaens (entende-ſe dos que mereceraõ eſta lembrança, e nos chegaraõ á noticia desde a ultima, que o Padre Frey Luiz de Souſa nos deixou deſta Caſa) que dado todo áquelles dous extremos taõ difficultoſos de ajuntar, como Aula, e Coro, letras, e virtutude, ſervia de exemplo aos que o viaõ, e de Oraculo aos que

o eſcutavaõ. A lãa junto à carne, o jejum rigoroſo, as Matinas continuas, as diſciplinas continuadas, e, o que mais era, hum Argos da obſervancia, ſem haver couſa, que mais o laſtimaſſe, que as quebras della.

Correo as Cadeiras, graduouſe Meſtre, e deu á eſtampa (fazonado fruto de ſeus eſtudos) dous Tratados, hum de *Scientia Dei*, outro de *Prædeſtinutione*, como ſe quizera teſtemunhar a quem (ſem experiencia do que era) o viſſe naquelle honrado zenith das letras, que o que o tinha levado a elle foraõ applicaçoens, e naõ induſtrias. Paſſou a Evora Deputado daquelle Tribunal da Inquiſiçaõ, occupaçaõ em que deſcobrio tantas capacidades, que ellas o trouxeraõ para o lugar da Meſa Grande do de Lisboa, Cabeça de que dependem as direcçoens de todos os do Reyno. Alli preſidio por muitos annos, ſendo naquelle lugar o Oraculo daquelles; e taõ lembrado do que devia á Religiaõ, como Mãy, e a ſi como bom filho, que a deſvelos, e diligencias conſeguio, que ſe lhe deſſem os tres lugares de Deputados em Lisboa, Evora, e Coimbra. Se foy reconhecimento com a Mãy, naõ deixou de ſer zelo com o Tribunal, convencendo-ſe (com experiencias de portas a dentro) como nelle ſabem os filhos de S. Domingos ſeguir as pizadas daquelle Pay, que foy o primeiro, que aſſim as deixou trilhadas em ſerviço da Fé. Era eſta huma graça com circunſtancias de reſtituiçaõ; e moſtrou o Meſtre Frey Pedro, que no Tribunal da melhor juſtiça naõ ſoube ſer filho ſem os dictames della. Piedade, e inteireza benemerita de toda a noſſa memoria!

Compaſſivo com os enfermos, e liberal com os pobres, com o que neceſſitavaõ acudia a cada hum, entrando a ſua comiſeraçaõ pelas cellas dos Religioſos, que via mais deſamparados, ſem eſperar mais diligencia, que ter eſſa noticia. Neſtas, e ſemelhantes obras gaſtava o que lhe rendia o lugar da Inquiſiçaõ, lucro ignorado aſſim da ſua cella, como da ſua peſſoa. Taõ poucas eraõ as alfayas daquella! Tanto o deſprezo com que tratava eſta! Faleceo carregado de annos, (inda que naõ pezaõ naquella hora os bem gaſtados) recebidos com piedade Chriſtãa, e devoçaõ Religioſa todos os Sacramentos, com grande paz de eſpirito, e confiança em Deos, em 11. de Fevereiro de 1675. Tem ſepultura no Capitulo.

O M. Fr. Agoſtinho de Cordes.

Naõ pizou o eſtreito caminho da obſervancia o Meſtre Frey Agoſtinho de Cordes com menos circunſtancias, e experiencias de grande eſpirito. Toda ſua vida fora huma continua advertencia de ſogeitarlhe o corpo. Graduado pelas Eſcolas, leo algum tempo no Collegio da Rainha Dona Catharina Moral, com o acerto de quem meditava os mayores de ſua conſciencia. Já entrado em dias, voltou todos os cuidados a eſperar o ultimo. Dos livros para o Coro era o ſeu continuo commercio. De noite o deixavaõ na Igreja viſitando os Altares os ultimos que ſahiaõ della, e nella o achavaõ já os que a buſcavaõ de madrugada.

Aſſim

Affim parecia inculpavel a ſua vida. Nunca no voto dos juſtos lho parece a ſua. Seria eſſa a razaõ, porque o Meſtre Frey Agoſtinho a perſeguia com penitencias. Sobre o jejum continuado, era o que comia taõ pouco, que o parecia inda para ſuſtentos; mas nem por iſſo lhe enfraquecia o braço para os golpes da diſciplina, ſendo eſtas naõ ſó amiudadas, mas taõ rigoroſas, como o moſtravaõ as pedras da Igreja, donde muitas vezes era o ſangue viva teſtemunha.

Com eſte eſtylo de vida a paſſou muitos annos neſte Convento, vindo a acabar nelle ditoſamente com todos os Sacramentos, e edificaçaõ grande dos Religioſos, aos 4. de Fevereiro de 1662. Eſtá enterrado á entrada do Capitulo; e abrindo-ſe a ſua cova alguns annos depois (ſendo Prior o Meſtre Fr. Valerio de S. Raymundo, Biſpo que foy de Elvas) ſe achou inteiro o corpo. Naõ duvido, que póde ſer talvez privilegio de melhor compleiçaõ, mas talvez tambem de melhor vida. Quando o he eſta, he aquella notavel circunſtancia. Aos Juſtos prometteo Deos eſſe privilegio. Aſſim eſtá eſcrito. Nós narramos, naõ diffinimos. Tambem affirmaõ, que á hora da morte lhe aſſiſtiraõ Noſſos glorioſos Patriarchas Franciſco, e Domingos. Venturoſo filho, que na vida lhes ſeguio as pizadas, na morte lhe vieraõ moſtrar o termo dellas!

Nec dabis Sanctum tuum videre corruptionē. Pſalm. 15. 10.

Mas que venturoſo ſeculo o em que a ſciencia humana ſe deu as mãos com a Divina! Eſta nos diz o Sabio, que tem ſeu principio no temor de Deos. Aſſim achamos os filhos deſta Caſa, ſabios ao Divino, como ao humano, porque taõ tementes a Deos, como Letrados. Em huma, e outra ſciencia exercitavaõ a vida. Vida venturoſa na veneraçaõ da terra, e no premio do Ceo! Deſtinado a eſte, como merecedor daquella, profeſſou, e viveo neſte Convento o Meſtre Frey Guilherme do Vadre, grande Theologo em huma, e outra Theologia. Com igual applauſo paſſava da Cadeira ao Pulpito. Aſſim ſabia enſinar diſcipulos, como reduzir peccadores. Naõ prégava ſó com a palavra, mas com a vida; naõ ſó com a vida, mas com as exterioridades della; aſſim para edificar a quem o via, ou eſcutava, naõ desdiziaõ as cores do roſto do feitio do habito. Huma imagem da penitencia reſpirava naquella mortalha: quem vivia morrendo, como morreria acabando? Recebeo todos os Sacramentos, e com grande ſocego de eſpirito paſſou aquelle ultimo golpe, como quem ſempre ſe andara enſayando para elle, em 9. de Novembro de 675. Tem a ſua ſepultura no Capitulo.

O M. Fr. Guilherme do Vadre.

Pſalm. 15. 10.

CAPITULO IV.

Dos Padres Frey Manoel do Eſpirito Santo, Frey Antonio de Jeſus, Frey Thomé de..... Mendonça, e Frey Belchior da Franca.

COrria o anno de 1638. Era Provincial deſta Provincia o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, Miniſtro Geral da Ordem Frey Niculao Rodulfo, quando veyo a ella, pedin-

O P. Fr. Manoel do Eſpirito Santo.

pedindo a humilde mortalha Dominicana, o Padre Frey Manoel do Eſpirito Santo, taõ doutrinado por elle, como ſe lhe pedira o titulo menos para nome, que para morte. Aſſim o moſtrou logo nos primeiros paſſos de vida obſervante. Eſtes o levaraõ nos primeiros annos a buſcar o centro della na Recoleta Bemficana, que entaõ ſe levantava entre todas as da Provincia com mayor reputaçaõ de reformada. Alli accreſcentou o numero daquelles verdadeiros profeſſores da Religiaõ, e da auſteridade, ſervindo de eſpelho aos meſmos, de que a ſua humildade tomava exemplo.

Já o ſeu dava tanto que entender ao inimigo das almas, que o começou a buſcar aſtuto, com a eſperança de que quando lhe naõ arruinaſſe a conſciencia, ſempre lhe aſſuſtaria o ſocego. Aſſim lho queria turbar no Coro, que ſendo o Padre Fr. Manoel huma imagem da modeſtia, antes da mortificaçaõ religioſa, ſe lhe percebiaõ bem ſinaes como de que o perſeguiaõ, e apertavaõ. Com o capello na cabeça, os olhos no chaõ, as mãos cruzadas ſobre o peito, acompanhava o Coro; mas no modo, com que ſe encolhia, e ſe apertava a ſi meſmo, ſe advertia a violencia, que o mortificava. Junto iſto com a obſervaçaõ, que ſe fazia de ſua vida, facilmente ſe dava no que era. Paſſou a mais a aſtucia diabolica.

Como o Padre Frey Manoel por muito retirado parecia eſquivo, e era pouco o ſeu commercio, ainda com os Religioſos da Caſa, naõ deixavaõ alguns de lhe cenſurar a eſtranheza. Doia-ſe elle, laſtimava-ſe interiormente; naõ fiou da ſua conſtancia naõ romper em alguma impaciencia; reſolveo-ſe a mudar de Caſa. Paſſou á de Aveiro, naõ achou nella menos reforma, entendeo, que mais ſocego; mas o inimigo, que, vendo-o retirar, concebia novas eſperanças de o vencer, lá o acompanhou com aquella meſma aſtucia, que já calificava por poderoſa. Começou de introduzirlhe deſconfianças de que era aborrecido, e murmurado na Caſa. Eſte penſamento o trazia em huma continua batalha; finalmente triunfou delle hum dia.

Divertiaõ-ſe alguns Religioſos (e de boa nota) praticando naquella hora, em que a Religiaõ diſpenſa o ſilencio: eis-que accendido em colera, com paſſos arrebatados, e vozes impacientes, chega Frey Manoel rompendo neſtas palavras: *Bem ſey, Padres, bem ſey, que eſtaõ murmurando de mim.* Voltaraõ comedidos, e aſſombrados os innocentes Padres, teſtemunhando como ſe enganava, e pertendendo ſocegallo. *Sey* (continuava elle) *que murmuraõ; agora o faziaõ.* Gloriava-ſe o demonio que o tinha vencido; naõ lhe durou muito eſſe engano. Mal tinha voltado as coſtas recolhido á cella, quando abrindo outra vez a porta, corre aos Religioſos, e deixando cahir ao meſmo tempo as lagrimas dos olhos, e o corpo ſobre a terra, repetia: *Padres, perdoemme pelas Chagas de Chriſto. Perdoemme: fuy tentado.*

Algumas vezes (inda que naõ chegando a tanto exceſſo) ſe lhe ouvio alguma palavra, filha de ſemelhante deſconfiança;

mas

mas aſſim a caſtigava logo em ſi, que ſe deſenganava o inimigo, que mais perdia nas emendas, que ganhava nas quedas. Aſſim continuou o Padre Frey Manoel com mais ſocego, ſe he que havia inſtante em que o conheceſſe quem fazia continua guerra a tudo o que o parecia. Cingido andava junto á carne, naõ fiando ſó da lãa a mortificaçaõ della, naõ ſe ſoube ſe eraõ cordas, ou cilicios ; do modo, com que ſe meneava, ſe entendia huma couſa, ou outra. Jejum inviolavel, acompanhado de aſpera diſciplina ; Matinas continuas. Quando a Religiaõ diſpenſava nellas, ou nas de privilegio, ou nas duas recreaçoens do anno, no Coro, diante do Santiſſimo, paſſava até á meya noite. Se havia Matinas, dellas até pela manhãa. Perſeguido do ſono, o agaſalhava huma taboa, que era a cama, que eſcondia na cella, mas commummente o pavimento da Igreja.

Do Roſario era devotiſſimo, aſſim lhe chamavaõ o Frade do Terço. Para elle applicava o pobre eſtipendio de alguma Miſſa, comprando Roſarios para repartir pelo Povo. Com aquella Santa negaça o ſeguia a innocencia dos pequenos: inclinava-os á devoçaõ com ella, e entre elles a diſpendia. Naõ goſtava o inimigo daquelle contrato, embaraçava-lhe as contas. Por mais que as ſeparaſſe, e as dividiſſe, amanheciaõ juntas, e embrulhadas. Reſolveo-ſe em ſeparallas pela parede da cella. Deulhe o demonio em huma occaſiaõ huma boſetada ; ſoſpeitou-ſe, que ſobre eſta demanda.

Perſeguiaõ-no achaques, receitavaõ-lhe os Medicos, que comeſſe carne, (parecia-lhe, que era comprar cara a ſaude) nunca o obrigaraõ a comella. Eſte rigor de vida naõ lha promettia muito larga ; mas aſſim parece, que a reforçava na penitencia, que chegando a contar nella 65. annos, inda o que lha tirou naõ foy achaque, ſeria o amor de Deos, poderoſo como a morte. Pareceo, que teve revelaçaõ della. As circunſtancias parece que podiaõ ſer provas.

Era Veſpera de Natal de 1671. eſtava ſem nova moleſtia; foy-ſe ao Prelado (entaõ o Padre Prégador Geral, e Preſentado Frey Gaſpar de Araujo) pedio-lhe com humildes, e encarecidos rogos, que lhe déſſe a Communhaõ Sagrada por Viatico, que eſtava em hora de pedillo. O Prior, que o via ſem accidente, que lhe favoreceſſe a ſupplica, mandou-o recolher na cella, paſſando aquella, entre os Religioſos, por deſatino ou de annos, ou de eſcrupulo. Callou, e obedeceo o bom ſubdito ; aſſiſtio a Veſperas, e Completas daquella devotiſſima ſolemnidade ; chegou-ſe a de Matinas, tocaraõ o primeiro, juntou-ſe a Communidade no Coro, ſó faltava Frey Manoel, que ſempre madrugava para elle. Faziaõ reparo os Religioſos ; (tinhaõ-no viſto, naõ muito antes, chegar ao lampiaõ, a buſcar luz com ſocego, e deſaſombrado) ſuſpendia ao Prelado o meſmo penſamento, convenceo-ſe que ſeria ſono.

Mandou, que o chamaſſem ; reſultou da diligencia ſaberſe, que naõ deferia a nenhuma; ſobe o Prelado, abrelhe a cella, acha o bom ſubdito ſem

vida ſobre huma taboa. Creſce o aſſombro, examinando o modo, com que jazia. As mãos em Cruz ſobre o peito, nellas hum Crucifixo, compoſtos os olhos, e mais membros do corpo, em fórma, como ſe alheya diligencia o accommodara. Repararaõ mais, era lavado o habito, os interiores o meſmo, novidade tudo para o que uſava comſigo. Eſte era o talamo, em que eſperava naquella noite o Eſpoſo, que com paſſos de Gigante vinha buſcallo, e eſte o adorno candido, com que ſe preparou ſua alma com alvoroços de eſpoſa.

Tratavel, e flexivel eſtava o corpo; e mais examinado, o acharaõ cingido com huma cadea de ferro, taõ entranhada na carne, que ſe lhe tirou com violencia. (teſtemunhava-o quem o vira). Semelhantes atavios de penitencia ſem outra couſa ſe lhe acharaõ na cella. Trouxeraõ-no para o Coro. Divulgaraſe já pela Villa o ſucceſſo; corriaõ todos, convidando-ſe ancioſos huns aos outros, para verem o Frade Santo (eſte o epitheto, que ſua vida lhe grangeara naquelle Povo). Era mais ditoſo o que chegava a vello; contentava-ſe com tocar contas no eſquife o que naõ podia eſtender a maõ ao habito, defendido naõ com pouca difficuldade da diligencia dos Religioſos.

Deraõ-lhe ſepultura no Capitulo, e ſem duvida a deu elle em ſua vida aos favores, que do Ceo grangeara com ella, que parece naõ podia ſer menos, que revelaçaõ aquelle repentino aparelho, e precederem couſas mayores áquelle novo tranſito. Mas o que a ſua modeſtia eſcondeo na vida, quiz dar a conhecer o Ceo na ſua ſepultura. Abria-ſe eſta, (paſſados annos, havendo de enterrar-ſe hum Religioſo, e ſendo a mais antiga das que tinhaõ ſervido) eis-que ſe enche o Capitulo de hum ſuaviſſimo, e novo cheiro; acodem os Padres, daſe conta ao Prelado, (era o Preſentado Fr. Silveſtre Pacheco) mandou cobrir a cova. Era Sacriſtaõ o Padre Frey Domingos da Cruz, Prior de Azeitaõ, quando iſto eſcreviamos, e da ſua meſma boca o eſcrevemos.

Teſtemunhava o meſmo Padre da grande reputaçaõ, com que o Servo de Deos vivera na Villa, havendo tradiçaõ da fé, com que recorriaõ a elle nos apertos. Os enfermos, ſuſpirando-o á ſua cabeceira, como mais ſegura meſinha. Reconheceo-o aſſim huma viuva, natural da meſma Villa, por nome Dalida Franciſca, que deſconfiada dos Medicos em huma longa doença, e viſitada do Servo de Deos, lhe diſſe: *Padre, encomendeme a Deos; que certamente morro. Naõ ſe deſconſole* (lhe tornou o Padre) *que, paſſados tres dias, convalecerá de todo.* E aſſim ſuccedeo. Semelhantes caſos ficaraõ antes em memoria de ſeculares, que dos Religioſos. Devido reconhecimento daquelles, como cuſtumada, mas culpavel omiſſaõ de eſtoutros.

Com a meſma Patria, e Caſa parece que herdou o eſpirito deſte irmaõ, e patricio o Padre Prégador Geral Frey Thomé de Mendonça (dos Anjos ſe chamou primeiro) filho de pays nobres. Muitos annos viveo na Recoleta Bemficana verdadeiro cul-

O P. Fr. Thomé de Mendonça.

cultivador della. Aſſim o foy da humildade Religioſa, que nunca o poderaõ inclinar a aceitar prelaſia. Deſejava-o aquelle cargo, deſcobrindo nelle hum claro entendimento, de que ſe podiaõ eſperar acertos, e huma incançavel vigilancia, a que ſe naõ poderiaõ atrever relaxaçoens. Se os que elegem buſcaraõ eſtas qualidades no Prelado, nem nos ſubditos ſe eſcutaraõ queixas, nem na Religiaõ ſe lamentaraõ quebras; mas naõ temia o Padre Frey Thomé a penſaõ, eſcuſava-ſe á ſingularidade.

Era o ſeu centro a cella, e o Coro; ſempre lhe ſeria violenta occupaçaõ, que o eſcuſaſſe daquelle centro. Tinha na cella quem lhe prendeſſe os deſejos, a communicaçaõ dos livros Sagrados. Finalmente mal teria genio para ſe facilitar a publicidades, e negocios, quem ſó o tinha para viver ſepultado. Mas venturoſos ſeculos, em que ſe deſenterravaõ os ſogeitos para os cargos! Lá no ſeu retiro o foy buſcar o voto do Prelado da Provincia (era entaõ o Meſtre Frey Manoel Pereira, que depois foy Biſpo do Rio de Janeiro, e Secretario de Eſtado) que como filho da meſma Recoleta Bemficana, nada o deſvelava tanto, como a conſervaçaõ da reforma della, e ſó no zelo de Frey Thomé deſcançaria a ſua diligencia. Propollo para Prior aos Religioſos da Caſa, ſahio eleito, mas foy tanta ſua pena, como ſua repugnancia. Entrou a emmudecello a obediencia; encolheo os hombros, diſſe que aceitava.

Recolhe-ſe á cella, toma a capa, e o caminho de Lisboa, entra por caſa do Conde de Caſtello Melhor, (neſte tempo valîdo, e em que ſe ajuntaraõ todas as prendas benemeritas do valimento, ſendo nelle ſynonymos o valer, e o preſtar) pede aos criados que digaõ, que hum Religioſo de Saõ Domingos o buſca com huma grande importancia. Sahio o Conde, achaſe com hum Frade amortalhado em hum pouco de burel branco, cores no roſto, que naõ deſdiziaõ da mortalha, cuberto de ſuor, e ſinaes de affliçaõ grande, que lançando-ſelhe aos pés, o deixa aſſuſtado, e compadecido. Levanta-o nos braços, e perguntando-lhe a cauſa de ſemelhantes exceſſos, reſponde Frey Thomé: *Senhor, para o aperto, em que me vejo, naõ buſco menos peſſoa, que a de V. Excellencia, donde ſó conheço juntos o poder, e a benignidade, para ſe me naõ caſtigar a confiança, e ſe me deferir á ſupplica. O meu Provincial me fez Prior de Bemfica, tirando-me do canto da minha cella. Aquelle lugar, Senhor, pede pela honra outros merecimentos, e pela carga outros hombros; huma couſa, e outra me falta, ſobejando-me ſó o conhecimento para entender, que me naõ poſſo ſalvar naquelle cargo. Como poderá ſervir de exemplo aos outros, quem ſó ſerve de confuſaõ para ſi? Voſſa Excellencia, que tudo póde, ſe-ſa valia, para que o meu Prelado me abſolva.*

Aſſim fallou Frey Thomé, continuando com inſtancias fervoroſas, e repetidas, de que convencido o Conde, naõ acabava de admirarſe, vendo hum eſpirito, a que as honras metiaõ medo; maxima nunca imaginada nos votos politicos, e já eſquecida nos monaſticos. Alcançoulhe

çoulhe a abſolviçaõ ; e o bom velho vendo já aquelle grilhaõ limado, rompeo em taes demonſtraçoens de goſto, que antes parecia louco, que ſatisfeito. Quem aſſim queria deſembaraçar ſua conſciencia, ſem duvida a trazia muy apontada. Parece, que ſe lhe diviſava a pureza della na limpeza da cella pobre, e deſarmada, e naquelle burel, que veſtia. Corria entaõ de ſorte a ſeveridade daquella Recoleta, que para fazer exceſſos baſtava obſervalla, e era o Padre Frey Thomé hum dos que o faziaõ á riſca.

O jejum das Conſtituiçoens obſervava inviolavelmente; e como eraõ raras as ſahidas do Convento, raras vezes comia carne; continuava os exercicios penitentes, ſendo as paredes das Capellas mais retiradas boas teſtemunhas do que carregava a maõ nas diſciplinas. Era aſſim continuo nas Matinas á meya noite, que de já feito a ellas, naõ votava, que inclemencia dos tempos (a que o ſitio fazia mais rigoroſos) baſtava a diſpenſallas. Acabadas, ſe deixava ficar na Igreja viſitando os Altares; e nem eſte deſvelo o tirava de ſer o primeiro, que á Prima apparecia no Coro. Lãa ſempre junto á carne, nas tunicas, e nas mantas, de que ſó o diſpenſava o ameaço do Medico com o preceito do Prelado; ſilencio continuo, aproveitando-ſe para recreyo de poucas horas das que coſtumaõ diſpenſarſe para elle.

Oraçaõ, a menos no Coro, a mais na cella, para o que era perpetuo o ſeu recolhimento. Aſſim vivia taõ eſquecido de tudo o que era Mundo, como ſe nunca lhe eſquecera, que vivia amortalhado; ou aſſim o eſquecia, porque o conhecia tanto. Succedendolhe praticar em couſas delle entre peſſoas, que ſe canſavaõ em averiguar a verdade, coſtumava dizer: *Que naõ importava, que ſe examinaſſem eſſes pontos; que baſtava dar aquelle alivio aos ouvidos.* Era a pratica de politicas do Reyno, ou noticias dos eſtranhos, porque as em que podia haver couſa, que encontraſſe a modeſtia, ou caridade, naõ o mereciaõ ouvinte. Filoſofava bem o que era o Mundo, e ſem mais ſer, que apparencias, tinha que ver e ouvir, naõ que examinar; porque ſendo tudo nada, e tudo fallivel, em que podia haver verdade, mais que no conhecimento de naõ haver couſa que o foſſe?

Finalmente a oraçaõ, a penitencia, o ſilencio, o retiro, era o commum daquella Caſa, e o Padre Frey Thomé taõ pontual nelle, como ſe o quizeſſe ſingularizar em ſi. Com eſte eſtylo de vida, em boa velhice o alcançou a morte. Cahio de huma doença, que deſcobrio em breves dias, que ſeria a ultima; e achou-o taõ deſenganado, como ſe ſe lhe anticipara a noticia. Pedio os Sacramentos, que recebeo com ſocego, e paz de eſpirito, e entre actos de verdadeira penitencia, e conformidade começou a eſperar pela morte. Neſte eſtado paſſou alguns dias, em que, depois de repetir demonſtraçoens penitentes, e religioſas, dizia com inteireza, que ſó podia ſer filha de ſobrenatural eſperança: *Eu já eſtou Sacramentado; pois que faço aqui?* Eraõ amantes, e ditoſas

toſas impaciencias de ſe lhe alongar o caminho para o eterno deſcanço. Aſſim paſſou placidamente a elle em hum Sabbado, alguns dias antes da Exaltaçaõ da Cruz, pelos annos de 1681.

O P. Fr. Antonio de Jeſus.

Do Padre Frey Antonio de Jeſus (ſeria pela vulgaridade do nome) naõ ha mais noticias, que as que ſe pódem inferir de eſpirito, que já de creſcidos annos vem buſcar o retiro dos Clauſtros Sagrados. Achava-ſe já eſte Padre, quando pedio o habito, e ſe recebeo á Ordem, graduado na Univerſidade de Coimbra em a Faculdade de Medicina, e com bom nome nella. Profeſſou neſte Convento de S. Domingos de Lisboa com o Padre Frey Thomé de Mendonça aos 4. de Junho de 636. ſendo Prior o Preſentado Frey Mauricio da Cruz, Meſtre da Ordem Frey Niculao Rodulfo. As mais, ou para melhor dizer, todas as particularidades de ſua vida ſe perderaõ no tarde, com que chegamos a inquirir della, por chegar á noſſa maõ a obrigaçaõ deſte trabalho, depois de muitos annos de deſcuido. O que póde conjecturar-ſe para mayor dor, he, que naõ deixariaõ de ſer notaveis as que mereceraõ, ainda nas froxidoens daquelle tempo, o reparo, que nos ficou em hum aſſento antigo, de que fora ſua morte com grandes ſinaes de predeſtinado.

O P. Fr. Belchior da Franca.

Pertence tambem ſem duvida a eſta Caſa o Padre Fr. Belchior da Franca, nobre por naſcimento; filho de Tangere, e da Vigairaria, que tivemos naquella Praça, que com eſta filiaçaõ profeſſou neſte Convento de S. Domingos de Lisboa aos 10. de Outubro de 618. nas mãos do Meſtre Frey Diogo Ferreira, entaõ Prior, ſendo Geral da Ordem o Meſtre Frey Serafino Papienſe. Mas extincta a Caſa de Tangere, (memoria ſempre lamentavel) ſó a Lisboa pertence a ſua, como a berço, em que começou a viver a vida religioſa. Aſſim o foy a ſua, que ſe grangeou a reputaçaõ de juſtificada, falecendo com a de Santo, como conſta de hum aſſento, que ſe lê na margem do da ſua profiſſaõ, no livro dellas, que ſe guarda neſta Caſa, e diz: *Obiit cum opinione Sanctitatis.* E ſem duvida he lembrança, que ſe naõ mereceo menos, que com acçoens de virtude conhecida, e examinada. Mas he entre nós taõ poderoſo o deſcuido, que conto por milagre o terlhe eſcapado eſte aſſento, roubando no mais a gloria a Tangere, de que eſte Padre era filho, e a todos a edificaçaõ, e o exemplo.

CAPITULO V.

De alguns Religioſos filhos deſte Convento, de reputaçaõ em letras, Pulpito, e tirados da Ordem para Biſpos.

PArece, que ſe deſtinou a eſte Convento, como Cabeça da Provincia, hum filho, que naõ ſó a ella, mas ao ſeu ſeculo ſervio de coroa. Eſte foy o Meſtre Frey Domingos de Santo Thomaz, (a quem por muitos ſeculos baſtará para Chronica ſó o ſeu nome) talento digno da Corte, que lhe deu Patria, do Convento, que lhe deu berço, e da Provincia, que o eſcolheo filho. Nada para tanto Varaõ devia ſer menos que grande.

O M. Fr. Domingos de Santo Thomaz.

grande. Curſou as Aulas com aquellas eſperanças, que deviaõ começar a fazer lugar ás ſuas prendas, ſendo taõ grande o brado dellas, quando acabava a trabalhoſa tarefa dos eſtudos, que já na Cadeira, e no Pulpito o começavaõ a conhecer Oraculo; encarecimento, que reduzio a verdade em todas as occaſioens, em que os melhores juizos ou o conſultaraõ diſcipulos, ou o quizeraõ examinar ſabios.

Achava-ſe no Meſtre Frey Domingos huma comprehenſaõ univerſal com que fallava em todas as ſciencias, e artes, com fraſe taõ propria, e taõ individual eſtylo, como ſe aquellas noticias foraõ profiſſaõ, e naõ engenho. A iſto ſe ajuntava huma graça, e fermoſura no dizer, huma clareza no propor, huma viveza, e facilidade no ſoltar, que poderaõ bem os applauſos intitulallo Mercurio Dominicano, como os de Licaonia ao mayor Theologo do Apoſtolado.

Vocabant Paulum Mercurium, quia ipſe erat dux Verbi. Actor. 14. 11.

Seguio a eſtas luzes de benemerito a coſtumada ſombra de pouco afortunado, ſem terem mais ar as grandes azas de ſua capacidade, que para chegar á eſféra de Prior de Saõ Domingos de Lisboa, e ao Pulpito da Capella da Mageſtade delRey Dom Joaõ IV. Seria, que ſe envergonhavaõ os cargos, temendo ficar em reſtituiçaõ aos ſeus merecimentos taõ creſcidos, e agigantados, que eſcaçamente haveria premio, que os livraſſe de queixoſos. Era Frey Domingos por ſi ſó tanto, que tudo fóra delle parecia pouco; mas era ſeu animo taõ comedido, que ſem ſombras de ambicioſo (vendo-ſe nem eſcolhido do Reyno, nem da Religiaõ) coſtumava dizer com graça, e agudeza: *Que lhe davaõ todos o que lhe naõ podia dar nenhum; porque elRey lhe perguntava, porque o naõ faziaõ os Frades Provincial; e os Frades lhe perguntavaõ, porque o naõ fazia elRey Biſpo. E que nem os Frades o podiaõ eleger Biſpo, nem elRey Prelado.*

Naõ era iſto appetecer lugares, que nem o mais levantado o faria mais conhecido, nem o de mayor reputaçaõ mais venerado. Aſſim ſe tinha adiantado a todos, que, convencidos os naturaes, entrava pelas portas dos eſtranhos. Cunduzidos deſta noticia, o vinhaõ praticar á ſua cella, talvez com eſcrupulos de que aquella lhe parecia demaſiada, mas rara vez ſem ſahirem com o deſengano do pouco que dizia. Reſidia na Corte com importancias de Caſtella o Batavira; deſcia acompanhado de Religioſos graves, e do Meſtre Frey Domingos, a quem viera buſcar, (fora na ſua cella larga, e varia a pratica) adiantouſe ao Meſtre Frey Domingos na Portaria, e diſſe, voltando aos Religioſos: (*Padres Maeſtros eſte hombre era meneſter fundido*) como ſe diſſera: Eſte homem era neceſſario eternizallo. Era Batavira Heſpanhol de ſuppoſiçaõ, pezador de talentos, de capaciſſimo entendimento, verſado nas Cortes dos Principes, e maduro com experiencias, e entendeo, que para hum taõ grande Capello, como o Meſtre Frey Domingos, eraõ preciſas as apocrifas urnas do Fenix, porque huma ſó vida era curto eſpaço, para ſe lograrem tantas virtudes.

Acompanharaõ a ſua peſſoa huma iſençaõ caſta, e modeſtia religio-

religioſa, que ſempre foraõ acrédoras de ſeu bom nome. Teve tanto entre todo o genero de gente, que até entre a plebea chegou a ſer na lingua do Povo adagio o ſeu conhecimento, como entre os politicos apoyo, para encarecerem hum ſogeito. Era preciſa a grande noticia, que todos tinhaõ delle, vendo-o, e eſcutando-o todos os dias ou na Cadeira, ou no Pulpito; taõ quotidiano (eſpecialmente nelles) que, ſem lhe ficar talvez tempo para ſe deter na cella, parece, que eſtudava em hum o que havia de dizer nos outros, e naõ faltavaõ incrédulos, que ſeguindo-o em todos com a eſperança de o apanharem repetido, ſahiaõ com a confuſaõ de o eſcutarem adiantado.

Aſſim ſe eſpalhava a ſua capacidade por todos os Pulpitos da Corte, (e pelos de mais reputaçaõ mais frequente) com taõ geral, e continuo applauſo, que, encarecida qualquer grande celebridade, ſe accreſcentava: *E prégа Frey Domingos de Santo Thomaz.* Era na occaſiaõ, em que as invenciveis armas Portuguezas, (favorecidas da razaõ, e do Ceo) davaõ a eſte Reyno, e eſpecialmente á ſua Corte, continuo aſſumpto de dar a Deos repetidas graças por repetidas vitorias das armas Caſtelhanas. Chegava a noticia a Palacio, delle com recado a S. Domingos, e ſahia o Meſtre Frey Domingos, talvez ſem mais tempo, que o de pôr a capa nos hombros; da narraçaõ do ſucceſſo, que hia muitas vezes ſabendo pelo caminho, hia tecendo o Sermaõ. Chegava á Capella, ſobia ao Pulpito, naõ era nada o fallar com acerto, mas com individuar os caſos, e diſcurſar ſobre elles com tanto, que (a faltar a experiencia de repentina a noticia) paſſara por parto de bem meditado eſtudo, aſſim eſtava o ſeu no grao de conſummado.

Sendo Regente dos eſtudos na Univerſidade de S. Domingos de Lisboa, já entrado em annos, aſſiſtia nas Aulas, e funçoens Eſcolaſticas, arguindo, e inſtando, como ſe tivera entre mãos o ponto, que ſe diſputava, naõ menos que o Lente, que o defendia. Era o ſeu argumento vivo, nervoſo, claro, e convincente. Saber reſponderlhe, o melhor exame, naõ de Eſtudantes, inda de Lentes. Finalmente hum conſummado, e grande Theologo, e facilmente Fenix do ſeu tempo.

Foy incançavel o ſeu eſtudo; culpavaõ-lhe a applicaçaõ naquelles annos, (eraõ já os ultimos) reſpondia: *Que entaõ começara a ſaber ſe lhe naõ acabara a vida.* Tanto he o que ſe ignora nella! E avaliava-o aſſim quem tinha feito tanto por ignorar menos. Grande confuſaõ para quem, fazendo menos que pouco, já quer deſcançar no principio; ou para quem, ſatisfeito comſigo meſmo, entende, que ao pouco ſe deve ſeguir o deſcanço. Dos livros o levaraõ para o leito, ſoltando da maõ a penna para os actos de contrito.

Acabou finalmente o Meſtre Frey Domingos, carregado de achaques, e de annos, mas mais de merecimentos, aos 30. de Junho de 675. fazendo-nos a morte a injuria de callar aquella boca, e ſecar aquella penna, em que nos roubou a melhor dou-

doutrina, e a mayor doçura, mas reſpeitando a ſua memoria, continuada nos melhores votos deſte ſeculo ſaudoſo, como o em que elle viveo ennobrecido. Aſſim foy ſentida ſua morte, como deſejada ſua vida, naõ ſó dos domeſticos, que o praticaraõ, mas ainda dos eſtranhos, e dos que ſó por tradiçaõ o conheceraõ; conſeguindo o Meſtre Frey Domingos aquella rara fortuna (e ninguem mais benemerito della) que o Seneca admirava: que naõ havia couſa mais fermoſa, que viver no deſejo de todos: *Quid pulchrius eſt quàm vivere optantibus cunctis!*

Senec. de clemen. ad Ner.

Eſcreveo o Meſtre Frey Domingos toda a Theologia Eſpeculativa em ſete Tomos, obra, que examinada por grandes Theologos da Ordem, ſahio com o credito de conſummada, e legitimo parto de tanto talento. Eſtá, ao tempo que iſto eſcrevemos, em Roma, na maõ do Reverendiſſimo o Meſtre Frey Antonino Choche, eſperando da Imprenta, que ſerá mayor credito para toda a Ordem, e para eſta Provincia ſingular. Sermoens ſem numero, que a pouca vigilancia, ou a muita induſtria dos que os guardavaõ, ou os pertendiaõ, eſpalhou por diverſas mãos, mal empregados em algumas, e ſepultados em todas, em detrimento do Author, a quem roubou a gloria, dos Prégadores, a que eſcondeo a doutrina, e dos piedoſos, e doutos, a que tirou a liçaõ.

O que ſe imprimio. Hum Compendio Theologico (repartido em tres Tomos) que intitulou *Tyrocinios*, *ou rudimentos da Theologia*, diſſimulando na modeſtia deſte nome a felicidade, com que nelles a tratou toda, ſendo facil a grande comprehenſaõ, que teve della, o naõ faltar (na velocidade com que lhe corria a penna) a difficuldade alguma, propoſta, difficultada, e reſolvida, ſem que a profundidade lhe embaracaſſe a clareza, ou a difficuldade lhe prolongaſſe o eſtylo; liçaõ, que bebera nas luzes do Sol de Thomaz, que teve por Meſtre, e que fortunadamente lhe deu o ſobrenome, repartindo tambem com elle o milagre de ajuntar na ſua doutrina o breve, e o elegante, o profundo, e o claro, o ſeguro, e o ſubido: *Stylus brevis*, *grata facundia*, *celſa*, *clara*, *firma ſententia*; panegyrico, que a Igreja canta á ſua ſciencia.

In feſto Divi Thomæ.

Dous Tomos predicativos, a que intitulou: *Predica Sacramental* ſobre o Hymno *Lauda Sion Salvatorem*, agudo, elegante, ſuave. O Triduo de Saõ Pio V. com aquella facilidade, e felicidade, com que coſtumava eſcrever o ſeu engenho, ſó em huma couſa pouco afortunado, que ſendo tantos, e taõ grandes os partos de ſua fecundidade grande, como cada dia o teſtemunhava a admiraçaõ, ou lendo-o nos pareceres, ou eſcutando-o nos Sermoens, pareceo inveja de ſua fortuna, que ſe lhe eternizaſſem os mais raſteiros na Imprenta. Mas naõ baſtará a omiſſaõ culpavel na perda de ſeus doutos papeis, para que ſe neguem a ſeu grande nome os em que a fama eſcreve, os que o mereceraõ á immortalidade.

Naõ ſe me dê em culpa, que alarguey a penna fóra das leys da Hiſtoria; que vida de tanto

Varaõ

Varaõ naõ póde ſer narraçaõ, ſem ſer penegyrico. A quem quer que eſcreveſſe o que eſte foy, eſtou certo, que lhe ſuccederia o meſmo. Grande ventura do Hiſtoriador, encontrar verdades, que podem ſer elogios!

O M.Fr. Alvaro Leitaõ.

Naõ foy menos eſtimavel filho deſte Convento o Meſtre Frey Alvaro Leitaõ, talento bem conhecido, e venerado na Cadeira, e Pulpito. Naquella mereceo na Religiaõ o nome de Meſtre, com taõ grande reputaçaõ de letras, que ſó ellas igualaraõ a que teve de Pulpito. Eſte brado o levou a Prégador delRey Dom Joaõ o IV., lugar, que naquelle tempo pareceo herança da Familia Dominicana, contando-ſe nelle juntos cinco talentos, com que ditoſamente negoceava eſta Provincia com as grangearias do eſpirito, e do credito. Eraõ elles o Meſtre Frey Domingos de Santo Thomaz, o Meſtre Frey Alvaro Leitaõ, o Meſtre Frey Fernando Soeiro, o Meſtre Fr. Martinho da Fonſeca, o Padre Frey Antonio de Lima, todos do partido.

Naõ faltaraõ depois talentos, mas naõ he igual a fortuna em todos os ſeculos; os filhos de S. Domingos para eſſe miniſterio ſe eſpalharaõ pelo Mundo, para eſſe foraõ trazidos a eſte Reyno, e nunca deſmereceraõ naquelle lugar o nome de ſeu. Cançaraõ as mãos, que ſe davaõ á ſua humildade para que ſobiſſe; a capacidade he a meſma, ſó com a diverſidade de que entaõ mimoſa, hoje eſquecida. Naõ aſſim entre os doutos a noticia do Meſtre Frey Alvaro, ſendo hoje o que menos a favorece alguns eſcritos ſeus (de que lançou maõ a Imprenta) naquelle tempo norma, e eſmero da prédica; mais celebre o das Tardes, que prégou em Saõ Domingos de Lisboa, impreſſo no anno de 1670. e alguns Sermoens avulſos, ou ſepultados já com o achaque dos tempos, ou eſquecidos com o methodo dos modernos, menos ſolidos, quanto (na opiniaõ de ſeus Authores) mais ſobidos, depois que o deſatino de indignos Miniſtros do Evangelho, ſentenceou a verdade aos trages do tempo.

O M.Fr. Gabriel da Sylva.

Concorreo com o Meſtre Frey Alvaro o Meſtre Frey Gabriel da Sylva, talento verdadeiramente aureo Theologo, e Prégador conſummado em huma, e outra Faculdade, aſſaz conhecido por agudezas, e elegancias, e taõ poderoſo a attrahir com ellas, que faltando-lhe o tempo para o incançavel genio do eſtudo, por muito buſcado, e aſſiſtido, ſe valia da induſtria de negarſe, fechando-ſe de portas adentro com os livros, commercio, em que cada dia ſe achava mais bem lucrado. Aſſim era a ſua pratica negaça dos mais bem ajuizados da Corte, dando-lhe Deos ſobre o grande talento para as Theologias, hum ſuave genio para as Muſas, taõ agudas, como modeſtas, de que colhemos alguns frutos, ou admiramos alguns partos, a furto de ſua modeſtia, neſtes antes perſeguida, que liſongeada.

O M.Fr. Pedro de Magalhaens.

Mas paſſemos a filho igual, muito benemerito deſta Caſa, aſſim por ſua peſſoa, como por bemfeitor della. Foy eſte o Meſtre Frey Pedro de Magalhaens, Inquiſidor da Meſa Grande, que

duas vezes o eſcutou Preſidente. Eminente Theologo o reconheceraõ as Aulas, como lhe perpetuaraõ o nome os eſcritos, em que eſtampou ſeus eſtudos. Reformado, e obſervante, viaſe-lhe até no habito a eſtreiteza, a que reduzia ſeu eſpirito; pobre por inſtituto, no meyo das grangearias do ſeu cargo, o conſervou tambem pobre a ſua caridade; ſó a neceſſidade propria o achou com a maõ fechada, eſtendida ſempre para o diſpendio do culto Divino, de que he boa lembrança o que fez no Sepulchro, que lavrou para depoſito do Senhor em Seſta Feira Santa (obra com igual artificio, que decencia) a que vinculou hum juro perpetuo, aſſim para poder renovar-ſe pelo tempo adiante, como para copioſa cera; que neſtes dias arde nelle. Nem as letras, nem os cargos ſouberaõ nunca alterar ſua modeſtia; viveo, e acabou eſtampa da humildade religioſa.

O M. Fr. Bento de Santo Thomaz.

Filho foy tambem deſte Convento o Meſtre Frey Bento de Santo Thomaz, Theologo grande, para o que o capacitou hum entendimento claro, e comprehenſivo, mas taõ eſcaço nas praticas, ainda familiares, como ſe aquelle ſilencio fora meditaçaõ dos acertos, com que ſe fazia eſcutar nos publicos. No do Pulpito tinha delgadeza, e perſuaſiva; no da Cadeira formalidade, e clareza; aſſim foy neſta verdadeiramente Meſtre, naquelle Orador; occupou algumas prelaſias; o genio brando o fez parecer nellas froxo. Voltou-ſe ás Aulas, preſidindo nas da Univerſidade de S. Domingos de Lisboa por Regente. Acabou finalmente a vida continuando os eſtudos. Aſſim foy amante deſtes! Aſſim ſoube naõ eſperdiçar aquella!

O M. Fr. Manoel Telles Arcebiſpo de Goa.

Do Meſtre Frey Manoel Telles naõ ficaraõ mais, que as noticias dos lugares, que occupou. Grande argumento de ſuas grandes capacidades em tempo, em que fazia os lugares poucos a concurrencia de pertendentes benemeritos. Com o grao de Meſtre chegou a Prior deſta Caſa; (de que era filho) logo a Prior Provincial deſta Provincia; depois Arcebiſpo Primaz na Cadeira de Goa. Naõ chegou a aſſentar-ſe nella, falecendo na jornada. Sem duvida lhe embaraçou o exercicio a meſma juſtiça, que o deſtinou ao cargo, porque ſe naõ gabaſſe o acerto humano, que tinha enthronizado o merecimento. Occupou eſte cargo pelos annos de 631.

Foy tambem filho deſte Convento por filiaçaõ, que lhe deraõ nella os Prelados deſta Provincia, Dom Frey Fernando de Oliove, Flamengo de naçaõ. Foy nomeado Biſpo do Funchal por elRey Dom Joaõ o IV. que conhecendo nelle talento para emprezas grandes, o mandou a Milaõ ſobre o livramento do Infante Dom Duarte, que no ſeu Caſtello eſtava prezo por ordem de Filippe IV. Fruſtrou a morte do Infante a grande induſtria, com que Frey Fernando tinha diſpoſto a ſua liberdade á cuſta do grande riſco de ſua vida, de que eſcapou, trazendo a eſta Corte toda a familia do Infante; lealdade, e zelo, que elRey lhe premiou com aquelle Biſpado, a que naõ paſſou, por lho atalhar tambem a morte, que ſempre opoſta aos

ſeus

ſeus merecimentos, lhe embaraçou primeiro o glorioſo effeito do com que conſeguio a Mitra, como depois o premio do com que devia logralla. Faleceo em Mayo de 1664. deixando hum precioſo penhor á noſſa lembrança em huma eſpecial, e perfeita Capella de Santa Maria Magdalena, que mandou abrir no Clauſtro, na parede fronteira ao Capitulo. He toda de finos, e bem lavrados, e polidos jaſpes de varias cores, que ſervem de molduras a cinco laminas, em que ſe vê a vida da Santa, como a ſua Imagem, de boa eſcultura, (em hum artificioſo nicho, que ſe abre no meyo) rodeada de Anjos, em fórma que repreſentaõ os quotidianos raptos, em que por elles era elevada a ouvir a Celeſte melodia. Do pavimento da Capella ſahe hum grande marmore branco, que acompanhado de humas cintas do meſmo vermelho, ſerve de campa a hum capaz jazigo. Entende-ſe, que o mandaria lavrar para algum parente aquelle Prelado; agora, aſſim jazigo, como Capella (por contrato celebrado com a Communidade) he de Joaõ Couceiro de Avreu e Caſtro, Guarda môr da Torre do Tombo.

CAPITULO VI.

De Frey Manoel do Roſario, Irmaõ Converſo, filho do Convento de N. Senhora dos Martyres de Elvas.

O Irmaõ Fr. Manoel do Roſario.

CReſcido aſſim na idade, como na devoçaõ, e boa indole, entrou pelos Sagrados Clauſtros deſta Caſa de Noſſa Senhora dos Martyres o Irmaõ Frey Manoel, trazendo-o ſua caridade deſtinado a ſervir aos Religioſos em officina de tanto trabalho, como o he a coſinha de qualquer Convento. Foraõ ſeus pays Franciſco Dias, e Catharina Gonçalves, naturaes de Cabanas, termo de Montemor o Velho. Recebeo o habito, e ſatisfez ás obrigaçoens de Noviço, como quem viera abraçallas por goſto, depois de as pertender com trabalho; começouſe logo a conhecer, que naõ era menos prompto no deſvelo, com que acudia ás funçoens de Religioſo, que ás de ſervente. Achava-o a madrugada na Igreja, paſſava dalli para a ſua officina, e o que no fim do dia lhe ſobejava das occupaçoens deſta, gaſtava de joelhos no Altar da Senhora do Roſario, devoçaõ, que lhe deu o ſobrenome, e exercitou até ſua morte. Obediente, e obſervante exercitava o ſofrimento, vencendo, e domando continuamente hum genio aſpero, e deſabrido, dando-lhe talvez mayores motivos de merecimento as imprudencias de algum Prelado.

Adiantava á obrigaçaõ a caridade, ſervindo os Religioſos. Eraõ neſta parte ſeus morgados os Noviços, que ſempre o achavaõ alegre, e liberal do que podia haver á maõ, compadecido do pouco, que aquella idade anda ſempre ſatisfeita, ainda naõ lhe faltando huma porçaõ arrezoada. Deſtes Irmãos paſſava ao extremoſo cuidado de outros, que eraõ os pobres; deviaõ-lhe eſtes mayores deſvelos, como mais deſamparados; aſſim fazia particular comer para elles, dando expediçaõ ao dos Religioſos; levava-o para aquella

occupaçaõ hum continuo goſto, mas pagavalho o Ceo, que em todas lhe diminuia o trabalho, porque ſuccedeo muitas vezes, faltando-lhe o tempo, ſatisfazer (tanto a elle) á obrigaçaõ da Communidade, que bem ſe alcançou, que naõ era ſó a ſua induſtria a que applicava as mãos, mas que mais ſuperior providencia lhas movia, ou lhas acompanhava. Aſſim ſe viaõ a hum tempo ſoccorrida a pobreza, bem ſervida a Caſa, e Frey Manoel com duas grangearias em huma diligencia.

Naõ contente com as muitas que fazia, porque a neceſſidade (que a inſtantes chegava a elle faminta) ſe foſſe ſatisfeita, era a ſua raçaõ o primeiro prato que lhe punha, porque o ſeu ſuſtento quotidiano naõ paſſava de hum pouco de paõ groſſo, e ſeco, levado com algum pouco de caldo, hervas, ou legumes o ſeu prato mais mimoſo. Aſſim naõ ſó obſervava, mas excedia o jejum da Conſtituiçaõ, ſobejando-lhe com que augmentar a meſa aos ſeus convidados; multiplicavaõ-ſe elles a buſcar o ſeu remedio, e pagava-ſe Frey Manoel de perſeguido. Mas porque foſſe a ſua occupaçaõ mais meritoria, o era naõ ſó dos pobres, mas dos que condemnavaõ aquelle deſvelo com elles, ſendo talvez quem primeiro o eſtranhava a condiçaõ fogoſa de algum Prelado, que zelava a Caſa mal ſervida, e pouco para diſpendios, ſem advertir nas grangearias, e avanços, com que ſahiria o bom Leigo para ella do pouco que lhe tirava. O caſo, que lhe ſuccedeo, ſervirá de boa, e engraçada prova.

Culpavaõ diante do Prior a Frey Manoel, de que Senhor daquella officina, naõ podia dar conta della, alargando a maõ no diſpendio com os pobres, fazendo-lhes ſua panella á parte, e talvez mais aventajada, que a da Communidade, ſe quer no cuidado, porque lhe levava o primeiro. Pareceo a queixa zelo, vio-ſe o Prelado comprehendido no deſcuido, quiz emendallo na promptidaõ do remedio, entra pela coſinha com apparatos de apaixonado, vê no fogaõ o comer dos pobres, (que até niſſo pareceo que o era, ſendo o primeiro que encontrou a ira) vê o da Communidade, (parecendo-lhe que em peor lugar) rompe em palavras ſecas, e deſabridas contra o bom Coſinheiro, culpalhe as demaſias, advertindo-lhe, que podia poupallas, quando (como he coſtume na Religiaõ) tudo, o que ficava aos Religioſos da meſa, paſſava ás mãos dos pobres na Portaria, concluindo finalmente, que eſtiveſſe certo, que ſe o naõ emendaſſe a advertencia, o faria o caſtigo. Eis-que de improviſo ſe vê eſtallar entre o fogo as panellas da Communidade, e de algum doente, ficando ſó inteira a dos pobres. Fica o Prelado confuſo, naõ menos alguns Religioſos, que o ſeguiaõ, e condemnando-ſe a aſpereza com que tratara o Eſmoler, (que com os olhos no chaõ, e as mãos cruzadas debaixo do Eſcapulario, era huma eſtatua do ſofrimento) lhe diſſe: que pois o Ceo o fazia ſeu diſpenſeiro, naõ ſó lhe permittia, mas lhe mandava, que aſſiſtiſſe aos ſeus pobres; e o ajudaſſe, ou déſſe por elle a Deos as graças,

ças de querer fazer aquella pobre Caſa de Domingos, hoſpedaria dos ſeus mimoſos.

Seguia-ſe em Frey Manoel á caridade com o proximo a aſpereza comſigo; uſou ſempre láa junto á carne, e como ſe fizeſſe com ella mimo ao corpo, ſe vingava no lugar em que lhe coſtumava permittir alguma hora de deſcanço, que eraõ humas nuas taboas, que lhe ſerviaõ de leito, de cuberta huma manta. Aqui chegou a hoſpedar 80. annos de idade, cortados de trabalho, e penitencias. Era taõ aſpera a das diſciplinas, que tomava amiudadas, que o podia teſtemunhar o ſangue, que em paſtas lhe ficava nas tunicas, ſe naõ as fiara de hum moço de Caſa, que lhas lavava com ſegredo: divulgou-ſe depois delle falecido. Já entrado em annos, e continuando os dias de obrigaçaõ em Matinas, o mandavaõ recolher os Prelados; mas até que tocavaõ a ellas, paſſava as noites na Igreja; e acautelando-ſe porque o naõ viſſem nella, ſe recolhia antes que os Religioſos vieſſem para o Coro. Aſſim o viaõ retirar muitas vezes, tropego, e já cançado o alento, que antes parecia que ſe arraſtava, do que ſe movia.

Cultivador obſervante da Clauſura, como ſe antes ſe ſepultaſſe, que viveſſe nella; ſó as Prociſſoens do Roſario o obrigavaõ a pôr o pé da porta para fóra, e com tanta conſolaçaõ do Povo, que o via, e o deſejava, que muitas vezes parecia tumulto o alvoroço. Tal a opiniaõ, que ſe tinha grangeado. A nobreza da Cidade o vinha buſcar, e ver ao ſeu pobre retiro. Com mais frequencia, e eſtimaçaõ os Biſpos Dom Joaõ de Mello, e Dom Alexandre de Souſa, depoſitando em ſuas mãos o que queriaõ, que com ſegurança paſſaſſe ás dos pobres, e deſcançando no acerto do que ſe diſpendeſſe, como os que os eſcolhiaõ por Eſmoler, á meſma caridade.

Entre os exercicios della o apanhou a morte, recebeo os Sacramentos devoto, e penitente, e paſſou placidamente a recolher a eterna grangearia do que negoceara pelas mãos da pobreza. Naõ faltaraõ indicios deſta felicidade, a noſſo entender, permittindo o Ceo hum caſo, que pareceo prodigio. Na noite, que o Irmaõ Frey Manoel faleceo neſta Caſa, ſonhava na de Santa Clara da meſma Cidade o Confeſſor della o Padre Frey Antonio de Santa Catharina, que neſte Convento de S. Domingos tinha falecido daquella hora hum Religioſo, que eſtava vendo no eſquife amortalhado, com hum Roſario de contas brancas em fio azul ao peſcoço, que elle por devoçaõ lhe tirava. Acordou pela manhãa eſte Padre, e ouvindo dobrar neſte Convento, lembrado do ſonho, e circunſtancias delle, reſolveoſe a vir examinallo; chega ao Coro, vê, que era aquelle o defunto, aquelle o Roſario, como moſtrava o fio, e tudo como lho repreſentara o ſonho; ſuſpende-ſe com o ſucceſſo, muito mais com mayores noticias do que fora o defunto; depoem aos Religioſos o ſonho, e lembrado, que no Moſteiro das ſuas Religioſas eſtava huma apertada de crueis dores de garganta, pede, e tira com devo-

çaõ o Roſario, com que ſonhara, e mandando-o á Religioſa, lançando-ſelhe ao peſcoço, no meſmo inſtante ſe lhe tirou a dor do pejo, que ſentia naquella parte. Vive hoje a Religioſa, participando-nos ella meſma eſta noticia, publica naquella Caſa, como continuada a veneraçaõ, que o Servo de Deos tem nella, e como ſe moſtra em alguma pobre alfaya de ſeu uſo, guardada das Religioſas com o meſmo reſpeito.

Faleceo em 3. de Outubro de 1680. Deraõ-lhe ſepultura na Caſa, que entaõ era Capitulo, hoje Sacriſtia, para a parte eſquerda, adonde pelos annos de 1700. ſendo Provincial deſta Provincia o Meſtre Fr. Joaõ Bautiſta de Marinis; e viſitando eſte Convento, lhe mandou lavrar huma Campa, em que ſe lê o ſeguinte:

Anno 1680. *obiit Frater Emmanuel á Roſario Converſus, qui toto ſuæ vitæ diſcurſu in hoc Cœnobio vixit religiosè, & humiliter ſerviens. Hîc ſitus eſt IV. Octobris ejuſdem anni.*

O M. Fr. Ignacio da Coſta.

Filho he tambem deſta Caſa (ainda que os deſcuidos della nos naõ daõ ſegurança, mais que huma boa conjectura) o Meſtre Frey Ignacio da Coſta; mas naõ merecem o meſmo deſcuido neſta eſcritura, aſſim o conhecido de ſuas letras, como a boa opiniaõ de ſua vida, ainda nos exteriores muy reformada. Foy o Meſtre Frey Ignacio de natural ſeco, e retirado, de que lhe naſceo viver quaſi em hum continuo ſilencio. Acabou de occupar as Cadeiras Eſcolaſticas, e ficando no Convento de S. Domingos de Lisboa, alcançou o grao de Meſtre, digno premio de ſua grande capacidade. A ſua modeſtia, ajudada de hum aſpecto ſevero, e carregado, lhe conciliavaõ reſpeito. O apontado, e religioſo de ſua vida, o raro, e ponderoſo de ſua pratica, grande reputaçaõ com quem o conhecia, e tratava.

Feito Vigario Geral, e Viſitador deſta Provincia pelo Meſtre Geral Frey Antonio Cloche, começando a viſita, faleceo em Santarem, com poucos mezes de cargo, muito conhecimento de ſua morte, naõ faltando nella circunſtancias, que a fizeraõ notavel. Eſperava já o ultimo termo, recebidos com devoçaõ os Sacramentos, quando repararaõ os Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ, que lançando os olhos para parte determinada da cella, formava muitas vezes com a maõ huma figa, final da conſtancia com que deſprezava, e deſperſuadia o inimigo, que o inquietava naquella hora, que he a mais propria da ſua bataria. Nas exequias, e Officio da ſepultura he tradiçaõ de peſſoas fidedignas, (o Meſtre Frey Manoel da Encarnaçaõ, por outro nome Pontevel, foy huma dellas) que ſe achou ſem diminuiçaõ a cera, que ardeo em todo aquelle tempo, que foy a mayor

parte

parte de huma manhãa. Teſtemunhou-o aſſim o official della; e fez tudo crivel huma morte taõ deſaſſombrada.

CAPITULO VII.

Dos Padres Frey Raymundo da Purificaçaõ, e Frey Manoel do Roſario, filhos do Convento de S. Domingos de Guimaraens.

GRande trabalho o que depois de repetido fica infrutuoſo; e magoa ſó conhecida de quem a experimenta, e de quem ſabe avaliar a precioſidade do tempo, que naõ vingado ainda de quem trabalhou por iſſo, entra tambem no numero de ocioſo, ſe naõ no exercicio, ao menos no effeito. Naõ he menor martyrio de quem eſcreve antes deſenterrando, que deſcobrindo noticias, ver, que naõ valem nem deſveladas diligencias, ſem mais remedio a que recorrer, que a conjecturas, que ſempre deixaõ a porta aberta ao arbitrio da duvida. Mas naõ baſtará eſte receyo a ſuſpendernos a penna, ſeguindo o eſtylo dos noſſos Chroniſtas, que faltando a noticia da filiaçaõ do Religioſo, de que ſe eſcreve, lhe coſtumaõ dar lugar na Caſa em que morre, reflexaõ bem conſiderada para ſe entender, que val tanto o berço, como a ſepultura; tanto a Caſa, em que começamos a vida, como a em que vimos a acaballa.

O P. Fr. Raymundo da Purificaçaõ.

Faleceo o Padre Frey Raymundo neſte Convento de Guimaraens; e naõ ſe achando noticia da Caſa, de que foſſe filho, vem a ficar eſta com duas glorias, ſeguida huma da outra, porque por depoſito do ſeu corpo faz juſtiça para o merecer por filho. Foy eſta Caſa daquelles primeiros Seminarios de virtude, que o eſpirito do noſſo Santo Patriarcha, communicado ao Veneravel Frey Soeiro Gomes, plantou neſta Provincia, e mereceo hoſpedar alguns dos primeiros pays, e propagadores della, como hum S. Frey Pedro Gonçalves, na voz commua San-Telmo, hum S. Gonçalo de Amarante, Thaumaturgo de Portugal, hum S. Frey Lourenço Mendes, de quem, e de outros muitos, parece, que eſtaõ ainda hoje dando documentos aquellas veneradas, e antigas paredes, fallando talvez com as vozes do ſangue, de que já ſe viraõ ſalpicadas, e enriquecidas. Eſcutava-as ſem duvida obediente o Padre Frey Raymundo, que naõ ſatisfeito com as aſperezas da vida, que profeſſara, entendeo, que com o conhecimento, e com os annos, devia tambem adiantar os exercicios.

Pontual nos de acompanhar a Communidade nos jejuns, oraçaõ, lãa junto á carne, naõ lhe eſquecia, que o ſeu Inſtituto lhe naõ permittia occuparſe ſó comſigo; que para os outros, para enſinallos, e advertillos, o levantara o Ceo á atalaya do Pulpito, como farol acezo, que lhe moſtraſſe o caminho. Entregouſe ao exercicio da prégaçaõ, com o conhecido lucro de quem o ouvia. Talvez aceitava eſmola, porque ſó para que o foſſe, a queria; e quando voltava de prégar para o Convento, já deixava nas mãos dos pobres o que grangeara ſó para elles. Aſſim era o ſeu Sermaõ duas vezes effeito de ſua caridade, experimen-

perimentando-a primeiro as conſciencias, depois as miſerias. Quem aſſim dava, naõ reconhecia mais theſouro, que a pobreza. Via-ſe eſta com edificaçaõ de todos em ſua peſſoa; via-ſe em ſua cella; naõ havia nella mais que hum Chriſto de grande devoçaõ ſua; duas tunicas, huma capa, hum enxergaõ com mantas, e cuberta. Entre eſtas alfayas avultava a Livraria. As Partes de Santo Thomaz, a Biblia, e o Breviario: neſte aprendia como havia de viver, naquella o que havia de prégar; por iſſo os ſeus Sermoens eraõ frutuoſos, porque a ſua vida era a mais efficaz, e perſuaſiva rhetorica, que apparecia no Pulpito, e os aſſumptos ſó as verdades, que dictou o Eſpirito Santo.

Grande confuſaõ para os Prégadores do noſſo calamitoſo ſeculo, que por mais que gemem com o pezo das Livrarias, ſobem taõ leves ao Pulpito, que naõ chegaõ lá do livro mais que as folhas, que ſó fazem papel de verduras. Laſtima he, que lhe eſqueça, que ſe a eſtas ſeca o tempo, e aquellas leva o vento, fica tronco o Sermaõ, e ſó materia do fogo, naõ ſendo outro o ſeu trabalho, mais que ſobirem áquelle monte, a que Deos attende, carregados com a lenha, em que haõ de arder deſgraçada victima. Era o Santo Frey Raymundo grande Letrado: eſte nome lhe deu a lembrança de quem delle teve experiencia. Naõ o contaraõ as Aulas no ſeu numero, mas avaliaraõ-no ſogeitos grandes no ſeu merecimento; naõ ſendo novo na Familia Dominicana faltarem graos, e ſobejarem ſogeitos; ſendo igual a capacidade, adianta-ſe em huns a ventura, em outros a diligencia, com que nem a gloria dos que ſe adiantaõ fica arguindo dezar nos que ficaõ. Era Letrado grande Fr. Raymundo, naõ attendeo ao lucro das letras, mas á obrigaçaõ dellas; era todo o ſeu emprego reformarſe a ſi, e enſinar ao proximo.

Achava-ſe com 80. annos de idade, nem dizia já Miſſa, reduzido áquella fraqueza, em que o poz mais de preſſa o eſtylo auſtero de ſua vida. Temia o Prelado da Caſa o arrebatado fim della, e entendia, que já Frey Raymundo ſe naõ aconſelhava com ſeu entendimento, e o ſeu eſpirito, pois, ao que parece, ſe deſcuidava do que o eſtava ameaçando. Advertio-lhe por vezes, que ſe confeſſaſſe; a que em huma reſpondeo o bom velho com igual humildade, que ſegurança, e deſembaraço: *Padre Prior, naõ, naõ recee; que eu naõ heide morrer ſem Sacramentos. Mas para dar volta a huma vida taõ larga, he neceſſario mais tempo, que o que até aqui tenho tomado: deſcance; que naõ me eſqueço.* Paſſados alguns dias, chamou á ſua cella ao Padre Frey Sebaſtiaõ da Madre de Deos, Religioſo de bom nome; (que ao preſente he Prior de Aveiro, e a quem devemos a verdade deſta noticia) tinha com elle familiaridade, pediolhe, que o ouviſſe, e poſto a ſeus pés, ſe confeſſou com a miudeza, e particularidade de quem ſe tinha examinado desde o uſo da razaõ até á hora preſente, acompanhando as cançadas, e penitentes vozes com taõ copioſas lagrimas, taõ intimos ſuſpiros,

e ſoluços, que naõ podendo ſuſpender ás ſuas o Confeſſor, era preciſo a ambos o deſcançarem, para ſe ouvirem, e entenderem. Fermoſo eſpectalulo para a miſericordia Divina, e para a confuſaõ, e compunçaõ humana!

Pedio pouco depois o Viatico, que recebeo de joelhos, e com tantas lagrimas, que a toda a Communidade convidou a ellas; e chegado o dia de ſua morte, (foy o da Senhora em ſua Aſſumpçaõ) pedio, e recebeo a Unçaõ com iguaes demonſtraçoens; deulhe hum accidente, de que tornou, tendo á cabeceira o Padre Frey Sebaſtiaõ, ſeu Confeſſor, que exhortando-o para o ultimo termo, lhe perguntou, que hia no outro Mundo? *Naõ ſey nada* (reſpondeo elle com ſocego, e deſaſſombro) *mas naõ tardarey em ſabello*; e continuou como queixoſo de que alli perto eſtava hum preto, que o perſeguia, mas que debalde, porque eſtava firmiſſimo na Fé, em que Deos por ſua miſericordia o creara; que lançaſſem para alli agua benta; para donde levantando o obraço, fez a fórma de huma figa, e diſſe em voz, que todos perceberaõ: *Porque naõ te atreves? Porque naõ chegas?* E voltando os olhos ao Confeſſor, e correndo com elles a Communidade, continuou com ſemblante alegre: *Padres, tenho aqui muy perto huma Dama taõ fermoſa, que naõ ha quem a iguale.* A que acodindo o Confeſſor, e dizendo-lhe que naõ creſſe em nada, mas ſó em Jeſu Chriſto Deos verdadeiro; que aquillo era falta de juizo: tornou elle com ſocego: *Que eſtava com o ſeu juizo, e potencias taõ inteiras, como quando eſtivera no mayor vigor de ſua vida.* E indolhe faltando o alento, pedio lhe começaſſem o Officio daquella hora, e reſpondendo a elle, e repetindo com o Confeſſor aquella devota ſupplica do Hymno da Senhora: *Maria Mater gratiæ, Mater miſericordiæ, tu nos ab hoſte protege, & hora mortis ſuſcipe*, eſpirou taõ placidamente, como quem antes eſperara, que temera a morte. Levou-o á ſepultura o mais eſcolhido da nobreza da Villa, depois de grandes demonſtraçoens de ſentimento, e veneraçaõ do Povo, que chegava a beijarlhe os pés, e cortalhe o habito, contentando-ſe muitos com ſe lhe dixarem tocar Roſarios, outros com vello, e todos com ficar entre elles aquelle depoſito. Tem ſepultura no Cemiterio do Convento.

O P. Fr. Manoel do Roſario.

Naõ foy menos conſolaçaõ para a meſma Villa, como gloria deſta Caſa, hum filho de ambas, que baſtou a ennobrecellas, o Padre Frey Manoel do Roſario, taõ obſervante, e de taõ experimentada, e conhecida virtude, que gaſtou grande parte de ſua vida na eſcola, e companhia do Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, como diſcipulo, e companheiro daquelle grande eſpirito, que os ſabia conhecer, e medir. Falecido o Veneravel Padre, ſe recolheo o Padre Frey Manoel a eſta Caſa, (como a Mãy ſua) em que viveo muitos annos com hum tal recolhimento, eſquivança, e deſvio a todo o commercio, que ſenaõ achava ſenaõ na cella, ou no Coro.

Oraçaõ continua, e mortificaçaõ taõ continuada, que, contando já noventa e tres annos,

até o prato da Communidade (onde nunca ha regalo) trocava por outro mais groſſeiro, comendo taõ pouco ainda deſte, que ſe pela calidade repugnava ao goſto, pela quantidade naõ promettia ſuſtento. Foy pontual, e auſtero nos jejuns das Conſtituiçoens, nos da Igreja, e em muitos de ſua devoçaõ; e nem os annos, que lhe enfraqueceraõ as forças, o afroxaraõ nos rigores; ſem mais achaque que eſtes, cahio na cama ſem alento. Deraõ-lhe os Sacramentos, que recebeo com grande conſolaçaõ de eſpirito; e cerrando os olhos, e entendendo a Communidade que tinha adormecido, ſe deſenganou logo, que ſe paſſara ao eterno deſcanço.

Outras noticias nos podera dar eſta Caſa, em que goſtoſamente alargaramos a penna em veneraçaõ ſua, como antigo domicilio dos grandes cultivadores da obſervancia Dominicana; mas praticaſe nella o que em todas deſta Provincia, deſconhecer, ou naõ prezar memorias, que lhe podiaõ ſervir de honra, com o inconſiderado eſcrupulo, ou leve deſculpa, de que ſeria jactancia, ſem advertir no roubo de bons exemplos, que ſe faz aos ſeculos vindouros, e de louvores, e graças, que ſe repetem a Deos, como prodigioſo nos ſeus Juſtos. Mas paſſemos adiante, que o poder ſer eſta eſcritura mayor, naõ lhe tirará o ſer grande, como o foy, e he a fecunda ſeara de virtudes, que o Ceo ſempre conſervou, e conſerva na cultura Dominicana deſta Provincia.

CAPITULO VIII.

Do Irmaõ Converſo Frey Jorge dos Santos, filho do Convento de Evora, chamado o Porteiro Santo na voz do Povo. Entra na Religiaõ, ſua vida, e exercicios nella.

FOrtunada Caſa a de Evora com os ſeus filhos Converſos! continuando-ſe agora o que della eſcrevia o Padre Frey Luiz na primeira Parte da ſua Chronica: Que era pratica deſta Provincia, que ſe davaõ bem Frades Leigos neſta Caſa. E eu accreſcento, que ſe póde individuar: E eſpecialmente na ſua Portaria; porque do Irmaõ Porteiro Frey Pedro, de que elle alli eſcreve, temos entre mãos huma copia para authorizar aquella maxima, que agora parece profecia, com a ventura de que de algum modo ficará com recompenſa a omiſſaõ de memorias, que continuamente lamentamos neſtes eſcritos, reſgatada eſta, com que entramos, de tanta importancia, para o credito deſta Provincia, que faz venturoſa a providencia, com que os Prelados della nos puzeraõ na maõ a penna, que ſem mais que eſte aſſumpto, ficaria igualmente ditoſa, como com elle nunca melhor empregada. Naſceo o Irmaõ Frey Jorze (no ſeculo Jorze Affonſo Rodeo) na Aldea de Val'de-Santiago, no Campo de Ourique, Arcebiſpado de Evora. Foraõ ſeus pays Joaõ Affonſo Rodeo, e Margarida Pires, Lavradores honrados, e virtuoſos. Aſſim criaraõ o filho com ſãa, e boa doutrina, facil de aprender, e exercitar,

O Irmaõ Converſo Fr. Jorze dos Santos.

tar, a quem occupado ſó na cultura do campo, antes deſconhece, que foge os deſmanchos da primeira idade.

Contava Jorze Affonſo a de vinte annos, quando achando-ſe na Cidade de Evora, e entrando hum dia á Miſſa da Alva na Igreja deſta Caſa de S. Domingos, vio, que chegando-ſe a elle huma mulher de reſpeito, e rara fermoſura, lhe dizia: *Porque naõ buſcava o Prior daquella Caſa, e lhe pedia o habito de Leigo, para ſervir nella.* Era Jorze moço ſingelo, e bem inclinado; (nem merecera de outra ſorte tal conſelho) nada lhe pareceo, que lhe convinha mais, que executallo. Chega ao Prior, e com pouco, e deſpido arrezoado pede o habito, offerecendo-ſe a ſervir o Convento. Ouvi-o o Prelado, feſtejando mais a ſingeleza, que a propoſta, e deſpedio-o deſenganado, de que eſtava a Caſa cheya de gente do ſeu preſtimo. Deſconſolou-ſe com a repulſa, mas ſervio eſta (por ſuperior diſpoſiçaõ) de lhe affervorar a ancia, trazendo-o repetidas vezes a eſta Igreja, eſpecialmente ao Altar do Roſario, adonde propunha á Senhora a ſua deſconſolaçaõ. Naõ paravaõ os deſejos de ſegundo encontro com a ſua boa conſelheira, figurando-ſelhe, (naõ diſcurſava mais ſua ſingeleza) que lhe ſerviria de valia. Naõ tem eſta Senhora (que naõ podia ſer outra, mais que a Virgem piiſſima) occupaçaõ mais goſtoſa, que a de Advogada. Eis-que ſe lhe offerece outra vez na meſma fórma; e conſolando-o, lhe adverte, que porfie, e torne ao Prelado da Caſa, até ter effeito a ſua diligencia. Cobra o pertendente novo eſpirito, (já parece, que o illuſtrava ſoberana aſſiſtencia) naõ larga o Altar da Senhora, paſſa delle á cella do Prior, acha já valedores nos Religioſos, e no Prelado edificaçaõ de ſua conſtancia, que (propoſta por elle ao Provincial) em breves dias veſte o habito ao pertendente, com votos, e alvoroço de toda a Communidade.

Noviço já Frey Jorze dos Santos, (que eſte foy o nome que tomou) foy correndo, e deſcobrindo no anno do Noviciado os grandes quilates da virtude, que promettera ſua reſoluçaõ. Já profeſſo, e obſervante á riſca das leys, a que ſe ſugeitara, adiantava-ſe penitente nas do comer, e veſtir; á lãa junto á carne accreſcentava cilicios; ao jejum diminuia o prato, que todo era para o pobre, ficando-lhe ſó algum pouco de paõ, que com huma tigella de caldo era ſeu ſuſtento quotidiano; mas ainda comprado taõ caro, que antes que o tomaſſe, ſe lhe ouviaõ profundos gemidos, acompanhados de groſſas lagrimas, que cahiaõ de ſeus olhos compoſtos, e mortificados. Grande imitaçaõ daquelle penitente, a que ſó o pranto ſervia de prato! Melhor daquelle, a que os ſuſpiros preparavaõ a meſa, as lagrimas a iguaria.

Fuerunt mihi lachrymæ panes. Pſ. 41 4. Antequá comedam ſuſpiro, & tanquæ inundantes aqua ſic rugitus meus. Job. 3.24.

Occupavalhe o dia o ſerviço da Caſa, e guardava o exercicio da oraçaõ para a noite. Inteiras as paſſava na Igreja; que nunca ſe lhe ſoube de cama. Nas lages nuas, ou pé de algum Altar a acharia vencido do ſono, mais que convidado do deſcanço; doutrina, que lhe de-

ra N. Patriarcha. Ordenaraõ-lhe os Prelados, que tomaſſe a occupaçaõ da Portaria; feſtejou-o a ſua caridade, que em breves dias lhe deu o nome de Pay dos pobres; com elles gaſtava o dia; e como a noite lhe levava a aſſiſtencia da Igreja, naõ teve nunca cella, nem lugar em que ſe recolheſſe, ou deſcançaſſe em quarenta e ſeis annos que teve de vida, e aſſiſtencia neſta Caſa. A toda a hora o achava a neceſſidade com a porta aberta, as mãos diligentes, a boca cheya de rizo. Buſcavaõ-no peſſoas illuſtres, e poderoſas, eſpecialmente Dom Theotonio de Bragança, Arcebiſpo de Evora, commercio, que eſtimava para remedio dos ſeus pobres, alcançando continuas, e groſſas eſmolas, que naõ ſó repartia com os mendigos, mas, lince das neceſſidades occultas, entrava ſua piedade pelas portas á viuva deſamparada, e á donzella recolhida, ſabendolhe antes os deſamparos, que a caſa.

Com os pobres da ſua Portaria deſvelado, e induſtrioſo em ajuntar os ſobejos da meſa, diviſando-ſelhe no roſto a abundancia, ou penuria do que ficava. Aſſim era já adagio nos Religioſos, confórme tinha ſido a meſa, chamarem ao dia triſte, ou alegre para Frey Jorze. Mas pagavaſe tanto o Ceo da deſconſolaçaõ, com que ſe achava ao faltarlhe que repartir, que abrindo muitas noites a porta, via, que chegavaõ alguns mancebos repartindo paõ, e vinho aos pobres, que chegavaõ a ella. Vinhaõ eſtes todas as noites buſcar o abrigo, que Frey Jorze lhes preparava debaixo do alpendre com eſteiras, e a roupa, que podia. Aſſim ſe repartia o trabalho entre elle, e o Ceo, que elle lhes fazia a cama, e o Ceo lhes mandava a cea. Deſte caſo foy muitas vezes teſtemunha de viſta hum homem criado da Caſa, e de boa vida, a quem Fr. Jorze fazia crer, que os mancebos, que faziaõ o diſpendio, eraõ vinhateiros, que vinhaõ do trabalho, ſendo facil de entender, (porque nenhum foy conhecido) que ſeriaõ Anjos, que vinhaõ a aliviar a affliçaõ do bom Porteiro. Mas ſendo eſte o unico cuidado, que o naõ deixava deſcançar huma hora, aſſim lhe parecia que fazia pouco, que, perguntandolhe em huma occaſiaõ Manoel Severim de Faria, Chantre de Evora, como ſe achava com os ſeus pobres, lhe reſpondeo: *Ah Senhor, naõ ſey ſe me levarãõ os pobres ao Inferno!* Grande confuſaõ para as entranhas duras, e bolças cerradas dos ricos, e poderoſos, quando a meſma pobreza diſpendendo, e ſervindo, vive atemorizada!

De lidar com os pobres o paſſava muitas vezes a ſua caridade a occuparſe com os doentes, em os havendo na Caſa, ſendo tal ſua diligencia, que eſtando todo na Enfermaria, o naõ achavaõ menos na porta. Aſſiſtia ao enfermo ſem perdoar a paſſos, ou a deſvelos; em tudo ſe achava taõ adiantado, que commummente era ſó na promptidaõ dos remedios, e ainda dos regalos, ou desfaſtios, na limpeza, e aceyo da cama, e da cella, e até o naõ reſtituir á inteira melhora, naõ deſcançava. Eraõ ſuas mãos, e ſuas oraçoens a mais efficaz medicina, naõ ſó para o corpo; pare-

cc,

ce, que moſtrou o Ceo que tambem para a alma.

Eſtava de muitos annos entrevado o Padre Frey Duarte de Oliveira, reduzido ao eſtado de huma criança, porque até, como deſamparado do uſo da razaõ, naõ obrava couſa, em que naõ moſtraſſe eſſa falta. Aſſiſtia-lhe Frey Jorze com as entranhas de huma mãy deſvelada, porque como a tolhido até lhe era preciſo meterlhe o ſuſtento na boca. Deſenganados já os remedios, affligiaõ-ſe os Religioſos de que acabaſſe Frey Duarte ſem Sacramentos. Foy couſa notavel, que nas ultimas horas de ſua vida correo Frey Jorze ao Prelado, dizendo-lhe, que o enfermo eſtava reſtituhido a inteiro juizo, e voz deſembaraçada, com que pedia os Sacramentos. Confeſſouſe logo, e recebeoos, e com grande conſolaçaõ de ſua alma acabou a vida com ſinaes da unica felicidade, que ſe póde ſeguir a ella, reſolvendo os Religioſos, que ſem duvida premiara o Ceo ao bom Enfermeiro o ſeu trabalho naquella unica, e verdadeira melhora do ſeu enfermo.

Incançavel no cuidado com o proximo, tudo comſigo eraõ deſcuidos no que tocava a commodos da vida. Era o ſeu habito na materia vil, e groſſeiro, no feitio antes mortalha, que habito, ajudado de remendos, que devia á ſua induſtria, porque o que lhe davaõ para ſe melhorar delle, era do primeiro mendigo, que lhe apparecia menos enroupado. Naõ he ſó digno (naõ digo de reparos, mas de aſſombros) que naõ veſtio outro em 46. annos; e muito mais, que naquelle burel gaſtado, mas nunca conſummido com o uſo de tanto tempo, pizado de noite pelas lages da Igreja, e de dia ſervindo á meſa aos pobres na Portaria, nem ſe vio nunca o deſaceyo de nodoas, ou ſe percebeo mao cheiro de quem o examinava de perto, antes agradavel, e attractivo, com o exterior concerto, e limpeza, como ſe até aos veſtidos ſe communicaſſe a de ſua alma.

Naõ faltavaõ cobiçoſos daquelles velhos, mas aceados remendos, que já os Religioſos da Caſa, e os que tinhaõ mais commercio com elle, tinhaõ em grande eſtima, como os que faziaõ reparo no que ſe conſervavaõ, e no corpo, que cobriaõ. Houve hum Religioſo de auſentarſe para outro Convento, e levando deſte a magoa de perder a companhia de Frey Jorze, naõ ſe reſolveo á partida ſem levar huma prenda daquella ſua gala. Obſervou hum fio, que lhe pendia della, diſſimulou, entrou com elle em pratica, e parecendo-lhe, que o tinha devertido, e ſeguro, lançou acautelado maõ do fio, e recolhendo-o com ſegredo, indo a deſpedirſe, poz nelle os olhos Frey Jorze, e diſſelhe com roſto grave: *Padre, que he iſto, que faz? Naõ ſou contente, que uſe iſto comigo nos veſtidos.* Sem ſuperior conhecimento (aſſentava o Religioſo) que o naõ podia ter do furto. Mas grande preço de tunica, donde obriga a reparo o tocarſelhe em hum fio! Fello o meſmo Chriſto, fazendoſe-lhe o meſmo á ſua. Singular gloria ſem duvida de huma remendada mortalha Dominicana!

Tetigit fimbriam veſtimenti ejus. Matthæi 9. 20. Ait quis tetigit veſtimenta mea. Marci 5. v. 30.

Debaixo daquelle pano groſſeiro,

ſeiro, e roto cobria Frey Jorze hum coraçaõ inteiro, inflexivel, zelador da honra de Deos na obſervancia do que lhe era mais aceito, advertindo com liberdade modeſta, e reportada aos meſmos Prelados da Caſa, o que deviaõ obrar para reſórma, e bom governo della. Se era mais ardua a materia, e que o eſcutalla mal o Prelado, o podia pôr em alguma deſattençaõ de ſubdito, deixavalha eſcrita na cella, quando de madrugada hia buſcar as chaves da porta. Conheciaõ os Prelados, que fallava em Frey Jorze o zelo, e que a materia viria já conferida em mais ſoberano conſelho, e determinada por mais acertado voto. Eſcutavaõ, e obedeciaõ. Mas nem ainda aſſim faltavaõ ouvidos rebeldes de algum, que ſentindo humanamente do que ſe lhe aconſelhava, eſcutava o acerto com deſagrado, expondo-ſe antes a errar abſoluto, que a acertar aconſelhado; capricho muy caſado com o genio de quem tem mando. Por duas vezes acharaõ ſemelhaute repulſa, e inobediencia as proveitoſas advertencias de Frey Jorze em dous Prelados inflexiveis, e cabeçudos; mas a hum ſegurou, que ſe naõ fizeſſe o que lhe advertia, o caſtigaria Deos brevemente com huma doença. A outro, (ſeria de mais importancia, e conſequencia o aviſo) que a vontade Deos era a execuçaõ delle; que naõ eſperaſſe, que lha vieſſe pedir a morte, porque o deſenganava, que naõ o executando, acabaria primeiro a vida, que o Priorado. Succedeo aſſim. Nem os Prelados obedeceraõ, nem os caſtigos tardaraõ, perdendo hum a vida, o outro tendo-a arriſcada em huma grave doença.

Naõ era menos importante o que Frey Jorze propunha, e advertia aos Provinciaes, experimentando-ſe no infallivel do effeito as anticipadas noticias, com que o Ceo o tinha illuſtrado. Dous caſos baſtaráõ para argumento. Dera o Provincial o habito de Frade Leigo a hum moço, irmaõ inteiro de Frey Jorze, (que o pedira com inſtancias) e o alcançara por ſe ſaber, que o era; eſtava ao preſente o Provincial neſte Convento de Evora, e por mais que a ſupplica, e deſpacho foy em ſegredo, porque aſſim o pedira o pertendente, na meſma noite o alcançou Frey Jorze, ſabendo-ſe tambem, que em toda ella naõ tivera elle, como coſtumava, mais que o Santo commercio da ſua oraçaõ na Igreja. Amanheceo, entra pela cella ao Prelado, e pondo os olhos no chaõ, as mãos levantadas, e as lagrimas nos olhos, lhe diſſe: *Padre Provincial, peſſo a Voſſa Paternidade pelo amor de Deos, naõ dê licença a meu irmaõ para tomar o habito de Noſſo Padre S. Domingos.* Eſtava já paſſada a Patente, tomou o irmaõ o habito em Elvas; mas profeſſando, e tendo logo huma leve cauſa, deixou o habito, e o Convento, e deſappareceo, ſem haver outra noticia delle.

Conſeguio outro mancebo o meſmo deſpacho para Frade do Coro; ſua capacidade dava eſperanças de melhor acerto, naõ no voto de Frey Jorze, que buſcando ao Provincial, lhe advertio, que naõ convinha; e naõ lhe differindo, ſe ſahio deſconſolado, dizendo á porta da cella:

la: *O Padre Provincial, eſtá firme em aceitar o Noviço, os Religioſos darlhehaõ o voto, mas elle aſſiſtirá muy pouco no Convento, e Cidade, em que tomar o habito.* Vio-ſe aſſim, porque alguns deſmanchos trouxeraõ o Religoſo ſempre mal viſto dos Prelados, e alguma falta depois deſcuberta, retirado dos Conventos mais populoſos. Aſſim era proveitoſo, e bem encaminhado o zelo de Frey Jorze, eſcolhendo Deos aquelle inſtrumento rude, e fraco no voto do Mundo, para confundir o ſabio, e domar o poderoſo.

Stulta mundi elegit Deus, ut confundat ſapientes. 1. ad Corinth. 1. v. 27.

Com igual inteireza, e eſpirito affouto admoeſtava aos Religioſos, em que via alguma falta, para a emenda della; o meſmo com os ſeculares, com que tinha algum trato, mas com hum tal eſtylo, que primeiro os deixava agradecidos, e depois emendados. Veyo viſitar eſta Provincia o Meſtre Frey Pedro Manrique de Steneſtroza; (que depois foy Provincial de Andaluzia) achava-ſe neſta Caſa, deſcia á Portaria para paſſar a viſitar as Freyras, e reparando em Frey Jorze, elle lhe diſſe, beijando-lhe o Eſcapulario: *Reges eos in virga ferrea, & tanquam vas figuli confringes eos*: ſaõ palavras do Pſalmo 2. querem dizer: governay os ſubditos com vigor, e inteireza, e aos maos reduzios a pó, e nada. Ficou admirado, (e depois de ſaber quem era o conſelheiro, confundido) o Viſitador, naõ ſó da pronuncia, mas da energia da advertencia.

Pſalm. 2. v. 9.

Unia, e ajuntava Frey Jorze a eſta liberdade, e inteireza no advertir, e reprehender huma obediencia fabricada na officina de ſua profunda humildade admirando o como ſe eſcondiaõ aquelles imperios de miniſtro nas ſogeiçoens de Religioſo. Naõ ſó reſpeitava com ellas abatido, e ſem acçaõ propria, aos ſeus Prelados, mas aos ſeus Meſtres, e Pays do eſpirito, ſacrificando até as mayores evidencias do conhecimento proprio (ainda illuſtrado) ao que ſe lhe ordenava por preceito. Foy caſo novo; nelle temos prova, e clareza.

Adoeceo Frey Jorze, e moſtrou logo carranca á doença. Aſſiſtialhe Manoel Peres, Medico da Caſa, e naquelles tempos Oraculo da Medicina. Reſolveo, que todos os ſinaes eraõ de morte; que o enfermo ſe ſacramentaſſe. Acodio Frey Jorze, aſſegurando com ſocego, e brandura, que naõ era neceſſario Viatico, porque elle naõ morria. Inſtou o Medico novamente informado, replicou Fr. Jorze muito mais ſeguro. Era ſeu Confeſſor o Meſtre Frey André de Santo Thomaz; alcançou licença do Prior para miniſtrar o Viatico ao enfermo, entendendo, que venceria nelle toda a repugnancia, por ſuppor, que o demonio a fomentava. Confeſſou-ſe Frey Jorze, e advertindo-lhe outra vez o Confeſſor, que havia de tomar o Sacramento por Viatico, e a Unçaõ como moribundo, pois aſſim o diſpunha o Medico, reſpondeo: *Padre Meſtre, eu bem ſey, que o como devo tomar o Senhor he por devoçaõ, e naõ por Viatico, porque eu naõ morro; mas pois Voſſa Paternidade como meu Confeſſor mo ordena, eu eſtou prompto para tudo.* Aſſim tomou o Viatico, e a Unçaõ com muita

ta devoçaõ, e lagrimas; mas vioſe ao outro dia a ſegurança com que fallava, levantando-ſe, e indo para a ſua Portaria, confuſos todos aſſim da repentina melhora, como do ſacrificio de ſua obediencia.

Naõ ſó o illuſtrava o Ceo, ao que parece, no que lhe pertencia, mas de muitas couſas teve anticipadas noticias, e taõ verdadeiras as que dava, que naõ havia caſo de importancia, em que ſe naõ viſſe importunado para o patrocinio, como para o conhecimento do ſucceſſo; occaſioens a que fugia, e ſe eſquivava, facilitando-ſe mais com os Religioſos, porque os naõ podia ver afflictos. Foraõ os ſucceſſos muitos, ſem mais, que a circunſtancia de ſer infallivel o que reſolvia. Naõ nos detemos, porque naõ pareça deſejo de alargar a eſcritura, e enfadar com ella. Apontaremos ſó, que por meyo de ſua oraçaõ conſeguio Frey Jorze (ao que parece) o communicarlhe o Ceo os ſeus ſegredos, franqueados ſempre aos pequenos, e abatidos.

Abſcondiſti hæc à ſapientibus, & revelaſti ea parvulis. Matth. 11.

Faleceo a mãy de hum Religioſo da Ordem, conhecida ſua, e que o ajudava para o diſpendio da ſua Portaria; deraõ-lhe na Igreja do Convento ſepultura, e viraõ-no a elle já alta noite com os braços abertos, lançado ſobre a campa della (era eſte o eſtylo com que as mais vezes orava.) Amaneceo, e pedio eſmola para duas Miſſas, que mandou logo dizer pela defunta, entendendo-ſe, que na oraçaõ alcançaria, que eraõ os ſuffragios, que pedia ſua alma. Faleceo Dom Joaõ de Caſtro, que foy Governador do Algarve, e occupou outros poſtos neſte Reyno; tinha ſua caſa junto ao Convento, grande commercio com elle, e ſua mulher igual opiniaõ de Frey Jorze. Pedio-lhe, inſtou com elle, e importunou-o a viuva, que pediſſe a Deos pela alma de ſeu marido, e que lhe alcançaſſe ſe eſtava em boa parte. Eſcuſouſe o pobre Frade da noticia, mas prometteo os ſuffragios. Paſſados alguns dias, e tornando a inſtar a viuva, lhe diſſe: *Que deſcançaſſe; que a alma de ſeu marido eſtava vendo a Deos.*

Aſſim era familiar o commercio, que tinha com o Senhor na oraçaõ, e aſſim ſobia daquelle abatimento com que orava, ás viſinhanças do Ceo, que mais que a terra parece tinha por vivenda. Conhecia-ſe nas vezes, que o viaõ extatico. Em humas Matinas ſolemnes, a que aſſiſtia, repararaõ alguns Religioſos, que acompanhava o Coro no Cantico *Te Deum laudamus*, com huma voz ſobida, e harmonioſa, naõ ſendo daquelle metal a que tinha. Paſſaraõ os Religioſos palavra huns aos outros, e chegando alguns a carearſe com elle, o viraõ immovel, ſem dar attençaõ a nada, tendo abertos os olhos, de que lhe cahiaõ groſſas lagrimas, vozes mudas com que ſua alma acompanhava ſua harmonia.

Mas naõ ſofria o inimigo commum ver taõ valîdo do Ceo hum Leiguinho rude, pobre, roto, e abatido; (como ſe naõ foſſem ſempre eſtes os ſeus unicos mimoſos) e deſenganado, ou receoſo de entrar com elle em contenda, de que ſahiſſe com vitoria, ſe reſolveo em aſſuſtallo,

ſuſtallo, e deſafiarlhe o ſofrimento. Soubeſe, (ſeria depois de ſua morte) que o demonio ameaçara a Frey Jorze, que naõ paſſaſſe a noite na Igreja, porque a cada inſtante o inquietaria; e ſem duvida foy deſafogo do ameaço o ſucceſſo, que diremos agora. Tocaraõ huma noite á Portaria com repetiçaõ, e com preſſa. Acordou o Prior, e eſperou tempo, dando lugar a que o Porteiro deſceſſe abaixo. Vio que tardava: amiudando-ſe os golpes na campainha, ſahe com ira da cella, buſca a Frey Jorze na Igreja, que era a ſua; e reprehendendo-o com aſpereza, e mandando-o acudir á porta, lhe reſpondeo: *Padre Prior, póde V. Paternidade recolherſe, que ninguem eſtá na porta.* Inſtou o Prior que ſim; e indignando-ſe com os moços do Convento, que o ſeguiaõ, e lhe ſeguravaõ que tal naõ ouviraõ, mandou a Frey Jorze, que ſem replica foſſe á Portaria. Obedeceo elle, e abrindo a primeira porta, que hia para ella, diſſe: *Muito bem vos conheço*; e chegando á porta, e vendo-a deſamparada, voltou para o Prior, dizendo-lhe: *Iſto eſtá acabado: eu terey o cuidado que devo.* Recolheoſe o Prior, e paſſando pela cella de hum Religioſo entrevado, que achou com o Enfermeiro, ouvio o ultimo deſengano, porque lhe ſeguraraõ, que a tal porta ſe naõ tocara, pois elles alli eſtavaõ, e ella viſinha.

Soube-ſe pela manhãa o caſo, e reſolveraõ os que tinhaõ mais conhecimento do Porteiro, que eraõ traças, com que o inquietava o demonio, fazendo, que ſó o Prior, e elle ouviſſem aquelle eſtrondo, para que ſe ſeguiſſe o que tinha ſuccedido, porque o Prelado havia de indignarſe de tardar o Porteiro, o Porteiro naõ havía de acodir, ſabendo que era o demonio. Na Igreja, e na Portaria ſe lhe andava offerecendo em varias figuras, com viſagens eſtranhas, que humas vezes o moviaõ a aſſombro, outras a rizo, como lhe ſuccedeo em occaſiaõ, que ajudando á Miſſa, vio, que ſobre os hombros de huma velha, que eſtava na Igreja, ſe volteava, e ſaltava ligeiro, com meneyos, e figura de hum grande, e carrancudo mono.

Creſceo hum anno a fome na Cidade; a pobreza, como a primeira executada, corria á Portaria de S. Domingos, aonde a chamava a fama caritativa do ſeu Porteiro, que, ſem perdoar a diligencias, recorria quotidianamente á mais importante, que era propor aquelle deſamparo aos clementes olhos da Virgem Maria em huma Imagem ſua, (que ſe via ſobre o ſegundo taboleiro da eſcada, que ſobe do Clauſtro para o Dormitorio) que ſaudava de joelhos todas as vezes, que por alli fazia caminho. Agora a buſcava com mais ancia, obrigado do aperto em que via a pobreza. Succedeo, que ajoelhando huma vez para fazer a meſma ſupplica, eis-que dá com os olhos em huma grande alcofa de paõ alvo, e mimoſo; alvoroçouſe, e eſtendendo com preſteza, e alegria os braços a pegar na alcofa, vê, que lhe foge das mãos; vaya ſeguindo por largo eſpaço, ſem dar mais tino (como depois confeſſara) que o de conſeguir aquella grande preza;

vê finalmente a alcofa parada, e lançando-lhe as mãos, quando lhe deſapparece de entre ellas.

Levava em outra occaſiaõ Frey Jorze humas poucas de roſas no Eſcapulario para a Imagem de huma Senhora, de que era devoto; e pondolhe os olhos, as vê convertidas em paõ, que (dando a Deos graças) repartio logo em eſmolas, por ſe achar entaõ afflicto de o naõ ter para o diſpender nellas. Raivou o invejoſo inimigo com o ſucceſſo do bom Porteiro, vendo, que o Ceo o favorecia, e o remedeava: eſperou-o outra vez, que lhe vio roſas no Eſcapulario; e temendo, que lhe ſuccedeſſe o meſmo prodigio, arrebata-as, e deſapparece com ellas. Naõ foy ſó huma vez o tirar as roſas do Altar da Senhora para as levar, e trocar em paõ na Portaria, porque muitas vezes ſe devia Frey Jorze de valer daquellas ſoberanas flores para ſuſtento da pobreza; porque em chegando Abril, ſe lhe ouvia como proverbio, que repetia com alegria, e ſegurança: *Em tempo de roſas nem ellas faltaõ no Altar da Senhora, nem aos pobres paõ na Portaria.*

Eſtimulavaõ continuamente eſtes ſucceſſos ao pay da inveja tanto, que muitas vezes ſe reſolveo a vingalla, apanhando ás mãos o innocente caritativo, que com mayores coroas de paciencia ſahia dellas moleſtado. Mas naõ eraõ as coroas, que Frey Jorze grangeava no conflicto, ſó aquellas, em promeſſa da gloria futura, mas parece, que podia dizer com S. Paulo, que ainda na terra o tinha o Ceo já taõ mimoſo, que permittia, que o anjo de Satanás foſſe ſeu flagello, porque ſe naõ eſvaeceſſe de favorecido. Já vimos, e tocamos algumas occaſioens, em que pareceo illuſtrado; paſſemos a ſemelhante argumento, e ſejaõ de ſegundo Capitulo.

Datus eſt mihi ſtimulus carnis meæ angelus Satanæ, qui me colaphizet 2. ad Corint 12. v. 7.

CAPITULO IX.

Continuaõ-ſe as noticias do Irmaõ Frey Jorze.

LEigo era o Irmaõ Frey Jorze por profiſſaõ; e porque naõ tivera alguma de letras, era tambem leigo, mas doutrinado na Aula do temor de Deos, nenhum como elle ſabio. O Latim entendia, e pronunciava, como os que com mais applicaçaõ o aprenderaõ. Na Eſcritura Sagrada eſtava taõ viſto, e mais que os que continuamente a revolviaõ. Muitos caſos pozeraõ eſta verdade em publico, de que foy boa teſtemunha o Meſtre Frey Martinho da Fonſeca, Prégador delRey Dom Joaõ o IV., e os Lentes, que por todos aquelles annos occuparaõ as Cadeiras de Evora. A liçaõ de Eſcritura, que ſe coſtuma ler á meſa, lhe penetrava de ſorte o coraçaõ, que andando recolhendo os ſobejos para os pobres, parava, e ſe eſquecia muitas vezes no meyo do Refeitorio, como alheyo, e extatico.

Mas paſſemos da intelligencia do Latim á que o Ceo lhe diſpenſava nos caſos, que previa, e de que aviſava. A hum Religioſo amigo ſeu, que ſe deſpedia delle, por ir aſſinado para Abrantes, nos fins de Outubro, ſegurando-lhe, que dalli a oito dias (nem pedia mais o caminho) eſtaria no Convento,

to, diſſe Frey Jorze: *Irá Voſſa Paternidade, e mandarmoha dizer a primeira Dominga do Advento, porque neſſe dia chegará a eſſa Caſa.* Celebroulhe o Religioſo a nova como galantaria, e tornou Frey Jorze a repetir o meſmo, e com a meſma ſegurança. Partio naquelle dia o Religioſo, feſtejando com algumas peſſoas o vaticinio: mas foy tal o temporal, que por terra até Setubal o prendeo nas eſtalagens, e no mar o deteve na embarcaçaõ, arribando muitas vezes, que ſem advertir no dito Frey Jorze, entrou na primeira Dominga do Advento em Abrantes; mas recolhido á cella, que lhe deraõ, ſe lhe repreſentou tudo o que tinha paſſado, e o fez logo publico.

Viſitava a Frey Jorze com algum mimo para os ſeus doentes, ou eſmola para os ſeus pobres, a Madre Dona Maria de Mello, (Religioſa de Santa Clara da meſma Cidade) peſſoa de bom nome, e que tinha grande devoçaõ com elle. Mandoulhe em huma occaſiaõ couſa de pouca ſubſtancia, aque elle agradecido eſcreveo huma regra, couſa, que naõ fizera nunca. Era o que continha: *Que elle eſtimava o preſente, e a vontade: e que o dia de antes mandara dizer huma Miſſa por ſua tençaõ, para que Deos Noſſo Senhor a livraſſe de perigos de alma, e corpo, como eſperava em ſua miſericordia.* No dia ſeguinte deſcia eſta Madre para o Coro, e embaraçandoſelhe hum pé no primeiro degrao de huma eſcada de pedra longa, e empinada, rodou ſem ſe poder valer por toda ella, com tanta violencia, que as que correraõ a acudir-

lhe, a tiveraõ por morta; mas ella deſembaraçando-ſe do manto, em que ſe embrulhara, e ſentada com deſcanço, ſegurou a todas, que naõ tinha moleſtia; attribuindo com tanta ſegurança o ſucceſſo ás oraçoens de Frey Jorze, que aſſim o jurou a quem lhe pedio alguma noticia delle. De outros caſos de naõ menos riſco ſahio ſem elle eſta Religioſa, applicando ſempre o effeito ao ſeu advogado; e entendeoſe delles, e do que tinha eſcrito, que de todos lhe adiantara o Ceo o conhecimento.

Aſſim parece, que o teve da milagroſa ſaude de Franciſco de Abreu, que muitos annos tinha ſervido no Convento. Achavaſe eſte ás portas da morte. Naõ tivera na ſua doença, que foy larga, mais ſoccorro, que o com que lhe acodia o pobre Porteiro; mandoulhe render as graças pelo cuidado, e deſpedirſe delle com a ſupplica de que ſe lembraſſe de ſua alma, e de o ajudar com ſuas oraçoens naquella ultima hora. Enterneceoſe o pay dos pobres, ſabendo o deſamparo, em que ficava a caſa daquelle; e naõ tardou muito em lhe mandar ſegurar, que ſe naõ deſconſolaſſe, que naõ morreria daquella doença. Foy aſſim, que, como ſe reſuſcitara, lhe veyo em breves dias dar as graças á Portaria.

Mas o mayor favor, com que o Senhor quiz illuſtrar o ſeu ſervo, foy a anticipada noticia de ſua morte, como a que o era do principio de ſua felicidade. Contava já Frey Jorze 66. annos de idade, os quarenta e ſeis de exercicios ſantos naquelles Sagrados Clauſtros;

achava-ſe cortado de penitencias, deſamparado de forças, ſem que o eſtado, em que ſe via, o fizeſſe afroxar nas primeiras, ſe quer por naõ acabar de conſumir as ſegundas, quando o chamou Deos para lhe trocar eſtas em eternidades, e aquellas em coroas. Poucos dias antes deſta felicidade gaſtara o bom velho em oraçaõ toda a noite; chegou a madrugada, entra na cella do Prelado (como he eſtylo da Ordem) a buſcar as chaves da Portaria, e dizlhe com voz, e ſemblante alegre: *Padre Prior, tenha voſſa Paternidade muito bons dias com as novas, que lhe dou de ſerem os meus acabados.* Aſſuſtouſe o Prelado, e advertindo-lhe, que ſe declaraſſe, porque naõ entendia o que lhe vinha a dizer, reſpondeo: *Padre Prior, eu morro.* Creſceo no Prior o ſobreſalto, e levantando-ſe apreſſado, lhe diſſe: *Naõ ſaõ por certo Frey Jorze para mim bons dias os em que me dá eſſa nova, porque a ſinto no coraçaõ, onde o tenho, e eſtimo*; e lançando-lhe os braços, ſe lhe prenderaõ as vozes com as lagrimas. Era o Prior o Preſentado Frey Franciſco Travaços, Prégador de nome naquelles tempos, peſſoa grave, e de maduro entendimento, que ſabia pezar a perda de hum tal ſubdito.

Chamou logo a conſelho, e propondo o referido aos Religioſos mais graves, e Letrados do Convento, reſolveraõ, que o Prelado tornaſſe a chamar Fr. Jorze, e que delle ſoubeſſe com mais individuaçaõ a certeza, que tinha de ſua morte, pondo-lhe huma obediencia, caſo que ſe eſcuſaſſe. Fello aſſim o Prior: e chamado Frey Jorze, e dizendolhe: *Frey Jorze, o que me diſſe hoje, foy illuſaõ do demonio, ou effeito de melancolia?* Reſpondeo elle: *Nem huma couſa, nem outra, mas verdade pura, porque eu morro dentro de breves dias, como Voſſa Paternidade bem verá. Pois eu* (lhe tornou o Prior) *lhe mando por obediencia, que me diga logo a circunſtancia, com que alcançou eſſa noticia. Obedeço*, (reſpondeo o bom velho) e continuou: *A noite paſſada, rezando na Igreja, ſoube, que Veſpera de S. Joſeph, que he daqui a poucos dias, havia de morrer.* E pondoſe logo de joelhos, levantadas as mãos, diſſe: *Rogo eu muito a Voſſa Paternidade, ſendo ſervido, que do que aqui paſſamos naõ ſeja alguem ſabedor. Pois ſe iſſo he aſſim*, (concluîo o Prior) *eu lhe ponho a meſma obebiencia para que aceite cella, e cama para morrer.*

Aceitou Frey Jorze, ſacrificandoſe ao lugar do deſcanço, como ſe fora o do martyrio; mas conſolado de que o lograria breve tempo. Foy-ſe á Portaria, deu a ultima eſmola aos ſeus pobres, deſpedindo-ſe delles com as lagrimas nos olhos, antes arrancando-ſe de ſeus braços, como faltando-lhe o ſofrimento, para eſcutar os lamentos de ſeus deſamparos. Recolheo-ſe logo para a cella, que lhe determinou o Prelado, confeſſouſe, e como lhe pareceo tempo, recebeo o Viatico, banhado em lagrimas de alegria, como ſe naõ ſoubera já fallar ao Senhor ſenaõ com as linguas da alma, diſpondo-ſe para o commercio, e vida della.

Aſſim ſe experimentava; porque cerrados os olhos, e ſem

dar

dar attençaõ a nada, ſe recolhia em huma contemplaçaõ profunda, ouvindo-ſelhe ás vezes algumas palavras, e oraçoens imperfeitas, de que ſe colhia a conſolaçaõ, que eſtava recebendo ſua alma. Entrado já na ultima hora, e deſpedido dos Religioſos com ſemblante alegre, e alvoroçado, entenderaõ os que lhe aſſiſtiaõ, na alegria, e contentamento, que nos olhos ſe lhe reparava, e no que dizia, ainda que já com fraca, e interpolada expreſſiva, que lhe aſſiſtia, e viſitavaõ-no a Soberana Trindade da terra, Jeſus, Maria, e Joſeph. Aſſim paſſou ſeu eſpirito, com taõ ditoſa companhia, a logralla na felicidade eterna, em Veſpera de S. Joſeph, como tinha dito (Advogado, que toda ſua vida tinha grangeado.) Contavaõ-ſe 18. de Março de 1632. Tem ſua ſepultura no Capitulo, nella ſe lê eſte epithafio:

Frater Georgius de Sanctis, Converſus, hujus Cœnobii filius, & oſtiarius, in Deum pius, zelo Religionis accenſus, in egenos, & infirmos magnoperè affectus, Eccleſiam ſemper habens pro cella, humum pro lecto, abſtinentiis, boniſque aliis operibus plenus 15. *Kalendis Aprilis ſenex moritur, & magno fratrum deſiderio, hîc in arca lignea ſepelitur* 1632.

Bem poderaõ dilatar mais eſta eſcritura muitos caſos individuaes de ſua vida, a naõ ſe entenderem, e ſupporem do inculpavel, e penitente della. Teſtemunharaõ-na como a temos eſcrito, os grandes talentos, que naquelle tempo ſe faziaõ lugar naõ ſó neſta Prouincia, mas em todo o Reyno, e fóra delle, com igual reputaçaõ em letras, e virtude, e que tambem neſte livro daõ venturoſo aſſumpto ao noſſo trabalho, antes premio ao ſeu emprego. Tanta he a gloria de os termos por aſſumpto! Aqui ſe acharáõ eſpalhados, confórme a antiguidade dos ſeus Conventos. Agora me pareceo unillos, porque depois de Frey Jorze, authorizem a verdade do que dizemos delle. Foraõ elles o Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, Biſpo de Viſeu; o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, Inquiſidor da Meſa Grande, Prégador delRey Dom Joaõ o IV. que foy Provincial deſta Provincia; o Padre Meſtre Frey André de Santo Thomaz, Lente de Prima na Univerſidade de Coimbra; o Padre Meſtre Frey Pedro de Magalhaens, Inquiſidor da Meſa Grande; o Padre Meſtre Frey Fernando Soeiro. De taõ authorizadas teſtemunhas colheo, e recolheo as noticias, de que fabricamos eſta memoria, o Padre Preſentado, e Prégador Geral Frey Franciſco de Souſa, da meſma Familia Dominicana, em hum Tratado Panegyrico, que eſcreveo

veo ſobre a vida deſte ſervo de Deos; mas porque eſte Senhor depois das conjecturas, que de ſua penitente vida podiaõ formar argumento para a gloria, que ſe ſeguio á ſua alma, ainda permittio, que o ſeu nome ficaſſe vivendo nas memorias de muitos devotos, que com elle triunfaraõ de grandes apertos, apontaremos alguns caſos, que por confiſſaõ dos meſmos favorecidos pareceraõ prodigioſos.

Cahio enfermo de huma maligna Ruy da Sylva, filho de Jorze da Sylva, Cavalleiro Fidalgo, e de Dona Brazia de Abreu, moradores na Cidade de Evora, e em breves dias chegou ás portas da morte com taõ grande deſengano de ſeus pays, e familia, que, fechadas as janellas, e ſepultados todos em hum laſtimoſo pranto, antes tratavaõ dos ſuffragios, que dos remedios. Mas os parentes, e peſſoas graves, que lhe aſſiſtiaõ, aconſelhados do que continuamente eſcutavaõ de Frey Jorze, Porteiro de S. Domingos, dando-lhe eſperanças de remedio, paſſaraõ ao Convento, e repreſentando ao bom Porteiro o eſtado do enfermo, ſentimento de pays, e familia, o obrigaraõ a que chegaſſe áquella caſa, em que ſe ſuſpirava tanto ſua aſſiſtencia. Eſcuſouſe Frey Jorze modeſto, e humilde, naõ ſentindo de ſi tanto, ou temendo os aſſaltos de vangloria, que hia diſpondo o inimigo. Naõ houve mais remedio; recorrem ao Prelado, que laſtimado, como perſuadido, lhe manda, que logo vá viſitar o enfermo. Toma Frey Jorze a capa, entra pelo meyo da familia choroſa, e dizendo com voz deſembaraçada: *De que ſe agaſtaõ, de que ſe agaſtaõ? Morre Ruy da Sylva? Morra.* Creſceo em todos o pranto, e a magoa, entendendo pouco a fraſe, com que ſe coſtuma explicar a virtude. Chegou entaõ á cama, em que o enfermo por inſtantes eſpirava, e applicando-lhe a maõ (depuzeraõ as teſtemunhas, que aſſim lhe pareceo) á cabeça, voltou aos pays, e mais familia, e diſſe-lhes. *Naõ ſe agaſtem, naõ ſe agaſtem; que Deos dará ſaude a Ruy da Sylva. Demme eſmola para que ſe diga huma Miſſa a S. Gonçalo, que eu heide ajudar a ella, e rogar pelo enfermo.* Deu-ſe-lhe a eſmola, voltou para o Convento, e ao meſmo inſtante abre os olhos o moribundo, e ſegura a todos, que ſe acha ſem febre, e reſtituhido, como logo ſe vio, á inteira ſaude.

A meſma, e igualmente repentina conſeguio Gaſpar de Faria Severim, (affirmava-o Manoel de Faria ſeu tio, Chantre de Evora) por interceſſaõ de Frey Jorze, porque fallando com elle para lhe pedir o ſoccorro de ſuas oraçoens, e dando-lhe noticia, que o enfermo (que aſſiſtia em Lisboa) eſtava perigoſo, Frey Jorze lhe ſegurou, que eſtiveſſe ſem cuidado, porque naõ havia já perigo, e outras circunſtancias, que fizeraõ o caſo mais prodigioſo, depois que ſe ſoube o tempo, e melhora do enfermo.

Já deſenganada de remedios para huma cruel maligna, eſperava a ultima hora Antonia Jorze, mulher de Pedro Joaõ, moradores na meſma Cidade de Evora; e tanto ſem eſperança alguma de vida, que já em Caſa tinha o habito de S. Domin-

gos,

gos, que eſcolhera por mortalha. Era devota da Religiaõ, bemfeitora do Convento no que alcançava, como cuidadoſa de acudir a Frey Jorze com o que neceſſitava para a ſua Portaria. Sentio elle a noticia da enferma, viſitou-a, conſolando-a com o que Deos diſpunha; e detendo-ſe hum pouco a rezar pelas ſuas contas, ſe levantou, dizendo-lhe, que queria Deos livralla daquella doença, e que contaſſe tantos annos, que viſſe a morte de ſeus filhos; e lançando-lhe huma bençaõ, ſe deſpedio, e no meſmo tempo a febre á doente. Pedio de comer, que já naõ fallava, nem lhe paſſava nada da garganta, e em breve teve ſaude perfeita, e depois vida taõ dilatada, que ſe verificou a circunſtancia, que ſeu bemfeitor lhe promettera.

Domingas Coelha, moradora na meſma Cidade, padecia, havia annos, grande achaque, e dores nos olhos, a que naõ valeo em tanto tempo toda a induſtria dos Medicos. Levou-a a fama do Porteiro de S. Domingos a buſcallo, e pedirlhe, e importunallo por algum remedio, com tal fé, e efficacia, que admirando-a o bom Frade, naõ pode mais defenderſe, e lhe diſſe, que foſſe para caſa, e lavaſſe os olhos com agua limpa, que naõ teria nada. Naõ reparou a fé no facil da cura; lavou a mulher os olhos, e ficou logo, naõ ſó ſem achaque nelles, mas nem mais o ſentio em ſua vida, que foy larga.

Mas caſo novo, que ſuccedeo a Frey Jorze, que vendoſe o prodigio, ſe deſconhece o motivo delle. Eſtava na ſua Portaria, quando chega a ella huma moça, com huma quarta á cabeça, pedindo-lhe, que lha mande encher na fonte, que corre no Clauſtro: ſuſpendeoſe elle á primeira ſupplica; e á ſegunda, rompendo em hum impeto, nelle eſtranho, pega na quarta, e faz tiro com ella a grande diſtancia, em que ſe fez em pedaços. Seguiraõ-ſe os lamentos, e agonias da moça, e voltando a ella Frey Jorze, lhe diſſe: *Ide, ide buſcar a voſſa quarta; e naõ torneis mais aqui.* Volta ella, e vê inteira a quarta, e vem moſtrando-a pela Cidade, contando o que com o Porteiro de S. Domingos lhe ſuccedera, ſeguida de muitas teſtemunhas de viſta. Myſteriоſa foy em Frey Jorze a ira, que de outra ſorte naõ merecera o que ſe ſeguio na quarta. Mas a que effeito huma couſa, e outra, ſe a primeira pareceo impropria, e a ſegunda deſneceſſaria? Porém ao que eſcrevemos compete o reparo, e naõ a deciſaõ. Aſſim paſſaõ pelos juizos dos homens as acçoens dos Juſtos!

A hum Religioſo, grande ſeu amigo, que de outro Convento vinha para o de Evora, diſſe Frey Jorze (abraçando-o na Portaria, e tendo eſtado nella como ſe o eſperara) hum particular, que o Religioſo trazia no penſamento, e a ninguem tinha communicado. Teſtificava-o depois o meſmo Religioſo, que de entaõ começou a ter em mayor eſtima ao bom Porteiro. Tinha graça particular para pacificar animos diſcordes, e fazer amizades. Aſſim reduzia a commercio, e trato Chriſtaõ a muitos entre ſi inimigos, e de envelhecidos odios; e á concordia conjugal a muitos caſados. Eſtas,

e

e as mais acçoens authenticadas em hum proceſſo, que ſe hia fazendo ſobre a vida deſte Servo de Deos, lhe poderaõ já ter adquirido o culto de Canonizaçaõ geral, ou particular, que, ſuppoſto rigoroſo exame, coſtuma dar a Igreja; mas cortou a morte os paſſos, que o Preſentado, e Prégador Geral Frey Franciſco de Souſa começava a dar neſta diligencia, ficando todas ſepultadas no deſcuido deſta Provincia; culpa ſó neſtes particulares tolerada, pelas poucas poſſes della, deſengano, que a acobarda para naõ expor mais filhos ſeus á veneraçaõ Catholica, como a magoa de naõ dar a Deos eſſa gloria, eſſe credito a ſi, e á Igreja.

CAPITULO X.

Do Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, Biſpo de Viſeu, filho do Convento de Evora.

GRandes qualidades concorreraõ no Meſtre Frey Joaõ, para que a ſua noticia (neſte, e mais ſeculos) naõ dependeſſe da noſſa diligencia, baſtandolhe ſeu nome para Chronica; porque o ſeu ſangue o eternizou na duraçaõ de ſua illuſtre Familia, a ſua virtude na ſucceſſaõ dos que com ſeu exemplo foraõ tomando o pezo á ſua Mitra; e a ſua ſciencia nos partos de ſua penna, que nos conſerva a eſtampa. Mas naõ baſta a taõ ſingular Varaõ noticia taõ commua; devaõ os Leitores mais miudas, e eſtimaveis circunſtancias á noſſa noticia, e authorizele a Caſa de Evora com hum filho, que baſtava a fazella venturoſa.

Nella, ſendo ſeu Prior Fr. Antonio Bernardes, Provincial deſta Provincia o Meſtre Frey Franciſco Foreiro, e Meſtre Geral de toda a Ordem Frey Vicente Juſtiniano, tomou o habito o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, filho dos Condes de Vimioſo Dom Affonſo de Portugal, e Dona Luiza de Guſmaõ, e irmaõ de Dom Luiz de Portugal, que depois de ſucceder na Caſa, como legitimo herdeiro della, reduzio a eſcolha o que primeiro foy natureza, paſſando a acompanhar nos Clauſtros Dominicanos ao Meſtre Fr. Joaõ, como ſe quizera no habito fazer ſegundo parenteſco. (Em ſeu lugar nos ſervirá eſta reſoluçaõ de aſſumpto.) Nos primeiros annos veyo Frey Joaõ de Portugal a abraçar os rigores da Religiaõ neſta Caſa, correndo com tanta felicidade, e conſtancia o de approvaçaõ no Noviciado, e os de exame no eſtudo, que (medida ſua capacidade, em tudo grande) ſe fez hum tal lugar nelle, que naõ ſó o eſcutaraõ na Cadeira como Meſtre, mas, alargando a penna a mayores empregos, fez, que o leſſem como hum dos Eſcolaſticos luminares da Theologia, nos dous grandes Tomos, que eſcreveo de *Gratia*, obra digna de deſempenhar hum profundo Theologo no voto dos melhores do ſeu tempo.

O M. Fr. Joaõ de Portugal.

Sobre os nobres aliceſſes da ſciencia, e do ſangue, avulta com mais eſtimaçoens o edificio da virtude. Era conhecida, e venerada a do Meſtre Frey Joaõ, e taõ adiantada em experiencias, que os Religioſos Bemficanos, onde entaõ reſplandecia mais notoria a reſórma da Provin-

Provincia, entenderaõ, que ſó com hum tal Prelado ſeguravaõ naõ ſó a conſervaçaõ, mas o augmento della. Era aquella Caſa de Bemfica para o genio, e eſpirito do Meſtre Frey Joaõ o mais appetecido centro, a naõ lho deſnaturalizar o haver de entrar nelle com o nome de Prelado; quizera o trato daquelles Religioſos, como de companheiros, e naõ de ſubditos; mas o que naõ explicava o cargo, ſoube praticar a induſtria. Eleito em Prior, aſſim foy ſuave o ſeu governo, aſſim achou ſuperfluas as leys, donde a obſervancia era já natureza, que naõ veyo a ter naquella Caſa o bom Prelado mais que o exercicio de companheiro. Aſſim o experimentavaõ pontual naquelles Santos Clauſtros as obrigaçoens de hum particular Religioſo; ſó o ſinalava Prelado a preciſa ley de aſſiſtir a tudo.

Eſta grande capacidade, o reformado de ſua vida em toda a eſtreiteza das Conſtituiçoens, aſſim o adiantavaõ a mayores emprezas, que lhe meteo o Ceo nas mãos huma das que ſe contaõ entre as raras; naõ faltando quem diga, (e he veroſimil) que ſeu exemplo foy o primeiro brado, que o meſmo Ceo deu nos coraçoens dos Condes de Vimioſo, (ſeu irmaõ, e cunhado) para que deixando ſeus Eſtados, ſe recolheſſem aos pobres Clauſtros Dominicanos, e levantaſſem (ſogeita á meſma Ordem) huma Caſa recoleta, que até o preſente he os olhos deſta Provincia, como (ajudando-nos Deos) o moſtraremos em larga, e merecida eſcritura. Aſſim veyo do Meſtre Geral da Ordem, (era entaõ Frey Jeronymo Xavier) commettida ao Meſtre Frey Joaõ toda a direcçaõ na nova fundaçaõ do Moſteiro do Sacramento, ſendo elle ſeu primeiro Vigario, a quem deveo aquella Caſa, naõ ſó o augmento material, que em breve tempo ſe conſeguio a deſvelos de ſua induſtria, mas tambem a alma de ſua obſervancia nos documentos, e leys, (que arrimadas ás Conſtituiçoens da Ordem, apertaõ as obrigaçoens da Caſa) taõ ajuſtadas, e taõ previſtas, que ſem duvida ficaraõ ſendo a mais viva demonſtraçaõ, naõ menos da capacidade grande de ſeu entendimento, que da piedade religioſa de ſeu eſpirito.

Aſſim voava huma, e outra qualidade nas azas de ſua nobreza, que naõ contentes na eſtreita eſféra da Corte Portugueza, ainda eſtreitadas na eſpaçoſa de todo o Reyno, paſſavaõ aos eſtranhos, entrando pelas portas do Palacio Caſtelhano a occupar os ouvidos de Filippe II. a tempo que, vagando o Biſpapo de Lamego, teve eſte Rey a fortuna de premiar merecimentos, ſem o trabalho de conſultar eſcolhas. Paſſou o Meſtre Frey Joaõ a occupar aquella Mitra, deixando já em ſua perfeiçaõ o Moſteiro do Sacramento, e a obſervancia delle, ſendo veneraçaõ, e milagre das eſtimaçoens da Corte, eſtado, em que âinda hoje florece, com tantos eſmeros de virtude, e conſtancias de auſteridade, que a ſeu tempo nos daraõ glorioſo aſſumpto, como em todo nos tem ſervido de credito. O muito, que o Meſtre Frey Joaõ tinha grangeado neſte Reyno, podia ſer a mais certa noticia

do que obraria no cargo, ſendo taõ ingrata a memoria daquelles tempos, que conſentio, que com elle ſe enterraſſem as mais individuaes informaçoens de ſua vida, e naõ nos roubou menos o eſquecimento nos ſucceſſos, que a ſepultura nos ſeus oſſos, ficando ſem eſtes queixoſa a Patria, ſem aquelles a Provincia. Queixoſa a Patria, porque na poſſe da ſua ſepultura prevaleceo Viſeu como ſeu Biſpado, contra Lisboa, ou Evora, que lhe ſervio de berço; a Provincia, porque podendo enriquecerſe, e authorizarſe com mais individuaes, e multiplicadas noticias de ſua vida, alcançou ſó algumas, que vieraõ á noſſa maõ com mais fortuna, que diligencia, polo pouco fruto, que ſe tira deſtas contra os poderes do tempo. Mas na calidade do pouco, que eſte nos perdoou, ſe poderá colligir o muito, em que poderamos alargar a eſcritura, reduzindo agora á de hum Capitulo a que ſem duvida ſeria capaz de avultar em hum Tomo.

CAPITULO XI.

Continuaõ-ſe as noticias do Meſtre Fr. Joaõ de Portugal.

SEm recorrer ao illuſtre de ſeu ſangue, eraõ os cargos, que occupou o Meſtre Fr. Joaõ, divida ás ſuas letras, e virtude; aſſim ſe crê, que a informaçaõ deſtas o pozeraõ no Pulpito de Filippe II. como ſeu Prégador, no lugar de Inquiſidor da Meſa Grande, e no de Vigario do Moſteiro do Sacramento, occupaçaõ, que ao preſente he baſtante a calificar benemeritos, muito mais ſendo o primeiro, que ſe eſcolheo para ella, a voto de hum Geral da Ordem, (e talento como foy Juſtiniano) que queria plantar naquella Caſa o mayor rigor da obſervancia. Eſtes lugares occupou o Meſtre Frey Joaõ: mas como nenhum era mayor que elle, nenhum alterava nelle a vida de verdadeiro Frade. A ſua unica grangearia era ter naquelles poſtos mais que diſpender entre neceſſitados; eſſa era toda ſua ancia, que eleito Biſpo, creſceo com as obrigaçoens da Mitra. Tudo o que lhe vinha á maõ, paſſava ás do Padre Frey Manoel do Roſario, (Religioſo digno da ſua eſtimaçaõ por exemplar, e reformado, que aſſiſtira com elle no Sacramento) eſte era ſeu particular Eſmoler, eſte o de que alcançamos (de ſua meſma letra) eſta memoria.

Era o Moſteiro do Sacramento o primeiro ſoccorrido; o que reſtava, ſe repartia entre viuvas nobres, donzellas recolhidas, e Eſtudantes pobres, eſpecialmente Irlandezes, a quem ajudava com zeloſo intuito, e piedoſa eſperança de Miſſionarios de ſua Patria. Naõ tinha outros empregos qualquer grangearia ſua; o Padre Frey Manoel arrecadava, e diſpendia tudo. Affirmou-o elle meſmo, accreſcentando, que nunca o Meſtre Frey Joaõ pedira contas, nem em ſua maõ tomara dinheiro em toda ſua vida, quanto aos muitos annos em que o conhecera, e acompanhara. Bem alcançava aquelle grande, e bem doutrinado entendimento, que naõ tinha o dinheiro mais preſtimo, que para bem diſpendido, nem mais conta,

ta, que ſer tambem empregado.

Eſte foy na caridade; (todo do proximo) naõ foy menos na obediencia (nada de ſi). Moſtre-o entre muitas huma occaſiaõ. Tratado de hum Prelado com exceſſo, (culpavel deſacordo eſquecerſe de que he pay hum Prelado) aſſim no largo tempo, que o teve proſtrado em venia, como no aſpero, e ſolto das palavras, a que o precipitou inconſideradamente a colera, ſe levantou o Meſtre Frey Joaõ, ſem ſe lhe ver, nem ouvir outra acçaõ mais, que as que ſe praticaõ nas Conſtituiçoens, que he beijar ao Prelado o Eſcapulario, e repetir *Benedictus Deus*, como ſe diſſera: Por tudo ſeja Deos bemdito. Era a innocencia a que eſcutava aquella ſemrazaõ, e nem eſta, nem aquella baſtaraõ a abalar aquella eſtatua do ſilencio mais, que para proſtrarſe ſobre a terra victima da obediencia.

Neſta ſe enſayou ſua humildade, e nem os privilegios da prelazia o eſcuſavaõ dos empregos de mayor ſervidaõ. Era Prior de Bemfica, e ſem faltar a nenhuma obrigaçaõ da Caſa, lia actualmente Theologia. Pelos lugares viſinhos o eſcutavaõ doutrinando Apoſtolicamente aſſim no eſtylo do Pulpito, como no do caminho. Era a primeira ancia, que o levava, eſtender por aquelles ouvintes ruſticos, e atear naquelles coraçoens ſecos a devoçaõ do Roſario, (a que a tinha ardentiſſima) occupaçaõ, que hum culpavel deſcuido, e huma omiſſaõ indeſculpavel nos tirou das mãos, ſendo os filhos de S. Domingos os primeiros, e unicos, que por Inſtituto ſe eſcutaraõ neſtes Reynos, naõ ſó pelos Templos, e Pulpitos, mas pelas praças, e ruas publicas: empregos, de que ſe jactaõ obreiros mais modernos, uſurpando para ſi o nome, que neſta cultura grangearaõ, e ſouberaõ merecer os noſſos, e hoje conſervaõ com credito, e reputaçaõ, ſe bem com menos applicaçaõ, (a auditorios rudes, innocentes, ou incapazes) naõ digamos ſó de eſquecidos, digamos tambem de cançados.

Eleito Biſpo o Meſtre Frey Joaõ, antes foy diſpenſeiro, que Prelado de ſua Igreja, com taõ ſeguro conhecimento de que naõ podia ter outro nome hum Biſpo, como ſe vê em huma reposta, que deu ao ſeu Secretario. Falecendo ſeu irmaõ Dom Nuno Alvares de Portugal, que actualmente era hum dos Governadores deſte Reyno, e deixando cinco filhos orfãos, e deſamparados, (couſa incrivel de quem tinha na maõ hum governo, mas eſperada do auſtero proceder de Dom Nuno, como de hum pay, que deixava a ſeus herdeiros a melhor nobreza deſtes Reynos, com a reputaçaõ de ter occupado nelles os mayores poſtos, ſem que ſe ſentiſſe que tinha filhos) eſcreveo ao bom Prelado ſeu ſobrinho Dom Miguel de Portugal, (que faleceo depois ſendo Biſpo de Lamego) dando-lhe noticia do deſamparo dos orfãos, e de que o cunhado delles o Conde de Monſanto, e Marquez de Caſcaes, levara para caſa dous, baſtante fineza para o parenteſco, e naõ menos carga para quem ſe achava aſſaz attenuado. Concluia finalmente Dom Miguel, que aquelles orfãos naõ tinhaõ já os olhos mais que na-

quelle tio, a que como pobres executavaõ como pay. A eſta ſupplica, ao parecer taõ juſtificada, reſpondeo elle: *Que fóra de ſua Igreja naõ podia em conſciencia alargar a maõ, nem ainda á mais arrezoada eſmola; que elle como tio ſentia o deſamparo, mas como Biſpo naõ ſe lhe podia offerecer para o ſoccorro; que ſe ſeus ſobrinhos quizeſſem vir para ſua caſa, acharião nella, como orfãos do Biſpado, ſuſtento, e enſino.* E advertindo-lhe o Secretario, que huma tal eſmola naõ admittia eſcrupulo, reſpondeo (palavras dignas de tanto Prelado, e de ſe gravarem entre as Armas de todos os da Igreja.) *Ainda naõ ſabeis, que as rendas dos Biſpados ſaõ o dote dos Biſpos; as Igrejas as eſpoſas; os filhos os pobres? Pois para que ſe me deu eſte dote, ſenaõ para os criar ſó a elles?*

Aſſim tinha repartido as rendas do Biſpado, que ficando-lhe para ſua caſa, e familia tres mil cruzados, o que reſtava para dezaſeis (que era a renda toda) paſſava ás mãos da pobreza, mas repartido com tanta prudencia, que naõ chegava ſó aos mendigos, a que de paõ, e dinheiro ſe ſoccorria á porta, mas entrava pelas da viuva authorizada, da donzella recolhida, e do honrado, a que o pejo prendia os paſſos, e tapava a boca, ſentenceado entre duas paredes ao martyrio de ſua miſeria Para o acerto deſte diſpendio tinha peſſoas de confiança em todo o Biſpado, que o aviſavaõ aſſim do deſamparo, como do procedimento dos benemeritos daquelle cuidado, e daquelle ſoccorro. Entrado no Biſpado, eraõ muitos os doentes. Retardavaõ-ſe os medicamentos, porque naõ era prompta a expediçaõ ás petiçoens dos neceſſitados. Naõ ſofreo eſta froxidaõ o bom Prelado, que, como outro Paulo, enfermava com todos. Paſſou huma Proviſaõ ao ſeu Medico Manoel Monteiro, e ao ſeu Boticario, para que, conhecida a pobreza do enfermo, ſe lhe acodiſſe com tudo, ſem que ſe attendeſſe nas receitas ao cuſto, mas ao remedio; antes porque naõ houveſſe falta em nenhum, em a havendo em caſa do enfermo, ſe lhe fizeſſe aviſo.

Quis infirmatur, & ego nõ infirmor? 2. ad Corint. 11.

Aos Religioſos Arrabidos, que tinhaõ Convento em Orgens, (lugar tres legoas da Cidade) diſpoz com ſuavidade a cuſtoſa jornada, que faziaõ ao meyo dia, vindo á eſmola. Aſſentou com o Guardiaõ, (que dava por cauſa de virem ao peditorio áquella hora, o ſer a em que todos eſtavaõ em caſa) que vieſſem os Religioſos de manhãa fóra da calma, que recebeſſem o que achaſſem, e que o que lhes faltaſſe, ſe lhes daria da ſua. Aſſim com huma piedoſa induſtria lhes remediou as faltas, e os livrou de doenças.

Chegouſe certo homem honrado, (de que tinha informaçaõ da muita miſeria, e multiplicada familia) a pedirlhe huma eſmola; e mandando, que ſe lhe deſſem quatro mil reis, e recebendo ſó dous de quem os diſpendia, ficou o homem paſſeando no patio, a tempo que o bom Prelado chegava a huma janella. Chamou-o, e ſabida a cauſa da ſuſpenſaõ, e da detença, perguntou ao Eſmoler porque lhe naõ dera os quatro mil reis, que lhe mandara. *Se-*

nhor

nhor (reſpondeo o criado) *porque entende que ſó dous. Pois agora* (tornou o Biſpo) *dai-lhe oito. E agradeçovos a pouca advertencia, que deſpertou a minha; porque na verdade para quem tem tanta familia, e tanta falta, harto pouco ſaõ oito, quanto mais quatro.*

Pedialhe certo Conego huma eſmola em nome de huma viuva honrada, que dava eſtado a huma filha, e propunhalhe a ſupplica com rodeyos, e frieza. Reſpondeolhe, (atalhando-lhe a pratica) *Senhor Conego, quando voſſa merce me fallar em ſemelhantes materias, falle com mais confiança; que para os filhos naõ ſe pede aos pays com rodeyos.* E mandoulhe dar doze mil reis, que para aquellas partes, e para aquelles tempos era huma aventajada eſmola. Mas outro caſo nos eſtá chamando, trilhado ſó dos mais agigantados paſſos da caridade.

Eſperavaõ-no os criados em huma Dominga, que hia prégar á Sé. Dilatava-ſe conſideravelmente, e era a cauſa da detença chegarſe hum pobre á janella da caſa em que aſſiſtia, (cahia para o patio a janella, e era terreira a caſa) e como ſe lhe moſtraſſe deſpido, e naõ ſe achaſſe o bom Prelado com que remediallo, foy dentro, e deſpindo hum jibaõ, que trazia de poucos dias, o entregou ao pobre, pondo em ſeu lugar hum taõ velho, que elle meſmo o tinha deixado. Soubeſe o roubo, que ſe tinha feito a ſi meſmo: reparando hum domeſtico, e perguntando-lhe, porque naõ uſava do jibaõ novo? *Eu* (reſpondeo) *naõ tenho mais que eſte. O outro levou-o quem o havia miſter mais que eu.* Aſſim entendia eſte Prelado, que eraõ os Biſpos ſervos, e Miniſtros dos pobres, e que naõ devia o Senhor andar deſpido, e o Miniſtro enroupado. Ou entendia melhor a ſua caridade, que naõ era deſpirſe a ſi, o veſtir ao pobre, ſendo advertencia do meſmo Chriſto, o naõ deſprezar nella a ſua meſma carne.

Cum videris nudum, operi eum; & carnem tuam ne deſpexeris. Iſaiæ 58. 7.

Caſos de igual, e mayor circunſtancia lhe ſuccederaõ neſta materia: ſepultou-os o deſcuido. Em nada o teve depois de Biſpo, daquella regra, e eſtylo de vida, que exercitara nos Clauſtros Sagrados da Religiaõ. De manhãa, (antes que o ſentiſſe ſua familia) paſſava huma hora de oraçaõ diante do Santiſſimo Sacramento. A' noite (depois de recolhida ella) outra. Para eſta occupaçaõ, mais vezes continuada no dia, eſcolheo hum quarto baixo para ſua aſſiſtencia; aſſim lhe vinha a ficar a caſa, em que a fazia, com porta para a Capella. Alta noite o ſentiaõ talvez abrilla, por mais que fiava o ſegredo daquella hora. Alli hia buſcar o deſcanço, deſconhecendo-o no leito. Naõ ſabia ter ſocego nas viſinhanças daquelle Divino fogo; ſahia a refrigerarſe, e tornava a accenderſe.

Tinha a ſua abſtinencia duas circunſtancias de martyrio. O jejum, e o naõ poder diſſimulallo. Fazia-o ás vezes com a induſtria de indiſpoſto. Muitos jejuns de paõ, e agua, inventando diſſimulos para o naõ perceber a familia. Acompanhava-os com rigoroſas diſciplinas; ſe eſtas deſcançavaõ, naõ o faziaõ hum cilicio de agudos bicos, ou huma aſpera corda de eſpar-

eſparto, que o cingia com tanta eſtreiteza, que teſtemunhava o ſeu Cirurgiaõ, que algumas vezes (lançando-lhe algumas ventoſas por cauſa de queixa repentina) lhe vira as chagas, e ſinaes della. Antes de ſua morte chamou a hum Pagem, de quem ſó fiava os rigores de ſua penitencia; (eſtava já havia dias de cama, e reſtavaõ-lhe poucos de vida) e ſahindo eſte com as lagrimas nos olhos, de detraz de huma cortina, que lhe cobria a cama, ſe ſoube delle, (depois de importunado, e perſeguido) que o ſegredo fora entregarlhe com muito aquelles inſtrumentos, com que ſe cingia. Agora parece, que o martyrizavaõ mais quando os tirava, na contingencia de ſe ſaber que os trouxera.

Eſtes eraõ os theſouros, que o juſto Prelado eſcondera, em quanto pizou o caminho da vida. Quem aſſim o trazia cuberto, naõ queria, que lhe roubaſſem o theſouro; naõ eſcondello he indicio de o permittir roubado, dizia o grande Gregorio. Temia o penitente Prelado, que o ſalteaſſe a vangloria, e prevenia-ſe com as armas da cautela. Conheceo-ſe bem (depois de ſua morte) a muita que tivera, achando-ſe-lhe nas gavetas de hum contador alguns cilicios, e diſciplinas, onde o ſangue era a melhor rubrica, para ſe entender, que naõ eſtiveraõ ocioſas. Eſtas as peſſas de valor, com que occupava gavetas, como quem ſó nellas ſuppunha as precioſidades de theſouro, com que ſe podia comprar hum Reyno; ou como quem ſabia, que aquelle era o theſouro unico, que vinha a ter preſtimo guardado. Mas hiaõ as penitencias, e a idade conſummindo aquella vida, ſuſtentada ſó a deſejos de mais mortificada, ſobre ſerem os achaques continuos acrédores deſſe pouco que vivia. Romperaõ finalmente em humas dores inſoportaveis, acompanhadas de continuos, e violentos vomitos; durando aſſim tres dias, em que o bom Prelado (que ao primeiro conheceo, que eraõ os ultimos) ſe diſpoz para aquella hora (que o he da vida) com tanto ſocego, como ſenaõ fora para perdella.

Deprædari ergo deſiderat qui theſaurũ publicè portat in via. D. Gregor. homil. 12. in Evang.

Pararaõ impenſadamente os vomitos, recebeo com ſuavidade os Sacramentos, reſpondendo, e ajudando ao da Unçaõ, como ſe antes o dera, que o recebera, ficando com huma nova alegria, que bem ſe lhe diviſava no ſemblante, e como ſe já o reconhecera immortal o achaque, ſem demonſtraçoens delle. Tal era ſua paciencia, ou tal a repreſentaçaõ do premio, que eſperava! Rodeava-o magoada, e ſaudoſa ſua familia, e outras peſſoas graves, que lhe faziaõ aſſiſtencia: voltou a todos os olhos com ſocego; e com voz deſembaraçada pedio a todos perdaõ do mao exemplo, que lhes dera, continuando em huma exhortaçaõ ſobre o que os Catholicos (e eſpecialmente Prelados) deviaõ dar na vida, e na morte, authorizando o que dizia com lugares Sagrados, e acçoens de Santos, com tanta propriedade, e taõ genuina accommodaçaõ trazidos, como ſe aquella hora o permittira, ou elle deſconheceſſe que eſtava nella. Tal era ſeu ſocego! Tal ſua advertencia!

Mas

Mas aquelle era o eſtylo, com que os grandes Prelados da primitiva Igreja paſſavaõ deſta á melhor vida.

Acabou: e pondo os olhos em hum Chriſto crucificado, ſuſpendia a voz, para que fallaſſe o eſpirito, quando dos Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ, lhe diſſe hum: *Senhor, grande conſolaçaõ terá Voſſa Senhoria, de que ſe lhe acabem os trabalhos com huma vida, que, ſervindo ſempre a Deos, mereceo o ultimo premio, como o prometteo S. Paulo: Ipſe autem ſalvus erit.* Ao que com promptidaõ, e voz clara, e percebida de todos, reſpondeo: (continuando o lugar do Apoſtolo) *Sic tamen quaſi per ignem.* Como ſe diſſera: Sim ſe ſalvará, mas como paſſando por fogo. Quiz parecer, (porque em hum tal Varaõ, em tal hora, e com tal advertencia naõ deixava de ſer myſterioſa a continuaçaõ do Texto, que ſe lhe tinha trazido) que fallava de illuſtrado, ou como taõ grande Theologo, deixando pendulo, e dubio o conceito, que ſe podia formar daquellas palavras: *Sic tamen quaſi per ignem*, naõ ſe entendendo de proprio, ou determinado fogo. Porque na intelligencia do Anjo das Eſcolas, noſſo Meſtre Santo Thomaz, valem tanto como dizer: *Eſſe, que foy Meſtre, e enſinou, conſeguirá a vida eterna, mas paſſando por martyrio, por fogo, por penalidade, ou neſta vida, ou no fim della, ou no fim do Mundo.* E quem como eſte penitente Prelado viveo em hum continuado martyrio, parece, que fallava de ſi, como já viſinho áquelle ultimo premio.

1. ad Corinth.cap. 3. n. 105.

Salvus erit ſalute æterna, ſic tamen quaſi per ignem, quem ſe prius ſuſtinuit, vel in hac vita, vel in fine hujus vitæ, vel in fine mundi. D. Thomas hic.

Tornou a levantar os olhos, já nevoados com as ſombras da morte, e pondo-os no Crucifixo, lhe entregou por elles a alma, trocando-ſelhe a cor palida em huma taõ viva, e geſto taõ compoſto, e bem aſſombrado, que lho naõ conheceraõ ſemelhante, nem o viraõ com taõ boa preſença no mayor vigor de ſua vida. Mas eſſas eraõ as ventagens da que agora lograva. Teſtemunhou-o aſſim o Padre Frey Manoel do Roſario, Religioſo da Ordem, reformado, e digno de credito, de que atraz temos já fallado. Naõ mereça menos credito o Padre Fr. Ignacio de S. Payo, Religioſo tambem da Ordem, que aſſiſtia ao bom Prelado. (e eſte o ſeu mayor abono, ſer ſeu eſcolhido.) Advertio eſte Religioſo, que ſobre o apoſento do moribundo ſe deixara ver hum cometa, mais vivo naquella hora, porque conſta, que muitos dias antes ſe diviſara. O em que faleceo o Santo Prelado foy o de 26. de Fevereiro de 629. ás cinco para as ſeis horas da tarde.

Divulgou-ſe a morte pela Cidade, com huns effeitos taõ funebres, como ſe fora enlutando os coraçoens de ſeus habitadores. Todos perdiaõ; os pobres pay; as ovelhas paſtor; a Igreja Prelado. Diziaõ-no os clamores dos neceſſitados, confirmava-o a triſteza, e lagrimas de todos. As mãys apertavaõ nos braços os pequenos filhinhos, e diziaõ: *Filhos, donde hemos de ir? A quem haõde recorrer noſſas neceſſidades, que morreo o Pay dos pobres?* Eſtes lamentavaõ: *Quem nos defenderá dos poderoſos, da ſoberba, da arrogancia, e da violencia, ſe ſe quebrou o eſcudo da noſſa honra, e da noſſa vida:* Diziaõ outros: *Quem*

Quem ſe doerá de nós? Da noſſa afflicçaõ, da noſſa miſeria, da noſſa deſgraça, Se já ſe acabou a piedade, a comiſeraçaõ, a laſtima, e a clemencia? E todos em hum lamento confuſo diziaõ, e bradavaõ: *Donde eſtá o noſſo Biſpo ſanto?* Com eſta demonſtraçaõ (repartida, e repetida pelas janellas, e pelas ruas) acompanharaõ o corpo até a ſepultura. Abrioſe-lhe eſta no pavimento da Capella môr da Sé, para a parte do Evangelho; cobre-a hum grande marmore, em que ſe lêm eſculpidas eſtas letras:

Sepultura do Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, Biſpo que foy de Viſeu. Faleceo a 26. de Fevereiro de 1629.

Pequena urna para tanto Fenix, a naõ tomar a fama á ſua conta outra mais elevada; ou a naõ ſer empreza dos que o ſaõ na virtude, quererem, que ſó lha lavre a humildade. Era o Meſtre Frey Joaõ de proporcionada eſtatura, roſto bem afigurado, mas deſmayado, e ſeco, de exercicios penitentes. Eſtes, como todos os de ſua vida, lhe grangearaõ a antonomaſia de Biſpo Santo, com que ainda em vida o appellidava todo aquelle Biſpado.

CAPITULO XII.

Do Padre Frey Franciſco da Purificaçaõ, e o Padre Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ, que foy Provincial de Armenia, ambos filhos do meſmo Convento de Evora.

O P. Fr. Franciſco da Purificaçaõ.

TOmou o habito, e profeſſou neſte Convento tambem por filho delle o Padre Fr. Franciſco da Purificaçaõ, moſtrando na latinidade, recolhimento, e amor do eſtudo hum talento de tantas eſperanças, que logo começaraõ a ter experiencia no exercicio das Aulas, paſſando ao Collegio de Coimbra, dalli ao Porto, a ler a Cadeira de Moral, que temos publica naquella Cidade, com grande, e experimentado fruto dos Eccleſiaſticos, que alli bebiaõ, e bebem as primeiras doutrinas, adeſtrando-ſe a apacentar o rebanho das ovelhas de Chriſto naquella Provincia, e mais Igrejas deſte Reyno. Naõ era menor o intereſſe, com que o eſcutavaõ no Pulpito, ſendo tanta ſua capacidade para elle, que ouvindo-o cada dia, nem lhe afroxava o auditorio, nem lhe enfraquecia o talento. Do Porto paſſou a Lisboa a continuar a leitoria de Moral no Collegio da Rainha Dona Catharina. Neſte tempo foy eleito Prior de Elvas, Patria ſua; e reſtituido depois á ſua Caſa de Evora, ordenou novo modo de vida.

Era a ſua até alli ordinaria, mas deſcobrindo-ſe já nella almas luzes de que ſe encaminhava á perfeita, em hum genio humilde, e modeſto, huma ſinceridade de animo, que talvez parecia incomparavel com a agudeza de ſeu entendimento, huma pontualidade na aſſiſtencia do Coro, eſpecialmente nocturno,

no, por mais que a occupaçaõ do eſtudo o tinha diſpenſado; e finalmente hum coraçaõ brando, inclinado ao bem do proximo. Com eſte eſtylo de vida foy paſſando, até que alguns annos antes de ſua morte o illuſtrou o Ceo para aperfeiçoalla, merecendo na paſſada o conſelho de adiantar o que lhe reſtava della. Retirouſe de todo o commercio, (ſem ſer viſto mais que nas Communidades) empregando o tempo, que lhe grangeara o retiro, no exercicio da oraçaõ, em que ſe infiammava para os empregos da penitencia, cercando-ſe de cilicios, tomando todos os dias huma diſciplina, e apertando os jejuns da Regra, a que accreſcentava outros de mayor eſtreiteza. Fora ſempre devoto da Senhora do Roſario: agora, como ſe para ella ſó vivera, naõ lhe deixava o Altar. Nelle officiava o Terço todos os dias; nelle cantava a Miſſa todos os Sabbados; nelle fazia as Praticas todos Domingos, tratando-ſe em tudo como hum humilde Capellaõ ſeu.

De noite ſe detinha orando diante de ſua Imagem; em huma o aſſaltou, ao que parece, hum penſamento deſeſperado, (repreſentaçaõ do inimigo, a que ſeu concerto de vida traria já cuidadoſo) porque rompendo o ſilencio em voz alta, e choroſa, como deſafogando-ſe de huma grande agonia, diſſe fallando com a Senhora: *Eu heime de perder Senhora? Naõ fio eu taõ pouco de voſſa grande piedade, e miſericordia: antes ſeraõ os meus peccados occaſiaõ de moſtrar que ſois Mãy de Deos.* E callou continuando os ſoluços. Teſtemunharaõ no alguns Religioſos, (que ſe achavaõ fazendo oraçaõ em diverſas, e diſtantes Capellas) de que Frey Franciſco ſe julgava ſeguro, por ſer fóra de horas.

Enfermou pouco tempo depois, e aggravando-ſelhe a doença, eſcutou ſem ſuſto o ultimo deſengano da vida. Recebeo os Sacramentos devoto, e alvoroçado. Aſſim lhe cahiaõ dos olhos as lagrimas com deſaſſombro, ſahindo-lhe com o meſmo as jaculatorias do peito. Julgava-ſe aquella inteireza por favor de ſua ſoberana Advogada, entendendo-ſe lhe anticipara a noticia de ſua morte, e de que ſe lhe ſeguiria a eterna felicidade; porque, acabada a Unçaõ, chamou hum Religioſo de ſua confiança, e com hum eſtranho ſocego lhe pedio, que mandaſſe dizer a humas ſobrinhas ſuas, que elle eſtava para ſe partir para o Ceo; que ſe naõ deſconſolaſſem, e encomendaſſem tudo a Deos. E voltando-ſe para os Religioſos, que o Prelado, como he coſtume, tinha poſto, para lhe aſſiſtirem, lhes diſſe: *Bem podem ir deſcançar, que iſto naõ he para agora, porque naõ acabarey ſenaõ daqui a oito dias, na primeira Oitava do Natal.* Admiraraõſe todos naõ ſó do que dizia, mas da grande ſegurança, e aſſento com que o propunha; mas moſtrou-o aſſim a experiencia.

Paſſou os oito dias com huma paz, e vida Angelica, ſem mais que fallar em Deos, pedir, que lhe rezaſſem, ou ajudaſſem a rezar o Officio, e Roſario da Senhora, e outras devoçoens, que eſcutava com muita doçura; e chegada a primeira Oitava, depois de advertir, que lhe puzeſſem á cabeceira a Imagem da

Senhora do Roſario, e de Chriſto Crucificado, diſſe a hum dos Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ, que foſſe tocar as taboas, para que ſe ajuntaſſe a Communidade. Tocou-as, ainda que com repugnancia, porque naõ havia no enfermo ſinal de ſer aquella a ultima hora. Com o meſmo conceito reſiſtiaõ os Religioſos a lhe rezar o Officio da agonia, mas pedia-o, e huma véla acceza com tal inſtancia, que pareceo naõ ſe lhe dilatar o que pedia. Tomou a véla, e acabado o Officio, eſpirou placidamente, deixando a todos igualmente ſentidos, e conſolados, em a primeira Oitava do Natal, como diſſera, anno de 1643. Eſtá ſepultado no Capitulo.

O M. Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

Nunca o eſtará o nome de outro filho, em que eſta Caſa podia livrar todo o ſeu credito, o Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ. Nella tomou o habito, e eſte foy o berço, em que começou a criar os eſpiritos, com que depois triunfou, ſe naõ de ſerpentes, de trabalhos. Abraçou todos os da Religiaõ com tanta ancia de fazer com elles ditoſa grangearia, que nem o mais arduo eſtudo lhe enfraquecia a conſtancia. Parco, recolhido, penitente, e adiantado em huma exemplar refórma, como em annos, quiz ſacrificar a Deos os mais robuſtos em mais precioſos empregos. Embarcouſe para a India, donde exercitada, e conhecida ſua grande capacidade, (com que authorizou as Eſcolas daquella Congregaçaõ) alcançou o grao de Meſtre, ſem que nos annos, em que o andou merecendo, afroxaſſe em Pulpito, e Confeſſionario na applicaçaõ da cultura Evangelica, para que o Pay de Familias o chamara.

Ou foſſe outra a cauſa, ou deſejos de dar os ultimos abraços á Patria, voltou para ella; fez o caminho por terra, com a induſtria de caminhar, e aprender, e com tanta ventura, que paſſando por Armenia, eſcutou muito acaſo naquelle remoto clima os já enfraquecidos eccos da voz Evangelica do eſpirito Dominicano, que obediente ao Inſtituto Apoſtolico, naõ ſe eſtreitou a hum ſó hemisferio: *In omnem terram exivit ſonus eorum.* Pſalm.18. Naõ lhe valeraõ a Armenia as diſtancias com que olha para a Europa; lá penetraraõ os deſcobridores de melhores Indias, avaliando por theſouros as almas, que enriqueciaõ Catholicas. Achou aqui o Meſtre Frey Antonio hum pequeno, e pobre Convento de Armenios Dominicanos, e obſervantes a ſeu eſtylo, mas guardando nelle taõ pouca politica Chriſtãa, que os meſmos Sacerdotes cultivavaõ a terra, paſſando do Altar a pegar na enxada.

De outra fórma temos tambem eſta noticia, que o que achou o Meſtre Frey Antonio, naõ era Convento, mas alguns Religioſos diſperſos por differentes partes, vivendo com liberdade ſecular, mas pobremente, ſem terem de Dominicos, e Religioſos mais, que o nome. Começou a congregallos, ou advertillos o novo hoſpede, a darlhe larga, e miuda relaçaõ de noſſas ceremonias, de noſſo exercicio, e obſervancias; pendiaõ da boca do prudente Legislador, como de Oraculo, que o Ceo lhe deſtinara para ſua refórma, e era a vida, que nelle obſer-

obſervavaõ, huma animada eſtampa, a que cada hum começou a compor a ſua. Deſejavaõ Prelado o que eſcutavaõ Meſtre, recorreraõ a Roma, veyo o Meſtre Frey Antonio feito, e confirmado em Provincial de Armenia. Entaõ entrou em mais maduros cuidados de Legislador; fezlhe a noſſo eſtylo Actas, e Ordenaçoens, que vio obedecidas no tempo de ſua prelazia, com tanta gloria de as ver obſervadas, como os ſubditos com goſto de ſe verem obſervantes. Aſſim os deixou taõ induſtriados, como ſaudoſos; e paſſou a Roma.

Era pelos annos de 1684. celebrava-ſe o Capitulo geral, em que ſahio eleito em Meſtre da Ordem o Meſtre Frey Joaõ Bautiſta de Marinis. Achava-ſe na Curia o Preſentado Frey Manoel de Vaſconcellos, aſſiſtindo a algumas importancias do Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro, Provincial deſta Provincia, que tendo noticia da aſſiſtencia do Meſtre Frey Antonio, mandou ordem, para que no Capitulo entraſſe como Diffinidor, e o Preſentado Fr. Manoel como Socio. Aſſim conheceo Roma o ſeu talento, que ainda entre as primeiras perſonagens fazia vulto, e taõ grande lugar a ſua peſſoa, que a teve aquelle grave Congreſſo por hum eſpelho da obſervancia, a que toda a Ordem ſe podia compor, e de que ſe devia authorizar.

Chegado a eſte Reyno, naõ tardou Bemfica em o querer ver ſeu Prelado, como Caſa reformada, e coſtumada a ſemelhante eſcolha. Elegeraõ-no aquelles Religioſos em Prior, honra, que recebeo com agrado, por ter experiencia da verdade, com que naquella Caſa coſtuma ſer eſcravidaõ a prelazia. Alli viveo contente, alli eſmerou as pontualidades de obſervante, vendo-ſe obedecido de huns ſubditos, donde a reſórma, antes que ley, parecia eſcolha, antes que mortificaçaõ, competencia. Deſcançava do cargo, quando o Tribunal do Santo Officio de Evora o chamou para ſeu Deputado. Ainda que honroſo, era trabalho, havia de achallo prompto; deixou Bemfica, partio para Evora. Faleceo por eſte tempo, em que ſe contavaõ os annos 1654., o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro. Promoveo a Sede Vacante ao Meſtre Frey Pedro de Magalhaens de Deputado ao lugar do Conſelho Geral da Inquiſiçaõ de Lisboa; ſuſpiravaõ nella, e nelle pelo Meſtre Frey Antonio, veyo a occupar o lugar de Deputado, que deixava o Meſtre Frey Pedro.

Eraõ já publicas as noticias de religiaõ, e letras, com que o Meſtre Frey Antonio ſe fazia buſcado, para plantar, ou cultivar reſórmas; naõ quizeraõ as muito Religioſas Madres do Sacramento, que ſe queixaſſem do ſeu voto humas qualidades deſtinadas a ſer exemplo. Pediraõ-no, e tiveraõ-no Vigario; mas hiaſe abbreviando a carreira de ſua vida, tantos annos antes ſepultada, porque naõ era ſeu habito mais que huma eſtreita mortalha, que o cingia. O jejum continuo, as penitencias repetidas, e deſcarregadas em hum corpo ſeco, e deſcarnado, o tinhaõ reduzido a hum vivo eſqueleto. Cahio enfermo: e conhecendo logo, que naõ ſeria a a cama mais, que hum breve deſ-

deſcanço para tornar a caminhar para a ſepultura, chamou o Enfermeiro, e fiando delle parte do theſouro, com que tinha comprado o Ceo, lhe entregou huns cilicios, e diſciplinas, para que os ſepultaſſe donde ninguem os viſſe, porque naõ fiava do eſtado, em que eſtavaõ, o ſegredo do eſtylo com que ſerviraõ. Pedio, e recebeo os Sacramentos com animo inteiro: e entre demonſtraçoens penitentes, e compungidas, acabou taõ ſuavemente a vida, como ſe ſe lhe anticipara a certeza de melhoralla, em 15. de Outubro de 1665.

Foy o Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ hum dos ſinalados Theologos do ſeu tempo, de clariſſimo entendimento; de ſua diſcriçaõ, e natural elegancia nos ficou ſegura memoria no additamento, em que deſcreveo o Convento de Bemfica no eſtado em que o poz o deſvelo, e induſtria do Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos. Le-ſe na ſegunda Parte da Chronica do Padre Frey Luiz de Souſa, cuja vida eſcreveo tambem no Prologo della, taõ obſervante nas regras da legitima hiſtoria, que parece, que com aſſumpto lhe deu tambem a penna o Chroniſta. Sem duvida da maõ lha tirou a morte, embaraçando-lhe ſemelhante emprego, a que tinha feito Prologo nas relaçoens das Chriſtandades de Solor, que imprimio, naõ deixando de ſer culpavel em ſua meſma modeſtia, o naõ querer deixarnos em mais largo papel mayor doutrina. Mas praticada maxima entre os grandes talentos, que ſempre teve, e tem eſta Provincia, ſepultar prendas, como ſe as legitimas temeraõ, e ſe acautelaraõ contra as jactancias, ou naõ as deſtinara o Ceo para publicas, caſtigando as omiſſoens dos que, ſepultando o talento, eſperdiçaõ o lucro. Tem ſepultura no Capitulo de S. Domingos de Lisboa. Nem ſe deſcuidou o Ceo de ſingularizalla na opiniaõ, que ainda corre de que ſe vio ſeu corpo inteiro alguns annos depois de ſepultado. Foraõ os que viveo 67. para 68.

CAPITULO XIII.

Do Meſtre Frey Valerio de Saõ Raymundo, Biſpo que foy de Elvas, filho deſta Caſa de Evora.

O Mais moderno filho deſta Caſa, e digno de que ella ſe jacte de o merecer filho, como eſta Provincia de o obedecer Prelado, e a Cadeira de Elvas Biſpo, foy o Meſtre Frey Valerio, filho da nobre Villa de Eſtremoz, de pays honeſtos, de que ſahio com huma Chriſtãa educaçaõ. Paſſou nos primeiros annos á da Religiaõ Dominicana, vivendo nella com obſervancia, e inteireza de vida; nos eſtudos correo as Cadeiras com tal reputaçaõ de Letrado, que foy Oraculo da Theologia no ſeu tempo. Nas prelazias foy taõ conhecido, e buſcado o ſeu zelo, que, depois de occupar muitas, chegou á de toda a Provincia, em que ſua ſeveridade deſempenhou a reforma, como a ſua capacidade encheo o lugar. Aſſim o pertendiaõ os da mayor obſervancia, que o Moſteiro do Sacramento (centro della) o pedio, e conſervou

O M. Fr. Valerio de S. Raymundo.

vou muito tempo ſeu Vigario. Chamou-o o Tribunal ſupremo da Inquiſiçaõ para ſeu Deputado, primeiro de Evora, depois de Lisboa, adonde paſſou para o lugar do Conſelho Geral, que exercitou, e encheo com ſuas letras, prudencia, e modeſtia, acompanhadas de huma agigantada eſtatura, de hum aſpecto iſento, e carregado; naõ porque o foſſe o ſeu genio, mas porque naſceo (como ſua capacidade) ſeu grande talento com aquella recomendaçaõ de reſpeitado.

Finalmente acclamaçaõ commua, que ſeguia, e eſpalhava ſeu merecimento, com as notorias, e excellentes calidades de grande Religioſo, e grande Letrado, o offerecia nas conſultas aos melhores votos deſte Reyno, para os cargos, que nunca o acharaõ pertendente, e ſempre benemerito; deſengano com que elRey Dom Pedro II. o poz na Cadeira Epiſcopal de Elvas, que venturoſamente o recebeo Prelado, e o experimentou Pay. Foy ſagrado em 10. de Mayo de 1683. no Religioſiſſimo Moſteiro do Sacramento, em que actualmente era Vigario, pelo Illuſtriſſimo Arcebiſpo Inquiſidor Geral Dom Veriſſimo de Lancaſtro, Aſſiſtentes o Biſpo do Rio de Janeiro, e Secretario de Eſtado Dom Fr. Manoel Pereira, e o Biſpo de Angra Dom Lourenço de Caſtro, ambos da Ordem dos Prégadores, como ſe verá neſtes eſcritos. Tomou poſſe do Biſpado em 22. de Março de 1683. Naõ mudou Frey Valerio mais que de Cidade, porque naquella começou o ſeu Palacio a ſer mais hum Convento Dominicano. O nû, e deſpido de ſuas paredes, o pobre de ſuas alfayas, o modeſto, e moderado de ſua Familia, naõ era outra couſa. Com o pobre ornato da ſua cella, que levou do Convento de S. Domingos de Lisboa, pouças cadeiras, barra de pao toſco, mantas, e cubertas de ſeu uſo, paſſou a occupar, e veſtir as caſas em que fallava, e ſe recolhia. Na ſua meſa (que era tinelo, a que entrava com os Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ, e alguns Eccleſiaſticos de ſeu ſerviço, que naõ paſſavaõ de quatro) deſconhecido ſempre o regalo, naõ entrava mais que hum prato, (e eſſe moderado) para ſuſtento. O ſerviço da meſa, com ordem, e compoſiçaõ de hum religioſo, e concertado refeitorio, aceyo ſem oſtentaçaõ, ou ornato, porque a ſua prata era ſó à que ſervia nos Pontificaes.

Da aſſiſtencia da ſua Sé ſó ſe diſpenſava enfermo. A eſtes por ſuas mãos adminiſtrava o Viatico, em quanto os achaques lhe naõ impediraõ eſte exercicio; mas nem poderaõ elles mais que ſua caridade; que aos Prelados legitimos da Igreja cahemlhes os grilhoens do pés, e mãos, quando he para o ſerviço della. Já o bom Prelado ſe movia com difficuldade, cheyo de chagas, e miſerias, effeitos, e reſultancias de huma vida, paſſada entre o deſvelo dos livros, e exercicios religioſos, quando eis-que hum dia (a tempo, que todo o Povo tinha concorrido á praça da Cidade a hum divertimento de Touros) vem recado á Sé, pedindo a Unçaõ para hum moribundo. Fezſe final ao Paroco, para que acodiſſe; repetioſe ſem effeito; fez repa-

Et cecide-runt catenæ de manibus ejus. Act. Apoſt. cap. 12.

reparo o Biſpo, manda ſaber a cauſa, e parecendo-lhe, como vigilante Paſtor, arriſcada a detença, ſahe de caſa ligeiro, já antes deſconhece, que atropella o embaraço dos pés; entra na Sé, acompanhado dos ſeus Religioſos, e Meſtre-Eſcola, ſahe como Oleo ſagrado, e naõ podendo ſer ſenaõ pela praça, em que ſe divertia o Povo, o caminho para caſa do enfermo, ſe ſuſpendeo todo aquelle concurſo á viſta daquelle Prelado, daquelles annos, e daquelle zelo.

Eſte era o que tinha o Biſpo Frey Valerio para acodir ás ſuas ovelhas. Igual, e inflexivel o da honra de Deos, ſendo ſua vigilancia digna de mais dilatada vida, que ainda que ſe prolongou a ſua, ſempre parece ſer breve a que he taõ neceſſaria. Roubou a morte na ſua capacidade hum dos mayores eſpiritos, que ſuſtentaraõ aquella Mitra. Chorараõ-no os neceſſitados, e ainda hoje o ſuſpiraõ os zeloſos, porque no eſpaço de ſeis annos deixou exemplo para muitos Prelados, e ſaudades para muitos ſeculos. Morreo pobre, como viveo eſmoler; e acabou com ſocego de eſpirito, como quem ſempre conſultara com elle as obrigaçoens do cargo. Enterrou-ſe entre os ſeus Frades no Convento de Elvas, na Caſa do Capitulo, que fez para jazigo delles, e ſeu. Faleceo em 29. de Julho de 1689. Le-ſe na pedra de ſua ſepultura eſte Epithafio:

D. Frater Valerius à Sancto Raymundo, in Sacra Theologia Magiſter, ex Ordine Prædicatorum, olim in hoc regno Prior Provincialis, Regis, ſupremique Sancti Officii Tribunalis Conſiliarius, ac nonus Epiſcopus Elbenſis, hoc juſſit ædificare ſacellum, pro ſua, ſuorumque fratrum ſepultura, in quo nullus alius poterit ſepeliri.

Obiit die vigeſima nona Julii,
anno 1689.
Mors omnibus utilis: quieſcunt
boni mortui.
Ceſſant peccare improbi.

CAPITULO XIV.

De alguns Religioſos filhos deſta Caſa, notaveis em virtude, e letras.

COm advertencia deixey para eſte ultimo Capitulo, (quanto á noticia deſta Caſa) eſtes filhos della, naõ lhe deſconhecendo, ou negando a antiguidade, que tinhaõ quaſi todos a reſpeito dos que ficaõ eſcritos; mas conhecendo, com a continua queixa do noſſo deſcuido, que de nenhum podia haver noticia capaz de encher Capitulo, a que ſó todos juntos podiaõ dar corpo. Mas nem quero, que percaõ o foro de mais antigos, por entrarem ultimos neſta eſcritura, como nem ſeraõ dignos de menos gloria, por naõ tella mais dilatada, entendendo-ſe, que foy antes roubo do tempo, que falta de aſſumpto. Aſſim ficará baſtando o ſeu nome para fiador de ſua vida, como eſte Capitulo para Catalogo de ſua gloria.

O P. Fr. Jeronymo Ramos.

Mereceo-a de grande, e verdadeiro filho de S. Domingos o Padre Frey Jeronymo Ramos, (que o foy tambem deſta Caſa) que com voto, e applauſo commum ſe deixou ouvir nos Pulpitos deſte Reyno com tanta agudeza de engenho, como fervor de eſpirito. Duraõ ainda em alguns papeis os eccos daquellle brado, que empreſtou á ſua fama, e em que ſe deixou perceber o exemplar de ſua vida. Perpetuou o Prélo a que eſcreveo do Infante Santo Dom Fernando.

O P. Fr. Thomaz do Eſpirito Santo.

Floreceo no meſmo tempo o Padre Meſtre Frey Thomaz do Eſpirito Santo, a que tradiçoens, e memorias mais antigas daõ o nome de Veneravel, eſcutado naquelle ſeculo, taõ coſtumado a achar ſogeitos dignos delle, como a naõ o empregar em quem o naõ foſſe. Viveo eſte Padre muitos annos na India, em que conſervou com incançavel zelo a reſórma, exercitando os Priorados de mais importancia com taõ conhecido intereſſe de todos, que houve de occupar lugar, em que ſe eſtendeſſe a todos elles. Aſſim foy primeiro Vigario, Geral, depois Viſitador Geral, daquella Congregaçaõ, a voto, e diligencia do Veneravel Padre Meſtre Fr. Franciſco de Bobadilha, que entaõ governava eſta Provincia.

O M. Fr. Thomaz Galvaõ.

Naõ foy digno de menos memoria o Meſtre Frey Thomaz Galvaõ, pois entre os grandes deſcuidos, (braços, em que neſta Provincia eſpiraõ as memorias de ſemelhantes talentos) que continuamente vamos ſentindo, e culpando, conſeguio o conſervarſe ſeu nome com alguma individuaçaõ em hum aſſento, que ſe achou neſta Caſa, e diz o ſeguinte:

Erat

Erat vir acerrimi ingenii, egregius Prædicator, & Orator, qui etiam ſtudioſiſſimus fuit non ſolùm linguæ Latinæ, ſed Græcæ etiam, & Hebraicæ; naufragio periit in Indiam navigans cum aliis graviſſimis, doctiſſimiſque Patribus. Anno ſalutis 1590. *die* 18. *Decembris ex portu Ulyſipponenſi profectus eſt.*

Vem a dizer no noſſo idioma: Foy Varaõ de perſpicaz, e vivo engenho, Prégador, e Orador celebrado, eſtudioſiſſimo, e verſado nas linguas Latina, Grega, e Hebraica. Pereceo em naufragio, paſſando do porto de Lisboa aos remotos da India. Partio delle em 18. de Dezembro de 1590.

O M. Fr. Ignacio Galvaõ.

Naõ ſe reconheceo menos talento em ſeu irmaõ o Meſtre Frey Ignacio Galvaõ, que deſta Caſa foy tambem filho, e ella o reconheceo Prelado. Foy grande ſua capacidade para tudo, dotado de hum fecundiſſimo engenho, ajudado de grande eſtudo, como ſe collige de dous Tomos, que eſcreveo ſobre a reza de Santo Thomaz, doutos igualmente, e diſcretos, ſendo mimo da Providencia a deſtreza artificioſa de ſua penna (de que era dotado) para que o bem diſcurſado tiveſſe tambem a ventura de bem eſcrito. Tiroulha da maõ a morte, quando a hia alargando em hum diſcurſo ſobre o Pſalmo *Miſerere*.

O M. Fr. Pedro Calvo.

Foy tambem filho deſta Caſa o Meſtre Frey Pedro Calvo, com quem gaſtamos ſó a noticia de ſer filho della, porque de ſua capacidade grande no Pulpito he voz ainda viva a ſua prédica, que em trez Tomos anda pelas mãos dos melhores profeſſores della, que ſabem eſtimar o ſolido, o ſincero, e o Chriſtaõ de ſua doutrina, bem eſcutada naquelle ſeculo, em que ainda naõ tinhaõ ſobido ao Pulpito os eſcandalos de tablado. Naõ he menor argumento de ſua erudiçaõ outro Tomo, que intitulou *Lagrimas dos Juſtos*. Foy benemerito Prégador de Filippe II. em Portugal III. em Caſtella.

O M. Fr. André de Santo Thomaz.

Mas demnos licença os filhos deſta Caſa, a reconhecer ſingular a hum, que naõ ſó o foy para ſua gloria, mas de toda eſta Provincia, por ſuas grandes calidades, e as que ſó coſtumaõ fazer vulto nos votos della, como ſaõ virtude, e ſciencia. Com eſtas ſe fez conhecido o Meſtre Frey André de Santo Thomaz, taõ reformado, e obſervante Religioſo, que muitos annos o conſervou Vigario o Moſteiro do Sacramento. (Diſſemos já, e ainda o repetiremos em ſeu lugar, que he aquella Vigairaria o melhor argumento de virtude, e authoridade nos eſcolhidos para ella). Alli aſſiſtio o Meſtre Frey André como em centro de ſeu eſpirito, deſcançando dos largos exercicios do eſtudo, a que o tornaraõ a reſtituir, mandando-o ler a Cadeira de Prima na Univerſidade de Coimbra, como ſe roubaſ-

roubaſſem hum centro á ſua virtude, para reſtituirem outro ás ſuas letras. Fraõ eſtas aſſim grandes, e conhecidas, que ſe naõ poderaõ negar áquella eſféra, a que chegaõ as mais abalizadas. Falecco, e ſepultouſe no Collegio de Santo Thomaz de Coimbra, na Capella môr, donde hum grande marmore o cobre, e ao Meſtre Frey Antonio da Reſurreiçaõ, ſeu anteceſſor na Cadeira, de que paſſou á do Biſpado de Angra. Em taõ breve eſpaço eſcondeo a morte dous talentos, que parece eſtreitavaõ o Mundo nomeados. A inſcripçaõ, que ſe lê na pedra, continúa a noticia de ambos, mas partillahemos, para que tenha cada hum em ſeu lugar a noticia, que lhe toca. Diz aſſim:

Prædicatores Theologi Academiæ Primarii....
E continúa na parte inferior.
Frater Andreas á Sancto Thoma Tranſtaganus, Conſultor Sancti Officii, præclarum regularis obſervantiæ exemplar.

Vem a dizer: Prégador Theologo, Lente de Prima deſta Academia, Frey André de Santo Thomaz Traſtagano, Conſultor do Santo Officio, exemplar reconhecido da obſervancia Regular. Fique a outra parte do Epithafio para acompanhar as noticias do Meſtre Frey Antonio.

Naõ he menor argumento para authorizar as do Meſtre Frey André o aſſento, que ſe lê, e guarda em hum livro antigo, que eſtá no Cartorio do meſmo Collegio, e diz o ſeguinte: *Seguioſe por Lente de Prima da meſma Cadeira o Padre Meſtre Frey André de Santo Thomaz, de muita virtude, e letras; foy verdadeiro filho de S. Domingos, e verdadeiro diſcipulo de Santo Thomaz, morreo neſte Collegio, em o qual fez o retabolo da Igreja, e a morte o impedio naõ acabar o Dormitorio, e enriquecer eſte Collegio, ao qual deu tudo.*

Nem ſe póde dizer mais de ſuas letras, e virtude, ſenaõ que foy verdadeiro filho daquelle Pay, e verdadeiro diſcipulo daquelle Meſtre.

Porém naõ ſe jactem as letras de que veſtem mais azas á virtude, quando ſe naõ levanta menos nos braços ſingeleza, e ſãa ſimplicidade, como o meditava bem a Aguia de Agoſtinho, encolhendo as azas á viſta dos vigoroſos voos, com que arrebataõ o Ceo os menos doutrinados. Aſſim o entendia, aſſim o ſuſpirava. Temos para exemplo, entre tantos talentos, tantos Letrados, o Irmaõ Converſo Fr. Paulo do Ermo, que ainda ſepultando comſigo as acçoens de ſua vida (notavel ſem duvida, como teſtemunhaõ em commum as memorias della) ſe faz taõ grande lugar entre os que o tiveraõ grande, que baſta a pedra de ſua ſepultura para mudo Chroniſta. Ve-ſe na meſma Caſa de Evora, e leſe nella o ſeguinte:

Genibundus protulit: furgunt indocti, & violenter rapiunt cœlum. D. Auguſti. in ejus vita.

O Irmaõ Fr. Paulo.

Frater Paulus de Eremo, Converſus, Communitatis zelo, & devotione accenſus hic ſitus. eſt 1623.

Vem a dizer: Jaz aqui Fr. Paulo do Ermo, Irmaõ Converſo, abrazado em fogo de devoçaõ, e zelo caritativo com ſua Communidade.

O P. Fr. Gaſpar do Roſario.

Ainda que naõ com letras, com diviſas, ſe diſtingue tambem a ſepultura do Padre Frey Gaſpar do Roſario, a que ella dá o nome de filho deſta Caſa, naõ ſe deſcobrindo noticia ſegura de que foſſe outra. Foy eſte Padre obſervantiſſimo, capacidade, que muitos annos o deteve na occupaçaõ de Meſtre de Noviços. Todo o tempo, que lhe reſtava da aſſiſtencia deſtes, gaſtava em oraçaõ no Coro. Depois de recolhidos de Matinas, aſſim os diſcipulos, como os mais Religioſos, tornava a elle com cautela; a conſervaçaõ deſta, na aſſiſtencia da Igreja, o ſogeitou ao trabalho de Sacriſtaõ o tempo, que eſteve eſcuſo do noviciado. Entaõ com mais liberdade amiudava as diſciplinas, infalliveis á ſeſta feira, naõ podendo eſconder a crueldade com que ſe feria, ou nos golpes, que ſe ouviaõ a boa diſtancia, ou no ſangue, que cobria mal a ſua induſtria, e diligencia.

O ſeu ſuſtento, paõ groſſo, e o mais duro, que diſſimuladamente lançava em hum pouco de caldo. Caritativo ajuntava á ſua reçaõ os ſobejos, que procurava da meſa, e paſſava á Portaria a polla aos pobres; com elles era todo o extremo de piedade, como toda a diligencia em aproveitar tudo á Caſa. O deſcuido ſó comſigo, hoſpedando-ſe mal, aſſim de interiores, como de cama de lãa. Era de coraçaõ ſingelo, aſſim taõ facil em ſe deixar enganar da malicia, e da traveſſura, como em ſe mover a lagrimas, mas empregadas ſempre em objectos pios, outras vezes cahindo-lhe voluntarias; ſeriaõ fruto de ſua contemplaçaõ. Eſte dom piedoſo lhe ganhou com a ſemelhança o nome daquelle Profeta, (porque lhe chamavaõ o Jeremias) que as trazia ſempre nos olhos. Aſſim parece, que reproduzira o Ceo em Frey Gaſpar a ſua piedade, e o ſeu zelo, para lamentar em o ſeculo naõ menos calamitoſo. Faleceo neſta Caſa com as demonſtraçoens, que ſe eſperavaõ de ſua vida, e grande opiniaõ, que ainda hoje dura.

O M. Fr. Manoel Ferreira.

Naõ foy menos a que deixou o Meſtre Frey Manoel Ferreira, Deputado do Santo Officio no Tribunal de Evora, ainda que ſem noticia individuada do que nos podera dar materia a mayor eſcritura. A modeſtia nos olhos, e roſto, a reſórma nas acçoens, e habito, davaõ bons indicios da eſtreiteza, em que vivia ſeu eſpirito. Na Cadeira ſe fazia eſcutar com reſpeito, com goſto, e admiraçaõ no pulpito, ainda que pouco confiado nas promptidoens da memoria. Prudente, e ſofrido, naõ ſó o achavaõ as injurias mudo, mas ainda benevolo.

volo. Aſſim viveo, e morreo, com opiniaõ commua de grande Letrado, e grande Religioſo.

O P. Preſentado Fr. Antonio Vel.

Com eſtas duas calidades ſe grangeou ſingular reputaçaõ o Padre Preſentado Frey Antonio Vel. Creſcia eſta cada dia mais nos olhos do Povo, que o reparava huma viva imagem da obſervancia. Tal era ſua compoſtura em os olhos, e acçoens, naõ ſó no publico da Cidade, mas no retiro do ſeu Convento. Acabou as Cadeiras, que occupou, e encheo com bom nome, e diſpenſando-o a Religiaõ, como faz aos Preſentados, em premio de tantos annos de trabalho, elle recuſando modeſtamente eſſe premio, começou a ſeguir as Communidades com as pontualidades de particular Religioſo, aſſiſtindo a tudo, como o mais obrigado. Grande miniſtro da occupaçaõ Dominicana, ſobia ao Pulpito com applauſo dos ouvintes, e lucro das almas; o que por ſeu trabalho lhe offereciaõ, paſſava logo ás mãos da pobreza, talvez ao pé do Pulpito, em que o merecia, e grangeara. Aſſim era caritativo. Experimentava-o o deſamparo de gente honrada, de que na Cidade tinha noticia, acodindo-lhe todos os mezes, ou com o ſuor do ſeu trabalho, ou com a limitaçaõ do ſeu depoſito. Faleceo com o ſocego de quem no Ceo o tinha guardado, como ſe aprendera do Apoſto o aſſim a diligencia, como a eſperança. Eſtá ſepultado neſta Caſa. Na ſua ſepultura ſe vem huns azulejos com o ſeu ſobrenome por diviſa. Coſtuma inculcar veneraçaõ ſemelhante advertencia.

1. ad Thimot. 1. 12. Potens eſt depoſitũ meum ſervare. Depoſitũ æternam ſalutem quam eminet pauperibus erogando. Hugo, hic.

Do Meſtre Frey Gaſpar de S. Jeronymo, que foy Vigario Geral da Congregaçaõ da India, e Deputado do Santo Officio, e Frey Antonio Tarrique tambem Deputado em Evora, ha memorias de religiaõ, e letras, mas confuſas, e fiadas ſó da tradiçaõ, que eſcureceraõ os tempos, talvez com a injuria de nos roubarem memoraveis aſſumptos. Do Meſtre Frey Gaſpar ficou a noticia de que faleceo navegando da India para a China com o Biſpo Frey Joaõ da Piedade, tambem da Ordem.

O M. Fr. Gaſpar de S. Jeronymo.

O P. Fr. Antonio Tarrique.

Outro ultimo filho, que merece fazer numero entre os benemeritos deſta Caſa, he o Padre Frey Gaſpar Soares, porque alguma memoria ſua, a que perdoou o tempo, e eſcapou das injurias do deſcuido, nos diz, que faleceo neſte Convento de Evora pelos annos de 1625. e naõ ſe deſcobrindo noticia de Caſa, a que pertença, lha fica dando a ſepultura, conjecturando-ſe, e bem, que coſtumaõ os Religioſos entrados em dias, ir a acaballos á Caſa, que lhes ſervio de berço. Aſſiſtio eſte Padre por Prelado na Vigairaria, que tivemos em Tangere. Sua grande religiaõ, e zelo o levaraõ áquellas partes, adonde entendeo, que ſe offereceriaõ mais occaſioens de ſervir á Patria, e a Deos. Aſſim o achavaõ os enfermos á cabeceira; aſſim o eſcutavaõ os deſencaminhados no Pulpito; aſſim o encontravaõ os arrependidos no Confeſſionario: era taõ grande ſeu fervor, que prégando em huma occaſiaõ contra as abominaçoens de Maſoma, ſe accendeo de ſorte ſeu zelo em reprehendellas, e confutallas, que hum Mouro (ſem du-

O P. Fr. Gaſpar Soares.

vida dos cativos, que havia na Praça) atrevido, e deſatinado, o ſinalou com hum golpe no roſto. Hoje ſe vê no ſeu retrato como brazaõ daquelles, de que ſe gloriava o Apoſtolo.

Uſque in hanc horam, & eſurimus, & ſitimus, & nudi ſumus, & colaphis cædimur. 1. ad Corinth. 4. 11.

O muito, que eſte Padre trabalhou naquella Praça, o grande exemplo, que ſe admirava em ſua vida, as letras, que authorizavaõ ſua peſſoa, (de que ficaraõ boas teſtemunhas em varios eſcritos, que deixou eſpalhar, e perder a noſſa culpavel inadvertencia) arrezoaraõ a eleiçaõ, que delle ſe fez para Biſpo de Targa. Até aqui chega a eſcaſſa noticia, que nos deu materia a eſta limitada lembrança, com a repetida magoa de perdermos grande materia. Sem duvida grande, e inferida deſte pouco, que temos dito, eſtreitando a penna ás eſcrupuloſas leys de eſcrever o preciſo da tradiçaõ, na eſcritura, que deſcobrio, antes deſenterrou a noſſa diligencia, ſem lançarmos maõ das liberdades falliveis da conjectura, porque naõ he, nem póde ſer noſſo animo alargar eſcrituras, mas perpetuar verdades. Entendemos ſim o muito a que ſe podiaõ eſtender as memorias deſte Padre por duas razoens. Primeira, porque ſe naõ fiava o governo daquella Vigairaria de Tangere, menos que de eſpiritos muito examinados; ſegunda, porque naõ coſtumaõ deſcançar as Mitras ſenaõ em mayores talentos. Aſſim podiamos augmentar as capacidades de Frey Gaſpar, das que ſe buſcavaõ para o emprego, em que as memorias nolo propoem occupado. Faleceo neſte Convento de Evora. Tem nelle ſepultura, ainda que deſconhecida.

Naõ ſerá bem que o fique a lembrança de outros dous filhos deſte Moſteiro, benemeritos delle, e della, e ſaõ os ultimos de que tivemos noticia. Foraõ elles o Padre Frey Franciſco Veloſo, e o Meſtre Frey Bartholomeu Ferreira. Teve a morte de hum, e outro circunſtancias dignas de reparo; eſtas nos daraõ breve aſſumpto. Foy Fr. Franciſco Veloſo Religioſo de muita capacidade, que o poz nos lugares de Prior das Alcacevas, Elvas, e finalmente de Evora. Fora eſte para Confeſſor da Madre Sor Maria de S. Joſeph, (Religioſa Carmelita Deſcalça) antes de ſe recolher no Moſteiro de S. Joſeph, Caſa de Santa Thereſa na meſma Cidade de Evora. Era a Madre Sor Maria peſſoa de grande eſpirito, e praticava alguma vez com o Padre Frey Franciſco as importancias, e deſafogos delle; e ſuccedeo, que em huma das praticas, depois de varias conferencias, em materias, que ſempre deviaõ ſer meditadas, ſe propoz qual ſeria na Paixaõ de Chriſto o Paſſo de mais comiſeraçaõ para o coraçaõ humano. Reſolveo o Padre, que o conſiderar ao Senhor com as mãos atadas. *Eſte Paſſo* (continuava inflammado em ardor compaſſivo) *me eſtreita, e me fere o coraçaõ. Atadas aquellas mãos, que criaraõ o Ceo, e a terra! Atadas aquellas mãos, que ſe eſtenderaõ a dar vida, e vida eterna, ao meſmo homem ingrato, que as ata! Atadas aquellas mãos, em que o Eterno Pay poz todos os theſouros de ſua ſabedoria! Atadas eſtas mãos! Eſtas mãos!* E como ſe a dor lhe penetrara vivamente o coraçaõ, cahio ſem alento da cadei-

O P. Fr. Franciſco Veloſo.
O M. Fr. Bartholomeu Ferreira.

cadeira. Bradou aſſuſtada a Religioſa, chegou o Leigo, que tinha ido por ſeu companheiro, e vio, que tinha paſſado deſta vida, a receber daquellas mãos, que chorara prezas, a coroa, que prometteraõ aos ſeus fieis, glorioſas, em Março de 1687.

Naõ coroou menos glorioſamente a idade de 90. annos o Meſtre Frey Bartholomeu Ferreira, que foy Provincial deſta Provincia, e Deputado no Santo Tribunal de Evora. Tinha-o já a irremediavel enfermidade de velhice entrevado em huma cama; levantouſe della para adorar, e receber o Senhor, que lhe trouxeraõ por Viatico, reſolvendo os Medicos, que duraria pouco. Pedio logo a Unçaõ, e depois della, entrou a rezar o Officio Divino; acabada Noa, entrou na ultima agonia, reſpondendo a todo o Officio della até a Ladainha, e ao pronunciarſe S. Bartholomeu, já ſe lhe naõ percebeo a reposta, mas com ella na boca paſſou deſta vida, entendendo-ſe, que o Santo, que lhe dera o nome, o viera encaminhar á mayor felicidade.

Naõ neguemos neſta Caſa a memoria a hum filho, que a fez preciſa com o exemplar de ſua vida, e o laborioſo de ſua penna, que foy o Padre Frey Joaõ dos Santos, a que devemos as mais fieis noticias da Ethiopia Oriental, que foy ſó o que conſeguio o beneficio da Imprenſa.

Para fim, e remate deſte Capitulo, ſatisfarey a hum eſcrupulo, em que poderáõ tropeçar os reparos de quem ler. Faço aqui memoria do Meſtre Frey Thomaz do Eſpirito Santo, convencido de que naõ he eſte o de que o Padre Frey Luiz de Souſa faz memoria no quarto livro da ſua terceira parte da Hiſtoria deſta Provincia; porque ſendo eſte, de que fallo, Vigario Geral da Congregaçaõ, o naõ acho na ſerie delles; como nem entre os Religioſos, que por Março de 1548. mandou o Meſtre Frey Franciſco de Bobadilha para ſe fundar a primeira Caſa da Ordem em Goa. Teve mais o outro Religioſo o cargo de Deputado do Santo Officio, que naõ leyo deſte ſegundo, ſendo veroſimil, que naõ era circunſtancia, que admittiſſe eſquecimento. Finalmente, ſe ſaõ diſtinctos, deva-ſe á minha reſoluçaõ o naõ temer a duvida, por lhe naõ faltar com taõ merecida lembrança. Se he o meſmo, perdoeſeme o repetilla, que em tanto Varaõ ſeria providencia acharſe eſte caminho de dilatalla.

CAPITULO XV.

Do Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos. Entra na Religiaõ; cargos, que teve nella; como ſe houve nelles.

HE Bemfica aquella antiga claſſe de virtudes, donde desde ſua primeira fundaçaõ, no anno de 1399. até o preſente de 1706. ſe exercitaraõ tantos, e taõ eminentes Meſtres, que os poderaõ envejar as auſteras Eſcolas da Thebaida, admirandoſe, que taõ longe della ſoubeſſe deſcobrir igual deſerto o recolhimento do eſpirito. He o ſitio accommodado para os empregos delle; porque retirado da eſtada, ſe recolhe á ſombra de hum monte, que ſem a penſaõ

ſaõ de o deixar triſte, lhe offerece o campo de huma graciosa, e freſca varge, em que ſe eſtende fertil domicilio, em que as plantas, as flores, e as aves bemquiſtaraõ a terra, hoſpedadas da natureza. No meyo ſe levanta o Convento, que melhorado a deſvelos, e induſtrias do Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, teve já na ſegunda parte da Chronica a primeira, que lhe podia dar a ventura, depois das ſingularidades da ſua fabrica, lograndoas na penna, que ſoube deſcrevella. Aſſim ſe moſtra taõ igual, taõ perfeito, e acabado, como bem trabalhada emenda de todos os modernos, dignamente merecida de ſeus habitadores, que ſempre a foraõ conſervando no antigo foro de domicilio das virtudes. O aceyo da Igreja, e officinas, o ſilencio obſervado em todas, o recolhimento dos Religioſos, he hum mudo brado, que a todos eſtá dizendo os ſeus exercicios, como ſe aquellas ſantas paredes tiveraõ bocas para eſtar prégando reformas: que a peſſoas notaveis ouvi dizer, entrando pelo Dormitorio (que ſempre ſe acha deſembaraçado) que naõ podiaõ ſenaõ fallar de manſo, accuſados de taõ piedoſo ſilencio. Eſta foy a officina daquelles grandes eſpiritos, que ſentenceando ſe ao carcere de huma cella, donde o Mundo os ignoraſſe vivos, ou os eſqueceſſe ſepultados, aſſim começaraõ a cultivar o aſpero deſerto da recoleta, que a pezar de ſua modeſtia, romperaõ os brados de ſua penitente vida as paredes da Clauſura, a ſerem aſſombros de toda a terra. Aſſim foraõ ficando aquelles ſantos exemplos em huma ditoſa herança aos filhos deſta Caſa, de que até o dia de hoje enriquecidos trabalhaõ para novos herdeiros. Seja o primeiro o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, a quem eſte Convento ditoſamente mereceo, ſobre a conſervaçaõ de virtuoſos progreſſos, o melhoramento de novos edificios, devidos eſtes á ſua induſtria, como aquelles á ſua aſſiſtencia. Naõ foy o Veneravel Padre filho deſte Convento; mas quando o naõ perfilhaſſem as virtudes, bem podiaõ os annos, que nelle aſſiſtio, (reformando-o) e foy delle Prior, darlhe hum lugar entre os filhos, como o deſvelo de Reedificador adiantallo nelle a todos. Com eſta forçoza razaõ ſeja o exemplar grande de ſua vida authorizado prologo ao continuado de ſua refórma. Diſpenſe eſta preheminencia o Convento de S. Paulo de Almada, de quem foy filho, para que logre eſte deſempenho o de Bemfica, de quem foy Pay, e ficarlhehá ainda devendo eſta Caſa, ſobre o melhorarlhe a architectura, o confirmarlhe a fama. Aſſim havendo de eſcrever dos filhos de Bemfica, pomos primeiro quem lhes reedificou a Caſa.

Mas entremos no eſpaçoſo mar de noticias, que ſó á ſua capacidade grande ficará rio pobre, e apoucado. Tanto foy o que achou a noſſa diligencia! Tanto o que eſcondeo a ſua modeſtia! Ninguem duvida (que he commua experiencia) o quanto debil a natureza vay perdendo os vigores com o longo curſo das idades. Aſſim neſta, em que já parece, que caduca,

ſaõ

ſaõ froxos os partos, com que povoa a terra, como ſe começara a moſtrar o que ſe vay aviſinhando aos ultimos periodos de ſua vida. Só a graça na propagaçaõ da virtude, ſem reſpeitar ſeculos, enriqueceo ſempre a terra com robuſtos, e vigoroſos partos, repartindo por todas as idades a feliz producçaõ de ſeus Heroes. Reſplandeceo entre elles o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos com eſpiritos taõ aventajados de virtudes, letras, e nobreza, que, ſe por eſta naſceo Principe, naquellas foy Oraculo.

Foraõ ſeus pays Dom Manoel de Vaſconcellos, e Dona Luiza de Vilhena, das grandes, qualificadas, e eſclarecidas Caſas (em huma, e outra linha) de Marialva, e Santa Cruz, taõ conhecidas, e veneradas, naõ ſó neſte Reyno, mas em todo o Mundo, que o nomeallas he mais ſeguro Panegyrico. Grande parenteſco, naturalmente travado entre a virtude, e a nobreza! E com huma muy clara ſimpatia, porque ſe a nobreza faz grandes para a terra, a virtude os faz para o Ceo, como ſe a graça ſe permittira a emulaçoens com a natureza; e naõ deixarey de reparar em a piedoſa reflexaõ de hum entendimento politico, e bem conſiderado, a quem muitas vezes eſcutey, que diſpenſara Deos a noſſo grande Patriarcha, que os mais dos Santos filhos ſeus juntaſſem em ſi aquellas tres qualidades de Santos, ſcientes, e nobres, como ſe naõ houveſſe circunſtancia no Pay, que os naõ legitimaſſe filhos. Em nada deſmereceo eſte nome eſte grande Varaõ, e já deſde os primeiros annos começaraõ a ſer dignos do reparo de todos aquella ſogeiçaõ, modeſtia, e madureza, a que ſobreſahia hum feliz engenho, taõ conhecidamente dado do Ceo, que para grangear com hum muitos talentos, lhe deſtinou por Meſtre o que o era conſummado em virtudes, e letras, o Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ (chamado hoje vulgarmente o Beato Antonio) da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, que no Convento de S. Bento dos Loyos reſidia neſte tempo, e foy eſcolhido para eſte miniſterio, porque entendia, que buſcar hum Meſtre Santo era lograr no exemplo ſegundo enſino.

Aſſim ſuccedeo a Dom Alvaro Mendes, (que aſſim ſe chamou primeiro o Veneravel Padre) porque a virtude do Meſtre o diſpoz para Santo, e aſſim o capacitou o enſino para Letrado, que com grandes eſperanças de ſeu talento paſſou a augmentar o numero da nobreza no celebre Collegio de S. Pedro, ſendo ſeu Porcioniſta, e a admirar toda a Univerſidade de Coimbra com ſeu eſtudo, ſeu recolhimento, e ſua modeſtia. Aſſim trazia repartidas as horas, que ſem faltar á minima circunſtancia de ſua obrigaçaõ, lhe ſobejava tempo para conſultar as melhoras de ſeu eſpirito, que bem meditadas da capacidade de ſeu entendimento, o aconſelharaõ a pizar aquelle caminho, por donde a virtude, e as letras lhe levavaõ ſuavemente o genio. Eſta he a raiz dos acertos, ou dos erros, que cada dia, ou ſe admiraõ, ou ſe choraõ, quererem talvez, que

a eſcolha da vida reſpeite commodos, e naõ genios. Povoaõ-ſe as Aulas dos que talvez entrariaõ melhor nas campanhas; eſtreitaõ-ſe nos Clauſtros, os que parece que ainda abafaõ no Mundo, ſendo taõ natural, e praticada a maxima de examinar primeiro o genio, que reduzillo a exercicio, que até a maõ de Deos (a quem tudo he facil) buſca nos ſogeitos diſpoſiçoens previas, para lograr acçoens proporcionadas. Para lavar culpas buſca no Bautiſmo o natural das aguas.

Conhecia Dom Alvaro o ſeu genio, illuſtrava-o a vocaçaõ, que continuamente lhe fallava ao eſpirito; tinha ponderado, entre as outras Religioens, na Dominicana aquella continua, e incançavel alternaçaõ do Coro, e a Aula, em que taõ felizmente trabalhaõ os eſpiritos, o melhor (*non plus ultra*) de Santos, e Letrados. Eſte era o centro do ſeu genio; diſpoz, que o foſſe de ſua vida. Achava-ſe neſte tempo em Portugal o Meſtre Frey Martinho Eſcay, deſta Sagrada Familia, vindo a viſitalla por ordem do Reverendiſſimo Meſtre Geral Frey Jeronymo Xaxierre. Chegou a Coimbra, quando Dom Alvaro com huma Sagrada ambiçaõ de eſpirito dava calor á venturoſa reſoluçaõ de veſtir o habito. Conheceo o Viſitador as grandes qualidades, que apadrinhavaõ o pertendente, mas dilatoulhe o deſpacho, por examinarlhe o propoſito, reconhecendo com madureza, que naquella idade, poſta nos liſongeiros braços da eſperança como mayor negaça da vida, ſaõ talvez ſemelhantes acertos aconſelhados muito á ligeira dos acaſos, e ſó tardaõ de arrependidos o que ſe lhes dilata de conſiderados. Naõ tinhaõ eſte riſco as reſoluçoens taõ meditadas de Dom Alvaro, porque quem lhe abrio os olhos para a eſcolha, tambem lhe aconſelhava a razaõ para a conſtancia. Taõ fina a deſempenhava o diſcreto pertendente, que ſem perdoar a diligencias, a continuas viſitas, inceſſaveis ſupplicas, e piedoſas profias, bem deixava examinar, que ſem duvida era Celeſte o norte, que aſſim o trazia a pizar o caminho da humildade. Acabou de convencerſe o Viſitador, eſcreveo ao Prior da Batalha, que lhe lançaſſe o habito; partio Dom Alvaro taõ ligeiro, como andava deſejoſo; lançouſe aos pés do Prelado com tantas demonſtraçoens de ſatisfeito, como quem na vida naõ aſpirava a outro premio; voltando aſſim as coſtas ao que o Mundo podia dar ás ſuas prendas, que até lhe engeitou o nome, ou como quem queria, que dalli em diante lho naõ ſoubeſſe, ou porque nem eſſe divida lhe conteſſaſſe, moſtrando-lhe no que tomava de Joaõ, a Sagrada induſtria, com que a graça o reproduzia á melhor vida.

Naõ levaraõ bem ſeus parentes a eſcolha deſta; que talvez inconſiderada a nobreza teme apoucados os brazoens eſclarecidos na humilde eſtreiteza dos Clauſtros, ſem eſcutar as vozes de hum Rey Santo, diſcreto, e deſenganado, em cuja eſcolha valiaõ mais os abatimentos da Caſa de Deos, que a ſumptuoſidade de ſoberba dos Palacios da terra: *Elegit abjectus eſſe in domo Dei mei, magis quam habi-* Pſalm. 18.

habitare in tabernaculis peccatorum. Chegaraõ as queixas aos Reaes ouvidos de Filippe III. aos mal informados do Nuncio Apoſtolico, que entaõ reſidia na Corte, com quem culpavaõ o Viſitador, e o Prior da Batalha, como cumplices na reſoluçaõ do Noviço, alcançando huma ordem, para que foſſe trazido a Lisboa, e reſtituido a ſua caſa. Obedeceraõ os Prelados; veyo a Lisboa o Noviço, foy depoſitado em Santo Eloy, campo, em que o noſſo Soldado da milicia Dominicana reſiſtio á porfiada bataria, com que ſeu pay, e parentes determinaraõ conquiſtar ſua conſtancia, taõ inteira ſempre nas repeticoens do combate, como ſe com o nome tivera deſpido as ſimpatias do ſangue. Prevaleceo contra elle a reſoluta valentia de ſeu animo, que doutrinado do Evangelho, ſabia que, para ſeguir a Chriſto, ſe podia reſiſtir a hum pay com odio ſanto. Naõ ignorava, que com o diſſimulo do parenteſco repetia aquelles aſſaltos o demonio; mas quem ſe deſtinava a melhor Hercules do eſpirito, havia de começar deſpedaçando ſerpentes no berço.

Siquis venit ad me, & non odit patrẽ ſuum... non poteſt meus eſſe diſcipulus. Lucæ.14.

Ficou Frey Joaõ continuando o Noviciado em o Convento de Almada, donde ſervindo de exemplo, e de aſſombro aos Religioſos, profeſſou ſolemnemente aos 11. de Mayo de 1608. Teve por Meſtre de Noviços o Padre Meſtre Frey Manoel Pereira, peſſoa ſinalada em virtude, e ſciencia, ſendo Provincial, e Viſitador o Meſtre Frey Martinho Eſcay, e Geral da Ordem o Meſtre Frey Jeronymo Xavierre, já Cardeal. Paſſou logo ao Convento de Lisboa, e voando nos eſtudos, os coroou taõ felizmente no Real Collegio de Santo Thomaz de Coimbra, que obrigando-o os Prelados a reſtituirſe a Lisboa, começou a ouvirſe nas Cadeiras de Filoſofia, e Theologia como Oraculo de huma, e outra. Eſcutou-o com a meſma fortuna, e na meſma occupaçaõ a Univerſidade de Evora, ſem que os inſuperaveis trabalhos do eſtudo o obrigaſſem a diſpenſar com as piedoſas occupaçoens do eſpirito, paſſando talvez a diſciplina áquella maõ, que inda naõ deſcançava da penna.

Contava 35. annos de idade quando foy eleito em Prior do Convento de Bemfica, que como morgada da reſórma de toda Heſpanha, ou como primeira convaleſcença da ſegunda peſte da Clauſtra, eſtava coſtumado a Prelados taõ unicos, que contava hum Frey Vicente de Lisboa, e hum Frey Bartholomeu dos Martyres, hum, e outro taõ conhecidamente Heroes, que já o querer repetir ſuas letras, e virtudes, fora aggravar a eſpalhada noticia de ſeus nomes. Eſte foy o lugar, que o Veneravel Padre occupou; e o pouco, que contava de annos, foy o muito que provou de ſingularidades. Eſcuſara-ſe primeiro ás de Prelado, por aborrecer até os eccos do dominio; que nem as prelazias tem mais que as vozes da ſuperioridade, ſendo verdadeiramente humas eſcravidoens, que authorizou o nome. Era eſte taõ malquiſto na humildade de Frey Joaõ, que intentou rebatello com a arrezoada deſculpa de eſtar actualmente lendo Theologia; e era razaõ

de grande conſequencia, porque ſe privavaõ as Eſcolas do grande intereſſe de ſua doutrina, porque o tiveſſe hum lugar, em que as letras, inda que ſempre authorizaõ, poucas vezes ajudaõ; e parecia genero de injuſtiça entre a Provincia, e o Convento, perderſe hum bom Letrado, por ſe conſeguir hum bom Prior. Acodio a providencia do Provincial, (que huma, e outra qualidade reconhecia nelle;) e mandoulhe, que leſſe Theologia no Convento; e conſeguio o Prior, e naõ perdeo o Letrado. Obedeceo Frey Joaõ como homem, mas parece que ſe atreveo como Anjo, porque repartido por tantas occupaçoens, queria ſer todo para cada huma, que ſó iſſo he ſaber ſer para todas.

Aqui ſe admirava eſte grande talento homem de todas as horas, diſpondo-as aſſim entre devoto, e eſtudioſo, que inda lhe ſobejavaõ as preciſas para o governo. Nada parece que lhe tomava o tempo, porque ſó hum naõ foge, que he o bem empregado. Eſte o milagre quotidiano, com que Noſſo grande Patriarcha premea o deſvelo de ſeus filhos, que, ſendo na ſua familia taõ continuas as horas do Coro, aſſim ſaibaõ dar lugar ás do eſtudo, que cada dia ſayaõ delles ſogeitos taõ doutrinados, como ſe ſó huma applicaçaõ os trabalhara unicos. Naõ faltava o grande Prelado no Coro; naõ faltava na Cadeira; naõ faltava no temporal da Caſa; como ſe a Providencia reproduzira outro Paulo, feito para todos, feito para tudo; e com hum taõ ſingular ſocego (de que ſua modeſtia, e compoſtura era teſtemunha juſtificada) como ſe a contemplaçaõ lhe andara aproveitando aquellas reliquias de tempo, que mediavaõ entre o buſcar huma occupaçaõ, e o deixar outra; aſſim ſahiaõ ſempre todas as ſuas acçoens a ſer acertos, com que trazia os ſubditos doutrinados, e ſuſpendidos.

Omnibus omnia factus ſum. 1. ad Corinth. 9. 12.

Era grande aquelle coraçaõ por naſcimento, por genio; nenhuma difficuldade o aſſombrava, nenhum trabalho o vencia. Paſſou afouto a meditar hum grande emprego, ſem mais apoyos para a reſoluçaõ, que aquelle eſpirito, que doutrinado nas eſcolas do Ceo, aprendera a mudar os montes nos valentes braços da Fé. Cedia já neſte tempo ás continuas batarias delle a antiga fabrica do Convento de Bemfica, ou porque os muitos annos ſaõ o mortal achaque dos mais robuſtos edificios, ou porque o deſamparado, e deſabrido do ſitio naõ neceſſitava do repetido, ou continuado aſſalto de muitos annos. Ameaçava ruina a Igreja, examinava-o o Prior, naõ podia diſſimular a magoa de ver aquellas ſantas paredes (em que o meſmo Deos ſe hoſpedava) naõ ſó pouco polidas, mas ainda velhas, naõ ſó velhas, mas já arruinadas; e lamentava com piedoſo zelo a deſgraça de que, parecendo indecencia, foſſe preciſa.

Siquis dixerit huic monti tollere, & mittere in mare, & non hæſitaverit... fiet tei. Marci. 11. v. 23.

Metitava huma fermoſa fabrica, que, nas poucas poſſes daquella Caſa, aſſim a deixaſſe melhorada, que ſe dignaſſe o meſmo Deos de a ter por ſua; e podia dizer com o Rey Sabio: *Domine dilexi decorem domus tuæ*: Senhor, eu amey a fermoſura de voſſa Caſa. Chamou a Capitulo

Pſalm. 25. v. 8.

lo os mais antigos della, propoz a empreza, reprovou-a a ponderaçaõ mais madura, reſolvendo que, medidas as poſſes, e os diſpendios, ſó podia emprenderſe, recorrendo a hum milagre. Naõ deſmayou o Santo Prelado, porque nas difficuldades creſcia a ſua fé; tornou a convocar a Capitulo, achou mais favoraveis os votos. (effeito ſem duvida das ancias, e ſuſpiros, com que pedia a Deos, que lhe facilitaſſe os embaraços). Derribou finalmente a Igreja, innovou, e polio todo o Convento, e ſahio huma das mais perfeitas obras, que naquelle genero reconhece eſte Reyno, na igualdade, e proporçaõ da obra, na novidade, e primor da architectura, que ſem duvida deveo ao Ceo até a idea, como a ultima felicidade de ſer eſcrita pelo grande talento do Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ; porque ſobre a fortuna de conſummada, ſó aquella penna a podia capacitar ás noticias de todos, contrapezando a alguns o pezar de a naõ examinarem com a viſta, na ventura de a lograrem na ſua elegancia.

Quem quizer aproveitar o tempo em examinalla, lea o Additamento á fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Bemfica, na ſegunda Parte da Chronica, livro ſegundo, e verá na capacidade da obra, e na brevidade com que ſe admirou perfeita, que ſe a reſoluçaõ de a emprender foy conſelho do Ceo; por conta delle ſe facilitaraõ os meyos, que naõ podiaõ ſer menos que milagroſos. Achava-ſe o Santo Prelado commummente falto de dinheiro para fazer a feria aos officiaes, e em chegando aquella hora, ſe via remediada a falta (com as eſmolas, que lhe chegavaõ das partes em que continuamente prégava) o que talvez lhe ſuccedia duas vezes no dia, paſſando desde Bemfica a Lisboa ſem mais deſcanço em taõ largo caminho, que hum bordaõ, nem mais alivio, que o de voltar a trocar a Cadeira pelo Pulpito, a fadiga, e o canſaço do caminho pela aſſiſtencia do Coro, e governo do Convento. Sem duvida, que nos lugares o ſubſtituîaõ os Anjos, que nas forças de hum homem naõ cabia a ſatisfaçaõ a tantos, e taõ diverſos empregos. Aſſim conſummou aquella grande obra, ſendo os mayores ſoccorros os intereſſes da ſua prédica; e ſe eſta era milagre eſcutada, porque o naõ ſeria aquella concluida? Aſſim com hum trabalhava outro milagre. A'quellas vozes ſe deveo poſta em pé aquella fabrica, por tantos titulos milagroſa. Milagroſa foy na ſua criaçaõ a machina do Univerſo; e repetidas vozes cuſtou a Deos perfeita aquella machina.

Dixit Deus fiat lux, & facta eſt... Dixit quoque Deus fiat firmamentum. Geneſis 1.

Nomearaõ neſte tempo Biſpo de Viſeu o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, ſogeito digniſſimo daquelle cargo, (vinculado a hum Varaõ perfeito) como de enriquecer as memorias deſta Chronica com o eſcondido theſouro de ſua vida. Vagara por eſta eleiçaõ o lugar de Prégador delRey, e entenderaõ, que para o encher, ſó eraõ capazes as grandes virtudes de Fr. Joaõ de Vaſconcellos. Aceitou o cargo, porque deſtinara os intereſſes delle a ſoccorros do ſeu Convento, naõ por deſconhecer a obrigaçaõ perigoſa de fallar verdade

dade em auditorio, em que talvez acharia ouvintes, que vivendo com o tributo de liſongeados, ſe haveriaõ de exaſperar reprehendidos; mas nada intimidava as reſoluçoens de ſeu eſpirito Apoſtolico, naõ lhe faltando para exercitallo a perſeguiçaõ de hum deſterro, a que corria alegre, a naõ lhe ſuſpender a execuçaõ quem talvez ſabia, que naõ era aquelle o premio de quem tam bem exercitava o ſeu officio. Foylhe impoſto, que no Pulpito naõ fallaſſe em governos. Reſpondeo com inflexivel, e Apoſtolica conſtancia ſemelhantes razoens:

Que elle naõ reprehendia governos, ſenaõ vicios; que tanta obrigaçaõ tinha elle de os arguir, como os Miniſtros de os evitar; que a palavra de Deos era eſpada, que ſe naõ embainhava, ſenaõ á viſta da emenda; que eſcuſaſſe os crimes quem temeſſe os golpes. Que Deos fizera aos ſeus Prégadores ſal; que eſte naõ ardia ſenaõ cahindo ſobre a chaga; que na parte ſãa naõ fazia moleſtia Que elle fazia a obrigaçaõ de Pregador; que a fizeſſem os ſeus ouvintes de Catholicos. Que como queriaõ os mal encaminhados, que elle receaſſe ameaços, ſe elles naõ temiaõ aviſos? Que o que lhe podiaõ impedir, eraõ as vozes, e naõ a razaõ; e que quando o caſtigaſſe a injuſtiça, dariaõ nova razaõ á ſua innocencia. Que eſperar nos ſeus Sermoens liſonjas, era querer que lhe eſqueceſſe, que era filho, e diſcipulo de hum Pay, e de hum Meſtre, que vaticinado a eſpalhar o Evangelho, ſe dera a conhecer (como hyeroglifico Apoſtolico) em a myſterioſa figura de hum animal, cujos brados antes ameaçaõ, que cathequizaõ; atemorizaõ, e naõ liſongeaõ. Que elle trabalhava para deſtruir culpas, reformar conſciencias, deſnaturalizar abuſos, aconſelhar acertos, bemquiſtar a juſtiça, e deſterrar a liſonja; e que eſtas eraõ as razoens de eſtado, que praticavaõ os Miniſtros do Ceo, para que ſe naõ arruinaſſe huma alma, que era a mais importante Monarchia. Se aſſim o naõ entendiaõ os queixoſos, que elle appellava para os deſenganados. Que elle tinha tanto conhecimento das obrigaçoens daquelle officio, como parece que faltava a quem o eſtranhava inteiro. Que os Prégadores dos Reys, como ſobiaõ á mayor atalaya, obrigavaõſe a esforçar os brados para os aviſos; que ſe a aſpereza da voz offendia os ouvidos, o enfraquecella tinha o riſco de naõ chegar a todos. Que para prégar, era verdade que elRey o eſcolhera, mas que Deos era o que o mandava; e ſe elle obedecera a elRey em aceitar o cargo, como naõ o faria a Deos em o exercitar reſoluto? Que o depozeſſem delle, ſe o havia de occupar ſem eſta liberdade, porque tinha propoſto em ſua alma, ficar antes malquiſto com os homens, que ſer inobediente a Deos.

Aſſim confundia, e edificava os emulos de ſeu zelo Santo, eſpalhando-ſe ſua conſtancia Apoſtolica com taõ commum applauſo, que vagando o lugar de Inguiſidor do Tribunal ſupremo, por morte do Meſtre Frey Antonio de Souſa, elle ſó a entender de todos foy propoſto, e eſcolhido pelo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, que (pezando bem aquelle grande talento) era taõ amante das ſuas virtudes, como ellas dignas de naõ as deixarem queixoſas. Era grande o lugar; e como havia

via de ſobir, retardava-o o pezo grande de ſua humildade. Foy neceſſario, que o preceito dos Prelados lhe déſſe a maõ; tomou-a a obediencia; ſó eſta o faria ſobir ſem repugnancia. Vinte e dous annos occupou o cargo em conhecido beneficio daquelle Tribunal Santo, confirmando a muita juſtiça, com que ao zelo Dominicano ſe daõ os ſeus lugares, como premio do incançavel deſvelo, com que coſtumaõ trabalhar nelles. Naõ o deſconheceraõ neſtes noſſos dias os mais maduros votos, examinados pela prudencia, e pio zelo da Mageſtade delRey Dom Pedro II. na occaſiaõ, em que (talvez a invejoſos arbitrios de noſſos emulos) ſe reduzio a queſtaõ o darſenos o lugar, que vagou por morte do Meſtre Frey Vicente de Santo Thomaz. Conheceoſe, e aſſentouſe, que devia reſtituirſe á Ordem como data de Filippe II. I. neſte Reyno, que governando-o, fez a mercê, e attendendo a urgentes razoens, que naõ deſconhecem eſtes Santos Tribunaes em toda a Chriſtandade nos filhos do Noſſo grande Patriarcha, como primeiro Inquiſidor em toda a Igreja por Innocencio III. com authoridade abſoluta, paſſada a ſeus filhos pelas Cabeças, e Tiaras do governo de Chriſto, e naõ por commiſſoens, ou poderes delegados, como lograraõ ſogeitos grandes de outras Religioens, a quem inconſideradamente querem ſeus Eſcritores attribuir eſta honra, fazendo-ſe a ſi a injuria de a quererem roubada.

Naõ reduzo a diſputas verdades conhecidas; que trabalhar em defeza, parecem eſcrupulos de pouca ſegurança. Contentarmehey, que para deſengano de alguma duvida, que ſem fundamento ſe quizer mover neſta materia, ſirva de convincente repoſta a reſoluçaõ, que elRey Dom Pedro II. do nome, (que ao preſente governa pacifico eſtes Reynos, como ſingularmente affecto á Familia de Noſſo Santo Patriarcha, como quem por ſeu Real ſangue paſſou a devoçaõ a natureza) tomou ſobre eſte particular, movido das zeloſas ſupplicas, e incançaveis diligencias dos Meſtres deſta Provincia, cujo zelo nos eſtá executando ao pequeno premio da noticia de ſeus nomes, como de reconhecidos filhos a eſta Mãy, a quem authorizaõ com ſuas letras, e quizeraõ perpetuar em ſuas antigas honras; o Meſtre Frey Joſeph Galraõ, que quando iſto eſcrevemos, he Provincial deſta Provincia; o Meſtre Frey Manoel Leitaõ, que naquelle tempo era Vigario Geral; o Meſtre Deputado Frey Antonio Pacheco; o Meſtre Frey Agoſtinho de Santo Thomaz, Provincial que foy deſta Provincia; o Preſentado Frey Antonio Galraõ, que tambem teve o meſmo cargo; o Preſentado, e Prégador Geral Frey Silveſtre Pacheco, que neſte tempo era Prior de Saõ Domingos de Lisboa, com o meſmo deſvelo propuzeraõ ſua juſtiça ao Inquiſidor Geral, o Biſpo Dom Joſeph de Lancaſtre, acompanhando-os o Meſtre Frey Manoel de Santo Agoſtinho, e o Meſtre Frey Manoel da Encarnaçaõ, aſſaz, e dignamente conhecido pelo nome de ſua Patria *Pontevel*, e benemerito de mais larga eſcritura, que ſó ſe fiaria bem áquella penna, que

que ao preſente tem na maõ ſobre as explanaçoens do Evangelho de S. Matheus, que inda depois de tantos Expoſitores, reſervou ao agudo de ſeu engenho novidades. Lograraõ-ſe felizmente as diligencias; ordenou elRey ao Inquiſidor Geral, que lhe nomeaſſe ſogeito benemerito, que occupaſſe o lugar. Foy eſte o Meſtre Frey Gonçalo do Crato, Deputado no meſmo Tribunal de Lisboa. Aceitou elRey a nomeaçaõ, e proveo-ſe o lugar no Meſtre Deputado, em 13. de Junho de 697. Eſtá eſta reſoluçaõ, e aſſento na Secretaria de Eſtado, no livro do Reſiſto dos deſpachos, que por ella ſe expedem para o Conſelho Geral do Santo Officio, e Inquiſidor Geral, folhas 10. v. 5. de donde ſe tirou, e he o ſeguinte:

Reſtituiçaõ do lugar do Conſelho Geral da Inquiſiçaõ, feita á Ordem por elRey D. Pedro II. em 24. de Mayo de 1697.

„ Em huma propoſta do Biſ-
„ po Inquiſidor Geral, em que
„ propoz a Sua Mageſtade que
„ Deos guarde, para dous lu-
„ gares de Deputados do Con-
„ ſelho Geral aos DD. Joaõ
„ Carneiro de Moraes, e Joaõ
„ Moniz da Sylva, foy Sua Ma-
„ geſtade, que Deos guarde
„ ſervido tomar a reſoluçaõ ſe-
„ guinte: *Approvo eſtas nomeaçoens, e mando paſſar o deſpacho, para ſe tirarem as cartas. E como a Religiaõ de S. Domingos he taõ benemerita ao Santo Officio, e lhe tem feito tantos ſerviços, o Biſpo Inquiſidor Geral me conſultará logo o ſogeito, que nella lhe parecer mais digno de ſer provido no lugar do Conſelho Geral, e quando vagar algum dos lugares de Clerigos, ſe extinguirá o que agora ſe prove de mais. Lisboa 24. de Mayo de 697.*

Em ſemelhante lugar provido o Veneravel Padre, ſe exercitava como Argos da Fé. A applicaçaõ a revolver os Concilios, a paſſar os Sagrados Canones, ajudada das grandes Theologias, de que ſe tinha feito capaz, o formaraõ hum taõ perfeito Miniſtro, que naõ havia difficuldade, que naõ alhanaſſe, duvida, a que naõ ſatisfizeſſe, negocio, por arduo, que naõ concluiſſe, trazendo taõ meditados, e anteviſtos os acertos, que como Oraculo o eſcutava aquelle Tribunal Santo. Delle foy mandado á Corte dos Reys Catholicos a negocios de grave, e ſobida importancia, que tratou zeloſo, e effeituou ſabio. Mas naõ ſe deixava, em quanto aſſiſtio nella, hoſpedar dos cortejos, e ceremonias da Corte, lembrado da ſolidaõ em que vivera contente. Aſſim, em podendo, ſe furtava ás confuſoens daquella grande Babylonia, retirando-ſe elle, e ſeu companheiro, a algum lugarejo, em que podeſſe paſſar deſconhecido. Alli ſe havia algum Convento, ſe recolhia nelle (como hum Frade ordinario, ou fingido peregrino). Se alguma Hermida, nella paſſavaõ, edificando aquelle peque no Povo, que ignorava o hoſpede, que tinha de portas a dentro.

Aſſim abominava, e tacitamente reprehendia aquellas cegas, e vaidoſas idolatrias, taõ praticadas entre os Cortezãos, e envelhecidas nos antigos altares da Corte, donde adorados os grandes, ſe deſconhecem da meſma maſſa dos humildes. O meſmo barro, em huns venerado, em outros abatido. Coſtumava dizer, (e foy alguma vez argumento de ſeus Sermoens:)

Que

Que na Corte ſuccedia o que eſtavamos culpando na Gentilidade; que o genio, que cortava o tronco, de huma parte formava o Idolo, a outra entregava ao fogo, para que o accendeſſe ao ſacrificio; e que ao meſmo tempo ſe eſtava vendo o tronco em huma parte ouro, em outra carvaõ; e que quem diria, que eſte carvaõ abatido era irmaõ daquelle Idolo adorado? Eſte conhecimento o fazia voltar as coſtas á vaidade, e embrenharſe no deſpovoado, donde o deſconheceſſe, ou eſqueceſſe o Mundo; mas nem ſempre lhe ſuccedia como o diſpunha.

Aſſiſtia em hum lugarejo viſinho á Cidade Imperial de Todo, quiz paſſar a ella, e deterſe alli alguns dias deſembaraçados, com deſejo de viſitar a prodigioſa Imagem do Sagrario. Recolheo-ſe a huma Caſa da Ordem, o Convento de S. Pedro Martyr, com aquella induſtria, e ſanto diſſimulo, com que o grande Arcebiſpo Frey Bartholomeu dos Martyres coſtumava caminhar por ſeu Arcebiſpado, e recolherſe aos Conventos da Ordem como pobre, e deſvalido paſſageiro. Com o companheiro tinha aſſentado eſte piedoſo engano, mas naõ lhe durou muito eſſe goſto, porque encontrando-o hum Inquiſidor do Tribunal daquella Cidade, lhe começou a culpar o diſfarce com a cortez queixa de lhe naõ ter honrado a Caſa. Correſpondeo urbano o Veneravel Padre ao cortejo politico, mas eſcondendo em ſeu coraçaõ a magoa de ſe ver deſcuberto; mal ſe deſpedio do Inquiſidor, quando o fez da Cidade. Eſtranhavalhe o companheiro a reſoluçaõ. Reſpondeo-lhe: *Que elle ſe naõ achava com paciencia para as importunas correſpondencias de Cortezãos, donde por força havia de mentir a quem lhe mentiſſe, porque era o meſmo, que cortejar a quem o cortejaſſe. Que naõ havia tempo mais perdido, que o das politicas do Mundo, mais para ſe chorarem, que para ſe correſponderem; que era aſſaz louco capricho, ſaber cada hum, que mentiaõ todos, e terem todos por injuria o faltarſe-lhe com a mentira; que logo ſaberia o melhor da Cidade, que elle eſtava no Convento, para virem deſinquietallo; e que melhor era que o ſeu retiro lhe poupaſſe a elle eſſe deſgoſto, e a elles a occaſiaõ de deſperdiçar o tempo.*

Aſſim ſe tornaraõ a retirar ao lugarejo, de donde tinhaõ ſahido, dahi á Corte a aſſiſtir ás importancias, que o levaraõ a ella; e porque chegava a Semana Santa, intentou aproveitar aquellas ferias em retiro tam bem meditado, que lhe vingaſſe a magoa do mal ſuccedido. Deſejava ver a Cartuxa de Segovia, Santa Maria de Paular, huma das mais famoſas, e celebres Caſas, que naquelles Reynos tem eſta Santa Religiaõ. Communicou a reſoluçaõ com o Meſtre Frey Antonio de Magalhaens, que neſta occaſiaõ foy ſeu companheiro, com o meſmo deſejo; naõ teve com que intimidallos o largo, o eſcabroſo do caminho.

CA-

CAPITULO XVI.

Retira-ſe ao Convento da Cartuxa de Santa Maria de Paular de Segovia.

VIgoroſa he a caridade, que na valentia de ſuas azas levanta o pezo de noſſa terra ſobre as Eſtrellas! O ſeu vigor explicou S. Paulo na ſua conſtancia. Nem a vence a morte, ſempre eſtá conſtante, e firme: *Nunquam excidit*, eſta esforçava ao Veneravel Padre para abraçar as difficuldades do caminho, aliviando-lhe a carga do corpo em taõ pios, e continuados exercicios debilitado. Abrazava-ſe em fervoroſos deſejos de ſe ver com Deos naquella ſolidaõ ſagrada, donde (para lhe fallar ao coraçaõ) coſtumava levar a alma mais mimoſa. Aſſim ſe entregaraõ ao caminho, ſem mais ajuda para vencello, que o fraco arrimo de hum cajado: começaraõ a ſobir a grande montanha, difficultoſa ainda aos mais deſembaraçados paſſos; a poucos ſe lhe cerrou a noite; com a eſcuridade foy engroſſando a neve; naõ havia embaraço, que lhe naõ eſcondeſſe o caminho. As pobres capas naõ reſiſtiaõ ao frio, os flexiveis cajados naõ baſtavaõ ao deſcanço; a pouca noticia da terra nem lhe permittia o norte do tino; todas as circunſtancias faziaõ mais medonho o deſamparo. Affligia-ſe o companheiro, ſó o Servo de Deos, que ſabia o como era apertado o caminho mais ſeguro, naõ eſtranhava a aſpereza, ſuppondo, que caminhava para o Ceo da terra. Vinhalhe á memoria ſeu penitente Patriarcha, quando ao entrar nos deſertos a pizar os caminhos mais eſcabroſos, deixava como outro Moyſés o calçado, (por lhe parecer, que ſó com o ſangue, que lhe tiravaõ os eſpinhos, podia comprar a delicia de pizallos) rompendo em demonſtraçoens taõ alegres, que entoando ſagrados Hymnos ao compaſſo das dores, ou as aliviava, ou as deſconhecia. Aproveitava-ſe da liçaõ o diſcipulo verdadeiro, convidou o companheiro á ſagrada muſica; aſſim ſe lhe acabou o caminho.

1. ad Corinth. 13. 8.

Ducam eam in ſolitudinem.

Oſeas 1. 14.

Era alta noite quando chegaraõ ao Convento, que ſepultado em ſilencio, deſenganou aos cançados peregrinos a eſperança de algum deſcanço; aſſim paſſaraõ o reſtante da noite com o que naquelles deſamparos achava o ſeu eſpirito; que eſte era o que o Servo de Deos buſcava naquella ſanta Thebaida, donde os incommodos ſe tem por vivenda. Ao romper da manhãa ſe abrio a Portaria, e ſem darem áquelles Padres mais noticia, que a devoçaõ de viſitarem aquella Caſa, pedindo ao Prelado a bençaõ para nella paſſarem o devoto daquella ſemana, foraõ gaſtar as primeiras horas na Igreja, como alivio de huma noite mal paſſada. Deraõſe-lhe ſuas cellas na hoſpedaria, e começaraõ a continuar o Coro, e frequentar a Igreja de noite, e dia, em toda aquella ſemana, com huma taõ deſvelada aſſiſtencia, profunda modeſtia, e inteira obſervancia, que compungidos, e edificados os Monges, começaraõ a entender, que naõ devia de ſer menos eſtreita a Cartuxa, que criava eſpiritos, para que já olhavaõ com ſanta inveja.

inveja. O tempo, que lhe reſtava do Coro, ſe recolhia o Servo de Deos ás Capellas da Igreja, que por ſolitarias, recolhidas, e devotas convidavaõ ainda á mayor frieza de eſpirito a abrazar-ſe nas vivas lavaredas da contemplaçaõ. Alli ſe ſuſpendia, alli ſe elevava, como eſquecido das miſerias do corpo, começando ſuavemente a goſtar as liberdades do eſpirito. Alli ſe aliviava ſeu coraçaõ no doce deſafogo das lagrimas, e dos ſuſpiros, como ſe ferido aos golpes da meditaçaõ (a que o obrigava o que naquelles dous Altares via) ſe ſangraſſe pelos olhos, e ſe queixaſſe nos gemidos.

Mas chegava o tempo de ſe abrirem na Corte os Tribunaes; deixou o ſanto retiro ſaudoſo, e magoado. Inda o ficou mais, quando, chegando á Corte, achou nas cartas, que tinhaõ chegado de Portugal, a noticia de que eſtava eleito, e confirmado Provincial deſta Provincia. Atemorizavaõ-no as dignidades, a que ſempre voltou as coſtas a cobardia ſanta de ſua modeſtia, ou o religioſo deſagrado de ſua inteireza. Sempre para fugillas deu o primeiro paſſo o merecimento. Mas perſeguiaõ-no as deixadas, porque ſaõ as dignidades ſombras. Achava rigoroſa a ley do governo, donde até os ſucceſſos ſe olhaõ como delictos, e ainda os acertos haõ de deixar queixoſos. Mas houve de encolher os hombros a obediencia, e offerecellos á grande carga da Provincia, pedindo a Deos com coraçaõ affligido huma luz de ſeus documentos, como quem conhecia que ſó quem ſoubeſſe obedecer a Deos, acertaria a mandar os homens.

Outra noticia, naõ menos penoſa, acompanhou a eſta; que era falecido o Meſtre Frey André de Santo Thomaz, Lente de Prima da Univerſidade de Coimbra, conſideravel perda para a Ordem, que já eſcutava pertendentes os ſogeitos mayores das outras Religioens, que intentavaõ deſapoſſar a Dominicana daquella antiga, e continuada honra, a que a capacitaraõ os grandes talentos, que nella ſe coſtumaõ criar para ſemelhantes poſtos; como as datas dos Reys, que (desde a primeira fundaçaõ da Univerſidade, que em Lisboa plantou o Real, e eſtudioſo genio delRey Dom Diniz, pelos annos de 1291. trasladada primeiro a Coimbra pelo meſmo Rey, reſtituida depois a Lisboa por elRey Dom Fernando, e finalmente aſſentada em Coimbra por elRey Dom Joaõ o III.) experimentaraõ, e conheceraõ taõ povoadas as ſuas Cadeiras de Varoens inſignes, que ſeria injuſtiça o naõ lhas permittirem em herança, fiando do continuo deſvelo, com que eſta Provincia dá calor aos eſtudos, a glorioſa propagaçaõ de ſogeitos, que poupaſſem o trabalho de eleger outros, e confirmaſſe o acerto dos elegidos.

Neſta occaſiaõ o foy o Meſtre Frey Diogo Artur, Heſpanhol de naçaõ, e hum dos abalizados ſogeitos, que conhecia Heſpanha, e confeſſou Coimbra. Deveo-ſe eſta Proviſaõ ao incançavel deſvelo do Veneravel Padre, que com continua oraçaõ diante de Deos, e importuna diligencia nos Tribunaes da terra, alcançou a data da Cadeira por Filippe IV. aconſelhado da experiencia de naõ haver Uni-

verſidade em toda Heſpanha, que pelos noſſos Cathedraticos ſe naõ reconheceſſe bem ſervida, e acreditada. Hoje o quer negar a de Coimbra, que fechando os olhos á meſma experiencia, e os ouvidos aos brados da noſſa juſtiça, quer tirar á Cadeira de Prima o hereditario titulo da Cadeira de Santo Thomaz, em lhe embaraçar hum diſcipulo, que fielmente lhe deſempenhe eſſe nome, ſem haver na Religiaõ mais culpa, que quererem os ſuperiores naõ deſtruir, mas ſuſpender a data por incidentes particulares, que os emulos das glorias Dominicanas com pouco ſeſudas envejas, e pueris queixas querem paſſar a culpa á original, trabalhando, que eſta deſgraça vá ficando dos antigos aos modernos em herança. Mas ſe nos ſuſpendem a honra, parece, que nos accreſcentaõ a injuſtiça; e vay a noſſa queixa criando novos brios, para ter mais que allegar eſta Provincia, que (ſobre a injuria de deſapoſſada) nas razoens de benemerita accreſcentará as ſem-razoens de mal eſcutada, e os damnos de ſuſpendida.

CAPITULO XVII.

Paſſa o Veneravel Padre a Evora por mandado de Filippe IV. da-ſe conta de hum prodigioſo caſo, que ahi lhe ſuccedeo.

GRandes fogos naõ podem extinguirſe repentinos. Paſſaõ das lavaredas ás brazas, das brazas ás cinzas, que favorecidas do grande calor, que lhes deu o ſer, conſervaõ ainda mortas actividade de accezas, quando naõ diſſimulem brazas, em que ſe vaõ guardando atreiçoadas minas. Ardera Evora em bandos pela mudança dos governos; entrou a acodir o caſtigo, eſcondeoſe, naõ ſe extinguio o damno. Seguiraõ-ſe os tributos, como viraõ que a ſogeiçaõ offerecia os hombros. Foy o pezo engroſſando, exaſperou-ſe o ſofrimento; eſte foy o ſopro, que, eſpalhando as cinzas a impaciencia, veyo a deſcobrir as brazas para as rebeldias. Saõ os tributos na razaõ de eſtado aquelles alimentos, que em beneficio commum ſervem a conſervar o corpo da Monarchia; mas ſe haõ de ſahir do meſmo corpo, devem ſer moderados, que para ſerem remedios, he tyranno arbitrio que ſejaõ primeiro deſmayos. Tirar muito ſangue com a promeſſa de fazer delle meſinha, he pôr na contingencia de que enfraqueça tirado donde depois naõ aproveite reſtituido. Cada hum he eſtadiſta da ſua conveniencia. Alterou-ſe o Povo, e poz a el-Rey em cuidado. Entendeo, que aquelle deſmancho tanto neceſſitava da preſſa, como do remedio. Era arduo o negocio, pedia hum homem feito. Reſidia na Corte de Madrid o Veneravel Padre; eraõ taõ grandes ſuas qualidades, que levadas continuamente aos ouvidos delRey, foraõ as primeiras, que ſe lhe offereceraõ aos olhos. Zeloſo, nobre, e ſabio, e ſanto, circunſtancias eraõ taõ poucas vezes juntas, que naõ eſperou exames a eſcolha; accreſcia o ſer o ſervo de Deos natural de Evora, aparentado com o mais fino de ſua nobreza, e favorecido della; ſeria mais bem eſcutado de todos. De ſua pru-

dencia

dencia naõ ſe diſcorria menos. Deſpachou-o elRey, obedeceo alvoroçado, em alviçaras de ir ajuſtar pazes, que ordenadas ao bem commum, eraõ, e foraõ ſempre todo o emprego de ſeu deſvelo. Só replicou, que ſeria conveniente levar perdaõ geral para os culpados, que eſſa era a melhor negaça com que podia nogociar a induſtria, eſcuſando a força em ſemelhantes caſos, ou baldada, ou perigoſa. Concedeolhe elRey largamente o que lhe pedia, (ſendo ſó aquella toda a ſua importancia) ſegurando ao Veneravel Padre facil deſpacho em todas as que tiveſſe, nas ordens, que deu logo ao Conde Duque, para que Frey Joaõ de Valconcellos foſſe eſcutado, e preferido como pediaõ ſeus merecimentos em qualquer requerimento em que foſſem padrinhos.

Aſſim partio para Evora, carregado de honras, e de eſperanças, levando diante dos olhos, que aquellas foſſem ſó para Deos, e eſtas para augmento da ſua Provincia, de quem ſe via obrigado como filho, e agora empenhado como pay; e naõ contente com a authorizar com ſua peſſoa, lhe queria valer com a ſua diligencia. Com toda chegou a Evora, e communicando o empenho com muita nobreza, que achou na Cicade, expoz a eſta, e ao Povo os intereſſes grandes da paz, uniaõ, e conformidade, que deviaõ abraçar. Era o Veneravel Padre dotado de ſingular eloquencia, efficaz energia, e perſuaſiva induſtrioſa; propoz, ampliou, reſolveo, e concluio; e com tanta felicidade, que teve da ſua parte até o mais rebelde, ajuſtando-ſe entre todos huma ſogeiçaõ unica á primeira cabeça, em que viaõ a Coroa. Para eſte effeito ſe juntaraõ com o Veneravel Padre no Senado, porque tudo ſe ratificaſſe com termos judiciaes.

Andava o Servo de Deos moleſtado, tinha trabalhado muito no conclave, adiantou-ſe com ſeu companheiro a ſahir do Senado, para paſſarem ao Convento. Eſperava a reſoluçaõ o tropel tumultuoſo do Povo, vio ſahir o Padre deſacompanhado, e que as cabeças do motim naõ appareciaõ; convenceraõ-ſe levemente, que naõ tinha havido ajuſte; e com impeto cego, e ſacrilego, lançando maõ de pedras, com hum chuveiro dellas cobriraõ em hum inſtante o Servo de Deos, que vendo aquella barbaridade amotinada, ſem que a innocencia lhe aconſelhaſſe o defender a vida, pondo os joelhos em terra, e levantando as mãos, e os olhos ao Ceo, exclamou com as meſmas palavras, que em occaſiaõ ſemelhante foraõ do Protomartyr Santo Eſtevaõ: *Senhor perdoailhes eſta culpa, que naõ entendem o que fazem.* Mas nem eſta indefenſavel paciencia, nem os piedoſos clamores daquella ſupplica, baſtantes a abrandar as pedras, o faziaõ aos que as tiravaõ; antes com impiedade barbara engroſſavaõ o diluvio dellas ſobre a innocencia. Mas ó prodigio! O' milagre raro! O' nunca viſto! Cahiaõ ſem força as pedras, que tocavaõ o inculpavel corpo, como lavrando-lhe hum muro para defendello.

Deuſe parte á nobreza, e ás cabeças do antigo motim (que eſtavaõ no Senado) de como

deſenfreado ò Povo tinha poſto o Servo de Deos naquelle aperto; ſahiraõ admirando o milagre de o acharem vivo. Creſceo o aſſombro com a noticia do ſucceſſo. Gritavaõ, que o Servo de Deos era o ſeu pacificador, a quem a Cidade devia o ſeu ſocego, e os tumultuoſos o ſeu perdaõ. Monſtro de variedades he o Povo; a incoſtancia he o ſeu verdadeiro centro; ſegue por natureza as acçoens de liberdade, e incerto entre muitas cabeças, faz reſoluçaõ do que ſe lhe propoem por qualquer. Trocaraõ-ſe em hum inſtante as iras em rendimentos, os opprobrios em applauſos, com que até ao Convento, antes que acompanharaõ, perſeguiraõ a modeſtia do Veneravel Padre, que já duvidava de que ſe doeria mais, ſe de apedrejado, ſe de applaudido. Com a noite creſceo eſte tormento, porque entre as luminarias (em que ardeo a Cidade) naõ ceſſaraõ á porta do Convento as muſicas, e os vivas, que tendo o Servo de Deos por aſſumpto, foy o mais rigoroſo aſſalto, que deraõ ao ſeu ſofrimento.

Mas quiz Deos provallo por outro caminho. Tinha dado noticia a elRey do pacifico ajuſte da Cidade, quando o acometeo huma aguda febre, que com indicios mortaes começou a deſenganar os Medicos, e a entriſtecer a todos. Foy couſa maravilhoſa, que aquella Cidade, ha taõ pouco amotinada para lhe tirar a vida, aſſim começou a chorar os riſcos della, que com publicas preces pedio ao Ceo a ſua melhora. Tanta opiniaõ lhe conciliara o ſucceſſo paſſado; tanta aquelle coraçaõ para todos aberto, aquelle genio para todos benigno. Eſcutou o Ceo o juſtificado das ſupplicas, teve ſaude, convaleceo em poucos dias. Deixou ſaudades em Evora, foy aliviar as de Lisboa, que o apertava obrigaçaõ de viſitar a Provincia; mas as importancias do Santo Tribunal, que deixara em Madrid bem aſſombradas, neceſſitavaõ de ſua aſſiſtencia naquella Corte. Paſſou a ella bem viſto delRey, concluio tudo com felicidade. Voltou a Lisboa, recebido nella com univerſal eſtimaçaõ daquelle Tribunal Santo, que com tantas razoens ſe lhe confeſſava agradecido. Naõ baſtavaõ nem todos eſtes deſvelos, paſſados com trabalho, a aconſelharlhe o menor deſcanço; reſolveuſe a viſitar a Provincia. Abrazava-o a caridade da refórma dos ſubditos, da melhora dos Conventos. Aquella ancia o transformava em fogo. Já era todo fogo, naõ podia ter ſocego.

CAPITULO XVIII.

Viſita a Provincia; caſos, que lhe ſuccederaõ.

REgra, e exemplar de Prelados era o Veneravel Padre, naturalmente affavel, facil, e brando; com hum roſto para todos igual, e deſembaraçado; mas aſſim ardente, e prompto em zelo, e refórma de Religiaõ, que, ſem reſpeitar peſſoas, com ninguem diſſimulava quebras. Aſſim praticava as maximas de ſeu verdadeiro Meſtre Chriſto, que ſendo ſuave, e brando de coraçaõ, ſó a falta de Religiaõ, e zelo de que ſe naõ obſervaſſe, lhe poz huma vez

na

na maõ o açoute. Eſte nativo zelo, eſte animo deſvelado, com que o Veneravel Padre olhava para a ſua Provincia, o poz no caminho para viſitalla, ſendo ſeu companheiro o Padre Frey Jeronymo da Cunha, peſſoa taõ juſtificada, como digna daquella eſcolha. Paſſou aos Conventos de Entre Douro e Minho; e no caminho, que levava, tomou de Noſſo grande Patriarcha o eſtylo, como tinha o cargo. Apé caminhava com ſeu companheiro; aviſtando povoado, levantava as mãos ao Ceo, que alli o trouxera. Recolhia-ſe ao Convento, ſe ahi o havia; quando naõ, á Igreja, onde ſe detinha todo o tempo, que lhe reſtava de comer, ou que naõ havia de caminhar. De tarde poſto a caminho, rezava o Itinerario com o companheiro, depois o Roſario, a que convidava quem a caſo no caminho lhe fazia companhia, propagando aſſim, como verdadeiro Dominicano, aquella devoçaõ proveitoſa, como ſoberana. Chegando a Convento da Ordem, viſitada a Igreja, tomada a bençaõ dos ſubditos, perguntava ſe havia alguns enfermos? Viſitava-os compaſſivo, lembrava aos Prelados o deſvelo com que deviaõ ſer aſſiſtidos. Aſſim os deixava conſolados, e compungidos. Tal era ſua pratica! Tal ſua preſença! Eſte eſtylo guardava em toda a viſita.

Detinha-ſe nella em o Convento do Porto. Tinha advertido nelle (como fazia em todos) que no trato da meſa o naõ ſingularizaſſem, porque como qualquer Religioſo ſeguia as Communidades em toda a hora, que lhe deſoccupava a viſita. Naõ baſtou eſta advertencia com o Prior, que querendo uſar de mais algum agaſalho, diſpoz que na taboa, em que coſtumaõ ir as reçoens á meſa, melhoraſſem a do Provincial. He eſtylo nos Refeitorios Dominicanos começar a darſe a taboa pelos Leigos, e acabar nos Prelados (dictame praticado desde o ſabido ſucceſſo do Convento de S. Xiſto em Roma, donde ſuſtentando Deos aquelles Santos Religioſos, de todo o humano auxilio deſamparados, ao repartiremlhe na meſa o paõ os meſmos Anjos, começaraõ por aquelles bons Leigos, e ultimamente chegaraõ a Noſſo Santo Patriarcha, que como Prelado occupava a cabeceira da meſa. Por eſte eſtylo diſpoz o Ceo, que comeſſem os homens o paõ dos Anjos. Paſſou o prodigio a documento, o documento a eſtylo, como as mais ceremonias da Religiaõ, ſendo rara a que naõ tem por principio algum favor do Ceo.) Advertio o Prelado ao que ſervia com a taboa, que ſó ao Provincial deixaſſe tirar aquella reçaõ della. Achouſe o Santo Prelado com a pitança nas mãos, que ſem reparo eſtendera a tomalla. Reparou, que a que ſe dava á Communidade naõ era a meſma, nem taõ aventajada; diſſimulou, e naõ comeo. Foy a graças, tirou o Prior a Capitulo, deulhe huma reprehenſaõ aſpera; mandou-o ao outro dia ſentar em terra, e comer nella paõ, e agua (caſtigo huma couſa, e outra com que na Religiaõ ſe compenſa o grave de huma culpa.) Naõ baſtaraõ com a inteireza do Santo Prelado a remir o Prior daquella ſatisfa-

çaõ rigoroſa as repetidas, e importunas ſupplicas de todo o Convento. Aſſim deſconhecia reſpeitos a ſua inteireza; aſſim abominava ſingularidades em ſua peſſoa, eſtranhando, que os cargos trocaſſem em privilegios os exemplos.

Caſo ſemelhante lhe ſuccedeo em outro Convento. Deraõ os Religioſos o peixe em eſtado, que ſó o cheiro baſtava a deſenganar o goſto. Advertio-o o Veneravel Padre; e ainda que o ſervidor da meſa lhe offerecia certa reçaõ na taboa, lançou maõ da outra, que lhe pareceo como todas. Examinou-a, naõ a achou comeſtivel. Chamou o ſervidor, mandou-o fazer a venia, culpoulhe a induſtria. A graças no Coro reprehendeo o Prelado. Saõ os Religioſos os Mercenarios na Caſa do Pay do Prodigo; e ainda que o pobre prato ſeja hum ſó, deve ſer capaz de lhe matar a fome, e naõ deixallos perecer a ella. Que o primeiro ſuſpirava o Prodigo; o ſegundo fora o ſeu caſtigo. Afeoulhe com graves razoens a falta da caridade; que naõ acertaria a ſer pay ſem eſta virtude.

Mercenarii in domo patris mei abundant panibus, ego autẽ hic fame pereo. Lucæ 15. 17.

A falta della experimentou o Veneravel Padre em outro Prelado, e foy hum notavel exame de ſua humildade, e ſofrimento. Via-ſe o Santo Prelado ás portas do Reyno de Galliza, pizando as terras, que o caudaloſo, e celebrado Minho banha, e fertiliza com ſuas aguas; accendeoſe em ſantos deſejos de viſitar o melhor theſouro de Heſpanha, o corpo de ſeu grande Patraõ Santiago, que buſcado reverentemente de toda a Chriſtandade, ſobre Metropoli, e Cabeça de toda Galliza, faz a Compoſtella celebrado Emporio dos Peregrinos. Tornou a recomendar a ſeu companheiro o Padre Frey Jeronymo da Cunha aquelle ſegredo, com que coſtumavaõ caminhar diſſimulados, e deſconhecidos: e ſem mais proviſaõ, que os ſeus Breviarios, tomaraõ o caminho, miſturando-ſe no numero dos Romeiros. Aſſim chegaraõ á Cidade, eſquecidos do largo, e trabalhoſo da jornada, donde ſó os mortificara o ſuſto de arriſcar o ſegredo, porque a modeſtia, e compoſtura do Veneravel Padre, acompanhadas de huma gravidade nativa, e agradavel preſença, eraõ huns brados mudos, que hiaõ pedindo a todos attençoens, e reparos, com que o fiel companheiro ſe via perſeguido, e o ſegredo quaſi deſcuberto pelos indicios de taõ diſſimulado. Recolheraõ-ſe ao Convento da Ordem; proſtraraõ-ſe diante do Prelado a tomar a bençaõ; diſſeraõ, que eraõ huns Portuguezes, que a devoçaõ trazia áquella Cidade; que nella naõ ſeria pezada a ſua aſſiſtencia.

Seria o Prelado da Caſa dos que querem ignorar que ſaõ huns diſpenſeiros do que ha nella, e com cor de zelo da Communidade, faltaõ aos particulares, como ſe delles naõ reſultaſſe aquelle todo, em que os hoſpedes ſaõ huma parte muy importante, no voto, e conhecimento da caridade, queixoſa de os ver tratados com deſabrimentos. Fuy hoſpede, e naõ me agaſalhaſtes, dirá Chriſto: *Hoſpes eram, & non collegiſtis me*, como hum dos cargos, que haõ de entrar na condemnaçaõ dos preſci-

preſcitos. Voltou a elles o indigno Prelado, e com roſto indignado, e deſmedidas, e arrebatadas vozes lhes diſſe, que ſahiſſem logo do Convento; que na Cidade buſcaſſem commodo; que a Caſa naõ eſtava em eſtado de ſer hoſpedaria. Com os olhos no chaõ, e animo ſocegado eſperou, e ouvio o Servo de Deos eſte deſengano; e tornando a proſtrarſe, e ſeu companheiro, ſó com o ſilencio reſpondeo áquelle deſatino.

Naõ tardou muito que o indiſcreto Prelado ſe naõ arrependeſſe delle, porque encontrandoſe o Veneravel Padre com hum Cathedratico daquella Univerſidade, (que de Madrid o conhecia) e havendo de eſcuſarſe de naõ aſſiſtir com os Religioſos ſeus Irmãos, veyo a entender o Doutor a imprudencia do Prelado; e paſſando ao Convento, lhe afeyou o eſtylo com que ſe havia com Eſtrangeiros, a que o meſmo habito abria a porta, e devia recolher; quando naõ a caridade, ſe quer a politica; ſeguindo-ſe do contrario, o faltar com o reſpeito a ſogeitos de mayor ſuppoſiçaõ, como era o Religioſo Portuguez, que deſpedira, naõ menos, que o Provincial de Portugal, Inquiſidor do Tribunal ſupremo, o Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, nome, que ainda a mayores diſtancias enchia os ouvidos, e veneraçoens de todos, como as eſtimaçoens delRey, e de toda Heſpanha, por ſuas letras, por ſua virtude, e por ſeu ſangue. Pezaroſo, e envergonhado ſahio o Prior da advertencia; querendo emendalla, acompanhado dos ſeus Religioſos, veyo a buſcar o ſanto Prelado, lançando-ſelhe aos pés, e allegando em defenſa de ſeu pouco reparo, e inconſiderado deſabrimento, a ignorancia de taõ grande hoſpede, offerecido a iguaes deſatençoens naquelle diſtarce. Recebeo-o, ouvi-o, e deſculpou-o, facil, e benigno o Servo de Deos, dizendo, que elle era hum Frade ſeu Irmaõ, mas taõ indigno filho de S. Domingos, taõ pouco benemerito deſte titulo, que naõ fora injuſtiça o naõ permitillo no Convento; que ſó tivera de mao o encontro o ſaberſe que tinha pouca caridade hum Prelado.

CAPITULO XIX.

Sahe de Compoſtella, recolhe-ſe em Aveiro. Offerecemlhe o Biſpado de Miranda, naõ aceita. Eſcolhemno Viſitador da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, eſcuſaſe. Paſſa a Coimbra a viſitar o Santo Tribunal, por ordem do ſupremo de Lisboa; a Univerſidade, pela delRey; e os Conventos da Ordem de Irlandezes, Frades, e Freiras, pela do Meſtre Geral. Eſcuſaſe ao Arcebiſpado de Braga, offerecido por elRey.

NAõ ſe deteve o Veneravel Padre muito na Cidade, ainda que a devoçaõ, com que viſitava aquelle Sagrado Sepulchro, o hia eſquecendo de qualquer outro cuidado; mas ſacrificara-ſe a deixar os da ſuavidade de ſeu eſpirito, por acodir ás vozes com que o chamava ſeu zelo a concluir a viſita, que tinha ſuſpendido. Atraveſſou os grandes rios Minho, e Douro; chegava a Aveiro, quando encontrou

controu hum correyo com aviſo de que a Mageſtade de Filippe IV. o tinha feito Biſpo de Miranda. Tinha já chegado eſta noticia a Lisboa, a ſeus parentes, e amigos, ſendo o mais alvoroçado o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, com quem os augmentos do Veneravel Padre eraõ o mais importante intereſſe; mas conhecendo bem, que nada da terra tinha naquelle grande coraçaõ eſte nome, e o ſanto deſagrado, com que as dignidades o encontravaõ eſquivo, houve de eſcreverlhe, que ſem reſponder á carta, ſe viſſem com brevidade, que aſſim convinha a algumas importancias do Santo Tribunal. Entendia eſte bom Prelado, que ſó a induſtria dobraria talvez aquella conſtancia; mas eſtava eſta tambem aconſelhada de hum maduro, e religioſo deſpego, com que o Veneravel Padre olhava para as eſtimaçoens da terra, que nunca ſe podia anticipar a ſua reſoluçaõ, nem á mais deſvelada diligencia, ſem fazer outra mais que a importante de conſultar a Deos em larga oraçaõ, e dar noticia a ſeu companheiro, (com quem fugia nos votos do que deixaria, a vangloria do que deixava) reſpondeo pelo meſmo correyo ao Conde Duque, de quem tivera o aviſo. Dizia a carta ſemelhantes razoens: *Taõ coſtumado eſtá Sua Mageſtade, que Deos guarde, a fazerme honra, como Voſſa Excellencia a negocearma; e avulta tanto eſta circunſtancia no meu rendimento, como o pezar de a naõ aproveitar por indigno. Hum Biſpado, Senhor, he grande carga para os hombros de hum Frade, que coſtumado a encolhellos á obediencia, naõ acertará a dilatallos á prelazia. Sobre huma mortalha naõ ficará muy ayroſo hum Roquete; e ſeria delirio de quem ſe vê com huma mortalha, authorizarſe para caminhar para a ſepultura. Na aceitaçaõ do poſto, em que me tem a minha Provincia, obedeci como filho, para trabalhar como ſervo; o de que me faz mercê Sua Mageſtade, he taõ authorizado, que me fará eſquecer de ſubdito; e quem tem examinado a felicidade de o ſaber ſer, por nenhum intereſſe o deve arriſcar. Repreſento a V. Excellencia a minha inſufficiencia, porque quero melhorar o ſeu favor na minha eſcuſa. Eſpero, que V. Excellencia me deſculpe com Sua Mageſtade, que, ſendo ſervido, póde melhorar a eſcolha, como V. Excellencia o favor, pondo-ſe da parte da minha conſciencia. Nas minhas pobres oraçoens me naõ eſquecerá eſte beneficio, a que melhor poderey correſponder no canto da minha cella, que a outro no Palacio de Miranda. O Ceo dilate a vida, e felicidades de Voſſa Excellencia. Aveiro, em 22. de Setembro de* 1640.

Eſta foy a carta com que deſpachou o correyo, ſignificando em outras ao Inquiſidor Geral, e a ſeus parentes, as muitas razoens com que ſe eſcuſava áquella honra, reſolvendo por mais forçoſa a de naõ ſahir do eſtado, que profeſſara, em quanto Deos lhe permittiſſe eſſa ventura, a quem pedia o favor de perdella ſó com a vida. Voltava o Servo de Deos os olhos á ſua Religiaõ, e via tremer as mayores columnas della, ameaçadas do pezo da Mitra. Olhava para ſeu Santo Patriarcha, Oraculo da pobreza; para hum

Tho-

Thomaz, gloria da Igreja; para hum Raymundo, aſſombro de Roma; para hum Vicente Ferreira, honra de Valença; media aquelles grandes talentos, encolhidos á viſta de taõ formidavel carga, e recolhido á ſua conſciencia, pedia a Deos, que favoreceſſe as razoens da ſua eſcuſa. Mas naõ baſtava a diligencia cauteloſa com que ſe eſcondia, e ſe negava aos premios com que o conhecimento o perſeguia; naõ baſtava a embaraçar as vozes da admiraçaõ, que rompendo os limites de Portugal, e Heſpanha, chegaraõ repetidas vezes a eſpalhar ſeu nome, e ſua virtude na meſma Corte de Roma, com tanta veneraçaõ, e applauſo, que Innocencio X. que entaõ governava a Igreja, começou a pôr nelle os olhos para couſas grandes, embaraçadas ſó de ſua modeſtia, e repugnancia.

Propozſe, e reſolveoſe na Sagrada Congregaçaõ de Regulares a refórma da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, e entendeo o Pontifice, que ſó ao zelo, e prudencia do Veneravel Padre ſe podia fiar o arduo deſta importancia. Sahio nomeado Viſitador, e Reformador. Mas inculcando tanta authoridade o cargo, naõ podia deixar de o encontrar atemorizado, e deſgoſtoſo. Recebeo com veneraçaõ as letras Apoſtolicas, mas medindo com ſua grande prudencia, e profundo conhecimento as conſequencias de huma refórma, as contingencias de concluilla, reſolveo, que era difficil lograrſe o acerto em huma acçaõ, donde ſendo preciſos os emendados, já hiaõ de antemaõ os queixoſos; e naõ eſcutando ſempre a eſtes os arrezoados, vay ficando em duvida ſe o ſaõ os comprehendidos. Terrivel officio o de emendar; porque ſe o receber emendas diz confeſſar erros, grandes duas difficuldades no genio dos homens! Sacrificarſe defeituoſo, por inferir a outro juſtificado.

Eſcuſouſe finalmente, propondo, e ſignificando á Rota: *Que elle ſe achava com tantas occupaçoens entre mãos, que, naõ podendo acudir a todas, mais conveniente lhe era deixar algumas, que receber outras; e pareceria demaſiada ambiçaõ de governar, aceitar tantas, para naõ ſatisfazer bem a nenhuma. Que nenhumas, ſendo novas, ſe podiaõ queixar de deixadas, porque ſó as antigas, de que ſe tinha entregue, o executavaõ bem aſſiſtidas. Que as refórmas queriaõ ſogeitos eſpirituoſos, ardentes, Gigantes, a quem todas as difficuldades foſſem ſuperaveis. Noticias, e intelligencias miudas para reconhecer o damno, reſoluçoens, e inflexibilidades para applicar o remedio; e que o ſeu animo era mais mavioſo, que auſtero, mais facil de reduzir á commiſeraçaõ dos defeitos, que á inteireza dos cargos.* Naõ faltavaõ ao Veneravel Padre as circunſtancias, que apontava, e em ſi deſconhecia; mas aſſim ſepultava tudo nos abyſmos de ſua humildade, como ſe caſtigara em ſuas prendas o teremno inculcado para as honras. Alguem diſſe, que ſe eſcuſara a eſta, por ter devido o enſino em ſua infancia ao Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ, na Caſa de S. Bento de Xabregas, que havia de ſer a primeira, que experimentaſſe a refórma; e naõ quiz o Veneravel Padre, com reli-

religioſa modeſtia, chegar áquellas portas, a que ſe confeſſava agradecido, podendo encontrar motivos, que o executaſſem rigoroſo.

Mas ſe pode eſcuſarſe a eſta viſita, outras duas lhe entraraõ pela porta, com taõ executivo preceito para admittillas, que houve de ceder toda ſua repugnancia á razaõ, que lhe naõ admittia nenhuma. Achou o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, com aquelle incançavel zelo, com que ſe fazia preſente em todos os Santos Tribunaes deſte Reyno, que era conveniente viſitarſe o de Coimbra; como Prelado, e como amigo, commetteo, e fiou do Veneravel Padre eſta importancia, como quem conhecia a execuçaõ com que ſe deſembaraçava de todas. Aſſim ſahio deſta com o credito que coſtumava, e com aquella expediçaõ, que déſſe a conhecer o pouco, que havia que emendar. Naõ lhe ſuccedeo aſſim na viſita, e refórma daquella Univerſidade, que lhe commetteo elRey, informado de alguns abuſos, e deſmanchos, a que tinhaõ aberto caminho o tempo, e o deſcuido. Reſiſtia o Servo de Deos, porque entendia o deſagrado com que o haviaõ de olhar huns, e outros, os delinquentes, e os juſtificados; eſtes, porque em qualquer reparo ſupporiaõ a ſua innocencia injuriada; aquelles, por terem já a relaxaçaõ por natureza: mas nada aproveitou á repugnancia; entrou na viſita. Porém naõ valeo nella aquelle animo deſpido de reſpeitos, applicado ſó ao intereſſe commum, e beneficio dos eſtudos, e Eſtudantes, para que naõ começaſſe a ſemrazaõ das queixas a embaraçar, e deſconhecer as melhoras, achando contradiçoens, favorecidas de quem talvez devia desbaratallas. Suſpendeo o Veneravel Padre a diligencia, voltou para Lisboa com o pezar de naõ poder dar ouvidos á magoa dos mais pios, e zeloſos da Univerſidade, que já hiaõ deſcubrindo o felice caminho, que levavaõ os augmentos della. Mas o Santo Reformador, que media o quanto excedia o numero dos rebeldes aos obedientes, tinha já bem meditado, que ſó podia recorrer ao remedio da violencia; mas ſobre ſer contra o ſeu genio, tinha largas experiencias de que antes fomentava obſtinados, que reduzia comprehendidos.

Chegado a Lisboa, achou Patentes do Reverendiſſimo, o Meſtre Frey Nicolao Rodulfo (em cujo talento ſe pezava bem a reputaçaõ, em que eſtava na Curia o Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos) para que viſitaſſe, e preſidiſſe ao Collegio de Santo Thomaz dos Hibernios, e o Moſteiro de Freiras da meſma naçaõ, hum, e outro da Ordem, e immediatos ao Geral. Tinha ſido o Veneravel Padre em Madrid o mais empenhado padrinho, que reconheceo o ſeu deſamparo, quando fugindo ao levantado cutelo da hereſia, ſe retirara a Heſpanha, e dahi a Portugal, por conceſſaõ, e em tempo de Filippe IV. Aſſim aceitou eſta obrigaçaõ com taõ goſtoſo deſvelo, como quem já conhecia huns taõ bem afortunados filhos da Fé, e da Religiaõ de S. Domingos, que entre a braveza dos infieis de ſeus paizes contaraõ dentro de hum anno

mais

mais de cento e ſeſſenta Martyres, criados os mais delles neſte Collegio, para verdadeiros promulgadores do Evangelho, a cujas aras, depois de incriveis perſeguiçoens, como conſtancias, conſagraraõ as vidas. A de ſuas patricias, ſepultadas com Chriſto no ſagrado Moſteiro do Bom Succeſſo, aſſim he toda para o Ceo, que ſem commercio humano, nem a mais leve noticia, as faz trataveis com a terra. Aſſim ſaõ eſtimado ſegredo para ſeu Eſpoſo, como ſeu Eſpoſo o ſeu unico ſegredo. Se eſtes ſe conquiſtarem ainda a diligencias do preceito, naõ faltará materia para mais larga eſcritura, arrimando a eſta o lugar, em que as póde hoſpedar o noſſo trabalho, obrigado da liberalidade com que lho premittio eſte Reyno.

Mas naõ quiz o Ceo, que o Servo de Deos participaſſe eſta dilicia ſem ſe lhe ſeguir o mayor ſuſto, que lhe podia aſſaltar o deſcanço. Lograva já deſembaraçadamente delle no canto da ſua cella, por ter acabado de governar a Provincia; mas os ſeus merecimentos bemquiſtos, como bem experimentados, aſſim o levavaõ á memoria delRey, que havendo de prover o Arcebiſpado de Braga, lhe occorreo logo o Meſtre Fr. Joaõ com o grande intereſſe de poupar conſultas, e reſolver eſcolhas. Chegoulhe a notiaia da que delle tinha feito elRey, que muy pago deſte acerto, (porque o naõ ſuſpendeſſe algum embaraço) lhe fazia ſaber, que o deſpacho das Bullas corria por ſeu Real cuidado, e diligencia, de que o Pontifice já tinha noticia. Eſte ſingular favor, e as cartas cheas de honras, e promeſſas, aſſim dobraraõ a pena, aſſim quebraraõ o coraçaõ ao Servo de Deos, que bem entendeo, que era permiſſaõ ſua aprovar ſua paciencia, e examinar ſua conſtancia. Mas naõ foy eſta menos, que a com que reſiſtio á offerta de Miranda; e valendo-ſe do meſmo eſtylo na repoſta, e na eſcuſa, accreſcentou: *Que já os annos o achavaõ mais deſenganado; e que ſeria deſgraça, que ſe lhe dobraſſe o conhecimento, para ſe arrepender de hum bom propoſito. Que o que tinha feito de viver, e morrer em humildade religioſa, tinha já tantas raizes, que ſó abrindolhe a cova, lhas poderiaõ arrancar. Que Sua Mageſtade em premio do bem que deſejara ſervillo, lhe concedeſſe a merce de ſe eſquecer delle para as de tanto pezo; que aſſim ſe conſeguia muito, ficar Sua Mageſtade bem ſervido, a dignidade menos queixoſa, e a ſua conſciencia quieta.*

E quem naõ peza eſta reſoluçaõ, taõ deſpida das paixoens da natureza! O que deixava o Veneravel Padre naõ era já o Biſpado de Miranda, era a Cadeira de Braga, Morgada da Igreja na Eccleſiaſtica Monarchia das Heſpanhas, e Primaſia dellas, reſtaurada, ou defendida pelo ſeu grande Arcebiſpo Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, aſſiſtindo em Trento em tempo do Papa Pio IV. Eſta era a offerta, a que voltava as coſtas, e o grave pezo a que fogia com os hombros o Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, por naõ deſpir huma mortalha, e por naõ deixar a eſtreita prizaõ de huma cella. Iſto era o que ſó deixava, mas

inda avaliava por favor o aceitarem-lhe a eſcuſa. Venturoſo ſeculo, em que ſe acharaõ Varoens, que aborreciaõ honras; e votos, que ſó as davaõ aos que as aborreciaõ!

CAPITULO XX.

Recolhe-ſe ao Moſteiro do Sacramento como ſeu Vigario. Daſe conta das virtudes em que mais ſe eſmerou. Tocaõ-ſe alguns ſucceſſos prodigioſos em confirmaçaõ.

REnunciadas, ou deſpedidas duas Mitras, e recolhido ao canto da ſua cella, eſtava o Veneravel Padre gozando aquelle deſcanço, que a ſagrada ambiçaõ das virtudes cobiça para ſeu continuo deſaſocego, e exercicio, quando vagando a Vigairaria do Sacramento, de que ſahio para Lente de Prima da Univerſidade o Meſtre Frey André de Santo Thomaz, começou a convidar a ſeu eſpirito á companhia daquelles, que habitavaõ, e hoje habitaõ aquelle Sacrario Dominicano. He eſte lugar a todas as luzes da mayor reputaçaõ, pelos ſogeitos, que ſempre o occuparaõ, e pelas ſubditas, que nelle ſe dominaõ. Pelos Prelados, porque de Meſtres, Provinciaes, e Inquiſidores, paſſaõ a eſta occupaçaõ; pelas ſubditas, porque ſobre a eſtreita, e viva obſervancia em que eſtaõ naturalizadas, ſobreſahe o eſcolhido da nobreza, que tem trocado, e cada dia troca em Santo palacio aquellas ſagradas paredes, desde ſeus primeiros fundadores o Conde de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, e Dona Joana de Caſtro, filha dos Condes de Baſto. Aquelle, que conſagrando ſeus bens áquelle Santo edificio, veſtio o habito de S. Domingos, buſcando em o ſeu Convento de Bemfica a viva, e venturoſa ſepultura de huma cella. A Condeſſa, que levantando os muros, em que gaſtara o que poſſuia, foy a primeira, que do diluvio da terra ſe recolheo áquella arca, que fabricara. Fique o eſclarecido eſquadraõ das que a ſeguiraõ, para o lugar que lhe permitte a diſtribuiçaõ deſta eſcritura, que ſempre fora o primeiro, ſe entraraõ a votos os merecimentos.

Eſta vivenda, e eſta companhia eſcolheo o Veneravel Padre, ſatisfazendo os ſantos deſejos de o verem na ſua aquellas ſubditas, a que a ſemelhança das virtudes reconhecia filhas; naõ experimentaraõ nelle menos, que amor de pay, applicando-lhes o Veneravel Padre as ſuas rendas para ajuda de ſeu ſuſtento; e as que achou na Caſa, com groſſos dotes, que accreſceraõ, melhorou no gaſto, por querer melhorar o Moſteiro da Igreja, fabricando em ſua idéa (fecunda pelas noticias, que tinha adquirido de architectura) o novo deſempenho, que hoje ſe vê bem avaliado da arte, e merecido do aceyo daquelles eſpiritos caſtos, que por ſer o Sacramento Paõ de Anjos, lhe adereçaõ, e ornaõ aquella Caſa, e Meſa com a mayor decencia, que ſe póde alcançar na terra. Aqui ſe empenhou, e deſempenhou o deſvelo do Santo Prelado, vendo em pouco tempo ſubir as ſagradas paredes, e concluirſe huma obra, que entra

tra a fazer numero com as mais regulares de Lisboa, podendo dizer a ſua piedade, e ſciencia, o que o Meſtre das Gentes aos do Corintho: Eu dey a traça, e comecey a levantar os alicerces a eſta fabrica, como ſabio Architecto.

Ut ſapiẽs architectus fundamentũ poſui. 1. ad Corint. 3. 10.

Começou aqui o Veneravel Padre a ſer todo de Deos, pelo deſembaraço de negocios, como ſempre o fora por fervor de deſejos; eſtes o faziaõ arder em taõ vivas lavaredas de amor de Deos, que para deſafogo dalma parece, que ſe valia da deſnudez da pobreza. Taõ eſtreita era a que abraçava, que logo ſe lhe diviſava, ou no deſpido da cella, ou no veſtido ſingelo, e talvez remendado, de que uſava. O chapeo eſtava já taõ deſfigurado, e rendido com o tempo, que reparandolhe nelle em huma occaſiaõ ſua cunhada a Condeſſa de Figueiró, lhe deu dinheiro para outro. Aceitou o Servo de Deos a eſmola, e entendendo, que ainda a ſua neceſſidade naõ merecia eſte nome, ao ſahir da porta, a repartio com huns pobres, que achou a ella. Succedeo repetir a viſita, e perguntando-lhe a Condeſſa pela compra, lhe explicou o eſtylo, por que a melhorara. Tornou a Condeſſa a refazello para ſegunda; voltou para Caſa, e encontrando huns pobres, tornou a eſquecerſe de ſi, por ſe lembrar delles. Deixou-lhes nas mãos o dinheiro. Soubeo-o a Condeſſa; naõ deſconhecia o ſanto contrato, mas parecialhe indecente o tratarſe por aquelle eſtylo huma peſſoa de tanta authoridade. Aſſentou com ſeus criados, que lhe compraſſem hum chapeo. Naõ reparou o ſervo de Deos na troca, quando ao deſpedirſe, o tomou na maõ; mas naõ o paſſou á cabeça, porque ao ſahir da porta, pegando no do companheiro (que pouco ſe melhorava ao ſeu antigo) lhe poz na maõ o novo.

Naõ lhe ſuccedia menos com o calçado; e pode moſtrallo hum ſucceſſo, que ſe naõ eſtranhará por miudeza, pelo muito que inculca de ſua pobreza Apoſtolica. Caminhava ſempre o Veneravel Padre a pé; levantouſe o dia, que por ordem delRey havia de partir para Coimbra como ſeu Viſitador, e Reformador; e advertindo-lhe o companheiro, que quem havia de caminhar a pé naõ tinha ſapatos, que gaſtos, e rotos o deixariaõ a poucas horas de caminho, inſtavaõ os que alli ſe acharaõ, que compraſſe outros: reſolveo, que ſe chamaſſe hum ſapateiro; que com qualquer concerto naquelles velhos, ſe eſcuſava o gaſto de huns novos. Veyo o official, e em quanto lhos reparou, inda que á cuſta de muitos remendos, teve os pés ſobre huma cortiça, eſperando, que ſó lhos cobriſſe a ſua pobreza. Fermoſos pés, que hiaõ a dar paſſos para pacificar animos, e deſterrar abuſos! Eſtes eraõ os atavios, com que a ſua humildade ſe enfeitava aos olhos de todos, para dizer com as acçoens com que ſempre a teſtemunhou, naõ havendo nenhuma em ſua vida, que a naõ tiveſſe por alma.

Quàm pulchri pedes annunciantis, & prædicãtis pacẽ, annunciantis bonum. Iſai. 52. 7.

O meſmo teſtemunho ſe encontrava na cella, taõ nua, e deſpida, como a que naõ tinha mais ſerventia, que a de ſepultura. Nella aſſim em Bemfica, como em Lisboa (ſendo buſcado do mais illuſtre della, que com

com o motivo de parenteſco, ou da devoçaõ, lhe entrava pela porta) coſtumava tomar em pé as viſitas, por ſe naõ acharem alli mais que duas cadeiras de pao para agaſalhallas. Enganaraõſe alguns dos parentes mais chegados, que naõ ſeria voluntaria aquella pobreza; mandaraõ-lhe ornar decentemente a cella; deſpio-a logo para veſtir nos pobres as paredes de Chriſto. A cama humas taboas nuas, duras, e mal polidas, cubertas de groſſas mantas, conveniente agaſalho para quem antes queria deſpedir, que convidar o deſcanço. Taõ inimigo delle, fugia as occaſioens de o poder ter em nada da vida, que doendo-ſe o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro de ſeus grandes, e continuos achaques, e do mal, que podia convalecer delles no longo caminho, que de Bemfica a Lisboa pizava todos os dias, (que como Inquiſidor, vinha aſſiſtir ao ſeu Tribunal) lhe mandou dar huma mulla, que lhe facilitaſſe a jornada. Eſcuſouſe o ſervo de Deos, ſem que ſua indiſpoſiçaõ, nem os rogos de quem lhe fazia a offerta, baſtaſſem a reduzillo áquella conveniencia. Houve de darſe por ſentido, e aggravado o Inquiſidor Geral, e interpondo todo ſeu valimento, vio-ſe o Veneravel Padre obrigado a ceder de ſua auſteridade; mas reparando em que a mulla trazia mais authorizados arreyos, que os que os que convinhaõ a huma carruagem, que ſe aceitava por força, e ſe havia de uſar por neceſſidade, lhos mandou tirar, e pôr huma cella velha, applicando-a os dias que ſe naõ ſervia della, ás cargas de lenha, e mais ſerviço da Caſa, dizendo (por ſe ter em conta de mais inutil carga) *que naõ havia de ſervir ſó de acarretar terra de Bemfica a Lisboa.* Em chegando a ella, ſe apeava, entendendo, que o mais parecia fauſto, e naõ remedio.

Aſſim naõ deixava paſſar açaõ, em que a humildade, quando a naõ podeſſe ter toda, naõ ficaſſe com a melhor parte della. Era Prior de Bemfica, e como Salomaõ daquelle Santuario, zelava o ſeu aceyo. Ordenava ao Meſtre, que com os ſeus Noviços vieſſe varrer, e alimpar a Igreja; e vendo talvez, que tardavaõ como occupados no continuo exercicio do noviciado, naõ lhe ſofria o coraçaõ fiar aos Leigos, e aos moços aquella diligencia; pegava em huma vaçoura, e acompanhava-os nella. Neſte eſtado o acharaõ muitas vezes ſendo Prior, Provincial, Prégador delRey, e Inquiſidor, os Fidalgos, os Senhores, e os Miniſtros do Santo Tribunal, vendo-o acompanhar a Communidade no varrer do Dormitorio (demonſtraçaõ humilde de noſſa Religiaõ ſagrada, uſada huma vez na ſemana, e taõ religioſamente abraçada de todos, que os Prelados ſaõ os primeiros) Pouco era iſto: o que parecia mais era a ſagrada ambiçaõ, com que o Veneravel Padre naõ deixava paſſar hum lançe de abatimento, pelos mayores reſpeitos do Mundo. Aſſim fazia eſperar a viſita até ſe deſoccupar com a Communidade, deixando a todos, antes que queixoſos, edificados. Em quanto aſſiſtio em Coimbra, viſitando a Inquiſiçaõ, ou a Univerſidade, naõ permittio a Miniſtro,

ou

ou a peſſoa alguma de mais, ou menos ſuppoſiçaõ, que o acompanhaſſe; ou por aborrecer a liſonja, ou por fugir á ſingularidade; ou porque olhava para huma couſa, e outra, como verdadeiro humilde.

Como o naõ ſabe ſer ſenaõ o mais conſummado na virtude, exacto, e unico era o Veneravel Padre na regular obſervancia, a que de taõ poucos annos conſagrara ſua vida, deſempenhando nella o exemplar mais vivo, a que podia olhar o eſpirito mais reformado. O jejum das Conſtituiçoens, dilatado desde Santa Cruz de Setembro até a Paſchoa da Reſurreiçaõ, obſervou aſſim indiſpenſavel, que nem os achaques lhe aconſelharaõ as quebras delle. Da pobre reçaõ, que ſe lhe punha na meſa, aſſim eraõ os pobres quotidianos acrédores, que ſempre ſe contentava com a menor, e peyor parte della, fazendo-o com mais eſtreiteza na Quareſma, em que o ſeu prato naõ paſſava de humas hervas. Muitas vezes, que o melhorava de regalo, era hum pouco de paõ molhado em agua quente, com hum fio de azeite; mas eſta pitança era a com que contentava o trabalho de hum dia inteiro, quando o gaſtava em Lisboa, recolhendo-ſe á noite a Bemfica, cançado da aſſiſtencia do Tribunal, e de outras importancias de igual pezo. Levando naquelle tempo o de Prior por muitos annos, aſſim trazia as horas medidas, que aſſiſtindo a couſas muy diverſas, naõ lhe faltava tempo para todas. De manhãa antes de Prima oraçaõ, depois Coro, logo Miſſa celebrada com tanta ſuavidade, e doçura de eſpirito, que ſem caberlhe o coraçaõ no peito, lhe rebentava pelos olhos em groſſas lagrimas, a que fiava os jubilos como a mudas linguas. Acodia logo á ſua Cadeira, ás obras do Convento, ou ás funçoens da Communidade; o mais oraçaõ: breve deſcanço antes de Matinas, depois dellas menos; em humas nuas taboas nunca podia ſer muito, inda que lho diſpenſaſſe o tempo. Em todo continuou o Coro nocturno, ſem que o embaraçaſſem as preciſas occupaçoens, que o ſer Inquiſidor, Provincial, e Prégador delRey coſtuma trazer comſigo. A eſta exacçaõ de vida ſe accreſcentavaõ as diſciplinas de ſangue, os cilicios aſperos, naõ fiando ſó o deſabrimento com que ſe tratava ao groſſeiro, e eſquivo da tunica de eſtamenha, que (ainda gravemente enfermo) ſó o preceito do Prelado lhe fazia trocar por linho.

A ſua inteira obſervancia acompanhava huma fé viva, huma eſperança firme, huma caridade ardente. O ſeu grande, o ſeu continuo deſvelo era a decencia no culto Divino. Tudo para eſte emprego lhe parecia pouco. Aſſim com animo largo, e liberal ornou, e polio ſeu Convento de Bemfica com o mais ſelecto, a que antes parece, que podiaõ chegar os milagres, que as poſſes. Quadros da melhor maõ, que entaõ reconhecia o pincel, lhe ornaraõ as Capellas, e taõ prodigioſas eſculturas lhe occuparaõ os nichos das duas do Cruzeiro, (que ſaõ hum Chriſto eſpirando na Cruz, e huma Senhora do Roſario) que ainda ſe naõ deixaraõ imitar dos mais perîtos, como ſe vem admira-

miradas de todos. Aſſim trabalhou, e conſeguio o Veneravel Padre na proporçaõ, no ornato, e no aceyo daquella Igreja, hum breve Ceo na terra; e porque nelle ſe eſcutaſſem em todo o tempo poſſivel louvores a Deos, ordenou, que a Coros ſe rezaſſe pelos Religioſos no fim de Completas o Roſario, repartido em terços pelos dias da ſemana. O meſmo inventou no Moſteiro do Sacramento; continua-ſe com fervor em huma, e outra parte. Deſte commercio continuo que tinha com Deos, e com o que lhe tocava, lhe naſcia hum vivo, e ſeguro conhecimento, que enſinado da experiencia, ſó a Deos levava ſua eſperança, fiando tanto de ſua Divina Providencia, que nunca emprendeo couſa, que naõ viſſe; com ella, naõ ſó concluida, mas ainda continuada, aſſim na fabrica de Bemfica, donde rara vez chegou ſem falta de dinheiro o dia de pagar aos jornaleiros, e nunca ſe acabou ſem os mandar pagos. Eſtes os effeitos de ſua firme eſperança; e daqui o atearſe em ſeu coraçaõ a mais viva chamma da caridade.

Apertou a eſte Reyno o cruel cerco da fome, com que o braço da Divina juſtiça o quiz caſtigar por aquelles annos. Achavaſe Prior em Bemfica o Veneravel Padre, creſcia na Portaria o numero dos pobres, (que neſta occaſiaõ ſempre as Religioens ſaõ os piedoſos Pelicanos, que do que ſe tiraõ ao ſuſtento, alimentaõ os pobres de Chriſto, quando os ricos, e poderoſos fechaõ naõ ſó as portas, e as entranhas, mas ainda os ouvidos ao brado das miſerias.) Mandou o Veneravel Padre, que ſe cozeſſe mais paõ, e que ſe acudiſſe ao deſamparo; começou a correr todo aquelle contorno com as noticias do bom agaſalho. Era de pobres o celleiro do Convento, que coſtumava proverſe mais de eſmolas, que de rendas; faltavalhe aquelle anno (por experimentarem o meſmo em ſuas caſas) a com que o Correyo môr, e o Arcebiſpo de Lisboa acodiaõ áquella. Tinha medido o que ſe podia dar (e já ao Convento faltaria para comer) o Pade Frey Lourenço das Chagas, que tinha a ſeu cargo o celleiro. Recorreo ao Prior, propozlhe a falta, com que já o ameaçava o largo, e continuo da eſmola, concluindo, que naõ acabariaõ já o anno ſem ella. Eſcutou-o o ſervo de Deos com animo, e roſto ſocegado, e reſpondeo-lhe: *Padre Frey Lourenço naõ afrouxe nas eſmolas, alargue a maõ, ſem olhar para o trigo, que nem tendo-o nós, ha de faltar aos pobres, nem tendo a Deos, nos ha de faltar a nós.* Foy caſo notavel, e que chegou a eſcutarſe nos Pulpitos, que continuando na Portaria, e com peſſoas particulares, a que apertou a meſma neceſſidade, o remedio dellas, até ſe deſconhecer a fome, nunca faltou trigo no celleiro, e naõ ſó chegou, mas ſobejou ao novo.

Mas naõ parou aquella inextinguivel ſede de ſua caridade em ſuſtentar os pobres, paſſou a veſtillos; e para os veſtir a elles, ſe deſpio a ſi. Era Inquiſidor, mas aſſiſtia em Bemfica, que foy ſempre o appetecido centro de ſeu eſpirito. Paſſava todos os dias a Lisboa. Reparou

rou o Prior (que era entaõ Fr. Antonio dos Reys) pela noticia que tinha, naõ ſó das alfayas de ſua cella, mas da roupa que veſtia, que para as grandes giadas, com que aquelle Inverno fazia intrataveis as manhãas, e as eſtradas, era debil, ou nenhuma a reſiſtencia, que lhe podia fazer huma tunica velha, e huma capa gaſtada. Diſſelhe o bom Prior, que ſeria razaõ, reparando a ſua debilidade ao trabalho, e ao tempo, fazerlhe huns interiores, que o abrigaſſem contra elle; e reſpondendo o Veneravel Padre, que graças a Deos inda tinha com que ſe cobriſſe, que melhor fora applicallos a mayor neceſſidade, naõ ſe deu por deſpedido o Prior, antes mandando logo fazer huma caſaca de pano aſſaz groſſeiro, lha mandou levar á cella. Recuſou o ſervo de Deos a offerta, inculcando adonde ſeria mais bem empregada. Conhecia o Prior, que para vencer naquelles particulares a ſua inteireza, naõ havia mais que huma valia. Mandoulhe, que a veſtiſſe por obediencia. Beijou-a, e veſtio-a; mas naõ lhe durou muito a gala; paſſados poucos dias, chegava á Portaria huma manhãa a eſperar, que a chuva lhe déſſe lugar para ſe pôr a caminho para a ſua occupaçaõ do Tribunal, vinha a eſte meſmo tempo fugindo a elle hum pobre taõ roto, e deſpido, que o ſoccorro do tilheiro, que eſtava junto á Portaria, foy a ſua camiza, e a ſua capa. Eſtava a manhãa, ſobre chuvoſa, enregelada, e deſabrida. Fazia preciſa a laſtima no deſabrigo do miſeravel. Menos eſpectaculo fora baſtante a enternecer as entranhas daquelle ethna da caridade. Mandou ao companheiro, que com toda a preſſa foſſe pedir licença ao Prior, para agaſalhar aquelle pobre com a ſua caſaca, porque ſem acodir áquelle deſamparo, nem ſahiria da porta, nem ſocegaria a ſua conſciencia. Chegou o Prior admirado a examinar o motivo da ſupplica, e achou ao ſervo de Deos tanto mais treſpaſſado da laſtima, que o pobre da chuva, que entendeo, que mais neceſſitava o Padre de deſpir a caſaca, que o pobre de veſtilla. Aſſim as muitas aguas naõ poderaõ extinguir, mas atear a caridade, que naõ á de pequenas chuvas, mas nem á de caudeloſos rios pode cobrir ſeus incendios. Naõ temia os aſſaltos da agua, e do frio, quem por defender a outrem, os queria eſperar a peito deſcuberto. Veyo o Prior na licença de que déſſe a caſaca. Recolheo-ſe a deſpilla, trouxe-a com preſſa, entregou-a com ancia; antes pareceo, que a reſtituîa, do que que a dava. Caminhou contente para Lisboa.

Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem. Nec flumina obruent illam.

Continuo era o Veneravel Padre neſte deſvelo com os pobres, veſtindo a muitos, e entre elles a eſte, que agora o deixou deſpido. Mas como tambem a pobreza ſe naõ livrou de genero de contrato, vendia eſte o veſtido, e tornava a apparecerlhe em fórma de grangear outro. Reparou nelle o companheiro do Veneravel Padre, e reprehendendo-o com a aſpereza que merecia, quem com capa de miſeria, queria cobrir, e diſſimular a eſtafa, o deſpedio da eſmola como merecia ſua malicia; mas naõ o conſentio o ſervo de Deos, e eſtranhando-o

muito ao companheiro, lhe diſſe: *Que quem recebia no pobre, era Deos, porque nunca ſe perdeſſe o que ſe déſſe ao pobre. Que elle naquelle favorecia a miſeria, e naõ a callaçaria. Que a caridade naõ era tribunal de reprehender, mas de remediar. Que a eſmola era aquelle rio impetuoſo, que rega a Cidade de Deos, a congregaçaõ dos Fieis, e verdadeiros pobres; que ſempre em ſi he limpo, e puro, inda que o aqueducto ſeja toſco, e pouco proporcionado.* Aſſim naõ ſabia o ſervo de Deos, nem preſumir mal, nem deixar de fazer bem.

Eſta ancia caritativa o deſentranhava aſſim com os neceſſitados, que ſem ſe perdoar a ſi meſmo, nem o que lhe era preciſo eſtava com elle ſeguro, mais que em quanto lho permittia a ſupplica da pobreza. Viſitando a Provincia, mandou dar hum habito de dous que lavava, a hum pobre, que meyo deſpido o apanhou na eſtrada ſem dinheiro, ſentenciando-ſe em quanto andou naquella occupaçaõ a pedir hum habito de empreſtimo, em quanto ſe havia de lavar o que trazia no corpo, desfigurado do mao trato do caminho. Foy iſto pouco. Hia para a Inquiſiçaõ huma manhãa deſabrida, chegouſe a elle hum miſeravel pouco enroupado, eſcutou a ſupplica, que lhe fazia enternecido, voltou ao companheiro, que era Frey Gaſpar da Sylva, acharaõ-ſe ambos incapazes de remediallo. Podera reſponderlhe o Veneravel Padre, o que em companhia de Joaõ diſſera Pedro ao Paralitico, que lhes pedio a eſmola á porta do Templo: *Naõ tenho prata, nem ouro, mas doute o que tenho*; porque retirando-ſe a huma logea, deſpio com preſteza os calçoens, e entregou-os ao pobre, andando ſem elles até que ſe lhe fizeraõ outros, que veſtia antes como quem ſe aparelhava para outro encontro, que por guarnecerſe contra a inclemencia do Inverno.

Argentũ, & aurum non eſt mihi; quod autem habeo, hoc tibi do. Actor. 3. 6.

Mas reparando, que o tratar dos pobres naõ havia de ſer eſquecendo-ſe de que o era, reſolveo-ſe a impetrar do Pontifice Urbano VIII. hum Breve, com que ſem eſcrupulo podeſſe alargar a maõ a repartir com fabricas Sagradas, e com os ſeus pobres o que lhe rendiaõ os lugares, que occupava, o que elle grangeava pela ſua prédica, o que lhe davaõ ſua irmãa, e outras ſenhoras como a theſoureiro dos pobres, emprego, que aſſim reconheceo, e eſtimou nelle a Mageſtade de Filippe IV. que eſtando em Madrid, lhe mandou dar certa ſomma de dinheiro, entendendo a liſonja, que fazia á ſua caridade, em lhe dar para diſpender; graça, que o Veneravel Padre avaliou por unico intereſſe, ſendo taõ pouco déſtro no de qualquer cabedal, que ſe affirma delle, que inda ignorava a valia de hum toſtaõ. Tinha hum Religioſo por ſeu particular depoſitario; eſte arrecadava, e diſpendia; e ſe o Veneravel Padre queria alguma vez ſer o diſpenſeiro de algumas eſmolas, pedia, que lhe embrulhaſſe o dinheiro em diverſos papeis, podo-lhe a ſomma do que continhaõ; aſſim fechados, os paſſava ás mãos da pobreza, como quem lhe naõ conhecia outra ſerventia. A certo homem, que lhe arrecadava a renda de Inquiſidor, tinha dado

do permiſſaõ, para que acodiſſe a alguma neceſſidade, que ſe lhe offereceſſe. Trazia eſte em tempo determinado o reſto, e o rol da deſpeza, mas nunca pode obrigar ao Veneravel Padre a que lhe puzeſſe os olhos, perguntando-lhe ſó a diligencia, com que acodira aos apertos, como quem tinha já aſſentado, que aquella fazenda era dos pobres, e que o que alli podia haver de novo, era a promptidaõ no diſpendio.

CAPITULO XXI.

Caſos prodigioſos, que continuaõ o argumento de ſua virtude. Cahe em huma grave enfermidade; origina-ſe della ſua morte.

ASſim ſe hia remontando o Veneravel Padre ſobre a terra, aligeirando-ſe com o artificio de lhe ir deixando o que ella lhe hia offerecendo, depoſitando nas mãos dos pobres o pezo da prata, e do ouro, para que ſem eſſe embaraço ſe aviſinhaſſe ao Ceo, ſeu ſuſpirado centro. Aſſim pobre, e abatido a ſervo dos pobres, parece que ſe remontava ſeu eſpirito, conſumidas no fogo da caridade as penſoens do corpo. Mas naõ ſofre o pay da inveja o ver que outros ſobem, por donde elle cahio; que ſubaõ por abaterſe, como elle cahio por remontarſe. Aſſim começou a buſcar caminhos, que turbaſſem ao Veneravel Padre o ſocego de ſeu eſpirito, e em varias occaſioens ſuppoz o conſeguiria, aſſuſtando-o, ſe orava na cella, com golpes na porta; e com deſuſado eſtrondo em todo o Moſteiro, ſe ficava na Igreja; mas vendo a conſtancia com que continuando ſeus exercicios, lhe deſprezava os medos, e os terremotos, huma noite, que tinha provado toda ſua induſtria, ſem mais fruto, que conhecella ocioſa, ſe atreveo a maltratar o ſervo de Deos com taõ duros, e pezados golpes, que eſta foy ſem duvida a origem de ſuas grandes enfermidades, a juizo dos que tiveraõ eſta noticia, e obſervaraõ a ſua indiſpoſiçaõ depois della. Naõ quebrou aqui a internal furia, que no ſofrimento do ſervo de Deos ſe vio novamente injuriada. Tratou de provar a maõ em traça, de que em ſi tinha experiencia; quiz que a vaidade foſſe todo o tropeço daquella ſegurança.

Carregadas as nuvens, como ameaçando diluvios, deſcompoſto, e profiado o vento, como promettendo tempeſtades, bruſco, e deſabrido amanheceo hum dia, em que o Veneravel Padre com mayor importancia havia de ſahir de Bemfica á obrigaçaõ do ſeu Tribunal. Era neſte tempo ſeu companheiro o Padre Frey Joaõ das Neves; elle, e Jeronymo Correa, (inſigne entalhador, que aſſiſtia neſta occaſiaõ ao aſſentar o retabolo na Capella môr do Convento) por lhe pedir o Veneravel Padre hum eſcravo, que lhe levaſſe a bolça dos papeis, começaraõ a pedirlhe, e logo a proteſtarlhe, que naõ eſtava dia para aquella jornada; menos para arriſcar huma ſaude taõ perigoſa como a ſua. Naõ valeo nada, puzeraõ-ſe a caminho para Lisboa; nem chegaraõ a ella ſem que as nuvens ſe deſataſſem em huma chuva ſobre groſſa,

taõ profiada, que durando todo o dia, nem ao declinar delle o fez a tempeſtade. Naõ havia de ficar o Veneravel Padre, nem ainda por mais urgente motivo, fóra do ſeu Convento. Reſolveo-ſe com o companheiro, puzeraõ ſe a caminho. Já noite cerrada chegaraõ á Portaria; tocaraõ a que lhe abriſſem a porta. Paſſeava a eſte tempo no Clauſtro Jeronymo Correa, eſperando que ſerenaſſe algum inſtante, para paſſar, como coſtumava, a agaſalharſe na quinta dos Loureiros, que ſem meter em meyo mais que huma pequena lameda, a fica ſenhoreando a breve diſtancia do Convento; (hoje Caſa de prazer dos Marquezes da Fronteira, e o mais viſtoſo, e celebrado retiro, que reconhece eſte Reyno, e ainda nos eſtranhos ſe lhe naõ nega o lugar entre os mais famoſos) mas naõ ſe atrevia o Correa a paſſar ainda taõ breve diſtancia; tanta, e taõ continuada era a chuva! Ouvio tocar á Portaria; chegou com o Porteiro a examinar quem era, e vendo entrar ao Veneravel Padre (como mimoſo, e favorecido ſeu) ſe chegou a elle, e com verdadeira, e compaſſiva queixa lhe diſſe: *Por certo meu Padre Meſtre, que genero foy de temeridade ſahir Voſſa Paternidade de Lisboa com tal agua; porque ainda nos mais robuſtos parecera loucura.* Eſcutou-o com ſocego o ſervo de Deos, e como admirado do que lhe ouvia, reſpondeo formaes palavras com ſegura ſynceridade: *Pois que? chove?* Advertido o Correa, como o que já eſtava enſinado a naõ duvidar do que poderia ſer, ſe chegou mais ao Veneravel Padre, e tocandolhe os veſtidos, os examinou enxutos. O meſmo exame fizeraõ Frey Joaõ das Neves, (que ſe achava traſpaſſado da agua de todo o caminho) e o meſmo Porteiro; eſte, que eſtava ouvindo a chuva, aquelle, que a eſtava examinando na ſua Capa; e todos trez taõ mudos de aſſombrados, e taõ extaticos de convencidos, que deraõ lugar a que o ſervo de Deos atalhando nova experiencia, ſe recolheſſe ao canto da ſua cella.

Mas naõ lhe valeo a retirada, porque o inimigo, que o via fugir o encontro da vaidade, naõ deſconfiava de que ainda na publicidade do ſucceſſo o poderiaõ ir pondo de cerco. Naõ dilatou a experiencia. Recolhia-ſe o Veneravel Padre ao cerrar da noite em huma das ſeguintes para o Convento, e chegando com ſeu companheiro á ponte, que dá paſſo para elle, vio que nella ſe lhe atraveſſava hum homem, que detendo-o, lhe perguntou ſe era daquelle Convento? E naõ eſperando repoſta, continuou: *Dizem, que o Padre Frey Joaõ de Vaſconcellos he taõ virtuoſo, que veyo pela chuva ſem ſe molhar?* Naõ eſtranhava o ſervo de Deos as aſtucias de ſeu inimigo, conheceo o aſſalto, e voltando as coſtas, diſſe a ſeu companheiro (que neſta occaſiaõ era o Padre Frey Gaſpar da Sylva): *Padre vamos de preſſa, que a ſemelhante pergunta, ſó o naõ dalla he repoſta.* Sem eſperar alguma, deſappareceo o homem; naõ o deſconheceo o Veneravel Padre, nem o intento com que lhe lembrava aquella occaſiaõ, em que a mais ſegura virtude o naõ eſtá

das

das traiçoens da vaidade; mas eſtava fortalecido contra ellas o ſervo de Deos, devendolhe illuſtraçoens mais ſobidas, que em duas occaſioens parece que ſe viraõ deſempenhadas; naõ poderaõ eſtas eſconderſe a diligencias do Veneravel Padre, em cujo religioſo ſilencio ficaraõ ſepultados aquelles prodigios, que ſua ſanta modeſtia, e humildade profunda pode roubar aos olhos, e aos aſſombros da piedade Chriſtãa. Mas naõ baſtou eſte recato a embaraçar o muito, que havia que ſaber; naõ cabiaõ apertados na nuvem da diſſimulaçaõ os rayos da virtude, ſahiaõ a ferir nos olhos da experiencia.

Trabalhara com todo o deſvelo, e primor da arte o grande Entalhador Jeronymo Correa (de que diſſemos acima) o retabolo para a Capella mayor de Bemfica. Mandara o Veneravel Padre obrar pelo melhor Eſcultor, que entaõ conhecia Heſpanha, duas Imagens de humana eſtatura, huma de Noſſo Padre S. Domingos, outra de S. Pedro Martyr, para ſe accommodarem em dous nichos abertos no meſmo retabolo. Tinhaõ ſe tomado as medidas, naõ devia de ſer com taõ miudo reparo, como era preciſo, trabalhando-ſe em partes taõ diſtantes os nichos, e as Imagens; aſſim ſahiraõ as Imagens mais compridas hum palmo, que os nichos. Aſſiſtia Jeronymo Correa neſta occaſiaõ com os officiaes. Sobiraõ eſtes huma, e outra vez, levando a medida; huma, e outra vez deſceraõ deſenganados, que naõ havia mais remedio, que romper os nichos. Era primorosa, e bem medida toda a obra, ficavaõ os nichos na mais viſtoſa parte della, (porque acompanhando o remate do arco do meyo, ficaõ deſcançando ſobre as quatro columnas em que elle ſe ſuſtenta) e qualquer novidade, quanto mais hum deſmancho, a deſcompunha, e deſproporcionava. Naõ imaginavaõ remedio, que naõ foſſe perda. Affligiaſe o Veneravel Padre, que a via no mais importante da obra; mas bem conhecia, que na Caſa de Deos o meſmo Senhor devia ſer o mais empenhado; ſem duvida que illuſtrado, e ſobindo ao Ceo com eſte penſamento, lhe propoz a ſua magoa como petiçaõ do remedio; porque no meyo de tanta irreſoluçaõ mandou, que levaſſem acima as Imagens. Pareceo aos officiaes loucura, naõ aſſim ao Correa; aquelles tinhaõ tocado a difficuldade com repetida experiencia; eſte tinha mayor experiencia de quem os mandava. Sobiraõ-ſe em fim as Imagens, applicaraõ-ſe aos nichos, recolheraõ-ſe nelles naõ ſó ſem violencia, com deſembaraço, ficando na proporçaõ, que lhes podia dar a arte, e hoje admira a experiencia.

Naõ foy menor demonſtraçaõ das illuſtraçoens, com que Deos premiava o ſeu ſervo, o que lhe ſuccedeo com o meſmo Jeronymo Correa. Eralhe affeiçoado o Veneravel Padre, (porque ſobre o ſer eminente no que pertencia á ſua arte, era homem lizo, de vida concertada, e conſciencia limpa). Succedeo enfermar gravemente; naõ valeraõ remedios, chegou aos ultimos deſenganos. Naõ lhe eſquecia o bom amigo, tinha expe-

experiencias, que lho ſeguravaõ melhor Medico; pezava em mais a ſaude do eſpirito, para ella o tinha guardado. Com todo o encarecimento mandou pedirao Veneravel Padre, que lhe permittiſſe a conſolaçaõ de o ver; que bem ſabia que era larga, e penoſa a jornada, mas que teria o alivio de ſer a ultima. Sentio o ſervo de Deos a noticia, porque ſabia pezar a perda. Pozſe logo a caminho, eſquecendolhe o que tinha de cuſtoſo; chegou a caſa do enfermo, achou-o no extremo perigo, e taõ certo delle, que levantando as mãos ao Ceos, pedia ao Veneravel Padre, lhe permittiſſe, que gaſtaſſe com elle em reparos de ſua conſciencia o pouco, que lhe reſtava de vida. Levantouſe o Padre de junto da cama donde eſtava, e pondo os joelhos em terra diante de hum Crucifixo, que acompanhava o enfermo, ſe ſuſpendeo em huma breve oraçaõ; e levantandoſe della, ſe tornou a chegar á cama, pegou na maõ ao enfermo, e diſſelhe, que ſe ficaſſe com Deos: *Padre* (tornou o enfermo ancioſo, e affligido) *com eſſa ſequidaõ ſe vay, deixandome ás portas da morte? Eſte deſamparo naõ eſperava eu da ſua piedadade. Eſta he a hora, em que coſtumaõ valer os amigos como Voſſa Paternidade, e entendia eu, que eſta era a ultima fineza, que lhe havia de dever a minha vida. Naõ ſe deſconſole, que deſta vez naõ ha de perdella*, (lhe reſpondeo o Veneravel Padre) *e ſaiba, que dia da Encarnaçaõ, que he daqui a quinze, ſe achará com ſaude ſegura, e ſe levantará da cama. Por tudo dê a Deos infinitas graças.* Eſtas foraõ as palavras do Veneravel Padre, e depois o ſucceſſo o deſempenho dellas, ſem falta da minima circunſtancia, como depoz, e jurou o meſmo Jeronymo Correa.

Mas naõ ſó illuſtrava Deos ao ſeu ſervo, deſcobrindo-lhe os ſegredos de ſua elevada Providencia, tambem parece lhe participava aquelle unico privilegio, que tem para ſi reſervado, conhecendo, e examinando o ineſcrutavel coraçaõ dos homens. Era o Veneravel Padre Vigario do Sacramento, paſſou a Lisboa hum dos rigoroſos dias do Eſtio a huma importancia indiſpenſavel; naõ foy facil o concluilla; eraõ duas horas depois do meyo dia quando voltava para Caſa. O caminho largo, o Sol intenſo, a debilidade do ſervo de Deos, a lida de huma manhãa inteira, e o ſuſtento dilatado até aquella hora aſſim o traziaõ desfigurado, e taõ rendido, como ſe a cada paſſo foſſe eſpirando. Acompanhava-o neſta occaſiaõ o Padre Frey Alvaro de S. Joſeph, (a quem neſtes eſcritos teremos tambem por merecido aſſumpto, com a conſolaçaõ de o termos tido por Meſtre no Noviciado). Reparou huma, e muitas vezes nelle, e conſiderando no eſtado em que hia, compadecido, e laſtimado dizia entre ſi: *Pobre homem, em que fadigas poens a tua vida, como ſe os achaques a naõ trouxeraõ ameaçada! Que prodigalidade he eſta de huma ſaude, que te falta? Naõ he a vida, e a ſaude o primeiro que ha no Mundo? Naõ Padre Frey Alvaro,* (reſpondeo o ſervo de Deos voltando a elle) *naõ he.* Paſmou o companheiro, porque caminhava callado, e tratava aquel-

la

la pratica ſó em ſeu penſamento; e continuou o Padre: *Se eu entendera que eſte negocio, que nos traz a eſta hora fóra de caſa, naõ era do ſerviço de Deos, e honra da Religiaõ, he certo que me naõ cuſtara paſſos, nem deſvelos, quanto mais diſcommodos. Os que ſinto ſaõ os que Voſſa Paternidade tem paſſado hoje; mas naõ eſperdice eſta occaſiaõ de ſofrimento; que tem Deos muito que nos dar, e nós vida muy breve para o merecer.*

Naõ podia ſer dilatada a do Veneravel Padre, porque a aſpereza, com que ſe tratava, favorecida dos grandes achaques que padecia, aſſim lha traziaõ ſempre arriſcada, que parecia milagroſa a reſiſtencia. Já parece que naõ tinha vigor para ella, porque aſſaltado de huma grave doença, que lhe ſobreveyo no anno de 1651. fiou totalmente proſtrado, começando a eſcutar o ultimo deſengano. Tornou a recuperar alguma ſaude, mas como ſobre poſſe, e com grande difficuldade; porém a mayor era reſiſtir áquella ancia de ſe entregar á ſua antiga aſpereza; era companheira de ſua vida, ſuppoz, que naõ convaleceria ſem ella. Debil, e ſem forças tornou a exercitalla, tratando-ſe com taõ pouca piedade, como ſe a doença tivera ſido crime, e o trabalho della ocioſidade; porém eſtavaõ taõ cortadas ſuas forças, e taõ proſtrada a natureza, que ſem poder tolerar o deſmancho, deſparou em huma febre, com ſimptomas mortaes. Deſcobriraõ-ſe melhor no termo critico do ſeteno; entriſteceraõ-ſe os Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ, deſconſolaraõ-ſe as virtuoſas ſubditas, que o eſcutaraõ, porque lhe lembrou o perigo o que naõ havia muito tinha eſcutado a huma filha daquella penitente Caſa, (que nella falecera com opiniaõ, e demonſtraçoens de verdadeira filha ſua) que Deos naõ tardaria em fazer hum grande favor ao Meſtre Frey Joaõ naquella meſma Caſa, em premio da Igreja que lhe trabalhara nella. Naõ duvidavaõ aquelles eſpiritos caſtos, que o levallo a melhor vida era o favor de mais conta, como ſabiaõ a pouca que o ſervo de Deos fazia da que lhe tirava a doença.

CAPITULO XXII.

De ſeu notavel tranſito, e circunſtancias de ſeu enterro.

JA' com deſcuberto deſengano viaõ todos, que eraõ aquelles os ultimos dias daquella vida, que os merecia eternos, e por iſſo hia perdendo os caducos. Conheceo-o aſſim o Veneravel Padre, e vendo, que o deſcompaſſado da febre lhe acomettia o cerebro, pedio os Sacramentos; recebeo com extraordinarias demonſtraçoens de interior goſto o Viatico, preparando-ſe para elle com huma confiſſaõ taõ penitente, ainda no exterior, como ſe ſó remettera as vozes aos olhos, e naõ lhe coubeſſe o coraçaõ ſenaõ nos ſuſpiros. Mas como ſabia pezar as ultimas importancias da conſciencia, pedio lhe mandaſſem chamar o Meſtre Frey Fernando de Menezes, que aſſiſtia em Lisboa, ſeu eſtreito amigo, a quem havia annos eſcolhera para conſultar as melhoras de ſua alma.

Com

Com alivio della o recebeo; e naõ ſe eſquecendo para que o conſervara amigo, fez com elle huma confiſſaõ geral, naõ contente com a que havia pouco tinha feito; porque ſabem olhar os Juſtos para ſi com diverſa conſideraçaõ, que os outros para elles. Os que vem de fóra, chamaõ ás imperfeiçoens eſcrupulos, elles delictos. Naõ he erro de contas em quem eſtá de caminho para hum Tribunal, donde ſe tomaõ taõ eſtreitas. Augmentavaſe-lhe a inſtantes o achaque, e aſſim o hia chegando ás portas da morte. Bem ſabia o ſervo de Deos o que ella podia tardar, e pedio a Unçaõ, porque a queria receber com inteiro conhecimento, e agradecer a Deos aquelle grande beneficio de partir deſta vida como bem afortunado, e mimoſo filho da Igreja.

Pareceo tempo de ſe lhe ſatisfazer á ſupplica, recebeo aquelle Sacramento com vivas moſtras de compunçaõ, e doçura de eſpirito, reparando, e reſpondendo a todas as ceremonias daquelle piedoſo acto, a que acompanhou, pedindo com palavras cheas de humildade profunda perdaõ a todos do mao exemplo de ſua vida, negligencias nos cargos, que tivera nella, deſejando alli a todos para lhes fazer a meſma ſupplica, encaminhando-a ao Provincial, para que em ſeu nome a fizeſſe a toda a Provincia; e accreſcentou com voz mais eſperta, e mais viva ancia: *Que a toda ella rogava, lhe perdoaſſe todo o eſcandalo, ou motivo de queixa, da falta de juſtiça, com que poderia ter olhado para os benemeritos, ou naõ examinando mais miudo o merecimento, ou abraçando as reſoluçoens do ſeu voto. Mas que elle proteſtava diante de Deos, que nelle o naõ levara nunca paixaõ particular da abominavel peſte das parcialidades, mas ſó o mayor ſerviço de Deos, e beneficio commum da Religiaõ; que os erros ſe imputaſſem antes á ſua incapacidade, que á ſua malevolencia; que iſto praticara ſempre em ſua vida, e o repetia agora ás portas da morte.*

Rodeavaõ-no os Inquiſidores, os Titulos, e ſenhores ſeus parentes; aſſiſtialhe o Provincial, e o ſeu Confeſſor o Meſtre Frey Fernando, todos ſentidos, e todos edificados. Entrou o Biſpo de Coimbra; aſſim fazia bom roſto ás viſitas, como ſe lhe vieraõ dar parabens de ſuas melhoras. Naõ as havia na doença, eraõ todas para ſua alma. Pediaõ-lhe o Biſpo, e o Confeſſor, perſuadiaõ-no os mais, que lhes diſſeſſe alguma couſa em ordem á exhortaçaõ da virtude, para que aquellas ultimas palavras ficaſſem como reliquias á ſua ſaudade: *Hum taõ grande peccador*, (reſpondeo o ſervo de Deos) *e que ſe vê neſta hora com o pezo de huma conſciencia, e taõ mal ajuſtada, que tempo póde ter, que para ſi naõ ſeja pouco? Offenſas de toda huma vida, deviaõ ter huma eternidade por exame, pois a podem ter por caſtigo. O que poſſo dizer, (e he o que devo repetir) he a neceſſidade, que tenho de que me perdoem o mao exemplo, que a todos tenho dado; a frouxidaõ com que tratey ao proximo, a negligencia com que acodi ao neceſſitado, o amor proprio, que me naõ deixou deſpir de mim meſmo.* Eſtava já cançado o eſpirito, naõ

podia

podia o calor debil reſiſtir ao frio da morte, ouviaſe-lhe a voz fraca, e balbuciente; mas tornando-o a importunar os que lhe rodeavaõ a cama, e lhe aſſiſtiaõ na cella, como cobrando novo alento, e como ſe de todo ſe vira deſaſſombrado daquelle ultimo lethargo, começou a fazer huma exhortaçaõ á virtude, com palavras taõ ardentes, e efficazes, com razoens taõ vivas, e convincentes, como ſe o leito ſe lhe trocara em Pulpito, e ſe lhe couberaõ na lingua todos os deſenganos daquella hora. Aſſim deſafogou ſeu eſpirito, e ſeu coraçaõ, como quem levantando já os olhos aos montes da eternidade, via o pouco, ou o nada que deixava neſte valle da miſerias, tirando lagrimas piedoſas, e compungidas dos olhos dos que com coraçaõ magoado pezavaõ, e ſentiaõ a falta de taõ grande Meſtre de eſpirito.

Lançaraõ-ſelhe a beijarlhe a maõ; o primeiro foy o Biſpo de Coimbra; reſiſtio o Veneravel Padre, mas houve de ceder o debil quanto recuſava o humilde. Fezlhe em fim dar as mãos a fraqueza, e aproveitando-ſe della o Biſpo, paſſou a devoçaõ aos olhos aquelles violentados theſouros, que lhe queria eſconder a terra. Seguio-ſe o Provincial, e os ſenhores, que alli ſe acharaõ, por mais que o ſervo de Deos moſtrava no ſemblante a mortificaçaõ, que naõ podia na reſiſtencia. Pedio que lhe começaſſem o Officio; naõ lhes parecia aos Religioſos tempo; deſenganou-os hum parociſmo. Tornou em ſi logo; meteraõ-lhe na maõ a véla; beijou-a, e pedio que lhe deſſem hum Crucifixo; e abraçando-ſe com elle, e beijando-lhe os pés, lhos banhou com groſſas, e repetidas lagrimas, que lhe cahiaõ dos olhos, naõ menos ardentes, que as fervoroſas, e continuas jaculatorias, que ſe lhe arrancavaõ do coraçaõ, naõ havendo nehum (dos que o viaõ, e eſcutavaõ) taõ ſeco, que o naõ attendeſſe compungido, ou o naõ acompanhaſſe no meſmo deſafogo. Cobrou mais alento; pedio, que lhe deſſem o habito, e com admiraçaõ de todos, que viaõ a ſua debilidade, o veſtio, e poz a capa, inclinando-ſe a ſocegar o pouco, que lhe tardou outro parociſmo; de que mais aliviado, diſſe aos que lhe aſſiſtiaõ, (com a efficacia que lhe permittia a ſua fraqueza) que o encomendaſſem muito a Deos, que era rigoroſo aquelle inſtante; e voltando os olhos ao Crucifixo, que tinha defronte da cama, em mal formadas, e ſuſpendidas palavras ſe lhe ouvio: *Vir aqui a mim deſta maneira meu Jeſus!* Como eraõ ſoltas, e intercadentes as palavras, entenderaõ os que aſſiſtiaõ, que o dizia pelos que entravaõ; e dizendo lhe, que ſe naõ moleſtaſſe de os ver alli, que todos lhe queriaõ aſſiſtir com goſto, e conſolaçaõ de eſpirito; reſpondeo, que o naõ diſſera por iſſo: e ſuſpendendoſe, outra vez lhe tornaraõ a eſcutar: *Vir aqui meu Jeſus!* Mais dizia ſegundo o movimento dos beiços, mas tinha já a voz taõ quebrada, que entre elles ſe lhe perdia.

Eſtando hum pouco ſocegado, viraõ que pondo os dedos ſobre a boca, diſſe: *Haja profundo ſilencio*; e continuou: *Hoje, hoje he o dia*: *Omnes Virgines.*

nes. Iſto ſó ſe lhe percebeo, inda que continuou, porque em voz mais baixa, e tartamuda, naõ ſe lhe alcançava palavra perfeita. Só chamando o ſeu Confeſſor, ſe lhe ouviraõ eſtas: *Agora com taõ grande favor da Virgem ſe póde caminhar ſeguramente.* Entendeo-ſe logo dos que aſſiſtiaõ que a Rainha dos Anjos, cercada das Onze mil Virgens, vinha a buſcar ſua alma, para accreſcentar o numero daquella triunfante companhia. Parece que o confirmou o Veneravel Padre, porque logo pedio que lhe deſſem huma Imagem da Senhora do Roſario, que com o Crucifixo eſtava em hum Altar fronteiro. Naõ o perceberaõ; traziaõ-lhe o Crucifixo; fez ſinal que a Senhora; e tomando-a nos braços, aſſim ſe lhe reſtituiraõ os alentos, que entre as ſombras daquelle lethargo ſe lhe deſcobriraõ nos olhos, e ſemblante as demonſtraçoens do interior gozo de ſeu eſpirito, como ſe já eſquecido dos horrores da morte, lhe feriſſe nos olhos a luz da ditoſa eternidade. Aſſim ſe lhe percebiaõ melhor as piedoſas ternuras, e petiçoens pias, que lhe fazia, ainda que com voz cançada, e interrompida. Deſpedida a Imagem, voltou a todos os olhos com huma ſuſpenſaõ alegre, hum ſanto agrado, e hum deſuſado ſocego, e a cada hum per ſi foy abraçando com o eſcaço alento, que lhe hia eſtreitando o ultimo parociſmo. Entrou nelle, pedio a Imagem do Crucifixo, e beijandolhe com ternura os pés, e o lado, poz os braços em Cruz, e apertando-o entre elles, e o peito, em huma ſocegada reſpiraçaõ lhe entregou o eſpirito, em huma terça feira 29. de Janeiro de 1652. das trez para as quatro da tarde, ficando com hum ſemblante agradavel, trocada em huma cor acceza a palidez naõ ſó da morte, mas que tivera em vida, como ſe já na morte cor daquella copia ſe começaraõ a diviſar os vivos matizes da Bemaventurança.

Naõ ſe auſentaraõ os que tinhaõ aſſiſtido, até naõ deixarem o corpo na Igreja ſobre dous degraos cubertos de veludo, a que o conduziraõ os Inquiſidores, Fidalgos, e Religioſos mais graves. Alli eſteve aquella noite aſſiſtido das ſuas Religioſas, a quem a noticia de ſeu ditoſo tranſito, e as largas experiencias de ſua vida, ſe lhe podiaõ enxugar os olhos na contemplaçaõ das coroas de ſua alma, naõ valeriaõ menos a humedecellos as ſaudades de ſua ſanta companhia. Começou a cuidarſe da ſepultura. Era grande o theſouro, todos cobiçavaõ a mina. As Religioſas, como ſubditas favorecidas do Ceo, que lha trouxera a caſa, julgavaõ por roubo o levar-ſelhe fóra della. O Biſpo Inquiſidor Geral, como parente, que a todos os ſeus tinha lavrado em Bemfica o mais ſumptuoſo enterro, queria ajuntar eſta reliquia áquelle Santuario. O Prior, e Convento de Almada, com a razaõ de o merecerem filho. O Prior, e o Convento de Bemfica, com a ventura de o reſpeitarem Reedificador, e Prelado, fiavaõ toda ſua diligencia ás evidencias de ſua juſtiça. Eſcutaraõ-ſe todos do Provincial como Juiz; remetteo ao voto dos Padres mais graves a reſoluçaõ; e porque eſta naõ deixaſſe queixoſos, houve

ve de entrar o ſeu poder abſoluto a melhorallo de partido, diſpondo, que o Real Convento de S. Domingos de Lisboa lograſſe aquella honra como Cabeça da Provincia, conſeguindoſe felizmente o deſtinarem-ſe áquellas ditoſas cinzas a mayor Corte por templo, e o mais grandioſo Convento por tumulo.

Naõ cederaõ os litigantes. Era grande o intereſſe, nenhuma razaõ podia pezar mais que a poſſe. Appellaraõ para o Geral, requerendo que ſe depoſitaſſe o corpo, em quanto ſe liquidaſſe a cada hum o direito, e proteſtando a violencia, com que precedia o Convento de Lisboa. Se tanto valem as fezes, que em hum cadaver deixou a virtude, a que valia ſobirá o ouro aquilatado do eſpirito? A' quarta feira, que foy o dia ſeguinte, ſe celebrou a Miſſa de corpo preſente. Cantou-a o Biſpo Inquiſidor Geral, aſſiſtindo a ella os Biſpos de Coimbra, Leiria, e Elvas, os Inquiſidores, e Miniſtros do Santo Tribunal, as peſſoas graves de todas as Religioens, os Senhores, Titulos, e o mais qualificado da nobreza da Corte, a que chamou o parenteſco, ou ajuntou a devoçaõ. Celebrada a Miſſa, chegou em veſtes Pontificaes o Biſpo Inquiſidor a dar o oſculo de paz ao Veneravel Padre; ſeguiraõ-no os mais Biſpos, e peſſoas notaveis, que aſſiſtiaõ, beijando-lhe a maõ com devoto, e rendido reſpeito. A's duas da tarde vieraõ as Communidades de Lisboa, Bemfica, Almada, e Collegio de Santo Thomaz dos Hibernios; diſſe cada hum ſeu Reſponſo; precedeo Almada, Caſa de que fora filho o Veneravel Padre; diſſe a Oraçaõ o Prior o Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro; ſeguiraõno os mais Priores neſta ceremonia, como na de venerar o corpo; fizeraõ as Communidades o meſmo, todos com os coraçoens taõ cheyos de eſpiritual conſolaçaõ, como os olhos de lagrimas.

Seriaõ as trez da tarde, deuſe ordem ao enterro. Era grande o concurſo, naõ foy pouco deſembaraçar o caminho. Repartioſe a cera; naõ pareça miudeza eſcuſada, merecendo tambem eſta memoria a liberalidade ſempre grande do Biſpo Inquiſidor Geral, que com larga maõ a mandou diſpender; nos muitos, que concorreraõ, naõ pareceo pouco; ſó teve eſſe nome no ſeu animo. Adiantouſe a nobreza a pegar no eſquife; oppuzeraõ-ſe as Religioens, que naõ conſentiaõ privarſe daquella honra. Era largo o caminho, concordou-ſe, que a todos contentaria a piedoſa carga. Foraõ os primeiros Dom Joaõ Maſcarenhas, Conde de Santa Cruz, Dom Pedro de Lancaſtro, Dom Veriſſimo de Lancaſtro, ſobrinhos do Veneravel Padre, eſte, que depois foy Biſpo Inquiſidor Geral, e Cardeal de Lancaſtro, o Provincial deſta Provincia, com os Priores de Lisboa, Bemfica, e Almada, o Meſtre Frey Fernando de Menezes, peſſoas graves de outras Religioens; grande parte da nobreza foy eſtendendo o acompanhamento, chegando na meſma Ordem ao Convento dos Eremitas de S. Paulo, que ficava mediando o caminho. Aqui eſperava o Santo Tribunal da Inquiſiçaõ, com

todos ſeus Miniſtros, e Familiares, e muita nobreza. Nas ruas aſſim carregou o concurſo, que foy neceſſario, que o reſpeito da juſtiça deſembaraçaſſe o caminho. As janellas, e paragens, por donde haviaõ de paſſar, aſſiſtidas de ſenhoras, e peſſoas graves, que convidadas da fama de tanta virtude, queriaõ ſe quer com os olhos contentar a devoçaõ, e proſtetar o reſpeito. Eſcutavaõ-ſe os lamentos dos pobres, que o ſentiaõ perdido amparo; ouvia-ſe a acclamaçaõ do Povo, que o invocava Santo; e ſó aquellas lagrimas faziaõ pezo a eſtes vivas, para que ſe entendeſſe, que era aquella pompa funebre de enterro, e naõ apparatoſa prociſſaõ de triunfo.

Revezavaõ-ſe os que levavaõ o eſquife, porque era o caminho largo; tinha vencido com a ditoſa carga grande parte delle o Conde de Santa Cruz. Chegou-ſelhe hum Religioſo grave; e deſejoſo de que o deixaſſe merecer, em troco de o aliviar, lhe diſſe, que ſe alargava o caminho, e pezaria o corpo: *Naõ peza nada já o corpo do Padre Meſtre*, reſpondeo o Conde. Entendeo pia, e theologicamente, que era aquelle corpo de hum bemaventurado, que no dote da agilidade deſconhecia as penſoens de terreno. Chegaraõ ao Rocio, e ſendo huma das mais deſembaraçadas praças, o concurſo a fez eſtreita, ſendo preciſo aſſim nella, como na entrada do Convento de S. Domingos, interporſe a authoridade do Biſpo Inquiſidor Geral, e mais Biſpos de Coimbra, Leiria, e Elvas, para que o tumulto atrevido de devoto, deixaſſe recolher á Igreja o veneravel corpo. Aſſim tocavaõ nelle (como podiaõ) as contas, e paſſando a querer alguma reliquia de ſuas roupas, por duas vezes o tiveraõ fóra do eſquife, eſtado já no Coro, e levantado ſobre alguns degraõs; mas a ambiçaõ ainda devota parecia ſacrilega. Acodio o reſpeito dos Biſpos, e ſenhores, e aſſim reſgataraõ as veneraveis reliquias das mãos da piedade, como ſe fora das da irreverencia. Naõ promettia menos a fé com que o Povo tinha eſcutado o nome do Veneravel Padre, e as ſaudades, que deixava naõ ſó em toda a Corte, mas nas viſinhanças della, concorrendo a pobreza de Bemfica, e Alcantara, donde tinha ſido mais continua a ſua aſſiſtencia, a lamentar o deſamparo em que ficava, e correſponder o muito, que recebera naquella demonſtraçaõ da ſua magoa.

Creſciaõ as da devoçaõ com tanto detrimento dos Religioſos, que faziaõ o Officio da ſepultura, que a conſelho do Inquiſidor Geral, acabada aquella ceremonia pia, ſe recolheo o corpo em huma caixa de madeira, e ſem mais dilaçaõ ſe paſſou á ſepultura, eſtando o meſmo Biſpo em pé ſobre ella, em quanto ſe acabava de tapar, porque a devoçaõ já menos ſofrida de deſenganada, naõ appellaſſe aos deſmanchos da violencia. Eſcondeo-ſe em fim na terra o que já della levava taõ pouco, que bem o podia deſconhecer de filho.

CA-

CAPITULO XXIII.

Noticia das exequias; caſos notaveis, que obrou o Ceo mediante ſuas reliquias; breve relaçaõ de ſua fiſonomia, e prendas.

SAõ as exequias aquelle ſacrificio, que entre demonſtraçoens funebres offerece aos olhos de Deos a Igreja como Mãy piedoſa, ou para reſgatar ſeus filhos daquelle rigoroſo carcere de fogo, ou, quando já livres delle, para lhes augmentar as glorias de ſeu triunfo. Fallando das almas dos juſtos dizia Santo Agoſtinho: *Pro valde bonis gratiarum actiones ſunt.* Vem a dizer: offerecidas pelos bons, paſſaõ as exequias a acçaõ de graças. Aſſim parece, que o quiz moſtrar o Ceo nas exequias do Veneravel Padre, pois eſtando todos aquelles dias deſabridos, e tempeſtuoſos, amanheceo o da ſegunda feira ſeguinte (que ſe contavaõ 5 de Fevereiro) taõ ſocegado, e ſereno, como ſe quizera franquear á devoçaõ o caminho para aſſiſtir ás honras daquelle funebre triunfo. A meſma obſervaçaõ ſe tinha feito em a tarde do enterro, e o dia ſeguinte, em que ſe cantou a Miſſa do corpo preſente, parecendo, que privilegiara Deos aquelle tempo, para que a continua, e importuna teima das aguas naõ embaraçaſſe a mais populoſa, e authorizada aſſiſtencia áquellas exequias.

Auguſt. in Enchirid. cap. 108.

A cargo de ſeu deſvelo, e da ſua liberalidade as tomou o Biſpo Inquiſidor Geral, com aquella ancia ſempre de amigo, e agora já de devoto. No meyo da Igreja mandou levantar a Eça, que cuberta de hum pano de veludo preto, (atraveſſado de huma Cruz de téla branca, e franjada de ouro) ſe rodeava de groſſas tocheiras, e accezos brandoens. Aſſiſtio o meſmo Inquiſidor Geral com todos os Miniſtros, e Familiares em fórma de Tribunal, toda a Nobreza da Corte, Prelados das Religioens, e ſogeitos mais graduados delas. O Povo taõ ſem numero, que ſendo a Igreja das mayores da Corte, hoſpedou no Adro a mayor parte delle. Cantou a Miſſa o Provincial deſta Provincia; prégou o Preſentado Frey Alvaro Leitaõ, (depois Meſtre em Theologia) que por entre muitos, e celebrados ſogeitos, que entaõ reſpeitava o Pulpito Dominicano, ſobio a elle eſcolhido do grande deſte aſſumpto. Naõ podia deixar de dar muitos á ſua eloquencia, quem em vida tinha dado tantos á admiraçaõ de todos, continuando-os depois de ſua morte, ou porque o Ceo quiz calificar a virtude do Veneravel Padre; ou porque o executava a viva confiança, com que a piedade Chriſtãa lho propunha em ſuas neceſſidades por valia. Aſſim ſe julgaraõ ditoſos, depois de ſeu tranſito, os que lhe alcançaraõ alguma parte de veſtido, recorrendo muitos ao Moſteiro do Sacramento, a procurar com incançavel diligencia, e ſupplica os retalhos de ſuas pobres roupas, feitas nelles para abranger, e contentar a devoçaõ.

Naõ ſe enganaraõ na diligencia, ſendo de tanta importancia, como depois moſtraraõ alguns caſos. Naõ ſaõ poucos os de que podia haver noticia mais miuda, mas entregou-os

ao tempo o noſſo deſcuido, ſendo antigo o com que eſta Provincia coſtuma olhar para o que lhe póde dar honra, que em vez de juſtificar as deſcubertas, parece, que ſe empenha em eſconder as juſtificadas. Muitas, e varias relaçoens, e tradiçoens de maravilhas obradas por interceſſaõ deſte ſervo de Deos aponta a piedade de alguns Fieis, que o conheceraõ, e olharaõ para ſuas couſas com devoto reparo; mas por naõ parecer que antes queremos alargar a penna, que propôr a verdade, tocaremos o que já com o nome, e ſubſtancia della achamos impreſſo em o livro da vida do Veneravel Padre, que eſcreveo o Meſtre Val de Cebro, da Ordem dos Prégadores da Provincia de Heſpanha, e ſe imprimio em Madrid em 1668. Mas ſirva de preludio aos caſos, que a piedade Chriſtãa lhe reconheceo milagroſos, a ancia eſcrupuloſa, com que o Veneravel Padre coſtumava examinar todos; e naõ ſerá de menos credito ſeu, ſer em vida menos facil em crellos, que depois de ſua morte em obrallos.

Collocara o Veneravel Padre a Imagem da Senhora do Roſario no Altar, que fica da parte da Epiſtola, no Cruzeiro da ſua Igreja de Bemfica. He rara a eſcultura, e inimitavel aos deſvelos da arte, que em officiaes notaveis deſte Reyno a tomou pro prototypo. Começou a fermoſura a affervorar a devoçaõ na ſemelhança, julgando-ſe, que o era aquella da verdadeira, diſpenſada á terra para conſolaçaõ de quem tambem a ſervia. Concorria o Povo de longe, e perto, convidado dos milagres, que da Imagem nova ſe eſcutavaõ cada dia. Daqui naſceo convencerſe a ignorancia, que era milagre tudo o que felizmente lhe ſuccedia, ſuppoſta a invocaçaõ da Senhora; com eſta voz ſe começou a encher a terra, chegando aos ouvidos do Veneravel Padre com tanta magoa, que ſe reſolveo a deſenganar o Povo daquelle abuſo; e entrando hum dia na Igreja, chamado do concurſo tumultuoſo, que na Capella do Roſario apregoava por milagre hum ſucceſſo muy leve, chegou a examinallo de perto, e colhendo das circunſtancias, que naõ paſſara de hum acaſo, laſtimado em ſeu coraçaõ, e logo accezo em vivo zelo, levantando os olhos, e as mãos á ſagrada Imagem, lhe diſſe: *Senhora adverti, que he preciſo, que naõ façais mais milagres; e olhay que, ſe os os fazeis, que vos heide tirar da voſſa Capella, e ainda deſta Igreja.* Paradoxos parecem ás vezes as reſoluçoens dos Juſtos! Quem naõ reparou na confiança de hum Jacob, com Deos a braços, ameaçando-o, que o naõ largaria da prizaõ em que o tinha nelles, ſe o naõ enriquecia primeiro com huma bençaõ, como ſe deſconhecera, que era hum Deos Omnipotente o com quem o havia? Aquelle eſtranho eſtylo, com que fallava vulgarmente o Apoſtolo de Valença, o Noſſo S. Vicente Ferreira, que mandava a ſeu meſmo Prelado, que foſſe fazer os milagres, para aliviallo do trabalho dos que tinha feito. Obedecia o Prelado, e fazia os milagres em nome do Santo. Deſpedia os doentes, dizendo, que aquelle dia naõ eſtava para fazer milagres. Man-

Non dimittam te niſi benedixeris mihi Geni. 32. 26.

Na ſua Lenda.

Mandava-os vir ao outro, e a todos deſpedia com remedio. Mas quem naõ mede, que eſtas, que nos ſoaõ a temeridades, ſaõ ſó privilegios, para ſingularizar agigantadas virtudes? Foy caſo notavel, que daquelle dia até o preſente ſenaõ eſcutaraõ, nem trouxeraõ áquelle Altar mais milagres, como ſe ſe conſeguira aquelle grande de obedecer á voz de huma creatura o Sol de Maria Santiſſima.

Quaſi o meſmo ſucceſſo ſe reparou com a Imagem de Chriſto crucificado (como ouvi praticar a Religioſos antigos). Em correſpondencia da Imagem do Roſario fica a do Crucifixo, em outra Capella do Cruzeiro para a parte do Evangelho. He a Imagem de Chriſto vivo, e aſſim deſempenha a arte o que quiz a devoçaõ, que nem nos pertos ſe acabaõ de deſenganar os olhos, ſe a falta de movimento he mais que deſmayo de moribundo; aſſim abala o coraçaõ, e deſperta a laſtima, que entenderaõ todos, que nem haveria olhos, que o naõ attendeſſem com verdadeira piedade, nem eſta perderia o intereſſe dos milagres, com que o Ceo a correſponde. Temeo o ſervo de Deos o meſmo ſucceſſo, ou deſatino, que no Roſario, e que lhe deſcompoſiaõ a Capella os votos dos agradecidos, que talvez deſaceaõ no que parece que authorizaõ, e pedio á ſagrada Imagem com verdadeiro zelo, (ſó dos ignorantes mal entendido) que naõ fizeſſe milagres. Conſeguio o rogo, ao que moſtrou o tempo, porque conhecia o Ceo a ſynceridade de ſeu animo. Era grande Theologo o Veneravel Padre, e praticou nas Eſcolas Thomiſticas aquella madureza, com que os ſeus Meſtres trataõ eſta materia, atalhando erros, que com o tempo redundaõ á Fé em conhecidos damnos de conſciencias erroneas, e revelaçoens fingidas; e eſſa ſerá a razaõ de ſe verem commummente as noſſas Capellas mais ornadas de devoçaõ, que de muletas, e mortalhas, ſendo as noſſas Igrejas, como taõ antigas, as mais authorizadas das Imagens milagroſas, como confeſſará o verſado nas Chronicas Dominicanas.

Mas ſe o Ceo permittio ao Veneravel Padre eſta nova graça de desfazer milagres em ſua vida, naõ quiz que lhe faltaſſe a de os fazer depois de ſua morte. Aſſim os apontamos ſem mais circunſtancias, que as que lhes deu a piedade Chriſtãa, com quem lhe grangeou mayor nome a grande opiniaõ do Padre Alvaro Correa, Advogado neſta Corte de Lisboa. Eſtando eſte Padre comendo, ſe lhe atraveſſou hum bocado na garganta, com tanto aperto, que o privava para o lançar, ou engolir; naõ podiaõ ſer muitas, nem alguma era de proveito, que a idade decrepita de mais de noventa annos, que contava, naõ tinha vigor para o deſembaraçar daquella agonia. Sentia hum ſobrinho, e mais familia que tinha em caſa, o veremlhe perder taõ arrebatadamente a vida, que naõ podeſſe levar della o que no cabo de tanta idade faria venturoſa a ſua morte. A preſſa embaraçava os remedios; a afflicçaõ ſó os buſcava no Ceo. Lembrouſe o ſobrinho, que tinha hum retalho do Eſcapulario do Veneravel Padre; applicou-

lho

lho com viva fé á garganta, ao toque ſe lhe deſembaraçou, e engolio o bocado; e já deſaſſombrado da morte, levantou as mãos, dando graças a Deos, e ao ſeu ſervo, a cuja interceſſaõ reconhecia aquelle beneficio.

O meſmo experimentou em ſua caſa, e no que mais eſtimava nella em a vida, Diogo Nunes, morador na meſma Cidade de Lisboa. Amiudavaõ-ſe nella as eſquinencias, achaque, em que perigaõ as crianças mais facilmente. Alcançou a hum ſeu filho de tanta idade, que amava unicamente. Deſenganou-o brevemente a medecina, porque lhe tomou o mal a garganta, ſem permittir, que algum genero de alimento paſſaſſe por ella. A eſte extremo traz o Ceo os apertos, quando quer que reconheçaõ os ſeus prodigios. Corriaõ neſte tempo, e neſta Corte, com ſingular conſolaçaõ, e reſpeito do Povo, os do ſervo de Deos, chamados daquella primeira fé, que ainda naõ tinha afrouxado o tempo. Havia em caſa huma reliquia ſua, applicou-a o pay á garganta do menino, pondo-o nas mãos do ſervo de Deos com verdadeiras lagrimas, e rendidas ſupplicas. Foy caſo, de que teſtemunharaõ os olhos, que ao toque da reliquia ſe desfez hum grande tumor, que o menino tinha naquella parte, como ſe o abriſſe o violento golpe da lanceta, ſeguindo-ſe a eſta deſcarga a da boca, a que arrojou a natureza taõ peſtilente humor, como ſe quizera augmentar o prodigio com eſta circunſtancia, pois com elle naõ ſe compadecia o eſcapar com a vida. A'quella deſcarga ſe ſeguio melhora breve, e perfeita.

Mas naõ haviaõ de ſer todas eſtas experiencias fóra de caſa, nem ſe devia eſquecer o ſervo de Deos da neceſſidade, que tinhaõ do ſeu ſoccorro as do ſeu habito. Experimentou-o aſſim na do Moſteiro da Roſa (neſta Corte de Lisboa) ſoror Iſabel da Palma, Religioſa ſua. Era eſta Meſtra de Noviças. A occupaçaõ era boa fiadora de ſua vida. Mereceo, que o Senhor a viſitaſſe como ſua ſerva com hum daquelles regalos, que o naõ parecem no eſtylo, e moſtraõ o que o ſaõ no effeito. Deraõ-lhe humas ſezoens, logo perigoſas, e a poucos dias mortaes. Mandaraõ ſacramentalla os Medicos, paſſaraõ logo á Unçaõ depois do Viatico, taõ ligeira corria a doença ao ultimo parociſmo; aſſim ſe deraõ preſſa o Confeſſor da Caſa Frey Joaõ de Pina, (e Frey Jeronymo de S. Domingos, que o acompanhou) entrando no Moſteiro a applicarlhe eſte ultimo Sacramento, acharaõ-na taõ proſtrada, que entenderaõ, que lhe faltaria para elle a vida, e aſſim a deixaraõ nas mãos da morte, aſſiſtida do ultimo cuidado das Religioſas. Tinha huma dellas huma reliquia do ſervo de Deos, chegouſe á moribunda, e pozlha nas mãos, levou-a ella aos olhos, e á boca, advertida do que tinha nellas; e aconſelhada de quem lha trazia, fez ao ſervo de Deos huma promeſſa, invocando o com viva fé, e cordial amor de devota, e irmãa. Aſſim começou a cobrar alento, com huma taõ repentina melhora, que, havendo paſſado muitas noites ſem deſcanço, a que logo ſe ſeguio,

levou

levou de hum ſuave ſono, e taõ venturoſo, que nelle vio, que entre ſonhos lhe apparecia o Veneravel Padre, que chegando-ſelhe á cama, lhe dizia: *Eſte veneno ſe acabará logo.* Acordou goſtoſa, e alvoroçada, livre de todo do mortal riſco; e reſtituida, ou reſuſcitada á ſua ſaude primeira, continuando o cargo de Meſtra de Noviças, ſatisfez a promeſſa, que ao ſervo de Deos fizera; e ficou dalli com huma devoçaõ taõ reconhecida, que a elle recorria, e ſe encomendava em todo o tempo, que lhe durou a vida.

Naõ foy menor o riſco em que eſteve a de hum viſinho do Convento de Bemfica, que ſendo eſta a antiga vivenda do Veneravel Padre, ſem duvida teve o enfermo alguma valia na viſinhança. Andava nella muy viva a devoçaõ do ſervo de Deos, quando cahio gravemente enfermo de huma febre aguda Franciſco Fernandes; era homem de poucos cabedaes, fazia-ſe difficultoſo á ſua pobre familia chamarémlhe Medico de Lisboa; aſſim foraõ entretendo com remedios caſeiros o doente, naõ a fabre, que creſcendo ſem reſiſtencia, ſobio acommettendo-lhe o cerebro, e offendendo-lhe aſſim o juizo, que o incapacitou aos ſoccorros da alma, quando já naõ havia que eſperar nos da vida. Lamentavaõ os de caſa, deſconſolavaõ-ſe os da viſinhança, mas lembrando a huns, e a outros o que ſe praticava nella, recorreraõ ás reliquias do ſervo de Deos; trouxe hum dos viſinhos hum retalho da Capa, applicou-o á cabeça do enfermo, em quanto a affligida familia com ſupplicas, e lagrimas chamava o ſeu Bemfeitor, em morte, como em vida, reconhecido em todo aquelle contorno. O meſmo foy tocarlhe a cabeça, que abrir o enfermo os olhos, com ella taõ aliviada, e deſempedida, que pedindo de comer, cobrou alento, e confeſſando-ſe logo com deſembaraço, aſſim teſtemunhou a ſua melhora, que dentro em dous dias deixou a cama. Chamava-ſe o viſinho Ambroſio de Figueiró Torres.

Naõ ſe eſtreitava a interceſſaõ do ſervo de Deos nos limites da Corte; donde quer que lhe ſabiaõ o nome, experimentavaõ a ſua piedade. Em o Moſteiro de Corpus Chriſti do Porto, de Religioſas Dominicas, vivia huma como paralytica, ſem poder menearſe, nem moverſe em meya parte corpo, que lhe deixara como eſquecido certo achaque. Voava por todo o Reyno a noticia do que valiaõ as reliquias do ſervo de Deos, eſcolhidas do Ceo para efficazes medecinas de todo o genero de doenças. Pedia a Religioſa com inſtancia, que lhe trouxeſſem huma; que eſtava ſegura, que nella lhe tinha Deos depoſitada a ſua melhora, e que lhe baſtaria a diligencia de tocalla. Naõ ſe enganou a ſua fé, porque trazendolhe huma parte da tunica, e tocando com ella aquella parte inutil, a moveo logo, ficando com igual movimento em todo o corpo, e augmentando o numero dos devotos, favorecidos por interceſſaõ do Veneravel Padre, de cuja gloria, e bemaventurança, (ſendo o primeiro a ſua vida) ſaõ naõ ſó eſtes, mas muitos mais os indicios, naõ para a infallibilidade da Fé, em quanto o naõ diſ-

poem a Igreja, mas para conſolaçaõ dos Fieis, que reconhecem a Deos poderoſo para animar as pedras em filhos de Abrahaõ, levantando do humilde, e toſco barro da humanidade os venturoſos filhos da Igreja Triunfante.

Porém coroe eſtas ſuas memorias, e dê noticia de como ainda hoje eſtaõ vivas hum teſtemunho de ſuas illuſtres ſubditas, e mimoſas, que o veneraraõ Prelado, e o experimentaraõ bemfeitor, as Madres da Recoleta do Sacramento. Eſtimaõ eſtas Religioſas aſſim qualquer couſa do uſo do Veneravel Padre, que como preciſa joya guardaraõ, e guardaõ hum habito ſeu, como doutrinadas, e advertidas, que ſe dos ſervos de Deos foy util huma ſombra, como o naõ ſerá huma tunica; ou conhecendo, que na Capa de Elias naõ ſó depoſitou o Ceo o ſeu eſpirito, mas ainda o permittio dobrado. Aſſim parece, que deixou ás ſuas ſubditas o Meſtre Frey Joaõ naquella pobre rota eſtamenha, naõ ſó alivios para a ſaudade, mas dobrados alentos para a ſaude. Aſſaltou a da Madre Soror Antonia da Magdalena huma cruel dor, que tomando-lhe huma parte do corpo, aſſim a atormentava toda, que perdido o ſofrimento, naõ havia já remedio, que naõ accreſcentaſſe o deſengano de eſperar algum. Gemia impaciente a Religioſa, rodeavaõ-na as outras compadecidas, como attribuladas; já naõ havia que recorrer ás meſinhas; levantaraõ ao Ceo fervoroſas ſupplicas. Entra a Prioreza, (era a Madre Sor Filippa, que hoje vive) vê ſem remedio a ſubdita, abraza-ſe em fé, e devoçaõ, pede ás Religioſas, que lhe tragaõ com preſſa parte do habito do Veneravel Padre, e poemno nas mãos da queixoſa. Applica-o ella á parte principal da dor. Caſo grande, que parou toda no meſmo inſtante, em que com elle ſe tocou aquella parte! Vive ainda hoje, quando iſto eſcrevemos, a Madre Sor Antonia da Magdalena, a quem ſuccedeo o prodigio; deveſe-lhe todo o credito pelas grandes calidades de virtude, e ſangue; ao preſente he neſta Caſa Prioreza ſegunda vez: grande argumento de ſua grande capacidade, de que naõ menos ſe ſegue o irrefragavel teſtemunho do que temos eſcrito.

Mas corria o tempo, e pediaõ aquelles venerados oſſos mais authorizado depoſito, porque ainda o era a primeira ſepultura, aberta no meyo do antecoro, e fechada com hum grande marmore; mas (como lugar taõ publico) pizada commummente da deſattençaõ, que ſem reparar no epithafio, fazia caminho para o Coro. Porém as poucas poſſes do Convento naõ chegavaõ á veneraçaõ, e ao deſejo de a melhorarem de ſitio, trocando-a em hum mauſoleo ſumptuoſo, como Altar já reconhecido dos votos dos agradecidos, e apaixonados. De hum, e outro titulo eraõ acrédores os eſclarecidos parentes do Veneravel Padre, e quiz eſmerarſe no reconhecimento, como mais chegado, o Conde de Figueiró, ſeu ſobrinho, naõ conſentindo, que a impoſſibilidade do diſpendio dilataſſe taõ merecido culto. Aſſim alargou a maõ como parente, e o fi-

zera

zera como poderoſo, a naõ haver de accommodar ſua grandeza á diſpoſiçaõ da modeſtia religioſa, que lhe naõ deu mais lugar, que o de hum arco, que com baſtante capacidade correſponde ao que nas coſtas do Coro, (na meſma caſa, em que eſtava a primeira ſepultura) abraça o tumulo do Veneravel Padre Meſtre Frey Luiz de Granada. Aſſim ficou o do Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos fazendo-lhe correſpondencia em jaſpes, e feitio de obra, ſendo a mais alteroſa, que permittio o ſitio, e a mais polida, a que ſe podia alargar a imitaçaõ do tumulo fronteiro. Aſſim diſpoz a Providencia ſuperior, que ſe eſtiveſſem communicando aquellas mudas cinzas, moſtrando a proporçaõ entre huma, e outra vida huma, e outra morte, podendo dizerſe do dia da vida, e da noite da morte de dous taõ grandes, e ſcientes Prégadores, (pois dos Prégadores ſabios, e juſtos ſe entendem as palavras) que as ſemelhanças, que tiveraõ nas vidas, inda as eſtaõ clamando nas ſepulturas: *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat ſcientiam.* Querem dizer: *Hum dia falla a outro dia. Huma noite explica a outra noite.* Hugo in Pſam. 18.

Aſſim avulta naquelles dous correſpondentes marmores o *non plus ultra*, que unido por diſpoſiçaõ do Ceo neſta Caſa, ſouberaõ levantar a virtude, e as letras no Templo das glorias Dominicanas. Podem lerſe as proporçoens nos epithafios, (ſendo hum como fraſe de outro) que melhor, que as flores, com que a Gentilidade ornava ſeus ſepulchros, cobrem de eternas coroas aquellas veneradas cinzas. Diz aſſim a do Veneravel Padre:

Magnus Theologus Frater Joannes de Vaſconcellos, ex Prædicatorum familia, clariſſimus ſanguine, moribus nitidior, Regis, ac ſupremi Inquiſitionis Senatus à Conſiliis, Prioris Provincialis munere, Regii Concionatoris laurea, Pontificia recuſata dignitate, virtutibus cumulatus, ac meritis, in Crucifixi amplexu, magna Chriſtianæ pietatis opinione, pauperum dolore, omniumque deſiderio, Ulyſſipone moritur Kal. Feb. ann. ſal. 1652. *ætatis ſuæ* 62.

Vem a dizer em o noſſo vulgar: O grande Theologo Frey Joaõ de Vaſconcellos, da familia dos Prégadores, clariſſimo em ſangue, muito mais em virtude, do Conſelho delRey, e ſupremo Tribunal da Inquiſiçaõ, Prior Provincial, e Prégador delRey, recuſada a dignidade Epiſcopal, cheyo de virtudes, e merecimentos, abraçado com hum Crucifixo, (com grande opiniaõ de piedade Chriſtãa, magoa dos neceſſitados, e ſaudade de todos) morre em Lisboa. Em as Calendas de Fevereiro, anno da ſalvaçaõ 1652. de idade de 62.

Neſte nobre depoſito ſuſpira, e reconhece ao ſervo de Deos a veneraçaõ pia: e para naõ perder de viſta hum dos motivos della, lhe tem dado o pincel em muitas copias ſegunda vida, levando-o nella a devoçaõ a contentar o deſejo de Reynos eſtranhos, e mais remotos. E porque a penna na eſtimaçaõ dos Rhetoricos he o pincel mais vivo, mais ligeiro, e mais miudo, que doutrinado das ſuas figuras com a Hipotipoſi delinia o corpo, e com a Ethopeia decifra o animo, por obrigaçaõ corre á noſſa o lançar aqui hum breve raſcunho, em que a imagem do Veneravel Padre chegue aos olhos da devoçaõ mais facilmente eſcrita, do que póde copiada, ſendo os livros os mais ligeiros quadros, que a induſtria do commercio eſpalha pelas noticias de todo o Mundo.

He o ſemblante (confórme o que enſinaõ os Fiſionomicos) eſpelho do eſpirito, copia do genio, imagem do coraçaõ, treſlado dalma, e ſobreſcrito da natureza. He a verdadeira ſabedoria huma participaçaõ do lume da gloria: e aſſim como eſte dos eſpiritos redunda, e ſe eſpalha nos corpos, aſſim no verdadeiro ſabio lhe ſahem ao roſto as prendas do eſpirito. Aſſim era proporcionado o ſervo de Deos, aſſim de veneravel roſto, e preſença, como ſe nelle, e nella ſe lhe eſtiveſſe lendo a alma. Roſto comprido, proporcionado ao corpo, que era de eſtatura creſcida. Olhos grandes, e taõ modeſtos, que eraõ huma reprehençaõ muda dos que ſe erguiaõ a vellos com menos ſeſudeza. As ſobrancelhas, como a cabeça, bem povoadas de cabello, na barba pouco. Nariz avultado na proporçaõ do roſto. Boca compoſta, na cor deſmayada, nos beiços nem groſſa, nem delgada. Aſſim moſtrava hum aſpecto mageſtoſo, veneravel, e penitente, que a palidez, que ſe lhe via no ſemblante (de que a cor nativa era branca) parece, que ſe tinha paſſado á natureza; porque ſobre a trazer debilitada de achaquado, ſempre aſſim lha conſervou o exercicio de auſtero. Apadrinhava eſte modo de vida o trato exterior de ſua peſſoa, ſendo huma eſtatua viva, e huma refórma muda. O habito de panno groſſo, taõ apoucado, e cingido ao corpo, que bem moſtrava, que naõ podia ter na vida outra ſerventia, que a que ſe lhe acha na morte, ſem mais differença, que amortalhar os meſmos oſſos, ou cahidos, ou animados.

No fallar grave, modeſto, e conſiderado. Tinha graça nativa, diſcorrendo no que ſe offerecia, divertindo com tanta os Religioſos na hora, que os ajuntava o recreyo, que ouvi dizer a peſſoas, que o trataraõ, que naõ edificava menos compoſto, do que alegrava divertido, fóra daquellas carrancas com que a hipocreſia ſe coſtuma maſcarar de ſeſudeza. Os continuos eſtudos o trabalharaõ hum conſummado Theologo; a agudeza do entendimento hum grande Politico; o fervor do eſpirito hum Prégador perfeito. Prégava com liberdade Apoſtolica, com mais animo, e ambiçaõ de refórmas, que de honras, buſcando nos ouvintes antes o vicio, que o agrado, como quem entendia, que era o Pulpito aquel-

aquella atalaya, donde ſó ſe deviaõ applicar os olhos do diſcurſo a deſcobrir no campo o inimigo, e naõ liſongeallo com as pacificas moſtras do entertenimento. Todo o ſeu Sermaõ era doutrina, porque todo era Sermaõ. Conhecia, que aquella eſpada, que ſahia da boca da ſabedoria, era de huma, e outra parte aguda, naõ embainhada para ornar, mas nua para ferir. Deſpidas propunha as verdades, porque o enfeite das elegancias as naõ malquiſtaſſe mentiras. Grande confuſaõ para o lamentavel abuſo deſte ſeculo, em que as fabulas, e as rhetoricas, e ás vezes eſta adulterada, e aquella antes arraſtada, que trazida, ſaõ as Miſſionarias, que do Pulpito coſtumaõ gritar as emendas! Aos Principes, e aos Grandes reprehendia com deſafogo; aos Miniſtros com deſabrimento; aos peccadores com auctoridade; e a todos com zelo. Foy caſto, ſyncero, candido, tudo reflexos de ſeu eſpirito. Entre as honras humilde; entre as riquezas pobre; entre as adverſidades inflexivel; entre as injurias conſtante. Os pobres o acharaõ ſempre com o coraçaõ, e as mãos abertas. Os affligidos com as lagrimas nos olhos. Os deſamparados com o remedio nas diligencias, ou nos deſejos. Os peccadores com o fogo nas palavras; e os arrependidos com jubilos no coraçaõ. Aſſim ſervio a Deos, á Igreja, ao Reyno, ao Povo; honrou a Patria, e illuſtrou a Religiaõ, grangeando (como entende humilde a piedade Chriſtãa) no Ceo as coroas, que ſe ſoube trabalhar na terra; na terra as acclamaçoens de ſua virtude, a que ſó as cinzas do Mundo ſepultaraõ o nome.

CAPITULO XXIV.

Do Padre Frey Luiz de Souſa, filho d'ſte Convento, e Chroniſta da Ordem neſtes Reynos de Portugal.

SE aſſim como o Padre Frey Luiz mereceo o lugar neſtes eſcritos, podera empreſtar a penna para continuallos, juſtamente lhe pagaria eſta Provincia aquella duvida em que a poz com os ſeus; porque ſó naquelle methodo caberia eſte aſſumpto. Mas ſe a ſua penna, nos que eſcreveo raſcunhou a ſua vida, já toda a ſua Chronica he hum artificioſo epitome della, ficando eſte Capitulo ſendo ſó hum elencho em que ſe aponta.

Foy o Padre Frey Luiz filho deſte Convento, a que ſe recolheo já entrado na idade, aconſelhado de hum deſengano, com que parece, que o Ceo o negociou para ſi todo. Foy eſtranho o ſucceſſo. Eſcreve-o, como tambem ſua vida, o Padre Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ com o ſeu eſtylo verdadeiramente aureo, e capaz de eſtender a penna a mais largo aſſumpto. Tomou eſte na ſegunda Parte da Chronica, encoſtando a vida do Auctor ao Prologo, reſoluçaõ, que ainda que em tudo tomou para ſi o primeiro lugar, nem aſſim nos deve embaraçar o de eſcrever, ſenaõ com tanto acerto, com mayor obrigaçaõ.

Naſceo Manoel de Souſa Coutinho (que eſte foy no ſeculo o Padre Frey Luiz) filho quinto de Lopo de Souſa Coutinho,

tinho, (a quem chamaraõ por ſeu raro juizo, compoſiçaõ de coſtumes, circunſpecçaõ, e prudencia, o Cataõ Uticenſe daquelle tempo) e de Dona Maria de Noronha, ambos bem conhecidos no eſclarecido de ſeu ſangue, nas vozes de ſeus appelidos, como na experiencia de ſuas virtudes. Foy doutrinado em todas, como promettia o cuidado de ſemelhantes pays; e naõ deſmereceo o nome de ſeu filho, na docilidade com que correſpondeo a ſeu deſvelo, deſcobrindo-ſe nelle juizo claro para as letras, e genio mais prompto para as virtudes: eraõ já eſtas humas premiſſas das que havia de render ao Ceo no holocauſto da Religiaõ. Entrou em ſeus primeiros annos no Noviciado da de Saõ Joaõ do Hoſpital em Malta, berço do valor, e Fidalguia Portugueza. Cativo ſe vio dos Mouros em hum encontro; mas foy Providencia do Ceo deſconhecerem-no no cativeiro, para poder reſtituirſe por reſgate; eſperança, que naquelle infortunio naõ lograõ os profeſſores daquella vida, a que o odio infiel naõ perdoa, ainda a inſtancias do mayor lucro, com a cautela de naõ conſervar hum flagello.

Reſtituido, naõ continuou por certos embaraços o noviciado. Paſſou á Patria, (com honrados penſamentos de ir pizar em ſeu obſequio o theatro da India) moſtrando-lhe, que a naõ ſabia buſcar filho ſem a reſoluçaõ de a ir honrar Soldado. Empregos de honra, e de valor o puzeraõ neſta viagem, moſtrando em todas, como nos acaſos deſta, que nunca lhe eſquecia a obrigaçaõ, com que naſcera, de correſponder aos brazoens de ſua familia, e aos dotes de ſua Patria. Voltando a ella, e dado a honeſtos, e ſeſudos exercicios, tomeu eſtado, caſando com Dona Magdalena de Vilhena, viuva de poucos annos de D. Joaõ de Portugal (que ficara com ſeu pay D. Manoel de Portugal, filho de D. Franciſco de Portugal, primeiro Conde de Vimioſo, na infelice lamentavel batalha de Africa). Com eſta Senhora eſteve caſado alguns annos, em que teve huma filha, que em breve tempo perdeo, como ſe o Ceo foſſe prevenindo, que naõ houveſſe embaraço, que o ſuſpendeſſe na vida, quando o chamaſſe para outra mais ſegura.

Viviaõ em huma Quinta ſua em Almada, quando chegou a ella hum Peregrino; ſobio hum criado, dizendo a Dona Magdalena, que elle a procurava. Achava-ſe neſta occaſiaõ Manoel de Souſa Coutinho fóra de caſa, e eſtava nella ſeu irmaõ o Padre Frey George Coutinho, viſitando a Dona Magdalena; reſolveraõ, que entraſſe o Peregrino. Chegado á ſua preſença, e propondo como era hum Peregrino Portuguez, a quem a devoçaõ levara a viſitar os Lugares Santos de Jeruſalem, accreſcentava, que ao deſpedirſe delles, o buſcara hum Portuguez, que ſabendo como elle tornava para a Patria, e examinando, que era eſta Lisboa, lhe pedira paſſaſſe pela Villa de Almada, e buſcaſſe a Dona Magdalena de Vilhena, para que lhe ſeguraſſe, que inda por aquellas partes vivia quem ſe lembrava della.

Suſpendeo-ſe Dona Magdalena,

lena, e perguntou ao Peregrino, que ſinaes dava do homem do recado; ao que elle tornou, propondo os mais ſingulares, e mais vivos, individuando todos com tanta ſegurança, que a deſenganou de que naõ poderia ſer outro, ſenaõ Dom Joaõ de Portugal. Meteo-a o novo accidente em outro, a que acodiraõ as criadas. Paſſou a outra ſala o Padre Frey Georze, levando o Peregrino; e perguntando-lhe com ſagaz advertencia, ſe conheceria o homem que lhe fallara, vendo algum retrato ſeu, lhe reſpondeo, que eſtava a ſua memoria taõ freſca, que o naõ duvidava. Entravaõ já em outra ſala, donde entre alguns retratos de ſua familia ſe via o de Dom Joaõ; naõ ſe deteve muito o Peregrino, e apontando para elle, ſegurava, que aquelle era. Com eſta ultima diligencia ſe deſpedio, deixando a todos confuſos, e deſenganados. Naõ podia produzir o ſucceſſo menos contrarios effeitos.

Chegou de fóra Manoel de Souſa Coutinho, e informado de Dona Magdalena, e de ſeu irmaõ do que ſuccedera, propondo-ſe entre os trez o que ſe reſolveria, elle com deſembaraçado diſcurſo, e prompta reſoluçaõ, voltando a Dona Magdalena, lhe diſſe ſemelhantes razoens: *Sey, Senhora, que hum, e outro eſtamos inculpaveis no engano, como já advertidos do ſucceſſo; naõ ſe offende o Ceo de ignorancias, que ſaõ innocencias. Entendo que, a teres noticia do voſſo primeiro eſpoſo, nem me aceitarieis ſegundo, nem eu o conſentiria Catholico. Neſte accidente, que nos deſengana, pouco diſcorrerá quem naõ entender, que he a fraze com que o Ceo aviſa, e menos quem naõ julgar, que ſó mudando de vida, correſpondemos á ſua Providencia. Em buſcar a Deos ſeguramos os acertos da mudança; ſó eſte propoſito moſtrará, que entendemos aquelle aviſo: ſe elle nos abrio os ouvidos, e os olhos, na noſſa reſoluçaõ eſtá o mover os paſſos. Já achamos trilhado o caminho, que nos poupa eſcolher outro exemplo. Os Condes de Vimioſo nolo deixaraõ aberto. Elle tomando o de Bemfica, eſtrada direita para o Ceo, a Condeſſa o do Sacramento, novo Paraizo na terra. Eſta me parece a cabal ſatisfaçaõ, que (ſuppoſta eſte ſucceſſo) devemos dar a Deos, e ao Mundo; ao Mundo deixando-o, como a quem nos tratou com eſte engano; a Deos ſeguindo-o como a quem nos abrio os meyos de conhecello. Naõ eſpera a minha reſoluçaõ mais fortuna, que encontrar com as meſmas circunſtancias a voſſa.*

Callou Manoel de Souſa, porque impaciente já o eſpirito de Dona Magdalena, temia, que o attender pareceſſe eſperar, e naõ ſe accommodava com que o violentarſe ſuſpendida a deixaſſe parecer duvidoſa, ou a attençaõ de novas razoens a fizeſſe julgar aconſelhada. Aſſim aſſentou no que Manoel de Souſa reſolvera, como ſe ao meſmo tempo o inſpirara o Ceo a hum, e outro. Seguioſe a execuçaõ ao propoſito, na brevidade confirmou os acertos o retiro.

Tinhaõ os Condes de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, e Dona Joanna de Mendonça neſte tempo fundado o Moſteiro do Sacramento, abaixo de S. Vicente de Fóra, junto ao poſtigo do Arcebiſpo; aqui profeſſara a Con-

Confeſſa ; o Conde em S. Domingos de Bemfica. Retirou-ſe Dona Magdalena ao Sacramento, donde com a vida mudou o nome em o de Soror Magdalena das Chagas. Em Bemfica tomou o habito Manoel de Souſa Coutinho, trocando o nome em o de Frey Luiz, em ſinal da fina amizade, que profeſſava com o Conde. Aſſim tomaraõ o caminho do Ceo eſtes dous eſpiritos, taõ bem doutrinados de ſuas illuſtraçoens, que ſem voltar os olhos aos incendios do Mundo, aſſim os empregaraõ na perſeverança de ſeu propoſito, que nem mais ſe viraõ, nem ainda ſe eſcreveraõ, como quem andava eſcutando áquellas mortalhas, que naõ havia já alli nada das primeiras vidas.

Aſſim abraçou Frey Luiz a aſpereza da nova, que eſcolhera com huma reſoluçaõ tambem aconſelhada, que na perſeverança do noviciado ſe foy confirmando, que ſó era o Ceo o que o tinha diſpoſto. Admirava, e confundia, ver aquelles annos no ſeculo taõ brioſos, aquella idade madura, e taõ doutrinada em maximas da terra, reduzida ao commercio, e trato fraternal com os poucos, com os tenros annos dos que começavaõ a vida da obſervancia, ſem que a deſſemelhança nas idades, e genios, ſoubeſſe deſaſocegar a natureza, reproduzida já no deſengano de viver ſem arbitrio. Eſcutava o conſelho Evangelico, e entendia quanto lhe importava o tornar a ſer menino. Profeſſou em
Math. 18. dia da Natividade de 1614. nas mãos do Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, e começou a diſpor de ſorte ſua vida, como ſe lhe enſinara a ſegunda, que já eſtava no fim da primeira. Pobre em ſua peſſoa, e pobre em ſua cella, como quem naõ deſconhecia, que naõ póde ſer gala a mortalha, nem ſala a ſepultura. O habito, que lhe dava a Religiaõ, trazia, até que a neceſſidade lho deſpiſſe. Na cella havia o toſco aſſento de hum tanho, e huma cama com mantas de lãa, de que eraõ tambem as tunicas interiores. Inviolavel obſervava o jejum, e eſtendendo a todo o anno a obrigaçaõ dos ſete mezes, todos os dias tinha em ſeu limitado prato a hum pobre por companheiro.

Nas penitencias de diſciplinas, e cilicios, deſafogava a ancia de querer exceder as obrigaçoens da regra, e ſempre o achava adiantado a obſervancia. Lançou maõ da caridade, como glorioſo eſtendarte das virtudes. Deſvelado ás ſuas cabeceiras o achavaõ os enfermos. Pedio eſte officio, excedeo-o no cuidado. Na providencia dos medicamentos, na vigilancia de applicallos, tinha o enfermo na cella hum Medico; nos mais miniſterios inda menos decentes achava hum eſcravo. Aſſim lhes aſſiſtia, aſſim os aliviava, com ſeu deſvelo, com ſua converſaçaõ affavel, concertada modeſta, e religioſa, ſem ſe lhe ouvir palavra, que offendeſſe, ou que naõ edificaſſe.

No Coro, na oraçaõ continuo, na devoçaõ ardente da piiſſima Mãy do Roſario, e do Santiſſimo Sacramento exceſſivo, que nem os achaques, nem as occupaçoens lhe roubavaõ aquelle quotidiano paſto, que no ſacrificio da Miſſa dava a ſeu eſpirito,

pirito, recebido com tanta ſuavidade nelle, que rompendo, e paſſando aos exteriores, compungia, e admirava a quem lhe aſſiſtia.

Obſervantiſſimo na obediencia, como primeiro emprego da humildade. Aquella lhe poz na maõ a penna com que honrou eſta Provincia, e talvez a Patria, confundindo na ſingularidade, com que o fez, a indiſcreta calumnia de quem o culpou occupado neſte heroico exercicio, ſem paſſar ás Eſcolas, ou cultivar os Pulpitos, como ſe naõ houveſſe profeſſores de huma, e outra faculdade, incapazes de tomar a ſeu cargo a de eſcrever, perdoando-lhe as pobrezas de Theologia, como elle lho podia fazer nas do idioma. Mas naõ baſtaraõ eſſas luzes, e pequenas nuvens, a eſconder o menor raſgo daquella luzida penna, que com tantas vivezas deſenterrou das ſombras da confuſaõ as eſcaſſas noticias, ſobre que começou a levantar a fermoſa fabrica de ſua Chronica, tam bem recebida, e avaliada dos grandes talentos deſta Provincia, e dos melhores juizos de noſſa Patria, (e inda das eſtranhas) que entre os Eſcritores Portuguezes ſe fez aquelle grande lugar, que nunca lhe negaráõ as idades.

Foy incançavel na grande applicaçaõ de revolver Cartorios; peſquizou, e finalmente deſcobrio as antiguidades da Religiaõ, e Conventos deſta Provincia, eſcrevendo ſempre com igual elegancia, que clareza. Tiroulhe a morte a penna da maõ, de donde ſó lha tirava a occupaçaõ de Religioſo, com que alternava as de Eſcritor, porque valia com elle mais a imitaçaõ do que hia eſcrevendo, que a obrigaçaõ com que eſcrevia. Ou ſeria ſanta inveja de ſaber ſondar, que naquelle genero de eſcritura mais valia dar o aſſumpto, que acertar o eſtylo. Os de ſua vida mereceraõ o ſocego de ſua morte, para que ſe aparelhou com animo deſaſſombrado, como quem havia tanto que ſe andava enſayando. Recebeo todos os Sacramentos; e pedindo perdaõ a todos do que com ſua vida os eſcandalizara, aſſim edificava, e compungia, que entre as lagrimas dos que com oraçoens o ajudavaõ, paſſou á melhor vida, deixando huma eterna ſaudade na ſua memoria, e muitas memorias nos milagres de ſua penna.

Bem póde contarſe por primeiro a vida do Arcebiſpo Primaz Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, em que parece quiz o Padre Frey Luiz adiantar as glorias deſta Provincia, naõ fazendo (na proporçaõ poſſivel) eſte menos com a penna, que aquelle com a vida. Obra foy ſem duvida, em que ſe eſmerou ſeu deſvelo, com os merecidos premios de a ver ainda em ſua vida dada á eſtampa, e depois de ſua morte nas mãos, e admiraçoens de todos, em eſpecial Prelados da Igreja, que com madureza pezaõ, que nem os Principes Eccleſiaſticos acharaõ mais vivo eſpelho, nem na traça, e diſpoſiçaõ o haverá mais pulido. Maxima he, que começou a praticarſe em Reynos eſtranhos, chegando elRey Chriſtianiſſimo a fazer tanto apreço deſte livro, (já traduzido em o ſeu idioma) que com elle oc-

cupa a maõ, que os Biſpos, e Arcebiſpos de ſeu Reyno eſtendem a tomar o bago, julgando a ſua leitura pela mais importante pençaõ de ſua Mitra.

Eſcreveo mais a Chronica de elRey Dom Joaõ o III. por mandado delRey Dom Filippe IV. de Caſtella; (no tempo em que governava eſtes Reynos) eſta ſe pedio á Ordem depois da morte do Padre Frey Luiz, para ſe dar á eſtampa, e trocouſelhe eſta em deſmerecida ſepultura, de que a naõ pode reſuſcitar a mayor diligencia. Era obra dividida em dous Tomos. Finalmente eſcreveo as Chronicas da Ordem de S. Domingos, no que toca á Provincia de Portugal, e Conquiſtas, repartidas em trez partes, obra, a que conſagrou todos ſeus ſuores, todos ſeus trabalhos, todos ſeus eſtudos, como ſingular baze, em que o tempo lhe levantou a merecida eſtatua de Chroniſta. Em verſo Latino (teſtemunhas da variedade fecundiſſima de ſeu engenho, e emprego piedoſo de ſuas Muſas) ficou a vida de Noſſo Patriarcha, animando em dyſticos elegantes as pinturas, que ſe viaõ no Clauſtro de S. Domingos de Lisboa, agora em azulejo, donde ſe admira o dom de claridade, e doçura, de que Deos o dotou em todo o idioma.

Eſtas taõ relevantes virtudes lhe negocearaõ naõ ſó o commum applauſo dos doutos, mas o agrado dos Principes, que conheciaõ aquella ſingularidade, com que da urna religioſa, em que ſepultou a ſua nobreza, renaſceo Feniz a ſua erudiçaõ. Entre todos, os que a ſouberaõ pezar, occupou todas as memorias o eſclarecido Monarcha o Senhor Rey Dom Joaõ o IV. que no tempo de Duque de Bragança teve com o Padre Frey Luiz hum ſingular commercio, conſultando com elle ſuas mayores importancias, como ſe póde ver em algumas cartas, que ficaraõ no Cartorio de Bemfica, em que aquelle grande Principe naõ ſó o honra com o trato de amigo, mas o qualifica com o apreço, que faz do ſeu voto. Era o do Padre Frey Luiz trabalhado nas largas experiencias, que lhe aconſelharaõ os acertos de ſua vida, tal, que pareceo diſcipula da ſua eſcritura. Com eſta opiniaõ faleceo em Mayo de 1632. Eſtá ſepultado no jazigo commum, que fica no Antecoro; e ainda que naõ em lugar conhecido, naõ lhe falta epithafio, porque tudo, o que eſcreveo ſua penna, he letreiro de ſua ſepultura.

Acompanhem a eſte grande Eſcritor dous filhos deſta Caſa, que com a ſua penna nos mereceraõ eſta memoria. Foraõ elles o Padre Frey Antonio de Senna, que eſcreveo hum Tomo das noticias de Ethiopia, e o Padre Frey Pedro de Santa Maria, que eſcreveo outro, intitulado *Politica Chriſtãa*; e entre tambem neſta recopilaçaõ de noticias o Padre Frey Simaõ das Chagas, que, depois de muitos annos de Meſtre dos Noviços neſta Caſa de Bemfica, paſſou a Obreiro Evangelico nas Chriſtandades de Solor, em que acabou a vida com tanta reputaçaõ, que ficou delle o monumento: *Miraculis clarus obiit.*

CA-

CAPITULO XXV.

Do Meſtre Frey Fernando de Menezes, Biſpo do Algarve, e do Padre Frey Franciſco de S. Domingos da Cruz.

MAis antigo que o Meſtre Frey Fernando reconhecemos ao Padre Frey Franciſco; mas porque deſte ſe alargará mais a eſcritura, e naquelle tem precedencias a Mitra, anteponhamos a noticia, ficará a vida do Meſtre Frey Fernando ſervindo de Prologo á do Padre Frey Franciſco, vindo deſta ſorte a ſer paga a meſma precedencia, em que ſe fundou a divida. Foy eſta Recoleta Bemficana ſem duvida o Seminario dos grandes povoadores dos lugares mais authorizados da Igreja. Temos entre mãos hum delles no Meſtre Frey Fernando de Menezes, por outro nome da Encarnaçaõ, filho de Dom Fradique de Menezes, da illuſtriſſima Caſa dos Marquezes de Marialva, ſua mãy Dona Iſabel Henriques igual em nobreza. Provou eſta ſempre bem na Familia Dominicana. Nos primeiros annos a buſcou o Meſtre Frey Fernando, com taõ boa indole para a virtude, e genio taõ eſtudioſo, que com igual reputaçaõ o reconheceraõ Meſtre, e obſervante.

Eſtava por Regente em S. Domingos de Lisboa, quando o chamou docemente a ſolidaõ de Bemfica, melhor Patria de ſeu eſpirito, e Aula mais proporcionada para meditar a concluſaõ da vida, achando-ſe já muy entrado nos dias della. Obedeceo ás ſaudades como filho amante, fugindo ás aſſiſtencias da nobreza como verdadeiro Frade, moſtrando aos parentes quanto obrigavaõ mais os da virtude, que os do ſangue. Entre os Religioſos deſta Caſa começou a goſtar huns longes da Bemaventurança, no ſanto, no ſocegado, e no delicioſo della, e accreſcentando o numero dos reformados na modeſtia da vida, no continuo da oraçaõ, no continuado do jejum. Nada valeraõ, nem os graos, nem os annos, para que Bemfica o deſconheceſſe filho. Agora pizava aquelles ſantos Clauſtros com tanta obſervancia, como ſe lhe andara dando conta da que lhe enſinara.

Facil, e affavel no commercio; humilde, e exemplar no trato, como ſe quizera moſtrar áquella ſua antiga mãy, que a ſua auſencia fora ſó a capacitarſe para huma Mitra, por lhe trazer mais eſſa honra a caſa. Nella a vio repetida, primeiro nomeado Biſpo do Cochim (e o primeiro, que teve eſte titulo) pela Mageſtade delRey D. Joaõ o IV., depois Biſpo do Algarve, como ſe fora cautela repetirlhe os titulos por lhe naõ aggravar os merecimentos. Anticipouſe a morte a tirarlhe a Mitra, porque diſpunha o Ceo trocarlha em coroa. Paſſou a recebella de idade de 73. annos. Eſtá ſepultado neſte Convento, donde entre os nobres filhos delle ſe vê o ſeu retrato, induſtria de lhe honrar as paredes até depois de morto. Recopiloulhe o Meſtre Fr. Domingos de Santo Thomaz a vida no epithafio, que ſe lê em ſua ſepultura. Que mais deve o Feniz ao Sol, que o que Fr. Fernando a Fr. Domingos? Diz aſſim o epithafio:

Magiſter Theologus Fr. Ferdinandus á Incarnatione, Epiſcopus Algarbiorum nominatus, hujus Cœnobii filius, ſanguinis origine clarus, doctrina, literis, ac virtutibus illuſtris, Regularis obſervantiæ cupidiſſimus, Mundi lenociniis abjectis, adamata paupertate, humilitate aucupata, modeſtia ſelecta, moribus tranquillis, ætatis 63. annis vix expletis, poſtrema in ægritudine integro aſpectu, atque auditu, Chriſti Servatoris Cruci affixi ſacram imaginem complexatus, inter illius dulcia colloquia, & ſoliloquia, vitam exhalavit. Exanime corpus Bemficani Cœnobitæ ibi lamentis fleverunt, hic deſideriis tumularunt. Obiit die 27. Auguſti, anno Domini 1662.

Mas já nos chamaõ, e convidaõ a penna as noticias do Padre Frey Franciſco. Naõ devia jactarſe a natureza da fermoſura varia, com que moſtra á noſſa admiraçaõ os ſeus effeitos, ſem que a graça, mais poderoſa que ella, ſenaõ acreditaſſe com mais deſuſados aſſombros; que he ver as aguas por natural antipatia ſuperando o fogo, e verſe muitas vezes fogo ateado nas meſmas aguas? Que he ver o fogo, natural conſumidor das materias ligeiras, e voarem no meyo delle as aveſinhas chamadas Chariſtias, como reſpirando das meſmas lavaredas? Que he ver a terra, naturalmente eſtavel, e conſtante, moverſe como huma grande embarcaçaõ ſobre as aguas, como o admira Lidia nas ſuas Ilhas? Finalmente, que he ver os peixes por natureza mudos, mugindo, e vozeando entre as aguas do rio Elitorio? Que he ver na natureza eſtas ſingularidades, que antes parecem extravagancias, que providencias? Mas ſe bem o conſultamos, levantando o diſcurſo, ſaõ ſem duvida variedade fermoſa, com que a Sabedoria de Deos quiz offerecer aos noſſos olhos eſcaſſos raſcunhos de ſeu poder illimitavel.

Plin. l. 2. cap. 16.

Maiolus colloqui 6. de Avibus.

Theophraſtus.

Peerencis in ſua circum navigati.

Voltemos agora o diſcurſo, e ponderaçaõ aos novos effeitos da graça; naõ ſerá ſua variedade menos rara, menos fermoſa. Que he ver a virtude, dando a primeira liçaõ de humildade, deſempenhar em alguns juſtos acçoens ao parecer jactancioſas, ſe naõ ſoberbas? Parecia-o aſſim no noſſo Apoſtolo Valenciano S. Vicente Ferrer, Thaumaturgo Dominico, obedecendo humilde ao preceito de Chriſto, (que o deſtinara Pregoeiro de ſeu juizo, e Paraninfo de ſua ſegunda vinda ao Mundo para julgallo) e eſperando ás portas das Cidades, mandado recado ao Conſelho dellas a que o vieſſem buſcar, e receber com Pallio, veneraçaõ, e reſpeito? Que era vello mandar ao meſmo Prelado do ſeu Convento, que foſſe reſuſcitar a hum menino, e

accreſ-

accreſcentar: (á rezaõ do Prelado, que ſe eſcuſava por indigno:) *Vá Padre Prior, e em meu nome o reſuſcite?*

Documento he da virtude o recolhimento, o retiro, o ſilencio, as palavras pezadas, e medidas, as acçoens advertidas, e reformadas, o fazerſe eſpectaculo vivo, a que ſe componhaõ, e ſe concertem os coſtumes do Povo, e em fim a auſteridade no trato, e commercio com elle. Pois que ſerá ver a virtude, como vagamunda pelas praças, entrando as caſas, curſando as ruas, frequentando os Palacios, tratando com os poderoſos, eſcutando, e reſpondendo (ainda que ſem faltar á modeſtia religioſa) a perguntas, e galantarias, e tratando, e communicando todo o genero de peſſoas? Grandes ſegredos da Providencia, que parecem novidades repugnantes á virtude, e á graça! Naõ pareça reflexaõ ſuperflua, antes reposta preciſa á tacita pergunta, e admiraçaõ de ver hum Religioſo celebre em obſervancia, e com eſtas liberdades, e eſtylos de vida. Temos entre mãos grande experiencia, porque tudo acharemos nas noticias do Padre Frey Franciſco, filho deſta Caſa de Bemfica, e aſſaz conhecido no Povo, e Cidade de Lisboa.

O P. Frey Franciſco de S. Domingos da Cruz.

Foy eſte Padre huma reproducçaõ dos primeiros eſpiritos da verdadeira, e antiga refórma deſta Recoleta Bemficana. Lãa junto á carne; peixe, e jejum, eſte de ſete mezes, aquelle de todo o anno; Coro nocturno, ſilencio perpetuo, em que ſó diſpenſa a vontade do Prelado. Eſta era a vida de Frey Franciſco; em em ſua peſſoa notavel deſprezo, o habito mais roto, menos aceado, como quem entendia, que naõ pedia mais alinho huma mortalha. Baſtavalhe para eſtimaçaõ a vida inculpavel, com que o trazia aos olhos de todos. Hum cabaſinho embraçado no braço eſquerdo, depoſito de eſmolas, com que ſahia do Convento para os pobres, que encontrava no caminho, e das que á volta da Cidade lhe davaõ para trazer aos pobres do ſeu Convento. Era aſſim venerado como theſouro da caridade, que era ſingular mimo, que appreſentava ao melhor da Corte, hum pomo, que ſervia talvez de peita para algum deſpacho caritativo. Aquelle toſco, e pobre cabaſinho era a taça de valor, em que fazia offertas ás meſmas Mageſtades, feſtejando a Rainha Dona Luiza, e elRey Dom Affonſo ſeu filho, o que nelle lhes offerecia como eſtimavel regalo, paſſado pelas mãos de hum eſmoler de Chriſto.

Com mais continuaçaõ lhe ſuccedia o meſmo em caſa dos Duques de Aveiro, que veneravaõ ſua ſingeleza, tratando-o familiarmente, e fiando della groſſas eſmolas, que por ſua maõ paſſavaõ ás de muitas peſſoas neceſſitadas. Eſtimava muito o Duque Dom Raymundo as ſuas viſitas, queixando-ſelhe, e culpando-o na falta dellas, e celebrando a alegria, e eſtylo de palavras, com que lhe offerecia alguma data das ſuas. *Sê ſê*, dizia ao Duque (com eſta dicçaõ acompanhava toda a repoſta) *aqui tem V. Excellencia eſta maçãa ſãa.* Outras vezes: *Sê ſê, aqui trago eſta pera pera Voſſa Excel-*

Excellencia. Porque o ſeu eſtylo mais feſtivo, e de mais agaſalho era fallar por eccos. Viaõno os Duques pouco enroupado, e entendendo, que naõ ſeria ſó voluntaria pobreza, lhe davaõ habito, e capa, que elle eſtimava, porque buſcando no Convento o Religioſo mais pobre, trocava com elle. O habito mais remendado, mais çafado, mais roto, o que lhe fazia mais appetecido o contrato.

Desvelava-o a neceſſidade do proximo, ſempre o traziaõ ſem deſcanço as do ſeu Convento, entrando pelos Tribunaes a pertender, pelas caſas grandes a pedir; taõ igual no diſpendio do que grangeava, que ſendo a primeira porçaõ para os ſeus Recoletos, applicava a outra aos Capuchinhos da Convaleſcença, Caſa pequena, a que tinha amor pela ſua refórma, e com que tinha commercio pela muita viſinhança. Como eraõ bem ſuccedidas todas ſuas diligencias, encarregoulhe o Prior, que paſſaſſe a Lisboa a cobrar huns quarteis na Alfandega. Foy preciſa a detença, e á volta para caſa o apanhou a noite em Campo Lide, eſtrada menos ſeguida (e áquella hora deſerta) da Cidade para o Convento. Trazia o bom velho o dinheiro com reſguardo, mas naõ lhe valeo nenhum ao encontro de alguns vadios, que alli coſtumaõ buſcallos. Pediraõ (que he a fraze com que entra ſemelhante gente) primeiro em ſom de eſmola ſeguio-ſe o ameaço á eſcuſa, á reſiſtencia a força, e deſpojando-o do dinheiro, com mãos atrevidas, e palavras ſoltas, o deixaraõ mais magoado do que perdia o Convento, do que do que tinha ſofrido.

Com eſta pena chegou a Caſa, conta ao Prior o ſucceſſo, eſcutado com ira de quem vendoſe ſem remedio, naõ tem outro deſafogo mais que condemnar o comprehendido, e deſconhecer ſempre as razoens do infortunio. Mandoulhe fazer a venia, obedeceo o bom ſubdito, que mandado levantar della, lhe diſſe: *Sê ſê Padre Prior, ſoceguеſe Voſſa Paternidade, que os velhaquinhos viraõ pela manhãa.* Zombou o Prior da promeſſa, eisque de madrugada lhe entra pela cella o Porteiro, e entregando-lhe a quantia, que ſe tinha roubado a Frey Franciſco, lhe diz, que acodindo ao romper da manhãa á campainha, e abrindo a porta, lhe entregara hum homem deſconhecido aquelle dinheiro, que o déſſe ao Prelado. *Pedilhe*, (continuava o Porteiro) *que eſperaſſe, que fallando com V. Paternidade iria com mais ſegurança, e daria noticia de quem era. Reſpondeo, que baſtava o que tinha dito; e deſappareceo.*

Repetia Frey Franciſco as jornadas a Lisboa, era ſempre emprego de caridade o que o levava, buſcando Miniſtros como protector de deſamparados, e perſeguindo poderoſos para ſoccorro de famintos. Aſſim era ſua vida pedir, e dar; e ſó para ter que dar, a grande ancia de pedir. Recolhia-ſe ao Convento, ſem que o canſaço do caminho o diſpenſaſſe do goſto de Enfermeiro. Talvez levava no ſeu cabaz o desfaſtio, com que regalava o enfermo. Mas diga hum ſucceſſo o que lhe deviaõ eſtes de cuidado. Receita-

ra

ra o Medico hum medicamento para hum Religioſo enfermo, que ſe achava apertado ; havia de vir da botica de S. Domingos de Lisboa, diſtancia de quaſi huma legoa. Tardava o moço, affligia-ſe o enfermo, a tempo que Frey Franciſco partia para Lisboa. Chega á Portaria do meſmo Convento, acha nella a medicina, ſem noticia do moço, que viera buſcalla; lança maõ della, e pondo-ſe outra vez a caminho para Bemfica, chegou taõ ligeiro, que quaſi ſenaõ ſentio falta. Eſtes ſaõ os ſervos, que Deos occupa em ſua Caſa, abrazados, e ligeiros. Que importa caminho largo, para azas de fogo?

Facit miniſtros ſuos flãmam ignis. ad Hebr. 1. v. 7.

Naõ eraõ ſó eſtes os empregos da ſua comiſeraçaõ, naõ eraõ ſó eſtes os enfermos, que deſaſocegavaõ ſua caridade. Os que ſentiaõ o achaque mortal da culpa, com eſſes era incançavel ſua diligencia. Viaõ-no, e ouviaõ-no pelas ruas, pelas praças, bradando, eſpalhando verdades nuas, doutrinas importantes, conſelhos ſaudaveis, antes enſinando ignorantes, encaminhando innocentes, e arguindo peccadores, que divertindo ouvintes. Que importante reflexaõ ſe nos metia agora nas mãos, ſe as apertadas leys da hiſtoria nos naõ prenderaõ a penna! Bem podia ſoltarſe com liberdade, aconſelhada do zelo Chriſtaõ, a eſtranhar em eſte ſeculo calamitoſo, o introduzirſe a memoria ás funçoens da ſciencia Evangelica, violentada de eſtudos, que ſó vaõ a liſongiar ouvidos.

Prégava Frey Franciſco com animo, e zelo de aproveitar aquelles innocentes, que o ſeguiaõ, e ainda aos mal intencionados, que o motejavaõ. Para eſte exercicio o convidava qualquer concurſo, hum poyal o ſeu Pulpito, o intereſſe o aproveitamento do auditorio, a devoçaõ da Cruz o ſeu principal aſſumpto; que foy rara a reverencia, e o affecto com que abraçava eſte ſagrado Lenho. A donde quer que o via, ou encontrava, poſtos em terra os joelhos, o adorava, ſaudando-o com eſta, (*Ave Crux Sancta*) compoſta ſem duvida por elle (de ſua letra ſe lhe achou na cella) com accommodaçaõ á oraçaõ Angelica, e com mais devoçaõ, que propriedade em alguma clauſula. He a ſeguinte:

Ave Sancta Crux ave!
Bemdita es tu entre todos os madeiros:
Bento he o teu fructo Jeſus.
O' Sancta Crux!
Ora por nós peccadores,
Agora, e na hora de noſſa morte. Amen Jeſus.

Eſta

Eſta devoçaõ grande lhe deu o ſobrenome, eſta o trazia advertido pelas ruas, pelos cantos a reſgatar eſte ſoberano Madeiro de lugares immundos, e indecentes, donde o collocara o pouco reparo, e o conſervava o deſcuido. Vio-ſe em varios ſucceſſos; diremos o mais celebre, e digno de que o naõ eſqueça a noſſa piedade.

Coroouſe elRey Dom Affonſo IV. e ſuccedeo armarſe-lhe hum ſitial em huma janella do Paço, a que ficava inferior huma Cruz. Paſſou Frey Franciſco, e dando com os olhos nella, e medindo o lugar em que eſtava, pondo os joelhos em terra, a ſaudou com a ſua Ave Maria. Levantouſe, e á força de mãos, e de hum inſtrumento, que alli pedio, rompeo, e deſmanchou o alto de huma parede, em que o ſagrado Madeiro eſtava fixado. Conſiderou bem, que era genero de indecencia, e ainda que naõ advertida, que eſtiveſſe inferior ao da terra o Throno do Rey dos Reys, e taõ authorizado Throno, que foy a baze de hum immortal imperio, com tanta eſtimaçaõ do Principe da paz, que reynou nelle, que em ſeu meſmo hombro o levantou ſolio, e o inclinou Sceptro; exemplo, de que lembrado agora Frey Franciſco, abraçando aquelle final, e imagem ſua, authorizando os hombros com ella, e acompanhado de meninos, e Povo, que ajuntou a novidade, entoando no meyo de todos a Ladainha, caminhou com o ſuave pezo até a rua larga de S. Roque, (diſtancia baſtante) e entrando no patio do Marquez de Niza, que tem o ſeu Palacio no alto da calçada, lhe pedio déſſe lugar a taõ authorizada hoſpeda. Levantou-ſelhe hum Altar, que inda hoje occupa.

A eſta devoçaõ, de que nada o divertia, ajuntava a grande, com que aſſiſtia ás Matinas da meya noite, por mais embaraços que tiveſſe. Nem o vir cançado, o vir perſeguido das inclemencias do Inverno, pelo Veraõ dos calores de hum dia inteiro ſem deſcanço, que juntos com a diſtancia do caminho, o pediaõ preciſo, nada o eſcuſava de ſer o primeiro no Coro; e porque entendia, que o podia vencer o ſono, deixandoſe hoſpedar de humas pobres mantas, e hum enxergaõ duro, uſava de hum agudo eſporaõ de ferro, como quem alcançava o quanto ſe retarda o homem no caminho de Deos, movendo-ſe pezado, e vagaroſo naquella parte que tem de bruto, ſe a naõ trata como tal o deſabrimento.

Já velho, fazia as ſuas jornadas em hum jumentinho, e eſte já taõ cançado, e ronceiro, que huma manhãa o achou morto de hum enxame de abelhas, que o cobrio. Recorreo ao Duque de Aveiro, e diſſelhe: *Senhor, as abelhinhas me mataraõ o meu eſtudante; ſem elle perecemos todos os pobres, porque para pedir, nem elles tem boca, nem eu pés.* Mandou o Duque, que ſe lhe déſſe para comprar ſegundo, e terceiro. Voltou o bom velho contente com o deſpacho, e dizia aos pobres, e aos Religioſos do Convento, que naõ ſeriaõ aleijados de todo, que muy boas muletas lhe dera o Duque de Aveiro.

Carregado de annos, e trabalhos,

balhos, cahio em huma cama, donde ſe purificou ſua paciencia. Tantos foraõ os achaques, que lha exercitaraõ. Recebeo os Sacramentos alegre; á morte fez o meſmo ſemblante, porque ſe pareceo com a ſua vida a ſua morte. Antes de eſpirar ſe lhe deſcobrio huma chaga, que lançava oleo. Pareceo demonſtraçaõ da vigilancia, com que o achou aquella hora. Era a em que o Eſpoſo chamava para as eternas vodas a ſua alma, e naõ faltou o oleo, ainda que ſe hiaõ extinguindo as luzes da vida. Alguns Religioſos molharaõ panos, e os guardaraõ com veneraçaõ. Enſinoulhe a experiencia, a que deviaõ ao moribundo, e a que pedia a novidade daquelle caſo, naõ viſto nunca, menos que em argumento de Santidade calificada.

Admirouſe na Noſſa Santa Margarida de Caſtello, que ao embalſemarſe ſeu cadaver, aberto por hum lado, foy tanto o licor ſuaviſſimo, que manou delle, que ſe encheraõ muitas redomas criſtalinas, de que ainda hoje ſe guardaõ algumas. Oleo deſtilou de ſeu corpo virgineo a Doutora de Alexandria, Martyr victorioſa Santa Catharina. O Pontifice de Licia S. Niculao, ainda (como canta a Igreja em ſua feſta) deſtila do ſepulchro myſterioſo, e medicinal oleo. Outros muitos Santos deſempenharaõ eſte prodigio; e naõ deixou de ſer no Padre Frey Franciſco glorioſo teſtemunho de ſua virtude, que iſſo daõ a entender ſemelhantes maravilhas; de ſua caridade, que iſſo val oleo nas Divinas letras.

CAPITULO XXVI.

Dos Padres Frey Alvaro de S. Joſeph, Frey Joaõ de Aragaõ, Frey Franciſco de Santo Thomaz, e Frey Martinho da Fonſeca, filhos do meſmo Convento.

SEguindo aquella Ordem, com que até aqui vamos eſcrevendo, dando antiguidade aos Religioſos pelo dia de ſua morte, que he o naſcimento dos juſtos, parece, que devia de abrir eſte Capitulo o Padre Fr. Joaõ de Aragaõ, que faleceo primeiro, a naõ ſer razaõ mais urgente a de precederem os filhos aos perfilhados, e ſer o Padre Frey Alvaro dos primeiros. Será pois eſte o ſeu lugar, e taõ merecido o ſeu nome, que com tanta gloria ſua lhe deu o de ſeu filho eſta Caſa, como o de pay a mayor parte da Provincia, pois em crear, e doutrinar os filhos della, cançou, e conſumio quaſi toda ſua vida.

O P. Fr. Alvaro de S. Joſeph.

Foy ella taõ reformada, que no tempo em que mais vivos eſtavaõ os rigores da obſervancia Bemficana, (com ſe achar abundante de eſpiritos grandes a Provincia) ſó elle foy eſcolhido para Meſtre de Noviços neſta Caſa, como eſpelho, a que ſe deviaõ compor aquellas vidas, que começavaõ a reſpirar no berço da Religiaõ. Era taõ conhecida a ſua, que contendiaõ os Conventos donde havia noviciados, para o terem por exemplar dos ſeus Noviços. Lograraõ tambem eſta felicidade Lisboa, e Azeitaõ. Veyo buſcalla Frey Alvaro na mortalha Dominicana em ſeus primeiros annos, e era tal a ſua capaci-

dade ainda nelles, que deſcançavaõ os Meſtres de Noviços, repartindo com elle o trabalho de preſidir aos outros.

Acabados os eſtudos, ſe recolheo á ſua Caſa de Bemfica, adonde logo começou a exercitar o cargo, para que ſe enſayara; mas ſe foy Noviço com capacidades de Meſtre, era agora Meſtre como ſe fora Noviço. A oraçaõ repetia de dia, e noite, e taõ larga, como ſe eſquecera ou as outras occupaçoens da vida, ou as preciſas penſoens da natureza. Notavel vigilancia, e huma particular prudencia para accommodarſe áquellas idades tenras, com quem ha de obrar antes a induſtria, que a força; e huma certa deſtreza no favor, e diſpenſaçaõ para as afeiçoar aos trabalhos do eſpirito, e desfigurarlhe as carrancas do trabalho. No caſtigo dos defeitos era inflexivel, e ſevero, e nos de quebras de religiaõ, e obſervancia taõ aſpero, que achando hum Noviço com tunica interior de linho (ſendo da Conſtituiçaõ a lãa junto á carne) aſſim veſtida lhe poz o fogo na parte, que lhe cobria os hombros, e a golpes da diſciplina lho apagou nelles.

Mas ſe o achavaõ com eſta auſteridade os comprehendidos, era facil, e credulo á menor queixa dos neceſſitados. Aſſim era ſyncero, aſſim candido ſeu animo, que chegou a ſer nelle como anthonomaſia, a incredulidade de qualquer ruim ſuſpeita. Diſtaõ muita maldade, e innocencia, e nem com a viſta póde eſta vencer a diſtancia; eſta a razaõ de deſconhecer aquella, ou por affaſtada, ou por peregrina. Os bons ſaõ taõ faceis em crer, que ninguem he mao, como os maos em aſſentar, que ninguem he bom. Parecia, que ſe reproduzia em Frey Alvaro aquella idade ſanta de Nathanael, donde antes parece que ſe ignorava, que ſe aborrecia o engano, e o coraçaõ dobrado, como delle diſſe Chriſto. Conhecido, e tratado parecia o Padre Frey Alvaro homem daquelle ditoſo ſeculo, em que ſe criava o ouro puro da natureza, ſem as fezes da malicia. Achava-ſe naquelles primeiros Padres, e Patriarchas, que como primeiras columnas da Fé, lhe abriaõ ſyncеramente nos ouvidos a porta, que com os olhos fechavaõ ás falacias da vida. Nathanael Dominico ſe podia chamar o Padre Frey Alvaro, como o que tinha hum coraçaõ, em que nunca ſe hoſpedou engano.

Ecce veri S. Iracliti in quo dolus non eſt Joan. 1. v. 47.

Era a ſua vida a primeira voz, e advertencia, que enſinava os diſcipulos, e de taõ conhecida refórma, e obſervancia, que eſcuſava outra doutrina. No que mais edificava era a aſſiſtencia de todo o Coro, ſeguindo o da meya noite com huma taõ ſanta tenacidade, que mandando os Medicos em tempo deſabrido, (em que os pleurizes ameaçavaõ o Convento, e talvez os hia já experimentando) que ſe diffeſſem as Matinas á prima noite, foy ſempre o ſeu voto, que ſe naõ devia afrouxar na obſervancia por acautelar a vida, como ſe inexoravel aos riſcos della, deſconheceſſe em ſi os conſelhos da natureza, ou ſuppozeſſe a ſua privilegiada. Eſta auſteridade, e hum animo deſpido de tudo o que coſtuma eſtimar a terra, o fez eſcuſar com

com huma modeſta repulſa os lugares de Prelado, que muitas vezes lhe offereceo a Provincia; porque eſtavaõ as ſuperioridades taõ malquiſtas com a humildade, que ſempre abraçara, que o atemorizavaõ ainda lugares donde tambem devem ſervir os que ſe fazem obedecer. Viveo largos annos, ſempre robuſtos, em paga de bem empregados, e acabou com huma morte, que pareceo premio delles, e principio de os trocar por eternas felicidades.

Sigaõ-ſe agora dous filhos, que deu a eſta Caſa a reſoluçaõ de virem a acabar nella a vida. Naõ parece, que deve ter mais privilegios para perfilhar o berço, que o ſepulchro; porque ſe no berço ſe criaõ alentos, creſcem, e avultaõ eſpiritos; no ſepulchro ſe recolhem os cadaveres, reſtituidos á terra como univerſal Mãy de todos. Antes parece, que faz mais força o natural deſta hoſpedagem, naõ ſó porque o he tanto o naſcimento, como a morte, mas porque neſta funeſta Caſa habitaraõ os oſſos mirrhados, naõ ſó annos, mas ſeculos. Naõ ha logo melhor razaõ para perfilhar na Caſa, em que ſe naſce, que na em que ſe morre; nem fazemos injuſtiça a Provincia alguma, perfilhando hum filho ſeu neſta Caſa (em que vida, e morte achou cella, e ſepultura) quanto mais ſendo impoſſivel a averiguaçaõ daquella a quem pertence, e eſtando eſta por tantos titulos de poſſe.

O P. Fr. Joaõ de Aragaõ.

Foy eſte filho o Padre Frey Joaõ de Aragaõ, que tomando o habito nas Filippinas, e paſſando á India, e dahi voltando a eſtes Reynos, começou a dar indicios em ſeu ſofrimento, do berço da obſervancia, em que ſe tinha criado, ſofrendo com igual animo muitos incommodos, porque como neſſe tempo ardiaõ em guerras as duas Coroas de Portugal, e Caſtella, malquiſtou-o a falſa ſuſpeita de poder ſer eſpia. Aſſiſtio em alguns Conventos deſta Provincia, e veyo a parar como em centro neſte de Bemfica, por achar nelle mais vivos os eſpiritos da refórma. Veyo aſſim a achar em Bemfica o eſquecimento da ſua Patria, e Patria de ſeu eſpirito, enſinado a viver em aſpereza. A das Conſtituiçoens obſervava á riſca, Coro nocturno, peixe continuo, de que nem os achaques o eximiaõ ſem preceito de Prelado, e inſtancia dos Medicos, a que ſe ſogeitava violento, porque trocada a abſtinencia em natureza, já o ſuſtento de carne lhe ſervia antes de mortificaçaõ, que de medicina, porque lho naõ conſentia o eſtomago, já eſtranho a tudo o que parecia regalo.

O jejum continuado, e eſtreito, a que ajuntava a abſtinencia de vinho, ſendo eſte no uſo do peixe hum ſuſtento, que ſe naõ eſcuſa como remedio, eſpecialmente em eſtomagos, que cortaõ o primeiro vigor na applicaçaõ dos eſtudos, como ſuccede a todos os que abraçaõ o noſſo Inſtituto, que desde os primeiros annos trazem de continuo em huma maõ a poſtila, em outra o Breviario. A oraçaõ naõ ſó repetida, mas taõ larga, que parecia eſquecerlhe tudo, em ſe entregando a ella. Julgava para eſta occupaçaõ mais a propoſito o tempo depois de Matinas, quando ſe viaõ aquel-

les ſantos Clauſtros ſepultados em ſilencio, rompido dos ſuſpiros dos que o acompanhavaõ na eſcolha do tempo, e lugar da Igreja. Mal via eſte deſpejado o bom velho, quando para deſafogar a devoçaõ, recorria aos golpes da diſciplina, taõ repetidos, e impiedados, como ao outro o dia o teſtemunhava o pavimento da Igreja, taõ coſtumado antes a inundaçoens, que a ſinaes, (naõ era ſó o Padre Frey Joaõ o aggreſſor daquella penitente tyrannia, mas outros, que com o meſmo eſpirito povoavaõ entaõ a Caſa) que advertido, e acautelado o Prior, naõ permittia, que abriſſem pela manhãa a porta da Igreja, ſem que primeiro o Sacriſtaõ a deixaſſe examinada, e limpa. Teſtemunhou-o muitas vezes (e eu lho ouvi) o Meſtre Frey Manoel Veloſo, Deputado do Santo Officio, que neſta Caſa era entaõ Prelado.

Era já o Padre Frey Joaõ muy entrado em annos, temia o Prior, que lhe acabaſſe de conſumir aquellas poucas forças o Coro da meya noite, e mandando-lhe por obediencia, que ficaſſe delle, dava na epiquea, que lhe aconſelhava a ſua devoçaõ, entendendo, que o preceito lhe embaraçava ſó o Coro, e o meſmo era tocarem a Matinas, que ir elle para a Igreja, e movido de huma ſanta inveja de ouvir rezar os Religioſos ſem lhe fazer companhia, levantava as mãos, e os olhos ás Imagens do Senhor na Cruz, da Senhora do Roſario, e de noſſo Patriarcha, e rompia neſta queixa (taõ acompanhada de lagrimas, como interrompida de ſoluços) em ſeu meſmo idioma: *Señor, gran ſin razon! Premitis, que el Prelado ſin culpa mia quiera deſterrarme del lado de mis dichoſos hermanos? Ellos merecen exercitar el officio de los Angeles; y yo miſerable ſin anadir la mia a ſus vozes.*

Eſta magoa o eſquecia com os joelhos em terra, donde muitas vezes o achou a madrugada. Ameaçou-o finalmente a morte; diſpozſe como quem antes a eſperava tranſito, que a temia ameaço; e já ſacramentado, com grande ſocego, e conſolaçaõ de eſpirito a eſperava afouto, quando parece que o quiz deſinquietar o commum inimigo. Entendeo-ſe aſſim, porque applicando os olhos para os pés da cama, fez algumas acçoens de quem deſprezava a ſua bataria. Chegou a ultima hora, e com os olhos em hum Crucifixo, paſſou ditoſamente do fim da vida ao principio da eternidade. Deſte Religioſo affirmaõ muitos, que o conheceraõ, que no ceo da boca tinha eſcrito o Santiſſimo nome de Jeſus em letras como empoladas na meſma carne, que o Ceo lhe permittio na boca, quiz a devoçaõ repetir no corpo, porque em hum braço abrio o meſmo nome com o ferro. Eſte ſem duvida foy o nome, em que recopilado o Eſpoſo, pedia á alma pura, que o eſtampaſſe no braço.

Pone me ut ſignaculum ſuper brachium tuum Canticorum 8. 6.

Foy o outro filho deſte Convento (dos que mereceraõ a filiaçaõ nelle, eſcolhendo-o para vivenda, e para ſepultura) o Padre Frey Franciſco de Santo Thomaz, porque ainda que eſte Padre pertença á Congregaçaõ da India, o gaſtar o melhor de ſua vida neſte Reyno, o vir acaballa nos braços da obſervancia deſta Caſa, ſaõ grandes razoens para

O P. Fr. Franciſco de Santo Thomaz.

para lhe facilitarem eſte lugar, e eſte nome nella. Tomou eſte Padre o habito em Goa, de donde paſſou á China, buſcando na Cidade de Macao a Caſa, que alli tem a Congregaçaõ, grande paleſtra de virtude naquelle tempo, e eſtreitiſſima obſervancia, que de taõ longe brindava a ſeu epirito. Aqui viveo alguns annos, e voltando a Goa, com grandes capacidades de religiaõ, e zelo, o elegeraõ Prior; reſiſtio conſtante ao cargo, houve de ceder perſeguido; eſperava licença do Reyno para paſſar a elle, naõ tardaria muito, ſacrificouſe a eſſe pouco tempo. Veyo em fim a eſtes Reynos, a que o chamava mais o deſamparo de huma irmãa, que as ſaudades da Patria; recolheoſe neſta Caſa de Bemfica, convidando-o o conhecimento da ſua obſervancia; naõ reconhecia outro centro o exemplar de ſua vida, nem ſe eſcondeo eſta por retirada á noticia dos Religioſos mais obſervantes deſta Provincia; inſtava a eleiçaõ da Caſa reformada de Viana, foy o Padre Frey Franciſco eleito em Prior della, mas com tanta deſconſolaçaõ de ſeu eſpirito, e genio, que naõ valendo com elle perſuaçoens, e inſtancias para aceitar o cargo, houve de acabar a obediencia, o que naõ pode a induſtria.

Foy em fim para o Priorado, mas moſtrando, que hia mandar ſó por obedecer; porém aſſim ſe violentava naquelle exercicio, que naõ eſperou, que lho tiraſſe das mãos o tempo; ao repetido, e importuno de ſuas ſupplicas, e diligencias ſe vio reſtituido ao primeiro ſocego, que lhe tinhaõ roubado. Tornou alegre a ver as ſupiradas paredes de Bemfica, Patria de ſeu eſpirito, em que o perfilhara o amor da refórma. Aqui foy ſua vida o exemplar della. Era quaſi continua ſua oraçaõ, porque entre a mental, e vocal repartia o tempo, e ninguem o encontraria ſenaõ rezando. Naõ ſe lhe advertia iſto ſó no Convento, tambem fóra delle no caminho, porque indo alguma vez á Cidade com o Noviço, que o acompanhava, (ſendo Meſtre delles) alternava o Terço da Senhora, taõ embebido na contemplaçaõ delle, que ſem dar fé de quem pizava a meſma eſtrada, aſſim levantava a voz com devoçaõ, e fervor de eſpirito, que paravaõ a eſcutallo. Lãa junto á carne, e pobre cama; mas naõ queria nella mais agaſalho quem o coſtumava deixar no melhor do deſcanço, porque aſſim era continuo nas Matinas, que mandando-o o Prelado ficar alguma vez dellas, nunca o pode acabar com elle, ſem que valeſſem nem o privilegio dos annos, nem o deſabrimento dos frios.

O habito taõ apanhado, e taõ reduzido a fórma de mortalha, que ſendo o Padre Frey Franciſco deſagradavel, e carregado de aſpecto, aſſim o encontrava o ſuſto, que o tornava logo a contemplar o reparo edificado, e compungido. Aſſim ſe fazia eſtranho a quem o via, ſendo taõ outro a quem o tratava, que o naõ havia mais facil, mais alegre para a converſaçaõ, e repoſtas de boa graça, effeitos de hum coraçaõ ſingelo, e conſervado na candidez de ſeu eſpirito. Nos jejuns, naõ ſó os da Conſtituiçaõ eſtreitiſſimos,

mos, mas dous dias na ſemana ſem outro ſuſtento, mais que humas codeas de paõ em hum pouco de caldo, a reçaõ para os pobres, entaõ inteira, nos mais dias a melhor parte della. Rodeavaõ-no continuamente cilicios, e ſobre o peito huma Cruz de metal, cheya de agudas pontas. Aſſim andava crucificado, como ſe ſe gloriara com Paulo na Cruz de Chriſto, ou como aquella venturoſa alma, que mereceo trazer ſobre o peito o ſello do Eſpoſo. Naõ lhe valeo a grande cautela com que diſſimulava eſtes, e ſemelhantes empregos de ſua vida, e penitencia, porque as mais miudas, e individuaes noticias de huma, e outra, o deraõ a conhecer a elRey Dom Pedro II. naõ ſe lhe eſcondendo o berço em que profeſſara, e os annos que vivevera no remoto Imperio da China, de que lhe reſultara a grande ſingularidade com que era pratico nelle.

Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum Canticorum 3.

Valeo tanto com elRey eſta informaçaõ, achada em peſſoa de boa nota, que o nomeou Biſpo de Macao. Chegou a carta da merce ao bom velho, que taõ longe eſtava da honra, como da terra. Teve-o primeiro por traveſſura de algum Religioſo; mas informado de que o caminho por donde lhe viera o que naõ eſperava, fora o Secretario de Eſtado, (cargo, que entaõ tinha o Biſpo Dom Frey Manoel Pereira ſeu amigo, e como logo veremos filho tambem deſta Caſa) aſſim ſe entrou de hum profundo ſentimento, como ſe ſe conhecera injuriado. Pegou na capa, e tomando a bençaõ ao Prelado, caminhou para a Corte, pedindo aos Religioſos, que o acompanharaõ até a Portaria, que lhe naõ repetiſſem hum titulo, que lhe afrontava o merecimento; que elle hia deſenganar a elRey do mal fundado conceito, que tinha de ſua capacidade na experiencia, que lhe punha diante dos olhos em ſua pratica, e ſua peſſoa.

Naõ lhe eſqueciaõ ao novo Biſpo aquelles altos documentos de hum Frey Bartholomeu dos Martyres, que eſcutando intimada huma obediencia, para que aceitaſſe a mitra, proſtrando-ſe por terra, como ſe o perſeguira hum rayo, diſſe atemorizado: *Deos ſeja comigo*! Naõ ſe enganava hum, e outro nos receyos, porque aceitar hum Biſpado, naõ he menos que fazer voto de ſer perfeito; e em huma vida taõ miſeravel, que até os fortalecidos tropeçaõ no dia ſete vezes, que entenderáõ os que ſe tem em conta de peccadores?

Oportet Epiſcopum irreprehenſibilem eſſe 1. ad Timot. 3. 2.

Aſſim medroſo, triſte, e pezado, chegou o Biſpo aos pés delRey, que vendo diante de ſi aquelle eſpirito amortalhado, aquelle aſpecto inteiro, e reſoluto, aquelle breve eſpectaculo da pobreza, e da obſervancia, ſe ſuſpendeo, tanto de aſſuſtado, como de compungido. Aſſim ſe detinha, quando rompeo Frey Franciſco o ſilencio com ſemelhantes palavras: *Senhor, V. Mageſtade aſſim zomba de hum pobre Frade! Eu Biſpo Senhor! Eu miſeravel! Eu, que entre as paredes da minha cella naõ me entendo com o governo da minha conſciencia, atreverme ao de tantas! Senhor, V. Mageſtade eſtá zombando, ou me quer Deos caſtigar com o terem mal informado? Frey Fran-*

Franciſco, Senhor, he hum miſeravel Fradinho, que deſſa grande Babylonia, para que Voſſa Mageſtade o quer degradar, veyo fugindo por ſingular mimo do Ceo, para o Sagrado da Recoleta Bemficana; e já no porto, como tornará á tormenta? Os meus annos antes me podem paſſar ao esquife, que ao navio. Os meus achaques antes ſe hoſpedarão em huma enfermaria, que em hum Biſpado. Voſſa Mageſtade buſque a quem dar eſte, que eu, ainda que fiel vaſſallo, como inutil, mais ſirvo a Voſſa Mageſtade em Bemfica para Mercieiro, que na China para Biſpo.

Já as lagrimas lhe embaraçavaõ a pronuncia; lançouſe a beijar os pés delRey, que o levantou nos braços, admirado igualmente da ſanta liberdade, e do reſoluto deſintereſſe. Aſſim o deſpedio conſolado, ſegurandolhe, que olharia para o ſeu deſcanço, mas com a pena de ſe lhe fruſtrar a eſcolha em hum homem, em que agora deſcobria mayores razoens para ella. Mas as lagrimas, os annos, e os achaques com hum Monarcha pio ſaõ grandes valedores; vio-ſe Frey Franciſco reſtituido ao ſeu antigo ſocego, dando graças ao Senhor, de ſe ver triunfante daquelle aſſalto, a que o Mundo chama triunfo.

Mas eraõ já creſcidos os annos, achavaõ menos reſiſtencia os achaques. Commetteo-o hum pleuriz, entrando com hum accidente, que o deixou proſtrado. Acodiraõ os Religioſos, e vendo, que recorriaõ a remedios humanos, pedia com inſtancia, que lhe naõ chamaſſem Medicos, que os do eſpirito queria conſultar primeiro. Creſcia o achaque, que diſpunha o Ceo, que foſſe o ultimo; houve de ſogeitarſe ao que lhe ordenava o Prelado. Veyo o Medico, conheceo que era pleuriz, e mortal. Ouvio a noticia deſaſſombrado, recebeo os Sacramentos compungido, e abraçando muitas vezes a Imagem de hum Crucifixo, que banhava com repetidas lagrimas, paſſou a colher o fruto dellas na eterna ſeara da Bemaventurança. Tem ſua ſepultura na Via ſacra, que vay para a Sacriſtia. Por ſua morte ſe lhe deſcobriraõ melhor as confirmaçoens de penitente, achando, que ſua cama foraõ dous feixes de vides, diſſimulados em huma manta, que tambem cobria o traveſſeiro, que era hum tronco nodoſo. Acharaõ-ſelhe varios inſtrumentos de ferro, para cingir, e caſtigar todas as partes do corpo; e taõ livres de ferrugem, que naõ eraõ neceſſarios mais indicios, para ſe ſaber, que naõ eſtiveraõ ocioſos.

Fechemos eſte Capitulo com huma memoria, que a outro filho ſeu deve eſta Caſa, pelo que a acreditou com ſua peſſoa. Foy eſte o Padre Frey Martinho da Fonſeca, Prégador delRey Dom Joaõ o IV., que ſabia conhecer, e eſtimar ſeu talento. Era Frey Martinho diſcreto, facundo, noticioſo, e no Pulpito hum dos Oraculos do ſeu tempo, excedendo a todos no eſtylo, promptidaõ, graça, e viveza no dizer. Sua vida era concertada, e taõ ajuſtadas as contas della, que todas as noites ſe confeſſava. Moſtrou o ſucceſſo, que lhe aconſelhara o Ceo a cautela, porque huma noite, chamando-o para humas

Mati-

Matinas do Roſario, o acharaõ ſem vida. Grandes ſegredos da Providencia!

CAPITULO XXVII.

Dos Meſtres Frey Manoel Pereira, e Frey Lourenço de Caſtro, tirados da Religiaõ para Biſpos filhos deſta meſma Caſa de Bemfica.

O M. Fr. Manoel Pereira Biſpo do Rio de Janeiro.

DOus grandes filhos deſta Caſa vem a coroar os muitos, que temos deſcuberto nella, e os que ultimamente á confirmaõ de proporcionado berço, para criar os mais venturoſos Hercules, que creſceraõ a levantar glorioſamente as duas columnas, em que ſe vê decifrado o *non plus ultra* da virtude, e da ſciencia, ou da ſciencia, e da doutrina. Em hum, e outro emprego, no da Cadeira, e no do Pulpito, no da Theologia, e no da prédica, ſe fez grande lugar o Meſtre Frey Manoel, filho de Lisboa, e de pays honeſtos Rafael Palladi, e Margarida de Meira. Sahindo dos eſtudos, e depois das Cadeiras ſabio, profundo, agudo, e deſtro. No Pulpito Eſcriturario ſentencioſo, elegante, e convincente, ſendo nelle iguaes a fermoſura no propor, e a energia no convencer, qualidades em huma, e outra faculdade, que o capacitaraõ para os lugares de muitos talentos, porque o ſeu talento baſtava a encher muitos lugares. Aſſim o viraõ Provincial da Terra Santa em Roma, Prior Provincial neſta Provincia, Inquiſidor da Meſa Grande, Biſpo do Rio de Janeiro, Secretario de Eſtado, e Prégador delRey D. Pedro II.

Paſſou a Roma, de donde veyo feito Provincial deſta Provincia, deixando ſuas virtudes immortaes memorias naquella Curia, que ſoube avaliar as capacidades de hum homem, em qualquer dellas grandes. Naõ lhe valeo pouco, voltando a eſte Reyno, o virem apadrinhadas de voto eſtrangeiro, que os de caſa quaſi ſempre os deſencaminha, ou intereſſe particular, ou enveja commua. Vio-ſe o que valeo a recomendaçaõ, porque eſcutada dos Miniſtros deſta Coroa, e delRey Dom Pedro, que tinha mais anticipada, e individual noticia, ſahio eleito Biſpo do Rio de Janeiro, (á inſtancia do meſmo Rey por Innocencio XI. anno de 1676.) e Secretario de Eſtado, lugar, que encheo o ſeu merecimento, e cargo proporcionado a ſeu genio, deſtro, e diſciplinado na Curia Romana, exercitado no expediente de muitas, e graves importancias, ficando em auſencia do Reverendiſſimo por Vigario Geral de toda a Ordem Dominicana, ſendo eſta, e outras occupaçoens as que o habilitaraõ para as aſſiſtencias deſta Monarchia, pagando no ſerviço della á Patria em deſvelos, o que o tinha adiantado em cargos. Applicou a eſte todas as forças de ſua capacidade, ſervindo ao ſeu Rey com zelo de Portuguez, ſatisfazendo ao Povo com animo de Religioſo, e accommodando-ſe com os Miniſtros com as qualidades, que pedia o cargo.

Comprehenſivo, advertido, prompto, e dotado de huma deſafogada, e ſegura memoria, foy viſto muitas vezes nas propoſtas, que occorriaõ no conſelho

lho de mais ardua, e ponderavel circunſtancia, eſcutar a cada Miniſtro o ſeu voto, e antes de deſcobrir o proprio, referir o de todos, ſem lhe faltar a minima circunſtancia, ou palavra. Mas hiaõ carregando os annos, creſciaõ os achaques, favorecidos dos deſvelos, e applicaçoens de pezo, abriraõ-lhe facilmente a ſepultura. Já a tinha lavrado com religioſa advertencia em huma Capellinha, que levantara ao noſſo Thaumaturgo Portuguez S. Gonçalo, a que o levava hum terniſſimo, e piedoſo affecto. Com eſte alcançou da Tiara, que entaõ regia a Igreja, o indulto, para que ſe eſtendeſſe a ſua feſta, e reza a toda a Ordem Dominicana. Imprimio eſtampas com a Imagem do Santo, que repartia com goſto, e zelo de accender no coraçaõ dos Portuguezes o amor, e devoçaõ de hum nacional taõ poderoſo, e agradecido, como cada dia experimentaõ os neceſſitados, e devotos.

Em Bemfica celebrava o dia do Santo com igual pompa, que diſpendio, acompanhando com lagrimas aquelles obſequios, que lhe coſtuma tributar devota a alegria, e a ſingeleza. Finalmente morreo com elle na boca, e nos braços, e veyo buſcar ao pé do ſeu Altar (na Capella, que lhe lavrava neſta Caſa) a protecçaõ, que lhe pedira em vida. Notouſe, (e o affirmaõ hoje Religioſos, que eſtiveraõ preſentes ao officio da ſepultura) que aſſiſtira a miniſtrar nelle hum mancebo de gentil preſença, gravidade, e modeſtia, com que a todos levou os olhos, perdendo-o eſtes repentinamente de viſta ao recolherſe o caixaõ no jazigo. Creſceo o reparo com o deſengano de o naõ conhecer nem a familia do defunto. Mas para que fique mais conhecida, e eſpalhada a grande devoçaõ deſte Prelado ao Santo, e o beneficio, que fez á Igreja deſte Convento, dando-lhe mais hum Santuario, ſem lhe alterar a proporçaõ, ou lhe tomar o campo, deſcreveremos aqui brevemente a fabrica da Capellinha, e ſerá eſta pequena digreſſaõ á conta do agradecimento deſta Caſa, que neſte filho experimentou, e reconheceo hum dos ſeus mayores bemfeitores, naõ havendo nella lugar, em que naõ lembrem ſuas liberalidades.

Abre-ſe a porta da Capella em hum vaõ, que no Cruzeiro da Igreja, para a parte da Epiſtola, fica entre a porta da Sacriſtia do Roſario, e a que dá paſſagem ás Capellas daquella banda. Aſſim fica ſó a porta occupando a parede, em correſpondencia da que ſe abre para o Clauſtro da outra parte, alargando-ſe a Capella para a do Adro em pequeno circuito. Levanta-ſe, e creſce a obra em fórma oitavada, continuada com varios, e finos jaſpes, que abrem oito nichos a oito Imagens de alabaſtro, (de eſtatura proporcionada a toda a obra) avultadas com tanta propriedade, e viveza, como ſe eſquecera ao artifice, que eraõ de pedra. Saõ todas daquelles Santos, que a ſua devoçaõ conheceo mais propicios. De huma parte a Senhora do Roſario, ſuperior a outro nicho, em que ſe vê Noſſo Padre S. Domingos; da outra occupa o nicho ſuperior o Patriarcha S. Joſeph, o inferior o Dou-

tor Anjo Santo Thomaz de Aquino. Correſpondem a eſtes da parte fronteira, em que fica a porta da Capella, (tendo-a no meyo) outros quatro nichos; nos ſuperiores de huma parte Santa Thereſa, de outra Santa Apollonia; embaixo com a meſma correſpondencia os illuſtres Patriarchas S. Bento, e S. Joaõ de Deos.

Coroa eſta obra, ſeguindo a meſma fórma della, huma alteada, e gracioſa abobeda, varia em pedras, oitavada em feitio, deſcançando ſobre hum frizo de jaſpe branco, que perfila em redondo toda a obra, começando delle a de huma capaz tribuna, que no meyo da Capella ſe abre ſobre o Altar, formando-lhe o arco de fóra hum jaſpe trocido, e matizado, que deſcança ſobre duas columnas da meſma materia, e feito. Ve-ſe no meyo da tribuna, em huma bem lavrada peanha de embutidos de jaſpe (de que tambem he a banqueta, e o Altar) o Santo de fino alabaſtro, de eſtatura de huma peſſoa, e taõ vivo em acçoens, e goſto, que parece, que eſtá enſinando á piedade, que lhe naõ faltaõ ouvidos para receber os votos. Communicaſe a luz á Capella por huma deſafogada janella, que cahe ſobre o Adro da Igreja, cerrada com bem lavradas portas, e quando aberta, defendida de ſua vidraça. Correſponde-lhe da outra parte com igual moldura, e tamanho hum painel de jaſpe branco, em que ſe lê o rendimento, com que o Biſpo conſagra a Capella ao Santo, e grava o epithafio do ſeu ſepulchro, e he o ſeguinte:

D. O. M.

D. Gundiſalvo de Amarante Luſitaniæ Thaumaturgo, tutelari ſuo ſemper propitio devoti, gratique animi ergo imparem voto ædiculam, ſuumque ibi conditorium Epiſcopus Fr. Emmanuel Pereira hujus Bemficani Cœnobii Filius condit, & dicat.
Anno Domini M.D.C.LXXXV.

No pavimento fica o jazigo, deſcanço daquelle coraçaõ devoto, que beneficiado do Santo em vida, veyo entregar ao ſeu patrocinio o depoſito daquellas cinzas, em lograr aquelle lugar venturoſas, e em deſpertar nelle a noſſa devoçaõ agradecidas. Deixou a Capella bem provida de alampada, caſtiçaes, e mais ornatos de Altar de prata, ornamentos, e cortinados ricos; e ainda intentava deixar hum juro (mas faltoulhe a vida) para o diſpendio da feſta, como fizera em Roma, comprando fazenda, e deixando-a ao Vigario do Hoſpicio, (do noſſo Convento da Minerva) que foſſe pelo tempo,

po, para que todos os annos ſe repetiſſe a feſtividade do Santo com pompa, e luzimento. Foy finalmente eſta Capella a memoria, que eſte Prelado deixou á ſua Caſa de Bemfica, naõ ſendo neceſſarios mais deſpertadores para ella, que os beneficios de que ſempre ſe vio obrigada, renovando-os ſempre no retrato deſte grande filho, que agora lhe honra as paredes, e lhe alivia as ſaudades.

O M. Fr. Lourenço de Caſtro.

Siga-ſe a eſte Prelado outro naõ menos amante nas razoens de filho, naõ menos deſempenhado nas de bemfeitor. Foy eſte o Meſtre Frey Lourenço de Caſtro, nobre por naſcimento, e illuſtriſſimo por qualidades de letras, e religiaõ; humas, e outras o puzeraõ em muitos, e honrados lugares, na Ordem, paſſando de huns a outros, por naõ parecer, que cabiaõ em hum ſó os ſeus merecimentos. Foy natural de Lisboa; ſeus pays Pedro de Caſtro, Senhor de Perada, e Sanguinhedo, Chefe da familia dos Caſtros de Melgaço, foy Provedor dos Armazens, e Dona Lourença da Coſta, da illuſtre familia dos Homens. Tomou o habito em Bemfica no anno de 1637. curſou as Eſcolas, e occupou as Cadeiras até o grao de Meſtre, ſempre reconhecido ſeu grande talento. O Convento da Batalha o chamou para ſeu Prior. Bemfica para que o foſſe da ſua Recoleta, elRey Dom Pedro II. para o Pulpito da ſua Capella. Accreſcia ás letras, e authorizada preſença, com que enchia aquelle lugar, a liberdade Apoſtolica, com que nelle fallava, ſendo muitas vezes taõ aſpero, e azedo em cortar pelo illicito, que aconſelhando-lhe bem intencionados, que ſenaõ foſſe atraz de todas as verdades, que o podiaõ fazer mal eſcutado, e em fim perſeguido, reſpondeo: *Eu faço o que devo ao meu officio; nem ſey liſongear, nem ſey temer.*

Era o ſeu centro a Recoleta Bemficana. Nos ſeus exercicios elle o mais exemplar. Era Prior no nome, e no trabalho, na pontualidade ſubdito, na reforma Noviço, no trato affavel, brando, e attractivo, como ſe nelle eſcolheſſem, e encontraſſem os Religioſos antes pay, que Prelado. Eſtas partes de reformado, e bemquiſto, a opiniaõ de Cadeira, e Pulpito o divulgaraõ benemerito. Eſtava vaga a Cadeira Epiſcopal de Angra; o nome de Frey Lourenço foy a melhor conſulta. Promoveraõ-no a ella no anno de 1671. naõ pareceo, que lha davaõ, mas que lha reſtituhiaõ. Experimentou-ſe melhor o acerto, quando por informes, que vieraõ do Biſpado, ſe entendeo, que tinhaõ mandado antes hum Eſmoler, que hum Biſpo; porque ainda que eſtes dous nomes devaõ ſer ſynonymos, he muito antiga a queixa de ſe acharem diverſos. A ſua familia apoucada em numero, honeſta em trato; o ſeu Palacio hum concertado Convento, e o Biſpo hum taõ verdadeiro Religioſo, que nem a Mitra lhe pode tirar o Capello. Foy reſoluçaõ, e maxima ſua, com que reſpondeo a quem lhe perſuadia, que áquelle lugar era mais decente o Roquete: *Pois eu* (diſſe) *avalio de outro modo; a haver de deſpir, antes o Roquete, que o habito.*

Continuo na aſſiſtencia da

Sé; do Coro paſſava para o Confeſſionario, do Altar para o Pulpito; verdadeiro Paſtor, em todo o lugar o achavaõ as ovelhas, e de todos ſahiaõ melhoradas. As eſmolas media pelas rendas, porque tirada pouca porçaõ para o perciſo de ſua Caſa, todas as rendas eraõ para eſmolas. Chegavaõ eſtas da Ilha até a Corte de Lisboa. Experimentava-o a pobre Recoleta de Bemfica, e a obſervantiſſima Caſa do Sacramento, a que todos os annos acodia com maõ larga, eſtendendo-ſe tambem eſta a peſſoas de que a ſua compaixaõ tinha noticia, ſem que a diſtancia lhe difficultaſſe a providencia; que a caridade, ſe he lince quando applica os olhos, tambem he Gigante quando eſtende os braços.

Chamado da Ilha para eſta Corte, o paſſaraõ á Mitra de Miranda, no anno de 1681. Achava-ſe já pezado com achaques, e annos, houve de ſacrificarſe ao trabalho, porque o ter que diſpender com os pobres, lho desfigurou em lucro. Eſte unico intuito o fez pôr a caminho. Naõ ſaõ conjecturas minhas; eſcrevo o que ouvi proteſtar ao meſmo Prelado, e o que depois moſtrou o effeito. Em quanto ſe deteve na Corte, e naõ paſſava ao Biſpado, viveo com ſogeiçaõ de Frade. Buſcava o Convento, e os Prelados delle, proſtrando-ſe em ſua preſença, ceremonias dos que vem de fóra. A petiçaõ ſua ſe lhe lançava como aos mais Religioſos Sermaõ na taboa; ſobia ao Pulpito quando ſe ſeguia. Poſto em Miranda, era o ſeu mayor deſvelo o que lá o levara, o ſoccorro da pobreza. Naõ havia para ella porta fechada em ſua caſa. Achava-ſe huma vez na em que commummente aſſiſtia, (a tempo em que a mais familia ſahido á Cidade) chegou até ella hum pobre pedindo mais com a deſnudez, que com a voz. Compadeceoſe o bom Prelado, que áquella hora ſe achava naõ menos pobre, ainda que naõ taõ deſpido. Chamou para que ſoccorreſſem o neceſſitado; naõ acodia ninguem, nem na pobre caſa ſe achava peça, de que lançaſſe maõ a ſua ancia. Naõ permittia eſperas a em que eſtava, como o que eſcutara ao Apoſtolo, que a caridade para obrar bem, naõ he ſofrida, inſta, e naõ eſpera. Retira-ſe a outra caſa impaciente, deſpe-os interiores, vem ao pobre, entrega-lhos, para que ſe viſta, e agaſalhe, e vem a ficar no interior como alli chegara o pobre. Até aqui o amor da pobreza! Partilhas no veſtido fello aquelle Principe perfeito, que amava ao vaſſallo como a ſua alma. Fello aquelle Prelado, que cobrio a ſeu Senhor com meya capa ſua.

Charitas Chriſti urget nos 2, ad Corinth. 5.

Diligebat quaſi animam ſuam, nam expoliavi ſe tunica. 1. Regum 18.

Mas parece, que naõ quiz o Ceo dilatar o premio a ſemelhantes lances de caridade, porque naõ foſſe eſta mais apreſſada em merecer, que elle em premiar. Era promptiſſima, e quaſi quotidiana a aſſiſtencia do bom Prelado na ſua Igreja. Chegou o dia do ſeu, e noſſo Patriarcha, e naõ baſtou o achallo indiſpoſto, para lhe embaraçar o ſer o meſmo que celebrou a Miſſa, e fez o Sermaõ, acompanhada huma couſa, e outra de tantas lagrimas, que ſendo affecto a ſeu grande Pay, pare-

Martinus hac me veſte contexit.

ceo

ceo depois deſpedida de ſuas ovelhas. O calor grande de hum dia de Agoſto, naquelle terreno ainda mais rigoroſo, a applicaçaõ de hum Pontifical, e hum Sermaõ, tudo penoſo, e dilatado, o ſer o Biſpo achaquado, e groſſo, lhe fomentaraõ hum grande febraõ, com que o levaraõ para caſa, e que logo lhe deſenganou as eſperanças da vida. Aſſim a acabou com conformidade Catholica, e demonſtraçoens de contriçaõ verdadeira. Sepultou-ſe na ſua Sé, ſeguido das lagrimas dos pobres, e das ſaudades dos ſubditos. Alguns annos depois de ſepultado, dizem ſe achara inteiro o corpo; naõ foy facil de averiguar eſta noticia, (naõ faltando diſpendios de diligencia) mas favoreceo-a a grande veneraçaõ, e reſpeito, e naõ menos cautela, com que o guardaõ os ſeus Conegos; porque propondo-ſelhes, que ſe deviaõ trasladar ſeus oſſos para Bemfica, donde em vida mandara lavrar Capella, e ſepultura, reſponderaõ, que tal naõ conſentiriaõ, por ſer notoria injuria para elles permittirem, que ficaſſe deſpojada aquella terra, e aquella Igreja de hum tal theſouro, e de hum tal Prelado.

Mas já que ou a reſiſtencia daquelle Cabido, ou a frouxidaõ de quem ficou com a obrigaçaõ de reſtituir aquellas cinzas á ſua propria urna, nos deixa com as ſaudades envejoſas da que as guarda com menos juſtiça, naõ nos pouparemos nós á diligencia de apontar qual ſeja ſua ſepultura, fazendo mais publica a divida, que naõ póde perdoar a Caſa Bemficana. No Cruzeiro da ſua Igreja, para a parte da Epiſtola, ſe abre a porta de huma Capellinha, fazendo lado ao arco da Capella môr, com que lhe fica á maõ direita em correſpondencia proporcionada a porta, que ſahe da Sacriſtia para a Igreja, e fazendo igual frontaria á porta, e Capellinha de S. Gonçalo, jazigo do Biſpo Dom Frey Manoel Pereira, como temos eſcrito.

He a Capellinha mais alta, que eſpaçoſa, cubertas as paredes de bom, e miudo azulejo até o frizo, em que deſcança o tecto, veſtido de hum bruteſco azul, naõ permittindo mais enfeite, ou variedade a repreſentaçaõ dolorosa, que offerece á viſta hum quadro de boa maõ, que tomando toda a parede da frontaria da Capella, exprime as dores da Virgem Mãy, vendo recolher na ſepultura a ſeu Filho, e noſſo Redemptor pela piedoſa diligencia de Joſeph, e Nicodemus, aſſiſtida nos ſeus deſmayos das lagrimas da Magdalena, e ſoluços do Evangeliſta mimoſo. Deſcança o quadro ſobre o Altar, que ſe levanta em fórma de Mauſoleo, abrindo na parte inferior hum grande vaõ em toda a frontaria, que ornada de grandes de pedra fingida, recolhe huma devota Imagem do Senhor morto, de eſtatura de hum homem. Aqui ſe coſtuma guardar o Senhor em ſeſta feira mayor, e he o lugar taõ proporcionado para aquella acçaõ piedoſa, que ninguem o entra a viſitar, (ainda fóra dos dias della) que ſe naõ ſinta entrado de huma devoçaõ mavioſa, e compaſſiva. No pavimento diſpoz o bom Prelado ainda em vida a ſua ſepultura, adver-

advertindo, que naõ eſcolhia outra, (exprimindo, e repreſentando no lugar da ſua a de noſſo Redemptor) como ſe o aconſelhara o Ceo, e o levara venturoſamente o eſpirito a acompanhallo no ſepulchro, para ſeguillo na Reſurreiçaõ, eſcutando, e eſperando o comprimento da promeſſa, que aos Coloſſenſes fazia Paulo: *Mortui eſtis, & vita veſtra eſt abſcondita cum Chriſto. Cum Chriſtus apparuit vita veſtra, tunc & vos apparuerit vita veſtra, tunc & vos apparebitis cum ipſo in gloria.* Como ſe diſſera: Se ao morrer eſcondeis, e ſepultais a voſſa vida com Chriſto, ſabey, que o acompanhareis nos triunfos de glorioſo.

Ad Coloſſen. 3. 3.

CAPITULO XXVIII.

Dos Padres Frey Niculao do Roſario, Frey Joaõ Barreto, Frey Jacintho do Eſpirito Santo, filhos deſte Convento; e de dous Irmãos o Padre Frey Luiz da Cruz, e o Irmaõ Frey Joaõ de Portugal.

PAra coroar as noticias deſta Caſa, reſervamos eſtes Religioſos, e em particular Capitulo, porque achamos a ſua filiaçaõ duvidoſa, ainda que elles os mais antigos entre os filhos della. Foy reparo de quem naõ quer roubar aos Conventos a gloria, que ſe lhe ſegue de ſemelhantes filhos; e proteſto de que naõ encontramos neſta materia os ſeguros da verdade, ſe depois de tantos annos, e tantas diligencias houver quem a ache, ou a deſenterre. Por agora valemonos de hum apontamento antigo, e (por tradiçaõ) de ſogeito a que ſe deve credito, que conta eſtes Religioſos entre os filhos deſta venturoſa Recoleta. Seja hum delles o Padre Frey Niculao, Inglez de naçaõ, naſcido em Londres, criado aos peitos da hereſia. Perdeo ſeu pay, ficando de pouca idade, e com muita fazenda, dous caminhos largos para a perdiçaõ de quem por herança ſe acha com poſſes, e naõ eſcuta verdades.

O P. Fr. Niculao do Roſario.

Chamou-o logo o commercio, e trato, em que ſe criara ſeu pay, naõ ſendo entre os de ſua naçaõ emprego eſtranho da nobreza a commerciaria; reſolveoſe a paſſar a eſte Reyno, porque ſobre ſegurar nelle a mais groſſa, tinha eſcutado a experiencia de naõ haver peregrino, a que ſe naõ troque em Patria, ſahindo talvez ſeus filhos fogindo á ſua ingratidaõ para as eſtranhas, a que achaõ ſempre com eſſe nome. Facilitoulhe a jornada outra importancia, porque lhe chegara a notitancia, que hum parente ſeu, que havia annos ſe detinha em Lisboa, ſe recolhera ao gremio da Igreja Catholica, e eſporeava-o a ancia de vir culparlhe a reſoluçaõ, ou a eſperança de o ver arrependido della. Embarçouſe, chegou á Cidade do Porto, adonde entre os homens de mais groſſo commercio ſe encontrou acaſo com hum Inglez, por nome Joaõ Coſtel, bom, e fiel Catholico, que na Cidade de Lisboa tinha caſa, e familia, detendo-o entaõ naquella certa importancia.

Vinha Frey Niculao como moço, e de groſſos cabedaes, bem tratado, e luzido, era dotado de galharda preſença, circunſtan-

cunſtancias, que obrigaraõ a Joaõ Coſtel a chegarſe a elle, (tocado de interior laſtima de preſumir quem ſeria) e travando pratica, como diſſimulaçaõ, e induſtria ſaber, como logo ſoube, o meſmo que receava. Deixou travada communicaçaõ com o galhardo Inglez, e repetindo viſitas, e praticas, tocava talvez algumas de religiaõ, em que achava ao moço taõ eſquivo, e inteiro, que bem entendia, que naõ guardava o Ceo o reduzir aquelle coraçaõ para bataria taõ frouxa, como a ſua. Carteava-ſe daquella Cidade do Porto, em que o detinhaõ negocios, com hum Religioſo Dominico, tambem Inglez (que aſſiſtia em Convento de Bemfica) chamado Frey Nicolao da Cruz, peſſoa de virtude, e letras, déſtro nas controverſias com rebeldes á Igreja, como o que nellas triunfava cada dia para gloria ſua. Eſcreveo a eſte Joaõ Coſtel, dando-lhe noticia da empreza, que o Ceo lhe metera nas mãos, confeſſando a debilidade dellas, para eſgrimir as armas de ſemelhantes campanhas. Pedio-lhe, eſcreveſſe ao mancebo Inglez, e o reduziſſe a paſſar a Lisboa, emporio do commercio, e viſtoſo theatro de todas as naçoens, adonde aviſtando-ſe ambos, eſperava huma reſulta de goſto para todos.

Naõ tardou Frey Niculao da Cruz em eſcrever, ſabendo aſſim veſtir o que propunha, e pertendia, que a voltas de comprimentos, e offertas, tocou alguns pontos em materia de Religiaõ, por eſtylo, que naõ ſó naõ deſaboriou ao mancebo, mas antes o fez entrar de hum reparo de ſe ſeria ſeguro o caminho, em que o ſeu naſcimento o tinha poſto. Seguioſe á conſideraçaõ o receyo, a eſtes huma ancia de apurar a duvida. Naõ lhe dava eſta deſcanço; eſcreve a Frey Niculao, que paſſava á Corte a buſcallo, e pozſe a caminho. Já parece, que o Ceo começava a illuſtrallo para buſcar o verdadeiro, diſſimulando-lhe os aviſos em hum ſonho, que deu grandes forças ao primeiro abalo. Sonhou, que via hum Religioſo Dominico, que chegando-ſe a elle com ſemblante alegre, e voz ſuave, lhe dizia: *Naõ tardes, vay, e reſolvete a ſer Frade de minha Ordem.* Eſtava já o moço advertido por cartas de Frey Niculao, do deſvelo, com que o Ceo diſpunha a conquiſta de huma alma, e inteirado daquella ſanta fadiga, com que noſſo Patriarcha procurara a deſtruiçaõ da hereſia, e reducçaõ dos eſcravos della, convenceo-ſe, que o Ceo o illuſtrava, e Domingos o reduzia.

Mal aportou em Lisboa, buſca a Frey Niculao, dalhe noticia da celeſte bataria, a que já hia fraqueando ſua cegueira; finalmente a poucas praticas entra nas de verdadeiro Catholico, com tanto conhecimento, que olhando para o paſſado ſonho, como importante aviſo, entendeo, que naõ ſó lhe convinha fugir os antigos erros, mas adiantar-ſe a empregos ſeguros, recolhendo-ſe aos Sagrados Clauſtros Dominicanos. Pede o habito com humildade; recebe-o com lagrimas, corre o anno de approvaçaõ com conſtancia, e profeſſa com demonſtraçoens de ſobrenatural alegria na Caſa de Bemfica, e tomando

o nome do que o trouxera a ella, e ſobrenome da Senhora, que eſcolhera por Advogada, ſe chamou Frey Niculao do Roſario. Entra nos eſtudos; naõ havia para elle mais que ou Coro, ou Aula, ou cella. Humilde andava aos pés de todos. Pobre, naõ ſó tudo ſeu era dos neceſſitados, mas elle todo, porque ainda pedia para lhe dar, depois de lhe ter dado o que tinha. Penitente, era huma viva eſtampa das Conſtituiçoens obſervadas á riſca.

Depois da Theologia, ſe adeſtrou nas controverſias, com que buſcou, e diſputou com os Hereges, dando-lhe o Ceo tanta efficacia, que nunca ſe vio baldada bataria ſua; aſſim igualmente o temiaõ os contumazes, e o ſeguiaõ os penitentes. Mas ferialhe o coraçaõ o ver, que conſeguia em tantos, o que naõ podia nos ſeus, porque ſua mãy, e parentes viviaõ ainda nos braços da cegueira. Tentou a primeira diligencia com cartas, eſcreveolhe muitas, taõ doutas, e doutrinaes, taõ pias, e taõ convincentes, que a naõ deixar perdellas culpavel omiſſaõ, ſeria aqui bom argumento de frutos do ſeu eſtudo, e das ancias do ſeu zelo. Houve de ceder á violencia delle, por mais que riſcos, e embaraços lhe cobriaõ o caminho, em que muitas vezes o pozeraõ as piedades, e as leys de verdadeiro Religioſo, vendo na mãy obſtinada certa a ultima miſeria, como deſperdiçada a ſua diligencia; reſolveo finalmente á jornada para ſua Patria.

Era actualmente Capellaõ, e pay eſpiritual dos Inglezes, filhos da Igreja, que frequentaõ a Corte de Lisboa, (ventura, que eſtes pertenderaõ, e alcançaraõ dos Prelados da Provincia) e com grande credito della, e da Religiaõ Catholica, pelos muitos filhos, que continuamente trazia a ella, ſendo a principal diligencia o exemplar de ſua vida. Com elles communicou a importancia de paſſar a Londres, mas anticipouſe huma febre aguda a embaraçarlhe a jornada, deſenganando-o de que eſtava em veſperas de fazer a ultima. Pedio, e recebeo o Viatico, diſpoſto para ella com o meſmo alvoroço, que para a primeira. Arrebataraõ-no logo delirios freneticos, e rompendo na força della em deſentoadas vozes, dizia: *Vamos prégar a Inglaterra? Vamos morrer pella Fé de Chriſto?* Paſſados dous dias, e reſtituido a perfeito juizo, pedio aos que lhe aſſiſtiaõ perdaõ do que os eſcandalizara com a ſua loucura; e deixando a todos edificados, e ſaudoſos, paſſou ao premio de ſuas reſoluçoens, e bons deſejos, por Julho de 1622. Foy ſentida ſua morte dos Inglezes, e mais Povo de que era conhecido, e tratado como de hum homem Santo; em que perdiaõ o ſeu remedio. Aſſim pediraõ, e veneraraõ como reliquias couſas de ſeu uſo.

O P. Fr. Joaõ Barreto.

Com a meſma duvida de filho deſta Caſa, entra o Padre Frey Joaõ Barreto nas memorias della; porque ainda que tomou o habito na de Vianna, paſſados os eſtudos, ſe retirou a Bemfica, adonde ha noticia, que ſe perfilhara. Naõ podia buſcar menos centro a inclinaçaõ de ſeu eſpirito, já conhecido por ſua grande obſervancia,

(que

(que neſta Caſa o conviou) tambem conſervada com todo o rigor, e inteireza. Nella buſcou, e achou o Padre Frey Joaõ por Prelado ao Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, a quem amava, e de quem era eſtimado com aquella harmonia, que em ſeus eſpiritos affinava a ſemelhança. Pontual no Coro, continuo na oraçaõ, aſpero nas penitencias, e caritativo com os proximos vivia o Padre Frey Joaõ, como quem ſó para Deos vivia, ſem reconhecer mais na vida, (tal era ſua mortificaçaõ) que o que baſtava para merecer com ella.

Ainda temeo dar lugar ao deſcanço, e viver para ſi alguma hora, e pedio ao Prelado o officio de Enfermeiro, em que naõ deſcançava nenhuma, coſtumando dizerſe pela incançavel applicaçaõ com que lhe aſſiſtia: *Que Frey Joaõ acompanhava os enfermos, ou até a cova com as lagrimas, ou até ſarar com as meſinhas.* Offereceo-ſe importancia grande, para que o Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos paſſaſſe á Corte de Madrid; naõ ſe ſabia ſeparar delle o Padre Frey Joaõ, houve de acompanhallo, ſendo taes as circunſtancias, com que ſe deſpedio do Convento, e de ſua Patria, como ſe eſtivera vendo, que na alhea o eſperava a ſepultura. Entre as peſſoas, que communicavaõ com elle materias de ſeu eſpirito, era huma Maria da Aſſumpçaõ, Terceira de Noſſo Patriarcha S. Franciſco, peſſoa (na opiniaõ de todos) de vida juſtificada. Eſtava entaõ o Padre Frey Joaõ em S. Domingos de Lisboa, adonde o buſcava. Ao deſpedirſe della, vio a boa Terceira, (foy confiſſaõ ſua) que hum fermoſo rayo de luz ſe punha ſobre o peito do Padre, deſapparecendo com hum relampago, de que entendeo a Terceira, (como depois tambem teſtemunhava) que o naõ tornaria a ver neſta mortal vida. Succedeo aſſim, porque aſſiſtindo o Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos em Caſtella, e em o Convento de Atocha, a que ſe retirara, acabou o Padre Frey Joaõ ſantamente, adiantando-ſelhe o conhecimento de ſua morte, e demonſtraçoens de viva confiança, de triunfar da eterna. Ignora-ſe o dia; ſabe-ſe, que foy pelos annos de 1637.

O P. Fr. Jacintho do Eſpirito Santo.

Naõ ſaõ de menos eſtima as memorias do Padre Frey Jacintho do Eſpirito Santo, nem menor a duvida da Caſa, que o mereceo filho; mas vamo-nos encoſtando ao que achamos apontado. Foy eſte Padre de vida exemplar, mas ſem lhe valerem os ſeguros de obſervantiſſimo, padeceo em toda ella o martyrio de eſcrupuloſo. Viveo muitos annos neſta Caſa de Bemfica, viva columna de ſua reſórma. Naõ lhe dava outro nome quem o conhecia. Com o de Santo eſpirou em dia de Natal de 1656. Admirando todos, que com a boca chea de rizo o encontraſſem os horrores da morte, como ſe fora em alviçaras de acabar o tromento da vida, ou alvoroços da que o eſperava.

Mas coroemos eſte Capitulo com dous Irmãos, a que a meſma duvida deu eſte lugar, ſendo ambos benemeritos de o encher, como ſobrinhos dos Condes Vimioſo, depois Frey Domingos do Roſario, que imita-

raõ em buſcar o meſmo habito, como em abraçar os rigores delle com o meſmo eſpirito. Foraõ elle o Padre Frey Luiz da Cruz, e o Irmaõ Frey Joaõ de Portugal, ambos irmãos, ambos reformados, e obſervantes, ambos humildes, e penitentes. Aſſim o era Frey Joaõ, que levantando-ſe de noite para tomar diſciplinas, exercicio de quaſi todas, como era irmaõ de Caſa de Noviços, e o podiaõ entender os outros, ſahia da cella para o Oratorio deſcalço, com o receyo de quem hia fazer aquelle grande roubo á ſaude, e ao deſcanço. Para as letras tinha grande genio, anticipouſe a morte a cortar as eſperanças delle, achando-o com tanta conformidade, como quem ſabia, que perdia pouco na vida, ainda quando a perdia principiada, quem paſſava a outra, que naõ acaba nunca.

O Irmaõ Fr. Joaõ de Portugal.

Naõ foy tambem de duraçaõ a de ſeu irmaõ o Padre Fr. Luiz, porque pouco depois de Sacerdote, faleceo etico. Ajudou muito a eſte achaque mortal a aſpereza com que ſe tratava, o desfalecimento lhe tirou da maõ a diſciplina, como o preceito dos Medicos o rigor da obſervancia. Já reduzido á cella como a Enfermaria; commungava amiudadamente, e com tanta ſuavidade de eſpirito, que diſpoz embaraçalla a induſtria do demonio. Eſperava hum dia por eſte alivio, e pelo Confeſſor, que tinha chamado, eisque á porta da cella lhe chega hum negrinho, dizendo-lhe: *Que dizia o Padre Confeſſor, que aquelle dia naõ commungaſſe, que o faria em outro.* (Era eſte ſolemne, e por iſſo eſcolhido da ancia do enfermo) com eſte deſengano pedio de comer ao Enfermeiro. Mas chegando o Confeſſor, e teſtemunhando, que naõ mandara tal recado, (antes vinha ao que lhe tinha pedido) aſſentaraõ ambos, que fora eſtartagema do demonio. Faleceo deſte achaque com grande conformidade, e paz de eſpirito. Ao abrirſe hum alicerce junto de ſua ſepultura, ſe ſentio ſuaviſſimo cheiro. Teſtemunhou-o Religioſo digno de credito; naõ ſe devia eſte menos a depoſito de tal corpo.

O P. Fr. Luiz da Cruz.

O ultimo filho deſta Caſa, (neſtes ultimos dias, que eſcrevemos) benemerito da memoria della, e de nos occupar eſta eſcritura, he Dom Frey Joſeph de Jeſus Maria, (que ao preſente vive) Biſpo de Patara, filho de pays honeſtos. Joſeph da Fonſeca, e Joanna de Oliveira, tomou o habito na Recoleta deſte Convento, em que profeſſou a 10. de Novembro de 1683. Entrou nas Eſcolas, em que moſtrou talento, como ſendo Collegial no Collegio de Santo Thomaz da Univerſidade de Coimbra, paſſando della á de S. Domingos de Lisboa, em que leu Artes, e Theologia; tomou o grao de Preſentado, e foy Prior do Convento, cargo, que exercitava quando foy nomeado Biſpo Titular de Patara, e Coadjutor do Arcebiſpo de Evora Dom Simaõ da Gama, pelo Pontifice Clemente XI. em 5. de Mayo de 1714. Sagrouſe em S. Domingos de Lisboa, pelo meſmo Arcebiſpo Dom Simaõ, aſſiſtindo os Biſpos Dom Frey Joſeph de Oliveira, Biſpo de Angola, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho,

nho, e Dom Manoel da Sylva Francez, Biſpo de Tagaſte. Em Evora he (quando iſto eſcrevemos) o Biſpo Dom Joſeph Duputado do Santo Officio, e juntamente Proviſor do meſmo Arcebiſpado, e Preſidente da Relaçaõ Eccleſiaſtica della.

CAPITULO XXIX.

Addiçaõ ao Convento de Noſſa Senhora da Miſericordia da Villa de Aveiro.

CO rriaõ os annos de 1323. quando teve principio a Caſa dos Religioſos de S. Domingos de Aveiro, ſendo a primeira pedra ; ſobre que começou a ſobir aquelle Santo edificio, hum dos mayores prodigios, com que o Ceo honrou fabricas conſagradas a ſeu culto, ſendo a venturoſa Villa de Aveiro a que depois de Roma mereceo ſemelhante favor, igual no ſucceſſo, cuido, que nas circunſtancias, aventajado. Averiguaçaõ he mais panegyrica, que hiſtorica ; os curioſos podem buſcar o ſucceſſo na ſegunda parte da Chronica, adonde tem campo aberto para admirar a maravilha, como para ventilar a duvida.

Fr. Luiz de Souza Chroniſta de S. Domingos. 2. p. l. 3. c. 3.

A fabrica do Convento, e Igreja aſſim era toſca, e apoucada, como de homens pobres, que mais olhavaõ para o que edificavaõ o Povo no eſpiritual edificio, que no avultado das paredes, e ainda do Templo ; aſſim ſe accommodaraõ muitos annos, mais contentes com a veneraçaõ do ſitio deſtinado pelo Ceo, que com o cuidado nos artificios, com que os podia melhorar a terra, penſamento ſem duvida, com que reſolveo o Chroniſta, que lhe melhorava a deſcripçaõ da fabrica na narraçaõ da maravilha. Aſſim paſſou em ſilencio as mais circunſtancias da Caſa, que augmentando-ſe (eſpecialmente a Igreja) a induſtrias, e deſpezas dos Religioſos della, naõ ſerá juſto, que a noſſa omiſſaõ deixe queixoſo o ſeu deſvelo.

Grande, e deſembaraçada caſa (antes grande ſalaõ) era a Igreja, quando eleito Prior do Convento o Padre Frey Manoel de Magalhaens, (que chegara da India, tendo ſido muitas vezes Prelado na Congregaçaõ) quiz dar a conhecer a eſta Provincia, que as grangearias com que ſe recolhera daquellas partes, (ſempre entre os noſſos Frades mayores na fama, que na experiencia) naõ ſe ſouberaõ deſencaminhar por ſuas mãos, paſſando do Oriente a ſer tributo na Caſa de Deos. A eſta ſe applicaraõ as ſuas poſſes, e cuidados, de ſorte, que ſeguindo-ſe outros Priores, como o Meſtre Frey Jorge de Caſtro, o Preſentado Frey Silveſtre Pacheco, o Preſentado Frey Pedro Monteiro, e o Padre Frey Joaõ da Appreſentaçaõ, ficou perfeita a obra, ſem ſe perdoar a trabalho, nem a diſpendio.

Ve-ſe na Capella môr, que alteroſa, e deſafogada fica (como he vulgar nas noſſas Igrejas) á face do Coro, hum retabolo, a que os da architectura chamaõ compoſito ; começa a creſcer em quatro columnas, que dando nos meyos lugar a dous grandes nichos, deixaõ o vaõ principal para o Sacrario, que da meſma obra ſobe com ellas até o remate de hum frizo, ſo-

bre que deſcançaõ as baſes de outras quatro columnas com igual correſpondencia de nichos. No meyo ſe abre a tribuna deſafogada, e mageſtoſa, o vaõ eſpaçoſo, o throno proporcionado, hum, e outro de entalhado moderno. Cobre-a os dias, que naõ ſaõ de feſtividade, hum quadro, em que ſe vê a Senhora da Miſericordia como Orago da Caſa, aſſim fecha com o retabolo em feitio arquiado, frizando com a abobada.

Nos nichos inferiores ſe recolhem em avultada eſtatura as Imagens de Noſſos Patriarchas S. Franciſco, e S. Domingos. Nos de cima as de Santo Thomaz, e S. Pedro Martyr. Corre a abobada da Capella viſtoſa com hum gracioſo bruteſco, que faz ſahir toda a obra do Coro, que por cima das cadeiras delle continua em retabolo encoſtado, (obra de talha bem dourada) repartido em molduras de quadros, em que ſe vem os Santos da Ordem com aquella valentia, e propriedade com que o pincel Romano ſe coſtuma dar a conhecer por todo o Mundo.

Naõ ſe vê menos fermoſo o corpo da Igreja, donde antigamente ſe naõ viaõ mais que quatro Capellas, (antes Altares) ficando dous á face, que no lugar dos presbiterios acompanhavaõ o arco da Capella môr. Aqui ſe levantaraõ os presbiterios de pao preto bronzeado, obra de que tambem he o Pulpito. No corpo da Igreja tomaõ todo o comprimento das paredes as ſeis Capellas, continuando de huma, e outra parte os arcos dellas com as das ultimas, que deſembaraçando o vaõ em lugar de Cruzeiro, encoſtaõ os dous retabolos, acompanhando o arco da Capella môr. Aſſim ficaõ fazendo face a toda a Igreja, e deſcobrindoſe de qualquer parte della. Saõ ambas (huma do Roſario, outra do Santo Chriſto, buſcado como milagroſo, de notavel concurſo) as mais perfeitas, e aventajadas. Tem huma das outras o nome, e a Imagem da que eſtava no Adro de Noſſa Senhora da Eſperança, que alli ſe recolheo para mayor decencia.

Aſſim fica toda a Igreja ayroſa, e bem aſſombrada, dandolhe alma a luz, que ſe lhe ganhou em porta, e vidraças, derribando a antiga alpendrada, que aſſombrava o Adro, para cobrir o Pulpito, de que algum tempo ſe praticava ao Povo, paſſando já neſte a ſer valhacouto de ocioſos, o que entaõ era commodo para os doutrinados.

Naõ deixaremos em ſilencio outra obra, que ſobre ſer honroſo deſempenho da Caſa, ficou tambem ſervindo de adorno á Igreja, na parte, que correſponde á porta das graças, (que fica na Capella do Roſario) e vem a ficar na do Santo Chriſto. No vaõ, que faz para correſpondencia da outra porta, ſe levantou, e lavrou de boa pedra, ſobre quatro Leoens (hum honrado Mauſoleo) huma polida, e bem lavrada caixa, em que ſe recolheraõ os oſſos de Joaõ de Albuquerque. Eſtiveraõ em pequeno tumulo no meyo da Capella, depois ſervindo-lhe de arrimo a parede, finalmente paſſados a eſte nobre depoſito, como cinzas de hum grande bemfeitor do Convento.

CA-

CAPITULO XXX.

Do Padre Preſentado Frey Mattheus Toſcano, e dos Padres Frey Manoel da Encarnaçaõ, Frey Jacintho dos Anjos, Frey Luiz da Annunciaçaõ, e do Doutor Meſtre Frey Domingos Freire, filhos do Convento de Aveiro.

GRande fortuna deſta Caſa o acharſe com hum filho, que governando-a Prelado, a ennobreceo obſervante! Foy eſte o Padre Preſentado Frey Mattheus Toſcano, que depois de Prior de Amarante, o veyo ſer a eſta Caſa, de que era filho, acabando nella antes a vida, que o governo. Tal era aquella, que o chamaraõ para elle em tempo, em que a obſervancia deſta Caſa eſcolhia pela Provincia talentos em que ſe lograſſe o ſeu augmento, ou ſe naõ arriſcaſſe a ſua conſervaçaõ. De hum, e outro deſempenho dava grandes eſperanças a noticia, que ſe eſpalhava da capacidade do Padre Frey Mattheus, como exacto profeſſor das leys da Religiaõ. A lãa junto á carne, diſſimulando os cilicios com que a cobria; os jejuns rigoroſos, as diſciplinas aſperas, e continuas, como muitas vezes teſtemunharaõ as paredes da cella; o pavimento da Igreja, donde naõ ſabiaõ callar as vozes do ſangue, nem a cautela, nem a aſpereza. Eſte modo de vida, já antigo nelle, agora mais pezado, com a occupaçaõ do governo de huma Caſa, em que os exercicios da obſervancia naõ deixavaõ mais tempo, que o que ſe podia furtar ao ſono, e ao deſcanço, lhe apreſſaraõ a morte, que eſperou ſem ſuſto, pedindo, e recebendo os Sacramentos com ſocego, e conſolaçaõ de eſpirito, e com tanta advertencia na obrigaçaõ de Prelado, que nem alli o pode diſpenſar o ſeu eſcrupulo, deixando para todos hum novo exemplo. E foy o caſo.

O P. Preſentado Fr. Mattheus Toſcano.

Poucos dias antes de cahir na cama, tinha caſtigado a hum ſubdito, que o merecera. Recebidos os Sacramentos, e pedindo perdaõ a todos os Religioſos, reparou, que faltava o caſtigado, que depois da doença lhe naõ tinha entrado na cella, como nem naquella hora, em que toda a Communidade lhe aſſiſtia, e elle a chamara para pedir perdaõ a toda. Mandou, que lhe chamaſſem o Religioſo, e mandando-o em ſua preſença proſtrar por terra, lhe fez hum capitulo (chama-ſe aſſim a reprehençaõ, que daõ os Prelados) afeando-lhe a contumacia, e falta de caridade com os enfermos, mais aggravante com os Prelados, que caſtigando como pays, naõ devem ſer odioſos como tyrannos, pois evitaõ no ligeiro caſtigo, que daõ ao ſubdito, o mais pezado a que ficariaõ ſogeitos em tribunal mais rigoroſo; e mandando-o chegar á cama, e dando-lhe huma diſciplina, accreſcentou: *Naõ quero, Padres, meter na conta, que vou dar a Deos, a falta de caſtigo neſte filho inconſiderado, nem me diſpenſa a hora em que eſtou, porque em quanto me dura a vida, me dura a obrigaçaõ; e entendaõ Voſſas Reverencias pela hora em que a ſatisfaço, as eſtreitas contas, que devem dar a Deos os Prelados.*

Notavel inteireza de animo, e

e palavras benemeritas de hum Prelado verdadeiro, para confuſaõ! Pedio a Imagem de hum Chriſto crucificado, e fazendo huma proteſtaçaõ da Fé, entre ancias de contriçaõ verdadeira lhe entregou a alma. Seguiraõ-ſe ſinaes, que favoreceraõ eſta piedoſa conjectura; porque pezando-ſe a cera, que ardeo no Officio, e enterro, aſſim no Convento, como no Moſteiro das Religioſas, ſe achou naõ ſó que naõ diminuira, mas que ainda creſcera. Foy experiencia de que teſtemunhou a Communidade toda.

Donde eraõ taõ juſtificados os Prelados naõ podiaõ faltar ſubditos, que ſobeſſem ſer diſcipulos, ſendo conhecida a energia, com que convence o exemplo nos Prelados. Aſſim o tomou delles o Padre Frey Manoel da Encarnaçaõ, que em breve tempo os pode dar a muitos. Conheceo-o bem a Provincia, que o eſcolheo naquella Caſa para Meſtre de Noviços, officio, que occupou muitos annos com conhecido lucro dos que nelles, e nella vieraõ buſcar a Religiaõ, com a ventura de eſcutarem ſua doutrina. O recolhimento, a oraçaõ, e a diſciplina eraõ a difficultoſa eſtrada, que continuamente trilhava o ſeu zelo; e ſendo taõ rigoroſo comſigo, como no cargo, era igual nelle, como nos diſcipulos, o aproveitamento.

O P. Fr. Manoel da Encarnaçaõ.

Mas naõ o deixava deſcançar huma continua ancia de acodir a tudo; e enfraquecido da deſvelada occupaçaõ de Meſtre, aſperezas de penitente, e largos annos de idade, perdeo a viſta totalmente, trabalho, que o diſpenſou do de Caſa de Noviços, e o recolheo na ſua cella; mas pedindo a hum Religioſo amigo ſeu, que na Caſa ſervia de Organiſta, que lhe enſinaſſe aquelle inſtrumento, para que tinha, ou tivera algum genio, foy tal a ſua applicaçaõ, que em breves dias pedio aos Prelados, que o occupaſſem em ajudar o Coro, porque naõ podia acabar comſigo viver, e naõ trabalhar, eſtar na cella ocioſo comendo o paõ, que os outros mereciaõ com trabalho quotidiano. Sacrificouſe goſtoſo ao de acompanhar a Communidade, aſſim de dia, como de noite, louvando a Deos no ſeu inſtrumento, a que a viſinhança da morte affinava mais a ſuavidade, como animada deſte com tantas ſemelhanças Dominicano Ciſne. Para elle naõ havia hora mais penoſa, (ainda que foſſe nocturna) que a em que a obediencia o diſpenſava daquella occupaçaõ, que nos ſeus annos ſem duvida era mais penoſa. Contava perto de noventa quando o apanhou a morte, antes alvoroçado, que temeroſo, vendo-ſe nella ſinaes de que a Virgem Senhora, de que era extremoſo devoto, e ſeu ſoberano filho, lhe aſſiſtira, e o premiara.

Siga-ſe ao Padre Frey Manoel outro, que o imitou no cargo, como no zelo, grande Religioſo, e grande Meſtre de Noviços, como foy o Padre Fr. Jacintho dos Anjos, que neſta occupaçaõ gaſtou a vida. Foy ella a mais penitente, a mais reformada, a mais zeloſa. Debaixo da eſtamenha, que ſempre uſou junto á carne, trazia hum aſpero cilicio, de que ſó o diſpenſou a morte. Nos jejuns era taõ mortificado, que ao jantar co-

O P. Fr. Jacintho dos Anjos.

comia pouco, e o menos goſtoſo, á noite nada ; mas as mais vezes com diſſimulaçaõ, e induſtria, moſtrando que comia, dava tudo aos pobres, fiando-ſe do Noviço, que ſervia á meſa, ou do que lhe ficava á ilharga. Na oraçaõ taõ continuo, que as mais das noites paſſava orando, ſem ſe lhe diviſar de dia falta de deſcanço, e ſono.

Deſvelado com a creaçaõ dos Noviços, achavaõ nelle antes pay, que Meſtre, porque ao enſino ſe ſeguia a caridade, com que ſoccorria os mais pobres. Era o tanto, que ſem reſervar nada do que tinha adquirido em alguns Sermoens, ou pitanças de Meſtre, empregou tudo em fazenda, que rendeſſe para a Caſa. Seguio tambem nella os paſſos do Padre Frey Manoel, porque a idade, e penitencia lhe tiraraõ a viſta ; mas tendo muito clara a de ſua alma, com que eſperava ver a Deos, a enſayava entre as cegueiras do corpo, gaſtando o mais do tempo em oraçaõ no Coro. Delle paſſou para o leito, porque de mais de 80. annos o chamou o Senhor para o contemplar claramente, dando-lhe huma morte taõ ſuave, que no que ſe lhe percebeo da alegria do ſemblante, ainda em vida parece que goſtou da eterna felicidade. Teſtemunharaõ-no muitos Religioſos, e eſpecialmente ſeus Confeſſores, que lhe aſſiſtiraõ, e o notaraõ, affirmando, que ſua morte fora de ſanto. Pedio hum Crucifixo, e abraçando-ſe com elle eſtreitamente, e repetindo penitentes oſculos em ſuas Chagas, paſſou deſta vida a contemplallas glorioſas.

Chegamos ao ultimo filho deſta Caſa nas noticias, que podemos alcançar della, e digno, como os mais, de a deixar ennobrecida, como a eſta memoria. Foy eſte o Padre Frey Luiz da Annunciaçaõ, natural do Porto. No Convento, que a Religiaõ tem neſta Cidade, gaſtou os primeiros annos, depois de acabar, os ſeus eſtudos, lendo huma Cadeira de Moral, que alli tem a Ordem com liçaõ publica, a que ſatisfazia o Padre Frey Luiz com reputaçaõ do habito, e intereſſes do Clero, que com applauſo commum o conſultava, e ouvia Oraculo naquella faculdade. Com o meſmo nome leu em Vianna a meſma Cadeira, mas entrado em idade mais madura, e advertindo, que importava pouco o meſtrar ás almas a verdadeira eſtrada, ſe tambem a naõ havia de pizar a ſua, ou entendendo o quanto era lamentavel deſgraça prégar aos outros, e enſordecer ás inſpiraçoens com os reprobos, foy tal o extremo a que reduzio ſua vida, como ſe no Pulpito, e no Confeſſionario trabalhara ſó para a ſua emenda.

O P. Fr. Luiz da Annunciaçaõ.

Já pobre, naõ tinha mais que huma tunica; penitente, humas taboas por cama. As alfayas da ſua cella hum Chriſto, hum bordaõ, e hum Breviario. Deſconhecendo as inclemencias do tempo, nem o Inverno o achava com mais abrigo, e igualmente o Sol o achava com a cabeça deſcuberta. Prégava todos os Domingos ; o lucro das almas o ſeu eſtipendio. Se o importunavaõ, que o aceitaſſe ; mandava, que ſe entregaſſe a eſmola ao Convento adonde aſſiſtia. Duas, e trez legoas o levava a pé o zelo deſte exercicio

Nec fortè cum aliis prædicaverim, ipſe reprobus efficiar. 1. ad Corinth. 9. 27.

cio Apoſtolico, com o Breviario por companheiro, o bordaõ por deſcanço, deſconhecendo deſcommodos, e diſtancias, porque a ſua caridade lhe desfigurava as moleſtias, e lhe veſtia azas. Era o ſeu mayor empenho eſpalhar a devoçaõ do Roſario, a que o chamava hum extremoſo affecto, ſeguindo as pizadas de ſeu Patriarcha, tanto ſeu filho em abraçar eſte importante trabalho, como em o achar ſempre eſte, e ſemelhantes com alegre goſto.

Ao jejum da Conſtituiçaõ, obſervado á riſca, accreſcentava ſempre peixe no reſtante do anno, em que ſó o diſpenſava a doença com preceito do Prelado. No ſeu ſuſtento eſta era a ſubſtancia, a quantidade pouca, e acompanhada de broa a mais dura, e mais groſſeira. Já carregado de annos, ſe recolheo ao Convento do Porto. Tinha precedido a fama de ſua vida a fazerlhe hum lugar grande na piedade, e veneraçaõ do Povo. Paſſou a experiencia a confirmar o credito, o modo de vida era o meſmo. Parece, que ſe valia a caridade de materia peregrina, ateando-ſe agora mais naquelles oſſos ſecos, a que o reduziria a idade, e a penitencia. Eſcutavaõ-no no Pulpito Miniſtro da verdade, fallando com reſoluçaõ Apoſtolica; viaõ-no no caminho imagem da pobreza; humilde, e alegre, velho, e affavel, penitente, e apoucado, naõ lhe ſabiaõ mais nome, que o de S. Gonçalinho.

Succederaõ-lhe caſos, que diſſimulou a ſua modeſtia, ou apoucou a ſua ſingeleza. Fez delles mais memoria o Povo, culpando ou o noſſo pouco reparo, ou o noſſo muito deſcuido. Eſtando em Vianna, e entrando a viſitar huma caſa grave, quizeraõ fazerlhe offerta de hum pouco de doce. Trazia-o huma ſerva em huma taça criſtalina, formoſa, e de eſtima; deſcuidouſe, e cahindo-lhe das mãos, ſe fez em pedaços, com magoa dos que aſſiſtiaõ. Naõ mudou o bom velho de ſemblante, e pedindo que ſe naõ entriſteceſſem, com elle alegre, e inclinando-ſe a recolher os pedaços, eis-que apparece com a taça inteira nas mãos, paſſando-a ás da ſerva, emmudecida do que via, como a mais familia, que a cercava. Mais poderamos dizer delle, ſe houveramos de dar credito a narraçoens a vulto, mas naõ tiramos da variedade dellas mais que a razaõ de nos ir occupando a queixa eſtes lugares, que devia encher a memoria.

Sem mais achaques que huma penitente, e attenuada velhice, acabou o Padre Fr. Luiz com todos os Sacramentos aquella vida, com que mereceo huma morte taõ fóra dos horrores della, que no corpo ficou meneavel, no ſemblante com preſença gentil, e accidentes, que ſe lhe naõ diviſaraõ vivo, ou por muita mortificaçaõ, ou por menos aceyo; e em fim ficou de ſorte, que (a juizo de trez Medicos) naõ podia ſer aſſim naturalmente. Sentio ſua morte o Povo, mais a nobreza, aſſiſtido, e buſcado de todos, com tanta ancia, que antes parecia perſeguido, que acompanhado. Dous habitos ſe lhe veſtiraõ, que nem a cautela, nem a reſiſtencia pode tirar das mãos da devoçaõ em pequenos retalhos.

lhos. Aſſim ſe apreſſou o enterro, que acompanharaõ as Communidades de S. Franciſco, e Santo Agoſtinho, recolhendo-ſe o cadaver, como ſe antes ſe eſcondera, que ſe ſepultara, atalhando os exceſſos da devoçaõ, que de ancioſa paſſava a inadvertida, naõ querendo perdoarlhe nem ainda a mortalha. Mas tal era a opiniaõ, que ſe grangeou naquelle Povo! Tal a memoria, e ſaudade, que deixou nelle!

O M. Fr. Domingos Freire.

Naõ honrou menos eſta Caſa com ſuas letras o Meſtre Fr. Domingos Freire, aſſaz conhecido por hum abalizado Theologo, e naõ menos celebre por peritiſſimo na Latinidade. Ainda hoje ſe eſcuta com veneraçaõ o ſeu nome na Univerſidade de Coimbra, donde viveo largos annos; muitos no Tribunal da Inquiſiçaõ deſta Cidade, ſendo Deputado, lugar, que encheo com grande reputaçaõ, deſtro, e preſpicaz indagador das cavilaçoens Judaicas, e zizanias Rabinas, dotando-o Deos para aquelle miniſterio do dom de decernir; advertencia, que fazia a ſeus diſcipulos o melhor Meſtre: Que examinaſſem as voracidades dos lobos, veſtidas, e diſſimuladas em pelles de ovelhas. Vioſe o que importava ao ſocego da Fé a vigilancia deſte Argos, em caſo, que poderamos individuar, a naõ ſer em grave deſabono de mayor ſogeito, em cujos eſcritos ſoube a capacidade grande de Frey Domingos perceber, e deſcobrir as pizadas da rapoſa, por mais que desfiguradas com a cauda de huma fraudulenta, e induſtrioſa pericia. Faleceo em S. Domingos de Lisboa carregado de annos; e podera ſer de mayores premios, a naõ ſerem os merecimentos os pertendentes mais deſvalidos.

Attendite à falſis Prophetis, qui veniunt ad vos in veſtimentis ovium.

CAPITULO XXXI.

Do Meſtre Frey Antonio da Reſurreiçaõ, Lente de Prima da Univerſidade de Coimbra, Biſpo de Angra, filho do Convento de Azeitaõ.

CRiados no berço da pobreza religioſa, amortalhados em hum groſſeiro, e pobre habito, parece ſem duvida, que ſe adeſtraõ mais os eſpiritos para a occupaçaõ de pays de pobres, para o uſo do Mundo, alheyos de tudo delle. Com eſſa conſideraçaõ ſe reſolviaõ, e reſolvem bem os Principes Catholicos, eſpecialmente Portuguezes, em pertender, que occupem os principados da Igreja os grandes talentos criados nas Religioens, adonde antes eſtudaraõ humildade, e parcimonia, que fauſtos, e pompas, emprego das vaidades, e olhos da oſtentaçaõ humana. Foy hum deſtes eſcolhidos, e em que ſe deſempenhou bem eſta verdade experimentada, o Meſtre Frey Antonio da Reſurreiçaõ, Prelado porque choraraõ os Povos de Angra os muitos ſeculos, que durara ſua memoria.

Filho deſta Caſa de Azeitaõ, hum dos tres Conventos reformados, (depois da peſte da Clauſtra) e ſegundo berço da obſervancia neſta Provincia, começou a vultar nella, primeiro com eſperanças, depois com experiencias, o Meſtre Frey Antonio, ſobindo ás honras, e prelazias pelos degraos de juſtifica-

do merecimento. Felice ſeculo! Idade venturoſa, em que ſenaõ ſobia por degraos ao alto da prelazia! Aſſim ſe remontavaõ ſuas prendas, como ſe quizeraõ vingarſe nos voos da natureza, dos grilhoens, que no naſcimento lhes lançara a ventura, ſendo o ſeu de ſorte taõ humilde, como ſe póde entender do que lhe ſuccedeo hum dia ao recolherſe para Caſa. Acompanhava-o hum Leigo, e reparou, que ſe adiantava a buſcar huma pobre velha, que vinha encarando com elles. O trage das que coſtumaõ ſervirſe a ſi, o que entaõ fazia, levando hum cargo á cabeça. Chegou o Padre á boa velha, e com reſpeitoſa cortezia tomando-lhe a maõ, e beijando-lha, voltou ao companheiro, dizendo-lhe: *He minha mãy.* Abençou ella ao humilde filho, e a voto de quem melhor reparou no ſucceſſo, áquella bençaõ attribuia depois o ſeu augmento.

Repetiraõ-ſelhe eſtes, ſobindo á Cadeira de Prima da Univerſidade de Coimbra, ao lugar de Deputado do Santo Officio; mas como nem eſtes lhe mudavaõ as propenſoens da humildade, hia o ſeu merecimento levantando o voo a eſféras, que contrapezaſſem o ſeu abatimento. Aſſim andavaõ as grandes partes do Meſtre Frey Antonio, as ſuas letras, a ſua refórma, a ſua modeſtia, e eſpecialmente aquelle animo deſpido de oſtentaçoens, e intereſſes, pelas bocas, e admiraçoens dos Tribunaes deſte Reyno, e do que (pertencente a ella) reſidia em Caſtella. Sahio eleito Biſpo de Angra; ſagrouſe na Igreja de S. Braz em Lisboa; eſtava impedida a do noſſo Convento eſſe dia, e naõ ſe dilatava eſte, porque hum dos preciſos Aſſiſtentes partia para Roma. Houve de accommodarſe o Biſpo com o que lhe diſpunha o tempo. Fez o acto da ſagraçaõ o Colleitor Caſtracane; aſſiſtiraõ o Colleitor, que acabava, e Dom Pedro do Rego, Biſpo de Anel de Lisboa. Foy a funçaõ feſtiva; era por Junho de 1638.

Havia tempos, que eſtavaõ deſamparadas de Prelado aquellas Ilhas; com o cargo entrou o Meſtre Frey Antonio no eſcrupulo de que já o executavaõ aquellas ovelhas, mas tropeçava eſta ancia no preciſo embaraço do commodo, e opportunidade da jornada; ſendo neceſſaria dilaçaõ para que elRey o deſpachaſſe (como ſe uſa entre os Biſpos Ultramarinos) parece, que attendiaõ os Miniſtros menos a eſtas faltas, que o bom Prelado á que eſtava fazendo á ſua Igreja; reſolveoſe, e embarcouſe com taõ pouca proviſaõ, e diſpendio, como ſe quizera ſegurar, que o animo que o levava naõ era a buſcar commodidades, mas a ſoccorrer pobres. Poſto entre elles, naõ menos eſtendeo a maõ para o remedio, que as acçoens todas de ſua vida para o exemplo, ſendo taõ raro o que dava aſſim em ſua peſſoa, como em ſua familia, que antes parecia que viera a fundar huma Recoleta, que a governar huma Mitra.

Morgada dellas he, e deve ſer a caridade, aſſim exercitada deſte bom Prelado, como o confirma o ficarlhe o nome de pay da pobreza. Aſſim era emprego das ſuas viſitas, e vigilancias,

naõ

naõ ſó o exame de bons, ou maos coſtumes, mas o das neceſſidades dos viſitados, e com a meſma igualdade levantava o braço com a vara do caſtigo, que eſtendia a maõ com o diſpendio do ſoccorro; e ſe talvez excedia, antes era neſte, que naquelle, porque a clemencia, e genio compaſſivo o levava para os pobres, e ſó a razaõ para os delinquentes. Aſſim ſervia de admiraçaõ o baſtarem as rendas daquella Mitra a huma maõ, que ſó olhava para a miſeria de quem pedia, e naõ para as poſſes della.

Lançava o habito a huma Noviça no Moſteiro da Conceiçaõ, (jurisdicçaõ ſua, e Caſa com quem ſe deſentranhava, e entaõ com gaſto conſideravel, na ſegunda fabrica da Igreja) pelo grande conhecimento que tinha dos eſpiritos, que guardava aquella Clauſura. Lançava o habito a hum, que ſe recolhia a ella, quando ſentio, que junto á Cadeira, em que fazia a Pratica, ſe acompanhava a funçaõ com choro, e ſoluços de huma mulher, que aſſiſtia a ella. Acabada, voltou o Biſpo a examinar a peſſoa, e a cauſa; a peſſoa era huma donzella, natural da Cidade, recolhida, e nobre. A cauſa, reſpondeo ella com ſemelhantes razoens: *Senhor, bem me conhece Voſſa Senhoria, pois ſou huma das alimentadas da ſua piedade, naſci nobre, e ſempre deſejey recolherme. Via agora com eſſa ventura a eſta Noviça, e a mim ſem poſſes para imitalla; eſta magoa me chegou ao coraçaõ, e ſe paſſou aos olhos.* Conſolou-a o bom Prelado, ſegurando-lhe, que tomava a ſeu cargo enxugarlhe as lagrimas, e favorecerlhe a reſoluçaõ. Foy aſſim, que em breves dias a diſpendio ſeu lhe lançou o habito, com edificaçaõ de toda a Cidade, em que o caſo ſe fez publico, e foy feſtejado.

O zelo, a piedade, a vigilancia, eraõ iguaes, e continuos, a ancia da univerſal reforma aſſim abrazada, que eſquecido dos muitos achaques que padecia, o naõ atemorizavaõ deſcommodos para eſſa diligencia. Começou a viſitar aquellas Ilhas, examinando todas ſuas Igrejas, nellas prégava Miſſionario, miniſtrava os Sacramentos Paroco, attendia ás neceſſidades Eſmoler, deſterrava os abuſos Legiſlador, caſtigava os rebeldes Juiz, amparava os opprimidos, e conſolava os neceſſitados, pay, amigo, e Prelado. Igual era o concurſo ao fruto das ſuas praticas, que ao intereſſe de ſuas eſmolas. Na adminiſtraçaõ dos Sacramentos incançavel, e no da Chriſma continuo, que por muitas vezes era neceſſario ſuſtentarlhe os braços cançados do exercicio para continuallo. Aſſim ſuſtentavaõ os braços daquelle Miniſtro de Deos, daquelle Moyſés ſegundo, para ungir os novos Athletas de Chriſto, que animava para triunfarem do demonio.

Em menos de hum anno tinha viſitado quaſi todas, e mais principaes Ilhas de ſua juriſdicçaõ. Reſtavaõ-lhe duas; (eraõ as de S. Miguel, e Santa Maria) reſolvia-ſe á jornada da primeira, mas os achaques lhe prendiaõ os pés, e talvez o obrigavaõ a valerſe de huma Cadeira, em que que o levavaõ ás mãos; accreſcia a repugnancia de toda a familia, e voto

Cum leveret manus Moyſés vincebat Iſrael..... Aron autem, & Hur ſuſtentabát manus ejus. Exodi 17. v. 11.

do Medico, que vendo-o taõ debilitado, naõ duvidavaõ de que buſcava naquella Ilha a ſua ſepultura. Era experiencia larga, que o tinha ſido de muitos Prelados; eſtava freſca a memoria de trez anteceſſores ſeus D. Agoſtinho, Dom Pedro da Coſta, Dom Joaõ Pimentel. Lembravaõ-lho os criados, a que reſpondeo o Biſpo conſtante, e inflexivel: *Dizeis bem: mas eu tenho obrigaçaõ de reconhecer as ovelhas, que eſtaõ a meu cargo; ſe perder a vida no meu officio a perco.* Vaticinava ſua morte, comprida a breves dias de aſſiſtencia na meſma Ilha. Recebeo muy confórme todos os Sacramentos, e ſuſpirando por ſe ver naquella hora entre os ſeus Religioſos, paſſou a louvar a Deos entre os Anjos. Sepultouſe ſeu corpo, ſeguido das lagrimas dos neceſſitados, e das ſaudades de todos, na Igreja de S. Sebaſtiaõ, Matriz da Cidade de Ponta Delgada. Dalli a tempo de trez annos ſe paſſou para o Moſteiro da Conceiçaõ, de donde ſe trasladou para o Collegio de Santo Thomaz de Coimbra. Tradiçaõ he, que ſe achou inteiro; teſtemunhava-o ſeu ſucceſſor (depois de muitos annos) no meſmo Biſpado, o Meſtre Fr. Lourenço de Caſtro.

Mais largas noticias podera ter conſervado eſta Provincia, ſe naõ tardara tanto em pôr a penna na maõ de quem por obrigaçaõ as deſcobriſſe, e perpetuaſſe; que ſem duvida foy ventura o encontrar eſtas poucas da maõ, e letra de Religioſo noſſo, que aſſiſtio ao meſmo Prelado. Elle o foy, levado de ſeu merecimento, mas aſſim reſiſtido de ſeu genio eſtudioſo, recolhido, e retirado, que muitas vezes eſtando ſó, e como deixando levarſe das ſaudades do ſeu antigo ſocego, lhe ouviraõ ſuſpirar, enchendo-ſelhe os olhos de agua: *Minha cella! minha cella!* A ſua inteireza com as rendas da Mitra naõ foy mais que huma fiel adminiſtradora. Tendo parentes pobriſſimos, era taõ igual, e commua a eſmola com que os ſoccorria, como de quem olhava para elles como parentes. O que lhe rendia a Cadeira de Prima, antes de eleito Biſpo, gaſtava no Convento de Coimbra, que deve á ſua induſtria a fórma, que hoje tem de Convento. Eſta Caſa de Azeitaõ, que o mereceo filho, o achava ſempre bemfeitor. Tudo o que foy ſeu, foy dos Conventos; tudo o que foy da Mitra, dos pobres. Aſſim foy grande Frade, aſſim grande Biſpo. Confirme-o hum aſſento antigo, que ſe acha no Cartorio do Collegio, que diz aſſim:

Foy o Padre Meſtre Frey Antonio da Reſurreiçaõ Lente de Prima de Theologia neſta Univerſidade, e digniſſimo Biſpo de Angra, inſigne Theologo, e por tal conhecido, e reſpeitado. Morreo no ſeu Biſpado com notavel ſentimento de ſuas ovelhas. Viveo no Convento, que reformou, e ſuas obras eſtaõ moſtrando o emprego de verdadeiro Frade. No meſmo Collegio de Santo Thomaz tem ſua ſepultura na Capella môr, junto com o Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, Lente de Prima, de que já démos noticia entre as de Evora. A ambos cobre a meſma campa; já apontamos parte do epithafio, que pertence ao Padre Meſtre Fr. André; pertence a outra ao Meſtre Frey Antonio, e diz aſſim:

Præ-

Prædicatores Theologi, Academiæ Primarii. D. Fr. Antonius de Reſurrectione, Ulyſſipponenſis, Sancti Officii Deputatus, & Angriæ Epiſcopus.

CAPITULO XXXII.

Dos Padres Frey Pedro Martyr, Frey Jeronymo das Chagas, Frey Antonio da Natividade, Frey Manoel do Deſterro, e Fr. Jorge de Santo Thomaz.

O P Fr. Pedro. Martyr.

COmeçou o Padre Frey Pedro a vida da Religiaõ, dando grandes eſperanças de deſempenhar o nome de filho della, depois que profeſſou neſta Caſa, na grande, e aproveitada applicaçaõ dos eſtudos; paſſou a Coimbra a acaballos, e logo a moſtrar igual talento nos Pulpitos. Com elle entendeo o Prelado da Provincia, (era entaõ o Padre Frey Agoſtinho de Souſa) que podia negociar o lucro das almas; e havendo de mandar Obreiros para a cultura Evangelica, em que entaõ trabalhavaõ incançaveis os noſſos nas ſecas, e agreſtes campinas do Oriente, foy o Padre Frey Pedro hum delles. Mas naõ teve a miſſaõ effeito, porque tornou o temporal a trazer a náo ao porto, de que tinha ſahido. Naõ quiz Frey Pedro tentar outra vez a jornada, que ainda com melhor ſucceſſo coſtuma aconſelhar o arrependimento a quem a naõ commette com deſenganado eſpirito, ou a quem naõ alarga os olhos ás negaças do lucro. Voltouſe á antiga occupaçaõ de ſeus eſtudos, leu alguns annos Moral, frequentando os Pulpitos, e os Confeſſionarios; eſtes com edificaçaõ, com reputaçaõ aquelles; exercicios acompanhados de hum genero de vida ordinaria, de recolhimento, e modeſtia religioſa.

Mas o Ceo, que diſpunha ſeu eſpirito a mayores empregos, permittio, que eſtando morador no Convento de Setuval, (oito annos antes que faleceſſe) hum ſecular, homem de conſciencia larga, lingua ſolta, e depravada, talvez porque o bom Padre lhe eſtranhaſſe os deſmanchos de huma, e outra, lhe levantou hum teſtemunho em materia pezada; e ſendo-lhe facil o moſtrar que o era, prevaleceo nelle a conſideraçaõ de que poſto o caſo em litigio, podia ficar em duvidas a reputaçaõ do habito, com a temeridade daquelles, que ſaõ mais faceis de julgar trocida a juſtiça, que juſtificada a innocencia. Aſſim aconſelhado de ſuperior impulſo, aſſentou comſigo, que a ſua juſtificaçaõ devia ſer ſó o ſeu procedimento. Diſpoz o novo modo de vida; huma tunica de burel junto á carne, que affligiſſe aquella parte do corpo, a que perdoaſſe hum aſpero cilicio; duas taboas nuas para o leito, tudo taõ diſſimulado, que ſó ſe lhe pode ver a furto, ou depois de morto. Diſciplinas amiudadas, jejum de todo o anno, parte delle a paõ, e agua. Nos mais dias hervas, e legumes; peixe, regalo, que ſe diſpenſa-

penſava ao Domingo. A ſua cella huma ſepultura, aſſim no deſpida, como no fechada; ſó os actos da Communidade o tiravaõ della; o Pulpito, ou o Confeſſionario, funçoens, a que trazia a obediencia. Levava-lhe a oraçaõ as noites inteiras diante do Santiſſimo Sacramento, com tanta cautela, que ao entrar a Matinas, parecia, que vinha de novo; e ao acabarem-ſe, que ſahia primeiro. Ao tocar á Miſſa da alva ſe recolhia a tomar ſobre as ſuas taboas huma hora de deſcanço. Eſta era ſua vida, ſem que o rigor della, ou ſe lhe diviſaſſe no roſto, ou o proſtraſſe achaquado. Fazia ſem duvida o goſto o milagre de deſconhecer os rigores do trato.

Naõ foy ſó a mudança na vida, com ella mudou tambem a natureza; era a ſua colerica, e fogoſa, deſconhecida agora antes por morta, que por mortificada. Naõ faltava quem o meteſſe em occaſioens de recorrer á antiga; mas elle eſtava taõ longe de ſe reſentir offendido, que nem ſe defendia culpado. Deſpira (ao conſelho do Apoſtolo) aquelle homem antigo, e veſtira-ſe de outro novo, ſepultado o primeiro a rigores da penitencia, e reſpirando já o ſegundo na ſuperior, e deſembaraçada eſfera do eſpirito. Seguioſe a todas eſtas mudanças tambem a de eſtylo, e idioma de Pulpito; eſqueceo conceitos ſubidos, e trabalhados, para argumento de agudezas; fabricas, e inventos exquiſitos, para oſtentaçaõ de ideas; figuras, fraſes, e verboſidades concertadas, para prova de infructiferas elegancias; ſó propunha verdades nuas, aſperas, e azedas, que ameaçavaõ rebeldes, e compungiaõ penitentes. Aſſim ſe reveſtia de huma inteireza Apoſtolica, de huma ſeveridade inteira, de huma liberdade deſtemida, que coſtumavaõ dizer os ſeus ouvintes, porque tinhaõ muito conhecimento delle: *Que Frey Pedro deixa a ſua manſidaõ ao pé do Pulpito*; porque tratado fóra delle, era encolhido, affavel, brando, meigo, e compaſſivo. Aſſim era grande a reputaçaõ, e conceito, que ſe tinha grangeado naquelle Povo; mayor a coroa, que lhe quiz dar o Ceo pelos exercicios com que o tinha grangeado. Cahio de doença mortal, noticia, e deſengano, que o deixou alegre, como quem entendia, que naõ vinha a morte mais que a reſgatallo das prizoens da carne, embaraço, que lhe retardava a Patria de ſeu eſpirito. Voou a ella, recebendo primeiro os Sacramentos com devoçaõ, pondo-ſe logo nas mãos de Deos com conformidade de quem a conhecia intereſſe.

Spoliantes vos veterem hominem cum actibus ſuis, & induentes novum. Ad Colloſſenſes 3. 9.

Mas ſiga-ſe a hum martyr da penitencia outro, que o foy ás mãos da tyrannia. A hum, que o foy no nome, outro, que o foy na realidade. Foy eſte o Padre Frey Jeronymo das Chagas, filho deſta Caſa, em que profeſſou pelos annos de 1572. Acabados os eſtudos, ſe embarcou para a India; moſtrou o effeito o eſpirito, que o levava a ella. Em Malaca, perdeo a vida em defenſa da Fé, ás mãos da barbaridade; naõ conſta com que genero de morte, ſabe-ſe, que depois della teſtemunharaõ muitos milagres ſua gloria. Continuaõ-ſe na terra de ſua ſepultura,

O P. Pr. Jeronymi das Chagas.

tura, ſendo univerſal meſinha. Nas memorias da India, que, ajudando-nos Deos, nos ſervirem de aſſumpto neſte meſmo Tomo, alargaremos mais a penna, ſe deſcubrirmos mais individual noticia. As que deſte Padre deixou o Padre Frey Luiz de Souſa, naõ ſaõ mais, que a de filho deſta Caſa, e a de embarcarſe para a India, porque no 7. cap. do livro 4. diz na ſegunda parte: *Foy ſegundo dos quatro o Padre Frey Jeronymo das Chagas, que neſta Caſa profeſſou em 1. de Abril de 1562. e acabado ſeu eſtudo, ſe embarcou para a India.* O mais, que aqui apontamos, ſe tirou de hum aſſento, que ſe acha no livro das Profiſſoens deſta Caſa; le-ſe á margem da do Padre Frey Jeronymo, de donde tambem ſe tirou a memoria de que foy Lisboa ſua Patria, para que todos ſe poſſaõ gloriar de o ter por natural, ou por filho, a Patria, a Caſa, e a Provincia.

O P. Fr. Manoel do Deſterro.

Foy tambem filho deſta Caſa o Padre Frey Manoel do Deſterro; nella naõ foy outra ſua vida, mais que aſſiſtencia de Coro, e cella. Antes que recolhido, ſe lhe podia chamar ſepultado; antes que callado, imagem do ſilencio, em que foy taõ obſervante, que nas horas delle ſe lhe naõ ouvio huma palavra, hum aceno o explicava, ſe alguma lhe era preciſa. Pontual nas Conſtituiçoens, e na Regra, lãa, e jejum indiſpenſavel. Raras vezes, muito de paſſagem o viaõ fóra da cella, ou do Coro, porque com Deos era todo o ſeu commercio, aſſim era a oraçaõ ſeu exercicio continuo, em outra couſa o naõ viaõ nunca occupado, como ſe vivera homem com privilegios de Anjo. De ſuas mortificaçoens, e penitencias houve ſó conjecturas, entendendo-ſe, que aquelle taõ obſervado retiro era a encobrillas. Viveo aſſim grangeando o nome de grande Frade, e deſcanço em boa velhice.

O P. Fr. Antonio da Natividade.

Naõ foy inferior o que adquirio outro filho, e igualmente bemfeitor deſta Caſa, o Padre Frey Antonio da Natividade, que a honrou com a grande reputaçaõ, e credito com que ſe eſcutava no Pulpito, e a ſoccorreo com as creſcidas grangearias delle, que com maõ larga diſpendia para o ornato da Igreja, e gaſto da Sacriſtia. A Capella môr authorizou com as duas grandes Imagens, que nella ſe vem de Noſſos Santos Patriarchas S. Franciſco, e S. Domingos. Para a ceremonia do Enterro de Seſta Feira mayor fez hum Sepulchro com toda a decencia, riqueza, ornato, e aceyo. Aſſim grangeava com ancia, e diſpendia com grandeza incanſavel na mayor decencia do culto Divino. Seguia-ſe a eſte o zelo da Religiaõ, e amor da obſervancia das leys della, de que era hum perfeito modelo a ſua vida. Naõ baſtava o grande trabalho, e applicaçaõ do Pulpito para o divertir da aſſiſtencia das Communidades; menos o eſtudo continuo, para afrouxar na auſteridade do jejum, e mortificaçoens. Conheceraõ-ſe melhor eſtas em ſua morte, achando-o cingido de duas cadeas de ferro. Eſte era o agaſalho, e o mimo, que fazia a 80. annos, de que faleceo com tanta paz, e ſocego de eſpirito, como quem até aquella idade trabalhara para elle.

O

O P. Fr. Jorze de Santo Thomaz.

O ultimo filho deſta Caſa, digno das memorias della, e de que ſe acha noticia, foy o Padre Frey Jorze de Santo Thomaz, Frade tanto para tudo, que applicado primeiro aos eſtudos, ſahio douto, e depois a mayores virtudes, (deixemme dizer) ſahio Santo. Nos primeiros annos cultivou as Aulas (paſſos primeiros, em que a Religiaõ adeſtra todos ſeus filhos, como deſtinados a enſinar com a voz, com a penna, com a vida). Sahio Frey Jorze o que ſe eſperava, com as grandes capacidades de entendimento, genio, e eſtudo. Mandaraõ-no a Coimbra; foy bom Collegial, como ſeria Lente, ſe o animo inquieto naõ deſprezara aquella vida, pela ter com mais liberdade. Viveo aſſim alguns annos, até que os mais maduros o retiraraõ ás Recoletas de Azeitaõ, e Bemfica, com hum genero de vida taõ eſtreita, e reformada, que antes parecia milagre, que emenda da primeira. No eſtylo da de Bemfica poſſo ſer teſtemunha ocular de muito, porque mereci a fortuna de ſer algum tempo ſeu Noviço.

Eleito Prior de Bemfica, mais a piedoſas importunaçoens, e diligencias dos Religioſos da Caſa, que a voto do ſeu genio, natural, mas ſantamente aſpero, e deſabrido, para hum lugar, em que docil a natureza, ſe ha de accommodar a ſer muitas, para contentar a todas. Era Frey Jorze ardente, eſpiritoſo, duro, e deſcarnado de todos aquelles affectos, com que o amor proprio coſtuma agaſalhar as piedades, que contemporizaõ com o corpo, ou de debilitado, ou finalmente de humano. Entendeo, que para eſtes reſpeitos, e occupaçaõ, em que ſó era bem ouvido o preciſo nome de pay ſervia mais a brandura, que a inteireza; largou o cargo com ſete mezes de governo, e retirado ao centro da ſua cella, aſſim reforçou os rigores da penitencia, como ſe ſe quizera vingar do tempo, em que o cargo, pelo trazer mais publico, o reduzia a menos ſevero.

O ſilencio perpetuo, ſem ſe valer do pequeno deſafogo, diſpenſado pelos Prelados algumas horas do dia, para reſpirar o animo do ſucceſſivo trabalho do Coro; e do eſtudo. Na ſua cella aproveitava a licença, fallando com os livros, a que era dado, liçaõ, que acompanhada de huma nativa agudeza, de que o dotou o Ceo, o faziaõ prompto, e facil na intelligencia do que ſe propunha, e praticava em huma, e outra Theologia; diſcreto, e divertido na converſaçaõ, em que o detinha o acaſo, ou o reſpeito. O jejum inviolavel, eſtendendo os ſete mezes aos mais tempo do anno. Nas Veſperas da Senhora, dos Apoſtolos, Santos da Ordem, e todas as feſtas feiras a paõ, e agua; diſſimulado na meſa com tal induſtria, que ſó a muita viſinhança o alcançava. O ſeu ſuſtento quotidiano eraõ hervas, e legumes, que merecendo o nome de regalo, muitas vezes deſaboreava, lançando-lhe agua, ou cinza, que levava em hum papel, para a ſupporem pimenta. Nos dias mais feſtivos hoſpedava hum pobre com ametade da reçaõ, e havendo de ſer igual a partilha, ſó elle ſe podia queixar della.

A compoſtura era taõ notavel, que fóra da Eſtante no Coro, ou no Altar nem o mais curioſo reparo lhe vio olhos abertos. A gravidade mortificada, com que no Coro occupava a ſua cadeira, compungia, e até morizava, tendo que aprender nelle o Noviço mais modeſto, e o Religioſo mais reformado. Era deſtro no noſſo canto, e acompanhada eſta ſciencia de huma voz chea, larga, e ſonora, era alma daquella harmonia uniſonante, mais ajudada por menos artificioſa, mais para repetir cultos a Deos, que para contentar ouvidos ás creaturas. No aſpero, no repetido das diſciplinas naõ era ſó penitente, era hum inſaciavel perſeguidor do ſeu ſangue, que deſapiedadamente deſatava, e que no chaõ ſorviaõ os tijolos, ou enxugava a cautela, que nas paredes naõ podia ſer taõ ardiloſa, ou taõ advertida, pois ainda hoje nellas acha rubricas a noſſa confuſaõ, lendo o abrazado daquelle eſpirito, e o inexoravel daquelle braço.

Eſte exercicio lhe levava o tempo, que na noite lhe ſobejava de Matinas, ou a oraçaõ até Prima, tomando raras vezes huma hora, em que o hoſpedava para deſcançar, por colchaõ huma taboa nua, por traveceiro huma caveira; eſpectaculo de que fuy teſtemunha; porque eſtando em Caſa de Noviços (occupaçaõ, em que por algum tempo o teve a obediencia) e dando-me deſacautelado a chave de ſua cella, (que tinha fóra) para huma diligencia, eſquecera a ſua grande cautela o correr a cortina á alcóva. Reparey na calidade do leito, e fogindo com os olhos ao horror do que nelle via, dey com elles em outra alfaya, naõ menos eſtranha, porque entre algumas diſciplinas de corda, que ſe viaõ na meſma alcova, eſtavaõ humas de ferro groſſas, e dobradas, com agudas, e trocidas rozetas, que naõ podendo negar, que havia pouco que tinhaõ ſervido, moſtravaõ nas pontas alguma carne, que compaſſiva devia de ſahir por naõ deſamparar o ſangue, de que a quiz deſpojar o golpe. Fora o natural deſte Padre livre, forte, e rebelde, confeſſava-o elle, e naõ contente com as mais auſteridades, parece que ſó fiava ao rigor do braço o trazello ſogeito, e domado, como ſe aprendera, e eſcutara ao Apoſtolo o conſelho, e o exercicio, vendo ſogeitarlhe as rebeldias do corpo ás providencias do caſtigo.

Caſtigo corpus meum, & in ſervitutem redigo. 1. ad Corint. 9. 7.

Nos ultimos annos de ſua vida aſſiſtio em Setuval, Vigario do Moſteiro de S. Joaõ, devendo-ſe ao ſeu zelo, religiaõ, e vigilancia, a refórma daquella Caſa, donde as ſuas vozes baſtavaõ para leys; tal a opiniaõ, que as Religioſas tinhaõ de ſua vida! As meſmas com que, (tendo para iſſo cauſa) ſe moſtrava mais deſabrido, davaõ eſte teſtemunho. Em nada afrouxou no eſtymulo de ſua antiga mortificaçaõ, e penitencia; ſó eſtimava a mayor liberdade para os exercicios della. No patio das caſas dos Religioſos o viaõ algumas vezes de madrugada em tempo deſabrido, e com a cabeça ás inclemencias delle, com os joelhos deſpidos ſobre huma pedra, antes extatico, que ſuſpendido na oraçaõ; aſſim ſe moſtrava immovel com

as mãos, e olhos levantados ao Ceo. A ancia com que o ſuſpirava Patria, naõ permittio (aſſim parece, que o Ceo ſe obrigava della) que ſe lhe alongaſſe mais o deſterro na vida. Paſſou deſta com ſinaes de merecer a verdadeira, reparando-ſe, que desde, que eſpirou, até que o recolheraõ na ſepultura, ſe vio ſobre o telhado da ſua cella huma pequena ave, que em todo aquelle tempo, nem deixou o lugar, nem a harmonia.

CAPITULO XXXIII.

Do Martyr Frey Joſeph de Morant. Memoria pertencente ao Convento de S Sebaſtiaõ de Setuval.

GRande gloria da Caſa de Setuval, eſcolhella Deos para depoſito de hum Soldado ſeu, laureado já com tantos triunfos, como foraõ os conflictos! Como ſe ſe fizeſſem partilhas entre o Ceo, e eſta Caſa para que ella foſſe urna em que ficaſſe, (naõ as cinzas, mas o corpo) e no Ceo triunfaſſe Feniz o eſpirito entre as felicidades eternas. Creſce mais a circunſtancia da gloria no eſtylo, com que coſtumamos perfilhar os Religioſos na Caſa, em que eſtaõ ſepultados, quando naõ conſta da em que profeſſaraõ como filhos, ley, que dá a eſta de Setuval a juſtiça com que póde chamar filho ſeu ao Padre Frey Joſeph, que como a mãy veyo buſcar, com naõ menos conſelho, que do Ceo.

O M. Fr. Joſeph de Morant.

Aragones de naçaõ nos apontaõ as memorias, que foy eſte Padre, naõ podendo haver outras, aſſim de ſua Patria, como de parentes, e Convento, em que tomou o habito, pelas guerras vivas, que continuavaõ entre eſtas duas Coroas, Portugueza, e Caſtelhana, no tempo em que o corpo, e nome deſte Martyr chegou a Lisboa. Sabeſe ſó, que embarcando em porto de Heſpanha, a poucos dias de viagem ſe vio em poder de hum corſario de Argel, Cidade, em que começou a arraſtar os grilhoens de ſeu cativeiro, eſtimando-os como colares de mayor preço, e valia, com que queria, e diſpunha o Ceo ornar ſua paciencia. Era grande ſeu eſpirito, criado nos berços da obſervancia, em que ſe reforçara para mais penoſa lida; naõ o atemorizava o cutelo, que lhe ameaçava a garganta, ſe ſe tiveſſe noticia de quem era, como dos exercicios em que ſe occupava, animando os miſeraveis cativos, (de que achou povoadas as maſmorras) com a palavra, com o exemplo, affervorando-os com documentos Santos, dizendo-lhe Miſſa, adminiſtrando-lhe os Sacramentos, ſoccorrendo os mais neceſſitados, e reprehendendo os eſquecidos, com hum taõ vivo zelo da honra de Deos, que ſua muita reſoluçaõ atemorizava ainda a alguns infieis, que tinhaõ diſto noticia, entendendo, que alguma Divindade o animava; conceito, que os tinha callados, e ſofridos, ſendo-lhes taõ facil o tirarlhe a vida, como ao bom Padre o trazella arriſcada.

Mas naõ eraõ ſó os inimigos da Fé os que o eſcutavaõ com deſagrado, e deſabrimento, deſejando-lhe eſſe caſtigo; os meſmos Chriſtãos lho adiantavaõ, e lhe perdiaõ o reſpeito.

to. Soube Frey Joſeph, que hum moço eſquecido das obrigaçoens de Chriſtaõ, e ſurdo ao ruido das cadeas, que lhe lembravaõ a miſeria em que vivia, corria deſenfreado, e cego, a abraçar ſua condemnaçaõ em culpa abominavel; advertio-o primeiro com brandura, naõ houve emenda; recorreo á aſpereza, e ameaço, de que eſtimulado o deſatinado delinquente, o ferio, e afrontou na face com hum ſacrilego golpe, achando-o a injuria taõ ſofrido, como a culpa o experimentara exaſperado; antes nem baſtou a ſemrazaõ, e exceſſo do aggravo, para lhe naõ repetir mayor beneficio, porque tendo depois noticia, que o meſmo moço, ou convidado da liberdade, ou vencido de outro intereſſe, ſe reſolvia a deſamparar a Fé, poſto de joelhos diante delle, lhe offerecia (entre os conſelhos, que lhe propunha) a outra face, para que a meſma navalha a feriſſe; *mas que naõ quizeſſe perderſe, antes viſſe o que devia fazer por ſua alma, quando via o a que elle ſe expunha pela alheya.* Valeo a inſtancia, reſgatou ao moço daquella ultima miſeria.

Com eſte deſvelo, com eſta ancia voava Frey Joſeph nas azas da ſua caridade, preſente em toda a occaſiaõ, em que podia ſervir de exemplo, de remedio, de alivio, e melhor de conſtante arrimo á Fé dos companheiros, taõ arriſcada aos deſamparos, como perſeguida dos riſcos. Perto de oito annos contava o bom Padre neſte labyrintho de deſaſocegos, caritativos. Santos, e proveitoſos.

Mas caſo raro, venerado, e naõ comprehendido de diſcurſo humano, e Catholico! que aquelle meſmo, que até agora ſe gloriava com eſte nome, aquelle meſmo, que atè agora pizava difficuldades, por engrandecello, zombava de riſcos, deſconhecia aſſaltos por conſervallo, convidava os cativos para as vitorias da Fé, arvorando o ſeu eſtandarte no meyo dos ſoberbos, e poderoſos inimigos delle, eſſe meſmo Frey Joſeph, criado no gremio da Igreja, nutrido aos peitos da Religiaõ Dominicana, doutrinado nas Aulas della para perſeguir, e abominar os ſuperſticioſos, os barbaros, os pertinazes emulos da verdade Catholica, eſſe meſmo amanhece hum dia cuberta a cabeça de hum mouriſco turbante, abraçando a ley de Maſoma, (que até alli impugnara) em trage, em acçoens, em voz, em reſoluçaõ, naõ ſó profeſſor, mas defenſor della. Aiegraõ-ſe os barbaros, confundem-ſe os cativos, concorre o Povo de miſtura, infieis, e Chriſtãos, perguntando-ſe huns aos outros, e eraõ as lagrimas deſtes o ecco das acclamaçoens daquelles. Já rodeavaõ ao novo profitente os Baxás, já o abraçavaõ os Dunas, (preheminencias, e titulos daquella Republica infiel) já o feſtejava, e reconhecia a nobreza, e já finalmente era aquelle o dia mais feſtivo, que podia amanhecer áquella Cidade, vendo ſeguida, e venerada de ſeus meſmos inimigos a maldita ſeita de ſeu falſo Profeta.

E que mayor aſſumpto póde ter o reparo, e o aſſombro! Em que deſmereceo hum homem, que no centro do deſaſocego ſe eſtendia a tantos coraçoens,

çoens, para conſervar nelles a Fé de Jeſu Chriſto? que deſconhecia intereſſes pelo naõ ver blasfemado? que ſofria injurias pelo naõ chorar eſquecido? que com a palavra, com a vida, com o trabalho, com a induſtria, conſervava vivo o ſeu nome nos ouvidos dos atemorizados confeſſores delle? Em que mereceo o deſamparo em que cahio? O lamentavel eſtado, a ultima miſeria, a que chegou, e em que ſe perdeo? Que inexcrutaveis os juizos de Deos! Caminhos nunca trilhados da comprehenſaõ creada!

Aſſim começou a ſoltarſe o ſeu deſatino na mais licencioſa vida, como o que perdera o verdadeiro norte della. Aſſim a apreſſar os deſencaminhados paſſos pela eſcura regiaõ da mortal cegueira, ſem haver deſmancho, que lhe naõ déſſe a maõ, para o levar ao precipicio; taõ eſquecido do caminho, porque até alli o trouxera a verdade alumiado da luz da razaõ, arrimado aos conſelhos da Fé, que naõ ſó deſconhecia o ſeu erro, mas culpava nos cativos de ſe ſacrificarem á eſcravidaõ, podendo taõ facilmente como elle comprar a ſua liberdade, convencidos ainda de ſegundo intereſſe; porque naõ ſó ſe livrariaõ da miſeria, mas ainda lhe pagariaõ com honroſos premios o deixarem-na.

Eſte errado diſcurſo, á ſombra da vaidade de ſe ver buſcado, e aſſiſtido, as abundancias, com que encontrava ſervido ſeu deſejo, lhe tinhaõ o entendimento prezo, nevoados os olhos, adormecidos os reparos. Aſſim paſſou algum tempo, ſurdo aos brados da conſciencia, inſenſivel aos eſtimulos da culpa, e immovel ás batarias da razaõ. Já fraqueava a Fé nos diſcipulos, que inſtruira; já entravaõ muitos na conſideraçaõ, *de que naõ ſeria deſamparar a verdade, ſeguir ao Meſtre; ou que ſó o que ſe ſeguia no Meſtre, podia ter nome de verdade. Já ſe lhe faziaõ intoleraveis as penſoens do cativeiro, porque lhe hia eſquecendo o premio immortal, que lho tinha ſuavizado. Já começava a ter mais valor no ſeu conceito o preſente da vida, paſſado com deleite, e liberdade, que hum futuro premiado, mas (na ſua opiniaõ) diſtante, e contingente. Quando talvez viria lá huma hora, em que ſe recuperaſſem deſmanchos de toda huma vida.* Aſſim vacilavaõ os miſeraveis Chriſtãos, dando ouvidos a ſemelhante diſcurſo, agora fomentado daquelle mao exemplo; quando amanheceo na alma de Joſeph a luz do auxilio ſoberano com tantas actividades, e efficacias, que proſtrando por terra toda aquella machina, em que ſe hia encorpando ſua rebeldia, poz os olhos no Ceo, e os joelhos em terra, e cahindo-lhe groſſas lagrimas dos olhos, começou, como outro Paulo, a ſacrificarſe ao que Deos diſpuzeſſe. Naõ ha detença; entra pelas cadeas, pelas maſmorras, lança-ſe aos pés dos cativos diſcipulos eſcandalizados, e dizlhes (com mais tropel de lagrimas, que concerto de razoens) ſemelhantes a eſtas:

Domine quid me vis facere? In Actib. Ap. cap. 9.

Amigos Irmãos, prezos nos ferros da barbaridade, mas reſgatados com o ſangue de Jeſu Chriſto, pizayme, ponde em mim voſſas plantas, como indigno de chegar a voſſos braços. Caſtiguemme os voſſos deſprezos, como incapaz de

de merecer os voſſos perdoens. Eu ſou, filhos, eu ſou aquelle eſcandalo da Chriſtandade, que lhe voltey as coſtas, criandome ella nos ſeus braços. Eu ſou aquelle ſacrilego, que pondo-me o meſmo Chriſto á ſua meſa como ſeu Sacerdote, o vendi pelo tenue intereſſe de huma liberdade. E como liberdade, ſe agora geme agrilhoada no cativeiro do meſmo demonio? Eu ſou aquelle mao Frade, aquelle filho rebelde, que deſpi a candidez de ovelha do rebanho Dominico, e fuy a viver nas covas dos Dragoens, e dos Leopardos. Eu ſou; mas para que vos canço? Sou a afronta dos homens, o inimigo de Deos, o monſtro da terra, o eſcandalo do Ceo, o tyranno da Fe, o apoſtata da verdade, o Lusbel da Religiaõ, o filho da ira, o centro da miſeria. Já o conheço; mas por iſſo já o abomino; já poſto a voſſos pés o confeſſo; a minha confuſaõ he o meu caſtigo; já peſſo as voſſas lagrimas, para medianeiras com o Ceo. Troque-ſe o voſſo eſcandalo em laſtima, e mereça-vos a minha dor, o que deſmereceo a minha culpa. Aqui torno a bater ás portas da Fé, ligeiras de abrir aos golpes da penitencia, e ás vozes da confiſſaõ. Aqui eſtaõ os meus arrependimentos contra os meus deſatinos, como os de outro Prodigo. Aqui eſtaõ as minhas lagrimas contra as minhas infidelidades, como as de outro Pedro. Aqui eſtaõ as minhas ſogeiçoens contra as minhas rebeldias, como as de outro Saulo. Finalmente aqui eſtá a minha vida, para reſgatar a minha culpa, ſem mais reparo, que ſer ella huma, e ellas tantas: ella emprego de huma ſó morte, ellas materia de muitos infernos. Mas já nem os Miniſtros deſte, nem o medo da morte, nem o amor da vida, nem os Anjos, nem os Potentados, nem as induſtrias, nem as inſtancias, nem o Ceo, nem o abyſmo me poderáõ apartar do amor de Jeſu Chriſto, arrancando-me das mãos a palma do triunfo com os horrores do martyrio. Bem eſtou vendo, que me ameaça o fogo; mas taõ pouco acabará comigo o rigor da lavareda, como com Paulo o da eſpada. O que vos peſſo he o conſelho, para ſer mais publica eſta reſoluçaõ, como a que ha de ſatisfazer a Deos, e aos homens, a elle como o tenho offendido, e a elles eſcandalizado. Induſtrieme o voſſo voto, e enſinayme vós a ſer penitente, melhor que eu a vós a ſer Chriſtãos. Tomemos hum acordo, que me venha a ſervir a mim de caſtigo, aos homens de edificaçaõ, a eſtes barbaros de afronta, e a Deos de gloria.

Certus ſum, quia neque mors, neque vita, neque Angeli; neque principatus ... neque altitudo, neque profundum poterit nos ſeparare à charitate Chriſti. Ad Rom. 8. 38.

Lançaraõ-ſe a beijarlhe os pés os cativos, reſpondendo-lhe primeiro com as lagrimas, que era o idioma, que correſpondia ás ſuas; logo levantando a Deos as mãos, dando-lhe graças, e depois aſſentando o dia, e occaſiaõ mais publica, para confundir aquelle barbariſmo, ſoberbo com a vitoria da ſua ſeita, e jactancioſo de ver a Ley de Chriſto debaixo dos pés dos profeſſores della. Chegouſe o dia decretado, eſperava-o o novo Soldado de Chriſto, fortalecido com as armas do jejum, da oraçaõ, da penitencia, robuſto com as aſſiſtencias do Eſpirito Santo, convidado com a protecçaõ, e exemplo de ſeu nacional, e Irmaõ no habito, S. Raymundo de Peñafort, porque no ſeu dia ſe offereceo aos olhos do Mundo aquelle eſpectaculo.

Acha-

Achavaõ-ſe na praça de mayor concurſo da Cidade o Baxá Regedor, e Juiz ſupremo, outro, que acabava de exercitar o cargo, hum Duna, que val o meſmo que Conſelheiro, a mayor parte do Povo, que acodia aos Tribunaes, por ſer dia de deſpacho, quando rompendo intrepido por entre todos o profeſſor de Chriſto, e poſto em preſença do Baxá, lançando por terra o turbante, (demonſtraçaõ dos apoſtatas de ſua ley) levantava a voz, ſegurando, *que ſó a de Chriſto he a verdadeira, falſos os dogmas de Mafoma, cegos, e enganados os ſequazes de ſua abominavel ſeita.* Accreſcentando: *o como o Ceo piedoſo lhe abrira os olhos para ver o deſatino, em que o permittira o ſeu deſamparo, e que já ſó as fecharia a morte, com que o queria deixar ſatisfeito.*

Amotinouſe o Povo, alterouſe o Baxá, e ameaçando a Frey Joſeph com ſemblante accezo, e colerico, que ſe continuaſſe, o queimaria vivo, lhe reſpondeo o Padre intrepido: *Naõ te cances em ameaços, nem eſperes de mim arrependimentos, porque ſe me ques queimar, ſó te pedirey a preſſa; e porque ſe naõ dilate, ahi tens para lenha.* E lançoulhe huma pataca. Paſmou o concurſo, ſuſpendeoſe o Baxá, voltavaõ atonitos huns aos outros os roſtos, deſamparados de cor ſem mais vozes, que as mudezes. Levantavaõ logo os olhos a admirar aquelle coraçaõ, naõ ſó eſquivo com a vida, mas eſtranho (nos ameaços do tromento) ao ſenſivel da natureza. Parece, que eſtava Fr. Joſeph eſcutando aquelle acto heroico, que Chriſto aconſelhava aos ſeus Athletas, e Profeſſores no Horto, que compraſſem os inſtrumentos para o ſeu martyrio. (Aſſim na intelligencia de Santo Ambroſio). Naõ rompia em menos exceſſos aquella ancia de ver contrapezada a ſua culpa.

Vendat tunicam, & emat gladium. D. Ambroſius. Eſt etiam gladius pationis, ut exuas corpus, & immolatæ carnis exuviis ematur tibi corona martyrii. D. Ambroſ. in cap. 22. Lucæ. l. 10.

Manda logo o Barbaro, que retirem o Padre, porque a ſua conſtancia naõ convença os Mouros, e confirme os cativos; recolheo-o em hum carcere, entra em praticas com elle, acha-o firme; recorre á bataria das offertas, honras, e riquezas; ultimamente apura os esforços na das delicias, introduz no carcere, e fecha na meſma caſa com o conſtante Confeſſor duas mulheres, com belleza, e deſenvoltura, armas ſempre vitorioſas na campanha, porque ſempre medidas com a fraqueza. Naõ acharaõ em Joſeph, que como outro Thomaz Angelico, fechado na Torre com ſemelhante inimigo, o affugentou com o fogo caſto, que lhe ardia no peito; ou como outro Joſeph (de que herdou com o nome a pureza, e a conſtancia) poſto em igual campanha, ſoube tambem fugir, para ſaber vencer.

Sahem do carcere as mulheres com o deſengano, eſpalhaſe a reſiſtencia de Joſeph com aſſombro, creſce a opiniaõ de ſua conſtancia para gloria da Fé de Chriſto, e leva os olhos, ainda infieis, ainda cegos, o valor de hum homem, a que nenhuma induſtria, nenhum artificio ſabe achar humano. Entra em receyos o Baxá, teme affeiçoado o Povo, fomentado o tumulto, reſolve arrebatado, e tyranno, que tirem a vida a Frey Joſeph a fogo lento. Deſeja-

ſejava-o aſſim o penitente Padre, porque queria huma morte, que ſe dilataſſe em muitas, para igualar huma culpa, em que ſe incluiraõ todas.

CAPITULO XXXIV.

Martyrio, e milagres do Veneravel Frey Joſeph de Morant.

JA' ſahe do carcere o Soldado de Chriſto, rodeado de miniſtros, e algozes, que o levaõ com tanta cautela, e reſguardo, como ſe elle meſmo ſe naõ offerecera ao patibulo, e com tal crueldade, e deſabrimento, como ſe lho quizeraõ anticipar no caminho. Era em taõ venturoſo dia, como ſe fora ſua a eſcolha; mas ſem duvida pareceo no Ceo Providencia; porque o em que abjurou a ley de Mafoma, e tornou a abraçar a de Chriſto, foy o de hum Irmaõ ſeu S. Raymundo; era eſte agora, em que hia dar a vida pela Fé, de outro, porque era o dia de S. Gonçalo. Naõ deixa de ſer ponderavel, ſe a narraçaõ nos dera liberdade a largas reflexoens. Baſte o ſer facil de inferir a gloria, que quiz dar o Ceo a Noſſo Patricha, correndo em hum, e outro dia taõ grande eſpectaculo por ſua conta, porque ſe huma vez ſe vio hum filho ſeu convidando a outro para o conflicto, em outra ſe vio outro animando o meſmo para o triunfo; e eſſe o glorioſo objecto de ſeus olhos, ao meſmo tempo na terra vencendo a campanha, no Ceo empunhando a palma. Mas mayores circunſtancias nos chamaõ neſte eſpectaculo.

Caminhava Frey Joſeph repetindo louvores a Deos, e firmezas da Fé, porque hia dar a vida, quando chegando-ſe a elle hum Chriſtaõ renegado, levantou a maõ, e lhe ferio o roſto com huma cruel boſetada; ergueo o Padre os olhos, e com a boca cheia de rizo, lhe pagava o beneficio, eisque o impio, metendo maõ a hum punhal, o atraveſſa com elle. Continuou o Padre o caminho, ſem demonſtraçaõ de ſentimento, nem ſe lhe perceberem mais vozes, que as do ſangue, que lhe ſahia pela boca, que o ferro lhe abrira. Chamame a paciencia de Job, clamando o ſeu ſofrimento á viſta de hum opprobrio, mas naõ ſendo mais os clamores, que hum ſorrizo, e o ſofrimento. Aſſim chegou a emmudecida victima a huma praça, em que atada a hum tronco, e rodeada de fogo activo, mas affaſtado, para que pouco a pouco a foſſe torrando, e conſumindo, deu a vida pela Fé, que offendera, abbreviando a caduca para reſpirar na eterna.

Ecce clamabo vim patiens. Of. 70.

Ridebo opprobrio veſtro. Job. cap. 10. 7. D. Ambroſius hic.

Ouvioſe-lhe nas horas, que lhe durou o tromentos humas vezes prégar a verdade, porque morria, outras chamar a Virgem Soberana, e piiſſima do Roſario; outras Noſſo Santo Patriarcha. Admirados os que claramente o ouviraõ, de que o fogo, que lhe creſtava o corpo, lhe perdoaſſe aos beiços, e o fumo, que tinha ſepultado, lhe naõ embaraçaſſe a reſpiraçaõ. Teſtemunharaõ-no muitos cativos, que aſſiſtiraõ á execuçaõ tyranna, e viraõ, e notaraõ as minimas circunſtancias della, requeridos, e examinados

Ecce nideo in opprobriis, & non loquar nec reſpondebo convitiis.

dos dos Religioſos deſta Caſa de Setuval, a que concorriaõ a viſitar o corpo de ſeu Meſtre, e ſeu companheiro (agora na ſua Fé ſeu advogado.)

Chegado o corpo a eſte Reyno (permittindo o Ceo, que hum cativo o tiraſſe do lugar do tromento, o eſcondeſſe, e finalmente com todo o ſegredo o trouxeſſe diſſimulado em hum envoltorio de lãa, e roupa, a que perdoou a ſoſpeita) na occaſiaõ da redempçaõ de alguns cativos, que com a ſua embarcaçaõ vieraõ buſcar o porto de Setuval, pelos annos de 1646. foy igual o alvoroço ás diſſençoens, e tumulto em que ſe dividio o Povo. Concorreraõ os Clerigos, que havia na Villa, com o ſeu Vigario da Vara; concorreraõ os Vereadores da Camara; argumentavaõ eſtes, que lhe pertencia, por deſembarcar no ſeu porto; os outros que a elles, por ſerem ſemelhantes theſouros dos depoſitos do Arcebiſpado, de que o Vigario da Vara era Miniſtro; todos queriaõ ter juſtiça; trocouſe a devoçaõ em contenda. Entraraõ os noſſos Religioſos do Convento da meſma Villa, pediaõ, mais aventajados, ſem controverſia, mas proteſtavaõ os outros dous partidos, huns, que ſe déſſe noticia ao Deſembargo do Paço, outros ao Cabido, tomando-ſe com maduro conſelho o expediente, de que ſe depoſitaſſe o corpo no Palacio de Dom Pedro de Lancaſtro, filho do Duque de Aveiro, eleito Arcebiſpo de Braga. Conheceoſe finalmente a noſſa juſtiça, como de pertendentes do corpo de hum Religioſo, ainda que peregrino em naçaõ irmaõ no habito, naõ tendo a Villa mais acçaõ para pertender, que a venturoſa contingencia de vir deſembarcar nella; contentouſe com o intereſſe de que ficando em noſſa Caſa, o tinha de portas adentro da ſua.

Foy-nos concedido o corpo, mandando, a inſtancia noſſa, o Cabido de Lisboa a reconhecello, e authenticar os milagres, que delle ſe eſpalhavaõ, pelo Doutor Vicente Feyo Cabral, Vigario Geral deſte Arcebiſpado, e o Notario Apoſtolico Pedro Coelho Ferreira. Aſſiſtiraõ teſtemunhas, que acompanharaõ o Martyr no cativeiro, outras das benificiadas por ſua interceſſaõ; mas quiz o Ceo, que correſſem por ſua conta as primeiras, e viraõ-ſe tres maravilhas. Foy huma, que ao deſcobrirſe o envoltorio em que vinha o corpo, ſe encheo tudo de hum ſuaviſſimo cheiro, percebido de todos, e ſeguido de lagrimas, e louvores a Deos. Outra, que appareceo o corpo inteiro, ſendo o fogo capaz de o ter reduzido a cinza, e quando naõ a todo, a alguma parte. Outra, que ſendo o fogo, e o fumo tanto, e taõ continuado, appareceo o corpo com a ſua alvura, e cor natural, naõ denegrida, e desfigurada como ſe entendia.

Provou bem o Ceo; porque eſtes tres foraõ os argumentos, que teſtemunharaõ a verdade do Lenho Santo, em que padeceo Chriſto Senhor Noſſo, duvidando-ſe, que foſſe verdadeira huma parte delle, que havia na Sé de Sevilha. Contaõ-no aſſim as Hiſtorias de Heſpanha. Accendeoſe hum grande brazeiro, lançouſe nelle a parte do madeiro Santo, e eſtando entre vivas

L. 4. Hiſtor. Hiſpan. c. 4.

vas brazas, e lavaredas, pelo grande eſpaço em que ſe celebrou huma Miſſa de Pontifical, continuou em exhalar ſuaviſſimas fragrancias, e naõ ſó ſe naõ reduzio a cinzas, mas ſahio com o meſmo luſtre, (e mais aventajado) com que entrara no fogo. Semelhantes prodigios quiz o Ceo, que authenticaſſem a verdade de que aquelle era o corpo do Martyr, ou o ouro eſcolhido, que o Ceo examinara no fogo, e agora (por permiſſaõ ſua) enriquecia eſte Convento, eſcolhido para ſeu depoſito.

Mas tinha grande direito a eſte theſouro o cativo, que o trouxera a eſte Reyno com diſpendio, com induſtria, com trabalho; recompenſaraõ-lhe tudo os Religioſos deſte Convento com maõ larga, como os que reconheciaõ ineſtimavel a ſua grangearia. Da doaçaõ, que o dito cativo fez do corpo ao Convento, ſe guarda no ſeu Cartorio hum papel, de que tiramos o treſlado, que lançamos aqui para mayor clareza da poſſe pacifica em que eſtá eſta Caſa.

Digo eu Sebaſtiaõ de Oliveira, natural de Caſtello Viegas, termo de Coimbra, que vindo do cativeiro, trouxe o corpo do bemaventurado Meſtre Frey Joſeph de Morant, da Ordem do Patriarcha S. Domingos, o qual corpo de preſente eſtá em poder do Senhor Dom Pedro de Lancaſtro, e pela preſente faço doaçaõ do dito corpo aos Padres do Convento de S. Sebaſtiaõ de Setuval, da Ordem de S. Domingos, com obrigaçaõ de que os ditos Padres, em recompenſa dos ditos gaſtos, que tenho feito com o dito corpo, tiraraõ por toda eſta Villa a eſmola, a qual me deraõ para remedio, e ajudar humas orfans minhas irmãas; e além diſto os ditos Padres ſe me obrigaraõ a dar a ſua eſmola em toda a largueza, e poſſibilidade que poderem; e além diſto ſe deraõ por obrigados a me darem carta para todos os Conventos de ſua Ordem, por donde paſſar, que eſtiverem neſte Reyno, me darem eſmola, e na pedirem nas Villas, ou Cidades, em que os ditos Conventos eſtiverem; e para aſſim o manter, desde logo lhe faço a dita doaçaõ de todo, e qualquer direito, que tenho no dito corpo; e para aſſim manter mais o ſobredito, naõ quero ſer ouvido em juizo, nem fóra delle, ſem primeiro depoſitar o dito corpo no dito Convento; e por aſſim paſſar na verdade, e eu naõ ſaber eſcrever, roguei a Manoel Pires, que eſte por mim fizeſſe,

e como teſtemunha aſſinaſſe, e com mais teſtemunhas, que ao preſente eſtavaõ. Luiz Rodrigues = Joaõ Gomes = Antonio Jorze = Domingos Teixeira =. E aſſinou o Padre ſuperior Vigario in capite do dito Convento Fr. Domingos do Eſpirito Santo, com os mais Padres do Convento, abaixo aſſinados. Feito eſte conhecimento no dito Convento de S. Domingos em 6. de Julho de 1646.

Collocouſe o corpo na Capella môr, abrindo-ſe na parede da parte do Evangelho hum capaciſſimo arco, com vaõ capaz de recolher huma caixa de pao preto, (depoſito do corpo) guardada de grades do meſmo, que tomaõ a largura do arco. Cobre toda a parede do nicho hum quadro, em que ſe vê o Martyr, e todas as circunſtancias do martyrio, com toda a viveza, e alma, que ſe permitte á pintura; obra toda devida á devoçaõ, e diſpendio de Dom Pedro de Lancaſtro. Neſte ſitio, e neſte culto o buſca, e venera ainda hoje a devoçaõ do Povo, ſem que a pobreza religioſa ache braço, que a ajude a levantar mais avultado mauſoleo áquellas veneraveis cinzas, ou áquelle Feniz, que reſpeitado da fogueira, deſcança inteiro em taõ pequena urna; mas o que lhe falta a eſta de porfidos, e jaſpes, ſe melhora de prodigios, e vozes, com que os ſeus milagras recomendaõ as ſuas veneraçoens, e condemnaõ as noſſas eſcacezes.

Authenticaraõ-ſe muitos, que a noſſa omiſſaõ eſqueceo na maõ do Notario Pedro Coelho Ferreira, ſuccedidos naõ ſó em Setuval, e todo ſeu contorno, mas em todo eſte Reyno, e no do Algarve, adonde reconheceraõ por univerſal meſinha a lãa, em que eſtivera, e chegara a eſta Villa eſcondido o corpo do Veneravel Martyr. Achamos de tanto, que ſe perdeo, a eſcaça memoria de que nem o meſmo deſcuido póde ſer ſepultura. Em Setuval, de Maria Gomes, mulher de Mathias Simaõ; na meſma Villa Urſula Vaz; Joaõ Machado, na meſma; de todos eſtes conſtou que ficaraõ livres repentinamente de enfermidades, de dores, de achaques, quando deſconfiados de remedios, recorreo a ſua fé ás reliquias deſte Martyr. Teſtemunha-o de ſi o Padre Franciſco Lopes Pintado: e lançaremos aqui huma Certidaõ ſua, poupando-nos outras, que em ſemelhante, ou igual caſo teſtificaõ o meſmo, e he a ſeguinte:

Certi-

Certifico eu o Padre Franciſco Lopes Pintado, Clerigo de Miſſa, do habito de S. Pedro, morador em a Cidade de Lisboa, que ſendo em 14. *deſte preſente Julho, eſtando eu de humas terçans muito enfermo, ſangrado nove vezes, naõ tendo pedido a Deos, nem a Santo algum, me livraſſe de tanto mal, como havia muitos tempos padecia, por ter poſto em as mãos de Deos minha melhoria, dizendo-lhe me déſſe paciencia, para por ſeu amor ſofrer as penas que padecia; e ſendo em o dito dia, e mez acima dito, eſtando padecendo a terçãa, me veyo como por inſpiraçaõ que, ſe queria alcançar ſaude, a teria de Deos por interceſſaõ de hum Santo Martyr, cujo corpo havia poucos dias tinha chegado a Setuval; e com eſta fé, e grande affecto da alma me encomendey a Deos, que por virtude, e interceſſaõ daquelle Santo, me quizeſſe livrar do que padecia, promettendo, ſe aſſim foſſe, ir á ſua Santa Caſa, onde foſſe poſto, e darlhe as graças, e dizerlhe huma Miſſa; e acabada eſta petiçaõ, ſenti logo em o meſmo inſtante que o mal, que tinha, ſe foy, e fiquei livre da terçãa, que padecia, e das mais, que me podiaõ vir até hoje; e aſſim para honra de Deos, gloria do Santo, e devoçaõ de ſeus devotos, mandey paſſar, e aſſiney eſta Certidaõ, em que affirmo paſſar tudo o acima eſcrito na verdade* in verbo Sacerdotis, *em Lisboa a* 21. *de Julho de* 1646 *annos.*

O Padre Franciſco Lopes Pintado.

CAPITULO XXXV.

Do Padre Frey Domingos do Roſario, no ſeculo Dom Luiz de Portugal, terceiro Conde de Vimioſo, filho do Convento de Almada.

PArece, que foy bençaõ particular, com que noſſo Patriarcha quiz enriquecer os Clauſtros ſagrados de ſua Religiaõ, aquella Santa emulaçaõ, com que o mais eſcolhido da nobreza da Chriſtandade veyo povoallos. Ou ſeria incentivo, com que ſuas illuſtres qualidades ſouberaõ inclinar as mayores, ſendo ſua nobreza huma perſuaſiva circunſtancia no exemplo de ſua vida. Aſſim vemos ſempre até eſte viſinho ſeculo, que alcançamos, e eſpecialmente neſta Provincia, abraçada, e pertendida a mortalha Dominicana de peſſoas notaveis, e dignas de ſingular memoria. Occupe-nos agora merecidamente eſta o Conde de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, aſſaz conhecido por ſua nobreza, (entre as mais eſclarecidas deſte Reyno, como tronco Real, e antiga deſcendencia da Sereniſſima Caſa de Bragança) e igualmente por ſua peſſoa, ornada de capacidades grandes, e deſtra em huma, e outra milicia, primeiro na do Mundo, depois na de Chriſto. Na primeira o teſtemunhavaõ as feridas, de que tinha ſemeado o corpo, curando-ſe ainda depois de Religioſo, e já velho, de algumas dellas, que lhe duraraõ com a vida. Admirava-ſe hum Religioſo Leigo, que caritativamente lhe aſſiſtia á cura: a que reſpondeo o bom velho, (ſem que a cinza dos annos tiveſſe ſepultado o ardimento dos brios:) *Naõ ſe admire, Irmaõ, porque os Condes de Vimioſo nunca ſouberaõ fugir.* Eſte foy na primeira milicia: logo o veremos na ſegunda.

Foy ſeu pay Dom Affonſo de Portugal, II. Conde de Vimioſo, a quem Dom Luiz acompanhou ſervindo, e militando, pay, e filho, com elRey Dom Sebaſtiaõ na lamentavel campanha de Africa, ſepultura fatal da nobreza Luſitana. Ficou no combate cativo Dom Luiz, morto ſeu pay. Reſtituio-o á Patria groſſo reſgate; entrou por ella taõ grande diſcipulo dos trabalhos, que podia ſer o concertado de ſua vida regra dos que quizeſſem juſtificar a ſua. Mas neceſſitava ſua Caſa de ſua peſſoa, como herdeiro della, e em a idade, que pedia o eſtado em que ſe achava, attenuada da funçaõ, que precedera. Houve de ceder á razaõ, ſacrificando o goſto, que ſó o chamava a veſtir huma mortalha, antiga vocaçaõ ſua, porque de poucos annos deſamparando ſua Caſa, em que deixava os mimos de morgado, entrara pelos eſtreitos Clauſtros da Arrabida, pedindo aquelle ſanto burel, para nelle acabar a vida, que eſcaçamente principiava.

Embaraçaraõ-lhe entaõ os Condes ſeus pays a reſoluçaõ, que agora lhe divertia tambem o preciſo de conſervar a Caſa á ſua familia. Caſou com Dona Joanna de Mendonça, filha de Dom Fernando de Caſtro, Conde do Baſto, de que teve filhos, e filhas. Entrado já em dias, ſentio, que ſe hiaõ animando á lavareda aquellas faiſcas de vocaçaõ,

caçaõ, que guardara ſempre na alma. Fomentava-as o reformado de ſua vida, adonde eraõ continuo ſopro, que as deſpertava, as horas, que coſtumava tomar todos os dias, retirandoſe no ſeu Oratorio a tratar com Deos as importancias de ſeu eſpirito. Ateara o Ceo o meſmo fogo no da Condaſſa; diſpuzeraõ ambos recolherſe em Clauſura, precedeo voluntario divorcio, vencidos taõ multiplicados embaraços, como ſe lhe quizeraõ igualar os deſejos. Animava a heroica reſoluçaõ deſtes o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, irmaõ do Conde, (de que já démos larga noticia) com ſua direçaõ ſe diſpoz a fundaçaõ da illuſtre Recoleta do Sacramento, primeiro voto dos Condes. Nella ſe recolheo a Condeſſa, venturoſa Feniz, que no meſmo Altar, que levantou aos rayos do Sol na penitente urna, ſoube ſacrificarſe obediente victima, emprego, em que alargaremos mais a penna, eſcrevendo a fundaçaõ daquella Caſa.

Retirouſe o Conde á de Bemfica, que era entaõ os olhos da obſervancia, adonde eſteve algum tempo em habitos de ſecular, e exercicios de Religioſo, aſſiſtindo a Coro, e Officios Divinos, como o mais reformado, em quanto ſe liquidavaõ os embaraços de dividas, que havia na Caſa. Mas naõ ſofria vagares ſeu eſpirito, achando-ſe já em annos, que naõ permittiaõ muita eſpera, e em que podia anticiparſe a morte a darlhe outra mortalha, que vieſſe a ſer ley, e naõ eſcolha. Acabou com Dom Affonſo, filho, a quem vinha a Caſa, que ſe obrigaſſe ás dividas della; e tomou o habito taõ ſatisfeito, como o que tinha achado induſtria para começar naquelles annos huma vida. Mandaraõ-no os Prelados para o Convento de S. Paulo de Almada, adonde paſſou o noviciado, e profeſſou com tanto goſto daquelle eſtado, como o dos que viaõ correr nelle huma idade decrepita ao meſmo paſſo com a juvenil, naõ voando menos para buſcar em Chriſto o exemplar mortificado, os cançados paſſos de Pedro, que os vigoroſos de Joaõ; ainda que depois prevaleceraõ eſtes áquelles.

Currebant autem duo ſimul. Joan. 20.

Aſſim era Frey Domingos do Roſario, (que por eſte trocou o nome de Dom Luiz de Portugal) aſſim era prompto no ſequito das Communidades, aſſim ligeiro, e adiantado no ſerviço da Caſa, como ſe os deſejos lhe fizeraõ eſquecer os annos. Já profeſſo, ſe paſſou a Evora, mas taõ cortado, aſſim do rigor da nova vida, como do mao trato, que lhe tinha precedido nella, que os Prelados o diſpenſaraõ daquelles rigores, que lhe podiaõ dobrar os achaques. No trato de ſua peſſoa era o mais pobre, o mais humilde; na communicaçaõ affavel, e alegre; nos achaques, e adverſidades ſofrido, e conſtante; nas diſpoſiçoens dos Prelados prompto, e obediente; e taõ amante da obſervancia Religioſa, que todo era ancias de dilatalla; entre eſtas o apanhou a morte, e paſſou a melhor vida. Le-ſe a ſua epilogada em hum grande marmore, que lhe cobre a ſepultura. He eſte o Epitafio:

P. Frater Dominicus de Roſario, idem in ſæculo Domnus Ludovicus de Portugal, Comes Vimioſenſis, unà cum uxore Comitiſſa Domna Joanna de Mendonça, illo conſenſu animorum, quo piè vixerant, Religioni Prædicatorum ſe devovit; tandem anno ſuæ ætatis 82. ab ortu Chriſti 1637. die Julii 30. optimæ memoriæ conſecratus, placidiſſimè obiit, virtutum omnium monumentis ornatus, tum verò præcipuis obedientiæ, paupertatis, religionis, zeli, charitatis, & humilitatis, quibus ſingulariter floruit; quique vivens ſe conſepeliverat ſæculo, hic defunctus in tumulo feliciter vivit Deo.

CAPITULO XXXVI.

Do Meſtre Frey Fernando Soeiro, filho deſte Convento de Almada; e de alguns Religioſos, filhos deſta Provincia, de que ſe duvida, ou ignora a Caſa.

NAõ roubemos a eſta Caſa de Almada a gloria de hum filho benemerito deſta memoria, como foy o Meſtre Frey Fernando Soeiro, Prégador del-Rey Dom Joaõ IV., e grande Prégador, porque o reformado de ſua vida era o primeiro conceito, que delle percebia o ſeu auditorio; aſſim eraõ os ſeus Sermoens huns brados, que faziaõ ecco no eſpirito, taõ fóra de contentar a curioſidade, que ſempre ſahia de o ouvir a compunçaõ. Eſtas circunſtancias o faziaõ aceito áquelle Monarcha, que pezava bem o como naõ podia ſer o Pulpito Cadeira de oſtentaçoens, de facundia, e Rhetorica, mas de doutrina, e penitencia. Mas ſe o Meſtre Frey Fernando deſempenhava bem as obrigaçoens do Pulpito, naõ empregava com menos acerto as grangearias delle. Hoje ſe vem muitos do ſeu zelo em empregos, que igualmente pediaõ poſſes, como coraçaõ grandioſo, e devoto; aſſim o moſtra a obra do ſepulchro, (que em S. Domingos de Lisboa mandou lavrar para Quinta Feira Mayor) fabrica ſempre admirada pela materia, por ſer tudo prata, agora mais, por reduzida a melhor fórma, em que ſe vê avultada em preço, e architectura; para o que deixou hum juro, que vay ſervindo para o augmento, e ficará depois para conſervallo. Aſſim o deſvelava o levantar throno ao Rey dos Reys no dia, em que a piedade Catholica lhe dobra o joelho pelas repreſentaçoens de abatido. Coraçaõ, em que ſe meditavaõ eſtes cultos para Deos, bem ſe póde ſuppor que naõ admittia outro cuidado mais, que o de ſervillo. Confirmava-o aſſim a refórma, e obſervancia, em que continuou até a morte, que

O M. Fr. Fernando Soeiro.

que deixou a todos compungidos, como ſua vida doutrinados. Faleceo em S. Domingos de Lisboa pelos annos de 1674.

Até aqui as memorias, que pode deſenterrar a diligencia, e induſtria da ſepultura, da omiſſaõ, e eſquecimento, que favorecido dos annos, ſe faria ſenhor de mayores aſſumptos, que devendo ſello á noſſa eſcritura, ficaõ para a noſſa magoa. Mas alivieſe de algum modo eſta, dando aqui lugar a alguns Religioſos, a que ſe ignora, ou duvida a Caſa, de que ſaõ filhos, e ſeja o primeiro o Padre Frey Antonio Coutinho, Commiſſario do Santo Officio, illuſtre por naſcimento, que lhe deu o appellido, celebre pelo grande talento, com que enchia o Pulpito, de que ſaõ boas teſtemunhas as Imprenſas, que lhe conſervaraõ algumas memorias, naõ ſó em Sermoens avulſos, mas em tres tomos grandes predicativos, a que intitulou *Promptuario eſpiritual das mais principaes feſtas dos Santos, e da Senhora.* Naõ deſconheceo a Provincia a ſua capacidade, ainda para outros empregos, que algumas vezes o contou entre os ſeus Prelados.

O P. Fr. Antonio Coutinho.

Mereceraõ a meſma lembrança os Religioſos ſeguintes: o Meſtre Frey Thomaz Aranha, (a que alguma tradiçaõ faz filho de Coimbra) grande talento para tudo, e em qualquer emprego parecia que eſtava todo. Repartia-o com felicidade entre a Cadeira, e o Pulpito. Foy dotado de rara erudiçaõ; ainda mayor a fermoſura, a viveza, a graça com que uſava della. Honrou a eſtampa com repetidos trabalhos de ſeu eſtudo. Eſcutaõ-ſe ainda hoje ſuas memorias com agrado.

O M. Fr. Thomaz Aranha.

O Padre Frey Domingos da Aſſumpçaõ, de vida exemplar. A experiencia, que ſe tinha della, o levou a Meſtre de Noviços no Convento de S. Domingos de Lisboa, naõ menos ao Biſpado de Santo Thomé, para que o inculcou ſua opiniaõ, e em que o collocou a dos que entendiaõ bem, que taes lugares querem quem vá levar doutrina, e naõ quem vá buſcar honra. Nem o arriſcado do clima o divertio da jornada; antes deſprezou a vida, por paſſar a deſcobrir áquellas ovelhas o caminho da eterna.

O P. Fr. Domingos da Aſſumpçaõ, Biſpo.

Entre tambem neſte numero o Meſtre Frey Vicente Pereira, grande Theologo em huma, e outra Theologia, Myſtica, e Eſcholaſtica. Na primeira ſervio de exemplo, na ſegunda de Oraculo. Suas grandes letras aſſaz reconhecidas o collocaraõ no zenith dellas, lendo a Cadeira de Prima na Univerſidade de Coimbra, ſendo nella o terceiro nos Lentes da Ordem, e o primeiro, que a poſſuio depois que nos foy dada de propriedade por Filippe II. em Portugal, III. em o reſto de Heſpanha. Fez elRey a merce á Religiaõ em 23. de Outubro de 1615.

O M. Fr. Vicente Pereira.

Fernandes in conſert. Prædic.

Mereça-nos a meſma memoria o Meſtre Frey Diogo Artur, porque, ainda que Hibernio, o perfilhou eſta Provincia, a que o trouxe o grande brado de ſuas letras a occupar a meſma Cadeira de Prima, lugar, que encheo depois dos Meſtres Frey Antonio da Reſurreiçaõ, que foy Biſpo de Angra, e Frey André de Santo Thomaz, de que já em ſeus lugares fica noticia mais

O M. Fr. Diogo Artur.

mais individual. Foy promovido á Cadeira o Meſtre Fr. Diogo no anno de 1637. e nella continuou até o de 1646. em que foy apoſentado por elRey Dom Joaõ o IV com cento e dez mil reis de tença. Aſſim veyo a Religiaõ a poſſuir a dita Cadeira desde que foy inſtituida por elRey Dom Joaõ o III. em Coimbra, no anno de 1534. até o preſente ſucceſſivamente, ſem mais interrupçaõ, que a de hum pouco de tempo, que a leu em huma vacatura o Padre Meſtre Franciſco Soares Granatenſe, da Companhia de Jeſus.

Occupava neſte meſmo tempo a Cadeira de Prima de Eſcritura o Meſtre Frey Jorze Pinheiro, ſogeito grande, que eſta Provincia reconheceo Provincial, e a Inquiſiçaõ de Coimbra Deputado. Em huma, e outra Cadeira ſe ſuſpenderaõ eſtes Padres pela perplexaõ, que houve em huma propoſta, de que ſe devia eſperar a reſoluçaõ do Geral; que dilatando-ſe alguns annos, deraõ os noſſos Monarchas a ſubſtituiçaõ da Cadeira de Prima a outras Religioens, em que naõ duvido que as letras fariaõ igual juſtiça, a naõ ſer eſta toda noſſa.

Temos dado fim com eſte primeiro livro ás noticias dos Religioſos, que neſta Provincia nos executaraõ a eſta memoria, authorizando-a com ella: mas como o Padre Frey Luiz de Souſa na ſegunda, e terceira Parte, a que ſe ſegue a que eſcrevemos, faz liſta dos Provinciaes, que tinhaõ governado até o anno, em que ſuſpendeo a penna, que foy o de 1613. ſerá razaõ que naõ faltemos a eſta circunſtancia, e eſtylo de hiſtoriar, em que muitas vezes ſe póde deſejar ſemelhante clareza nos ſucceſſos da Provincia, accreſcendo o dar aſſim lugar a ſogeitos, que o naõ deſmerecem para a ennobrecer, como o tiveraõ para a governar. Conhecerſehaõ na reflexaõ, que fizermos na ſerie, que he a ſeguinte.

Serie dos Provinciaes, que governaraõ eſta Provincia deſde os annos de 1613. até o preſente de 1729.

O ultimo Provincial, que aponta o Padre Frey Luiz de Souſa, eleito em S. Domingos de Lisboa por Mayo de 1612. foy o Padre Frey Agoſtinho de Souſa, illuſtre por naſcimento, e taõ conhecido por capacidades de prudencia, e refórma, que ſe lhe commetteo a dos Padres Loyos da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta pelos annos de 1629. Governou os ſeus 4. annos.

Em 1616. feito Capitulo em Bemfica, foy eleito o Meſtre Frey Thomaz de Brito, que depois morreo em Evora Deputado do Santo Officio. Preſidio neſte Capitulo hum Religioſo Caſtelhano, por nome Frey Agoſtinho, por mandado do Reverendiſſimo Frey Serafino Sico. Governou os 4. annos.

Em 1620. ſendo o Capitulo em Santarem, foy eleito o Meſtre Frey Diogo Ferreira, ou Baralho, Conſultor do Santo Officio. Govenou os quatro annos.

Em 1624. tornando a ſer em Santarem o Capitulo, foy eleito o Meſtre Frey Antonio Tarrique, Deputado do Santo Officio. (viſitava neſſe tempo eſta Provincia o Meſtre Frey Domingos Pimentel, Caſtelhano, da Caſa dos Condes de Benavente, que depois foy Biſpo de Cordova, Arcebiſpo de Sevilha,

lha, e ultimamente Cardeal da Igreja Romana, feito pela Santidade de Innocio X. no anno de 1652.) Governou os quatro annos.

Em 1628. celebrando-ſe Capitulo em S. Domingos de Lisboa, foy eleito o Meſtre Frey Manoel Telles, que governou até 22. de Dezembro de 1631. porque entaõ o tiraraõ para Arcebiſpo de Goa. Paſſou a Caſtella a dar as graças a elRey. Sagrou-o em Santo Domingo el Real Dom Joaõ Manoel, Biſpo de Coimbra, que entaõ ſe achou na Corte de Madrid. Já apontamos em ſeu lugar, como o Arcebiſpo faleceo na viagem.

Em 22. de Dezembro de 1631. tornando a celebrar-ſe Capitulo em Lisboa, foy eleito Frey Franciſco de Sottomayor, Caſtelhano, que ao preſente aſſiſtia em Caſtella; anticipouſe-lhe a morte á poſſe do cargo. Preſidio neſta eleiçaõ Frey Pedro Manrique de Eneſtroſa Caſtelhano, por ordem do Reverendiſſimo Rodulfo. Parece, que naõ approvou o Ceo, nem devia approvar eleiçaõ, em que o poder de Caſtella, ou a ambiçaõ favorecida delle, ſe introduzio a uſurpar a preſidencia, e a prelazia, em prejuizo, e aggravo dos ſogeitos grandes, que neſta Provincia tinhaõ juſtiça para huma couſa, e outra. Mas veyo a reſtituirſe-lhe o governo, ficando por morte do Provincial eleito na maõ de Frey Agoſtinho de Souſa, como Prior de Lisboa, que de preſente era, Caſa, em que eſtava aſſignado o Capitulo futuro. Aſſim governou Frey Agoſtinho, como Vigario Geral, até 28. de Janeiro de 1634.

Celebrouſe Capitulo no meſmo Convento de Lisboa em 28. de Janeiro de 1634. e ſahio eleito o Meſtre Frey Jorze Pinheiro, peſſoa de grande nome, que occupou a Cadeira de Prima de Eſcritura na Univerſidade de Coimbra, e foy Deputado do Santo Officio. Governou tres annos até Mayo de 1637.

Em 1637. elegeraõ em Liſboa o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, do Conſelho Geral do Santo Officio, Prégador delRey. (já ſua vida nos deu neſte livro aſſumpto a larga eſcritura) Aſſiſtia entaõ na Corte de Madrid com importancias do Santo Officio. Governou quatro annos.

Em 1641. foy eleito em Liſboa o Meſtre Frey Alvaro de Caſtro, Deputado do Santo Officio, que governou os quatro annos.

Em 1645. celebrando-ſe o Capitulo em Lisboa, aſſiſtio por Preſidente da eleiçaõ, por commiſſaõ eſpecial do Meſtre Geral Frey Thomaz Turco, o Meſtre Frey Domingos do Roſario, Hibernio; vieraõ do meſmo Reverendiſſimo tres apontados, ſem excluſiva. Foraõ o M. Fr. Manoel Rebello, o Meſtre Frey Pedro de Magalhaens, e o Meſtre Frey Fernando da Encarnaçaõ, ſogeitos de grande reputaçaõ na Provincia, (dos dous ultimos fizemos já mais larga memoria) mas foy a eleiçaõ fóra dos apontados, em Frey Ignacio de S. Payo. Houve erro ſobre o eſcrutinio; convocaraõ outra vez a Capitulo, naõ ſe achou nelle o Preſidente Hibernio (que até entaõ fora Viſitador deſta Provincia) nem o Eſcrutador mais antigo, que era o Meſtre Frey

Manoel Rebello. Fez-ſe a eleiçaõ no meſmo Frey Ignacio, que remettida ao Geral, a annullou, e reſolvendo em conſelho que eſtava devoluta a ſi, inſtituîo Provincial da Proviucia ao Preſentado Frey Mauricio da Cruz. Tomou poſſe em Janeiro de 1646. governando no tempo, que mediou, Frey Agoſtinho de Souſa, com poderes, que lhe deu o Vice Colleitor Jeronymo Batallino.

Em Abril de 1649. dividido o Capitulo, ſahiraõ duas eleiçoens; naõ tiveraõ valor; caçou-as o Preſidente Geral de toda a Ordem, o Meſtre Frey Niculao Rodulfo, promovido a eſte lugar, (por morte do Meſtre Geral Frey Thomaz Turco) pelo Papa Innocencio X. de que impetrou Breve para inſtituir Provincial, que foy o Meſtre Frey Thomaz da Mota: tomou poſſe em Março de 1650. tendo governado no tempo, que mediou, como Vigario Geral, o Meſtre Frey Rafael da Fonſeca, Prior de Lisboa. Governou o Meſtre Frey Thomaz até o anno de 1653. em que veyo Patente de Viſitador Geral, e Vigario da Provincia (por ordem do Reverendiſſimo, o Meſtre Frey Joaõ Baptiſta de Marines, que morto o Reverendiſſimo Rodulfo, entrou a governar a Ordem) ao Meſtre Frey Manoel Ferreira, que depois morreo Deputado do Santo Officio em Evora. Governou hum anno.

Por 1654. convocado Capitulo para Santarem, foy eleito o Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro, peſſoa de grandes reſpeitos por ſua calidade, como irmaõ dos Condes de Obidos, e Santa Cruz. Já creſcido, (tinha entaõ acabado o governo de Tangere) o trouxe à Religiaõ hum ſingular affecto, com que abraçou as pençoens della; mas naõ lhe valeo o Sagrado a que fogio, que lá foy perſeguido ſeu preſtimo, de quem fiava delle a felicidade de acertar em tudo, mandando-o elRey Dom Joaõ o IV. por Embaixador a Hollanda. Naõ era menos o conhecimento, e experiencia, que tinha de ſua madureza a Provincia; eſtas as adherencias, que o levaraõ a Prelado della. Governou quatro annos, e faleceo já muy entrado nelles. Tem ſepultura em Bemfica, na Via Sacra, que corre do Capitulo para o Coro. Deveo á penna do Meſtre Frey Domingos de Santo Thomaz o epitafio, taõ merecido como do Meſtre Frey Diniz, taõ elegante como do Meſtre Frey Domingos.

No anno de 1658. convocado Capitulo para o Convento da Batalha, ſahio eleito o Prégador Geral Frey Jorze Coelho, que governou até Novembro de 1660.

Em 1660. veyo por Viſitador, e Vigario Geral da Provincia o Meſtre Frey Vicente Baronio, de naçaõ Francez, e dos reformados da Provincia de Toloſa, peſſoa de grandes letras, como teſtemunhaõ ſeus livros. Ficou ſuſpenſo o Provincial, e governou o Viſitador hum anno.

Em Janeiro de 1661. mandou o Reverendiſſimo Marines Patente de Vigario Geral da Provincia ao Preſentado Frey Miguel Bautiſta, tirando os poderes ao Baronio; e porque o Geral advertia na Patente, que

fazia

fazia a Frey Miguel Vigario *uſque ad electionem ſuo tempore faciendam*, paſſado o tempo da eleiçaõ, confirmou ao Meſtre Frey Fernando Soeiro o motu proprio de Pio V. por ſer Prior de Bemfica, adonde eſtava aſſignado o Capitulo futuro. Tomou poſſe de Vigario Geral o Meſtre Frey Fernando, e vendo-ſe obedecido de quaſi toda a Provincia, baſtou o conhecer deſcontente a minima parte della, para deſiſtir do cargo; aſſim era ſeu animo deſpido de ambiçoens de governo! ou aſſim preferia o ſocego da Provincia aos reſpeitos de ſua peſſoa! Ficou governando o Preſentado Frey Miguel Bautiſta, naõ menos benemerito para o cargo aquelle que o recebia, que aquelle, que o regeitava, obrando em hum a prudencia o que em outro o zelo da reforma; com a noticia deſta ſe perpetua a memoria de Frey Miguel, merecendo-a o religioſo, e obſervante de ſua vida, que duas vezes lhe poz nas mãos o governo da Provincia, como o das mais notaveis Caſas della. Governou como Vigario Geral até Setembro da meſma Era de 1661.

Em 27. de Setembro do meſmo anno veyo Patente por hum motu proprio de Alexandre VII. para o Meſtre Frey Bartholomeu Ferreira, que foy Deputado do Santo Officio em Lisboa, e em Evora, Religioſo de grande exemplo, a quem nem os cargos, nem as occupaçoens diſpenſavaõ das obrigaçoens do eſtado. Talvez largava o livro, porque o chamava o Coro; e talvez a penna, para pegar na vaçoura, quando ao Sabbado tocaõ na Communidade áquella demonſtraçaõ humilde, em que ſahem os Religioſos a varrer o Convento, ſendo dos Meſtres, Prelados, e Religioſos mais creſcidos o Clauſtro como lugar mais publico; neſte, como em todos de ſervir, e ſe abater, era o Meſtre Frey Bartholomeu o primeiro. Governou os quatro annos.

No de 1665. foy eleito em S. Domingos de Lisboa o Meſtre Frey Manoel de Vaſconcellos. Foy a Roma o Eſcrutinio com falta, por inadvertencia; caçouſe a eleiçaõ, e tornou a vir por Vigario Geral da Provincia o Preſentado Frey Miguel Bautiſta, que governou dous annos, e elegeo o Meſtre Geral em Provincial ao Meſtre Frey Manoel Pereira, que entaõ ſe detinha na Curia com o cargo de companheiro, e titulo de Provincial da Terra Santa. (já delle fica feita mais larga, e merecida memoria). Veyo a eſte Reyno; governou quatro annos.

No de 1671. no Capitulo de Lisboa foy eleito o Meſtre Frey Valerio de S. Raymundo, Inquiſidor da Meſa Grande, e Biſpo de Elvas, taõ digno daquelle cargo, como deſta Mitra, e tanto deſta reflexaõ, como da memoria, com que já nos deixa bem occupada eſta eſcritura; governou quatro annos.

No de 1675. veyo motu proprio ao Meſtre Frey Jorze de Caſtro, Deputado do Santo Officio em Lisboa, grande, e profundo Theologo, antes o Oraculo da Theologia no ſeu ſeculo, ſogeito digno de occupar mayores lugares (a que voava, ſem chegar nunca) o ſeu talen-

to, confirmado na fatalidade de o deixarem queixoſo. Governou os quatro annos.

Por 1679. ſahio eleito no Capitulo da Batalha o Meſtre Frey Simaõ de Macedo, Conſultor do Santo Officio, que faleceo em Agoſto de 1680. ficando por Vigario Geral ſeu irmaõ, como Prior da Batalha, o Padre Frey Manoel Pinto. Celebrouſe no meſmo anno de 1680. Capitulo no meſmo Convento da Batalha, e elegeraõ o Meſtre Frey Agoſtinho de Santo Thomaz, Conſultor do Santo Officio, que governou cinco annos, ſendo eleito em Dezembro.

No de 1685. tornando a convocarſe Capitulo na Batalha, (preſidio a eſta eleiçaõ o Meſtre Frey Gaſpar da Mota, Viſitador Caſtelhano) ſahio eleito o Meſtre Frey Manoel Leitaõ, que governou os quatro annos. Era Conſultor do Santo Officio, e da Junta das Miſſoens.

No anno de 1689. celebrando-ſe Capitulo em Evora, elegeraõ o Preſentado Frey Antonio Galraõ, que governou quatro annos de Provincial, de Vigario Geral hum, porque, celebrado Capitulo na Batalha pelos annos de 1693. em que, repartidos os votos, ſahiraõ eleitos o Meſtre Frey Manoel Veloſo, Deputado do Santo Officio, e o Meſtre Frey Manoel da Aſcenſaõ, Inquiſidor da India, naõ tendo effeito o Capitulo em Roma, continuou o Provincial aquelle anno com Patente do Nuncio.

No anno de 1694. no Capitulo de Lisboa foy eleito o Meſtre Frey Manoel Maſcarenhas, Conſultor do Santo Officio, e Examinador da Meſa da Conſciencia, em cujo governo vindo por Vigario, e Viſitador Geral o Padre Frey Domingos da Encarnaçaõ, entre hum, e outro ſe encheraõ os quatro annos do governo.

No de 1698. veyo motu proprio de Innocencio XII. ao Meſtre Frey Joſeph Galraõ, que governou os quatro annos. Foy Conſultor do Santo Officio.

Pelo de 1702., celebrado Capitulo em S. Domingos de Lisboa, foy eleito o Meſtre Frey Joaõ Bautiſta de Marines, que perpetuado no Collegio de Santo Thomaz, foy reconhecido por hum grande Theologo. Foy depois Deputado do Santo Officio em Evora, e tambem neſta Corte, da Junta das Miſſoens.

Acabado o governo do Meſtre Marines, no anno de 1706. foy eleito o Meſtre Frey Manoel de Senna, Conſultor do Santo Officio, e da Junta das Miſſoens. Faleceo Vigario do Sacramento, lugar de reputaçaõ, que occupou muitos annos.

Seguio-ſe no anno de 1710. o Meſtre Frey Manoel da Encarnaçaõ, conhecido pelo cognome de Pontevel, que lhe deu ſua Patria. Foy Conſultor do Santo Officio, e hum dos Eſcritores da Ordem neſte ſeculo, em que compoz quatro Tomos ſobre o Evangelho de S. Mattheus, aproveitando-lhe a Imprenſa os trabalhos de muitos annos, aſſim do Pulpito, como da liçaõ da Sacra Pagina, de que foy Lente no Real Convento de S. Domingos de Lisboa, onde faleceo.

Seguio-ſe no anno de 1714. o Meſtre Frey Domingos de Santo Thomaz, Conſultor do Santo Officio, em que occupou

o

o lugar de Deputado de Lisboa, que vagou por morte do Meſtre Frey Manoel de Santo Agoſtinho. Foy tambem Deputado da Bulla. Era actualmente Prior de S. Domingos de Lisboa, quando entrou no Provincialado, que exerceo por tres annos.

Seguio-ſe no de 1717. o Preſentado Frey Manoel de S. Joſeph, que no de 1721. paſſou a Roma ao Capitulo Geral, em que foy eleito em Meſtre Geral de toda a Ordem dos Prégadores o Meſtre Frey Agoſtinho Pipia, que de Secretario do Indice (eſtimavel lugar, que pertence á Religiaõ, e de que teve o primeiro exercicio o noſſo doutiſſimo Portuguez Oleaſtro) paſſou ao Generalato, e delle á Purpura Cardinalicia no anno de 1724. chegando ao numero de ſeſſenta e oito dos que a veſtiraõ ſobre o Eſcapulario Dominicano.

Seguio-ſe o Meſtre Frey Antonio do Sacramento, Conſultor do Santo Officio. As Aulas Conimbricenſes, em que tomou o grao de Doutor, o eſcutaraõ conſummado Theologo, como os Pulpitos da meſma Cidade, e da de Lisboa o teſtemunharaõ inſigne Cultor Evangelico, exercicio, com que alguma vez enriqueceo o prélo. No ſeu tempo teve a Ordem de S. Domingos a ſingular gloria de ver a hum filho ſeu occupar a Cadeira Pontificia, no Cardeal Vicente Maria Urſini, nome, que teve na Religiaõ, e trocou no de Benedicto XIII. eleiçaõ milagroſa, como naõ eſperada, que, applaudida por toda a Chriſtandade, o foy ſingularmente da reverente, e Catholica attençaõ delRey Dom Joaõ o V. o Magnifico Noſſo Senhor, que diligenciando, e conſeguindo eſſa noticia anticipada, a mandou participar ao meſmo Provincial, a que hindo-lhe beijar a maõ, honrou, e a toda a Religiaõ com expreſſoens dignas de ſeu pio, e Real animo.

Deveo tambem eſte Prelado a eſte religioſo Numa Porguez, e Catholico Monarcha, a approvaçaõ de melhorar a Igreja de S. Domingos de Lisboa, livrando-a da improporçaõ, e irregularidade, que a faziaõ indecente, ſendo a ſua muita antiguidade (que já em partes a promettia menos ſegura) a primeira executora ao beneficio de innovada; empreza, que eſpiritos mais frouxos condemnaraõ temeraria; e vay moſtrando o effeito o que teve de judicioſa.

Muitos annos antes o tinha intentado o Meſtre Frey Manoel Maſcarenhas, ſendo Provincial, no reynado delRey Dom Pedro II. (de ſaudoſa memoria) que conhecendo-a improporcionada a braço, que naõ foſſe Real, (como o que ſabia, que fora deſempenho de dous Monarchas deſta Coroa) entrou em penſamentos de facilitalla. Deſvaneceo-ſe o intento; ſeria frouxidaõ de quem pertendia, porque naõ podia ſer arrependimento da generoſidade, que prometera. Agora com melhores auxilios deveo o Meſtre Frey Antonio (e eſta ſua Real Caſa) a elRey Noſſo Senhor as direcçoens, e idéa da nova, e proporcionada fabrica, que ſerá Sagrado padraõ de ſua Regia, e incomparavel beneficencia.

Já diſſemos que, governando eſta Provincia o Meſtre Frey Antonio, derribara (naõ ſem be-

beneplacito ſoberano) a antiga fabrica da Igreja , naõ ſó por irregular, e incompoſta, mas já taõ perſeguida dos annos, que antes pareceo acautelar ruinas, que meditar melhoras. A diſpendio, e diligencias do meſmo bemfeitor, ſe lhe vaõ (quando iſto eſcrevemos) conſeguindo algumas. Duas Capellas ſe vem já lavradas á moderna. Huma, que offereceo ao Santo Chriſto, como devoto ; outra ao Meſtre Angelico , como diſcipulo ; e paſſando a authorizar o corpo da Igreja, fabricou dous mageſtoſos Pulpitos de bem lavrada talha, alargando a maõ na ſua eſtructura, como agradecido ao nome, que lhe deraõ os theatros da prédica.

No anno de 1726. que damos eſta noticia, tem o Provincialado, como ſucceſſor do Meſtre Fr. Antonio, o Meſtre Fr. Joſeph de Santo Thomaz, Conſultor do Santo Officio. Paſſou a elle ſendo actualmente Prior de S. Domingos de Lisboa.

No anno de 1729. a 7. de Mayo, celebrando-ſe o Capitulo Provincial em S. Domingos de Lisboa, ſe elegeo o Muito Reverendo Padre Frey Chriſtovaõ de Santo Thomaz, Meſtre em Theologia, Conſultor do S.to Officio, ſendo actualmente Prior do meſmo Convento; e ao tempo, que iſto eſcrevemos,continúa com religioſos progreſſos o ſeu ditoſo governo, devendo-lhe eſta Provincia o perpetuarſe a gloria daquelles ſeus filhos , (aſſim obſervante, como literaria) que com tanta a ſerviraõ , e ennobreceraõ , mandando com zelo prelaticio , e eſpirito generoſo (como ſempre empenhado em promover as glorias da Religiaõ) dar á eſtampa eſta quarta Parte da Hiſtoria deſta Provincia, ſepultada por longos annos (em injuria de tantos benemeritos) na indigna omiſſaõ ou do pouco reparo , ou do culpavel deſcuido.

CAPITULO XXXVII.

Fundaçaõ do Convento de Santa Joanna, Princeza de Portugal, da Ordem dos Prégadores.

COrria o anno de 1697. quando por morte de Dom Joaõ de Caſtro Telles , ultimo poſſuidor do Morgado de Dom Alvaro de Caſtro , ſe poz em pratica a fundaçaõ do novo Convento de Santa Joanna , com tantos embaraços vencidos , que parece pode entender a piedade Chriſtãa , que entrou o Ceo com eſpecial Providencia na permiſſaõ deſta fabrica , ſendo eſtes os prodigios , que lhe ſerviraõ de preludios , porque naõ houveſſe fundaçaõ Dominicana , a que aquelles naõ abriſſem caminho , e conciliaſſem credito. Cheas eſtaõ as noſſas Hiſtorias deſtas verdades , e os Conventos deſta Provincia com os Cartorios cheyos de ſeus teſtemunhos. Mas baſte-nos o referir fiel , e brevemente o que precedeo aos principios deſta Caſa, ſem fazer comparaçaõ a outras, com o riſco de expormos o que eſtá eſcrito ao dezar de mal tresladado.

Foy Dom Alvaro de Caſtro hum Fidalgo taõ illuſtre, como diz o ſeu appellido, e taõ affecto á Religiaõ Dominicana, como todos os que o tiveraõ. Deſcançaõ entre nós (como os do meſ-

meſmo Dom Alvaro) os oſſos de muitos , e por muitos os do eſclarecido Vice-Rey Dom Joaõ de Caſtro , cinzas de grande Feniz , a que deſtinou igual urna o Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro na Capella , que lavrou no Convento de Bemfica. Deſcançava D. Alvaro de Caſtro na Patria , depois de a ter ſervido nas alheas , em huma Quinta ſua , que ao ſahir de Lisboa , junto ao Moſteiro de Santa Marta , fica na eſtrada , que corre da Cidade para o lugar de Noſſa Senhora da Luz , que dá nome ao chafariz , que em hum largo , em que ſe remata a Quinta (de quem tambem he a agua) lhe fica ſervindo de eſpelho a huma janella , e fazendo o ſitio delicioſo á ſede , e cançaço dos paſſageiros , como ao commodo , e divertimentos dos viſinhos. Aſſim ſe ficou chamando o ſitio *Chafariz de Andaluz* , nome , que o faz celebre entre os mais circumviſinhos á Cidade.

Tem a Quinta boa caſaria , Palacio dos que naquelles tempos authorizavaõ huma Caſa de campo , appetecida eſta pelas liberdades delle , nas viſinhanças da Cidade. Era eſta Quinta , e Olivaes , que nas coſtas della ſe eſtendem , o principal , e mais bemparado da fazenda de Dom Alvaro , quando havendo de acompanhar a elRey Dom Sebaſtiaõ , com a mais nobreza , na infeliz jornada de Africa , e reſolvendo-ſe como homem de conſciencia concertada , e advertida , a deixar ſem embaraços as importancias de ſua alma , fez o ſeu teſtamento ; e naõ ſe eſquecendo do affecto grande , que ſempre lhe deveo a Ordem , naõ contente com ter em o Convento de Bemfica jazigo , e Capella bem dotada , aſſim diſpoz de ſua fazenda , que veyo ultimamente a deixar a meſma Ordem por herdeira do melhor della.

Deixou a ſeu ſobrinho Dom Leonardo de Caſtro as caſas , e Quinta de Andaluz , com os Olivaes , e mais pertenças a ella , com clauſula , que herdaſſem ſó os deſcendentes da linha recta , excluindo a tranſverſal , e que em falta daquella , foſſe chamado á herança o Convento de Bemfica , fazendo-ſe nas caſas , e Quinta hum Convento da Ordem , pela direcçaõ do Provincial , que foſſe pelo tempo. E para que ſe veja na prudente diſpoſiçaõ do Teſtador o deſejo , e ancia de dar mais huma Caſa a eſta Provincia , diz aſſim , tirado da verba do teſtamento , no corpo delle.

E aſſim com tal pacto , e condiçaõ , que o dito Convento (falla de Bemfica) *ſeja obrigado , dentro em dous annos , ſucceſſivos á morte do ultimo poſſuidor , por quem aſſim houver a dita Quinta , pôr por obra , começar , e ordenar com effeito na dita Quinta hum Moſteiro de Frades da Ordem de S. Domingos , com todas as officinas a elle neceſſarias , do tamanho , que parecer ao Provincial , que a eſſe tempo for , &c.*

Aſſim diſpoz Dom Alvaro o ſeu teſtamento , e aſſim ordenou o Ceo , que em o eſpaço de cento e dezanove annos faltaſſe ſucceſſaõ por linha recta em huma taõ grande Caſa , acabando em Dom Joaõ de Caſtro , ultimo da linha , para começar em acreſcer as paredes de hum novo Convento deſta Provincia ,

ao

ao meſmo tempo, em que para lhe occupar os Altares, ſe beatificava huma filha della na Princeza Dona Joanna. Entrou o Provincial, que entaõ governava, o Meſtre Frey Joſeph Galraõ, em cuidados de dar cumprimento ao legado; mas vencida, quando menos ſe imaginava, a primeira difficuldade, qne era faltar ſucceſſor, que entraſſe na herança, topamos com outra quaſi inſuperavel, que era a de levantar nova Caſa em tempo, em que povoada a Corte de Lisboa, (de que ficava taõ viſinha a fundaçaõ, que ſe intentava) de tantas, e taõ groſſas, fazia lembrar os inconvenientes grandes, que ſe ſeguiaõ a hum Reyno pequeno, desfrutado de rendas, que applicadas ao eſpiritual, faltavaõ ao civil.

Malquiſtava mais a noſſa pertençaõ, a que tinhaõ os poderoſos a huma Caſa de Campo taõ nobre, e em tal ſitio, que a fazia cobiçada ainda dos que eſtavaõ melhorados de vivenda. Engenhaõ-ſe facilmente dos cobiçoſos os deſaffeiçoados. Começou a noſſa Communidade a criar inimigos, e a avultar nos olhos de todos o que, ſem pertencer a nenhum, creſceo na valia; tudo o que ſe lhe foy impoſſibilitando a eſperança. Diſcorriaõ, (por mais que naõ ignoravaõ a vontade do Teſtador) que parecia ambiçaõ o querermos outra Caſa, quando na Corte eſtavamos logrando na de S. Domingos de Lisboa o melhor ſitio della; outra á viſta, no lugar de Almada; outra em pouca diſtancia, em Bemfica, naõ fallando em tres Moſteiros de Freiras dentro da Cidade, dous fóra, e na viſinhança della, e hum de Hibernios, tudo da Ordem, ainda que nem tudo da Provincia.

Mas naõ advertiaõ, que para eſta pertençaõ eramos chamados, (como o fomos para eſte Reyno) e o deſintereſſe com que em todas as partes delle nos houvemos nas occaſioens, em que nos poderamos adiantar em lucros, naõ mal merecidos, como ſalarios, do que ſervimos ſempre a Igreja, e naõ menos a Coroa; teſtemunho, que póde dar quem já lançou os olhos a noſſas Hiſtorias, e hoje os paſſar, pela limitaçaõ, e pobreza de noſſas Caſas, a que nos recolhemos com o preciſo para o ſuſtento, em tempo, em que naõ paſſava de preciſo, e que no attenuado de hoje deixa o campo aberto á neceſſidade; e ſe entaõ á viſta do agrado, com que nos chamavaõ, e recebiaõ, eramos curtos, e acanhados até no aceitar, que ſeria depois no pedir? Mas callando eſtas repoſtas, como tolerando aquellas invectivas, ſendo força dar ſatisfaçaõ ao legado, propoz o Provincial a elRey Dom Pedro II. as razoens da noſſa ſupplica, apadrinhadas de duas circunſtancias, que a todos o votos as faziaõ arrezoadas. Primeira, que naõ havia ainda neſte Reyno Caſa da Princeza Santa Joanna, novamente dada, e deſcuberta ao culto da Igreja pelos Principes della; e era reconhecimento ao Ceo, que lha deu Portugueza, e Santa, veneralla Santa, e agradecella Portugueza, com demonſtraçaõ apadrinhada por Sua Mageſtade, que a reconhecia tia ſua. Segunda razaõ; que a Caſa ſe fundava para hoſpedagem de Miſſionarios

para

para a India, e Chriſtandades, que temos nella, para onde eſta Provincia manda deſtes Reynos a ſua miſſaõ todos os annos. Era o genio delRey pio devoto da Santa, reconhecido ás razoens de parenteſco com ella, concedeo liberalmente a licença, como conſta do Alvará, paſſado em Lisboa a 20. de Setembro de 1698. e he o ſeguinte:

Eu elRey faço ſaber, que o Provincial da Ordem de S. Domingos me repreſentou por ſua petiçaõ, que no teſtamento com que falecera Dom Alvaro de Caſtro, vinculara em morgado huma Quinta, que tinhaõ ao Chafariz de Andaluz, chamando para ſucceſſores a Dom Leonardo de Caſtro, e ſeus deſcendentes, e na falta delles, ao Convento de S. Domingos de Bemfica, com tal condiçaõ, que neſte caſo ſeriaõ obrigados os Religioſos a principiar hum Convento de Frades da ſua Ordem na meſma Quinta, dentro de dous annos depois da morte do ultimo poſſuidor; e que para proſeguirem a obra do dito Convento, poderiaõ vender até dous mil cruzados das fazendas, que ſe achavaõ fóra da cerca da dita Quinta; e por quanto, por falecimento do ultimo dos deſcendentes chamados, que fora Dom Joaõ de Caſtro Telles, ſe viera a purificar o caſo da ſubſtituiçaõ do dito Convento de Bemfica, o qual entrara de poſſe pacifica da dita Quinta, e para haver de dar cumprimento á vontade do Inſtituidor, tinha deſtinado fundar na dita Quinta hum Convento, conſagrado á memoria da Princeza Santa Joanna da ſua Ordem, para nelle ſe haverem de criar, e inſtruir Miſſionarios para a India Oriental, me pedia lhe fizeſſe merce conceder Alvará para o dito effeito; e viſto o mais que allegou, informaçaõ, que ſe houve pelo Doutor Gaſpar Moſinho de Albuquerque, Juiz da Coroa, e repoſta do Procurador della, a que ſe deu viſta, e naõ teve duvida: Hey por bem fazer merce ao ſupplicante, em veneraçaõ, e memoria da Princeza Santa Joanna, que dos bens, que lhe ficaraõ de Dom Alvaro de Caſtro, poſſa fundar na Quinta referida, ſita ao Chafariz de Andaluz, hum Convento de Religioſos da Ordem de S. Domingos, para ſe criarem Miſſionarios, que vaõ propagar

a Fé Catholica á India Oriental, e que em nenhum tempo poſſa ſervir eſte Convento, ſenaõ para o miniſterio da criaçaõ, e inſtrucçaõ dos meſmos Miſſionarios, tendo ſempre aquelle numero, que commodamente ſe poſſa ſuſtentar com as rendas, de que conſta o vinculo do dito morgado, e que ſeraõ obrigados a mandar todos os annos aquelles Miſſionarios, que for poſſivel; e faltando a eſtas obrigaçoens, mandarey prover do remedio, que me parecer cunveniente: comprindo-ſe eſte Alvará inteiramente como nelle ſe contém, que valerá poſto que ſeu effeito haja de durar mais de hum anno, ſem embargo da Ordenaçaõ do livro ſegundo, titulo quarenta em contrario. André Rodrigues da Sylva o fez em Lisboa, a 20. de Setembro de 1698. Joſeph Fagundes Bezerra o fez eſcrever.

REY.

Conſeguida a licença, deuſe calor á obra, e em 25. de Novembro de 1699. dia de Santa Catharina Virgem, e Martyr, Protectora da Ordem, ſe lançou a primeira pedra. Fez a funçaõ Dom Frey Pedro Foyos, Biſpo de Anel no Arcebiſpado de Lisboa, com o titulo de Bona, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho. Aſſiſtiraõ o Provincial, e Religioſos graves. Creſceo logo a fabrica da Igreja, eſpaçoſa, e deſembaraçada. Ficaõ lhe as coſtas ao Poente, e ao Naſcente a porta principal, a que ſerve de Adro, e terreiro a eſtrada, que corre entre a Quinta, e huns Olivaes. He a architectura moderna; formaõ o corpo da Igreja quatro Capellas á face della. Abre-ſe a mayor com hum ayroſo arco, e vaõ eſpaçoſo em correſpondencia de toda a obra, a que algumas janellas em proporçaõ introduzem a muita luz, que lhe ſerve de alma. Aſſim á maõ direita, como á eſquerda, lhe fica campo direito, e deſembaraçado para hum proporcionado Convento, com todas ſuas officinas, em que ſe trabalha com o vagar de fundaçaõ pobre, e deſvalida, ſendo nos Religioſos de S. Domingos peregrina, ou totalmente ignorada aquella agencia, com que vemos creſcer outras cada dia. Taõ pouca a ambiçaõ, que ha neſta Provincia de ter mais huma Caſa! Ou taõ pouco o commercio com os ricos, e poderoſos, que a podiaõ pôr em outra altura! Bençaõ ſerá de Noſſo Patriarcha S. Domingos, que desde ſuas primeiras fundaçoens, quiz as ſuas Caſas pobres. Antes Aulas para o eſtudo, que Palacios para o regalo.

Eſta

Eſta he a ultima fundaçaõ, que nos deu aſſumpto até eſte anno de 1706. em que vamos eſcrevendo quanto ao que pertence a Caſas de Religioſos; e eſtas as noticias dignas de memoria, como do emprego da noſſa diligencia, e eſcritura quanto aos filhos deſta Provincia. A muitos mais poderamos eſtender a penna, ſe nos levara a ambiçaõ de dizer muito, antes que o conſelho de naõ paſſar do preciſo, ou a cautela de naõ enfaſtiar repetindo o meſmo. Teve eſta Provincia muitos filhos obſervantes das Conſtituiçoens, e Regra, que profeſſaraõ, ſendo eſte exercicio hum argumento taõ claro de huma vida inculpavel, que chegou a dizer noſſo grande Pontifice S. Pio V. *Que para çanonizar hum Religioſo Dominicano, baſtava a prova de que guardara as ſuas Conſtituiçoens á riſca.* E naõ deixa de ſer motivo de bem conſiderada reflexaõ, o haver tantos eſpiritos, que as guardaſſem neſſa fórma, naõ tendo a ſua obſervancia o freyo, ou o ameaço de culpa, que obrigaſſe a ella, porque Noſſo Patriarcha attendendo á ſuavidade do jugo Evangelico, propoſto pelo meſmo Chriſto á vontade dos homens, convidando, e naõ conſtrangendo (como eſcreve S. Mattheus do eſtylo, com que chamara á ſeus Diſcipulos: *Dixit diſcipulis ſuis: Siquis vult venire poſt me*) ſeguio o acerto do melhor Legislador, e naõ quiz carregar a guarda das ſuas leys com a rigoroſa penſaõ de preceito, que obrigaſſe a peccado. Aſſim naõ incorrem nelle, nem ainda venial, os tranſgreſſores, (excepto ſe entra deſprezo) ficando ſó ſogeitos ao caſtigo dos Prelados, porque na ſimplez fracçaõ da ley ha pena, e naõ ha culpa.

Matthæi. 15.

Eſte he o argumento de eſpecial favor do Ceo, no numero grande de obſervantes, naõ havendo o ameaço rigoroſo de hum peccado, que ſirva ou de freyo á liberdade, ou de eſtimulo á obſervancia. Mas como neſta numeroſidade de Religioſos obſervantes, que neſte tempo floreceraõ, entre o deſcuido de apontarem as ſuas acçoens, naõ achamos caſo mayor, que os ſingularize, baſte ás ſuas virtudes o ficarem á conta do juſto Retribuidor dellas, de quem receberaõ o premio, que cada huma merece, eſcrito ſeu nome no volume da eternidade.

Mas ainda que alarguemos eſte Capitulo mais do coſtumado, he preciſo encoſtar á noticia deſta Caſa huma nova gloria, que hoje veneramos nella. Deixou já eſcrito o noſſo grande anteceſſor o depoſito da Santa Princeza no Convento de Jeſus de Aveiro, inferior ao Commungatorio na parte interior do Coro; lugar, em que deſcanſaraõ ſuas veneraveis Reliquias até o anno de 1577. em que do primeiro caixaõ ſe trasladaraõ para outro em fórma de tumulo, de mayor grandeza, e artificio, de pao de evano, cuberto, e ornado com chapas de bronze douradas, guardando-ſe dentro outro caixaõ, em que eſtavaõ as Reliquias. Cercavaõ o tumulo grades do meſmo bronze, e cobria-o hum pano rico; pia, e devota liberalidade, com que quiz venerar a Santa, Dona Jeronyma de Caſtro, e que depois continuou com cubertura

de mayor preço a Duqueza de Caminha Dona Anna Manrique de Lara, que por algum tempo fez neſte Moſteiro aſſiſtencia. Em hum, e outro tumulo acreditou Deos ſua ſerva, e eſpoſa, ſendo continuos os favores, que experimentaraõ, e experimentaõ ſeus devotos na medicinal terra da ſua ſepultura, como apontaõ os que eſcreveraõ ſua hiſtoria, e eu ponderey com mais reflexaõ no Panegyrico da meſma Santa.

Aſſim eſtiveraõ as Sagradas Reliquias por muitos annos com a veneraçaõ de huma Miſſa de todos os Santos, que ſe cantava no dia de ſeu tranſito a 12. de Mayo, em que com a viſta do tumulo ſe contentava a devoçaõ do Povo. Havia Sermaõ em que ſe relatavaõ as virtudes da Santa; no Altar môr ſe collocava hum Retrato, e Vera effigies ſua, portentoſa para a piedade, e veneraçaõ Chriſtãa, como teſtemunhaõ muitos favorecidos, e entre elles o Prior do Convento de S. Domingos da meſma Villa de Aveiro, e o Conego Manoel Bello, reſtituidos, hum, e outro á repentina, e inteira melhora, ſó com a viſta, e veneraçaõ da prodigioſa pintura. Hoje ſe guarda eſta no Palacio dos Biſpos de Coimbra, deſde o anno de 1689. em que o Biſpo Dom Joaõ de Mello, (eſpelho de Prelados, e veneraçaõ, e ſaudade daquella Dioceſi) indo a formar os proceſſos para a Beatificaçaõ da Santa, e vendo, e admirando o dito Retrato, o pedio ás Religioſas com inſtancia, e o trasladou ao Paço, em que ſempre ſe tem conſervado com o meſmo culto, e experiencias repetidas de prodigioſo.

Chegou finalmente o anno, em que ſe começou a dar calor a mayor culto da Santa, que foy em 1626. em que á inſtancia das Religioſas. (em que eraõ taõ ardentes os deſejos de ver occupados os Altares com as ultimas veneraçoens da Santa, como os coraçoens o eſtavaõ para agradecer as piedades com que lhe aſſiſtia) mandou o Biſpo de Coimbra, que era entaõ Dom Joaõ Manoel, tirar inquiriçoens de vida, e milagres, a ſeu Proviſor Bernardo da Fonſeca Saraiva, que formou de tudo hum ſufficiente proceſſo, com que deu hum glorioſo principio a eſta ſagrada empreza, attribuindo-ſe eſte á piedoſa ancia, e eſpirituaes negociaçoens das Religioſas, ſabendo-ſe de huma, que por eſpaço de doze annos ajuntou á ſua ſupplica todas as ſegundas, e feſtas Feiras o jejum de paõ, e agua.

Entrou tambem a negociar a obrigaçaõ, em que a Santa poz a dous ſeculares nobres da Villa, o Doutor Joaõ de Mello, e Damiaõ Pereira da Sylva, que carecendo de filhos, a tomaraõ diante de Deos por medianeira, e fazendo particulares votos, ſe acharaõ com o que pertendiaõ, moſtrando-ſe agradecidos; Joaõ de Mello offerecendo, e tributando á Santa huma grande alampada de prata, e Damiaõ Pereira ſeiscentos mil reis, para ajuda dos grandes gaſtos, que trazem ſemelhantes negocios. Fez-ſe logo ſupplica ao Pontifice, (para o que paſſou á Curia o Preſentado Frey Manoel Maſcarenhas, que depois foy Meſtre, e Provincial deſta Provincia) para que ſe podeſſe rezar, e dar culto a huma Princeza de Portugal,

tugal, que acabando a vida no habito de S. Domingos, já de tempo immemorial devia ao ſeu Reyno, e ainda á veneraçaõ dos eſtranhos, a glorioſa anthonomaſia de Princeza Santa. Vieraõ Decretos ao Biſpo de Coimbra Dom Joaõ de Mello, para que formaſſe o proceſſo dos milagres, em que naõ foy o menor a ſobrehumana fragrancia, que, aberto o tumulo, e caixaõ, exhalaraõ as Santas Reliquias, naõ ficando ſó nas viſinhanças do Coro, e Moſteiro, mas paſſando á Igreja, em que todos, os que aſſiſtiaõ áquelle acto, o perceberaõ com ſuavidade, e aſſombro.

Tudo ſe propoz na Curia, em que já por morte de Innocencio, ſe achava na Cadeira Pontificia Alexandre VIII. a que ſuccedeo brevemente Innocencio XII. que á inſtancia do Senhor Rey Dom Pedro II. de ſaudoſa memoria, (que venerava na Santa huma eſtimavel conſanguinea) e do meſmo Biſpo, do Provincial de S. Domingos, de toda a Religiaõ, e muitos Senhores do Reyno, precedendo todos os Sagrados ritos, beatificou ſolemnemente a Santa no anno de 1693. como conſta da Bulla, paſſada a 4. de Abril do meſmo anno, que principia: *Sacroſanĉti Apoſtolatus cura*, &c. e logo no ſeguinte anno concedeo o meſmo Pontifice, que ſe rezaſſe da Santa em todo o Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas debaixo do rito Semiduplex, para o Clero, e Regulares, que veyo a ſer Duplex para a Religiaõ Dominicana; o que conſta do Decreto da Sagrada Congregaçaõ de Ritos, paſſado a 9. de Julho do meſmo anno.

Huma, e outra conceſſaõ foraõ applaudidas com jubilos Catholicos, e feſtivos apparatos, eſpecialmente em Aveiro, e na Corte de Lisboa, em que o Convento de S. Domingos expoz hum plauſivel triduo, com aſſiſtencias Regias, e religioſas, elegantes Panegyricos, e concurſos populoſos, ſendo tudo glorioſas reſultancias do zelo, piedade, e generoſa grandeza, primeiro do eſclarecido Rey D. Pedro II. Auguſta Rainha, e devoto Biſpo Conimbricenſe, que ſem perdoar a cuidado, e diſpendio, ornaraõ os Altares do Chriſtianiſmo com mais huma Santa; accreſcentaraõ á Coroa Portugueza mais huma pedra precioſa; e fizeraõ deſcobrir no Firmamento da Religiaõ Dominica mais huma Eſtrella. Finalmente no anno de 1715. a 6. de Abril concedeo, e ordenou a Sagrada Congregaçaõ de Ritos Oraçaõ, e Liçoens proprias para o Officio da Santa, gloria dos ſeus merecimentos, e conſolaçaõ dos ſeus devotos.

Aſſim moſtrou ſempre, que o era o grande, e pio Monarcha Dom Pedro II. que foy o que venturoſamente deu a primeira Caſa (que na Chriſtandade he a unica) a eſta ſua Princeza, como deixamos eſcrito. Mas outro monumento, (que, ainda que por erigido na Caſa de Aveiro, nos offerecia nella lugar para eſta memoria, aqui o fez mais proprio a liberalidade deſte Portuguez Alexandre) nos convidou neſte lugar para que ſe veja por junto o deſempenho da ſua devoçaõ, e da ſua grandeza com a Princeza Santa, no cuidado, no diſpendio, no culto, na Caſa, e

no

no tumulo. Neſte, que lavrou á Santa na Caſa de Aveiro, com o diſpendio de doze mil cruzados, ſe levantou hum padraõ, que exporá aos olhos, e veneraçaõ da poſteridade a ſua pia, e Regia magnificencia, ſem que as mudezes dos jaſpes ſejaõ improprias á expreſſaõ de noticioſas vozes.

He o tumulo, ou Mauſoleo ſagrado (que fica no lugar do primeiro) quadrado, e alteroſo, lavrado de jaſpes finiſſimos com variedade de embutidos primoroſos, e em cada remate hum Anjo; ſobre o tumulo ſe vem as Quinas Portuguezas, e na face a Cora de eſpinhos, que a Santa eſcolheo por glorioſa empreza, e teve por eſtimavel troca. Toda a obra reſpira mageſtade, e move ſaudoſas lembranças, como urna daquella racional Fenis da virtude, da regalia, e da belleza, a que a penitencia foy aroma, a caridade pyra, e he ſegunda vida a da gloria. He o tumulo Altar de votos reverentes, refugio de affligidos miſeraveis, e manancial de ſobrenaturaes favores.

Para elle ſe trasladaraõ as ſagradas Reliquias no anno de 1711. no feliciſſimo reynado del-Rey Dom Joaõ o V. o Magnifico Noſſo Senhor; parece, que diſpondo a Divina Providencia, em beneplacito da meſma Princeza Santa, que ſe déſſe hum throno Regio ás ſuas ſagradas cinzas, quando ſobia ao ſeu hum Monarcha, que tendo o meſmo ſangue, lhe herdava com a Coroa o nome.

Foy acto mageſtoſamente feſtivo, em que ſe vio luzir a devoçaõ, zelo, e grandeza de animo do Biſpo Conde Dom Antonio de Vaſconcellos de Souſa, que por Decreto Real paſſou á Villa de Aveiro, convocando os Abbades de S. Tirſo, S. Bento de Coimbra, e os de S. Bernardo da meſma Cidade, e de Ceiça, e concluîo eſta grande funçaõ com todas as ceremonias, authoridade, e decencia, que ella pedia; permittindo o Ceo, para teſtemunhar em todo aquelle concurſo os merecimentos da ſua Princeza, hum caſo, que fez o acto mais glorioſo.

Achava-ſe a Prelada do Moſteiro de cama, com a penoſa ancia de huma febre aguda, agora mais creſcida com o preciſo embaraço de haver de faltar áquelle acto com a ſua aſſiſtencia. Propunha ella eſta impoſſibilidade, e eſta magoa ao Provincial da Ordem, (entaõ o Meſtre Frey Manoel da Encarnaçaõ, mais conhecido pelo nome de ſua Patria Pontevel) que entrara na Clauſura a diſpor o preciſo para a funçaõ proxima; e ouvindo compaſſivo a queixa da Prioreza, lhe diſſe com impulſo devoto: *Madre, ſe he Prelada d'ſta Caſa, em que a Santa Princeza foy taõ obediente ſubdita, ponha-lhe hum preceito, para que a reſtitua á ſua perfeita ſaude, para ir aſſiſtir áquelle acto como Prelada, e adorar as ſuas Reliquias como devota.* Caſo prodigioſo! que proferindo a Prioreza o preceito, ſe achou com taõ repentina, e taõ inteira melhora, que com alvoroço teſtemunhou o prodigio, e para confirmaçaõ delle deixou o leito, e foy exercitar o ſeu officio, e aſſiſtir ao acto entre os aſſombros do Moſteiro, e do concurſo, aquelle, que vio, eſte, que eſcutou o prodigio. Mayores

ſe

ſe viraõ, e experimentaraõ na devoçaõ dos Catholicos, que depois deſta trasladaçaõ vem a venerar eſte ſagrado Mauſoleo, que a incuria inveterada deſta Provincia naõ ſó deixa paſſar ſem atteſtaçaõ authentica, mas nem ainda os entrega a huma ſimplez eſcritura.

Naõ poſſo aqui deixar de admirarme da ſegurança com que algumas pennas Portuguezas, ainda que naõ muitas, e ainda eruditas, havendo de dar noticia da Santa Princeza, cahem naquella affectada ignorancia de diminutas; porque dando-lhe o nome de Princeza, lhe callaõ o de Religioſa, ſendo huma couſa, e outra iguaes para a noticia, e havendo o ſegundo de lhe ſervir de diſtintivo no primeiro.

A noticia do eſtado, que profeſſou a Santa, he huma individuaçaõ accidental, que ſingulariza aquella Princeza; com que ainda ſem ſe entrar em mais obrigaçaõ, que a de lhe expreſſar a peſſoa, ſe deve naõ preterir a circunſtancia de Santa Religioſa Dominica, titulos, que a individuaõ, e calificaõ.

A Santa Princeza foy em Jeſu de Aveiro Religioſa da Terceira Ordem Dominicana; e naõ ſe ſatisfaz ainda a noticia mais eſcaça, dizendo, que foy *Princeza*, e que *em Aveiro tem ſepultura*. Com que eſte affectado ſilencio naõ ſó condemna ao Eſcritor de pouco noticioſo, ou muito diminuto, mas ainda he injurioſo aos Breves Pontificios, como ſe póde ver nos de Innocencio XII. Diz no primeiro da Beatificaçaõ, paſſado em 4. de Abril de 1693. no corpo do Breve:

... *proceſſus ſuper ſanctitate vitæ, & virtutibus Beatæ Joannæ, Alfonſi V. dum vixit Portugalliæ, & Algarbiorum Regis illuſtris natæ, ac Religioſi Ordinis Sancti Dominici, cognomento Sanctæ Principiſſæ.*

Em outro, concedido pelo meſmo Pontifice a toda a Ordem dos Prégadores, e a todo o Reyno de Portugal, para a reza, e celebridade da Santa Princeza, diz no principio aſſim:

Coimbrien. ſeu Luſitaniæ.
Canonizationis
Beatæ Joannæ,
Filiæ Alfonſi V. Regis Luſitaniæ,
Tertii Ordinis Sancti Dominici.

Diz mais no corpo do indulto:

... *Officium, & Miſſam de Beata Joanna, Alfonſi V. Regis Filia, Tertii Ordinis Sancti Dominici.*

Vejaõ agora os Eſcritores, que fazem capricho de ſemelhantes omiſſoens, ſe ſe condemna a ſua malevolencia ſilencioſa nas vozes dos Oraculos da Igreja.

CA-

CAPITULO XXXVIII.

Dos Religioſos filhos deſta Provincia, que occuparaõ, e ſerviraõ os lugares do Conſelho Geral da Inquiſiçaõ. Aponta-ſe como os filhos de S. Domingos foraõ os primeiros, a que os Pontifices commetteraõ a fundaçaõ deſte S nto Tribunal; e as primazias, que nelle teve eſta Provincia.

EScrevemos verdades puras, conhecidas, e diſputadas, naõ para oſtentaçaõ de primazias entre as mais Familias ſagradas, (emulaçaõ odioſa, e impraticavel entre os profeſſores da humildade) mas para moſtrar a antiguidade, e eſpiritual intereſſe, com que a Religiaõ Dominicana ſervio, e ſerve fiel, e deſveladamente á Igreja. Naõ contendendo pelas mayorias, mas pelas ſervidoens, como eſcutando a reprehençaõ do verdadeiro Prelado aos primeiros ſubditos, e Religioſos, que na Monarchia Eccleſiaſtica reduziraõ a diſputas a primazia.

Facta eſt autem contentio inter eos, quis eorum videretur eſſe maior. Lucæ cap. 22. v. 24.

Eſta he a noſſa tençaõ, valendo á verdade o privilegio de o ſer, contra a ſuſpeita de referilla quem ſe authoriza com ella. Naõ he iſto querer roubar a gloria alhea, he querer apoyar a opiniaõ, que a arrezoa noſſa, paſſando-a á evidencia; ſem temor de que me digaõ, que cada hum olha para a ſua juſtiça, ſem confeſſar o que val a ſympatia de propria. Porém ſe houveramos (e com razaõ) de attender á deſigualdade dos Patronos, pareceme, que antes ſe devia eſtar pela aſſeveraçaõ de hum Pontifice, como Sixto V. que pela de hum Eſcritor, com Bſovio; naõ ſendo menos gloria para as verdades da noſſa propoſta, o ſer hum ſeu Advogado eſtranho, como Paramo, eſpecialmente em eſtabelecimentos de reputaçoens, que forçoſamente as ha de defender quem a ſi as intenta arrogar. Paramo de Origine Inquiſit. Tom 1. cap. 2. p. 98. Monarchia Luſitan. Tom. 3 p. 138.

Que Noſſo Patriarcha S. Domingos foſſe o primeiro, que com o nome de Inquiſidor ſerviſſe a Igreja, impugnaſſe, convenceſſe, e puniſſe os inimigos della, moſtra largamente, e com fundamentos ſolidos o Padre Fr. Luiz de Souſa, confutando a pertinacia (que he a ſua razaõ unica) de dous Eſcritores de huma Religiaõ grave, que ſem advertirem, que deſauthorizavaõ os ſeus primeiros Chroniſtas, eſcrevendo o que elles naõ ſonharaõ, ſe vinhaõ a deſacreditar a ſi, eſcrevendo contra o que todos ſentiaõ. Com igual evidencia convence o meſmo Chroniſta a outro oppoſitor voluntario, com o teſtemunho do Pontifice Sixto V. em que ſe vê como, ſem competencia, foy Noſſo Patriarcha o primeiro Inquiſidor por authoridade Apoſtolica de dous Pontifices, Honorio, e Innocencio, ambos Terceiros no numero. Aſſim fica ſem controverſia, que foy S. Domingos o primeiro Inquiſidor por Letras Apoſtolicas, naõ ſó contra os Albigenſes, (contra quem ſe vio, e ouvio em campanha aſſim guerreira, como literaria) mas para todos os Reynos da Chriſtande, como aponta Fontana. Fontana Monum. Domin. 1. p. c. 1. n. 1220. Param. Boroxenſe l. 2. Biovi.

Feito primeiro Inquiſidor Geral Noſſo Santo Patriarcha, (já independente do Legado do Pontifice, condiçaõ, com que primeiro o fora) entrou nas fun-da-

daçoens dos Tribunaes com a meſma authoridade Apoſtolica de Honorio III. Fundou o primeiro em Tholoſa de França, o 2. no Delfinado, o 3 em Pariz, o 4. na Cidade de Rens, o 5. na Cidade de Avinhaõ. Aſſim em Milam, Pavia, Vercellis, Mantua, Ferrara, Breſſa, Torim, e Verona. Por morte de Noſſo Patriarcha ficou como herança a ſeus filhos, como já bem exercitados, a commiſſaõ deſta grande importancia, pelas Cabeças da Igreja. Aſſim ſeguiraõ a ſeu grande Pay com a occupaçaõ de Inquiſidores, Conrado Conſtancienſe, Prothomartyr da Ordem dos Prégadores, Provincial de Germania, e primeiro Inquiſidor Geral nella, Frey Pedro Sillano, que aſſiſtio no Concilio Lateranenſe, Frey Guillelmo Arnaldo, Frey Bernardo de Peñaforte, e Frey Garcia Aura, que perderaõ a vida victimas da Fé, Frey Robaldo de Milam, Inquiſidor de Tholoſa, Frey Pedro Veronenſe, (depois S. Pedro Martyr) que com ſeu ſangue eſcreveo o Symbolo da Fé, e eſtabeleceo o Santo Tribunal della, Frey Raynero Placentino, Frey Poncio, Frey Pagano, Frey Guilhelmo Coſta, Frey Niculao Roſeli, Frey Niculao Hymerico, Frey Niculao, e Frey Joaõ, ambos Hungaros, Biſpos, Inquiſidores, e Martyrey, Frey Antonio Pavono, e Frey Bartholomeu Cerveiro, mortos em odio da Fé, Frey Bartholomeu Podio, Frey Bartholomeu Lapaccio, Biſpo Coronenſe, que ſe achou no Concilio Florentino, Frey Conrado de Catalunha, Martyr, Frey Pedro Cadereta, Frey Pavono, e Frey Antonio Siviliano Martyres, Frey Paulo de Dalmacia, Martyr, Frey Poncio de Tholoſa Santo, Frey Joaõ Eſchenfeld, Frey Guito, de Sexto, Frey Miguel Ghislerio, depois S. Pio V. Frey Vicente de Lisboa, Portuguez, Provincial de toda Heſpanha, e Inquiſidor Geral de todos os Reynos della. (huma das primaſias deſta Provincia) Mas paſſemos aos Tribunaes, que os meſmos filhos de Domingos fundaraõ, ou regeraõ em a Chriſtande, eſpalhados por toda ella.

No que pertence á Regiaõ, que domina Italia, e ſe reparte em varias Provincias, ha em cada huma dellas ſeu Tribunal ſupremo, a que eſtaõ ſogeitos, e ſubordinados outros inferiores. Depois dos que já temos apontado, na Lombardia ſuperior ha hum Tribunal ſupremo, que eſtá em Milam, e em que foy Inquiſidor Geral S. Pedro Martyr; ſaõ lhe ſogeitos os de Breſſa, Bergamo, Como, Pavia, Novara, e Crema. Em Piemonte, Eſtados do Duque de Saboya, ha hum Tribunal ſupremo; tem ſeu aſſento em Torim; ſaõ ſeus ſuffraganeos os de Aſti, Vercelli, Mondovi, e Saluzzo. Na Marca Triviſina ha Tribunal ſupremo, que ſe fundou em Veneza, e lhe eſtaõ ſogeitos os de Verona, Vicencia, Mantua, e Ferrara. Na Liguria ha Tribunal ſupremo, que reſide em Genova, de que ſaõ ſuffraganeos os de Sena, Padua, e Triviſio. Na Marca de Ancona ha Tribunal ſupremo, que eſtá em Ancona, e tem hum ſó, ſogeito, em Peroſa. Na Romaniola ha Tribunal ſupremo, que ſe fundou em Arimíno, com hum ſó ſuffraganeo

em Faença. Na Lombardia inferior ha Tribunal ſupremo, fundado em Bolonha, depoſito ſagrado, e venturoſo do corpo de Noſſo grande Patriarcha S. Domingos; ſaõ ſeus inferiores, e ſubordinados o de Módena, Reggio, Parma, Placencia, Tortona, e Alexandria da Palha.

Em Florença ha Tribunal, fundado na meſma Cidade. Em Sicilia outro, fundado em Palermo. Em Napoles naõ ha Tribunal, ha hum Inquiſidor com nome de Commiſſario Geral, que ſempre deve ſer Religioſo Dominico. Em Alemanha ha Tribunal ſupremo, fundado em Teutonia, com trez ſuffraganeos, que ſaõ os de Dalmacia, Croacia, e Iſtria, Fundador de todos o noſſo Frey Gonçado de Vaſt. Em Hungria, e Polonia fundou os Santos Tribunaes o noſſo S. Jacintho, acabou o de Hungria, dominada eſta pelo Turco, e ficou em Cracovia o Tribunal de Polonia. Em Armenia, Ruſſia, Georgia, e Walachia fundaraõ os Tribunaes Frey Elias Petit, e Frey Joaõ Gallo, Dominicos. Nos Eſtados de Galandia foy o primeiro Inquiſidor Geral Frey Joaõ Stomach, Dominico, nelles levantaraõ os Santos Tribunaes Religioſos do meſmo habito; extinguiraõ-ſe, ſeparadas muitas Provincias da obediencia da Igreja; mas nós apontamos as fundaçoens dos Tribunaes, naõ a duraçaõ delles.

Em Bolemia, e Uratislavia houve Tribunal, fundado pelo Noſſo Santo Frey Ceslao, irmaõ de S. Jacintho. Na Armenia ſuperior fundou outro Frey Bartholomeu Pauco, Dominico. Nos Eſtados de Flandres, e Cambray fundou Tribunal Frey Roberto Coreh, Dominico. Em Tunes, e Marrocos fundou Tribunal, em tempo do Papa Honorio III. Frey Raymundo Martins, Dominico. No Reyno de Aragaõ, e Principado de Catalunha fundou o Tribunal o noſſo S. Raymundo de Peñafort, pelos annos de 1233. No Reyno de Valença fundou Tribunal Frey André Roz.

Pelos annos de 1232. occupando a Cadeira Pontificia Gregorio IX. paſſou hum Breve aos 6. dias de Mayo do meſmo anno, que começa: *Declinante jam mundi veſpere ad occaſum*, &c. em que mandava com preceito ao Arcebiſpo de Tarragona, e aos ſeus Biſpos Suffraganeos, que ou per ſi, ou por meyo dos Frades Prégadores, ou peſſoas idoneas inquiriſſem, ſe em ſuas terras havia gente infamada de hereſia. No ſeguinte anno deu o Arcebiſpo noticia do Breve ao Santo Fr. Gil Portuguez, Provincial da Ordem dos Prégadores em Heſpanha. (de todos os Conventos, que nella havia, ſe compunha entaõ huma ſó Provincia, depois ſe dividio, como hoje ſe vê; em muitas) Foraõ eſtas as primeiras letras Apoſtolicas, que vieraõ a ella, para ſe exercitar o Santo Officio, em virtude das quaes nomeou logo o Santo Provincial Religioſos ſeus para Inquiſidores. Aſſim começaraõ os noſſos Religioſos a ſervir o Santo Officio neſtes Reynos, em que por induſtria ſua ſe foraõ levantando os Santos Tribunaes, como em Caſtella, em que ſó havia Inquiſidores, até o tempo dos Reys Catholicos, fundou entaõ

Souſa. 1. p. l. 2. c. 19.

entaõ Tribunal em Cidade Real Frey Thomaz de Torquemada, Religioſo Dominico, Varaõ inſigne em letras, e ſantidade, Confeſſor dos meſmos Reys, e depois Cardeal, que ſendo o primeiro Inquiſidor Geral do meſmo Tribunal, o paſſou depois para Toledo, em que hoje reſide, devendo toda Heſpanha a eſte Varaõ o grande beneficio de lhe introduzir em ſuas terras eſte Tribunal Santo.

Paranuſ. Fernand. Biſovi. in æmuli. Fontana 1482.

No tempo dos meſmos Reys Catholicos, e por induſtria do meſmo Inquiſidor Geral Frey Thomaz, ſe fundou Tribunal em Andaluzia, em que até entaõ ſó havia hum Inquiſidor. (no tempo de Henrique IV. o era o Meſtre Frey Alonſo de Oxeda, Dominico) Foraõ ſeus primeiros Inquiſidores Frey Miguel de Murillo, e Frey Joaõ de S. Martinho, do meſmo habito.

Finalmente nas mais remotas partes da terra penetrou o zelo dos filhos de S Domingos, ievantando o eſtendarte da Fé, e fazendo-o venerar de ſeus emulos, e inimigos, como foy nas partes da Ethiopia Oriental, que chamaõ do Preſte Joaõ, adonde ſe fundaraõ dous Tribunaes por dous Inquiſidores noſſos, hum na Cabeça do Imperio do Abexim, pelo noſſo Santo Frey Pantaleaõ Abexim, outro em Nabia por Frey Bartholomeu de Tibuli, da meſma naçaõ, tambem Dominico, e aclamado por Santo em todo aquelle vaſto Imperio.

Razi Chronica de S. Domingos folhas 299. Paramo l. 2. de origine Inquiſ. 2. c. 19. folhas 837.

A eſtes dous Inquiſidores Geraes ſe ſeguiraõ outros com o meſmo cargo, celebres pelo zelo, pela ſantidade, e pelo martyrio. Foraõ elles Frey Thacleay Manotho, illuſtre por geraçaõ, mais por virtudes, e milagres. Frey Thaclavareth, ſobrinho do Preſte Joaõ, de vida ſanta, milagroſa, e coroada com o martyrio. Frey Filippe, (filho de Glareacas, Rey de Sceval no Imperio do Abexim) Varaõ em todo elle reconhecido por Santo, dotado de valor Apoſtolico, e laureado com o martyrio, todos trez Religioſos de S. Domingos, filhos do Convento de Blurimanos. Suas vidas prodigioſas, ainda que breves, e recopiladas, podem ler os curioſos em Frey Joaõ dos Santos. E temos tocado em geral o que pertence á fundaçaõ do Santo Tribunal em toda a Chriſtandade, e de alguns Religioſos noſſos, Miniſtros delle, por naõ ſer do noſſo Inſtituto tratar de todos em huma noticia taõ recopilada; paſſemos ao que mais propriamente pertence á promettida.

Fr. Joaõ dos Santos Ethiopia Oriental l. 1. cap. 9. e cap. 10.

CAPITULO XXXIX.

Continua-ſe a materia precedente; e huma recopilaçaõ da fundaçaõ do Tribunal do Santo Officio no Reyno de Portugal.

COrria o anno de 1397. quando attendendo ao bem de Heſpanha o Papa Bonifacio IX. quiz inſtituir hum Inquiſidor Geral, que defendeſſe eſtes Reynos da peſte da hereſia, que por toda a Chriſtandade ſe eſpalhava pelos rebeldes á Igreja. Vivia por eſtes annos o Meſtre Fr. Vicente de Lisboa, Provincial da Ordem dos Prégadores em toda Heſpanha, peſſoa de grande reputaçaõ em letras, e virtudes em toda ella, como Con-

feſſor, e Prégador delRey Dom Joaõ o I. Neſte Varaõ, que levara as attençoens á melhor parte de Europa, poz o Pontifice os olhos, e quiz deſcançar aquelles cuidados, com que o deſvelava huma tal importancia. Fello Inquiſidor Geral, primeiro de Portugal, e Algarves, depois em todos os Reynos de Heſpanha, como conſta do Breve do meſmo Pontifice, paſſado em Julho de 1403. e diz aſſim:

Dilecto filio Vincentio de Lixbona Ord. Fratrum Præd. Sal. & Ap. bened.

Inter ſollicitudines varias, &c. quem dudum in Hiſpaniæ, Portugalliæ, & Algarbii Regnis hujuſmodi pravitatis Inquiſitorem deputavimus, ipſiuſque Inquiſitionis officium in hujuſmodi Regnis laudabiliter exercuiſti, prout exerces ad præſens, ſcies, & poteris per tuæ diligentiæ, & ſollicitudinis ſtudium, etiam de tota Provincia Hiſpaniæ hujuſmodi labem extirpare: te Inquiſitorem hæret. pravit. etiam in eadem Provincia authoritate Apoſtolica conſtituimus, &c. tibi per Apoſtolica ſcripta mandantes in remiſſionem peccaminum diſtrictius injungentes, quatenus in Regnis, & Provincia prædictis, omni timore poſtpoſito, præfatum Inquiſitionis officium, prout hucuſque exercuiſti illud in Regnis prædictis &c. ut per tuæ ſollicitudinis providentiam, Herbæ, Arbores, Lapides, Altaria, & alia ad Idolatriam pertinentia, & radix pravitatis hæreticæ exinde penitùs evellantur, &c.

Do que ſe collige, que foy o Meſtre Frey Vicente o primeiro Inquiſidor Geral, que teve Portugal, em que fundou eſte Tribunal Santo, ainda que naõ na fórma, em que depois ſe poz, e agora o vemos. Depois obrou o meſmo em toda Heſpanha. Nem embaraça ao Meſtre Frey Vicente a primazia de Inquiſidor Geral em toda Heſpanha a commiſſaõ, que Clemente V. mandou pelos annos de 1308. aos Inquiſidores de Portugal (ſem duvida Religioſos Dominicos) para ſe acabarem de extinguir os Templarios; porque aquelles naõ eraõ Inquiſidores Geraes. Fontana an. 1308.

Falecido o Meſtre Frey Vicente de Lisboa pelos annos de 1401., paſſou o meſmo Pontifice Bonifacio hum Breve ao Provincial de Heſpanha, da Ordem dos Prégadores, que foſſe *pro tempore*, (governava por

Os Provinciaes da Ordem dos Prégadores Inquiſidores Geraes.

por eſtes tempos hum ſó as Provincias de Portugal, Andaluzia, e Caſtella) para que com authoridade Apoſtolica podeſſe eleger, e confirmar Inquiſidores, que exercitaſſem o pertencente ao Santo Tribunal, com declaraçaõ, que os ditos Provinciaes eleitores podeſſem em preſença dos Inquiſidores eleitos diſpor, e reſolver o que julgaſſem mais conveniente; e aſſim vinhaõ a ficar os noſſos Provinciaes com juriſdiçaõ, e poder de Inquiſidores Geraes. O Breve ſe guarda no Cartorio da Batalha, adonde entaõ devia reſidir o Vigario Geral, que governava as Caſas de Portugal, a quem ſem duvida foy concedido o Breve, porque Caſtella por eſte tempo eſtava em ciſma, reconhecendo o Antipapa Clemente, e naõ a Bonifacio Pontifice legitimo; e naõ he crivel, que o Pontifice concedeſſe a quem o naõ reconhecia, huma occupaçaõ de tanta honra, e tal importancia para a Igreja; circunſtancia, de que ſe tira outra ſingularidade para eſta Provincia. Diz aſſim o Breve:

Bonifacius in perpetuam rei memoriam.

Breve de Bonifacio IX. aos Provinciaes da Ordem dos Prégadores.

Sedis Apoſtolicæ providentia circunſpectans hæreticæ pravitatis labe reſperſos, quorum nequitia ſerpit ut cancer, ne in aliorum perniciem ſua venena diffundant, remedium libenter adhibet opportunum, ut exinde negotia Catholicæ Fidei evulſis omnino, & eradicatis erroribus proſperentur, ac Fides ipſa fortius invaleſcat. Cùm itaque ſicut accepimus, quondam Vincentius de Lisbona, Ordinis Fratrum Prædicatorum profeſſor, olim in Provincia Hiſpaniæ Inquiſitor hæreticæ pravitatis, per dictam Sedem deputatus extra Romanam Curiam fuerit vita functus, nos affectantes ad hujuſmodi negotium Fidei ibidem efficaciter promovendum continuè talem deputare perſonam, cujus honeſta converſatio exempla tribuat puritatis, ejuſque labia erudita doctrinam fundant ſapientiæ ſalutaris, ut ejus miniſterio omne frumentum exinde labis hujuſmodi expurgetur; authoritate Apoſtolica tenore præſentium ex certa ſcientia ſtatuimus, & etiam ordinamus, quod ex nunc, & de cætero, perpetuis futuris temporibus, Provincialis Provinciæ Hiſpaniæ ſecundum morem prædicti Ordinis, qui nunc eſt, & pro tempore fuerit, ibidem Inquiſitorem hæreticæ pravitatis hujuſmodi, prout ei ſecundum Deum viſum fuerit expedire

autho-

authoritate Apoſtolica, quoties expedierit, deputare: ac hujuſmodi Deputatum, ſicut quoties ſibi videbitur, ab hujuſmodi officio removere, & alium loco ſuo ſubrogare. Ac etiam Inquiſitionis officium hujuſmodi quoties ſibi placuerit, tam in abſentia, quàm in præſentia Deputati hujuſmodi pro tempore exercere poſſit, & debeat; qui quidem Deputatus pro tempore in hujuſmodi negotio Inquiſitionis procedere valeat, tam ſecundum indulgentias, & privilegia Inquiſitoribus pravitatis ejuſdem, dicta authoritate Apoſtolica deputatis, ſeu officia Inquiſitionis hujuſmodi exercentibus ab eadem Sede conceſſa, quam etiam ſecundùm Canonicas Sanctiones diſtrictiùs inhibentes quibuſcumque perſonis Eccleſiaſticis, & mundanis, quorum intereſt, vel intererit quomodolibet in futurum, ne Provincialem, & Deputatum hujuſmodi pro tempore ſuper his contra præſentium tenorem impedire, ſeu moleſtare quoquo modo præſumant: ac decernentes ex nunc irritum, & inane, ſi ſecus ſuper his à quoquam, quamvis authoritate, ſcienter, vel ignoranter, contigerit, attentari. Pro hujuſmodi autem deputatione, ut præmittitur faciendam locorum Ordinariis, quominus Chriſti Inquiſitionis officium ſuper labe prædicta, prout volunt dictæ Canonicæ Sanctiones exercere valeant, & quibuſcumque privilegiis Ordinis, vel Inquiſitoribus, ſeu officio memoratis, ſi qua ſunt eis à dicta Sede conceſſa, nullum volumus præjudicium generari. Nulli ergo omninò hominum liceat hanc paginam noſtri ſtatuti, ordinationis, & voluntatis infringere, vel ei auſu temerario contraire. Siquis autem hoc attentare præſumpſerit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri, & Pauli Apoſtolorum ejus ſe noverit incurſurum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum, Kalendis Februarii, Pontificatus noſtri anno decimo tertio.

Eſſe

Eſte Breve ſe praticou depois na peſſoa do Meſtre Frey Luiz de Valliſoleto, (Confeſſor delRey Dom Joaõ II. de Caſtella) que por ſeu mandado aſſiſtio no Concilio Conſtancienſe. Era eſte Padre o que entaõ tinha o governo, e ficou ſendo Inquiſidor Geral de toda Heſpanha, como o fora o Meſtre Frey Vicente de Lisboa. Depois, correndo o anno de 1419. achamos (naõ conſta o motivo da diviſaõ) Inquiſidor Geral ſó dos Reynos de Portugal o Meſtre Frey Joaõ de Santa Juſta, filho de Coimbra; e naõ ficou mais memoria neſta materia até o anno de 1541. dos nomeados, correndo a nomeaçaõ nos Provinciaes.

Fontan. in monum. Domin. an. 1419.

Reynando por eſtes annos em Portugal elRey Dom Joaõ o III. Monarcha piedoſo, deſvelado no augmento da Fé, como na refórma da Religiaõ, exercicios, em que foy outro Numa Portuguez, reproduzio neſtes Reynos o Santo Tribunal, renovando-o, e pondo-o na fórma, que agora ſe vê, por conſelho dos Meſtres Frey André de Reſende, ſeu Prégador, e Frey Franciſco de Bobadilha, Confeſſor da Rainha Dona Catharina ſua mulher; eſte Heſpanhol, aquelle Portuguez, ambos Dominicos. Propuzeraõ a elRey para exemplar do que emprendia, a fórma, e diſpoſiçaõ do Tribunal de Heſpanha, fundado pelo Meſtre Torquemada, de que já fica noticia, e he a que até o preſente ſe obſerva neſte Tribunal Santo de Portugal. Aſſim foy a reproducçaõ, e nova fórma delle pelos annos de 1541.

Fontan. an. 1551.

No de 1542. a teve tambem o Santo Tribunal de Roma. Tinhaõ os noſſos Geraes, por authoridade Apoſtolica, poder para nomearem Inquiſidores Geraes para toda a Chriſtandade; o que exercitaraõ até o Pontificado de Paulo III. Diſpoz eſte Pontifice na Curia o Santo Tribunal (como ſe vê hoje) na Congregaçaõ de ſeis Inquiſidores Cardeaes, a que ſe paſſou toda a juriſdiçaõ, que tinhaõ os Meſtres Geraes da Ordem dos Prégadores. Levantado eſte Tribunal, elegeo a Congregaçaõ dos Eminentiſſimos Miniſtros inferiores a ella, como Commiſſario Geral do Santo Officio, que o foy logo o Meſtre Theophilo de Torpea, e ſe conſerva ſempre em hum Meſtre da Ordem dos Prégadores. Eſte reſide no Palacio da Inquiſiçaõ com hum Adjunto, e dous companheiros, todos Meſtres em Theologia da meſma Ordem. Alli tem Tribunal, em que preſide, e faz Congregaçaõ á ſegunda feira, e uſa de poder de juſtiça.

Inſtituîo depois o meſmo Paulo III. cinco Theologos Conſultores do meſmo Tribunal ſupremo, para todos os caſos, e reſoluçoens delle; e o primeiro he ſempre o Meſtre Geral da Ordem dos Prégadores, o ſegundo o Meſtre do Sacro Palacio, tambem da Ordem, e tambem perpetuo. Faz-ſe eſta Congregaçaõ dos Eminentiſſimos á quinta feira, e entra na Meſa o Commiſſario Geral; o lugar he a cella do Meſtre Geral da Ordem. Sendo-o o Meſtre Juſtiniano, mandou continuar junto a ella grandes, e eſpaçoſas ſalas para eſta funçaõ. Feita ella no dia, que diſſemos, vay o

Com

Commiſſario Geral dar parte ao Pontifice do que ſe obrou na Meſa; funçaõ, que tambem faz o Meſtre Geral, a que o Papa dá audiencia huma vez na ſemana. Neſta Congregaçaõ, e Tribunal do Santo Officio dos Eminentiſſimos ſe elegem Inquiſidores para toda a Chriſtandade, exceptos os Tribunaes independentes, como o noſſo de Portugal: e tornando a elle.

Depois de levantado na fórma, em que hoje continúa, teve primeiro ſeu aſſento em Evora; depois ſe fez ſegundo em Lisboa; depois em Coimbra; e ultimamente no Oriente na Cidade de Goa. Todos eſtes quatro Tribunaes eſtaõ debaixo da juriſdiçaõ de hum Inquiſidor Geral, que nomea os Inquiſidores, e Deputados para todos. Ha no Tribunal de Lisboa (que he a Cabeça a reſpeito dos trez, e lugar, em que aſſiſte o Inquiſidor Geral) duas Meſas; a Meſa Grande, a que chamaõ o Conſelho Geral; e a Meſa Pequena; os Miniſtros do Conſelho Geral ſaõ tambem do Conſelho delRey, e ſaõ ſeis em numero, hum he ſempre Religioſo Dominico. Occupa hoje eſte lugar o Padre Frey Domingos da Encarnaçaõ. Na Meſa Pequena ha trez Inquiſidores, (e aſſim he nos Tribunaes de Evora, e Coimbra) donde ha ſó eſta Meſa, em que ſe explicaõ os lugares com o nome de Cadeiras. Os Deputados naõ tem numero certo; ſempre houve, e ha entre elles Religioſos Dominicos. Ao preſente ha trez, o Meſtre Frey Antonio Pacheco em Lisboa, o Meſtre Frey Joaõ Bautiſta em Evora, o Meſtre Frey Rodrigo de Alencaſtre em Coimbra. Diſpoem-ſe os Deputados para paſſar ao Conſelho ſupremo, havendo lugar vago. Tem o Conſelho Geral exercicio dous dias na ſemana, ás terças, e ás ſeſtas. A Meſa Pequena toda a ſemana, exceptos os dias Santos, e alguns feriados. Em huma, e outra Meſa deſte Tribunal ſaõ todos os Miniſtros peſſoas de vida exemplar, ſogeitos doutos, e pela mayor parte das boas calidades do Reyno, e ſempre das melhores o Inquiſidor Geral; lugar, que (quando iſto eſcrevemos) occupa Nuno da Cunha, Biſpo Capellaõ môr.

Tem mais eſte Tribunal Miniſtros inferiores, a que chamaõ Commiſſarios do Santo Officio, que reſidem nas terras principaes do Reyno, em que naõ ha Tribunal; a eſtes ſe commettem as importancias deſte. Por todas as Religioens tem ſeus Conſultores, para o que ſe offerecer de pareceres; ſaõ eſtes tambem Revedores dos livros, e papeis, que ſe imprimem no Reyno, ou vem de alguns, em que naõ ha Tribunal de Inquiſiçaõ. Deſtes he ſempre grande o numero, que ha na Religiaõ de S. Domingos, e ſaõ pela mayor parte tantos, quantos ſaõ os graduados. No Convento de S. Domingos de Lisboa tem o Tribunal perpetuamente dous, porque paga ordenados. Todos eſtes ſaõ peſſoas de opiniaõ em letras.

Tem mais eſte Tribunal outros Miniſtros inferiores, como Advogados, Meirinhos, Carcereiros, Porteiros, e Continuos, todos Chriſtãos velhos, e bem procedidos, a que ſe tiraõ exactas informaçoens, como

aos

aos Familiares, que naõ tem numero certo, e saõ aquelles, que justificados, e reconhecidos por Christãos velhos, se admittem debaixo da protecçaõ do Tribunal, que se val delles para as prizoens dos delinquentes. Esta he a disposiçaõ, e fórma deste Tribunal Santo, Oraculo da Fé, propugnaculo da Ley Evangelica, escudo da Igreja Catholica, Escola da verdade, freyo da heresia, e flagello do Judaismo. Este o a que se deve o conservarse neste Reyno a Fé pura; o que naõ succede em outros, em que falta este braço, e esta maõ da espada de Deos, a que devemos os Portuguezes dar infinitas graças, por querer, que os nossos Monarchas fossem defensores da sua honra, levantando nestes Reynos este sagrado Propugnaculo, para fazer guerra a seus inimigos; de que Nosso Patriarcha S. Domingos terá singulares graos de gloria, como o primeiro, que lançou a pedra, e depois continuou a fabrica desta inexpugnavel Torre, que coroa as muralhas da Igreja.

Posto este Tribunal Santo nesta fórma, que he a em que hoje continúa, o primeiro Inquisidor Geral, que se nomeou, foy Dom Frey Henrique, Religioso de S. Francisco da Provincia da Piedade; mas eleito pouco tempo depois Arcebispo de Braga, entrou no lugar o Cardeal Dom Henrique, irmaõ del-Rey Dom Joaõ o III. a quem succedeo na Coroa. Era o Cardeal zeloso, naõ lhe esqueceraõ as obrigaçoens do cargo, entrou em cuidados de eleger, e nomear Inquisidores; e como naõ desconhecia, que o Santo Tribunal tivera sua origem em S. Domingos, o muito, que tinhaõ trabalhado seus filhos pelos augmentos delle, e que a jurisdicçaõ, e poder de nomear Inquisidores, tinha andado nestes Reynos nos Provinciaes da Ordem, como tambem nos Geraes della em Roma, a respeito de toda a Christandade, attendendo a tudo, nomeou para Inquisidores quatro Religiosos Dominicos; ainda que ao mesmo tempo escolheo dous de duas Religioens distintas, e benemeritas.

Dos quatro Dominicos foy o primeiro o Mestre Frey Jorze de Santiago, que depois foy Bispo de Angra; nomeou-o o Cardeal em 10. de Novembro de 1540., e foy o segundo Inquisidor, que teve este Tribunal Santo, depois de instituido. O segundo foy o Mestre Frey Jeronymo de Azambuja, chamado vulgarmente o Oleastro, grande, e celebre Escritor; elegeo-o o mesmo Cardeal em 2. de Setembro de 1552. Inquisidor no Tribunal de Evora, e depois no de Lisboa. O terceiro foy o Mestre Frey Bernardo da Cruz, que foy Bispo de S. Thomé, e mandando-o o mesmo Cardeal Dom Henrique levantar, e instituir o Santo Tribunal na Universidade de Coimbra, foy nelle o primeiro Inquisidor. O quarto foy o Mestre Frey Manoel da Veiga, a que o mesmo Cardeal nomeou Inquisidor para o Tribunal de Evora, aos 10. de Outubro de 1566. Depois o foy em Coimbra, e ultimamente em Lisboa.

Fontana an. 1541. Paramo.

Fr. Antonio de Sousa nos Aforism. Sousa nos Aforism. e Frey Luiz de Sousa. 1. p. l. 6. cap. 37.

Sousa nos Aforism. Fr. Luiz de Sousa. 1. p. l. 3. c. 36.

Fontana ubi sup.

Sousa ubi supra.

Fr. Luiz 1. p. l. 3. c. 37.

Depois correndo o anno de 1614., e governando estes Rey-

nos Filippe II. nelles, III. em Caſtella, attendendo ao que a Religiaõ de S. Domingos tinha obrado neſte Tribunal Santo, com incançavel zelo na defenſaõ da Fé, extirpaçaõ das hereſias, e Judaiſmo, houve por bem conceder (como primeiro muito de antes merecido, e logrado) a eſta Provincia hum lugar perpetuo no Conſelho Geral do meſmo Tribunal, mercê, que já fizera á Provincia de Caſtella, benemerita do meſmo premio, como incançavel no meſmo exercicio. Foy feita a mercê, e eſcrita a carta para ella ao Inquiſidor Geral Dom Pedro de Caſtilho, no Eſcurial, a 23. de Setembro de 1614. anda lançada na terceira parte da Chronica, e ſe mandou reſiſtar na Torre do Tombo deſtes Reynos, por Diogo de Caſtilho Coutinho, que entaõ era Guarda môr della, no livro das doaçoens delRey Dom Joaõ III. a folhas 186. Aqui a repetimos como em lugar proprio, e parte eſſencial do que vamos eſcrevendo; diz aſſim:

Fr. Luiz de Souſa. 3. p.

Carta del-Rey.

Por ElRey. Ao Reverendo Biſpo Dom Pedro de Caſtilho, do ſeu Conſelho de Eſtado, ſeu Capellaõ mór, e Inquiſidor Geral. Eu elRey vos envio muito ſaudar. Havendo reſpeito a que a principal obrigaçaõ do Inſtituto da Ordem de S. Domingos dos Prégadores he a defenſaõ da verdade de noſſa Santa Fé Catholica, e extirpaçaõ das hereſias, em que os Religioſos da dita Ordem ſe empregaõ ſempre com o cuidado, e zelo, que he notorio, e pela particular devoçaõ, que eu tenho: Hey por bem de lhe fazer mercê de hum lugar perpetuo no Conſelho do Santo Officio da Inquiſiçaõ deſta Coroa, aſſim como neſta lho concedi agora; e pela boa informaçaõ, que me foy dada das letras, e virtude do Meſtre Frey Manoel Coelho, tendo tambem conſideraçaõ ao tempo, que ha, que ſerve de Qualificador do Santo Officio, o nomeyo para o dito lugar do Conſelho delle, e vos encomendo, e encarrego muito, que em conformidade deſta reſoluçaõ ordeneis, que ſe paſſem logo os deſpachos neceſſarios, para elle haver effeito, e me venhaõ a aſſinar. Eſcrita em S. Lourenço, a 23. de Setembro de 1614.

Deu-

Deu-ſe logo poſſe, em virtude deſta ordem, ao Meſtre Frey Manoel Coelho, do lugar do Conſelho Geral, aos 30. de Outubro do meſmo anno, ſendo Inquiſidor Geral Dom Pedro de Caſtilho; e aſſim ſe foy, e vay continuando até o preſente nos Religioſos de S. Domingos, naõ faltando contradiçoens, e embaraços, contra que prevalecem a juſtiça, e a razaõ, ſempre favorecidas do zelo, e benevolencia dos noſſos Monarchas. Foy o Meſtre Frey Manoel Coelho Provincial deſta Provincia de Portugal, Prégador dos dous Reys Filippe I. e II. peſſoa de grande reputaçaõ em letras, e reſórma de vida. Paſſou no anno de 1617. a o Tribunal de Evora.

Souſa nos Aforiſm.

O ſegundo, que occupou o lugar, foy o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioſo, antes herdeiro da Caſa, que trocou pela mortalha Dominicana. Fora primeiro Deputado no Tribunal de Lisboa, depois Biſpo de Viſeu, grande Theologo, como dizem os ſeus eſcritos, grande Religioſo, e grande Prelado, como ſe póde ver neſtes noſſos. O terceiro, que occupou o lugar, foy o Meſtre Frey Antonio de Souſa, aos 8. de Junho de 1626. ſendo Inquiſidor Geral D. Fernando Martins Maſcarenhas. Foy o Meſtre Frey Antonio illuſtre por naſcimento, muito mais por ſuas letras, teſtemunhas ſaõ as ſuas obras. Foy o quarto, que occupou o lugar, o Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, ſendo Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, pelos annos de 1632. Foy o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, conhecido, e venerado, naõ ſó na Corte Portugueza, mas em todas as de Europa, pelas grandes qualidades de virtude, letras, e ſangue. Foy Provincial da Provincia de Portugal, Prégador del-Rey Dom Joaõ o IV. Reformador da Univerſidade de Coimbra, recuſou duas Mitras neſte Reyno, e faleceo com opiniaõ de Santo. Já ſua vida nos deu mais largo aſſumpto neſte livro.

4. p. l. 1. cap. 8.

Neſte livro c. 14.

O quinto, que occupou o lugar, foy o Meſtre Frey Pedro de Magalhaens, que primeiro foy Deputado nos Tribunaes de Evora, e Lisboa. Nomeou-o o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, no anno de 1652. Foy o Meſtre Frey Pedro de grande authoridade por letras, procedimento religioſo, e naſcimento. Succedeo-lhe no lugar o Meſtre Frey Valerio de S. Raymundo, Provincial que foy deſta Provincia, e Biſpo de Elvas. Nomeou-o o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Veriſſimo de Lancaſtro, depois de ter ſido Deputado nos Tribunaes de Evora, e Lisboa. Vagando o lugar, nomeou para elle o meſmo Inquiſidor Geral a Dom Frey Manoel Pereira, Biſpo do Rio de Janeiro, Secretario de Eſtado, e Provincial que fora deſta Provincia de Portugal, querendo, que o Biſpo occupaſſe o lugar da Religiaõ, viſto ſer Religioſo da Ordem; o que reſiſtido, e inſtado pelos Prelados della, conſultou o meſmo Inquiſidor Geral o ponto com os Lentes da Univerſidade de Coimbra, e foy-lhe reſpondido, que em conſciencia devia nomear para o lugar (ſuppoſto eſte era Biſpo) outro Religio-

ligioſo; o que fez logo na peſſoa do Meſtre Frey Vicente de Santo Thomaz, que fora Deputado do Tribunal de Evora.

Vago o lugar por morte do Meſtre Frey Vicente, eſteve ſete annos ſem provimento, irreſoluto, e perplexo o meſmo Cardeal Inquiſidor Geral Dom Veriſſimo, com os muitos ſogeitos (como elle dizia) benemeritos da nomeaçaõ, tempo, em que o colheo a morte; ſuccedeo-lhe no lugar de Inquiſidor Geral ſeu irmaõ Dom Joſeph de Lancaſtro, Biſpo de Leiria, que tomando poſſe, nomeou logo para os trez Tribunaes de Lisboa, Evora, e Coimbra trez Deputados Religioſos de S. Domingos, a ſaber para Coimbra o Meſtre Frey Manoel Veloſo, para Lisboa o Meſtre Frey Gonçalo do Crato, e para Evora o Meſtre Frey Antonio Pereira, que já em Goa havia tido eſta occupaçaõ. Suſpendeo o provimento do lugar do Conſelho General; e querendo annos depois fazello em ſogeito fóra da Religiaõ, com promeſſa de que depois daria o primeiro lugar, que vagaſſe, á Ordem, em lugar do ſeu, que entaõ lhe intentava prover em ſugeito de fóra, ſe queixaraõ os Prelados, e Meſtres della a el-Rey Dom Pedro II. que attendendo á juſtiça da queixa, e á mercê feita pelos Reys antepaſſados, e continuada por mais de oitenta annos nos Religioſos de S. Domingos, mandou ao Biſpo Inquiſidor Geral, que nomeaſſe ſogeito da Religiaõ, digno do lugar; o que fez o Inquiſidor na peſſoa do Meſtre Frey Gonçalo do Crato, neſte tempo Deputado no meſmo Tribunal; e aceita a nomeaçaõ por elRey, entrou o Meſtre Deputado no lugar em 13. de Junho de 1697. Eſtá lançada eſta reſoluçaõ na Secretaria de Eſtado, no livro do reſiſto dos deſpachos, que ſe expedem para o Conſelho Geral do Santo Officio, folhas 10. v. 5. Diz aſſim a reſoluçaõ delRey: *Approvo eſtas nomeaçoens, e mando paſſar o deſpacho para ſe paſſarem as cartas. E como a Religiaõ de S. Domingos he taõ benemerita ao Santo Officio, e lhe tem feito tantos ſerviços, o Biſpo Inquiſidor Geral me conſultará logo o ſogeito, que nella lhe parecer mais digno de ſer provido no lugar do Conſelho Geral: e quando vagar algum dos lugares de Clerigos, ſe extinguirá o que agora ſe prove de mais. Lisboa 24. de Mayo de 697.*

Por morte do Meſtre Frey Gonçalo do Crato tornou o lugar a cahir em ſemelhantes irreſoluçoens ás que precederaõ ao ſeu provimento; aſſim ſe retardou outra vez á Religiaõ alguns annos, em que chegou a morte do Biſpo Inquiſidor Geral, mas tinha já feita a nomeaçaõ (que depois de ſua morte ſe publicou) na peſſoa do Padre Frey Domingos da Encarnaçaõ, que neſte tempo era Deputado no Tribunal de Evora. Aſſim paſſou para o Conſelho Geral, em que aſſiſte quando iſto eſcrevemos.

Reſta-nos a noticia dos lugares do Tribunal da India, occupados pelos Religioſos de S. Domingos, por mercê, e graça feita á Ordem pelos Senhores Reys deſte Reyno, e Inquiſidores Geraes delle, com os olhos no zelo, que ſempre acha-

acharaõ na familia Dominica, para ſervir, e defender a Igreja. Foy hum dos Religioſos o Preſentado Frey Thomaz Pinto, mandado para Inquiſidor do Tribunal de Goa por elRey Filippe I. em Portugal, e nomeado pelo Inquiſidor Geral Dom Jorze de Almeida, em 6. de Outubro de 1586. Exercitou o cargo, como ſe eſperava de ſua vida, e zelo. Seguioſe-lhe o Meſtre Frey Gaſpar de Mello, que occupou o meſmo lugar, mandado, e nomeado pelo meſmo Rey, e pelo meſmo Inquiſidor Geral em 18. de Setembro de 1588. Depois, correndo o anno de 1672. occupou o meſmo lugar de Inquiſidor o Meſtre Frey Lucas da Cruz, que foy Vigario Geral da India. Os ultimos, e mais chegados a eſte tempo, em que eſcrevemos, foraõ o Meſtre Frey Thomé de Macedo, que foy Vigario Geral da Congregaçaõ, e zeloſo Reformador della, como incançavel na occupaçaõ de Inquiſidor. Foy filho da Congregaçaõ, faleceo na perdiçaõ da nao Noſſa Senhora da Ajuda, vindo para eſte Reyno. Foy o outro o Meſtre Frey Manoel da Aſcenſaõ, filho da Provincia de Portugal; nomeou-o o Inquiſidor Geral Dom Joſeph de Lancaſtro em Fevereiro, pelos annos de 1694. voltando para eſte Reyno, faleceo nelle brevemente em 28. de Dezembro de 1701.

Seuſa. Aforiſmo Fr. Luiz 1. p. l. 3. cap. 7.

Affonſo Fernandes Hiſtor. Eccleſiaſt. cap.

Fr. Luiz 3. p l. 4. cap. 7. Fontan. an. 1672.

Eſtas ſaõ as noticias baſtantes a provar a razaõ, com que os Monarchas naturaes Senhores deſtes Reynos, ou Governadores delles, como foraõ os de Caſtella, puzeraõ no lugar do Santo Officio os Religioſos de S. Domingos; ſendo eſte grande Patriarcha o primeiro Fundador delle, ſeus filhos incançaveis Miniſtros, que continuos defenſores da Fé lhe tingiraõ com ſeu ſangue o Eſtendarte, com ſuas letras o arvoraraõ ſempre triunfante das hereſias, contra quem por todo o Mundo continuaõ a guerra com os eſcritos, com as controverſias, com as perſuaſivas, como no tempo, que iſto eſcrevemos, ſe ſabe neſta Corte de Lisboa, em que Frey Rodulfo de Santo Thomaz, Religioſo Dominico, de naçaõ Hollandez, tem reduzido, e tirado das garras do demonio perto de oitenta Hereges proteſtantes, (que eſtaõ neſte Reyno, por razaõ do contrato) que elle meſmo ſacramentou na Igreja de S. Domingos, Convento, em que aſſiſte por Capellaõ, e Confeſſor dos Alemaens. O Padre Meſtre Frey Manoel da Madre Deos, que hoje vive no noſſo Convento do Porto, com a occupaçaõ de Commiſſario, e Qualificador do Santo Officio, tem com o meſmo zelo convertido á noſſa Santa Fé trinta e quatro Hereges de differentes naçoens do Norte. Naõ negamos com tudo, que nos Santos Tribunaes teveraõ os Religioſos de S. Domingos, por muitas vezes (das outras Religioens Sagradas) Coadjutores zeloſos neſte exercicio, naõ baſtando a execuçaõ delle neſta fórma, para lhe tirar a propriedade, e a primazia.

CA-

CAPITULO XL.

Dos Religioſos de S. Domingos, pertencentes a eſta provincia, e que nos Reynos, e Conquiſtas de Portugal mereceraõ Mitras, como dos que ſe eſcuſaraõ a ellas.

NAõ deu ſó o Patriarcha S. Domingos (alcançando-o de Deos, como prometteo á ſua Familia na ſua ultima hora) o esforço de eſpirito a ſeus filhos, para perſeguir, e triunfar do lobo infernal, como Paſtores robuſtos, e deſtemidos; mas tambem lhes communicou a vigilancia, prudencia, e deſvelo, para governar o rebanho de Chriſto. Naõ ſó participaraõ eſtes filhos daquelle Pay illuſtre as virtudes, e qualidades de verdadeiros Paſtores, contendendo, como David, com as ſacrilegas arrogancias de Goliad; mas conduzindo, como Moyſés, as ovelhas até o monte da Viſaõ, pelo deſerto do Mundo, com o baculo do ſeu exemplo. Eſtes foraõ os Prelados, e Principes, que da Religiaõ de S. Domingos paſſaraõ a occupar as Cadeiras da Igreja; aſſim depois dos Miniſtros do Tribunal da Fé apontaremos nos Arcebiſpos, e Biſpos os cultores della, quanto ao que pertence a eſta Provincia, Reyno de Portugal, e Conquiſtas, tirando-os das Hiſtorias, e Chronica della, para mais facil noticia dos que a deſejarem neſta materia.

Foy o primeiro, quanto aos Arcebiſpos, Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, Arcebiſpo de Braga, Primaz das Heſpanhas, filho de Lisboa, e gloria della, como deſta Provincia, Varaõ veneravel, e illuſtre em letras, mais em ſantidade. Em ſua Beatificaçaõ ſe trabalha ao preſente. Foy nomeado pela Rainha Dona Catharina, Regente deſtes Reynos por morte delRey Dom Joaõ III. ſeu marido. O ſegundo Dom Frey Domingos de Guſmaõ, filho natural do Duque de Medina Sidonia, e primo delRey de Portugal Dom Pedro II. Foy nomeado pelo meſmo Rey Biſpo de Leiria, e pouco depois Arcebiſpo de Evora.

Quanto aos Arcebiſpos da India Oriental. Dom Frey Ambroſio foy Arcebiſpo de Cranganor, e Meliapor, pelos annos de 1526. reynando em Portugal Dom Joaõ o III. Foy eſte Prelado incançavel na refórma, e augmento daquella Chriſtandade, que ficou do Apoſtolo S. Thomé; faleceo com grande opiniaõ de ſantidade. Dom Fr. Jorze Themudo foy Arcebiſpo de Goa, promovido por elRey Dom Joaõ III. da Cadeira Epiſcopal de Cochim, ſendo o primeiro, que a occupou. Seguio os meſmos paſſos, do Biſpado de Cochim, para a Cadeira Primaz de Goa, (promovido por elRey Dom Sebaſtiaõ) Dom Frey Henrique de S. Jeronymo pelos annos de 1566. foy morto com veneno em odio da Fé. D. Frey Vicente da Fonſeca foy Arcebiſpo de Goa, nomeado por elRey Dom Filippe I. deſte nome em Portugal; acompanhou a elRey Dom Sebaſtiaõ na infelice jornada de Africa, adonde ficando cativo, reduzia a alguns dos inimigos da Fé. Dom Frey Manoel Telles, Provincial, que

Fontana an. 1526.

Souſa 1. *p. l.* 3. *c.* 36. *Alonſo Fernand. Æthiop. Orient.*

Fontana an. 1582.

Souſa 1. *p. l.* 3. *c.* 6.

Hieronymo de Mendonça l. 13. *folhas* 110. *na hiſtoria deſta jornada.*

que foy da Ordem dos Prégadores na Provincia de Portugal, foy Arcebiſpo de Goa, nomeado por Filippe III. em Portutugal; faleceo na viagem, que continuava para a ſua Igreja.

Souſa 2. p. l. 2.

Hambertus Maluenda Caſtilho.

Quanto aos Biſpos. Dom Frey Sueiro o Segundo deſte nome foy Biſpo de Lisboa, reynando Dom Sancho II. ainda eſta Cadeira naõ era Archiepiſcopal, dignidade, que teve no anno de 1330. Dom Frey Roberto foy o primeiro Biſpo no Reyno do Algarve. Occupou a meſma Cadeira Dom Frey Bartholomeu, nomeado por elRey Dom Affonſo III. Dom Frey Jorze de Padilha, ſendo Portuguez, e filho deſta Provincia, paſſou a Italia, adonde foy Biſpo em Civita Ducale, no Ducado de Parma, pelos annos de 1607. Dom Frey Juſto Baldino foy Biſpo de Ceuta, reynando elRey Dom Joaõ o II. de quem foy muy eſtimado. Dom Frey André Dias foy Biſpo de Megara, em Grecia, na Provincia de Achaya, pelos annos de 1432. reynando elRey Dom Joaõ I. renunciou o Biſpado, e recolheoſe a Lisboa ao ſeu Convento.

Souſa 1. p. l. 2. c. 40.

Souſa ubi ſup.

Alonſo Fernan. in Conc. Prædic. fol. 455.

Souſa 2. p. l. 6. cap. 7.

Fontana an. 1432.

Dom Frey Duarte Nunes paſſou ao Oriente com o titulo de Biſpo de Laodicea (e foy o primeiro, que paſſou áquellas partes com o de Biſpo) por mandado delRey Dom Manoel, para importancias de todas as Igrejas daquelle Oriente. Dom Frey Fernando de Tavora foy Biſpo do Funchal, no reynado delRey Dom Joaõ III. ficou no Reyno para importancias delle. Depois foy Eſmoler delRey D. Sebaſtiaõ. Dom Frey Jorze de Santiago occupou a Cadeira Epiſcopal de Angra, reynando elRey Dom Joaõ o III. vivia pelos annos de 1546. Dom Frey Jorze de Lemos foy Biſpo do Funchal, pelos annos de 1556. reynando elRey Dom Sebaſtiaõ. Dom Frey Antonio Bernardes foy Biſpo Titular de Martyria, para o que foy chamado por elRey Dom Joaõ III. de Coimbra, adonde era Biſpo de Anel. Dom Frey Gaſpar dos Reys foy Biſpo Titular de Tripoli, no reynado delRey Dom Joaõ III. Dom Jeronymo Pereira foy Biſpo Titular de Salé; vivia pelos annos de 1576.

Souſa 2. p.

Fontana an. 1503. Fernan. in Conc. Prædic.

Fr. Joaõ dos Santqs Æthiop. Orient. c. 12.

Fontana an. 1579.

Souſa 1. p. l. 3. c. 36.

Alonſo Fernan in Conc. Prædic. folhas 455.

Souſa 1. p. l. 3. c. 36.

Dom Frey Bernardo da Cruz foy Biſpo de S. Thomé, reynando elRey Dom Joaõ o III. Ficou no Reyno por importancias delle. Occupou a meſma Cadeira Epiſcopal por nomeaçaõ do meſmo Rey, Dom Fr. Joaõ Bautiſta. Paſſou eſte Prelado á Ilha de S. Thomé, com doze Religioſos do ſeu habito, a prégar na ſua Dioceſi no Reyno de Congo, com grande exemplo, e igual fruto. Dom Frey Jorze de Santa Luzia foy o primeiro, que occupou a Cadeira Epiſcopal de Malaca, governando por algum tempo a Primaz de Goa, reynando elRey Dom Sabaſtiaõ. Dom Frey Gaſpar da Cruz foy Biſpo de Macao por elRey D. Sebaſtiaõ. Paſſou ao Imperio da China (antes da dignidade) e foy o primeiro, que ferio com as vozes do Evangelho nos ouvidos daquelle Gentiliſmo. Dom Frey Joaõ de Cintra, foy Biſpo do Oriente, nomeado por elRey Dom Sebaſtiaõ, pelos annos de 1570. Dom Frey Antonio de Souſa, filho de Martim Affonſo de Souſa, Governador da India, foy Biſpo de Viſeu por

Alonſo Fernan. in Conc. Prædic. fol. 455. Souſa 1. p. l. 6. c. 38.

Ambroſ. Altamu.

Fontana an. 1554. Santos na Æthiopia.

Marcheſio in Diario tom. 1. Souſa. Fontana an. 1579. Maluenda de Antichriſto c. 15. Mendonça l. 2. Hiſt. da China. Affonſo Fernan. Georgi Gracia. Gravano Carmelita.

por nomeaçaõ delRey Filippe I. em Portugal. Foy Provincial deſta Provincia pelos annos de 1579. Vigario, e Generaliſſimo de toda a Ordem por Clemente VIII. no anno de 1594.

Marcheſio, e outros.

Dom Fr. Joaõ da Piedade foy Biſpo de Macao, nomeado por Filippe II. em Portugal, pelos annos de 1606. Dom Frey Antonio Valente foy Biſpo de S. Thomé, pelos annos de 1609. nomeado pelo meſmo Rey. Dom Frey Antonio de Santo Eſtevaõ foy Biſpo de Angola, nomeado pelo meſmo Filippe. Fez em aquellas terras grande ſeara Evangelica. Dom Frey Sebaſtiaõ da Aſcenſaõ, nomeado pelo meſmo Filippe, foy Biſpo de Cabo Verde. Aſſim ſe achavaõ quaſi todas as Conquiſtas povoadas da Familia Dominicana, como de Cultivadores grandes do Evangelho por inſtituto, muito mais por zelo.

Plodio de viris illuſt. Ambroſio de Alta. Antonio de Souſa de Macedo, Flores de Heſpanha. Fontana 1604. Souſa, e Alonſo Fernan. in Conc. Prædic. Fr. Luiz de Souſa 2. p. l. 3. cap. 12.

Dom Frey Joaõ de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioſo, Varaõ veneravel por virtude, letras, e calidade, foy Biſpo de Viſeu, nomeado por elRey Filippe III. em Portugal. Já neſte livro nos deu mais largo aſſumpto. Dom Frey Antonio da Reſurreiçaõ, que tambem com ſua vida augmentou os deſta eſcritura, foy Biſpo de Angra, da nomeaçaõ do meſmo Rey, e Lente de Prima na Univerſidade de Coimbra, e hum dos grandes Oraculos della. D. Frey Miguel Rangel, ſogeito grande em letras, e virtude, foy Biſpo de Cochim, e o ſexto, que occupou aquella Cadeira. Governou dous annos o Arcebiſpado de Goa. Foy Vigario Geral da Congregaçaõ da India; faleceo ſuſpirado de toda ella, e ha de occuparnos neſte Tomo mais larga eſcritura. D. Frey Jacintho de Saldanha foy Biſpo de Anel em Goa, nomeado por elRey Dom Joaõ o IV., e ſagrado, governando já Dom Pedro II. pela difficuldade que houve ſobre o Pontifice paſſar as Letras para eſte Reyno.

Souſa 2. p. l. 2. c. 14.

Fr. Luiz de Souſa 2. p. l. 4. cap. 7.

Fontana an. 1631.

Dom Frey Lourenço de Caſtro, ſogeito abalizado em Cadeira, e Pulpito, occupou a Epiſcopal de Angra, depois a de Miranda, por nomeaçaõ delRey Dom Pedro II. de quem era Prégador. Já neſte livro nos deu mais largo aſſumpto. Dom Frey Manoel Pereira foy Biſpo do Rio de Janeiro, nomeado pelo meſmo Rey, que o deixou ficar no Reyno por Secretario de Eſtado. Foy Provincial da Provincia de Portugal, e Vigario Generaliſſimo de toda a Ordem, companheiro do Geral della, com o titulo de Provincial da Terra Santa. Já deixamos neſte livro mayor noticia. Dom Frey Valerio de S. Raymundo, reconhecido por hum dos mayores Theologos do ſeu tempo, foy Biſpo de Elvas, nomeado por elRey Dom Pedro II. foy Provincial da Ordem dos Prégadores, Deputado no Santo Tribunal de Evora, e Lisboa, depois do ſupremo Conſelho. Já neſte livro nos deu aſſumpto Dom Frey Pedro Pacheco, deſcendente do grande Duarte Pacheco, Scipiaõ Portuguez, rayo do Oriente, he Biſpo de Cochim, nomeado por elRey Dom Pedro II. pelos annos, que iſto eſcrevemos. Dom Frey Manoel de Santo Antonio, ſogeito de reputaçaõ grande em letras, e virtude, Biſpo de Malaca, nomeado pelo meſmo Rey, vive pelos

Conde de Ericeira Portugal Reſtaurado p. 2. l. 12.

pelos annos de 1706. (que vamos continuando as memorias deſta Provincia) adminiſtrando as Chriſtandades das Ilhas de Solor com incançavel, e ardente zelo, filho de ſeu eſpirito. Dom Fr. Joſeph de Jeſus Maria, Biſpo de Patara. Já deixamos mayor noticia ſua. Fr. Franciſco das Chagas he a eſte meſmo tempo Prelado, e Adminiſtrador dos Rios em toda a Coſta da Ethiopia Oriental, desde o Cabo de Guardafú até o de Boa Eſperança. He lugar de reputaçaõ, que tem occupado, e vulgarmente occupaõ os Religioſos de S. Domingos quaſi ſempre.

Quanto aos que nomeados para a dignidade Epiſcopal, lhes roubou a morte o que lhe, dava o merecimento, foraõ o Meſtre Fr. Fernando de Menezes, filho dos Senhores da Barca, ramo da illuſtre Caſa de Marialva, Religioſo reformado, e reconhecido Oraculo entre os Theologos de ſeu tempo, foy nomeado Biſpo de Cochim, depois do Algarve por elRey D. Joaõ o IV. faleceo antes de ſer ſagrado, no anno de 1657. Fr. Fernando de Liove, natural de Anvers no Eſtado de Flandres, que viveo, e faleceo neſta Provincia, e eſtá ſepultado em S. Domingos de Lisboa, foy nomeado Biſpo do Funchal por elRey Dom Joaõ o IV. Foy eſte Religioſo Confeſſor de ſeu irmaõ o Infante Dom Duarte, e teve concluido o negocio de o trazer a eſte Reyno do Caſtello de Milaõ, adonde o deteve o Emperador Fernando III. em contemplaçaõ de Filippe IV. de Caſtella, a quem era formidavel hum taõ grande Soldado nas guerras, que ſe ſeguiraõ ao levantamento deſte Reyno. Fr. Luiz de Menezes, filho natural do Duque de Caminha, que paſſando (depois da Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV.) com o Duque de Aveiro a Caſtella, foy nomeado por Filippe IV. Biſpo daquella Coroa, dignidade, que lhe roubou a morte. O Meſtre Fr. Domingos do Roſario, de naçaõ Irlandez, Religioſo de grandes letras, e reforma, de que em ſeu lugar daremos mayor noticia, foy nomeado Biſpo de Coimbra pela Rainha Dona Luiza (governando eſte Reyno por morte de ſeu marido D. Joaõ o IV.) faleceo eſperando as Letras.

Quanto aos que modeſtamente ſe eſcuſaraõ ás Mitras, offerecidas pela Coroa Portugueza, foraõ ſete, Fr. Jorze Vogado, Confeſſor delRey D. Manoel, grande Religioſo, que recuſou o Arcebiſpado de Braga, offerecido pelo meſmo Rey. Frey Pedro de Sayna, Heſpanhol, perfilhado neſta Provincia, Confeſſor da Rainha Dona Iſabel, mulher delRey Dom Manoel, que recuſou a meſma Mitra, offerecida pelo meſmo Rey. Recuſara já em Caſtella o Biſpado de Abula. O Meſtre Fr. Luiz de Granada, ſogeito taõ grande, como o ſeu nome, que recuſou o Arcebiſpado de Braga, que lhe offereceo a Rainha Dona Catharina, (de quem era Confeſſor) governando eſta Coroa por morte delRey D. Joaõ o III. Mais Mitras recuſou; ſabemos, que a de Viſeu, offerecida por elRey Dom Sebaſtiaõ. Tendo noticia, que o Pontifice Sixto V. o intentava crear Cardeal, trabalhou incançavel, re-

Fontana in monum. Dom. año 1657.

Souſa. Alonſo Fernan. in Conc. Prædic.

Ceſar Eſpiciaro na vida de S. Carlos Marieta. Diogo, e Fr. Luiz de Souſa na ſua vida.

conhecendo ao meſmo Pontifice por graça o naõ o obrigar com aquella O Meſtre Fr. Martinho de Ledeſma, ſogeito grande, que recuſou o Biſpado de Viſeu, offerecido pela Rainha Dona Catharina, Regente da Coroa Portugueza. Frey Antonio Serraõ, que recuſou o Biſpado de Cochim. O Meſtre Fr. Jeronymo da Azambuja, vulgarmente o Oleaſtro, aſſaz conhecido, e venerado, que recuſou o Biſpado de S. Thomé no meſmo tempo.

Alonſo Fernan. in Conc. Prædic.

Souſa 1. p. l. 3. c. 3.

Souſa 2. p. l. 2. c. 15.

O Meſtre Frey Gaſpar Leitaõ, grande Letrado, e Provincial deſta Provincia, que recuſou o Biſpado de Malaca, depois o de Cabo-Verde. O Meſtre Frey Joaõ de Valladares, Oraculo das letras neſte Reyno, que recuſou o meſmo Biſpado de Malaca, o lugar de Inquiſidor da India, e neſte Reyno o de D. Prior de Palmella. O V. P. M. Fr. Joaõ de Vaſconcellos, irmaõ de Dom Franciſco de Vaſconcellos, Conde de Figueiró, que recuſou o Biſpado de Miranda, depois o de Braga, offerecidos pelos Reys Filippes III., e IV. governando eſte Reyno. Fr. Franciſco de Santo Thomaz, Religioſo de inteira, e exemplar obſervancia, que recuſou o Biſpado de Macao, offerecido por elRey Dom Pedro II. Já nos deu aſſumpto neſte livro.

Souſa 2. p. l. 2. c. 16.

André Valdecebro na ſua vida folhas 104. e 113.

O mais, que aqui falta em materia de Prelados Portuguezes, e ainda eſtranhos, tirados dos Clauſtros Dominicos para as Mitras deſta Coroa Portugueza, e ſuas Conquiſtas, póde ver o curioſo Leitor no Clauſtro Dominicano, que eſcreve o Meſtre Frey Pedro Monteiro. Mayor individuaçaõ do que toca á Ordem, quanto ao Santo Tribunal, dandonos Deos vida, nos occupará agora a penna em verdades, ou expoſtas, ou diſputadas, introduzidas nas glorias Dominicanas, que intentamos expor ao Mundo, para confirmar verdadeiros, informar duvidoſos, e refutar obſtinados.

QUAR-

QUARTA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO SEGUNDO.

Das Religioſas, que floreceraõ, e tiveraõ nome em virtude neſta Provincia, deſde o anno de 1614. que o Chroniſta della o Padre Frey Luiz de Souſa ſuſpendeo a penna, até o de 1705. em que temos entre mãos a divida de continuar a ſua memoria. Nelles iremos tocando o que a noſſa induſtria, e diligencia chegou a deſcobrir de ſuas vidas, conforme a antiguidade das Caſas.

CAPITULO I.

Das Madres Dona Violante de Mendonça, Dona Anna de Mendonça, Dona Franciſca de Noronha, e Dona Ignez Henriques no Moſteiro de S. Domingos das Donas.

Moſteiro das Donas de Santarem.

NAõ ſey decidir ſe he mayor a obrigaçaõ em que a Villa de Santarem (notavel entre todas as deſte Reyno) poz a eſta Provincia, hoſpedando naõ ſó os primeiros Religioſos, mas as primeiras Religioſas della; ſe a em que a Provincia poz a Santarem, buſcandoa, e preferindo-a neſte Reyno para primeira hoſpedagem de gente de tanto eſpirito. He ſem duvida, que entre os que profeſſaõ as verdades delle, ſempre avulta mais o que recebem, que o que fazem; e na humildade religioſa (melhor Dominicana) ſempre foy mayor brazaõ o ſaber ſer agradecido, que o eſperar agradecimento. Eſte recompenſou ſempre eſta Caſa, lembrada das obrigaçoens, como das glorias de primeira, ſendo hum fecundo jardim de virtudes, flores, que paſſando-ſe a frutos bem ſazonados, foraõ de utilidade commua, de credito para a Caſa, de exemplo para a Villa, e de conſolaçaõ para todos, ficando ſem controverſia com a primazia dos Moſteiros Dominicanos neſte Reyno, viſto per-

der, ou fugir o de Chellas a eſſe titulo, ſogeitando-ſe a outro governo, e naõ por ter ſido iſento do Dominicano, como quiz affirmar o mal conſiderado Siſifo, que levantando huma pedra, antes, que nos hombros da verdade, nos voluntarios alentos de huma penna, a poz no alto do Templo daquella Caſa, de donde cahe, e cahirá tantas vezes, quantas attender á ſua eſcritura qualquer madura, e bem verſada noticia. Mas porque naõ pareça, que alargamos eſtes eſcritos á cuſta das que ſe devem á alhea penna, remetto o curioſo á 1. Parte da Chronica deſta Provincia, em que o Padre Frey Luiz de Souſa, com clareza, e energia riſca, e confunde as letras daquelle padraõ, indecoroſo ás veneradas, e recebidas tradiçoens da antiguidade, e apocrifo contra as deſta Provincia, taõ ſeguras para o ſeu credito, como impugnadas ſó do capricho, ou do deſagrado.

Mas naõ he o ficar com o lugar de primeira, a gloria de que póde jactarſe eſta Caſa das Donas, mas do numero de heroicas filhas, que em tantos ſeculos lhe foraõ naõ ſó ſuſtentando, mas reproduzindo o eſpirito da obſervancia, (que ainda hoje ſe exercita na mayor parte das cultivadoras della) dandonos neſtes ultimos annos glorioſa materia para nova eſcritura.

A Madre Dona Violante de Mendonça.

Seja a primeira a Madre Dona Violante de Mendonça. Foraõ ſeus pays Lopo de Souſa de Caſtro, e Dona Joanna de Caſtro, illuſtres, como o affirmaõ ſeus appellidos (nelles herdados, e naõ eſcolhidos) e venturoſos, como pays de huma filha, que conhecendo na virtude a mais legitima nobreza, entrou pelos ſagrados Clauſtros deſta Caſa taõ eſquecida das vaidades de que fugira para ella, que naõ houve acçaõ de abatimento, em que naõ edificaſſe a quem melhor a conhecia, ou em que naõ quizeſſe dar a conhecer, que o que deixara era nada; e o tudo o conhecer que o era.

Aſſim paſſou o anno de approvaçaõ com as eſperanças, que podia dar quem taõ reſoluta, e goſtoſa abraçara aquelle genero de vida, profeſſando ainda com mayores deſempenhos, que promettiaõ as eſperanças. A lãa junto á carne; ao jejum de ſete mezes ajuntava continua oraçaõ, e liçaõ bem meditada de livros ſagrados, com tanta intelligencia dos lugares da Biblia, que com ſingular promptidaõ, e propriedade os applicava aſſim para ſua refórma, como para a edificaçaõ de quem a ouvia; em ſua morte o veremos com ſufficiente prova. Era pratica ſua a confiſſaõ de mais indigna do habito, que trazia, adiantandoſe a ſervir em tudo, como ſe trabalhara por merecello. Era deſtra no Orgaõ, e incançavel no goſto de aſſiſtir ao Coro, ajudando com elle o canto ſagrado, em que ſe ſuſpendia ſuavemente ſua alma, imitaçaõ, e ternura do grande Agoſtinho. Naõ entrara no Moſteiro a Madre Sor Violante com o contrato de exercitar eſta parte; mas parece, que o fazia com Deos de louvallo como podia na terra, ſendo enſayo para o fazer na bemaventurança. Naõ devia de lhe prometter pouco lucro o contrato; porque, como ſe o deixara em herança, enſinou a duas

Flebat autem uberrimè in Hymnis, & Canticis ſuave ſonantis Eccleſiæ vocibus vehementer affectus. In ejus feſt.

duas ſobrinhas (que no Moſteiro fez tomar o habito, e tinha comſigo) aquelle inſtrumento, pedindo-lhes, e lembrando-lhes ſempre, que o que entoaſſem a elle, foſſem couſas ſagradas. E que mal eſcutado conſelho nas que deſtras em ſemelhantes prendas, as infamaõ, e deſnaturalizaõ em agradar, e divertir ouvidos profanos, naõ ſe iſentando, nem o ſagrado do Coro, de ſer atalaya, em que ſe eſcutem vozes menos decentes, que as que deſtinou o Ceo para ſeus louvores! Culpavel lethargo de quem as devia mandar emmudecer, o naõ acordar á diſſonancia, ou o adormecer na omiſſaõ!

Contava a Madre Sor Violante cincoenta annos, quando a aſſaltou huma doença, prometendo ſer antes dilatada, que perigoſa; mas ſem duvida o foy tanto no ſeu voto, que chamando a Prelada, e muitas parentas, que tinha na Caſa, lhes diſſe o pouco, que lhe reſtava de vida, propondo-o com tal ſegurança, que fez crivel naõ ſeria imaginaçaõ, ou conjectura ſua, mas ſuperior noticia com que o Ceo a illuſtrara; naõ ſe moſtrando menos na conformidade, com que começou de diſporſe para o ultimo golpe. Pedio os Sacramentos, e recebendo-os contrita, e reſignada, dava graças ao Senhor pela mercê, que lhe fizera, pedindo ás Religioſas, que repetiſſem, e entoaſſem o Miſerere, que acompanhou com lagrimas, e demonſtraçoens compungidas; e porque huma Religioſa, pondoſelhe diante, lhe tirava a viſta de huma janella, que lhe ficava fronteira, lhe diſſe: *Madre, deixeme ver o Ceo, que ſó eſſa viſta me alegra*; ſuſpiro daquelle grande, e Santo Prelado, que para encaminhar a Deos ſua alma, pedia, que lhe deixaſſem ver o Ceo em ſemelhante hora.

Sinite me cælum videre ut ſpiritus dirigatur ad Dominum. Sanct. Martin. in ejus vita.

Suſpendia-ſe nelle a Madre Sor Violante, por mais, que a apertavaõ as dorês, que diſſimulava ſofrida; e perguntandolhe huma Religioſa, que o reparava, ſe ſentia alguma couſa, reſpondeo: *Timor mortis conturbat me.* Hia-lhe faltando o alento, pedio com grande ancia a Unçaõ; recebida, e dizendolhe huma irmãa ſua, que já eſtaria deſcançada, repetio: *In pace in idipſum dormiam, & requieſcam.* Pedio logo, que lhe deſſem hum Crucifixo, e beijando-lhe as Chagas, apertando-o ſobre o roſto, diſſe: *In baculo iſto tranſivimus Jordanem*, e eſpirou, como ſe diſſera: *Eſte he o bordaõ mais ſeguro para paſſar o arrebatado rio da morte, para o porto da eterna felicidade.* Ignora-ſe o dia. Sabe-ſe, que foy no anno de 1619. Mas naõ deixaremos em ſilencio hum caſo merecedor de reparo; e foy que, havendo de levarſe o corpo para o Coro, ao tirarſe o eſquife de huma caſa, em que ſe guardava, ſe poz ſobre a cuberta delle huma Pomba branca, parecendo impoſſivel o ter tido entrado na caſa de donde ſahia, como o ter vindo áquelle tempo de fóra, porque ninguem vira que caminho trouxera. Aſſiſtio no meſmo lugar ao Officio da ſepultura; e cuberta a cova, ſe levantou no ar, e ſe perdeo de viſta, ficando as Religioſas taõ ſuſpenſas agora de a naõ achar nenhuma diligencia, como primeiro deſanimadas

das para a de lançarem maõ della.

A Madre Dona Anna de Mendonça.

Tia da Madre Sor Violante, e com muito mayor parenteſco na virtude, foy a Madre Dona Anna de Mendonça, (que de profiſſaõ ſe chamou Anna do Eſpirito Santo) a que a grande obſervancia, gravidade, e modeſtia de ſua peſſoa negociaraõ muitas vezes o lugar de Prelada, que aceitou ſempre conſtrangida, porque era todo ſeu genio viver retirada, naõ por eſquivarſe ao commercio das mais Religioſas, que amava, mas para empregar todo o tempo na oraçaõ, commercio de que ſó tirava lucro, e em que achava o centro do verdadeiro goſto. Aſſim lhe ſuccedia o tempo, que ſe achava livre das penſoens de Prelada, que acabadas as funçoens da Communidade no Coro, ou de dia, ou de noite, ſe deixava ficar nelle, como ſe em todo o Moſteiro naõ conhecera outro lugar o ſeu deſcanço. Obſervante nas Conſtituiçoens, e Regra, ſó com apparecer parece, que reprehendia as defeituoſas, e incitava as reformadas. Tal era o eſpirito, que ſe lhe lia no roſto, tal a refórma, que ſe lhe via no habito. Caritativa, e penitente, roubava-ſe a ſi meſma o ſuſtento para ſoccorrer o pobre, e vinha a ſer o ſeu jejum mais auſtero, tendo a ſua caridade mais eſſe deſafogo. Entrada em annos, cahio em huma grave enfermidade, que lhe apreſſou a morte. Pedio, e recebeo os Sacramentos com actos de verdadeira devoçaõ, e arrependimento, e acabou a vida ſem mais deſaſocego, que a ancia de paſſar ao eterno deſcanço, pelos annos de 1627.

As Madres Dona Franciſca de Noronha, e Dona Ignez Henriques.

Naõ deſmerecem fazer numero com eſtas duas grandes Religioſas, outras duas ſinaladas por nobreza, e conhecidas por refórma de vida, a Madre Dona Franciſca de Noronha, e a Madre Dona Ignez Henriques. Quaſi no meſmo tempo viveraõ neſta Caſa, e deixaraõ nella eterna memoria, primeiro de huma caridade abrazada com que acodiaõ ás affligidas, aſſiſtiaõ ás enfermas, e ſe adiantavaõ a ſervir a todas. Penitentes; naõ houve inſtrumento de atormentar, que ſe naõ achaſſe por ſua morte, com baſtantes ſinaes do que ſe tinha uſado delle. Na oraçaõ taõ continuas, que ſe lhes naõ contava o tempo della por horas; dias, e noites inteiras lhes levava eſte exercicio ſanto, com tanta ſuavidade de eſpirito, que muitas vezes alheas, e extaticas, lhes ſuccedeo ficarem de joelhos a hum canto do Coro, (ſem dar tino ao que ſe fizera nelle) deſde as ſeis da manhãa até depois das duas da tarde.

Contemplativas (exercicio, em que a muita liçaõ de livros ſagrados as fizera meſtras) ſe abrazavaõ em hum taõ activo ardor de devoçaõ, que derretendoſe-lhes os coraçoens em copioſos ſuores de lagrimas, houve Religioſa, que affirmou que chegara a ver no chaõ os ſinaes dellas. Naõ creſcem menos as inundaçoens do Nilo penitente, quando aſſim ſe atea o eſtio da caridade! Mais intenſa parece, que ardeo alguma vez a da Madre Sor Franciſca, que para que o ſangue excedeſſe ás lagrimas nas correntes, pedio a ſeu Eſpoſo tantas chagas, quantos foraõ os ſeus açoutes.

Mere-

Mereceo o heroico da ſupplica a permiſſaõ da ſemelhança ; ficou Sor Franciſca mimoſa, como ſe com o nome herdara o privilegio do Seraſim em carne; podendo dizer com Franciſco o que Franciſco diſſera com Paulo : que eſtava vendo em ſeu corpo as Chagas de Jeſu Chriſto. Aſſim chegou ás portas da morte cuberta dellas , e tambem conhecidas, e avaliadas, que lhes chamava as ſuas Roſas. Nem neſta parte foy deſſemelhante Sor Ignez , fiando das diſciplinas os eſpinhos das ſuas. Acabaraõ eſtas Madres retratos da penitencia, com demonſtraçoens de paſſar a receber as coroas della.

Stigmata Jeſu in corpore meo porto.

CAPITULO II.

Das Madres Sor Jeronyma das Chagas , Sor Mecia de S. Franciſco , Sor Franciſca Henriques ; e da Irmãa Converſa Sor Maria do Eſpirito Santo.

BEnçaõ particular ſerá de Noſſo Patriarcha a differença, que achamos em algumas Caſas na fecundidade de eſpiritos virtuoſos ; e com grandes conjecturas , ſe olhamos para os primeiros fundamentos dellas , como para os deſte Moſteiro, e Caſa das Donas , voluntarias, e conſtantes ſubditas, que chegaraõ a veſtir a mortalha Dominicana , vencendo grandes trabalhos, e contradiçoens da terra na primeira reſpiraçaõ deſta Provincia ; que ſem duvida he premio daquelle conflicto a continuaçaõ de herdeiras daquelle eſpirito primeiro , que começou a dar exercicio á obſervancia, e nome á Caſa. Acabamos agora de vello, e vamo-lo continuando na Madre Sor Jeronyma das Chagas, (de Matos ſe chamou no ſeculo) de quem ſabendo em commum a grande reputaçaõ, com que viveo neſta Caſa , e nome, que adquirio, ainda fóra della, ſaõ muy poucas as noticias individuaes, que nos chegaraõ á maõ de ſua vida , mas conhecidas, ou argumentadas as ſingularidades della por ſua morte.

A Madre Sor Jeronyma das Chagas.

Desde o berço da Religiaõ começou eſta Madre a fazerſe hum taõ grande lugar na eſtimaçaõ das Religioſas de mais talento , e eſpirito , que em quanto viveo a teve ſempre a obediencia occupada naquelles empregos , em que he preciſa a modeſtia , e de que ſe póde tirar doutrina. De poucos annos ſervio todos os officios : e ſabia aſſim repartir o tempo , que (ſem faltar a ſeus exercicios eſpirituaes) acodia a todos. Mas como o que em ſummo grao luzia nella era o zelo da obſervancia, a continuaçaõ do Coro, do jejum , da diſciplina , da oraçaõ , todo o empenho dos Prelados , e Preladas era obrigarem-na á occupaçaõ de Meſtra das Noviças , que ſeis vezes exercitou , e em que acabou a vida , e de que ſe abſolveu outras tantas , compadecendo-ſe os Prelados da ſua ſupplica, porque a chamava ſuavemente o retiro da cella, e a vida contemplativa. Com liberdade para ella a achavaõ a toda a hora na preſença do Santiſſimo Sacramento, e Senhora do Roſario , de que era devotiſſima ; e porque de hum accidente ficou incapaz de ſe firmar nos pés, pedia, que a levaſſem ao Coro , que ajuda-

va

va como podia ; depois orava, ſendo o ſeu mayor goſto deixarem-na alli como eſquecida.

Com eſte eſtylo de vida paſſou muitos annos, e ainda que melhorou dos pés, ſobrevieraõ achaques, que a debilitaraõ, e finalmente huma doença, que a proſtrou de todo, ameaçando-lhe mortalmente a vida. Naõ aſſuſtaõ os deſenganos de a perder a quem a ſoube gaſtar. Pedio os Sacramentos com grande ſocego de eſpirito, e querendo-lhe dar a Unçaõ, levantou as mãos ao Ceo e diſſe com devota ancia: *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Como ſe diſſera: *Que darey ao meu Senhor, que tanto me tem dado?* E acabada a Unçaõ, repetio com o meſmo affecto: *Domine, quid tribuiſti tibi pro omnibus, quæ retribuiſti mihi?* Querendo dizer: *Senhor, que he o que vos déſtes a vós, pelo muito, que me tendes dado a mim?* Pergunta na verdade chea de myſterios, e piedade Chriſtãa, e proferida de hum eſpirito doutrinado na Eſcola do amor de Deos. Porque aſſim ſe empenha Deos em nos faz favores, como ſe o levara a ancia dos que correm a ſe negocear intereſſes; e ſem duvida ſe beneficía (diſcorrendo a noſſo modo) a ſi meſmo, para nos dar de obrigado. Da-ſe a ſi as glorias de miſericordioſo, e manifeſtaçaõ de ſeus attributos, para ſe incitar a darnos ſuperabundancias de remedios. Via-ſe a Madre Sor Jeronyma ás portas da morte, depois de huma vida obſervante, e penitente; achava-ſe com ſuas culpas confeſſadas com dor, e arrependimento, com todos os Sacramentos, com que aos ſeus filhos ſoccorre naquelle aperto a Igreja; e via-ſe eſpirar no gremio della, na Caſa de Deos, e de S. Domingos, na mortalha Dominicana, nos braços de tanta gente reformada, e Santa; e achando, (e bem) que naõ havia mayores favores, que eſtes, perguntava ao Senhor, encarecendo ao humano: *Qual era o grande beneficio, com que a ſi ſe obrigara, para lhe dar tantos a ella?*

Algumas horas entrada já a noite, depois de recebida a Unçaõ, repararaõ as Religioſas, que ſe ſuſpendia entre demonſtraçoens de alegria, e admiraçaõ. Eſteve aſſim hum pouco, e rompendo a ſuſpenſaõ, diſſe: *Que fermoſa Senhora! Que grande belleza!* E como ſe tomara as palavras da boca áquella Iſabel venturoſa, por ſe ver com a meſma ventura em caſa, continuou: *Minha Senhora, e donde mereci eu tal mercê?* E dizendo-lhe huma Noviça ſua, que lhe aſſiſtia: *Noſſa Madre, que Senhora he eſſa, que Voſſa Reverencia diz?* Tornou ella: *Naõ vedes a belleza, que eſtá aqui?* E ficando ſuſpendida por largo eſpaço, como ſe depois aſſuſtara caſo novo, chamando a Noviça lhe diſſe: *Filha, lançay agua benta para aquelle canto.* E levantando a cabeça hum pouco, e hum Roſario, que tinha na maõ, como que o moſtrava para aquella parte, diſſe com voz inteira, e deſtemida: *Vaite maldito, vaite, que contra eſte naõ póde ninguem.* Inclinouſe logo debilitada, e pedindo á Noviça, que a ajudaſſe a rezar o Officio de Noſſa Senhora, deſcançou.

Et unde hoc mihi, ut veniat Mater Domini ad me? Luc. 1.

Sobre a madrugada, chegando-ſe cinco Religioſas ao lugar donde

donde eſtava a moribunda, com deſejo de ſaber como tinha paſſado, e ſuſpendendo-as o receyo de lhe eſtorvar o deſcanço, ouviraõ, que tocando-ſe primeiro huma arpa ſuavemente, a acompanhava logo huma voz com ſuavidade. Percebeo-ſe eſta, naõ a letra, creſcendo o aſſombro depois de examinado todo aquelle ſitio, ſem que podeſſem teſtemunhar os olhos, o que acabavaõ de perceber os ouvidos. Tudo eſtava ſolitario; ſó duas Noviças aſſiſtiaõ á moribunda; acabou de entenderſe donde a muſica viera. Entrou a dizerſe Miſſa na Enfermaria, attendia a enferma com olhos, e devoçaõ a ella; chegou a levantarſe a Hoſtia Sacroſanta, vio-a, e adorou-a, e inclinando a cabeça, paſſou a lograr a gloria, contente de ter acabado de ver o penhor della.

Novo modo de hiſtoriar parecerá eſte, a que nos obrigaõ as eſcaſſas noticias, a que perdoou o tempo, e nos vieraõ á maõ com trabalho, pois eſcrevendo vidas, he a narraçaõ mais eſpecificada, ou quaſi toda das mortes, e eſſe o mayor incentivo para a noſſa queixa, porque ſemelhantes mortes argumentaõ peregrino progreſſo nas vidas; mas o que primeiro eſperdiçou o pouco reparo, acabou depois de conſumir o deſcuido. Hum, e outro nos roubou ſem duvida grande materia de eſcritura na Madre Sor Mecia de S. Franciſco. Foy ella huma das mais reformadas, que reconheceo aquella Caſa, ainda em tempo, em que naõ entravaõ poucas naquelle numero. Mas naõ ſe contentava o Ceo de a ver a braços ſó com a obſervancia della; cinco annos continuos exercitou ſua paciencia em o martyrio de crueis achaques, e irremediaveis dores, que tomando-lhe todo o corpo, a tinhaõ muitas vezes paralytica, outras ſe exaſperavaõ de ſorte, que tirando-lhe o ſentido, a faziaõ parecer frenetica; e entendendo, que haveria quem ſe eſcandalizaſſe de alguma palavra, a que recorria a impaciencia, pedia logo perdaõ della.

A Madre Sor Mecia de S. Franciſco.

Cinco mezes antes de ſua morte ſe lhe ſuſpendeo eſte tormento, mas o lugar, que eſte deixara, occupou a penitencia, condemnando as ſuas auſteridades o ſofrimento, a que perdoaraõ as dores. Aſſim podemos dizer que foy eſta Madre Martyr toda ſua vida, naõ padecendo menos doente, que obſervante. Deraõ-lhe humas febres, de que logo entendeo que morria; alegrouſe como quem ſempre na vida padecera, e com huma placida, e ſuave morte paſſou a receber a coroa de quem aſſim padece. Deu o Ceo eſſe indicio em huma claridade grande, que ás onze da noite (em que eſpirou) ſe vio, e admirou ſobre o telhado da ſua cella, contemplada naõ ſó das Religioſas, mas das viſinhanças do Moſteiro, e mais de meya legua ao largo, como ao outro dia ſe divulgou, creſcendo a noticia com o conhecimento da cauſa.

A Madre Dona Franciſca Henriques.

Digna de iguaes, e mayores conſideraçoens foy a que deu á noſſa diligencia, e a eſta memoria a Madre Dona Franciſca Henriques, filha de Alvaro de Miranda Henriques, e huma Senhora de igual qualidade, a que eſta noticia ſupprirá por

nome, por nos naõ determos baldadamente na variedade, com que algumas lembranças fallaõ nelle. De doze annos deixou eſta Madre o Moſteiro do Menino Jeſu de Evora de Religioſas Agoſtinhas, e veyo buſcar eſta Caſa, convidada das boas noticias della. Já naquella idade entrava affouta pelos aſperos caminhos da penitencia; e achando-os bem trilhados na obſervancia, que buſcara, a poucos paſſos ſe achou adiantada ás que lhe faziaõ companhia. Todo o corpo lhe tomavaõ aſperos cilicios de ferro, naõ ſe podendo menear ſem difficuldade, e tormento. O chaõ, ou alguma nua taboa era o ſeu leito, em que tomava taõ poucas horas de deſcanço, como ſe podia ſuppor de quem alli o buſcava. Era ganhar tempo, para dilatar o da oraçaõ, ſempre eſcaſſo para as ſuavidades com que ſeguia aquelle exercicio.

Nunca comeo carne, tirado nos apertos em que a punhaõ os achaques, e a obediencia. O jejum foy de toda a vida, auſtero, e apertado. Nas Veſperas das feſtividades da Senhora, de que era devotiſſima, nas de Communhaõ, e ſeſtas feiras de todo o anno a paõ, e agua, deſtemperando com vinagre eſſe pouco de legumes, ou hervas, que comia nos mais dias. Sangravaſe cruel, e amiudadamente com diſciplinas de ferro, de vario artificio, ſempre de ſua eleiçaõ o mais rigoroſo; e porque o braço o naõ podia ſer tanto, como o deſejo, punha muitas vezes na maõ a peſſoa de ſua confiança o inſtrumento daquelle martyrio, porque já o coſtume lhe tinha dobrado no ſofrimento as forças, que lhe enfraquecia no braço. Trazia-os em vivas chagas, porque naõ ſatisfeita do que os cilicios lhos tinhaõ cortado, os atormentava com pingos de lacre fervendo.

O pouco tempo, que lhe ſobejava das aſſiſtencias do Coro, e exercicios quotidianos, gaſtava em aceyos, em que era induſtrioſa, para huma Capella, (do Santo Cruxifixo) que era ſua. Devotiſſima do Santiſſimo Sacramento, tudo o que tinha, e grangeava, eſtava applicado para a ſua feſta, para ſeu Altar, e mayor ornato, e decencia ſua. Coroava o inculpavel deſta vida com hum extremo de caridade, com que a achavaõ os pobres, e a tinhaõ ſempre junto de ſi as doentes, e muito mais quando o eraõ as ſerventes da Caſa, porque naõ havia deſamparo, para que naõ madrugaſſe o ſeu deſvelo, naõ havia aperto, em que a naõ encontraſſem diligente, nem occupaçaõ a que eſtranhaſſe a ſua humildade.

Tinha eſta Madre grande conhecimento, e opiniaõ do Meſtre Frey Fernando de Menezes, eleito Biſpo do Algarve, Capello authorizado (entre muitos, que vio juntos neſta Provincia aquelle ſeculo) em virtude, letras, e qualidade, e ſobre tudo amavel pela ſynceridade de animo, affabilidade de genio, com que ſabia entrar a todos pelos coraçoens, ateando nelles o fogo Divino, tanto com as palavras, como com as lagrimas, que (em fallando em Deos) eraõ os eccos dellas. Mayor noticia deixamos já de ſua vida no primeiro livro. Das que a Madre Sor Franciſca tinha de ſeu eſpirito, naſceo o com-

commercio, e conſolaçaõ grande, com que eſcutava, ou lia os ſeus documentos, pedindo inſtantemente a Deos, que quando a levaſſe deſta miſeravel vida, lhe permittiſſe tello á ſua cabeceira. Era naõ ſó contingente, mas parecia moralmente impoſſivel, porque o Meſtre Frey Fernando aſſiſtia em Bemfica, e em quinze leguas de diſtancia podia retardarſe a noticia, e muito mais facilmente difficultarſe a jornada, quando a enfermidade, ou eſtylo de morte déſſe lugar a huma couſa, e outra.

Mas como a immenſidade de Deos deſconhece diſtancias, e em hum inſtante, para ſoccorrer a Daniel, paſſa hum Profeta dos campos de Judea ao lago dos Leoens de Babylonia, nada difficultou á ſupplica da Madre Sor Franciſca, diſpondo ſua Providencia que ſe achaſſe o Biſpo em o Convento de Santarem a tempo, em que ella proſtrada de huma enfermidade, batia ás portas da morte, ſervindo-lhe de grande conſolaçaõ o diſporſe para ella com as advertencias, que ſempre ſuſpirara. Pedio mais a Deos, que a levaſſe em huma feſta feira, e nem lhe negou o Senhor eſta circunſtancia. (bons argumentos de quanto a tinha mimoſa) Em eſſe dia, (no anno de 1558.) e ás trez horas da tarde lhe entregou felizmente ſeu eſpirito, como ás meſmas o entregara ſeu Eſpoſo nas mãos de ſeu Pay Eterno.

Daniel 14. v. 34.

Acompanhe agora (para coroar eſte Capitulo) a eſtas Madres huma Irmãa Converſa, taõ benemerita de as ſeguir neſta memoria, como na gloria de que ſerviraõ a eſta Caſa. Chamavaſe eſta Irmãa Maria do Eſpirito Santo, que guiada por elle, aprendeo em breve a voar ao monte da virtude. Nelle a collocou o continuo exercicio da oraçaõ, a que ſacrificava as horas do ſono, por naõ cortar pelas do trabalho, reconhecendo que a vida, que abraçara, antes pertencia ás diligencias de Marta, que ás meditaçoens de Maria; mas ajuntando ambas com ſanta induſtria, ſó o corpo podia formar a queixa de Marta, porque ſe de dia trabalhava deſcançando o eſpirito, de noite para contemplar o eſpirito, naõ ſe dava deſcanço ao corpo.

Sor Maria do Eſpirito Santo.

Avultaraõ nella com extremo o zelo da Religiaõ, e a devoçaõ do Roſario. Aquelle acompanhava com incançaveis exercicios da obſervancia, e continua penitencia. Aquelle lhe grangeou a ultima felicidade da vida; tiroulha huma dilatada doença. Já no fim della ſe achava diſpoſta, recebidos os Sacramentos, e offerecendo a Deos as dores, em que a ſua clemencia lhe anticipava o purgatorio; aſſiſtiaõ-lhe algumas Religioſas compadecidas, e admiradas da ſua conformidade, e ſofrimento, quando tomada de hum repentino, e grande alvoroço, diſſe com voz, e ſemblante alegre: *Minha Senhora, venhais muito embora.* E perguntando-lhe que via? e quem era? Reſpondeo: *Que era a ſua Senhora; e que rezaſſem nove vezes a Salve Rainha á ſua pureza.* Acompanhou as Religioſas, e deſcançou. Amanhecido o ſeguinte dia, e perguntando-lhe como paſſara a noite, reſpondeo: *Que muitas couſas vira nella*; e por

mais que inſtaraõ em que as diſſeſſe, defendeoſe, *que naõ podia.* Eſtava já muito debilitada; chegou o ultimo termo, e pedindo que lhe deſſem hum devoto Crucifixo, beijando-lhe os pés, e pondo-lhe os olhos já nevoados com a ſombra fria da morte, lhe diſſe com voz cançada, e ancioſa, que lhe ſahia do coraçaõ: *Senhor, a pezar de tudo, creyo, que ſois meu Deos, e que morreſtes por mim. Ora Senhor vamos. Mas, Senhor, e para donde me mandais? Seja feita voſſa vontade, que iſſo he o que quero.* E tornando a beijarlhe os pés, lhe deu a alma em hum penitente gemido.

CAPITULO III.

Das Madres Dona Maria de Vilhena, Dona Joanna de Caſtro, e a Irmãa Converſa Sor Franciſca Coutinho, todas irmãas; e das Madres Sor Margarida do Eſpirito Santo, Sor Filippa de Siqueira, Sor Maria Magdalena, Sor Anna de Macedo, Sor Marianna de Jeſus; a Irmãa Converſa Sor Joanna da Conceiçaõ; e da Noviça Sor Maria Michaela, do meſmo Moſteiro de S. Domingos das Donas.

VEnturoſa Familia a que do Mundo paſſou a fazer numero com a de Chriſto, com ſanta emulaçaõ ſobre quem havia de parecer mais da ſua, e melhorarſe humilde nos exercicios de domeſtica! Eſta foy a contenda de trez venturoſas irmãas, aſſim no ſangue, como na virtude, ſendo taõ conhecidas por eſta, como illuſtres por aquelle, mas todas taõ empenhadas em buſcar o Eſpoſo das almas antes como eſcravas, que como Eſpoſas, que a mais velha dellas naõ quiz paſſar do lugar de Converſa, excedendo na humildade ás irmãas, que a acompanharaõ na vocaçaõ. Todas trez obedeceraõ venturoſamente a ella, buſcando eſta Clauſura; e foy a primeira, que entrou nella, a Madre Dona Maria de Vilhena; ſeja agora eſta a primeira na noticia. *A Madre Dona Maria de Vilhena.*

Entrou eſta Madre em idade tenra a ſer Pupilla, mas com hum tal genio, que foy a primeira eſperança do que ſeria em Religioſa. Já profeſſa, obſervou à riſca as leys a que ſe obrigara, naõ ſendo poderoſos a afrouxar eſta obſervancia os crueis achaques de que logo ſe vio perſeguida; ſó prohibindolhe a lãa, que os aggravava, começou a uſar de eſtopa crua, e da mais groſſeira. Pobriſſima na cella, como no trato da peſſoa, ainda de ſi meſma era mais deſpida, ſem ter acto de vontade, como ſe naſcera ſem ella. De huma tença, que tinha, e deixava na maõ de huma irmãa menor, pedia para remediar os pobres, ancia, que a conſervou muitos annos no lugar de Porteira, gloriando-ſe muito com o nome, que lhe davaõ de Tia. Da ſua reçaõ repartia com elles, e para elles aceitava o que lhe offereciaõ parentes de mimo, e de regalo.

Igualmente penitente, que recatada, ſó por ſua morte ſe entenderaõ bem os ſeus exercicios de penitente, nas diſciplinas com ſinaes de bem exercitadas, cilicios rigoroſos, e huma Cruz de ferro armada de bicos. Na penitencia parece

que

que enſayava a tolerancia; nem as injurias lhe alteravaõ o ſemblante, nem os achaques, que padecidos tantos annos, lhe tiraraõ a vida, lhe deveraõ a menor queixa. Juraraõ as Religioſas, que a trataraõ, que tendo muitas vezes arrezoada cauſa, ſe lhe naõ percebeo nunca movimento de ira, menos palavra, que levaſſe ſombras de vingança; ás que podiaõ ſervir de eſcandalo, ou offenſa ao proximo, ſe as naõ podia embaraçar, tapava os ouvidos. Frequentava o Santiſſimo Sacramento com ſingular doçura de ſua alma, deſconhecendo a Veſpera deſſe dia o deſcanço da cama. Dos pés do Confeſſor ſe levantava aſſim compungida, que edificava, teſtemunhando elle deſpois de ſua morte, que nunca lhe achara culpa mortal. Era eſte o Padre Frey Gonçalo Pereira, Religioſo de vida reformada, como eu vi em Bemfica no Noviciado em que o tive por Meſtre, e o venerey obſervante.

Eſte eſtylo de vida da Madre Sor Maria a poz duas vezes no lugar de Prelada, que exercitou com tanto trabalho, como quem ſabia que naõ tem privilegios aquelle dominio: aſſim a naõ diſpenſava nem dos exercicios de abatimento. Com ſimilhantes empregos ſe grangeou huma tal opiniaõ com as Religioſas, que nos mayores apertos, e muito mais nos ameaços do Ceo, recorriaõ a ella para o remedio, e para o refugio. Succedia-lhe aſſim nas occaſioens das trovoadas, continuas, e formidaveis ſobre eſta Villa de Santarem, como ſituada em lugar alto, e deſcuberto. Creſceo a tromenta em huma occaſiaõ mais horroroſa, condenſaraõ-ſe as nuvens eſcondendo o dia, allumiado ſó dos amiudados relampagos. Correo o pezo das nuvens a cobrir o Moſteiro, e as Religioſas a rodear a Sor Maria, que orava no Coro, dando-ſe por ſegura a que ſe cobria com o ſeu habito. Reparou a boa Madre em huma taõ desfigurada, que ſe lhe hia paſſando o receyo a deſmayo, e diſſe-lhe com muita ſegurança, livre de todo o ſobreſalto: *Naõ temais, filha, que pela miſericordia de Deos, naõ haverá perigo.*

Naõ tardou muito, que com hum horrivel, e eſtrondoſo eſtalo naõ cahiſſe hum rayo, que ao parecer dos da Villa ſe ſuppoz que abrazara o Moſteiro, porque ſobre elle ſe raſgou o ar, e vio o fogo. Correraõ todos a ver a ruina, e naõ houve mais ſinal, que o de ſe ter ſepultado á porta da Igreja, o que os Religioſos da Companhia attribuiraõ a milagre. Tambem o parecia durar a vida á Madre Sor Maria entre os muitos achaques, que ſobre muitos annos padecia nella. Chamaraõ eſtes finalmente a morte taõ ſuave, que parece perdeo com ella eſte nome. Aſſiſtiolhe, e confeſſoua para tomar o Viatico o Padre Frey Gonçalo Pereira; entrou deſpois ao enterro, e tomando-a nos braços, a lançou na ſepultura, affirmando, que ſó eſſe intereſſe o trouxera; e accreſcentou que o que elle ſentira, tocando aquelle corpo puro, ficava ſó para Deos. Voltou entaõ a huma Religioſa, (que he a de que tivemos eſta noticia) e fora diſcipula da Madre

dre Sor Maria, e diſſe-lhe: *Madre peſſo a voſſa Reverencia muito que ponha em lembrança a vida deſta ſerva de Deos ; que naõ deve ficar em eſquecimento o amor, que teve a eſte Senhor, e ao proximo.*

A Madre Dona Joanna de Caſtro.

Naõ ſe eſmerou menos nelle ſua irmãa a Madre Dona Joanna de Caſtro, que ſobre ſua grande obſervancia, excedia nas occupaçoens de caritativa. Todo o tempo, que lhe reſtava do Coro, que era o ſeu centro, lhe levava o cuidado, e aſſiſtencia das enfermas, primeiro as mais pobres, e mais neceſſitadas, como era huma ſervente da Caſa, entrevada, e cuberta de chagas, e taõ aſqueroſas, que todas lhe fugiaõ até com os olhos. A eſtas applicava Sor Joanna as maons, as meſinhas, e os emplaſtos; a eſtas lavava, e fomentava ſem aſco, deſconhecendo-o, ou diſſimulando-o com alegre roſto. A eſta ſua laſtima acompanhava com ſanta inveja, porque nada tanto ſuſpirava, como dores em que exercitar a paciencia; aſſim pedia a ſeu Eſpoſo, que lhe déſſe a ſentir algumas das que padecera crucificado. Parece, que mereceo ao Senhor eſſe mimo, porque perſeguida de crueis achaques, lhe ſobreveyo huma dor em o peito, de que ſe lhe repartiaõ pelas juntas de todo o corpo, martyrio, que a deixava ſem ſentido. Acompanhava eſtas dores com profunda contemplaçaõ daquelle dia, em que o Senhor em Jeruſalém começara a padecer as ſuas.

Elegeraõ-na Prelada, achando-a em todas as Communidades com pontualidades de ſubdita. Deſvelava-a muito o aceyo do culto Divino, e querendo fazer huma obra para mayor decencia delle, ſe achou hum dia com o deſengano de que lhe era impoſſivel pelo cuſto. Affligio-a muito eſta pena, e entrando a caſo no Locutorio, achou nelle algum dinheiro (quantia a que podia chegar a obra). Fez diligencia pelo Moſteiro ſobre quem alli o tinha poſto, e naõ lhe ſahindo dono, fez o que intentava, reconhecendo todas o prodigio. De outro ſimilhante naõ ficou mais, que a memoria de que lhe ſuccedera; perderaõ-ſe outras, a que ſe devia eſta, como as de ſua penitencia, ainda que occulta, ficando ſó as noticias della para quem lhe daria a paga.

Cahio de enfermidade mortal, cauſada da dor do peito; pedio, e tomou logo o Viatico; mas dilatando-ſelhe a vida, como creſcendo o fervoroſo affecto, que tinha áquella ſoberana Meſa, ſuſpirava outra vez o ſuaviſſimo manjar della. Aſſim houve de ſe lhe permittir deſpois de alguns dias, para contentar o deſaſocego da ſua ancia, que ſó por eſta delicia eſperava, porque recebida ella com grandes jubilos de ſua alma, pedio a Unçaõ com preſſa, em que acompanhou a Communidade nos Pſalmos Penitenciaes. Pedio logo huma véla, e pondo os olhos no Ceo, (que aſſim lhe ficaraõ, como ſe os naõ aſſombrara a morte) entregou o eſpirito ao Creador delle.

Mas conſintaõ eſtas duas boas irmãas (a Madre Sor Maria, e a Madre Sor Joanna) de que acabamos de fallar, hum lugar gran-

grande, para o que as excedeo no primeiro naſcimento, como mais velha, e no ſegundo da Religiaõ, como mais humilde. Foy eſta Sor Franciſca Coutinho, no ſeculo Dona Franciſca, que naõ lhe faltando dote inteiro, por abatimento proprio quiz ſer Freira de véo branco. Aſſim ficou Religioſa Converſa, como a que imitava ſeu Eſpoſo em fazer brazaõ de eſcrava. Servia a Caſa com tal deſvelo, e diligencia, que lhe ſobejava tempo para aſſiſtir aos officios Divinos no Coro, donde edificava ſua modeſtia, e ſeu ſilencio.

Sor Franciſca Coutinho.

A' obſervancia das Conſtituiçoens ajuntava exercicios devotos, inventados com eſpirito, e continuados com fervor. Tinha groſſa tença, que naõ ſahia da maõ da Prioreza, mais que para obras preciſas na Caſa, eſpecialmente na Sacriſtia; no trato proprio era huma imagem da pobreza. Perſeguiaõ-na eſcrupulos, de que pedio a Deos a livraſſe antes de ſua morte. Succedeo aſſim, porque chegada ella, ſe confeſſou com grande ſocego, e conſolaçaõ de eſpirito. Com eſta tomou o Viatico, e perdendo os ſentidos por hum pouco, entenderaõ que tinha eſpirado; e indo a cobrirlhe o roſto, abrio os olhos, e pondo-os com ſemblante alegre, e riſonho em huma Imagem do noſſo Patriarcha, (eſtá hoje no Coro) que tinha junto á cama, e a que ſervira toda ſua vida, ſe deſpedio venturoſamente della.

Naõ eſpera a virtude pelos vagares da idade, porque a graça, de que he fruto a virtude, deſconhece vagares. Aſſim anticipou na Madre Sor Margarida do Eſpirito Santo as maduresas de huma obſervante, e exercitada Religioſa, nos tenros annos de Pupilla. Neſtes entrou neſta Caſa, dando-ſe nella a ſi meſma o nome da *Menina pobre*, por que a conheceraõ ſempre. Em Pupilla foy perfeita Noviça, em Noviça perfeita Profeſſa, e Religioſa, em profeſſa confuſaõ das Religioſas, e exemplar das Noviças. Dada á oraçaõ parece que nada a divertia, recolhida ſempre em ſi meſma. Hiaõ as palavras para donde trazia os penſamentos; ſempre era em Deos a ſua pratica; e ſe alguma das que aſſiſtiaõ, ſe deſviava levemente della, dizia com hum ſuſpiro: *Ay! Madres, quem nos dera no Ceo com noſſo verdadeiro Pay!*

A Madre Sor Margarida do Eſpirito Santo.

Rara na humildade, naõ ſó eſcutava deſprezos ſocegada, (e muitas vezes ſe lhe faziaõ para experiencia) mas agradecida. Deſempenhava bem o nome de Menina pobre em poucos annos, corpo pequeno, e debilitado, e huma penuria na ſua cella, e ſua peſſoa de tudo, o que póde ſer commodo na vida. Tomaraõ-lhe huma roupa interior, era-lhe preciſa pelo pouco abrigo, que (ſendo inverno) podia eſperar de hum habito çafado, e roto. Pedio pelo Moſteiro, que pelo amor de Deos reſtituiſſem a roupa á Menina pobre; e naõ lhe valendo a diligencia, callouſe ſofrida, quando ao ſegundo dia chamando-a á roda hum homem deſconhecido, lhe voltou nella a roupa, que lhe faltara, naõ a meſma, mas huma nova, e talhada para o ſeu corpo, a que naõ ſervia tudo por pequeno.

Rom-

Rompendo-ſelhe outra vez o calçado, ſe recolheo á Capella do Senhor dos Paſſos, e pedio-lhe: *Que lhe déſſe outro, pois ella era Eſpoſa pobre, e naõ tinha de quem ſe valeſſe.* Naõ paſſaraõ muitas horas, que paſſando pela Capella huma moça com o calçado para huma Freira, lho offereceo dizendo, que deſpois lho pagaria. Tomouo Sor Margarida, e fazendo deſpois diligencia, porque teve occaſiaõ da paga, ſe eſcuſou a moça dizendo, que de tal ſe naõ lembrava; nem foy poſſivel deſcubrir quem lhe fizera a eſmola. Encarecia o ſucceſſo vir o calçado medido para ella.

Cahio de doença mortal, recebeo os Sacramentos com alegria, e adormecendo deſpois da Unçaõ, chamada das Religioſas, que entendiaõ que eſpirara, diſſe: *Ay Madres, para que me chamaraõ, que eſtava eu em hum campo muy delicioſo com o meu Apoſtolo*, (era Santo André, de que era devotiſſima) *que me dizia que cedo iria eu para donde elle eſtava?* Chegou veſpera do Roſario, que foy dahi a dois dias, e cantandolhe a Salve na Capella da Senhora, que ficava viſinha á ſua cella, ſe ſentou na cama, e acompanhou as Religioſas com huma voz mais ſonora, que a que ſempre tivera, porque tambem teve a prenda de boa muſica, que ſó para louvar a Deos eſtimava. Acabando de cantar, e voltando-ſe para huma Religioſa, que lhe aſſiſtia, lhe diſſe com muita ſegurança: *Madre, eu já vou para o Ceo*; e inclinando-ſe ſobre o traveſſeiro, como ſe entrara em hum deſcançado ſono, parece que caminhou para donde tinha dito. Entendeoſe aſſim de ſua vida, e de ſegurarem os Meſtres de ſua conſciencia a pureza della.

Com menos individuaçaõ tivemos noticia da de outras Religioſas, mas naõ eſqueceremos o pouco, que ſe pode ſaber dellas. Foy huma a Madre Sor Filippa de Siqueira, de notavel recolhimento, e obſervancia. Madrugava todos os dias com huma ancia deſvelada, dizendo que de nada tinha inveja no Mundo, como das aveſinhas, que eraõ as primeiras, que no dia louvavaõ a Deos. Aſſim ſe anticipava a cantar Hymnos a huma janella, que cahia para o campo, adonde deſpois ao romper do dia acompanhava aquelle ſimples, mas concertado coro com grande, e goſtoſa ſuſpenſaõ de ſeu eſpirito. He de crer que lhe permittiria o Senhor (paſſando deſta vida placidamente) o aſſiſtir, e acompanhar o Coro das aves racionaes, que o louvaõ inceſſavelmente por toda a eterninade.

A Madre Sor Filippa de Siqueira.

Da Madre Sor Maria Magdalena, que ficando no Mundo viuva, ſoube buſcar neſta Clauſura Eſpoſo, que naõ acabava, ficou a noticia de huma ſogeiçaõ rara. Em nada moſtrou vontade propria. Aſſim (vivendo em toda a eſtreiteza da obſervancia) a poz nas maons da Prelada, com muita fazenda de que fora ſenhora, reduzindo-ſe a huma extrema (pobreza, que a morte (muy parecida á ſua vida) trocaria em huma eterna abundancia.

A Madre Sor Maria Magdalena.

Conheceo a bem a Madre Sor Anna de Macedo naquelle paſto Celeſtial dos Anjos, e dos homens, naquelle ſoberano Paõ

A Madre Sor Anna de Macedo.

Paõ de fartura, que venerava no Sacrario, aſſiſtindo ſempre no Coro, e com huma taõ grande ancia de continuar naquella aſſiſtencia, que nem para tomar o preciſo ſuſtento ſe queria apartar, indo ao Refeitorio. Sahia a hum lugar, adonde lhe traziaõ alguma refeiçaõ ligeira, e aſſim tornava á ſua aſſiſtencia todo o dia, e muitas vezes a noite toda. Em ſentindo recolhido o Moſteiro, ajoelhada diante de huma Imagem de noſſo Patriarcha, ſe confeſſava de todo o culpavel em que cahira aquelle dia. Sonhou huma Religioſa de confiança ſua, couſa em que dava a entender, que a Madre Sor Anna ſahia fóra da Clauſura. Eſcutou ella com attençaõ, e diſſe-lhe: *Madre, já ſey, que he chegada minha morte.* E advertindo-lhe a outra Religioſa, que ſe confeſſaſſe de dar credito áquelle agouro, lhe reſpondeo com muita ſegurança: *Para vós ſerá agouro, mas para mim he aviſo.* E aſſim o pareceo, porque em breves dias com pouca queixa, e nenhum genero de agonia, pedindo o Viatico, (aſſim foy piedoſa conjectura) paſſou a continuar na Patria a aſſiſtencia, que lhe fazia na terra.

A Madre Sor Catharina dos Anjos.

Continuava as meſmas com igual devoçaõ, e eſpirito a Madre Sor Catharina dos Anjos, gaſtando todo o tempo, que tinha livre, no Coro, adonde coſtumava ficar a noite inteira do dia em que commungava, e alli rezava hum Pſalterio em louvor do Sacramento. Foy eſta Religioſa de vida muy auſtera, e taõ eſquiva com os regalos, e ainda com o preciſo alimento da vida, que o pobre prato, que ſe lhe punha na meſa, ou o carregava de ſal, ou o cobria de agua. Faleceo ſegura, e conſolada, como ſe a convidara o Ceo para lhe pagar em melhor meſa os ſacrificios da ſua.

A Madre Sor Marianna de Jeſus.

Nos de penitente foy rara a Madre Sor Marianna de Jeſus. Apodreciaõ-lhe as coſtas com o rigor das diſciplinas; naõ lhe aproveitavaõ curas, porque as tornavaõ a raſgar os golpes mal convalecidas. O jejum, o mais eſtreito; repetido o de paõ, e agua em muitos dias, eſpecialmente nas vigilias dos Apoſtolos, e Santos da Ordem. Entendeo-ſe, que lhe correſponderaõ á devoçaõ, aſſiſtindo-lhe na ultima hora, por algumas palavras, que ſe lhe perceberaõ nella. Eſcutaraõ ſe lhe tambem outras, indicio de rigoroſa batalha, que teve com o demonio, eſpirando com hum tal ſocego, que parece ſegurava o triunfo.

Sor Joanna da Conceiçaõ.

Acompanhe a eſtas Religioſas huma Converſa, que o ſoube conſeguir naõ com menos induſtria, que ellas, tendo-a para ajuntar as duas vidas, contemplativa, e operoſa. Foy eſta Sor Joanna da Conceiçaõ, humilde, caritativa, e penitente. Voava nas occupaçoens de ſeu officio, grangeando tempo para buſcar quem lhe leſſe livros de eſpirito, em que ſe ſuſpendia com grande ſuavidade delle. Viveo inculpavelmente venerada de todo o Moſteiro, a que edificava com ſua vida, e conſolou com ſua morte, que foy taõ ſuave, como a fragrancia, que a ella ſe ſeguio em ſua cella. Aſſim o teſtemunharaõ todas as que lhe fizeraõ aſſiſtencia.

Coroemos eſte capitulo com huma Noviça, que o póde fa-

zer venturoſamente as memorias deſta Caſa, merecendo ſer contada entre as mais reformadas profeſſas della. Foy eſta Sor Maria Michaela, que nos primeiros, e mais tenros annos começou a pizar o caminho, que ainda naõ conhecia, e por donde já o Ceo a chamava. Gaſtava o tempo em particulares devoçoens. Todo lhe parecia pouco para frequentar as Igrejas, ou o Oratorio. Convidavaõ-na com ſingular doçura as praticas de Deos. Tudo em idade, em que naõ podendo ter mais eſcola, que o berço, ſem duvida naõ podia ter mais Meſtre, que o Ceo. Já mais creſcida, e para poder tratar mais facilmente eſtas propenſoens de ſeu eſpirito, ſe retirou a hum Recolhimento, em que fazendo voto de caſtidade, voltou as coſtas, e cerrou os ouvidos ás diligencias dos que buſcavaõ em ſua maõ, antes que os intereſſes de grande dote, aquellas prendas, que ſaõ a mayor felicidade delle.

Sor Maria Michaela.

Quiz logo viver com mais ſeguros, ou dar ao Mundo mais deſengano, e pedio o habito neſte Moſteiro das Donas, em que admittida, começou a ſentir a difficuldade de naõ ter todo o dote; e querendo aſſentar a entrega delle, contando-o a caſo com humas parentas, para ver o que lhe faltava, o acharaõ inteiro, e cabal. Como já ſabiaõ todas o muito que lhe faltava para o eſtar, entendendo, que fora engano, repetiraõ a diligencia de contallo, ſahindo de todas inteiro, e acabando de aſſentarſe o que tinha de prodigio. Notavel empenho de ſeu Eſpoſo, que lhe prefazia o dote, por naõ retardar o thalamo! Tomou Sor Maria o habito com alvoroço, e continuou o noviciado com exemplo. Era ſua vida a oraçaõ; e peſſoa de vida reformada, e de ſua confiança confeſſava as muitas vezes, que a vira tranſportada. Era mais certo o dia em que recebia o Sacramento, de ſorte, que ſe eſquecia deſpois na meſa com o prato diante; aſſim andava como alhea todo aquelle dia, comprindo á riſca as obrigaçoens de Eſpoſa na entrega dos corpos; porque ſe ſeu Eſpoſo lhe entregava o ſeu Sacramentado, ella lhe entregava o ſeu abſorto.

Com Chriſto crucificado era a ſua mayor devoçaõ, e vendo-ſe perſeguida de crueis achaques, dizia a eſta peſſoa, (de quem ſe fiava) que andava como crucificada nas dores. Tomara as liçoens do eſpirito de Paulo, e como toda a ſua gloria era meditar nelle na Cruz, toda a ſua vida era crucificarſe com elle nella. Hum dia no mayor fervor da oraçaõ lhe pedio, *que ſe ella Profeſſa naõ havia de guardar as leys da Religiaõ á riſca, que a levaſſe para ſi antes de Profeſſa.* Cahio logo enferma naquelle dia, e de doença taõ rigoroſa, que foy exame de ſua paciencia. Tomou logo o Viatico, que o pedio aſſim o mal, e dilatando-ſelhe alguns dias a vida, dizendoſe-lhe ſe ſe queria reconciliar na ultima hora, reſpondeo, que naõ tinha de que, ſó ſentia naõ morrer Profeſſa. Mas diſpollo ſeu Eſpoſo como lho pedira, e houve embaraço, para lhe naõ ſatisfazerem eſta ancia. Eſpirou como quem naõ tivera outra em ſua

vida,

vida, mais que a de merecer com Chriſto crucificado o nome de Eſpoſa. Segurou-o a fragrancia, que ſe ſentio na ſua cella, e o teſtemunho, que deu ſeu Confeſſor da pureza de ſua alma.

Sor Luiza de Santa Anna Canverſa.

Acompanhe a eſta grande Noviça huma naõ inferior Converſa. Foy eſta Sor Luiza de Santa Anna, que deſtinada para o Ceo, começou nos primeiros annos de ſua vida a batalhar com os embaraços, que lhe difficultavaõ a de Religioſa; reſoluçaõ, e conſtancia, que lhe premiou o meſmo Ceo com hum indicio prodigioſo, que lhe ſegurou finalmente o vir para eſta Caſa de S. Domingos das Donas, o que ella meſma contava deſpois de ſe ver nella, com huma ſanta ſingeleza, de que era dotada; e como os ſingelos de coraçaõ ſaõ ſempre os mais induſtrioſos nas materias de eſpirito, ſoube ella huma madrugada diſpor huma ſahida, e enganar huma tia, que deixou em certa Igreja, fogindo della para eſte Moſteiro, e entrando de joelhos na Portaria, ſe proſtrou aos pés das Religioſas, que ignorando, que ella tinha ajuſtado a entrada com a Prioreza, a deſpediaõ com indignaçaõ, e deſprezo, culpando-a reſoluta, e tratandoa como louca, até que conhecida de huma Religioſa, que acodio chamada do eſtrondo, a levaraõ ao Coro, em que banhada em lagrimas, veſtio o habito, e ſe deixou ficar em oraçaõ com a ſuavidade, e ſocego de quem ſe via naquelle centro ſuſpirado.

Aſſim começou o anno do noviciado, moſtrando bem, que o naõ deſconhecia quando o pertendera, e o continuou com hum eſtylo de vida, que bem moſtrava quem lha aconſelhara. Silencio continuo, que lhe naõ ouviraõ romper, menos que com palavras de edificaçaõ. Humilde; naõ havia exercicio de abatimento, que a naõ achaſſe naõ ſó prompta, mas ſatisfeita. Caritativa (furtandoſe ao ſono, e ao deſcanço, como á advertencia das que mais a tratavaõ) tomava pela meya noite rigoroſas diſciplinas, ſobre as covas das Religioſas, que tinha viſto falecer. Na oraçaõ aſſim ſe inflammava, que logo no roſto ſe lhe diviſava, que ſahia della.

Continua nos louvores de Deos, e caridade com os proximos, pontual nas obrigaçoens do ſeu eſtado, exacta em todo o ponto da obſervancia, chegou a praticarſe entre as Religioſas mais graves, e reformadas, que Sor Luiza era irreprehenſivel ainda na menor venialidade. Attenuada com os jejuns, e auſtero trato, que dava ao corpo, naõ promettia larga vida, quando (havendo treze mezes, que profeſſara) a tomou hum accidente, de que (para ſegurar a ditoſa, á que paſſava) tornando em ſeu perfeito juizo, e Sacramentada com ſocego, e grande conſolaçaõ de eſpirito, acabou, deixando aquellas Religioſas taõ ſaudoſas da ſua companhia, como edificadas do exemplo com que lha fizera.

Faleceo em Março de 1710. foy natural de Arouca; ſeus pays lavradores honrados, e tementes a Deos, de que receberaõ aquella unica filha, me-

lhor que para perpetuarſe ſua caſa, para a fazer mais ditoſa, e conhecida. Deſpois de ſua morte favoreceo o Ceo a muitas Religioſas, (que teſtemunharaõ ſuas virtudes glorioſas) com o patrocinio dellas; havendo experiencias, que conſervaraõ eſta pia credulidade em todas. Mais largo aſſumpto nos roubou o ſilencio de ſeu Confeſſor, de que ſe ſoube em commum, que era precioſo o theſouro, que guardava, e moſtrou a experiencia queixoſa, que foy culpavel deſcuido a ſua avareza.

CAPITULO IV.

Das Madres Sor Margarida do Roſario, Sor Maria do Preſepio, Sor Catharina da Gloria, Sor Catharina das Chagas, Sor Catharina de S. Jacintho, que floreceraõ no Moſteiro de Corpus Chriſti de Villa Nova do Porto.

Moſteiro de Corpus Chriſti do Porto.

HE verdade experimentada, que ſempre o myſtico corpo da Religiaõ ſe achou mais vigoroſo na infancia, que na adoleſcencia, e mais idades (diſcorrendo por ellas com alluſaõ á vida do homem) ſendo ſuas forças verdadeiras o deſempenho das fabuloſas, que a antiguidade mentio em Hercules, quando o conſiderou no berço, deſpedaçando ſerpentes. Paradoxo parecerá ſem duvida a quem lançar os olhos aos progreſſos da natureza, que ao compaſſo dos annos vay diſtribuindo os alentos, naõ ſendo nunca os mais eſpiritoſos, nem os primeiros, nem os ultimos. Mas eſſe reparo he o que nos poem na penna eſta breve reflexaõ, ſobre o privilegio, com que eſta Provincia Dominicana, naſcendo com os eſpiritos, que já no ſeu berço contemplariaõ os noticioſos, ainda agora (contando já os annos de ſua ancianidade) os naõ moſtra menos alentados na meſma debilidade do ſexo, que ao preſente nos vay dando aſſumpto na antiga Caſa de Religioſas em Villa Nova do Porto, rara paleſtra da obſervancia, em que naquelle noſſo primeiro ſeculo exercitada a fraqueza femenina, ſe vio a braços com a penitencia, eſpectaculo digno dos olhos do amoroſo Antagoniſta noſſo Santo Patriarcha.

A Madre Sor Margarida do Roſario.

Seja a primeira das que continuaraõ, e ſe coroaraõ na paleſtra, a Madre Sor Margarida do Roſario, nobre por naſcimento, que melhorou nos braços da Religiaõ, vindo-a buſcar a eſta Caſa, em que principiou a vida della com tanto goſto, como ſe conheceo logo no que cada dia ſe lhe deſcobria de augmento. Obſervantiſſima dos preceitos, que profeſſara, os eſtendia a mais rigor; o jejum de ſete mezes ao de todo o anno, e nelle muitos dias a paõ, e agua, como na Quareſma dois dias na ſemana. Parecia-lhe eſte genero de mortificaçaõ lento, e vagaroſo; recorria ao cilicio, e porque eſte naõ parecia já taõ auſtero por coſtumado, amiudava as diſciplinas, em que ſe ſangrava ſem piedade.

Era ſua mayor aſſiſtencia no Coro, diante do Santiſſimo Sacramento; de madrugada a primeira, que o buſcava; de noite,

te, a ultima, que delle ſahia, e por poucas horas: ſendo taõ eſcaſſas as do ſeu deſcanço, como ſe podia ſuppor de quem muitos tempos naõ teve cama mais, que o chaõ, dando a ſua (aſſim pobre, e penitente, como era) a huma irmãa Converſa, que a naõ tinha, e cahira gravemente enferma. Ao darlhe a cama, ſe ſeguio o ſer ſua enfermeira. Era a enfermidade aguda, intentavaõ divertilla da aſſiſtencia, que parecia arriſcada, e reſpondeo: *Seja o que Deos for ſervido, que naõ ſe ha de permittir, que morra eſta irmãa á falta de cuidado.* Eſte, e ſimilhantes eraõ os de ſua caridade; e como para elles ſe queria achar livre, como para o retiro, e o ſilencio, de que era grande obſervante, eleita Prelada, ſatisfez em hum anno á obediencia, e logo inſtou com o Prelado, que a abſolveſſe, culpando ſeu pouco preſtimo, naõ havendo alguma, que tiveſſe tanto.

Reſtituida á ſua cella, inventou hum novo genero de vida, em que entregue toda á contemplaçaõ, fugia de tudo o que podia ſer alivio, ou divertimento. As horas que tinhaõ as Religioſas em tempo de recreyo, paſſava ſó no Coro; ſe as feſtas eraõ na Igreja, na cella. Rara no ſofrimento, nunca, (por mais, que deſafiada da ſem razaõ) lhe ouviraõ palavra, que ſoaſſe a deſculpa, ou a vingança. Era muy devota da Senhora em ſua Purificaçaõ, ſacrificando á ſua feſta tudo o que tinha. Celebrou-a pelos annos de 1620., e ſentindoſe ſem forças, (eſtado a que a reduzira o jejum, naõ ſó na eſtreiteza, mas na qualidade deſſe pouco, que comia) pedio os Sacramentos, e ſó para o da Unçaõ ſe fez levar á enfermaria, e ſe encoſtou na cama. Choravaõ as Religioſas, que ſabiaõ eſtimar ſua companhia, e avaliar a ſua perda, e ella com a boca cheia de rizo, deſpedindoſe de todas, lhe pedia, que naõ choraſſem, pois era chegada a hora de ſua mayor alegria; e voltando o coraçaõ a Deos, cerrou os olhos, e paſſou a gozar a eterna.

Venturoſo foy aquelle anno para eſta Caſa, dando ao Ceo duas filhas ſuas. Aſſim ſeguio os paſſos da primeira a ſegunda, que foy a Madre Sor Maria do Preſepio, nobre, e bem aſſiſtida de ſeus pays, que profeſſando neſta Caſa, faleceo nella em breves annos, conhecendo-ſe, que o Ceo a deſtinara para ſua na brevidade com que a levava, como em huma ſingeleza rara, que fez inculpavel ſua vida. Era ſeu pay homem de cabedaes, e amante da filha, como de outra, que tomou o habito com ella; alargava a maõ com grandeza, porque a nenhuma faltaſſe nada; mas naõ eraõ as de Sor Maria mais, que hum depoſito da pobreza; primeiro da de algumas Religioſas da Caſa, ſupprindo o que eſta naõ podia, eſpecialmente com as enfermas, a que acodia, e viſitava com tanto ſegredo, como largueza. Aos pobres de fóra hia o que lhe reſtava, ſendo ella ſó a que ficava pobre entre os de Caſa, e os de fóra; documento, que lhe dera ſeu Eſpoſo, que para fazer ricos os pobres, ſe fez pobre, ſendo rico.

A Madre Sor Maria do Preſepio.

Egenus factus eſt, cum eſſet dives, ut illius inopia vos divites eſſetis. 2. ad Corint. 8. 9.

Quatro annos ſe lhe prolongou

gou huma doença, que a reduzio a tiſica, ſendo neceſſario, que a obediencia a eximiſſe das obrigaçoens de perfeita Religioſa, ſubſtituindo em lugar das penitencias as moleſtias grandes, e aſſim toleradas, como de quem ſabia o que ſe podia merecer com ellas. Confeſſouſe, e pedio os mais Sacramentos, vendo-ſe aſſaltada de huma debilidade, que já parecia ultima. Deu lhe pouco credito a Enfermeira, por mais que ella inſtava, que o era. Aſſim á advertencia de huma Religioſa ſe lhe veyo a dar o Viatico com preſſa. Recebeo-o entre demonſtraçoens de contriçaõ, e alegria, taõ eſtranha eſta em dezanove annos, que ſe viaõ junto da ſepultura, como natural a outra em huma vida, a que nunca eſquéceo, que caminhava para ella. Eſpirou; e aſſim eſpirou como viveo; foy a morte alegre, como a vida fora innocente.

A Madre Sor Catharina da Gloria.

Mas paſſemos de dezanove annos de vida a 114. de Religioſa, como ſe viraõ na Madre Sor Catharina da Gloria, que de ſeis entrou neſta Caſa, e já taõ inclinada aos exercicios della, que o mayor mimo, que lhe faziaõ, era admittilla a elles. Em acçoens de menina miſturava advertencias de adulta. O almoço, que lhe davaõ, levava os mais dos dias a huma Imagem de Santo Thomaz; e pondo-o ſobre o ſeu Altar, e os joelhos em terra, lhe dizia com ancia, que ſe lhe percebia melhor, que o idioma: *Meu Santo, e meu Meſtre, ahi vos offereço o que tenho, daime vós muito ſaber para ſervir a Deos.* Naõ deſprezou a ſupplica, e offerta innocente o grande Meſtre das ſciencias, e da virtude, porque aſſim ſahio bem doutrinada a Madre Sor Catharina, que ao conhecimento grande, que tinha da Eſcritura, ajuntava o rezar, e recitar o Pſalterio de memoria; e nas Liçoens, e mais particulares do Officio Divino eſtava taõ previſta, e prompta, que acodia, e reparava na mais leve falta, que nelle ſe commettia.

O grande zelo do amor de Deos, e da Religiaõ, a puzeraõ trez vezes (primeiro a votos da Caſa, deſpois a ameaços da obediencia) no lugar de Prelada, que exercitou com inteireza, e conſtancia, ſendo ſeu genio hum abyſmo de humildade, e brandura, em tudo o que naõ tocava ao reſpeito da prelazia. Via-ſe aſſim igualmente querida, e reſpeitada de todas, como a que tantos annos ou eſcutaraõ Meſtra, ou obedeceraõ Prelada; mas nenhuma hora para ella de mais goſto, que a que entre ellas ſe via ſervindo, ſem lembrança da auctoridade, que com ſeu eſtylo de vida, e governo da Caſa, ſe tinha grangeado nella, como da que deixara na de ſeu pay Diogo Leite Pereira, Fidalgo dos principaes, que reconhecera o Porto ſua patria. Mas o que mais luzio, e avultou neſta Madre, foy hum exacto ſilencio, em que (para andar ſempre contemplando) antes ſe ſepultava, que ſe recolhia. Fóra das horas de licença, ſe lhe naõ ouvio nunca huma palavra.

Contava já cento e vinte annos, menos ſete dias, quando cahio na cama deſamparada já da natureza, mas com hum

ſocego, e vigor de eſpirito, como a que começava agora a melhor vida delle. Já ſacramentada, durou poucos dias, diſpenſando-lhe nelles o Ceo, que viſſe em ſombras as felicidades, a que ſe eſtendiaõ ſuas eſperanças. Rodeavaõ-na as Religioſas, quaſi todas diſcipulas ſuas, deſconſoladas de ſua falta; e perguntando-lhe o que ſentia? Reſpondeo, que deſejos de chegar a huns deleitoſos prados, que dalli eſtava vendo, taõ viçoſos, e cubertos de flores, que nem a diſtancia (porque eſtavaõ em muita) lhe tirava o eſtar percebendo a ſua fragrancia; e fazendo-lhe ao outro dia a meſma pergunta, diſſe: *Que via o meſmo campo, mas já mais viſinho.* Eraõ ſem duvida os verdadeiros Elyſios da eterna Primavera, a que ſe hia chegando ſua alma, porque o dia, que faleceo, diſſe muitas vezes, e com ſegurança, que já os via como dentro da cella. Aſſim eſpirou, alvoroçada de paſſar a gozar de ſua delicia.

A Madre Sor Catharina das Chagas.

Naõ ſuſpirava com menos ancias por ella a Madre Sor Catharina das Chagas, attenuando o corpo com continuas penitencias, porque aliviado o eſpirito, correſſe mais ligeiro. Nas Vigilias dos Santos, e ſeſtas feiras de todo o anno, cingia aſpero cilicio, tomava diſciplina; naõ era o jejum menos auſtero, e o de meya Quareſma de paõ, e agua. Oraçaõ continua, ſeguida com huma taõ ſanta ambiçaõ, que naõ havia para ella mayor violencia, e ſacrificio, que as occupaçoens, em que a voto do de todas a punha o ſeu preſtimo; porque o que naõ era contemplar em Deos, julgava por tempo perdido. Com eſta magoa ſe ſogeitava aos officios de Prelada, e Meſtra, accreſcendo outra circunſtancia de naõ menor pena em ſe ver reſpeitada, porque naõ havia para ella empregos como os de abatida, eſquecida já, e deſnaturalizada da muita nobreza com que naſcera.

Neſte eſtylo de vida contava muitos annos, quando chegando o de 1623. a 7. de Setembro, em veſpera da Natividade da Senhora, mandou a Prioreza, porque ſe dilatava muito a Miſſa do dia, que commungaſſem nella as Religioſas confeſſadas, que para o outro ficariaõ as outras. Adiantouſe a Madre Sor Catharina, pedindo á Prelada, que a deixaſſe confeſſar a ella, porque naõ ſabia ſe chegaria ao outro dia: pareceo deſconfiança de timorata, ou culpouſe como tontiſſe daquella idade, mas fez-lhe a Prelada o goſto; commungou, e ficou com ſocego. Seguio-ſe a noite, e exercicio da Vigilia, e acabando de tomar a diſciplina, tendo eſta ainda na maõ, deu alguns paſſos a buſcar outra Religioſa, que para o meſmo effeito a acompanhara, e cahindo-lhe nos braços com hum accidente, paſſou a celebrar com os Anjos o naſcimento da Rainha delles.

Mas coroemos eſte Capitulo com outra Catharina, nome venturoſo neſta Caſa, como ſingularmente fauſto para a familia Dominicana, mimoſa ſempre daquella grande, e glorioſa Doutora Alexandrina, que a' ſeus filhos illuſtrou ſempre como a diſcipulos, e favoreceo como a devotos, achando-me eu no

no ſegundo numero com a felicidade de me patrocinar o ſeu nome, gloria, que naõ trocara pelos que póde prometter a immortalidade. Mas continuemos com a Madre Sor Catharina de S. Jacintho, terceira em numero, e igual ás outras no eſpirito. Sua grande religiaõ, e obſervancia lhe deraõ alguns annos o cargo de Meſtra, incançavel em induſtriar as diſcipulas, zeloſa na perfeiçaõ do culto Divino, mais deſvelada no que tocava ao Coro.

A Madre Sor Catharina de S. Jacintho.

Ainda tendo outra occupaçaõ, aſſiſtia nelle como Cantora, para que Deos lhe deu huma voz fermoſa, empregando-a agradecida nos louvores de quem lha dera. Foy toda ſua vida mortificada na continuaçaõ de jejuns, e diſciplinas; taõ aſpera, e auſtera no trato de ſua peſſoa, como com todas tratavel, meiga, e caritativa. Deulhe huma febre aguda, pedio que a levaſſem para a enfermaria, e a ſacramentaſſem logo; attendeo a tudo com grande conſolaçaõ de ſeu eſpirito. Pedio ás Religioſas, que rezaſſem as Horas de noſſa Senhora, acompanhou-as, e cantando-lhe a Antiphona *O' Rex glorioſe*, ſentada na cama, levantou a voz com tanto vigor, e inteireza, como ſe deſconhecera os effeitos da hora em que eſtava, afinando a ſolfa, e encaminhando a todas, como ſe ſe achara no Coro entre ellas. Deſcançou hum pouco, e logo abraçando-as, e deſpedindo-ſe com alvoroço de quem ſabia qual era ſua jornada, partio venturoſamente deſta vida por Novembro de 1623.

CAPITULO V.

Das Madres Sor Maria do Bautiſmo, Sor Iſabel da Madre de Deos, Sor Luiza de Saõ Raymundo, e outras filhas do meſmo Moſteiro.

NAõ era motivo de admiraçaõ, ainda que de reparo, que neſta Caſa reſpiraſſem tantos, e taõ adiantados eſpiritos no caminho da virtude, porque os que precediaõ, deixavaõ aſſim doutrinados os que ficavaõ, que reproduzidas as virtudes, continuavaõ, ſem deſcahir com a injuria das idades. Deſtes foy hum o da Madre Sor Maria do Bautiſmo, que naſcendo rica, e bem aparentada, ainda foy mais venturoſa em ter huma Religioſa grave neſta Caſa, que de trez annos a trouxe, e criou nella. Com taõ boa Meſtra creſceo na virtude, como na idade, e tomando o habito, e profeſſando, começou a viver taõ exacta nas obrigaçoens delle, que a elegeraõ Prelada, naõ o pedindo ainda os annos, e recuſando-o com grandes diligencias a ſua humildade; mas vioſe o acerto de eſcolhida no zelo com que ſuſtentou a obſervancia.

A Madre Sor Maria do Bautiſmo.

Toda ſua aſſiſtencia era no Coro, diante do Santiſſimo Sacramento, de que era devotiſſima, e com quem gaſtava o muito que tinha, ſem reſervar para ſi nada. Rara na ſua parcimonia, era o ſeu prato o mais pobre; e naõ pequena ſingularidade, havendo poſſes, naõ haver appetites. Acautelada com ſua conſciencia, acabado o officio de Prelada, ſe reduzio a

hum

hum ſilencio, de que ſó a diſpenſava o zelo de reprehender algum defeito, porque os naõ ſabia diſſimular, eſpecialmente no Coro, ou pertencente ao culto Divino. Aſſim era hum Argos para a perfeiçaõ delle, concerto da Communidade, obſervancia da Regra, e reforma da Caſa, podendo dizer: *Que o zelo da Caſa de Deos, e da ſua honra a tinha reduzido a hum incanſavel deſaſocego.* Com eſte genero de vida Angelica, ſem mais commercio, que com o Ceo, a apanhou a morte a 6. de Agoſto de 1630. taõ adiantada em annos, que lhe tirou pouco na vida, e tanto em virtudes, que lhe apreſſou as felicidades da eterna.

Zelus domus tuæ comedit me. Pſ. 68. 10.

Naõ ſeguio o alcance dellas com menos eſpirito, e reſoluçaõ a Madre Sor Iſabel da Madre de Deos, porque podia dizer (como logo veremos) com o Apoſtolo, que como eſcrava do Senhor, ſeguia a ſua vocaçaõ, rompendo, e pizando todos os embaraços, todos os tropeſſos, ou da honra, ou da infamia; eſta imputada, aquella offendida. A humildade, e a paciencia foraõ as azas com que eſta Madre ſe adiantou, ou atropellou os meſmos obſtaculos, que lhe intentavaõ retardar os voos. Já era Freira creſcida, e a mais reformada; e como a viaõ ſofrida, naõ faltava quem ſe atreveſſe a deſconſolalla. Deſconhecera ella os parentes como ſe vio reproduzida na Clauſura em melhor naſcimento, talvez porque o delles naõ ſeria taõ puro, promettendo nelle menos Fé, que a que abraçara no habito, e inſtituto. Achou o demonio eſta brecha, para continuar com eſperanças a bataria á ſua paciencia, tomando por armas as linguas affoutas de algumas ſerventes da Caſa, ou talvez (o que eſcrevo com bem magoa) de Religioſas della, que veſtindo de zelo o ſeu deſagrado, culpavaõ os Prelados de introduzirem em ſua companhia quem na ſua opiniaõ naſcera indigna della, ſem repararem, que a obſervancia, e reforma da excluida lhe condemnava a repulſa; naõ ſendo dezar na roſa o terem-lhe dado berço os eſpinhos, para que ainda entre as mais puras aſſucenas, naõ deſtinaſſe a natureza mais decente lugar á ſua formoſura.

A Madre Sor Iſabel da Madre de Deos.

Exhibeamus nosmetipſos ſicut Dei miniſtros in multa patientia. per gloriam, & ignobilitatem; per infamiam & bonam famam. 2. ad Corinth. 6. 9.

Deſafogava-ſe a deſaffeiçaõ em lhe chamar nomes injurioſos, que ella com os olhos no chaõ eſcutava, e naõ rebatia, dando com eſte ſofrimento calor á ouſadia, que a tratava com nomes expreſſos por pouco ſegura na Fé. Eſte era o golpe, que mais lhe chegava ao coraçaõ, que naõ lhe cabendo no peito, e rebentando-lhe pelos olhos, era a muda queixa com que recorria á Imagem de hum Chriſto crucificado de ſua continua devoçaõ. Alli ſe proſtrava por terra, dando mais vigor aos gemidos, que ſobiaõ antes a pedir ſofrimento, que caſtigo; propondo com o Pſalmiſta a ſua injuria eſcutada, e humildemente ſofrida: *Tu ſcis Domine improperium meum, confuſionem meam, & reverentiam meam.* Como ſe diſſera: *Senhor, vós bem vedes as afrontas, que eſcuto, e como me confundo, humilho, e emmudeço.* Pſ. 68. 20.

Chegou a mais a impiedade de quem a perſeguia, atreven-

do-ſe a levantar a maõ, e deſcarregar hum golpe na face da humildade innocente, ſem que primeiro lhe déſſe eſta cauſa, ou deſpois ſe lhe ouviſſe queixa, mais que a que coſtumava acompanhar a ſua tolerancia, que eraõ as lagrimas, ſangue, que nos modeſtos, e ſofridos rebenta dos golpes da afronta, como gemido da natureza. Aſſim vivia já a Madre Sor Iſabel deſpida da carne, e ſangue, que a fazia malquiſta, como a impiedade, como ſe lhe quizera moſtrar que, ſe lhe davaõ em culpa o tella, já a naõ tratava como ſua. Quiz a Prelada caſtigar a agreſſora, e ſuſpendeo o caſtigo a incriveis diligencias da offendida. Difficil caminho, porque a ſua tolerancia ſobia, buſcando a coroa do martyrio, tanto mais rigoroſo, quanto he mais precioſa victima a vida da honra, que o alento da vida.

Era a ſua em tudo a mais obſervante. A' abſtinencia do jejum de ſete mezes ſe ſeguia o de trez dias na ſemana no reſtante do anno. Uſou ſempre lãa junto á carne; cama, e cella penitente, e pobre; aſſim no trato de ſua peſſoa, porque huma penſaõ, que lhe pagavaõ todos os annos, applicou com licença dos Prelados para ſe feſtejar a Natividade da Senhora, de que era muy devota, ſervindo a huma Imagem ſua com deſvelo no ornato, e aceyo de huma Capella. Outra Imagem tinha na cella, e nella a ſua devoçaõ tanta confiança, que deſamparando as Religioſas o Dormitorio baixo, por ameaçar alguma ruina, em huma chea do Douro, ſó ella ſe deixou ficar, dizendo affouta: que ficava com quem a guardaria. E naõ a enganou a confiança, porque durou o Dormitorio ſem riſco contra a opiniaõ commua.

Na guarda das Conſtituiçoens, e Regra, como eſtaõ eſcritas, era taõ vigilante, que examinando-a em muitas occaſioens algumas incredulas, e imprudentemente eſcrupuloſas, ſahiraõ igualmente deſenganadas, que confuſas. Neſte modo de vida, ſem afrouxar nella, contou a Madre Sor Iſabel cento e quinze annos de idade, porque ainda que eſta a moſtrava caduca, para tudo o que tocava a Deos, e á Religiaõ eſtava prompta, e advertida. Faltaraõ-lhe as forças, e com ellas a vida; pedio, e recebeo os Sacramentos com demonſtraçoens de verdadeira, e venturoſa penitente, opiniaõ, que ſe confirmou em alguns dias, que ſe lhe dilatou a ultima hora, porque trazendo comſigo ſimilhante idade muitas miſerias de achaques, e chagas, e deſaceyo, que ſe ſegue a huns, e outras, ſuſpendiaõ-ſe as Religioſas, que entrando, e aſſiſtindo na ſua cella, rodeando a cama da enferma, lhe occupava os ſentidos huma deſconhecida fragrancia, explicada de todas como ſe fora hum muito de flores, e perfumes, ſem que podeſſem ver os olhos o que eſtava affirmando o olfato. Com eſta circunſtancia paſſou ſuavemente deſta vida em 2. de Mayo de 1633. eſtando as Religioſas em Veſperas, entoando o Cantico de Magnificat, de eſpecial doçura para ella.

Siga-ſe a eſte extremo de ſofrimento outro de caridade

na

A Madre Sor Luiza de S. Raymundo.

na Madre Sor Luiza de S. Raymundo, de quem dizem as memorias, (que de boa maõ vieraõ á noſſa) que nunca ſe poderá encarecer o que eſta Madre foy nos empregos deſta grande virtude. Creſceo ella ſobre os aliceſſes da obſervancia regular, em que era exacta, de hum zelo ardente do augmento da Religiaõ, e reforma da Caſa, de huma abſtinencia, e eſtreiteza de jejuns, accreſcendo aos da Regra muitos de paõ, e agua, acompanhados ſempre de diſciplina; ſobre eſtes fundamentos, e hum genio brando, affavel, e compaſſivo, avultava a caridade com o proximo, taõ ambicioſa do emprego, que a menor moleſtia de qualquer Religioſa a chamava enfermeira, occupaçaõ, que com inſtancia pedia, e deſempenhava, ſem perdoar a trabalho, ou a diſpendio, ſe a enferma era deſamparada; conſumido o pouco cabedal, que para eſte effeito ajuntava a ſua induſtria (fóra ſo da ſua tença) recorria a ſeus pays, que com maõ larga reſpondiaõ á petiçaõ da filha, como herdeira de ſua muita piedade, conhecidos por ella, como por ſua nobreza na Cidade do Porto, de que eraõ naturaes; ſeu pay ſe chamou Fernaõ Nunes Barreto, ſua mãy Dona Maria Henriques.

O meſmo deſvelo, a meſma diligencia occupava com as ſerventes, e ainda eſcravas da Caſa, como ſe vio na aſſiſtencia, que fez a huma por eſpaço de trez mezes, em que o mais tempo ſe naõ deitou em cama, deſcançando ao pé da da enferma, ou naõ deſcançando as muitas noites, que eſteve perigoſa. Da Enfermaria, ou das cellas das doentes, paſſava á coſinha, fiando de ſuas maons, e diligencia os guizados com mais deſfaſtio, para as que ſem elle naõ levavaõ o ſuſtento. Deſoccupada deſte trabalho, entrava no de fazer-lhes a cama, curallas por ſuas maons, alimparlhes as cellas, ſempre com ſemblante taõ alegre, como quem naõ ignorava os eternos avanços do ſeu intereſſe. O tempo, que lhe perdoavaõ ſimilhantes exercicios, acodia aos da obſervancia da Caſa, ao Coro, á oraçaõ, em que o Senhor enriquecia ſeu eſpirito com o copioſo orvalho das lagrimas, com que acodia a temperar o eſtio ardente de ſua incançavel caridade.

Quando commungava, ſe via nella com mayores abundancias eſte effeito, ſervindo ás Religioſas de compunçaõ, e aſſombro. Foy mayor o que ſe vio em ſua morte, (que foy taõ ſentida, como invejada) trocando-ſelhe a palidez do roſto em a cor viva de huma roſa, que todas viraõ, e contemplaraõ, como ſe ſe lhe reſtituira ſua belleza, que foy muita. Faleceo aos quarenta e nove annos de ſua idade, por Outubro de 1639.

As Madres Sor Agueda da Graça, e Sor Juliana de S Bernardo.

Remate eſte Capitulo á noticia de duas Religioſas, que criou eſta Caſa com a gloria de as poder dar a outra, em que foſſem plantar a obſervancia, que aprenderaõ nella. Foraõ ellas as Madres Sor Agueda da Graça, e Sor Juliana de S. Bernardo, buſcadas, e eſcolhidas para Fundadoras do Moſteiro de noſſa Senhora do Tojal, ſendo as noticias de ſeu grande

zelo, e eſpirito, as que naõ cabendo na Clauſura, paſſaraõ a occupar os reparos, e vozes de toda aquella Provincia, tendo ambas tantos votos para o cargo, quantas prendas lhe contava o merecimento. Sahiraõ deſte Moſteiro de Corpus Chriſti a 2. de Setembro de 1640., e deraõ inteira ſatisfaçaõ na fórma, e primeira obſervancia da fundaçaõ nova, porque em ambas ſe achavaõ, e experimentaraõ as qualidades de eſpirito, inteireza, e vigilancia, que ſaõ as com que principia a reſpirar a vida de huma Clauſura.

Sabemos, que a Madre Sor Agueda foy logo Prioreza, e Meſtra de Noviças a Madre Sor Juliana, ſuccedendo eſta no lugar de Prelada por morte da primeira. Seriaõ as circunſtancias, e progreſſos de ſua vida, dignos de mais larga eſcritura, mas naõ he aſſumpto da noſſa hum Moſteiro, que com Fundadoras, e Conſtituiçoens Dominicanas (ou foſſe por difficil commercio, e diſtancia com os Conventos da Ordem, ou pouca ambiçaõ nella de contar muitos) tomando-lhe o Inſtituto, lhe naõ reſtituhio nunca a ſogeiçaõ.

CAPITULO VI.

Das Madres Sor Maria de S. Joſeph, Sor Anna da Appreſentaçaõ, Sor Marianna de S. Joſeph, Sor Luiza da Conceiçaõ, Sor Antonia de S. Domingos, Sor Joanna Bautiſta, e Sor Anna de Jeſus, da meſma Caſa.

SEm duvida ſe póde convencer quem ler eſtes eſcritos, que a mayor parte do que nelles podia ſer aſſumpto, nos eſcondeo avaramente o tempo, como ſe ſe vingara da pouca ambiçaõ com que pegamos na penna, antes que para eſtender, para recolher memorias, que nos deixou mais o deſcuido, que o cuidado de quem ſem obrigaçaõ quiz apontar algumas, porque ficando as mais antigas, que alcançamos deſta Caſa, no anno de 1639. as tornamos a deſcobrir ſó deſde o de 1669. vindo-nos a faltar, e emmudecer pelo largo eſpaço de trinta annos, ſem que nos fique de repetidas diligencias, mais que o deſengano de que naõ tem outro fruto as que ſe fazem, deſpois de dar tantas largas ao tempo. Mas naõ o occupemos com queixas ſem remedio, que ſerá ſegundo erro (inda que ſem noſſa culpa) occupallo agora mal, naõ o occupando até agora; e tenha o primeiro lugar a Madre Sor Maria de S. Joſeph, irmãa do Biſpo do Porto Dom Nicolau Monteiro.

A Madre Sor Maria de S. Joſeph.

Naõ ſe contentou eſta Madre com a obſervancia pontual do que ordenaõ as leys, que profeſſara, aſpirou ainda a mais eſtreito modo de vida, naõ o ſendo pouco o que ſe ajuſta ás Conſtituiçoens, e Regra. Aos jejuns ajuntou muitos de paõ, e agua, ſem que hum achaque de toſſe, que por muitos annos lhe enfraqueceo o peito, a diſpenſaſſe daquelle rigor voluntario. Continuava o Coro deſpois de o fazer a Communidade as horas, que eſta naõ aſſiſtia nelle. Levava-a ſuavemente a contemplaçaõ áquelle lugar, de que ſó a tirava o receyo de ſer viſta, ou reparada. Na ſua cella

cellà naõ ſõ faltavaõ aceyos, mas ainda commodos, e abrigos, porque para aſſento havia o chaõ deſpido, e para deſcanço humas taboas, e alguma cuberta, que as diſſimulava em fórma de cama. Continua Enfermeira, deſcançavaõ no ſeu cuidado as que tinhaõ eſſe officio. Eſmoler, nunca teve couſa de preſtimo, ou valia, que naõ paſſaſſe logo ás maons da neceſſidade, e da pobreza. Compaſſiva, e deſvelada com ella, pedia para remedialla.

Humilde, eſpreitava as occaſioens naõ ſó de mayor trabalho, mas abatimento; e entre as Noviças, ou ſerventes da Caſa era a primeira, lançando muitas vezes maõ dos inſtrumentos do mais vil ſerviço, e aliviando delle até a huma eſcrava de huma Religioſa, irmãa ſua, que naõ podia acodir a toda a ſua obrigaçaõ, ou de occupada, ou de enferma. Adiantava-ſe a Madre Sor Maria a ſervir de compaſſiva, a evitar-lhe o caſtigo de que a via ameaçada, e perſeguida. Por mais que eſta Madre (como com leves motivos o foy) o foſſe de ſem razoens, ſe lhe naõ ouvio nunca na repoſta final de ira, ou de queixa. Aſſim foy ſua morte pacifica, e ſuave, como ſe a andara enſayando no ſeu genio. Acabou com todos os Sacramentos, e demonſtraçoens grandes de conſeguir os effeitos delles, em 8. de Abril de 1669. Em eſpirando, ſe mandou entregar a ſeu irmaõ o Biſpo huma carta, que lhe deixara com eſſa circunſtancia, que aberta, vio que era a ſubſtancia, pedir-lhe, que ſe lembraſſe de ſua alma, pois ella ſenaõ podia valer a ſi como filha da pobreza, ſendo grande a em que acabava. Levantou o Biſpo as maons ao Ceo, e a voz bem ouvida dos que lhe aſſiſtiaõ, e diſſe: *Graças a Deos, que me eſpirou hoje huma irmãa capaz de me deixar com ſentimento, e ſem ſuſto, porque eu a amava por ſua vida, e ella viveo como quem merecia a eterna.* E deu logo ordem em toda a Cidade a Miſſas, e ſuffragios com maõ larga.

Naõ ſe podia dizer mais de huma grande Religioſa, como foy a Madre Sor Maria, nem ſe poderia dizer menos de outra igual ſua, a Madre Sor Anna da Appreſentaçaõ, peſſoa de grandes reſpeitos, aſſim no ſeculo, como neſta Caſa, devidos á dos Marquezes de Marialva, de que era, como tia de Dom Fradique de Menezes, Senhor da Barca, e de Dom Joſeph de Menezes, Arcebiſpo de Braga. Medio eſta Madre com a ſua nobreza a ſua obſervancia, e mais por eſpelho deſta, que por valia daquella, a elegeraõ Prelada deſta Caſa, naõ lhe tirando as occupaçoens do cargo os exercicios em que voava ſeu eſpirito. Aſſim ſe deſvelava ſua vigilancia, que prompta a todos os actos de Communidade, e zeloſa na refórma da Caſa, grangeava muitas horas de tempo livre para ſe recolher na Capella dos Paſſos, a que a levava hum coraçaõ mavioſo, e devotiſſimo da Paixaõ de Chriſto.

A Madre Sor Anna da Appreſentaçaõ.

Alli ſe eſquecia orando, e alli ſe affervoravaõ de ſorte ſeus deſejos compaſſivos, que rompendo em demonſtraçoens penitentes, feria muitas vezes o roſto com taõ rigoroſos golpes, que paſſavaõ a fazer eſtrondo no Dor-

Dormitorio. De contemplativa andava continuamente abſorta, e pagava-lhe o Ceo o deſvelo, fazendo-a capaz de ſuas delicias. Em huma noite de Natal, antes de tocarem a Matinas, ouvio ao paſſar por junto ao Coro, huma ſuave, e eſtranha harmonia, que lhe ſuſpendeo o paſſo. Entendeo, que ſeriaõ algumas Freiras moças; entrou a reprehendellas, deſenganandoſe, que naõ havia entre as que alli achava, alguma de que ſe podeſſe eſperar o que ouvira; e muito mais affirmando huma de reſpeito, que alli ſe naõ cantara. Ao que reſpondeo: *Eu o creyo, porque o que eu ouvi, foraõ muitas vozes, que com peregrina conſonancia, e ſoberano concerto enchiaõ eſte Coro.* Contemplava ſem duvida a Madre Sor Anna áquella hora nos myſterios daquella noite; e quiz o Ceo naquella hormonia fazella participante da que nella houvera.

Em caſo mayor lhe moſtrou como correſpondia ao commercio, que tinha ſó com elle, aconſelhando-a para o bom governo da ſua Communidade. Abrio por algumas partes, ameaçando ruina, a parede principal do Refeitorio; entravaõ nelle as Religioſas a medo, e a Madre Sor Anna (que continuava na occupaçaõ de Prioreza) em cuidados de diſpenſallas de irem á noite á colaçaõ. Era zeloſa, e conſiderada, ſuſpendia-ſe com o receyo das conſequencias, que coſtumaõ ter as diſpenſaçoens nas Communidades, que de permiſſoens licitas paſſaõ a relaxaçoens exorbitantes. Via, que ſe hoje diſpenſava com a colaçaõ, em dois dias ficaria até ao jantar deſpovoado o Refeitorio, ſendo notavel a brevidade com que caminha a diſpenſaçaõ no menos licito, que ſem admittir meyo, paſſa de permittido a praticado. Occupava-a, e ſuſpendia-a eſte penſamento, quando huma noite, que ſe detinha junto ao Refeitorio, vio vir, e entrar para elle a Communidade com grande ordem, e ſilencio; entrou com ella, occupou o lugar de Prelada, ſem fazer reflexaõ em nenhuma ſubdita, ou porque occupada na ſua imaginaçaõ, naõ attendia a outra couſa, ou porque poucas luzes em caſa grande naõ permittiaõ eſſes reparos á viſta. Eis-que indo a fazer final, levanta os olhos, e vê todos os lugares vaſios. Recorre a que ſeria fraqueza na viſta, mas via as meſas, e a ninguem mais na caſa; entendeo logo, que naõ era vontade do Ceo, que faltaſſe a Communidade á obſervancia de ajuntarſe naquella hora. Conſultou o ſeu Confeſſor, Religioſo de grande capacidade, que aſſentou no meſmo; aſſim ſe continuou na colaçaõ o Refeitorio, acodindo-ſe, e reparando-ſe ao que havia nelle de riſco. Eſtes aviſos merecia do Ceo a Madre Sor Anna, como demonſtraçoens do que lhe agradava o ſeu zelo, e refórma.

Devotiſſima do Roſario da Senhora, foy a que introduzio, que ſe rezaſſe todos os dias no Moſteiro na fórma, em que o diſpoz o Santo Pio V. Houve contradiçoens, e repugnancias, favorecidas ainda das mayores da Caſa, com o pretexto de naõ gravar a Communidade com novas obrigaçoens. Mas ella ajudada

dada de ſeu zelo, e induſtria, convidava primeiro as amigas, foy deſpois affeiçoando outras, até que todas o abraçaraõ, e hoje ſe continúa com toda a Communidade na Capella dos Paſſos, donde ella decretou que foſſe. Obrigouſe o Filho do obſequio, que ſe fez á Mãy, e chegada eſta Madre ás portas da morte, deſpois de todas as diſpoſiçoens para ella com grande conformidade, permittio, que eſtando rezando o Terço da Paixaõ, (ſeu exercicio quotidiano) paſſaſſe deſta vida a lograr o premio de ſua devoçaõ, e zelo, em 6. de Fevereiro de 1637.

A Madre Sor Marianna de S. Joſeph.

Naõ foy menos o de outra Prelada deſta Caſa, taõ obſervante em ſua peſſoa, como em fazer pôr em execuçaõ as leys, que profeſſara. Aſſim eraõ todas as Religioſas, mas propriamente antes ſuas diſcipulas, que ſuas ſubditas, e antes que huma couſa, e outra, filhas amadas, porque era a brandura com todas igual á auſteridade comſigo. Foy ſua morte taõ ſuave, que logo pareceo premio de ſua vida, teſtemunhando-o o Ceo nas vozes com que a chamou para a eterna, porque ao eſpirar, ſe ouviraõ no Clauſtro entoar finas, e concertadas a Antiphona *Veni electa mea, & ponam in te thronum meum.* Como ſe diſſera por ellas o Eſpoſo das almas: *Vinde eſpoſa eſcolhida, que haveis de ſer o throno do meu deſcanſo.* Vivem hoje as Madres Sor Iſabel da Viſitaçaõ, e Sor Elena de Jeſus, que por terem para aquella parte as cellas, o ouviraõ, e o teſtemunhaõ. Chamava-ſe eſta Madre Sor Marianna de S. Joſeph. Faleceo por Abril de 1677.

Siga-ſe a eſtas duas Preladas huma grande Meſtra de eſpirito, como da vida activa da Religiaõ, porque trinta annos continuos o foy de Noviças. Baſtava ſua vida para enſinallas, mas adiantavaõ-ſe a mais os empregos de ſua vida, que nem attenuada de jejuns, nem atormentada, e perſeguida de cilicios, e diſciplinas, deixou de alongarſe até a idade de cem annos. Avultou neſta Madre entre as mais virtudes a da paciencia, aſſim para ſofrer moleſtias, como para eſcutar injurias, ſem que eſtas a deixaſſem com deſagrado, nem aquellas a achaſſem com queixa. Era uſo ſeu levantarſe todos os dias pelas trez horas; as que hiaõ até Prima, gaſtava em oraçaõ no Coro; e ſuccedendo-lhe pelo Veraõ, ao paſſar para elle, ouvir no Clauſtro os paſſarinhos, que cantavaõ ao romper do dia, ſe detinha, e levantando a voz, e os olhos, lhes dizia com ſanta inveja, e ſingeleza: *Eya lambareiros, primeiro que eu madrugaſtes a louvar o Senhor?*

A Madre Sor Luiza da Cõceiçaõ.

Muitas vezes lho ouviraõ algumas Religioſas, que acaſo ſe achavaõ perto, outras, que para a ouvir, a ſeguiaõ de propoſito, e com ſegredo. Reparavaõ nella outras vezes, que paſſando por donde viſſe o Ceo deſcuberto, levantando a elle as maons, e os olhos, ſe lhe desfaziaõ em copioſas lagrimas. Vozes pareciaõ do coraçaõ, que naquelle ſaudoſo idioma ſuſpirava no degredo, por ſe ver na Patria. Alargava-lhe o Ceo os annos, porque queria eſcutarlhe os deſejos, indo eſtes merecendo quanto aquelles ſe hiaõ dilatando, e diſpondo, que a

naõ

naõ aſſaltaſſe a morte com mais golpe, que ſua meſma idade. A tarde precedente á noite em que faleceo, correo o Moſteiro, deſpedindo-ſe de todas, a quem reſpondia, que adiantava aquella diligencia, porque já naõ podia durar muito. Havia pouco que tinha commungado, foy a Matinas a prima noite, deſpois á meſa com a Communidade; dalli ſe recolheo á cella, chamando algumas Noviças ſuas, e pedindo-lhe, que a ajudaſſem naquella hora, que naõ queria dar ás Religioſas eſſa moleſtia; e lançada no chaõ com demonſtraçoens penitentes, o nome de Jeſus na boca, lhe entregou a alma em 8. de Abril de 1682. Acharaõ-ſe-lhe ao amortalhalla ſinaes freſcos de rigoroſa diſciplina, das que a miudo tomava, como na cella varios inſtrumentos da ſua penitencia. Chamava-ſe eſta Madre Sor Luiza da Conceiçaõ.

A Madre Sor Antonia de S. Domingos.

Naõ deixou menos ſinaes de penitente a Madre Sor Antonia de S. Domingos, por mais que o recatava ao mais miudo reparo. Naõ contente com o continuo exercicio de cilicios, e diſciplinas, trazia ſempre por baixo da toalha huma aſpera corda de eſparto aos peſcoſſo, que trocada, ſe lhe hiaõ as pontas rematar na cintura. Seguia-ſe a eſtas penitencias, como premio dellas, o dom de lagrimas, e o meſmo era porſe de joelhos no Coro, que começarem-lhe a cahir taõ copioſas, e continuadas, que naõ havia diligencia para encobrillas. Teve eſta Madre hum ſonho; primeiro entendeo, que naõ paſſava de o ſer, deſpois lhe enſinou o effeito, que fora mais que ſonho. Repreſentou-ſelhe nelle, que huma voz lhe perguntava com brandura, e agrado, ſe queria ter neſta vida o Purgatorio? a que reſpondeo, que ſim; e acordou com a magoa de que foſſe ſonho, porque aquelle era o ſeu deſejo.

Satisfez-lho o Ceo, porque trez annos antes de ſua morte lhe deu hum taõ rigoroſo achaque, que a teve entrevada em quanto lhe durou a vida, ſobrevindo-lhe taõ grandes tribulaçoens, e taõ novos aſſumptos de martyrio, que muitas vezes lhe eſcutavaõ o ancioſo deſafogo de hum gemido, com a laſtimoſa voz de que lhe faltava o ſofrimento. Eſpirou entre dores, mas como quem tendo-as por Purgatorio, paſſava delle ao immortal refrigerio. Teſtemunhou-o a ſuavidade de cheiro, que ſe percebeo em ſua cella, e no Coro, em quanto o corpo ſe naõ deu á ſepultura. Faleceo em 6. de Mayo de 682.

A Madre Sor Joanna Bautiſta.

Coroemos em fim eſte Capitulo, e as noticias deſta Caſa com as ultimas duas filhas, que ennobreceraõ as memorias della, e como benemeritas, occupaõ as da noſſa eſcritura. Foy huma a Madre Sor Joanna Bautiſta, que com ſanta ſingeleza ſeguio hum genero de vida taõ reformada, que nunca as Communidades a acharaõ menos, fóra dellas na ſua cella, ou no Coro. Nas penitencias auſtera, nas moleſtias ſofrida, e com todas caritativa, ſogeita, e branda. Chegou entrada já em annos, ao ultimo termo da vida, com taõ venturoſos annuncios da que eſperava, que eſtando para eſpirar, ſe ouvio cantar ſua-

ſuavemente a *Salve Regina* (coſtuma-ſe rezar na Religiaõ aos que entraõ naquelle ultimo , e formidavel termo) no Dormitorio , eſtando a Communidade toda no Coro. Ouviraõ-na clara , e diſtintamente algumas Religioſas enfermas , outras , que aſſiſtiaõ na cella da moribunda , com reparo , e admiraçaõ de todas. Chegada deſpois a Communidade , pedio que lhe entoaſſem o Roſario , (era na primeira Dominga de Outubro, em que elle ſe celebra) e ajudando ella a rezallo , com mais eſpirito , que forças , lhe faltaraõ com a vida , paſſando a acaballo com os Anjos na gloria , em 2. de Outubro de 684.

A Madre Sor Anna de Jeſus.

Foy a outra Madre Sor Anna de Jeſus , igualmente extremoſa na meſma devoçaõ , ſem largar hum inſtante das maons as contas , a que ſó advertia , e de que ſe divertia ſó para a aſſiſtencia do Officio Divino. Sua vida foy ſempre igual , obſervante da Regra , e Conſtituiçoens em todo o ſeu rigor , mas taõ retirada , que (ſuppondoſe) naõ ſe ſabia mais de ſua vida nas circunſtancias de penitente , e mortificada. Eſpirou , devendo ao Ceo o primeiro ſuffragio , porque por todo o Moſteiro ſoaraõ concertadas , e funeſtas vozes , como adiantandolhe o officio do enterro. Correraõ as Religioſas aonde eſtava o corpo , cuidando cada huma , que hia tarde , e acharaõ unicamente as que aſſiſtiaõ a amortalhallo. Seguio-ſe logo huma fragrancia , que occupou o Dormitorio , como (com ſuavidade , e conſolaçaõ) a grande parte das Religioſas , que nelle ſe achavaõ , e hoje o teſtemunhaõ. Ao inſtante em que eſpirou , cantava a Communidade no Coro o Pſalmo *Nunc dimittis*. Contavaõ-ſe 21. de Julho de 687. Os mais aſſumptos memoraveis deſta Caſa , como já diſſemos , ou lamentamos , ſepultou o tempo á noſſa noticia. Baſte eſta para exemplo , e conſolaçaõ das que buſcarem eſta Clauſura , como dos piedoſos cultivadores da obſervanca.

CAPITULO VII.

Das Madres Sor Maria do Roſario , Sor Maria do Sepulchro , Sor Paula da Cruz , Sor Marianna da Reſurreiçaõ , Sor Maria de Jeſus , do Moſteiro do Salvador.

Moſteiro do Salvador.

NAõ coſtuma o Ceo abrir caminho com ſinaes prodigioſos , ou auctorizar com demonſtraçoens raras a origem de peſſoas , e couſas , que ſe naõ hajaõ de oſtentar pelos ſeculos com menos progreſſos , que maravilhas , que o recomendaõ , e o confirmem. Aſſim o moſtrou a experiencia , e lê repetidas vezes no teſtemunho da Hiſtoria , tendo o raro de ſeus naſcimentos o fiel moſtrador do que deſpois ſe deſempenha no novo curſo de ſua vida , ainda debaixo das juriſdicçoens da natureza , mas muito mais nas da graça ; e parece , que ſe eſtendeo eſte privilegio grande aos edificios ſagrados ; verdade , de que naõ mendigamos teſtemunhos , tendo muitos de portas a dentro nos que foraõ berços , em que a Familia Dominicana começou a reſpirar neſta Provincia , naõ podendo negar (ſenaõ o primeiro) hum lugar gran-

grande ao que ſe levantou na Caſa, e Moſteiro do Salvador, attendendo ás circunſtancias com que começou a creſcer, e a avultar aquella ſagrada fabrica, em que ſe deſvelaraõ os homens, trabalharaõ os Anjos, e parece ſe eſmerou o Ceo, naõ em lhe lavrar jaſpes, e porfidos, ou lhe levantar columnas, mas em lhe diſpenſar prodigios, bons fiadores dos que ſe lhe haviaõ de continuar por muitos ſeculos.

E naõ pareça eſcuſada, ou exquiſita reflexaõ (a quem tiver noticia deſta Caſa) o lembrarme das abelhas, que no inculto lugar della lavraraõ Altar ao Salvador, que crucificado em hum tronco, deu nome ao ſitio, para entender agora, que eraõ aquellas huns emblemas das racionaes, que trabalhando pelo tempo futuro nas flores de ſuas virtudes, haviaõ de levantar ao meſmo Senhor mais eſtimaveis Altares; como ſe ſe continuara com melhora o prodigioſo exercicio das abelhas (a que chamaõ ſegredo, e milagre da natureza) no que o Ceo deſempenha, e continua nas induſtrioſas filhas deſta Caſa, e da obſervancia della. Aſſim ſe vê deſde o anno de 1392. em que o Biſpo Joaõ Eſteves a fundou, até o em que a deixou deſcrita, e memorada o Padre Frey Luiz de Souſa, ſendo a ultima Religioſa, de que nos deixou noticia, a Madre Sor Catharina das Chagas, pelos annos de 1619.

Mas naõ he poſſivel excuſemos a repetida queixa de omiſſaõ daquelles tempos, porque naõ achando noticias mais que do anno de 1635. a eſta parte, nos vem a ficar o eſpaço de dezaſeis annos ſepultando, á boa conjectura, aſſumptos, em que poderiamos alargar a penna. Seja o primeiro dos que ſe nos permittiraõ a ella, a Madre Sor Maria do Roſario, rara em penitencias, como continua em contemplaçaõ, eſpecial a do Paſſo, em que os Judeos trataraõ com ludibrio, e afronta ao ſeu verdadeiro Rey, pondo-lhe na maõ por Sceptro huma cana, na cabeça huns eſpinhos por coroa, ornato, com que o Preſidente de Judea o expoz ao Povo em huma varanda, moſtrando-o chagado, e ferido como homem, por ver ſe a ſemelhança lhe aconſelhava a comiſeraçaõ, e lhe mitigava a ira. Entrava-ſe eſta Madre deſta contemplaçaõ, e nas noites das feſtas feiras corria o Moſteiro, ornada com as diviſas daquelle tormento, e ludibrio, ſacrificando-ſe ao que as ſerventes da Caſa faziaõ talvez de ſua peſſoa, ou as que tratavaõ aquella demonſtraçaõ como loucura. Era igual ſeu abatimento á ſua paciencia; parece que ſe movia nella antes, que hum corpo, huma eſtatua. Obſervante nas Conſtituiçoens, como na aſſiſtencia do Coro, nada mais lhe levava o tempo, que o ſer procuradora dos pobres; aſſim andava inquirindo, e examinando neceſſidades, mendigando incançavel, para ſoccorrellas, e remediallas. Naõ parava nas Religioſas; cuſtavaõ-lhe as meſmas diligencias os pobres de fóra, que recorriaõ a ella como a ſua depoſitaria. Eſte exercicio foy toda ſua vida, como ſua morte, com tanto alvoroço, como quem ſe via ás portas do premio do que tinha ſervido,

do, pelos annos de 1635.

Naõ ſe eſmerou menos no exercicio da oraçaõ (que no da caridade a Madre Sor Maria do Roſario) outra filha deſte Moſteiro, donde tudo eraõ eſtradas para o Ceo, ainda que pareceſſem diverſas no emprego, e no exceſſo. Foy eſta a Madre Sor Maria do Sepulchro; era a primeira, que ſe levantava na Caſa, correndo as portas das Religioſas, e convidando-as para o Coro, para a oraçaõ antes de Prima. Era o ſeu exemplo a mais efficaz diligencia, e a continuaçaõ, e deſvelo neſta, o grande conhecimento, que tinha, e ſeria tambem experiencia das grangearias della. Eſtudara aquelle deſvelo com quem era todo do coraçaõ de Deos; e propondo-lhe, que o buſcava, lhe accreſcentava a circunſtancia de ſer com os deſvelos da madrugada; emprego, a que o meſmo Senhor deu por premio a Bemaventurança.

Deus Deus meus ad te de luce vigilo. Pſ. 62.

Seguia-ſe aos fervores da oraçaõ, aſſim em Sor Maria, como nas que a ſeguiaõ, e acompanhavaõ nella, huma conſtante reſoluçaõ de attenuar o corpo, para que deſembaraçado o eſpirito, ſobiſſe continuamente a goſtar as delicias da contemplaçaõ; recorria, para o conſeguir, ao rigor da diſciplina, ſendo muitas vezes trez as que repetia entre dia, e noite, como ſe as rebeldias da natureza a achaſſem ſempre com a maõ levantada para o golpe. Naõ menos rigoroſa na abſtinencia, obſervava os jejuns das Conſtituiçoens á riſca; no mais tempo a porçaõ da Communidade, e ainda a mais limitada, a deixava ſatisfeita. A ancia de ſervir ao proximo a poz duas vezes na Enfermaria, e neſta occupaçaõ taõ prompta, e deſvelada, que de ordinario eſcuſava as ſerventes deſta officina. Com taõ ſanta ambiçaõ applicava as maons ao trabalho della.

Levavaõ-lhe eſtes empregos eſſe pouco que tinha, ficando pobriſſima, aſſim no trato de ſua peſſoa, como nas alfayas da cella. Algum tempo, e talvez furtado ao ſono, e ao deſcanço, empregava em obras de agulha, em que era induſtrioſa, deſtinando o lucro, e a grangearia ao ornato da Imagem milagroſa de Noſſa Senhora das Neves, antigo emprego da devoçaõ deſta Caſa, de que daremos alguma noticia. Em tunicas interiores, e mantas para a cama, uſava de eſtamenha; e conſiderando huma Religioſa amiga ſua, que até aquellas duravaõ ajudadas de remendos, e que lhe ſeria neceſſario algum panno, que ſubſtituiſſe em lugar de eſtamenha, lho offereceo, advertindo-lhe, que ainda que eſte era mais mimoſo que ella, ſeria proviſaõ para ſe ſe achaſſe achaquada. Aceitou Sor Maria a vontade, eſcuſando-ſe á offerta, repetindo os ſeguros de que lhe naõ faltava nada. Conhecia a Religioſa a ſua pobreza, e examinando-lhe a cella, lhe naõ achou couſa alguma, naõ baſtando eſte deſengano, para naõ continuar com a meſma ſegurança, de que lhe naõ faltava nada. Admirada a Religioſa, referio o caſo ao Meſtre Frey Guilherme do Vadre, (peſſoa de grande eſpirito, que já neſtes eſcritos nos deu aſſumpto) accreſcentando, que ſe admirava, porque conhecia, e tinha gran-

grande opiniaõ de Sor Maria, e agora a via faltar ao ponto da verdade, ſegurando, que tinha o que lhe era preciſo, o que era pelo contrario. Suſpendeoſe o Meſtre, e reſpondeo, rompendo o ſilencio com hum ſuſpiro: *Ah Madre, que eſſa Theologia naõ alcançamos*! Aſſim pezava eſte talento o extraordinario daquelle eſpirito.

Levava-a hum filial, e accendido affecto a Noſſo Padre. Trabalhavaõ para o ſeu ornato algumas Religioſas, bordandolhe huma capa de Eſtrellas, e foy Sor Maria a primeira pelo primor da ſua agulha, e mais ſingular, porque em trabalhando na capa, ſe punha de joelhos, e aſſim continuava aquella goſtoſa tarefa muitas horas. Naõ foy deſagradavel ao Santo eſte obſequio. Adoeceo pouco tempo deſpois eſta Madre, foy a doença de morte, pedio os Sacramentos, e eſtando-ſe confeſſando diſſe ao Confeſſor, que junto da cama tinha huma viſita, porque eſtavaõ alli a Senhora das Neves, e Noſſo Padre S. Domingos, com huma capa bordada de Eſtrellas. Faleceo dahi a pouco com ſinaes de quem paſſava ao Palacio dellas. Advertindo o ſeu Confeſſor, e o Meſtre Frey Guilherme, (tinhaõ ambos noticia de ſua conſciencia) que ſe lhe pozeſſe hum ſinal na cova. Foy ſua morte pelos annos de 1664.

Seguio as pizadas da Madre Sor Maria, a Madre Sor Paula da Cruz no emprego da oraçaõ. Na mental, com taõ ſuave fruto de ſeu eſpirito, que ſobre ſerem as lagrimas os ſuores daquelle coraçaõ, que ſe aviſinhava ao verdadeiro fogo, aſſim ſe alienava das ſenſibilidades de humana, que ficava extatica. Era Subprioreza, (officio, que exercitou muito tempo, porque era ſua vida o Coro) chegavaõ-ſe a ella a advertirlhe o que importava, achavaõ-na ſem ſentido, ſuavemente roubado de mais ſuperior centro. Na oraçaõ vocal naõ eraõ menos as lagrimas, (como a que tinha o dom dellas) e taõ dada a ella, que duas vezes rezava o Officio Divino; artificio para naõ ter mais tempo, que para fallar de Deos, ou com elle. Era aſſim ſó com o Ceo o ſeu commercio, e parece que foy nella herança, porque aſſim irmãas, como parentas, que teve neſte Moſteiro, naõ aſpiraraõ a outro, mais que ao eterno. Mas naõ baſtava a grande obſervancia de ſua vida a reſgatalla do martyrio de eſcrupuloſa; e com tanto extremo, e deſconſolaçaõ ſua, que em fallando com Religioſa de mais confiança, naõ era outra a pratica, acompanhada com ancias, com lagrimas, ſem alivio, ſem remedio, circunſtancias, que fizeraõ mais notavel ſua morte.

Chegada eſta em huma doença (que ajudada de achaques, e annos, deſenganou logo os remedios) entrou em huma ſuſpenſaõ grande, recebidos os Sacramentos. Naõ ſe lhe ouvia palavra; chegouſe huma ſobrinha ſua, (vive ainda hoje Religioſa de opiniaõ, e a que ſe deve todo o credito) e perguntoulhe como a que ſabia o tormento de eſcrupulos, com que ſempre vivera a moribunda, ſe queria reconciliarſe? ſe a affligia, ou ſe ſe achava ainda com algum eſcrupulo? A que reſ-

pondeo

pondeo Sor Paula com admiravel ſocego: *Eſcrupulo? de que? Nenhum eſcrupulo tenho.* Entraraõ neſta occaſiaõ os Medicos, mandaraõ com preſſa darlhe a Unçaõ; e ao entrar o Confeſſor, pondo nelle os olhos, diſſe: *Laqueus contritus eſt, & nos liberati ſumus.* Vem a dizer: *Rompeoſe e laço, o eſtamos livres.* Palavras, que proferidas naquella hora, e conhecida quem as proferia, ſempre tem favoravel intelligencia, e ſeja o laço o eſcrupulo, ou o corpo, ſempre ſoa á ultima ventura a ultima liberdade do eſpirito. Faleceo em 7. de Dezembro de 1668. Vieraõ a darlhe ſepultura os Religioſos com grandes demonſtraçoens de veneraçaõ, naõ ſendo pouco argumento para favorecella, o ſer hum delles o Meſtre Frey Guilherme do Vadre, primo da defunta, e de que já démos noticia. Dura ainda hoje entre as da Madre Sor Paula o que ſuccedeo á ſua devoçaõ digno de credito, porque o teſtemunhou ella, e de naõ eſquecerſe para incentivo, e conſolaçaõ das devotas. Servia eſta Madre com grande zelo a S. Jacintho na ſua Imagem milagroſa, que eſtá neſta Caſa, e de que ainda daremos mais noticia. Era Subprioreza, foraõlhe preciſas duas vélas para gaſtar no Coro, guardava-as para o Santo, fez com que ſe ſerviſſe dellas o aperto; e achando-ſe logo em occaſiaõ de as accender ao Santo, deſconſolada, e afflicta de naõ ter com que as comprar, ſuccedeo abrir o almario de donde as tirara, eisque acha outras, taõ medidas pelas primeiras, que ella ſó podia teſtemunhar, que naõ eraõ

Pſ. 12. 3.

as proprias. Fez publico o caſo para gloria do Santo; veremos ainda nelle mayores demonſtraçoens de agradecido.

Mas ſirva-nos de aſſumpto entre annos creſcidos a noticia de poucos, e igualmente empregados, ſendo a graça a que naõ eſpera tempos para ſaſonar frutos, colhendo maduros os da virtude, aſſim no eſtio, como na primavera da idade. Foy aſſim na Madre Sor Marianna da Reſurreiçaõ, porque ao ſeu anno de noviciado chamaraõ as Religioſas, antes que de approvaçaõ, de exemplo. Dava-o no continuo da oraçaõ, e era o meſmo pôr em terra os joelhos, que ſoltarem-ſe de ſeus olhos groſſas lagrimas, linguas com que ſeu eſpirito continuava praticas com ſeu Eſpoſo. Via-ſe logo, que tanto como linguas da alma, eraõ faiſcas do coraçaõ, abrazando-ſelhe eſte com tanta vehemencia, que a fazia romper em ardentes jaculatorias. Era eſte o ſeu ſuſpiro: *Quem me dera amor de Deos! Quem ſoubera amallo!* Aſſim ſe ateava o Divino fogo naquelles verdes annos, materia igualmente diſpoſta para a ſua chamma, como já o tinhaõ ſido as aguas no primeiro deſaſocego, que lhe deveraõ as creaturas. Era Sor Marianna de gentil parecer; e como o Ceo queria moſtrar, que até eſte fora data ſua, (porque toda foſſe do Ceo) já o viçoſo daquellas flores era eſcolhido combuſtivel daquella ſagrada lavareda, que ſe atea por eſcolha, e arde ſem reſiſtencia.

Spiritus Domini ferebatur ſuper aquas. Geneſ.

A poucos mezes de Profeſſa a poz a obediencia na officina da Sacriſtia, occupaçaõ, que

a

a eſcuſava do Coro, mas naõ de mayor mortificaçaõ nas obrigaçoens delle, porque de joelhos rezava o Officio Divino. Mortificada na meſa, da meyareçaõ fazia cada dia huma eſmola. Sofrida, obediente, e pobre, naõ havia accidente, que a naõ achaſſe com o meſmo ſemblante. Queria o Ceo examinar ſua paciencia, diſpunha, que lhe ſuccedeſſe poucas vezes o que eſperava. Mas encontravaõ-na as adverſidades, e mortificaçoens taõ confórme, como a que nunca vivera para a ſua vontade. Acabado o anno daquella occupaçaõ, abraçou contente huma mortal doença, que teve por premio do bem que a tinha exercitado, mas foy que queria o Ceo darlhe o verdadeiro premio, e paſſou a lograllo com tantas demonſtraçoens de conformidade, como quem entendia a vontade, que o diſpunha; com tantas de alegria, como ſe já entendera o que a eſperava. Faleceo em 2. de Novembro de 1672. de idade de dezaſete annos, poucos para as Religioſas, que chorараõ a ſua auſencia, muitos para o Ceo, que a naõ conſentio mais na terra.

Feche eſte Capitulo como irmãa, aſſim por obſervancia, como por natureza, da Madre Sor Paula (de quem ha pouco fallamos) a Madre Sor Maria de Jeſus. Entrou eſta Madre neſta Caſa já taõ exercitada no que vinhá buſcar nella, (que era a reforma da vida) que tiveraõ as Religioſas veteranas antes que aprender, do que doutrinar na ſua. Mas no que mais ſe eſmerava, era em hum retiro conſiderado, hum ſilencio perpetuo, em que antes ſe ſepultava, que vivia. Grande induſtria! furtarſe a qualquer commercio, que naõ foſſe todo de Deos, para andar ſempre na ſua preſença, achando-ſe tam bem com elle, que ſó em caſo preciſo ſe lhe eſcutava alguma repoſta breve, mas muy ſentencioſa, como a que verſada no idioma do Ceo, naõ podia articular palavra, que naõ foſſe conceito.

Entendeoſe, que era aquelle ſilencio huma prizaõ dos ſentidos, por trazer occupadas as potencias na meditaçaõ da Paixaõ de Chriſto, como ſe repartira os ſucceſſos della pelas horas do dia, porque perguntando-ſelhe (de encontro) alguma couſa, que importava, reſpondia promptamente com o Paſſo, que tocava áquella hora, e ſó deſpois de advertida, reſpondia em outra fórma. Como trazia aſſim recolhidos os ſentidos, era-lhe facil o exercicio da oraçaõ. Aſſim ſe eſquecia nella, como ſe naõ vivera para outra couſa; para lhe naõ embaraçarem eſte exercicio, ſe retirava a lugares mais eſcondidos, que de medonhos, eraõ menos frequentados, eſpecialmente nas horas da noite, ficando muitas inteiras no Coro debaixo em tempo, que naõ tinha mais fórma, que a de hum Cemiterio, ſem mais abrigo, que humas lages nuas, nem mais luz, que a eſcaſſa, que ſe lhe communicava de alguma alampada da Igreja. Mas que menos affoutos, e deſtemidos aquelle ſexo, em aquelles poucos annos! ſe era em huma eſpoſa, que profeticamente ſe vira já (deixar a brandura do leito) correr a Cida-

In lectulo meo per noctes quæſivi quem diligit anima mea .... ſurgã, & circumibo civitatem. Cant. 3.

Cidade entre os horrores da noite, deſconhecendo medos, e deſprezando encontros, ſó por lograr o Eſpoſo em ſeus braços.

Era Sor Maria hum eſpelho de innocencia, e ſingeleza, dotada de rara fermoſura, que ſempre com geſto alegre, parece que convidava os coraçoens a dar graças a Deos, de offerecer aos olhos aquella copia de huma alma bemaventurada. Aſſim ſe repreſentava a paz de ſeu eſpirito; mas naõ a ſofria envejoſo o demonio, querendo perturballa (como ſe ſoube por ſeus Confeſſores) com ameaços, e repreſentaçoens horriveis. Foy huma a do Inferno em hum grande lago de fogo; mas naõ baſtavaõ eſtes aſſombros para divertilla do continuo exercicio de eſtar orando, ou para aſſuſtarlhe a firme eſperança, que tinha em ſeu Eſpoſo.

Recolhia-ſe algumas noites á cella, e como a tinha pobre, e deſprovida de tudo, querendo em huma occaſiaõ rezar algumas devoçoens particulares, e faltando-lhe luz, pedio azeite a huma Religioſa viſinha, que no pouco que lhe deu, e nas muitas ſemanas, que deſpois lhe durou, (naõ faltando advertencia de quem obſervava tudo o que lhe ſuccedia) veyo a entender, que o Senhor lho multiplicara milagroſamente. Vive ainda hoje a Religioſa, que aſſim o teſtemunha.

Algum tempo antes de ſua morte, arrebatada de huma grande enfermidade, recebeo os Sacramentos com interior, e deſcuberto gozo de ſe ver em veſperas do verdadeiro. Deſpedioſe das Religioſas, pedindolhes perdoens, e repartindo entre ellas algumas reliquias, que eraõ o theſouro, e unica eſtima de ſua pobreza, quando eſperando-ſe ſua morte cada inſtante, lhe ſobreveyo hum ſymptoma com huma commoçaõ de todo o corpo, mas ſepultada em ſilencio, que (metendo-lhe a véla na maõ, e apertando-a com vigor) rompeo dizendo com voz limpa, e deſembaraçada: *Viva a Fé, Fé, Fé!* E ſuſpendendoſe hum pouco, cobrou alento, e em breve convaleceo de todo, ſeguindo o obſervante, e antigo eſtylo de ſua vida, que acabou deſpois de doença ordinaria, deixando a todo o Moſteiro edificado, e ſaudoſo, em dia do Bautiſta, de que era ſingular devota, no anno de 1676.

CAPITULO VIII.

Das Madres Sor Maria da Gloria, Sor Juſtina do Eſpirito Santo, Sor Maria de Jeſus, Sor Joanna de Santa Clara, Sor Catharina do Preſepio; e da Irmãa Converſa Natalia do Salvador (diz outra memoria, de Jeſus) do meſmo Moſteiro.

ABra-nos eſte Capitulo huma illuſtre filha deſta Caſa, que como legitima da obſervancia, a podemos tambem auctorizar com o nome de mimoſa Mercieira da Virgem Maria, eſpecialmente com duas Imagens ſuas, que ha no Moſteiro, a Senhora dos Remedios, e a dos Prazeres, de que deſpois daremos mais miuda noticia. Foy eſta Religioſa a Madre Sor Maria da Gloria, que logo no anno da approvaçaõ começou a ſegu-

Sor Maria da Gloria.

ſegurar as eſperanças, que prometteo a modeſtia, e recolhimento com que vivera no Mundo, e a ſogeiçaõ, e o goſto, com que entrou neſtes ſantos Clauſtros a veſtir o habito. Profeſſa, teve huma cella junto á Capella da Senhora dos Prazeres, em que começou a aſſiſtir como devota, e ſervir como eſcrava Tal era o deſvelo com que a occupava o aceyo, e o ornato da Capella! Tal o fervor, com que muitas vezes no dia a viaõ ſuſpendida diante da Senhora! Obſervante nas obrigaçoens da Communidade, Conſtituiçoens, e Regra, dava ao baſtidor, em que era deſtriſſima, o tempo, que reſtava, trabalhando nelle para repetido adorno das duas Imagens, de que coſtumava dizer, que ſe deſvelava com ellas quanto cabia em ſuas forças, porque na hora de ſua morte lhe aſſiſtiſſem ambas. Naõ podia enganalla eſperança fundada na verdadeira Eſperança. Dillo-ha melhor a experiencia.

Frequentava a oraçaõ com ſuavidade de eſpirito, acompanhada de lagrimas, mayor indicio das conſolaçoens delle. Nas horas determinadas de ſeu recolhimento, aſſim de manhãa, como á noite, a ninguem dava repoſta, ou difficultoſamente ſe encontravaõ com ella. Deſpois de cea, continuava a oraçaõ na Capella da ſua Senhora até á meya noite, e taõ ſepultada na contemplaçaõ, que por mais que entraſſem na Capella, nada ſentia. Era grande a ternura com que adorava a ſagrada Imagem, eſquivando-ſe ao commercio das Religioſas, como receando, que houveſſe couſa no Mundo, que lhe levaſſe hum unico cuidado, de que naſcia o ouvir-ſelhe algumas vezes, que parecia deſarrezoado, e ainda injuſto, que ſe agradaſſe de alguma creatura quem amava a mais perfeita de todas, como era a Senhora.

Era a Madre Sor Maria muito mortificada, e ſobre a abſtinencia dos jejuns das Conſtituiçoens, e Regra, fazia votos de naõ goſtar o que lhe parecia, que podia deſpertar mais o appetite. Inventava penitencias, e modos exquiſitos de exercitar a paciencia nas vigilias da Senhora, convidando as Religioſas a louvalla, e renderlhe particular culto com aquelle ſacrificio. Adoeceo com todos os ſinaes de perigo, mas naõ conſentio, que ſe lhe chamaſſe Medico, ou ſe lhe applicaſſe medicamento. Per ſi meſmo ſe deſfez o mal, ſuſpendidas as Religioſas, que o eſtavaõ vendo, e duvidando. Paſſou alguns dias de convalecença, e chegou o de Veſpera da Encarnaçaõ. Tardaraõ os Confeſſores, reſolveo-ſe, que as achacadas naõ ſe confeſſariaõ aquelle dia; mas Sor Maria com reſoluçaõ, e firmeza, que o naõ paſſaria ſem confeſſarſe. Foy aſſim, e confeſſando-ſe mais largamente, que o que tinha de coſtume, commungou ao outro dia. Ao de Ramos, trazendo-lhe de manhãa huma Religioſa huma palma, ſe abraçou com ella, e poſta de joelhos, dilatou a oraçaõ até ás duas da tarde.

Pedio logo, que lhe trouxeſſem a Imagem da Senhora dos Remedios, e ornando-a para ficar aſſim para a Paſchoa, ſe lhe ouviraõ algumas palavras,

vras, de que ſe inferia, que eſtava certa de naõ ver já nenhuma das Senhoras nas ſuas Capellas. Detinha-ſe ainda neſte ornato, quando a aſſaltou huma dor taõ vehemente, que ſe naõ pode levantar. Ficou alli a Imagem á ſua cabeceira, e perguntando-lhe as Religioſas, que entravaõ, que novo accidente a moleſtava, eſtando já boa? Reſpondia, que era favor, que lhe fizera aquella Senhora. Entrou em ancias mortaes ao ſeguinte dia, e ſoando no Moſteiro, que eſpirara, apreſſando-ſe huma Religioſa amiga ſua, e tirando a Senhora dos Prazeres da ſua Capella, lha levou, chamando-a com ella nas maons. Voltou Sor Maria o roſto, e olhos a ver a ſua Senhora, e tornou a cahir como amortecida. Repetio dahi a pouco a meſma viſta já ſem alento, e com os olhos na ſagrada Imagem eſpirou, lembrando-ſe as Religioſas do que tanto repetira em vida, que as duas Imagens lhe haviaõ de aſſiſtir na ultima hora. Foy eſta por Março de 1677.

Mas dem lugar as filhas deſta Caſa a huma Irmãa ſua, que póde ſer credito dellas, e della, como foy a Madre Sor Juſtina do Eſpirito Santo, Religioſa de veneraveis memorias, aſſim pelo exemplar de ſua vida, como pelo reparo, que ſe deve aos principios della; porque andando ſua mãy pejada, inſperadamente, e em ſitio, que fez advertir mais no ſucceſſo, voou huma Pomba com cabeça, e coſtas pretas, branco o mais corpo, e ſe lhe poz no regaço; circunſtancias, que naõ ſe eſqueceraõ ao ver entrar pelas ſagradas portas deſta Caſa a Sor Juſtina, como ſe aquella ave, ſobre ſer geroglifico da innocencia de ſua alma, tivera ſido annuncio em ſuas cores, de que veſtiria a ditoſa mortalha Dominicana. Bem póde tambem crerſe, que attendendo ao ſucceſſo, eſcolheria o ſobrenome do Eſpirito Santo, por ſer a meſma ave o ſeu mais conhecido geroglifico.

Tomou o habito com demonſtraçoens de goſto, naõ menos o das Religioſas, que conſeguiaõ nella hum compendio de todas as boas partes, que ainda faziaõ avultar mais o bom parecer, de que a dotara o Ceo. Era em muſica deſtriſſima, e feita Meſtra do Coro, ſe deſvelava em louvar a Deos, que eſtima nas ſuas eſpoſas aquelle culto, e obſequio de melodias, como o moſtrou, pedindo á mais perfeita, que com ſua voz lhe regalaſſe os ouvidos, e divertiſſe o meſmo Coro de Anjos. Mas naõ baſtava eſta applicaçaõ, para a retardar nas obrigaçoens de ſeu eſtado, e intereſſes de ſeu eſpirito. Era muy concertada ſua vida, grande a obediencia, e ſogeiçaõ a ſeus Confeſſores, pouco o ſeu trato, e ſó com as mais obſervantes; mas como o demonio via caminhar a Sor Juſtina taõ ligeira, e deſembaraçada ao centro da ſumma perfeiçaõ, que he o da ſua inveja, tratou de armarlhe tropeſſos no caminho, fomentando praticas, que lhe condemnavaõ ſingularidades de vida entre as outras; maxima verdadeiramente diabolica, com que quer palear a malicia, e ſoltura, a magoa de ſe ver excedida, e tacitamente condemnada

Amici auſcultát; fac me audire vocem tuam. Cant.c.8.

da perfeiçaõ, e da refórma.

Logrou o inimigo a induſtria, porque ſe foy esfriando em Sor Juſtina aquelle primeiro fervor em que ſe via taõ adiantada, dando ouvidos, e attençoens a cuidados, que adormecendo as vigilias do eſpirito, vaõ pouco a pouco paſſando o deſcuido a lethargo. Mas naõ permittio o Ceo, que ſe ſepultaſſe nelle Sor Juſtina, deſpertando-a, como he crivel, a hum brado da ſua Providencia. Chegou hum dia ao Moſteiro hum Sacerdote deſconhecido nelle, mas como deſpois ſe teve larga noticia, de vida reformada, e já entrado em dias. Procurou a Prioreza, e logo huma Religioſa, de que deu os ſinaes, mas naõ ſabia o nome. Pelos da refórma, e obſervancia chamou algumas a Prelada, naõ havendo poucas na Caſa, a que ſe podia applicar aquella noticia, mas naõ chegava a buſcada, até que chegou Sor Juſtina. Conheceo-a o Padre, e praticando com ella ſobre o eſtylo de ſua vida, ſe começaraõ a ver repentinos effeitos na refórma della, á viſta das frouxidoens, com que já ſe deſcuidava.

Lançou fóra tudo o que lhe podia ſervir de embaraço na preſſa com que tomou novo caminho. A's Conſtituiçoens obſervadas como eſtaõ eſcritas, accreſcentando novos rigores a ellas. A cama duas taboas no chaõ, duas mantas, e o pedaço de hum tronco por traveſſeiro. O ſuſtento hervas, e legumes. Fóra do jejum dos ſete mezes, muitos, e a paõ, e agua. Cilicio aſpero, e perpetuo. Diſciplinas de ferro, em que ſe ſangrava todos os dias de madrugada. Na oraçaõ mental taõ prompta, e continua, que lhe cuſtava muito reduzir-ſe á vocal (foy confiſſaõ ſua) alguma hora do dia. Começaraõ os rigores deſta vida, e mais a perſeverança nella, a picar o pay da inveja, impaciente de ver zombada a ſua primeira aſtucia, e rompeo em ameaços, que nunca paſſaraõ de ſer ſuſtos, apparecendo-lhe algumas vezes á entrada do Coro na figura de hum preto. Baldado eſte aſſalto, recorreo a outro, em que tambem lhe ſerviſſe de arma a meſma fraqueza da que lhe reſiſtia.

Coſtumava eſta Madre abſterſe a tempos de alguma couſa, a que via o ſeu goſto mais inclinado. Tinha feito voto de naõ comer figos aquelle anno, porque daquelle genero naõ podia fazer mayor ſacrificio. Entrara o tempo daquella fruta, eis-que hum dia chega á roda hum pretinho com hum açafate della, e da mais fermoſa, e eſcolhida, aſſim compoſta, aſſim aceada, que baſtara o artificio a fazella appetecida; e diz, que a entreguem á Madre Sor Juſtina. Admirouſe a Rodeira, que ſabia o pouco commercio, que aquella Madre tinha de portas a fóra, para ſe ver preſenteada; e perguntando por quem mandava o mimo, reſpondeo o preto, que ſe entregaſſe á tal Religioſa, que ella o ſabia. Era aſſim, porque entregue o açafate, com a noticicia de quem o trouxera a Sor Juſtina, ſorrindo-ſe, diſſe: *Que ſim ſabia, e que por eſſa cauſa lançaſſem logo fóra o açafate como viera.* Tal era a maõ, que o tinha mandado!

Tal

Tal a que Sor Juſtina tinha para rebater o ſeu inimigo, que neſta occaſiaõ naõ ficou taõ victorioſo, como no campo primeiro, em que ſe perdeo o genero humano, por mais que foy tambem aqui a ſua arma hum pomo, (em boa opiniaõ o meſmo) e com huma mulher o conflicto, porque o que conſeguio com eſte eſtratagema, foy naõ comer mais eſta Madre ſimilhante fruta em toda ſua vida.

Só achava goſto, e o mais verdadeiro, e mais ſobido, na ſuaviſſima, e delicioſa do Sacramento; viaõ-ſe os effeitos do muito que o era para ſua alma, no recolhimento grande com que ſe diſpunha, no eſquecimento de operaçoens humanas, deſpois que o recebia, porque eſſe dia ficava até as quatro horas da tarde no Coro, e de joelhos, ſem que baſtaſſem a enfraquecella mais de oitenta annos, que já contava. Em ſimilhante dia encontrando-a huma vez certa Religioſa ao ſahir do Coro áquellas horas, e dizendo-lhe: *Como virá eſſe corpo a eſtas horas em jejum?* Reſpondeo com ſemblante alegre: *Nenhuma fraqueza ſinto; quem tem dentro em ſi hum homem Deos, podem-lhe faltar forças?*

Foy muy perſeguida de doenças, trabalhoſas todas, como ſe vieraõ ſó a exercitar-lhe a paciencia. Convalecida, tornava logo ao rigor da vida coſtumada. Naõ cabia já a grande experiencia, e opiniaõ della nos eſtreitos Clauſtros do Moſteiro, ſahia ſua noticia naõ ſó a occupar a Cidade, mas o Reyno, pertendida, e buſcada ſua valia com Deos de muitas partes delle, publicidade, e diligencia a que ſe eſquivava, ſepultada em ſeu proprio abatimento, e modeſtia. Ficou em lembrança, que ao Moſteiro da Encarnaçaõ das Commendadeiras, na Cidade de Lisboa, eſcreveo a huma em certa occaſiaõ, e com preſſa, dando-lhe aviſo, que acodiſſem a huma menina, que eſtava em perigo de cahir em hum poço. Foy aſſim; e ſahio a noticia do meſmo Moſteiro.

De peſſoas grandes, e poderoſas, que a buſcavaõ, alcançou groſſas eſmolas com que acodia á Caſa. Fez nella obras taõ preciſas, como grandioſas. Entre ellas o Coro debaixo, bem apainellado, e Capella bem dourada, em que poz a Senhora da Appreſentaçaõ, particular devoçaõ ſua. Contava noventa annos, quando a apanhou a morte, e taõ mortificada, que pouco lhe levou na vida, mas com grandes demonſtraçoens de que antes a melhorara, que perdera. Mas naõ eſqueçamos hum reparo, que o auctoriza. Era a Madre Sor Juſtina de diſpoſiçaõ groſſa (como ſe a abſtinencia ſoubeſſe tambem ſer paſto do corpo, como do eſpirito; ou como ſe ſe repetiſſe nella o prodigio da parcimonia de Daniel, e ſeus companheiros, famintos, mas naõ attenuados) ficava a ſua cella longe do Coro, a eſcada por donde haviaõ de tirar o corpo, por eſtreita, e empinada, perigoſa, e com huma volta apertada; parecia impoſſivel a conducçaõ do cadaver ainda ás mais robuſtas, e determinadas. Neſta pratica, que as affligia, voltou huma Religioſa das aſſiſtentes, e com voz ancioſa pedindo á meſma defunta, que lhes valeſſe, pegou

Apparuerunt vultus eorũ meliores, præ omnibus pueris, qui veſcebantur cibo regio. Danielis. 1. c.

gou com outras no eſquife, achando taõ pouco pezo, e a paſſagem taõ ſem embaraço, que confuſas, e admiradas, chegaraõ ao Coro, attribuindo o ſucceſſo a prodigio. Faleceo eſta Madre por Outubro de 1670.

Sor Maria de Jeſus.

Ainda que naõ com tanta individuaçaõ de acçoens, com igual opiniaõ de virtude, dura por tradiçaõ o nome de outras Madres (que quaſi no meſmo tempo concorreraõ neſta Caſa) para gloria de Deos, e das memorias della. Foy huma a Madre Sor Maria de Jeſus, de rara, e ſingular innocencia, que parece, que reduzio ſua vida a Angelica. Aſſim ſe póde dizer, que antes ignorou, que fogio a malicia, como ſe privilegiada, ou adoptada pelo Ceo, a deſconheceſſe a terra de filha ſua. Pelas Capellas, que ha no Moſteiro, em as achando ſolitarias, cantava louvores a Deos, eſpecialmente na de Belem, com baile, e muſica, que inventava, e compunha a ſua ſingeleza, e em que bem ſe diviſava a ſua devoçaõ das Religioſas, que para a ouvir, a ſeguiaõ com cautela, por mais que ella ſe prevenia, e guardava com muita. O ſilencio foy perpetuo, igual o retiro. Fóra das obrigaçoens da Caſa, em que era a primeira, a ſepultava a cella. Aſſim foy ſua vida antes hum deſconhecimento da vida, porque naõ o quiz o Ceo, que com eſſe nome tiveſſe outra mais que aquella, para que ſe diſpoz ſepultada.

Sor Joanna de Sãta Clara.

Naõ foy menos a ſinceridade de coraçaõ, e candidez de eſpirito da Madre Sor Joanna de Santa Clara. Igualmente inculpavel ſua vida, eſtreitada na obſervancia das Conſtituiçoens, e Regra; extremoſa na devoçaõ do Santiſſimo Sacramento, amava ao diſcipulo amante, como o que eſtivera recoſtado no vivo, e verdadeiro Sacrario delle; e a S. Thomaz, porque fora o ſagrado Ciſne, a quem tocaraõ as endexas daquella morte repreſentada, porque apoſtilando ſobre o myſterio, alargou tambem a penna aos ſuaves Hymnos, e mais ſagrada melodia, que na ſua feſta entoa a Igreja; naõ faltando quem diga ſe deveo ao meſmo Santo a compoſiçaõ, e a ſolfa. Aſſim coſtumava dizer eſta Madre com huma boa graça, de que a dotou o Ceo: *Que tinha trez devotos, de que os dous eraõ Aguias, e hum o Sol.* Era eſte Chriſto Sacramentado, os dous, o Evangeliſta, e Santo Thomaz; e eraõ eſtes os trez ſingulares empregos da ſua devoçaõ.

Eſtando o Senhor expoſto, poucos inſtantes largava o Coro, aſſiſtindo nelle em pé, e rezando. Intentava divertilla deſta, como de outras devoçoens, o inimigo commum, e repreſentava-ſelhe em varias fórmas, e figuras. Muitas vezes no Coro em trage de Soldado, chegando-ſe a ella a moleſtava, mas a boa velha o deſprezava com ſegurança, ameaçando-o com os ſeus devotos, ſe a naõ deixava. Tinha outra Religioſa irmãa ſua hum caõzinho, que a feſtejava, ſeguia, e buſcava na cella. Recolhida a ella á noite Sor Joanna, e deixando o brutoſinho na da irmãa, lhe perguntava logo ſe o tinha lá comſigo, (porque na ſua cella achava o meſmo) e reſpondendo-lhe

do-lhe a irmãa, que lá eſtava com ella, dizia ſem ſuſto: *Oh! pois já ſey quem cá tenho.* Aſſim andava deſtra em conhecer as traças do inimigo; e fazendo o ſinal da Cruz, o mandava, e elle deſapparecia. Viveo eſta Madre largos annos, ſem que eſtes até á ultima hora a diſpenſaſſem de exercicios ſantos, rigoroſos, e repetidos.

Sor Catharina do Preſepio.

Continuou com o meſmo fervor nelles a Madre Sor Catharina do Preſepio, que antes vivia, que continuava no Coro, porque recolhidas as Religioſas, e ficando ſó nelle, a ouviaõ toda a noite fallando com Deos. Se ſe recolhia por pouco tempo á cella, continuava a meſma pratica com as Imagens, que nella tinha, eſpecialmente com as de hum painel, em que eſtava a Rainha do Ceo com o Menino nos braços; com ella dilatava ſuaves, e terniſſimos colloquios, que compungiaõ as Religioſas, que paſſavaõ, e ſe detinhaõ a eſcutallos. Contou eſta Madre muitos annos em grande auſteridade, e obſervancia de vida, até que a chamou o Ceo com penoſa doença. Recebidos os Sacramentos, e eſtando ſó com a Enfermeira junto da cama, lhe diſſe com voz repentina, e apreſſada: *Afaſte-ſe Madre, afaſte-ſe, que entra huma Prociſſaõ de muitas Santas, e no fim Santa Catharina de Senna, noſſa Madre, que me vem buſcar.* E fazendo huma inclinaçaõ com o corpo, e cabeça, paſſou ſua alma a tomar lugar entre aquella ditoſa companhia. Naõ teve menos premio a grande devoçaõ, que tinha á meſma Santa Catharina, venerada em huma das Imagens da ſua cella.

Feche-nos eſte Capitulo huma Irmãa Converſa, digna de nome, e lugar entre as que melhor o mereceraõ na memoria deſta Caſa. Foy eſta Sor Natalia de Jeſus, recolhida neſte Moſteiro para o ſerviço delle, porque igualmente nobre, que neceſſitada, ſe a ſua nobreza a trouxe a eſte retiro, a ſua pobreza lhe naõ permittio outro eſtado. Porém foy tal ſeu procedimento, tal a opiniaõ, que ſe grangeou no modeſto, e concertado de ſua vida, tal o agrado, que ſoube merecer a todas na occupaçaõ, e ſerviço da Caſa, que junto tudo com a valia de ſua conhecida nobreza, lhe alcançou o lugar de Converſa, veſtindo com o habito as novas obrigaçoens, que ſuſpirava ſeu eſpirito, e exercitando-as com tanto, que de todas era tida, e reſpeitada por mulher ſanta.

Sor Natalia de Jeſus.

Occupouſe logo o ſeu preſtimo no trabalho da Sacriſtia, gaſtando o tempo, que lhe ſobejava delle, em aſſiſtir á Senhora da Aſſumpçaõ, Imagem fermoſa, que eſtá em hum nicho no Coro, e era todo o ſeu emprego. Mas era muita a pobreza em que vivia, e naõ ſe contentava de ſervir ſó com deſejos a eſta Senhora; deu em vender a ſua reçaõ, (fiando o ſuſtento de alguma eſmola, ou ſobejo, em que o tinha contingente, e limitado) e com o que ajuntava, lhe fazia em ſeu dia a feſta á ſua *Bella Senhora*, titulo com que goſtoſamente a nomeava. Era extremoſa ſua caridade, deſvelada ſempre em grangear ás enfermas o alivio, poupar ás ſans o trabalho, e ſervir a todas com goſto. Applicava-ſe com mais cuidado ao

pre-

preciſo da ſua occupaçaõ, para que lhe ficaſſe livre, e deſembaraçada aquella hora da noite, a que ſahem de Matinas as Religioſas. He eſcuro, e trabalhoſo o paſſo, que alli vay do Coro para o Moſteiro, pizado das Religioſas velhas com riſco, e ſuſto. Nelle ſe vinha pôr áquella hora ſabida Sor Natalia com hum a luz, eſperando, que a Communidade ſahiſſe, e paſſaſſe ſeguramente; providencia, que ſem duvida naõ deſagradava ao Auctor da caridade, pois dava tanto cuidado ao inimigo della, que o obrigava a veſtirſe de varias figuras (para aſſuſtar a boa Leiga, e apartalla do ſitio) ſendo a que mais vezes tomava, a de hum corpulento, e medonho mulato.

Entrada em annos, cahio em huma grave doença, que por mais que o era, nada tinha para ella de penoſa, mais que o embaraçarlhe a viſta da ſua *Bella Senhora.* Aſſim a ſentiaõ eſtallar de ſaudades as Religioſas, que lhe aſſiſtiaõ, reſolvendo-ſe algumas de compadecidas, a trazer-lhe a ſagrada Imagem, pagando-ſe a Senhora tanto daquella piedoſa ancia, que lhe quiz continuar a paga em melhor aſſiſtencia, porque ainda que naquelle meſmo dia tornou a Imagem para o ſeu lugar do Coro, ſegurava Sor Natalia, que a tinha alli comſigo, e aſſim ſe entendia de a ver com hum grande ſocego, e ouvir a ſegurança com que repetia colloquios devota, e enternecida, encaminhados (ao que parecia) a quem os eſcutava junto á cabeceira; entre elles eſpirou em huma Veſpera da Aſſumpçaõ da meſma Senhora, recebidos os Sacramentos com alvoroço, e ſuavidade de ſua alma. Ao ſeguinte anno, em a meſma Veſpera da Senhora, que foy por Agoſto de 1670. levando a ſagrada Imagem (como he uſo deſde a fundaçaõ do Moſteiro) a horas de meya noite em Prociſſaõ, e triunfo pelo Clauſtro, advertiraõ Religioſas, (que hoje vivem) que voava, e ſeguia o andor da Senhora huma Pomba branquiſſima, que recolhida a Imagem, deſappareceo junto á ſepultura de Sor Natalia. Aſſim parece, que quiz dar a entender a Senhora, o como a acompanhava a ſua devota no eterno triunfo da Bemaventurança.

CAPITULO IX.

Das Madres Sor Magdalena de Jeſus, Sor Ignez da Encarnaçaõ, Sor Iſabel da Viſitaçaõ, Sor Filippa da Cruz, Sor Maria da Cruz, Sor Marianna das Chagas, Sor Antonia Bautiſta, do meſmo Moſteiro do Salvador.

DIlatada, e eſpaçoſa ſeara de virtudes, a que frutificou no pequeno campo deſte Moſteiro, (ſendo o primeiro milagre da Providencia, o conſervar o copioſo no acanhado) como aquelle, em que ſe achou o verdadeiro graõ de trigo, promettendo a fecundidade na eſpigada haſtea do madeiro. Aſſim foy aquelle trigo ſagrado, venturoſo annuncio da grande, e continua ſeara, que conſeguiria o Ceo deſta pouca terra, cultivada venturoſamente pelos ſemeadores Evangelicos, filhos de

Na fundaçaõ do Moſteiro ſe achou a Imagem de Chriſto crucificado.

de Domingos. Já o temos lido aſſim nas Hiſtorias deſta Provincia, e fundaçaõ deſta Caſa; repete-o agora, e continua-o neſte affaſtado ſeculo a noſſa diligencia, venturoſa de ſe ver tambem occupada no numeroſo de ſuas filhas, aſſumpto, em que poderamos alargar mais a penna, ſe o tempo nos naõ tivera enfraquecido noticias, que a omiſſaõ, ou a modeſtia nos tinha quaſi ſepultadas.

Sor Magdalena de Jeſus.

Seja a primeira da Madre Sor Magdalena de Jeſus, Religioſa ſingularmente penitente, e obſervante. Toda ſua vida huma imagem do ſilencio, e da obediencia. Naõ fazia acçaõ ſem que precedeſſe a licença da Prelada. O tempo, que lhe ſobejava do Coro, occupava na cella, em que todos os dias tinha oraçaõ diante de huma Imagem da Senhora, e huma copia de Chriſto crucificado, derretendo-ſelhe (na contemplaçaõ daquelle Sol, ainda que já poſto) com tanta ſuavidade o coraçaõ pelos olhos, que convidando-ſe as lagrimas humas a outras, banhava huma pequena banquinha, que tinha diante com algum livro devoto. Parece, que lhe diſpenſara ſeu Eſpoſo com o nome de Magdalena o exercicio de compaſſiva, tendo-a a ſeus pés naquella lamentavel figura, em que perdeo a vida, e a venturoſa penitente o acompanhou choroſa. Naõ faltou quem buſcando a Sor Magdalena de repente, para fazer exame deſta verdade, ſahio com tantas lagrimas de compunçaõ das que achara, como ſe ſe lhe trocara a duvida em experiencia. Deſta continua occupaçaõ de dia, a hoſpedavaõ para deſcançar poucas horas da noite humas pobres mantas, e hum pedaço de tronco nu, e ſeco por cabeceira. Toda ſua vida, tunica interior de groſſa, e aſpera eſtamenha; igual o pobre, e deſpido da cella, onde ſó ſe viaõ inſtrumentos de penitencia. Corou-a muitos annos com huma firme perſeverança; eſta com huma morte venturoſa.

Sor Ignez da Encarnaçaõ.

Naõ foy menos conhecido o dom de lagrimas na Madre Sor Ignez da Encarnaçaõ. Foy eſta Madre obſervantiſſima; ſua delicia a aſſiſtencia do Coro, como o ver nelle toda a Communidade exercitando o culto Divino com a mayor decencia, e aceyo. Mas quiz o Ceo privar ſeu eſpirito daquelle centro; deulhe hum achaque, que a reduzio a fazer da cella enfermaria; mas recolhidas ao Coro as Religioſas, ſahia pelo Clauſtro, e varandas delle a viſitar os Paſſos da Paixaõ, proſtrando-ſe diante de cada hum com tantas lagrimas, que as tirava dos olhos de quem a via. Eraõ aquellas repreſentaçoens doloroſas o continuo emprego das ſuas; e aſſim vinha a ſer em ſeu coraçaõ cada ferida, viſta, e contemplada, hum penetrante golpe, a que ſe deſatava copioſamente aquelle compaſſivo ſangue. Obrigouſe ſeu Eſpoſo dos deſperdicios delle, e quiz fazer a Sor Ignez hum favor, em que continuando-ſelhe o motivo, moſtraſſe o que lhe agradava o effeito. Achou eſta Madre huma manhãa junta á cabeceira huma flor de cinco folhas, em que ſe viaõ ſingularmente ao vivo as cinco Chagas. Suſpendeoſe primeiro, aſſim porque para o ſegredo de ſuas penitencias coſtumava deſcançar

çar com a cella fechada, como por naõ ſe achar, nem ter viſto em todo o Moſteiro flor de ſimilhante feitio. Pelo exame que andou fazendo, ſe divulgou a novidade do caſo, ficando-lhe o conhecimento de que o devera a ſeu Eſpoſo. Foy rara ſua paciencia. Sobreveyo-lhe ao ſeu achaque antigo hum tumor no peito; a eſte huma chaga, que com crueis dores lhe durou por muitos annos, até falecer della, e já neſte tempo taõ medonha, e aſqueroſa, que ainda a peſſoas mortificadas era difficil o aſſiſtirem, e applicarem-lhe a cura; mas em eſpirando, ficou em tal fórma, que ſem alguma violencia a amortalharaõ, e compuzeraõ, advertindo com piedoſa conjectura, pelo eſtado em que ficara aquelle corpo, o em que eſtaria ſua alma.

Sor Iſabel da Viſitaçaõ.

Cultivou deſveladamente a ſua, reduzindo o corpo a todo extremo da penuria, da deſnudez, e da penitencia, a Madre Sor Iſabel da Viſitaçaõ, porque ſobre a pobreza, que profeſſara, ſe reduzio dentro daquelles ſantos Clauſtros á voluntaria miſeria de mendigar para ſuſtentar a vida. Vendia a ſua reçaõ, applicando o lucro della para ornato do Santiſſimo Sacramento, de que era devotiſſima, e que parece lhe multiplicava nas maons aquella ſanta grangearia, pelo grandioſo das peſſas, que ſahiraõ della. Hum Pallio rico, hum bom cortinado, peſſas de prata de eſtimaçaõ, e valia. Para a Capella do Senhor Menino (Imagem prodigioſa, de que daremos mayor noticia) bom ornamento, e alampada de prata. Aſſim he verdadeira pedra Filoſofal a maõ do pobre, trocando em ouro aquelle pouco, ou aquelle nada, que ſe tira ao ſeu ſuſtento, para o depoſitar no gaſiofilazio de Chriſto. Aos jejuns da Regra accreſcentava Sor Iſabel muitos de devoçaõ, e á eſtreiteza do habito, com que ſe cingia, o penitente abatimento de andar deſcalça. Paſſava do Coro, em que a detinha oraçaõ larga, ao ſerviço, e aceyo das Capellas das Imagens de que era devota, eſpecial a do Senhor Menino. Aſſim permittio elle, que vivendo Sor Iſabel como domeſtica, como eſcrava de ſua Caſa, faleceſſe como venturoſa herdeira della.

Sor Filippa da Cruz.

Naõ moſtrou menos que o era a Madre Sor Filippa da Cruz. Teve o dom de lagrimas; em meditando na Paixaõ (de que foy devotiſſima) eraõ mais copioſas, como em chegando aos pés do Confeſſor, onde baſtavaõ aquellas linguas mudas ao inculpavel de ſua vida, ainda que naõ ao deſafogo de ſeu eſpirito. Tanto ardia neſte o amor de Deos, por iſſo naõ havia já, que purgar, onde tudo era arder. Era faiſca, que cahia daquella grande lavareda a caridade abrazada, com que attendia ao commodo, e remedio do proximo. Deſpia-ſe para o defender do frio; e até a pobre cama ſe tirou a ſi para lhe dar deſcanço, ficando-lhe o chaõ ſervindo de leito. Aſſiſtia com ſingular affecto á Senhora das Neceſſidades, Imagem milagroſa. Pediolhe o deſpacho de trez petiçoens; foy a ultima, que a tiraſſe já da terra para ſua companhia. Em breve tempo vio ſatisfeitas as duas; naõ tardou a terceira, tendo

dito

dito a meſma Madre, que brevemente a eſperava. Deraõ-lhe humas dores inſofriveis, e rebeldes á diligencia de muitos remedios. Pedio, que a recolheſſem á cella, de que já naõ ſahiria, porque eſtava deſpachada a ſua terceira ſupplica. Deraõ-lhe o Viatico, que recebeo contrita, e alvoroçada, e logo a Unçaõ, por mais que reſiſtiaõ os Medicos, e toda a Caſa, entendendo, que naõ tinha a preſſa com que ella a pedia. Era em huma ſeſta feira, perguntou logo, que horas eraõ? E reſpondendo-lhe, que trez da tarde, diſſe: *Eſta he a hora: e ás cinco, que levaraõ meu Senhor para a ſepultura, irey eu para o Coro*; e accommodando-ſe de coſtas, e compondo o corpo, tomando em huma maõ a véla, hum Crucifixo na outra, pedio, que lhe cantaſſem a Salve, e no meyo daquella ſagrada, e piedoſa melodia, esforçando a voz, e pedindo trez vezes miſericordia, eſpirou placidamente, cumprindo-ſe o que tinha dito, porque ſoando as cinco horas, levavaõ ſeu corpo para o Coro.

Sor Marianna das Chagas.

Na aſſiſtencia deſte foy rara a Madre Sor Marianna das Chagas, a que o Ceo deu boa voz, grande genio muſico, e a ventura de bem empregado, porque era a primeira, que aſſiſtia a louvar a Deos, ſupprindo por humas, convidando a todas, para que naõ houveſſe falta naquella occupaçaõ Angelica. Acabados os Officios Divinos, a todo o tempo, ſe deixava ficar, antes eſquecer em oraçaõ no Coro, diante do Santiſſimo, de quem era devota com inexplicavel extremo. Naſcia deſte huma inſaciavel ancia de o receber á toda a hora. Fazia-o com eſpecial licença, aſſim dos Prelados, como de Padres de eſpirito, trez, e quatro vezes na ſemana. Como gaſtava a manhãa no Coro, naõ havia Miſſa em que naõ a abrazaſſe eſta ancia, mas já deſtra na pratica do Ceo, commungava eſpiritualmente. Era aſſim ſua vida taõ concertada, como a que ſempre trazia aquelle Senhor, naõ ſó no coraçaõ, mas na preſença. Coſtumava dizer: *Que ſó ſentiria a morte por privalla da doçura de commungar; porque ainda logrando a Deos na bemaventurança, lhe parecia, que teria ſaudades de o lograr na Hoſtia.* Venturoſa alma, a que o meſmo Senhor parece, que quiz aliviar aquella ancia, promettendo, que na gloria poria aos bemaventurados á meſa! Lá ſe lhe ſatisfaria aquella ditoſa fome, como na Patria das abundancias, e farturas. Entrada em annos, a perſeguio hum cruel achaque; mas nem eſte a ſuſpendeo do rigoroſo eſtylo de vida, que continuava. Com induſtria alcançou, aſſim dos Medicos, como dos Prelados, licença, para o jejum de quatro dias na ſemana. Perdeo a viſta, mas lince ſua alma, naõ ſahia hum inſtante da preſença daquelle Sol, que lha illuſtrava, e que na noite da morte lhe madrugou para ſua eterna felicidade.

Faciet illos diſcumbere; & tráſiens miniſtrabit illis. Lucæ 12. 37.

Satiabor cum apparuerit gloria tua. Pſ. 16. 15.

Sor Antonia Bautiſta.

Parece, que foy a meſma a da Madre Sor Antonia Bautiſta, buſcada, e pertendida com hum eſtylo de vida aſpera, e rigoroſa; mas aſſim ſabia uſar do rigor da penitencia, que juntamente ſerviſſe de algum alivio ao proximo, e que foſſe para ella de tormento. Uſava

tunica de groſſa eſtamenha junto á carne, e porque a lãa cultivada da agua, fica menos eſquiva, pedia ás mais Religioſas as tunicas novas, ou por troca das ſuas já de uſadas mais brandas, ou para lhas reſtituir menos aſperas. Toda ſua vida foy hum continuo trabalho de adeſtrar Noviças para ſervirem o Coro, e Moſteiro. Duas vezes a eſcolheo eſte Prelada, naõ lhe dando no cargo, mais que a penſaõ de mayor deſvelo. No mais era ſubdita, ſó com a diſtinçaõ de ſer a primeira, antes que no lugar, nas occupaçoens da Caſa. Naõ a diſpenſava nenhum de rigoroſas diſciplinas, eſtreitos jejuns, e huma abſtinencia de carne por toda ſua vida.

Tinha devoçaõ particular com a Senhora de Nazareth; na ſua Capella aſſiſtia continua, nem ſem lhe beijar a maõ ſe recolhia de noite á cella. Diante deſta Imagem eraõ ſeus exercicios devotos de todo o anno, mais particulares ao Sabbado. Huma rara paciencia, e huma ſede grande de martyrio, alcançaraõ de ſeu Eſpoſo repetidas occaſioens de exercitar o ſofrimento. No peito ſe lhe abrio huma dor taõ aguda, que recorrendo a todas as induſtrias da cirurgia, (por ſe lhe abrir huma chaga) ſe entendeo no ſeu pouco effeito, que ſó lha permittira o Ceo para martyrio. No meyo dos rigores deſte a viaõ com roſto ſocegado, e alegre. Com o meſmo eſcutou a certeza de ſua morte; diſpoz-ſe para ella tanto com alvoroço, como conformidade, ouvindo-lhe repetir muitas vezes: *Oh como folgo de morrer! e que mercê me faz Deos!* Eſpirou rezando-lhe a Communidade o Officio Menor da Senhora, que fora ſua devoçaõ quotidiana, ſendo digno de reparo, que com o ultimo verſo delle ſe lhe acabou a vida.

Mais eſcaſſas noticias nos ficaraõ da da Madre Sor Maria da Cruz; ſó a tradiçaõ ſegura de huma obſervante Religioſa. Grande humildade, grande obediencia, mas com exceſſo rara perſeverança na oraçaõ; mais dilatada de noite no Coro, diante do Santiſſimo. Alli a aſſuſtava, e perſeguia o demonio com deſuſados eſtrondos, ſempre deſprezados de ſua conſtancia, e ſeu ſilencio, de que provocado o inimigo, lhe apertou huma noite a cabeça entre as maons, (ao parecer da Madre) abalando-a com tanta violencia, que a deixou quaſi ſem ſentidos. Entendeo a induſtria diabolica ſeu Confeſſor (era o Padre Frey Manoel Carreira, Religioſo de bom nome neſta Provincia) e mandou lhe, que naõ deixaſſe a aſſiſtencia, e oraçaõ do Coro, que continuou por toda ſua vida ſem ſegundo ſuſto.

Sor Maria da Cruz.

CAPITULO X.

Das Madres Sor Euſebia do Sacramento, Sor Anna de Jeſus, Sor Marianna de S. Joſeph, Sor Catharina de S. Joaõ, Sor Antonia de Jeſus; e de mais trez Religioſas ſuas irmãas, todas filhas deſta Caſa do Salvador.

COntinúa o numero das glorioſas filhas deſta Caſa a Madre Sor Euſebia do Sacramen-

Sor Euſebia do Sacramento.

mento, que em pouca idade deixou larga experiencia de ſua virtude. Grande retiro, grande ſilencio, que antes parecia mudez, que obſervancia, antes genio, que refórma. Era em tudo igual a de ſua vida, ſempre mortificada; mas naõ baſtou para que o Ceo por outra parte naõ provaſſe a ſua paciencia. Vioſe aſſim em duas rigoroſas doenças. Foy a ultima mais prolongada; com ella ſe fez etica, e ſe lhe abriraõ no corpo chagas, para que nunca pedio meſinha, nem dellas ſe lhe ouvio queixa, antes ſó deſpois de morta ſe ſoube, que as tinha. Diſpoz ſe para a ultima hora com ſocego de quem naõ padecia, e com deſembaraço de quem naõ receava. Tal era ſua paciencia! Tal tinha ſido ſua vida! Segurou-o aſſim ſeu Confeſſor a muitas Religioſas, (que lhe rodeavaõ o leito ſentidas, e choroſas de ver eſtallar aquella vida, taõ tenra, e tam bem quiſta) dizendo, que Sor Euſebia iria direita ao Ceo, porque naõ peccara mortalmente. Parece, que o quiz provar a experiencia, naõ ſó naõ ſe gaſtando, mas ainda creſcendo a cera, que ardeo no ſeu Officio, e enterro. Jurou-o aſſim o Cerieiro, naõ querendo aceitar paga, antes guardando a cera como reliquia.

Sigaõ ſe aos poucos annos venturoſos da Madre Sor Euſebia os muitos, e bem gaſtados da Madre Sor Anna de Jeſus. O que mais ſe admirou em todos os de ſua vida, foy a rara obediencia com que coroou huma exacta obſervancia. Aſſim eſtava eſta Madre prompta aos acenos da Prelada, que era advertencia deſta o praticarlhe primeiro o que havia de fazer, e deſpois mandalla, porque aſſim deſconhecia a ſua ſogeiçaõ qualquer embaraço, que mandada, naõ havia mais que inclinar a cabeça, e tomar o caminho. Parecia, que toda era ouvidos, e nada vontade. Naõ he menos a agilidade com que os Eſpiritos celeſtes ſe deſempenhaõ obedientes. Vi-os David mover em lavaredas de fogo, que em hum inſtante vive, arde, e ſobe. Mas ſe era Anjo na obediencia, naõ o parecia menos em huma notavel ſinceridade, e ſingeleza, em que ſe eſtribava o puro, e inculpavel de ſua vida. Acabou eſta de conſumida de aſperas, e continuas penitencias, contando neſtas tantos lucros, como naquella annos.

Facit miniſtros ſuos ignẽ urentem. Pſalm. 10. 3.

Igualmente ditoſos foraõ os da Madre Sor Marianna de S. Joſeph, como occupados nos mayores empregos da caridade. Via eſta Madre, que as Religioſas enfermas, ou pelo cuidado da Communidade, ou de amigas, e parentas, eraõ mais bem aſſiſtidas, que as criadas da Caſa, e tomava por ſua conta eſta aſſiſtencia com tanto deſvelo, que noites inteiras a tinhaõ á ſua cabeceira as que eſtavaõ mais perigoſas, aſſiſtindo igualmente a todas em lhes fazer as camas, applicar-lhes remedios, e procurar-lhes desfaſtios. Nada a trazia mais alegre, que o dobrarem-ſelhe as occaſioens de ſervir, como a que entendia as grandes grangearias daquelle emprego de ſervo dos ſervos, brazaõ de Paulo, e exercicio do meſmo Chriſto. O que era mais de admirar, foy a providencia com que anticipando-ſe para o

Sor Anna de Jeſus.

Sor Marianna de S. Joſeph.

trabalho, naõ faltava ás horas do Coro, e mais preciſas funçoens do Moſteiro. Aſſim fazia goſto de toda a occupaçaõ penoſa, que como ſe alli deſcançara, paſſava dellas ao rigor das diſciplinas, continuava jejuns eſtreitos, naõ perdia occaſiaõ de exercicios devotos. Faleceo de doença trabalhoſa, mas ſoportando-a com tal tolerancia, como quem ſabia, que ſe lhe dera por coroa.

Sor Catharina de S. Joaõ.

Correo a grangealla a Madre Sor Catharina de S. Joaõ, pobre, rota, deſeſtimada, e faminta. O ſeu habito, o que deixava alguma Religioſa de velho, e uſado. A ſua reçaõ, o que alguma lhe queria dar de eſmola, porque a que lhe dava a Communidade, vendia, para ornar a Capella do Bautiſta, e fazerlhe a ſua feſta, ſervindo-o com huma devoçaõ taõ extremoſa, que muitas vezes a viaõ diante da ſua Imagem ſuſpendida, e elevada, ou já rompendo em colloquios, acompanhados de vivas, e piedoſas lagrimas, edificando-ſe, e compungindo-ſe as Religioſas, que ouviaõ aquelles, e viaõ eſtas. No Coro era larga ſua oraçaõ, a vocal occupaçaõ de toda a hora; aſſim ao meſmo tempo que ſerv'a, rezava. Grande frequencia nos Sacramentos. Ao receber os ultimos, mereceo hum favor grande do Santo Bautiſta. Confirmou-ſe nelle a experiencia, que ha neſta Caſa, e he já tradiçaõ muy antiga, que ſe naõ vio nunca acabar ſem todos os Sacramentos Religioſa devota ſua, por mais que a morte foſſe apreſſada, e houveſſe embaraços para chegarem os Miniſtros. Vioſe, e ſuccedeo aſſim agora na Madre Sor Catharina. Eſtava havia dias com o Viatico, e reſolvendo-ſe pelo Medico, que era preciſa a preſſa da Unçaõ, porque por inſtantes eſpirava, ſe entriſteceraõ as Religioſas, vendo a diſtancia, (que he grande) que vay do Moſteiro ao de S. Domingos, de donde haviaõ de vir os Religioſos. Mandou-ſe recado, mas a tempo, que já a moribunda naõ promettia nenhum de vida; eis-que chegaõ os Religioſos, teſtemunhando, que dando-ſelhes o recado, e pondo-ſe a caminho, o tomaraõ com tal velocidade, como ſe os trouxeraõ pelo ar. Aſſim o tornavaõ a affirmar admirados, e nem as Religioſas criaõ menos, porque os viaõ chamados naquelle inſtante, e já juntos á cama da doente. Deraõ-lhe a Unçaõ, que recebeo como mimo do ſeu grande Advogado, e com eſſa conſolaçaõ eſpirou logo. Outros favores recebeo eſta Madre do Santo Bautiſta, de que naõ ha noticia eſpecificada. Deſte ultimo vivem teſtemunhas dignas de credito.

He de Fé, que eſtima Deos o culto, que damos a ſeus Santos, porque he elle admiravel nelles, e nelles o admiramos, e louvamos a elle; mas ás vezes, quanto a noſſo modo parece, que ſe paga mais de humas, que de outras devoçoens, aſſim como fez diſtinctos, e mais vantajoſos os merecimentos deſtes, que daquelles Juſtos. Naſce daqui o communicaremſe-nos mais beneficios por interceſſaõ de huns, que de outros, naõ obſtando, que a noſſa muita, ou pouca Fé conſegue mayores, ou menores beneficios. Acaba-

mos

mos de o ver na devoçaõ, que as Religioſas deſta Caſa tem com o Bautiſta, vejamo-lo agora na de noſſo Patriarcha S. Domingos, por ſer o mais, que ſe ſabe da vida da Madre Sor Antonia de Jeſus, algum favor, com que o Santo premiou ſua fé, e calificou ſua devoçaõ. Aſſim naõ pareceo mais a vida deſta Madre, que huma mercearia, que exercitava, louvando, e ſervindo ao Santo Patriarcha, a que chamava com ſinceridade devota, e engraçada: *O meu primoroſo D. Domingos de Guſmaõ.* Com eſte eſtylo fallava, e ſe detinha em praticas com huma Imagem ſua, que eſtá no Coro deſta Caſa, e com tanto acento diſcorrendo ſobre alguma importancia, que lhe encomendava, como ſe lhe eſtivera eſcutando repoſtas do que lhe propunha.

Sor Antonia de Jeſus.

Era pobriſſima eſta Madre, porque tudo o que tinha, e grangeava, punha nas maons da pobreza. Naſcia deſta ſanta prodigalidade, o faltarlhe até para o pouco cuſto de lavar hum habito. Pedio em huma occaſiaõ a algumas Religioſas, que lhe fizeſſem eſte diſpendio; e vendo, que todas ſe eſcuſavaõ, e naõ tinha mais recurſo, vem-ſe ao Coro, proſtra-ſe diante de ſeu grande Pay, e Advogado, e propoem-lhe com humildade a queixa de deſamparar huma Mercieira, e filha ſua, podendo mover os coraçoens das outras a ſoccorrerem a mais neceſſitada. Eis-que ao levantar-ſe, e voltar para a cella, ſe chega a ella huma Religioſa, pedindo-lhe o habito para lho mandar lavar. Vioſe outras vezes em deſamparos grandes, e ſem mais diligencia, que recorrer ao Coro, fallar com o Santo, ſahia com confiança, e logo experiencia de que ſe lhe vinha meter na maõ o remedio.

Como para o dos pobres tinha decretado tudo, nada divertia (de huma tença, que tinha) para alguma neceſſidade extrema, ſem pedir licença ao Santo, a quem propunha o aperto. Arrecadada a tença, lha levava, e punha aos pés. Fello em huma occaſiaõ, em que neceſſitava de hum véo; e moſtrando-lhe o que trazia velho, e roto, lhe pedio, que diſpenſaſſe com ella para comprar outro, ou diſpuzeſſe quem lho déſſe, ainda que uſado. Ao ſahir do Coro, a encontrou huma Religioſa, que voluntaria lhe fez eſſa offerta. Saõ as terças feiras na Religiaõ dedicadas a noſſo Padre, nellas por particular indulto ſe reza delle, naõ occorrendo mayor celebridade. Aſſim eraõ eſtes dias ſingulares para a devoçaõ da Madre Sor Antonia, e coſtumava a dizer, que nunca nelles lhe faltara nada.

Aſſiſtia a huma viuva honrada, que junto ao Moſteiro vivia com muitos filhos em ſumma miſeria; para eſta andava pedindo eſmolas ás Religioſas continua, e deſvelada, ſofrendo repoſtas ſecas, e deſabridas das que deſconheciaõ a ſua caridade com o nome de impertinencia. Outro muito differente tinha na eſtimaçaõ do Ceo, com quem Sor Antonia negoceou com melhor fortuna, porque com muita diſpoz, e conſeguio bom caſamento para huma filha da viuva, (que ás ſuas oraçoens attribuia o remedio de ſua Caſa) e lhe alcançou o habito

bito dos Eremitas de Santo Agoſtinho para dous filhos. Teſtemunhavaõ elles deſpois, que indo a recebello no Convento de Noſſa Senhora da Graça na Cidade de Lisboa, ſe chegara a elles, e os acompanhara hum Religioſo Dominico, apadrinhando-os com os Prelados do Convento, donde deſappareceo acabada a funçaõ, ſem que alguem o conheceſſe. Naõ tinha commercio com nenhum a Madre Sor Antonia, nem dado a ninguem eſta noticia, e tendo-a do que ſuccedera, dizia chea de contentamento, e ſegurança: *Sem duvida ſeria o meu primoroſo D. Domingos de Guſmaõ, que mandaria algum de ſeus filhos a acompanhar os pobres.*

Era eſta Madre muito penitente; grande parte do anno tinha o chaõ por leito, eſtylo, que inviolavelmente obſervava todo o tempo, que a Igreja nos propoem o Menino Deos no Preſepio. Agradou ſem duvida ao Ceo eſte penitente abatimento, e vio-ſe pelo que o intentava embaraçar o demonio. Em huma noite da Veſpera da Aſſumpçaõ, (celebre na Caſa pela Prociſſaõ do triunfo, que ſe faz eſſa noite nella) recolhida a boa velha á ſua cella, ouviraõ as viſinhas tal eſtrondo, que as teve aſſuſtadas até o dia ſeguinte, em que lhes diſſe, deſpois de importunada: *Que hum negrinho teimoſo, e emperrado a empuxara, e perſeguira com força, e violencia, para que ſe deitaſſe na cama, mas que o naõ conſeguira.* Era extremoſa na devoçaõ do Santiſſimo Sacramento, e todos os dias accreſcentava ao Officio Divino todo o da ſua feſta, que tomara de memoria. Já entrada em annos, enfraquecidos de aſperas, e longas penitencias, paſſou deſta vida, com o ſocego de quem a naõ eſperdiçara, em 30. de Outubro de 1691.

Com igual parenteſco no ſangue, que na virtude, viveraõ tambem, e acabaraõ neſta Caſa trez Religioſas, irmãas da Madre Sor Antonia de Jeſus. Foraõ ellas a Madre Sor Iſabel de S. Domingos, a Madre Sor Brites de S. Jacintho, e a Madre Sor Marianna do Roſario, taõ parecidas na refórma, e obſervancia de vida, que humas eraõ eſpelhos das outras, e todas eſtimaçaõ, e credito da Caſa. Aſſim lhe chamavaõ as columnas della. Na pobreza religioſa, nos jejuns eſtreitos, nas diſciplinas aſperas, e repetidas, na aſſiſtencia do Coro, e mais funçoens de mortificaçaõ, e trabalho do Moſteiro, eraõ iguaes as boas irmãas; ſobreſahia, e ſinalava ſe cada huma em ſua particular virtude. A Madre Sor Iſabel de S. Domingos em huma conformidade rara com as diſpoſiçoens Divinas, deſconhecendo aſſim os accidentes da fortuna, como ſe naſcera ſurda aos brados da natureza, que muitas vezes lhe ſoaraõ no coraçaõ na morte de parentes, e occaſioens as mais ſenſiveis, que podem temerſe na vida, e arruinar a paciencia; mas acharaõ-na eſtas ſempre ſepultada em hum abyſmo de ſofrimento, ſem abrir a boca mais que para louvar a Deos, e moſtrar a conformidade de ſua alma, repetindo com reſignados affectos della o deſafogo do Exemplar da paciencia: *Faça-ſe a vontade de Deos.* Com eſte

Sor Iſabel de S. Domingos, Sor Brites de S. Jacintho, e Sor Marianna do Roſario

eſte eſtylo de vida chegou a contar cem annos de idade.

Pouco menos contava na ſua a Madre Sor Brites de S. Jacintho, com igual procedimento, mas ſingularizando-ſe no exceſſo de amor com o ſeu Eſpoſo Sacramentado. Parece, que ſe lhe ateara no coraçaõ aquella braza Euchariſtica, applicada pelas maons Angelicas a cauterizarlhe as imperfeiçoens de humana. Aſſim coſtumava chamar áquelle myſterio Sacroſanto: *O ſeu Amor*. No Coro lhe aſſiſtia continua, na meſa o buſcava ancioſa; naõ tinhaõ ſuas praticas outro aſſumpto, nem ſuas acçoens outro termo. A's quintas feiras (dia conſagrado a eſta ſoberana memoria) pedia todo o anno pelo Moſteiro eſmola para a ſua feſta. Nas Veſperas della levava a grangearia, e huma pobre tença ás maons da Prelada, porque ſe diſpendia. Naõ guardou o Senhor o premio para quando elle meſmo o ha de ſer dos Juſtos, neſta vida mortal o adiantou a Sor Brites em particulares mimos; apontaremos hum, que ſe fez mais lugar entre os outros. Achava-ſe enferma, e perigoſa, eis-que hum dia ſente creſcer o mal com hum repentino ſymptoma, que lhe promettia poucas horas de vida. Sabia ella, que no ſeu Amor eſtava toda, como centro da verdadeira; levanta as maons, e a voz, e entoa o doce verſo do Hymno da ſua feſta: *Tantum ergo Sacramentum*. Foy reparo, que a ninguem ſe eſcondeo. No meſmo inſtante reſpirou do perigo, e continuou melhorando. Paſſava já de oitenta annos, (achaque, que lhe tirou a vida) quando a acabou com o ſuave nome de ſeu Amor Sacramentado na boca, paſſando a goſtallo na eterna meſa da Bemaventurança.

Seguio os paſſos das mais irmãas, a ultima, que foy a Madre Sor Marianna do Roſario, prompta, e deſvelada no caminho da obſervancia, e igualmente pobre voluntaria, gaſtando tudo o que tinha em mayor culto de algumas Imagens do Moſteiro, eſpecial a da Senhora da Appreſentaçaõ, com que era a ſua devoçaõ mais continuada, e mais fina. Sinalouſe eſta Madre (como já o reparamos das mais irmãas) nos empregos de penitente, na auſteridade dos jejuns, e mortificaçoens inventadas, e continuas. Toda ſua vida andou deſcalça, como a que pizava a terra Santa, em que Deos ſe moſtrava naquella abrazada, e amoroſa Çarça da Euchariſtia, no eſcabroſo monte daquella penitente Caſa.

Mas honre tambem as memorias della huma aſſaz merecida de huma ſervente ſua. Foy eſta Catharina Pereira, que de poucos annos veyo para a Clauſura, que obſervou como qualquer Religioſa, bebendo no exemplo dellas o concerto de ſua vida. Das penoſas occupaçoens della (como a que ſervia toda a Caſa) reſpirava nos braços da penitencia; paſſava deſtes aos exercicios de caritativa; o ſeu mayor, e mais repetido, com as Santas Almas do Purgatorio, deſentranhando-ſe para aliviallas daquelle intoleravel cativeiro. Eſta ancia lhe trazia continuamente na maõ a diſciplina, larga, e rigoroſa. Mas deſeja-

Catharina Pereira.

deſejava no que lhe era permittido, acompanhallas na ſemelhança das penas. Entrava deſcalça a concertar o forno da Communidade, quando acabavaõ de ſervir-ſe delle, eſtando ainda ardente, e inſoportavel. Mais o parecia a labareda caritativa, que lhe ardia no coraçaõ, ſe a ſeu reſpeito recorria ao fogo, como deſafogo, e refrigerio. Acabou ſeus dias com a grande opiniaõ, que merecera nelles. As que a trataraõ, e conheceraõ, lhe chamaraõ mulher ſanta; e foy tal ſua morte, que pareceo paſſagem para o lugar, que lhe promettia eſſe nome.

CAPITULO XI.

De algumas Imagens milagroſas, que ao preſente ſe reſpeitaõ com eſſe titulo, e experiencia neſta Caſa.

NAõ ſerá razaõ, que faltemos ao eſtylo do noſſo Chroniſta, coroando as noticias das Caſas com as notabilidades dellas; eſpecialmente na memoria de Imagens milagroſas, teſtemunho grave, e credito grande das Religioſas, que neſta lhe aſſiſtem, e as veneraõ, premiada ſua fé, e devoçaõ com favores, a que ainda que naõ califiquemos por milagres, lhe podem acommodar o nome as circunſtancias, e raridade delles. Mas deixemos primeiro em memoria alguns, com que o Santiſſimo Sacramento tem beneficiado eſta Caſa, como tanto ſua, ſenaõ no nome, na ſorte com que ſe vio mimoſa debaixo da ſua protecçaõ, e providencia. Aſſim o achará nas ſuas memorias quem buſcar a liçaõ dellas.

Fr. Luiz de Souſa 2. p. l. 1. cap. 20.

Corria o anno de 1655. governava eſta Provincia o Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro, e viſitando eſte Moſteiro, e fazendo-o (como he coſtume) ao Sacrario, advertio, que era difficultoſa a ſerventia para elle, impoſſivel ao Sacerdote o paſſar direito, mas de ilharga, com trabalho, e menos decencia. Mandou, que logo ſe alargaſſe o caminho, delviando-ſe o Altar, para que ſe podeſſe tirar, e recolher o Santiſſimo com mais decencia, e mais commodo. Parecia impraticavel, por ſer o Altar de huma ſó pedra, toda ſagrada, banqueta grande, que deſcançava em groſſas columnas, que lhe faziaõ coſtas, e rodeado de muitos, e largos degraos de pedra. Affligiaõ-ſe as Religioſas, conſultando officiaes, que lhe aſſeguravaõ, que ſe arriſcava a venerada antiguidade daquella ſagrada pedra, por mais que a obra ſe deſmanchaſſe por partes pela grande, e antiga travaçaõ, que havia entre todas. Pezavaõ hum dia eſtas difficuldades o Vigario da Igreja, e alguns Sacerdotes, e tendo a maõ ſobre o Altar, reſolvia, que era impoſſivel o movello ſem grande perda, eis-que de improviſo ſente, que o fazia, deixando deſembaraçado o eſpaço, que ſe deſejava. Levantaõ as vozes, tornaõ a applicar a viſta, e a fazer experiencia, e acclamaõ o milagre. Acodem as Religioſas, eſcutaõ a noticia delle, lançaõ-ſe por terra, entoaõ graças ao Senhor. Vivem hoje muitas, que o viraõ, e o teſtemunhaõ. Era Prioreza a Madre Sor Franciſca de

S.

S. Paulo, Sacriſtãa a Madre Iſabel da Viſitaçaõ, Vigario da Igreja o Padre Franciſco Bernardes, Theſoureiro o Padre Antonio Antunes.

Naõ ſó ſe dignou o Senhor de aliviar aquellas ſuas Mercieiras daquella perda, que temiaõ, mas de as ſoccorrer em perigos, que as ameaçavaõ, e eſpecialmente em muitos incendios repentinos. Foy mais notavel o que ſuccedeo no anno de 1690., que ateando-ſe no forno da Communidade com vigor, e violencia, naõ podendo entrar a embaraçallo os moſſos da Caſa com a brevidade, que pedia, criou tantas forças, que começaraõ as labaredas a eſpalharſe por toda a Caſa, e a ſenhorearſe della com pavor, e aſſombro de mulheres, que á meya noite ſe viaõ aſſaltadas de taõ poderoſo inimigo. Chegou primeiro a aviſtallo huma ſervente da Communidade, que hoje vive, e levantando a voz, diſſe (com grande fé) *Santiſſimo Sacramento apagay eſte fogo*! Ao meſmo inſtante ſe viraõ ir recolhendo as labaredas ao centro do forno, e ceſſou o incendio. Chamava-ſe a ſervente Maria Vieira. Era Prioreza a Madre Sor Anna do Sacramento.

Eſtas, e muitas experiencias fomentaõ a grande fé deſta Caſa, e a devoçaõ extremoſa, com que o Senhor he ſervido nella, tendo-ſe por mimoſa ſua a que lhe faz a feſta, para que ſe lançaõ ſortes; naõ faltando já quem a pertendeo, e eſperou com as induſtrias de jejuns, e mayores penitencias. Para as cinco quintas feiras, que precedem a eſte dia, ſe offerecem todas com ancia, ſendo já tradiçaõ, que viſita o Senhor com grandes favores a devoçaõ dos que o deſempenhaõ, aſſim dos da Caſa, como dos de fóra. Vio-ſe na felicidade, com que ſe viraõ livres enfermos, e attribulados. Moſtraõ as Religioſas o ſeu agradecimento no deſvelo, e diſpendio com que aſſiſtem a eſte Senhor no ornato de ſua Capella, em que ao preſente lhe tem lavrado grandioſa tribuna, que enchem, e cobrem de muita prata, de que lhe tem feito offerta, e fazem cada dia, ſendo ſempre mais os favores, que recebem, que as offertas, que fazem.

Naõ experimentaõ menos piedades nas Imagens da Mãy de Deos, que lhe authorizaõ a Clauſura, e lhe pagaõ a mercearia. Seja a primeira a da Senhora dos Prazeres, nome, que lhe deu o dia em que ſe lhe faz a feſta, ſendo o ſeu primeiro, (como ſe lê nos principios da Caſa) o da Senhora do Milagre, pelo grande, e ſingular, que deſempenhou nella. Nos ſeus alicerces foy achada, e eſtá hoje collocada na Capella, que na Religiaõ chamaõ das Horas, por rezar nella a Communidade o Officio Menor da Senhora, quando pelo tempo o pede a reza. He celebre a ſua feſtividade, e immemoravel a antiga experiencia de ſe naõ comprar cera para ella, baſtando para encher o Altar, e ſobejar para continuas funçoens de todo o anno o cuidado das devotas, concorrendo cada huma com ſeu cirio, por mais que a Veſperas ſe ache a Religioſa Sacriſtãa da Capella ſem hum unico. Aſſim o affirma a que hoje tem eſta ocupaçaõ com

Fr. Luiz de Souſa 2. p. l. 10. cap. 11.

experiencia de trinta annos.

Igual a tem todas dos beneficios, que continuamente recebem da Sagrada Imagem, invocada de toda a Caſa com devoçaõ, e fé viva em qualquer aperto, que haja nella. Teſtemunhaõ-no aſſim a Madre Sor Marianna de S. Franciſco, que padecendo grandes dores, procedidas de huma disfórme inchaçaõ no eſtomago, ſe achou de todo ſãa, ſem mais medicina, que o azeite da alampada da Senhora. A Madre Sor Martha de Jeſus, que de hum aſſombramento de ar padecera muitos dias ſeus effeitos com a voz preza, e turbada, com hum manto da Senhora ſe vio reſtituida a ſaude perfeita, que ainda dura a memoria em hum manto, que deu á meſma Senhora. Outra Religioſa (ſendo ainda pupilla neſta Caſa) aſſaltada com grande violencia do meſmo mal, recebeo, tocando a Sagrada Imagem, o meſmo beneficio. Naõ ſeria facil reduzir todos a numero, como nem o termos noticia de muitos, que cada dia experimentaõ ſuas devotas, ainda fóra deſta Caſa; como ſuccedeo a Dona Antonia de Vilhena, mulher de Dom Antonio de Menezes, que com trez dias de parto, e a criança morta no ventre, (ſentenceada ao rigoroſo remedio, a que em ſimilhantes caſos appella a cirurgia) pondo hum volante, que á Senhora ſervia de toalha, lançou a criança, e ficou livre de perigo, proteſtando o beneficio em quatro cirios, de que faz offerta á Senhora em cada anno.

Naõ he menos celebre outra Imagem da Senhora com o titulo das Neceſſidades, naõ taõ antiga na Caſa, mas mais conhecida nella pela grande devoçaõ, e deſvelo com que lhe aſſiſtia Sor Filippa da Cruz, de que atraz diſſemos, alcançando della ſingulares, e continuos favores. Era o feitio mal affigurado, e toſco, obrigando antes que a devoçaõ, a reparo, hoje ſem nova maõ de artifice, ſe acha, e venera com aſpecto fermoſo, agradavel, e apraſivel. Teſtemunhaõ-no aſſim todas as Religioſas, (muitas dignas de todo o reſpeito, e credito) como as que fizeraõ obſervaçaõ na nova methamorfoſeos da Sagrada Imagem. Eſtá em huma Capella no Dormitorio, a que chamaõ de Belem, donde he buſcada, e aſſiſtida de commua, e particular devoçaõ das Religioſas, taõ continuas, como premiadas. Mas baſte por todas a noticia de hum prodigio com que o foy a fé de huma.

Era Noviça a Madre Sor Franciſca de Santa Roſa, e ſervindo no Coro, quebrou em huma queda o braço direito. Seguiraõ-ſe crueis dores, repetidas, e grandes curas dos mais eminentes homens, que no Reyno conhecia a cirurgia, ſem mais effeito, que o deſengano de ſer tudo baldado, porque abaixo do cotovello eſtava quebrada a cana do braço, ficando pendurada a mais parte delle com a maõ, a que ſe naõ communicava calor, nem movimento, como a parte deſcontinuada, e eſtranha. Aſſim ſe foy ſecando, denegrindo, e deſenganando toda a eſperança de remedio. Determinouſe dia, em que os pays vieſſem tirar a Noviça, (que naquelle eſtado naõ po-

podia ſeguir o de Religioſa) e foy o em que na Caſa ſe fazia a feſta á Senhora das Neceſſidades , a quem aſſim Sor Franciſca, como todos ſeus parentes, faziaõ ſupplicas naquelle aperto , com grande fé, e devoçaõ. Lamentava a Noviça o haver de deixar o habito, e a Caſa, magoa, que lhe levou grande parte daquella noite , entre as mayores dores , que nunca ſentira , miſturando lagrimas , e ſupplicas , encaminhadas áquella Senhora, a que pedia o remedio , obrigando-a com o ſeu meſmo titulo. Seguio-ſelhe á moleſtia (já como cançada) huma ſuſpenſaõ nas dores, logo ſuave ſono, de que deſpertando pela madrugada , e ſentindo-ſe com alivio, começou a menear ſem violencia o braço. Applicou o outro, achou que ſe ajudavaõ ambos com igualdade, e ſem moleſtia. Parecia-lhe, que ainda naõ deſpertara ; ſahia da duvida , e tornava a repetir o exame , que lhe tirava todas , mas naõ acabava o ſuſto de deixar romper o alvoroço.

Acaba finalmente de convencer-ſe, attendendo a quem lhe faria aquelle favor, taõ difficultoſo , como naõ eſperado ; dá vozes a huma ſervente, que lhe aſſiſtia, e diz-lhe, que eſtá ſãa. Reſponde-lhe a ſervente , que deſcance, e naõ inquiete a Caſa com aquelle delirio; (naõ lhe podia parecer outra couſa o que ouvia) inſta a Noviça, que a Senhora das Neceſſidades lhe reſtituira o braço, e confirma-o, levantando-ſe , veſtindo-ſe, e meneando-o como o outro. Acodem as Religioſas , convencem-ſe com experiencias, paſmaõ , ſuſpendem-ſe do que ao meſmo tempo eſtaõ vendo , e duvidando. Leva-ſe a Imagem milagroſa para a Igreja á inſtancia dos pays , e parentes da Noviça , augmenta-ſe a feſta , publica o ſucceſſo do Pulpito o Meſtre Frey Alvaro Leitaõ, que era o Prégador della. Vive hoje a Religioſa , que tem ſervido todos os officios , e os de mais trabalho, que ha na Caſa com a felicidade da enferma, a que na de Pedro deu o meſmo Chriſto ſaude, que naõ ſó a recuperou perfeita , mas começou a ſervir ao Senhor para teſtemunho della. Da inteireza , e illeſaõ do braço ſou eu teſtemunha de viſta.

Et continuo ſurgens miniſtrabat illis. Lucæ 4. 39.

He tambem na Caſa conhecida por milagroſa a Imagem de S. Jacintho, que eſtá no Coro em hum nicho. Aſſim o confeſſa a devoçaõ das Religioſas, pela experiencia de muitas. Seja huma por todas a Madre Sor Leonor das Chagas, que preza de inſoportaveis , e continuas dores, que a naõ deixavaõ ſahir de hum lugar , nem poder menearſe, chegando a beijar a Santa Imagem, que ſe recolhia de hum Altar para o ſeu nicho , ſentio como que huma maõ lhe corria o corpo, e ficou ſem dor alguma de improviſo, e taõ ſenhora de todo o ſeu movimento, que ella meſma poz o Santo em o ſeu lugar, com ſer taõ alto, que ſe valeo de huma eſcada para fazello.

Outra Imagem ha no Moſteiro, (he de S. Gonçalo, eſtá em hum nicho na Capella do Senhor dos Paſſos, que fica no Antecoro) e naõ menos que a de S. Jacintho , he venerada

por milagroſa. Aſſim buſcada com devotas, e continuas offertas, e feſtejos no ſeu dia, de que o Santo ſe paga, olhando para a fé, e ſinceridade alegre de quem o feſteja, circunſtancia, que o meſmo Deos quer, e parece que eſtima em quem o buſca, e lhe offerta, como nos diz o Sagrado interprete da ſua vontade. A eſtes obſequios, acompanhados de hum coraçaõ devoto, ſe moſtra o Santo obrigado nas mercês, e favores, que cada dia conta todo o Moſteiro. Apontemos a de que ſe naõ eſquece a Madre Sor Barbara de S. Jacintho, que eſtando tolhida de hum accidente de ar, ſem que valeſſem medicinas para que ſe quer ſe pozeſſe em pé, ou podeſſe mearſe, recorreo ao Santo, pedio, que lhe pozeſſem na cella a ſua Imagem, adonde deſpois de algum tempo, (obrigando-a em todo com ſupplicas, e devoçoens) amanheceo hum dia ſãa, e deſembaraçada, ſahindo pelo Moſteiro a publicar o favor do Santo, e confirmando-o naõ ſó em a verem diſcorrer ligeira por toda a Caſa, mas ſervindo deſpois muitos annos em as occupaçoens mais trabalhoſas della.

Hiarem datorem diligit Deus. 2. ad Corinth. 9. 7.

Tem tambem eſta Caſa em grande veneraçaõ huma Imagem do Senhor com a Cruz aos hombros, buſcada em grandes apertos, aſſim fóra, como dentro no Moſteiro, achando nelle a devoçaõ, e fé dos neceſſitados prodigioſos, e favoraveis effeitos. Teſtemunhaõ delles (com conhecida, e larga experiencia) as Religioſas, e entre ellas a Madre Sor Marianna de Nazareth, vendo-ſe, ſó com tocar a tunica do Senhor, livre de hum cruel achaque, com improviſa, e inteira ſaude. Mas paſſemos a mais particulares noticias da Imagem celebre do Menino Jeſu, que creſce; nome, que lhe deu a experiencia das que o viraõ pequeno, e o veneraõ hoje avultado.

Corria o anno de 1630. quando a Madre Sor Adriana dos Anjos (Prelada entaõ deſta Caſa, e Religioſa de grande nome, e reſórma) mandou fazer huma Imagem do Menino Jeſu, para que em hum nicho acompanhaſſe a de S. Joſeph, que eſtava no Antecoro, advertindo o muito tempo, que o Santo ficava deſacompanhado da Imagem de outro, que tinha pela maõ, e paſſava aos braços da Senhora, e ao Preſepio todos os Nataes, e em todas as funçoens Sagradas, que a Igreja nos repreſenta naquelles dias. Fez-ſe a Imagem, e nem careceo de myſterio o ſer o Artifice hum Manoel Quareſma, Eſtatuario de fama, e homem de boa vida, coſtumado (como era ſabido) a confeſſar-ſe, e commungar naquelle dia, em que havia de applicar as maons a ſemelhante obra. Sahio a Imagem, ainda que naõ muy perfeita de materia, inteira, e maciça; collocouſe no nicho á maõ do Santo; mas com o diſſabor de algumas Religioſas, eſpecialmente da Prelada, que a viaõ ſem aquella gentileza, que devia repreſentar, e o achavaõ curto, e acanhado para chegar bem á maõ do Santo. Acodia a eſtes reparos a Madre Sor Brites da Magdalena, Religioſa antiga, e de grande reputaçaõ na Caſa, dizendo com graça myſ-

myſterioſa, que deſpois pareceo profetica: *Ora deixem o Menino, ponhaõ-no em ſeu lugar; que ſe naõ he tambem affigurado, elle ſe fará; e ſe fica pequeno, elle creſcerá, ſe quizer.* Mas ficava taõ curto, e via-ſe tanto eſſa falta, que paravaõ as Religioſas a dizer-lhe com devota confiança: *Creſcey Senhor. Creſcey, day a maõ a voſſo pay.*

Parece, que ſe agradava o Senhor da ſupplica, e ancia de ſuas eſpoſas, porque paſſados alguns annos, ſe começou a reparar o pouco, que diſtava já a maõ do Menino da do Santo. Logo ſe foy vendo a igualdade, e proporçaõ; advertiraõ-lhe nas opas curtas, paſſaraõ a examinar-lhe as camiſinhas violentadas nos pulſos, as alparcas apertadas nos pés, e ſingularmente a huma Cruz de prata, que tinha na maõ eſquerda (e lhe paſſava a cabeça) foy vencendo de ſorte, que hoje ſe lhe vê abaixo da maõ. Mas mayor prodigio foy eſtarem as Religioſas com tanta confiança, de que o Menino creſceria, que ſem admiraçaõ lhe começavaõ a cortar opas mais compridas, ſem ſe valerem da medida das primeiras. Fez-ſe mais patente o milagre, porque aſſim avultou a Imagem, que naõ ſofreo a primeira pianha, por pequena, e de materia menos ponderoſa; lavroulhe outra de evano cuberta de prata, e finalmente, eſtreitando-ſe o nicho, que tinha a capacidade, que pedia a Imagem do Santo (que he fermoſa, e encorpada) veyo a naõ poder receber a do Menino, deſpois de o fazer alguns annos com geito, e trabalho. Lavrou-ſelhe cuſtoſa, e decente Capella no meſmo Antecoro, com capacidade, e largueza para as meſmas Imagens. Alli ſe vê ao preſente a do Menino, naõ ſó avultada na eſtatura, mas de fermoſa, e alegre preſença, e alli ſe lhe faz a feſta o primeiro dia do anno, e ſe lhe continúa até o da Epifania, aſſim pela veneraçaõ, que tem grangeado eſte viſivel, e indubitavel prodigio, como pelas muitas mercês, que as devotas experimentaõ a cada paſſo.

Auctorizaõ a verdade do que temos eſcrito Religioſas de opiniaõ, que vivem hoje, e viraõ collocar a Imagem nova no ſeu primeiro nicho. Todas por tradiçaõ, e pelo que vaõ experimentando. Ve-ſe nas opas, e veſtidos primeiros do Menino, e medeſe com evidencia em huma Imagem do Evangeliſta, que eſtá no meſmo Antecoro, feita juntamente com a do Menino, e taõ indifferentes, e igualmente capazes, aſſim no tamanho, como no feitio, para os titulos, que lhe havia de dar a eſcolha das Religioſas, que ſe deſtinou eſta para ſer do Evangeliſta, pela unica diſtinçaõ de ter a boca como que fallava, e eſtar indicando, (a juizo das devotas) que proferia o Evangelho: *In principio erat Verbum*, ſendo conſtante a primeira igualdade deſtas duas Imagens, no acanhado de huma ſe vê o que tem avultado a outra. Deſpertou eſte prodigio a devoçaõ da Caſa, ſeguio-ſe a ella a repetiçaõ de favores, que experimentaõ cada dia as filhas della, conhecendo no augmento da Sagrada Imagem o grande de remedios, e ſoccorros

ros em ſeus mayores apertos, como mimoſas daquelle Soberano Eſpoſo, de quem diſſe o ſeu Paraninfo: *Que importava, que creſceſſe, quando o dava a conhecer como remedio do genero humano.* Entendendo-ſe eſte augmento dos ſignaes, e milagres, com que o Senhor ſe havia de fazer conhecido, e venerado nas acclamaçoens, e ſogeiçoens do Mundo, como explicaõ neſte lugar os Sagrados Interpretes. Permittaſe-nos eſta accommodaçaõ devota, quando participa tambem da intelligencia genuina.

Illum oportet creſcere. Joannis 3. v. 30. Creſcit Chriſtus ſecundũ quod paulatim manifeſtat ſe per ſigna, & miracula. Theophi. hic.

Aſſim começou a creſcer a fé ao paſſo, que a avultar a Imagem; os milagres ao paſſo, que a avultar a fé; dando-ſe o Senhor a conhecer, e a venerar aſſim nos ſinaes, que ſe admiraraõ, e admiraõ em ſua Imagem, como nos prodigios, que experimentaõ cada hora os neceſſitados, que recorrem a ella. Pelos annos de 655. ſuou a Sagrada Imagem, examinando-o naõ ſó as Religioſas, mas o Provincial deſta Provincia o Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro, e officiaes chamados para o exame, de que ſe fez huma memoria authentica, e ſe guarda no Cartorio da Caſa. As mercês, e favores com que nella, e fóra della ſe deſempenha a Imagem Sagrada com quem a buſca, e venera, tem ſido tantos, e vaõ ſendo taõ continuados, que ſeria cançar em larga eſcritura, havendo ſempre de ſobejar aſſumpto para ella. Baſtem os meſmos remediados para padroens vivos, quando o meſmo Senhor os vay, e irá cada dia multiplicando, para gloria ſua, e conſolaçaõ deſta Caſa.

Eſtas ſaõ as circunſtancias dignas de advertencia nas memorias della, ſeguindo o eſtylo do Padre Frey Luiz de Souſa, Chroniſta taõ indigno da nota, (que lhe quiz pôr quem nunca o poderia igualar) como digno da inveja dos que melhor o ſouberaõ ſer. Elle o foy com tanta circunſpecçaõ nas noticias deſta Caſa, (ſuccedendo-lhe o meſmo em todas) que naõ deixou a minima de que houveſſe ou tradiçaõ, ou memoria ſegura. Sem duvida a achou de que neſtes Clauſtros eſtava ſepultada a Infanta Dona Catharina (filha dos Reys Dom Duarte, e Dona Leonor) porque certamente nelles eſteve recolhida. Podia bem ſer, que falecendo nelles, ſe trasladaſſem ſeus oſſos para outro jazigo, de que quer fazer credito o Eſcritor, que cenſura eſte lugar do noſſo, dando-o a eſta Infanta em huma Caſa de ſua Congregaçaõ, e queixandoſe do roubo, que ſe fazia a ella em eſte Real depoſito, ſem advertir, que para hum Moſteiro como o do Salvador, que he todo hum Sagrado Mauſoléo de Santas, e veneradas cinzas, era ambiçaõ eſcuſada o querer, que o foſſe de oſſos ſecos de Infantas. Os Chroniſtas apontaõ tudo, e o noſſo tinha tantò em que occupar a penna, que a naõ obrigallo a ley da memoria, que achara, nunca o deteria aquella advertencia. Eu a naõ fiz aqui para defender em taõ leve materia hum taõ grande Chroniſta, talvez por entender, que ſó penna, que podeſſe voar ſobre os ſeus eſcritos, lhe poderia deixar cahir hum borraõ nelles.

CAPI-

CAPITULO XII.

Das Madres Sor Ignez de S. Jacintho, Sor Maria do Bautiſmo, Sor Magdalena do Sepulchro, Sor Iſabel das Chagas, Sor Iſabel de S. Joaõ, do Moſteiro de Jeſus de Aveiro.

Moſteiro de Jeſus de Aveiro.

ASſim corre ligeiro o tempo, que brevemente deſengana a quem naõ acautelando-ſe contra ſua velocidade, lhe naõ vay obſervando os voos no meſmo inſtante de paſſados, fiando ſó da memoria as notabilidades, que vay perdendo de viſta, mal deſamparadas do deſcuido, quando já ſepultadas do eſquecimento. Cada hora o moſtra a experiencia, e o provamos agora nas memorias deſta Caſa de Jeſus de Aveiro, que eſpelho da obſervancia neſta Provincia, nos vem a deixar por eſpaço de vinte e hum annos ſem a noticia das filhas da ſua refórma, que naõ he poſſivel faltaſſem; mas faltou a cautela de naõ as deixar paſſar ſem algum reparo para a lembrança, ficando-nos o unico recurſo da que achamos viva em algumas Religioſas, em que os annos a naõ tem já com aquelle vigor, e advertencia, que pedem informaçoens individuaes, em que perdemos mais largos aſſumptos para eſta eſcritura, como grande parte de ſuas glorias eſta Caſa.

Sor Ignez de S. Jacintho.

Foy huma das filhas, que lhas grangeou, a Madre Sor Ignez de S. Jacintho, filha de Diogo de Albuquerque, e de Dona Guiomar da Rocha, gente nobiliſſima, como bem conhecida em Coimbra ſua patria. Seguioſe neſta Madre ao bom genio o bom enſino; hum, e outro a trouxeraõ a eſta Caſa, capacitando ſe tanto no grande exemplo, que achou nella, que já o dava, e ainda o aprendia. Tinha hum ſingular affecto com a Senhora com o titulo do Carmo. Eſtendia-ſe a ſeus filhos, ſocorrendo a algumas neceſſidades da Caſa, que delles ha na Villa. Parecia milagre em ſuas poucas poſſes, mas naõ ſe alarga a menos hum deſejo tambem occupado, favorecido da diligencia, e da induſtria. Exacta na obſervancia das Conſtituiçoens, lhe ajuntava particulares exercicios penitentes, grande recolhimento, e oraçaõ, que parecia ſua vida a meſma obſervancia animada. Eſte nome ſe grangeou, e tam bem recebido de todas as da Caſa, que naõ houve mayor magoa para toda ella, que o ameaço de perderem ſua companhia, porque cahindo de grave doença, diſſe logo, que infallivelmente morria.

Apertou-a hum accidente em huma noite. Eraõ duas horas, ſahiaõ as Religioſas de Matinas. (obſervancia, que nunca afrouxou neſta Caſa) Tinha-ſe anticipada a enferma em receber o Viatico, como a que eſtava certa de que ſe chegava a jornada; e perguntando-lhe agora ſe queria a Unçaõ, reſpondeo, que naõ eraõ horas para inquietar os Religioſos; que ella teria cuidado, quando foſſe preciſo. Soavaõ as cinco da manhãa, e chamando a Prelada, lhe pedio, que mandaſſe entrar o Confeſſor, porque aquella era ſua ultima hora. Aſſim foy ungida, aſſiſtindo áquella acçaõ ſagra-

ſagrada com tanto ſocego, e advertencia, como ſe antes a ajudara, que recebera. Achavaſe á ſua cabeceira a Madre Sor Iſabel das Chagas (Religioſa de grande vida, e de ſua confiança) havia concerto entre ambas, que a que faleceſſe primeiro, declararia á outra o que ſe paſſava naquella tremenda hora; e lembrando-lhe agora Sor Iſabel o contrato, levantando a enferma as maons, e os olhos ao Ceo, diſſe com voz clara, e compungida: *Miſericordias Domini in æternum cantabo.* Como ſe diſſera: *Já entoarey eternamente na viſta do Senhor as miſericordias, que uſou com minha alma*; e aſſim paſſou felizmente a dar principio ao que prometia.

Sor Maria do Bautiſmo.

Siga as memorias, como ſeguio os paſſos da Madre Sor Iguez, ſua ſobrinha a Madre Sor Maria do Bautiſmo, ainda que entre a morte de huma, e outra ſe paſſou largo tempo, mas dê eſte lugar a conhecerſe a uniaõ da virtude, para gloria do parenteſco, e do ſangue. Foy a Madre Sor Maria nobre por naſcimento, mas illuſtrada do Ceo, que a trouxe a eſta Caſa, conheceo tanto, que naõ havia mais nobreza, que o abatimento, que nem as muitas prendas de que era dotada, lhe fomentaraõ hum penſamento de eſtimaçaõ propria. Com as ſerventes mais humildes a achavaõ ſervindo a Caſa, entre as mais pobres a reparavaõ pelo pobre trato de ſua peſſoa. Seguia-ſe facilmente á ſua humildade huma obediencia ſogeitiſſima, abraçando aſſim as leys das Conſtituiçoens, que antes tinhaõ as Preladas, e as mais auſteras de que ſe edificar, que de que a advertir. Adiantou-ſelhe a capacidade aos annos, e começaraõ a importunalla para que aceitaſſe o cargo de Prioreza. Naõ ignorava, que tambem neſte podia ſer eſcrava, mas achava-ſe taõ eſtranha com a ſuperioridade, que até lha fazia intratavel o nome. Inſtaraõ as Religioſas, recorreraõ a parentes, entraraõ finalmente os Prelados com a ultima inſtancia, allegou razoens, e ſupplicas, que ſe anticiparaõ a ſuſpender as temidas vozes da obediencia; ſem eſta trabalhou de balde a induſtria, nada a tirou do canto da ſua cella, donde a alcançou a morte, (taõ deſpida de tudo o a que dá valor a terra) que lhe naõ tirou mais que a vida, que o Ceo melhorou em ſua alma, permittindo alguns ſinaes da bemaventurança della; noticia, que ha muitos annos ſe conſerva nas tradiçoens deſta Caſa.

Sor Magdalena do Sepulchro.

Com igual reputaçaõ viveo nella a Madre Sor Magdalena do Sepulchro, grangeada com hum grande zelo da obſervancia, de que ſua vida era a mais efficaz advertencia. Devotiſſima da Senhora com o titulo da Viſitaçaõ, era na ſua Capella (que eſtá no Clauſtro) a ſua mayor aſſiſtencia, nas horas, que lhe ſobejavaõ do Coro, e exercicio quotidiano, porque naõ as podia haver para ella de mayor deſcanço, nem mayor goſto. Aceava, e concertava a Capella, veſtia, e ornava a Imagem da Senhora em os ſeus dias mais feſtivos, e feita eſta diligencia, ſe lançava por terra, pedindo-lhe perdaõ do pouco, e mal, que a ſervia. Uſo

foy

foy eſte inviolavel de toda ſua vida, que foy larga; e chegado o fim della, (ſem preceder achaque, ou doença) era em dia feſtivo, entrou a Madre Sor Magdalena de madrugada a compor a ſua Senhora; e feita oraçaõ, ataviada a ſagrada Imagem, ſe lançou por terra, como coſtumava, no chaõ da Capella. Tinhaõ-na ſeguido com recato, e ſegredo algumas Religioſas, que goſtoſas, e edificadas, coſtumavaõ ver aquelle eſpectaculo; mas advertindo agora, que a boa Madre ſe naõ levantava da venia, por eſpaço de huma hora, ſe chegaraõ a ella, e a acharaõ ſem vida, conjecturando com igual conſolaçaõ, que ſentimento, com a larga experiencia de qual ella era, que a meſma Senhora ſeria ſervida de melhorar naquella hora de gala aquella alma ditoſa, pelas que em ſua vida lhe dera, e com que taõ devotamente a veſtira, e ornara.

Naõ foraõ menos dignos de memoria os extremos de devoçaõ, com que a Madre Sor Iſabel das Chagas coroou o inculpavel de ſua vida. Foy eſta de tanta refórma, e obſervancia, que lhe grangeou a eſta Madre na Caſa, e tradiçaõ, que ainda dura nella, o nome de mulher ſanta. Grande argumento da larga materia, que nos roubou o tempo, e o deſcuido a eſta eſcritura, ver o nome de ſanta como anthonomaſia em huma Caſa, em que nunca faltaraõ eſpiritos reconhecidos acrédores delle, e della! Mas naõ ficou mais individual memoria, nem eſta era digna de deixada.

Sor Iſabel das Chagas.

Soube merecella entre as filhas deſta Caſa a Madre Sor Iſabel de S. Joaõ, que entrando de tenros annos nella, deu logo indicios de que a mereceria. Aſſim era obediente, aſſim humilde, aſſim penitente, aſſim devota! Foraõ avultando com os annos eſtas virtudes até o difficil grao de perfeitas, em que continuou ſua vida, ſem mais lembrança nella, que a unica attençaõ ao Senhor, que a eſcolhera eſpoſa. Foy promeſſa, que lhe tornou a ratificar no meſmo dia em que profeſſou; porque acabada aquella ſagrada funçaõ, (levando para teſtemunhas a duas Religioſas) ſe foy ao Coro, e pondo os joelhos em terra, levantadas as maons, e os olhos ao Santiſſimo Sacramento, que venerava no Sacrario, diſſe: *Meu Senhor, e meu Eſpoſo, de novo ratifico o voto, que acabo de fazer, e vos prometto, que naõ haja creatura, que me divirta da fé, que vos devo de eſpoſa.* Aſſim o cumprio, e com taõ grande ancia (moſtrada bem nas grandes pontualidades de Religioſa) de paſſar a thalamo mais ſeguro, que ſobrevindo-lhe huma doença, aos vinte e trez annos de ſua idade, (que a ameaçou de morte) pedio com inſtancias, que logo a ſacramentaſſem, e ungiſſem, como quem ſe alvoroçava para a ſua ultima ventura. Faziaõ ſuas prendas mais deſejada ſua vida; levaraõ-lhe as Religioſas huma Imagem milagroſa da Senhora, e aconſelhando-a, que lhe pediſſe ſaude, reſpondeo: *Para que quero eu ſaude, ſe toda a minha ancia he verme no Ceo com eſta Senhora?* Mas cantem-me alguma couſa do ſeu agrado, em quanto eſſa

Sor Iſabel de S. Joaõ.

felicidade naõ chega; e entoando lhe os Hymnos de Noſſa Senhora, eſpirou taõ placidamente, como ſe adormecera áquella ſagrada harmonia.

CAPITULO XIII.

Das Madres Sor Maria de Jeſus, Sor Filippa de Noronha, Sor Monica de Santo Agoſtinho, Sor Anna Natalia, Sor Camila Bautiſta; e de trez Irmãas, que deixaraõ nome de virtude, todas da meſma Caſa de Aveiro.

Oleum effuſum nomen tuum, ideo adoleſcentulæ dilexerunt te. Spiritus Sanctus nomen Sponſi oleo cõparat. D. Bernardus.

SEm duvida quiz o Eſpoſo das almas deſempenhar neſta Caſa de Aveiro, a quem deu o ſeu nome, as qualidades attractivas delle, como o teſtemunhou a alma pura, quando vendo-o exhalar fragrancias, attrahia a ſi as caſtas, e innocentes Pombas, que o ſeguiaõ naõ ſó namoradas, mas extremoſas; porque acabamos de eſcrever de huma eſpoſa, que por chegar aos braços deſte Eſpoſo, perdeo goſtoſamente a vida, e paſſamos a outra, que deſprezou tudo o que préza a vida, por ter dado a Jeſu Chriſto palavra de eſpoſa. Foy eſta a Madre Sor Maria de Jeſus, (nome que eſcolheo, para que entendeſſe o Mundo, que já naõ era ſua, e de quem era) que filha de pays ricos, e honrados, começou em ſeus primeiros annos a ſer emprego de muitas diligencias, que buſcavaõ em ſua maõ fazenda, e fermoſura, dotes, que naõ ſó fazem bemquiſto, mas invejado o matrimonio. Mas ſendo diverſos os empenhos de ſeus pays, querendo cada hum effeituallo a ſeu goſto, recorreo o pay a hum embaraço, mais que de conſiderado, de teimoſo, que foy vir, e trazer a eſta Caſa de Aveiro o dote para ſua filha, deixalla aceita a votos, e voltar para Coimbra, em que tinha ſua caſa. Mas aſſim ſe achou nella arrependido do que tinha feito, e diſpoſto, que ajuſtou com o voto de ſua mulher novo caſamento, e de taõ creſcidas conveniencias, que por naõ arriſcallas deu logo palavra em nome da filha, propondo-lhe deſpois os intereſſes, que o obrigavaõ áquella mudança.

Sor Maria de Jeſus.

Eſtava Sor Maria já certa de naõ fazella daquella vida, que ſeu pay lhe dera primeiro ſem goſto, e o Ceo lhe enſinara a abraçar como o mais ſeguro; aſſuſtouſe á nova propoſta, mas tornando em ſi, e diſſimulando o ſeu propoſito, começou a diſpor vagares, logo a deſperſuadir aos pays com razoens, com meiguices, que infructuoſas a ouvidos cerrados (e vendo o como o eſtavaõ os caminhos de ſeus ſantos propoſitos) appellou á ultima reſoluçaõ, e lhe diſſe, ſimilhantes palavras: *Por certo, Senhores, que bem devieis já pôr os olhos nas diſpoſiçoens do Ceo, pois experimentaſtes, que ainda contra voſſo goſto, me levaſtes a entrar pelas portas Santas de Jeſus de Aveiro. Naõ podeis duvidar, que ſó do Ceo era o acerto, porque na terra ſó ſe diſpunha o contrario; e eu eſtou certa que, ſe o Ceo o diſpoz primeiro ſem o voſſo goſto, o concluirá agora, ainda pondo vós o embaraço. Quem como eu conhece já os riſcos, que ſe ſeguem, e acompanhaõ aos do Mundo, vede ſe abraçará hum eſtado, em que naõ ſó*

ſó me poupo aos riſcos, mas vou em ſeguro alcance dos verdadeiros lucros. Quem mereceo ao Ceo o de ſe deſtinar para eſpoſa de Chriſto, como ha de reſolverſe á mudança, donde he impoſsivel, que a convide a melhora? Deſte conhecimento naſce a minha reſoluçaõ; e quanto elle tem de ajuſtado, terá ella de conſtante.

Com ſimilhantes razoens ſe eſcuſava Sor Maria ás que intentavaõ dobralla, e perſuadilla; continuoſe incançavel bataria, encontrando-a ſempre com huma taõ varonil, e deſtemida conſtancia, que exaſperado o pay, rompera em algum deſatino, a naõ ſe interpor o reſpeito dos parentes, de que aconſelhado já (ou do ſeu deſengano) ſe reſolveo a trazer a filha a eſta Caſa, (em que logo veſtio o habito) e deſpois lhe veyo aſſiſtir á profiſſaõ, mas com hum deſagrado taõ inteiro, e taõ deſabrido, que nem a quiz ver, nem fallar; o que Sor Maria já nova, e ſuperiormente reproduzida, avaliou por mimo da Providencia, que aſſim a diſpunha para os deſprezos de tudo da vida. Era a ſua taõ auſtera, que baſtava ſua preſença para compor quem a via, e nem ſe atrever palavra menos decente diante della. No exercicio das Conſtituiçoens, e Regra obſervantiſſima; no da oraçaõ perpetua, de que ſe ſeguia ſer no Coro toda ſua aſſiſtencia, e caſo grande o que a tirava delle. Taõ pobre de eſpirito, que podendo por morte de ſeus pays recolher huma grande herança, tudo deixou, e diſpoz ſe repartiſſe entre parentes, e pobres, ficando-lhe ſó huma moderada tença, que lhe tinhaõ feito em ſua vida, e ella applicado ao ornato, e decencia do culto Divino, diſpondo-a com tal governo, como moſtraõ ainda hoje as melhores alfayas da Sachriſtia, e da Capella de S. Joaõ Bautiſta, de que era devota.

A eſta voluntaria pobreza ajuntava huma rara humildade, naſcida do conceito, que ſempre formava do nada, que era. Moſtrou o bem, quando querendo, e reſolvendo ſe hum irmaõ ſeu a deixar o Mundo, e recolher-ſe aos ſantos Clauſtros da Companhia de Jeſus, quiz contratar com o ſeu Moſteiro, comprando-lhe por grande preço huma Capella, e dotalla com a meſma largueza, deputando-a para jazigo, a que logo queria trasladar os oſſos de ſeus pays. Oppozſe Sor Maria a eſta reſoluçaõ, advertindo a ſeu irmaõ, que ſeus pays naõ neceſſitavaõ de jazigo taõ auctorizado; que a Igreja, donde deſcançavaõ, lhe baſtava para jazigo, porque naõ era a ſua qualidade para aquelle eſtrondo. Seguio-ſe a eſte conhecimento o com que eſperou a morte, tam bem aſſombrada, que antes pareceo tranſito, que termo.

Sor Filippa de Noronha, e Sor Monica de Santo Agoſtinho.

Teve as meſmas circunſtancias a das Madres Sor Filippa de Noronha, de illuſtre naſcimento, e Sor Monica de Santo Agoſtinho, irmãa do Duque de Aveiro Dom Raymundo. Foy a vida de ambas huma eſtampa da humildade, porque vivendo entre quem as conhecia, ſó ellas viviaõ como ſe ſe deſconheceraõ. Entre as ſerventes da Caſa as viaõ occupadas no mais humilde, e abatido ſerviço della, ſem admittir deſcanço. Levava-lhes o tempo delle o aceyo,

e concerto das Capellas, que ha no Moſteiro, como das Imagens dellas. Tinha a Madre Sor Monica grande devoçaõ com a de hum Senhor crucificado, que eſtá no Coro, e deſvelo tanto, como gaſto na limpeza, e vigilancia de huma alampada ſempre acceza. Diante deſte Senhor gaſtava a mayor parte do dia, ſendo raro outro qualquer commercio, que lhe levaſſe huma hora. A Madre Sor Filippa devotiſſima da Imagem de S. Joſeph, que eſtá no Coro debaixo, vendeo tudo o que tinha, para lhe ornar a Capella, em que era continua Mercieira, occupaçaõ de que ſó a tirou o cargo de Prioreza, que teve duas vezes, e de que fogio muitas, porque foy ſua vida dilatada, como ſua morte hum evidente premio de ſua vida, naõ menos, que a de Sor Monica, ſeguida a huma incrivel tolerancia de dores de hum cancro, que foy o dilatado purgatorio, de que paſſou ao eterno deſcanço.

Sor Anna Natalia.

Soube tambem merecello a Madre Sor Anna Natalia, como a que corria a buſcallo, deſpida de todos os embaraços com que coſtuma prender o Mundo a quem ainda no deſerto de hum Moſteiro fazem carga as alfayas do Egypto. Eraõ as deſta Madre duas tunicas, ou dous pobres habitos de groſſa eſtamenha; o leito hum enxergaõ, e huma manta, ſobrado agaſalho para quem nunca recorreo a elle, affirmando Religioſas, que tinhaõ della experiencia, que ſe naõ deitou nunca; encoſtada, e por breve eſpaço tomava algum deſcanço. Taõ eſcaſſo o dava ao corpo com os rigores da penitencia, que os cilicios lhe deſcompozeraõ, e tiraraõ de ſeu lugar os oſſos, que as diſciplinas lhe deixaraõ deſcubertos. Aſſim vivia morta, quando veyo a acabar a vida; mas aſſim acabou a vida como quem começava a ver os premios da que mortificara.

Sor Camila Bautiſta.

Naõ o fez menos a Madre Sor Camila Bautiſta, porque nem os achaques, eſpecial o de hum cancro, (que lhe durou ſete annos) a faziaõ afrouxar no rigor da Religiaõ, e penitentes exercicios, ſem que rompeſſe o ſeu ſofrimento em outro deſafogo mais, que o de hum gemido, em que ſe lhe ouvia: *Meu Jeſu valeime, ainda que ſey, que mayores tormentos merecem meus peccados!* Foy ſua vida huma doença continuada, em que lentamente ſe conſumia; aſſim chegou martyr ao fim della; e eſtando já ſacramentada, pedio ás Religioſas, achando-ſe já ſem forças, que naquella hora, que lhe reſtava, a ajudaſſem a ſatisfazer a reza daquelle dia; e rezou todo o Officio Divino, porque naõ pareceſſe mais preciſo o pagar a divida de humana, que a de Religioſa; e pagou a primeira, como o promettia o cuidado, com que ſatisfizera a ſegunda.

As Madres Dona Brites da Sottomayor, Dona Iſabel de Padilha, e Dona Magdalena de Vaſconcellos.

Coroem eſte Capitulo trez irmãas, que naõ deraõ menos credito a eſte Moſteiro. Foraõ ellas a Madre Dona Brites de Sottomayor, Dona Iſabel de Padilha, e Dona Magdalena de Vaſconcellos, taõ igualmente obſervantes, e reformadas, como ſe o ſangue enſinara ao eſpirito a repartir-ſe em todas; mas naõ eſqueceremos o em que ſe moſtravaõ ſingularizadas.

Pare-

Parece, que o foy a Madre Sor Brites na avaliaçaõ do Ceo, porque havendo duvidas na Caſa ſobre a eleiçaõ de Prioreza, e ſendo ainda ſua idade muy improporcionada a eſte nome, ſe repreſentou a huma Religioſa de eſpirito, (eſtando todas na oraçaõ do Coro) que entrando por elle Noſſo Padre S. Domingos, ſe chegava a Sor Brites, e lhe punha nas maons as chaves do Moſteiro. Soubeſe deſpois eſta viſaõ pelo Confeſſor da Caſa, naõ o nome de quem a tivera, e favoreceo-a o ſucceſſo, para deſenganar a duvida, porque no meſmo dia de voz, e acclamaçaõ commua ſahio a Madre Sor Brites eleita em Prioreza, occupaçaõ, que a voto do Mundo cahiria melhor em mais annos, que naõ faltavaõ na Caſa, em que os poucos de Sor Brites, ſe bem já avultavaõ para o exemplo, ainda naõ para o cargo.

Foy o ſeu governo como o promettia a ſua eleiçaõ, e no fim do triennio a quizeraõ repetir as ſubditas, inteiradas do que perdiaõ, mas ſem effeito, porque o ſeu genio, mais bem achado no retiro, eſteve naõ ſó ſurdo a offertas, mas inflexivel a diligencias. Devotiſſima da Senhora do Roſario, lhe fabricou a ſua Capella á cuſta tanto de diſpendios, como de conſtancias a contradiçoens, e embaraços, que em vez de esfriarem o ſeu zelo, vieraõ a deſcobrir a ſua prudencia. Continuando neſte fervor, e exercicios de devota, como nos de quem fora filha eſcolhida, a alcançou a morte. Pedio, que lhe trouxeſſem a Senhora do Roſario, e deſpois de penitentes, e piedoſos colloquios, deſpedindoſe della com os olhos do corpo, paſſou a contemplalla eternamente com os do eſpirito.

Seguia os meſmos paſſos a ſegunda irmãa a Madre Sor Iſabel, aventajando-ſe na devoçaõ ardentiſſima com Noſſo Patriarcha S. Domingos. Lavroulhe na Enfermaria huma Capella, nella aſſiſtia continuamente todo o tempo, que lhe deixavaõ as obrigaçoens da Communidade. Era ſua humildade extremoſa, e nada pedia ao Santo Patriarcha com tanta inſtancia, como que a livraſſe da occupaçaõ de Prelada, petiçaõ mal eſcutada das Religioſas, que viaõ nella as capacidades para que devia olhar o acerto, e conveniencia da Caſa; aſſim valeo pouco a ſua repugnancia; ſahio eleita em Prioreza. Chegoulhe brevemente a confirmaçaõ do Prelado. Daõ-lhe eſta noticia, ſahe da cella, buſca o Altar de S. Domingos, lança-ſe por terra diante delle, e ſem mais vozes, que as mudas, e impetuoſas, das lagrimas, lhe lembra a ſua antiga ſupplica, propondo-lhe a grande luta em que entravaõ a ſua humildade, e a ſua obediencia. Paſſava o tempo, naõ ceſſava o pranto; levaõna como ſepultada nelle compaſſiveis as ſubditas para a cella, adonde em breves dias, ſem ſe lhe deſcobrir outra couſa, mais que hum mortal desfalecimento (que ſe lhe ſeguio áquella pena) perdeo a vida com penitentes demoſtraçoens, mas alegre, e conſolada (aſſim o teſtemunhou na ultima hora) de naõ ter paſſado do eſtado de ſubdita.

Naõ acabou com menos felicidade a terceira irmãa a Madre

dre Sor Magdalena, que falecendo hum retrato da paciencia, da conſtancia, e da conformidade, com que tolerou crueis achaques toda ſua vida, (em que nem elles lhe afrouxaraõ a refórma) ao abrirſe muitos annos deſpois de ſua morte ſua ſepultura, ſe achou inteiro, e incorrupto ſeu corpo, como ſe por deſpojo de taõ bem ſofridos achaques, e continuas dores, lhe reconhecera a terra immunidades. Foy ſempre todo, e o mayor emprego deſtas venturoſas irmãas a oraçaõ, acompanhada de lagrimas penitentes, e compungidas; com ellas regaraõ no deſterro da obſervancia as flores com que ſe coroaraõ na Patria.

CAPITULO XIV.

Das Madres Sor Paula de S. Jeronymo, Sor Iſabel da Viſitaçaõ, Sor Filippa do Eſpirito Santo, Sor Marianna do Roſario, Sor Maria Magdalena, Sor Catharina dos Anjos, da meſma Caſa de Aveiro.

NEm ſempre pareceo ſofrido o amor daquellas eſpoſas, que ſouberaõ empregallo no melhor Eſpoſo. Nem ſempre eſperaraõ, que lhes bateſſe á porta, paſſados os vagares do dia, e ainda dilatando-ſe nas horas da noite; mas houve muitas, que madrugaraõ a buſcallo no thalamo, ainda que para as vodas pareceſſe anticipado o tempo, porque quizeraõ adiantar na eſcolha aquella ventura, que as outras mereceraõ com a eſperança. Succeſſo foy muitas vezes repetido neſta Caſa, a que ſe recolheo a Madre Sor Paula de S. Jeronymo tanto na madrugada de ſua vida, que naõ contava mais que cinco annos, mas já taõ enſinados a ſaber merecer o nome de ſua eſpoſa, que naõ havia acçaõ de virtude heroica, a que ſe naõ animaſſe, e ſe quer com o deſejo, quando a idade lhe embaraçava o exercicio. Nas da humildade voava, ſem ter mayor goſto, que verſe occupada nas officinas donde via mais trabalho, e maïs abatimento, edificando, e compungindo muitas vezes o ver aquelles tenros annos tomando ſobre os hombros (que o naõ eraõ menos) pezados feixes de lenha para ſerviço da coſinha, occupaçaõ das mais modernas Religioſas da Caſa, humilde, e penoſa, mas ennobrecida muitos annos antes por quem ſabia, e melhor entendeo quanto pezava mais na cabeça huma Coroa, que nos hombros hum feixe de lenha, a Santa Princeza Sor Joanna, gloria, e ſaudade immortal deſta Clauſura.

Sor Paula de S. Jeronymo.

Naõ tiveraõ menos exemplar os eſpiritos, que deſpois abraçaraõ nella eſte genero de vida. Apurouſe a de Sor Paula, deſpois de profeſſa, com os eſmeros, que o prometteraõ em Noviça, ſem baſtarem a ſuſpendella na velocidade, com que pizava o caminho da penitencia, as graves doenças, que por eſpaço de vinte annos foraõ ſeu purgatorio, e a viva fornalha, em que ſe purificou ſeu ſofrimento, ſem ſe lhe eſcutar mais deſafogo, que a paciente voz com que dava a Deos graças de a reduzir a hum eſtado, em que via, que eſtava merecendo. Cançaraõ os achaques, mas

Media nocte clamor factus eſt: ecce ſpõſus venit. Lucæ.

mas naõ a maõ da penitencia, com que ſe apertaraõ mais os cilicios, ſe amiudaraõ mais as diſciplinas, acompanhadas de continuos jejuns, muitos de paõ, e agoa, Matinas de meya noite, e ſem deſcançar antes dellas, deſvelo na oraçaõ, que tinha diante de huma Imagem de Noſſa Senhora, que eſtá no Dormitorio, a que tinha ſingular affecto. Com eſta vida continuou até a idade de oitenta e quatro annos, eſquiva, e eſtranha a todo o commercio humano, por dar mais largas ao Divino, cauſa, que deſpois de ſua grande humildade a fez recuſar muitas vezes a occupaçaõ de Prelada com conſtancia, e inteireza. Aſſaltou-a finalmente a morte em hum accidente, mas naõ a intimidou o aſſalto, como a que nunca ſe deſcuidara do ultimo. Deu-lhe lugar para receber com pias demonſtraçoens os Sacramentos, e acabou taõ deſaſombrada, como quem aprendera a morrer toda ſua vida.

Sor Iſabel da Viſitaçaõ.

Tal foy a da Madre Sor Iſabel da Viſitaçaõ, irmãa da Madre Sor Paula, que pareceo, que tambem a virtude ſe propagava com o ſangue; e ſem duvida ainda que a graça, que he a raiz de todas as virtudes, ſeja huma ſoberana natureza, (como participaçaõ da Divina) e aſſim muy diſtinta da que os pays communicaõ aos filhos, e entre ſi conſervaõ os irmaons, como filhos do meſmo pay, veyo a dizer a Sabedoria Increada: *Que de arvore ſanta tambem eraõ ſantos os ramos*, como ſe diſſera, que tambem a virtude ſe propagava. Aſſim achamos na Madre Sor Iſabel eſtes dous parenteſcos com a Madre Sor Paula, irmãa no ſangue, e irmãa na virtude. Foy bem conhecida a deſta Madre, deſempenhando em largas experiencias o grande conceito, com que entrara por eſtes ſantos Clauſtros a entregar ao verdadeiro Eſpoſo, deſpois da ſua alma, huma rara formoſura, que a furto de ſeus pays, (que a deſtinavaõ a eſpoſos da terra) livrou neſta Clauſura, da commua penſaõ de mal empregada.

A eſta reſoluçaõ ſe ſeguio igual vida, e hum tal eſquecimento da que deixara, que nunca mais fallou, nem foy viſta de peſſoa de fóra, ſendo ſua vida dilatada. Acabou com huma morte, que foy o mayor teſtemunho, que podia ter ſua vida. Ficou della huma memoria digna de conſervada, para argumento de ſua modeſtia, e compoſtura, e do conceito, que fazia de ſua belleza, amortalhada em hum véo, e cadaver daquella Clauſura. O ſucceſſo ſerá boa prova.

Entrou por força a Villa de Aveiro o Principe Dom Antonio, (filho do Infante Dom Luiz) acclamado Rey de Portugal, e já agora reſiſtido neſta Villa como roto, e vencido, antes das infames aſtucias, que das armas do Duque de Alva, que governava o partido de Caſtella, e tinha conſeguido aquella grande vitoria de entrar por Lisboa deſamparada dos bons Portuguezes, e vendida por melhores traidores. Entrou o Principe no Moſteiro; ſeria naõ ſó a honrar aquella Caſa, mas a viſitar a ſepultura da Santa Princeza Joanna, conſanguinea ſua, e herdeira que fo-

ra

ra da Coroa, que elle ſe ſegurava. Sentado no Coro, lhe vieraõ a beijar a maõ as Religioſas, entre ellas a Madre Sor Iſabel; e reparando o Principe na perfeiçaõ da maõ, que buſcava a ſua para beijalla, inferindo a belleza, que occultava o véo, pedio á Prelada mandaſſe deſcobrir aquella Religioſa. Atalhou-o, eſcuſando-ſe Sor Iſabel, e para ſatisfazer á inſtancia, reſpondeo com modeſtia, e inteireza: *Senhor, naõ eſtranhe Voſſa Alteza a reſiſtencia; que eu valho-me dos privilegios, que me deu eſta venturoſa mortalha. A's eſpoſas do Rey do Ceo naõ he decente ſerem viſtas, nem ainda das Mageſtades da terra.* E que tem, de que jactarſe já agora os Chroniſtas da Gentilidade com as auſteridades das ſuas Veſtaes, fomentadas mais da vangloria, que da modeſtia? Quanto mayor inteireza os podia admirar nos eſpiritos verdadeiramente caſtos, prevenidos, e acautelados até contra a liſonja dos olhos humanos, e ainda dos que a Mageſtade faz appetecidos? Mas iſſo vay de eſpiritos purificados a aſſiſtencias de immortal fogo, aos que a pezar de deſvelo humano o chorараõ tantas vezes extincto. Aſſim zelava Sor Iſabel os privilegios de eſpoſa, e aſſim os merecia a ſua pureza, como os zelava a ſua cautela.

Sor Filippa do Eſpirito Santo.

Naõ ficou inferior a eſtas duas irmãas outra Religioſa, ſobrinha de ambas. Foy eſta a Madre Sor Filippa do Eſpirito Santo, que recolhida neſta Caſa de idade de ſeis annos, e vivendo nella ſetenta e oito, foy huma columna viva da ſua obſervancia, ſacrificada ao trabalho de Meſtra de Noviças com o lucro de a ver avultada, e o culto Divino com aquella perfeiçaõ, e decencia, que entendia, e meditava o ſeu zelo. Eſte a poz duas vezes no lugar de Prioreza, que continuara toda a vida, ſe a naõ eſtimara antes para merecer com a obediencia, ganhando mais tempo para exercicios penitentes, e devoçoens particulares. Eraõ as ſuas principaes o Santiſſimo Sacramento, a Senhora do Roſario, os nove Córos dos Anjos, as Onze mil Virgens, e o Apoſtolo S. Simaõ, gaſtando com ſuas Capellas, aceyos, e ornatos de ſuas Imagens o que tinha, e o que agenciava, com tanto goſto, como quem entendia os grandes avanços daquelle contrato.

Ameaçou ruina hum Dormitorio no ultimo anno dos em que foy Prelada, e ſe achava ſem poſſes para acodir á ruina. Vai-ſe ao Altar da ſua Senhora do Roſario, proſtra-ſe diante della, e pede-lhe, que ſuſtente aquellas paredes em quanto naõ elegem Prelada nova, que ella lhe fazia voto de rezar todos os dias diante do ſeu Altar o ſeu Cantico grao. Hoje ſe continua na Caſa o deſempenho deſta promeſſa, entaõ taõ aceita á Senhora, que paſſando perto de hum anno, que ſe naõ pode acodir ao Dormitorio, vindo os officiaes ao reparo, avaliaraõ por milagre o ter-ſe ſuſtentado tanto tempo. Chegou o da morte de Sor Filippa em huma doença breve, mas taõ rigoroſa, como ultima; quizeraõ recorrer a remedios, requereo, que lhe deſſem os Sacramentos, que eraõ os da alma,

ma, que ella ſó queria, e que lhe deixaſſem acabar a vida com deſcanço. Aſſim foy, e aſſim ſe ſeguiria o eterno a huma morte, que lhe trocou as rugas de oitenta e quatro annos em o ſemblante de huma idade tenra, e os horrores de cadaver em huma copia de alegria. Naõ foy menos digno de reparo, e outro teſtemunho da felicidade de ſua alma, o vir em o meſmo dia ao Moſteiro huma peſſoa de grande opiniaõ, que fallando com as Religioſas mais antigas da Caſa, lhes diſſe, que vinha a darlhes o parabem de huma tal Irmãa, que paſſara deſta vida em companhia dos que logravaõ a eterna, e que a eſtar no Purgatorio, ſeria muy pouco tempo. Suſpendeo-ſe hum pouco o que tinha fallado com eſta ſegurança, e achando-ſe alcançado do muito, que diſſera, continuou: *Eu, Madres, digo iſto com os olhos na miſericordia Divina, que naõ deixaria de pagar o zelo de huma eſpoſa, que em tudo moſtrava de quem o era.*

Mas paſſemos a outra gloria para as filhas deſta Caſa, como foy o entrar-lhe pelas portas a buſcar ſua companhia huma filha da mayor Meſtra de eſpirito, que a Providencia de Deos permittio á terra, para dar calor, e luz á ſua eſcola, a grande Madre Santa Thereza, até niſto liberal amante da Familia Dominicana, ſempre ſua mimoſa, e eſta ſempre igualmente agradecida. Terceira deſta grande Madre fora a Madre Sor Marianna do Roſario. Aſſim bem doutrinada, tomou o habito neſte Moſteiro, achando nelle tantos eſtimulos para continuar a obſervancia, como trazia documentos para as diſpoſiçoens della. Adiantou o jejum de ſete mezes ao de todo o anno, deſconhecendo (por induſtria ſua) no ſuſtento quotidiano naõ ſó regalo, mas nem ainda goſto. Eraõ frequentes os jejuns de paõ, e agua, e taõ eſtreitos, como ſem comer em todo o dia, e á noite taõ pouco, que antes parecia ceremonia, que ſuſtento. Obſervava tambem eſta abſtinencia os dias, que commungava, como a de todo o trato, e commercio do Moſteiro, ſem ſahir em todo o dia do Coro. Aſſim deſpois de ſua grande ſingeleza, eraõ os dous extremos, em que mais avultava ſua obſervancia, a ſubſiſtencia, e a oraçaõ. Nellas gaſtou, e conſummio a vida, paſſando a reproduzilla eterna, como ſe podia collegir do ſuave de ſua morte, e deſpois do teſtemunho do ſeu Confeſſor, em que naõ peccara mortalmente.

Sor Marianna do Roſario.

Coroem eſte Capitulo dous extremos, hum da caridade, outro da paciencia (que naõ honraraõ menos eſta Caſa) as Madres Sor Maria Magdalena, e Sor Catharina dos Anjos, ambas verdadeiras filhas da obſervancia, e exemplares della; mas o que mais luzio na Madre Sor Maria Magdalena, foy huma caridade ardente, em que a achavaõ ſempre empenhada os doentes, e os pobres. Aſſim ſervia voluntaria na Enfermaria com taõ igual fervor, que com o meſmo deſvelo a achavaõ ás ſuas cabeceiras as ſerventes, como as Religioſas. Dizia, que as doenças eraõ mimos da maõ de Deos, e ſe eſtes vinhaõ igualmente a humas, que a outras, como ſeriaõ ſingula-

Sor Maria Magdalena, e Sor Catharina dos Anjos.

rizadas para o remedio aś que o naõ eraõ para o mimo? Todo, e o ſeu unico deſcanço era que o tiveſſem as enfermas na ſua moleſtia. A pontualidade com que lhes applicava as meſinhas, lhe deixava pouco, e ainda mais apoucado o com que paſſava da Enfermaria para a Roda, a ſoccorrer naõ ſó os pobres, que chegavaõ a ella, mas os de que tinha noticia na Villa, que prezos, ou do pejo, ou da meſma penuria, pereciaõ no canto da ſua caſa. Foy digno de grande reparo (conhecidas as poſſes de huma Religioſa pobre por profiſſaõ, e mais pobre, porque até o que poſſuia, com licença lhe levava a Enfermaria) o ver, que foy raro o neceſſitado, que chegou á Roda, (tendo eſta Madre o officio de Rodeira) que ſahiſſe della ſem algum ſoccorro, em anno em que a fome tinha recolhido á Villa os contornos della, e era brado, que chamava a todos o conhecimento da boa Rodeira. Entre eſtes exercicios a achou a morte, taõ contrita, e penitente, que antes pareceo tranſito para os eternos tabernaculos, que ſe prometteraõ á caridade.

Facite vobis amicos de mammona iniquitatis, ut, cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula. Lucæ 16. Facite eleemoſynam pauperibus.

Outro extremo foy de penitencia a Madre Sor Catharina dos Anjos, porque ſobre trabalhos ſem deſcanço, e affliçoens ſem alivio, em que o Ceo lhe enſayou o ſofrimento, começaraõ as doenças a reduzilla a eſtado, que parecia milagre o que hia vivendo. Sobreveyo-lhe hum cancro em o peito, ſem acabar com ella o intoleravel das dores, que appellaſſe ſe quer ao deſafogo de hum gemido; mas levantando os olhos, e maons ao Ceo, offerecia ao Senhor aquelle mimo, como quem conhecia o que hia merecendo, mas taõ emmudecida, como ſe receara que a voz ſe lhe trocaſſe em queixa. Aſſim eſpirou muda, e ſofrida, verdadeira victima da paciencia, e copia venturoſa do ſeu Eſpoſo ſacrificado, e emmudecido.

Quaſi agnus coram tondente ſe obmuteſcet, & non apariet os ſuum. Iſaiæ. 53. 7.

CAPITULO XV.

Das Madres Sor Maria do Naſcimento, Sor Margarida de Tavora, Sor Antonia de S. Domingos, Sor Magdalena dos Serafins, Sor Luiza de S. Joſeph, Sor Guiomar da Gloria, Sor Filippa do Sacramento, da meſma Caſa de Aveiro.

NEm credito, nem deſprezo merecem os ſonhos, por mais que muitas vezes ſe viſſem auctorizados dos ſucceſſos. Sonhou Cornelio Rufino, que perdia a viſta, e acordou cego. Sonhou o Liberto de Plinio, que lhe cortavaõ o cabello, e acordou com elle cortado. Mas levantemos mais o diſcurſo no ſonho de Joſeph do Egypto, promettendo-o, e deſempenhando-o em ſeu throno. No ſonho de Nabucodonoſor, arruinado em huma eſtatua, decipado em huma planta, preſagios, e annuncios da ſua lamentavel fortuna. Naõ ha duvida que ha ſonhos, que ſaõ aviſos, e a eſtes ſe deve dar credito, conhecendo-ſe logo, que naſcem de boa cauſa, pois ſe encaminhaõ a doutrina, e melhora da creatura. Por eſtes adverte muitas vezes o Ceo aos Juſtos para ſe conſeguirem, ou ſe continuarem

rem os acertos. Mas que bem conſidero o dos verdadeiros timoratos, que ſonhando-ſe mimoſos do Ceo, o attribuem a accidente da fantaſia, acautelados contra aquelle eſpirito, que transformado em Anjo de luz, offerece a huma alma os tropeços da vangloria!

Sor Maria do Naſcimento.

Naõ parecerá infructuoſa, ou deſaccommodada eſta digreſſaõ para o que vamos a dizer da Madre Sor Maria do Naſcimento. Vivia no ſeculo em caſa de hum irmaõ, mas com hum eſtylo de vida taõ concertado, que nada teve que eſtranhar na Clauſura, para que deſpois ſe paſſou, e agora deſejava. Eſta ancia a trazia deſvelada, como occupada em devotos exercicios, em que pedia ao Ceo o acerto da eſcolha, que faria deſta, ou daquella vida. Eis-que huma noite ſe lhe repreſenta em ſonhos que via huma Senhora de grante mageſtade, e fermoſura, veſtida de branco, manto azul nos hombros, ſalpicado de Eſtrellas, e que trazendo nas maons hum habito branco, lho offerecia, dizendo-lhe, *Que o veſtiſſe, porque aſſim aſſeguraria a ſalvaçaõ de ſua alma.* Acordou Sor Maria com eſtranho alvoroço, mas como de ſingelo, e humilde coraçaõ, ou já doutrinada contra os aſſaltos da vangloria, naõ ſe reſolvia a reconhecer-ſe digna de mimo taõ ſingular. Naõ deſprezou com tudo o ſucceſſo, pelo que tinha de ſanto o conſelho, mas advertida em os riſcos de ſimilhantes ſonhos, naõ aſſentava em que as circunſtancias correſpondiaõ a merecimentos.

Naõ ſe deſcuidava neſte tempo o irmaõ de lhe diligenciar o eſtado, a que a via inclinada, e aſſentou a ſua entrada no Moſteiro de Santa Clara da Villa de Guimaraens adonde vivia; e dando eſta noticia a Sor Maria, (que a recebeo com alvoroço) quiz ella meſma ver o Moſteiro por ſer tal ſeu recolhimento, taõ pouco o commercio, e conhecimento do que hia no Mundo, que nem a viſinhança a tinha levado áquella Caſa, nem ſabia, que feitio de habito uſavaõ as Religioſas. Vio-as, e ſuſpendeoſe, lembrada de que naõ era aquella a cor, que vira nas maons da Senhora. Aſſim propoz, e contou tudo ao irmaõ, ſegurando-lhe, que ſó aquelle habito com que ſonhara, a teria ſatisfeita Naõ deſejava elle outra couſa, ſuſpendeoſe o contrato com Santa Clara, a tempo, em que muito acaſo veyo ás maons de Sor Maria a ſegunda Parte da Chronica de S. Domingos, em que ſe lê a noticia, e fundaçaõ deſta Caſa de Jeſus de Aveiro; eſta lhe levou taõ ſuavemente o agrado com a noticia de que o habito, que ſe veſtia nella, era branco, que em breve tempo entrou por ſuas portas a procurallo, e a veſtillo, e reparando na fórma delle, ſe lembrou, que por aquelle feitio era o que ſe lhe moſtrara no ſonho.

Entendeo agora, que aquella era a gala branca, com que a Rainha do Ceo a chamava para as vodas do Cordeiro, e quiz deſempenhar no eſtylo de ſua vida as obrigaçoens em que a pozera. Aſſim começou a voar na obſervancia dos preceitos, que profeſſara, ſentenciando-ſe a hum tal extremo de penitencias, que affirmaõ as Religio-

ſas, que della tiveraõ noticia, que eraõ impoſſiveis de imaginar, quanto mais de ſofrer. Nas diſciplinas teſtemunhavaõ-no as paredes, e pavimento do lugar em que as tomava. Coſtumava continuallas em nove dias, e no eſpaço delles repetir cinco mil açoutes. O prato quotidiano cobria de pós amargoſos, porque já que havia de ſervir de ſuſtento, naõ paſſaſſe a ſer regalo. Aſſim eſtava ſacrificada a tudo o que lhe podia exercitar o ſofrimento, que hum dia inteiro trouxe huma agulha, que ſe lhe atraveſſou em hum pé, por naõ faltar ao ſerviço da Communidade, (em que ſe achava muy occupada) fazendo eſcrupulo de gaſtar o tempo em ſe livrar daquella cruel moleſtia.

Das continuas do dia deſcançava á noite ſobre duas taboas, que lhe ſerviaõ de cama. Cahio nella de huma doença mortal, e neſſa noite repararaõ algumas Religioſas em huma Pomba branca, que voando algum tempo pelo Dormitorio, deſappareceo por cima da cella da doente. Cauſou grande reparo ave de eſpecie, que ſe naõ achava na Caſa, nem nas viſinhanças della, e naõ menos á hora em que apparecera. Naõ duvidaraõ (ſuppoſta a grande opiniaõ da enferma) que ſeria aquella ave copia da pureza daquella alma, que em breves dias voou pacifica aos premios da ſinceridade, e da innocencia.

Sor Margarida de Tavora.

Vioſe, e admirouſe huma, e outra na Madre Sor Margarida de Tavora, porque naõ houve acçaõ alguma, que lhe deixaſſe má ſuſpeita. Aſſim antes parecia, que deſconhecera, do que abominara a malicia. Obſervante em todas as leys da Religiaõ, excedia ás mais adiantadas nella no abatimento proprio, ſendo taõ illuſtre por naſcimento, (de que nunca ſe lembrava) como tia dos Condes de Miranda. Era continua ſua oraçaõ; da mental paſſava ao Coro a continuar a vocal em devotos colloquios com o Menino Jeſu, e ſua Santiſſima Mãy, e eſta chamava a ſua hora de recreyo, de que ſó a divertia o acudir a alguma obra de caridade, virtude, que lhe deu grande nome, e de que pareceo premio ſua morte.

Sor Antonia de S. Domingos.

Aſſim a ſoube merecer a Madre Sor Antonia de S. Domingos, ſendo huma viva copia da obſervancia. Sua vida foy contemplativa, e aſſim ſe affervorava na oraçaõ, e taõ facilmente ſe transformava nella, que o meſmo era pôr os joelhos em terra, que começar a regalla com lagrimas; naõ eraõ ellas menos copioſas. Teſtemunho he de quem muitas vezes o vio, e admirou. Seu grande zelo da refórma a poz no lugar de Prioreza, em que a Caſa teve taõ boa Prelada, como as filhas della boa Meſtra. Naõ o foy menos da paciencia, tirando-lhe a vida repetidos, e rigoroſos achaques, (de que ſoube fazer merecimentos) agradecendo-os a Deos como mimos.

Sor Magdalena dos Serafins.

Teve o meſmo dom de lagrimas a Madre Sor Magdalena dos Serafins. Aſſim ſe ſuſpendia entre ellas na Capella da Senhora do Roſario, como ſe eſta ſuavidade de eſpirito a eſqueceſſe de todo o mais commercio. Era aqui mais dilatada ſua aſſiſtencia os dias que commun-

mungava. No Coro foy muitos annos alma daquella ſagrada melodia, com que louvaõ a Deos ſuas eſpoſas, porque tinha voz cheya, e clara, que perdeo em huma doença, querendo o Senhor eſcutar antes a de ſeu coraçaõ, e de ſuas lagrimas, que apadrinhadas com o nome de Magdalena, parece, que tinhaõ mais ſuavidade, e conſonancia. Obſervantiſſima das leys, que profeſſara, foy extremoſa na do ſilencio. Nunca diſpenſou com elle mais que ou para louvar a Deos, ou ao proximo. Deulhe huma doença, que a reduzio a tiſica; aſſim começou a morrer muito anticipada. Poucas horas antes de ſua morte (por ſer em huma primeira Dominga do mez) lhe ſahio hum Roſario por ſorte, que lhe trouxeraõ com a meſma Senhora delle. Foy couſa rara, que eſquecida da debilidade mortal, em que já eſtava, com o alvoroço da ſagrada viſita, ſe ſentou na cama, e tirando o Roſario das maons da Senhora, o lançou ao poſcoço, e tornando a deitarſe, levantou as maons a dar graças ao Senhor, e com os olhos em ſua Mãy Santiſſima, paſſou a colher o eterno fruto das flores, que lhe trouxera.

Mas paſſemos de huma fructuoſa devoçaõ a outra, que o naõ foy menos. Experimentou-o aſſim a Madre Sor Luiza de S. Joſeph, natural da meſma Villa de Aveiro, que ſendo taõ pertendida, como bem dotada, voltou as coſtas aos eſpoſos da terra, doutrinada da Santa Princeza Joanna, que com o ſeu exemplo a chamava para eſta Caſa; vocaçaõ a que obedeceo prompta, como ſua grande devota. Mas vendo-ſe perſeguida de doenças graves, que ſe lhe ſeguiraõ á profiſſaõ, e dando-lhe mayor pena o verſe inhabil para continuar o eſtado, que eſcolhera, recorreo á ſua Princeza Santa, fazendo-lhe hum voto de que, ſe a melhorava, lhe faria a ſua feſta, e a ſerviria confórme ſuas poſſes em toda ſua vida. Chegado o dia da Santa, pedio que a levaſſem á ſua ſepultura, e fazendo oraçaõ, ſe ſentio repentinamente com forças, tendo chegado alli ſem ellas, e em breves dias ſe vio ſem queixa, ou moleſtia alguma, prodigio, de que teſtemunharaõ todas as Religioſas; e ſervio para o preceſſo da Beatificaçaõ da Santa, authenticado pelo Biſpo Dom Joaõ de Mello.

Sor Luiza de S. Joſeph.

Porém naõ pára aqui o prodigio, outra circunſtancia tem naõ menos rara, que nos deu para aſſumpto a vida da Madre Sor Luiza, porque naõ ſó ſe ſentio eſta Madre reſtituida á ſua antiga diſpoſiçaõ, mas abrazada interiormente em huma emulaçaõ ſanta de ſeguir os paſſos da Santa Princeza, reduzindo-ſe ao mayor extremo da refórma. Aſſim começou a avultar neſta, que ſendo grande a deſta Caſa, ſe fazia o primeiro lugar nella a de Sor Luiza. O de Enfermeira occupou com grande lucro das enfermas, e admiraçaõ de todas, acodindo ella ſó a tudo, como ſe a multiplicara o trabalho. Por ſua maõ lhes fazia o comer, e ao meſmo tempo eſtava prompta para todo o ſerviço, por mais que vil, e por mais que penoſo. Naõ achavaõ nella menos deſvelos os pobres, que as doentes;

tes; para humas, e outros era huma fiel diſpenſeira de tudo o que tinha, e podia alcançar a ſua diligencia, exercicio de que a tirou huma doença taõ penoſa, como mortal, abraçando-a ſofrida com tanta conformidade, e paciencia, que bem pareceo diſpoſiçaõ para as coroas della, paſſando placidamente a gozallas com a Santa Princeza, que lhe enſinara a pertendellas. Mas naõ deixemos paſſar eſte beneficio da Real Bemfeitora deſta Caſa, ſem apontar outro, que ao tempo, que iſto eſcrevemos, teſtemunhava, e reconhecia da meſma maõ da Santa Princeza a Madre Sor Lourença dos Martyres, agora ſegunda vez Prioreza.

Achava-ſe a primeira vez, que teve eſte cargo, perſeguida de humas trabalhoſas cezoens; corria o tempo, e os remedios, ſem mais fruto, que o deſengano, de que nem o ſabia ſer o tempo; eis-que hum dia, que eſperava a repetiçaõ do achaque, lhe occorre, que de portas a dentro tem certa a meſinha delle, e em ſua maõ o applicalla no meſmo inſtante. Entra ſe de huma fé viva, e repete comſigo reſoluta: *E naõ ſou eu Prelada deſta Caſa? Naõ eſtá aqui o corpo da mais obediente filha della? Naõ eſtá naquella ſepultura a Princeza Sor Joanna? Por ventura eſcuſar-ſeha de ſubdita, porque já ſe venera ſanta? Tenho eu mais, que porlhe huma obediencia? Haverá de faltar a ella? Naõ por certo. Pois que me detenho?* Chega com eſta reſoluçaõ á ſepultura da Santa; proſtraſe primeiro em oraçaõ; levanta logo a voz, e diz: *Madre Sor Joanna, eu lhe mando como Prelada deſta Caſa, em virtude de ſanta obediencia, que logo me tire eſtas cezoens.* Foy caſo notavel, que ſendo o dia, e a hora, em que pontualiſſimamente vinhaõ, faltaraõ, e nunca mais lhe vieraõ. Teſtemunhou-o todo o Moſteiro; publicouſe do Pulpito ao Povo.

Seja louvado o Senhor, como he admirado nos ſeus Santos, dando ouvidos a huns oſſos ſecos, e ſepultados, para moſtrarem o que veneraraõ a obediencia vivos! Aſſim obedeceo o cadaver do noſſo grande Patriarcha S. Franciſco (que ha tantos annos admira em pé a Caſa de Aſſis) ao preceito do Summo Pontifice, que lhe mandou, que naõ retiraſſe o pé, que lhe queria ver, e beijar, admirando aquelle eſtupendo favor das chagas, concedido viſivelmente a Franciſco, e inviſivel á grande Catharina Senenſe, para que até neſta gloria houveſſe partilhas entre os pobres filhos dos dous irmaons Patriarchas. Aſſim obedeceo tambem o cadaver do grande Apoſtolo do Oriente ao preceito, que ſe lhe intimou do Geral de ſua Religiaõ, quando, querendo cortarlhe hum braço, por pedir o Summo Pontifice huma reliquia do ſanto corpo, tremeo, e ameaçou ruina a Capella, e lugar da ſepultura, até que, intimado o preceito, ceſſou o terremoto, e ſe lhe cortou o braço.

Naõ he menos reſpeitada a obediencia (como bem conhecida) dos venturoſos profeſſores della, como nem menos gloria de huma Caſa, ter ſubditas, que obedecem ainda ſepultadas; e das Preladas della o verem-

verem-se obedecidas de Santas. Soube ajuntar este nome ao officio de Prelada a Madre Sor Guiomar da Gloria, que entrando de trez annos neste Mosteiro, assim avultou nelle o seu zelo, que a singularizou para o cargo. A fervorosa devoçaõ, que tinha com a Mãy de Deos, lhe levava grande parte do dia, e da noite. A S. Luiz Beltraõ escolheo para seu singular Advogado; tudo o que tinha, gastava no ornato, e aceyo de huma Capella sua. Igual devoçaõ tinha com o Bautista, e com Santa Theresa; vio-se em sua morte a venturosa escolha destes grandes arrimos, que buscou na vida. Foy toda ella huma estampa da da Madre Sor Ignez de S. Jacintho, tia sua; (de que já fizemos memoria) coroou-a com huma ditosa morte. Precedeo-lhe hum accidente taõ violento, que só ficou viva no pulso. Era em dia de Santa Theresa, Advogada sua, dia, em que todos os annos mandava huma esmola a seus filhos; agora tendo-a já junta, lha arrebatou das maons o accidente, mas mandaraõ-na as Religiosas ao Convento, (que ha na Villa) pedindo aos Padres, que se lembrassem da sua bemfeitora, relatando-lhe o estado em que ficava, e pedissem á sua Madre, que lhe restituisse os sentidos para receber os Sacramentos. Foy digno de reparo, que pontualmente se lhe restituiraõ com inteireza ao tempo, que os Religiosos faziaõ a devota supplica. Recebeo logo a moribunda os Sacramentos com inteiro juizo, e conhecimento, e naõ menos rara conformidade. Pedio logo huma estampa de S. Luiz Beltraõ, e beijando-a, e abraçando-se com ella, estendeo a maõ para que lhe déssem o Senhor, que assiste ás moribundas, e assim abraçada com a estampa do Santo, e com os olhos no Crucifixo, lhe entregou a alma taõ socegada, como se adormecera.

Sor Guiomar da Gloria.

Feche-nos este Capitulo huma memoria escassa, mas merecida, da Madre Sor Filippa do Sacramento, restituida taõ depressa ao Ceo, que a dera a esta Casa, que parece, que com ella desappareceraõ as noticias com que podia auctorizalla, e naõ menos esta escritura; mas bastenos para conjectura do que perdemos, o testemunho de seu Confessor, (Religioso devoto, e timorato) que affirmou louvara a Deos de ver huma mulher moça, illustre, como da Casa de Miranda, naõ menos estimada por prendas da natuza, abraçando a morte com a mayor conformidade, e a contriçaõ mais verdadeira, que se póde entender naquella hora. Ficou vulgar noticia de sua rara humildade. Bem se póde inferir do alicerce o que avultava o edificio de sua virtude.

Sor Filippa do Sacramento.

CAPITULO XVI.

Das Madres Sor Berarda dos Martyres, Sor Maria Evangelista, Sor Maria das Chagas, Sor Maria dos Serafins, Sor Luiza da Annunciaçaõ, da mesma Casa de Aveiro.

GRande valida de Deos saõ a singeleza, e sinceridade de espirito! Estes foraõ sempre os seus mimosos; por isso dizia o Senhor: Que os meninos eraõ

os

os herdeiros de ſua Caſa: Que ſe tornaſſem em meninos os que houveſſem de pertender eſſa herança: Que a elles revelava os ſeus ſegredos, e lhes offerecia a ſua communicaçaõ como valîdos. Privilegios ſaõ eſtes, que podemos dizer teve, e logrou a Madre Sor Berarda dos Martyres, porque dotada de huma grande ſingeleza, entrou eſta Clauſura taõ mimoſa do Eſpoſo, que buſcara nella, que naõ ſó avultava cada dia nas melhoras de ſua alma, mas tambem alcançou de Deos com continuos rogos as de ſeu pay, que (falecida ſua mãy) vio com ſeus olhos voltar as coſtas ao Mundo, e paſſar das ſolturas de Soldado ao voluntario carcere de huma Recoleta, trocando as galas por hum pouco de burel, mortalha em que acabou a vida, taõ deſſemelhante da que lhe licenciavaõ os privilegios de rico, e de poderoſo, que conſeguio, e deixou o nome, e opiniaõ de Santo.

Sor Berarda dos Martyres.

Toda a vida de Berarda foy huma reza continuada; porque advertindo na pureza, que ſe requeria para eſtar fallando com Deos, e de Deós, naõ ſatisfeita com rezar o Officio Divino no Coro, o repetia na cella, ou nas Capellas do Senhor na Coluna, e do Roſario, que eraõ ſua vivenda. Perſeguiaõna crueis eſcrupulos; fizeraõſelhe intoleraveis; recorreo ao Senhor da Columna; (de que aquelle anno ſahira por ſorte Mordoma) he huma Imagem de grande devoçaõ, que eſtá em huma Capella em o Capitulo, ſervida, e buſcada das Religioſas com fé, e diſpendio. Pedio ao Senhor, que uſaſſe com ella de piedade, que ou a livraſſe de eſcrupulos, ou a levaſſe para ſi. Seguioſe a eſta ſupplica a confiança com que a eſperava deſpachada. Naõ ſe enganou, porque o ultimo dia em que acabou de Mordoma, que foy o primeiro do anno ſeguinte, cahio de doença, que entendeo era a ultima, como o foy, acabando com ſinaes de taõ conforme, e taõ contrita, que o pareceraõ de que paſſava a lograr o deſpacho da ſua ſupplica.

Parece, que foy filha das da Madre Sor Filippa do Eſpirito Santo (que honrou eſta Caſa com ſuas virtudes heroicas) como comparenta herdeira della) a Madre Sor Maria Evangeliſta, ſobrinha ſua, e mais ſingular imitadora, trazida a eſtes ſantos Clauſtros com o grande exemplo, e ſuave induſtria da boa tia. Foy eſta Madre hum retrato da paciencia, dado pelo Ceo a eſta Caſa, para alentar as affligidas filhas della. Profeſſa, entraraõ logo os achaques a ſer ſeus algozes, reduzindo-a a eſtado, que podia dizer com Job, que naõ era mais que hum eſqueleto vivo, ſegurando, que era outro reproduzido no ſofrimento. Aſſim lhe foy durando como por milagre a vida, mas taõ aſſuſtada, e temeroſa da morte, que nada pedia a Deos como valor para a conformidade, e conſtancia para os aſſaltos daquelle perigoſo inſtante. Chegou eſte, e começaraõ a diviſar-ſelhe no ſemblante, e na pratica demonſtraçoens de alegria, com admiraçaõ de quem até alli a via, e eſcutava timida, e receoſa. Já ſe lhe hiaõ contando os alvoro-

Sor Maria Evangeliſta.

voroços pelos deſmayos, e nos ſinaes do goſto, e do ſocego, as preſſas com que hia acabando. Quizeraõ darlhe a Unçaõ, reſpondeo, que ella a pediria, porque a queria tomar na ultima hora; e como ſe as tivera medidas, o fez a tempo, que pode acompanhar a Communidade, recitando os Pſalmos Penitenciaes. Hia-lhe faltando o alento, deraõ-lhe a Sagrada Imagem de hum Crucifixo, e beijando-lhe os pés, e eſtreitando-o ſobre o peito, diſſe com ternura, e alvoroço: *Bom foy temello eu ſempre, porque agora me regalo de o ter comigo*! E continuando algumas jaculatorias, já mal percebidas, lhe entregou a alma, ficando com hum ſemblante taõ vivo, como ſe ainda a tivera, e taõ alegre, como ſe ſegurara o lugar donde a tinha.

Sor Maria das Chagas.

Siga-ſe a eſte exemplo de paciencia outro de penitencia, e caridade na Madre Sor Maria das Chagas, que entrou neſta Caſa de cinco annos, acompanhando a ſua mãy, que (enviuvando moça) veyo a ſepultar os ſeus nella. Aſſiſtio-lhe aſſim a boa filha, (ſervindo-a cuidadoſa alguns annos, que durou entrévada) que edificava as Religioſas, porque nem aquelle trabalho a divertia da aſſiſtencia do Coro, a que chamava o ſeu deſcanço. As rezas dilatadas eraõ o ſeu mayor goſto; aſſim chamava ás ferias; eraõ, e lhe chamava os ſeus dias de feſta, porque dizia, que aſſim ſe havia de chamar aos em que ſe tinha mais largo commercio com Deos. Cuidadoſa com os pobres, naõ ſó partia da ſua reçaõ com elles, mas tendo alguma couſa, que pareceſſe regalo, provava-a, e dizia: *Iſto quero eu para o meu Anjo da guarda*, e paſſava-a ás maons de hum pobre, a quem dava aquelle nome. Aos inviolaveis jejuns das Conſtituiçoens, auſteros, e eſtreitos, ajuntava muito a miudo rigoroſas diſciplinas de ſangue. Naõ ſatisfeita com a affliçaõ de tunica de lãa junto á carne, coſtumava apertarſe com cilicios, e nas coſtas huma Cruz, que cuberta de pontas de ferro, lhas trazia em chagas.

Furtava-ſe ao ſono, para ſe applicar ao ornato, e aceyo do culto Divino, em que luzia muito o ſeu cuidado, por ſer ſingular em obras de agulha, deſtra em dibuxos, e na inventiva delles. Para eſtes diſpendios, e para o de cobrir de obra de talha algumas Capellas, (eſpecialmente huma da Senhora da Conceiçaõ) applicou huma boa tença, que tinha, e por ſua morte ficou á Caſa, de que ainda hoje ſahe o diſpendio da Feſta do Santiſſimo, com grande luzimento. O amor, e caridade com as Religioſas, como o zelo da obſervancia, a puzeraõ no lugar de Prioreza, que exercitou com a inteireza de quem o naõ procurara. Conſummida, e attenuada de annos, e penitencias, paſſou deſta vida com o ſocego de quem empregara bem aquelles, e já começava a goſtar o premio dellas. Repararaõ-no algumas Religioſas de ſuppoſiçaõ, e nome, vendo ao inſtante, que eſpirou, ſentar-ſe, e voar ſobre o Moſteiro hum bando de innumeraveis, e brancas Pombas, favorecendo o reparo o ſerem aves, que ſe naõ achavaõ na Villa,

nem nas viſinhanças della. Quizeraõ attribuillo á grande devoçaõ, que a defunta tivera com as Onze mil Virgens. Saõ tambem eſtas aves geroglificos da pureza; e a occaſiaõ, e a novidade fizeraõ naõ deſprezar a conjectura.

Sor Maria dos Serafins.

Companheira, e ſimilhante aſſim no nome, como na virtude, da Madre Sor Maria das Chagas, foy a Madre Sor Maria dos Serafins, como ſe tudo herdara della, ou ſe participaraõ o eſpirito huma á outra, como primas que eraõ por ſangue, irmãas por profiſſaõ, iguaes por exercicios, e para coroar a ſimilhança, a poz tambem a ſua obſervancia no lugar de Prelada. Naõ menos ſeguio a prima em applicar a ſua tença, que era groſſa, ás obras de que neceſſitava a Caſa, e ſoccorrer as Religioſas mais pobres della, com maõ caritativa. A eſta caridade com o proximo ajuntava o amor, e reſpeito a Deos, porque nada ſe lhe pedia em ſeu nome, que logo naõ déſſe. Ajuntaraõ-ſe a ſuas continuas penitencias as mayores, que podiaõ apurar ſeu ſofrimento em rigoroſos eſcrupulos; mas quiz Deos ſobiſſe a mayor prova a ſua conſtancia, porque naõ baſtando a larga experiencia de ſua vida, (e a mais reformada) permittio, que a perſeguiſſem teſtemunhos em materias graves, a que a ſua innocencia ſe ſacrificou muda, até que o vagaroſo cryſol do tempo a moſtrou juſtificada. Entrada em annos, cahio entrevada em huma cama, que foy o ultimo purgatorio de ſua vida, e huma continua diſpoſiçaõ para acaballa. Acabou-a com ſinaes de quem principiava a verdadeira.

Demos fim ás memorias deſta Caſa com a de huma Religioſa, que a teve por berço; taõ pouca era a idade em que veyo buſcalla, mas por iſſo mayor o lucro, que tirou da creaçaõ della. Foy eſta a Madre Sor Luiza da Annunciaçaõ, que antes parece, que deſconheceo o Mundo, que o deixou; mas dotada de hum taõ claro entendimento, que muito melhor o deixara, ſe o conhecera. Aſſim teve ſua vida taõ pouco de terreſtre, como a que ſe creara aos peitos da virtude. Nelles bebeo hum eſpirito taõ robuſto, que eraõ inexplicaveis ſuas penitencias, aſſim na continuaçaõ, como no modo. Em Quinta Feira Mayor, ao tempo, que ſahia a Prociſſaõ da Miſericordia, e por todo o em que corria a Villa, ſe fechava em o Coro debaixo, ferindo-ſe com açoutes, que lhe deixavaõ as coſtas em vivas, e raſgadas chagas, como o promettiaõ golpes continuados em mais de quatro horas.

Sor Luiza da Annunciaçaõ.

No Coro, e mais funçoens da Communidade aſſim era a primeira, e a mais deſvelada, que a ſua falta ſe attribuia logo a doença; e era ella a mais rigoroſa, ſe chegava a prendella. A ancia de conſervar, e adiantar a refórma, a poz duas vezes no lugar de Prelada, deſpois de combatida ſua reſiſtencia, e o ſeu deſprezo proprio, que ſobre tudo ſe admirava nella, como ſe deſconheceſſe as paixoens de humana. Foy ſempre muito pobre; viaſe-lhe no trato da peſſoa, viaſe-lhe nas alfayas da cella; a mais tenue,

e mais penitente; a cama, poucas horas da noite ſe ſervia della, deixava-a pelo Coro em toda a Semana Santa. Mas naõ era nada ſer pobre, o mais foy, que de eſmolas, e do que lhe dava a Communidade, teve induſtria para ornar a Capella da Senhora da Aſſumpçaõ (a quem ſervia com eſcravidaõ amoroſa) deixando-a rica de prata, e ornamentos dos mais cuſtoſos, e aceados, que tem hoje o Moſteiro. No ſegundo triennio de Prelada, aſſaltada de hum rigoroſo achaque, pedio a abſolviçaõ do officio, e retirada á ſua cella, começou a viver ſó para Deos, e paſſou a lograllo deſpois de ſeis mezes de martyrio.

CAPITULO XVII.

Das Madres Sor Iſabel de Meſquita, Sor Iſabel de Lemos, Sor Eſtefania de S. Joſeph, Sor Franciſca Pimentel, Sor Joſefa Maria, Sor Filippa de Athaide, do Moſteiro de Santa Anna de Leiria; e de algumas ſerventes de opiniaõ que viveraõ, e acabaraõ na meſma Caſa.

Moſteiro de Santa Anna de Leiria.

EM todos os tempos moſtrou bem a Caſa de Leiria a grande, e venturoſa fecundidade de que a dotara o Ceo, dando-lhe taõ bem doutrinadas filhas, que as outras Caſas as buſcaraõ Fundadoras, e as eſcolheraõ Preladas. Achaſe aſſim nas noticias de ſua fundaçaõ, e ainda hoje ſe collige das boas diſciplinas daquellas primeiras, e grandes Meſtras, como ſe vio na Madre Sor Iſabel de Meſquita, regra, e obſervancia viva daquella Caſa.

Sor Iſabel de Meſquita.

Foy eſta Madre muito nobre, e ſendo a ſua familia igualmente abaſtada, diſpoz a Providencia de Deos, que em breve tempo ſe vio deſamparada della, mortos ſeu pay, e irmaons, e reduzido hum unico ſobrinho (que ficou de toda a Caſa) a taõ extrema miſeria, que ella o ſuſtentava da pobre reçaõ, com ſer limitada para ſua muita parcimonia, mas ſempre com roſto alegre, e animo igual, dando graças ao Senhor pelo exame, que fazia da ſua tolerancia, naõ deſconhecendo as coroas della. Entre eſta, e outras virtudes ſoube Sor Iſabel mais ſingularmente eſcolher a melhor parte, porque a caridade foy o mayor emprego de ſeu eſpirito. Pelas officinas do Moſteiro, e cellas das Religioſas, mendigava para ſoccorrer a pobreza, eſtimando a occupaçaõ de Porteira, que teve grande parte de ſua vida, para ſer naõ ſó ſua procuradora, mas ainda ſua diſpenſeira. Aſſim o era de tudo o que tinha, que todo o ſeu poſſuir era diſpender; mas naõ ficou ſem premio, ainda na terra, eſta ſanta prodigalidade.

Achava-ſe neceſſitada certa Religioſa, entroulhe na cella, violhe algum dinheiro; pediolho para remediar-ſe; reſpondeo-lhe Sor Iſabel, que o tinha para pagar a huma peſſoa pobre, mas que o levaſſe, ſe entendia, que ſeria mayor ſua neceſſidade; e ſem duvida o ſeria, porque a Religioſa levou o dinheiro. Naõ ſe paſſaraõ muitas horas, quando chegando á Roda do Moſteiro huma mulher deſconhecida, e pondo nella a meſma quantia, diſſe, que aquelle dinheiro ſe entregaſſe á

Madre Sor Iſabel, e ſem dar repoſta a alguma pergunta, que ſe lhe fez, deſappareceo. Favoreceo mais o ſucceſſo para o reparo a reſiſtencia, que fez a Madre ao entregarſe lhe o dinheiro, defendendo-ſe com conſtancia, que ſe lhe naõ devia, e que de ninguem o eſperava. Cahio em fim na conta, que era o Ceo o que lho reſtituia. Naõ lhe deviaõ menos deſvelo as neceſſidades do eſpirito, meditando continuamente as que padeceriaõ os que gemem no rigoroſo carcere do Purgatorio. Aſſim naõ havia acçaõ penoſa, que lhe naõ offereceſſe para reſgate. Ao romper da manhãa corria os Clauſtros, lançando agua benta pelas ſepulturas das Religioſas falecidas; paſſava dalli ao Coro, detendo-ſe na oraçaõ por ſuas almas; e ſeria ſem duvida cautela para a ſua, o que era compaixaõ para as outras.

Deſejavaõ as Religioſas (com quem eſtes, como outros exercicios a tinhaõ poſto em reputaçaõ) vella no lugar de Prelada. Teve eſta noticia; affligio-ſe, eſcuſouſe, tendo por taõ pezado o officio, que teve por leve o deſaſtre, que a livrou delle, como o foy o cahir-lhe hum lenho ſobre a cabeça, que a deixou totalmente ſurda, e incapaz da occupaçaõ, que a ameaçava. Naõ duvidaraõ muitas Religioſas, que foſſe o caſo negociado com Deos por ſupplicas. Tanta foy a tolerancia com que ſofreo o golpe! Tanto o goſto de ficar inhabil! Parece, que ſe podia entender aſſim, porque chegando no dia ſeguinte á Portaria hum Religioſo de grande opiniaõ, que importunado das Religioſas, fez o final da Cruz ſobre a cabeça de algumas, chamando todas a Sor Iſabel, para que o Padre lhe fizeſſe o meſmo nos ouvidos, diſſe com ſocego, que a deixaſſem, que naõ queria ouvir, pois o Ceo aſſim o queria. E na verdade conſelho pareceo ſuperior, ſendo a mais proveitoſa cautela para o ſocego da vida religioſa, donde facilita o caminho para o commercio do Ceo o fechar-ſe alguma porta aos da terra.

Entrada em annos, e eſtando na Enfermaria ſangrada de doença perigoſa, ſe lhe ſoltou de noite huma ſangria, acodindo lhe taõ tarde, que a tiveraõ por morta, e acordando de hum largo deſmayo, diſſe: *Naõ ſe aſſuſtem, que eu naõ heyde ir deſta.* Mas naõ tardou muito outra, de que logo ſegurou, que ſeria a ultima. Foy aſſim. Recebeo os Sacramentos, e já ſem poder articular a voz, ſuccedeo o que baſtou a fazer notavel ſua morte, e deixar acreditada ſua vida. Fora nella devotiſſima de huma Imagem da Senhora da Piedade, que antigamente eſtivera no Coro debaixo, e de quem a Madre Sor Mecia (Religioſa da fundaçaõ da Caſa) recebera aquelle grande favor de ver trasladado o Senhor dos braços da Mãy laſtimada aos ſeus, em occaſiaõ em que diante della orava enternecida. Eſcreveo-o o Padre Frey Luiz de Souſa na ſegunda Parte da Chronica, nas noticias deſta Caſa. Conheciaõ as Religioſas a devoçaõ extremoſa, e deſvelada, que Sor Iſabel tinha com a Senhora, e rompeo-ſe no Moſteiro, (ſem ſaber o principio) que a meſma Senhora lhe fallara,

ra, ajudando-o a praticar o verem, que a Imagem tinha agora a boca como entre aberta, aſſentando o commum reparo das mais antigas da Caſa, que a viraõ primeiro ſem aquella circunſtancia. Era grande a modeſtia de Sor Iſabel, naõ ſe atreveraõ a averiguar a duvida com ella. Agora que por inſtantes eſpirava, aſſiſtia-lhe o ſeu Confeſſor o Padre Frey Manoel de Torres, e porque tinha noticia das duvidas em que andavaõ as Religioſas, parece, que intentava tirallas dellas, e diſſe para a moribunda: *Madre, Voſſa Reverencia eſtá na hora da ſua ventura, deme licença para que poſſa fallar agora.* Ao que ella acodio com preſſa, (como ſe já naõ tivera embaraço no ouvir) e levando a maõ á boca, a tapou como que naõ dava a tal licença. Aſſim eſpirou placidamente, entendendo-ſe do que ſenaõ diſſe, a verdade do que ſe dizia, e muitas, que poderiaõ auctorizar ſua vida, como inferir-ſe a ditoſa, a que paſſava.

Siga-ſe a eſta Iſabel na memoria outra, que a ſeguio no nome, como na vida. Foy eſta a Madre Sor Iſabel de Lemos, que tambem como Sor Iſabel de Meſquita, foy natural da meſma Cidade de Leiria, naõ menos venturoſa por dar a taes filhas berço, como o Moſteiro de lho offerecer melhorado. Taõ tenra foy a idade em que ambas ſe recolheraõ nelle! Creſceo Sor Iſabel, e avultou mais depreſſa em virtudes, que em annos, porque naõ tinha ainda muitos, quando a ſua capacidade a poz no lugar de Prelada, em que ſe deveo a refórma da Caſa tanto á ſua vigilancia, como ao exemplo de ſua vida. Foy ella larga, aſſim cheya de trabalhos, e miſerias. Poz-ſe da parte dellas o inimigo das virtudes, e diſpoz-lhe algumas ciladas, que vio zombadas, e deſcobertas com grande ſentimento ſeu, porque no dia em que a boa velha, chegada ás portas da morte, ſe confeſſou geralmente, ſe viraõ no Moſteiro dous effeitos, que bem o pareciaõ da raiva, e impaciencia da ſerpente venenoſa, como foy o encher-ſe a cella da moribunda, e os Dormitorios de hum cheiro agudo, e inſoportavel de enxofre, que examinado, ſe lhe naõ achou principio; e ouvirem-ſe ao meſmo tempo no Pomar, defronte da meſma cella, huns gemidos, que em tal lugar, e taes horas naõ podiaõ ſer humanos. Entendeo-ſe melhor quem alterava com eſtas novidades o ſocego das Religioſas, quando algumas viraõ, que antes de fazer a moribunda o ultimo termo, mudando-ſelhe, e alterando-ſelhe o geſto, deſembaraçou huma maõ da roupa, dando com ella duas figas para huma parte da cella, final ſem duvida de que deixava o inimigo naõ ſó ſem triunfo, mas com vituperio. Entrou logo em hum grande ſocego, e delle paſſou a gozar o eterno.

Sor Iſabel de Lemos.

Naõ contendeo menos por conſeguillo a Madre Sor Eſtefania de S. Joſeph, rara no retiro, e recolhimento, e aſſiſtencia do Coro, gaſtando o que lhe reſtava, aſſim do dia, como da noite, em oraçaõ, com tanta ſuavidade nella, que derretendo-ſelhe o coraçaõ pelos olhos, ſe eſquecia do deſcanço,

Sor Eſtefania de S. Joſeph.

ço, ou moſtrava, que naõ queria outro. Sua grande reforma, e obſervancia a fez Meſtra de Noviças; com ellas era affavel, e branda, comſigo auſtera, e eſquiva, moſtravaõ-no muitas vezes as paredes da ſua cella nos ſinaes mal diſſimulados de rigoroſa diſciplina. Levava-lhe ſuavemente os cuidados, e os affectos da alma huma Imagem da Senhora da Encarnaçaõ. Obrigouſe a Senhora dos ſinceros deſejos de ſua devota, porque entrada em dias, e cahindo de huma mortal doença, lhe deu a entender a meſma Senhora os avanços com que a ſervira.

Eſperava já ſacramentada, e contrita a ultima hora, quando a tomou hum ſono pezado. Aſſiſtia-lhe huma Religioſa de ſua confiança acordou-a, parecendo-lhe, antes lethargo, que repouſo. Abrio a moribunda os olhos, e esforçando a voz, lhe diſſe: *Ay Madre! para que me acordaſtes? Sonhava eu agora, que cahira em hum grande, e immundo lago, e que chegando a minha Senhora, e tirando-me delle pela maõ, dizia: Naõ te deſconſoles, que ficarás limpa; aſſim o vi logo, e que a minha Senhora naõ me largando da maõ, me levava a hum dilatado, e fermoſo campo.* Callou aqui Sor Eſtefania, e ſuſpendendo-ſe hum pouco, diſſe como alcançada do que diſſera: *Madre, naõ creais nada do que vos digo, que iſto he ſonho*; e em breves horas, com ſinaes de grande conſolaçaõ, paſſou (como ſe póde entender com piedoſa conjectura) ao campo, a que a levava ſua ſoberana Advogada.

Das Madres Sor Franciſca Pimentel, e Sor Joſefa Maria ſaõ recopiladas as noticias, que achamos; mas aſſim ſingulares as de ſuas mortes, que ſaõ o melhor argumento do como viveraõ. Foraõ ambas muy reformadas, recolhidas, e continuas na oraçaõ. Repetia eſta a Madre Sor Franciſca com entranhavel ancia pelas Almas, e parece, que ſe lhe quizeraõ moſtrar agradecidas, porque entrada em artigo de morte, para que ſe diſpoz com grande reſignaçaõ, e conformidade, aſſiſtindo-lhe a Communidade, como he coſtume, ouviraõ algumas ſerventes, que na Caſa tinhaõ bom nome, que no Coro ſe cantava. Eſtranharaõ-no como falta de caridade, por lhes parecer ſeriaõ Religioſas, que faltavaõ naquella hora a taõ preciſa aſſiſtencia, e paſſando a examinar o Coro, advertio huma, que entre as vozes, que ſe ouviaõ, conhecia a de huma Religioſa, que havia tempo falecera com boa opiniaõ na Caſa, mas chegando todas, viraõ as cadeiras vaſias, nem trouxeraõ mais noticia, que de ſer o eſtylo da muſica de Officio de defuntos. Fizeraõ as Religioſas conjectura, que ſeriaõ as Almas, que vinhaõ aſſiſtir, e acompanhar a ſua bemfeitora, que na meſma hora paſſou, e ſeria a receber o premio de o ter ſido. *Sor Franciſca Pimentel, e Sor JoſefaMaria.*

Naõ foy menos venturoſa a morte da Madre Sor Joſefa (ainda que lhe precedeſſe conflicto, ſahindo delle com triunfo) porque dous dias antes que faleceſſe, entrando em grandes agonias, e ſem dar attençaõ ao que lhe perguntavaõ algumas Religioſas, levantou a maõ, e deſcar-

deſcarregou hum grande golpe em a face ; pedio logo , que lhe lançaſſem agua benta para hum lado da cama , e ficando ſó com huma Religioſa , de que ſe fiava , lhe diſſe : *Madre , como me deixou ſó , que tive hum grande trabalho com o inimigo , mas acodiome o Senhor.* Deſte inſtante até o em que eſpirou , ſe lhe náõ ouvio mais que darlhe graças , paſſando a entoallas com os Córos dos Anjos.

Sor Filippa de Athaide.

Parece , que pizou o meſmo caminho , naõ conhecendo em toda ſua vida outro mais que para Deos , a Madre Sor Filippa de Athaide , illuſtre por naſcimento , mas mais conhecida por hum zelo ardente , e huma reſoluçaõ livre , com que reprehendia as mais leves quebras da obſervancia. Na do Coro taõ continua , que como ſe os achaques (que padecia muitos , e intoleraveis) a reſpeitaſſem , recolhida áquelle Sagrado , era a primeira , que a todas as horas junto á eſtante dava alma áquella ſagrada melodia , com huma voz clara , e chea , de que era dotada. Acabadas as horas , e Miſſa , ficava em oraçaõ até á meſa ; occupaçaõ , que repetia aſſim de dia , como de noite , a toda a hora , que tinha livre , e o meſmo era levantar a Deos o eſpirito , que começarem a cahir de ſeus olhos taõ copioſas , e continuadas lagrimas , que entraraõ as Religioſas no reparo de que naõ ſeria ſó compunçaõ o motivo dellas. Fez-lhe a pergunta huma , que tinha mais familiaridade com ella , a que reſpondeo com ſingeleza : *Madre , como naõ heide chorar ? Orar naõ ſey eu ; ſey , que em me pondo diante de Deos , vejo o braço de ſua juſtiça , levantando huma eſpada para caſtigar minhas culpas ; e ſe ellas ſaõ tantas , como ſeraõ as lagrimas poucas ?*

Pobre , e humilde edificava a quem a via , e a tratava ; porque ſendo taõ bem naſcida , e tendo huma tença groſſa , naõ uſava do que tinha , nem tinha outro conceito do que era , mais que o da mais abatida ſervente da Caſa ; huma , e outra couſa ſe via no trato de ſua peſſoa. Contava muitos annos neſte eſtylo de vida , quando a aſſaltou huma febre aguda ; recebeo logo com grande conſolaçaõ de eſpirito os Sacramentos , e a ultima noite , que teve de vida , viraõ as Religioſas , que lhe aſſiſtiaõ , que mudando-ſelhe o ſemblante (entre accidente de fermoſura , e alegria) ſorrindo-ſe , eſtendia os braços , como que queria receber a alguem nelles. Aſſiſtia-lhe huma irmãa ſua á cabeceira , e perguntoulhe admirada , que novidade era aquella ; ao que diſſe , naõ como repoſta , mas como quem acabava de entender o que via : *Sim , ſim , a parenta , que me vem buſcar.* E dalli a pouco eſpirou , continuando-ſelhe tal alegria no ſemblante , como ſe deſconhecera os horrores da morte. Entenderaõ logo as Religioſas , que a parenta de que dizia vinha buſcalla , era huma Religioſa , parenta ſua , falecida havia muitos annos na meſma Caſa ; naõ ficou della mais que eſta memoria , e a de que ſe chamava Dona Violante , mas as circunſtancias com que parece a via , e fallou nella a moribunda , a ſeguravaõ digna de occupar eſta eſcritura com mayor noti-

noticia. Fique eſta para argumento de ſua vida, e queixa da omiſſaõ de quem podera apontalla.

Mas paſſemos das Religioſas deſta Caſa ás ſerventes della, e ſejaõ eſtas o appendice da vida daquellas, pois ao ſeu exemplo ſe fizeraõ capazes de nos dar aſſumpto. Naõ digaõ os politicos do Mundo, que podendo ſó ſer contagioſos os males, ſó elles ſe participaõ com a viſinhança, porque na pratica do Ceo tambem ſe pegaõ as virtudes. E porque havia de ter mais induſtria a malicia, que a graça? Tenhaõ embora ſequito os peccadores; que ſantos, ſe o naõ tem taõ numeroſo, temno mais admiravel. Foy experiencia, que ſe deſempenhou neſta Caſa, ſendo as ſerventes della humas vivas eſtampas das heroicas virtudes das Religioſas, como as que vivendo de portas a dentro com o ſeu enſino, ſe adiantaraõ com o ſeu exemplo; aſſim vieraõ a deſempenhar por eſcolha, o que viaõ obrar por obediencia.

Margarida dos Anjos.

Seja huma das que melhor o executou, Margarida dos Anjos, que entrando neſta Caſa com eſperanças de Freira Converſa, faltando a poucos mezes de ſua entrada quem lho promettera, ſe via importunada de ſeus pays, que intentavaõ levalla para caſa; mas tinha já lançado grandes raizes em ſua alma a reſoluçaõ de pizar aquelle caminho, que via taõ trilhado das cultivadoras da virtude, e naõ era já ſó com deſejo, mas paſſava a exercicio. Eſquivou-ſe a promeſſas, e a diligencias, eſcolhendo antes viver na Caſa de Deos com abatimento, que abrir os braços, e os ouvidos ás eſperanças com que a chamava o Mundo. Dizia, que Deos era melhor, e verdadeiro Pay, e que os que queriaõ ſer verdadeiros filhos, deviaõ erguer os olhos ſó á ſua Providencia, que nunca ſoubera faltar á bem fundada confiança. Com eſte animo ficou no Moſteiro, ſervindo na Enfermaria delle com huma taõ extremoſa caridade, que ſó o tempo, que ſe furtava ao ſono, para dar a Deos, podia chamar ſeu, porque naõ havia hora, em que as enfermas a naõ achaſſem á cabeceira, aſſim para o regalo, como para a meſinha.

Neſta occupaçaõ lhe cançaraõ as forças; deu o lugar a quem as tiveſſe mais robuſtas, por naõ conſentir as enfermas mal ſervidas, e ſogeitouſe a aſſiſtir a algumas Religioſas, com o lucro de que ſendo menos o trabalho, lhe ſobejaſſe mais tempo para fervoroſos exercicios, aſſim de penitencia, como de oraçaõ. Eſta a levava antes de amanhecer para o Coro. Sua mais extremoſa devoçaõ era com a Imagem de hum Menino Jeſus, a que (em podendo) aſſiſtia occupada; naõ o largava da lembrança; nelle era toda ſua pratica. Entrouſe hum dia da mediraçaõ do que aquelle Senhor padecera, (paſſava acaſo pela caſa, que chamaõ do Roſario) eis-que ſe lhe repreſenta, que via paſſar o Senhor com o madeiro nos hombros, cubertos, e banhados os olhos, e o roſto em ſangue, desfalecido, e attenuado, como ſe a cada paſſo o deſamparara o eſpirito. Perguntavaõ-lhe deſpois algumas Religioſas, que a viraõ

raõ naquella occaſiaõ parar, e ſuſpenderſe como extatica, qual fora o motivo, e ella o declarava com huma grande ſinceridade, e ſingeleza.

Naõ ſofria o inimigo della, como pay do engano, e da aſtucia, que huma mulher rude, e ſimplez lha deixaſſe fruſtrada. Naõ havia caminho por donde naõ intentaſſe atalharlhe o que pizava a ſua perſeverança; atemorizava-a com eſtrondos, ameaçava-a com precipicios, finalmente apparecia-lhe horrivel, e formidavel para divertilla de ſeus exercicios ſantos. Succedeo aſſim em huma madrugada, porque indo nella (como coſtumava) para o Coro, ao atraveſſar a caſa do Roſario, vio, que de huma, e outra parte lhe occupavaõ, e cobriaõ as paredes homens armados, que com aſpectos medonhos, e indignados a ameaçavaõ, ſe intentaſſe paſſar. Deixou a Serva de Deos de atemorizada o caminho, e tomando outro, foy ter ſua oraçaõ em huma Capellinha retirada de mayor commercio, adonde a continuou algum tempo, até que mais eſquecida do ſucceſſo, tornou ao Coro.

Occupados, e bem gaſtos muitos annos em ſimilhantes exercicios, cahio de huma doença mortal. Levaraõ-na as Religioſas para a Enfermaria, aſſiſtindo-lhe todas com grande caridade, chamadas da boa opiniaõ de ſuá virtude. Creſceo o mal, e huma noite, que ſe achava ſó, advertio huma Religioſa, que eſtava na meſma Enfermaria, que ella com voz, e reſpiraçaõ cançada ſe queixava de que morria ſem Sacramentos, e deſamparada das ſuas Religioſas. A eſta queixa (como ouvio a meſma Religioſa decumbente) ſe ſeguio huma voz, que claramente dizia: *Naõ te deſconſoles, que naõ morrerás ſem as tuas Freiras.* Entaõ ſe encheo toda a Enfermaria de huma claridade taõ eſtranha, que excedia a luz do dia; percebendo-ſe hum rumor como de peſſoas, que ſe hiaõ movendo a compaſſo, e como ſem eſtrondo de calçado. Atemorizou ſe a Religioſa, deu vozes, que lhe acodiſſem, e quando chegaraõ a ella, a acharaõ entrada em hum deſmayo, que paſſado, contou o que havia viſto, e ouvido. Paſſaraõ a examinar a meſma Margarida, e perguntando-lhe, que tinha viſto, ou com quem tinha fallado, reſpondeo com hum ſemblante cheyo de hum novo vigor, e alegria: *Que nem vira, nem ſabia de nada.* Era repoſta muy repetida de ſua modeſtia. Recebeo os Sacramentos entre effeitos de compunçaõ, e alvoroço, e paſſou a lograr a felicidade, que ſe lhe conjecturava nelle. Foy ſua morte em hum Domingo 17. de Fevereiro de 1686.

Naõ deixemos em ſilencio os nomes de outras duas ſerventes, ainda que mais antigas, mas naõ de menos credito, e argumento do como ſe cultivava a virtude neſta Caſa, ſervindo tambem eſta memoria de caſtigo á omiſſaõ della, porque ſem duvida mayores aſſumptos nos devia de roubar o tempo, e o deſcuido em vidas de mulheres, que mereceraõ o que agora veremos. Tinha-ſe mandado do Moſteiro fazer huma Imagem de Santa Barbara, appetecida da devoçaõ das Reli-

gioſas, como perſeguidas naquelle ſitio, e ſuas viſinhanças de medonhas trevoadas. Por eſte tempo ſe achavaõ huma madrugada as duas ſerventes, de que fallamos, no Clauſtro, a que deſceraõ para ſerviço de huma officina, quando viraõ, que por elle paſſava huma menina de rara fermoſura, e eſtranha, como rica gala. Suſpenderaõ-ſe como as que ſabiaõ, que naõ havia daquella idade ſecular alguma na Caſa, menos quem áquellas horas paſſeaſſe por ella. Parou a menina, e detendo-ſe pouco eſpaço, deſappareceo, obſervando ellas o lugar. Chegou ao ſeguinte dia a Imagem da Santa, e viſta por ellas com a memoria freſca, teſtemunharaõ, que era aquella a menina, que tinhaõ viſto no lugar do Clauſtro; nelle ſe lhe abrio hum nicho, em que a Imagem ſe poz, e he venerada, conſervando-ſe nella eſta memoria. Chamavaõ-ſe as ſerventes Luiza Carreira, e Maria das Chagas.

A eſta antiguidade encoſtaremos outra, de que naõ achamos noticia na Chronica, mas achamos traducçaõ inveterada, e ſegura na Caſa, ainda que o tempo nos roubou huma parte muy eſſencial, como foy o mome da Religioſa, que nos offerece a preſente materia, mas naõ ſe ſepulte a eſte Moſteiro a gloria de ter mais huma filha digna deſta eſcritura. Orava eſta Religioſa em certa occaſiaõ diante de hum Crucifixo, creſceo o fervor do eſpirito, buſcou nas lagrimas o deſafogo, e favorecida das mudas vozes dellas, ſempre ouvidas do Ceo, esforçou a ſua, pedindo ao Senhor, que a fizeſſe do numero das predeſtinadas. Eis-que ouve clara, e diſtintamente huma voz, que lhe dizia: *Lava-me eſtes pés com eſſas lagrimas; que es do numero das eſcolhidas.* Atemorizouſe a Religioſa, e levantando a voz, correo para huma Ermida de Santo Antonio, que eſtá na Cerca, como buſcando companhia nas Religioſas, que alli aſſiſtiaõ a toda a hora. Naõ faltaraõ algumas, que fizeraõ reparo no ſucceſſo, naõ podendo tirar da Religioſa mais infórme delle, que o ſuſto, e o retiro; ao ſeguinte dia diſſe o Confeſſor a toda a Communidade, que deſſem a Deos as graças pelo favor, que fizera a huma Religioſa daquella Caſa; e por morte della ſe teve inteira noticia.

Muitas nos deixara ſepultadas a pouca advertencia de recolhellas. Lamentavel herança deſta Caſa, que fundada no rigor da obſervancia, (que entaõ florecia neſta Provincia) e povoada de eſpiritos com que ſe adiantava huma, e outra, ſempre ficou defraudada, e queixoſa do muito que ſe deixou deſperdiçar nella, valendo-ſe ſempre aſſim noſſo anteceſſor, como a noſſa diligencia, do remedio da tradiçaõ, talvez diminuta.

CA-

CAPITULO XVIII.

Das Madres Sor Catharina do Preſepio, Sor Iſabel de Chriſto, Sor Aldonça da Magdalena, Sor Magdalena do Horto, Sor Marianna de S. Miguel, Sor Joanna de Jeſus, Sor Catharina da Cruz, do Moſteiro de Noſſa Senhora da Saudaçaõ de Montemôr o Novo.

Moſteiro de N. Senhora da Annunciaçaõ de Montemôr o Novo.

SIga-ſe venturoſamente á Caſa de Santa Anna de Leiria, a de Noſſa Senhora da Saudaçaõ, de como a qúe deveo áquella as primeiras Meſtras da ſua obſervancia, como foy a Madre Sor Iſabel Vaz, e duas companheiras. Em nenhum tempo lhe faltaraõ glorioſas diſcipulas, cultivadoras deſte jardim de virtudes, titulo que mereceo em todas ſuas idades, como lho deu na ſua primeira o Padre Frey Luiz de Souſa. Vello-hemos agora nas Religioſas, que floreceraõ neſta mais viſinha, e ſeja a primeira a Madre Sor Catharina do Preſepio, a quem deu o ſobrenome a devoçaõ extremoſa da repreſentaçaõ deſte myſterio, que desde os primeiros annos, que veyo para eſta Caſa, até os oitenta, que contou de vida, lhe ſervio de meditaçaõ, e de pratica, porque ſobre deſconhecer totalmente todo o comercio do Mundo, naõ ſe lhe ouvia fallar mais que em Deos naſcido. Com elle na pobreza, e na ternura dos primeiros alentos, reclinado no toſco, e deſabrigado leito das palhinhas eraõ os ſeus cuidados, os ſeus requebros, entoando-lhe ao Orgaõ, e outros inſtrumentos em que era deſtriſſima, letras com mais devoçaõ, que arte, que a cada hora lhe compunha, enſinando-as, e convidando com ellas as Religioſas, para que a ajudaſſem a louvar o Senhor de todas.

Sor Catharina do Preſepio.

Foy ſua vida inculpavel, mortificada, e exercitada em todo o genero de virtude, em todo de aſpereza. Confirmou-o ſua morte. Eſperava o ultimo golpe della, recebidos com ſuavidade todos os Sacramentos, quando entenderaõ as Religioſas, que lhe aſſiſtiaõ, que entrava em batalha com inimigo, porque moſtrando affliçaõ, e deſaſocego, viraõ que voltado o roſto a huma parte da cella, reſpondeo duas vezes com eſperteza, e promptidaõ rara naquella hora: *He mentira, he mentira.* Aſſiſtia-lhe o Prelado, pozlhe preceito, que diſſeſſe o que via, (porque ao meſmo inſtante lhe ficou o ſemblante ſereno, e alegre) reſpondeo: *Que vinha a Menina buſcar a velha.* Era eſtylo ſeu chamar Menina á Senhora da Appreſentaçaõ, de que era devota, e era aquelle o ſeu dia. Tornou a alvoroçar-ſe como que ſe lhe repreſentava aſſumpto de nova alegria, e attendendo ao que lhe mandava o Prelado, diſſe: *Que vinha toda a Corte do Ceo a acompanhar a Senhora*; logo foy nomeando os Santos, de que era eſpecial devota, accreſcentando: *E por coroa chega o meu Evangeliſta*; e cerrando ſuavemente os olhos, paſſou a acompanhar aquella ſoberana, e bemaventurada eſquadra.

Sor Iſabel de Chriſto.

Naõ trabalhou menos para merecer a ſua companhia a Madre Sor Iſabel de Chriſto, que desde menina ſe criou neſta Ca-

ſa, adonde entrou como outro Samuel conſagrado a Deos pela promeſſa dos pays *, que o receberaõ quando menos o eſperavaõ; venturoſos os de Sor Iſabel em terem mais filhos, como em nobreza, e bens de fortuna, mas mais venturoſa a filha em lhes darem outro Pay, e melhor Caſa. Diſpoz tambem o Ceo, que ſe accommodaſſe com as penſoens della, porque ſendo Sor Iſabel rica pelo que tocava á ſua legitima, por caſos, e demandas chegou a entrar no noviciado taõ pobre, que eſcaſſamente teve dote, mas por iſſo melhorada no da virtude. Mas tal era a induſtria de ſuas maons, e tal a de ſua diligencia, que ſó com ella fez grandes obras na Caſa, como foy hum juro, que rendeſſe para a Feſta do Sacramento; lavroulhe retabolo, e tribuna; e o dia que a vio acabada, banhada em lagrimas, e proſtrada por terra, lhe dava graças, por aceitar de huma pobre aquelle pequeno tributo naquella Capella, que feita de eſmolas, era o gaziofilazio de Chriſto. O exemplar de ſua vida a poz no lugar de Prelada, que exercitou com grande reſórma. O jejum da Conſtituiçaõ á riſca, comendo ſó huma vez ao dia, e da reçaõ, por mais que limitada, era a melhor porçaõ para hum pobre. Todos os dias huma diſciplina de ſangue. Oraçaõ no Coro o mais do tempo, e (para a occultar) no que furtava ao ſono. Teve dom de lagrimas; entre hum fervoroſo impeto dellas ſe lançava por terra ao ouvir as oito horas da noite, em veneraçaõ da inſtituiçaõ do Santiſſimo Sacramento, centro, e termo de todos os ſeus cuidados, e exercicios.

Uſou ſempre lãa junto á carne, e cama huma cortiça. Nada ſe via em ſua cella, nada no trato de ſua peſſoa, que naõ prégaſſe penitencia. Seguio-ſe-lhe á muita idade a morte; precedeo-lhe huma doença, de que logo diſſe que morria. Recebido o Viatico, repararaõ todas, que ſe lhe inflammava o roſto, como ſe nelle ſe lhe ateara huma labareda; e perguntandolhe a cauſa, reſpondeo: *Naõ poſſo dizella, mas peſſo á todas, que ſejaõ devotiſſimas do Santiſſimo Sacramento, porque he inexplicavel o premio.* Eſtava já muy proſtrada, naõ pode, por mais que ſe animava, pôr os joelhos em terra, (porque recebeo o Senhor veſtida) e vendo que naõ podia, levantou á voz ſonora, e clara, e começou a entoar o Hymno do Sacramento: *Sacris ſolemniis juncta ſint gaudia.* Continuo-o, mas já ſe lhe naõ percebia com a fraqueza, e acabou com elle venturoſamente a vida. Por ſua morte ſe acharaõ os inſtrumentos de ſua penitencia, diſciplinas, cilicios, e huma cruz de metal com grandes, e agudos bicos; era eſta o martyrio de toda a Quareſma, feſtas feiras de todo o anno, e veſperas de Communhaõ. Faleceo em huma quinta feira, dia conſagrado ao Santiſſimo, como ſe a ſua devoçaõ o eſcolhera para o venturoſo daquella jornada.

Sor Aldonça da Magdalena.

Seguio-ſe á Madre Sor Iſabel a Madre Sor Aldonça da Magdalena, aſſim no ajuſtado da vida, como na eſpecial devoçaõ do Sacramento, que parece lhe ficou em herança, ſendo

do eſta Madre huma das que eſcutaraõ a Sor Iſabel, quando á hora da morte aconſelhou eſta devoçaõ como mais importante. Deſempenhou-ſe bem com ella Sor Aldonça nas obras, que fez para o culto do Senhor, diſpendendo com maõ larga, e grandioſa, porque ſendo-o a ſua tença, era ella a mais pobre, porque tudo dava. Era eſta Madre filha de Dom Fernando Martim Maſcarenhas, e Dona Maria de Alancaſtre; e como ſe na nobreza ſe eſtudaſſe a humildade, era taõ humilde, como nobre. Nada ſe ouvia em ſuas palavras, que naõ ſoaſſe a deſeſtimaçaõ propria, nada ſe reparava em ſua peſſoa, que naõ ſerviſſe de edificaçaõ a quem a via.

A' do Sacramento ajuntava a devoçaõ do Roſario; huma, e outra lhe occupava o tempo, que lhe reſtava do Coro. Levavaõ-na para elle de madrugada, porque de cincoenta annos perdeo a viſta. Alli gaſtava o dia, acompanhando a Communidade no canto, e na reza, porque tudo ſabia de memoria. Aſſaltada de doença grave, pedio que a levaſſem para a Enfermaria, que hia acabar nella. Foy a doença rigoroſa, como dilatada, ſem que as dores alteraſſem o ſocego de ſua paciencia. Recorria ao ultimo alivio de ſua alma, que era commungar algumas vezes. Apertaraõ-na humas rigoroſas dores nos pés de ſorte, que pedio a huma ſervente, que lhe aſſiſtia, que ſe quer com as maons lhos fomentaſſe, porque aquellas eraõ dores de morrer. (parece, que a ouvira á ſervente alguma hora, pedindo ao Senhor na Cruz, que lhe déſſe a ſentir o que padecera nella) Reſpondeo-lhe agora: *Madre, naõ pedio Voſſa Reverencia a Chriſto crucificado, que lhe déſſe a ſentir o que tinha ſentido?* Ao que tornou a Madre: *Sim, ſim pedi*; mas cahindo logo no que tinha dito, acreſcentou: *Naõ ſey ſe pedi, mas ainda que pediſſe, quem ſou eu para lhe merecer eſſe favor?*

Achava-ſe já muy proſtrada, e praticavaõ entre ſi algumas Religioſas, que eſtavaõ na cella, que naõ durava mais que aquelle dia. Levantou a voz, e diſſe: *E á manhãa naõ preſta, que he dia de Noſſa Senhora?* Voltou logo para huma irmãa ſua, que ſentio chorar, e diſſe-lhe, que ſe naõ deſconſolaſſe, e que já que as Freiras a reſpeitavaõ como Mãy, fizeſſe porque entre todas ſe conſervaſſe a paz, que ella eſtava com a verdadeira em ſua alma, e que alli tinha á ſua cabeceira huma leiguinha muito fermoſa, que lhe fizera, e fazia muitos bens, e a Senhora do Roſario com muitos em a maõ. Coſtumava eſta Madre dar nas primeiras Domingas do mez os Roſarios, que ſe tiraõ por ſortes; parece que lhe quiz moſtrar a Senhora a que aquelle pequeno diſpendio a obrigara. Da leiguinha ſe entendeo, que ſeria Santa Roſa, de que era muy devota, e lhe chamava a Santa leiguinha. Pedio dahi a poucas horas, que lhe chamaſſem o Confeſſor para ſe reconciliar, que já eſtava Sacramentada, e dizendo-lhe, que para o dia ſeguinte, que era o Sabbado, por naõ ſer já hora, reſpondeo: *E quem vos diſſe a vós, que entaõ terey eu falla?* Succedeo aſſim; e recebida a Unçaõ no Sabba-

do

do que diſſera, cerrou os olhos taõ ſuavemente, como quem os abria no dia da eterna felicidade.

Sor Magdalena do Horto.

Sem duvida, que he a mayor dos Juſtos (em quanto andaõ neſta vida mortal) o padecer, pois ſaõ eſſes os mimos com que o Ceo os tem regalados. Vejamolo na Madre Sor Magdalena do Horto, de vida taõ exemplar, que concorrendo Religioſas de grande eſpirito neſte Moſteiro com ella, a ſingularizaraõ para Prelada, mas com tanto exceſſo caritativa, que ſobre diſpender o que tinha com as que neceſſitavaõ, com maõ taõ larga, que ſe fez pobre, da meſma ſorte applicava ás meſmas os bens, e contingentes da Communidade; mas dando lhe iſſo em cargo, largou o governo, dizendo, que ſe ella naõ havia de remediar neceſſitadas, para que queria ter ſubditas? Solta deſte embaraço, a naõ achavaõ mais que na cella, e no Coro. Fez o Ceo nella huma rara harmonia, porque unio hum grande entendimento com huma grande ſingeleza, e penetrando tudo, em nada achava malicia. Parece, que picou ao demonio eſta ſinceridade de animo em taõ prompto juizo, pela oppoſiçaõ de ſer elle aquella infauſta Intelligencia, em que ſe uniraõ a ſciencia, e a malicia. Começou de perſeguir a Sor Magdalena.

Em hum vulto negro ſe lhe offereceo, tomando-lhe o caminho de huma eſcada. Fez forças para a lançar por ella, mas a boa velha, (que bem o cochecia) encoſtando-ſe á parede, levantou a voz, e diſſe-lhe deſtemida, e ſegura: *Como ha de ſer iſto? ou para cima, ou para baixo.* E deſappareceo o vulto; mas parece, que teve mais larga licença outra vez, que entrando-lhe na cella, a tempo que ella ſe levantava da oraçaõ, lhe deu hum encontro com tanta violencia, que cahindo, deſmanchou hum pé, e com tanta enormidade, que por mais curas, que ſe lhe fizeraõ, ſempre a leſaõ foy a meſma, como igual a paciencia com que ſofreo naõ ſó as dores da quebra, mas os rigores da cura. Aſſim paſſou toda ſua vida em hum continuado tormento, aliviado no conhecimento de que Deos o aceitava, pois o permittira. Mas nem eſte, nem os annos a fizeraõ diſpenſar no rigor de ſeus exercicios, os mais penoſos occultos. Já viſinha á morte, viraõ as Religioſas, que lhe rodeavaõ a cama, que alterada com huma repentina alegria, ſe ſentava nella, dizendo a todas, que ajoelhaſſem, porque chegava a Rainha dos Anjos; e ficou logo taõ tranſportada, e fóra de ſentidos, que entenderaõ, que eſpirara.

Tornou deſpois de grande eſpaço em ſi, e por mais perguntas, e diligencias, naõ reſpondeo ao que ſe lhe perguntava do que vira, antes por eſpaço de trez dias, que ainda viveo, naõ tomou nem agua, nem couſa de ſuſtento, como ſe ſó o foraõ os grandes ſegredos, em que eſtava elevado ſeu juizo, (que o tinha inteiro) como outro Paulo. Aſſim eſpirou em venturoſo ſocego. Viraõ-ſelhe deſpois nos pés ſinaes de chagas, e nas coſtas de açoutes, como ſe ſeu Eſpoſo a tivera feito em vida huma eſtampa

Erat ibi tribus diebus, & non manducavit, neque bibit. Act. 9. v. 9.

pa ſua. A roupa do leito em que eſtivera, reſpirava fragrancias, como o que fora urna de huma Feniz, que acabava de eſpirar caduca, para viver eterna.

Em mais longa vida, e igualmente penoſa o pertendeo a Madre Sor Marianna de S. Miguel, que neſta Caſa faleceo de cem annos, ſendo em todos os que teve de Freira, hum retrato da obſervancia, e eſpecial da pobreza religioſa. Para ſi naõ reſervou nunca couſa alguma; o que lhe davaõ, ou de eſmola, ou de propina, ajuntava, applicando-o para algumas peſſas de prata, que deu a Santos de ſua devoçaõ, ſingularmente a Noſſo Padre, a que a levava hum taõ vehemente affecto, que parece, que a tirava de ſeu ſizo. Só nelle fallava, ſó delle queria ouvir fallar. No dia do Santo, levantada ante manhãa, corria o Moſteio, tocando hum adufe, e cantando, e chamando as Freiras, que vieſſem para o Coro, para fazerem o dia mais largo. A letra era compoſiçaõ ſua, feita, e cantada com mais devoçaõ, que arte, e harmonia. Ficou, e fique em memoria para argumento de huma Santa ſingeleza, e vinha a ſer:

Deſpertay Freiras filhas
de S. Domingos de Guſmaõ,
do meu coraçaõ, do meu coraçaõ.

Pagaõ-ſe os Santos muito das verdades delle, ainda que deſpidas de artificio, e conceito; e parece, que ſe pagou Noſſo Patriarcha das do extremo de Sor Marianna, porque aſſim o moſtrou o deſempenho com que ſe houve com ella. Cahio doente, dando logo a entender, que era chegada ſua morte; e eſtando para ſe lhe dar o Viatico, diſſe, que lhe pozeſſem huma toalha lavada, e outra para commungar. Era de madrugada, eſcuſavaõ-ſe as Religioſas, que ſe achavaõ na cella, que naõ tinhaõ vindo os Padres, que eſtiveſſe ſocegada; ao que reſpondeo: *Eu bem ſey o que digo, ponhaõ-me a toalha, e cheguem-me outra, que eſtá aqui Noſſo Padre S. Domingos para me dar a Communhaõ.* Admiravaõ-ſe as Religioſas da ſegurança com que o dizia, e porque o repetia, e inſtava, a compozeraõ de toalha, e chegando-lhe outra, abrio a boca, e a cerrou como ſe commungara, ficando por tempo conſideravel como ſepultada em igual repouſo, que ſilencio. Durou mais alguns dias em que tomou o Viatico, mas naõ ſe lhe ouvio mais palavra; viraõ-ſe ſim grandes demonſtraçoens do alvoroço de ſeu eſpirito, com que eſpirou, ficando com hum tal ſemblante, como ſe deſconhecera a idade, e a morte.

Naõ foy menos a ſingeleza de outra Madre, que de maduros annos, mas na innocencia menina, veyo para eſta Caſa. Foy eſta a Madre Sor Joanna de Jeſus, taõ obſervante das leys,

Sor Joanna de Jeſus.

leys, que profeſſara, como da que lhe enſinaraõ como Catholica nos dous preceitos, em que ſempre andava meditando, amor de Deos, e amor do proximo. A oraçaõ, ou vocal, ou mental, lhe levava o mais do tempo, cortando ainda pelo do ſono. A caridade com o proximo taõ prompta, e taõ deſvelada, que diante della ſe naõ havia de dizer palavra, que o offendeſſe. Se naõ era facil a defenſa, deixava a pratica. Aſſim vivia huma vida inculpavel, e quieta, antes ignorando, que fogindo a malicia. Adoeceo gravemente. Foy rara ſua tolerancia, mayor a conſtancia com que ſoportou os tiros do inimigo, que entaõ reforçou como deſeſperado.

Huma noite, que deſcançava a doente, e eſtava para ſe lhe dar huma bebida, eis-que a hum golpe de vento tempeſtuoſo ſe apagaõ todas as luzes da Enfermaria. Levantaraõ a voz algumas Noviças, que aſſiſtiaõ nella, porque creſceo o temor com o eſtrondo como de huma grande ruina. Acodem as Religioſas aſſuſtadas, achaõ a doente mortificada com o pezo de huma cadeira, que tinha ficado aos pés da cama, e agora lha tinhaõ lançado ſobre o corpo com violencia. Huma panella em que fervia o medicamento, entornada, e apagado o lume em que fervia. Perguntaõ-lhe pela auctora de tanto mal; e reſponde ella com tanta ſingeleza, como ſegurança, apontando para huma parte da caſa: *Quem foy? Foy o diabo, heilo alli eſtá. Agora ſe eſcondeo entre aquellas Noviças, lancem-lhe agua benta.* Lançaraõ-na, e accreſcentou ella: *Já lá vay pela porta fóra.* Admiravaõ-ſe as Religioſas do ſuccedido, quando voltando a reparar na doente, viraõ, que alternadamente ſe ſuſpendia, e alegrava; e perguntando-lhe, que novidade a movia, reſpondeo com alvoroço, que era a Mãy de Deos, que a viſitava; e accreſcentou logo: *E S. Joaõ Bautiſta.* Continuaraõ-lhe as perguntas, mas ſem mais attender a ellas, nem fazer mais movimento, eſpirou, cerrando os olhos como em deſcançado ſono.

Ponhamos fim ás noticias deſta Caſa com huma Religioſa, que já o era antes de entrar nella, como foy a Madre Catharina da Cruz, que naſcendo para o Ceo, aſſim ſe começou nos primeiros annos a eſquivar ao Mundo, que em caſa de ſeus pays até com os irmaons cerceava o commercio; nem tinha, nem buſcava outro mais, que com Deos retirada a hum Oratorio. Recolhida, e profeſſa no Moſteiro, continuou ſeus exercicios aſſim penitentes, como devotos, e todo o ſeu antigo eſtylo de vida, ſem accreſcer mais que o merecimento da obediencia, ſó ſe melhorou de ſegredo, e cautela (que naõ podia ter em ſua caſa) de que naſceo a pouca noticia do eſtylo com que ſe mortificava, porque aſſim vivia ſolitaria, e eſcondida, que lhe chamavaõ a Sepultada. *Sor Catharina da Cruz.*

Vio-ſe com huma tença groſſa, que eſtimou para diſpenſeira da pobreza; tudo punha nas ſuas maons, attendendo primeiro ás neceſſidades da Caſa. Naõ as houve nella de trigo, em quanto teve a occupaçaõ do Celeiro,

leiro, antes ſe fez reparo, e vio com admiraçaõ, que tendo as meſmas rendas, e tratando-ſe a Communidade com largueza, aſſim ſobrava, que ſe vendia. Já muy entrada em annos, (que contava noventa) lhe tomou parte do roſto hum ſinal vermelho, que engroſſando, e eſcurecendo-ſe com deformidade, moſtrou a fórma de hum bicho, apertando-a com tanta violencia, que lhe ameaçou a vida, entendendo-ſe, que morreria ſuffocada. Era igual a paciencia, mas mayor o deſvelo de aparelhar-ſe para o ultimo golpe della, que naõ tardou muito com huma morte taõ ditoſa, que o meſmo Ceo a deu a conhecer a toda a Villa, porque eſtando a doente para eſpirar, ſe vio ſobre o telhado da Enfermaria huma luz em fórma de labareda, e imaginando da Villa, que ſeria fogo, correraõ ao Moſteiro a tempo, que eſpirando a doente, ſe apagou a luz.

De mais Religioſas podera haver ſimilhantes noticias, mas ſaõ as deſta Caſa taõ eſcrupuloſas em referillas ſem exacta prova do ſuccedido, que nem nos podemos queixar de ſe nos apoucar o aſſumpto. Naõ o perderemos, (ſe Deos nos der vida) alargando-ſe o tempo, porque até o preſente he a Caſa reformada, e digna de ſe eſperarem della iguaes empregos para nova eſcritura, e continuados creditos para eſta Provincia.

CAPITULO XIX.

Da Madre Sor Maria das Chagas, filha do Moſteiro de Noſſa Senhora da Annunciada de Lisboa.

Moſteiro da Annunciada de Lisboa

FOy eſta Caſa da Annunciada aquella copia taõ viva da primeira obſervancia Dominicana, que ſe naõ contentou com as imitaçoens, e ſimilhanças da Caſa de Jeſus de Aveiro, (de donde para ella vieraõ as primeiras meſtras de eſpirito, como da mais celebre claſſe delle, que reconhecia aquella idade) mas a voto de bom juizo, parece que competia com a primeira aſpereza das obſervantes de S. Xiſto em Roma, jardim cultivado com o deſvelo de Noſſo Santo Patriarcha. A tanto chegou a reputaçaõ deſta Caſa nos ſeus principios, e aſſim o foy conſervando até eſtes noſſos tempos, como ſe deſconhecera a injuria delles na continuaçaõ da refórma, e nos glorioſos effeitos della. Começamas a vello em huma de ſuas filhas, e deſculpeſe-me huma pequena digreſſaõ, a que me dá motivo, e a que o affecto nacional me leva goſtoſo, e deſculpado.

Que ſe povoe o Ceo de eſpiritos, tirados das Thebaidas, das Paleſtinas, dos deſertos, e das brenhas, hoſpedarias dos peregrinos da terra, que a vaõ pizando até chegarem á Cidade permanente, (que aqui naõ tinhaõ, nem acharaõ) em que deſcançaõ como Patria ſua domeſticos de Deos por todas as eternidades, naõ he muito, porque as Paleſtinas, e as Thebaidas

baidas ſaõ as claſſes, em que ſe enſina a pizar aquella eſtrada, e as hoſtiarias, em que ſe toma o ſuſtento para continuar o trabalho della. Mas que nas Cortes, nos Palacios, nos Templos da ſoberania, e mageſtade humana, ſe crie hum eſpirito deſapegado do ſeu centro, deſcontente das meiguices da fortuna, e negaças da vida, deixando tudo atraz para buſcar as pizadas dos que pobres, e amortalhados correm com ancia a abraçar os deſcommodos da vida, e os rigores da penitencia, bem parece particular diſpoſiçaõ da Providencia de Deos, que com eſtes exemplos, tantas vezes repetidos nos Palacios Portuguezes, quer que os reconheçamos ſeminarios da virtude, de donde coſtuma tirar já induſtriados os ſeus mimoſos. Entendello-ha melhor quem tiver noticias das ſuas Chronicas; agora continuemos eſſa experiencia na vida de Dona Maria de Vilhena, Sor Maria das Chagas deſpois de recolhida a eſta Caſa.

Sor Maria das Chagas.

Foy Dona Maria filha de Fernando da Sylva, e de Dona Brites de Vilhena, Fidalgos taõ conhecidos, como virtuoſos, que governando eſta Coroa El-Rey Dom Sebaſtiaõ, (com quem Sebaſtiaõ da Sylva, irmaõ de Dona Maria, morreo em Africa) viviaõ na Corte de Lisboa. Morta ſua mãy Dona Brites, reſolveo ſeu pay, e parentes, que Dona Maria ſe recolheſſe no Paço por Dama da Infante Dona Maria, como da Rainha Dona Catharina o fora ſua mãy. Achou bom agrado na Infante, boa aceitaçaõ no Paço, lugar, que tambem lhe grangearaõ as prendas de fermoſura, diſcriçaõ, e modeſtia, qualidades juntas, que podendo-a jurar Feniz humana, a deixavaõ ſegura de toda a competencia. Mas naõ baſtava o applauſo commum, e aquella vaidade nativa dos idolos da fidalguia, e da belleza, para que Dona Maria ſe eſqueceſſe das experiencias, em que cada dia examinava que naõ paſſavaõ todas de humas eſtatuas de barro, a que a pedra da ſepultura desfazia em cinza.

Aſſim ſe entrava continuamente de hum maduro conhecimento da improporçaõ, que tinha aquella vida com tantas larguezas, andando-lhe os inſtantes da morte contando as pizazas, ſem que podeſſe a mais advertida cautela prevenir a ultima. Bem alcançava Dona Maria com hum entendimento claro que eraõ golpes, com que o Ceo deſpertava o ſeu deſcuido, e com hum genio docil correſpondia com bons propoſitos, mas logo enfraqueciaõ eſtes com leves embaraços. Succedeo neſte tempo ir ao Paço, chamado a huma importancia de eſpirito, o Padre Frey Thomé de Jeſus, Eremita de Santo Agoſtinho, peſſoa de boa reputaçaõ em virtude, e letras (conceito, que confirmou, falecendo em as maſmorras de Barbaria com hum raro exemplo de paciencia, deixando eſcrito aquelle livro, que ſe intitula Trabalhos de Jeſus). O conhecimento, que deſte Religioſo ſe eſpalhava por toda a Corte, convidou agora a Dona Maria, para que o buſcaſſe, praticando com elle as vehemencias, e frouxidoens do ſeu propoſito; ſahindo (do que lhe ouvio) abra-

zada

zada em deſejos de executallo. Propoz logo recolher-ſe em o Moſteiro da Madre de Deos, adonde ſobre a chamar a reſórma daquella Caſa, ſe lhe facilitava a entrada nella, pelas repetidas vezes, que a Infante a fazia.

Aſſim o determinou em ſeu coraçaõ, ſem dar parte a peſſoa alguma; e chegada a occaſiaõ de entrar com a Infante naquelle Moſteiro, nelle ſe lhe deu huma carta de Frey Thomé, em que a advertia, que naõ ficaſſe naquella Caſa, porque era Deos ſervido que foſſe em outra. Suſpendeo-ſe, e admirou-ſe com a advertencia, medindo bem, que ſem revelaçaõ naõ podia ſer ſabido, o que naõ teve mais teſtemunhas, que ſeu meſmo penſamento. Voltou para o Paço, donde por mais que ſe valia de ſeu entendimento para a cautela daquella ancia de melhor vida, ſe lhe começou a diviſar logo grande differença em tudo. A modeſtia no veſtido, a frequencia no Oratorio, o retiro das praticas, e a eſquivança com as eſtimaçoens palacianas. Chegou em fim á noticia de ſeu pay, que naõ tendo em quem deſcançar as eſperanças de ſua Caſa, levou muito a mal o eſquecer-ſe a filha dos intereſſes della, e pedio á Infante, que a nenhum Moſteiro a levaſſe comſigo. Mas Dona Maria taõ advertida, como reſoluta, tinha já eſcrito ao da Annunciada, dando noticia de ſeus intentos, e embaraços á Madre Sor Margarida de S. Paulo, Religioſa de ſua amizade, e confiança, para que tiveſſe alcançado licença del-Rey (circunſtancia preciſa para ſe aceitar qualquer Religioſa neſta Caſa) em que ella reſolutamente buſcava ſepultura. Ao meſmo tempo (porque eſſe era o impedimento mais forçoſo) propoz á Infante com diſcreta perſuaſiva aquella importancia de ſua alma, que antes devia favorecer, que embaraçar, pois era negocio poſto nas maons de Deos, a que naõ chegavaõ nem os braços dos Principes. Era a Infante de coraçaõ Catholico, e pio; prometteo-lhe antes deſtruir, que patrocinar lhe o minimo eſtorvo, e porque a dilaçaõ naõ fomentaſſe algum, reſolveo (que até aqui ſe eſtendeo a ſupplica de Dona Maria) entrar logo com ella neſta Caſa da Annunciada, o que fez em dia de Noſſa Senhora de Setembro, pelos annos de 1577., e no meſmo dia de tarde tomou Dona Maria o habito, com grande alvoroço de ſeu eſpirito, confuſaõ, e inveja do Paço, gloria, e edificaçaõ do Moſteiro.

A' mudança da vida ſe ſeguio tambem a do nome; chamou-ſe Sor Maria das Chagas, mas taõ pouco eſtranha na mudança da vida, que antes parecia, que naõ fora até alli a ſua mais, que hum enſayo para acertar a que buſcara. Aſſim a achavaõ prompta para a aſſiſtencia do Coro, para o ſerviço das officinas de mais trabalho, naõ lhe podendo fazer mayor mimo, que occuparem-na donde elle foſſe mais penoſo, e com hum ſemblante taõ alegre, como ſe ſe vira agora ſenhora do Mundo. Era centro de ſeu eſpirito a oraçaõ, e reconhecia o favor da Meſtra de Noviças em lhe deixar mais horas livres

para aquelle exercicio. Naõ ſó pontual, mas deſvelada para o das Matinas da meya noite. Profeſſa, naõ ſe aproveitou de mais alguma liberdade mais, que para tomar ainda mais tempo para a oraçaõ, ſeu quotidiano paſto. Para a vocal tomava determinado tempo, porque devotiſſima de N. Senhora, ajuntava todos os dias ao ſeu Roſario o ſeu Officio Menor, e muitas commemoraçoens de Santos; aſſim vinha a ſer ſempre o ſeu commercio com Deos. Parca no fallar, naõ permittia, que nem levemente ſe offendeſſe o proximo; defendia-o induſtrioſa, ainda quando a razaõ o culpava, dizendo, que naõ havia nenhuma para negar deſculpas, quando mandava Deos, que a todos ſe deſſem os perdoens.

Amante da pobreza, ſe lhe diviſava no trato da peſſoa, e na deſnudez da cella. Penitente, ſe cortava com diſciplinas amiudadas, e ſe cingia com cilicios de ferro, e com tanta eſtreiteza, que abrindo-ſelhe chagas pela cintura, ſe veyo a ſaber pela cura, que fiou de huma Religioſa, com bem magoa da ſua cautela, que ſem duvida nos ſepultou mayores empregos de ſua penitencia. Sobre os jejuns das Conſtituiçoens accreſcentava muitos, e muy eſtreitos. Chegou-a a pôr o ſeu zelo no lugar de Prelada, que encheo com igual deſvelo, que inteireza, e com hum animo taõ dilatado, que acabou a Igreja (que ficara imperfeita por morte de ſua anteceſſora) com grande diſpendio, ſem perdoar a diligencia, e induſtria, para ajuntallo. Da ſua tença lavrou huma Capella a S. Jacintho, agradecida ao favor de a livrar de huma queixa, a que naõ valeo medicina, por mais que ſe empenharaõ os profeſſores della. Fallando deſta Caſa na terceira Parte da Chronica, conta o ſucceſſo o Padre Frey Luiz de Souſa.

Já carregada de annos, começou a padecer a penſaõ delles nos achaques; foy o primeiro taõ rigoroſo, que lhe tirou a viſta, a que ſe ſeguio dores, que lhe naõ permittiaõ o menor deſcanço, mas taõ conforme com tudo o ſeu ſofrimento, que ſó o preceito da Prelada a fez conſentir em algum remedio. Nenhum foy de proveito: com que lhe veyo a durar com a vida o martyrio. Naõ era outro o alivio delle mais, que retirar-ſe ao Coro, donde gaſtava o dia inteiro, e grande parte da noite. Proſtraraõ-na de todo os achaques, chegou o ultimo effeito delles na morte, pedio os Sacramentos anciosa, e recebeo-os com moſtras de verdadeira contrita. Tinha ſido em vida muy perſeguida de eſcrupulos, eſperava aquella noite a ultima hora, offereceo-lhe o Confeſſor, que ficaria perto do Moſteiro para ſe reconciliar ſendo neceſſario, reſpondeo: *Que já o naõ era, porque Deos lhe acodiria.* Aſſim parece, que foy ſervido de a aliviar daquelle tormento. O meſmo lhe fez ao das ſuas dores, porque aggravando-ſelhe de ſorte, que a naõ deixavaõ parar hum inſtante, e pedindo-lhe ella que, ſe foſſe ſua vontade, lhas temperaſſe, porque queria em ſeu coraçaõ fallar com elle, a deixaraõ de todo deſpois de tantos annos de tormento.

Aſſim

Aſſim livre de toda a afflição, gaſtou muitas horas em huma eſtranha ſuſpenſaõ, e ſilencio, e abrindo os olhos, como ſe deſpertara de hum lethargo, pedio que lhe chamaſſem a Prelada, e mais Religioſas, porque era chegado o tempo de deixallas; e deſpedindo-ſe de todas, perdeo os ſentidos, e como ſe adormecera, paſſou a melhor vida. Entendeo-ſe piedoſamente aſſim, eſcutado tambem o teſtemunho do Padre Fr. Franciſco da Coſta, ſeu Confeſſor de muitos annos, dizendo, que em todos elles lhe naõ achara nunca culpa mortal, e algumas vezes nem venial; e lhe parecia, que naõ podia haver creatura mais miuda, e acautelada em ſua conſciencia, nem mais temeroſa de offender a Deos. Houve tambem (como he tradiçaõ) peſſoa de virtude, que diſſera, que paſſara eſta Madre do leito ao Ceo. Naõ faltou outra, que apontou alguns prodigios, que ſe ſeguiraõ á ſua morte, mas com huma noticia taõ confuſa, que nos naõ dá mais lugar, que a eſta. Faleceo a Madre Sor Maria em 24. de Dezembro de 1630. contava de idade ſetenta e trez.

CAPITULO XX.

Das Madres Sor Maria de Jeſus; e trez irmãas Sor Brites do Sacramento, Sor Anna de Jeſus, e Sor Catharina do Eſpirito Santo, do meſmo Moſteiro da Annunciada.

Sor Maria de Jeſus,

NAõ ſuſpirava menos por ſe ver no ditoſo talamo do Eſpoſo a Madre Sor Maria de Jeſus, que deſpois da Madre Sor Maria das Chagas, veyo buſcar a meſma ventura neſta Caſa; mas parece, que quiz o Ceo, que a deſejos compraſſe o lugar nella, porque aſſim ſe lhe retardou eſte goſto, que o veyo a conſeguir já em idade creſcida, mas com tantos ſeguros de que a tinhaõ violentado os embaraços, que entrando na Portaria, levantou os olhos a hum Chriſto crucificado, e diſſe com voz chea de alvoroço, que lhe naõ cabia no peito: *Graças vos dou, Senhor, que já me vejo no que tanto deſejava!* Quem aſſim deu a entender, que entrava no centro, já ſe entende, que continuaria com goſto; aſſim fazia tudo com acerto, ſervindo, e edificando todo o Moſteiro. Na guarda das Conſtituiçoens eſcrupuloſa, eſtreita, e miuda; naõ ſó nas ſogeiçoens de Noviça, mas deſpois em mayores liberdades de profeſſa. Deſejoſa de ſuſtentar, e recrear a miude ſua alma com o paſto dos Anjos da Euchariſtia, ſofria contrariedades das Preladas, e de algumas Religioſas, que attribuiaõ a hypocrezia aquellas frequencias; naõ era ſua paciencia inferior áquelle deſejo, accommodava-ſe muitas vezes com elle embaraçado, por evitar reparos no Moſteiro.

De noite ſe deſvelava para as Matinas, para a oraçaõ nas madrugadas, inventando deſpertadores para o ſono, que a perſeguia, pelo pouco tempo, que lhe dava. Mas o inimigo, vendo que o empregava na oraçaõ, naõ havia induſtria, ou artificio, que lhe naõ deſmanchaſſe para a deixar adormecer, o que ella ſentia, vingando-ſe delle com nomes de deſprezo, que

que ſe lhe ouviaõ repetir muitas vezes na cella, como ſe o ſeu enfado o tivera á viſta. Ajuntava a eſte deſvelo grandes, e continuas penitencias de cilicios, e diſciplinas, que o demonio lhe naõ podia embaraçar, vingando-ſe em a perſeguir. Aſſim a divertia, e aſſuſtava, apparecendo-lhe em fórmas horriveis, o que lhe ſuccedeo certa noite, eſtando no Coro em Matinas, porque levantando os olhos para a caſa do Orgaõ, que lhe ficava fronteira, vio na porta della, e que a tomava toda, hum medonho Dragaõ com repreſentaçoens de ira, e fereza, os olhos duas vivas labaredas, erguidas no ar as garras, e a cauda ondeada, e longa, como que ſe queria lançar a fazer preza. Entendeo Sor Maria a viſagem diabolica, e ſem ſuſto poz os olhos no chaõ, e foy rezando. Daqui lhe ficou o naõ erguer mais olhos em eſtando no Coro.

Chamava-a a contemplaçaõ a lugares ſolitarios, razaõ porque eſtimou muito o officio, que teve de Cerqueira. Entrava na Cerca, e eſpalhava os olhos com goſto por aquelle Ceo deſcuberto, e dizia com ſingeleza, que em huma occaſiaõ vira nelle huma claridade mais viva, que a do Sol, e que lhe parecera, que raſgando-ſe, moſtrava hum abyſmo de luz, que lhe ferio nos olhos. Paſſava outro dia por huma das ruas da meſma Cerca, e ſuſpendeo-ſe ao ver huma flor taõ fermoſa, e nunca viſta, que convidada da novidade, e da delicia, quiz lançar maõ della, mas mortificando-ſe, paſſou adiante, e ao voltar a naõ achou, nem ſinal de que alli eſtivera, naõ ſendo a detença muita, e eſtando a Cerca fechada. Entendeo logo, como lhe dava o Ceo a entender quanto valia a mortificaçaõ, e que ſem duvida para merecer com ella, lhe pozera aquella flor á viſta.

Pobre voluntaria (porque ſuppoſta a licença dos Prelados, podia ter o uſo da muita abundancia, que havia em ſua caſa) ſe lhe via no habito, e na cella, que nunca lhe eſquecera, que eſta era ſepultura, e aquella mortalha. Singeleza de coraçaõ, em nada achava malicia; com grande ternura delle, que a fazia romper em lagrimas, ouvia fallar na Paixaõ de Chriſto. Com a meſma aſſiſtia ao Menino na repreſentaçaõ do Preſepio, fazendo-lhe algumas jaculatorias taõ pias, e taõ bem diſcurſadas, que bem ſe entendia, que a ſua ſingeleza era dote da alma ſem miſtura de ignorancia.

Contava perto de oitenta annos quando hum achaque a poz ás portas da morte; pedia os Sacramentos com grande reſignaçaõ, e conformidade, admiradas as Religioſas, que toda a ſua vida a viraõ tremer daquella hora, e com igual reparo de a verem ſem o minimo eſcrupulo, ſendo eſtes o ſeu continuo tormento. Na noite que eſpirou, aſſiſtiaõ-lhe já as Religioſas em vigias, e contavaõ duas horas, quando ferio a porta da cella hum grande golpe, como de tiro, que deixou a todas com ſobreſalto, e medo, menos a moribunda, que voltando á porta o roſto, diſſe com voz de motejo! *Ha caõ! e como te conheço!* Entendendo bem,

bem, que era o demonio; nem a taes horas, a tal ſitio, e com tal violencia podia chegar outro braço. Conheceo-ſe melhor o tiro ao outro dia, achando-ſe huma pequena pelota de ferro defronte da porta.

Perguntou logo a enferma em que dia eſtava, e reſpondendo-lhe, que era o de Santa Catharina de Sena, diſſe com alvoroçado ſemblante: *E como entraremos hoje ambas fermoſas, e ayroſas polo Ceo! Ella me levará como minha madrinha.* Era Sor Maria devotiſſima deſta Santa. Apreſſou-lhe o goſto a jornada, e eſpirou com tanto ſocego, como ſe tivera o ſeguro de que fazia a que diſſera. Contavaõ-ſe 30. de Mayo de 1676.

Sor Catharina do Eſpirito Santo.

Com mais antiguidade no dia de ſeu falecimento (que he a que ſeguimos neſtes eſcritos) conhecemos a Madre Sor Catharina do Eſpirito Santo; mas precedeo á Madre Sor Maria de Jeſus, para ficar livre o lugar ás trez irmãas dignas delle. Foraõ ellas Flamengas de naçaõ, tomaraõ o habito, e profeſſaraõ juntas, foraõ igualmente reformadas, e acabaraõ taõ ſantamente, como diraõ eſtas memorias. Foy a primeira a Madre Sor Catharina, e foy eſta Madre huma eſtampa viva de huma verdadeira Religioſa. Correraõ nella parelhas a virtude, e a capacidade, conſeguindo o ſaber repartir ſeu eſpirito nos empregos de Martha, e Maria, parecendo ſempre, que em cada hum delles eſtava toda. Obſervantiſſima nas Conſtituiçoens, adiantava-ſe no exercicio, e eſtreiteza de mais jejuns, continuas diſciplinas, aſperos cilicios. Antes parecia morta, que mortificada, porque o habito (que nunca veſtio novo) era mortalha, eſtreita, rota, e deſvalida, a compoſtura huma imagem da modeſtia; parecia, que o Eſcapulario antes lhe prendia as maons, que lhas diſſimulava; os olhos taõ recolhidos em ſi meſmos, que ſó a ancia da morte, que lhos abrio, acabou de dar a conhecer a cor, que tiveraõ. Teſtemunha-o quem a vio, e tratou. Silencio continuo, mais eſtreito em toda a Semana Santa, em que ſe lhe naõ ouvia palavra.

A caridade para aſſiſtir ás doentes, lhe tirava o ſono; para acodir aos pobres, o ſuſtento. O mayor aceyo do culto Divino a fazia trabalhar engenhoſa, empregando nelle toda a grangearia; luzia ella nos Altares da Igreja, e nas alfayas da Sacriſtia. Eſtes eraõ os empregos do tempo, que lhe ſobejava do Coro, em que naõ faltava dia, e noite, por mais que a diſpenſaſſe o embaraço de qualquer officio. A noite, e dia da Encarnaçaõ paſſava nelle orando, e proſtrada em ſe vendo ſem companhia. Tal a devoçaõ, que tinha com eſte ſoberano myſterio! Era igual a do Naſcimento, e Reſurreiçaõ. Naõ ſe celebrava até aquelle tempo o triunfo della neſta Caſa com ſolemnidade publica; inventou-a ella (alcançada licença dos Prelados) com Sermaõ, e Prociſſaõ feſtiva; diſpendio, que fez toda ſua vida, e ficou a ſuas irmãas em herança. Dura até hoje na devoçaõ de alguma Religioſa.

Abrazava-ſe em zelo da honra de Deos, e obſervancia regular, reprehendendo com inteire-

teireza qualquer quebra della, mas com huma tal doçura nas palavras, que baſtavaõ a reformar, e compungir. Faleceo de achaque rigoroſo, conquiſtando a coroa do ſofrimento, porque até os gemidos, que ſahiaõ natural deſafogo, eraõ proteſtos da conformidade de ſeu eſpirito. Na ultima reſpiraçaõ delle abrindo os olhos, e percebendo-ſelhe hum ſubrizo nos beiços, diſſe, apontando para parte determinada da cella: *Affaſtem-ſe*; *naõ vem*? Suſpendeoſe logo, e eſpirou com ſocego, entendendo as Religioſas piedoſamente, que ſeria a Rainha dos Anjos, de que Sor Catharina era ſingular devota na repetiçaõ de ſeu Roſario, contemplaçaõ de ſeus myſterios; exercicio, a que ſe naõ ſeguem menos lucros.

Trabalharaõ por conſeguir os meſmos, que a boa irmãa, as outras duas, a Madre Sor Anna de Jeſus, e a Madre Sor Brites do Sacramento. No rigor, e auſteridade de vida ſeguio a Madre Sor Anna a Madre Sor Catharina, porque achando-ſe com muitas forças, carregava a maõ nas penitencias. Ardia em zelo da reſórma, e reprehendia com tanta aſpereza, que muitas vezes entrada de eſcrupulo, ſe proſtrava, e pedia perdaõ a quem tinha reprehendido. Era inſeparavel companheira de ſua irmãa Sor Catharina nas aſſiſtencias do Coro, deſvelo da oraçaõ, exercicios devotos, e quotidianos. Ficou por ſua morte com o cuidado, e diſpendio para o triunfo da Reſurreiçaõ, e parece, que ſe pagou o Senhor deſte cuidado, porque em hum dia de Paſchoa paſſou deſta vida com o ditoſo reparo de ſe lhe contar o dia de morrer no de reſuſcitar.

Pagou ultima das trez irmãas eſte tributo, a Madre Sor Brites do Sacramento, a que os achaques prenderaõ deſpois de alguns annos os paſſos, para naõ acompanhar as duas irmãas na aſpereza da obſervancia; mas igual no eſpirito, parece, que ſe adiantava a todas na contemplaçaõ. O Coro era o ſeu centro, as lagrimas as vozes, com que nelle fallava a Deos. Enternecia-ſe á viſta das Imagens, eſcutando a Paixaõ do Senhor, e vendo a repreſentaçaõ do ſeu Naſcimento, e ouvindo as Lendas dos Santos, de que tirava documentos. Tudo o que tocava a Deos, fazia facilmente grande impreſſaõ na ſinceridade, na pureza, na ternura de ſua conſciencia. Obediente, e humilde, entendia, que a todas devia ſogeiçaõ; prodigio deſempenhado ſó de hum eſpirito deſpido, e deſcarnado de todas as paixoens de terreno. Queriaõ ou importunalla, ou ouvilla as Noviças, e emendavaõ-na em alguma couſas, ſahindo as mais prudentes compungidas, e todas doutrinadas de verem ſua ſogeiçaõ, e eſcutarem ſuas repoſtas.

Devotiſſima do Bautiſta, (foy empenho de todas trez) lhe lavrou huma Capella, e compoz com bom ornato, feſtejando nella com grandeza, e alvoroço o dia de ſeu naſcimento. Carregada de annos, e recebidos com doçura de eſpirito os Sacramentos, faleceo em huma madrugada do dia dos Santos da Ordem, em 9. de Novembro

vembro de 1678. Poz-ſe logo, como he coſtume, o corpo no Coro, e anticipou-ſelhe ás exequias a celebridade do dia, como em myſterioſo annuncio das em que aſſiſtiria ſua alma; conjectura piedoſa, e favorecida do teſtemunho de ſeus Confeſſores, que lhe naõ acharaõ nunca culpa mortal.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Elena da Cruz, Sor Maria da Vera Cruz, Sor Catharina da Cruz, Sor Margarida de S. Miguel, e outras Madres de reputaçaõ, e nome; e de duas irmãas Converſas do meſmo Moſteiro da Annunciada.

NAõ deixemos ſem reparo a repetiçaõ de appellidos do ſoberano ſinal da Cruz, que lemos no titulo deſte Capitulo de Religioſas, que floreceraõ juntas, tomando por brazaõ, e credito o meſmo, que lhe havia de ſervir de martyrio, para que ſe naõ entendeſſe, que o ſer cruz o eſtado, que abraçavaõ, as atemorizava, antes ſervindo de lhe auctorizar o nome, as incitava para a obrigaçaõ da vida. Seja a primeira das que fizeraõ taõ ſingular eſcolha, a Madre Sor Elena da Cruz, aparentada na Caſa dos Condes da Ericeira, e criada na ſua com taõ bons enſayos para a vida, que começou neſta Clauſura, como ſe tivera frequentado as covas da Thebaida; aſſim era a ſua cella o carcere voluntario, a que a ſentenceava huma nativa aſpereza comſigo meſma. Mas ſe o ſeu habito no exterior naõ desdizia de mortalha, como lhe naõ ſeria de ſepultura? Andava deſcalça, e ainda que os chapins lhe livravaõ os pés do chaõ, em eſtando donde ſe lhe naõ podeſſem ver, os punha nelle, naõ ſendo menos martyrio o trazellos á inclemencia do tempo.

Sor Elena da Cruz.

Dava pouco ao deſcanço, ſobre huma taboa, e duas mantas, que lhe ſerviaõ de leito. O mais da noite paſſava orando, antes, como deſpois de Matinas, a que aſſiſtia continua, deſvelada, e goſtoſa. Achavaõna aſſim os exercicios penitentes. Muitos jejuns a paõ, e agua, diſciplinas continuadas, cilicios rigoroſos, e mortificaçaõ em todos os ſentidos; mas a mayor, o naõ ſer poſſivel á ſua induſtria, e cautela eſconder aos olhos de toda a Caſa eſtes empregos da ſua vida. Daqui lhe naſceo a mayor deſconſolaçaõ, e martyrio della, deſejando mudar-ſe á Recoleta do Sacramento, naõ ſó porque nella conſiderava as auſteridades ſem diſpenſaçaõ alguma, mas porque alli podia uſar dellas ſem parecer, que ſe ſingularizava. Com eſte deſejo encaminhado a mais perfeiçaõ de vida, a acabou com todos os Sacramentos, e paſſaria a melhorar della, pagando-lhe Deos a reſoluçaõ, e ancia de aſpirar á mais perfeita.

Parece, que o foy a juizo humano a da Madre Sor Maria da Vera Cruz, que já em idade mais creſcida a veyo ſepultar neſta Caſa. Poz diante o exemplo das que achou mais reformadas nella, e ſem admittir diſpenſaçaõ alguma, nem rigoroſos achaques a faziaõ afrouxar na obſervancia. Mas em hu-

Sor Margarida da Vera Cruz.

ma circunſtancia ſe exercitou, e ſe deu a conhecer ſua vida. Era Sor Maria Religioſa de muita capacidade, e preſtimo, mas em tudo o que fazia tinha taõ pouca fortuna, e tal deſagrado ao humano, que já era apodo a ſua deſgraça, para qualquer couſa mal ſuccedida. Aſſim ſe eſquivavaõ com ella, e a motejavaõ até as humildes da Caſa. Mas nem baſtava iſto para exaſperar ſua paciencia, menos ſua obediencia, pondo-a as Preladas em officios, que já pareciaõ eſtranhos nos ſeus annos. Em todos os que viveo, grangeou, para empregar em mayor veneraçaõ, e augmento do culto Divino, devendo-ſe o mayor ornato da Igreja ao ſeu deſvelo, e diſpendio.

Tinha tença larga, e era bem aſſiſtida de parentes, mas em ſua maõ naõ tinha nada; do depoſito paſſava tudo para os empregos, que temos dito, ſem que ſe viſſe na ſua cella mais, que o retrato da mais extrema pobreza. Entrada em annos, e proſtrada de huma doença rigoroſa, ouvio o deſengano de que morria com grande conformidade, igual o aparelho, e devoçaõ com que recebeo os Sacramentos. Durou deſpois alguns dias, e tornando em hum delles de hum parociſmo, em que a rodeou a Communidade, abrio os olhos, e diſſe: *Ainda naõ he tempo, porque eu naõ heide morrer ſe naõ ás Ave Marias.* Pareceo treſvalio, porque ella vivia, e ellas haviaõ de dar-ſe logo. Mas foy couſa digna de reparo, que divertidas as Religioſas com aquella aſſiſtencia, eſqueceo a todas o darem-ſe as Ave Marias ás ſuas horas, e deſpois das oito da noite ſe foraõ dar, e entaõ eſpirou Sor Maria, cumprindo-ſe o que diſſera.

Mais que a Madre Sor Maria, com que agora acabamos, madrugou a Madre Sor Catharina da Cruz, para buſcar eſta Clauſura, porque de mais tenros annos começou a viver nella, e com tanto deſpego de tudo o que he Mundo, e commercio humano, que o meſmo foy profeſſar, que excluir-ſe de todo, ſem ter outro mais que o Divino. Conſelho fora eſte de ſuas tias, (grandes meſtras de eſpirito) aquellas trez irmãas, de que já fallamos no Capitulo paſſado. Aſſim era a ſua vida no Coro. Pelas quatro da madrugada hia para elle, dalli ás funçoens preciſas da Communidade, voltando, o naõ deixava ſe naõ ás dez da noite. Taõ puro, e taõ candido era ſeu coraçaõ, que a naõ eſtranhariaõ no ſeu numero os Anjos, gaſtando a vida em louvores Divinos. Teve dom de lagrimas, linguas com que reſpondia ao ouvir fallar nos beneficios de Deos, eſpecialmente no de padecer para nos remir.

Sor Catharina da Cruz.

Pobre, mortificada, e penitente, foy auſtera no jejum: ſó huma vez no dia tomava o ſuſtento, ſem admittir nunca couſa, que pareceſſe regalo. Devotiſſima da Senhara, e de Noſſo Patriarcha, a nenhum deſmereceo o nome de filha; aſſim conſervou a pureza de ſua conſciencia. Viveo largos annos neſte eſtylo de vida, e chegou a ver a morte affouta, e deſembaraçada. Pedio os Sacramentos entre ardentes ſuſpiros de ver a Deos, e pedindo ás Religio-

ligioſas, que conſolaſſem ſuas ancias, fallando-lhe em couſas do Ceo. Antes de eſpirar, diſſe com ſegurança, acompanhada de hum reverente alvoroço, que a vinhaõ buſcar os Patriarchas, os Martyres, e as Virgens; e logo fallando com Deos, repetia muitas vezes: *Senhor, Senhor, lo dicho dicho.* Conjecturou-ſe, que com o Senhor fizera algum venturoſo contrato em vida, e lho lembrava naquella hora. Propunhaõ-lhe as Religioſas algumas ſupplicas, para que as fizeſſe por ellas a Deos, vendo-ſe em ſua preſença; e ella reſpondia, que ſim, com agrado, e ſegurança. Com toda nos merecimentos de Chriſto, paſſou deſta vida, deixando piedoſas conjecturas de conſeguir a que eſperava.

Sor Margarida de S. Miguel.

Trabalhou por merecella a Madre Sor Margarida de S. Miguel, que diſcipula das grandes meſtras, que achou neſta Caſa, começou a pizar o eſtreito, e trabalhoſo caminho da obſervancia, com tantos lucros de ſua alma, como colhia nos ſuaves frutos de piedoſas lagrimas com que acompanhava ſua oraçaõ. Aſſim adianta Deos os premios a pequenos ſerviços, como melhor conhecem os mimoſos de ſeu Divinos regalos, porque até nas lagrimas ſabem deſcobrillos, melhorando-ſe ainda no que cantava, e promettia o Profeta aos que caminhando pelos deſertos da penitencia, ſemeavaõ boas obras, cultivando-as com lagrimas, para deſpois virem alegres a colher os frutos dellas. Mas eſte he o diſcurſo dos homens, que vem como primeiro ſe lança a ſemente á terra, deſpois ſe rega para fructificar, e deſpois chega o tempo da colheita, e da alegria. Porém naõ he aſſim na diſpoſiçaõ do Ceo com os ſeus ſemeadores, porque ainda que no ultimo da vida ſe colha o fruto da eterna, já ao regar no valle de lagrimas a ſementeira, ſe tem anticipado a doçura nos frutos da eſperança. Por iſſo os que choraõ lagrimas penitentes, na meſma dor percebem ſuavidades. Ainda vaõ regando, e já parece, que vaõ colhendo.

Euntes ibant, & flebant mittentes ſemina ſua, venientes autem venient cũ exultatione, portantes manipulos ſuos. Pſ. 125.

Aſſim o experimentava Sor Margarida em tudo o que lhe podia ſervir de mortificaçaõ, porque eſſe era o caminho do merecimento. Daqui lhe naſcia a inteireza com que obſervava as ſuas leys, ainda que carregada de achaques, porque levantava os olhos a mayores intereſſes. Foy nella rara a cautela de fallar, temendo offender até com huma palavra, como ſe pedira a Deos com o Profeta, que lhe puzeſſe huma guarda na boca. Aſſim era o ſilencio a ſua mais aconſelhada repoſta. Eraõ já muitos os achaques, e os annos, tinhaõna preza, e entrevada huns, e outros; entendeo, que ſe chegava ſua morte, e principiou a devoçaõ, que Noſſo Patriarcha enſinara a huma ſua devota, para que a tiveſſe boa. Rezava (deſpois do Roſario quotidiano) hum Terço, contemplando a cada década o myſterio, que lhe pertencia; era eſta devoçaõ exercicio de hum anno; chegou a Madre Sor Margarida ao fim delle, e diſſe: *Ora já conclui com a devoçaõ: ſe Deos he ſervido, venha embora a morte.* Deulhe logo o mal, que a trouxe, e eſtando já ſacramen-

Pone Domine cuſtodiam ori meo. Pſ. 140.

tada, e confórme com o que Deos diſpunha, como era devotiſſima da Senhora do Roſario, lha trouxeraõ em hum Sabbado para a cella as Religioſas, cantando-lhe a Salve, e Hymnos, de que moſtrou grande conſolaçaõ em ſua alma. Mas acabada eſta muſica, começou a ſoar pelo Moſteiro outra mais ſuave, e peregrina. Correraõ humas Religioſas ao Coro, vinhaõ outras á cella da moribunda, alli ſe percebia com mais clareza, mas em nenhuma parte quem a entoava; ao compaſſo della paſſou Sor Margarida placidamente deſta vida, ficando com os membros taõ trataveis, e huma compoſiçaõ, e fermoſura no ſemblante, como ſe deſconhecera os effeitos da morte.

Deraõ-ſe ſempre bem as maons neſta Caſa a virtude, e a nobreza, que nas filhas de S. Domingos parece herança, porque nelle ſe acharaõ com igualdade huma, e ourra. Nem pareça impropria advertencia da nobreza nas memorias de humas mulheres amortalhadas, retiradas, e eſquecidas até dos eccos da ſoberania, e da vangloria, porque conhecendo-ſe o muito, que pizaraõ nella, venha a entender-ſe melhor o quanto ſe abateraõ fogindo-a. Convidame a eſta reflexaõ o haver de apontar as grandes meſtras de eſpirito, que teve eſte Moſteiro neſte noſſo viſinho ſeculo. Foraõ ellas a Madre Dona Margarida de Vilhena, da Caſa dos Condes de Unhaõ; a Madre Dona Guiomar Henriques de Menezes, da Caſa dos Condes da Ericeira; a Madre Dona Iſabel de Vilhena, da Caſa dos Condes de Miranda; a Madre Dona Maria de Menezes, da Coſa dos Saldanhas; a Madre Dona Maria de Albuquerque, da meſma Caſa; foraõ eſtas Religigioſas muitas vezes Preladas, lugar, que encheo a ſua authoridade, e deſempenhou a ſua virtude. Zeladoras da obſervancia, e da refórma, as faziaõ correr ſem quebra, ſem mais que o exemplo, e muda reprehenſaõ de ſua vida. Carregadas de annos, e agrilhoadas de achaques, naõ afrouxavaõ na guarda das Conſtituiçoens, e continuaçaõ das Communidades, cahindo muitas vezes deſmayadas no Coro, que continuavaõ já ſem alento.

Sor Margarida de Vilhena.

Na caridade avultou mais a Madre Sor Margarida de Vilhena; deſpois de Prelada a viaõ no officio de Porteira, deſvelada naõ ſó em remediar pobres, mas em curar feridos, e doentes. Seguio-a no coraçaõ compaſſivo a Madre Dona Maria de Menezes. Tinhaõ nella mãy todas as Religioſas, experimentavaõ-no melhor as neceſſitadas. Mas o que a fazia ſingular entre todas, era hum genio ſingelo (ſendo dotada de hum entendimento agudo). De nada preſumia mal, e dava a razaõ, dizendo com graça, e agudeza: *Que todas as couſas tinhaõ dous caminhos, hum mao, outro bom; e ſe aſſim era, ſeria ruindade ſua eſcolher o peyor.* Aſſim trazia meditada ſua morte, que por ſua maõ aparelhou a ſua mortalha, advertindo a humas ſobrinhas ſuas o lugar em que a punha, porque naõ tiveſſem o trabalho de lhe fazer outra. Obrigava-a ſua humildade, e huma caridade grande a acodir a qualquer falta em que cahia

Sor Maria de Menezes.

hia alguma Religioſa, eſpecialmente Converſa, com que a cada paſſo a viaõ, carregada de annos, ſervindo no Coro, no Refeitorio, e em tudo de trabalho, que ſe offerecia no Moſteiro. Na Madre Dona Angela de Albuquerque luzio com ventagens o fogo do amor Divino, e entranhavel compaixaõ dos tormentos de noſſo Redemptor. Nada lhe pediraõ pelas Chagas de Chriſto, que em veneraçaõ ſua naõ fizeſſe, por mais difficil que foſſe. Aſſim viveraõ eſtas Religioſas para exemplo, falecendo com demonſtraçoens do que com elle tinhaõ merecido. Serviraõ de grande reputaçaõ a eſta Caſa, e ſaõ, e ſeraõ perpetua ſaudade della.

Mas ſirva-lhe de coroa, como tambem a eſte Capitulo, a memoria de duas Religioſas Converſas, taõ iguaes na obſervancia, e eſtylo penitente de vida, que em huma podia ficar tresladada a de outra, por naõ ſervir a repetiçaõ mais que de malquiſtar a eſcritura, receyo com que muitas vezes recorremos ao eſtylo conciſo, entendendo, que os pleonaſmos mais ſaõ para os Rhetoricos, que para os Hiſtoriadores. Foraõ eſtas duas Religioſas Sor Thereſa do Sacramento, e Sor Paula da Columna. Em ambas ſe vio a obſervancia das Conſtituiçoens á riſca, no ſuſtento de peixe, na lãa junto á carne. Nos jejuns accreſcentava Sor Thereſa muitos de devoçaõ, e entre elles a Novena do Noſſo Patriarcha, e meya Quareſma a paõ, e agua. Seu ſuſtento quotidiano era (e dos mais tenues) de ſobejos, que ſe ajuntavaõ para os pobres. A cama de huma, e outra, huma taboa, e hum cepo por cabeceira; nella tomava Sor Paula poucas horas de deſcanço; ás duas ſe hia pôr em oraçaõ no Coro, Sor Thereſa á huma, ficando no meſmo exercicio até Prima. Em ambas eraõ continuos os cilicios, as diſciplinas amiudadas, e rigoroſas; accreſcentava Sor Thereſa huma Cruz de bicos ſobre o peito.

Sor Thereſa do Sacramento, e Sor Paula da Columna.

Humildes, e obedientes, promptas nas ſuas obrigaçoens, deſveladas com as enfermas, eraõ toda a eſtimaçaõ das Religioſas. Cahio Sor Thereſa de huma febre aguda, que lhe ameaçou a vida, achando-a taõ deſembaraçada do amor della, que dava a Deos graças, porque aſſim o diſpunha. Recebidos os Sacramentos, eſperava o ultimo inſtante, quando parece, que o demonio lhe offereceo, e propoz alguma culpa antiga; inferio-ſe aſſim da repoſta, porque ſe lhe ouvio dizer com eſperteza: *Aſſim he; mas já o tenho confeſſado.* Pedio, que lhe leſſem huma oraçaõ de S. Gregorio Papa, de que era devotiſſima, e ouvindo-a com demonſtraçoens de compunçaõ, e ſuavidade de eſpirito, paſſou deſta vida com admiravel ſocego.

Naõ o achava nella Sor Paula, aſſim vendo-ſe carregada de annos, ſuſpirava paſſar á verdadeira, a adorar o Senhor, de quem a eſperava. Entre eſtas ancias a viaõ muitas vezes banhada em lagrimas ſaudoſas. Aſſim chegou a confeſſar a huma companheira de confiança, achando-ſe proſtrada de huma mortal doença, que o que mais a affligia, naõ eraõ as dores, ſenaõ aquellas ſaudades; como

ſe

ſe ſentira com David os vagares do tempo, que ſendo breve para a vida, era prolongado para o deſterro. Obrigou-ſe o Ceo daquelle deſejo, e apreſſou-lhe a morte, e ella como ſe tivera conhecimento da ultima hora, pedia ás Religioſas, que ſe naõ deſvelaſſem com a ſua aſſiſtencia, que ella as chamaria. Chamou-as deſpois, e ſabendo, que horas eraõ, pedio a véla, e a Imagem de hum Crucifixo, e em ancioſos colloquios, em que já cançada a voz, fallavaõ ſó os latidos do coraçaõ, lhe entregou o eſpirito em hum eſtreito, e venturoſo abraço.

Heu mihi quia incolatus meus prolongatus eſt. Pſ. 110.

CAPITULO XXII.

De Sor Iſabel dos Anjos, e Sor Fauſtina das Chagas, Converſas da meſma Caſa da Annunciada.

BEm afortunada Caſa, adonde as Religioſas Converſas deſempenhaõ eſte nome com a vida, ſendo tal ſua converſaõ, que com ella naõ ſó ſervem a todas de exemplo, mas á meſma Caſa de credito. Deſte numero foy Sor Iſabel dos Anjos, que lembrada naõ menos do nome de Iſabel, ſe conſagrou ao grande Bautiſta, deſde que entrou neſta Caſa, como quem o buſcava para exemplar da pureza, e penitencia. Vio-ſe o que lhe importou a devoçaõ na refórma de ſua vida. Regulada eſta pelas leys da Religiaõ, ainda ſe adiantava a mayor aſpereza. Veſtia lãa junto á carne; naõ a admittio por ſuſtento em toda ſua vida. Peixe raras vezes; hervas, legumes, ou couſa tenue era o ſeu prato, aſſim o ſeu jejum eſtreito. Oraçaõ muito amiudada, ſempre proſtrada por terra. No trato exterior de ſua peſſoa, e no de ſua cella, pobriſſima, e reformada. O habito, mortalha gaſtada, e velha. Na cella huma Cruz de pinho, e hum banco. A cama huma taboa por colchaõ, huma trave por cabeceira, e a cuberta de huma manta. Naõ lhe valiaõ os privilegios de achacada, para afrouxar nos exercicios da penitencia. Com elles ſe diſpunha para chegar á Meſa dos Anjos. Viaſe-lhe o fervor com que ſe aparelhava; e chegava a ella com a compunçaõ com que della ſahia. Bem alcançava, que toda a riqueza de huma alma eſtava naquelle penhor da gloria. Parece, que lhe accendeo eſta devoçaõ hum caſo, em que ſe entende lha fomentava o Ceo.

Sor Iſabel dos Anjos.

Grangeava Sor Iſabel por ſua induſtria com que feſtejar as Imagens, de que era devota, como lhe ſuccedia com o ſeu Bautiſta, a que todos os annos fazia a feſta. Achava-ſe huma vez com algum dinheiro, e com o cuidado de ſaber empregallo. Recorria nas perplexidades, ou apertos em que ſe via a huma Senhora, a que ſervia, com ſingular affecto. Vai-ſe ao ſeu Altar, proſtra-ſe diante da Imagem ſagrada, e adormece, propondo, e repetindo a ſua duvida. Eis-que ouve em ſonhos huma voz, que lhe dizia: *Meu filho eſpera a ſua feſta, e tu naõ lhe dás eſmola, para que ſe lhe faça?* Andava neſte tempo afflicta a Prioreza, porque ſe achava perto da celebridade do Corpo de Deos, e via-

ſe

ſe ſem Juiz, nem poſſes para lha fazer. Acorda Sor Iſabel alvoroçada, leva o dinheiro á Prioreza, que foy tanto, que baſtou para o gaſto, ficando Sor Iſabel lembrada, e agradecida de que o Senhor a fizeſſe ſua depoſitaria. Correo por ſua conta dalli em diante o gaſto das Hoſtias, que muitos tempos fez por ſuas maons, edificando-ſe quem alguma vez a vio ir para eſta occupaçaõ.

Hiaõ pelas trez horas de madrugada, ella, e outra companheira (era eſta Sor Fauſtina, de que tambem temos aſſumpto para eſta eſcritura) ambas deſcalças com a decencia, e aceyo poſſivel, e convidando alguma Religioſa do Coro, que conheciaõ mais devota deſte myſterio, entravaõ em Caſa deputada para eſte ſuave trabalho, e começavaõ a fazer as Hoſtias, ou obreas, eſtando ſempre de joelhos, e eſcutando os Hymnos do Sacramento, que entoava a Religioſa, que fazia companhia. Na verdade grande, ainda que muda, reprehenſaõ para envergonhar, e confundir o pouco reſpeito, e decencia com que ſe trataõ, e apuraõ as alfayas, que em algumas Caſas de Deos tem ſerventia para aquella Meſa immaculada, como tambem a pouca attençaõ, e reverencia com que alguns por eſſes Templos a vem poſta, e já que ſe naõ aproveitem della, nem ſe quer ſe ſuſpendem para adoralla!

Attendia a Prelada ás poucas forças de Sor Iſabel, e aſſim a occupava em trabalho mais ligeiro. Tinha agora a ſeu cargo a limpeza do Clauſtro, e cultura do jardim. Deteve-ſe huma tarde na cella (antes de deſcer a ella) com a quotidiana liçaõ de livros devotos, e foy o daquelle dia o da vida de Santa Catharina de Sena, de que era devota; chegara a ler aquelle favor grande, que o Senhor fizera a ſua Eſpoſa, dando-lhe hum precioſo anel para prenda, ſegurança, e laço daquelle ſoberano deſpoſorio. Com eſta repreſentaçaõ viva em ſua alma, ſe inflammou Sor Iſabel em huns vehementes deſejos de ſer digna de ſimilhante prenda, mas confundindo-ſe com reconhecer em ſi todas as improporçoens para ella. Com eſte deſejo, e deſengano deſceo ao jardim, e começando a mover a terra com hum ſachinho, eis-que entre ella diviſa hum anel ao parecer de tambaca. Lança maõ delle aſſuſtada, e confuſa, (pelo que naquelle inſtante imaginava, e lhe ſuccedia) e vê, que ſe fechava o circulo do anel com duas maons enlaçadas. Guardou-o como myſterioſo, mas duvidando do que lhe dava a entender o ſucceſſo. Iſto foy o que ſe alcançou delle; ſaberia mais circunſtancias o Meſtre Inquiſidor Frey Pedro de Magalhaens, que como ſeu Confeſſor, tinha toda a noticia de ſua conſciencia, e ficou em ſua maõ o anel, porque na occaſiaõ, em que entrou neſta Caſa a darlhe o Viatico, lho tirou do dedo. Naõ deixava de conhecer a precioſidade da peſſa quem ſe contentava com ella por herança.

Pagava o Ceo a Sor Iſabel eſtes, e outros ſantos deſejos (que valiaõ muito para elle acompanhados, e favorecidos do penitente, e do puro de ſua vida,

da, e ſua conſciencia) com o favor de algumas viſoens, em que ſó foy teſtemunha a ſinceridade, e ſingeleza com que ella as repetia, e a grande opiniaõ, que ſe tinha grangeado neſta Caſa. Muito antes de vir para ella, ſe ſoube de alguma, de que teſtemunhou a experiencia. Nós naõ authenticamos, eſcrevemos ſem nos alargar a mais, que á advertencia de que a tradiçaõ foy de Religioſas fidedignas, e da meſma Caſa, e muitas, que conheceraõ, e trataraõ a Sor Iſabel; mas paſſemos ao primeiro ſucceſſo.

Laſtimava-ſe a mãy de Sor Iſabel com a falta de noticias de ſeu marido, que havia tempo ſe tinha embarcado, quando hum dia, eſtando Iſabel á janella (era ainda de idade tenra) eis-que de improviſo levanta a voz, e começa a repetir aſſuſtada: *Ay! que meu pay cahio no mar, morreo?* Levanta-ſe a mãy affligida, e caſtiga a menina indignada, naõ lhe tardando o deſengano do que acertara a filha, porque ſoube como com aquelle genero de morte no meſmo dia, e hora ficara viuva. Similhantes caſos ſuccederiaõ a Sor Iſabel, até a idade de recolherſe; naõ ſe alcançou eſſa noticia; daremos alguma do que ainda hoje ha teſtemunhas neſta Caſa.

Adormecera em huma occaſiaõ Sor Iſabel ao pé do Altar da ſua Senhora; acorda aſſuſtada, dizendo ás que lhe perguntavaõ o que tinha, que ſe chegava ſua morte, porque a ſua Senhora lhe diſſera: *Que ſe aparelhaſſe, porque em huma Paſchoa faleceria.* Inſtava a do Natal; diſpoz-ſe entendendo, que ſeria eſta. Naõ o foy agora, mas dahi a alguns annos outra.

Proſtrada no Coro em oraçaõ a tempo, que as Religioſas rezavaõ nelle, vio algumas (que eraõ já falecidas) que entre as vivas eſtavaõ pagando leviſſimas culpas. Deſpois o diſſe, entendendo-ſe, que ſeriaõ defeitos na aſſiſtencia do Coro, e Officio Divino. Mas accreſcentava, que ſendo leves as culpas, naõ o eraõ aſſim as penas. Orava outra vez, quando vio, que diſcorria pelo Coro hum carrancudo, e feyo bugio, que naõ duvidou ſer o demonio; era em Matinas pela meya noite, e andava como tentando as Religioſas, ſeria ſem duvida com a frouxidaõ, e o ſono; porque a huma, que Sor Iſabel vio dormindo, diſſe ao outro dia: que era certo, que naõ dormiria a noite antecedente tanto no Coro, ſe vira nelle o que ella tinha viſto.

Recolhia-ſe huma noite já tarde do Coro para a cella, quando vio, que paſſando de hum Dormitorio a outro, hia o Senhor Jeſus com hum pezado madeiro ſobre os hombros, e ſe recolhia na cella de huma Religioſa Converſa. Era em tempo em que eſta menos merecia aquella viſita, pelo que ſe deſcuidava das obrigaçoens de Religioſa. Contou-lhe Sor Iſabel o que vira, e conheceo-ſe o effeito na emenda. Cançada em fim de annos, e trabalhos, e arrebatada de huma violenta apoplexia, paſſou deſta vida, recebidos os Sacramentos, como em premio della, em huma Paſchoa da Reſurreiçaõ, como lhe advertira a ſua Senhora, em 19 de Abril de 1661.

Mas ſiga neſta eſcritura (como

Sor Fauſtina das Chagas.

mo o fez na vida) a Sor Iſabel , Sor Fauſtina das Chagas ſua companheira, e taõ grande ſua imitadora , que já na primeira deixamos raſcunhada a ſegunda. Fez nella a ſympatia da virtude huma inſeparavel amiſade, que ſem duvida valeo muito a Sor Fauſtina pelos annos adiante ; porque tomando o habito neſta Caſa, paſſou os primeiros de ſua vida , com menos attençaõ á refórma della. Porém o piedoſo genio, de que o Ceo a dotara , parece que a diſpoz para os aviſos, com que ſe reduzio a verdadeira Religioſa. Apontaremos hum delles. Paſſava em huma madrugada a parte deſviada do Moſteiro , que ficava no cerco delle, quando a aſſuſtou huma claridade grande, que vio logo procedia de fogo, e entre elle a huma Religioſa. (que havia pouco falecera na Caſa) Entendeo-ſe, que lhe pedio algum ſoccorro de oraçoens ; e ſervio a Sor Fauſtina de mayor aſſombro ouvir, que ainda o neceſſitava huma Religioſa , que no voto de todas fora de inculpavel vida.

Trocou-ſe desde aquelle inſte a ſua, e ſem duvida, ſe deveo a mudança ao ſucceſſo, que ella fiara de huma amiga , por quem deſpois ſe divulgou na Caſa; eſcolheo logo por cama huma taboa, e com huma manta, e huma pedra por cabeceira, dava poucas horas de deſcanço ao corpo, attenuado de rigoroſos jejuns. Eraõ elles taõ eſtreitos, que huma unica vez, que comia no dia, naõ era carne , ou peixe , mas quaſi ſempre hum pouco de paõ, do que ſe amaſſava para os pobres, ou que ella amaſſava com cinza, ajuntando-lhe o conduto de alguma laranja azeda , ou humas folhas de louro. As diſciplinas eraõ rigoroſiſſimas , ſem haver parte do corpo, a que naõ chegaſſem os golpes della; á imitaçaõ ſeria do Senhor, que a Igreja nos repreſenta prezo á Columa. Para ſe ferir como eſta impiedade, ſe fechava em parte retirada , adonde ſe entende vio , e encontrou materia, do ſuſto, e medo, que lhe durou toda ſua vida , valendo-ſe para o ſocego della , da cella, e companhia de Sor Iſabel , de que ſó ſe fiava.

Reduzida a huma extrema pobreza, e com hum deſprezo, e deſpego de tudo o que ſe eſtima na terra , pedia de eſmola algum habito velho , que por ſua maõ reduzia a feitio, antes de mortalha , que de habito. Em ſendo noite, deixava o calçado, por mais que a ameaçaſſe o rigor do tempo , e o ſitio das officinas aſpero, e deſabrigado. O ſeu eſtylo de vida foy ſempre igual; ſatisfeitas as obrigaçoens da Caſa, ſe hia para o Coro das Converſas , e lançada por terra , orava. A's ſete horas ſe recolhia para a cella, e Sor Iſabel, ſua companheira, ás duas de madrugada, eſtavaõ ambas no Coro , deſpois que naõ poderaõ continuar as Matinas, a que muitos annos aſſiſtiraõ naõ obrigadas. Frequentava os Sacramentos com piedoſas demonſtraçoens , ſó á noite ſe desjejuava neſſe dia. Da Meſa da Communhaõ ſahia como ſem alentos, e ſem ſentidos, e buſcando algum lugar mais retirado, ſe lançava por terra, ficando por muitas horas como deſacordada.

Aſſim ficava muitas vezes ouvindo as Lendas dos Santos. Diſcipula da aſpereza com que ellas ſe trataraõ neſta vida mortal, ſuſpirava por vida de mayor aſpereza. Entrou em penſamentos de ſe paſſar para o Moſteiro do Sacramento, ella, e Sor Iſabel ſua companheira, brindando-lhe a Caſa, com a inteireza de naõ aceitar diſpenſaçaõ alguma; mas fazendo ambas repetidas diligencias, de repente ſuſpenderaõ todas, e houve Religioſa, que lhe ouvio dizer algumas vezes: *O certo he, que onde Deos nos chama a primeira vez ahi he que nos convem eſtar.* Naõ he pouco credito para eſta Caſa, o naõ permittir o Ceo, que ſe preferiſſe outra, em eſcolha de reforma; e grande argumento de qualificar a que ſe obſerva nella.

Era fervoroſa ſua caridade, com as enfermas eſpecialmente; e parece, que ſe obrigava o Ceo do ſeu deſvelo, como veremos em hum caſo. Era pelo mez de Mayo, quiz a Prioreza, que ſe fizeſſe hum pouco de aſſucar roſado para huma enferma; comprou-ſe á porta por boa contingencia hum paninho de roſa, e trouxeraõ-no a Sor Fauſtina, que com algumas Religioſas eſtava na officina em que ſe faziaõ os doces. (que entaõ eſtava a ſeu cargo) Eſtava ao meſmo tempo enferma, e com cruel faſtio Sor Iſabel ſua companheira, e deſejava muito hum par de ginjas; naõ as diſpenſava ainda o tempo, que eſtava o mez no principio. Affligia-ſe Sor Fauſtina com o deſengano de naõ alcançar aquelle desfaſtio. Pegou agora no pano da roſa, e diſſe com ancia: *Podera Noſſo Senhor (aſſim como com falta della trouxe eſta roſa) deparar nella humas ginjas para ſe aliviar aquella enferma!* Abria o pano acabando de o dizer, eis-que ſobre a roſa vê hum mólho de ginjas. Sempre he incredula a virtude favorecida, porque ſempre tem por curto, e improprio o merecimento. Corre á porta, pergunta á mulher da roſa, ſe trouxera as ginjas entre ella. Reſponde a mulher eſtranhando a pergunta, que mal traria fruta, que ainda ſe naõ achava. Admiraraõ-ſe todas, ſó Sor Fauſtina ſe confundia, e ſepultava no centro de ſua humildade, aſſim porque entendia naõ merecer aquelle mimo, como por ver, que lhe apanhavaõ nas maons aquelle fruto; mas dando em ſeu coraçaõ graças ao Senhor, que para favorecer a huma Iſabel convertia as roſas em ginjas, como no regaço de outra trocara o dinheiro em roſas. A mais ſe eſtendia a piedade com os doentes. Tinha grande fé com o Bautiſta, como grande devota ſua. Serenava na ſua noite muita agua, e dando-a deſpois a varios enfermos, ſe viaõ effeitos milagroſos.

Faleceo Sor Iſabel ſua companheira, a eſta magoa ſe lhe ſeguio a deſconſolaçaõ de perder a viſta. Entendeo-ſe, que ſeria o motivo huma claridade grande, que em certa occaſiaõ ſe lhe repreſentou no Ceo; naõ ſe ſoube de mais particularidade; ſoube-ſe ſó, que algumas vezes diſſera: *O meu Bautiſta me tirou a viſta, elle ſabe o que convinha á minha alma.* Era zeloſa da honra de Deos, e da refór-

reſórma do Moſteiro, rompendo muitas vezes com ſanta impaciencia a reprehender algum deſmancho, que via. Mas naõ faltavaõ deſattençoens, que a injuriavaõ, tratando-a como tonta, e outros deſabrimentos, que eſcutava ſofrida, e muda. Faziaõ-na mais timorata, e eſcrupuloſa caſos prodigioſos, de que o Ceo lhe diſpenſava a noticia. Vio huma Religioſa (que falecera na Caſa com opiniaõ de perfeita) cercada de huma viva labareda e ouvio, que lhe dizia que vinha pagar a culpa de naõ aſſiſtir por coſtume ao De profundis, que ſe reza antes de entrar na meſa.

Eſta foy a vida de Sor Fauſtina, ou o que ſe pode colher della. Dos mimos, e favores, que Deos lhe diſpenſaria, podia teſtemunhar ſó o ſeu Confeſſor o Meſtre Frey Pedro de Magalhaens, de quem muito acaſo ſe alcançou huma carta, que lhe eſcrevia, aconſelhando-a: *Que quantos mais favores recebia de Deos, tanto mayor devia ſer ſua humildade; e que lhe lembrava, que Santa Catharina de Sena, por voltar huma vez os olhos, perdera a preſença de Deos.* O que daqui ſe póde inferir he muito; o que ſe ſabe, o que eſtá eſcrito. Com eſte genero de vida, que diſſemos, continuado em boa velhice, a alcançou a morte de hum accidente. Ungiraõ-na, e viveo trez dias nelle ſem acordo. Só ao Ceo, que aſſim o permittio, ſaõ reſervadas as razoens, porque aſſim a chamou. Faleceo em 12. de Abril de 1671.

CAPITULO XXIII.

Da Madre Sor Leonor de Santa Thereſa, da meſma Caſa da Annunciada, e algumas particularidades della.

COncluamos as memorias deſta Caſa com huma, que digna deſta eſcritura, lhe ſerve de aſſumpto, conſeguido no meſmo anno, em que a vamos proſeguindo. He ella da Madre Sor Leonor de Santa Thereſa, cuja vida tem tantas teſtemunhas, quantas ſaõ as Religioſas, que ao preſente vivem neſta Caſa, em que deixou ſem controverſia o nome, e opiniaõ de mulher ſanta, naõ ſendo eſta circunſtancia de menos pezo para ſeu credito, por ſer vulgarmente o voto domeſtico vario, e deſcontentadiſſo, ou porque o governa antes, que a razaõ, o agrado, ou porque tambem a virtude (entre quem pouco a conhece) perde no commercio, ſendo a verdadeira a que menos ſe avalia, por ſer a que mais ſe acautela. Foy a Madre Sor Leonor filha de pays igualmente nobres, ricos, e temente a Deos, emprego em que ſe adiantou ſua mãy, continuamente occupada nos exercicios de caritativa, que cahindo enferma de mal, que lhe tirou a vida, mereceo ouvir trez vezes huma voz, que clara, e diſtincta lhe dizia: *Conſtança* (era eſte o ſeu nome) *a Madre de Deos te aviſa que deſta morres.* Aſſim faleceo com tanto ſocego, como quem mereceo, e ſe ſoube aproveitar daquelle aviſo. Eſtes pays foraõ o eſpelho, em que Leonor começou *Sor Leonor de Santa Thereſa.*

a enſayar as primeiras acçoens em que a razaõ teve voto, e o genio exercicio, parecendo os ſeus já naquella idade tenra frutos do mais meditado deſengano da vida. Contemplava aſſim a duraçaõ ligeira, e inſtantanea de tudo o que ſe eſtima nella, que vendo em ſua Caſa praticar no muito, que ſeus pays poſſuiaõ, e tinhaõ junto de fazenda, perguntou a hum criado (que era o ſuperintendente della) com diſcreta ignorancia: *Se por ventura era eterna eſta vida?* E reſpondendo-lhe elle: *Que era de Fé que tudo ſe havia de acabar*; accreſcentou Leonor: *Pois ſe iſto naõ he eterno, para que he deſvelar tanto por iſto?*

Alcançava, que ſó ſe deviaõ empregar as diligencias, e as fadigas, pelo que eternamente ſe havia de lograr ſem ellas, e punha em execuçaõ eſte penſamento, levando-lhe ſó os cuidados os intereſſes do eſpirito. Caritativa, era com ſeus pays a mayor procuradora da pobreza; penitente continua em repetidos, e eſtreitos jejuns; contemplativa, gaſtava a mayor parte da noite orando, e o pouco, que lhe reſtava, deſcançando em huma cortiça. Com a idade creſcia aquelle conhecimento, com que pizava o Mundo, voltando-lhe por muitas vezes as coſtas ás offertas de nobres, e opulentos deſpoſorios, que pertendiaõ tanto como ſeu dote, e fermoſura, ſua modeſtia, e prudencia. Mas foy caſo digno de reparo, que o meſmo era tratar ſeu pay de lhe eſcolher, e contratar eſpoſo, que perder eſte a vida, como ſe Deos a zelaſſe já eſpoſa, ou quizeſſe moſtrar, que para tal a eſcolhia. Repetido eſte ſucceſſo, entrou Leonor em reconhecimento de que naõ podia ſer acaſo, e correſpondendo com a reſoluçaõ ao conſelho do Ceo, (ſeguindo os paſſos da Santa Princeza Joanna, a quem o meſmo ſuccedera) deſenganou o pay, que terceira vez lhe propunha eſte genero de vida, e paſſou a ſepultalla em a Clauſura deſta Caſa, ſenteceando-ſe a perpetua eſcrava daquelle Senhor, que a chamara eſpoſa.

Uſou toda ſua vida eſtamenha junto á carne, ſeu ſuſtento, peixe. Diſciplinas largas, e rigoroſas. Cingio-ſe de hum cilicio taõ eſtreitamente, que ſe movia com difficuldade. Na meſa mortificada, e abſtinente. No Coro continua, e com mais deſvelo, e goſto nas Matinas da meya noite. Ouvindo tocar a ellas, ſe punha de joelhos, rezando o Cantico *Te Deum laudamus*, dando a Deos graças pela que áquella hora recebeo o Mundo, vendo-o naſcido. Dava poucas horas ao deſcanço, levando-lhe a oraçaõ quaſi todas as que na noite lhe reſtavaõ do Coro. Rara ſua pobreza; via-ſelhe no habito, via-ſelhe na cella, porque huma groſſa tença, que tinha, deſtinava ao ornato, e peſſas de valor da Igreja, de que ainda ſe vem hoje nella dous frontaes de prata. Deſvelada na obſervancia, igualmente tinha zelo para reprehender deſmanchos, e paciencia para ſofrer deſabrimentos, frutos, que ſe coſtumaõ colher de pertender aquelles emendados. Humilde, nunca perdeo occaſiaõ de abater-ſe, entendendo ſempre, que em tudo ſe lhe

lhe adiantavaõ todas; mas deſcia ainda mais eſte abatimento na profunda conſideraçaõ do nada, que eraõ as creaturas diante de Deos, que he tudo, como ſe a adeſtrara o penſamento de David, que poſto na preſença de Deos, confeſſava o nada, que era. Daqui lhe naſcia o profundo reſpeito, com que aſſiſtia aos Officios Divinos, e nos lugares ſagrados. Correndo por ſua conta as alfayas da Sacriſtia, de joelhos gaſtava muitas horas no concerto, e aceyo dellas.

Subſtantia mea tanquam nihilum ante te. Pſ. 38. Cum eſt coram Deo in oratione tunc videt ſe nihil eſſe. Hugo hic.

O exemplo de ſua vida a poz no lugar de Meſtra das Noviças, a que baſtava para doutrina, e advertencia o exemplo de ſua vida. Coſtumaõ ellas rezar todos os dias o Terço á Senhora do Roſario, que tem no Oratorio do Noviciado; continuavaõ hum dia eſta devoçaõ, e interrompida a reza, (com a inquietaçaõ de todas pela traveſſura de alguma) as reprehendia a Meſtra, e vendo que naõ baſtava, levantando a maõ, deſcarregou em ſua propria face rigoroſos golpes, e rebentando-lhe nos olhos o ſangue das lagrimas, lhes diſſe: *Quero em parte ſatisfazer os aggravos, que eſtais fazendo a Deos, fallando com elle, e com ſua Mãy Santiſſima com taõ pouco temor, e decencia.* Paſmaraõ as diſcipulas; e ficando naõ ſó emendadas, mas compungidas, acompanharaõ ſuas lagrimas. Elegeraõ-na Prioreza, occupaçaõ fóra de toda a ſua eſperança, e diligencia; entendendo-ſe, que era aſſim vontade de Deos, pela ſogeiçaõ com que a aceitara. Governou com inteireza, e affabilidade; grandes eſtradas, para adiantar reformas, e attrahir ſubditas. Teve pouco tempo eſta occupaçaõ, tirando-lhe a vida o exceſſo dos achaques, que por nove annos foy o purgatorio della.

Naõ ficaria ſem premio aquelle zelo, e eſta tolerancia, mas tudo ſepultou ſua modeſtia. Sabemos ſó, que muitas vezes teve anticipadas certezas da morte de algumas peſſoas. Eſpecialmente da de hum ſobrinho ſeu, que faleceo diſtante. De mayores theſouros ſeriaõ ſeus Confeſſores depoſitarios, mas permittio Deos, que ſendo elles quatro, o Padre Manoel Monteiro, Provincial, que foy da Companhia, o Meſtre Frey Fernando Soeiro, o Meſtre Frey Ignacio da Coſta, e o Meſtre Inquiſidor Frey Gonçalo do Crato, a todos venceſſe ella em dias, naõ nos ficando mais que a noticia, que temos dado, e a pureza de conſciencia com que acabou os ſeus, teſtemunhando o Confeſſor (que a ultima vez a ſacramentou) que aſſim a achara inculpavel, que pedindo-lhe materia para a abſolviçaõ, recorrera ella á vida paſſada, e ſe confeſſara geralmente com admiravel brevidade. Recebeo o Viatico com grande conſolaçaõ de eſpirito, porque precedendo alguns vomitos, entrara em receyos de naõ recebello. Aſſim acabou fazendo huma proteſtaçaõ da Fé, repetindo finas jaculatorias a ſeu Eſpoſo, e deixando as Religioſas igualmente ſaudoſas, que compungidas; doutrinadas, que invejoſas. Achou-ſelhe em hum braço eſculpido o final da Cruz, que ſem duvida abriria a violencia do fogo,

fogo, como ſe lê do noſſo Beato Henrique Suzo. Era aquella a marca, com que ſe deſtinara a ovelha do rebanho de Chriſto. Faleceo em 24. de Mayo de 175.

Sor Anna de S. Jacintho.

Acompanhe eſta grande Meſtra huma diſcipula ſua, imitaçaõ, e retrato de ſua vida, verdadeira Irmãa no habito, e no eſpirito, como o foy no naſcimento, a Madre Sor Anna de S. Jacintho; que recolhendo-ſe em idade tenra com ella neſta Clauſura, aſſim ſoube aproveitar-ſe do que via, e obſervava na boa Irmãa (a que deveo a educaçaõ, e cuidado de mãy) que em poucos annos encheo empregos de muitos; porque de quarenta e dous paſſou deſta vida com o nome, e opiniaõ de perfeita Religioſa. Incançavel na aſſiſtencia do Coro, (adonde a veneraçaõ do Santiſſimo a teve ſempre em pé, ou de joelhos, e ſentando-ſe ſó na alternativa dos Pſalmos) cuidadoſa na mayor decencia do culto Divino; deſvelada nas neceſſidades do proximo; penitente, humilde, e zeloſa da obſervancia; virtudes, que parece lhe apreſſaraõ a morte, por lhe naõ dilatar a coroa.

Sor Ignez de Jeſus.

Mas ainda que alarguemos notavelmente eſte Capitulo, (por ſe dever introduzir nelle eſta memoria) coroe as glorioſas filhas deſta Caſa huma illuſtre Converſa, digna de encher o numero das que, ſouberaõ ennobrecella. Foy eſta Sor Ignez de Jeſus, que lembrada ſempre de que o era, obſervante a moſtrou no ſeu eſtado; eſpoſa o confirmou por voto. Obſervando os da Religiaõ no Moſteiro, a que a deſtinou o Ceo, voltou as coſtas ao Mundo; que injuriado da ſua conſtancia, lhe negou os alimentos, que lhe podiaõ facilitar o lugar de Freira do Coro, ficando no de Converſa, em que deſtinada a ſervir, vio no muito, que grangeava, o pouco que perdera.

Aſſim o moſtrou logo na ancia, com que abraçava tudo o que a podia abater, e mortificar; taõ deſpida dos commodos da vida, que até renunciou o commum de huma cella, como eſpoſa de quem naõ teve em que reclinar a cabeça. Aſſim ſe lhe impoſſibilitou o deſcanço, que ſó como foro da natureza, pagava eſcaçamente, e em partes, em que até o ſocego era ſacrificio. Entrou o preceito do Confeſſor a evitar o damno, que ſe ſeguiria ao mao tratamento; obedeceo Ignez, contrapezando nas reſignaçoens de ſogeita todas as reſoluçoens de mortificada.

Filius autem hominis nõ habet ubi caput reclinet. Lucæ 9. 58.

Mas appellando á liberdade do que eſtava na ſua maõ, alcançou a diſciplina, com que (inexoravel ao que podia pedir hum corpo cortado de continuo trabalho) ſe feria na noite trez vezes, devendo ao ſeu Santiſſimo Patriarcha o exemplo, e ao ſeu rigor o ſaber deſempenhallo; e porque a naõ inquietaſſe o eſcrupulo de que naõ ſeria taõ deſabrida comſigo, tornava a aggravar os golpes com huma lixa, com que os esfregava.

Nos jejuns, ſendo ſevera obſervante dos da Ordem, naõ o era menos nos outros, todos continuos. Naõ ſatisfeita com roubar ao corpo, e ao ſuſtento o uſo da carne; a brandura do linho, o commodo do leito,

a re-

a refeiçaõ do ſono, o reduzio a hum continuo martyrio trazendo ſobre o peito huma Cruz de ferro, ſemeada de pontas, de que pendia huma medalha, que rodeada das meſmas tinha no meyo a eſtampa de ſeu Eſpoſo, na repreſentaçaõ de menino, e eſte era o ſinete com que fechara o coraçaõ ao Mundo. Cingia-lhe a cabeça huma coroa de eſpinhos, naõ lhe cuſtando talvez tanto o ſentilla, como o diſſimulalla.

Engenhou huma Cruz, em que trez horas eſtava cada dia, como crucificada. Aſſim rezava o Roſario. Aqui, e em outras occaſioens de ſolidaõ (que buſcava, para tratar com deſafogo de eſpirito a ſeu Eſpoſo) vingava os deſejos, que ſempre teve de ſer Freira do Coro, naõ por pertender mais reſpeitos, mas para entoar todas as horas os louvores Divinos. Eſſa ancia a fez traduzir (naõ ſe diz com que induſtria) alguns Hymnos, e Canticos do Officio Divino, que eraõ o ſeu recreyo.

Na occupaçaõ de Converſa (que he neſta Caſa a mais penoſa) excedia a todas na vigilancia, e na humildade, contente, e ſatisfeita em deſempenhar no que podia as proporçoens de eſpoſa, pois o era de hum Eſpoſo, que para o ſer, ſe fez Servo. Aſſim celebrava com actos (ainda externos) de veneraçaõ profunda, e devoçaõ exceſſiva, aquelle ineffavel favor, em que o Senhor no Sacramento ſe enlaça com as almas, que o ſabem receber diſpoſtas; e aqui ſe entendia lhe communicava o meſmo Senhor algumas illuſtraçoens, que ſe lhe percebiaõ no ſemblante, ſempre inflammado com o reflexo, que lhe rebentava do peito.

Eſtas eraõ as faiſcas, que lhe ſahiaõ do coraçaõ, em que ardia o amor de Deos, e do proximo; aquelle lhe ſahia aos beiços, naõ fallando commummente mais, que com Deos, ou de Deos; eſte na affabilidade, com que a achavaõ as afflictas, e conſtancia com que aſſiſtia ás moribundas, o deſvelo com que acodia ás enfermas; alli era agradavel a todas, tirando aquellas occaſioens em que a pertendiaõ como advogada com Deos, para algum ſoccorro, porque entaõ ſe lhe percebia hum certo deſagrado; cautela ſem duvida contra a vangloria com que peleijou em toda ſua vida, aſſuſtada de ter ouvido em pequena, que adulta ſeria hypocrita.

Mais poderoſo, que eſte receyo, o conhecimento das couſas do Ceo, (que reſidia em ſua alma) a fazia romper em repoſtas, ou praticas mais profundas, fallando em alguns myſterios, com termos taõ proprios, e percepçaõ taõ aſſentada, que bem parecia participaçaõ ſuperior, e pratica de quem andava ſempre na Divina preſença; eſpecialmente deſpois que os annos, e os achaques a obrigaraõ a viver em retiro, que ſempre foy, ou as Capellas do Moſteiro, ou o canto do ſeu Coro.

De varios caſos, e eſtylo de ſua vida, ſe percebiaõ activos, e fervoroſos effeitos na ſua frequente oraçaõ, que a tranſportavaõ. Houve quem o teſtemunhou a furto de ſua grande cau-

cautela, e vigilancia. Teve conhecimento de couſas occultas, e futuras, em que talvez a ouviraõ, ou fallar, ou reſponder, com clareza, e ſegurança. A meſma evidencia houve dos aſſaltos com que o commum inimigo a perſeguia, e aſſuſtava, com as horriveis figuras em que lhe apparecia.

Ficaraõ para teſtemunho das eſpecialidades de ſua vida; da pureza de ſua alma; do rigor da ſua penitencia; do abrazado incendio, com que continuamente buſcava o Divino Eſpoſo; da uniaõ, que chegou a fazer com elle, abſtrahida de todo o humano, duas proteſtaçoens, que expoz ſeu Confeſſor, grande Religioſo, e grande Theologo.

Propunha-lhe Sor Ignez em huma carta, em que lhas remettia (porque Deos aſſim o ordenava) que aquella madrugada (era dia da Circumciſaõ) ſe levantara abſorta na rara fineza, que o Senhor fizera por ſua alma, (que via ornada com os rubins daquelle ſangue, e com as perolas daquellas lagrimas) e que querendo correſpondella, appellara a ſua ancia ás mais dilatadas, e rigoroſas diſciplinas, e copioſas lagrimas, que com o ſangue dos golpes, queriaõ buſcar aquelle mar de ternuras, e de finezas. Aqui expreſſava, com huma amoroſa energia, os affectos de tranſformar-ſe em ſeu Eſpoſo os deſejos de que todos ſe aproveitaſſem daquelles rubins derretidos; que os peccadores ſe converteſſem; que os Hereges ſe reduziſſem; que as almas, apagando ſuas rigoroſas chammas com aquelle ſangue, paſſaſſem logo triunfantes á eterna felicidade. Terminava finalmente a carta, explicando com mais elevado, e expreſſivo eſtylo o gozo, que entaõ ſentira em ſua alma, de que ſó lhe ficara huma doce ſaudade, e fé eſcura, com inexplicaveis reſabios da felicidade eterna, e que como arrebatada daquella repreſentaçaõ ſuaviſſima, para ſeguro da proteſtaçaõ, que fizera, raſgara com hum ferro o peito. Com o ſangue da ferida firmou o extremo; com a rubrica do ſangue o deixou percebido.

Conſtavaõ os proteſtos, de actos de amor os mais fervoroſos; reſignaçoens na vontade Divina, reſoluçoens heroicas de amar até no abyſmo, ſe a elle a ſentenceaſſe o Divino Decreto. Affectos de transformar a vida em puro amor, e eſpirar ás maons do mais fino extremo. Ratificaçoens dos votos do ſeu eſtado; e repetido ſacrificio de tudo junto. Firmava-ſe no fim: *Firme eſcrava do ſeu Jeſu, e Eſpoſo eterno.*

Era o dia da Circumciſaõ, hum ſingular emprego das ancias do ſeu eſpirito; aſſim o feſtejava com exceſſivos jubilos, e o correſpondia com exquiſitos extremos. Propunha em hum delles ao ſeu Confeſſor a inextimavel grangearia com que o celebrara, ſeguindo-ſe a huma dilatada meditaçaõ, que nelle tivera, o parecer-lhe, que o Senhor ſe dignara de deſpoſar-ſe com ella. Accreſcentando, que o repetia com medo; que talvez ſe enganaria, porque comſigo o naõ fizera nunca.

Em outro dia do meſmo myſterio, ſegurou ao ſeu Confeſſor, que arrebatada daquella fine-

fineza, e impaciente no impoſſivel de retribuilla, lançara maõ de hum ferro em braza, e com elle eſcrevera no braço eſquerdo o nome de JESUS, e junto delle a fórma dos trez cravos. Já o ferro a ferira no peito, agora o ferro a ſinalava no braço, já Sor Ignez podia retratar a duvida de eſcolhida eſpoſa. Deſta varonil, rara, e eſtupenda reſoluçaõ, foraõ no dia de ſua morte as Religioſas oculares teſtemunhas, examinando tudo no veneravel cadaver, venturoſo deſpojo daquelle ferro; eſtimavel cinza, daquelle fogo.

Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum, ut ſignaculum ſuper brachium tuum. Canticorum 8. c. 8.

A taõ inculpavel, e penitente vida, ſe ſeguio huma morte, que pareceo premio da juſtificada, que deixava, e ſeguro da ditoſa, que ſe lhe ſeguia. Parece, que teve revelaçaõ do dia da coroa, porque ſe lhe ouvio, quando a levaraõ para a Enfermaria, que já naõ tornaria mais á cella, como conhecendo aquella doença por ultima. Nella foraõ iguaes os tormentos á paciencia, e ſuperior a tudo o deſejo de padecer ſem alivio, entendendo, que era o que lhe reſtava de hum caliz, que ſe lhe tinha repreſentado, em occaſiaõ em que deſejara ter parte no de ſeu Eſpoſo. Em muitas occaſioens entendeo que o bebia, agora que o eſgotava.

Por muitas vezes dilatandoſe a doença, tomou o Senhor; e eſpiritualmente o recebia todos os dias, com iguaes ancias a appetecello, que lagrimas a tomallo. Naõ ſofria o inimigo invejoſo eſta ſuavidade, em que deſcançava ſeu eſpirito, e quiz aſſuſtalla, já que naõ podia impedilla; entendeo-ſe, que a accuſava; porque eſtando algumas vezes ſuſpenſa, ſe reparava, que reſoluta, e a preſſada, reſpondia: *He mentira! he mentira!* A mais paſſou a pertinacia diabolica; porque moſtrou á enferma, que huma vez queriaõ arrebatalla; vioſe na preſſa ancioſa, com que ſe abraçou com hum Crucifixo, que tinha ao peſcoço, repetindo: *Queriaõme levar! Queriaõ-me levar!* E perguntando-lhe huma Religioſa: *Que tivera?* Reſpondeo aſſuſtada: *Qué ſentira, que pelos pés a queriaõ arraſtar fóra da cama.*

Contra eſtes combates ſe queria fortificar, e pedia a Unçaõ. A' inſtancia, que fazia, ſe lhe perguntou, porque tanto a deſejava? Reſpondeo, que a queria receber em ſeu juizo perfeito, para ter a conſolaçaõ, de ouvir como aquelles ſagrados Oleos lhe hiaõ purificando os ſentidos. Apertava-a a ancia de acabar, e ver-ſe com ſeu Eſpoſo; entrou em eſcrupulo, ſe ſeria eſte deſejo oppoſto á vontade Divina. Lembraraõ-lhe, que aſſim ſuſpirava S. Paulo, e ficou ſocegada.

Chegou ao ultimo termo a doença, recebeo os Sacramentos com vivas demonſtraçoens de compungida, ſatisfeita, e reſignada; mas até eſte ultimo ſocego lhe intentou perturbar o inimigo, fazendo no alto da cella hum arrebatado, e pavoroſo eſtrondo, ſem mais fruto, que deixar as Religioſas amedrentadas, e a moribunda advertida, pedindo, que a naõ deixaſſem ſem companhia, e lhe repetiſſem os ſoccorros da agua benta. Entrou na ultima agonia, invocando a Sacratiſſima

Advogada, (que ſingularmente ſe pertende no Ordem para aquella hora) e a ſeu ſagrado Eſpoſo. Pediolhe entoaſſem a Ladainha da meſma Senhora, que acompanhou, ainda que debilitada. Deſpois a Paixaõ de Chriſto; e eſtando com os ſentidos eſpertos, o aſpecto compoſto, e hum ſocego deſuſado, moſtrou fazer reſignada aquelle acto amoroſo, em que ſempre deſejara entregar o eſpirito, pondo-o nas maons de ſeu Creador, em dia de S. Pedro Martyr, 29. de Abril, aos oitenta e ſeis annos de ſua idade. Ficou flexivel, reveſtindo-ſelhe o roſto de huma cor, agora deſconhecida morte, como antes, dos annos, e dos achaques. Foy ſepultada no jazigo das Preladas, onde o conhecimento de ſua vida leva as Religioſas, ou enfermas, ou neceſſitadas a pertender o remedio, que algumas teſtemunhaõ conſeguido. Mayores demonſtraçoens póde eſperar a piedade Catholica, que deve reconhecer a virtude, laureada, e manifeſta por aquella maõ ſuprema, que naõ he abbreviada.

Mas naõ deixemos em ſilencio algumas particularidades deſta Caſa, que ſem duvida lhe ſervem de gloria. Seja a primeira a devota Imagem da Senhora do Repouſo, que eſtá no Coro, adonde a collocou a devoçaõ das Religioſas, que com ſingular affecto de filhas a ſervem, e lhe aſſiſtem, obrigadas aſſim do fermoſo aſpecto com que as convida, mercês, e favores de que ſe tem experiencia, como do eſtranho caminho, porque veyo a eſta Caſa. E foy o ſucceſſo. Fechava-ſe hum dia a Portaria a horas de Noa, quando a ella ſe achou hum homem deſconhecido, de trage humilde, que em hum cabaz trazia dous meyos corpos de Imagens, ſó com a encarnaçaõ dos roſtos, o mais para ſe diſpor, e encorpar para veſtidos, como ſe coſtuma nas Imagens antigas, emendadas hoje com mais decencia, e a melhor voto, no feitio de eſtufado. Chegaraõ as ver as Porteiras, e algumas Religioſas, levadas da belleza dos roſtos, em que hum excedia; poz neſte os olhos huma Religioſa Eſtrangeira, natural de Hamburgo, e diſſe com alvoroço: *Eſta ſe parece com huma irmãa minha, que ſempre peſſo a Deos me deixe vella, como ultimo goſto da vida, já que por amor delle deixey Caſa, e Patria.* Com eſta novidade, adoraraõ a Imagem, levando-a a moſtrar por todo o Moſteiro; e reſolvendo-ſe, que ficaſſe nelle com o titulo de Mãy de Deos, vieraõ á porta a fazer o preço, mas naõ acharaõ já ninguem nella; chamaraõ as ſerventes de fóra, e feita, toda a diligencia, ſe naõ teve noticia de que dalli ſahiſſe peſſoa alguma.

Aſſim com reparo grande das Religioſas, veyo a ficar a Senhora, que logo ſe veſtio, e collocou no Coro, com a veneraçaõ, que accreſceo, ſabendoſe, que ao Moſteiro da Madre de Deos ſe levara a Imagem (que hoje tem eſſe titulo, e eſtá no Altar Collateral da parte do Evangelho) no meſmo dia, e com a meſma circunſtancia de naõ ſe ſaber quem a levara, de que ſe inferio piedoſamente, que ſeriaõ Anjos os que condu-

conduziraõ as Imagens da ſua Rainha, para os palacios em que ſe venera hoje huma, e outra. A da Madre de Deos, celebre he naquella Caſa, por devoçaõ, e concurſo no publico da Igreja. A deſte Moſteiro ficou com religioſa ambiçaõ de ſuas filhas, e devotas de portas a dentro da Clauſura. Eſtá ſentada em huma cadeira, o roſto, e os olhos com huma inclinaçaõ modeſta, modo, e geſto, que lhe deu o titulo de Senhora do Repouſo. Eſta a Senhora, a que Sor Iſabel dos Anjos (de que já fica noticia) chamava a ſua Senhora, e a que lhe fazia tantos favores, e mercês, como com ſeu piedoſo aſpecto, belleza, e mageſtade, promette a todas, que a buſcaõ, e veneraõ, porque como Mãy de Deos póde, e como Rainha dos Ceos diſpende.

Teve eſte Moſteiro da Annunciada, deſpois de ſeu primeiro augmento, que foy pelos annos de 1539. em que as Religioſas entraraõ nelle, outro, que o deixou naõ ſó accommodado de officinas, e largueza, para ſuas habitadoras, mas auctorizado com o mais eſſencial da Igreja, lavrada de boa pedraria, e ornada, e repartida com proporcianadas Capellas. (tudo induſtria da Madre Sor Catharina de S. Joaõ, ſendo Prioreza) Deſpois veyo a ficar de todo aperfeiçoada de retabulos dourados nas Capellas, ſingular, e de mayor, pelo cuidado, e deſvelo da Madre Sor Maria das Chagas, que ſuccedeo a Sor Catharina no governo, e no eſpirito, conſeguindo com incançavel trabalho a cobrança de juros de conſideraçaõ, que ſe deviaõ ao Moſteiro, favorecida do valimento do Conde de Miranda, ſeu cunhado. Hoje ſe vê melhorada toda a Igreja com o tecto de boa pintura apainelada, e bruteſco ao moderno, e auctorizada a Capella môr com fermoſa tribuna de que o Throno he de prata, a diſpendio de huma Religioſa. Bem meditada circunſtancia, que nos convida a culpar a omiſſaõ das Preladas antigas, como o pouco reparo das modernas, que naõ podendo ignorar, que ElRey Dom Manoel foy Padroeiro deſta Caſa, deraõ, ou prometteraõ nas paredes da Capella môr lugar ás Armas de Senhores, que naõ tem nenhum dominio nella, mais que por favor do meſmo Rey huma ſepultura. Teſtemunhando os meſmos Senhores deſta, a verdade de naõ ſerem Padroeiros, naõ entrando com diſpendio na obra, que ſe faz de novo, coſtumando concorrer os que o ſaõ, ou com parte, ou com tudo, como cada dia eſtamos vendo. Aſſim podem, e devem proteſtar as filhas deſta Caſa, pela inconſiderada permiſſaõ, tanto em prejuizo della, devendo reconhecer ſó o Padroado Real, aſſim para o cerdito do privilegio, como para a contingencia do favor, e beneficio.

CAPITULO XXIV.

Das Madres Sor Branca, Sor Anna Henriquês, Sor Brites do Preſepio, Sor Maria da Reſurreiçaõ, Sor Brites do Eſpirito Santo, Sor Brites da Conceiçaõ, Sor Iſabel Bautiſta; e de outra Religioſa, ſem mais nome, que a ſua vida: todas filhas da Caſa de Noſſa Senhora do Paraiſo da Cidade de Evora.

Moſteiro de Noſſa Senhora de Paraiſo de Evora.

SEm duvida, que (a noſſo eſtylo de fallar) naſceo eſta Caſa com a fortuna, naõ ſó de ſervir a ſuas filhas de fecundo, e glorioſo berço, mas de ficar ſendo hum eſtimavel padraõ, que bemquiſtaſſe o ſexo femenino, raras vezes reconhecido por inſtrumento do bem publico; penſaõ, e caſtigo, que parece lhe ficou em herança, deſde aquelle primeiro eſtrago, que chorou todo o genero humano, em que ſem duvida foy eſte ſexo o primeiro inſtrumento. Nem deixou de favorecer eſte conceito a experiencia, que desde aquelles primeiros ſeculos correo até o noſſo, ſendo taõ raras as mulheres, a que ſe attribuiſſem operaçoens de publicos intereſſes, que querendo Ravizio Textor auctorizar a ſua Officina com algumas de illuſtre fama em ſemelhante emprego, advertio logo, que ſeria ſuccinto o Catalogo. Mas ſe nas pennas, e nas vozes do Mundo naõ voaõ, nem ſoaõ outros eccos mais que contra eſte debil, e fraco ſexo, naõ aſſim nos vigoroſos brados da virtude, adonde para moſtrar os lucros, e as operaçoens importantes, que ſe deveraõ á debilidade femenina, naõ propoem mais Apologia, que a experiencia Alarga-ſenos muito eſta reflexaõ para podermos apontar exemplos, lançando os olhos por eſſes paſſados ſeculos; mas permitta-ſenos a licença para mayor gloria de Deos, triunfo da virtude, e exemplo da fragilidade; e porque os naõ buſquemos fóra de Caſa, quem naõ vê huma Catharina de Sena, de que ſe valeraõ os meſmos Pontifices, para coadjutora dos negocios mais arduos, que entaõ occorreraõ na Igreja; extinguindo odios, pacificando Reynos, e reconciliando inimigos? Deixo huma Margarita de Saboya tambem Dominicana, feita victima da tolerancia, por ſe concluir a paz de toda a Igreja. Deixo huma Iſabel de Aragaõ, deſvelada em evitar diſcordias, e reconciliar Coroas. Mas porque ſempre ficaremos dizendo pouco, que outra couſa foraõ as Cecilias, as Catharinas, as Apollonias, as Barbaras, as Dorotheas, e o eſquadraõ de victorioſas Virgens, que pizando, e vencendo o fogo, e o ferro, arvoravaõ o Eſtendarte da Fé entre os tumultos da barbaridade, e da fereza; que outra couſa foraõ mais, que huns ſagrados Oraculos, em que todo o Mundo eſcutou documentos? Mais que huns exemplares ſantos para compor vidas, e acertar nas melhoras? Mas coroe já eſte diſcurſo a verdade, que lhe deu motivo, a Caſa da Senhora do Paraiſo, que nos convidou a eſta reflexaõ, ſendo fabricada por duas mulheres, (como ſe póde ver na ſua fundaçaõ) devendo a huma a primeira fabrica, a outra o augmen-

Ravizio Textor na Officina.

augmento della, aſſim no material da obra, como no eſpiritual da refórma, e obſervancia. Taõ proveitoſa huma, e outra, que com ellas deſempenharaõ duas mulheres hum Paraiſo de virtudes, que deu gloria a Evora, adonde ſe plantou, credito a eſta Provincia, em que creſceo, e finalmente berço a tantos eſpiritos, como naquelle ſeculo o povoaraõ, com tanto lucro dos que ſe lhe ſeguiraõ, como agora veremos em algumas noticias, reſgatadas com trabalho do conſumidor eſtylo do tempo. Seja a primeira da Madre Dona Branca.

Sor Dona Branca.

Naõ ficou memoria do ſeu ſobrenome, ſó a circunſtancia de ſua nobreza, (por ſer tia dos Senhores das Alcaçovas) mas ainda neſta avultava mais a rara humildade com que ſe conhecia, e tratava pela infima entre todas da Caſa. Acabada a aſſiſtencia do Coro, entrava pelas officinas della, e pelas de mais trabalho, applicando as maons ao das ſerventes, acarretando agua, e lenha para a amaſſaria. Pouco era occuparſe neſte emprego, o mais, a alegria, que ſe lhe diviſava nas palavras, e no roſto, eſpertando as remiſſas, ajudando as debilitadas, e confundindo a todas. Exacta na obſervancia do que profeſſara, naõ tinha outra opiniaõ na Caſa menos, que de mulher ſanta; e aſſim recebida, e aſſentada entre as Religioſas, quando acabou a vida, que chegando-ſe a ella ſua ſobrinha, a Madre Dona Anna Henriques, lhe pedio, que deſpois de falecida, lhe vieſſe dizer como eſtava Deos com ella.

Prometteo-o aſſim a boa velha com admiravel ſegurança, e naõ tardou muito, que huma noite a naõ viſſe em ſonhos a ſobrinha, que lhe dizia: *Madre, muday de condiçaõ, que Deos ſempre eſtá bem para vós.* Era a Madre Dona Anna Religioſa de grande recolhimento, e oraçaõ, mas com hum genio eſquivo, e aſpero, com que fogia a todo o commercio. A virtude eſſa prova tem no exterior, de naõ ſer hypocriſia, que naõ tem carranca; os retirados, e os auſteros bem podem naõ ter tratos com o Mundo, mas naõ ſe haõ de fazer intrataveis no modo. A aſpereza, que comſigo he penitencia, com os outros parece arrogancia; e ſe a pedra fundamental da perfeiçaõ ha de ſer o abatimento, com muita prudencia ſe deve exercitar o retiro; porque a iſençaõ tem muitos eccos de vaidade. Emendou-ſe de genio a Madre Dona Anna; ſeguir-ſehiaõ a eſta emenda os effeitos do que lhe ſegurou a boa tia; naõ nos ficou noticia de ſua morte, mas ſó eſta tocada de ſua vida. Tal foy a da Madre Dona Branca, que naõ ſó ſua morte lhe conſervou o bom conceito, mas antes della o mereceo, confirmado com hum prodigio; e foy, que o dia, que cahio na cama entrevada, entrando a viſitalla certa Religioſa, vio, que Chriſto crucificado em eſtatura de homem, lhe occupava a mayor parte do leito; parece, que queria trocar o em que eſpirara, pelo florido, a que o convidava aquella eſpoſa. Soube-ſe deſpois de ſua morte, e occultou a Religioſa, que o vio, o nome. Taõ povoada eſtava a Caſa

ſa de eſpiritos, que mereceſſem ſimilhante viſta!

Sor Brites do Preſepio.

Naõ alcançou menos favor do Divino Eſpoſo, (ſe naõ poſto na Cruz, com ella nos hombros) a Madre Sor Brites do Preſepio, Religioſa de grande obſervancia, penitencia, e oraçaõ. Detinha-ſe nella em huma occaſiaõ no Coro, diante do Senhor, a que chamaõ dos Paſſos, quando ouvio, que claramente lhe dizia, que ſe aparelhaſſe para ir para elle. Proſtrou-ſe a boa Madre, pondo o roſto em terra, e paſſado grande eſpaço, em que a teve ſepultada o reſpeito, e alvoroço, ſe foy á cella, e tomando o depoſito das Freiras, (era entaõ Depoſitaria) o foy entregando pelas cellas a cada huma. Pedio logo, que lhe aparelhaſſem hum lugar na Enfermaria, e lhe chamaſſem o Confeſſor, por mais que a Prelada ſe eſcuſava, eſtranhando ſe a reſoluçaõ como loucura, por naõ ver nella accidente, que lha deſculpaſſe taõ repentina; mas inſtava com tanta ſegurança, que ſe lhe houve de fazer o que pedia. Recebeo os Sacramentos com piedoſas demonſtraçoens, e ſepultada em huma contemplaçaõ, (de que naõ permittio, que alguem a divertiſſe) em breves dias acabou ſantamente.

Seguio os meſmos paſſos na ventura de ſimilhante morte, ainda que com ſucceſſo deſſemelhante, outra Religioſa, que com razaõ póde queixar-ſe deſta Caſa, pela indeſculpavel omiſſaõ de ſe lhe ſepultar nella, com o corpo, o nome, e a vida; naõ podendo deixar de ſer benemerita de ſingular memoria, quem mereceo acaballa com as circunſtancias, que agora diremos. Eſtava em penſamento a horas de madrugada, eis-que de repente ſe lhe occupaõ, e cobrem as grades de ferro de huma janella viſinha á cama, de hum numeroſo bando de varios, e alegres paſſarinhos, cantando com huma taõ concertada, e ſuave harmonia, que eſquecidas, e ſuſpenſas as Religioſas, ſó voltaraõ a reparar, que a doente eſpirava ao callarſe a muſica. Voou, e deſappareceo ao meſmo inſtante o bando das aveſinhas, que ſeriaõ Eſpiritos Angelicos, como o affirmava o voto, e admiraçaõ das Religioſas.

Sor Maria da Reſurreiçaõ.

Com igual ſuavidade de muſica, porque ſem duvida ſeria a meſma Capella, ſahio a Madre Sor Maria da Reſurreiçaõ deſte valle de miſerias. Vellohemos logo. Foy eſta Madre huma viva columna daquella antiga, e primeira obſervancia; em taõ eminente grao tinha todas as virtudes com que ella ſe conſerva; mas excedia na fervoroſa caridade, e abrazada devoçaõ com ſeu Eſpoſo Chriſto, na repreſentaçaõ das glorias de reſuſcitado. Era ſua continua contemplaçaõ eſte myſterio; todos os Domingos do anno, ſatisfeita a reza da Igreja, recitava a da Paſchoa, e paſſando muito de manhãa a buſcar o Senhor á Capella do Sepulchro, acompanhava em eſpirito as ſantas mulheres, que naquella hora venturoſa fizeraõ ſimilhante jornada. Pagou-ſe o Senhor deſta, que Sor Maria frequentava, igual no nome, como na ancia do primeiro deſvelo, que a fizera; parece que o moſtrou aſſim o ſucceſſo. Entrada em

dias,

dias, cahio Sor Maria de grave doença, apreſſou-ſelhe a morte, e entrava em artigo della, aſſiſtida da Communidade, quando apertando hum deſmayo a huma Religioſa, (aſſiſtia eſta entaõ na Sacriſtia) pedio ás outras, que a foſſem chamar para tocar o ſino em a moribunda eſpirando, que ella ſe recolhia ao ſeu leito. Eſpirou com venturoſo ſocego Sor Maria, e foraõ logo chamar a Religioſa, que como ſe a tiraraõ de huma ſuſpenſaõ profunda, e delicioſa diſſe: *Madres, bem ouvia, bem ouvia, que acabou a moribunda, mas naõ me ſabia ſahir da ſuſpenſaõ em que me prendeo o ouvir neſſe inſtante cantar a Sequencia de dia de Paſchoa* Victimæ Paſchali Laudes, *com huma tal melodia, que bem ſe via naõ ſer couſa da terra.* Era eſta a letra com que Sor Maria coſtumava na madrugada do Domingo ir a buſcar ſeu Eſpoſo ao Sepulchro.

Mas paſſemos ás mais modernas, de que temos noticia neſta Caſa, e ſeja a primeira a Madre Sor Brites do Eſpirito Santo, em quem ſe conſervaraõ as virtudes das primeiras Fundadoras; tal era o ſeu zelo! tal o ſeu exemplo! Nobre no ſeculo, e mais antiga no Moſteiro, tudo parece, que deſconhecia a ſua humildade, occupada nos empregos mais abatidos della. O jejum da Conſtituiçaõ inviolavel, a colaçaõ a mais eſtreita, porque era quaſi ſempre huma caſca de laranja azeda, naõ toda, mas aquella porçaõ branca, que fica entre os gomos, e a caſca, que ſem duvida he o fel daquella fruta. Na Quareſma raro o dia, que naõ era a paõ, e agua; e paõ, naõ do mimoſo, mas broa mal amaſſada, e ſeca. Diſciplinas rigoroſas, e amiudadas; conſumida larga vida neſtes exercicios, chegou ás portas da morte, merecendo o premio delles em hum final, com que o Ceo ennobreceo a ſua, abrindo-ſe nelle huma eſtrada de luzes, que corria ſobre a Enfermaria entre o Norte, e o Sul. Durou o tempo, que tardou em eſpirar a moribunda, começando a deſcobrirſe no primeiro termo, que fizera, como ſe ſe abrira para dar paſſagem á ſua ditoſa alma. Foy viſta eſta grande luz de muita gente da Cidade, chamada do prodigio em a tal noite.

SorBrites do Eſpirito Santo.

Siga ſe outra Religioſa, em que o meſmo nome acompanhou a igual virtude. Foy eſta a Madre Sor Brites da Conceiçaõ, que guardando ſempre a meſma igualdade de vida reformada, e auſtera, com o meſmo rigor da fundaçaõ da Caſa, avultou nella mais em huma perpetua, e ancioſa devoçaõ com as Almas, á que applicava todas ſuas penitencias, o que tinha, e o que com petiçoens, e induſtrias grangeava, parecendo-lhe tudo pouco para os ſuffragios de eſmolas, e Miſſas. O que eſtas valiaõ, e aproveitavaõ diante de Deos, parece, que moſtraraõ algumas vezes aquelles Eſpiritos agradecidos. Apontaremos dous ſucceſſos. Eſtava a Madre Sor Brites já em idade, que os annos lhe agrilhoavaõ os paſſos, mas por mais que tardava o corpo, voava o eſpirito, que tinha o centro no Coro; aſſim madrugava para ir para elle, ainda que com trabalho. Suavizava-o huma Religioſa ſobrinha ſua, que lhe

SorBrites da Conceiçaõ.

ſer-

ſervia de bordaõ naquella jornada ; mas deſcuidando-ſe huma manhãa, e naõ a vendo na cella, vai-ſe ao Coro, e achando-a nelle, a culpou com enfado, porque havia de ſahir ſó da cella, quando naõ podia dar huma paſſada, e taõ cedo, que lhe naõ podia acodir ninguem a dar huma queda? *Deixay, deixay, idevos recolher* (lhe reſponde a boa velha) *que ahi por eſſe corredor me tomaraõ nos braços, e me puzeraõ neſte lugar, ainda que naõ vi ninguem.*

Veſtia-ſe em outra madrugada, e querendo pôr a toalha, naõ a achava; feita a poſſivel diligencia, affligia-ſe, e lamentava-ſe, quando ſentio, que lha punhaõ na cabeça, dizendo á ſobrinha, (que já junto a ella lhe perguntava quem lhe acodira) *que ella naõ vira peſſoa alguma, mas que humas maons frias ſentira, quando lhe punhaõ a toalha.* Inſtou com ella a ſobrinha, que lhe havia de tomar huma ſervente, que a toda a hora lhe aſſiſtiſſe, ao que lhe reſpondeo: *Naõ vos canceis, nem vos dê iſſo pena, que eu tenho quem muito melhor me acompanha.* Entendia-ſe, ou dava ella a entender, que as Almas eraõ ſuas continuas valedoras. Aſſim o ſeriaõ em ſua morte, porque aſſim foy ella pacifica, e bem aſſombrada, em o Oitavario do Corpo de Deos, pelos annos de 1690.

Mas hum novo reparo nos eſtá convidando com admiraçaõ, e goſto, achando neſta Caſa (em huma filha della) a mais heroica, e mais incrivel obſervancia de ſilencio, antes de huma mudez voluntaria, entre o preciſo trato, e commercio (ainda que regulado, e religioſo) de hum Moſteiro. Aſſim ſe vio, e experimentou na Madre Sor Iſabel Bautiſta, a que em toda ſua vida ſe naõ ouvio huma palavra mais, que ou reſpondendo á Prelada, ou em materia de ſua obrigaçaõ, e totalmente preciſa. Naõ era menos o rigor dos exercicios penitentes, a que ſe ſacrificava. Aſſim eſtendia, e alargava o jejum da Conſtituiçaõ de ſete mezes a todo o anno. A paõ, e agua todas as ſeſtas feiras delle, como trez dias em cada ſemana de advento, e Quareſma; e ſendo neſtes dias ſó o paõ o ſeu ſuſtento, era muito pouco, porque ſeco, naõ lho conſentia o eſtomago. Uſava a meſma abſtinencia nas Vigilias de Noſſa Senhora, e Santos de ſua particular devoçaõ.

Em Advento, e Quareſma naõ ſe deitava em cama, e todas as ſemanas fazia o meſmo da noite da quinta, até a do Sabbado para o Domingo. As noites, que tomava de deſcanço, era taõ eſcaço, que ás dez da noite ſahia do Coro, e gaſtando duas na cella em devoçoens particulares, á huma tornava para elle, como para centro, de que ſe naõ ſabia deſcuidar ſeu eſpirito. Aſſuſtavalhe eſte ſocego o inimigo com viſoens horriveis. Huma noite, que continuava a oraçaõ, ſe vio taõ vencida do ſono, que encoſtou no chaõ a cabeça, mas ao meſmo tempo deſpertou, vendo, que hum vulto negro, e deſmedido, ſe lhe punha á ilharga na meſma fórma, e como ſe lhe tapara a boca, nem o nome de Jeſus podia proferir, ainda que em ſeu coraçaõ

a ſua

a ſua alma o repetia. Aſſim eſteve algum eſpaço, até que a deixou o inimigo, que ella conheceo, e deſprezou logo.

Ao Officio Divino accreſcentava todos os dias outro particular. Ao Domingo o Officio da Reſurreiçaõ. A's ſegundas o dos Defuntos. A's terças o de Noſſo Padre. A's quartas o dos Anjos. A's quintas o do Sacramento. Ao Sabbado o de Noſſa Senhora. Naõ ficava de vago a feſta feira, rezando nella o que a ſua devoçaõ eſcolhia. Naõ ſó era obſervante, mas olhavaõ para ſua vida, como para huma Conſtituiçaõ, e regra animada. Pagava-lhe o Senhor eſtas pontualidades com algumas viſoens; repreſentou-ſelhe em certo dia eſtando no Coro, que o via todo cheyo de Religioſas, mas todas ſem cabeças; entendeo; que era a falta da inclinaçaõ, que ſe faz com ellas nas ceremonias da reza, em que havia pouco reparo, e advertencia. Eſtando orando, ſe lhe offereciaõ á viſta ſinaes com que alcançava, que falecia tal, ou tal Religioſa; e naõ ſó deſta Caſa, mas das de toda a Provincia. Em certa occaſiaõ teve huma viſaõ eſtranha, de que naõ ficou particular memoria, mas ſó de que ella entendeo, que huma Religioſa, que falecera havia pouco, tinha hum ſingular Purgatorio em hum lugar da Caſa, donde ſe obſerva ſilencio.

Já cheya de annos venturoſos, por mortificados, eſperava o ultimo golpe da morte, contemplando em a Imagem de huma Senhora, de que ſempre fora muy devota. Cerrou por hum pouco os olhos, e abrindo-os, os levantou a huma janella, que lhe ficava fronteira á cama, com tal contentamento, e alegria, que bem ſe vio, que ſeria mais que natural o aſſumpto della. Parou o alvoroço, e eſpirou com ſocego.

CAPITULO XXV.

Das Madres Sor Iſabel dos Anjos, Sor Leonor do Eſpirito Santo, Sor Maria do Monte Olivete, Sor Cecilia da Encarnaçaõ, Sor Maria da Annunciaçaõ. Sor Franciſca das Chagas, Sor Catharina do Eſpirito Santo, Sor Antonia de Jeſus; e de trez Irmãas Converſas, Sor Domingas, Sor Agueda da Cruz, e Sor Maria de Belem, todas da meſma Caſa do Paraiſo de Evora.

FEcundo Paraiſo foy eſte, de admiraveis affluencias de virtude, rico de precioſos pomos nas innumeraveis filhas, myſticas Romans, que debaixo da candidez do meſmo habito, ardiaõ como pequenos graons no incendio do amor Divino; ſendo eſte os frutos candidos, e abrazados, de que o verdadeiro Eſpoſo ſe agradava no ſeu Paraiſo, ou naquella alma, que ornada de virtudes era o dos ſeus deleites. Mas vamos vendo eſtes frutos, e vejamolos primeiro nos Santos exercicios da Madre Sor Iſabel dos Anjos. Era o mais principal, e continuo a oraçaõ; retiravaſe ao Coro, e alli ſe eſquecia de todo o commercio humano. Naquelle lugar obſervava aſſim o ſilencio, que em toda ſua vida ſe lhe naõ ouvio nelle huma pa-

Emiſſiones tuæ Paradiſus malorum punicorum cum pomorũ fructibus. Cant. 4. 13.

palavra; porque a quem lha queria, vinha eſcutar fóra. E que importante reflexaõ ſe nos offerecia agora contra o que hoje ſe uſa, contra o abuſo, que hoje ſe tolera, talvez dando-ſe paſſagem á nobreza, (padrinho, com que entraõ as relaxaçoens da obſervancia) talvez por dar paſſagem á cortezia, naõ advertindo as Preladas que aquella he a ſala, em que o Rey do Ceo dá audiencia ás ſuas ſervas; e ſó vozes do eſpirito (como ſuſpiros, e lagrimas) deviaõ alli ſer ouvidas. Lá o conſiderem as que tem obrigaçaõ de zelar a Caſa de Deos, e vejaõ ſe ſe póde admittir outra pratica naquella, em que o Senhor tem ſitial para a ſua audiencia.

Como Sor Iſabel continuamente lha pedia, continuamente ſe diſpunha, purificando ſua vida nos rigores da penitencia; aſſim diziaõ que aquella vida era Angelica: e aſſim devia ſer; porque naõ tinha outra mais, que fallar com Deos. Padeceo o martyrio dos eſcrupulos, mas acabou a vida taõ livre delles, como quem ſoube anticipadamente a hora em que havia de acaballa; porque deſpedindo huma noite as Religioſas, (que já lhe aſſiſtiaõ na cella como a moribunda) lhes diſſe que ſe recolheſſem a deſcançar, e que ás trez da madrugada as havia de miſter. Aſſim veyo a Communidade á hora, que o pedira, e aſſim eſpirou como o diſſera.

Sor Leonor do Eſpirito Santo.

Mereceo tambem ao Ceo a meſma noticia anticipada a Madre Sor Leonor do Eſpirito Santo, em que avultou ſempre huma fervoroſa caridade. A que a levava para Deos, a trazia com os joelhos continuamente por terra, pedindo-lhe ſua clemencia. A que a obrigava a deſcer ás creaturas, a deſvelava na aſſiſtencia das enfermas, mas mais cuidadoſa com as moribundas. Acabava huma noite de rezar as Eſtaçoens, que em todas corria com exceſſiva devoçaõ, eis-que lhe apparece huma irmãa ſua. Era eſta peſſoa de virtude conhecida, de que naõ temos noticia mais extença, ſó ſe ſabe que eſtava na India, adonde, ſem o ſaber Sor Leonor, falecera; appareceo-lhe agora, e diſſe-lhe: *Leonor, aparelhaivos, que brevemente me heis de ir ver.* Parecia-lhe á boa Religioſa que era illuſaõ da fantazia, e por ſahir della, reſpondeo: *E como poſſo eu, minha irmãa, ir avervos taõ longe?* Ao que reſpondeo a irmãa: *Naõ, naõ me heis de ir ver á India, mas diante de Deos, e na Celeſtial, em que o eſtá gozando minha alma.* Alvoroçou-ſe Sor Leonor, e deſtemida, e affouta, ſem mais duvida lhe inſtou: *E ſe eu morrer, quem me ha de aſſiſtir, ſendo eu a que aſſiſto a todas as moribundas? Em premio deſſa piedade* (lhe tornou a irmãa) *vos aſſiſtirá a miſericordia Divina, que deſſa ſorte paga*; e deſappareceo.

Com eſte aviſo começou Sor Leonor a diſpor-ſe. Era inculpavel ſua vida; nunca o parece aſſim aos Juſtos; atalhou-lhe brevemente huma doença penitentes aparelhos. Aggravou-ſe-lhe o mal, recebeo os Sacramentos, e em breves dias lhe chegou o ultimo. Naõ indicavaõ os ſinaes que viria taõ ligeiro. Aſſiſtiaõ-lhe duas Religioſas; e havendo de darlhe hum

hum apiſto, com que tardava huma, foy a outra apreſſalla; e voltando ambas, acharaõ a doente ſem vida. Verificar-ſe-hia o que a irmãa lhe prometera; e como ſe verificou na morte, ſeria o meſmo na eterna felicidade.

Sor Maria do Monte Olivete.

Soube buſcalla, e fez por merecella a Madre Sor Maria do Monte Olivete, que entrando neſta Caſa, fazendo nos primeiros annos huma vida commua, deu tal volta nella; que ſe entendeo, que tendo conſelho do Ceo, fora taõ bem eſcutado, que o correſpondia obedecido. Entregou-ſe a exquiſitas penitencias; e porque entendia, que a commiſeraçaõ propria lhe pauſava o braço com que ſe feria, peitava huma Irmãa Converſa, para que procuraſſe molhos de ſylvas, e fazendo-ſe atar a huma columna, pedia que com ellas a feriſſe ſem piedade. Cançava a Converſa nos golpes, primeiro que Sor Maria nas ſupplicas para elles. Tal o odio Santo com que ſe perſeguia! Naõ era nos jejuns menos auſtera. Aſſim ſe mortificou na vida, e aſſim começaria a viver da morte, que deſpois daquella tempeſtade penitente, lhe prometteo huma perpetua ſerenidade.

Sor Cecilia da Encarnaçaõ.

Naõ foy menos auſtera comſigo a Madre Sor Cecilia da Encarnaçaõ, mas podendo com todos os rigores, aſſim da obſervancia Religioſa, como dos exercicios da ſua penitencia, nada a affligia mais que verſe Prelada, lugar em que a acabou de pôr a ſua obediencia, e a que a deſtinou o exemplar de ſua vida. Baſtou eſta para refórma de toda a Caſa, e as ſuas oraçoens para reduzir as que viviaõ com algum deſcuido nella. Meditava continua na Paixaõ de Chriſto, e com huma commiſeraçaõ taõ entranhavel, como dirá eſte ſucceſſo. Faziaõ-ſe obras no Moſteiro, vio em huma occaſiaõ alguns officiaes, que levando huma grande trave, tomavaõ deſcanço, opprimidos do pezo. Suſpendeo-ſe com a viſta, e cahindo deſmayada entre algumas Religioſas, que alli aſſiſtiaõ, ao acordar do deſmayo, perguntando-lhe o motivo, reſpondeo: (com ancia, que lhe fez eſquecer o de que ſempre ſe acautelava) *Se eſtes homens tantos, e juntos vaõ taõ trabalhados com aquelle madeiro, qual ſeria a agonia de Chriſto, levando a Cruz deſacompanhado?*

Acabou o ſeu tempo de Prelada, e ſuccedendo-lhe governo mais frouxo, ſuſpirava por vêlla outra vez nelle huma Religioſa de eſpirito, que entendia, e bem, que baſta o das Preladas a dar calor ao corpo de huma Communidade, em que a frouxidaõ introduz os deſmayos da obſervancia. Orava eſta Religioſa, e pedia a Deos com inſtancia o deſpacho da ſua ſupplica; que mereceſſem ſeus olhos para intereſſe da Caſa, ver outra vez a Sor Cecilia Prioreza nella, quando lhe fere os ouvidos huma voz, que dizia: *Prioreza no Ceo.* Naõ tardou muito a morte de Sor Cecilia, nem o ſaber-ſe eſta circunſtancia pelo Confeſſor da Religioſa. Faleceo no anno de 1633. Nem faltaraõ prodigios, que favoreceſſem o ſuccedido, como foy hum claro, e luzido, Cometa, que ſe eſtendeo ſo-

bre a cella em que eſpirara.

Sor Maria da Annunciaçaõ.

Com igual ternura de coraçaõ, e compaſſivo affecto, contemplava a Madre Sor Maria da Annunciaçaõ nas penas, nas agonias do Redemptor, em ſua doloroſa Paixaõ. Aſſim o trazia ſempre diante dos olhos de ſua alma, com aquella cruel, e ignominioſa coroa, com que o ferio, e eſcarneceo a impiedade Judaica. A acompanhallo naquella agonia ſe encaminhavaõ todos ſeus exercicios penitentes. Nos da Religiaõ era exacta, e nos da devoçaõ do ſeu Senhor tanto, que naõ havia importancia, que a retardaſſe della. Occupava-a huma Religioſa, e dizia-lhe, que deſpois teria tempo para aquelle exercicio. Reſpondeo-lhe Sor Maria: *Iſſo haveis de dizer? Naõ o diſſereis, a ſaber o que devo a eſte Senhor.* Naõ deviaõ de ſer favores communs, que aſſim ſe póde conjecturar da pureza de ſua vida, como de vir a de paſſar della em o dia, que a Igreja celebra a meſma coroa de eſpinhos, que ella lamentava como injuria, e o meſmo Senhor diſporia moſtrarlha glorioſa, em 7. de Mayo de 1647.

Sor Franciſca das Chagas.

Siga a huma devota dos Eſpinhos outra, que igualmente o foy das Chagas, tomando nome, e ſobrenome, que foſſe lembrança dellas. Foy eſta a Madre Sor Franciſca das Chagas. O appellido a convidou ao penitente eſtylo de vida, que ſeguio; eſtrada real, que pizaõ os que conhecem, que para o Ceo naõ ha outra mais direita, nem mais ſegura. Fez perpetua guerra ao deſcanço, e como inimiga de todo, naõ teve em ſua vida cama em que hoſpedallo; ſobre a terra ſatisfazia ás preciſas penſoens do corpo, que cançado, a buſcava como centro. Diſſaboreava o ſuſtento, que ſe lhe punha no prato, com o receyo de que lhe ſerviſſe de regalo; lançava-lhe agua, já que o naõ podia eſcuſar de ſuſtento.

Era hydropica ſua caridade; ſempre lhe parecia pouco o que dava, como eſcuſado o que tinha. Aſſiſtia deſvelada ás enfermas; com mais ancia ás moribundas; emprego verdadeiramente morgado da caridade, deſpido de todas as negaças do intereſſe, como exercitado com os que eſtaõ no ultimo eſtado de neceſſitados, e (quanto ao Mundo) fóra de todo o de agradecidos. Mas parece, que tomou Noſſo Patriarcha á ſua conta a recompenſa com Sor Franciſca. Eſperava ella a ultima hora, (a que já cançada de annos, e achaques, a trouxera huma doença) e eſtando já ſacramentada, perguntava ás Religioſas: *Quem era hum Frade Dominico, que eſtava alli perto do ſeu leito, rezando por hum livro?* Naõ duvidaraõ ellas de quem ſeria, ainda que naõ viaõ nada. Pedio, que a naõ enterraſſem no Cemiterio do Moſteiro, que ſabia era depoſito de gente Santa; que para o ſeu corpo, ainda era muito huma cova no Clauſtro. Voltou os olhos á Imagem de hum Crucifixo, e entre demonſtraçoens de verdadeira penitente eſpirou com ſocego, e ſuavidade, ficando com moſtras della no ſemblante. Vinte annos deſpois, abrindo-ſe ſua ſepultura, teſtemunhou na fragrancia o corpo que guardara, e toda a Com-

muni-

munidade, o peregrino da fragrancia. Faleceo a Madre Sor Franciſca em Outubro de 1666.

Sor Catharina do Eſpirito Santo.

Eſcolheo Deos a ſimplicidade para confundir a ſabedoria da terra; e para que ſe entendeſſe, que eſta ſabedoria era ſimplicidade. Aſſim o veremos agora na avaliaçaõ, que tinha no voto do Mundo huma Religioſa de coraçaõ puro, e ſingelo. Era eſte o de Sor Catharina do Eſpirito Santo, a que eſta puriſſima Pomba parece, que infundira a qualidade no nome; aſſentando as Religioſas menos conſideradas, (que naõ attendiaõ ao inculpavel de ſua vida) que toda ſua innocencia era ignorancia. Mas confundiraõ-nas, e deſenganaraõ-nas maravilhoſos ſucceſſos. Tocaremos dous.

Coſtumava Sor Catharina paſſar no Coro a noite da quinta para a feſta, por devoçaõ particular, e algumas Religioſas, que tinhaõ a meſma. Faltou o azeite a huma alampada, de que ſe haviaõ de valer para rezar; apagou-ſe, ficando Sor Catharina com o ſentimento de naõ poder rezar a Paixaõ de Chriſto, que recitava todos os dias pelas Almas. Queixou-ſe ás companheiras da pouca providencia de quem accendera a alampada, e levantando-ſe diſſe: *Eu a vou accender.* Feſtejaraõ as Religioſas a promeſſa, e determinaçaõ como ſimplicidade; mas Sor Catharina, chegando á alampada, e dando-lhe hum ſopro, lhe reſtituhio a luz, que durou toda a noite, trocados em confuſaõ os gracejos das que o viraõ, e admiravaõ. Naõ ſe eſtende a menos effeitos a participaçaõ da graça, que Deos diſpenſa aos ſeus Juſtos, para que como elle obrem prodigios, que ſe com hum quaſi ſopro deu vida a hum barro, poſſaõ dar vida a huma luz com hum ſopro.

Era grande a pobreza de Sor Catharina, igual a devoçaõ; que tinha com Noſſo Santo Patriarcha, mas naõ chegavaõ ſuas poſſes mais, que a accender a alampada a huma Imagem ſua na Veſpera do ſeu dia; porém ſendo taõ pouca a porçaõ de azeite, que podia levar o vidro, durava a luz acceza todo o Oitavario. Convidava eſta Madre as enfermas, que ſe untaſſem com eſte azeite; feriaõ milagroſos os effeitos, que obraria, mas naõ ficaraõ em memoria; nem outra da Madre Sor Catharina, mais que a de huma morte merecida de ſua innocencia, no anno de 1681.

Sor Antonia de Jeſus.

Aſſim he Deos amente della, que parece buſca induſtrias para conſervalla. Vio-ſe aſſim na Madre Sor Antonia de Jeſus, que entrou neſta Caſa, em que vivia huma vida commua, ſem eſcandalo nella, mas com frouxidoens na obſervancia. Paſſados alguns annos, ſonhou, que ſe achava junto a huma delicioſa fonte, em que via huma Senhora de mageſtade, e fermoſura peregrina, como o era a de hum menino, que eſtreitava nos braços. Alvoroçouſe Sor Antonia, e pedio ao menino hum gracioſo ramo, que tinha na maõ. Retirou-o elle, ſegurando-lhe, que lho daria, ſe mudaſſe de vida. Acordou entre o ſuſto, e o alvoroço do que ſonhara, e entendendo, que em tal materia eraõ os ſonhos aviſos, e conſelhos, aſſim trocou

cou a vida, que em breves dias a viraõ reduzida a huma eſtampa da penitencia, por mais que ſe ignorava a cauſa da mudança, de que ſó deſpois de ſua morte ſe teve noticia. Naõ ſe deitou mais em cama. O jejum o mais auſtero, a contemplaçaõ continua, e finalmente a morte taõ ſocegada, como digna de ſe conjecturar, que della paſſaria a receber da maõ de ſeu Eſpoſo o ramo ſempre verde das perpetuas felicidades.

Aſſim ſoube ſuſpirar por ellas huma grande Converſa, filha deſta Caſa, (que em noſſos dias reſtituhio a ella, na ſua vida, huma copia daquellas primeiras cultivadoras da ſua obſervancia) que de muy tenros annos naõ ſó fez voto de caſtidade ao Eſpoſo della, mas ſe ſacrificou a ſervir neſta Caſa, ſó com os olhos no premio de ſe ver Religioſa Converſa. Foy eſta Sor Maria de Belem, que de pouca idade trouxe a eſte Moſteiro huma das graves obſervantes delle, para lhe aſſiſtir; porque ſendo Sor Maria criada com mimo, e abundancia em caſa de ſeus pays, ſe viaõ eſtes agora reduzidos a tanta penuria, que cantavaõ por fortuna o ſervir ſua filha eſcondida aos olhos de quem os conhecera.

Sor Maria de Belem.

Achava-ſe neſte tempo o Moſteiro deſtituido de quem aſſiſtiſſe á obrigaçaõ do forno, porque os annos, e os achaques tinhaõ impoſſibilitada huma Religioſa Converſa, que tinha eſſa incumbencia; lançou a Prelada maõ de Sor Maria, que em taõ pouca idade, compreiçaõ debil, e em ſua peſſoa taõ pouco robuſta, e ainda delicada (em que ſe via a improporçaõ para hum trabalho, que pedia forças dobradas) antes era pedirlhe hum milagre, que darlhe huma occupaçaõ; e aſſim ſuccedeo, porque dizendo ella ás que lhe exaggeravaõ o impoſſivel, que a Senhora da Conceiçaõ (fallava de huma Imagem de particular culto no Moſteiro) lhe daria forças para ſervir ás Religioſas, entrou a exercitar o officio com admiraçaõ de todas.

Aſſim entrava deſaſombrada nas officinas de mayor trabalho, porque a ancia de ſe ver Converſa, lhe dobrava eſſas forças que tinha. Seu ſuſtento quotidiano era hum pouco de paõ ſeco, e alguns dias mais feſtivos algum legume, regalo de que ſe abſtinha em Quareſma, e Advento; porque a reçaõ, ou qualquer pitança, era do primeiro pobre, que encontrava na Portaria. Para deſcanço lhe ſervia de cama huma taboa (quando ſe achava indiſpoſta) porque o chaõ foy ſempre a ſua cama; mas ainda por taõ poucas horas, que quaſi ſempre a achavaõ no Coro as da madrugada, em que (como a que vivia na Caſa das Eſtrellas Dominicanas) acompanhava com ſuaves jaculatorias a melodia das Matutinas. Mas cuſtoulhe primeiro muitas lagrimas, e rogativas, o haver de vir, e aſſiſtir naquelle lugar áquellas horas, e paſſar muitas vezes nelle todas as da noite.

Fica o Coro debaixo muy fóra do commercio do Moſteiro, e ſobre ſer ſombrio, e carregado, a idade, e o ſexo lho faziaõ mais horroroſo; mas a Imagem de hum Chriſto crucificado,

ficado, de grande devoçaõ (que eſtava nelle, e com que ella a tinha grande) aſſim ouvio os gemidos daquella Pomba, que ſuſpirava aquella aſſiſtencia nocturna, (em que a ſoledade, e o ſegredo apaſcentaõ ſuavemente o eſpirito) que deſterrando-lhe prodigioſamente o medo, a convidava no mais alto da noite a fazer habitaçaõ nas aberturas laſtimoſas daquella ſagrada Pedra, que a vara moſtrava tantas vezes ferida. Aſſim frequentava Sor Maria o ſitio, e aſſim queria imitar nelle a ſeu Eſpoſo, que crucificada nos ſeus cilicios, lhe abria a continua oraçaõ chagas nos joelhos, de que muitos annos foy ſó ſecretaria a ſua paciencia.

Naõ lhe ſuccedeo aſſim nas diſciplinas, que repetia naquelle ſitio, porque nem toda a ſua cautela, e advertencia podiaõ apagar as evidentes rubricas do ſangue, em que ſe lia nas paredes, e pavimento, o como eraõ rigoroſas, e continuas. Conſeguio melhor a diſſimulaçaõ em outro martyrio. No primeiro anno, que entrou no Moſteiro, cahio, levando hum pezo deſmedido ás ſuas forças; e á violencia do golpe, lhe ficou hum braço com grandes dores, e ſem movimento. Affligio-ſe exceſſivamente, porque o ſeu empenho era ſervir para merecer o habito; e agora ſe temia repudiada por inhabil. Recorreo ancioſa á Senhora da Conceiçaõ, ſua continua Protectora, fazendo voto de lhe rezar todos os dias hum Terço, ſe lhe reſtituhia o movimento no braço, ainda que lhe continuaſſem as dores nelle. Caſo raro! Desde logo conſeguio perfeito, e robuſto movimento, mas continuando-lhe as dores no braço por muitos annos, ficando habil para ſervir, ſem perder o merecimento de padecer. Que alto conſelheiro teve ſempre a virtude nas ſuas operaçoens! Naõ paſſava de treze annos, quando fez eſta taõ bem meditada ſupplica.

Eſtes, e outros teſtemunhos de ſua concertada, e penitente vida, foraõ as adherencias, que lhe negocearaõ o habito de Converſa, ſem que ſe lhe ouviſſe huma palavra de empenho para conſeguillo mais, que dar graças a Deos, quando via que ſe lhe dilatava. No dia, em que o recebeo, (que ella teſtemunhava pelo mais feliz de ſua vida) paſſando pelo Coro, ſe proſtrou por terra diante do ſeu Crucificado, ſegurando-lhe, que no que coubeſſe na ſua fragilidade, o adoraria Eſpoſo; acto em que (dizia) lhe pareceo que ſe lhe arrancava o coraçaõ do peito com huma ſuave, mas poderoſa, e executiva violencia. Mas eſta era a primeira, e mais importante victima, que no altar daquelle madeiro lhe pedia ſeu Eſpoſo.

No novo eſtado pouco achou, que accreſcentar á Regra, mais que o goſto de ver que obedecia; mas ſó ſe lhe conheceo exceſſo na obſervancia da pobreza: ſentia ella as ſuas oppreſoens, ſó por naõ ter com que acodir ao aceyo das Capellas, e provimento das alampadas, para o que ſe ſoccorria das Religioſas mais abaſtadas; diligencia, e cuidado, que o Senhor lhe premiava com evidentes prodigios, trocando lhe muitas vezes as fundages do azeite no

mais puro, e claro; outras, achando-ſe providas as talhas, que ſe tinhaõ deixadas por vaſias; caſos de que teſtemunhavaõ as meſmas Religioſas, que a ſoccorriaõ para eſtas pias providencias.

Todo o tempo, que lhe reſtava das occupaçoens, que eſtavaõ a ſeu cargo, lhe levava a aſſiſtencia das Imagens, de que era devota; diligencia, com que valeo a algumas Religioſas em grandes moleſtias. Confirmemos eſta conjectura com huma, em que ſe fez grande reparo. Achava-ſe huma Religioſa enferma, já ſem eſperança alguma de vida. Recorreo (como via fazer a muitas) huma irmãa ſua a Sor Maria, para que rogaſſe a Deos pela enferma; e como ella a eſtas petiçoens ſe eſcuſava com a generalidade de que Deos acudiria, inſtando a Religioſa, e indo para eſſe effeito importunalla ao Coro, lhe reſpondeo: *Madre, leve á doente a Imagem de Noſſo Padre, que eſtá em tal Capella, que eu ſonhey, que o Santo queria rogar a Deos pela ſua ſaude; que niſto naõ ſe perde nada, porque naõ he mais que hum ſonho; mas tenha ſegredo.* Aſſim ſuccedeo, que convaleceo repentinamente com a aſſiſtencia do Santo, e admiraçaõ dos Medicos, que lha faziaõ deſconfiados.

Continuamente ſe lhe repreſentava, que tudo no Mundo eſtava no ar; aſſim os edificios, aſſim as peſſoas, que caſualmente via de alguma janella do Moſteiro, e o meſmo Moſteiro em Dormitorios, e Clauſtros, que pizava, com receyo de que naõ eſtavaõ ſeguros; e logo ſe lhe repreſentava o Mundo cheyo de peccados, o que a reduzia a huma grande afflicçaõ, e profunda triſteza, que deſafogava em continuas lagrimas, de que (como ella confeſſou) ſó convalecia na ſua oraçaõ ſolitaria. Muitos foraõ os caſos, em que aſſim ſe conheceo; baſte hum por todos, por ſer o mais publico.

Sahindo por Viſitador deſta Provincia o Meſtre Frey Ignacio da Coſta, entre as ordens, que mandou pelos Moſteiros, foy huma a eſte do Paraiſo, em que ordenava, que as Freiras Converſas veſtiſſem eſcapulario preto, deixando o branco, para ſe conformarem neſta exterioridade com os Irmaons Converſos da Ordem. Vinha eſta com excommunhaõ ás Preladas, ainda que ſe ſuſpendeo com a appellaçaõ das Converſas. Naõ entrou Sor Maria no numero das appellantes, mas recorrendo á Senhora, que era, (como já diſſemos) a ſua protectora, lhe confeſſou a inconſolavel pena, que lhe daria o largar o eſcapulario branco, como repreſentaçaõ da pureza religioſa. Sentia mais, que houveſſe litigios, a que ſe havia de ſeguir inquietaçaõ da Caſa, e da conſciencia; mas que pedia ao Senhor lhe déſſe huma grande conformidade. Iſto diſſe com muitas lagrimas, naõ podendo occultar a continuaçaõ dellas, e a grande afflicçaõ em que andava á meſma Prelada, como ſua domeſtica. Ao ſeguinte dia appareceo com ſemblante mais ſereno, e os olhos enxutos, de que admirada a Prelada, e ſuſpeitando já o que podia ſer, a importunou para que lhe deſcobriſſe

briſſe a novidade, que ella depoz, (ou vencida dos rogos, ou ameaçada dos preceitos) dizendo, que a noite antecedente, indo como coſtumava, provendo as alampadas, ſe proſtrara diante do ſeu Senhor,) que era a Imagem de hum Crucifixo) e lhe pedira perdaõ da ſua rebeldia, ainda que eſtava prompta para a obediencia ; e que logo ſe ſentira com menos repugnancia ; e deſcendo ao Coro debaixo, ao entrar nelle, ouvira huma voz , que diſtintamente diſſera : *Naõ te afflijas, que naõ ha de ſer ; e que no Coro naõ achara peſſoa alguma, achando-ſe totalmente livre daquella afflicçaõ.* Eſte caſo praticavaõ a Prelada, e o Vigario (que logo aſſentou , que tudo eſtava desfeito) quando chegou noticia, de que era o Viſitador falecido, e ſe poz o Decreto em perpetuo ſilencio.

Orava huma noite no Coro; chegou-ſe a ella huma Religioſa, que pertendia huma eſmola para fazer huma ſobrinha Freira , (o que a trazia affligida, e deſconfiada) e pedio-lhe encommendaſſe ao Senhor (que eſtava expoſto) aquella importancia, que ella mandaria fazer a Imagem de S. Joſeph , muy ſuſpirada no Moſteiro. Naõ reſpondeo Sor Maria , e foy continuando a ſua oraçaõ ; (em que ficava como ſem operaçoens de viva) deteve-ſe orando a Religioſa, e paſſado algum eſpaço, voltou a ella Sor Maria, e diſſe-lhe : *Confie , Madre , na miſericordia do Senhor , que ouvirá petiçaõ taõ juſta , e mande logo fazer a Imagem , que ſe naõ baldará o cuſto.* Brevemente ſe vio a Religioſa deſpachada como queria, o que tudo teſtemunhou ella meſma.

Aſſim era ſua oraçaõ taõ continua , como fructuoſa , o que o inimigo naõ podia diſſimular, inquietando-a com eſtrondos , que as Religioſas ouviaõ, fogindo temeroſas , e aſſuſtadas ; e vendo, que Sor Maria ficava com ſocego , e perguntando-lhe o que foſſe , reſpondia , que naõ entendia o que era, mas que ſe naõ devia fazer caſo de nada. Entendeo-ſe , e eſpecialmente pela Prelada, (com quem vivia, e fazia aſſiſtencia) que as Almas a animavaõ , e lha faziaõ ; porque ella ſegurou, que orando no Coro , ſentia , que eſtavaõ junto della , mas naõ via nada. Huma noite, que ſe detinha fóra de horas, orando na Capella do Sepulchro no Clauſtro , ſe ſentio cercada de hum repentino, e exceſſivo calor. Voltou os olhos ao Clauſtro , e vendo que ardia em grandes labaredas , entendendo, que ſe pegara fogo no Moſteiro, ſahio fòra aſſuſtada, e naõ vio couſa alguma.

Mayores caſos lhe deviaõ ſucceder na oraçaõ ; ſepultou-os a ſua grande vigilancia. Diremos o que eſta naõ pode eſconder. Orava na Enfermaria , (em que aſſiſtia a huma enferma) e tomada de hum leve ſono, ſe lhe repreſentou Chriſto Senhor Noſſo em hum campo de flores, em que eſtava muita gente. Tinha o Senhor na maõ hum caliz de puriſſimo criſtal, em que recebia o precioſo licor de ſeu ſangue , que lhe ſahia do lado. Proſtrou-ſe Sor Maria, pedindo miſericordia , e o favor celeſtial de participar daquelle Divino nectar. Concedia-lho o Se-

Senhor, e a algumas Religioſas, a petiçaõ ſua. Entaõ levantou o Senhor a voz, e chamou por huma Religioſa, que vivia no Moſteiro com pouco reparo; e naõ reſpondendo eſta, ordenou que foſſe caſtigada. Com o horror deſta ſentença acordou Sor Maria, ſepultada em huma taõ profunda triſteza, que obrigou a que a importunaſſe a Prelada, e ſoubeſe a cauſa daquella afflicçaõ repentina. Mas vio-ſe o fruto da ſua oraçaõ, porque em breves dias (em que a Prelada ſe entende participaria o caſo á Religioſa) ella ſe reduzio a huma vida reformada, e dentro de hum anno faleceo, inferindo-ſe de ſua morte a melhor vida a que paſſava.

A outra Religioſa aſſiſtia com continuos conſelhos, pedindo a Deos por ella na oraçaõ, porque a via, ainda que inclinada á obſervancia, como confuſa, e ſuſpendida. Eis-que hum dia claro, e ſereno ſoou de improviſo hum trovaõ eſtrondoſo, ferindo com tanta actividade nos ouvidos daquella Religioſa, que entendendo, que para ella era o ameaço, correo a abraçar-ſe com hum milagroſo Crucifixo; e repetindo ſegundo trovaõ com mayor horror, fez com a boca naquellas Sacroſantas Chagas hum voto de emenda, que ſe conheceo logo no eſtylo de ſua vida, em que a confirmou o ſaber de Sor Maria, que na noite precedente ao trovaõ, tinha ſonhado, que cahia hum rayo no Moſteiro, e que ella proſtrando-ſe diante daquelle Crucifixo, pedia naõ permittiſſe, que fizeſſe damno. Mais individuaçoens haveria neſte caſo; mas ſempre as de mayor reparo coſtumava deixar em ſilencio.

Adoeceo gravemente a Prelada, a que aſſiſtia; receava Sor Maria o rigoroſo golpe da ſua falta; foy exceſſivo ſeu ſentimento, que naõ podia diſſimular como domeſtica; e advertindo-a a enferma, que era culpavel a ſua pena, porque devia accommodar-ſe com a vontade Divina mais, que attender ao amor da creatura, lhe reſpondeo: *Que o ſeu ſentimento era divida, por quem a trouxera áquella Caſa, e lhe dera a honra de ſer filha della, (o que naõ merecia) porque Deos caſtigava, e aborrecia ingratos. Que quanto a inclinaçoens, ſabia Deos, que nunca em ſeu coraçaõ entraraõ de couſa deſta vida.* Mas aggravava-ſe a doença á Prelada; ordenaraõ os Medicos, que ſe lhe deſſem os Sacramentos; e advertio ella a Sor Maria, que ſe diſpuzeſſe, porque ambas haviaõ de receber o Senhor. Aſſim ſuccedeo; e reparando a enferma, que Sor Maria ſe reveſtia de huma alegria deſuſada, vio, que chegando-ſe a ella, lhe dizia: *Madre, confie no Senhor, que naõ ha de ir deſta, porque quer elle, que lhe faça ainda muitos ſerviços*; ſucceſſo, que logo teſtemunhou a meſma Prelada, e ſe confirmou na melhora repentina, com que ſe reſtituhio a ſaude perfeita.

Tornou a adoecer a meſma Prelada dahi a alguns annos, e dizendo a Sor Maria, pela ver muy deſconfiada, que devia conformar-ſe com a vontade Divina, lhe tornou ella com muitas lagrimas: *Confirme-ſe voſſa mercê tambem, porque agora lhe digo, que já naõ terá ſaude em quan-*

quanto viver; e aſſim foy, como o multiplicarem-ſe os trabalhos áquella Religioſa, promettidos tambem por Sor Maria, que lhe certificou vira em ſonhos huma grande Cruz, e logo huma grande eſtrada, que hia parar junto á cella daquella Prelada.

Mas mais ſingular caſo confirmou os favores, que Sor Maria conſeguia na ſua oraçaõ. Cahio na cama de doença, que pareceo ſer a ultima. Aſſiſtia-lhe a ſua amante Prelada, e dizendo-lhe, que eſperava em Deos, que havia de ter melhora, lhe reſpondeo: *Ainda mal, que naõ ha de aqui ter termo o meu purgatorio.* Ficou dizendo iſto abſorta, e ſem ſentido. Vieraõ os Medicos, e tomando-lhe o pulſo, voltaraõ para as Religioſas, dizendo, que aquelle accidente era ſuperior aos remedios dos homens, e que mais ſe haviaõ de dar a Deos graças, que applicar meſinhas. E tornando em ſi, e achando alli ſó a Prelada, lhe diſſe: *Neſſe lugar em que voſſa mercê eſtá, tive eu hontem aos grandes Patriarchas S. Domingos, e S. Franciſco, a que me queixey muito de ſe me dilatar tanto eſte deſterro; mas iſto ſaõ ſonhos, naõ ha para que reparar nelles.* Dahi a pouco tempo a tomou huma taõ ardente febre, que foy preciſo chamar o Medico, que lhe applicou hum cordeal, e voltandoſe ella para a parede, voltou dalli a eſpacio, e ſentada na cama, pedio o veſtido; e tanto inſtou, que (ainda que parecia delirio) ſe lhe deu, e ſe levantou, e a petiçaõ ſua a levaraõ ao Coro, de donde veyo ſem arrimo, nem admittio mais Medico, antes dalli a dous dias ſe poz na ſua auſteridade coſtumada, e ſerviço da Communidade na aſſiſtencia do forno, de que a Prelada a quiz aliviar, e ella o naõ admittio, dizendo: *Que como Deos naõ quizeſſe, lhe tiraria as forças; que daquella ſorte a quizera o Senhor, e nella havia de perſeverar.*

Bem conhecia Sor Maria os avanços daquella humildade, exercicio em que muitas vezes a eſpreitaraõ, e a viraõ extatica com os joelhos em terra, logrando as delicias daquelle Eſpoſo, que por ella ſe fizera ſervo.

Alguns favores, que recebia do Ceo, ou importunada, ou inadvertida, communicava á ſua Prelada, mas cahindo logo em ſi, dizia: *Madre, iſto tudo ſaõ imaginaçoens*; e logo ſe retirava, naõ deferindo a pergunta alguma. Via-ſelhe no ſemblante quando tinha ſido favorecida; e em huma occaſiaõ hia a dizer o que neſte particular lhe ſuccedera, e fallou taõ altamente, que a Prelada ficou ſuſpenſa, e teſtemunhou deſpois, que o que ſó lhe percebera, fora: *Que o Senhor, ainda que muito humano, aſſim infundia veneraçaõ nos coraçoens, que tudo parecia temor, mas que o amor podia mais.*

Havendo algumas diſſençoens no Moſteiro, e palavras entre algumas Religioſas, affirmava, que nada ouvia. A ſua pratica, que era raras vezes, ſó com Religioſas reformadas, e em couſas do Ceo; herança daquelle grande Pay, que ſe fallava, ou era com Deos, ou de Deos. Aſſim ſe reſolveo deſpois de vinte e tantos annos, por conſelho da ſua Prelada, a com-

municar a ſua conſciencia com hum Religioſo de letras, e vida concertada, e dizia: *Que ella ſim ſeguia bom caminho, mas ás eſcuras, porém agora com candea.*

Exceſſiva no affecto, e reverencia ao Santiſſimo Sacramento, introduzio no Moſteiro, que no ſeu Oitavario houveſſe Lauſperenne; pedindo-o com muita inſtancia á ſua Prelada, que aſſim o ordenou com grande lucro eſpiritual das Religioſas; e houve circunſtancias, de que ſe inferio, que fora aquelle empenho conſelho do Ceo. A hum Eſtudante, que queria ordenar-ſe, o mandou ella dar por huma Religioſa ſua parenta, que naõ tomaſſe aquelle eſtado, ſem fazer primeiro huma confiſſaõ geral; porque de outra ſorte ſe lhe aparelhavaõ grandes infortunios. A grandeza, e continuaçaõ deſtes moſtraraõ, que ſe naõ tomou o conſelho.

Como na oraçaõ os participava do Ceo, coſtumava embaraçarlha o inimigo. Vio-ſe em hum tremendo caſo. Recolhia-ſe huma noite para a caſa da Prelada, em que aſſiſtia, e taõ inquieta, e choroſa, que importunando-a pela cauſa, reſpondeo: *Que heide fazer, Madre, ſe teve poder o inimigo para me eſtorvar a minha hora de deſcanço? Porque aſſim como entrey na minha Capella, ſe me poz neſta imaginaçaõ, que via muita gente no Clauſtro, e traziaõ as Religioſas a huma com hum mortal accidente, e por mais diligencias naõ podia confeſſar-ſe, nem tomar o Senhor. Iſto ſe me imprimio de ſorte, que ſahi ao Clauſtro, mas o inimigo com medos, e eſtrondos me fez retirar.* Recolheo-ſe, mas bem vio a Prelada, que naõ deſcançava, e a pouco eſpaço ſahio da cella. Levantou-ſe a Prelada ao romper da manhãa cuidadoſa, eis-que lhe fere os ouvidos hum deſuſado eſtrondo, e chegando a examinallo, vê, que traziaõ em braços a meſma Religioſa, que diſſera Sor Maria, com hum accidente, que ſem obedecer a remedios, lhe tirou a vida ſem confiſſaõ.

Ao tempo que iſto eſcrevemos, vive Sor Maria, mas taõ attenuada com annos, e achaques, que nos braços a levaõ para o Coro, em que gaſta os dias, e parte das noites. O Senhor, que a tem conſervado até aqui, para demonſtraçaõ de ſua clemencia, a poderá deſempenhar com mayores evidencias na morte de ſua ſerva, para gloria ſua, e aſſumpto de melhor penna.

Sor Domingas, e Sor Agueda da Cruz.

Mas fechem o numero das glorioſas filhas deſta Caſa duas Irmãas Converſas, que ainda que mais antigas nella, deraõ o ſeu lugar ás Madres de que temos eſcrito, para entrarem juntas neſte ultimo. Foraõ ellas Sor Domingas, e Sor Agueda da Cruz, e aſſim ſouberaõ abraçar a da Religiaõ, que igualmente edificavaõ, e ſerviaõ a Caſa com o ſeu exemplo, e com o ſeu cuidado. Naõ quiz ter Sor Domingas outro, mais que ſervir, como quem conhecia, que o meſmo Deos feito homem, naõ eſcolhera outra occupaçaõ na terra. Entrara neſta Caſa com huma irmãa, e huma ſobrinha, todas para Freiras Converſas; tiveraõ depois dote, paſſaraõ as duas para

ra Freiras do Coro, naõ quiz Sor Domingas, tendo o meſmo. Servia a Communidade no trabalho do forno, como ſe deſafiaſſe as labaredas de ſua caridade nas que accendia nelle. Andou ſempre deſcalça, para que a convidavaõ os tojos de ſua officina, onde naõ queria dar paſſo, que naõ podeſſe ſer martyrio. Obſervante do jejum, ainda eſſe pouco que comia, diſſaboreava com agua. Alcançou huma cadea de ferro, que fora de Servo do Deos o Irmaõ Frey Pedro, Porteiro de S. Domingos de Evora, teve noticia do para que lhe ſervira, e cingindo-ſe com ella, e fechando-a com hum cadeado, lançou a chave em hum poço. Conſumida de penitencias, annos, e trabalho, foy ſua morte de Santa, e como de tal, venerada ſua ſepultura.

Seguio ſeus paſſos nas penitencias Sor Agueda, ſangrada de rigoroſas diſciplinas, deſcançava poucas horas da noite ſobre huma taboa, nunca em cama. Seu deſvelo principal, acodir, e remediar a pobreza. Era hum retrato deſta a ſua cella, e a melhor alfaya, que guardava em hum almarioſinho, huma caveira, eſpelho a que compunha ſua vida, e aſſim a enſinou a morte a viver, que começaria a viver felizmente desde a morte.

Lucrecia da Conceiçaõ.

Naõ deixemos em ſilencio a venturoſa, que teve Lucrecia da Conceiçaõ, eſcrava do Moſteiro, em que viveo muitos annos exercitada em huma extremoſa devoçaõ com a Senhora do Paraiſo, a que chamava *a ſua Senhora do alto*; acompanhava eſta devoçaõ com concerto de vida, que parecia effeito della. Achava-ſe na ultima hora, e levantando a voz, diſſe, que lhe chamaſſem trez Religioſas, apontando os nomes dellas, (eraõ as que ſe conheciaõ na Caſa mais devotas da Senhora) e que vieſſem com toda a preſſa a ver a ſua Senhora do alto, que lhe entrava pela janella a fazer-lhe huma viſita; e com o alvoroço de recebella, paſſou deſta vida; ſeria a acompanhar a Senhora.

Mais copioſas noticias nos devia de roubar o tempo, ou o deſcuido, e quero tambem crer, que a modeſtia deſta Caſa, porque muito mais nos promettia a obſervancia, que ſe continúa nella, de que naõ faltaõ memorias de vidas reformadas, mas a ſimilhança dellas ſem caſo particular, nos eſcuſaõ o trabalho de as repetir, podendo a repetiçaõ cauſar faſtio, e tendo já apontado as que baſtaõ para exemplo. Sempre neſta Caſa houve eſpiritos, que o fomentaraõ, lembrados da pura refórma de ſeus principios; para credito dos quaes naõ deixarey de apontar aqui huma circunſtancia, que em boa, e aſſentada tradiçaõ ſe conſerva na Caſa, e de que noſſo anteceſſor parece naõ teve notica, e vem a ſer, que era (nos primeiros annos de ſua fundaçaõ) tal o deſpego do Mundo, com que ſe vivia, (ainda no que naõ ſe eſcuſa) e tal o amor da verdadeira pobreza religioſa, com que ſe conſerva a obſervancia, ſem mais cuidado, que o augmento della, que viſitando a Caſa ElRey Dom Manoel, (occupado entaõ em reformar todas as do Reyno) e dando gra-

graças á Madre Joanna Correa, terceira Prioreza, pela grande reſórma com que o Moſteiro corria, tendo toda a Communidade junta, diſſe ás Religioſas, que pediſſem o de que neceſſitaſſem; e inſtadas outra, e outra vez, que pediſſem (porque todas ſe callavaõ) pediraõ doze mil reis, porque o numero era de doze Religioſas, o que ElRey lhes concedeo taõ admirado de ver ſua parcimonia, como ſó entaõ menos lembrado de ſua Reeal liberalidade. Naõ ſe eſqueceraõ as Religioſas da ſua obrigaçaõ, avultando-a tanto, que todos os dias até o preſente lhe ficaraõ cantando á Hora de Prima o Hymno *Veni Creator Spiritus*, com ſeu verſo, e oraçaõ; e no Oitavario dos Defuntos hum Officio. O Hymno naõ ſey, que porporçaõ tenha para o ſeu agradecimento, ſalvo ſe he em lembrança do que lhe cantaraõ na entrada do Moſteiro.

Mas coroemos as memorias delle com a ſua gloria, a ſua ventura, e o ſeu amparo, que ſaõ as mercês (fallamos nas modernas) da Senhora do Paraiſo, que lhe dá o titulo, e o conſerva reſpeitado. Vio-ſe aſſim por Julho de 1701. que levantando-ſe huma horrivel trovoada, a tempo que as Religioſas rezavaõ Matinas, rompeo taõ viſinho o trovaõ, que entrando a repentina claridade por huma janella do Coro, pareceo, que nelle feria o coriſco. Proſtraraõ-ſe as Religioſas por terra, ou aconſelhadas da devoçaõ, ou compellidas do ſuſto, recorrendo com fervoroſos clamores á Senhora do Paraiſo; e examinando deſpois os ſinaes de fogo, que o rayo deixara nas varandas, e lugares altos do Moſteiro, hindo cahir em huma rua da viſinhança (ſem fazer offenſa) o attribuiraõ á protecçaõ da Senhora, que como Cherubim daquelle Paraiſo, lhe ſerve de guarda, continuando a Communidade a memoria do favor em huma Antiphona com ſua oraçaõ, que todos os dias ſe entoa antes de Prima.

Outro favor eſpecial, e moderno ſe ſabe, e teſtemunhaõ as Religioſas, que ſe vio em huma ſervente do Moſteiro, que vendo-ſe ſuffocada de huma poſtema (perigo, a que naõ valiaõ as induſtrias da medicina) ſe levantou da cama, e levada igualmente da devoçaõ, e da ancia ſe foy ao Coro, e pondo-ſe com fé viva nas maons da Senhora, lançou immediatamente a poſtema, teſtemunhando o prodigio com huma repentina, e ſegura melhora. Devem ſe as deſta Caſa a eſta ſoberana Senhora, que he (como lhe chama a Igreja) Porta do Paraiſo, por onde entraraõ todas as do Mundo.

CAPITULO XXVI.

Das Madres Sor Brites de Lima, ou da Cruz, Sor Brites da Encarnaçaõ, Sor Leonarda da Trindade, Sor Guiomar dos Fiéis de Deos, Sor Urſula de Santa Maria, Sor Antonia de Jeſus, Sor Magdalena da Sylva do Moſteiro da Roſa.

ENtremos no jardim duas vezes fechado, pelo voto da Clauſura, e pela cautela da obſervancia, florecendo aſſim nelle

Hortus cõcluſus, hortus cõcluſus. Cant. 4o.

nelle as flores della, que juſtamente lhe deu primeiro o Roſario, deſpois a Roſa, o nome, como emblema das venturoſas Primaveras em que reſpiraraõ tantas Aſſucenas Dominicanas, ſendo eſte o jardim, que duas vezes eſcondido aos olhos do Mundo, ſoube roubar os daquelle Eſpoſo, a que a eſpoſa verdadeira offereceo entre flores o thalamo, e o logrou na Clauſura das Roſas como ſuſtento. Já na fundaçaõ da Caſa ſe percebeo largamente a fragrancia de virtudes, com que o Ceo a enriquecia; durou deſpois, e dura ainda como em herança nas filhas, que deſpois a cultivaraõ, como moſtraremos agora; e ſeja entre ellas a primeira, a Madre Sor Brites de Lima, tia do Biſconde de Ponte de Lima, nobreza, que pizou, para ir deſcendo ás occupaçoens de ſerva na Clauſura Dominicana. Tal era ſua humildade. Com toda pedio, e veſtio a mortalha religioſa, abraçando com tanto goſto os ſeus rigores, que nem quiz que os achaques a diſpenſaſſem delles; antes começando eſtes a perſeguilla, ſe poz da ſua parte com as auſteridades da ſua penitencia. Mas era muita ſua debilidade, para reſiſtir a tantos inimigos; veyo a proſtralla huma enfermidade, ajudada de todos. Dilatou-ſelhe por alguns mezes, naõ para lhe perdoar a vida, mas porque quiz o Ceo moſtrar os quilates de ſua paciencia; ſó nos effeitos ſe via a violencia do achaque, porque ſe lhe naõ ouvio queixa, ou gemido de que ſe percebeſſe. Naõ tinha mais de alivio, que aquelle dia que commungava, com tanta devoçaõ, e lagrimas, que as tirava de compunçaõ dos olhos das Religioſas.

Mo ſteiro la Roſa.

Lectulus noſter floridus Cant. 1.

Acervus tritici vallatus liliis, vallatus Roſis. Cant. 7.

Sor Brites de Lima.

Chegava-ſe ſua morte, quando dous dias antes creſcendo com exceſſo o rigor do mal, que ſe via nas ancias, e deſaſocegos, lhe acodio o Ceo com ſuaves lenitivos, percebendo a doente, e outras Religioſas, (aſſim aſſiſtentes, como diſtantes) por muitas vezes ſoberanas, e concertadas vozes, que ſe repetiaõ no Coro, em que ſe naõ achava quem as repetiſſe, por mais que percebida, e continuada a ſuavidade, ſe fazia o exame. Entre eſtes regalos, e mimos do Ceo, paſſou a lograr nelle a coroa de ſua tolerancia, em 19. de Julho de 1622.

Siga huma Brites a outra, huma ſobrinha a huma tia. Siga a Madre Sor Brites da Encarnaçaõ á Madre Sor Brites de Lima. Fora eſta daquella, naõ ſó tia, mas meſtra, e Sor Brites da Encarnaçaõ taõ grande diſcipula, que no exemplo, que deſpois deu a toda a Caſa, começou a ſubſtituir pela meſtra. Foy eſta Madre filha do Biſconde Dom Lourenço de Lima, dotada de grande prudencia, e igual modeſtia, mas a delicadeza, e debilidade natural, mimoſa da criaçaõ que tivera, naõ ſe reſolvia a abraçar as aſperezas do eſtado que tomara, e em que a doutrinara ſua tia; aſſim ſe deixou paſſar os primeiros annos em hum genero de vida concertada, antes com attençoens á ſua qualidade que em ſogeiçaõ, e ſacrificio á virtude. Entravaõ os achaques a deſculpar as relaxaçoens, mas diſpoz o Ceo, que elles

Sor Brites da Encarnaçaõ.

meſ-

meſmos aconſelhaſſem a reſórma, porque creſcendo com exceſſo, romperaõ hum dia em hum accidente, que a privou de falla, juizo, e movimento, ſem aproveitar induſtria, ou remedio humano.

Recorreraõ as Religioſas á Senhora do Roſario; no ſeu dia teve falla, e juizo inteiro; das leſoens, e debilidades do corpo foy pouco a pouco convalecendo, e das do eſpirito, com huma taõ repentina melhora, que bem ſe deſcobria, que o Ceo, que lhe dera a primeira, a aconſelhava para a ſegunda. Começou a entrarſe de hum conhecimento proprio, que a abateo, e meteo debaixo dos pés de todas, desfazendo em cinza aquellas fabricas antigas, em que o idolo da eſtimaçaõ ſe deixava adorar nas repetidas liſonjas da calidade, e das prendas. Trocou a cella pelo Coro, o deſcanço pela oraçaõ. Era raro o lugar, em que achando as Preladas, ou Religioſas antigas, ſe naõ puzeſſe de joelhos, pedindo-lhe perdaõ de ſuas paſſadas vaidades, ou deſattençoens ao ſeu reſpeito; eſpectaculo nunca viſto ſem lagrimas, e ſempre com acçaõ de graças áquella excelſa maõ, que faz eſtas mudanças. Tornaraõ a perſeguilla os achaques, que por oito annos foraõ ſeus algozes, ſem acabarem com ella o reduzir-ſe a menos auſtera vida, antes adiantava a perfeiçaõ della em huma rara conformidade, e tolerancia.

Chegou huma Veſpera de Noſſa Senhora da Purificaçaõ, acabara de confeſſar-ſe, eſperava commungar com a Communidade, quando entendeo, como ſe em clara voz o ouviſſe, que o dia ſeguinte ſeria ſua morte. Poz-ſe nas maons de Deos, recebendo-o, e paſſando aos pés da Prelada, lhe pedio perdaõ como indigna ſubdita, e a bençaõ, que já ſeria a ultima, porque era chegado o fim de ſua vida; que Deos lhe permittira eſſa noticia, e naõ havia duvida. Reprehendeo-a a Prelada, entendendo, que ameaçada de algum accidente, rompia naquelle delirio, advertindo-lhe, que naõ déſſe credito a fantezias, taõ alheas do que coſtuma dar a virtude. Obedeceo Sor Brites, culpando-ſe de huma temeridade, e ſogeitando-ſe, contra o que experimentara, ao dictame da Prelada, como Oraculo da ſua obediencia; ſacrificio, a que ſó chega a perfeiçaõ mais abalizada. Deteve-ſe Sor Brites no Coro aquelle dia mais do que coſtumava, e recolhendo-ſe á noite para a cella, diſſe a huma ſervente, que lhe aſſiſtia, que puzeſſe junto ao leito taes medicinas, que lhe ſeriaõ neceſſarias. Foy aſſim, que de madrugada a tomou huma violenta apoplexia, de que paſſados trez dias, eſpirou, ficando-lhe o roſto até alli mortificado, e conſumido, com huma tal ſerenidade, e belleza, que parece copiava a gloria de ſua alma. Faleceo em 13. de Fevereiro de 1639.

Muitas vezes ſe nos tem offerecido o fazer eſta reflexaõ ſobre a harmonia, que venturoſamente fazem a virtude, e a nobreza, porque a cada paſſo ſe nos repete eſte aſſumpto nas filhas deſta Provincia, naõ ſendo menos venturoſo eſte Reyno

na

na circunſtancia de ſerem os ſeus Moſteiros huns reformados Palacios, em que hoſpedado o melhor de ſua nobreza, deſempenha com ventagens as eſtreitezas da obſervancia. Eſta a razaõ de repetir a reflexaõ com goſto, porque naõ deſconheça o Reyno, que os Moſteiros da Provincia naõ enfraquecem a ſua grandeza, antes conta em todos mais, e melhorados Palacios.

Sor Leonarda da Trinda-

Continue o argumento deſta verdade, deſpois das duas Madres, de que temos eſcrito, a Madre Sor Leonarda da Trindade, igualmente com ellas illuſtre por naſcimento, e digna deſta memoria por ſua humildade, zelo, e obſervancia; mas ſobre tudo por huma ſingular devoçaõ ao myſterio da Santiſſima Trindade, que lhe deu o nome. Fazia-lhe todos os annos a feſta, mas era taõ pobre, que valendo-ſe da induſtria de ſuas maons, trabalhava todo o anno para aquelle dia. Venturoſa tarefa, premiada com hum ſucceſſo, em que parece moſtrou o Ceo, que eſtimava o trabalho! Coſtumava Sor Leonarda fazer feſtivo o dia, naõ ſó quanto ao culto da Igreja, mas queria, que tambem abrangeſſe ás Religioſas com huma limitada pitança de fruta. Naõ era o tempo muy liberal della; tinhaõ ſido poucas as ſobras do gaſto principal, para acodir áquella falta. Recolhia-ſe á noite da oraçaõ para a cella com eſſa pena, quando lançando os olhos para donde tinha alguma fruta, que ſe lhe dera de eſmola, a acha taõ avultada, que contando-a com alvoroço, achou para repartir com largueza por todo o Moſteiro. Era rigoroſa, e eſtreita nos jejuns, comprava paõ groſſo, dando o mimoſo, com a reçaõ, que lhe dava a Communidade, aos pobres. Em alguns legumes, ou hervas, que lhe punhaõ no Refeitorio, e eraõ o ſeu prato quotidiano, lançava agua para lhes tirar o goſto. Aſſim foy ſua vida huma mortificaçaõ continuada, ſua morte o mayor alivio, e mayor ventura della.

SorGuiomar dos Fieis de Deos.

Teve a meſma a Madre Sor Guiomar dos Fieis de Deos, como veremos logo. (continuamos ainda nella o numero das nobres, e obſervantes) Foy eſta Madre com exceſſo humilde, e penitente, continua em fervoroſa oraçaõ, as mais vezes pelas Almas, que igualmente experimentava agradecidas, e em couſas taõ publicas, que lhe naõ era poſſivel recatallas, por mais que o prevenia a ſua modeſtia, e ſe cançava a ſua induſtria. Foy ainda mais publico o que teſtemunharaõ todas as Religioſas em ſua morte. Poucas horas antes della, ſe ouviraõ no Coro vozes deſconhecidas, entoando o Officio de Defuntos, entre ellas levantou a moribunda as maons, e olhos ao Ceo, e dando-lhe graças em vozes já mal percebidas, eſpirou, ficando na meſma fórma com tanto ſocego, e compoſtura, como ſe ainda vivera.

Sor Urſula de Santa Maria.

Grande eſpelho de refórma vio eſta Caſa na Madre Sor Urſula de Santa Maria, peſſoa de grandes reſpeitos por ſua qualidade, mas tanto mais ſobidas as de ſua virtude, que naõ ſó neſta Caſa, em que a tiveraõ por Meſtra, a elegeraõ

Prelada, mas eleita em outras, foy a reſtaurar nella a refórma. Naõ ſatisfeita com os rigores da Religiaõ, tinha particular induſtria para inventar outros, com que ſe penitenciava. Aſſim fez por ſuas maons humas diſciplinas com taõ multiplicados, agudos, e rigoroſos bicos, que baſtavaõ poucos golpes para martyrizar, ſeguindo-ſe taõ largas ſangrias, que era preciſo á ſua cautela, andar buſcando os lugares mais eſcondidos da Caſa, e advertir a huma amiga, de quem ſe fiava, que a taes horas a procuraſſe, para lhe ſervir de arrimo, para vir para a cella; a tal eſtado a reduzia o rigor da diſciplina! Aſſim trazia o corpo, antes eſpedaçado, que ferido. Muitos annos perſeverou neſta vida, paſſando, muy entrada nelles, a lograr o que merecera nella.

Sor Magdalena da Sylva.

Da Madre Sor Magdalena da Sylva ficou a memoria de grande obſervante; penitente, tanto como obſervante, e humilde, tanto como nobre. O ſeu zelo a poz no lugar de Prelada, e a ſua obediencia (acabado o cargo) nos officios mais penoſos do Moſteiro; ſervia-os com deſvelo, ſem que os annos, ou os achaques lhe ſerviſſem de embaraço. Por todos cortava fogindo para o ſeu centro, que era a oraçaõ, em que ſe eſquecia com ſuavidade de eſpirito, como moſtravaõ as groſſas, e continuas lagrimas, que cahiaõ de ſeus olhos, em ſe pondo de joelhos. Com eſtas mudas, mas expreſſivas linguas, fallou na ultima hora de ſua vida a ſeu Eſpoſo, que tinha na maõ na Imagem de hum Crucifixo. Eſpirou, chegando os ſagrados pés aos olhos, como ſe encaminhara aquelles dous penitentes rios ao mar de miſericordias, que contemplara naquellas Chagas. Venturoſa Magdalena, que ſoube regar aquelles pés com lagrimas, que já em outra ſecaraõ culpas, e já em outros colheraõ premios!

Mas fechemos eſte Capitulo com as memorias de huma filha deſta Caſa, em que parece foy a virtude herança, e naõ ſerá pouco credito ſeu conhecer-ſe o parente, de quem a herdou. Foy eſta a Madre Sor Antonia de Jeſus, venturoſa conſaguinea do Noſſo Arcebiſpo de Braga Frey Bartholomeu dor Martyres, por anthonomaſia o Santo Arcebiſpo; e foy a primeira virtude, que herdou delle, huma intenſa caridade com o proximo, deſempenhando nella os lanços, que o Santo Prelado com os neceſſitados, porque para os remediar a elles, ſe faltava a ſi. Ninguem chegou com affliçaõ a ella, que naõ ſahiſſe aliviada, porque ou acodia com o remedio, ou com a commiſeraçaõ. Gaſtava a noite inteira orando, e na cella, por fugir á publicidade do Coro, ou porque eſcutara bem o preceito Evangelico, de orar no retiro; a mayor parte do tempo de joelhos, deſpois em pé, tomando de madrugada, pouco, para hum ligeiro deſcanço.

Sor Antonia de Jeſus.

O ſeu zelo, o ſeu deſvelo, o ſeu exemplo a puzeraõ duas vezes no lugar de Prioreza, que encheo, e exercitou com ſeveridade, valor, e inteireza. Com igual prudencia trabalhou pela conſervaçaõ da paz, e concordia religioſa, baze, e fundamento

mento da obſervancia. Aſſim a deſvelava eſta importancia, que em ſabendo, que havia differenças entre Religioſas, as admoeſtava, e reduzia, chegando muitas vezes a lançar-ſe aos pés das rebeldes, appellando para a ultima diligencia das lagrimas. Enfraquecida já de annos, e trabalhos, e muito mais com os de Prelada, a ſegunda vez, que o era, pedio abſolviçaõ ao Prelado, dando a entender, que já era tempo de reparar ſó em ſi, porque ſe aviſinhava o da ſua morte, que chegou ligeira, ainda que de achaque, que a naõ promettia. Poucas horas antes de eſpirar, diſſe com grande alvoroço de ſeu eſpirito, que eſtava vendo ao Santo Bautiſta junto á ſua cabeceira, que a vinha ajudar naquelle aperto, e pagarlhe a devoçaõ, com que ſempre o tinha ſervido; mas que era taõ ſoberana aquella viſta, que juntamente era premio, e regalo; e aſſim eſpirou com ſingular ſocego.

CAPITULO XXVII.

Das Madres Dona Maria de S. Lourenço, Dona Anna da Aſcenſaõ, Dona Maria de S. Sebaſtiaõ, Dona Iria de Mello. Dona Antonia de Brito, Sor Barbara de S. Franciſco, Sor Anna Bautiſta, Sor Catharina de Sena, Sor Ignez de Santa Maria, do meſmo Moſteiro da Roſa.

EM nada inferiores ás primeiras, de que temos eſcrito, achamos memorias das que iremos eſcrevendo, tanto nas qualidades da nobreza, como da virtude, naõ ſendo ocioſa a da nobreza, como a que offerece incentivos ás que naſceraõ com os meſmos reſpeitos, para ſeguirem os meſmos paſſos. Eſte exemplo deixou a Madre Dona Maria de S. Lourenço na eſtreiteza de vida, que abraçou, ſendo a mais humilde, e a mais pobre, eſquivando ſe com os parentes opulentos, e illuſtres, porque cingida da mortalha Dominicana, (naõ tinha o ſeu habito mais feitio, que o de mortalha) naõ ſe tinha mais que em conta de huma eſcrava da Caſa, aſſim no abatimento, como na penuria. Dotou-a o Ceo de huma Santa ſingeleza, em que ſe via a pureza de ſua alma; mas o que mais avultava nella, era huma continua oraçaõ, e taõ fervoroſa, e abrazada, que eſtando orando diante de huma Imagem da Senhora da Aſſumpçaõ, de que era devotiſſima, ſe lhe viraõ ſahir da boca vivas faiſcas de fogo, indicio da labareda, que lhe ardia no peito. Vio-o, e teſtemunhava-o aſſim a Madre Sor Maria de Jeſus, digna de todo o credito, pela grande reputaçaõ, em que eſtava no Moſteiro.

Madre Dona Maria de S. Lourenço.

Naõ podia deixar de prometter ainda mayor fruto ſimilhante effeito; e vio-ſe em outro caſo. Orava a Madre Dona Maria diante da meſma Senhora, em occaſiaõ de huma cruel tempeſtade, fuzilavaõ os relampagos, aſſobiavaõ os ventos, açoutavaõ as janellas da Caſa chuveiros groſſos, e continuos, e Sor Maria immovel, e arrebatada naquelle ſoberano Arco, que podia reduzir a ſerenidade mayor diluvio, quando deſcen-

do hum rayo ſobre a meſma Caſa, paſſou por entre a Senhora, e Sor Maria, ſem lhe fazer moleſtia, deixando para mayor evidencia queimados os veſtidos da Senhora. Naõ ſe alterou a devota Madre, mas continuou a oraçaõ com o meſmo ſocego, achando-a na meſma fórma as que deſpois a buſcavaõ em cinza.

Naõ lhe deixava ſua caridade ter couſa propria. Concorrendo com igual neceſſidade, ſahia ſempre remediada a alheya; aſſim perſeverou muitos annos, coroados com huma morte taõ enſayada nelles.

Dona Anna da Aſcenſaõ

Naõ foraõ menos venturoſos os da Madre Dona Anna da Aſcençaõ, tia dos Biſcondes de Ponte de Lima, porque com igualdade guardou em toda ſua vida o mayor rigor, e intereza da obſervancia. Inventava novos modos de affligir-ſe, e martyrizar-ſe induſtrioſa na penitencia. Uſou ſempre lãa junto á carne, e na pobre cama. No Advento, e Quareſma a trocava pelo chaõ, ou huma cortiça. O zelo, e a prudencia iguaes nella a fizeraõ Prelada. Entrada em annos, cahio enferma, dando novos exemplos na ſua tolerancia. A's portas da morte chamando as Religioſas, as exhortou para o deſprezo do Mundo, e amor da Religiaõ, com palavras cheyas de fogo, a que ſe derretiaõ em compungidas lagrimas os coraçoens das que a eſtavaõ ouvindo; e dizendo-lhe, que ella era ditoſa, pois ſempre obſervara o que lhes propunha, as atalhou reſpondendo: *Que naõ olhaſſem para ella, mas para o que lhes dizia; porque ella fora ſempre huma grande peccadora, e que naõ tinha mais eſperança, que no ſangue de Chriſte, por ſer todo miſericordia.* Pedio logo, que lhe leſſem a Paixaõ, e no lugar em que deraõ ao Senhor a bofetada, levantou a maõ, a que a compaixaõ deu nova força, e deſcarregou hum grande golpe na face, e entre demonſtraçoens de confórme, e penitente, eſpirou entre a voz commua de mulher ſanta, no anno de 1627.

Parece que nas ſimilhanças do nome, da qualidade, e naõ menos da virtude correo parelhas com eſta Madre a Madre Dona Anna de S. Sebaſtiaõ, Religioſa exacta na obſervancia, rigor, e inteireza das leys, que profeſſara. Sendo de genio brando, e ſofrido, era fogo exaſperado no que tocava a offenſas contra Deos, ou relaxaçoens, e faltas na refórma, zelo, que a poz no lugar de Meſtra de Noviças, ſacrificada ao trabalho de cultivar plantas novas; deſpois no lugar de Prioreza, fazendo o milagre de contentar todas as ſubditas. Em Quareſmas, Adventos, e Vigilias de muitos Santos naõ tinha mais cama, que o chaõ. Naõ teve mais vida, que huma penitencia continuada; cheya de annos, e enfermando gravemente, naõ teve dia mais alegre, que o em que lhe deraõ o deſengano da ſua morte. Vio-a ſem pavor, e poz-ſe nas ſuas maons, como a que eſperava paſſar ás de Deos, em 11. de Setembro de 1648.

Dona Anna de S. Sebaſtiaõ.

Quaſi contando a meſma idade, ſe lhe ſeguio pouco deſpois na morte a Madre Dona Eria de Mello, tia ſua, donde a virtude moſtrou ſympatias com o ſan-

Dona Eria de Mello.

o ſangue, porque igualmente zeloſa ſervio o cargo de Prioreza, igualmente obſervante, era o vivo exemplar, a que ſe reformava toda a Caſa. O que foy mais raro nella, foy ſua conſtancia, naõ havendo caſo, por proſpero, ou adverſo, que a achaſſe com diverſo roſto; mas dando com Job graças a Deos por ſe fazer ſua vontade, como quem conhecia, que ſó elle diſpunha o mais conveniente. Conſumida de annos, e penitencias, lhe ſobreveyo huma grande fogagem, que repentinamente ſe lhe recolheo. Pedio, e recebeo logo os Sacramentos com muita paz, e conformidade, e ao meſmo inſtante começou o fogo, que eſtava recolhido, a vaporar por todas as partes do corpo, ateando-ſelhe nelle, e no roſto, como ſe pegara, e ardera, em materia combuſtivel; aſſim parecia toda huma viva braza, (fora iſto, como ſe lembrou huma Religioſa de ſua confiança, o que tinha pedido a Deos o dia que profeſſara, que lhe déſſe o purgatorio neſta vida) e aſſim a creſtou de ſorte, que desfigurada, metia medo, movendo a compaixaõ os gemidos, que com voz fraca articulava vencida da dor, com taõ violentos ſymptomas, que no eſpaço de quinze dias, que durou eſte martyrio, ſe ajuntou muitas vezes a Communidade, e com preſſa, entendendo-ſe, que acabava.

Poucas horas antes de eſpirar, acordando de hum grande parociſmo, diſſe com voz, e roſto alegre, e alvoroçado: *Quem veyo? Que vejo!* E ſuſpendendo-ſe hum pouco, continuou: *Meu Padre S. Domingos.* E perguntando-lhe huma Religioſa, que lhe aſſiſtia, ſe vira Noſſo Padre, reſpondeo como cahindo no que tinha dito: *Ay Madre! E mereço eu iſſo?* E eſpirou logo, trocando-ſelhe o roſto de medonho, e diſforme em fermoſo, e alegre; ſeguindo-ſe a eſta transformaçaõ prodigioſa huma peregrina fragrancia, que encheo, e admirou toda a Caſa.

Siga a eſtas Madres huma ſobrinha de ambas, e herdeira de ſeu eſpirito, como a que por virtude fez com ellas mais eſtreito parenteſco. Foy ella a Madre Dona Antonia de Brito, que com igual zelo, e refórma foy tambem Prioreza, ſendo venturoſo ſeu governo pelas direcçoens, e conſelhos do Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, que entaõ governava eſta Provincia. A' obſervancia das Conſtituiçoens, e Regra accreſcentava os exercicios de aſpera penitencia, eſtreito jejum, e rigoroſa diſciplina. Achava-a a madrugada no Coro, deſvelo, a que a convidava na oraçaõ, acompanhada de ancioſos gemidos, e copioſas lagrimas, interrompidas da penitente voz com que tecorria á Divina miſericordia. Deſvelava-a o ornato, e aceyo do culto Divino, e para o que pertencia a elle, nas obras da Igreja, e peſſas para a Sacriſtia, applicou huma pequena tença, mas muito augmentada com os lucros de obras de maons, em que era muy engenhoſa, ficando para ſi reduzida a huma total penuria. Devota do Santo Bautiſta, ſe vio recorrendo a elle antes reſuſcitada, que livre, de huma mortal enfermidade.

Dona Antonia de Brito.

Vi-

Viveo deſpois muitos annos, ſeguindo ainda mais eſtreito eſtylo de vida, como enſayado ás portas da morte, a que eſtivera. Chegou ella, recebeo os Sacramentos, e acabou em paz.

Naõ teve eſta Caſa menos intereſſes eſpirituaes em outra Prelada, que primeiro lhe induſtriou Santamente as Noviças, e deſpois governou com igual prudencia as Religioſas.

Sor Barbara de S. Franciſco.

Foy eſta a Madre Sor Barbara de S. Franciſco, parenta do Santo Arcebiſpo Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, como ſobrinha da Madre Sor Antonia de Jeſus, que no Capitulo paſſado nos deu aſſumpto. Achava-ſe neſta Madre, ſobre o deſvelo da obſervancia, a virtude da fortaleza, com que em ſeu tempo teve grandes augmentos o concerto, e reſórma deſta Caſa. Deſtra no Latim, e ceremonias, naõ houve para as principiantes melhor Meſtra. Zeloſa, e incançavel no trabalho, naõ houve mais vigilante Prioreza. No Dormitorio zelava o ſilencio, na Portaria a modeſtia, no Coro a aſſiſtencia; em todas as partes ſe achava, baſtando para o concerto de todas a ſua preſença. Grande confuſaõ para os Prelados, que cuidaõ, que naõ devem de encher mais que hum lugar! Por iſſo ha tantos, que o pertendem, e taõ poucos o ſatisfazem, ſem acabarem de entender, que dos homens, que devem valer por muitos, eſcaçamente ſe acha hum entre todos.

Era a Madre Sor Barbara grande Prelada, porque multiplicadas ſuas virtudes, tinha com que encher todos os lugares. O que mais avultou em ſua vida, foy a ancia, e induſtria de ſaber mortificalla. Deſtemperava eſſe pouco que comia, veyo a abſterſe totalmente de beber, e começouſe a mirrhar; antes era hum eſqueleto, que corpo attenuado. Sua vivenda era no Coro, adonde a buſcavaõ as Religioſas, para as adeſtrar no Officio Divino, ſendo todo o ſeu cuidado, que ſe veneraſſe a Deos ſem defeito; ouvindo-ſelhe muitas vezes dizer, que deſejara morrer mirrhada em huma daquellas cadeiras. Tal era o deſejo, de que ſe naõ faltaſſe á minima circunſtancia da reza. Faleceo em boa velhice, com grandes eſperanças da eterna felicidade, em 9. de Mayo de 1646.

Sor Anna Bautiſta.

Parece que ſe adiantou mais a Madre Sor Anna Bautiſta, naõ ſó continua na aſſiſtencia do Coro, mas reduzindo-ſe a hum tal concerto de vida, que andava ſempre na preſença de Deos. Aſſim o promettia a ancia com que veyo buſcallo no thalamo da Religiaõ, e Clauſura, eſquivando-ſe ás diligencias, e induſtrias dos pays, que a convidavaõ com eſpoſo da terra, e negaças da ventura. Sobre a obſervancia das ſuas leys, grande humildade, e paciencia, ſobida, e remontada no exercicio de contemplativa; e ſe a tiravaõ delle as preciſas obrigaçoens, e commercio religioſo, era tal ſua ſanta deſtreza, que voltava, e metia a pratica em Deos. Em tudo o que era de ſeu ſerviço, ou tocava ás importancias de ſua alma, era executiva, reſoluta, e inteira, ſem attender a reſpeitos, ou embaraços, reſpondendo a huns, e a outros, que no ſerviço de

Deos

Deos naõ podia haver exceſſos, porque ſempre o que ſe fazia, era menos do que o que ſe devia fazer. E como ſe accommodaria com o pouco, quem ficava devendo ainda obrando ô tudo? Entrada em dias, cahio em huma cama, em que ſe encheo de chagas, purgatorio, que lhe naõ deveo nem o deſafogo de hum ſuſpiro, ſendo ſuas lagrimas antes ſupplicas, que queixas; deſta agua, e daquelle fogo paſſou ao eterno refrigerio, em 28. de Abril de 1651.

Sor Catharina de Sena, e Sor Ignez de Santa Maria.

Fechemos eſte Capitulo com duas Religioſas, que podiaõ dar aſſumpto a muitos, ſe a omiſſaõ das que as conheceraõ, e trataraõ, ſe naõ contentara com noticias commuas. Foraõ ellas as Madres Sor Catharina de Sena, e Sor Ignez de Santa Maria. Da Madre Sor Catharina baſte o teſtemunho de ſeus Confeſſores, a que muitas vezes ſe ouvio dizer, que naõ tinha culpa mortal. Todo o tempo lhe parecia pouco para a oraçaõ. De noite ficava no Coro até ás onze, e ás trez da madrugada eſtava outra vez nelle. Entrava na oraçaõ, que continuava com tanta delicia, que muitas vezes ficava extatica. Em huma occaſiaõ ardendo-lhe hum rolo, que tinha junto a ſi, lhe queimou, ſem ella o advertir, grande parte da toalha, e do véo, apagando-ſe per ſi, ſem lhe fazer damno. Taõ ſepultada eſtava naquelle goſtoſo exercicio! Naõ era o Ceo em lho pagar menos prompto. Penitente, e mortificada, teve por toda ſua vida o martyrio de eſcrupuloſa. Teve dom de lagrimas, faiſcas do fogo em que trazia o coraçaõ abrazado. Ardia em zelo da honra de Deos; aſpera, e azeda em reprehender o que a podia encontrar. Naõ faltavaõ animos livres, que lhe reſpondiaõ com injurias, eſcutadas della com hum taõ ſeguro ſofrimento, que eſtranhando-ſelhe, que naõ reſpondia, reſpondeo: *Que mais importava naõ cahir em huma culpa, que deſafogar com huma repoſta.* Acabou por Janeiro de 1660. com tanta paz de eſpirito, como ſe em toda ſua vida deſconhecera eſcrupulos, e deſpois della naõ podeſſe haver receyos.

Da Madre Sor Ignez ficou a memoria de huma Religioſa perfeita, humilde, penitente, e ſofrida; ſobre tudo fervoroſa na oraçaõ, que a todas as horas repetia diante da Imagem de huma Senhora com o Menino nos braços. Eſta era todo o ſeu cuidado, ſem haver outro emprego, que lhe levaſſe o tempo, que lhe reſtava do Coro. Nelle (applicando-ſe a algum trabalho de maons) com ſua agencia, e induſtria lavrou huma Capella a eſta ſua Senhora. Achava-ſe, quando a acabou, perſeguida de achaques, e quaſi tropega, levaraõ-na nos braços a ver a obra, e lançando-ſe ſobre os degraos da Capella, diſſe levantando os olhos á Senhora, entre lagrimas de alegria: *Já agora minha Senhora, que vos vejo com a decencia, que o meu coraçaõ deſejava, a vida he voſſa, diſponde della, que eu deſpois deſte goſto, naõ tenho que eſperar mais na vida.* Alli ficou debruçada diante do Altar, alli gaſtou a noite em oraçaõ, amanheceo ao outro dia, com hum achaque, de que faleceo brevemente, com tanta conſo-

conſolaçaõ de ſua alma, como ſe entendera, que aſſim o diſpuzera a ſua Senhora, e que aſſim lhe apreſſava o premio do amor com que a ſervira. Acabou em 6. de Março de 1660.

CAPITULO XXVIII.

Da Madre Sor Ignacia dos Santos, e da Irmãa Converſa Sor Maria da Aſſumpçaõ, do meſmo Moſteiro da Roſa.

Sor Ignacia dos Santos.

CHama-nos huma circunſtancia digna de reparo, e obriganos a que demos principio ás memorias da Madre Sor Ignacia desde o berço, porque antes que chegaſſe ao da Religiaõ, parece que deu indicios de que o buſcaria neſta Caſa, e com a ventura, que deſcubriremos em ſua vida. Sahindo nos primeiros dias della do ſagrado banho do Bautiſmo, lançou maõ de hum Roſario, que trazia a comadre, que a tinha nos braços, e com tanta tenacidade, que naõ foy poſſivel largallo, defendendo-o com reſiſtencias, e com lagrimas; aſſim o teve aquella noite, e o dia ſeguinte; caſo, que deſpertou a memoria ás peſſoas, que a criaraõ, quando a viraõ entrar pelas portas do Moſteiro do Roſario, e muito mais quando pela vida adiante ſe lhe conheceo a grande devoçaõ á Senhora delle.

Annuncios ſaõ aquelles a juizo da piedade Chriſtãa, com que o Ceo dá a conhecer os ſeus mimoſos, como deſpertando as attençoens, para que anticipadamente os reparem ſingularizados. Succedeo aſſim ao Anjo, e Sol das Eſcolas S. Thomaz de Aquino, quando ao banhallo a ama, que o criava, apertou, e prendeo na maõ fortemente hum papel, que tirando-lho (antes com induſtria, que força) e vendo-ſe, que eſtava eſcrita nelle a AVE MARIA, lho reſtituhio a ama, para lhe enxugar as lagrimas com que o pertendia. Feſtejou-o reſtituhido, e levando-o á boca, o engulio. Foy ſem duvida vaticinio o fazer paſto de hum taõ ſoberano myſterio, aquella boca, que havia de ſer Oraculo de todo o Mundo. Mas deixemos as reflexoens ao Leitor, e paſſemos a ver Sor Ignacia no berço da Religiaõ, voltando as coſtas ás offertas da ventura, como filha, ſenaõ unica (a mais mimoſa, e bem dotada) e fogindo com a maõ ás pertençoens de eſpoſo da terra, que a voto de ſeus pays a convidava com os commodos, que ſe eſtimaõ na vida. Mas foy tal a induſtria de Sor Ignacia, que deſvaneceo as eſperanças ao pertendente, ſem eſcandalizar o goſto do pay, que com todo a vio veſtir a mortalha Dominicana.

Nella começou a eſtreita, e pura vida de verdadeira eſpoſa. Era inviolavel o jejum das Conſtituiçoens, a que accreſcentava os de paõ, e agua nas Veſperas de Noſſa Senhora, Feſtas de Chriſto, ſeſtas, e Sabbados de todo o anno. No jejum vulgar ſó comia huma vez no dia, a colaçaõ ao ſeguinte era eſmola de hum pobre. Entrada a Quareſma, ſe cobria de cilicios, e ſobre o peito huma Cruz de metal, ſemeada de bicos. Aſſim andava até á Paſchoa, paſſando as noites em pé na cella. Apertava-a o ſono; uſou da induſtria de encoſtarſe

a

a hum bordaõ, para que cahindo-lhe, a acordaſſe, ou com o deſamparo da maõ, ou com o eſtrondo do golpe. Imitadora grande de Noſſo Patriarcha, ſe caſtigava todos os dias duas, e em muitos trez vezes com diſciplinas de ferro; penitencia, que naõ podia eſconder de alguma amiga de mais confiança, que a curava; tal era a crueldade com que ſe feria.

Deſvelava-ſe para horas largas de oraçaõ, que vinha ter no Coro, deſpertando algumas diſcipulas do ſeu exemplo, que ſe levantavaõ a ſeguillo. A Quinta Feira Mayor commungava, e até o dia de Paſchoa, em que o repetia, e naquelles trez dias naõ comia, nem fallava, nem deſamparava o Coro. Fervoroſa na caridade, a achavaõ as doentes continua á ſua cabeceira, todas com a conſolaçaõ, e a aſſiſtencia, as neceſſitadas com a eſmola. Dando-ſelhe os Sacramentos, naõ deſamparava a nenhuma até o inſtante, que eſpirava, ſahindo entaõ a tomar huma larga, e rigoroſa diſciplina, até que a chamava o ſino para levarem o corpo para o Coro. Intentava o demonio, que Sor Ignacia o naõ frequentaſſe naquellas noites, e madrugadas ſeguintes, e achando baſtante motivo (no medo, e pavor, que ficava em todo o Moſteiro) o accreſcentava dando grandes golpes nas cadeiras, em a vendo entrar para ellas; mas ella, que o conhecia, naõ ſe retirava, mas pedia a Deos, que naõ permittiſſe ſe lhe repreſentaſſe couſa, que a deixaſſe atemorizada. E ſuccedeo como lho pedio.

Veyo a romperſe no Moſteiro o exceſſo de penitencias com que ſe perſeguia, entraraõ as Preladas com preceitos, e admoeſtaçoens a embaraçalla. Era grande ſeu ſentimento, propunha, e ſegurava, que ſe enganavaõ com ella, e que antes era materia de conſciencia, vendo-a com tantas forças, naõ lhe porem o preceito para mortificallas. Naõ era ouvida; appellava para os Confeſſores, pedindo-lhes penitencias graves. Aſſim exercitava ſua ancia, naõ faltando á obediencia. Mas queria o Senhor aliviarlhe aquella ſede de padecer, deulhe hum achaque, naſcido do que ſe tinha atormentado em toda ſua vida, nos ultimos annos della, mas taõ vehemente, que parecia acaballa a cada inſtante. Na conformidade, e paciencia (com que o levava) lhe pareceo dado para bem lavrar a coroa della. Seu unico alivio era receber amiude o penhor da gloria, porque ſuſpirava, contentando as ſaudades com aſſiſtencias, que no Coro lhe fazia, todas as vezes, que ſe expunha; eſſe dia gaſtava inteiro neſſa aſſiſtencia, e ſempre ou de joelhos, ou em pé, como ſe em companhia dos Cortezaons da gloria eſtivera exercitando taõ importante politica. E que confuſaõ para os deſcuidos, e culpaveis deſatençoens de hoje, em que a vulgaridade de ſe moſtrar o verdadeiro Rey debaixo de hum ſitial, tem feito aos homens affoutos, e groſſeiros (por naõ dizer menos Catholicos) naõ ſó tomando aſſento diante daquella Mageſtade, mas occupando-ſe, e divertindo-ſe em praticas, e indecencias, baſtando para o ſer, o verem-ſe ſentados

Seraphim ſtabant. Iaiæ c. 6.

os homens, onde ſe viraõ em pé os Serafins!

Mas chegava-ſe a morte da Madre Sor Ignacia, mandouſe levar nos braços das ſerventes pelas cellas das Religioſas, deſpedindo-ſe dellas, como a que tinha certeza de que ſe lhe chegava a ultima jornada. Inſtava ella, e contava-ſelhe já por inſtantes a vida; diſſe-lhe huma Religioſa, (que a via ardendo em huma labareda, havia trez dias, e ſem levar nada de ſuſtento) que hia ao Coro pedir a Deos, que lhe moderaſſe as ancias. Reſpondeo-lhe: *Que tal naõ fizeſſe, que antes Deos uſava com ella de muy ſuaves caſtigos por ſeus peccados; e antes pedia a ſua miſericordia, que ſe ainda eraõ neceſſarias mayores dores, todas para a importancia daquella hora ſeriaõ ſuaves.* Entraraõ ao Officio da agonia, a que eſteve reſpondendo ſem turbaçaõ; e ſem apartar os olhos de hum Crucifixo, que tinha nas maons, lhe entregou o eſpirito, repetindo na ultima reſpiraçaõ: *Jeſus*. Contavaõ ſe 14. de Outubro de 1660.

Mas entre tambem a fazer numero nas memorias deſta Caſa, quem naõ ſó lhe ſoube merecer o nome de filha, mas ſervir-lhe tambem de gloria. Foy eſta a Irmãa Converſa Maria da Aſſumpçaõ, que recebida ao habito por eſmola, tendo entrado no Moſteiro por ſervente de huma Freira, deu tal ſatisfaçaõ de ſi a toda a Communidade, que tendo a ſeu cargo o ſerviço ſó de algumas Religioſas, parece, que ſe multiplicava para aſſiſtir a todas. Aſſim o continuava deſpois de Freira; humilde, e pobre, naõ ſó ſe metia debaixo dos pés das Religioſas, mas ainda das ſervas. Alegre, para a occupaçaõ de mais trabalho era a primeira; caritativa, para a aſſiſtencia das doentes a mais deſvelada. O que lhe reſtava de tempo, gaſtava com huma Senhora da Aſſumpçaõ, que lhe deu o nome, orando diante da ſua Imagem, deſpois que tratava do aceyo do ſeu Altar. Aſſim era ſua vida inculpavel, e penitente. Nas palavras ſe lhe ouvia huma (antes que ſimplicidade) ſingeleza, porque ſem miſtura de malicia. Da pobre reçaõ, que lhe dava a Communidade, cerceando-ſe o ſuſtento, o dava a ſua mãy; deſpois que a naõ teve, ao parente mais pobre. A eſta grande parcimonia, ou a eſte eſtreito, e continuado jejum, ajuntava rigoroſas diſciplinas.

Sor Maria da Aſſumpçaõ.

Poucas horas de noite lhe levava o deſcanço; ſempre lhe amanhecia no ante Coro diante da ſua Senhora, quando naõ gaſtava no meſmo lugar a noite inteira. Parece, que eſtimava a Rainha dos Anjos aquelles pobres deſejos; aſſim deu a entender o que ſouberaõ avultar por bem empregados. Pobriſſima era Sor Maria; pedira licença ás Preladas, para ſe occupar em algum trabalho, que tiveſſe lucro, o tempo que lhe reſtaſſe do ſerviço do Moſteiro. Seguio-ſe á licença a ſua induſtria, e o favor da Senhora a fomentalla de ſorte, que gaſtava Sor Maria com ella, o que naõ podera com a mais groſſa tença. Fazialhe a Feſta no ſeu dia com a da Calenda, e Oitavario, com tanto cuſto, e grandeza, que bem ſe deixava ver,

que

que naõ era ſó effeito de induſtria humana. Ornoulhe o Altar com prata, e ornamentos precioſos; aperfeiçoou a Caſa do ante Coro, ſahindo todo eſte diſpendio (couſa incrivel) de ſua agencia, e trabalho. Naõ lhe dilatava a Senhora o premio; vellohemos agora.

Jejuava muitos dias na Quareſma a paõ, e agua; achavaſe em huma, e em hum delles a horas de jantar debelitada, e desfalecida com o pezo do trabalho; tinha dado a huma pobre a reçaõ de paõ, que lhe dera a Communidade. Naõ tinha com que comprallo; entra na cella, buſca, e revolve hum almarinho, em que punha alguma couſa de ſuſtento, acha-o de todo vaſio; ſahe ao Moſteiro a ver ſe deſcobre algum ſoccorro, e naõ vendo de quem o podeſſe eſperar, torna a recolher-ſe á cella a desjejuar-ſe ſe quer com hum pucaro de agua, quando ſe lhe offerecem aos olhos no almarinho, que já tinha buſcado, trez paens grandes, alvos, e mimoſos. Levanta as maons ao Ceo, conhecendo, que era favor da ſua Senhora, e naõ menos o numero, pelo que venerava na ſua Capella, em que tambem eſtavaõ o Menino Jeſu, e S. Joſeph, que com a Senhora formavaõ a Trindade da terra.

Naõ foy menor favor o que em outra occaſiaõ attribuio tambem á meſma Senhora. Coſtumava pelas Paſchoas cobrilla, e ornalla com algumas joyas, que lhe empreſtavaõ de fóra. Tinhalhe poſto em huma huns brincos de groſſas perolas, occaſiaõ, em que vencida do ſono, deſcançava na ſua cella, quando abalando-a duas vezes, lhe repetiraõ: *Maria da Aſſumpçaõ, acodi á voſſa Senhora do ante Coro.* Deſperta ligeira, ſahe da cella, chega ao Altar, quando vê huma ſervente, que poſta ſobre elle, lançava as maons ás perolas da Senhora; larga o furto, foge apreſſada, ſegue-a, (para conhecella) Sor Maria, e a moça, vendo-ſe alcançada, e o caſtigo, que merecia, lança-ſelhe aos pés, pedindo-lhe pela meſma Senhora, que a naõ deſcubra. Soube-ſe deſpois o caſo, mas nunca a aggreſſora do furto.

Aſſim experimentava Sor Maria a cada hora as piedades da boa Senhora, a quem ſervia, e o como corriaõ todos os ſoccorros por conta de ſua particular providencia. Vio-ſe aſſim no que diremos agora. Fícara Sor Maria empenhada por huma Feſta da Senhora (em occaſiaõ, em que a achou menos provida) em quantia de vinte mil reis. Era o acrédor mal ſofrido, executava a pobre Freira, que lhe pagaſſe logo; e vindo hum dia, (que lhe ſinalara por ultima eſpera) naõ tendo Sor Maria de quem valer-ſe, vay-ſe ao Altar da Senhora, proſtra-ſe diante della, pede-lhe com fé, e lagrimas, que a ſoccorra. Quando (caſo raro!) chamaõ por ella na roda, e lhe entregaõ vinte mil reis, com huma carta de hum irmaõ, que havia annos tinha na India, e lhos remettia para remediar ſua pobreza.

Outro caſo ſingular, e bem publico, (por paſſar entre muitas peſſoas) coroou a experiencia do muito, que em todos os empenhos devia Sor Maria á ſua Senhora.

Pedio em huma occaſiaõ a hum Sacerdote, que aſſiſtia na Sacriſtia, e cuidado da Igreja, que lhe foſſe comprar huns coyados de tafetá roxo, porque chegava a Quareſma, e queria acabar hum veſtido á ſua Senhora; mas naõ chegava o dinheiro ao cuſto, e pedia por mercê lhe eſperaſſem pelo reſto. Naõ quiz o mercador, e veyo o Padre deſcontente; mas nem por iſſo deixou Sor Maria de pedirlhe, que tornaſſe a fazer a propoſta, offerecendo a meſma Senhora por fiadora. Eſcuta o mercador impaciente a ſupplica, e reſolve, que naõ dará nada, ſem vir toda a quantia. Torna a contar o dinheiro, e acha o preço certo. Admira-ſe o Padre, que o contara, e o trouxera, e ſabia o que lhe faltava, e em fim vem a aſſentar-ſe, que fora deſempenho da meſma Senhora.

A ella recorria em todas ſuas afflicçoens Sor Maria, como taõ experimentada, mas naõ faltando no empenho de agradecida, nada mais a moleſtava, que ver, que lhe faltavaõ as circunſtancias de alguma Feſta, que lhe fazia, ſendo todo o ſeu deſvelo a mayor ſolemnidade della. Negavaõ-lhe algumas vezes licença os Prelados para ter o Senhor expoſto; e he digno de ſaberſe o deſafogo a que recorria, para teſtemunho da ſingeleza de ſua alma. Hia-ſe, recolhida a Communidade, ao Altar da ſua Senhora, e deſpois de ſe encomendar a ella, dizialhe, como quem ſe deſpedia, em voz alta: *Senhora, eu naõ ſey, que vos faça. Acodime, que eu ſó naõ poſſo. Manday voſſo filho a Roma, que traga licença para que ſe façaõ as voſſas Feſtas, como voſſas, que a mim negaõ-ma, porque ſou huma triſte barbata.*

Ao Menino Jeſus, que eſtava na meſma Capella, porque lhe tiravaõ (talvez por traveſſura) alguns brincos, que ella lhe dava, dizia com muita ſegurança: *Tomay Menino; ouviſme? Se vos quizerem tomar alguma couſa, chamay logo por mim, para que vos acuda.* Eſta era ſua ſinceridade, como ſe naõ ſoubera mais da vida, que o ſerviço da Caſa, o commercio com a ſua Senhora, e o deſvelo de lhe ornar a Capella. Mas queria a Senhora della darlhe a coroa por aquelle goſtoſo trabalho, e em hum dia da Aſſumpçaõ, andando ordenando a Feſta, ſe ſentio ameaçada de grave doença. Duroulhe alguns mezes, com interpolaçoens de melhora, e commungando em o dia da Conceiçaõ, ſe lhe ſeguio hum taõ forte accidente, que entrou logo em artigos de morte. Acodiraõ as Religioſas a applicarlhe remedios, e ella, que já por nenhuns eſperava, começando o Credo, pedio a véla, e continuou oraçoens para aquella hora; e ao entoarem as Religioſas a Antiphona: *Aſſumpta eſt Maria in Cœlum*, paſſou deſta vida com o venturoſo annuncio daquella muſica ſagrada, cantando-ſe agora, quando Maria da Aſſumpçaõ eſpirava, o que a Maria, Rainha da gloria, canta em ſua Aſſumpçaõ a Igreja. Contavaõ-ſe 14. de Dezembro de 1663.

CA-

CAPITULO XXIX.

Da Madre Sor Violante do Ceo, e de huma Pupilla, ambas da meſma Caſa da Roſa.

FEche venturoſamente o numero das filhas deſta Caſa huma naõ ſó benemerita della, mas digna de todos os beneficios da memoria, naõ nos eſcuſando a eſta as muitas, que deixou eſpalhadas ſua penna, porque neſte lugar he ſem duvida huma das acredoras da occupaçaõ da noſſa. Foy eſta a Madre Sor Violante do Ceo, que devendo-lhe a elle o ver-ſe melhorada na eſtimavel prenda do entendimento, (e taõ deſtro, e facil nas ſuavidades da poeſia, como ſe ſe lhe trocara a arte em natureza) começou a pagar ao Mundo aquellas atençoens, e liſonjas com que a reſpeitava Oraculo, até que eſcutando o dos annos, e das experiencias, abrio os olhos para conhecer, que os das Aguias naõ deviaõ ter outro emprego mais que o Sol.

Sor Violante do Ceo.

Voltou Sor Violante já crédula as puras luzes da razaõ, mais que as labaredas do entendimento, que miſturadas com o fumo da vangloria, lhe mortificaraõ a viſta, deſencaminhando-a na eſtrada, que primeiro eſcolhera, e a que tornava agora. Já trilhando-a com ſegurança, foy ſingular ſua reſórma. Nem os annos a divertiaõ do ſequito das Communidades, de ſua cautela, e recolhimento ſe inferiaõ exercicios penitentes. No da oraçaõ vocal era continua no Coro, em que ſe ſuſpendia contemplativa, e devota. Já violenta a tudo o que naõ era commercio com Deos, ſe eſcutava até nos eccos da ſua poeſia a verdade, com que ſe transformara de Serea dos golfos da adulaçaõ humana, em racional Ciſne das aguas da penitencia; attractivas correntes, que já lhe convidavaõ o genio nos primeiros paſſos de ſua vida, como ſe vê nos ſeus Soliloquios, obra com mais eſpiririto, que corpo, com mais ſubſtancia, que vulto; pequenhez, que pareceo providencia para a decorar toda a memoria, (armada contra o eſquecimento) ſendo ainda hoje, até a mais pueril, depoſito daquelle theſouro.

Muito mais, e mais avultados teſtemunhos da felicidade de ſeu engenho, (em que ſempre ajuntou com ventura clareza, doçura, e elegancia) eſpalhados pelas maons da curioſidade, conſervaõ ainda hoje ſeu nome; mas ſem duvida (confeſſaraõ os melhores votos do ſeu ſeculo) ſe lhe devia mais duravel pagina para eſcrevello, que a que a antiguidade conſagrou ás ſuas Corinas, ás ſuas Saphos, ás ſuas Polas, e ás ſuas Damoplilas, que com as meſmas pennas com que voaraõ ao Templo da Fama, eſcreveraõ ſeu nome nos bronzes da poſteridade. Naõ ſerá eſta eſcaça com a Madre Sor Violante, agradecida aos multiplicados aſſumptos com que lhe deixou occupada a memoria, e repetidos eccos, que ſempre ſoaráõ em ſeus eſpaços. Faleceo com grandes demonſtraçoens de penitente, e confórme, deixando ás Religioſas grande conſolaçaõ a ſua morte, como perpetuas

ſauda-

ſaudades a ſua vida. Naõ ſeja eſtranho neſta breve noticia della, o termos tomado o eſtylo, antes que de narraçaõ, de Panegyrico, porque para elle nos levou o aſſumpto; com ſimilhante naõ ſe eſcreve de outra ſorte. Na materia ſeguramos a deſculpa.

Naõ a podemos ter para excluir das memorias deſta Caſa a de quem a buſcou para berço, e para ſepulchro. Taes foraõ os annos em que a buſcou, e taõ poucos os que nella viveo! Mas deixando lhe a gloria, e a ventura, de ſer berço de muita virtude, ainda em pouca idade, contava a de ſeis annos, quando entrou a ſer Pupilla huma filha de Antonio Rodrigues da Veiga, e Dona Maria de Souſa, por nome Guiomar; e como ſe a razaõ ſe adiantaſſe aos annos, era tal o eſtylo de ſua vida, que deixava atraz aquelles milagres, em que ás vezes coſtuma romper a natureza. A humildade, o retiro, o ſilencio, a traziaõ ſempre ſepultada. A humildade aos pés das Religioſas, e ainda das ſerventes da Caſa. O ſilencio, porque continuamente a recolhia a rezar no Coro, deſpois de viſitar os Paſſos no Clauſtro. O ſeu deſvelo era ſaber quando eraõ os dias de jejum, que eſtreitamente obſervava, como todos os Sabbados, e Vigilias de Noſſa Senhora. Todas as noites rezava o ſeu Roſario, naõ ſe acabando nunca com ella, que ſe recolheſſe, ſem que o ſatisfizeſſe. Meditava com ternura, e compunçaõ maravilhoſa os tormentos da Paixaõ. Aſſim ſe chamou Guiomar da Paixaõ, ſobrenome, que tomou na Criſma por eſcolha ſua. Naſcera em huma feſta Feira Mayor, e conjecturava-ſe, que era aconſelhada do Ceo aquella devoçaõ em huma idade, que naõ podia ainda diſcurſar para ſentir, ou incapaz de ſentimento compaſſivo. Mas por iſſo devoçaõ aconſelhada do Ceo, que ao inſenſivel dos Anjos ſoube permittir lagrimas nos olhos.

Angeli pacis amare flebunt Iſaiæ 33.

Caritativa, buſcava induſtrias diſſimuladas, (fugindo aos olhos de quem a tinha a ſeu cargo) para repartir com os pobreſinhos da ſua idade do ſuſtento, e do veſtido. Inquiria, e examinava as virtudes em que ſe exercitavaõ as Religioſas, para imitallas; e naõ era tanto o imitallas, como o eſcondellas. Fallava em Deos com tanto conhecimento, tanta ancia, e tanto affecto, como ſe lhe tivera ſervido o berço de eſcola de eſpirito; e no que tocava ao Mundo taõ eſtranha, como ſe lhe naõ dera berço. Naõ podia durar na terra, quem a deſconhecia centro. Peregrinou nella até idade de onze annos, em que cahio em huma doença, que antes lhe grangeou o reſgate, que a morte. Nos ultimos apertos della levantou os olhos, e banhando-ſelhe o roſto em huma repentina alegria, diſſe em voz clara: *Maria, Mãy de graça, Maria, Mãy de perdaõ, tivrayme do inimigo, e na morte merecebey*; e eſpirou, ſahindo da cama, e eleito em que eſtava, hum cheiro, e fragrancia, como do mais precioſo, e exquiſito aroma. Teſtemunharaõ-no aſſim muitas Religioſas, que lhe aſſiſtiraõ, taõ cheyas de aſſombro, como dignas de credito. Venturoſa Caſa, a que o Ceo

deu

deu Anjos para filhas ! E venturoſas filhas , que mereceraõ accreſcentar no Ceo o numero dos Anjos ! Mais largas noticias deſta Caſa ſe ſepultaraõ com as vidas de Religioſas antigas , que eraõ o depoſito, e archivo dellas; mas em tempo, em que o deſcuido , e a omiſſaõ tinhaõ eſta Provincia , ſem quem tiveſſe obrigaçaõ de as recolher , conhecendo-ſe agora o damno ſem remedio, da falta deſta providencia , em que ſe podiaõ lograr para gloria de Deos mayores, e mais repetidos documentos, que nos ſerviſſem a nós de doutrina, e á Provincia de honra.

CAPITULO XXX.

Das Madres Sor Catharina do Naſcimento , e Sor Brites de S. Joſeph , do Moſteiro de S. Joaõ de Setuval.

Moſteiro de S Joaõ de Setuval.

PArece, que quiz communicar o grande Precurſor o Bautiſta a eſta ſua Caſa, a que deu o titulo , as qualidades de deſerto, e influir nos eſpiritos, que a habitaſſem , huma ancia penitente , de que elle desde ſeus primeiros annos fora meſtre. Aſſim o veremos nas filhas deſta Caſa, que com Santa induſtria a transformaraõ em deſerto, naõ deſſimilhante aos da Thebaida, e Paleſtina, porque entre o commercio humano , ainda que religioſo , viviaõ ſolitarias, e recolhidas em ſi meſmas, ſubſtituindo o grilhaõ da Clauſura , pelo voluntario carcere da mais aſpera cova. Obſerva-ſe aſſim nas que já povoaraõ eſtes Clauſtros na ſua primeira fundaçaõ , e torna-ſe a ver agora nas que herdeiras do meſmo eſpirito, nos daõ venturoſamente igual aſſumpto. Foy huma dellas a Madre Sor Catharina do Naſcimento, filha de pays Heſpanhoes , de geraçaõ illuſtre, e taõ mimoſos de bens da fortuna, que paſſando da de Caſtella a viver neſta Coroa, ſe viraõ perſeguidos da nobreza della, que pertendia na maõ de Catharina as duas grandes qualidades de ſangue , e riqueza , primeiros idolos da veneraçaõ humana ; mas Catharina , que já em ſeu coraçaõ os deſconhecia, tendo feito entrega delle a quem ſó para ſi a creara, aſſim ſoube obrigar aos pays para que lhe naõ embaraçaſſem o ſeu bom propoſito, que logo alcançou o ſim para effeituallo , ainda que com mais eſperas, e vagares , que os que permittia o ſeu deſejo , mas amavaõ-na os pays terniſſimamente, e queriaõ que lhe foſſe pagando nas eſperas , o que deſpois lhe havia de cuſtar nas auſencias.

Sor Catharina do Naſcimento.

Aſſim ſe intertinhaõ os pays com Catharina, em quanto ella intertinha a ancia de buſcar a ſeu Eſpoſo na Clauſura, com a induſtria de a fazer de ſua meſma Caſa. Commungava a miudo no ſeu Oratorio. Alli gaſtava em oraçaõ muitas horas de noite, e dia ; alli ſe enſayava para os empregos de vida mais perfeita ; abraçou-a em fim de trinta e trez annos na mortalha Dominicana, com todo o rigor della. Com raro ſofrimento a achavaõ as moleſtias, com o meſmo eſcutava injurias , reſpondendo com brandura , e ſegurança (a alguma má tençaõ , que queria deſauthorizalla) : *Façaõ-me o que quizerem , terey*

mais

mais em que ter merecimento, e deſpois mais aliviado Purgatorio; conſelho grande, e eſcutado de hum Oraculo da penitencia, o noſſo S. Luiz Beltraõ, que rodeado de agonias, coſtumava dizer, pedindo a continuaçaõ dellas: *Senhor, aqui cauterizay, aqui feri, aqui naõ perdoeis, para que eternamente perdoeis.* Grande avanço de contrato, eſperdiçado ſó pelos mal ſofridos, comutarem-ſe tormentos inſtantaneos, por eternos! Mas contrato, que ſó aceitara com os homens a miſericordia de Deos.

Domine hic ure, hic ſecca, hic non parcas ut in æternũ parcas.

In ejus vita.

No ſilencio antes parecia Sor Catharina muda, que callada. Nas Matinas da meya noite, nos cilicios, nas diſciplinas, ſempre rigoroſas, e muitas vezes trez cada dia, antes parecia bronze, que creatura. No dia, e noite quatro, e cinco horas de oraçaõ; ſobejando-lhe tempo, ſervia ás enfermas, occupaçaõ, (como todas as da obſervancia) que naõ deixou ainda perſeguida de achaques, que reconhecia mimos do Ceo, trocando as queixas em acçaõ de graças. Cahio desfalecida em huma cama, em que as repetia a toda a hora. Pedio logo, que lhe chamaſſem o Confeſſor, porque queria tomar o Viatico, pois ſe chegava a hora de paſſar ás eternas vodas com ſeu Eſpoſo. Iſto repetia com ſegurança; mas as Religioſas, que naõ viaõ eſſes ſinaes no achaque, entendiaõ, que ſeria teima da velhice. Eſcuſavaõ-ſe todas; inſtava ella, que naõ chegaria ao outro dia. Aſſim recebeo os Sacramentos com conſolaçaõ, e alegria de eſpirito, e pedindo huma véla, e a Imagem de hum Chriſto crucificado, ſe abraçou com elle, dizendo-lhe algumas palavras mal percebidas, e já ſem alento (ſorrindo-ſe) inclinou a cabeça, e lhe entregou a alma. Ficou com huma fermoſa preſença, flexivel, e meneavel, que ſó a falta de reſpiraçaõ a ſegurava cadaver. Ao levarem-na no eſquife para o Coro, ſe lhe poz huma taõ eſtranha claridade ſobre o peito, que pararaõ as Religioſas com o aſſombro, (aſſim o vio a Communidade toda), e naõ deſappareceo até naõ recolherem o corpo na ſepultura. Faleceo aos 14. de Setembro de 1654.

Segundo exemplo de penitencia temos neſte obſervante deſerto do Bautiſta, na Madre Sor Brites de S. Joſeph, ou Brites Joſefa do Sacramento. Foy eſta Madre filha dos Duques de Aveiro, Caſa Real, a que eſte Moſteiro deveo ſua fundaçaõ, como agora o enriquecella com eſta filha, em que foraõ iguaes as prendas ao naſcimento, porque naõ teve o grande dellas, mais com que ſe medir, que com o auguſto delle. De oito annos entrou neſta Caſa, já o genio era de Santa. Nos jejuns, na oraçaõ, na modeſtia, naõ fazia acçaõ em que naõ negaſſe a idade, promettendo o que ſeria na mayor. Já profeſſa, eſtendeo toda ſua capacidade a encher o nome de huma perfeita obſervante. Nas occupaçoens humildes era a primeira, ainda naõ obrigada; nas penitentes, unica, e ſempre mal ſatisfeita do pouco que fazia. Nas continuas da Communidade naõ ſó prompta, mas deſvelada; aſſim naõ havia mais bem repartido, nem mais bem exercitado eſtylo de vida, quando

Sor Brites de S. Joſeph.

come-

começou a afrouxar nella, dando ouvidos, e attençoens á liſonja de muita nobreza, que a começou a cortejar prendada, e a buſcar parenta.

Era Sor Brites diſcreta, era fermoſa, era Senhora; eſtes os degraos do throno, em que a veneravaõ idolo. Naõ havia eſtimaçaõ, que naõ foſſe tributo. Começou a vaidade a convidalla com as negaças de preferida, e a fama com as de buſcada; mas o genio (ſempre mimoſo do Ceo) que ſuave, e poderoſamente a levava ao centro da virtude, lhe aſſuſtava, com o reparo dos deſcaminhos, a melhor hora dos deſvanecimentos. Elegeraõ-na Prelada, e como tinha claro entendimento, entrou em ſi a diſcurſar, que aquelle lugar primeiro ſe devia encher com a vida, que com a peſſoa; que para obrigar com o imperio, primeiro devia affeiçoar com o exemplo; e conhecendo agora melhor o como as ſuas deſattençoens a tinhaõ lançado longe da eſtrada, em que a nova obrigaçaõ a metia, foy tal a ſua confuſaõ, que de hum dia para o outro appareceo a eſtatua da delicia, transformada em imagem da refórma.

Cobrio o corpo de cilicios diſſimulados em huma mortalha de burel branco, a capa do meſmo, imitando a noſſo Padre, que até niſto o propoz para exemplar. Seguia-o em trez rigoroſas diſciplinas, que todos os dias tomava. Condemnou-ſe a hum quaſi perpetuo ſilencio, e em toda ſua vida ſe lhe naõ ouvio mais palavra ſuperflua no Advento, e Quareſma, nenhuma, eſcrevendo em hum papel o que queria, ſe era muita a importancia. Commungava duas vezes na ſemana, chegando áquella ſagrada Meſa deſcalça, e com tanta abundancia de lagrimas, que compungia as Religioſas. Nas Matinas da meya noite continua, e deſvelada; acabadas ellas, ſe dilatava na oraçaõ. Nella gaſtava inteiro o dia que commungava, ſem tomar ſuſtento algum. Fazia o meſmo desde a ſeſta Feira Mayor até o Domingo de Paſchoa ao jantar. Ou de joelhos, ou em pé aſſiſtia no Coro em ſe expondo o Santiſſimo. Levava-a ao Senhor neſte myſterio, affecto mais terniſſimo; com o ſeu culto, e ornato gaſtava o que tinha; pobriſſima em ſua cella, e peſſoa. Auſtera no jejum; em as Vigilias dos Santos de ſua devoçaõ, eſpecialmente nas de Noſſa Senhora (como nas ſeſtas feiras de todo o anno) naõ tomava no dia mais que hum caldo; o meſmo fazia na Quareſma trez dias na ſemana, ficando a ſua reçaõ para ſuſtento de huma aleijada; deſta meſma era a melhor, e mayor porçaõ, ainda nos dias que comia. Nove annos teve por cama huma taboa nua. Nella deſcançava trez horas; duas rezava encoſtada; o reſtante da noite em oraçaõ de joelhos. Aſſim entre dia, e noite lhe levava eſte exercicio ſete horas; huma com os braços em Cruz; todas com copioſas lagrimas.

Era ſua humildade huma continua confuſaõ de quem a via, e a tratava. Buſcada de grandes Senhores (parentes mais chegados) ſe affligia com os reſpeitos com que a tratavaõ, invejando hum naſcimento humilde, em que naõ eſcutaſſe nem

nem os eccos da vaidade. Grande zeladora da honra de Deos, credito do proximo, obſervancia, e concerto do Moſteiro. Fez continuar o rigor das Matinas da meya noite; e entre dia, e noite duas horas de oraçaõ a toda a Communidade, como trez diſciplinas cada ſemana pela Quareſma. Livre da occupaçaõ de Prelada, e Meſtra das Noviças, continuava mais exercicios devotos, andando deſcalça, onde podia ſer com cautela. Aſſim corria os Paſſos de madrugada. Muitas noites hia ter oraçaõ á Cerca, ao pé de huma Cruz, a que tinha devoçaõ, em lembrança do monte Olivete. Algumas vezes ſe retirava a lugar mais eſcondido da meſma Cerca, gaſtando dias inteiros em oraçaõ, com pouco, ou nenhum commercio com o Moſteiro.

Sete mezes antes que faleceſſe, ſe vio ſobre a ſua cella hum rayo de luz, que a certas horas apparecia todas as noites, deſapparecendo na em que cahio enferma de hum mal, que lhe deu, eſtando em Matinas. Continuou-as, e deſpois as ſuas horas de oraçaõ; acabadas, ſe deſpedio do ſeu Senhor Sacramentado, dizendo a huma Religioſa de ſua confiança, que ficava orando: *Que aquella ſeria a ultima vez, que a viſſe no Coro.* Creſceo o achaque, pedio os Sacramentos, que recebeo com animo inteiro, conſolando as Religioſas, que a rodeavaõ chorando. Deſpedio-ſe de todas, pedindo-lhes perdaõ do que as eſcandalizara com ſua vida; admoeſtou as Noviças á perfeiçaõ della, e amor da Religiaõ, e refórma, com humas palavras taõ accezas no amor de Deos, taõ filhas do ſeu genio meigo, (com que attrahia os coraçoens) que eſtalavaõ os das Religioſas, compungidas de a ouvir, e laudoſas de a perder. Trouxeraõ-lhe as Imagens de Noſſa Senhora, e Noſſo Padre, que recebeo com alegria, e a que ſe encomendou com ternura, reparando toda a Communidade, (que deſpois o teſtemunhava) que dos roſtos das duas Imagens parecia ſahirem vivos reſplandores.

Pedio que tiveſſem ſentido na meya noite, porque eſſa ſeria a ſua ultima hora; e como ſe affligia, porque tardava, perguntou ao ſeu Confeſſor, ſe ſeria culpa o deſejalla apreſſada. Chegada ella, pegando em hum Chriſto, a que ſe encomendou com ancia, e batendo nos peitos com mais vigor, que o que promettia aquella hora (em moſtras de viva penitencia) eſpirou ſem movimento algum no ſemblante, ficando com hum ar de rizo nelle. Ao inſtante, que eſpirava, ſe vio ſobre a ſua cella huma luz no lugar em que tinha faltado a outra, e mais reſplandecente que ella. Faleceo a Madre Sor Brites em huma terça feira 23. de Mayo de 1673. Contava de idade cincoenta e dous.

CA-

CAPITULO XXXI.

De outras Religioſas, que faleceraõ com opiniaõ de virtude neſta Caſa de S. Joaõ de Setuval; e de algumas notabilidades pertencentes a ella.

PAra argumento de que nunca faltaraõ neſta Caſa, como claſſe da penitencia, diſcipulas, que eſcutaſſem as liçoens do grande Bautiſta, daremos noticia, ainda que recopilada, de outras Religioſas, que neſtes annos viſinhos ao em que eſcrevemos, paſſaraõ deſta vida, dandonos materia na ſua. Seja a primeira a Madre Sor Joanna do Deſerto, de geraçaõ illuſtre, circunſtancia, com que avultava mais ſua grande humildade. Obſervante nas Conſtituiçoens em todo o rigor dellas, como eſtaõ eſcritas. Muitos annos foy Meſtra de Noviças; em todos os de ſua vida, exemplar das Religioſas. Chegada ſua morte, pedio, e recebeo os Sacramentos com alvoroço, e alegria de eſpirito, e antes de eſpirar, diſſe, voltando-ſe á Communidade: *Madres, ſe a morte he taõ ſuave, quem ha de recear a morte?* Diſſe bem eſta Madre, porque tal foy ſua vida. Quem viveo com ás agonias de quem morre, porque naõ morrerá com as ſuavidades de quem vive? Succedeo o meſmo a huma ſobrinha ſua, diſcipula de ſua doutrina, a Madre Sor Catharina de Jeſus, (que com rigoroſa penitencia, e oraçaõ continua, lograva as ſuavidades do dom de lagrimas com que o Ceo a enriquecera) porque eſpirou fallando com Deos em penitentes colloquios, exhortando as Religioſas á inteireza da obſervancia, e fazendo agora a ſua advertencia, o que até alli fizera a ſua vida.

Sor Joanna do Deſerto.

Sor Catharina de Jeſus.

Foy inculpavel a da Madre Sor Elena da Viſitaçaõ, que de ſeis annos entrou neſta Caſa, enſayando-ſe já em Pupilla, para as obrigaçoens de verdadeira profeſſa, que deſempenhou de ſorte, como ſe o Ceo lhe enſinara a recopilar em dous annos aquelles extremos de obſervancia, e penitencia, que podiaõ encher muitos, porque ſó dous viveo, deſpois que profeſſou, falecendo com taes demonſtraçoens de predeſtinada, que trocaraõ as Religioſas o ſentimento em Santa inveja, confirmando-a na informaçaõ do Padre Frey Manoel Feyo, que teſtemunhava, conſervara Sor Elena a graça bautiſmal.

Sor Elena da Viſitaçaõ.

Com igual perfeiçaõ de vida em mais largos annos, mereceo ſimilhante morte a Madre Sor Iria de Jeſus. Seu principal emprego foy hum deſprezo proprio, e ancia de viver ſervindo. Aſſim lançava maõ das occupaçoens mais humildes da Caſa, naõ ſó com obediencia, mas com alegria. Viaõ-ſelhe bem no roſto os ſinaes de penitencia, que ſepultava á ſua cautela. Andava continuamente repetindo com doçura: *Maria Mater gratiæ, Mater miſericordiæ, tu nos ab hoſte protege, & hora mortis Juſcipe.* Entrada em artigo de morte, ſe eſpalhou por ſua cella huma tal fragrancia, (e mais percebida de quem mais ſe lhe chegava á cama) como ſe alli ſe accendera a mais precioſa caçoula. Na manhãa da noite em que eſpirou, mandaraõ os Religioſos Capuchos, (que

Sor Iria de Jeſus.

(que ficaõ em huma eminencia donde o deſcobrem) perguntar ao Moſteiro, que feſtividade houvera nelle, porque o tinhaõ viſto cuberto de luminarias aquella noite.

Sor Luiza da Purificaçaõ.

Similhante prodigio de luzes ſe vio na morte da Madre Sor Luiza da Purificaçaõ, porque pouco antes della, ſe vio allumiada toda a Enfermaria de huma claridade deſuſada. A eſte prodigio, reparado de muitas Religioſas, ſe ſeguio outro, que o foy de toda a Caſa, ouvindo-ſe nella, ſem ſe determinar onde, cantar a Ladainha da S. com tanta ſuavidade, que a todas teve ſuſpenſas. Fora a Madre Sor Luiza devotiſſima da Senhora do Roſario. Era muſica deſtriſſima, o meſmo nos inſtrumentos de Orgaõ, e harpa. Com eſtas ſuas prendas, como com huma vida juſtificada, louvada, e ſervia á Senhora, ſendo a mais empenhada em todas ſuas Feſtas, como penitente nas Vigilias. Entendeo-ſe, que aquella melodia fora em premio da que em vida exercitara.

Naõ parece, que eſperava menos premios, ainda que naõ ſimilhantes, quem ſuſpirava na morte a viſinhança delles. Succedeo aſſim á Madre Sor Ignez da Conceiçaõ, (peſſoa de grandes reſpeitos, da Caſa dos Condes de Portalegre) que trez vezes occupou o lugar de Priorezà, com grandes intereſſes na reforma da Caſa. Huma penoſa doença de que morreo (contando já oitenta e ſete annos de idade) lhe tirou da maõ a diſciplina, e a eſcuſou dos mais exercicios com que ſe mortificava. Dilatava-ſelhe a morte, por que ſuſpirava ancioſa, como deſcanço da vida, e paſſagem para a verdadeira. Aſſim acabou, como quem parece a merecia.

Sor Ignez da Conceiçaõ.

Sor Maria da Purificaçaõ.

Naõ occupou com menos capacidade o lugar de Prelada a Madre Sor Maria da Purificaçaõ, rara na tolerancia de achaques, que foraõ o purgatorio de ſua vida. Muitos annos antes de ſua morte ſe vio tolhida; quatro antes della, cega; prizoens que ſentia, porque lhe embaraçavaõ os exercicios devotos, e penitentes em que ſe criara. Para o Coro a levavaõ, onde paſſava todo o dia, e a mayor parte da noite em oraçaõ, aſſiſtindo ao Santiſſimo, de que era extremoſamente devota. Moſtrou-o aſſim em dezaſete annos, que aſſiſtio na Sacriſtia; para o ſervir mais domeſtica, gaſtando no ſeu culto, ornato, e aceyo com inerivel largueza, ſem mais tença, que a ſua induſtria; mas ſabia eſta merecer os lucros com os diſpendios, como permittia o Senhor, obrigar-ſe dos diſpendios, ſendo o que diſpuzera os lucros. Faleceo a Madre Sor Maria cheya de annos, e de eſperanças dos premios eternos.

Sor Iſabel de Jeſus.

Outra Religioſa achamos continua na aſſiſtencia do Coro, ſem a prenderem nelle os achaques, mas os deſejos de fazer numero com os Anjos. Foy eſta a Madre Sor Iſabel de Jeſus, de vida auſtera. Eſcrupuloſa, e eſtreita nos jejuns da Religiaõ, que inviolavelmente obſervava; o paõ havia de ſer de centeyo, o ſuſtento huma vez ao dia, e limitado. Satisfeitas as obrigaçoens da Communidade, ſe tornava ao Coro como

a cen-

a centro, onde ſempre a viraõ de joelhos, por mais que cortada de penitencias, e carregada de annos. Aſſim eſpirou, como viveo, porque louvando a Deos, com repouſo, e ſocego lhe entregou o eſpirito.

Sor Marianna do Roſario.

A meſma ſuavidade achava na contemplaçaõ, em que era continua a Madre Sor Marianna do Roſario, deſejando eſtar ſempre livre para ſeguir eſte exercicio. Era devotiſſima de Noſſo Patriarcha. As vozes com que acompanhava as Religioſas nas ſuas Feſtas, eraõ lagrimas, taõ copioſas, e compungidas, que era rara a que a naõ acompanhava com as ſuas. Houve alguns prodigios em ſua morte; naõ ficou mais que eſta tradiçaõ em commum de que os houve.

Sendo ſó hum o caminho da virtude, porque tambem he hum ſó o termo delle, ſaõ varios os modos com que he pizado dos Juſtos. Acabamos de o ver ſeguir pelo ſocego da oraçaõ, vellohemos pizar agora pela aſpereza da penitencia na Madre Sor Urſula das Virgens? Aſſim era eſta Madre huma viva eſtampa da obſervancia mais auſtera. Diſciplinas amiudadas, e rigoroſas; cilicios, que lhe cobriaõ todo o corpo; deſcançava deſtes, rodeando-ſe com groſſas, e pezadas cadeas de ferro; e porque o attenuado das ſuas forças, favorecido da commiſeraçaõ propria a naõ pozeſſe em riſco de ſe aliviar daquelle penitente cativeiro, ſe cingio de huma, e fechando-a, lançou a chave do cadeado fóra. Soube-ſe, quando falecendo, foy neceſſario para reſgatarlhe o corpo, limarſe o ferro. Servia-lhe de cama huma taboa, que diſſimulava com huma manta, por traveſſeiro huma pedra. Eſpalhava-ſe ſua virtude pela Villa, e recorriaõ a ella os enfermos, com a experiencia dos que ſahiaõ remediados. Davalhes humas particulas de *Agnus Dei*, para que as tomaſſem em agua, e a ellas attribuia a ſua repentina melhora. Acabou com grandes demonſtraçoens de que paſſava do purgatorio da ſua penitencia, a deſcançar na felicidade, que he premio della.

Sor Urſula das Virgens.

Seguiraõ os meſmos paſſos as Madres Sor Eugenia das Chagas, Sor Iſabel Bautiſta, Sor Iſabel Joſefa, todas igualmente conhecidas por verdadeiras Religioſas, perſeverando em inteira obſervancia toda ſua vida, ſem admittirem diſpenſaçaõ, ou alivio em todo o rigor della, de que ſe viraõ grandes effeitos em ſuas mortes. Ficou mais individual memoria da da Madre Sor Iſabel Joſefa, porque dous dias antes (que foy para a Enfermaria) entrando-lhe as Religioſas para eſſa diligencia na cella, a viraõ cheya de huma eſtranha claridade, ſendo de noite, e naõ havendo na cella couſa que a déſſe. Teſtemunharaõ-no muitas Religioſas, que o viraõ, e admiraraõ. Faleceo eſta Madre (e foy a ultima, de que neſta Caſa tivemos noticia) em 20. de Outubro de 1703.

Sor Eugenia das Chagas. Sor Iſabel Bautiſta. Sor Iſabel Joſefa.

Mas naõ paſſemos em ſilencio algumas circunſtancias dignas de ſe participarem ao conhecimento dos que o quizerem ter do material deſta Caſa, por accreſcerem deſpois que noſſo anteceſſor eſcreveo della. Ve-

ſe

ſe hoje a Capella môr da Igreja auctorizada com huma nobre, e eſpaçoſa tribuna de lavor moderno, e bruteſco dourado. Deveo-ſe á diligencia, e induſtria da Madre Sor Maria da Viſitaçaõ, ſendo Prioreza. Dentro da Clauſura ornou-ſe o Clauſtro com huma fonte de fina, e varia pedraria, de que ſe vê correr agua com artificio, e extravagancia. A' Caſa do Refeitorio, que por ſua grandeza ameaçava ruina no tecto, ſe accreſcentaraõ ſeis columnas de pedra bem lavrada, que a deixaraõ afermozeada, e ſegura. Mas o que mais auctoriza a Caſa, e o que póde coroar todas as noticias della, he a Imagem de hum Menino Jeſus, que he do tempo da fundaçaõ; e ainda que nella ſe paſſa em ſilencio, ſeria por querer o Ceo guardar para eſtes annos mais viſinhos a nós os prodigios, que hoje a fazem mais celebre, e conhecida, dandonos aſſumpto para novamente ennobrecer a Caſa, e a eſcritura.

Era eſta Imagem menos polida, e tinha hum dos bracinhos taõ unido ao peito, que ſe affligia, e cançava huma Religioſa todas as vezes, que o veſtia. Quando hum dia, que chegava a fazer a meſma diligencia, vê que o Menino tinha levantado o bracinho de ſorte, que o veſtio ſem trabalho; aſſombro, que praticado, convidou a devoçaõ, e o reparo das mais Religioſas, e primeiro ás mais antigas, que affirmavaõ naõ ſó a novidade do braço, mas a de verem toda a Imagem direita, e bem affigurada, (o que de ántes naõ era tanto) na encarnaçaõ, como na eſcultura. Seguio-ſe a eſte piedoſo reparo, e univerſal teſtemunho, a devoçaõ de todo o Moſteiro, deſta a fé com a ſagrada Imagem, e da fé muitos prodigios, e favores, que experimentaõ as Religioſas, que a buſcaõ em ſuas doenças, em ſuas preſſas, em ſuas agonias, de que ſe perderaõ (culpavel omiſſaõ) muitos papeis de ſucceſſos peregrinos, todos authenticados. Veyo á noſſa maõ hum, que o foy no anno de 1683. pelo Vigario da Caſa, o Preſentado Frey Gregorio da Affonſeca; e paſſou aſſim.

Sentio-ſe a Madre Sor Franciſca Joſefa, Religioſa deſta Caſa, ferida de hum ramo de ar, de que leſa toda a parte eſquerda, lhe levantou o hombro, unindo-lho á orelha; o braço trocido ſobre as coſtas, e a perna em hum arco. Naõ houve meſinha, força, ou induſtria, que valeſſe; entraraõ remedios rigoroſos, acompanhados de muitas ſangrias, que deixaraõ a enferma ſem forças. Já deſenganada, que naõ aproveitariaõ as humanas, pedio que lhe trouxeſſem o Menino, e tendo-o diante de ſeus olhos, lhe fez hum proteſto, que ſó delle eſperaria a ſua melhora, nem dalli em diante admittiria mais meſinha. Com eſta eſperança deixou ficar o Menino na cella. Paſſados poucos dias, entrando-lhe por ella em huma noite de Natal a Madre Sor Maria Ignacia (que vinha do Coro) e dizendo-lhe, que já o Menino era naſcido, que era tempo de lhe pedir favores, lhe chegou á cama a Imagem de outro Menino, que eſtava na meſma cella. Eſcuſou-ſe a enferma, pedindo, que lhe déſſe a do Menino

nino milagroſo, porque nelle tinha as eſperanças do ſeu remedio. Trallo, e offereceo-lho a Religioſa, levanta-ſe Sor Franciſca, e com extraordinaria ancia, e alvoroço eſtende os braços ſem achar impedimento, e apertando a ſagrada Imagem entre elles, ſe ſente ſem leſaõ, reſtituidos os membros a ſeu lugar, e proporçaõ, taõ deſembaraçada, e livre (a que de debilitada, naõ podia levantar a cabeça) que veſtida, ao meſmo inſtante começou a correr a Enfermaria, levando nos braços a ſeu Bemfeitor, entre lagrimas de goſto, e vozes de agradecimento; a que ſe ſeguio a admiraçaõ, e alegria de toda a Caſa. Tem eſte Menino nella lugar no Coro de cima, e a Caſa nelle a ſua mayor gloria.

CAPITULO XXXII.

Da Madre Sor Maria da Aſſumpçaõ, e outras Religioſas, filhas do Moſteiro de Noſſa Senhora da Graça da Villa de Arantes, e da Irmãa Converſa Leonor de Jeſus, do meſmo Moſteiro.

Moſteiro de N. Senhora da Graça da Villa de Abrantes.

NEm ſempre havemos de culpar neſtas noticias a omiſſaõ das Religioſas, muito menos quando temos alcançado, que em muitas foy antes encolhimento, que deſcuido, antes modeſtia, que inadvertencia, como ſuccedeo neſta Caſa, onde a ſingeleza dos coraçoens attendia mais á reſórma propria, que ao reparo dos augmentos da alheya; (conſeguidos talvez em lhe propor para a imitaçaõ a ſua) antes fazendo eſcrupulo, que podia ſer lanço de vangloria o entheſourar ſimilhantes noticias, deixaraõ que o tempo triunfaſſe de todas, ficando-nos a eſcaça tradiçaõ de alguma, que por mais notoria, nem todos os poderes do deſcuido a entregaraõ á juriſdiçaõ do tempo. Foy huma a da Madre Sor Maria da Aſſumpçaõ, nobre por naſcimento, baſe, em que aſſentou bem o edificio de ſua virtude, avultando primeiro nos empregos da humildade, que até no trato de ſua peſſoa ſe lhe diviſava. Nunca veſtio habito novo; o que lhe davaõ ſeus pays, trocava por outro çafado, roto, e remendado. O meſmo lhe ſuccedia na meſma roupa de ſeu uſo Na cella a meſma penuria. A ſua vida era no Coro, onde ſe deixava ficar (acabadas as funçoens delle) a mayor parte do dia, e noite, e ſempre, ou em pé, ou de joelhos, e taõ ſepultada na contemplaçaõ, que a nada attendia. Foy eſpectaculo, a que muitas vezes paravaõ as Religioſas, vendo-lhe o roſto cuberto da importuna perſeguiçaõ das moſcas, ſem moſtrar o minimo ſentimento, como ſe antes fora eſtatua, que corpo vivo. Neſte lugar fazia mayor aſſiſtencia nos dias que commungava, naõ tomando nada de ſuſtento nelles, ou muy tarde quando a obrigavaõ os achaques.

Sor Maria da Aſſumpçaõ.

Retirava-ſe á cella, eſperando as horas mais quietas, e ſeguras para tomar diſciplinas, acautelando-ſe de huma Religioſa irmãa ſua, que lhe embaraçava as penitencias, laſtimada de a ver padecer muitas moleſtias. Eſcondia-lhe os cilicios, e ella induſtrioſa em ſupprir a falta

falta delles, metia entre a carne, e tunica paos aſperos, e nodoſos, com que naõ achava menos a dureza dos ferros. Obſervantiſſima do ſilencio, antes parecia ſepultada, que recolhida. Em ſua propria cella (era experiencia commua) ninguem a achava, que naõ foſſe de joelhos, e por mais que prevenida, diſſimulava; entendeo-ſe aſſim, que contemplava a toda a hora. Nem ſe podia inferir menos, ſe eſtando acompanhada, o fazia. Segurava-o huma Religioſa de ſua confiança, porque eſtando junto della, (quando vinha alguma vez ao Locutorio a fallar a ſeus irmaons) eraõ raras ſuas palavras, os olhos a inſtantes levados ao Ceo, e as maons levantadas a elle debaixo do eſcapulario.

Tinha grande liçaõ das contemplaçoens do Veneravel Padre Meſtre Frey Luiz de Granada, com ſeus documentos compunha ſua vida. Em toda ella pedio a Deos o dom de lagrimas, porque parece lhe ſecava os olhos o incendio da caridade, que lhe ardia no coraçaõ. Toda ſua ancia era a frequencia dos Sacramentos; e dizendo-lhe huma Religioſa, (que lho eſtranhava) que entendia que ſe a deixaſſem no Confeſſionario, nunca ſahiria delle, reſpondeo com ancia: *Ay Madre! E ſe eu ſempre tenho culpas, como naõ ſuſpirarey pela meſinha dellas!* Aſſim era com Deos todo o ſeu commercio, eſcuſando-ſe, e eſcondendo-ſe a todo o do Moſteiro, retiro, que ſepultaria alguns caſos de ſua vida, como parece, que ſeria o que lhe ſuccedeo em huma occaſiaõ, em que diſſe a huma Religioſa de virtude, que ſe aſſiſtiſſe á ſua morte, lhe perguntaſſe o que lhe ſuccedera no ante Coro, junto á caldeirinha. Naõ houve quem ſe lembraſſe da pergunta, e perdeo-ſe a noticia.

Apreſſou-ſelhe a morte de hum leve achaque. Tinha alguns dias antes della pedido a ſua irmãa com inſtancia, que lhe remetteſſe duas cartas para ſeus irmaons, o Governador da Pederneira, e outro Religioſo, que com elle aſſiſtia. Naõ quiz a irmaã, e deixou-as ficar; logo nos valeremos dellas, e naõ parecerá eſcuſada eſta noticia, por nos favorecer huma importante conjectura. Aggravou-ſelhe mais o achaque, mas ſem motivo de cuidado, mas pedio logo, e recebeo os Sacramentos, contra a opiniaõ das que os naõ ſuppunhaõ preciſos, e ſem mais que huma inflammaçaõ nos olhos, ſem augmento de febre, entrou em artigos de morte, e eſpirou ſuavemente. Poucas horas antes tinha advertido á irmãa, que as cartas, que lhe pedira, as mandaſſe ſem falta. Fora rara a vez que eſcrevera aos irmaons, e eſta ſupplica encarecida, ajudou o reparo da irmãa para querer ſaber a importancia. Pareceo-nos, que o era o lançallas aqui, pois dellas ſe conjectura a noticia anticipada, que teve de ſua morte Sor. Maria. Abrio-as a irmãa, e vio, que dizia em ambas poucas palavras. Dizia aſſim a que eſcrevia ao Religioſo: *Meu irmaõ. Eſta ſerá a ultima, que vos eſcreva; peſſo-vos muito vos lembreis de minha alma, e me digais tantas Miſſas logo*; apontava o numero, e os San-

tos

tos, a quem ſe haviaõ de dizer; e naõ continha mais a carta. Dizia a que eſcrevia ao ſecular: *Meu irmaõ. Eſta ſerá a ultima, que eſcreva a voſſa mercé; peſſolhe muito ſe lembre da minha alma; a minha irmãa, e ſobrinhas faço a meſma ſupplica*; e naõ dizia mais. Bem ſe collige, junta a circunſtancia de pedir á Madre Sor Maria os Sacramentos com taõ leve moleſtia, que lhe faria Deos o favor de lhe anticipar o conhecimento daquella hora, premio de huma vida, em que por teſtemunho de ſeus Confeſſores ſe naõ achou culpa.

Acompanhem as memorias da Madre Sor Maria algumas, ainda que eſcaças, de Religioſas mais antigas na Caſa, de que a tradiçaõ nos deu ſó o nome, e em commum o muito que teve ſua virtude. Seja a primeira a Madre Sor Brites de S. Paulo, de extremoſa humildade, que ao inſtante, que eſpirou, ſe accenderaõ de improviſo as vélas do Altar da Enfermaria, que ficava defronte da ſua cama, e com huma luz taõ extraordinaria, que ſó o Ceo a accendera. Teſtemunhavaõ-no aſſim as Religioſas, que alli aſſiſtiaõ, e o admiraraõ.

Sor Brites de S. Paulo.

Sor Ignez de Jeſus.

A Madre Sor Ignez de Jeſus, Religioſa de grande obſervancia, e igual ſingeleza; taõ recolhida, que a naõ viraõ nunca, fóra de actos de Communidade, mais que ou no Coro, ou na cella. O ſeu ſilencio taõ inviolavel, que ſe lhe naõ ouvia palavra, attribuindo-o todas a ignorancia; engano de que ſahiraõ, ouvindo-a fallar com Deos antes, e na hora da ſua morte, com tanto entendimento, e eſpirito, que lhes parecia reſuſcitara nella hum Oraculo, que as deixou a todas igualmente confuſas, que doutrinadas.

Sor Maria de S. Bento.

A Madre Sor Maria de S. Bento, de vida auſtera, naõ ſó uſava eſtamenha junto á carne, mas continuamente a cobria de cilicios, e outros artificios, com que a ſua induſtria a trazia atormentada. Jejum, e ſilencio perpetuos. No prato do ſuſtento quotidiano lançava agua, porque foſſe ſó ſuſtento, e naõ ſerviſſe de goſto. Naõ teve mais leito, que o Coro, nem deſcanço, ſenaõ falecendo. Das Madres Sor Maria dos Anjos, e Sor Maria da Soledade ficou a noticia de ſua eſtreita, e rigoroſa obſervancia, e final perſeverança nella.

Sor Maria dos Anjos, e Sor Maria da Soledade.

Concluamos as memorias deſta Caſa com as de huma Irmãa Converſa, taõ benemerita de encher eſta eſcritura, que baſta a contentarnos a magoa das muitas que aqui nos faltaõ nella. Foy eſta Sor Leonor de Jeſus, deſvelada no ſerviço da Communidade, incançavel no das doentes, e contente no dos pobres. A eſtes dava a ſua reçaõ, e o que de ſobejos podia ajuntar com ella, com o cuidado de o paſſar do lume á Portaria, e com o mayor aceyo, que era poſſivel á ſua diligencia, como a que conhecia a quem hoſpedava naquelles panos, aſſim rotos, e deſvalidos. Aſſim ficava o ſeu ſuſtento na contingencia do que vinha de ſobejo na louça, que lavava. No trabalho da Communidade aſſim era aſſiſtente, (naõ ſó de dia, mas até alta noite) que era neceſſario o preceito da Prelada,

Sor Leonor de Jeſus.

para que ſe recolheſſe, e o deixaſſe. De noite naõ ſe retirava á cella, porque naõ tinha nella cama, nem em quarenta annos conheceo outra mais que o chaõ do Coro debaixo, em que tomava poucas horas de deſcanço. Veſtia o que algumas Religioſas lhe davaõ de eſmola, habitos velhos, e gaſtados. Naõ baſtava que os Invernos a achaſſem pouco enroupada; nas partes menos abrigadas rezava, e aſſiſtia.

Falecida alguma Religioſa, paſſava as noites junto da ſua ſepultura, dizendo que hia acompanhalla. Mas o que nella ſervia de commum reparo, era, que nem a occupaçaõ da coſinha, nem a falta de roupa, nem o ſervirlhe o chaõ de cama, baſtavaõ a criar naquelles pobres panos algum mao cheiro, nem ainda á viſta materia de aſco. Mas quem ignora que a pobreza ſanta he o verdadeiro arminho, que entre as immundicias ſe conſerva immaculado? Todo o ſeu affecto lhe levava a Senhora da Piedade, Imagem devota, que eſtá no Capitulo, e a que chamava ſua mãy. A experiencia lhe confirmou o nome, porque ſó a ella recorria, e ſó ella a remedeava. Do que ſe ſoube apontaremos alguma couſa.

Ha no Moſteiro huma ciſterna, a que ſe deſce por huma eſcada, que terá trez braças de altura; daqui cahio Sor Leonor: naõ podia deixar de ſer grande o golpe, e ainda prodigio o eſcapar com vida, pòrque o mayor foy na cabeça. Tiraraõ na banhada em ſangue, vieraõ Medicos, viraõ a ferida, quizeraõ que ſe deitaſſe, e que ſe ſogeitaſſe á cura; naõ conſentio nem em huma couſa, nem em outra, pedindo muito, e gritando que a levaſſem á ſua Mãy; que naõ neceſſitava de cura, porque ſe ſua Mãy quizeſſe, ella lha faria. Naõ houve remedio, levaraõ-na ao Capitulo; deixaraõ-na a rogos ſeus nelle, onde paſſou ſem mais cama, que o pé do Altar, ſem mais medicamento, que o que eſperava na Senhora: e aſſim ſe vio; porque deſpois, de dias daquella aſſiſtencia, a viraõ ſahir ſãa, e robuſta, e começar a ſervir a Caſa. Em outra occaſiaõ perdeo humas chaves de importancia nella; buſcou-as, revolveo tudo, veyo parar ao Capitulo; e pedindo a ſua Mãy que lhas déſſe, ſahio outra vez a buſcallas com muita ſeguraça, achando-as no lugar em que havia pouco as buſcara.

Eraõ os Religioſos Capuchos os ſeus pobres mimoſos: achava-ſe em hum dia de Santo Antonio (era offerta, que lhe fazia cada anno) com hum tacho de arroz ao lume, mas faltavalhe o aſſucar, porque a enganara certa promeſſa; ſahe da coſinha, entra no Capitulo, propoem a ſua Mãy o deſgoſto, com que eſtava, de que houveſſem de ficar os ſeus Irmaons ſem ſobremeſa; e reſolutamente conclue que lhe dê o aſſuçar, que ella naõ tem com que o compre, ou de quem o eſpere. Volta com eſta confiança á coſinha, eis-que vê nella hum grande prato de aſſucar, teſtemunhando ſerventes, que eſtavaõ fóra, que ninguem entrara, e naõ ſe achando (que ſe fez eſſe miudo exame no Moſteiro) quem reconheceſſe por ſeu o prato.

Mais,

Mais, e mayores favores lhe faria a ſoberana Mãy, a quem para elles naõ falta nunca, nem vontade, nem poder; mas os Servos de Deos ſó publicaõ, o que naõ podem occultar.

Huma das ſupplicas, que Sor Leonor fez ſempre a Deos, foy que a conſervaſſe em pé até a hora de ſua morte. Deſperta-va-lhe eſte deſejo o inculpavel odio, que tinha ao deſcanço. Parece que entendia, que naõ era a vida mais que huma eſtrada para a morte, e na eſtrada quem aproveita o tempo, caminha, e naõ deſcança; ou alcançava com mais profundidade o que he a vida, e o que he a morte. Em pé ha de eſtar quem luta, em pé quem vigia; porque a vida he milicia, e a morte ſono. Se adormecer a ſentinella, facil ſerá o aſſalto do inimigo; ſe naõ eſtiver em pé o lutador, facilmente o levará debaixo. Grande cautela de Sor Leonor! Mas mayor documento para os preguiçoſos, e para os deſcuidados.

Parece que ouvio Deos a ſua ſupplica, porque apertada de huma grave doença, por mais que hia a febre em augmento, e paſſava a delirios, e inchado o corpo com desformidade, lhe ameaçava a morte, ſempre teve eſpiritos para ſe naõ tratar com ſogeiçoens de doente; até que paſſados tempos, e já desfalecida, a reduzio o preceito da Prelada a recolherſe á Enfermaria, para a ſacramentarem. Confeſſouſe com demonſtraçoens penitentes, e chegando o Viatico, tanto que vio o Senhor, levantou com voz clara, e como ſe a exercitara toda ſua vida, o Hymno *Tantum ergo Sacramentum.* Pedio deſpois ao Prelado algumas licenças, e entre ellas a de deixar a cama, em ſe achando com algum alento. Parece ſe lhe concedeo, porque na noite, que ſe ſeguio, ſe levantou a orar, e dar graças a Deos, e á ſua piedoſa Mãy? De madrugada, achando-ſe vencida do mal, ſe lançou no chaõ, levantando a Deos as maons, por ſe ver naquella regalada cama, que a hoſpedara toda ſua vida. Era muita a fraqueza, pedio que lhe déſſem huma fatia de paõ, e hum pucaro de agua, unico regalo com que ſe deſpedio da vida, ou viatico myſterioſo, com que (como outro Elias) começou a caminhar até o monte da eternidade, porque dahi a breves horas eſpirou placidamente. Era por Novembro de 1702.

CAPITULO XXXIII.

Da Madre Sor Luiza de Deos, filha dos Condes de Vimioſo, e da Caſa de Santa Catharina de Sena de Evora.

Moſteiro de Santa Catharina de Sena de Evora.

NAõ podemos negar a eſta Caſa de Santa Catharina de Sena (entre todas as da Provincia) a eſtimavel gloria de ſer o berço, em que ſe criaraõ aquelles grandes eſpiritos, com que começou a reſpirar a vida aſpera, e obſervante do Moſteiro do Sacramento. Na Caſa de Santa Catharina de Sena ſe enſayaraõ as virtudes heroicas, com que aquelle Ceo da terra começou a animar racionaes Eſtrellas, ornato com que ſe auctorizou o firmamento Dominicano. Naquella tocha ſe accenderaõ eſtas luzes; daquelle jar-

dim ſe tranſplantaraõ eſtas flores; daquella concha ſe tiraraõ eſtas margaritas; e daquelle mar correraõ eſtes rios a fecundar a terra daquelle Paraiſo recoleto; aſſim foraõ tiradas deſta Caſa para ſuas primeiras povoadoras as duas irmãas, as Madres Sor Joanna Bautiſta, e Sor Filippa de Jeſus, que em ſeu lugar nos daráõ aſſumpto a mais larga eſcritura; mas nem aſſim paſſaremos aqui em ſilencio, que taõ doutrinadas ſahiraõ deſta Caſa a ſerem Meſtras na do Sacramento, que já os achaques ameaçavaõ a Madre Sor Joanna Bautiſta pelas grandes, e aſperas penitencias, em que ſe exercitara desde a idade de Noviça, e Profeſſa até a de trinta annos, em que paſſou a Fundadora, e em nada inferior á Madre Sor Filippa, que entrando neſta Caſa de doze annos, (anticipando no goſto, o que deſpois havia de ſer preceito) primeiro ſervia de aſſombro, que de exemplo, porque era inimitavel o eſpirito, com que abraçava penitencias, como a pontualidade de acodir ás obrigaçoens religioſas. Para ſer exemplar nellas, (tendo de idade vinte e cinco annos) a eſcolheraõ, e a ſua irmãa, a Madre Sor Joanna, os Condes de Vimioſo, paſſando-as ao ſeu novo Palacio recoleto do Sacramento.

Naõ me reſolvo por certo em votar ſobre qual ſeja mayor gloria, ſe a deſta Caſa, que a eſtas Religioſas chamou filhas, ſe á da Caſa do Sacramento, que as mereceo Fundadoras? Sey que ſaõ mayores, e mais activas as luzes do Sol no Zenith, que no Oriente, mas nem por iſſo deixa de ſer em hum, e outro extremo reciproca a dependencia, porque ſe o Oriente reſpeita ao Zenith para ver o Sol conſummado, o Zenith reſpeita ao Oriente para o ver naſcido. Aſſim ſe tempera o glorioſo litigio das duas Caſas; porque ſe eſta deu aquellas filhas para Fundadoras, aquella recebeo deſta Fundadoras para as deſempenhar conſummadas, e Santas. Outra irmãa (que era a mais velha, e as acompanhou na entrada deſta Caſa com o nome de Sor Maria da Reſurreiçaõ) viveo poucos annos deſpois de Profeſſa, mas taõ igual com as duas irmãas na vida, que ſó a morte a tirou de as ſeguir naquella nova, e mais aſpera; deixando memorias ſaudoſas do que ſe perdeo na ſua. Sirva-lhe eſta breve noticia (que ſe naõ deſcobrio outra) para a contarem entre as filhas deſta Caſa, e deſculpe-ſeme a digreſſaõ, como merecida gloria della, paſſando á que outras filhas lhe continuaraõ, e ſeja a primeira a Madre Sor Luiza de Deos.

Sor Luiza de Deos.

Foy eſta Madre filha dos Condes de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, e Dona Joanna de Caſtro e Mendonça, filha dos Condes de Baſto; aquelles dous grandes eſpiritos, (pay, e mãy) que pizando titulos mageſtoſos, vaidades, pompas, e liſonjas do Mundo, feito entre ambos Santo divorcio, lavraraõ a Deos Caſa, e a Condeſſa para ſi ſepultura, veſtindo, como o Conde, a mortalha Dominicana, em que mortos para o Mundo, começaraõ a viver para o Ceo, ſervindo de confuſaõ ao ſeculo, e de exemplar á poſteridade. Do Conde fica já a noticia no pri-

primeiro livro ; da Condeſſa a daremos no ſeguinte na Caſa do Sacramento. Recolhida nella a Condeſſa, ficou Dona Luiza de idade de onze annos , tam bem doutrinados, que abraçou com goſto o trocar a liberdade pela Clauſura deſta Caſa de Santa Catharina de Sena, em que ſe recolheo com tias , que nella tinha , paſſando deſpois ao Sacramento , onde eſtava ſua mãy , Caſa de que a tiraraõ tanto os achaques , como o pouco goſto de viver em tanto aperto.

Era Dona Luiza bem inclinada , tinha claro entendimento , revolvia os livros de eſpirito , naõ deſconhecendo as verdades delles , mas ſem paſſar a leitura a negociar documentos para o concerto da vida ; mas o Ceo , que ainda em olhos mais cegos coſtuma ferir com os rayos do deſengano , aſſim illuſtrou em huma occaſiaõ os de Dona Luiza , que paſſando a inflammarlhe o coraçaõ , acabou ella de reduzir a cinzas os altares , que ainda conſervava nelle aos idolos da vaidade. Começou huma nova vida , a frequentar os Sacramentos , a cultivar as flores do Roſario , com hum taõ fervoroſo deſvelo , que em breve começou a colher os frutos de huma interior ſuavidade , que a ſuſpendia , e arrebatava como alhea do que até alli fora. Via-ſe logo perſeguida de varias tentaçoens , primeiros tropeſſos dos paſſos bem encaminhados ; mas pizou-os com conſtancia , adiantando-ſe a guarnecerſe contra elles na defenſavel praça da Clauſura religioſa. Eſcolheo eſta de Santa Catharina de Sena , para onde ſe recolheo triunfante de repetidos perigos , que lhe buſcaraõ a vida , na terra em hum deſpenhadeiro , no mar em huma tormenta.

Muitos deſvios teve eſta entrada , porque naõ promettendo a debilidade , a que a tinhaõ reduzido achaques , muita continuaçaõ nos exercicios da vida que buſcava , intentavaõ ſeu pay , e irmaons , que na de caſada (em que o melhor do Reyno a pertendia) continuaſſe os intereſſes , e importancias de ſua Caſa , e nobreza. Deſvaneceo-ſe eſte primeiro embaraço , porque já Dona Luiza tinha aceito Eſpoſo , que a illuſtrara para a eſcolha , deſenganando os parentes , que a naõ podiaõ eſperar melhorada. Tinha a entrada outro eſtorvo , porque eſtava reſoluta Dona Luiza em que o thalamo dos ſeus deſpoſorios foſſe a Caſa do Sacramento , porque já o rigor , e a aſpereza tinhaõ trocado para ella as carrancas em negaças. Mas as ſupplicas das Religioſas deſta Caſa a hiaõ ſuſpendendo , até que hum ſonho myſterioſo lhe ſervio de reſoluçaõ , e conſelho. Sonhou huma noite , que via , e ſe lhe repreſentava neſte Moſteiro de Santa Catharina , huma bandeira rota , e eſtragada , que tinha a Imagem de hum Chriſto crucificado , e ouvio , que lhe diziaõ , que correſſe por ſua conta o concerto. Illuſtrava-ſelhe logo o entendimento , e conhecia , que o enigma ſe havia de entender por eſta Caſa , em que o ſeu exemplo , e induſtria havia de reduzir a todo o ponto a reforma. Eraõ as frouxidoens com que entaõ corria , as

que

que apertavaõ a Dona Luiza para onde a ſuppunha mais vigoroſa.

Acorda alvoroçada, deſvanece-ſe a ſuſpenſaõ, entra no Moſteiro, toma o habito, e o nome de Sor Luiza de Deos, porque diſſeſſe o nome, a que reſolvia a vontade. Teve por Confeſſor o Meſtre Frey André de Santo Thomaz, ſogeito de grande reputaçaõ em letras, e virtude. (no primeiro livro démos delle mais larga noticia) Aſſim ſe adiantou Sor Luiza nos primeiros paſſos, que começaraõ a parecer ultimos. Lãa junto á carne, ſuſtento de peixe; habito, que ſó era mortalha; oraçaõ, que parecia vida; e vida, que parecia ſepultada. Dava-lhe o Senhor a conhecer as ſuavidades, interpoladas com as ſequidoens, alternativa da Providencia, com que regala, e experimenta os ſeus mimoſos, e domeſticos. Aſſim lhe permittia a anticipada noticia de algumas couſas, para ſeu alivio, e ſocego. Detinha-ſe huma noite orando no Coro, quando ſentio hum grande eſtrondo, ſeguio-ſe a elle huma ſuſpenſaõ, e ſilencio, que rompeo huma voz clara, e ſentida, entoando a primeira Liçaõ do Officio dos Defuntos. Entendeo logo, que aquelle por quem ſe dizia, eſtava em deſcanço; e ſoube deſpois, que naquelle dia falecera ſeu irmaõ Dom Fernando de Portugal, e deu a Deos graças pelo que entendera do bem de ſua alma. Succedeo-lhe o meſmo na morte de ſeu tio Dom Nuno Alvares de Portugal, hum dos Governadores deſta Coroa por Caſtella.

Já Profeſſa, entrou em novas obrigaçoens para o ſeu conhecimento, mas naõ tinha que adiantar no primeiro eſtylo de vida, que continuava, porém ao paſſo, que era a mais exacta filha da obſervancia, era taõ advertida, e acautelada em guardar o theſouro de ſua penitente vida!, (como quem conhecia os perigoſos aſſaltos da vangloria) que a naõ ſer huma ſerva, mulher de bom eſpirito, (que ſempre lhe aſſiſtio, e de que ella ſe fiou) naõ haveria della mais que huma geral noticia de grande Religioſa. Como tinha tias no Moſteiro, e a ſua compleiçaõ naõ era para reſiſtir a muito trabalho, era preciſo fogir aos olhos, que a lamentavaõ attenuada, e começou a valerſe de induſtrias para mortificarſe deſempedida. Achava mimoſas as mantas de eſtamenha, que tinha por cama, eſcondia-lhe debaixo humas taboas, e dormia nellas. Tiroulhe eſte regalo a vigilancia das tias; appellou para a induſtria de ter huma cortiça na cella para aſſento, ſobre ella tomava poucas horas de deſcanço, deſvelando-ſe para a oraçaõ, ou leitura dos livros piedoſos. Nelles eſtava meſtra, levando com ſeu conſelho, e praticas as Religioſas moças ao exercicio de ler, e orar, com tanto goſto ſeu, como aproveitamento dellas. Adiantava-ſe a todas em huma abrazada caridade; della naſciaõ aquellas advertencias de naõ ſaber ter nada, que naõ melhoraſſe no emprego da eſmola. A cella pobre, mas as maons ſempre cheas do que lhe davaõ os parentes, paſſando-o ás dos pobres. Nem ao bocado, que lhe punhaõ diante, perdoava,

e com

e com a diſſimulaçaõ de achacada, lograva os dous lanços do jejum, e da eſmola.

Aos jejuns da Conſtituiçaõ ajuntava muitos oitavarios de paõ, e agua, offerecidos á Noſſa Senhora, e a Santa Catharina de Sena. No Coro perpetua, no nocturno mais goſtoſa, com o alivio de ficar nelle em oraçaõ, até que a recolhia o receyo de a apanharem deſvelada. Nas funçoens de ſervir era a primeira, e taõ ſofrega do trabalho da Sacriſtia, que ſempre a que o tinha por obrigaçaõ, a achava companheira. Tudo achava pouco (gaſtando muito) para o culto do Sacramento. Suſpirava pela Patria, de que elle he penhor, e com hum taõ vivo deſejo, que ao ver eſpirar alguma Religioſa, dizia com ſanta inveja, e ſaudoſa ancia: *Já eſtá perto de Deos*! Como ſe ſuſpirara com o Profeta, que ſe lhe alargava o deſterro da vida, hoſpeda, e peregrina na Babylonia da terra. Aſſim ſuſpirava Sor Luiza pela liberdade da Patria! Aſſim envejava a felicidade das que deixavaõ o deſterro da vida! Era a ſua huma continuada ancia, naõ ſó dos lucros de ſua alma, mas para todas os appetecia, ſem ter mayor conſolaçaõ, que a noticia de que ſe apuravaõ em obſervancia eſte, ou aquelle Convento da Provincia, ou filho, ou filha della. Com o meſmo goſto inquiria, e eſcutava os augmentos da Chriſtandade. Tanta era a caridade com que a deſvelava o proximo! Tanto o zelo de ver a Deos venerado!

Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus eſt.

Iſto lhe pedia inceſſavelmente, offerecendo-lhe quotidianos martyrios em cilicios aſperos de que ſe cingia; mas teſtemunhava logo aquella violencia huma viva inflammaçaõ no roſto. Aſſim fogia com elle ás Religioſas, ou recorria aos ſeus achaques, para lhe diſſimularem o ſegredo. Naõ o ſabiaõ guardar as paredes da cella, onde o ſangue freſco deſcobria o rigor da diſciplina, e ao meſmo tempo andava eſta nas maons de Sor Luiza, e os inſtrumentos de a diſſimular nas da ſerva. Nada baſtava para ſatisfazer-lhe a ſede de merecer, penetrada do conceito do pouco, que era, e deſejava verſe pizada, e debaixo dos pés da mais vil creatura, que nunca o ſeria tanto como ella. Vingava eſte deſejo como podia. Em certos dias mandava á ſerva, que aquentaſſe agua; recolhia-ſe com ella na cella, punha-ſe de joelhos a ſeus pés, e lavando-lhos, lhos beijava; (naõ valendo nenhuma reſiſtencia) deu a ſerva em os trazer limpos; naõ o conſentio Sor Luiza, affligio-ſe, importunou-a, convenceo-a; mais perſuaſivo banho eraõ as lagrimas, naõ lhe faltou na imitaçaõ, nem o vencer reſiſtencias; grande diſcipula de ſeu Eſpoſo, tudo ſoube deſempenhar, naõ baſtava lavar os pés, naõ baſtava dobrar os joelos, tambem havia de inclinar com rogos.

Eſcutavaõ-na as Religioſas como Oraculo; as experiencias de ſua vida lhe tinhaõ conciliado eſte reſpeito. Fizeraõ reparo nas ſeguranças com que anticipadamente dizia algumas couſas, que o ſucceſſo moſtrava deſpois verdadeiras; e advertindo-lhe que aſſim ſuccedia como ella diſſera, metia a pratica a galan-

galantaria, valendo-ſe de hum claro, e agudo entendimento de que a dotou o Ceo. Teve elle verdadeiramente o foro de prenda na deſeſtimaçaõ, e deſcuido, com que ſe trataraõ algumas obras, em que o moſtrou a Madre Sor Luiza, eſcritas em verſo, e taõ piedoſas, como profundas: e naõ podendo a ſua modeſtia, e diligencia ſepultallas (porque deſpois de ſua morte foraõ viſtas) naõ ficou dellas mais que eſta memoria, que ſó ſerve de ſe conhecer a perda.

Paſſados alguns annos, e lembrada a Madre Sor Luiza de hum concerto, que fizera com as Religioſas deſta Caſa, e do myſterioſo ſonho, que a obrigara a ficar nella, por ſe conſeguir de todo o ponto a ſua refórma, fez com que vieſſe a Madre Sor Filippa ſua irmãa da Caſa do Sacramento, a ſer Prioreza neſta, e ficando ella Meſttra de Noviças, ſe vio em breve tempo como o conſeguiraõ ambas. Pagava-lhe Deos o zelo, e deſvelo de continuar aquellas melhoras, com algumas illuſtraçoens, e favores, de que ſeus Confeſſores foraõ teſtemunhas, e que ella (ainda que ſempre duvidoſa) aponta no livro, que por obediencia eſcreveo de ſua vida.

Repreſentava-ſelhe a Senhora com o Menino Jeſus nos braços, viſta, a que ſe ſuſpendia com amoroſos colloquios. Vio, ou repreſentou-ſelhe huma vez, que o Menino tomava o ſagrado peito da Mãy; pedio-lhe que repartiſſe com ella daquelle nectar delicioſo; e a Mãy piedoſa lho permittio, ficando Sor Luiza com huma tal ſuavidade na boca, que muitos tempos lhe durou nella, como na repreſentaçaõ toda a vida.

Fallou-ſe em fundaçaõ de Religioſas do habito na India, e na Metropoli de Goa. Movia, e fomentava a pratica Frey André Rangel, Religioſo Dominico de vida exemplar; (que deſpois foy Biſpo da China, e tambem nos auctorizará eſta eſcritura) propoz a empreza á Madre Sor Luiza, reconhecida por elle por Meſtra da refórma, levando duas columnas grandes para avultar o edificio della em ſua virtude, e qualidade. Naõ foy neceſſario perſuadilla; voluntariamente ſe ſacrificou logo aos perigos da jornada, e arriſcadas experiencias de naõ experimentado clima, tendo de caſa os ſeus achaques, que com menos cauſa ſabem ſer algozes; mas naõ teve effeito. Sentio-o ella baldado; e muito mais que o tiveſſe a vontade das Religioſas, pondo-a no lugar de Prelada, que aceitou, deſpois de larga reſiſtencia, entendendo que era vontade de Deos. Confimou-a a obediencia, ſogeitou-ſe emmudecida, e exercitou o cargo como quem o aceitara timorata.

Nada obrava ſem a direcçaõ de ſeus Confeſſores. Era-o agora o Meſtre Frey Fernando Soeiro, deſtro em materias de eſpirito; e como o que tinha do ſeu tanto conhecimento, lhe mandou, que eſcreveſſe a ſua vida, entendendo o que ſe podia grangear com o exemplar della. Reſiſtio Sor Luiza, e deſpois de larga bataria, e bem arrezodas eſcuſas, que eſcutava rebatidas, e baldadas, veyo em hum concerto, que ella eſcreveria,

veria, mas com a clauſula de fazer patentes todos os deſmanchos de ſua vida; aceitou o Confeſſor o contrato, como quem ſabia os poucos, que ſe podiaõ apontar nella. Guarda-ſe o livro no Moſteiro, com a veneraçaõ, que ſe deve á Auctora, e ve-ſe bem nelle, como em hum eſpelho, a profunda humildade, com que ſe vinga de ſi meſma, apoucando o que lhe podia ſervir de gloria, e ampliando o que ſó ſervia para confuſaõ ſua, mas em hum tal eſtylo, com huma accommodaçaõ taõ genuina de lugares da Eſcritura, com que auctoriza alguns da Hiſtoria, que ao melhor voto, mayor eſpirito lhe governava a penna.

Triunfaraõ finalmente de ſua vida (taõ debil, como continuamente ameaçada da morte) as penitencias, e os achaques, ſendo taõ cruel o que a poz neſte ultimo deſmayo, que ſó para lhe provar o ſofrimento, parece que naõ foy logo executivo. Nelle teve a Madre Sor Luiza o ſeu purgatorio, ſem que deſmentiſſe a ſua conformidade o mais leve gemido. O unico alivio, a que recorria, era a oraçaõ, e a Communhaõ, que com grande ancia frequentava. Apertou o mal, chamou o Confeſſor, reveſtida de alvoroços, e confeſſou-ſe ſem eſcrupulos. Parece, que já lhe valiaõ os privilegios do eterno ſocego, que ſe lhe aviſinhava, para a naõ inquietar o mayor martyrio, que teve toda ſua vida. A grande pena, com que ſe achava, era haver de acaballa ſem receber o Viatico, porque tinha lançado huma poſtema, e continuavaõ os vomitos; mas pararaõ, e recebeu-o; porém tornaraõ logo, para que ſe viſſe, que ſó tinhaõ parado para aquelle effeito. Choravaõ as Religioſas a ſua perda, conſolava-as ella com os olhos na ſua ventura; aſſim ſe deſpedio de todas, e paſſou a logralla em o primeiro de Abril de 1641.

Bem poderamos alargar a mais a penna, a naõ attendermos, que a relaçaõ individual dos ſucceſſos naõ comprehende mais que os preciſos, porque os mais vulgares cauſaõ faſtio, e os muy exquiſitos perdem o credito. Mas naõ deixaremos de apontar brevemente alguns caſos, (que para iſſo guardamos juntos) que ſe attribuiraõ á Madre Sor Luiza como prodigioſos. Tinha a ſeu cargo a Sacriſtia, e advertio-lhe a ſerventa della, que eſtavaõ os candieros do Coro deſprovidos de azeite, ſem que o houveſſe nas vaſilhas, em que ſe guardava; eraõ preciſos para as Matinas, affligia-ſe a ſervente com o deſengano, porque tudo achava vaſio. Chega Sor Luiza a repetir a meſma diligencia, eis-que acha providos os candieiros, e com tal azeite, que em trez noites ſe ſervio o Coro com o meſmo. Achava-ſe huma Religioſa gravemente moleſtada, e atemorizava-ſe com o ameaço de huma grande doença. Propoz a ſua deſconſolaçaõ á Madre Sor Luiza, (era entaõ Prioreza) que lhe reſpondeo: *Naõ receeis; que naõ haveis de adoecer, porque ſois na Communidade muy preciſa: e quando naõ, mandar-vos-hey por obediencia.* Rioſe a Religioſa, e tornou a Prelada: *Pois já que vos rides, eu vos mando que naõ adoeçais.* Foy

couſa advertida, e admirada, que no meſmo inſtante ſe achou a Religioſa ſem moleſtia, ſãa, e robuſta. Contava-o deſpois com confuſaõ propria, e veneraçaõ da Prelada. Traz-nos eſte caſo á memoria, pela ſua extravagancia, os prodigios do noſſo Thaumaturgo de Valença S. Vicente Ferrer, em quem talvez entrava a virtude (a noſſo voto) deſconhecida, com a capa da ſoberania, e arrogancia. Mas mais proprio vem para eſte lugar o imperio de Chriſto na febre da ſogra de S. Pedro, onde o preceito ſoube ſer medicina inſtantanea, e robuſta convalecença.

Via-ſe outra Religioſa perſeguida de huma tentaçaõ; parecia-lhe frouxa toda ſua reſiſtencia; recorre a Sor Luiza, propoem-lhe o aperto, e conflicto em que ſe acha, pedelhe, que lhe alcance de Deos a conſtancia, de que neceſſita. Compadece-ſe a boa Prelada, (que tambem entaõ o era) conſola a affligida, com a promeſſa, que ſem duvida ſe negoceou com Deos na oraçaõ a noite ſeguinte, porque nella ſe achou a Religioſa reſtituida ao antigo ſocego de ſua conſciencia. Naõ permittia o Senhor, que o valimento, que com elle tinha Sor Luiza, ſerviſſe ſó ás moleſtias alheyas, quiz tambem, que lhe valeſſe nas proprias. Sentio-ſe hum dia com huma rigoroſa dor de cabeça, que nem podia levantalla; naõ ſentia tanto a moleſtia, como o embaraço para naõ aſſiſtir no Coro, e mais funçoens do Moſteiro. Pede á ſua Senhora, (era a que trazia continuamente no penſamento, deſde que lhe permittio o neſtar de ſeus virginaes peitos) pede-lhe, que a alivie; eis-que ſe lhe repreſenta no meſmo inſtante, que no ſoberano regaço da meſma Senhora encoſta a cabeça, deſapparecendo a dor taõ de improviſo, que com todo o deſembaraço ſe levanta, e vay para o Coro. Aſſim foy a Madre Sor Luiza mimoſa da Senhora; mas tal foy ſua vida, que aſſim mereceo ſer mimoſa.

CAPITULO XXXIV.

Das Madres Sor Catharina do Evangeliſta, Sor Luiza da Columna, Sor Barbara da Trindade, Sor Felicia da Purificaçaõ, Sor Maria dos Anjos; e da Irmãa Converſa Sor Ambroſia de Santo Agoſtinho, filhas da meſma Caſa de Santa Catharina.

HE ſem duvida, que ſendo eſta Caſa hum dos fecundos ſeminarios de virtude deſta Provincia, como a que em todos os tempos deu os grandes eſpiritos, com que ſe plantou, e augmentou a refórma nos ſeus Moſteiros, bem fica provado qual ſeria a que das portas a dentro ſe obſervava, e quantas as profeſſoras della. Mas o pouco reparo, naõ culpavel, mas ſanto, com que a virtude coſtuma olhar para os ſeus progreſſos, ſem duvida nos ſepultou muitos, talvez ſem attender que tanto nos roubava de exemplos. Aſſim naõ ſerá muito o que diſſermos de algumas Religioſas, naõ ſendo pouco o conſeguirmos eſta breve noticia dellas. Seja a primeira da Madre Sor Catharina Evangeliſta, em quem foy taõ abrazada a devo-

Sor Catharina Evangeliſta.

çaõ

çaõ com o Senhor Sacramentado, como ſe do Altar (como a Iſaias) lho tirara o Serafim em braza , e lho depoſitara na boca. Taes eraõ, adorando, ou recebendo eſte Senhor , os ardores de ſua alma ! Cahia eſte extremoſo affecto ſobre huma grande obſervancia, e refórma de vida; em toda ella augmentava o que tinha de tença com o trabalho , e induſtria , vendendo ainda o ſuſtento quotidiano, para empregar no ornato, decencia , e aceyo do Altar do Santiſſimo; deulhe ornamentos precioſos , e lavroulhe huma Cuſtodia, que he a melhor peſſa que tem a Caſa. A primeira vez , que ſe expoz o Senhor nella, adorando-o, diſſe com ſegurança : *Já ſey, que o Senhor me ha de dar no Ceo huma Caſa , pois eu agora lha dey na terra : e ha de ſer ſervido , que em huma Quinta Feira de Endoenças paſſe eu a viver nella.*

Succedeo aſſim deſpois de largos annos; porque em huma Quinta Feira Mayor , ao tempo, que ſe expunha o Senhor no Sepulchro, paſſou eſta Madre a adorallo no verdadeiro throno. Aſſim ſe trouxe o ſeu corpo para o Coro debaixo , em que eſteve as vinte e quatro horas em que o Senhor ſe venerou expoſto , com aſſombro, e conſolaçaõ de toda a Caſa, que tantas vezes lhe eſcutara o que agora via. Naõ foy congruencia de menos felicidade hum ſonho , em que na meſma noite ſe vio, que caminhava a Communidade das Religioſas com habitos candidiſſimos, e vélas, ſeguindo-as debaixo de rico Pallio huma, que levava nas maons huma peſſa de ouro precioſa. Parece , que quem teve o ſonho , mereceo a intelligencia delle, e entendeo-ſe, que a que hia debaixo do Pallio , era a Madre Sor Catharina, e a peſſa de ouro a Cuſtodia; mas naõ conſtou nunca, que a peſſoa do ſonho foſſe ſervente, ou Religioſa ; conheceo-ſe ſim a bondade do Senhor taõ agradecido, por taõ pouco, e a ventura de ſua ſerva , em lhe reſtituir o que lhe tinha dado.

Sor Luiza da Columna.

Da Madre Sor Luiza da Columna ficou a memoria de hum zelo ardente da Religiaõ , e obſervancia. Foy ſua vida exemplar della. Nada de mais conſolaçaõ , e goſto ſeu , que ver a Communidade compoſta , e modeſta. Occupada em Meſtra das Noviças , parece, que povoou a Caſa antes de Santas, que de diſcipulas. Devotiſſima de ſeu Eſpoſo crucificado, pregava o véo com trez alfinetes (em lembrança de trez cravos) reprehendendo as que via concertar o toucado com muitos. Veremos logo caſo raro , que nos naõ faça ter eſta ponderaçaõ em pouco. Cançada Sor Luiza de annos , e cortada de penitencias, paſſou a receber o premio dellas. Conjecturou-ſe aſſim , porque abrindo-ſe deſpois de largos tempos a ſua cova , ſuccedeo o que ſe ſe abrira , ou eſpalhara o mais fino , e precioſo aroma; achou-ſe a ſua caveira ſeca, mas com o véo inteiro, e pregado com os trez alfinetes; permittindo o Senhor (em cuja Providencia ſe naõ perde nem hum cabello da cabeça do Juſto) que ſe conſervaſſem na de Sor Luiza os teſtemunhos daquelle ſacrificio ,

Capillus de capite veſtro nõ peribit.

ſem duvida entre as creaturas avaliado em pouco.

Sor Barbara da Trindade.

Siga-ſe a eſta Madre zeloſa, outra com igual extremo caritativa. Foy ella a Madre Sor Barbara da Trindade, que com humas compaſſivas, e piedoſas entranhas era o remedio, e conſolaçaõ das Religioſas neceſſitadas. Quanto tinha, e grangeava, naõ tardava mais em chegar ás maons da pobreza, que o que ſe detinha em naõ chegar á ſua. Tinha huma irmãa Religioſa na meſma Caſa, e ſem duvida, que neſte meſmo emprego ſua diſcipula. (ſó eſta noticia nos ficou della) Todo o empenho era, qual mais havia de diſpender com os pobres, acautelando-ſe huma de outra; aſſim ſuccedia, que chegando muitas vezes a horas do ſuſtento, ſe achavaõ ambas ſem elle, e aſſim paſſavaõ o dia ſem haver entre ellas mais queixa, que o querer tello dado primeiro cada huma. No Coro era continua, gaſtando nelle a melhor parte da noite. Obſervante das ſuas leys, ajuntava a ellas outras voluntarias, e naõ ſe contentando com o jejum de ſete mezes, ſe decretou muitos de paõ, e agua, que obſervou toda ſua vida. Entrada em annos, e conſumida delles, lhe deu hum rigoroſo accidente; convalecida delle, entendeo, que era aviſo; preparou logo a ſua mortalha, e pedio os Sacramentos com admiraçaõ das que a viaõ ſem indicios de lhe ſerem neceſſarios; mas houveraõ de ceder á efficacia, e conſtancia de ſeus rogos. Deſpedio-ſe das Religioſas, e pedindo dahi a pouco, que lhe tocaſſem as taboas, paſſou deſta vida com huma morte taõ ſocegada, como quem tanto de antes a conhecera.

Sor Felicia da Purificaçaõ.

Naõ foy menos fervoroſa a caridade da Madre Sor Felicia da Purificaçaõ, porque o meſmo cuidado, e o meſmo deſvelo com que a Madre Sor Barbara ſe havia com a pobreza, era o com que eſta Madre buſcava, e ſe unia a Deos. Todo o ſeu emprego era enſinar eſte amor ás creaturas, ſegundo aquella ancia, com que o meſmo Senhor o queria atear nas almas. Muitos annos foy Meſtra de Noviças, mas naõ ſó eſtas, mas quem quer que fallava com ella, ſentia, que cada palavra ſua era huma faiſca, que ſe introduzia no coraçaõ a ſer labareda. Do grande commercio, que tinha com Deos por meyo da oraçaõ, ſe ſeguia o retiro de todo o humano; e ſem duvida ſeriaõ effeitos daquelle commercio a ſegurança, com que anticipadamente dizia algumas couſas, que deſpois ſe viaõ pontualmente ſuccedidas. Aſſim foy tida por mulher ſanta, e confirmou a ſua morte a opiniaõ, que ſe tinha della.

Sor Maria dos Anjos.

Foy tambem grande a que deixou neſta Caſa a Madre Sor Maria dos Anjos, pelos dous extremos grandes de pobre, e penitente. A pobreza extrema ſe lhe via na cella, e no trato da peſſoa; a penitencia ſe lhe via, e vio em todas as acçoens de ſua vida. No uſo de eſtamenha junto á carne, ajuntava o ſuſtento de peixe, e jejum continuo. Diſciplinas aſperas, e repetidas, a oraçaõ a toda a hora. Deſtes penoſos exercicios, ajudados de hum continuado cilicio, deſcançava no chaõ, porque em toda

ſua

ſua vida naõ conheceo outra cama. Frequentava os Sacramentos, ſuſpirando aquelle Divino ſuſtento, com intenſiſſimos deſejos, e recebendo-o com iguaes alvoroços. Tinha huma voz cheya, e fermoſa, e viaſelhe o goſto com que no Coro a empregava. Era deſtra na pintura; levava-lhe eſte exercicio alguma hora livre, encarnando humas Imagens, e copiando outras, achando-a muitas vezes elevavada nellas. Tiveraõ muitas o voto de conſummadas, examinando-as os mais perîtos da arte, acompanhando o voto com o aſſombro. A decencia, e aceyo do culto Divino em o ſeu mayor reparo, devendo-ſe a mayor perfeiçaõ delle á ſua induſtria, trabalho, e engenho.

Devotiſſima das Chagas de Chriſto, deſejava tellas eſtampadas em ſeu coraçaõ. Abrazava-ſe em ardores Seraficos, e compaſſivos, como o Seraſim humano, Franciſco, e a Seraſica Catharina de Sena, quando mereceraõ ao meſmo Senhor o favor eſtupendo de fazer delles eſtampas de ſeu corpo chagado; e parece, que conſeguio ſimilhante favor, naõ como elles o lograraõ, mas como ella o deſejara, porque inflammando-ſelhe hum peito, que eſteve a votos de cortado, levou nelle cinco golpes, de que lhe ficaraõ abertas cinco penetrantes feridas; e ſendo as dores as que ſe podem imaginar, nem ſe quer hum gemido lhe devia o ſentimento, como o que entendia, que ſeria deſperdiçar o theſouro, que o Ceo fiara da ſua conſtancia; ou ſeria genero de ingratidaõ, queixarſe de ſe ver mimoſa com o que ſempre ſuſpirara, e de que ainda ſe confeſſava indigna. Deſte achaque ſe lhe originou a morte, imitando a do Ciſne; porque, recebidos os Sacramentos, com ſuavidade cantou Hymnos do Eſpirito Santo, com huma voz taõ fermoſa, e deſembaraçada, como ſe ſe lhe trocaraõ as ancias em harmonias. Eſpirou dahi a poucas horas.

Auctorizemos tambem as noticias deſta Caſa com huma taõ venturoſa filha della, que já o ſeu nome ſe anticipou celebre, e conhecido por hum milagre, que nella obrou a Senhora do Roſario, (como ſe lê na terceira Parte da Hiſtoria deſta Provincia (chamava-ſe entaõ Maria da Coroa, era ſervente da Communidade, occupaçaõ, que deſempenhou taõ cuidadoſa, que obrigando as Religioſas, e muito mais com o eſtylo de huma vida reformada, lhe deraõ o habito de Irmãa Converſa, e ſe chamou Sor Ambroſia de Santo Agoſtinho. Com a obrigaçaõ creſceo o deſvelo; com elle buſcava a Deos; com elle ſervia a Communidade; com elle acudia aos pobres. Era inculpavel ſua vida, toda ella huma ancia de ver a Deos venerado: aſſim empregou huma herança, que teve, em peſſas precioſas para ornato, e decencia do culto Divino. Tinha grande devoçaõ com Santo Agoſtinho, feſtejava o ſeu dia com o diſpendio do que adquiria com o ſeu trabalho. Cortada delles, e do rigor de huma penitente vida, parece, que lhe anticipou o Ceo a noticia de que ſe lhe chegava o fim della. Pedio, que lhe chamaſſem o Confeſſor; achava-ſe doente, mas

de

de queixa taõ ligeira, que ſe lhe naõ defirio á ſupplica. Inſtou ſegunda, inſtou terceira vez, dizendo, que já naõ havia tempo para eſperas. Deu-ſelhe credito, recebeo os Sacramentos, e como ſe reſpirara com hum novo deſcanço, pedio, que lhe trouxeſſem a Imagem de Santo Agoſtinho, lembrando-lhe, que para lhe aſſiſtir naquella hora, o ſervira toda a vida; e ajudando o Officio da agonia, como ſe deſconhecera as da morte, eſpirou placidamente.

Mas coroem-ſe as memorias, naõ ſó deſta Caſa, mas das mais Religioſas deſta Provincia com o pouco, que nos veyo á noticia de trez filhas deſte Moſteiro, que o ennobreceraõ com ſuas vidas, com ſeus exemplos, e finalmente com o depoſito de ſeus corpos: foraõ ellas a Madre Sor Antonia de Santo Thomaz, a Madre Sor Margarida de S. Miguel, e a Madre Sor Michaela de Jeſus. Foy a Madre Sor Antonia de Santo Thomaz muy penitente, aſſim trazia ſempre o corpo cuberto de chagas, de cortado aſſim de eſtreitos cilicios, como de rigoſas diſciplinas. O grande zelo de conſervar a refórma, como do augmento da Caſa, a poz trez vezes no lugar de Prioreza. Parece, que mereceo ao Ceo anticipada a noticia de ſua morte, porque dando-lhe huma febre ligeira, ſe deſpedio logo de algumas Religioſas de confiança, e preparou o que pertencia á mortalha. Recebeo os Sacramentos, e acabou de hum parociſmo, ficando-lhe o ſemblante compoſto, e bem aſſombrado.

Sor Antonia de S. Thomaz, Sor Margarida de S. Miguel, Sor Maria Michaela de Jeſus.

Na Madre Sor Margarida de S. Miguel avultou mais a caridade, com que os mais dos dias ficava ſem reçaõ, por ſuſtentar hum pobre. Era incançavel no zelo de eſtender a devoçaõ do Roſario, para o que os comprava, e repartia. Suſpirava por ver em ſeu coraçaõ as vehemencias do amor de Deos, que elle permittio a alguns Juſtos, que com ellas foraõ tidos por loucos; ancia, que exprimia com lagrimas, poderoſas a conſeguir o que deſejava, porque muitos tempos padeceo delirios, tratada com deſeſtimaçoens, e deſprezos. Reſtituida a ſeu inteiro juizo, ſe lhe aviſinhou a morte de hum achaque no peito. Acabando de commungar hum dia, diſſe a algumas Religioſas: *Daqui a oito dias repreſentarey eu neſte Coro outro papel muy differente.* E ſahindo delle, batendo com o bordaõ em huma campa, repetio: *Daqui a oito dias entrarey neſta Caſa.* Dalli paſſou á cella da Prelada, a pedir-lhe aquella cova, entendendo todas as Religioſas, que outra vez delirava; mas paſſados os oito dias, ſe cumprio o que diſſera.

Parece, que permittio o Ceo o meſmo favor á Madre Sor Maria Michaela, conhecendo a hora, em que havia de paſſar a lograr o premio de ſua reformada vida, e que eſſe favor foy nella como herança, porque ſua mãy Dona Michaela de Almeida já tinha falecido com demonſtraçoens de merecer o meſmo conhecimento, contando as horas, e pedindo a véla na ultima, em que acabou com grandes moſtras de contrita. Naõ foy menos o que ſe vio em Sor Ma-

Maria Michaela ſua filha, que deſpois de huma continuada, e eſtreita obſervancia, cahindo em huma longa doença, foraõ taes os termos della, que hum dia ſe entendeo que acabava, e com tanta preſſa, que naõ poderiaõ Sacramentalla; e lamentando-o huma tia ſua, que lhe aſſiſtia, lhe diſſe Sor Maria com muita ſegurança: *Minha tia, naõ ſe afflija; que eu heide morrer com todos os Sacramentos.* Foy aſſim, que logo deu lugar a doença; e tocando-ſe as taboas para ſe ajuntar a Communidade para o Officio da agonia, diſſe que ſe naõ inquietaſſem, que ella naõ havia de morrer naquelle dia, ſenaõ dahi a dous, que era o de quinta feira; neſte paſſou com tanto ſocego deſta vida, como ſe tambem conhecera o premio, que a eſperava.

Recopilaremos agora a noticia de algumas filhas deſta Caſa, que neſtes ultimos annos teſtemunharaõ a obſervancia della. Foy huma dellas (em que a illuſtre familia dos Maſcarenhas contou mais huma gloria, mais hum exemplar a Dominicana) a Madre Sor Aldonça da Magdalena, que aconſelhada do ſeu nome, eſcolheo a melhor parte de huma oraçaõ continua, colloquio ſagrado, de que ſahia com o roſto acendido, e com mais exceſſo, quando communicava a ſeu Eſpoſo Sacramentado, a que ſempre fazia a feſta, aſſiſtindo-lhe com tantos jubilos, como diſpendios, em que entrava tambem o da mortificaçaõ, prohibindo-ſe todo o ſuſtento, e até o refrigerio da ſede, por todo o tempo em que o Senhor eſtava manifeſto.

Sor Aldonça da Magdalena.

Taõ extremoſa com o Filho, como o naõ ſeria com a Mãy, buſcando-a para delicias do ſeu eſpirito, entre as flores do ſeu Roſario, de que era taõ devota, que corria por ſeu diſpendio, e cuidado o tellos promptos (como ſe uſa na Ordem) os primeiros Domingos. Levada da ſympatia deſtas myſterioſas Roſas, tomou por Advogada a mais fragrante, que floreceo no Jardim da Ordem, experimentando a Santa Roſa de Lima por ſua continua Protectora. Moſtrou a Santa, que o era, e melhor na ſua ultima doença, (de que faleceo entrevada) porque muitas vezes diſſe com ſingeleza: *Que eſtava muy obrigada a huma fermoſa Leyguinha, (que ella naõ conhecia) que achava ſempre á ſua cabeceira.*

Chegou a ultima hora, que a achou abraçada com hum Crucifixo, a que alli, como em toda a doença, repetio taõ diſcretos, como fervoroſos colloquios, e entre elles lhe entregou o eſpirito, com a felicidade ultima de encontrar naquella ſagrada morte viva as eſperanças de paſſar a viver deſpois de morta. Pode-o colligir a piedade Catholica, vendo-ſe á hora (que era nocturna) e ſobre a parte da Enfermaria, em que faleceo, dous arcos Celeſtes, feſtivos ſeguros de que o conflicto ſe lhe trocava em triunfo.

Similhante teſtemunho auctorizou a morte da Madre Sor Catharina da Cruz, porque na noite, em que faleceo, ſe vio ſobre a Enfermaria (na parte em que eſpirara) hum luzido Cometa, que ſobre as experiencias

Sor Catharina da Cruz.

cias da ſevera obſervancia, e pureza de ſua vida, pareceo lhe indicava a eterna.

Sor Maria da Natividade.

Se naõ linguas do Ceo, foraõ eſpiritos delle os que proteſtaraõ naõ menos glorioſa a morte da Madre Maria da Natividade, que eſtando enferma, e viſitada huma madrugada, de ſua irmãa (na meſma Caſa Religioſa) lhe diſſe que logo a paſſaſſem para a Enfermaria, porque certamente morria; que aſſim lho tinha ſegurado aquella noite o ſeu Anjo da guarda. Succedeo aſſim em breves dias, por mais que ſe naõ julgou mortal a doença até a ultima hora. Mas a grande reputaçaõ, em que eſtava a enferma, fez eſperar a todas, e finalmente ver o que diſſera.

Sor Iſabel de S. Joſeph.

O meſmo conhecimento da ſua ultima hora (que ſó a favores do Ceo ſe participa) teve a Madre Sor Iſabel de S. Joſeph, que perſeguida de continuos achaques, e tendo-os por menos ſeveros algozes da vida, lhe fez parciaes os rigores de huma aſpera penitencia, que a pezar de ſua grande cautela, eſcrevia nos pavimentos, e paredes do Moſteiro a ſeveridade da diſciplina. Alguns dias antes que faleceſſe (ſem haver accidente, que indicaſſe ſua morte) entrou a diſpor tudo o que para aquella hora he preciſo. Praticou com Confeſſores, e ſeus Prelados todos ſeus eſcrupulos; e conſeguido (como ſegurava) o ultimo ſocego de ſua conſciencia, e cahindo logo enferma, ſe começou a entender o para que ſe prevenira; chegado o ultimo termo da doença, e entrando na final agonia, ſe levantou no leito, e poſta de joelhos com admiraçaõ de todas, entre copioſas lagrimas, e contritas jaculatorias, entregou a alma a ſeu ſagrado Eſpoſo, naquella penitente, e admiravel fórma, em que o grande Pay dos pobres S. Joaõ de Deos lha entregara.

Sor Iſabel de Chriſto.

Outra Iſabel, de naõ menos portentoſa morte, ſe ſeguio á que acabamos de admirar. Foy eſta a Madre Sor Iſabel de Chriſto; e tanto deſte Senhor Sacramentado, que em ſua vida, e ſua morte ſe naõ viraõ mais que extremos, com que o ſervio como eſcrava, e com que o communicou como pura. No Coro lhe aſſiſtia, ficando nelle deſpois que a Communidade o deixava; e occupada ſempre em taõ fervoroſos actos de amor, que talvez ſem o poder diſſimular a ſua cautela, ſe lhe percebiaõ no roſto reflexos do Sol, que tinha communicado.

Naõ ſe admirou menos a ancia com que o fizera em toda ſua vida, no ultimo eſpirito della; porque levantada de improviſo ſobre a cama, em que agonizava, pedio ás Religioſas que a viaõ admiradas, que lhe pozeſſem huma toalha, porque eſtava no ar o Santiſſimo, que queria receber. Aſſim eſteve algum tempo ſuſpenſa, com demonſtraçoens de que o fazia, e logo entoando o *Te Deum laudamus*, e os Hymnos do Sacramento, lhe entregou placidamente o eſpirito, ficando na cella huma repentina, e celeſtial fragrancia, como teſtemunho da aſſiſtencia, e da entrega.

Sem duvida que as Religioſas deſta Caſa ſe deviaõ reconhecer eſpeciaes diſcipulas da Sabe-

ſabedoria, pois como convidadas para a eterna felicidade, tiveraõ por mais bemquiſto o dia da morte. Aſſim o temos viſto nas que neſta recopilaçaõ temos approvado, e como o confirmaremos agora com Sor Britez Bautiſta de S. Joſeph, obſervante ſevera das obrigaçoens da Regra, e da Caſa; occupava engenhoſa o pouco tempo, que lhe reſtava, em veſtir, e ornar as Imagens dos Santos, que havia no Moſteiro, pedindo a cada hum foſſe ſeu Advogado, ainda que a paga era exceſſiva; e parece que entendia que os Santos lhe aceitavaõ o contrato, pelo cuidado com que continuava o exercicio, e a alegria com que a achava o mais cuſtoſo, por ſerem para Deos eſtimaveis as offertas dos alegres.

Sor Britez de S. Joſeph.

Hilarem datorem diligit Deus. 2. ad Corinth. 9. 7.

Para ella o foy tanto o ultimo dia de ſua vida (que a ſua irmãa ſegurou cahindo enferma) que vendo que lamentava que lha roubaſſe a morte em vinte e oito annos de idade, lhe diſſe: *Que ſe conformaſſe com a vontade Divina; que ella hia gozar da ſua preſença.* Recebeo os Sacramentos, e eſpirou com tal ſocego, que ſe naõ duvidou do que diſſera, vendo que no roſto ſe lhe trocou o horror da morte em huma rara fermoſura, que ſó podia ſer reflexo das luzes da Bemaventurança.

Eſtas as noticias deſta Caſa, e as do Moſteiro deſta Provincia, que pode deſenterrar a noſſa diligencia, ou naõ ſoube ſepultar de todo o tempo, que ſem duvida foy depoſitario pouco fiel de mais avultada materia, que nos roubou a eſcritura. Mas nem aſſim tira o motivo a bem advertida reflexaõ, que ſe pode fazer de que em hum Reyno taõ pequeno, e em taõ pouco eſpaço de annos, como os de pouco mais de oitenta, floreceſſem tantos, e taõ abalizados eſpiritos em virtude, naõ reduzindo aqui a numero o grande de Religioſas de vida perfeita, que perderaõ aqui lugar, por lhes faltar caſo mayor, ou notabilidade grande, que as ſingularizaſſe, achando-nos ſem ambiçaõ de alargar eſcrituras, antes para fazer volume, que para dar noticias.

CAPITULO XXXV.

Fundaçaõ do Moſteiro de Noſſa Senhora da Oliva, do lugar do Tojal.

Moſteiro de N. S. de Oliva.

HE ſem duvida, em que a Provincia eſtá a eſta Caſa, o admittilla a fazer o numero com as que ſe fundaraõ, e vivem debaixo do ſeu governo, porque foy ſempre nella grande a ancia de naõ reſpirar outro, ainda que por couſas, que deſpois apontaremos, naõ tiveſſe effeito. Foy fundada a Caſa debaixo da Regra, e Conſtituiçoens Dominicanas. De Moſteiro da Ordem ſe tiraraõ ſuas Fundadoras: vivem as Religioſas com os meſmos ritos, e ceremonias na reza, o meſmo methodo de governo na Caſa, ſem lhe faltar mais que o exercicio da obediencia aos Prelados, impoſſibilidade a que antes abraçou o deſengano, que o conſentimento. O que ſuppoſto, genero de ingratidaõ, e deſconhecimento ſeria o faltarmos com o ſeu lugar a humas Irmãas,

que reconhecendo por Mãy a eſta Provincia, entraõ juſtamente em partilhas nas memorias della. Tenhaõ pois aqui a da ſua fundaçaõ, com aquellas noticias, a que perdoou o tempo, naõ deixando em algumas, ainda que menos principaes, de lhe pagar o foro.

Fica o lugar do Tojal no Biſpado, e Comarca de Viſeu, como centro, e meyo delle, naõ inferior a nenhum dos da Beira, aſſim em pureza de ares, terra ſadia, e frutuoſa, regada de boas aguas, bons, e copioſos mantimentos, como todo o bom commodo para a vida humana, e commercio della, como lugar, que fica na eſtrada Real, para muitos do Reyno, e viſinhança do de Caſtella. Neſte lugar vivia pelos annos de 1630. o Doutor Feliciano de Oliva e Souſa, que alli naſcera. Seus pays Feliciano de Oliva, e Catharina de Souſa, naturaes do meſmo lugar, peſſoas de muita eſtimaçaõ, naõ ſó por mimoſos dos bens da fortuna (idolo, a que todos dobraõ o joelho) mas por honrado naſcimento, gente ſingela, e ſanta, protectora, e diſpenſeira da pobreza. Foy o Doutor Feliciano de Oliva, peſſoa bem conhecida, naõ ſó nos limites do ſeu Biſpado, mas em todos os do Reyno, occupando com ſatisfaçaõ muitos lugares no Eccleſiaſtico. De poucos annos foy Vigario Geral em Coimbra, Univerſidade em que ſe graduara. Foy Proviſor em Braga no tempo do Arcebiſpo Dom Frey Aleixo de Menezes; em Viſeu, em tempo do Biſpo Dom Frey Joaõ de Portugal, e no tempo deDom Bernardino de Senna, governando o Biſpado, por ſeu falecimento, occupaçaõ, que tambem teve no Biſpado de Lamego; foy finalmente nomeado Biſpo da China, Mitra, que recuſou, como deſtinado á ventura de ſe lhe trocar em coroa pela grande obra, que o Ceo fiou de ſua diligencia.

Era Feliciano de Oliva abaſtado de bens da fortuna, que lhe grangeara o ſeu merecimento. (naõ ſendo pouco o poder havellos com grangearia) Reconhecia o que a maõ de Deos andara com elle larga, quiz porlhe nas maons o que acabava de ſahir dellas, como quem entendia, que ſe aquelle era o theſouro, ſó nelle ſe logravaõ com ſeguro. Entrou em penſamentos de auctorizar a ſua Patria com hum Moſteiro, que povoado de Religioſas, foſſem ſuas continuas mercieiras. Diſcorria, que era a Beira eſteril de ſimilhantes Caſas, e havendo nella muita gente nobre, era grande o diſpendio, grande o trabalho, de dar o eſtado ſanto da Clauſura a ſuas filhas, ſentenceando-ſe ellas ao deſterro de ſua Patria, e os pays ao de ſua viſta. Achava-ſe elle com irmãas, e ſobrinhas, que ſó aquelle eſtado abracariaõ com goſto. A reſoluçaõ deſtas chamaria outras; o commodo da viſinhança chamaria a nobreza. Tantas conveniencias naõ pediaõ conſultas, antes preſſa, que atalhaſſe contingencias. Reſolveo-ſe a procurar as licenças; conſeguio logo a do Ordinario, dada por Dom Bernardino de Sena, Biſpo de Viſeu, paſſada aos vinte e ſete de Julho de 1632. Deſpois ſe conſeguio

guio a de ElRey Filippe IV. de Caſtella, e III. que entaõ governava eſta Coroa: e ſem duvida pareceo milagroſa, porque metendo Feliciano de Oliva a petiçaõ na maõ delRey, lhe deferio, dizendo: *Antes vos farey Biſpo, que permittirvos o que pedis.* Ao que o Doutor lhe reſpondeo confiado, e affouto: *Senhor, de nada deſconfio, porque ſey, que o coraçaõ dos Reys eſtá na maõ de Deos.* Foy caſo conſideravel, que ſem mais diligencia lhe mandou ElRey ao outro dia paſſar o Alvará, aſſinado por ſua maõ em Madrid, aos 15. de Mayo de 1638.

Superadas eſtas difficuldades, a que muitos davaõ o nome de impoſſiveis, entrou o Fundador em novos cuidados na eſcolha do ſitio. Tinha já decretado, que a Caſa ſeria conſagrada á Mãy de Deos, (a que o levava ſingular ternura) com o titulo de Oliva, e que as Religioſas foſſem da Ordem de S. Domingos, Patriarcha de ſua devoçaõ, fomentada com a familiaridade de ter dous irmaons na Religiaõ, o Preſentado Fr. Paulo de Souſa, e Fr. Joaõ de Oliva. Como lhe naõ occupava o penſamento mais que o idear aquella ſagrada fabrica, até nas horas do deſcanço lhe deſaſocegava o penſamento. Repreſentou-ſelhe huma noite, que junto do leito, em que deſcançava, hia paſſando hum mancebo, na repreſentaçaõ de idade de trinta e trez annos; o aſpecto fermoſo, e ſeſudo, o cabello cobrindo-lhe as coſtas, largo, caſtanho, e ondeado; veſtia huma tunica rouxa, e levava da maõ huma mulher mayor, aſſim na idade, como na corpulencia; veſtia de branco, e hiaſe movendo com o corpo inclinado. Precedia, e adiantava-ſe aos dous, com igual paſſo, e movimento, huma menina de peregrina belleza, os cabellos louros, ſoltos, e cubertos de hum fino volante; veſtia huma tunica vermelha, e ſobraçava hum manto verde; na idade repreſentava treze para quatorze annos. Alvoroçou-ſe o Fundador com a viſta, entendendo que o mancebo era Chriſto, a mulher anciãa a Igreja, a menina a Virgem Maria; e diſſe á Senhora: *Pois como, ſoberana Emperatriz! E aſſim vos ides, ſem me dizeres adonde ſois ſervida, que ſe lavre a voſſa Caſa?* Entaõ chegou a Senhora a huma janella, apontando para a parte, em que ſe havia de levantar a Igreja, ficando ao meſmo inſtante a mulher inclinada em fórma, e eſtatura direita. Deſappareceo a viſaõ, acordando o Fundador com alvoroço, e grande conſolaçaõ de eſpirito.

Agora foy o fervor, e o deſaſocego; ajunta materiaes para a obra, conduz officiaes, que poſſaõ deſempenhalla; decreta o dia para ſe lançar a primeira pedra, que foy aos 6. de Abril de 1633. Concorreo todo o Povo, aſſim do lugar, como dos viſinhos, fez a ceremonia o irmaõ do Fundador, o Preſentado Frey Paulo de Souſa, com a celebridade, que pedia a funçaõ, cleresia de toda aquella Comarca, e Prociſſaõ feſtiva. Começaraõ logo a creſcer as paredes ſagradas nos meſmos aliceſſes das caſas do Fundador, recolhido em outras, que lavrou para largar as ſuas, e correndo iguaes o diſpendio, e o

cuidado, ſe vio brevemente acabado, e em ſua perfeiçaõ o Moſteiro. Ornou-ſe a Igreja, collocou-ſe nella a Imagem da Senhora da Oliva, que chegada de Coimbra (onde foy feita, por mandado do Preſentado Fr. Paulo de Souſa, entaõ Reytor no Collegio de Santo Thomaz) alegrou novamente o Povo, com os prodigios, que ſe tinhaõ experimentado no caminho. Diremos o mais celebre.

Conduzia o Padre Fr. Paulo a ſagrada Imagem de Coimbra para o Tojal, quando no mais deſerto, e deſamparado do caminho ſe levantou huma rigoroſa, e medonha tempeſtade de relampagos, trovoens, agua, e pedra, que no meyo da eſtrada naõ tinha mais reparo, que a paciencia. Mas, caſo raro! que o duvidaraõ os meſmos, que o eſtavaõ experimentando, que nem no caixaõ em que vinha a Senhora, nem nas peſſoas, que lhe faziaõ companhia, cahia pinga de agua, como ſe lhe moſtrara o Ceo, que naõ chegavaõ as tempeſtades ás viſinhanças daquelle Iris ſoberano, que ſerenou a primeira do Univerſo; ou que naõ podiaõ deixar de ceſſar as aguas, por mais que cahiſſem a diluvios, perdoando aos que ſe acolheraõ ás protecçoens da Arca, quando ſe recolheo nella a ſagrada Pomba com o ramo de Oliva.

Arcum meum ponam in nubibus. Gen. 9. 13.

Illa venit ad eum portans ramum olivæ. Gen. 8. 11.

Já em caſa do Fundador a Imagem, continuou os prodigios, tirando a huma irmãa ſua de improviſo huinas crueis dores, que a tinhaõ ſem ſocego; porque chegando eſta a beijarlhe os pés, naõ ſó ſe achou logo com todo, mas nunca mais ſentio aquella moleſtia, que muitas vezes a atormentava. Era a Senhora a verdadeira Arca do Teſtamento, e naõ havia de ficar menos beneficiada a caſa do ſeu devoto, em que ſe recolhera, que a de Obededon, em que eſteve huma figura ſua. Aſſim ſe eſtendeo o titulo, e devoçaõ da Senhora pelos Povos viſinhos, divulgando-ſe o que temos eſcrito, confirmado pelo meſmo Fundador, que ao abrir o caixaõ, em que vinha a ſagrada Imagem, diſſe com alvoroço, acompanhado de piedoſas lagrimas, que aquelle era o aſpecto, aquella a fermoſura, que ſe lhe repreſentara no ſonho. Deviaſe-lhe ao bom Padre todo o credito, affiançado na larga experiencia de ſua virtuoſa vida. Chegou finalmente a ver com ſeus olhos o unico goſto, que eſperava nella; porque chegando o Breve Apoſtolico de Urbano VIII. paſſado aos 27. de Mayo de 1640. que com toda a eſpecialidade fallava na diſpoſiçaõ, e Caſa, (e hoje ſe guarda no Cartorio della) trazidas, e chamadas pelo meſmo Breve do Moſteiro de Corpus Chriſti do Porto, duas Religioſas para Fundadoras, a Madre Sor Agueda da Graça para Prioreza perpetua, e a Madre Sor Juliana de S. Bernardo para perpetua Subprioreza, e Meſtra de Noviças, ſe fez a ſolemne entrada no Moſteiro aos 8. de Setembro de 1640. acompanhando as Fundadoras trez irmãas, e ſeis ſobrinhas do Fundador, que logo principiaraõ ſeu noviciado. Celebrou-ſe a entrada com a mayor pompa, e luzimento, que permittia a terra, e diſpenſava a liberalidade do Fundador, e o goſto inexplicavel,

Benedicit Dominus Obededon, & omnem domum ejus..... propter Arcam Dei. 2. Reg. 6. 11. 12.

vel, que com as vozes das lagrimas teſtemunhava que de exceſſivo lhe naõ cabia no peito. Acompanhavaõ-no os coraçoens dos aſſiſtentes, vendo fortunada, e glorioſa ſua Patria na protecçaõ daquella pacifica Pomba, que em hum myſterioſo ramo de Oliveira lhe ſegurava as promeſſas de Mãy de miſericordia. Paſſado o anno, profeſſaraõ as Noviças confórme as Conſtituiçoens, e Regra do Patriarcha S. Domingos, e com a direcçaõ de humas, e outras, continuou a Caſa em venturoſa obſervancia, com exemplo, e edificaçaõ do Povo, goſto, e gloria do Fundador do Moſteiro.

CAPITULO XXXVI.

De algumas particularidades deſta Caſa, e das Madres Sor Agueda da Graça, Sor Juliana de S. Bernardo, Sor Catharina de S. Joſeph, e outras, que com bom nome faleceraõ nella.

SUppoſta a fundaçaõ do Moſteiro, e entrada nelle, numero de Religioſas, e continuaçaõ de obſervancia dellas, reſta a noticia aſſim do material da Caſa, como da Religiaõ obſervada nella. Quanto ao material, tem o Moſteiro a largueza, e capacidade para recolher o numero de trinta e trez Religioſas do Coro, que foy o que veyo taxado no Breve Apoſtolico, e ſete, que deſpois ſe accreſcentaraõ por particular indulto. Naõ baſtavaõ as poucas rendas, que o Fundador deixou, com ſer toda ſua fazenda, mas attenuada, e conſumida com os gaſtos daquella fabrica, porém aſſim foy creſcendo com os dotes de muita nobreza, que correo a povoar a Caſa, que ficou com ſufficiente ſuſtentaçaõ para mulheres, que antes vinhaõ fogindo de regalos, que a buſcallos em parte onde deviaõ ſer deſconhecidos.

Mas paſſando ao principal da Igreja, he de grandeza proporcionada ao corpo do Moſteiro, Capella môr alta, e deſafogada, com ſeu retabolo dourado, repartido em columnas, que daõ lugar ás peanhas, em que deſcançaõ as Imagens. No alto fica a da Senhora com hum ramo de Oliveira na maõ; ficalhe ao lado direito o Patriarcha S. Domingos, ao eſquerdo Santa Catharina de Sena. Corre mais inferior huma moldura, ou frizo, que fica ſobre o Sacrario, no meyo eſtá a Imagem de hum Menino Jeſus, dando a maõ direita a S. Joaõ Bautiſta, e ficando-lhe á eſquerda Santa Maria Magdalena, Santos de particular devoçaõ do Fundador. Fica ſuſtentando o Sacrario o ultimo frizo, que termina o retabolo, e na parte do Evangelho ſe vem o Doutor Santo Thomaz de Aquino, na da Epiſtola S. Feliciano. Acompanhaõ o arco da Capella môr dous Altares com retabolos dourados; occupaõ-lhe os meyos, de huma, e outra parte, as Imagens da Senhora do Roſario, e de Chriſto crucificado; o mais corpo da Igreja coberto de viſtoſo azulejo; ſobre o portal de fóra ſe lêm abertas em huma pedra humas letras, que dizem:

Dedi-

Dedicado á Senhora da Oliva, aos 6. dias do mez de Abril de 1633.

Naõ ſe vê que em parte alguma, ou fóra, ou dentro na Igreja deixaſſe o Fundador os ſignaes de vangloria, em que todos coſtumaõ perpetuar os premios da ſua liberalidade, e as poſteridades do ſeu nome. Le-ſe o do Fundador ſó no lugar, em que antes póde ſervir de deſengano, que de deſvanecimento, como he em huma pedra liſa, (entalhada no pavimento da Capella) que ſua humildade eſcolheo para ſepultura. Eſta a pouca porçaõ, que tomou ás Religioſas do tudo, que lhes deu, contentando-ſe com os ſuffragios annuaes da primeira Miſſa de dia de Natal, e as Miſſas do dia no do Eſpirito Santo, e no da Annunciaçaõ. He o Coro das Religioſas eſpaçoſo, aſſim o de cima, como o de baixo. O de cima ornado com duas ordens de cadeiras, que o cercaõ de material eſcolhido, e bem lavrado. Deixou o Fundador bem provida a Sacriſtia de ornamentos communs, e ricos, calices, e prata para o ſerviço dos Altares, e decencia do culto Divino, que no cuidado das Religioſas ſe perpetúa com augmento, e aceyo.

Quanto ao eſpiritual da Caſa começou nella a correr a obſervancia com todo o rigor, e inteireza das Conſtituiçoens, e Regra, no peixe, na láa junto á carne, no jejum de ſete mezes, e nas mais auſteridades, e exercicios penitentes; mas entraraõ enfermidades grandes, que ſe perpetuaraõ em achaques. Houve de afrouxar o rigor, (admittindo diſpenſaçoens) por attender á debilidade das que naõ viviriaõ com elle; mas foy mayor o numero das que ſem pavor abraçaraõ com inteireza a refórma, que dura até o preſente, com grande reputaçaõ da Caſa. Entenderaõ, que para a direcçaõ della lhe era preciſa a ſogeiçaõ ao Prelado da Ordem. Repetiraõ a ſupplica com incançavel diligencia. Era pelos annos de 1641. em que o Meſtre Frey Alvaro de Caſtro governava eſta Provincia; naõ conſta, que no concelho della ſe fizeſſe a propoſta, mas praticava-ſe a conhecida razaõ da eſcuſa: porque ſuppoſto naõ ter a Ordem Conventos nem naquelle Biſpado, nem nos viſinhos, era preciſo o inconveniente de ſer ſeu Vigario hum Prelado abſoluto, porque naõ era facil aos Provinciaes emprenderem jornada taõ cuſtoſa ſó para a viſita de huma Caſa; e ſem poſſibilidade para ella, fora imprudencia aceitar o cargo, para naõ exercitar o governo. Meteo com tudo o Meſtre Frey Alvaro o Moſteiro na Provincia, quanto aos ſuffragios, no Capitulo entre meyo, que celebrou na Batalha. Foy ſeu primeiro Prelado o Fundador, por ſua morte paſſou o governo a D. Diogo de Andrada Leitaõ, Deaõ de Lamego; finalmente ao Ordinario do Biſpado de Viſeu,

que

que agora o governava.

Eſtas as noticias mais individuaes, que ſe poderaõ colher de huma Caſa, que fora da Provincia; eſteve ſempre longo do ſeu commercio, e muito mais a ſingeleza de ſuas povoadoras, de cuidarem em guardar memorias para aſſumpto de ſimilhantes eſcrituras. Mas naõ ſendo muitos os annos de ſua fundaçaõ, valeo muito o teſtemunho, e lembrança de peſſoas vivas, para que a Beira, aſſim como nos deviou a caſa, nos naõ ſepultaſſe tambem as glorias della. Seja a primeira do que toca á Madre Sor Agueda da Graça, ſua primeira Prelada, e Fundadora. Para eſtas occupaçoens veyo eſta Madre do Moſteiro de Corpus Chriſti do Porto, pedida pelo Fundador, que com maduro conhecimento ſabia pezar o grande coraçaõ, que devia animar o corpo de huma fundaçaõ nova, que começava a reſpirar na vida da obſervancia; e ſem duvida, que as noticias, que tinha da Madre Sor Agueda, o empenharaõ na ſua eſcolha. Moſtrou-o deſpois bem a experiencia, e vigilancia, com que naquella Caſa plantou, e fomentou a reſórma.

Sor Agueda da Graça.

Continuava-a na aſſiſtencia do Coro, ainda fóra das horas do Officio Divino. Melhor, que na ſua cella, a buſcavaõ naquelle lugar, como mais certo. Entendia, que a oraçaõ era alma da vida religioſa; e propunha ás Noviças para enſino o ſeu exemplo. Na Quareſma naõ ſe contentava com a contemplaçaõ nas horas vagas do dia; muitas noites inteiras ficava no Coro, onde encoſtada a huma cadeira tomava pouco deſcanço. Tinha dom de lagrimas; corriaõ eſtas mais copioſas, lendo a Paixaõ de Chriſto, devoçaõ de todos os dias. Acompanhava o Senhor no que podia, e naõ era menos rigoroſo o golpe da diſciplina no corpo, que o da laſtima no coraçaõ. Nelle hoſpedava os pobres a ſua caridade; e naõ ſó lhes remediava a fome, mas a deſnudez: e ſe a diſtribuiçaõ do ſuſtento a deixou muitas vezes ſem reçaõ, a de veſtidos a deixou muitas ſem abrigo. Tudo para elles lhe parecia pouco, tudo para ſi eſcuſado; aſſim trazia ſempre encadeadas as virtudes, porque o diſpendio da eſmola lhe fazia guardar o jejum com mais eſtreiteza. A caridade de repartir dos ſeus veſtidos a fazia padecer na inclemencia dos tempos. A entranhavel, que tinha com as ſubditas, paſſava a continuo deſaſocego com as enfermas. Já entrada em annos, contando muitas diſcipulas de ſeus ſantos exercicios, alegre, e ſatisfeita de ver a obſervancia com dilatadas raizes naquella pequena porçaõ da terra (que o Ceo tinha trocado de Tojal em Jardim) entendeo que eraõ acabados ſeus dias, e era chamada para a paga daquella ſanta cultura. Mandou tocar a Capitulo, e junta a Communidade no Coro, cheyos os olhos de lagrimas ſaudoſas, lhe diſſe ſimilhantes palavras: *Filhas, ſegunda vez geradas no meu coraçaõ, naõ eſtranheis que eſte vos falle agora nas vozes mudas deſtas lagrimas, porque nenhumas arrezoaõ melhor, deſpidas. Eſta he a ultima vez, que vos chamo: e vos fallarey juntas, porque nem*

ao cançado dos meus annos poderá tardar a morte, nem já a frouxidaõ da minha vida merece acompanhar o fervor da voſſa. Agora começa ella, quando acaba a minha: e quizera eu reproduzirme em todas, para ter a gloria, naõ de me ver imitada, mas excedida. Eu como imperfeita, cançada, e já caduca, naõ fiz mais que moſtrar-vos com o dedo o caminho; vós como vigoroſas, e robuſtas, já hides pizando nelle os eſpinhos dos rigores, e os tropeços das difficuldades. Eſta Caſa, ou eſte Corpo da obſervancia, que começou a reſpirar com o meu pouco eſpirito, já vay vivendo com o voſſo: vede naõ vos cance o alento, que deſmayará todo eſte Corpo. O voſſo exemplo ha de ſer a vida das que vem a reformalla; e como creſceráõ para o trabalho as que ſe naõ alimentarem bem no berço? Grande gloria he a de ſer primeiras, mas comprada com a penſaõ de ſer juſtificadas; as que vaõ diante, auctoriza-as o cargo, mas devem abrir o caminho; e quanto mais o facilitarem, ſerá mayor o numero das ſequazes a que ſe adiantem. A eſtrada, que pizais, he nova, a importancia he deixalla bem trilhada; ſe a pizares com conſtancia, e ſem receyos, logo ſe lhe atreveráõ os pés mimoſos. Para nada vos convido, em que naõ haja trabalho: mas bem ſabeis que os que mais exercitaõ a tolerancia, ſaõ os que lavraõ mais de preſſa a coroa. Eſta pouca terra, em que o Eſpoſo Divino quiz ter o ſeu horto, duas vezes fechado, ſabey que primeiro ha de ſer horto regado com ſangue, que avultar em Tabor coroado de luzes. O thalamo do Eſpoſo, que a alma pura vio cuberto de flores, foy na Caſa ornada de cypreſte, ſymbolo da morte. No retiro das mortificaçoens, e das aſperezas ſe acha o Eſpoſo deſcançado entre delicias; e quem fora taõ ditoſa!

Lectulus noſter floridus: ligna domorum cedrina: laquearia noſtra cypreſſina. Cant. 1.

Aqui lhe prenderaõ os ſoluços a voz, e tomada de hum deſmayo, cahio nos braços das Religioſas, que acompanhando as ſuas lagrimas, choravaõ a perda como ſubditas, e o deſamparo como filhas. Recolheraõ-na á cella, onde aſſaltada de huma febre aguda, chegou brevemente o ſeu ultimo dia, que diſſera, e eſperava. Recebeo com paz de eſpirito os Sacramentos; e com o Roſario da Senhora nas maons repetia os ſeus Hymnos; desfalecendo-lhe a voz, pedio ás Religioſas, que lhos cantaſſem; e entre eſta ſuave melodia eſpirou, como ſe adormecera, eſcutando-a. Foy digno de reparo o que ſe vio, levando o corpo para o Coro; porque, naõ havendo na terra, nem nas viſinhanças della quem criaſſe, nem ainda viſſe Pombas, appareceo huma áquelle inſtante na Igreja, e ſahindo della, entrou por huma janella em o Coro, e poſta em ſitio viſinho ás Religioſas, ſem eſpanto, ou eſtranheza dellas, aſſiſtio ao Officio, reparando algumas, que ao recolherſe o corpo na ſepultura, voara, e correra o Dormitorio, e fazendo hum gyro ſobre a cella da defunta, deſapparecera. Naõ ajuizamos o que ſeria, mas naõ impugnamos o que podia ſer. O que podemos dizer he que a vida da Madre Sor Agueda podia favorecer qualquer piedoſa conjectura.

Naõ deu menos creditos á Caſa a ſegunda Fundadora, e Subprioreza perpetua, a Madre Sor

Sor Juliana de S. Bernardo.

Sor Juliana de S. Bernardo. O deſvelo de enſinar as Noviças, o zelo de as conſervar doutrinadas, lhe conſumio a vida, porque amante da perfeiçaõ, aſſim no que tocava ao Officio Divino, como ás occupaçoens do Moſteiro, andava ſempre ſem deſcanço; aſſim era eſpelho para a obſervancia, e arrimo para a Caſa. Era intenſa ſua caridade com as doentes, e com os pobres. Rara ſua devoçaõ com a Paixaõ de Chriſto, em que contemplava laſtimada, e compaſſiva; aqui encaminhava os exercicios de ſua continua penitencia. Cançada de annos, e trabalhos, ſuſpirava pelo deſcanço de huns, e premio de outros. Cahio de doença leve, mas apontou logo o dia de ſua morte. Succedeo aſſim, recebidos os Sacramentos, porque naõ ſó no dia, mas na hora, que primeiro diſſera, pedio, que lhe leſſem a Paixaõ do Senhor, e (com os ſentidos eſpertos até o ultimo eſpirito) enternecendo-ſe de ouvilla, eſpirou, permittindo em premio de ſua devoçaõ o Ceo, que fizeſſe nella a compaixaõ, o que fizera no Senhor a impiedade, porque de algum modo ſe lhe aſſemelhaſſe na morte.

Sor Catharina de Oliva.

Naõ foy deſſemelhante a da Madre Sor Catharina de Oliva, huma das irmãas do Fundador, que acompanhou as Fundadoras na entrada, e principiou logo o anno de Noviça. Tivera o eſtado de caſada, de que enviuvou entrada em annos, ficando com algumas filhas. Via-as agora recolher na Clauſura deſta Caſa, que ſeu irmaõ fundara, e cheya de huma Santa enveja, largou o governo da ſua, por vir obedecer na de Deos, reduzindo-ſe ao eſtado de menina, e á igualdade com as filhas, Noviça como ellas; mas com o conhecimento de que aſſim era a pequenhez valida na Caſa de Deos, que (como elle enſinara) era a principal induſtria para entrar nella. Deu principio a nova vida, vendo-ſe no berço da obſervancia, mas taõ adiantada nos exercios della, que contando perto de ſeſſenta annos, era a primeira que apparecia nas obrigaçoens da Caſa. Uſava eſtamenha junto á carne. A ſua cama huma taboa, cuberta de huma manta groſſa, e aſpera. Aqui tomava pouco deſcanço, naõ ſó dos trabalhos do dia, e oraçaõ da noite, mas de diſciplina larga, e rigoroſa, com huma cadea de ferro, á imitaçaõ de noſſo Patriarcha.

Niſi efficiamini ſicut parvuli, non intrabitis in regnũ cœlorũ. Matth. 18. 7.

Cingia-ſe continuamente de aſperos cilicios. Obſervava com eſtreiteza os jejuns da Conſtituiçaõ, no que reſtava do anno trez dias na ſemana; nem aſſim perdoava ao limitado da reçaõ, porque hum pobre lhe levava ſempre a melhor parte. Contatava quinze para dezaſeis annos neſtes exercicios, quando a ameaçou a morte, achando-a antes alvoroçada, que temeroſa. Pedio os Sacramentos, deſpedioſe das Religioſas, pedio perdaõ a todas; e porque lhe dilatavaõ a Unçaõ, diſſe que lha trouxeſſem (por mais que os Medicos lhe davaõ ainda dias de vida) porque ella dalli a poucas horas eſtaria diante de Deos, dando conta della. Fezſe-lhe o que pedia; e tendo o nome de Jeſus na boca, e entre os braços a ſua Imagem cru-

cificada, acabou placida, e venturoſamente a vida.

Sor Maria de S. Domingos, Sor Catharina de Jeſus, Sor Iſabel da Gloria, Sor Paula do Preſepio, Sor Jacintha dos Serafins, Sor Catharina do Evangeliſta.

Naõ ficaraõ particularidades da de outras Religioſas, que pódem fazer numero com as que temos referido. Foraõ ellas as Madres Sor Maria de S. Domingos, Sor Catharina de Jeſus, Sor Iſabel da Gloria, Sor Paula do Preſepio, Sor Jacintha dos Serafins, Sor Catharina do Evangeliſta, eſtas duas ultimas, filhas, as primeiras quatro, ſobrinhas da Madre Sor Catharina de Oliva, e de ſuas irmãas Sor Iſabel do Eſpirito Santo, e Sor Maria das Chagas; geraçaõ toda Santa, trazida toda pelo Fundador á Caſa de Deos, que naõ ſó lhe quiz dar a Caſa, mas tambem os ſervos para ella. Mas ſenaõ ficaraõ individuaçoens de ſuas vidas, ficou a tradiçaõ commua de ſua inteira obſervancia, merecedora de mais dilatada memoria, como de eſpiritos com que começou a avultar a reputaçaõ deſta Caſa. Mas ſe o tempo nos roubou as ſuas noticias para eſta eſcritura, baſte eſta advertencia para a conjectura piedoſa de que a naõ perderiaõ no livro da vida.

Mas coroemos as memorias deſta Caſa com a mais verdadeira, e glorioſa coroa della; com algumas maravilhas, obradas por interceſſaõ da Imagem da Senhora da Oliva, authenticadas pelo Ordinario do Biſpado de Viſeu, como conſta da ſentença de approvaçaõ, que ſe guarda no Cartorio do Moſteiro; e ſeja o primeiro prodigio (deſpois dos que neſtes dous Capitulos temos referido) porque todos foraõ authenticados pelo meſmo Ordinario.

Trabalhava-ſe na obra da Igreja, e hia-ſe fechando, e cobrindo a Capella môr, quando cahindo huma grande pedra do mais alto della, levou hum official, que achou diante, com tanto impeto, e violencia, que entenderaõ que já hia pelo ar ſem vida; aſſim cahio em terra; e aos olhos dos que já o eſtavaõ vendo feito em pedaços, ſe levantou ao meſmo inſtante ſem ferida, ou leſaõ alguma, e começou a bradar (entre os que concorreraõ compadecidos, e admirados) *milagre! milagre! favor que me fez a Senhora da Oliva, por quem chamey com viva fé em meu coraçaõ.* Acompanhavaõ as vozes a viſta, e a experiencia, vendo a altura de que cahira, e o eſtado em que ſe achava.

Igual ſucceſſo, igual prodigio ſe vio em outro official, que trabalhando no Dormitorio do meſmo Moſteiro, que hia em grande altura, e levando com outros, em huma padiola, huma pedra de dezaſete palmos e meyo de comprido, e trez de largo, lhe eſcapou hum pé, e naõ ſó ſe precipitou, mas deſcahindo a pedra, o levou debaixo. Chegaraõ a levantalla, como ſe o fizeraõ á campa de huma ſepultura, entendendo que achavaõ ao miſeravel naõ ſó morto, mas delido; e ao levantalla vem que o moço ſe levanta ſaõ, e deſembaraçado, dizendo que a Senhora da Oliva lhe valera; e torna no meſmo inſtante ao trabalho para deſenganar os que o viraõ cahir, e o naõ acabavaõ de crer.

Iſabel Jorze, natural do meſmo lugar do Tojal, onde era caſada, e taõ pobre, que vivia do trabalho de ſuas maons, que ago-

agora naõ exercitava, por ſe achar com huma naſcida em hum braço, que com grandes dores naõ podia mover. Acompanhou a Imagem da Senhora o dia, em que a levaraõ em Prociſſaõ ſolemne para a ſua Caſa. Entrou na Igreja, deteve-ſe rezando, e lembrando á Senhora com fé, e lagrimas aquella ſua grande moleſtia, em que naõ ſó padecia as dores, mas neceſſidades. Recolheo-ſe a caſa, em que logo ſe lhe abrio a naſcida, e ao dia ſeguinte amanheceo, naõ ſó com o braço livre della, mas nem o minimo final onde a tinha.

Maria Teixeira de Sá padecia inſoportaveis dores de hum cancro incuravel; recorreo á Senhora, e principioulhe huma novena. Acabava de rezar, e untando aquella parte com o azeite da ſua alampada, lhe dizia: *Senhora, vós o ſois da Oliva; neſte azeite eſtá a virtude do voſſo nome, vós me haveis de ſarar com elle.* Eis-que ao quarto dia da novena, eſtando rezando na Capella, ſe ſentio ſem pejo algum naquella parte, e applicando a maõ, e logo a viſta, ſe achou ſem dores, nem final do que alli lhas cauſava. Teſtemunhava o prodigio toda ſua caſa, e o meſmo Cirurgiaõ, que a tinha curado naquelle dia.

Igual mercê fez a Senhora a Barbara Coelha, que de hum tumor em hum peito (que deſpois de muitas curas, veyo á ultima de huma lancetada) eſtava ſem eſperança de vida; já lha contavaõ por inſtantes, quando levanta a voz com fé viva, e pede á Senhora, que lhe valha. Couſa prodigioſa! que ao meſmo tempo rebentando-lhe o tumor (naõ pela lancetada) ſe lhe ſeguio huma deſcarga grande, e inteira ſaude.

Eſtes foraõ os milagres, que ſe authenticaraõ, ſendo infinitos os que por toda a Comarca ſe eſpalharaõ, e eſpalhaõ cada dia, ſepultados na diſtancia dos lugares, e pouca actividade dos pobres, que ricos de fé, ſaõ o primeiro emprego dos milagres. Aſſim moſtrou, e moſtra a Senhora da Oliva, o quanto foy de agrado ſeu eſta Caſa, premiando o zelo do Fundador, e daquelles eſpiritos, que a buſcaraõ nella, com as mercês, com que enriquece a todos, ſendo a ſoberana Oliveira, que plantada na Caſa de Deos, fructifica nos diſpendios da miſericordia; e aſſim fructificará ſempre neſta Caſa em vigoroſos effeitos da Regular obſervancia, para futuro aſſumpto de mais elegante eſcritura.

Ego autẽ ſicut oliva fructifera in domo Dei. Pſ. 51.

CAPITULO XXXVII.

Das Irmãas Terceiras da Villa de Guimaraens, de ſeu recolhimento, e voluntaria Clauſura, e noticia das primeiras, que com nome, e reputaçaõ entraraõ nella.

Irmãs da Terceira Ordem de S. Domingos em Guimaraens.

GRande, e primeira Architecta a providencia Divina começou a levantar a fabrica do Univerſo dos principios do nada. A do homem, de pouco menos, como do pó da terra; e de taõ tenues fundamentos começaraõ a engroſſar os corpos mais fermoſos, que (deſpois dos Celeſtes) contemplaraõ as creaturas, como he a architectura deſte Mundo pequeno, e animado, e daquelle agigantado, e creſcido, naõ com

menos alma, que a meſma providencia. Naõ ſeguio eſta regularmente outra fórma nas fabricas do eſpirito, de que ſaõ grandes argumentos as experiencias, como ſe vê na converſaõ do peccador, augmentando-ſe, e creſcendo á grande labareda, a que ſe lhe ateou no coraçaõ pequena faiſca. Ve-ſe o meſmo no principio, e progreſſo das virtudes; e mais viſivelmente nas Congregaçoens de devotos eſpiritos, avultadas deſpois em eſquadroens numeroſos, de que a Igreja Militante ſe vê ornada, e defendida. Mas para o que vamos a dizer, temos repetidos exemplos de caſa, ſe lançarmos os olhos ás Hiſtorias deſta Provincia, reparando mais ſingularmente na pequena recluſaõ das Emparadadas (vulgarmente as Donas da Villa de Santarem) fomentada do Santo Prelado Frey Gil, primeiro poucas, e pobres mulheres, que convidadas, e convencidas do exemplo de Elvira Duranda, quizeraõ fechar a porta ao Mundo, ſepultadas onde lhe naõ viſſem o roſto, e as naõ achaſſe o ſeu commercio.

Aſſim começou aquella pobre Caſa, aquelle pequeno rebanho, ou para melhor dizer, aſſim ſe ſemeou em pouco eſpaço de terra aquelle pequeno, e deſvalido grão de moſtarda, que veyo deſpois a creſcer na dilatada arvore de heroicas filhas (e as morgadas) deſta Provincia, venturoſas ramas, que vio, e admirou morada das Celeſtes aves das virtudes, e carregadas de copioſos frutos, ſazonados ao eſtio de ſua ardente caridade, e colhidos no Paraiſo do perpetuo deleite. A' viſta das eſperanças, que nos dá eſta experiencia, ſeria culpavel a omiſſaõ da noticia deſta recluſaõ, e recolhimento de Guimaraens, agora pobre, e apoucada Congregaçaõ de filhas Terceiras de S. Domingos; mas campo, ainda que pequeno, que a Providencia podera eſtender a ſeara Dominicana, agora pequeno rebanho; mas com eſperanças (deu-as o meſmo Chriſto) de gozar as abundancias do eterno paſto. Nolite timere puſilus grex quia cõplacuit Patri veſtro dare.

Mas a principal razaõ, que nos executa a eſta noticia, he a geral, que nos obriga a todas as pertencentes á Familia Dominicana neſta Provincia, ſendo, como he eſta Caſa da Ordem da Penitencia, inſtituida por Noſſo Padre S. Domingos, primeiro com o nome da Ordem da Milicia de Jeſu Chriſto, com Regra approvada por muitos Pontifices, como foraõ Gregorio IX. Honorio IV. Joaõ XXII. Bonifacio IX. Innocencio VII. Eugenio III., e naõ ſó ſe obſerva naſta nova Caſa eſta Regra de Penitencia, mas ainda ſe obrigaraõ as filhas della a mais eſtreita obſervancia, em que hoje vivem, ſem afrouxar na primeira, circunſtancias, que de juſtiça lhe daõ lugar neſta eſcritura (deſpois das memorias da Ordem Primeira) com aquella veneraçaõ, que ſe deve a huma Ordem, campo fecundo, de que (como as mais Religioens das ſuas Terceiras) ſe tem colhido tantos frutos de ſantidade, que hoje occupaõ os Altares, honraõ as Provincias, e auctorizaõ as Hiſtorias, como ſe póde ver entre as innumeraveis profeſſoras deſta Regra, em huma Beata Angela de S. Severino, huma

ma Beata Daniela de Benavento, huma Beata Anna de Camerino, huma Beata Joanna de Urbe Veteri, huma Beata Helena de Piſis, e as mais, que deixo por celebres no culto, e reza por toda a Ordem Dominicana, como as que no reformado de tantas Provincias ſepultaraõ os nomes nas diſtancias. Suppoſta eſta advertencia, paſſemos á noticia da Caſa nova.

Corria o anno de 1680. quando ſe achavaõ na Villa de Guimaraens nova donzellas de mayor eſpirito, e reſoluçaõ, que annos, forças, e poſſes para a empreza, a que eſtendiaõ ſeus deſejos, fomentados, e dirigidos pelo dictame, e exemplo do Padre Frey Sebaſtiaõ da Madre de Deos, Religioſo Dominicano, peſſoa de conhecida obſervancia, e ſufficiencia, que aſſiſtia no Convento, que a Ordem tem na Villa. Sabia Frey Sebaſtiaõ, como ſeu Confeſſor, ſondar as capacidades daquellas almas, que corriaõ a poz o ſuave cheiro da vocaçaõ do Eſpoſo, deſejando prendello naquelles amoroſos laços, em que a verdadeira eſpoſa o conſeguio, para o naõ largar nunca, como tendo-o de aſſento na Caſa de ſua Mãy a Religiaõ, no mais retirado, e eſcondido della, como no lugar de recolhimento, e Clauſura: e como eſtes deſejos eraõ legitimos, como aconſelhados do Ceo, eſperava, que nem ſe arrependeſſe quem os concebera, nem os deſamparaſſe quem os aconſelhara. Por outra parte naõ deſconhecia o Padre os embaraços, e contradiçoens inſuperaveis, que coſtumaõ acompanhar ſimilhante negocio, intentado commummente de gente mais rica de vontades, que de poſſes; pouco aſſiſtida das da terra, como a que fogindo della, naõ pode achar outra correſpondencia. Mas naõ podendo reſiſtir ás inſtancias das pertendentes, menos fechar os olhos ás tolerancias, e firmezas, com que cada dia as deixavaõ as oppoſiçoens victorioſas, começou a procurar, e diſpor os meyos, que o Ceo lhe hia facilitando nas offertas, e boas vontades do Povo, movido da larga experiencia, e conhecimento das boas mulheres, que com o exemplar de ſua vida, tinhaõ voltado a ſi os olhos, e animos de toda aquella Comarca.

Abrio caminho para o Recolhimento, e Clauſura (que era o primeiro, a que ſe attendia) huma caſa, ainda que pequena; com diſpoſiçoens para o que ſe intentava; ſervia na Villa (donde ſe vê) de Hoſpital de Peregrinos; fora nos tempos antigos, em que veyo a Ordem para eſtes Reynos, huma das pobres caſas della, mas taõ illuſtre por inſignes habitadores, taõ fecunda por heroicos filhos, que nella foi Prior o Santo Fr. Pero Gonçalves, nella lançou o habito a S. Gonçalo Taumaturgo de Entre Douro, e Minho, nella viveo o Santo Frey Lourenço Mendes, nella finalmente aquelles noſſos primeiros, e grandes Padres por eſpaço de quarenta e quatro annos, annuncio grande, e ſegredo da Providencia, tornar deſpois de tantos ſeculos a povoar-ſe aquelle antigo Seminario de virtudes, por huns eſpiritos, que promettiaõ reſtituir eſſe brazaõ áquellas quaſi arruinadas,

Tenui eum, nec dimittá, donec introducá in domũ matris meæ, & in cubiculum genitricis meæ. Cant. 3.

nadas, mas veneraves paredes.

Superadas finalmente as mayores difficuldades no anno de 1680. entrando as eſmolas do Povo a facilitar o embaraço de dar em troca caſa aos Peregrinos, entraraõ as nove donzellas na que eſcolhiaõ por ſepultura, como Dominicana, profeſſas na Terceira Ordem da Penitencia. Aſſiſtiraõ, e meteraõ-nas de poſſe no Recolhimento os Religioſos do Convento, que a Ordem tem na Villa, a nobreza, e Povo della alvoroçada, e compungida, aſſim da viſinhança das boas hoſpedas, como da heroica, e venturoſa reſoluçaõ dellas. Lançou o Prior do Convento o habito a quatro Noviças. Poz-ſe á Caſa o nome de Santa Roſa. De tudo ſe paſſou Certidaõ com tanta clareza, que a lançamos aqui poupando-nos a eſcritura de mais individual noticia, e he a ſeguinte:

Certificamos nós os Padres Frey Diogo Oſorio, Prior do Convento de S. Domingos deſta Villa de Guimaraens, e Frey Sebaſtiaõ da Madre de Deos, Prior do Convento de Santa Cruz da Villa de Vianna, com os mais Religioſos Conventuaes do Convento deſta Villa, como de licença do Noſſo Muito Reverendo Padre Frey Manoel Pinto, Vigario Geral da Ordem dos Prégadores, e licença do Ordinario, dada pelo Doutor Proviſor, e Senhores do governo da Corte, e Arcebiſpado de Braga, aos 20. dias do mez de Outubro de 1680. annos, metemos de poſſe do Recolhimento, que ſe fez na rua Traveſſa deſta Villa, com a invocaçaõ de Santa Roſa, as noſſas Irmãas Terceiras Maria de Santa Roſa, Maria do Roſario, Maria de Santa Catharina, Marianna do Sacramento, Iſabel de S. Domingos, todas profeſſas da Terceira Ordem; e no meſmo dia, e hora lançamos o habito para Noviças a Joanna de Jeſus Maria, Catharina de Sena, Angela de Jeſus, e Maria do Deſterro; e da Capella do dito Recolhimento as levámos em Prociſſaõ publica pela rua, e as metemos pela Portaria do Recolhimento, e logo na dita Capella ſe expoz o Santiſſimo, e ſe diſſe Miſſa cantada, e prégaçaõ, e ſe deu Communhaõ pelo Commungatorio ás ditas Religioſas, e de tarde tornou a haver Sermaõ; a que tudo aſſiſtio grande concurſo de Povo, moſtrando em tudo o goſto, que tinhaõ de ver eſte Recolhimento, e ſem haver peſ-

peſſoa, que impediſſe, nem puzeſſe duvidas a tal entrada, antes todos louvavaõ a Deos pela obra. Em fé do que fizemos eſte termo, para que a todo o tempo conſte que juridicamente, e ſolemnemente ſe fez a entrada deſtas Religioſas, hoje 21. dias do mez de Outubro de 1680.

Eſta Certidaõ com todos o Religioſos Conventuaes aſſignados, reconhecida pelo Tabaliaõ da meſma Villa, Domingos de Freitas, ſe guarda no Cartorio do Recolhimento com huma licença do Arcebiſpo Primaz Dom Luiz de Souſa, concedida a 16. de Dezembro de 1683. para que podeſſem ter o Senhor em Sacrario na ſua Capella; favor, e graça, que aſſim ſouberaõ eſtimar as novas cultivadoras da Clauſura, que por eſpaço de ſeis annos paſſaraõ as noites no Coro debaixo, orando humas, em quanto deſcançavaõ outras, até que o ameaço de muitos achaques, grangeados no deſabrimento do ſitio, lho fez deixar, a conſelho do Medico. Era paſſado hum anno deſpois da entrada, quando viſitado o Convento da Villa, abrio o Meſtre Frey Agoſtinho de Santo Thomaz, Provincial deſta Provincia, viſita neſta nova Caſa; e informado da reſórma, com que nella ſe vivia (a inſtancias das meſmas Terceiras) tomou a todas o juramento de perpetua Clauſura, profeſſou as quatro Noviças, que ſe tinhaõ tomado á entrada, deixou leys, e fez todas as funçoens de Prelado, aceitas com goſto, e obedecidas com pontualidade, como no Moſteiro mais obſervante. Repetio a viſita no anno ſeguinte, e determinou-lhes Confeſſor da Ordem, que foy o Padre Frey Domingos de Jeſus, Religioſo por ſua religiaõ, reſórma, e modeſtia, digno da occupaçaõ, que até o preſente executa.

Veyo no ſeguinte anno viſitar eſta Provincia, por mandado do Meſtre Geral da Ordem, Frey Antonio de Monroy, o Meſtre Frey Gaſpar da Mota, Heſpanhol; e viſitado o Convento, chegando ao Recolhimento, e achando nelle a obſervancia, naõ ſó de Freiras Terceiras, mas no rigor da Primeira Regra (de que logo daremos noticia) aceitou o Recolhimento á Ordem; em nome do Geral com poderes, que para iſſo trouxera, aſſiſtindo por teſtemunhas ſeu companheiro, o Preſentado Frey Franciſco Pardo, e ſeu eſcrevente Frey Antonio Rodrigues, ambos Heſpanhoes, e o Prior do Convento da Villa, Frey Joaõ Bautiſta.

Com eſta ſogeiçaõ ficaraõ, e vivem ao tempo, que iſto eſcrevemos, as Irmãas Terceiras de Guimaraens. Reſpeitaõ ao Prior do Convento, como ſeu Vigario, e ao Provincial deſta Provincia, como Prelado ſuperior, naõ aceitando Freira alguma ſem ſua licença. Tem continuado os Provinciaes até o preſente, que he o Meſtre Frey Joaõ Bautiſta de Marines, em viſi-

viſitallas como verdadeiras ſubditas, e Religioſas Dominicas. A vida he commua, e regulada pelas Conſtituiçoens da Ordem. Veſtem lãa junto á carne, comem ſempre peixe, excepto as obrigadas por preceito de Medico; jejuaõ os ſete mezes, fallaõ ſó a pays, e irmaons, e raras vezes; nem com eſtes ſe lhes permitte o commercio de hum eſcrito, ainda reſiſtado pela Prelada. Tal he a cautela de ſua obſervancia! Rezaõ em Communidade o Officio de Noſſa Senhora, e no mais o que diſpoem a Regra das Freiras da Penitencia. Suſtentaõ-ſe de eſmolas, e do que obraõ por ſuas maons; a ellas ſó fiaõ o ſerviço da Caſa, ſem admittir ſerventes nella, humildade (em gente delicada, e nobre qualidades, de que eſtá povoada a Clauſura) de que parece ſe pagou o Ceo, vendo algumas das Religioſas aos Anjos exercitando o nome de Miniſtros entre ellas, ou tomando a ſeu cargo todo o trabalho de algumas, ou aſſiſtindo, e ajudando ás mais occupadas.

Frequentaõ a oraçaõ, a que ajuntaõ diſciplinas trez dias na ſemana, e com tanto fruto de huma, e outra, que eſtando todas recolhidas no Coro, ſe ouvio hum golpe no ſino, ſeguindo-ſe outro no do Convento, averiguando-ſe, que a tal hora naõ podia ſer diligencia humana. Entendeo-ſe melhor, quando a voto de huma peſſoa de grande eſpirito (conjecturou-ſe, que illuſtrado) ſe divulgou, que aquelle fora hum ſinal de que o Recolhimento ſeria Caſa de Deos até o fim do Mundo. Naõ pareça impropor-

çaõ, porque os ſinaes do Ceo naõ ſe accommodaõ a ſimilhanças da terra, para ſignificarem alguma couſa; antes como naõ ſaõ naturaes, mas de inſtituto abſoluto, e livre, ſó ſe accommodaõ á idea ſoberana do imponente. Senaõ, que proporçaõ tinha o rapar a barba em Ezechiel, lançar parte no fogo, eſpalhar outra ao vento, para ſignificar o eſtrago de Jeruſalem, Povo rebelde, e ingrato? Que proporçaõ o retroceder o Sol dez linhas no Relogio de Achaz, para ſignificar a vida de Ezechias? Ezechielis 5. v. 1. Jeremiæ v. 8.

Mas tornemos ao eſtylo de vida das novas Recoletas. He igual a tolerancia em todas nas neceſſidades, e penurias, que continuamente experimentaõ, e de que triunfaõ. Talvez entraraõ na meſa, e com huma ſó pera fez colaçaõ toda a Communidade. Em outra occaſiaõ com ſó trez maçans. Mereceo eſta conformidade particular providencia ao Ceo, vendo-ſe muitas vezes os ſoccorros taõ repentinos, que ſe naõ duvidava de quem os diſpunha; ſempre apoucados, que naõ paſſavaõ a regalos, de remedios, porque acodindo-ſelhe á miſeria, naõ ſe lhe embaraçaſſe a tolerancia. A gente taõ abſtraida da terra, a pouco cuſto ſe lhe poem a meſa. Viviaõ em grande eſtreiteza de caſa, e contavaõ já vinte annos nella, quando com huma groſſa eſmola, que deixou o Doutor Jeronymo Lopes de Araujo, ſe alargaraõ, diſpondo as pequenas caſinhas em feitio de Dormitorio; e ao preſente ajudadas da limitaçaõ de algum dote, levantaraõ hum, em que vivem com mais commodo,

modo, deſpois de ſe melhorarem de Igreja proporcionada á caſa, e taõ aceada, e bem ſervida, com ſe lhe aſſiſtiraõ mayores poſſes, que as deſta.

Servem-ſe de hum poço, que tem de portas a dentro; e he digno de reparo, que ſendo primeiro a agua delle, naõ ſó aſpera para o goſto, mas nociva a quem uſava della, a ſede, e a neceſſidade, que a reduzio ao uſo de todas, a experimenta hoje, naõ ſó goſtoſa, mas ſádia. Grande chimica he a verdadeira, e voluntaria pobreza! e melhor vara de Moyſés a virtude, para trocar nas aguas em ſuavidades os amargores.

Exodi cap. 15.

Aſſim começaraõ a creſcer, e a avultar eſtas tenras plantas da obſervancia, aſſiſtidas, e mimoſas do Ceo, e da Eſtrella de ſeu Patriarca, que influe nellas as fecundidades, e frutos da reſórma. Já o deraõ ao Ceo em quatro filhas das primeiras deſta Caſa, glorioſas premiſſas dos grandes lucros della. Foraõ ellas Maria do Deſterro, Catharina de Sena, Marianna de Jeſus, Angela de Jeſus, que com heroica perſeverança no rigor, com que entraraõ a Clauſura, invencivel paciencia nos trabalhos de penoſas doenças, de tribulaçoens continuas, de deſamparos, penurias, e miſerias, acabaraõ a vida com demonſtraçoens de que principiavaõ a que naõ ſe acaba, e ſe melhora. He o numero das vivas ao preſente de vinte e huma, Prioreza Maria da Roſa de Santa Maria, que chamando-ſe primeiro Maria de Santa Roſa (com motivos ſepultados os mais evidentes em ſua modeſtia, e ſegredo) ſe chama hoje Maria da Roſa de Santa Maria.

Com ſimilhante motivo, e igualmente occulto, (como he tradiçaõ) mandou o Prior do noſſo Convento da Villa pelos annos de 1699. como Prelado immediato, pôr obediencia ás Religioſas, que mudaſſem a invocaçaõ do Recolhimento, que era de Santa Roſa, em o de Moſteiro da Roſa de Santa Maria. Correm por conta de Deos os nomes das couſas, que quer reconhecidas por ſuas; grande gloria para eſtas novas eſpoſas, que o faõ, e melhor argumento de que o mereceraõ ſer. Mas coroemos as noticias deſta Caſa com huma circunſtancia digna de reparo, e naõ menos de lhe ſervir de credito, e vem a ſer, que deſde ſua fundaçaõ até o preſente (que ſe contaõ vinte e quatro annos) naõ tem tido mais que a meſma Prelada, que na entrada foy eleita. Grande argumento das capacidades della, e naõ menor da conformidade das ſubditas! Mas ſem duvida mais reparo nellas o deſconhecerem as ambiçoens de mandar, como eſpiritos Angelicos, em que todo o emprego he obedecer. Aſſim ſe vay dilatando eſte pequeno Ceo Dominicano; e diſporá a Providencia de Deos, já reconhecida, e deſempenhada nas Eſtrellas dos primeiros, que neſte ſe dupliquem, para que eſta Provincia conte mais eſta gloria, e ſempre para a mayor de Deos ſe povoe de ſuas luzes o Firmamento das eternidades.

CAPITULO XXXVIII.

Da Madre Sor Iſabel do Eſpirito Santo, Freira da Terceira Ordem da Penitencia; primeiros paſſos de ſua vocaçaõ.

Naõ mereceraõ menos nome, ou naõ deraõ menos aſſumptos aos Catalogos Dominicanos as Religioſas da Ordem de Penitencia, que ſem o retiro da Clauſura, antes entre os perigos do ſeculo, e junto ás delicias dos rios de Babylonia, ſouberaõ ſuſpirar pelos ſocegos de Siaõ. Pizaraõ eſtas a difficultoſa eſtrada, que por entre eſpinhos abrio, e deixou trilhada a conſtancia de huma Catharina de Sena, de huma Roſa, que reſpirou entre eſpinhos, e de huma Ignez, que os trocou em flores, vivendo todas entre os tumultos, trafegos, e commercios do Mundo, ſem que eſtes lhes ſoubeſſem turbar a paz de eſpirito, que naquelles mortificados, e debilitados corpos ſabia fabricar hum deſerto. Provaraõ, e deſempenharaõ eſta ſanta induſtria muitas filhas deſta Provincia, que a volubilidade do tempo, favorecida do noſſo deſcuido, deixou ficar tanto atraz das juriſdiçoens da memoria, que nem a certeza dos nomes foy facil á noſſa diligencia; com eſta magoa paſſemos a eſcrever o pouco, de que ſe nos permittio noticia.

Sor Iſabel do Eſpirito Santo.

Seja a primeira de Sor Iſabel do Eſpirito Santo, filha da Cidade de Lisboa, berço digno de tal filha, e filha taõ benemerita de o ſer ſua, que a pode numerar entre as circunſtancias da ſua grandeza, ou da ſua ventura. Aqui naſceo Sor Iſabel de pays taõ honeſtos, e virtuoſos, que pareceo a filha premio da virtude dos pays, no voto de peſſoas de opiniaõ, que os conheciaõ, e os tratavaõ. Naõ ficaraõ ſeus nomes em memoria, emendando-ſe eſta culpavel omiſſaõ no acerto de ſerem ſuas virtudes os ſeus nomes, eſpecialmente a da mãy penitente, caritativa, e devota. Era-o com extremo da Paixaõ de Chriſto, que no dia contemplava muitas horas, e nunca ſem lagrimas. Andando pejada de Iſabel, ſentia hum tal fervor de devoçaõ, e huma lembrança taõ prompta para eſta meditaçaõ doloroſa, como ſe do ventre ſe lhe ſobira ao peito huma grande labareda. Ignorava que enclauſtrava em ſi huma faiſca daquelle fogo, com que Noſſo Patriarca abrazara primeiro o hoſpicio materno, deſpois todo o Mundo; e eraõ já herança na filha, deſtinada a Eſtrella ſua nos effeitos da natureza fogoſa; ou tambem (como deſpois ſe vio) pequena braza, que em Sor Iſabel havia deſpois avultar em implacavel incendio, fomentado no ſangue de Chriſto, que a tinha extatica tantas horas, e a fazia romper em inundaçoens de lagrimas.

Aos ſeis annos de ſua idade ſe vio nella com admiraçaõ. Boa confirmaçaõ ſerá o que agora diremos. Frequentava Iſabel com outras meninas a caſa de huma honeſta mulher, que as enſinava a obra de lavor: applicada á almofada, eraõ taõ expreſſas, e vivas as repreſentaçoens, que ſe lhe propunhaõ da Paixaõ de Chriſto, de que já era devotiſſima, que inflamma-

da

da de hum vehemente affecto de compaſſiva, naõ cabia em ſi meſma, eſtalava de magoada, deſejava offerecer em igual ſacrificio a vida. Já fraqueava na diſſimulaçaõ daquella ancia. Largava a almofada, e retirando-ſe a huma caſa interior, encoſtada a huma parede, pregava, e eſtendia nella os tenros bracinhos, e aſſim crucificada, ſe lhe repreſentava, que ſe incorporava, e unia com aquelle Senhor, que naquella fórma dera a vida por ella. Eſte era o deſafogo, a que recorria em a arrebatando aquelle piedoſo penſamento. Deſpertou o reparo, e logo a curioſidade da Meſtra, a repetiçaõ com que Iſabel ſe retirava, muito mais o tempo, que ſe detinha. Segue-a hum dia, acha-a naquella fórma de crucificada, ſuſpende-ſe; eſpera, a ver ſe cança, e cança-ſe em eſperar; chega mais perto, e ve-a immovel, alhea de ſentidos, e taõ ſepultada naquelle doce lethargo delles, que á cuſta de muita diligencia deſpertou delle.

Conhecia já aquelle entendimento, a quem madrugara mais ſuperior luz, que a da razaõ; conhecia, que ſimilhantes theſouros ſó os guardava o ſegredo; hia-ſe á maõ naquelle genero de deſafogo, e ſó o buſcava em caſa recolhida a hum Oratorio, deſpois que via tudo em ſocego. Alli achava o ſeu leito, alli o ſeu deſcanço, alli o ſeu centro; naõ tem outro quem, conhecendo as delicias do Ceo, acha tanta ſuavidade nos deſvelos, que lhe parecem deſcanços, tanta nos ſuſpiros, que lhe parecem logros. Aſſim hia creſcendo Iſabel, quando querendo o Ceo darlhe mais liberdade nas ſogeiçoens da terra, para a ver mais ſua, a deixou orfãa, mas com a conſolaçaõ grande de ver auſentar a mãy com ſinaes de pizar a venturoſa eſtrada, para que ella tambem ſe diſpunha. Vio-ſe no que ſuccedeo, eſtando-a amortalhando; porque, apagando-ſe por deſattençaõ as luzes, que havia na caſa, ſendo em alta, e eſcura noite, reſplandeceo nella huma repentina, e taõ grande claridade, que a peſſoa, que ſe occupava naquella piedade ultima da mortalha, a pode continuar, enfiando huma agulha. Durou tanto tempo o prodigio, que deu lugar ao reparo de toda a caſa, e deſpois o teſtemunhava toda.

Orfãa Iſabel, e dada totalmente aos exercicios da oraçaõ, e penitencia, começou a pedir a Deos lhe moſtraſſe o caminho, que foſſe mais de ſeu agrado, offerecendo-lhe o alvedrio, livre já de todos os dominios do Mundo. Eſta era ſua continua ſupplica, quando repetindo-a huma noite, vio que lhe apparecia ſeu Eſpoſo Chriſto, e lhe dizia com geſto benigno, e amoroſo: *Audi filia, & vide.* Como ſe diſſera: *Ouve filha, e vê.* Levanta-ſe alvoroçada, entra no ſeu Oratorio, proſtra-ſe por terra, e como indigna de levantar ao Ceo os olhos, reſpondia humilde, como outro Samuel obediente: *Aqui me tendes, Senhor: que he o que mandais á voſſa inutil eſcrava? Segueme*, lhe reſpondeo o Senhor. Entaõ ſe entrou mais do receyo de indigna, e de hum penetrante conhecimento do que diſtava entre Deos,

e a creatura ; e confundindo-a aſſim o gozo de favorecida, como o deſengano do que era, ſe deixou ficar por muitas horas com a boca em terra , victima da ſogeiçaõ , e da obediencia.

Começou-o logo a ſer de mayores rigores. Fez os veſtidos longos para andar deſcalça; o que uſou toda ſua vida , e com tanta cautela , que ſó o entenderaõ em ſua caſa , porque nem o mayor frio, que no Inverno gelava as aguas , nem o mayor calor, que pelo Eſtio accendia as pedras , nem o agudo, e eſcarnado dellas, que pizava, e topava talvez , lhe faziaõ no ſemblante mudança de que ſe percebeſſe. Em toda ſua vida naõ comeo carne, nem peſcado, ſó em dia de Natal pouco, e leve mariſco. Seu ſuſtento quotidiano eraõ hervas, naõ ſó deſaboreadas no tempero , mas cozidas na ſegunda feira para prato de toda a ſemana. Aſſim as comia frias; era regalo , quando requentadas. Sentenceou ſe a hum perpetuo ſilencio. Naõ ſe lhe ouvia palavra , que naõ foſſe preciſa. Nas Quareſmas , Adventos , ſeſtas feiras de todo o anno, Vigilias da Senhora , Apoſtolos , e alguns Santos ſeus Advogados , paſſava com paõ, e agua. Cingia ſe continuamente de cilicios. Repetia diſciplinas rigoroſas , entoando ao compaſſo do golpe com voz penitente o *Miſerere*. Aſſim a viaõ taõ attenuada, que ſe entendia ou que vivia por milagre, ou que morria a cada inſtante.

Entrava huma Quareſma , era ſabido que a havia de levar a paõ, e agua. Buſcaraõ-na dous Sacerdotes parentes ſeus, de boa vida, e muito conhecimento, e experiencia do rigor, com que a Serva de Deos attenuava a ſua ; e parecendo-lhe agora que neſta Quareſma a arriſcava , lhe praticavaõ , e propunhaõ o que tinha de imprudencia naõ afrouxar na aſpereza , vendo-ſe taõ debilitada. Allegavaõ que a falta de caridade comſigo era culpa ; que quando a vida foſſe durando naquelle extremo , ſeria carregada , e perſeguida de achaques , que a reduziriaõ a largar os exercicios devotos; que com o rigor temperado ſe podia conſervar a vida, e continuar a penitencia ; que naõ podia ſer ſervir a Deos, e inhabilitarſe para o ſervir menos ; que era argumento de fraquear nas penitencias, o adiantarſe ao que naõ podiaõ chegar as forças , como o que recorre ao violento da morte, para ſe livrar mais de preſſa das miſerias. E finalmente, que elles da parte de Deos lhe faziaõ aquella advertencia, porque entendiaõ que aſſim convinha ás melhoras de ſua alma, e aſſim o devia obrar pelas obrigaçoens de Catholica.

Aſſuſtou-ſe a arguida penitente com a propoſta , mas ſogeitando-ſe ás razoens della , como intimadas por dous Miniſtros de Deos , que a ſua humildade venerava, e reconhecia com mais luz, e conhecimento em importancia de eſpirito ; porém como naõ havia negocio delle, que naõ conſultaſſe com o melhor Meſtre, fechou-ſe no ſeu Oratorio, continuou a oraçaõ, e no mayor fervor della, pondo no chaõ a boca, e deixando fallar o coraçaõ em vozes de lagrimas, dizia nelle o

que

que ſe expreſſava nellas, que eraõ ſimilhantes razoens: *Vós Senhor, que ſois verdadeira luz, dignaivos de ferir nos olhos de minha alma, para que naõ erre como minha, já que ſó quer moſtrar que he voſſa. Vós ſois verdade, aſſim como ſois luz: e ſe ſó a voſſa luz ſabe encaminhar ignorancias, ſó a voſſa verdade ſaberá dar reſoluçaõ nas duvidas. Bem vejo Senhor, bem vejo que ſentenceada por minhas culpas ao eterno degredo de voſſa viſta, ſó a lima da penitencia póde quebrar os grilhoens, que me rodeaõ como ſentenceada: mas ſe a minha imprudencia ha de deſatinar nos meyos de me valer dos remedios, naõ permitia a voſſa clemencia que degenerem os meus deſcargos em ſegundos delictos. Eu naõ quizera afrouxar no rigor da vida, e menos tropeçar na deſgraça da voſſa offenſa: eſte meyo naõ cabe na minha eſcolha, ſó vós me podeis illuſtrar para ella. Continúa* (lhe reſpondeo o Senhor, e ella ſenſivelmente o ouvio) *continúa o que começaſte; que eu te ajudarey.*

Jejuou a Quareſma, e em toda ella naõ teve nem a menor queixa na ſaude, com reparo, e admiraçaõ dos que lhe vaticinavaõ a morte. Dignos de cenſura ſaõ os rigores imprudentes nos cultivadores da penitencia; mas quem ſaberá ſe póde condemnar os rigores a hum eſpirito, que fóra já da eſféra dos alentos humanos, naõ póde romper em menos, que em exceſſos? Se eſtá a imprudencia em querer exceder as proprias forças, quem ſabe as que participa a graça a hum eſpirito, de quem he já mais vigoroſa vida? Caſo he eſte, em que ſó vota bem a experiencia propria.

CAPITULO XXXIX.

Toma Sor Iſabel o habito. Favores, que mereceo do Ceo; ſua virtude. Acaba ſantamente; circunſtancias, que ſe admiraraõ em ſua morte.

OUvira, e attendera Sor Iſabel áquellas attractivas vozes do Eſpoſo das almas, quando lhe advertio que o ſeguiſſe; e como conhecia que naquelle ſeguimento pela aſpereza ſe conhecia o caminho, reſolvendo que o mais apertado ſeria o mais certo, todos ſeus deſejos eraõ ſepultarſe em a Clauſura de hum Moſteiro, naõ para fugir do Mundo, que iſſo fizera, e fazia no recolhimento de ſua caſa, mas porque entendia que as da Clauſura eraõ os floridos thalamos, em que o verdadeiro Eſpoſo ſe achava mais ſeguro, e mais ſatisfeito. Mas ſuſpendiaõ-na as poucas poſſes, embaraços inſuperaveis, que por alguns tempos a trouxeraõ deſconſolada, e affligida. Recorria ao rigor de novas penitencias; propunha ao Senhor ſua ancia no mais expreſſivo idioma das lagrimas; inſtava incançavel na oraçaõ, quando hum dia, engolfada mais nas doçuras della, ſentio banharſe-lhe o coraçaõ de huma nova, e ſuperior alegria, que naõ lhe cabendo no peito, ſe levantou deſaſocegada, e dando dous paſſos em huma caſa, ergueo os olhos a ver o Ceo, pedindo a Deos que ſuſpendeſſe aquella corrente de ſuavidades, em que ſe ſubmergia a fraqueza da capacidade humana. Eis-que viſivelmente ſe lhe offerece hum man-

mancebo de inexplicavel, e peregrina gentileza, cuberto de huma tunica alviſſima, em huma maõ huma coroa, em outra huma palma.

Deſappareceo logo: e recolhendo-ſe Sor Iſabel ao Oratorio, e proſtrando-ſe, o tornou a ver com as meſmas inſignias, de que entendeo logo, que era vontade de Deos que ſem as circunſtancias da Clauſura grangeaſſe aquella palma, e aquella coroa: e ou a convidaſſe a candidez daquella tunica, que vira, ou impulſo ſuperior, de que a ninguem deu conta, pedio em breves dias o habito de Freira Dominicana da Terceira Regra da Penitencia, que lhe facilitou a grande opiniaõ, e nome, com que já pelos ouvidos, e eſtimaçoens da Corte voava ſua virtude. Tomou o habita em S. Domingos de Lisboa. Naõ ficou em memoria o Prelado, que lho deu, e lançou, ficou ſim a do eſtylo de vida, que começou a obſervar, guardando (deſpois da que já temos dito, que ſempre continuou do meſmo modo) a Regra, e Conſtituiçoens Dominicanas em todo o rigor, e como eſtaõ eſcritas. De manhãa, e tarde aſſiſtia na Igreja do Convento, e na Capella do Santo Chriſto, cahindo continuamente de ſeus olhos groſſas lagrimas (de que o Senhor lhe deu o dom) e conhecendo ſua companheira, mulher de vida reformada, quando eraõ pelas almas, quando pelos que eſtavaõ no abyſmo de ſuas culpas, porque entaõ corriaõ mais copioſas: aſſim ſe lhe abriraõ nas faces dous regos, que antes pareciaõ trabalhados de arte, que daquelle compaſſivo coſtume.

Vivia aos dictames da obediencia, como ſe ſe lhe trocara a vontade nella. Mandaraõ-lhe que commungaſſe todos os dias, e até no exterior ſe lhe diviſavaõ os grandes intereſſes daquella frequencia, porque da ſagrada Meſa a viaõ ſahir com hum aſpecto inflammado, e fermoſo, prenda, que por natureza naõ tinha. Eſtas, e outras demonſtraçoens, que ſe naõ podiaõ diſſimular, começaraõ a grangear-lhe huma tal opiniaõ, que ſe via buſcada, e perſeguida pela valia de ſuas oraçoens; ao que ſe eſquivava, e reſpondia com mais lagrimas, que razoens, que ſe naõ enganaſſem com ella, que era a mayor peccadora. De muitos houve noticia que experimentaraõ o ſeu patrocinio: individuaremos hum caſo entre muitos, em que naõ queremos eſtender a eſcritura, porque nos naõ lea o eſcrupulo de quem nos naõ ſupporá a firmeza, com que vamos eſcrevendo.

Perſeguido de hum achaque trabalhoſo, que lhe tomava a garganta, determinava paſſar a França, onde lhe ſeguravaõ a cura, hum Religioſo Dominico, filho de Dom Fradique de Menezes, e de Dona Iſabel Henriques, bem conhecidos por ſeus appellidos entre as mais illuſtres Caſas deſte Reyno. Sentia a mãy a auſencia do filho, porque ſe achava viuva, ſem mais conſolaçaõ, que a ſua aſſiſtencia; perdida agora eſta, e arriſcado o filho no largo da jornada, pouca ſaude, e muitas prendas, conſideraçoens, que lhe naõ podiaõ deixar muitas eſperanças. Tinha Dona Iſabel

mui-

muita familiaridade com Sor Iſabel; propozlhe aquella affliçaõ, pedindo-lhe a ajudaſſe diante de Deos com as ſuas ſupplicas, em que tinha grande fé. Naõ pode reſiſtir Sor Iſabel de importunada, e compaſſiva. Ao dia ſeguinte ſegurou a laſtimada mãy, que ſeu filho naõ ſahiria de Lisboa, porque brevemente convaleceria de todo daquelle achaque; ſuccedeo como o diſſe.

Aſſim era caritativa Sor Iſabel, que naõ ſó neſte, mas em muitos caſos a obrigaraõ as lagrimas dos affligidos a darlhes logo eſperanças de remedio, ſendo contra ſua grande modeſtia, o fallar naquelles caſos com confiança. Igualmente a affligiaõ as neceſſidades de eſpirito, como as do corpo, fazendo muitas vezes em ſua alma ſacrificio a Deos de lhe prender a obediencia huma viva ancia de ir aos Hoſpitaes publicos, a ſervir, e a aliviar os enfermos como mais deſamparados. Dous caſos lhe ſuccederaõ, em que moſtrou Deos o quanto lhe agradavaõ ſimilhantes deſejos.

Achava-ſe muy attribulada Dona Franciſca de Argomedo, irmãa de Dona Maria de Argomedo, peſſoa de grande opiniaõ, mulher de Pero Vaz de Sá, gente bem conhecida por ſua nobreza. Eſtava a enferma, deſpois de proſtrada por ſangrias, deſenganada de remedios, e ſuſpenſos os Medicos, que tinhaõ provado todos. Tinha Sor Iſabel noticia do eſtado da doença, como muito familiar das duas irmãas; davalhe grande pena, e via-ſe em caſa, ſem licença para lhe fazer huma viſita; affligia-ſe, pedindo a Deos a melhora. Eis-que ao meſmo tempo vê a enferma occupados os lados da cama, de huma parte Sor Iſabel, de outra outra tambem em habito (ainda que differente) de Freira, e que ſe eſcuſava cada huma de lhe lançar huma bençaõ, como ſe nella lhe livraſſem a cura. Houve de lançalla a deſconhecida, porque Sor Iſabel eſteve conſtante; e feito o ſinal da Cruz, deſappareceraõ ambas, achando-ſe a enferma ao meſmo inſtante como ſe naõ tivera tido tal achaque. Vendo-ſe dahi a poucos dias com Sor Iſabel, rendendo-lhe as graças de taõ prodigioſa viſita, e perguntando-lhe como alli viera, e quem era a companheira, lhe reſpondeo Sor Iſabel, que o como viera, naõ ſabia, mas que lhe cumprira Deos os grandes deſejos, que tivera de viſitalla; que a companheira conhecera logo, ainda que ſó alli a vira, que era a Madre Agueda de Caſtella, bem celebre em ſua Patria, e a quem ella enferma eſcrevera muitas vezes os deſejos de a ver, e de a tratar. Naõ ſe admirou Dona Franciſca da noticia, pela muita que tinha da virtude de ambas; e entre Sor Iſabel, e ella ficou aſſentado o ſegredo, de que deſpois deraõ ſeus Confeſſores teſtemunho.

Outro caſo lhe ſuccedeo com naõ menos eſtranhas circunſtancias. Aſſiſtia cuidadoſa, e deſvelada a outra enferma de reſpeito, a quem devia eſſe cuidado, e pedindo a Deos em larga, e repetida oraçaõ a ſua melhora, por ver que ſe cançava ſem fruto a medicina, vio a eſſe tempo a enferma junto á cama hum Frade em habito Domini-

minico, que lhe lançava huma bençaõ, e ao meſmo inſtante ſe achou com intera ſaude. Viſitando-a ao dia ſeguinte Sor Iſabel, inſtou a doente por ſaber quem foſſe o Frade, obrigada, e reconhecida á mercê, que lhe tinha feito; e naõ pode tirar mais, que ſaber que era hum Santo Dominico. Entendeo a devoçaõ, que ſeria S. Gonçalo, a quem a boa irmãa obrigaria áquelle deſempenho.

Naõ a encontravaõ com menos ancia as neceſſidades do eſpirito. Sobre a continua ſupplica, que fazia a Deos, de que lhe déſſe a todo o inſtante que ſentir, ainda lhe pedia com mais inſtancia que lhe déſſe a padecer os tormentos, que no Purgatorio ſentem as almas, para ſatisfazer por ellas. Obrigou-ſe o Senhor deſta ancia, e ao repetir, e continuar eſta ſupplica, ſe ſeguia o atear-ſelhe hum fogo em todo o corpo (ſem ſe lhe achar febre) que naõ parando no interior, lhe ſahia ao roſto em huma taõ viva labareda, que ſua irmãa, que lhe aſſiſtia, e naõ deſconhecia o que era, recorria a lançarlhe agua temendo por muitas vezes que lhe eſpiraſſe nos braços, porque aſſim creſcia activo o incendio, que nem o ſofria o toque de huma maõ.

Na oraçaõ era continua, ou em caſa no ſeu Oratorio, ou na Igreja na Capella de S. Pedro Martyr, que hoje ſe chama de Jeſus. Humas vezes a viaõ banhada em lagrimas, de que ſe ouviaõ os ſoluços. Outras extatica, e alienada dos ſentidos; de que fizeraõ grandes experiencias peſſoas incredulas, ſahindo do exame confuſas, e compungidas. Illuſtrara-lhe Deos o entendimento; fallava nas Eſcrituras como o mais douto, e verſado nellas, e muitas vezes couſas taõ difficeis, que admirava a ſeus Confeſſores, que aſſim o teſtemunharaõ do muito que lhe ouviraõ, devendo darſe credito a todos, como Religioſos de grande reputaçaõ em letras, e virtude, como foraõ o Veneravel Padre Meſtre Fr. Luiz de Granada, de quem bebeo as primeiras liçoens de eſpirito, o Meſtre Fr. Thomaz da Rocha, o Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, o Padre Frey Agoſtinho de Souſa.

Rezava todos os dias o Officio Divino, repartido por ſuas horas, e á de meya noite as Matinas; para o que como ſe eſtiveſſe no mais reformado Moſteiro, ſe levantava, e buſcava o Coro no ſeu Oratorio. Ardia de enveja o progenitor della, e inimigo da virtude, e deſejava turbar o ſocego daquella vida quaſi Celeſte. Nas tentaçoens ſahia vencido, confuſo, e envergonhado; queria vingarſe em atemorizar aquella conſtancia, ou ſe quer interromper os exercicios, em que via taõ goſtoſa aquella alma; e em Sor Iſabel começando a rezar Matinas, entrava a perſeguilla, apparecendo-lhe viſivelmente em eſtranhas figuras, que bem moſtravaõ quem ſe enfronhava nellas. Mas Sor Iſabel, que naõ ignorava ſua fraqueza, e que eraõ aquelles os ultimos esforços de ſua malicia, chamava-o, e punha-lhe na maõ hum rolo accezo, para que em quanto rezaſſe, lhe eſtiveſſe allumiando; e acabando de rezar, o mandava da parte de Deos, que ſem

fazer

fazer eſtrondos, a deixaſſe, e ſe foſſe.

Mas já por entre os eſpinhos de huma longa, e aſpera penitencia começava a reſpirar, e a verſe banhada com o copioſo orvalho de conſolações Celeſtes, que corriaõ a alentar aquella vida attenuada, e conſumida no ſeco deſerto de ſua auſteridade penitente. Mas quanto ſobrepujaraõ as delicias ás aſperezas! Foraõ muitos os favores, com que o Ceo a recreou. Tocaremos os que achamos com mais miuda, e individual noticia. Suſpirava huma noite de Natal, poſta em oraçaõ no ſeu Oratorio, e ſuſpirava com Santa inveja daquelles olhos, que viraõ a deſnudez do Menino Deos no deſamparo daquella lapa, no deſabrimento daquella noite, e daquella hora. Lamentava naõ alcançar aquella ventura, mas confundia ſe, como indigna, ſuſpendendo-ſe, como piedoſa, alternativa entre eſte deſejo, e o conhecimento proprio; eis-que lhe apparece a Rainha dos Anjos, com o Menino nos braços, e o paſſa amoroſamente aos ſeus.

Encoſtava-ſe outra noite, para tomar algum deſcanço em duas taboas nuas, que toda a vida lhe ſerviraõ de leito, quando reparou, que eſtando a caſa ſem luz, ſe enchia de huma deſuſada claridade, e vio logo, que entrava pela porta a Rainha do Ceo com o Menino nos braços, acompanhada de duas donzellas de peregrina, e ſuperior fermoſura; trazia huma hum açafate de flores, outra hum copo criſtallino, e que chegando-ſe a Senhora, e deſtilando alguma porçaõ de Celeſtial neſtar de ſeus virginaes peitos, mandou que o deſſem a beber a Sor Iſabel, e logo as flores, coroando eſtes mimos com lhe lançar os braços. Naõ acabava a Serva de Deos de entender ſe ſonhava, ou eſtava deſperta, mas goſtava o ſagrado licor, e percebia a fragrancia das flores com tanta viveza, que ſó o aſſombro, e confuſaõ do muito que lograva, a podia ter duvidoſa. Chegouſe de joelhos á Senhora, e reparando, em que o Menino eſtava todo enfaixado, lhe diſſe: *Pois como, Mãy, e Senhora Noſſa, trazeis a meu Senhor taõ cuberto, que nem lhe poſſo beijar hum pé?* E reſpondeo-lhe a Senhora: *Iſabel, na Cruz o tens deſcuberto, ahi lhe pódes beijar os pés.* Deſappareceo a viſaõ, ouvindo-ſe os ſuaves eccos de huma harmonia Angelica entre a ſuavidade, e fragrancia das flores, que acompanhou a Sor Iſabel por muitos mezes.

Deſcançava em outra noite, quando vio, que ſe chegava a ella o meſmo Chriſto, cercado de luz, veſtido de huma tunica rouxa, as maons atadas, e lhe dizia: *Deſatame Iſabel.* Applicava ella as maons obediente, mas temeroſa; mas baldada toda a diligencia, confeſſou ao Senhor, que naõ podia. Ao que o Senhor reſpondeo: *Pois Iſabel tu me tens atado.* E deſappareceo. Propunha a Serva de Deos o que lhe ſuccedia com ſynceridade, e ſingeleza, ſem que ſua humildade levantaſſe o diſcurſo a examinar o ſegredo, mas obrigada do preceito de ſeus Confeſſores, que ajuizaraõ da viſaõ, que Iſabel tinha atado as maons a Deos com o la-

ço indiſſoluvel de ſeu amor, para lhe naõ negar nada do que lhe pedia, como ella muitas vezes depunha; mas naõ menos lhas tinha atado com ſuas penitencias, porque naõ levantaſſe o braço ſobre os peccadores por ſuas culpas.

O meſmo Chriſto ſe lhe repreſentou outra vez (orava entaõ no ſeu Oratorio) e com palavras ſuaves lhe prometteo a bemaventurança. Orava em outra occaſiaõ, quando vio que lhe feria nos olhos huma fermoſa, e ſcintillante eſtrella, que no meyo, como em centro, trazia noſſo Patriarca. Aſſim chegou a ella, e com alegre ſemblante lhe lançou huma bençaõ.

Chegava-ſe já o fim de ſua vida, quando, entrando hum dia em o Oratorio, vio que hum Menino Jeſu, que nelle tinha, eſtava com as maons atadas, e dizendo-lhe: *Meu Senhor, quando vos verey com as maons ſoltas?* Lhe reſpondeo o Menino: *Cedo o verás*; e naõ tardou muito, porque aſſim o vio dahi a pouco tempo, entrando a fazer oraçaõ, e já ameaçada de cruel doença. Entendeo logo, que era a ultima, que iſſo lhe queria moſtrar o Senhor com as maons livres, como para lhe diſpender os eternos favores. Foy prolongada a doença, em que muitas vezes commungou, porque eſtallando de ſaudades pelas delicias da gloria, ſó ſe aliviava com recolher no coraçaõ o ſoberano penhor della. Aſſim foy taõ rara ſua paciencia (ſendo intoleraveis as dores de que eſtava cercada) que parecia já como alienada das miſerias de humana. Soltouſe dellas ſeu eſpirito (deſpois de grandes demonſtraçoens de conformidade, e alvoroço) com huma morte taõ ſuave, que o que ſe ſeguio a ella, foy no roſto huma rara belleza, que naõ tivera em vida, deſmentidos os annos, que contara nella; os membros meneaveis, o corpo como ſe antes fora hum precioſo, e fervente aroma, do que hum deſpojo da vida.

Todos o viraõ, todos o examinaraõ. Começou de juntarſe, e concorrer a gente, como ſe alguem lhe dera o aviſo, levando os Religioſos o corpo, já com a difficuldade do concurſo, que tocava contas, pedia partes do habito como reliquias, de que alcançou mais a nobreza, concorrendo tanta, que antes parecia triunfo, que entero. Deraõ-lhe ſepultura no antecoro de S. Domingos de Lisboa, aos pés do Veneravel Padre Meſtre Frey Luiz de Granada; e aſſim começou logo a eſtenderſe ſua opiniaõ, e fama, que no Capitulo Geral, celebrado em Roma por Julho de 1629., que foy eſte em que a Serva de Deos falecera, ſe lhe fez (como ſe lê nas Actas do meſmo Capitulo) a ſeguinte memoria:

In

In Provincia Portugalliæ Soror Eliſabeth de Spiritu Sancto, tertii Ordinis profeſſa, quæ poſt vitam ſanctiſſimè peractam, obiit cum opinione ſanctitatis.

Fiquem-lhe eſtas letras por epithafio, como muda reprehenſaõ de lhe naõ determinarem em hum o lugar, em que deſcanſaõ ſuas cinzas, roubado á conſolaçaõ dos devotos, e á veneraçaõ de todos. Mas parece, que ſe naõ contentava o Ceo com que os teſtemunhos da terra lhe perpetuaſſem a memoria; com hum prodigio ſeu quiz fomentalla, e favorecella. Eraõ paſſados alguns annos deſpois de ſua morte, quando falecendo Dona Joanna Manoel de Aragaõ, mulher de Dom Affonſo de Menezes, Meſtre-Sala delRey Dom Joaõ o IV., e mandando que ſeu corpo ſe depoſitaſſe no Convento de S. Domingos de Lisboa junto á ſepultura de Sor Iſabel, em quanto ſe naõ paſſava a S. Domingos do Porto, onde tinha ſeu jazigo, começaraõ a bolir com inadvertencia na ſepultura de Sor Iſabel (abrindo a meſma, havendo ſó de ſer outra viſinha) e a poucos golpes foy tal a fragrancia, que ſe eſpalhou na Caſa, que ſuſpendidos naõ ſó os Religioſos, mas os ſeculares, que paſſavaõ acaſo, começaraõ com aſſombro a examinar, e conhecer o motivo, e em breve tempo creſceo aſſim o tumulto, que aſſuſtado o Sacriſtaõ, ſem mais conſelho, nem advertencia, mandou logo cobrir a cova, naõ ſendo menos culpavel, que eſta reſoluçaõ, a omiſſaõ do Prelado da Caſa, que devia examinar aquelle precioſo theſouro, para depoſitallo em lugar mais ſeguro, e melhorado. Tudo o que temos eſcrito, digno de mayor reparo, teſtemunharaõ ſeus Confeſſores, que o naõ foraõ menos de todo o credito; mas ainda aſſim eſtreitamos a penna, por fugirmos ao encontro de eſcrupuloſos, ou incredulos.

CAPITULO XL.

De Sor Luiza de Jeſus, Freira da Terceira Ordem.

FEcunda mãy de heroicos filhos a Cidade de Lisboa, continuou dando a eſta Provincia a Sor Luiza (benemerita filha da Terceira Ordem da Penitencia) como ſe o eſpirito de Sor Iſabel ſe reproduzira nella. Naſceo Sor Luiza neſta Cidade de pays honeſtos, creſceo com taõ boa reputaçaõ de modeſta, recolhida, e bem inclinada, que ainda com mediano parecer, e pouco dote, ſe vio pertendida por quem entendia, que o verdadeiro era o da virtude. Poſta naquelle eſtado, em que naõ entrara com mais voto, que a obediencia, começaraõ a perſeguilla deſconſolaçoens, e diſſabores; penſaõ rigoroſa, mas que naõ ſervia mais que de exercitarlhe a paciencia, naõ baſ-

tando a divertilla de fervoroſos exercicios de caritativa. Mas o Ceo, que a naõ queria repartida com os cuidados da terra, permittio que aos vinte e ſete annos de ſua idade ſahiſſe ſolta daquella cadea. No meſmo dia, em que ſe vio viuva, retirada a hum apoſento, e diante de hum Chriſto crucificado, lançando maõ da formoſura de ſeus cabellos, cortou nelles os cuidados, de que fez ſacrificio ao melhor Eſpoſo, em que ſó ſe empregaõ todos com lucro. Accreſcentou a eſta reſoluçaõ a de voto de perpetua continencia, e deu principio a hum taõ aſpero genero de vida, que ſe conformaſſe com o Eſpoſo, que lha offerecia em hum lenho crucificada.

Já ſe hiaõ deſpertando huns aos outros os deſejos do Ceo. Suſpirava Sor Luiza por ſaber o caminho, que com mais ſegurança, e brevidade a levaſſe a elle. Inſtou hum anno com oraçoens, com penitencias para conſeguillo, e naõ baldou a diligencia, porque eſtando em oraçaõ hum dia, lhe pareceo, que ſe lhe offerecia á viſta o vulto de huma mulher com o habito de S. Domingos, e que encarando bem nella, lhe moſtrava o eſcapulario, dizendo, que aquelle era o que o Ceo lhe deſtinava. Levantou Sor Luiza as maons ao Ceo, rendendo a a Deos as graças; mas começou logo de affligirſe, entendendo, que aquelle aviſo a chamava para os Clauſtros Dominicanos, e parecia impoſſivel pollo ella em execuçaõ, ſem a impiedade de deixar ſua familia deſamparada, havendo nella peſſoas, cuja idade a executava a preciſa aſſiſtencia.

Vacillava com eſta imaginaçaõ, quando, paſſados alguns dias, a viſitou certa peſſoa de boa vida, que entre outras praticas (de bom conſelho para ella) diſſe, que aquelle dia ſe achara na Igreja de S. Domingos, onde vira muito de que ſe edificar, reparando nas Religioſas Terceiras (a que chamavaõ as Beatas de Santa Catharina de Sena) que alli aſſiſtiaõ com tanta reſórma, e modeſtia, como diſcipulas de ſeu eſpirito, e doutrina; porque eraõ eſtas humas mulheres, que vivendo no ſeculo, e na liberdade de ſuas caſas, obſervavaõ a ſogeiçaõ, e exercicios de Religioſas. Entendeo logo Sor Luiza o idioma com que o Ceo lhe fallava, e em breves dias moſtrou a pontualidade com que lhe obedecia, pedindo em o Convento de S. Domingos o habito de Freira da Penitencia, que alcançou logo dos Prelados, a quem ſe tinha anticipado a noticia, e experiencia de ſua peſſoa, e vida.

Começou com tanta aſpereza eſta que abraçara, como o promettiaõ as ancias de ſe ver nella; mas nem os jejuns continuos, e apertados, as diſciplinas repetidas, e rigoroſas, baſtavaõ a reſgatalla da grande perſeguiçaõ de eſcrupulos intoleraveis, que a cercavaõ. Animava-a o Confeſſor, moſtrando-lhe, que naõ eraõ mais que prova de ſua conſtancia, como deſpois de profeſſa vio por experiencia. No acto da profiſſaõ (a que aſſiſtiraõ Religioſos de nome em letras, e virtude, convidados da que conheciaõ na profeſſante) foraõ tantas ſuas lagrimas, taõ vivos, e fervoroſos

roſos os affectos de ſua alma, que, acabada a ultima palavra, em que promettia perſeverança naquella vida, cahio ſobre os degraos do Altar, como abraçando a terra, privada de ſentidos; effeito (como deſpois ſe ſoube por ſeus Confeſſores) da inexplicavel conſolaçaõ de ſeu eſpirito, vendo com os olhos delle que o meſmo Chriſto ſe chegava a ella, e lhe dava a maõ como a eſpoſa. Deſpertou eſte favor nella os cuidados de quem o ſabia ſer verdadeira, naõ ſe contentando com os rigores, que lhe propunha a ley, que abraçara, antes adiantando-ſe aos que ſó parece podiaõ caber no deſejo, ou condemnar a reſoluçaõ por mayor que as forças, ſe as de ſeu eſpirito naõ reſpeitaraõ já mayor coraçaõ por centro.

Junto á carne naõ lhe pareceo taõ deſabrida a eſtamenha; de pano de ſaco, que nem a agua coſtuma fazer mais tratavel, fez as tunicas interiores. Seu leito duas taboas, e hum cobertor, antes para diſſimular o leito, que para ſervir de abrigo. Cingio o peito de huma groſſa cadea de ferro, que ſubſtituio a hum aſpero cilicio, que até alli trouxera desde que enviuvara. Rodeou os braços com cilicios de ferro, ſem haver parte no corpo, que naõ tiveſſe particular, e continuo martyrio. Naõ baſtava eſte para apoupar ao de rigoroſa diſciplina, que com huma cadea de ferro repetia duas vezes todas as noites. Naõ lhe era (no ſeu conceito) neceſſario menos ferro para domar tanto inimigo. Aſſim era Sor Luiza huma eſtatua da penitencia, antes de bronze, que de barro fragil; que naõ pedia menos materia, para ſuſtentar taõ rigoroſa, taõ profiada bataria.

Naõ comeo carne muitos annos; diſpenſaraõ-lha já nos ultimos os achaques, os Confeſſores, e o preceito dos Medicos. O jejum naõ ſó dos ſete mezes da Conſtituiçaõ, mas quaſi todo o anno. Na Quareſma ſó paõ molhado, e fervido em huma pouca de agua. De Quinta Feira Mayor até Dominga de Paſchoa naõ comia couſa alguma: ſempre andou deſcalça; porque ainda que cobria os pés quando hia fóra, era o calçado em tal fórma, que lhe ficava a planta do pé nua ſobre a terra. Na oraçaõ, antes continua, que amiudada, proſtravaſe por terra em fórma de cruz, e alli ſe detinha muitas horas com tanta conſolaçaõ de ſua alma, que ſofrendo mal o inimigo dellas o vêlla dilatar naquella fórma, diſpunha, e machinava eſtrondos, e horrores para divertilla. Paſſou a mais a ſua impaciencia: quiz em certa occaſiaõ precipitalla por huma eſcada; reſiſtio Sor Luiza, ſahindo bem finalada da luta. Por mais que algumas peſſoas perceberaõ o eſtrondo, eſcondeo ella a cauſa. Souberaõ-ſe deſpois caſos ſimilhantes por teſtemunho de ſeus Confeſſores.

Ainda que vencido, nem fraqueava, nem ſe retirava o contrario. Naõ lhe faltavaõ aſtucias, como ſerpente antiga, deſtra, e exercitada nellas; apparecia-lhe em horriveis fórmas, a que a Serva de Deos reſpondia, e deſenganava affouta. Succedeo-lhe aſſim, quando arguindo-a

do-a elle de hypocrita, e dizendo-lhe, que ſe cançara de balde em toda ſua vida, porque elle guardava ſuas forças, e induſtrias para a ultima hora della, lhe reſpondeo Sor Luiza intrepida, e confiada: *Que ella eſtava por conta de Deos, como eſpoſa ſua; e que ſe os merecimentos da Paixaõ de Chriſto ſeu Eſpoſo eraõ infinitos, naõ podia haver hora na vida, a que ſe naõ eſtendeſſem taes merecimentos.* Suſtentava o demonio a ſua propoſta, e creſcia em Sor Luiza a cautela taõ deſvelada, que pedio a ſeu Confeſſor, que na hora de ſua morte lhe aſſiſtiſſe, e a confortaſſe, lembrando-lhe os merecimentos de Chriſto. Agradou ao Senhor a ſupplica; vellohemos deſpois no deſpacho della.

Era grande ſeu recolhimento, igual ſilencio, naõ ſe lhe ouvio palavra, que naõ ſerviſſe de edificaçaõ ao proximo, todas ordenadas a louvor de Deos; e ſe acaſo ſe achava em pratica licencioſa, naõ ſó ſe retirava, mas aſperamente a reprehendia, uſando o meſmo com algumas peſſoas, que via com ſoltura, e menos decencia nas Igrejas; zelo, que lhe grangeou algumas perſeguiçoens, ou repoſtas afrontoſas, que a achavaõ taõ ſofrida, como as reprehenſoens a tinhaõ moſtrado reſoluta. O tempo, que lhe reſtava da Igreja, aproveitava na liçaõ de livros, que a enſinaſſem, e compungiſſem. Repetia a da Paixaõ de Chriſto, e a do livro intitulado *Contemptus Mundi*, donde coſtumava dizer, que achava facilmente remedio para quantas deſconſolaçoens perſeguiaõ ſeu eſpirito. Applicada algumas vezes á obra de lavor, ou coſtura, lhe ouviraõ entoar com vivos affectos da alma ſoliloquios ao Amor Divino. O mais repetido tivemos na maõ de ſua meſma letra, diſpoſto com mais devoçaõ, que arte. Naõ ſerá deſagradavel áquella, quando naõ a eſta, o lançallo aqui; he o ſeguinte:

O' Amor, que por amor do Ceo deſceſtes,
O' Amor, que por amor foſtes humilde,
O' Amor, que por amor foſtes perdido,
O' Amor, que por amor á Cruz ſobiſtes.
O' Amor, que por amor déſtes a vida,
O' Amor, que por amor morte ſentiſtes,
O' Amor, que por amor ficaſtes vivo,
O' Amor, que por amor os Ceos abriſtes.

Foy rara ſua humildade, e taõ doutrinado della o conceito, que fazia da eſtimaçaõ propria: que mandando-lhe ſeus Confeſſores, que eſcreveſſe ſua vida, ſoy neceſſario, que acabaſſem de conſeguillo os ameaços da obediencia. Faleceraõ eſtes Religioſos a tempo, que já tinha eſcrito muito, mas taõ deſcontente de ter eſcrito, que naõ deſcançou até naõ alcançar licença do novo Meſtre de ſeu eſpirito, para queimar aquelles papeis, que poderaõ enriquecer eſta eſcritura, como o fizeraõ as cinzas delles a ſua modeſtia.

Teve eſta igual teſtemunho, quando buſcando-a certa Senhora para medianeira com Deos em huma importancia, e perguntando-lhe em Noſſa Senhora da Eſcada (onde ſe detinha orando) por huma Religioſa Terceira, que ſe chamava Sor Luiza, ella lhe reſpondeo, que a naõ conhecia, e ſe ſahio com preſſa da Igreja, como ſe entendera o para que era buſcada. Confundioſe a que fizera a diligencia, entendendo pouco deſpois, que era a meſma Sor Luiza a que reſpondera, e ſe retirara. Eſtes os lances proprios da virtude, que eſtende as verdadeiras raizes no centro da humildade, eſquivando-ſe ás diligencias, e eſtimaçoens da Corte, onde as hypocriſias andaõ taõ affoutas, ſobindo as eſcadas dos poderoſos, detendo-ſe nas ſalas dos Principes, a fazer oſtentaçaõ do que deixaõ, como ſenaõ as eſtivera condemnando o que buſcaõ. Temia-ſe, e acautelava-ſe Sor Luiza contra os tiros da vangloria, ſem mais attençaõ, que a pureza de ſua conſciencia, ſendo eſta de ſorte, que confeſſando-ſe duas, e trez vezes na ſemana, todo o trabalho de ſeu Confeſſor era pedirlhe materia para a abſolviçaõ, naõ paſſando de venialidades, ainda quando ſe valia da vida paſſada.

Já muy adiantada em dias, a aſſaltou huma enfermidade rigoroſa; mas naõ ſentio tanto o ſeu rigor, como o haver de deixar o da vida, que levava. A força de preceitos afrouxou pouco nella, e taõ pouco, que aggravada a doença da eſquivança, com que ſe tratava, a poz na ultima hora. Recebeo os Sacramentos com moſtras de grande conſolaçaõ interior. Só ſe affligia de lhe faltar a aſſiſtencia daquelle ſeu antigo Confeſſor, a quem a pedira para confortalla na ultima hora. Achava-ſe elle auſente, grande a diſtancia; mas naõ ſe lhe contando a vida mais que por inſtantes, lhe durou até chegar a vello (porque chamado ſe poz logo a caminho) e a praticar com elle importancias de ſua alma. Chegaraõ-ſe a ella algumas Religioſas Terceiras, e peſſoas devotas, que a acompanhavaõ, e pedindo-lhe que ſe lembraſſe dellas diante de Deos, reſpondeo com ſegurança: *Que a miſericordia Divina o diſporia aſſim com a ſua alma, que pudeſſe ella fazer o que ſe lhe pedia.* Deraõ-lhe hum Crucifixo, poz nelle os olhos, e cerrando-os como em ſuave ſono, lhe entregou o eſpirito em 27. de Julho de 1659. em hum Domingo, dia a que coſtumava chamar a alegria de ſeu coraçaõ, por ſe repreſentar nelle

le a Reſurreiçaõ glorioſa de Chriſto. Ficou com aſpecto compoſto, e agradavel, com tanta deſſemelhança do que tivera em vida, e do que lhe attenuara a doença, que foy univerſal o reparo, como digno delle o motivo. Conſta o que temos eſcrito do teſtemunho de ſeu Confeſſor. Seu corpo tem ſepultura no Clauſtro de S. Domingos de Lisboa, defronte do arco, que entra para o Capitulo. Leſe na pedra, que lhe ſerve de campa, eſte epithafio.

Soror Ludovizia noſtri Ordinis Terciaria, cum virtutum odore, & bonæ famæ opinione placida morte quievit die 27. Julii 1659.

CAPITULO XLI.

Da Madre Sor Joanna de Tavora, da Terceira Ordem de S. Domingos.

Ubi eras.. cum me lauderent ſimul aſtra matutina? Job.38.7.

LEvaraõ ſempre os agrados de Deos as Eſtrellas; que madrugaraõ para o ſeu louvor. Aſſim ſe deſvelou o Sol Divino, a aſſiſtirlhe no berço, e aſſim parece, que o vio desde as mantilhas delle, mimoſa do Ceo, Sor Joanna de Tavora, deſtinada á Eſtrella Dominicana. Chamou-ſe eſta Madre (na vida, e commercio do ſeculo) Dona Joanna Maria de Tavora; foy filha de Franciſco de Sá de Menezes, deſcendente da Caſa dos Sás, e de Dona Antonia Leitaõ, da Caſa dos Leitoens, ambos illuſtres calidades deſta Coroa Portugueza. Já nos primeiros annos ſe lhe conhecia hum particular agrado para as couſas do Ceo, podendo-ſe dizer, que do berço paſſara ao Oratorio, deſconhecendo os vagares do tempo, para aceitar os intereſſes do eſpirito. Naõ havia liſonja para o ſeu, como contemplarſe preza em huma Clauſura; deſejo a que naõ podendo fazer reſiſtencia, e conhecendo, que ſeus pays naõ admittiriaõ ſua ſupplica, appellou para a induſtria de ficar hum dia inopinadamente no Moſteiro do Salvador de Religioſas Dominicas, onde tinha huma tia, que algumas vezes viſitava; mas ſuſpeitada por ſua mãy a reſoluçaõ, naõ vio mais a tia.

Aſſim começaraõ a arruinarſe aquellas fabricas, em que trabalhava ſem fruto ſua eſperança, e muito mais agora, que de todo as avia poſtas por terra, porque falecida ſua mãy, ſe começou a mover pratica de lhe admittirem eſpoſo. Inſtava o pay, parentes, e Confeſſores, a que houve de obedecer executada, como herdeira unica da Caſa, que ſeu irmaõ Balthaſar de Sá lhe deixara, recolhendo-ſe aos Clauſtros da Companhia. Deſpoſou-ſe finalmente com Dom Fernando da Sylveira, irmaõ do Conde de Sarzedas, Rodrigo Lobo da Sylveira; mas nada com o eſtado diminuio no concerto de vida, que até alli tivera, na oraçaõ, nos jejuns, nas penitencias, a

que

que ſó accreſceo a cuſtoſa cautela, com que ſe andava furtando aos olhos de toda ſua caſa. Começou a ter nella hum novo martyrio, privado do juizo ſeu marido, por hnns feitiços, que lhe fizeraõ, e lhe duraraõ com a vida muitos annos, que ella padeceo de deſcommodos, abraçados com huma inſuperavel paciencia, que paſſou ainda a ſuſpender o caſtigo ao aggreſſor daquella culpa.

Ficando viuva, e pertendida para novas vodas, diſpoz com todo o ſegredo, retirarſe ao Moſteiro do Sacramento, veſtindo a mortalha Dominicana, tantos annos ſuſpirada. Mas diſpunha o Ceo, que mereceſſe com dobrada grangearia, aſſim na vida, que tinha, como em ſe lhe embaraçar a que ſuſpirava. Prendialhe agora os paſſos a pouca idade de hum filho, unico herdeiro, Dom Luiz da Sylveira, que deſpoſado com Dona Luiza Bernarda de Menezes (filha de Dom Franciſco de Souſa, Marquez das Minas, de iguaes annos) pedia a madureza de Dona Joanna para o governo da ſua Caſa. Entrou o conſelho do Prior de S. Domingos de Lisboa, meſtre de ſua conſciencia, e conhecendo como lhe era impoſſivel a Clauſura, tomou o habito de Religioſa da Terceira Ordem, que chamaõ de Penitencia, ſatisfazendo ao deſejo de veſtir aquelle habito, e á obrigaçaõ de naõ deixar a Caſa de ſeu filho ſem governo. Aſſim fez de ſua meſma Caſa huma eſtreita clauſura, de que ſem licença do Prior de S. Domingos naõ ſahia, por mayor que foſſe a importancia.

Obſervante da ſua Regra á riſca, parecia ſua familia huma Communidade concertada. Sua continua aſſiſtencia era no Oratorio, a que todas as noites chamava todos a entoar o Terço, por ſingular devoçaõ, que tinha com o Roſario. Deſvelava-ſe com o remedio, e aſſiſtencia dos pobres, e doentes; com aquelles repartia até do ſeu prato; com eſtes era tanta a ſua laſtima, que ordenando o Medico, que huma criada, (que cahio de doença contagioſa) ſe curaſſe fóra de caſa, taõ longe eſteve de o permittir, que ſe lhe naõ apartava da cabeceira. Era rara ſua humildade, de que ſe ſeguia o eſcuſar-ſe ao commercio de Senhoras, ainda parentas, que nunca a puderaõ reduzir a ir ao Paço, donde a opiniaõ de ſua virtude a fazia muy deſejada, e pertendida. Frequentava os Sacramentos com grande conſolaçaõ de ſeu eſpirito; privava-a do ſentido aquelle goſto, via-ſelhe em lhe faltar a attençaõ para tudo, e em lhe ficar o roſto inflammado. Succederaõ-lhe alguns caſos, que naõ careceraõ de myſterio, á conſideraçaõ de peſſoa timorata, que tinha della mais noticia, e nos participou eſta.

Achava-ſe huma peſſoa de caſa em huma affliçaõ grande, que a martyrizava interiormente, e de que a ninguem tinha dado parte. Chegou-ſe a ella Sor Joanna, e com a natural brandura de que era dotada, lhe começou a apontar razoens de conſolaçaõ, e alivio, encaminhadas ao pezar, que a moleſtava, como ſe delle tivera toda a noticia. Chegou-ſe outra vez a eſta meſma peſſoa, que ſe queixava de rigoroſas dores de

cabeça, e pondo-lhe a maõ nella, lhe diſſe: *Calloivos, que naõ tendes nada.* Foy aſſim, porque ceſſou a dor no meſmo inſtante. Mayor caſo, e igualmente digno de credito, porque tambem o teſtemunhou o meſmo a quem ſuccedeo. Achava-ſe acaſo hum homem, que venerava muito a Sor Joanna em hum lugar ſó, e retirado, quando ſe vio, acometido de huma multidaõ de atrevidos ſiganos, a quem (pedindo-lhe a capa, e a bolça) houve de reſponder com a eſpada, pondo-ſe em deſeſperada defenſa, e indo-ſelhe retirando, e fazendo-lhe cara, tropeçou, e cahio rodeado de todos, que lhe punhaõ as eſpadas nos peitos. Lembrou-lhe o perigo a recorrer á Serva de Deos, com quem tinha grande fé, e ao meſmo inſtante ſe vio livre dos inimigos, poſto em pé ſem ſaber o como, e menos por onde ſe tinhaõ retirado. Aſſim o contava muitas vezes com veneraçaõ, e aſſombro.

Naõ lograva Sor Joanna ſem ſuſtos o ſuave emprego de ſeus exercios; parece, que a deſaſſocegava o demonio com bataria continuada; de muitas couſas ſe conjecturou, e de a verem muitas vezes como aſſuſtada, lançando agua benta no apoſento em que aſſiſtia; nem ſe recolhia, ſem a ter perto da cama, como arma, de que nos aſſaltos improviſos ſe valia. Sem duvida procederia delles o ſentirſe huma noite (poucos dias antes de ſua morte) hum abalo na caſa, a que chamava ſua cella, que parecia, que ſe arruinava. Eſtava a eſta hora orando nella.

Contava oitenta e cinco annos, que nem acompanhados de muitos achaques, lhe embaraçavaõ a continuaçaõ da ſua obſervancia, quando havendo de auſentar-ſe hum Capellaõ ſeu, que tinha noticia de ſua conſciencia, lhe pedio, que ſuſpendeſſe a jornada, em quanto ella naõ morreſſe. Admirou-ſe o Padre, que a via com a diſpoſiçaõ coſtumada, ſem queixa nova, que a podeſſe obrigar áquella cautela; vio-ſe deſpois o que teve de myſterioſa. Tinha feito huma proteſtaçaõ da Fé, e eſcrita em hum papel, a meteo na maõ de ſeu Patriarca S. Domingos, que tinha no ſeu Oratorio ao pé de hum Chriſto crucificado; e advertio a huma peſſoa de ſua confiança, que ſe Deos foſſe ſervido, que morreſſe ſem fallar, lhe meteſſem aquelle Senhor na maõ. Eſtranhavaõ-lhe a ſegurança com que fallava neſtes contingencias, mas naõ tardou muito o deſengano do conhecimento com que fallava nellas. Deulhe repentinamente huma mortal ancia, que logo a deixou muda, mas com inteiro juizo, e advertencia, pondo-ſe de joelhos, e batendo nos peitos, valendo-ſe das acçoens, pedio os Sacramentos, acodindo o Capellaõ a abſolvella ſem lhe dar lugar a mais a vida, de que paſſou á que ſoube merecer nella. Ficou flexivel em todos os membros, fóra dos horrores da morte, buſcada, e viſta de grande parte, e nobreza da Corte, pela grande opiniaõ de ſua virtude.

Paſſou a Communidade dos Religioſos do Convento de S. Domingos de Lisboa, (que fica viſinho ás caſas em que faleceo eſta Madre) a buſcar o corpo, a que, acompanhado de mui-

muita nobreza, ſe fez o Officio da ſepultura, e o recolheraõ em huma, que no Capitulo deſta Caſa ſe deu a Miguel Leitaõ de Andrada, e pertencia á Madre Sor Joanna, como deſta familia. Fica entrando no Capitulo á maõ eſquerda; cobre-a hum grande jaſpe vermelho, occupado com inſcripçoens, que lhe tiraraõ ſem duvida a que ſe devia a eſta Madre, pelas duas grandes calidades de virtude, e ſangue; mas com a proporçaõ de ter deſconhecido jazigo entre os de grandes Religioſos, que deſpidos de letras nas ſuas campas, naõ deixaõ de ſer authorizadas urnas de veneradas cinzas.

Fim do ſegundo Livro.

QUARTA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, PARTICULAR DO REYNO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO TERCEIRO.

Da fundaçaõ do Moſteiro do Sacramento da obſervancia da Ordem de S. Domingos, na Cidade de Lisboa.

CAPITULO I.

Dos Fundadores deſta Caſa, e embaraços, que ſe oppuzeraõ á fundaçaõ della.

GRANDE induſtria dos mais ſabios Architectos da refórma, e reſtauraçaõ da obſervancia arruinada, offorecer aos olhos hum exemplar, que maduramente eſteja convencendo erros, e abuſos, para que vagaroſamente (como ſe lhe fora minando os alicerces, e enfraquecendo as reſiſtencias) ſe arruinem ás batarias da razaõ, e da verdade. Eſta foy a Santa, e bem conſiderada eſtartagema, com que o Veneravel Raymundo de Capua, Meſtre Gerel da Ordem Dominicana, quiz reduzir a toda ella, das devacidoens, e liberdades, que ſe tinhaõ introduzido pelo ſciſma, que contra Urbano VI. prevaleceo, em favor do intruſo Clemente VII. pelos annos de mil, e trezentos e ſeſſenta e oito. Decretou o Geral, que em cada Provincia houveſſe ſe quer hum Convento, que obſervaſſe a Regra com todo o rigor, como eſtá eſcrita, e a guardaraõ noſſos primeiros Padres, ſem admittir diſpenſaçoens, que foraõ as brechas, por onde ſe introduzio a ruina na obſervancia.

O noſſo Caſtilho Hiſtoria de S. Domingos 2. p. l. 2. c. 62. e 93.

Imitou bem eſta induſtria o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal. Achava-ſe conſultado do Conde de Vimioſo, ſeu irmaõ, e da Condeſſa, ambos com eſpirito de darem á Ordem hum Moſteiro reformado; applicou ſuas forças para

que

que ſahiſſe aquelle exemplo mudo, a condemnar a frouxidaõ, com que já caminhavaõ, naõ ſõ os da Provincia, mas de quaſi todo o Reyno; talvez pelo abuſo de começar a ſer genero de vida, o buſcalla em huma Clauſura, quem a naõ podia ter no ſeculo com mais fauſto.

Era grande o coraçaõ do Meſtre Frey Joaõ, criava brios nas difficuldades, voltava a Deos, e ao ſeu Patriarca S. Domingos os olhos, e os cuidados, e ſahia com a eſperança de dar huma nova gloria a eſta Provincia, que a elle lhe eſtá devedora das muitas, que neſta Caſa contou, e vay contando, ajudando-o o Ceo, e metendo-lhe nas maons a adminiſtraçaõ deſte theſouro, que a Providencia Divina nos guardava, e agora lhe deſcobria por bem novo caminho. Era o Conde de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, filho do Conde Dom Affonſo, que na lamentavel batalha de Africa, ſeguindo a ElRey Dom Sebaſtiaõ, perdeo a vida, deſgraça, em que o acompanharaõ ſeus dous irmaons Dom Franciſco, e Dom Manoel de Portugal. Achava-ſe caſado com Dona Joanna de Mendonça, filha do Conde de Baſto Dom Fernando de Caſtro, e de Dona Filippa de Mendonça, ſua mulher.

Naõ viviaõ os Condes ſó em paz, e concordia conjugal, mas com hum notavel exemplo de piedade Chriſtãa, que ſe via bem em ſeus filhos, e familia; faiſcas ſem duvida nunca apagadas do amor de Deos, que nos primeiros annos lhes abrazara aſſim os coraçoens, que mal eſcutados os afagos do Mundo, o Conde buſcara (fugindo á Caſa dos pays) o penitente bruel dos filhos de S. Franciſco da Provincia da Arrabida, e a Condeſſa perſeguira, e importunara ſua mãy, para que lhe trocaſſe o dote na ſepultura de huma recoleta. Naõ tiveraõ effeito eſtas grandes reſoluçoens, porque quiz o Ceo guardallo para idade, em que ficaſſem menos eſcrupuloſas, por mais meditadas, e mais ennobrecidas, por mais difficultoſas.

Caſaraõ finalmente os Condes, e viviaõ com o conhecimento de que tinhaõ perdido melhor eſtado; mas praticando entre ſi o naõ perder as eſperanças delle. Inſpiraçoens pareciaõ, que coſtumaõ acompanhar taõ piedoſos deſejos, que nunca eſtes vem a ficar menos bem pagos. Repetiaõ-ſelhe na oraçaõ, que ambos frequentavaõ; e repreſentando-ſelhe hum dia ao Conde (eſtava entaõ em Madrid) com mais viveza a perfeiçaõ da vida religioſa, e ſahindo os embaraços a ſuſpender-lhe os deſejos, ſentio ao fim deſta batalha hum interior abalo, que lhe confortava o eſpirito, como ſe ouvira, e claramente ſe lhe diſſera: *Que naõ havia difficuldades para quem ſe reſolvia.* Rezava entaõ (como grande devoto ſeu) o Roſario da Senhora; pareceo-lhe, que lhe devia aquelle bom penſamento, e o animo já mais affouto para executallo. Aſſim lhe encomendava o bom effeito, pedindo-lhe, como a melhor Eſtrella, luz, e norte, para acertar o caminho; e conſultando-o com peſſoas doutas, e deſtras em materias de eſpirito, que naõ duvidavaõ aſſentar, que era

inf-

inſpiraçaõ ſoberana, a que o chamava para melhor vida.

Naõ ſuccederia menos neſte tempo á Condeſſa. Eſcreveo-lhe o Conde com reſoluçaõ, achou-a com os meſmos deſejos, e por ventura da meſma ſorte favorecidos. Havia ſó a ſuſpenſaõ na eſcolha da Caſa; reſolvia a Condeſſa, que a naõ aceitaria menos que recoleta. Como ſe nella viveraõ, hiaõ paſſando, e eſperando, que o Ceo pozeſſe de melhor ſemblante as difficuldades, que lhes dilatavaõ, mas naõ torciaõ a determinaçaõ; mas elle, que lhes queria arrezoar o premio, dobroulhe o conflicto, porque publico o ſegredo, começaraõ as reſiſtencias a provarlhe as conſtancias. Divulgava-ſe, que o retiro ſeria para Conventos de mais eſtreita obſervancia; que ſe lavraria hum, para recolhimento da Condeſſa. Parecia tudo, antes idéas, que reſoluçoens aſſentadas, e ſoltavaõ-ſe facilmente contra ellas razoens, que pareciaõ convincentes na pratica da Corte, e eſpecial, e mais livremente nas caſas dos parentes, que naõ ſó eſtranhavaõ o intento como aereo, mas feitos em hum corpo, lhes negavaõ a communicaçaõ, ſendo os primeiros Dom Fernando de Caſtro (pay da meſma Condeſſa) o Arcebiſpo de Lisboa Dom Miguel de Caſtro, ſeu irmaõ, e de Dom Diogo de Caſtro, ſeu filho.

Diſcorriaõ: *Que a Condeſſa era já mayor, que naõ teria forças, que reſiſtiſſem, ou ſoportaſſem os rigores da vida auſtéra, eſtranhando a falta do trato, que tivera ſua. Que os Condes ſe achavaõ com trez filhos, e duas filhas.* Eraõ elles Dom Affonſo, ſucceſſor na Caſa, Dom Miguel, e Dom Fernando de Portugal; ellas Dona Filippa, e Dona Luiza (de que deſpois haverá mayor noticia nas particulares deſta Caſa) *Que parecia genero de impiedade, deixallos no Mundo, em idade, que inda neceſſitavaõ de amparo, e enſino. Que eraõ inconſideraveis os diſpendios com huma Caſa, que ſe levanta dos primeiros alicerces, e que mal ſe podia eſtender a favorecella, quanto mais a dotalla, huma, em que eſtavaõ attenuadas as rendas, e taõ groſſas ás dividas: Que reſoluçaõ em materia taõ ardua, tinha de difficultoſa o que lhe faltava de meditada, e poſta em execuçaõ, por peſſoas de tanta qualidade, eſtava ſendo o alvo, a que ſe applicavaõ os olhos, e os reparos de todo o Mundo, com a conſideraçaõ, de que o acerto paſſaria com o nome de fortuna; e o deſmancho, com o de imprudencia.*

Aſſim diſcorriaõ as oppoſiçoens humanas, taõ eſquecidas de Catholicas, que naõ advertiaõ, que reſoluçoens de melhoras de eſpirito ſó ſe podem ver á luz daquella ſagrada labareda, que para reduzir reſiſtencias, e difficuldades a cinza, aſſim ſabe atearſe nos troncos ſecos, como nas verdes plantas da vida, e da humanidade. Ardia agora naquellas varas menos verdes, illuſtrandolhes os entendimentos, para reſponderem ás objecçoens, que lhes punha o Mundo naquelle natural idioma, em que ſó diſcorre ſobre os commodos da vida.

Aſſim parece reſpondiaõ os Condes: *Que para ſeguir a Deos em Clauſura, e eſtreiteza della, naõ eraõ inhabeis os que chegavaõ*

na

na undecima hora, porque o Pay de familias, que ſatisfazia a eſtes, como aos que vieraõ ao romper do dia, lhes confirmava as capacidades na paga. Que deixar os filhos nos braços do Mundo, pela preſſa de fugir os enganos delle, taõ fóra eſtava de parecer deſatino, que o melhor Salomaõ o dera por conſelho, a quem quizeſſe grangear muito. (Se deixares, naõ ſó os pays, mas a eſpoſa, os filhos, e as herhades, por hum vos heide dar cento, dizia Chriſto) Que ſe o deſamparo dos filhos era neſte caſo dos pays da terra, naõ era menos, que de Deos a tutoria. E naõ ſe viraõ com menos admiraçaõ os effeitos deſta neſtes filhos deixados; porque Dom Affonſo, herdeiro da Caſa, ſahio Varaõ clariſſimo, luzindo ſobre os Reaes timbres do ſangue com o eſmalte de virtudes naturaes, e adquiridas; caſou rico com a filha de Dom Chriſtovaõ de Moura, Marquez de Caſtel-Rodrigo, privado grande de Filippe Prudente, e Vice-Rey neſte Reyno, teve muitos filhos, deſempenhou a Caſa, e ſatisfez ao empenho, em que os Condes ſeus pays eſtavaõ á do Sacramento, para poderem profeſſar ſem embaraço. Dom Fernando foy grande Soldado, com procedimentos muito filhos de ſua qualidade, e eſpiritos taõ ardentes, e Catholicos, que adiantando-ſe a pertender os premios da immortalidade, perdeo a vida, peleijando pela Fé, e ganhou a da fama (entre naturaes, e eſtranhos) como a que Deos coſtuma dar aos ſeus Solſlados. Dom Miguel avultou na modeſtia, nas letras, na capacidade, e occupando lugares, de que era benemerito o ſeu talento, ſe ſentou na Cadeira Epiſcopal de Lamego, e paſſou a Roma Embaixaidor delRey Dom Joaõ o IV. que alargava a maõ a premios, que merecia mayores, a naõ eſtenderſe a da morte a tirarlhe a vida, que naõ mereceo taõ curta. As filhas ſobiraõ ambas a thalamo de melhor Eſpoſo, porque ſe naõ queixaſſem ſuas prendas, e qualidade, que era pouco o que foſſe menos, que aquelle. Profeſſou huma no Moſteiro do Sacramento, onde a Condeſſa ſua mãy foy filha, e Fundadora; outra em Santa Catharina de Sena em Evora: ambas exemplares, ambas neſtas eſcritos aſſumpto da noſſa penna, e de mayor memoria. Aſſim deſempenhou Deos o officio de tutor com os filhos dos Condes. Mas atemos o fio ás repoſtas, que ainda vaõ dando ás objeçoens do Mundo.

Qui reliquerit patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros cẽ. tuplum accipiet. Matthæi. 19. 29.

Que naõ era inconſideraçaõ dar principio a huma Caſa recoleta, ſem ſeguranças nos ſubſidios da terra, quando eſtas, como todas do Ceo, correm por conta da Divina Providencia, ſahindo de ſuas maons o que ſe eſcacea nas humanas, e paſſando por ellas (ſem as importunarem ſupplicas) naõ ſó o ſuſtento das pequenas aves, que ſuſpiraõ no ninho, que a gala dos gracioſos lirios, que reſpiraõ no campo. Que reſoluçaõ, que Deos ſem duvida inſpirara, para melhorar de vida, elle meſmo a havia de adiantar por ſua gloria, e honra; porque naõ era abbreviada a ſua maõ, nem nas poſſes, nem nas piedades. Finalmente, que elles ſe punhaõ nella, como lugar, a que naõ podiaõ chegar as calumnias dos homens mais que para melhora de ſeus intereſſes, e merito-

ritoria prova de ſuas vontades.

Fomentava eſtas o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, como quem andava deſtro em conhecer que aquelles eſtorvos eraõ o criſol dos eſpiritos, e enfurecidos ventos, que inclinando os ramos da planta, daõ a conhecer a firmeza, com que entranhou as raizes na terra; ſó reſtava a difficuldade de haver quem ſe obrigaſſe ás dividas do Conde, impedimento, que lhes retardaria as profiſſoens, (tomada a nova vida) mas ſoltouſe o embaraço, fazendo Dom Affonſo, Conde herdeiro, a obrigaçaõ, e deixando os pays livres, aſſim para votarem vida religioſa, como para dotarem a nova Caſa; acto, que ſe celebrou na fórma da ſeguinte Eſcritura:

Em nome de Deos Amen. Saibaõ quantos eſte inſtrumento, doaçaõ, e doaçoens entre vivos validouro, virem, que no anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de mil e ſeis centos e cinco, em vinte dias do mez de Outubro, na Cidade de Evora, nas caſas e apoſento do Senhor Dom Luiz de Portugal, Conde de Vimioſo, hora morador neſta Cidade, eſtando o dito Senhor preſente, e bem aſſim a Senhora Dona Joanna de Mendonça, Condeſſa do Vimioſo, ſua mulher; e bem aſſim eſtando mais preſente o Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, da Ordem, e habito de S. Domingos, hora aqui eſtante, que a iſto diſſe intervir em ſeu nome, e por ſua parte, e por virtude de huma Patente, que logo appreſentou a mim Tabaliaõ, perante as teſtemunhas ao diante nomeadas, do Padre Frey Jeronymo Xavier, Meſtre Geral da dita Ordem de S. Domingos, e por elle aſſinada, e ſellada com o ſello da dita Ordem, que no fim deſte inſtrumento irá tresladada, e incorporada; e logo pela dita Senhora Condeſſa Dona Joanna foy dito, que ella tinha tratado, e communicado muitas vezes com o dito Senhor Conde ſeu marido, de fazerem em Lisboa hum Moſteiro de Freiras, da Ordem, e habito de S. Domingos, para o qual já tem havido auctoridade do dito Padre Geral, e eſtaõ já aſſinalados quatro mil cruzados, que ſe haõ de empregar em cem mil reis de juro, em comprimento dos legados da Senhora Dona Luiza, Condeſſa do Vimioſo, que Deos tem em gloria, como mais largamente ſe con-

tem em huma Eſcritura, e Inſtrumento publico, feito pelo dito Senhor Conde, e outorgado por ella dita Senhora Condeſſa. E por quanto ella Senhora deſeja, que o dito Moſteiro tenha commoda renda, para melhor ſe poderem ſuſtentar, e perpetuar no dito Moſteiro, por ſerviço de Noſſo Senhor, que ſó he o que a iſſo a move, de ſua livre vontade, e motu proprio, era contente de dar, e doar ao dito Moſteiro, como logo com effeito por eſte Inſtrumento deu, e doou quatro mil cruzados, os quaes nomea, e declara, que ſaõ do ſeu dote, daquella parte, e porçaõ do dito dote, que ella Senhora póde teſtar, por entender, que eſta he huma das obras pias, que ella póde fazer, e deixar de mayor ſerviço de Deos noſſo Senhor. Pelo que desde agora para ſempre quer apartar, e aparta para bem de ſua alma a contia dos ditos quatro mil cruzados, por eſte Inſtrumento, e contrato entre vivos, e no modo mais firme, que em direito poſſa ſer, e valer, digo, ſe fundará na Cidade de Lisboa em todo o rigor das Conſtituiçoens da dita Ordem de S. Domingos, e que ſeraõ as grades do Locutorio fechadas, de modo, que ſe naõ poſſaõ nunca nelle ver as peſſoas, com quem fallarem, nem ſerem viſtas, e aſſim mais ſeraõ obrigadas as ditas Religioſas a mandar dizer em cada hum anno para ſempre doze Miſſas rezadas, e huma cantada de todos os Santos, todas em vida dos ditos Senhores Condes, e Condeſſas, ditas por ſua tençaõ, e deſpois de ſua morte ſe diráõ as ditas Miſſas por ſuas almas, e de ſeu pay, e mãy, e deſcendentes, e a Miſſa ſolemne ſerá de Defuntos, com o Officio de nove liçoens. E os ditos quatro mil cruzados, que por eſta doaçaõ aparta da mayor contia do ſeu dote, quer, e ordena a dita Senhora Condeſſa, que ſe empreguem em juro perpetuo, de dezaſeis o milheiro, que vem a fazer contia de cem mil reis de juro perpetuo, os quaes quer, que ſejaõ compra do dito Moſteiro, e que andem ſempre nelle unidos em Capella, com obrigaçaõ das Miſſas acima ditas. E porque eſta doaçaõ, que ella dita Senhora Condeſſa faz, he para bem, e utilidade de ſua alma, a qual utilidade deve preferir a todas as mais, pedia ao dito Senhor Conde, que preſente eſtava,

que

que eſtes quatro mil cruzados acima declarados, e os cem mil reis de juro, que com elles ſe haviaõ de comprar, ſe deſſem, e pagaſſem logo ao dito Moſteiro, porque com iſſo os há ella Senhora por recebidos, e a elle Senhor Conde por deſobrigado de lhos tornar a dar, e pagar para comprimento de ſeu dote: e desde agora para o tempo, em que as Religioſas do dito Moſteiro houverem os ditos quatro mil cruzados, e cem mil reis de juro, que com elles ſe houverem de comprar, dá quitaçaõ plenaria ao dito Senhor Conde da dita contia do dote, conſtando, que as Religioſas do dito Moſteiro eſtaõ ſatisfeitas delle, o que tudo aſſim comprir, obriga todos ſeus bens, e rendas, e em eſpecial hypothecava os ditos quatro mil cruzados, de que em todo o tempo podia teſtar. E logo pelo dito Senhor Conde foy dito, que era verdade, que muitas vezes tinha tratado com a dita Senhora Condeſſa todo o ſobredito, e que pois elle de ſeu proprio motu, e livre vontade fazia eſta doaçaõ, e obrigaçaõ, que elle declarava, que de tudo era contente, e a tudo dava ſeu pleno conſentimento, e outorgava, e promettia de em tudo comprir, e guardar eſta doaçaõ, como pela dita Senhora Condeſſa eſtava dito, e declarado, por entender, que eſta era huma das couſas de mais ſerviço de Deos Noſſo Senhor, que elles podiaõ fazer, e ordenar; e que para eſte contrato, e doaçaõ ſer mais firme, elle Senhor Conde para tudo haveria Proviſaõ de Sua Mageſtade; e por quanto tinha hypothecado, para pagamento do dote da dita Senhora Condeſſa, o ſeu prazo de Palhacana, que eſtá ſituado no termo de Alenquer, e Torres Vedras, elle dito Senhor Conde agora de novo torna a hypothecar, e obrigar por eſte Inſtrumento toda a renda do dito prazo de Palhacana, para pagamento dos ditos quatro mil cruzados acima declarados, por ſerem, como ſaõ, bens dotaes, e por ſer a parte, e porçaõ delles, que precede todo o mais pagamento do dito dote, e bens dotaes, pois he para proveito, e utilidade da alma. E diſſe mais o dito Senhor Conde, que elle desde agora para ſempre, ſe obrigava logo dar, e pagar os ditos quatro mil cruzados, e comprar com elles os ditos cem mil reis de juro, ſituados

na Cidade de Lisboa, por padroens aſſinados por Sua Ma-geſtade; e que em quanto naõ dava os ditos padroens, pagaria a contia dos ditos cem mil reis, que nelles ſe monta dos bens, e rendas de ſua Caſa, dentro na Cidade de Lisboa, o qual pagamento começaria a fazer do dia, em que as Religioſas do dito Moſteiro entrarem nelle, o que para tudo aſſim elle dito Senhor inteiramente comprir, e guardar, diſſe, que obrigava todos ſeus bens, e rendas, em eſpecial o dito prazo de Palhacana, como eſtá dito, e declarado. E logo pelo dito Senhor Conde foy dito, que poſto que por eſta doaçaõ, e por outro publico Inſtrumento, que elle dito Senhor Conde fez, para comprimento dos legados da Senhora Condeſſa ſua mãy, as ditas Religioſas bajaõ de haver em Machico cada anno duzentos mil reis de juro, contheudos no dito Inſtrumento, e neſte preſente; e que poſto que para o principio da fundaçaõ do dito Moſteiro ſeja baſtante eſta renda, que toda via lhe parece, que creſcendo o numero das Religioſas, como confia em Noſſo Senhor, naõ ſe poderáõ bem ſuſtentar com menos de quatro centos mil reis de renda, e tratando elle Senhor Conde com a dita Senhora Condeſſa muitas vezes, o que niſto podiaõ fazer, para que eſta fundaçaõ do dito Moſteiro, que hora pertendem fazer, vá ſempre em augmento, ambos de maõcommum conſentimento, haõ por bem, e ſaõ contentes de fazer de novo doaçaõ, além das duas, que já eſtaõ feitas, e acima referidas, de fazenda, e juros, que bem valhaõ duzentos mil reis de renda in perpetuum cada hum anno. A qual doaçaõ em effeito agora por eſte Inſtrumento fazem elles Senhores ambos, e cada hum de commum conſentimento. Declarando, que por quanto ao preſente tem muitas dividas, com as quaes naõ podem com boa conſciencia fazer obrigaçoens, e doaçoens, que elles Senhores bajaõ de pagar logo: E por quanto conforme a traça, que tem dado para pagamento de ſuas dividas, conforme a renda, que hoje tem, e poſſuem, lhes parecia, e entendem, que dentro de termo de oito annos, poderáõ facilmente pagar todas ſuas dividas: por eſte publico Inſtrumento dizem, e declaraõ, que elles naõ ſeràõ obrigados a dar, e pagar os ditos duzentos mil reis

reis de juro, contheudos neſta ultima doaçaõ, ſenaõ deſpois de oito annos compridos....

Eſte o eſſencial da Eſcritura, eſtendendo-ſe mais em ſeguranças, e clauſulas tabalioas. Foy feita em Evora, por Luiz de Pegas, publico Tabaliaõ. Correraõ logo facilmente as licenças, aſſim da Ordem, como delRey; ſó o que naõ teve effeito, foraõ os ſegundos duzentos mil reis, que diz a Eſcritura, porque ElRey Filippe III. de Caſtella, que governava entaõ eſta Coroa, reſpeitando os ſerviços do Conde Dom Luiz, deu a eſte Moſteiro, em que eſtava, e profeſſara ſua filha Dona Filippa, duzentos mil reis de penſaõ na Mitra de Braga, notificada ao ſeu Arcebiſpo Dom Frey Aleixo, em Março de 615. e confirmada por Paulo V.

CAPITULO II.

Impetra-ſe licença do Geral: eſcolhe-ſe ſitio: da-ſe principio ao novo Moſteiro.

VIa-ſe já o Meſtre Fr. Joaõ deſaſſombrado dos impoſſiveis, que tanto ameaçaraõ os progreſſos da empreza; queria diſpor os meiyos para a felicidade da conſervaçaõ della. Media com largas experiencias os caminhos, por onde pouco a pouco ſe arruinava a obſervancia; tinha entendido, que o humor, e variedade das cabeças afrouxava, ou reprimia a que devia haver nas leys; almas, com que viviaõ as Monarchias, aſſim ſeculares, como Eccleſiaſticas; e reſolveo, que o Moſteiro, que tinha entre maons, paſſaſſe immediatamente ás do Geral da Ordem, ſem ſubordinaçaõ alguma aos Prelados da Provincia; ou porque aquelle (ſem o riſco de variar a ley com o governo) he entre nós perpetuo, ou porque neſtes he talvez conveniente deputar Vigarios, antes da devoçaõ propria, que da utilidade da Caſa; accreſcentando, que as Religioſas deſta foſſem as que, examinados os talentos da Provincia, propuzeſſem ao Reverendiſſimo os que eſcolhiaõ para o cargo, attendendo a que nelle deviaõ preceder os mais reformados, e os mais doutos, aſſim para auctoridade da Caſa, como para zelo da obſervancia.

Era Meſtre Geral da Ordem Frey Jeronymo Xavier, natural de Çaragoça (que deſpois foy Cardeal) achava-ſe a eſte tempo no Convento de S. Paulo de Valhadolid; repreſentoulhe o Padre Meſtre Frey Joaõ, em nome dos Condes, com carta ſua, os intentos de dar hum novo Moſteiro á Provincia (Caſa de total reforma, e ſó a elle ſubordinada) o dote, que offereciaõ; a reſoluçaõ, que tomavaõ, de recolherſe (feito voluntario, e ſanto divorcio) nos meſmos Clauſtros Dominicanos; noticias todas de eſtima para Deos, para a Ordem, e para o Mundo. Paſſou logo o Reverendiſſimo Patente ao Meſtre Frey Joaõ, com a comitiva do que lhe propunha, inteirado de ſua auctoridade, zelo, e prudencia. Aſſim

ſim veyo a ſer o primeiro Vigario, que teve a Caſa. Traduzida do Latim em Portuguez, diz aſſim a Patente:

Ao Reverendo Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, da noſſa Provincia de Portugal, da Ordem dos Prégadores, Frey Jeronymo Xavier de Caragoça, humilde Meſtre Geral de toda a meſma Ordem, e Servo em Chriſto, ſaude. Como nenhuma couſa poſſa ſer para nós mais agradavel, que experimentar diante de Deos, e dos homens, que a noſſa Religiaõ, que foy inſtituida, e fundada para a ſalvaçaõ das almas, florece, e faz frutos ſuaviſſimos de virtude, eſtende, e dilata ſeus ramos no caminho do Ceo, pelos Miniſtros, e fieis diſpenſadores da meſma Religiaõ; de boa vontade, quando ſe offerecer occaſiaõ de dilatar noſſa Religiaõ, favoreceremos tudo, quanto pudermos. Por eſta razaõ entendendo nós, que os muito illuſtres Condes de Vimioſo deſejaõ muito fundar Moſteiro da noſſa Ordem, dentro nos limites da dita noſſa Provincia, dando-lhe bens proprios, que baſtem para ſua ſuſtentaçaõ; por tanto por auctoridade deſta Patente, e de noſſo officio, damos licença a vós Reverendo Padre Frey Joaõ de Portugal, para levantar, edificar, e inſtituir o dito Moſteiro de Freiras, como agradar ao zelo, e providencia dos ditos Senhores Condes, querendo toda via, que nenhuma couſa ſe eſtabeleça neſta fundaçaõ deſte Moſteiro contra as Sagradas Conſtituiçoens da noſſa Ordem, nem fóra della, nem que ſe introduza novidade alguma no habito, ou ceremonias. Mas declaramos ſómente, que o dito Moſteiro ſe funde, levante, e inſtitua com a obſervancia, e pura guarda de noſſas Sagradas Conſtituiçoens, guardando-ſe inteiramente; advertindovos, que procureis, que ſeja fundado o dito Moſteiro com baſtante renda, para ſe ſuſtentar ſem pobreza, e falta das couſas neceſſarias, naõ encontrando a iſto couſa alguma; para fé do que me aſſiney aqui ao pé deſta, ſellada com noſſo ſello. Dada no noſſo Convento de S. Paulo de Valhadolid, aos oito dias do mez de Julho, de mil e ſeis centos e cinco.

Fr. Jeronymo Xavier.

Sup-

Suppoſta eſta licença, applicou o Meſtre Frey Joaõ as maons, e os deſvelos á obra: mas repreſentavaõ-ſelhe (e bem) os vagares, com que caminha a que para huma grande duraçaõ ſe levanta dos primeiros fundamentos, ainda com promptidaõ de cabedaes. Via, que deſejos de buſcar a Deos, naõ ſabem eſperar, porque ſe apagaõ tudo o que ſe naõ adiantaõ; que os da Condeſſa, ſendo (como eraõ) verdadeiros, naõ ſaberiaõ ſer ſofridos; que huma reſoluçaõ contra o voto de todos, tudo o que tiveſſe de ſuſpenſaõ, ſe ajuizaria arrependimento. Eſtas razoens lhe aconſelharaõ a promptidaõ, como alicerſe, ſobre que creſcem bem afortunados todos os edificios, fabricados para agaſalhar deſejos: naõ reparou aſſim, que foſſem os principios antes imperfeitos, que retardados, ſendo a humildade delles mais propria de gente, que vinha a profeſſalla, e que antes vinha a edificar com exemplos, que com artificios.

Arrendou humas caſas, que abaixo do Convento de S. Vicente de fóra, ficaõ junto ao Poſtigo do Arcebiſpo, propriedade do Morgado dos Campos, Alvaro de Andrade, de que eſtava entaõ de poſſe Ruy Vaz de Sequeira. Eraõ as caſas a propoſito para o que ſe pertendia, por deſpejos, e largueza: com que a pouca deſpeza ſe accommodaraõ de Ermida; repartiraõ-ſe as caſas mayores em eſtreitas cellas; a eſte eſtylo as officinas. O enxoval para as primeiras povoadoras naõ deu muito em que entender, mais que no cuidado de ſe cercear ainda o preciſo, como aquelle, que havia de ficar por molde ás profeſſoras da pobreza, e eſtreiteza religioſa. Huma barra de taboas, enxergaõ, e chumaço, mantas de lãa, e groſſeiro cobertor, huma cruz de pao á cabeceira, cortiça, ou eſteiraõ para aſſento; hum banquinho toſco de obra, e materia, para accommodar dous livrinhos devotos. Eſtas as alfayas de huma caſa, antes ſepultura, que vivenda. Eſte o ornato, que hoje com o meſmo rigor ſe continúa.

Preparada aſſim a hoſpedagem (para quem naõ queria achar nella couſa, que divertiſſe, ou naõ apreſſaſſe a jornada, que ſe fazia para melhor vivenda) reparou o Meſtre Fr. Joaõ os inconvenientes, que tinha o conformarem-ſe as novas Religioſas com o Canto da Ordem, porque nem ſeria facil entre poucas o juntarem-ſe vozes capazes, e ſcientes, e convinha menos o facilitar o trato com Meſtres. Impetrou diſpenſaçaõ do Geral, para que podeſſem uſar o Canto da Capucha, facil, e devoto (como ſem regras, ou artificio) uſado commummente nas Recoletas do Reyno. Foy paſſada a Patente em 3. de Mayo de 1626.

CAPITULO III.

Referem-ſe alguns vaticinios de peſſoas de reputaçaõ em virtude, ſobre a fundaçaõ deſta Caſa: da-ſe a razaõ de intitular-ſe do Santiſſimo Sacramento.

SAõ os vaticinos, e os preſagios aquelles prologos, ou preludios, com que começaõ a dar-ſe a conhecer os effeitos,

tos, que o Ceo deſtinou para privilegiados; ou as primeiras luzes, com que coſtumaõ madrugar as futuras, e grandes ſingularidades; e aquelles talvez foraõ os primeiros tropeços da Gentilidade cega, e mal aconſelhada ás vozes dos Oraculos, em que o pay da mentira lhes auctorizava os enganos. Aſſim venerava Divindades a ſeus Monarchas, e Emperadores, anticipademente prometti-
Quint. Curſio l. 1. dos pela boca dos fados, como venerou a Alexandre, vaticinado no ventre de Olympia, em a figura de huma affouta, e deſtemida féra. Aſſim ſe jactava Virgilio da guerreira, e victorioſa gente Romana, augurada em a cabeça de hum bellicoſo bruto, caſualmente achada nas entranhas da terra.

Mas naõ nos detenhamos na ſuperſticioſa obſervaçaõ gentilica; paſſemos á Catholica, donde verdadeiros vaticinios, e myſterioſos preſagios começaraõ a fazer lugar no aſſombro, e eſtimaçaõ dos homens áquellas couſas, que por grandes ficaõ ſempre fóra da diſpoſiçaõ delles; diſpondo muitas vezes o Ceo o anticipar-lhe a veneraçaõ na figura, ou dando a entender no deſvelo a valia, a que ſobem no ſeu conceito, ou doutrinando os homens, para que o naõ façaõ taõ leve, do que talvez naõ ſentem mais que humanamente. Precederaõ aſſim áquelles mais que homens (ou elegantes, ou mudos) os brados da Providencia, abrindo-lhe caminho entre as eſtimaçoens da terra. A Samuel, e ao grande Precurſor nas vozes de hum Anjo; a Columbano, Santo Abbade, na figura de hum Sol, que illuſtrava o Mundo; a Villebrordo, Biſpo, e Santo, na fórma de huma Lua, que entre ſombras reſplandecia; a S. Domingos, antes de naſcido, na fórma de hum rafeiro (jeroglifico Apoſtolico) com huma tocha na boca, que accendida abrazava a terra; deſpois de naſcido na brilhante eſtampa de huma eſtrella, norte para buſcar o Sol, ou eſcondido ás ſombras da culpa, ou perdido aos deſatinos da cegueira.

Eſtes os deſvelos do Ceo em dar a conhecer, e a venerar os ſeus mimoſos, e os ſeus privilegiados ao Mundo; naõ faltando com os meſmos preſagios á futura producçaõ, e propagaçaõ de Religioſas Familias, como admirou o Mundo nas duas Imagens de animoſos Athlantes (eſtes foraõ Franciſco, e Domingos) applicando os hombros a todo o pezo da Igreja, inclinada a fatal ruina; viſaõ permittida pelo Ceo a Innocencio III. Pontifice Maximo, dando-lhe a conhecer, que ſeriaõ duas illuſtres Familias o duplicado arrimo, em que o myſtico Corpo da Militante Igreja deſcançaſſe, e ſe refizeſſe das forças enfraquecidas no combate das hereſias, dos peccados, e dos tempos. Naõ menos cuidado parece, que cuſtaõ á providencia de Deos as fabricas Sagradas, como berços, e como aulas, em que ſe criaõ, e adeſtraõ os eſpiritos ſeus mimoſos, e triunfadores do Mundo. Com ſimilhantes prerogativas havia eſte de admirar a nova Caſa do Sacramento; e diſpoz a Providencia, que começaſſem os vaticinios a ſer recomendaçoens para a veneraçaõ da terra, como

mo teſtemunhos do que a eſtimava o Ceo. Foy hum delles o ſeguinte.

Ficara viuva do Conde de Atouguia Dom Luiz de Ataide (o grande, o temido, o ſempre victorioſo com a eſpada, e baſtáõ, que duas vezes empunhou no Imperio do Oriente) a Condeſſa ſua mulher Dona Iſabel da Sylva, moça rica, e taõ mimoſa do Ceo, como deſenganada de que valia mais huma mortalha voluntariamente eſcolhida, que toda, e a mayor riqueza; e que huma voluntaria ſepultura era a verdadeira urna do Feniz, em que ſó ſe conſumia a idade para melhor vida. Hum, e outro intereſſe, o da ſepultura, e o da mortalha, pertendeo, e conſeguio, entrando no Moſteiro da Madre de Deos, bem celebre com o nome de obſervante; mas ao tempo que eſta Senhora diſpunha a ſua entrada, ou praticava a reſoluçaõ della, teve aviſo de huma peſſoa de grande eſpirito, que ſe diſpuzeſſe a hum certo lucro de ſua alma, eſperando por huma nova fortuna, porque tinha Deos revelado a certa peſſoa mimoſa ſua, que neſtes Reynos de Portugal ſe havia de levantar cedo hum Moſteiro do Patriarca S. Domingos em fórma de recoleta, e que as trez primeiras peſſoas, que foſſem auctoras da fundaçaõ, teriaõ trez coroas no Ceo. Naõ tardou muito a fundaçaõ deſta Caſa em auctorizar a profecia. A meſma Condeſſa a tinha communicado; teſtemunharaõ as Religioſas do Moſteiro que aſſim lho tinhaõ ouvido; guarda-ſe o teſtemunho dellas (como de peſſoas de tanta reputaçaõ) no depoſito da Caſa, ainda que ſem noticia da peſſoa, que mereceo ao Ceo aquella anticipada; porque Secretarios de ſimilhantes ſegredos fazem tanto pelos merecer, como por ſe naõ deſcobrir.

Achava-ſe em Madrid o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, no Convento de Noſſa Senhora de Atocha; era já a tempo, que tinha commiſſaõ do Reverendiſſimo para a fundaçaõ deſte Moſteiro particular, que communicava com algumas peſſoas de eſpirito; foy huma dellas o Meſtre Frey Melchior Cano, Religioſo da Ordem, de grande reputaçaõ em letras, e virtude (de cuja vida, milagres, e profecias há já Hiſtoria impreſſa) Alegrou-ſe o ſervo de Deos, e com ſingulares demonſtraçoens de alvoroço diſſe ao Meſtre Frey Joaõ que nada lhe podia dizer de mayor conſolaçaõ, porque eſtas fundaçoens novas eraõ como huns jardins de flores de inextimavel fragrancia. Naõ ſahiriaõ da boca de taõ grande eſpirito ſimilhantes palavras (e com taes circunſtancias) ſó como conjectura; parece que as podiaõ ter de profecia.

Caſo de igual ponderaçaõ ſuccedeo ao Padre Meſtre com hum Religioſo da Ordem Serafica, na ſua recoleta de Villa Franca, na meſma Provincia de Caſtella. Via-ſe affligido com alguns embaraços, que promettendo dilaçoens, parece que davaõ lúgar á contingencia na importancia da fundaçaõ, naõ perdoando elle a deſvelo para deſtruillas; e communicando o com o Religioſo, elle lhe reſpondeo de ſorte, que o Meſtre Fr. Joaõ houve de entender mais da reſpoſta;

poſta ; porque com reſoluçaõ lhe affirmou que naõ haveria embaraço, que impediſſe a fundaçaõ do Moſteiro ; paſſando a tocar algumas couſas futuras, que deſpois moſtrou o ſucceſſo o conhecimento, com que foraõ ditas: tudo pezou, e ſoube pezar o Meſtre Frey Joaõ, aſſim pela deſtreza de ſaber avaliar eſpiritos, como porque o deſte Religioſo lhe tinha grangeado naquellas partes a reputaçaõ de Santo; chamava-ſe Fr. Franciſco Malion. Aſſim parece que ſe agradava Deos daquelle pequeno rebanho, a que tinha promettido o Reyno, diſpondo tambem que cá na terra tiveſſe, como de caſa, aquelle milagre, que he o penhor delle, como ſe vio no brazaõ titular, que teve o Moſteiro, chamando-ſe Caſa *do Santiſſimo Sacramento*, com circunſtancia naõ para eſquecida.

Reſolvia-ſe o Conde de Vimioſo Dom Luiz a eſta fundaçaõ a tempo que Dona Filippa ſua irmãa (que ſe recolhera em Santa Catharina de Sena em Evora) intentava (levada de interior impulſo) paſſar-ſe á recoleta da Madre de Deos em Lisboa. Advertia-lhe o Conde ſeu irmaõ, que viſto ſe reſolver a abraçar vida auſtera, e mortificada, tinha de caſa o que podia deſejar no novo Moſteiro, de que elle era Fundador, e brevemente intentava pôr em execuçaõ : ao que reſpondeo Dona Filippa, que ella lhe dava palavra de naõ fazer outra eſcolha, ſe entreviſſe huma circunſtancia (para ella de mayor eſtima) que era o intitularſe o Moſteiro do Santiſſimo Sacramento. Eſteve pela condiçaõ o Conde, naõ obſtante o eſtar já divulgado o titulo *de Santa Catharina de Lisboa*, em reconhecimento de lhe dar aquella Santa para Fundadoras as filhas da ſua Caſa de Evora.

Era Dona Filippa de Portugal (moſtrou-o melhor deſpois no novo Moſteiro, para que veyo logo) devotiſſima daquelle mayor compendio dos milagres, Paõ dos Anjos, e dos homens ; e diſpoz o Ceo pagarlhe aquelle affecto, trazendo-a ao rebanho, a que com a ſingularidade do titulo parece que permittia, como mais proprio, aquelle ſoberano paſto para alimento de melhor vida, e ſingular patrocinio daquella Caſa ; como ſe deſempenhara agora nella o que por boca de ſeus Profetas promettera ao ſeu Povo mimoſo (naõ já o Iſraelitico, mas o Catholico, e em todo elle a eſta pequena parte da Familia de Domingos) que o que fugiſſe dos grilhoens do Mundo, viviria na Caſa do trigo Sagrado, creſcendo como fecunda vinha, e derramando por todos os ſeculos as fragrancias de ſua memoria: *Vivent tritico, & germinabunt quaſi vinea, memoria ejus, ſicut vinum Libani.* Parece que eſte foy tambem hum dos vaticinios, que quizeraõ auctorizar eſta Caſa, deſcuberto no titulo, que lhe diſpoz a Divina providencia.

Oſeæ 14. v. 8. Da Euchariſtia, e das almas, que buſcaõ a Deos, deixando os laços do Mundo. He commum nos Expoſit.

CA-

CAPITULO IV.

Vem para primeiras Fundadoras do Moſteiro, e entraõ nelle Religioſas do de Santa Catharina de Sena de Evora; da-ſe noticia de quem foraõ.

ACchava-ſe o Meſtre Frey Joaõ de Portugal ſem mais embaraço para hoſpedar naquella pobre Clauſura os eſpiritos, que ſe ſacrificaraõ a ella, que a eſcolha de primeiras Meſtras daquella nova vida. Tinha já do Reverendiſſimo Frey Jeronymo Xavier outra Patente para poder tirar de qualquer Moſteiro deſta Provincia aquellas Religioſas, que livre, e eſpontaneamente ſe offereceſſem para a nova recoleta, e para poder pôr preceitos, e cenſuras a todas, e qualquer peſſoa da Ordem, que lho embaraçaſſe, ou impediſſe, e com comiſſaõ para eleger primeira Prelada. Com eſta auctoridade tirou do religioſo, e reformado Moſteiro de Santa Catharina de Sena de Evora trez Religioſas, e huma Noviça, de tanta capacidade, que criadas naquelle berço da obſervancia ſe achavaõ com eſpirito para eſtreitalla. Eraõ Soror Iſabel de Jeſus, naõ ſó huma das mais reformadas, mas tida por mulher de vida inculpavel, e ſanta; Soror Joanna Bautiſta, com taõ bom nome de virtude, e zelo, que correndo o tempo, foy Prioreza; e Soror Filippa de Jeſus, ſua irmãa, de naõ inferiores prendas, filhas ambas de André Bugalho Sodrinho, e de Dona Damianna Pereira de Savedo; era a Noviça Filippa do Santiſſimo Sacramento, natural de Lisboa, filha de Joaõ Vaz Rebelo, e de Maria de Lemos, tudo gente conhecida, e nobre. Acompanharaõ a eſtas Leonor Pires Roſada, já viuva, filha de Antonio Roſado, e Cecilia de Soure, lavradores honrados, e ricos em S. Miguel de Machede, no termo de Evora, e huma filha ſua, Cecilia de Soure, aſſim mãy, como filha, para ſerem Converſas.

De Evora até Lisboa as acompanhou o Meſtre Frey Joaõ, e outros Religioſos graves; as duas, que haviaõ de ſer Converſas, ſe recolheraõ logo na Caſa nova para preparaçaõ, e aceyo della. As Religioſas ficaraõ no Moſteiro do Salvador, aſſim por mais viſinho ao novo, como por Caſa da Ordem, e merecedora de taes hoſpedas, por reformada, inda que já enfraquecido o primeiro vigor, em que tiveraõ poder os annos, grandes arruinadores de ſantos edificios. Alli eſtiveraõ o dia, que chegaraõ da jornada, até á tarde do ſeguinte; em que ſe recolheraõ ao novo Moſteiriñho, deixando aquella Caſa edificada, como ſaudoſa; tal era o ſeu exemplo, tal o ſeu trato! He verdadeiro iman a virtude, attrahe com brandura, ſem ainda lhe repugnar a dureza. Quanto mais, que naõ achava neſta Caſa eſtranhezas a primeira reforma, como a que já fora centro della; antes eraõ aquelles encontros poderoſos fuzis, que feriaõ frias pedorneiras a tirar faiſcas de ſanta enveja. Foy o dia em que ſe recolheraõ, o nono de Julho de 1607., e oitavo da Viſitaçaõ.

Ao ſahir do Salvador as Re-

ligioſas, deixados os habitos, que traziaõ de Evora, (como mais mimoſos, por ſerem de eſtamenha) e amortalhadas em hum burel branco, ou groſſeira grizé, toalhas de linho eſtiradas, e ſem artificio, lançaraõ compridos, e tapados veos ſobre o roſto, com que naõ ſó ſerviraõ de novo eſpectaculo ao Povo (que concorreo a vêllas) mas foraõ poucos os olhos, que lhe naõ pagaraõ em lagrimas aquelle deſengano, que lhe hiaõ dando mudas. Com a Communidade de S. Domingos concorreo muita nobreza a acompanhallas, aſſim em obſequio do Conde, como em veneraçaõ de taes hoſpedas. Recolhidas ao Moſteiro, foy a primeira acçaõ lançar o Vigario o habito ás duas Converſas. Chamou-ſe a mãy Soror Leonarda da Aſſumpçaõ, a filha Soror Cecilia dos Anjos, gente ſingela, e criada no campo, que deſpois ſe fez lugar no das virtudes, e agora o merecerá particular neſtes eſcritos. Aſſim principiou a nova recoleta com trez Profeſſas, e trez Noviças.

Mas naõ deixe de entrar nas memorias deſte dia hum ſucceſſo, que ſem duvida o deixou mais glorioſo, e o apadrinha mais lembrado. Como toda a ancia daquella ſanta familia, era verſe ſepultada, nenhum cuidado lhe levou o tratarſe como viva. Aſſim ſe recolheraõ ſem provimento para a mais limitada colaçaõ daquella noite; em Caſa naõ houve quem o diſpuzeſſe, menos de fóra quem o advertiſſe, porque o Meſtre Frey Joaõ ſe tinha recolhido ao Convento com a Communidade. Mas já eraõ aquelles eſpiritos os caſtos lirios do monte do Sacramento, que creſciaõ, e ſe alimentavaõ ſem cuidado proprio, porque o Ceo era o que ſe havia de deſvelar no ſeu ſuſtento. Parece que aſſim o moſtrou o ſucceſſo. Naõ as aſſaltou aquelle, porque naõ tinha mais que ſer anticipado aos que todas vinhaõ buſcando; foraõ-ſe ao Coro a dar graças ao Senhor por aquelle primeiro mimo; e continuaraõ-nas por outro; porque ao meſmo tempo acodindo ao final, com que chamavaõ á Portaria, acharaõ a huma mulher de eſtado humilde, que viſinha ao Moſteiro, e affeiçoada á nova viſinhança (tal era ſeu bom coraçaõ, e ſingeleza) vinha ſaber ſe neceſſitavaõ de alguma couſa. Soube da falta, e com boa diligencia lhe trouxe algum paõ, acompanhado de couſa taõ ligeira, como buſcada áquella hora.

Acervus tritici vallatus liliis Cant. 7. 2. Conſiderate lilia quomodo creſcunt, non laborant. Luc. 12. 27.

Aſſim hoſpedou Deos aquella noite as novas eſpoſas em ſua Caſa, como dando lhes a entender que já começavaõ a gaſtar do dote da pobreza. Chamava-ſe a mulher Domingas Franciſca, que (como ſe a penuria ſoubeſſe ſer negaça) naõ ſahio mais da Portaria, deixando ſua caſa pelo intereſſe de ſervir neſta; o que fez em quanto lhe durou a vida, deixando ao Moſteiro por ſua morte huma herança taõ pobre, que ſó lhe deu aquelle nome a vontade. No dia ſeguinte á entrada, ſe expoz o Santiſſimo na ſua Ermida com Miſſa cantada, e Sermaõ, que ſervio aſſim de edificar os ouvintes, como de accender os coraçoens das novas obſervantes, para dar graças

ças ao Ceo de ſe verem no centro daquelles eſpinhos, que elle ſabe trocar em flores, para immortaes grinaldas de eſpiritos penitentes.

Eſtes foraõ os pequenos alicerces, de que começou a creſcer o grande edificio, que taõ brevemente ſe aviſinhou ao Ceo; eſte o myſterioſo, e apoucado graõ de moſtarda, ſemeado naquelle cantinho da terra, de que brotou a fermoſa arvore da obſervancia Dominicana, em cujos ramos começaraõ a fazer voluntaria habitaçaõ tantas aves celeſtes, ou tantos eſpiritos obedientes. Finalmente eſte o pequeno, mas Real cubiculo, em que o Eſpoſo Rey introduzio as almas juſtas, banqueteando-as com a mais ſuave das iguarias, dando-lhes ſeu Corpo para ſuſtento, e a Caſa da Euchariſtia para domicilio, de que póde jactar-ſe entre perennes jubilos eſte Sagrado Coro de eſpoſas, lembrando-lhes eſte dia, como o em que receberaõ da liberalidade do Eſpoſo taõ ſinalada fineza: *Introduxit me Rex in cellaria ſua: exultabimus, & lætabimur in te, memores uberum tuorum.* Cant. 1.

CAPITULO V.

Elege-ſe a primeira Prioreza do Moſteiro, acodem Religioſas de outros, tomaõ o habito Dona Filippa de Portugal, e a Condeſſa Fundadora.

ERa tempo de dar Cabeça áquelle corpo myſtico (ainda que pequeno) para que começaſſe a reſpirar nelle a nova vida da obſervancia nos exercicios da obediencia. Havia de ſer a primeira Prioreza creaçaõ do Padre Meſtre Frey Joaõ, como verdadeiro, e abſoluto Vigario da Caſa neſta Provincia; naõ lhe dava cuidado o buſcar, ſenaõ o eſcolher: aſſim eraõ iguais as virtudes, e as capacidades das novas ſubditas para a prelazia, que ſó a humildade religioſa, e obſervante, emmudeceria a queixa ao merecimento das deixadas, e ſó a obediencia levantaria a mayor lugar a preferida. Foy eſta a Madre Sor Iſabel de Jeſus, naõ ſó por mais antiga, mas por dotada de huma ſingular ſingeleza, e brandura, partes grandes fomentadoras de novas reformas, e muito a propoſito para levar adiante o rigor dellas, ſuavizado no genio tratavel de quem mandando para deſempenhar o cargo, acompanha para facilitar com o exemplo.

Já começavaõ de levantarſe as vozes do que davaõ as novas obſervantes, naõ ſó eſpalhadas pelos ouvidos da Corte, mas recebidas, e bem aceitas nos dos outros Moſteiros, ſoando mais perſuaſivas nos coraçoens das mais reformadas nelles. Viraõ-ſe notaveis effeitos; do da Annunciada (tambem da Religiaõ, e hum dos mais graves, e reformados della) ſahio Soror Victoria da Cruz, trazida de ſanta emulaçaõ de querer tambem pizar aquelle novo atalho, que na terra ſe tinha deſcuberto para o Ceo. Do de Aveiro trouxe a meſma reſoluçaõ a Madre Sor Catharina dos Martyres; e naõ ſendo menos efficaz nos pertos, que nos longes aquelle mudo pregáõ da virtude, apreſſou a Dona Filippa de

de Portugal, irmãa do Conde Fundador Dom Luiz, para entrar por aquellas pobres, mas venturoſas portas, taõ deſpida do que lhe podia offerecer, e tinha offerecido o Mundo, como acompanhada do muito que lhe dera o Ceo, naõ ſendo o de menos valor hum claro, e comprehenſivo entendimento, com baſtante noticia da Latinidade, de que ſe valeo para a das Eſcrituras, de que tirou o tema, que neſta occaſiaõ deu ao Meſtre Vigario para a Pratica, que lhe fez na entrada. Foy o verſo 13. do Pſalmo 65. *Introibo in domum tuam in holocauſtis: reddam tibi vota mea, quæ diſtinxerunt labia mea.* Como ſe diſſera: *Entrarey Senhor, a ſer victima nos Altares de voſſa Caſa, e deſempenharey com voſco a minha promeſſa.* A que tinha feito (atraz fica dito) de entrar neſta Caſa, vinha cumprir agora com tanto alvoroço, como quem aſſim eſtendia os olhos á paga, que eſperava, como os paſſos á que fazia.

Naõ ſofriaõ os Condes Fundadores ver que ſe lhe foſſem adiantando aquelles eſpiritos, a que talvez a ſua reſoluçaõ dera exemplo; já lhes parecia omiſſaõ o naõ tomallo, ſem ſe quererem valer para a deſculpa de detidos, da de irem rompendo o caminho por entre embaraços. Parecia-lhes contemporizar com o Mundo, o eſcutar aquelles, ainda as mais reconhecidas difficuldades; romperaõ hum dia com todas, e mandando levantar antemanhãa toda a familia, recolhidos com ella a hum Oratorio, e feita oraçaõ, abraçada a Condeſſa com huma cruz, e naõ maons hum Roſario, voltando-ſe aos filhos com hum animo varonil, e eſpirito abrazado (de que pareciaõ faiſcas as palavras) lhes diſſe as ſimilhantes palavras:

Bem ſey que o Mundo chamará a eſta reſoluçaõ deſpego; e naõ deixara eu de conſentir na opiniaõ do Mundo, ſe as luzes de Catholica me naõ enſinaraõ, que ſendo Deos o centro das creaturas, nunca obraõ ellas com mais razaõ, que quando buſcaõ eſte centro. Sey que vós outros ſois pedaços da alma; e querer ſalvar eſte todo, nunca póde ſer violencia para as partes delle. Deixarvos, por buſcar a Deos, he porvos nas maons de Deos; e melhorarvos de pay, naõ he privarvos de mãy. Em naõ teres na mãy a aſſiſtencia, tendes no pay o remedio; e naõ hides a perder nada, ſe he á cuſta de grangear tanto. Deos, que vos tira dos meus braços, he para vós naõ tirar dos ſeus olhos; vede lá quanto mais valem os ſeus olhos, que os meus braços. Naõ podeis duvidar aquelle mimo, ſe olhais para a minha reſoluçaõ; porque, ſendo Deos taõ juſto, e taõ igual, nada perderey por amor delle, que elle naõ conſerve por amor de mim. Lembrevos que vos criey com todos os deſvelos de mãy; ſó o voſſo procedimento quero por paga deſte trabalho; e ſe o voſſo naſcimento, e o voſſo enſino vos executaõ a ſer bem procedidos para o Mundo, hoje, para que o ſejais para Deos, vos dá o meu exemplo melhor enſino. Naõ podia eu fazer mais com aſſiſtirvos, do que o que faço em deixarvos; que o que vay de enſinarvos a agradar ao Mundo a ſervir a Deos, he o que vay do enſino, que já vos dey, ao exemplo, que hoje vos dou: e ſe vos deixo melhor

lhor enſino neſte exemplo, muito melhor mãy vos eſcolho quando vos deixo. A Virgem do Roſario he voſſa mãy; iſto quero que vos lembre deſta deſpedida: que com o Roſario na maõ vos lancey a ultima bençaõ. Façavos a minha lembrança devotos; que a ſua devoçaõ vos fará ſeus filhos. Lembrevos que ſois irmaons, e Catholicos, para que vos ameis huns aos outros, e todos a Deos. Elle, que me leva dos voſſos olhos, permittirá que os meus vos vejaõ em ſua preſença. Eſpero que façais por merecella, e que eſte ſacrificio me facilite o caminho, por que a buſco. Filhos, ficay, a Deos!

Aſſim callou, que já os olhos ſe lhe começavaõ a humedecer aos gritos do ſangue, eſcutados com eſtranheza da reſoluçaõ, e da conſtancia. Com a meſma voltou ao Conde (que tambem a eſcutava) e deſpedindo ſe delle com huma inclinaçaõ, paſſou a meterſe em hum coche com ſeus dous cunhados o Meſtre Frey Joaõ, e Dom Nuno Alvares de Portugal. Era o caminho, que levavaõ, de Sacavem para Lisboa: e querendo o Meſtre Frey Joaõ paſſallo, confirmando a acçaõ da Condeſſa, advertindo-lhe que parentes do Mundo (dizia-o eſpecialmente por ſeu pay, e ſeu tio) ſobejavaõ a quem hia buſcar a fraternidade religioſa, onde ſe naõ reconhecia mais pay, que Deos, que o era verdadeiro, accendida ella em hum novo fervor, rompeo aſſim o ſilencio:

Que me querem meus parentes? Satisfazellos hey a elles, deſobedecendo a Deos? A Deos, que me chama, e obriga com tanta efficacia, que ſempre conhecia que era impoſſivel a reſiſtencia; e naõ cuidey alguma hora em fazella, que me naõ aſſaltaſſe a medonha repreſentaçaõ de hum grande, e eſcuro poço, que diante dos olhos ſe me abria com hum ameaçador, e profundo Inferno. Pois ſe a diſpoſiçaõ he Divina, como chamaõ a iſto culpa, e minha? Cuſteme embora o paſſar a vida em deſconſolaçoens, e em lagrimas a repreſentaçaõ inculpavel, e natural (que bem ſey que ſou humana) de deixar o Conde, e meus filhos (que em fim ſaõ pedaços do coraçaõ). Deos, que o eſtá vendo, me dará conſtancia, e eſta a coroa. Se viver chorando, morrerey rindo.

Com ſimilhantes praticas, fomentadas do grande eſpirito do Meſtre Frey Joaõ, chegaraõ a Lisboa, buſcaraõ o Moſteiro, e entrou a Condeſſa recebida nos braços, e alvoroços daquella ſanta companhia, ſendo mais poderoſa a edificaçaõ de a ver, e a ouvir, para lhe ſoltar as lagrimas, que a dor, com que a natureza havia taõ pouco a convidou a ellas. Mas antes que vejamos a Condeſſa abraçando eſta ſuſpirada mortalha, naõ he para eſquecida a advertencia de que fundado, e dotado eſte Moſteiro pelos Condes, e pertencendo-lhes o titulo de Padroeiros, e a Capella môr delle, entendendo que eſta ſuperioridade ſeria embaraço para que algumas familias nobres ſe naõ recolheſſem no Moſteiro, fizeraõ generoſamente deſiſtencia de tudo, como conſta de huma Eſcritura (que por dilatada a eſcuſamos deſta) feita aos 18. dias de Julho de 1607., e ſe guarda no Moſteiro; em que explicaõ

que

que a nenhuma peſſoa, de qualquer qualidade, ſe dê o dito titulo, ou Capella môr, e ſepultura nella; o que feito, tornará á Caſa dos Coodes o padroado.

Dilatouſe por alguns dias que a Condeſſa tomaſſe o habito (eraõ eſperanças de que ſe reduziſſe ao conſentimento o Conde ſeu pay, e o Arcebiſpo de Lisboa ſeu tio) mas, ainda que ſem elle, começou logo a provar a maõ nos empregos da humildade, ſervindo na coſinha, e maïs officinas do Moſteiro com tanto goſto, como ſe andara merecendo o executallo por preceito. Naõ lhe tardou muito: tomou o habito em 23. de Agoſto de 1607. Chamouſe Soror Joanna do Roſario, e começou logo a tratar-ſe como eſcrava na meſma Caſa, em que era Senhora; mas taõ contente, e ſatisfeita, como quem alcançava que naquella mortalha, que a cingia, eſtavaõ as mantilhas em que começava felizmente a reſpirar para a immortalidade. Já conhecia berço o que lavrara ſepultura; porque já fóra do Mundo entendia ás veſſas do que elle enſina. Como diria que fabricava berço para melhor vida quem viſſe a Feniz ajuntando os materiaes odoriferos para a fogueira? Aos rayos do Sol fabrica eſte Altar, como ſe feridos dos ſeus rayos, ſe lhe abriſſem os olhos, para conhecer, e diligenciar aquelle venturoſo futuro. Sobre o Altar, que Sor Joanna levantara ao Sol Euchariſtico, ſe começava a abrazar Feniz entre as lavaredas, que o meſmo Sol lhe ateara no peito; e já parece que dizia illuſtrada, que no ninho, que edificara, acabaria a vida para multiplicalla diſcreta, e venturoſa Feniz. Permitta-ſeme eſta breve reflexaõ, onde o grande da materia podia diſpenſar com o deſpido da Hiſtoria, o raro ſuſpender a velocidade da penna. In nidulo meo moriar: & ſicut Phenix multiplicabo dies meos Job. 29. 11.

Naõ foy menos prompto, e exacto o Conde (já neſte particular fica neſtes eſcritos noticia delle) porque ſem liberdade para pôr em execuçaõ o ſeu voto, como ligado á ſatisfaçaõ de algumas dividas, ſe retirou á recoleta de Bemfica. Compoſtas ellas, tomou o habito em Almada. Aſſim ficaraõ eſtes Senhores offerecendo a Deos hum Templo, e dous ſacrificios. Aquelle de ſuas fazendas, eſtes de ſuas peſſoas.

CAPITULO VI.

Moſtra-ſe a ſeparaçaõ, que eſte Moſteiro tem da Provincia, com ſogeiçaõ immediata ao Geral da Ordem.

SUppoſto vermos já o Moſteiro na ſó povoado, mas correndo com toda a obſervancia, e a mayor da Provincia, naõ parecerá eſcuſada noticia (como circunſtancia conſervadora daquella obſervancia) o moſtrar como he ſogeito immediatamente ao Geral, com Vigario dado por elle, e independente dos Provinciaes da Provincia; eſta ſingularidade, e privilegio lhe alcançou o Meſtre Frey Joaõ ſeu Fundador, em nome dos Condes, ſendo elle o primeiro Vigario, que reconheceo a Caſa, com poderes para fundaçaõ, e adminiſtraçaõ della, como conſta da Paten-

Patente do Reverendiſſimo Xavier.

Aſſim começou o Meſtre Fr. Joaõ a executar o officio de independente. Eſcolheo para Confeſſor das Religioſas o Meſtre Frey Aleixo de Setuval (Religioſo exemplar de conhecidas letras , e opiniaõ de virtude) que deſpois de ſervir a Deos, e a Religiaõ na converſaõ das almas na India , voltou para a Provincia , como benemerito filho della. Fez Capellaõ ; e como Prelado de todos , viſitava aſſim Frades, como Freiras, punha preceitos, e cenſuras , miniſtrava todos os Sacramentos , recebia ao habito, fazia profiſſoens , confirmava Preladas , e delegava poderes, como lhe ſuccedeo em trez annos , que foy Prior de Bemfica , e dous, que gaſtou na Corte de Madrid (a que foy a importancias mayores) deixando em ſeu lugar ao Confeſſor, com algumas limitaçoens no poder, como naõ fazer outro Confeſſor ordinario, naõ viſitar , naõ pôr preceitos, naõ receber ao habito , naõ fazer profiſſoens.

Mas nada baſtava à callar os eſcrupulos (guiados difficilmente de bom zelo , onde a materia trazia comſigo , quando naõ lucro, ao menos reſpeito) que inſtavaõ em que já ſe devia entregar a adminiſtraçaõ do Moſteiro aos Provinciaes da Provincia, como fundado nos deſtrictos della, explicavaõ , que a Patente do Vigario eſpirara com a fundaçaõ , que naõ tinha aquelle tantos poderes como exercitava , porque nem os Provinciaes os tinhaõ taõ amplos, e abſolutos.

Eſtas as inſtancias ; mas eraõ taõ claras as repoſtas , que bem moſtravaõ , que o eſcrupulo tinha mais de enveja , que de duvida , e o abraçarſe com ella , menos de zelo , que de teima. Quanto a que o Moſteiro pertencia ao Prelados da Provincia , por fundado nos deſtrictos della, era falſo , porque Prelados de Religioens naõ tem deſtrictos como Biſpos , e eſtes muitas vezes ſaõ nacionaes , e naõ locaes. Mas melhor exemplo em Napoles, onde a Provincia de Lombardia tem Conventos , que governa. Eſpirarem os poderes da Patente com a fundaçaõ , fora a declararſe aſſim naquella , e naõ vindo abſoluta, quando naõ quizeſſe recorrer o Vigario a que ainda reſtava a fundaçaõ do Moſteiro , porque até alli era huma Caſa de empreſtimo. Aos poderes amplos póde dallos o Geral , e aos delegados coſtuma dar todos os que pertencem á fundaçaõ , que ſe intenta , exceptuando os que expreſſamente limita.

Mas com o Padre Meſtre Frey Joaõ naõ queria , que a virtude andaſſe em opinioens , e diſputas , onde cada hum havia de ſuſtentar a ſua duvida , ou por capricho , ou por reſpeito, recorreo ao Geral (era o Meſtre Frey Agoſtinho Galatino, ſucceſſor do Xavier) que por Patente ſua , expedida em 29. de Dezembro de 1609. confirmou a paſſada, mandando, que continuaſſe com o meſmo eſtylo de governo até alli. Huma, e outra Patente confirmou o Colleitor por huma Proviſaõ (que para mayor prova vay aqui lançada) e traduzida, vem a dizer :

Octavio Accorombono, por mercê de Deos, e da Santa Sé Apoſtolica, Biſpo de Foſſombruno, Colleitor Geral, e Apoſtolico, com poderes de Nuncio neſtes Reynos, e Senhorios de Portugal. A quantos eſta Proviſaõ virem, fazemos a ſaber, que havendo reſpeito ao que a Madre Prioreza, e as Religioſas do Moſteiro do Santiſſimo Sacramento dizem, e outro ſi, o que o Reverendo Padre Provincial da Ordem de S. Domingos, neſta Provincia de Portugal, dá em repoſta, auctoritate Apoſtolica *a nós concedida, e de que uſamos neſta parte, confirmamos, e approvamos as Patentes, que os Reverendiſſimos Padres Geraes da dita Ordem, em favor do Reverendo Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, ſobre a fundaçaõ, inſtrucçaõ, adminiſtraçaõ, e governo do dito Moſteiro paſſaraõ; e mandamos em virtude de Santa obediencia, e ſob pena de excommunhaõ* ipſo facto incurrenda, *aos inferiores dos ditos Padres Geraes, a que pertencer, e a cada hum delles* in ſolidum, *naõ encontrem em modo algum as ditas Patentes, por ſi, ou por outrem*, directe, vel indirecte; *antes em tudo as cumpraõ, e guardem, e façaõ inteiramente cumprir, e guardar, como nellas ſe contém. O que tambem o dito Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, debaixo das meſmas cenſuras, cumprirá, e guardará, como fez até o preſente. Dada em Lisboa ſob noſſo ſinal, e ſello, aos* 17. *dias do mez de Dezembro de* 1615.

Octavio Accorombono Biſpo Foſſombruno.

Vindo deſpois o Reverendiſſimo Frey Serafino Silo viſitar eſta Provincia de Portugal, e celebrar Capitulo geral no Convento de Lisboa em 1618., tornaraõ alguns Religioſos a propor as meſmas duvidas ſobre eſte Moſteiro, e ſeu Vigario. Viſitou-o o Geral, e tocando com a experiencia a refórma, e eſtylo de vida, e governo de ſeu Vigario, mandou pôr as duvidas em perpetuo ſilencio, e que o governo foſſe continuando, accreſcentando por nova Patente, que ſuccedendo falecer o Vigario, ou tirarſe por algum incidente, o Confeſſor continuaſſe no governo, até o Geral prover de Prelado novo.

O

O Geral Marinis concedeo, e ordenou depois o meſmo.

Correndo o tempo, eleito Biſpo de Viſeu o Meſtre Frey Jaõ, e ſuccedendo-lhe na Vigairaria o Meſtre Frey André de Santo Thomaz, naõ baſtaraõ todas ſuas letras (que eraõ grandes, e bem conhecidas) a reſgatallo dos antigos eſcrupulos na adminiſtraçaõ do Moſteiro, independente da Provincia; ou porque olhava menos para o que ſabia, que para ſua conſciencia, ou porque a pouca ancia de governar o levava a reconhecer embaraços donde os naõ havia. Recorreo ao Colleitor (era neſte tempo Joaõ Bautiſta Paloto, que depois foy Cardeal) que ſatisfazendo-lhe ao eſcrupulo, o mandou continuar no governo. Delle o tiraraõ para Lente de Prima da Univerſidade de Coimbra, e em ſeu lugar foy eleito o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, por Patente do Reverendiſſimo Rodulfo, em 27. de Março de 1635. eſtendendo-lhe o poder a reformar o Moſteiro, ſe foſſe neceſſario, e a fazer (ſendo aſſim conveniente) Viſitadores alguns Religioſos graves.

Deſtas reſoluçoens, e Patentes conſta bem, como a eleiçaõ de Vigario, com poder amplo, iſençaõ, e governo de Moſteiro, he tudo firme, como reconhecido, e confirmado por quatro Geraes, moſtrando bem o acerto de ſe conſervar neſte privilegio a continuada reforma, e obſervancia, ſem afrouxar por eſpaço de quaſi hum ſeculo, até o tempo, que eſcrevemos, antes avultando, e florecendo como Seminario de virtudes, e fecundo campo de caſtiſſimas flores, leito, em que deſcançava o Sagrado Eſpoſo das Virgens, horto fechado, em que ſe apaſcenta o Cordeiro Euchariſtico, venerado dos tempos, como eterno depoſito da primeira graça.

CAPITULO VII.

Da Madre Soror Iſabel de Jeſus, huma das Fundadoras, e primeira Prioreza deſte Moſteiro.

COnhecida já a exacta obſervancia deſta Caſa (reſtauradora neſtes ultimos tempos daquella primeira, com que o grande Patriarcha deſta Familia deu principio á Clauſura de ſuas filhas de S. Xiſto em Roma) ſegue-ſe a noticia das venturoſas povoadoras della, em quanto nos naõ chama a obrigaçaõ de deſcrever a em que ſe melhoraraõ de vivenda, por ſer preciſo o ir eſta memoria no meſmo lugar, e anno, em que ſe lhe acabou a vida. Foy a Madre Soror Iſabel filha do Doutor Franciſco Nogueira de Brito, e de Cecilia de Soure Cogominha, naſcida, e criada em Evora, berço naõ menos de ſua vida, que de ſua virtude. Aſſim madrugou o Ceo a encaminhalla para ſi, e por hum taõ novo caminho, que dandolhe hum genio brando, e affeiçoado áquellas couſas, em que elle coſtuma criar huma eſtampa ſua (na natural perfeiçaõ da fermoſura) eſta a levou a ſaber eſtimar a verdadeira.

Sendo muito menina, e vendo em caſa a Imagem de hum Chriſto crucificado (e notavel

fermoſura da Imagem) aſſim ſe cativou daquella fermoſura, que nada lhe levava mais os olhos, e os agrados, que ella. Seria herança daquelle grande filho do meſmo pay, o Taumaturgo de Entre-Douro, e Minho, que dos braços da ama paſſava com ancia aos de hum Crucifixo, bebendo pelos olhos naquelle Sagrado ſangue melhor vida, que a que deſprezava no leite. Creſceo com os annos em Soror Iſabel o conhecimento, entrou o da Fé no da doutrina Chriſtãa, e alcançou della, que aquelle era o retrato do mais fermoſo entre os filhos dos homens, e que aquella era a repreſentaçaõ da fórma, em que dera a vida por elles.

Paſſou-ſe à ſympatia a razaõ, o genio a agradecimento, com huma taõ ſanta tenacidade de querer, e contemplar a ſobrenatural fermoſura, que alli ſe repreſentava, que fazia muito por eſtar ſó, ou em ſilencio (na occupaçaõ honeſta da ſua almofada) por ſe lhe repreſentar, que alli merecia affagos, e favores daquelle Eſpoſo, que eſtava com os braços abertos para elles (aſſim o contou com ſingular ſingeleza, ſendo já Religioſa, a huma de conhecido nome, com quem praticava couſas de ſeu eſpirito). Naõ ſofreo o de Soror Iſabel o dilatar a maõ de eſpoſa a quem eſtendia o braço para lhe dar a ſua, e nella a melhor coroa ; celebrou os deſpoſorios, tomando o habito em Santa Catharina de Evora. Alli começou a goſtar com mais ſocego das ſuavidades da vida contemplativa: achavaſe no centro, porque aſſim começara a reſpirar a ſua, e aſſim ſe lhe trocou nella a contemplaçaõ em natureza, porque tiradas as horas do Coro, e preciſas obrigaçoens do Moſteiro, o mais do dia paſſava em oraçaõ, eſtendendo-a á mayor parte da noite.

Com o cargo, e obrigaçoens de Prelada (paſſada a eſte Moſteiro novo) perdia com magoa ſua muita parte deſta delicia de ſeu eſpirito, e aſſim ſe deixava levar deſte ſanto ſocego delle para o recolhimento, e pouco trato (inda do que tocava ao commodo humano da Caſa) que advertindo-lhe o ſeu Vigario o Meſtre Frey Joaõ (que ſabia muito de ſua conſciencia) *Que era neceſſario, que a Prelada foſſe menos recolhida, aſſim para examinar, e remediar defeitos, como para ſer exemplar de perfeiçoens, para que as Religioſas olhaſſem, naõ ſó como ſubditas, mas como diſcipulas* : reſpondia ella com humildade, e ſingeleza : *Eu bem proteſtey a Voſſa Paternidade, que era huma bruta : e Voſſa Paternidade me diſſe, que á ſua conta tomava o encaminharme ; veja como ſou incapaz, que naõ ſey aprender, quanto mais enſinar* ? Aſſim moſtrava moleſtia, quando lhe lembravaõ o nome de Prelada, reſpondendo ás Freiras : *Anday, anday, que eu naõ ſou Prioreza ; ſou huma brutinha.*

Raro ſobre tudo era o ſeu ſilencio ; o amor deſte lhe fazia ainda mais penoſo o officio, que naõ ſó a tirava muitas vezes da cella, mas a obrigava a fallar em couſas pertencentes á Caſa. Como para ella naõ havia mais vida, que a do eſpirito, naõ reconhecia mais idioma, que o do ſilencio. Caritativa,

tiva, naõ havia miſeria, ou deſamparo do proximo, que lhe naõ feriſſe o coraçaõ; aſſim parece, que lhe eſtalava eſte, ou lhe naõ cabia no peito, com a ancia de pedir a Deos por alguma neceſſidade, e muito mais de eſpirito. Dizia, (e bem) que eſta era mayor importancia. Se da parte de Deos ſe lhe pedia, toda a ſua affliçaõ era o imaginar-ſe indigna de eſcutada, obrigada a naõ faltar ao reſpeito, por que ſe lhe pedia. Teſtemunhava o ſeu Confeſſor deſta penoſa batalha de ſua alma.

Se compaſſiva, naõ eſcutava miſerias ſem lagrimas nos olhos, naõ os punha nunca ſem ellas nas pinturas, ou Sagradas Imagens da Paixaõ de Chriſto; mas comſigno taõ eſquiva, e auſtera, que coſtumava dizer, que naõ ſabia como havia de morrer, porque naõ tinha neceſſidade alguma, em que Deos lhe provaſſe a paciencia; que o ſuſtento era bom, e ſem falta (eſte nome dava á pobre refeiçaõ religioſa de peſcado, e hervas, aquelle commummente ſeco, eſtas, poucas vezes mimoſas) que andava contente, e abaſtada, que aſſim mal ſe podia conſumir a vida. Era a ſua ancia, que ella ſe lhe acabaſſe, e julgava, que naquelle trato tinha largo arrimo, como ſe ella com o jejum, a oraçaõ, e a diſciplina, tudo continuado, ſe naõ foſſe enfraquecendo; mas pagava-lhe Deos eſta alegria, com que vivia rica na pobreza de ſua caſa, com as eſpirituaes conſolaçoens, de que ſempre abundou eſta.

Vivia ainda eſta Madre na de Santa Catharina de Sena de Evora, onde tambem eraõ Religioſas as irmãas do Meſtre Frey Joaõ de Portugal, que de huma grave enfermidade eſtava em Lisboa ſem eſperanças de vida. Choravaõ as deſconſoladas irmãas, eſperando cada hora a ultima noticia, quando entra por huma caſa, em que eſtava huma dellas (a Madre Soror Joanna Bautiſta) a Madre Soror Iſabel, que com extraordinaria alegria repetia muitas vezes: *Vida, vida, ha de viver, ha de viver.* Tinhalhe pedido muito a Madre Soror Joanna, que encomendaſſe a Deos a ſaude de ſeu irmaõ; parecialhe eſtylo de quem lhe metia animo de naõ eſperar más novas, mas inſtava com ella, que lhe explicaſſe a cauſa de taõ alegre, e repentina promeſſa. *Sabey* (lhe reſpondeo a Madre Soror Iſabel mais de ſingela, que de importunada, ou porque permittio Deos, que ſe ſoubeſſe aquelle favor, que fizera á ſua ſerva) *que eſtando no Coro ſó, e em Oraçaõ, ouvi dizer claramente: Caſtigans caſtigavit me Dominus, & morti non tradidit me.* (He o verſo 18. do Pſalmo 117., e val tanto como: *Caſtigoume o Senhor, caſtigandome; mas naõ me entregou nas maons da morte*). Succedeo aſſim; melhorou o irmaõ Frey Joaõ deſde aquelle dia, de que naõ tardou a nova.

Mas mayor favor o que o Senhor lhe fez em outra occaſiaõ na meſma Caſa. Achavaõſe nella enfermas, e perigoſas as duas irmãas do Meſtre Frey Joaõ (que deſpois, como fica ja advertido, vieraõ para Fundadoras deſte Moſteiro) as Madres Soror Joanna Bautiſta, e Soror Filippa de Jeſus; aſſiſtialhes

lhes na doença outra irmãa, tambem Religioſa, a Madre Soror Maria Pereira. Laſtimava-ſe Soror Iſabel, e ſentia o privalla Deos de duas amigas de grande eſpirito, e com quem aliviava o ſeu; aſſim pedia ao Senhor com lagrimas, e larga oraçaõ pela ſaude de huma, e outra, quando no mayor fervor della ouve em eſpirito, que morreria Soror Joanna. Entriſteceoſe muito, e com grande afliçaõ de ſua alma inſtava com Deos, que o naõ permittiſſe; que lhe déſſe vida, allegando as grandes prendas de zelo, e Religiaõ, de que era dotada. Reſpondeolhe o Senhor: *Que ſe viveſſe Soror Joanna, morreria a outra irmãa Soror Filippa. Naõ Senhor* (tornou Soror Iſabel com ancioſa efficacia) *nem Soror Filippa ha de morrer, que com a ſua voz* (era fermoſa, e ſuave a deſta Madre) *vos louva no Coro, e faz devoçaõ a quem a ouve nelle. Morrerá logo Maria:* (tornou o Senhor) era eſta a outra irmãa, que com boa ſaude aſſiſtia entaõ ás duas doentes. Eſtava a Madre Soror Iſabel afflictiſſima, e confuſa das replicas, que tinha poſto, e como convencida de ſua humildade, lançando-ſe por terra, e pondo nella a boca, poz na diſpoſiçaõ do Senhor tudo o que pedia.

Convaleceraõ logo as duas irmãas, e cahio gravemente a outra Soror Maria, que dentro em 15. dias faleceo. Entriſteciaõ-ſe muito as convalecidas, e praticando hum dia com a Madre Soror Iſabel, lhes diſſe com ſanta ſingeleza: *Anday, anday, naõ ſejais ſimplez* (palavras ſuas) *que vós ambas havieis de morrer; day graças a Deos, que vos deu vida, ſó para o ſervir.* Aſſim lhes contou o que lhe ſuccedera para conſolaçaõ ſua. Tal era a candidez de ſeu coraçaõ, e tal a opiniaõ, que lhe tinha grangeado, que já entendiaõ, que o que revelava, era porque Deos lho permittia, para gloria ſua, e honra de ſua ſerva.

Convalecia Dona Filippa de Portugal, irmãa do Conde de Vimioſo Dom Luiz (de que agora fallamos) ainda eſtava no ſeculo, e ao preſente com o Conde ſeu irmaõ em huma quinta ſua no termo de Evora. Fora arriſcada a doença, era a convalecença vagaroſa; eſcreveolhe a Madre Soror Iſabel (conheciaõ-ſe, e tratavaõ-ſe com aquella grande ſympathia de eſpiritos, que naõ tem commercio, que naõ ſeja para melhoras delle) que eſperava em Deos, que lhe continuaſſe a melhora, e a vida, como quem lha guardava para huma Clauſura da Ordem de S. Domingos. Teve Dona Filippa por graça a circunſtancia da promeſſa, porque ſe achava ao meſmo tempo com licença do Provincial de S. Franciſco para tomar o habito no ſeu Moſteiro da Madre de Deos, e naõ menos o conſentimento do Conde ſeu irmaõ, a quem ainda naõ vinha á imaginaçaõ o fundar eſte Moſteiro: mas ao que crê a piedade, e deſpois favoreceo o ſucceſſo, tomando Dona Filippa nelle o habito, ſem duvida illuſtrou Deos ſua ſerva com eſte anticipado conhecimento.

Teve-o taõ bem de ſua morte com naõ menos raras circunſtancias: era já neſta Caſa naõ

ſó

ſó Religioſa, mas Meſtra de Noviças a meſma Dona Filippa de Portugal, agora Soror Filippa de Jeſus Maria, na ſegunda vez, que a Madre Soror Iſabel era Prioreza nella. Adoeceraõ ambas, e gravemente, quando amanhece hum dia a Madre Soror Iſabel com huma deſuſada alegria, e chamando algumas Religioſas (eraõ as principaes as Madres Soror Joanna Bautiſta, e Soror Joanna do Roſario) lhes diz, que a Madre Soror Filippa ha de viver, porque ouvira claramente dizer aquella noite: *Filippa viva*, a tempo que aſſim o pedia a Deos. O meſmo ſegurou ao Vigario o Meſtre Frey Joaõ, que áquella hora entrava a confeſſalla, e perguntandolhe elle, ſe ella viviria tambem, reſpondeo: *Que tres vezes ouvira*: *Tu haſde morrer.* Pedialhe o Meſtre Frey Joaõ, que naõ deſamparaſſe taõ depreſſa aquella Caſa, que para ſeus augmentos neceſſitava de ſua vida, e que bem podia pedir a Deos com eſte fim a conſervaçaõ della. *Façaſe a vontade de Deos* (reſpondeo) *ainda que he verdade, que naõ deſejo vello.* E ſuſpendendo-ſe hum pouco, accreſcentou: *Per ignem, & aquam*, como ſe quizera moſtrar, que naõ preſumia de ſó paſſar áquelle gozo ſem experimentar os rigores do Purgatorio; ſendo, que na eſperança de ver a Deos (aſſim o referia, e teſtemunhava o Meſtre Frey Joaõ ſeu Confeſſor) eſtava como certa, e fallava como ſegura, como ſe lho revelara.

Recebeo aquelle meſmo dia o Viatico com juizo perfeito, e demonſtraçoens de grande jubilo. Pediaõ-lhe as Religioſas, que lhes diſſeſſe alguma couſa, com que as conſolaſſe, já que as deixava. Reſpondeolhes, *que tinhaõ grande cauſa de conſolaçaõ, porque aquelle ſeu Moſteiro creſceria muito, e brevemente, aſſim no temporal, como no eſpiritual.* (e aſſim ſe vio). Ficou logo em hum ſocegado ſilencio, como ſe o Ceo lhe quizeſſe pagar o que tanto guardara em vida, repreſentandolhe as ſuavidades daquella, a que paſſava. Aſſim eſteve, como extatica, dous dias, no cabo delles lhe deraõ a Unçaõ, e ella a alma a ſeu Creador placidamente, em 21. de Dezembro de 1611. naõ tardando o Ceo em moſtrar, que lha dera, e o Senhor a ella, a melhor, e verdadeira vida, que já vivia.

Era a irmãa Converſa Soror Leonor da Aſſumpçaõ, ſobrinha ſua, e boa diſcipula de ſeu exemplo; as obrigaçoens do ſangue, e do habito, as ſaudades da companhia, e do enſino, a levavaõ á ſepultura da boa tia, pedindo a Deos, como podia, pelo deſcanço de ſua alma, quando huma noite (poucos dias deſpois de ſua morte) lhe apparece a meſma Madre, veſtida naõ já em pano groſſeiro, mas em hum habito branquiſſimo, lançado ſobre a toalha, e eſcapulario hum Roſario, de que eraõ contas flores cheirоſas, e exquiſitas. Aſſuſtouſe Soror Leonor á primeira viſta, mas cobrou animo com a grande claridade, e alegria da viſaõ, eſcutando, que lhe dizia a venturoſa Madre: *Dizey á voſſa Meſtra, que cave por onde eu cavey*; e ſuſpendendo-ſe Soror Leonor, e perguntandolhe o que vinha a dizer, porque

como

como de ſingelo entendimento, naõ penetrava o ſentido, lhe reſpondeo: *Dizeilhe, que governe com brandura, como eu uſey*; e deſappareceo.

Era Meſtra das Noviças ſua grande amiga a Madre Soror Filippa de Jeſus Maria, e aſſim a Soror Leonor, como ás mais, que eſtavaõ á ſua obediencia, tratava com aſpereza, por ſer naturalmente fogoſa, e auſtera. Serviolhe eſte conſelho para moderar ao diante os rigores de Meſtra, e a viſaõ ás Religioſas, para aliviar as ſaudades de tal Prelada. Duas vezes o foy neſta Caſa, ſendo de quatro annos o governo, conforme o Breve de Julio II. (eſtylo, que durou até os annos de 1629. em que o Meſtre Geral Frey Nicolao Rodulfo determinou, que ſe reduziſſe a triennio). Deraõ-lhe ſepultura em lugar ſeparado; hoje a tem no Capitulo do Moſteiro novo, defronte do Altar.

CAPITULO VIII.

Da Madre Soror Filippa de Jeſus Maria, ſegunda Prioreza deſta Caſa: e da Meſtra Sor Victoria da Cruz.

NO berço (eſcreviaõ fabuloſos os Antigos) que Hercules, hum dos Deoſes, a que levantaraõ altares, deſpedaçava ſerpentes, como em feliz annuncio dos trabalhos, que o eſperavaõ para a fadiga, e para a coroa, para o conflicto, e para o triunfo. Mas paſſouſe a verdade eſte encarecido fingimento no mais vigoroſo, e invencivel Alcides, que os olhos humanos viraõ no berço de humas palhas, batalhando com a inclemencia dos elementos a poucas horas de naſcido, como enſayo para os trabalhos, que vinha abraçar, e vencer na campanha do Mundo, deixando eſta demonſtraçaõ, para que por ella ſe conheceſſem deſpois por ſeus deſcipulos, e mimoſos, os que naſceſſem lutando com as miſerias, e os infortunios.

Aſſim deu o Ceo a conhecer a Madre Soror Filippa de Jeſus Maria (no ſeculo Dona Filippa de Portugal) que em poucos annos ſe vio aſſim rodeada de trabalhos, que já começavaõ a ſer exames da conſtancia, por naõ poderem ſer caſtigos na ſua innocencia. Preza ſe vio com ſua mãy, e mais ſeis irmãas, por Decreto delRey Filippe II. que as mandou recolher em Caſtella em o Caſtello de Santo Torcaz, ſem haver neſtas Senhoras a mais leve culpa, como a naõ podiaõ ter as que no retiro de ſua caſa, e commercio de ſua grande qualidade, nem haviaõ de entrar nos deſmanchos do Povo, nem podiaõ ter parte nas direcçoens do governo. Mas pareceo a eſte, que era aquella injuſtiça razaõ de eſtado: o em que eſtiveraõ as couſas deſte Reyno, foy o motivo da prizaõ; huma breve noticia nos dará mais clareza.

Entre os pertendentes, que teve a Coroa Portugueza, por falecimento do Cardeal Dom Henrique (ultima cabeça, em que ella entaõ deſcançou, eſcaſſamente como ameaçada das fatalidades, a que a deſtinava o Ceo, para caſtigo deſtes Reynos) foy hum, e que ſe fazia grande lugar nelles, Dom Antonio, filho baſtardo do Infante Dom

Dom Luiz, que vendo, que lhe negavaõ (a ſeu voto) os ouvidos á razaõ, que gritava ſua juſtiça, remetteo ás armas toda a negociaçaõ della, como ſe naõ viera eſte eſtrondo a confundir mais aquelle grito. Favorecia, e ſuſtentava eſte partido com mais calor, e deſvelo Dom Franciſco de Portugal hum dos irmaons de Dona Filippa, e era publico, (com pacto feito entre elle, e Dom Antonio) que chegando eſte a verſe com poſſe pacifica no Reyno, daria a maõ de eſpoſo a Dona Filippa, que ajuntando as qualidades do ſangue ás de huma fermoſura rara, antes lhe vinha a parecer a Coroa tributo, que ventura. Prevaleceo Filippe (Segundo de Caſtella) com os ſopros deſta, triunfando do partido contrario, que antes cedeo de deſarmado, que de temeroſo; e ordenou, que a Condeſſa Dona Luiza de Guſmaõ foſſe com ſete filhas deſterrada para Caſtella; aſſim poſtas em hum carro da Mancha, e acompanhadas de dous Alcaides, paſſavaõ ao deſterro, tratadas com tanta indecencia, como a promettiaõ Miniſtros de huma Coroa tyrannizada.

Paſſados tres annos, e examinada, e conhecida ſua innocencia, foraõ reſtituidas a eſte Reyno, com attençoens Reaes, deſejoſas de demonſtraçaõ poderoſa a ſatisfazer queixas de nobreza, e fazenda. Com eſte reſpeito a Dona Filippa, deſpois de eſtar neſte Moſteiro do Sacramento, ſe lhe fez a elle a mercê de hum juro de duzentos mil reis de penſaõ na Mitra de Braga, por tempo de vinte annos, que acabados, ſe lhe prorogou por mais quinze; acabaraõ eſtes deſpois da felice Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV. Reſtituidas ao Reyno, e á Patria, faleceo a Condeſſa em S. Antonio do Tojal, cauſa; porque Dona Filippa, e Dona Eſtefania, irmãa ſua, ſe recolheraõ ao Moſteiro de Santa Catharina de Sena de Evora.

Era venerada por milagre da Corte a fermoſura de Dona Filippa, e avaliada aſſim pelo mais copioſo dote, com a grande circunſtancia de ſua qualidade, a que ſe ajuntavaõ partes, e prendas naturaes, como adquiridas, fazendo tudo junto taõ grande harmonia nos ouvidos da mais qualificada nobreza, que muitas vezes foy buſcada, e pertendida para eſpoſa, com naõ menos padrinho, para facilitar o conſentimento, que o Conde ſeu irmaõ, a que ſempre deu por repoſta aquelle illuſtrado genio, que dos primeiros annos a levava a mais ſuperior eſtado.

Com eſta reſoluçaõ fez voto ſimplez, entrando no Moſteiro de Santa Catharina; e como ſe fora pura Noviça, acodia deſveladamente ás obrigaçoens da Caſa, como a mais obediente ſubdita della. Trazia eſtamenha junto á carne, uſava-a na cama, que quaſi ſempre teve ocioſa, porque no Coro paſſava as noites, onde vencida do ſono, lhe ſervia de leito o pavimento, e de traveſſeiro o degrao de hum Altar; deſcommodo, que diſſimulava mal a outro dia, diviſando-ſelhe na face qual fora a almofada. Aſſiſtia, e rezava com edificaçaõ grande das Religioſas ao Officio Divino. Levavalhe os cuidados, e o tem-

po a extremoſiſſima devoçaõ do Santiſſimo, eſmerando ſe nas ſuas feſtas, até onde podiaõ chegar as ſuas poſſes, e ſó eſte emprego ſanto lhe enſinaria a deſejallas mais creſcidas a naõ entender, que na eſtimaçaõ do Ceo, as mayores ſaõ as vontades. Eſte affecto, o que a trouxe para eſta Caſa (já fica apontado) porque chamando-a efficazmente a ancia de viver em eſtreiteza de vida, e tendo já licença para paſſar para a Madre de Deos (recoleta Franciſcana) ao ſaber, que eſta Caſa do Sacramento o tomava por ſeu Orago, veyo a ella como a deſcançar no centro.

Vinha já deſtra nos eſtylos, e coſtumes da Religiaõ; achou com todo o calor a nova reforma, em meteria diſpoſta paſſou aquelle a levantarſe lavareda. Ainda era Noviça, e já a chamava o cargo de Meſtra; naõ menos outras occupaçoens de pezo, que logo nos primeiros tres annos confirmaraõ o ſeu grande preſtimo, naõ ſendo ainda eſte (mas ſó a obediencia) a que a introduzio nelles. O zelo da obſervancia (que começava a reſpirar naquelle berço della) era o ſeu eſtudo, o ſeu cuidado, o ſeu deſvelo. Convencia com as palavras, porque as ajudava com o exemplo. Nem os mais leves deſcuidos a achavaõ ſofrida; nem as muitas obrigaçoens cançada.

Elegeraõ-na Prioreza, e começou a ſer por officio o que era por genio, auſtera, e inflexivel zeladora da obſervancia. Aſſim o era nos ſantos Eſtatutos da Caſa, que pedindolhe a irmãa Converſa da coſinha, que a diſpenſaſſe por aquelle dia da oraçaõ (que tem as Religioſas deſpois de Prima) porque o comer ſe perderia ſem a ſua aſſiſtencia, lho naõ conſentio, accreſcentando, que melhor lhe ſeria a todas ficarem hum dia ſem ſuſtento, que ſem oraçaõ. Tinha muita auctoridade, ainda que deſpida das humanas attençoens do ſangue; via-ſe, que era zelo do cargo, em que, no que naõ tocava nos reſpeitos delle, era meiga, humana, tratavel, e ſobre tudo compaſſiva. Na oraçaõ era continua, e no dom de lagrimas, que tinha nella, ſe moſtravaõ as ſuavidades, com que Deos enriquecia ſua alma.

Tinha ſufficiente noticia da Grammatica, e Latinidade, e liçaõ proveitoſa da Eſcritura; aſſim applicava muitas vezes as palavras della com o ſentido genuino, e verdadeiro. Tivera grande amizade em Santa Catharina de Sena com a Madre Soror Filippa de Jeſus, que veyo para eſta Caſa por Fundadora, mas no officio de Prelada nem eſta eſtava para ella primeira (grande maxima para conſervar ſubditas ſem queixa). Diſſe-lhe eſta Madre alguns dias antes de falecer: *Noſſa Madre, aſſim ſe acabou, e acaba amizade de tantos annos?* Reſpondeo com inteireza, e ſegurança: *Converſatio noſtra in Cœlis eſt; acaba na vida, mas eſpero na miſericordia de Deos, que a continuemos na gloria.*

Se era auſtera no cargo, naõ o era menos comſigo (boa liçaõ de Prelada, entender de ſi, que he a primeira ſubdita). Aſſim eſtreitou o debil de ſuas forças com jejum, cilicios, e diſciplinas, e ſobre tudo, por ſe roubar o ſuſtento do ſono, que

que veyo a romper o exceſſo em huma longa enfermidade, que naõ baſtou a fazerlhe levantar a maõ do rigoroſo trato, que a foy chegando ás portas da morte. Parece que teve anticipada certeza della, porque eſtando ainda nos principios da doença, e feſtejando as Religioſas a noticia de que já junto a Alcantara ſe abriaõ os alicerces para o novo Moſteiro, ella ſe alegrou muito com ellas, mas ſuſpendendo-ſe, diſſe logo: *Voſſas Reverencias o haõ de lograr; que eu naõ.* E aſſim foy, porque naquella doença faleceo.

Aggravou-ſelhe eſta ſem eſperança de vida, mas já a achou deſenganada; pedio, e recebeo os Sacramentos com piedade, e inteireza: e chamando algumas Religioſas, primeiro particularmente, e deſpois todas, lhes fez ſantas advertencias ſobre a caridade fraternal, e paz religioſa, ſobre o temor de Deos, e incerteza da formidavel hora de ſeu Juizo, preparaçaõ anticipada para ella; e accreſcentou: *E ſe Voſſas Reverencias me vem taõ ſocegada, ſendo em toda a minha vida atormentada de eſcrupulos* (aſſim o tinha ſido) *naõ entendaõ, que neſta hora deixaõ de perſeguir eſcrupulos da vida; mas he miſericordia de Deos, que por ſua bondade uſa com quem taõ pouco a merece.*

Dous dias antes de ſua morte, reparavaõ as Religioſas, que o Ceo a conſolava com ſagradas viſitas, e aſſiſtencias, porque algumas vezes lhe ouviaõ dizer: (*Anjos, e Santos*) inclinando a viſta, e a cabeça para parte determinada da cela. Pedio a Unçaõ, e acabado o Officio, dando-lhe hum Crucifixo a beijar, o tomou, e pondo trez vezes com ſuavidade a boca nos pés do Senhor, com hum longo, e enternecido ſuſpiro, diſſe: *Domine memento mei, dum veneris in regnum tuum.* E eſpirou nos braços das ſubditas ſaudoſas, e compungidas.

Mas naõ deixou o Ceo de acreditar ſua Serva, e enxugar as lagrimas áquella ſanta companhia com ſinais da que ella já para ſempre lograva; porque eſtando a Madre Soror Filippa de Jeſus no Coro guardando o Senhor, e encomendando-lhe a moribunda, ouvio diſtinctas, e concertadas vozes (e ao que percebia, era o Officio de Defuntos, e na Enfermaria) eſtranhou a novidade, e ſahindo a examinalla, e dizendo a algumas Religioſas, que encontrou, como cantavaõ ſem ella (era ſua voz a alma do Coro) lhe ſeguraraõ, que ninguem cantara, mas que eſpirara a Madre Soror Filippa. Naõ ſe duvidou, que foſſe a muſica daquellas aves do Ceo, que lhe tinhaõ feito aſſiſtencia.

Poucos dias deſpois de ſua morte, eſtando huma noite as Religioſas no Coro em oraçaõ, e entre ellas a Irmãa Soror Leonor da Aſſumpçaõ (mimoſa do Ceo em ſimilhantes viſoens, como já vimos no Capitulo paſſado, por ſua grande ſingeleza, e candidez de eſpirito) vio eſta que a meſma Madre Soror Filippa com alegre roſto, e em habito puriſſimo andava por todo o Coro chegando-ſe affavel ás Religioſas, como reconhecendo, e reparando no roſto de cada huma; e aſſim

deſapparecera. Faleceo eſta Madre em huma quinta feira 23. de Dezembro (dia ſempre feſtivo na Caſa , como conſagrado ao Santiſſimo Sacramento, de que era devotiſſima) no anno de 1614.

Dous annos antes que a Madre Soror Filippa de Jeſu Maria, faleceo a Madre Soror Victoria da Cruz; mas reſpeitando a precedencia das duas Preladas, e ſer eſta a unica ſubdita , que as acompanhou, falecendo neſta primeira Caſa , a guardámos para os ultimos dias della. Foy a Madre Soror Victoria huma das primeiras Religioſas, que convidadas da nova refórma , trocaraõ por eſte Moſteiro os em que tinhaõ profeſſado, em virtude da Patente, que o Meſtre Frey Joaõ tinha para tirar das Caſas da Ordem as Religioſas, que quizeſſem neſta abraçar todo o rigor da obſervancia. Profeſſara eſta Madre no Moſteiro da Annunciada, mas com eſpirito taõ ancioſo de mayor eſtreiteza de vida , que ſendo muito reformada aquella Caſa , pedia a Deos que diſpuzeſſe a fundaçaõ de alguma de mayor, e total refórma. Neſtes deſejos paſſava muitas vezes largas praticas com as Religioſas (aſſim o affirmaraõ eſtas ao Meſtre Frey Joaõ) até que o Ceo lhe poz nas maons o que pedia, podendo charmarſe fruto de ſuas oraçoens a eſta Caſa, ou entender, que aquelles deſejos tiveraõ alguma couſa de profecia.

Alegre ſe paſſou á nova ſepultura, e aſſim o andava com a experiencia daquelles rigores, e auſteridades , que coſtumava dizer , que fora favor do Ceo naõ enlouquecer de alegria de ver ſatisfeita a ſua ancia naquella Caſa , e naquella vida. Era a ſua huma oraçaõ, e meditaçaõ continuada , ou eſtiveſſe no Coro , ou fóra delle , porque naõ havia occupaçaõ , que lhe embaraçaſſe o ſubir por eſta eſcada a buſcar a preſença de Deos , e o commercio dos bemaventurados. Eſta era a ſua mais commua doutrina, e eſta praticava ás Noviças , ſendo Subprioreza, e ſua Meſtra, lembrando-lhes que eraõ Serafins, que andavaõ diante de Deos, porque acodindo ás funçoens, a que as chamava a obediencia (ainda que eſtiveſſem no Coro, e ellas foſſem do Moſteiro) ſempre hiaõ de Deos para Deos; porque Deos obedecido, tambem era Deos buſcado ; e taõ deſtra andava neſte ſanto commercio, que baſtava a elevalla á contemplaçaõ do Ceo, todo o aceyo, que via no culto Divino, e concerto do Moſteiro. Aſſim era notavel a ſua ancia , para que o houveſſe em huma couſa, e outra.

Era a Madre Soror Victoria huma eſtampa viva da exacta obſervancia das Conſtituiçoens, que como eſtaõ eſcritas, ſe guardavaõ, e guardaõ neſta Caſa; mas em algumas couſas parece que ainda as excedia. Na caridade, e no ſilencio mais que em tudo. O ſilencio taõ raro, que ainda nas horas , que o diſpenſava a Prelada , era rara a palavra, que ſe lhe ouvia, valendo-ſe talvez de acenos, ſe a obrigavaõ a repoſta: ſó huma induſtria havia para a facilitar na pratica. Grande diſcipula de ſeu Patriarcha , que ſó com Deos, ou de Deos fallava.

lava. No mais ſó o preciſo, e eſſe raro. Grande confuſaõ para a ſoltura das linguas, deſpois de conhecer, que he verdade irrefragavel, que até huma palavra ociosa ha de ſer julgada; e onde haõ de vir a Juizo as ociosas, que ſerá das pezadas! Naõ ſe admire quem vio aquelles grandes eſpiritos, retirando-ſe, e eſcondendo-ſe pelas covas da Thebaida, e da Paleſtina, antes como féras, que como homens; que quando naõ fogiſſem mais que ás liberdades da lingua, naõ era pequeno triunfo ter deſarmado taõ inevitavel inimigo.

Na caridade era tal o ſeu exceſſo, que ſendo pobre por profiſſaõ, e em ſua peſſoa, ainda no Moſteiro da Annunciada, (onde podia ter alguma couſa como em depoſito na cella) o meſmo era chegarlhe á maõ, que andar examinando a neceſſidade para empregalla nella. O meſmo lhe ſuccedia com a meſma roupa do ſeu uſo, ſicando muitas vezes ſem ella até na cama, e ſofrendo, e expondo-ſe aos incommodos do Inverno, com o intereſſe de que alguma Religioſa naõ ſentiſſe falta. A ſua ſó a remediava a Prelada (chegando-lhe já tarde eſtes exceſſos á noticia) mas a poderes da obediencia, ou obrigando-a a que naõ déſſe o preciſo, ou acodindo-lhe com elle, pelo ter dado.

Era devotiſſima de Noſſa Senhora, e com ſingular affecto do myſterio de ſua Aſſumpçaõ; aſſim pedia a Deos a levaſſe neſte dia, ſallando muitas vezes niſſo, já com tanta certeza, como ſe tivera ouvido a repoſta da ſua ſupplica. Parece que moſtrou o ſucceſſo que aſſim fora. Chegava-ſe a Feſta de Noſſo Padre S. Domingos; reſolveo-ſe a fazer huma confiſſaõ geral, com hum tal aparelho, e hum tal retiro, que cauſou reparo, ainda vendo-ſelhe cada dia em outras o meſmo. A' Veſpera a acabou, e logo ſe ſentio taõ mal, que a paſſaraõ á Enfermaria, mas com huma alegria taõ deſuſada, que nem lha moderavaõ as dores da moleſtia, repetindo muitas vezes com ſocego de eſpirito: *Seja Deos bemdito; que já naõ tenho mais que fazer.*

Parece que entendia fora aquella a preparaçaõ ultima para eſperar confiada o Eſpoſo, e paſſar venturoſa ao thalamo. Deſcobrio-ſelhe pouco deſpois huma febre, que a privou do juizo, durando aſſim até o dia da Aſſumpçaõ, em que acabou como ſempre ſuſpirara, permittindo Deos por ſeus juizos occultos o eſtylo daquella morte, ou por naõ permittir que a ſua ſerva ſentiſſe os horrores della, ou para confundir o deſcuido dos peccadores, quando ſe vem aquelles aſſaltos ainda nos inculpaveis. Faleceo em huma ſeſta feira 15. de Agoſto de 1612.

CAPITULO IX.

Fundaçaõ do novo Moſteiro, entrada das Religioſas nelle.

POr eſtarmos já no anno de 1612., em que ſe lançou a primeira pedra para a nova Caſa do Sacramento, e por naõ havermos já de dar noticia das Religioſas do antigo, ſenaõ no de

de ſeu falecimento, he tempo de paſſarmos ás memorias do que precedeo á fundaçaõ, e da ſolemnidade della, apontando primeiro a Prelada, que ſe ſeguio na ſerie das que teve eſta Recoleta. Falecida a Madre Soror Filippa de Jeſu Maria, ſegunda Prioreza, começaraõ a correr voluntarios os votos para onde viaõ mais merecimentos (aſſim ſe procede nas eleiçoens, onde os reſpeitos particulares naõ conhecem mais centro, que o bem commum) Faziaõ-ſe grande lugar os da Condeſſa Fundadora a Madre Soror Joanna do Roſario, que pizando o Mundo, avultava tanto com elle debaixo dos pés, que a pezar de ſua modeſtia, e humildade, ſe naõ podiaõ eſconder as vantagens de ſua virtude. Com a meſma velocidade, com que fugira ao Mundo, ſe aviſinhara a Deos; e a quem aſſim tinha ſobido, ainda lhe ficava inferior o lugar mais alto.

Aſſim intereſſado a buſcava o de Prelada. Já reſiſtira outra vez a eſta bataria. Naõ a achava agora com menos conſtancia, reforçada com razoens, que entendia baſtantes para a reſiſtencia. Propunha, *que o ſeu retiro deixara dominios por abraçar ſogeiçoens; e que era genero de arrependimento deixar eſtás, por abraçar aquelles; que eſcandalizaria ao Mundo, ver que deixando o governo de ſua Caſa, aceitava o da de Deos, como ſe as razoens de Fundadora foraõ a valia para eſta melhora; que a naõ podia ter a Caſa com huma Prelada, que paſſava a ſello ſem muitas experiencias de ſubdita. Finalmente, que era ſem razaõ edificar a Deos a Caſa, e deixarſe ficar com o dominio della.*

Mas eraõ faciliſſimas de ſoltar as objecçoens; porque o ſer Prelada, antes era ſer eſcrava, que Senhora, porque eſſe he o eſtylo no governo, que deſconhece o Mundo. Nem eſte, quando ſe conheceſſe, deixaria de alcançar, que ſimilhante dominio nem era herança, nem eſcolha, antes todo ſogeiçaõ, abraçado com as da obediencia. Quanto á experiencia, ainda baſtavaõ menos de ſubdita, porque nunca eraõ poucos os em que ſe contavaõ grangearias de muitos; que ſacrificar a Deos a Caſa, naõ era tanto, como ſacrificarlhe a peſſoa, e agora em melhorada victima, expoſta aos golpes das opinioens da terra. Accreſcentavaõ, que dando-ſe principio ao novo Moſteiro, neceſſitava de huma Prelada, que com o ſeu reſpeito fomentaſſe aquelle principio, inclinando os animos da nobreza a favorecer a obra. Mas naõ havendo razaõ, que convenceſſe ſua humildade, recorreo o Vigario ás armas da obediencia, que ſaõ as de Prelado, com que facilmente ſe triunfa da legitima. Naõ houve mais contenda; callou, e ſogeitouſe Soror Joanna, com a conſolaçaõ, de que naõ ſe reſolvia ao cargo de Prelada, ſe naõ aceitando-o como ſubdita.

Elegida em Prelada, ſuccedeo o que ſe tinha vaticinado; começaraõ as mayores qualidades do Reyno a bater naquella pobre porta, a buſcar aquella humilde familia, ou já a acudir com o diſpendio, ou já a accreſcentar o numero (chegava já eſte a vinte e trez Religioſas) grande para aquella eſtreiteza,

teza, ainda acommodando-se com muita. Este descommodo deu calor á obra começada; mas vamos ao que precedeo a ella.

Como eraõ alugadas as casas, em que se principiou a reforma, e o Mestre Frey Joaõ (como pode crerse de seu espirito) lançava os olhos a dilatados augmentos della, creada a primeira Prioreza, os poz logo no lugar, em que hoje se vê a nova fundaçaõ, que he hum pedaço de terra espaçoso, e desafogado, que fica entre a Pampulha, e Alcantara, junto á estrada frequentadissima, que vay de Cascaes a Lisboa (rascunhado ficou já no fim da terceira Parte da Chronica, com todas as circunstancias, que podem desejarse para noticia, assim do sitio, como de ares. Aquelle o mais alegre, porque alteado, senhorea o rio, em que se alarga a vista até a fermosa prespectiva da barra, ou dá de rosto com os montes de Almada, que defronte a boa distancia sobem desde a praya, povoados de boas Quintas, e continua verdura; agora defendidos de fortes reductos, e bons muros, com que no anno de 1704. se fortificou, e ennobreceo a marinha de huma, e outra banda. Naõ he menos delicioſa vista a que se offerece da parte da terra, fresca, e viçosa das aguas saborosas, e cristalinas de dous celebres regatos (tem por berço, e nome os sitios da Pimenteira, e da Horta Navia) que juntos, e engrossados em pouco rio, correm entre Alcantara, e o Mosteiro, a buscar o mar pequeno tributo.

Este o sitio, que o Mestre Frey Joaõ, e pessoas de boa escolha destinaraõ para a nova fabrica; era Senhor delle Lourenço de Sousa, Aposentador môr do Reyno; offereceo-o ás Religiosas, celebrando contrato com ellas, assim de que alcançassem licença de Malta, a que era foreiro, como de que pagassem o foro, e se obrigassem a dar por huma vez quatro lugares na nova Casa a filhas, ou descendentes suas, com algumas condiçoens, que constaõ da Escritura, que em nome do Mosteiro fez o Mestre Frey Joaõ em 23. de Fevereiro de 1611. Alcançouse a licença do Principe do Piemonte Victorio Amadeo, Commendatario, e perpetuo Administrador do Priorado de Malta. Passou-se o foro a hum Casal, que comprou o Mosteiro; consta tudo de Escrituras, que estaõ no Cartorio, e naõ lançamos aqui, porque naõ escrevemos a alargar escritura, mas a dar noticia.

Feitas estas diligencias, determinou-se o dia de applicar a primeira maõ á obra, que foy a 7. de Janeiro do mesmo anno de 1612. Assistia na Corte Dom Frey Aleixo de Menezes, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, despois de o ter sido da Igreja de Goa, tambem Primacial da India, sogeito benemerito de hum, e outro cargo, pelas excellentes qualidades de virtude, e zelo, hombros, com que só póde ser Athlante de sua Igreja o Prelado. Pediraõ-lhe as Religiosas, que auctorizasse a funçaõ, lançando por suas maons a primeira pedra daquelle santo edificio; o que acci-

tou

tou, e poz em execuçaõ, com demoſtraçoens de goſto. Foy geral o de numeroſos, e graves aſſiſtentes, aſſim das Religioens, como da nobreza, e Fidalguia da Corte. Levou a pedra gravada as letras ſeguintes:

Jeſu Domini verè Filii Dei, in bonæ gratiæ Sacramento, vivo Pani immortalitatis alimoniæ, vitalis mortis ſymbolo, Divinique amoris monumento: pauperes Sorores Dominicanæ primitivæ obſervanciæ voto, domum in ſolo puro ſacrant, & nuncupant, devotorum Comitum de Vimioſo fundatam reditibus. Adſit quæ Deum capit, Virgoque edidit Altrix Roſarii, & mundi utriuſque Domina, ter Beata Maria, una cum Sponſo Joſeph, & loci Patronis, ſervo Dominico, Virgineque Senenſi, & cum tota cælitum aula numine propitio. Sacrat Illuſtriſſimus Dominus D. Alexius Meneſius, Orientis olim Eccleſiæ, & nunc Hiſpaniarum Primas, anno Domini mileſimo, ſexcenteſimo decimoſecundo, Januarii die ſeptimo.

No noſſo idioma valem o ſeguinte:

A Divindade do Senhor Jeſus, verdadeiro Filho de Deos, Divindade encuberta, e encerrada no Sacramento de boa graça; ao Paõ vivo, que he mantimento de immortalidade, ſymbolo da morte vital, penhor, e lembrança do Divino amor, as pobres Freiras de S. Domingos dedicaõ, e conſagraõ eſta Caſa (com voto da primitiva obſervancia) em terra pura, e nova, de que ſaõ Fundadores com ſua fazenda, e rendas os devotos Condes do Vimioſo. Acuda-lhe com ſeu favor, e ajuda aquella Senhora, que em ſi recebeo a Deos, e o pario, ficando Virgem, Mãy do Roſario, Senhora de hum, e outro Mundo, mil vezes bemaventurada Maria. E acompanhemna ſeu Eſpoſo Joſeph, e os Padroeiros naturaes da Ordem, ſeu ſervo Domingos, e a Virgem Santa Catharina de Sena, com toda a Corte Celeſtial. Faz o voto da Sagraçaõ o Illuſtriſſimo Senhor D. Aleixo de Menezes, Primaz que foy da India Oriental, e agora o he das Heſpanhas, em 7. dias de Janeiro, anno de 1612.

Lança-

Lançada a primeira pedra, começou a creſcer o edificio, e foyſe lançando hum Dormitorio de Naſcente a Poente, em parallelo do rio, e boa diſtancia da praya, como ficou toda a obra, que correndo quadrada, dá lugar no meyo a baſtante Clauſtro; ſó ſobre o rio, e para a banda da barra, ſe abriraõ janellas. Da parte da eſtrada, em que ſe levantou em igual proporçaõ Caſa de Noviças, altas, e pequenas freſtas, ficando aſſim deſafogo algum para a banda da terra, como hoſpedagem de quem fogia aos ſeus commercios até com a viſta. Saõ capazes todas as officinas, ayroſas, e alegres as varandas, que cahem ſobre o Clauſtro (nellas, como nelle, ſe abrem devotas, e aceadas Capellas) ſendo centro deſte hum curioſo jardim de artificioſas murtas, que cercaõ huma pequena, mas bem lavrada fonte de branco marmore.

Coro proporcionado ao numero das Religioſas; ſobre a porta, que entra para elle, ſe vê em hum nicho a Imagem do Divino Eſpoſo, que com a maõ levantada lança a bençaõ a ſuas eſpoſas, que entraõ a louvallo; e ao pé ſe vê a letra: *Sub umbra alarum tuarum protege nos*, como ſe ellas lhe eſtiveraõ dizendo: *Defendeinos, ſoberano Eſpoſo, com voſſa protecçaõ.* Sobre o antecoro ſe levantou huma caſa, a que ſóbe huma eſcada, que tem a indulgencia da Santa de Roma; ſobeſe de joelhos para ganhalla. He a caſa capaz de cinco cubiculos, que lavrados ao Naſcente, naõ tem mais luz, que a da caſa, em que ha huma janella para o mar, e a propria de pequenas freſtas, que ſe abrem ſobre a porta do Coro, de que ſe deſcobrem as duas Capellas, que ſaõ Callateraes á grade delle, e o Sacrario, que ſobre ella guarda o Santiſſimo (expoſto por ſingular indulto para as Religioſas em alguns dias feſtivos, e com tal diſpoſiçaõ, que os Religioſos, que ſobem ou para expollo, ou para renovallo, nem podem ver, nem ſerem viſtos do Coro. Edificouſe entaõ a Igreja de huma ſó nave, levantada tambem ao Naſcente; cobrio-ſe de madeira; e com trez pequenos Altares, que ſe levantaraõ nella, ficou até o tempo da Vigairaria do Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, que a reedificou, e reduzio, com bem meditada idéa, á nova, e engraçada architectura, que hoje ſe vê, e ſe feſteja entre as ſingulares de Lisboa. Naõ faltaremos a ſeu tempo á deſcripçaõ della.

Diſpoſto já o Moſteiro em fórma, que podeſſe recolher as Religioſas, trasladaraõ a elle os oſſos das que tinhaõ falecido na primeira Caſa, dando-lhes jazigo na do Capitulo. Seguioſe a eſta diligencia a mudança. Eraõ 5. de Setembro de 16... quando as Religioſas, deixando com ſaudades aquelle ſitio, e aos viſinhos delle, metidas em coches (pela grande diſtancia do caminho, e debilidade, e deſcoſtume das que o haviaõ de pizar) ſe recolheraõ ao Moſteiro de Santo Alberto de Religioſas Carmelitas da primeira obſervancia, por ſer o mais viſinho á fundaçaõ nova. Foraõ recebidas as hoſpedas com *Te*

Deum laudamus ao entrar da Igreja, e logo na caſa da Portaria, com ſanto, e caritativo alvoroço, e deſculpas da Prelada, que as quizera hoſpedar na Clauſura, a ſerlhe facil a licença do Prelado em taõ breve tempo. Naõ ſe eſqueciaõ eſtas Madres da liberal hoſpedagem, que vindo de Caſtella, tinhaõ achado na Annunciada de Lisboa, Moſteiro Dominicano, em que eſtiveraõ até ter Moſteiro.

Naõ hiaõ as noſſas peregrinas com curioſidade de ver outros, mas com ancia de ſepultarſe no ſeu: aceitaraõ agradecidas a deſculpa, e huma refeiçaõ mais limpa, que larga, mais bem ſervida, que preparada, porque á contenda ſerviaõ as de dentro, querendo ſupprir nas vontades o que talvez faltaria nos pratos.

De tarde ſe ajuntaraõ as Communidades de S. Domingos de Lisboa, Bemfica, e Almada, e as dos Religioſos de S. Franciſco de Lisboa, Xabregas, e dos Terceiros; o Arcebiſpo Dom Miguel de Caſtro (era entaõ Vice-Rey) com o ſeu Cabido; convidou o naõ ſó o ſer tio da Fundadora, e de mais quatro Religioſas, mas o zelo de grande Paſtor, e goſto de ver recolher áquelle eſtreito apriſco taõ ſanto rebanho. Ordenou-ſe a Prociſſaõ. Precediaõ ás Communidades os Religioſos de huma, e outra banda igualmente ſem precedencias, fraternidade herdada de ſeus Patriarchas. Seguia-ſe o Cabido, logo o Arcebiſpo com o Sacramento debaixo de rico Pallio. Seguiaõ-ſe a elle de duas em duas as Religioſas, lançados groſſos, e tapados veos ſobre os roſtos, amortalhadas, antes que veſtidas, em toſco burel. Faziaõ-lhe lados os Religioſos mais graves de S. Domingos, defendidos hum, e outro de duas fileiras do melhor da nobreza; naõ obrigava o tumulto a menos cautela.

Tinha a novidade abalado a Corte (que amiga de novidades, com menos motivo rompe em mayor abalo) eſtreitouſe o mais eſcolhido della no caminho, que vay de S Alberto ao Moſteiro novo. O ornato das janellas, a innumeravel copia das melhores qualidades, de que eſtavaõ povoadas, eraõ digna demonſtraçaõ daquelle eſpectaculo (e poucas vezes viſto) de humas mulheres, que pizando as mayores eſtimaçoens da terra, hiaõ fogindo ao Mundo, ſem lhe levarem mais alfaya, que huma mortalha, nem lhe pedirem mais vivenda, que huma ſepultura. Aſſim eraõ pobres, e eſtreitas as das cellas do novo Moſteiro, que naõ ſerviraõ de menos edificaçaõ neſte dia ao mais eſcolhido do Povo, a que eſtiveraõ patentes, trocando-lhe em confuſaõ a curioſidade.

Recolhidas as Religioſas, experimentaraõ ſimilhante falta á com que ſe viraõ ao entrar na primeira Clauſura; ſendo agora na ſegunda aſſaz miuda a providencia de quem lhes fez os provimentos do preciſo para a Caſa: porque ainda que a liberalidade, e devoçaõ de muitas Senhoras lhes tinha preparado o prato da cea, achavaõ-ſe ſem luz alguma, e ſem poder appellar ſe quer á pequena de hum rolo; aſſim ſe recolheraõ todas

ao

ao Coro, a dar graças ao Senhor, e conſolarſe com a viſta da luz diſtante, e eſcaſſa de huma alampada, que allumiava ao Santiſſimo. Com eſta deſconſolaçaõ ſe viaõ já entrada a noite, quando ouvem tocar á Portaria, e vem deſpois entrar a Porteira com vinte e trez rolos (era o numero das Religioſas) eſmola, que lhes fazia a Condeſſa do Baſto. A falta, e o impoſſivel reparo della, deu valor ao preſente, e motivo a ajuizar mais que humana a providencia, que a deixou remediada.

Aſſim parece, que o conheceraõ as novas habitadoras, que agradecidas a eſte favor, como ao de ſe verem em Caſa propria, aſſim começaraõ a eſtreitar as obrigaçoens da obſervancia, como ſe a primeira Caſa deixara que emendar na ſegunda. A oraçaõ mais continua, as diſciplinas mais amiudadas, o jejum mais eſtreito, o ſilencio mais auſtero, como ſe na nova Clauſura ſe lavraſſe mais facil eſcada para ſobir aos braços do ſeu Eſpoſo; ventura, que muitas mereceraõ, apoucando a induſtrias rigoroſas de penitencia os dias da vida. Mas naõ malquiſtando a eſta os extremos de penitente (com que ſe divulgava na Corte) aſſim era appetecida, e finalmente abraçada, que em breve tempo creſceo o numero de Religioſas a trinta e cinco. Naõ podia receber mais a Caſa; taxou-o o Colleitor Octavio Accorombono. Aſſim perſiſte até o preſente, desde o primeiro de Julho de 1620. em que foy taxado. Mas ficando ainda irreſoluto, que Religioſas ſeriaõ Converſas, e que Religioſas do Coro, determinou o Meſtre Geral Frey Serafino Silo, que as cinco foſſem Converſas, e as trinta de véo preto.

CAPITULO X.

Da Madre Soror Filippa do Santiſſimo Sacramento.

COmeçando a reſpirar na nova vida da Clauſura os eſpiritos, que ſó para o Ceo tiveraõ vida, fica ſendo neſta Caſa a morgada a Madre Soror Filippa, como a que primeiro paſſou a lograr aquella immortal vida, que parecia herança neſta Caſa. Chamava-ſe eſta Madre no ſeculo Filippa de Lemos; foy natural de Lisboa; ſeus pays Joaõ Vaz Rebello, e Maria de Lemos, gente nobre, e taõ deſvelada na boa criaçaõ de ſua familia, que recolheo em Santa Catharina de Sena de Evora trez filhas, que antes lhe pediraõ eſte eſtado, que lhe obedeceraõ, tomando-o. Era huma dellas a Madre Soror Filippa, a quem naquella entrada parece que advertira o Ceo, que ainda que a deſtinara para aquelle habito, naõ o fizera para aquelle Moſteiro; antes moſtrando-lhe (como em enigma) eſte da nova refórma, lhe deu por ſobrenome o do Santiſſimo Sacramento, brazaõ, e titulo della.

Achava-ſe já (quando ſe recolheraõ as trez irmãas) em Santa Catharina a Madre Soror Filippa de Jeſu Maria, e ainda ſecular; e contendendo as duas irmãas de Soror Filippa por ſe chamarem do Sacramento, acodio eſta Madre, reſolvendo com

a ſua auctoridade, que ſó Soror Filippa tiveſſe aquelle nome, ou foſſe affeiçoar-ſelhe por ſua humildade, e nativa ſingeleza (em que ás duas excedia) ou por ſe chamar tambem Filippa como ella, e querer naquelle nome, de que era devotiſſima, vêlla aventajada; ou (o que parece mais pio) como peſſoa de tanto eſpirito (aſſim o era Soror Filippa de Jeſu Maria) permittir o Ceo que com aquelle nome vaticinaſſe, ou diſpuzeſſe como inſtrumento de ſuperior providencia huma das grandes Fundadoras deſta refórma.

Parece que ſe naõ eſcondia o myſterio a Soror Filippa, porque eſte ſoberano nome lhe começou aſſim a affeiçoar a vontade, que levada das ſuavidades delle, ſuſpirava (ao ouvir fallar na fundaçaõ da nova Recoleta) o verſe aſſim como mimoſa do nome, filha da Caſa delle. Mas era ainda Noviça, naturalmente encolhida, e acanhada, eſcondia no coraçaõ eſte deſejo, como indigna na ſua eſtimaçaõ de o ver cumprido; ſó na oraçaõ larga, e repetida, o propunha com lagrimas a ſeu Eſpoſo, efficazes linguas, com que fallava ſeu eſpirito: naõ o eraõ menos as do ſeu procedimento, eſcutadas naquella Caſa, em que agora ſe examinavaõ Fundadoras para a nova refórma. Ouvio o Senhor humas, fazendo, que ſe attendeſſe ás outras; porque pezando os Prelados os aventajados eſpiritos, que haviaõ de abrir caminho pelas aſperezas da nova obſervancia, e tendo tantas experiencias da de Soror Filippa, ordenaraõ que acompanhaſſe as Fundadoras, como os que entendiaõ que na claſſe da refórma, onde o exemplo he doutrina muda, já ſaõ grandes meſtras as que ſabem ſer grandes diſcipulas. Aſſim paſſou Soror Filippa á nova Recoleta, e levando-lhe em conta os mezes do noviciado de Evora, foy a primeira, que profeſſou neſta Caſa.

Parece que ſe lhe ſeguio novo eſpirito ao novo eſtado, e huma taõ ſegura reſoluçaõ de a naõ atemorizarem as grandes penſoens delle, que o primeiro, de que fez ſacrificio, foy o entendimento, porque ás luzes delle naõ pareceſſem disfórmes os dictames dos que na ſua obediencia tinhaõ tomado poſſe da ſua vontade. Aſſim ſe vio. Succedeo mandarlhe hum Prelado couſa repugnante á razaõ, e que as circunſtancias faziaõ de todo impraticavel. Suſpendeo-ſe Soror Filippa, advertindo algumas; mas voltando logo com animo ſocegado, accreſcentou: *Padre, nada he o que diſſe; farey o que ſe me manda; e eſteja Voſſa Paternidade certo, que ſe me mandar lançar no mar, naõ haverá razaõ alguma, que me ſuſpenda.*

O aceyo do culto Divino era ſeu quotidiano deſvelo; com eſte emprego a achavaõ nas maõs o tempo, que lhe ſobejava das obrigaçoens do Moſteiro. Era extremoſa, mas geral a ſua devoçaõ aos Santos; grande exemplo para convencer os abuſos das que reduzem a devoçaõ a argumentos, diſputando com eſtylo humano mayorias nos Juſtos, e abatendo huns para exaltar outros; indecencia naõ ſó praticada entre Religioſas, indignas deſte nome, mas introduzi-

duzidà temeraria, e neſciamente nos Pulpitos, dos que ſobem a elle ſem mais capacidade, que a confiança. Era Soror Filippa devota de todos os Santos, porque olhava para todos como triunfantes, e advogados; e ſem ſe meter temerariamente em avaliar premios, lá deixava a deciſaõ aos rayos do Sol de juſtiça, que communicando ſua luz ſoberana, faz differir huma de outra eſtrella.

Em o dia de cada hum dos Santos punha em hum dos Altares do Coro a ſua Imagem, ou ſuppria hum reſiſto a falta della, e com flores, e perfumes lhe aſſiſtia, e o venerava alegre, devota, compungida. Aſſim a occupavaõ as feſtividades da Rainha dos Anjos, de que que era devotiſſima. Roubavaõ-lhe os olhos, e os affectos as ſuas Imagens. Era Soror Filippa muy humilde; aſſim lhe arrebatava mais o coraçaõ aquella Senhora, que fez timbre de ſer eſcrava, publicando que eſſa eſcravidaõ humilde a ſobira ao throno de mais que humana mageſtade. Eſta piedoſa propenſaõ lhe poz diante dos olhos huma Imagem da meſma Senhora, de pequena eſtatura, antiga, e quaſi desfigurada com o tempo, tendo devido pouco ao artificio. Era a materia marfim, e tradiçaõ que a mandara a eſta Caſa Dom Frey Miguel Rangel, ſendo Vigario Geral na noſſa Congregaçaõ da India.

Eſtava entaõ eſta Imagem no Capitulo, como eſquecida da devoçaõ das Religioſas, occupadas em aſſiſtir a outras, que tinhaõ em bem ornadas Capellas. Aquelle deſamparo, como a pequenez da Imagem, fez grande harmonia no coraçaõ da devota; offereceo-ſelhe por eſcrava. Alli eraõ os ſeus deſvelos, alli todos ſeus cuidados, alli gaſtava o tempo, que roubava ao ſeu deſcanço em viva, e fervoroſa oraçaõ, merecendo eſta, como aquelle cuidado, ſingulares mercês, que (he tradiçaõ) recebera eſta Madre da devota Imagem. Naõ ſe ſingularizaõ, porque ao tempo, que ſe examinava, e inquiria a vida da Madre Soror Filippa, eraõ já falecidas algumas Religioſas de grande opiniaõ, que o diziaõ, e teſtemunhavaõ.

Na oraçaõ era eſta Madre continua: e o perpetuo ſilencio, em que andava ſepultada, era bom indicio de que nem as occupaçoens do Moſteiro lhe embaraçavaõ aquelle exercicio Angelico. Daqui lhe naſciaõ fervoroſos deſejos de dar a vida por ſeu Eſpoſo, comprando com ſeu ſangue a coroa do martyrio. Aſſim ſe alegrava nas occaſioens, que ou achaque, ou doença a obrigavaõ a ſangria, ao ver correr o ſangue, lembrada do que ſeu Eſpoſo derramara, e do com que os Martyres reſponderaõ a eſſa fineza. Succedeo aviſinharem-ſe á barra de Lisboa alguns navios de Turcos; aſſuſtouſe o Povo com a noticia; ſó Soror Filippa parece que ſe alvoroçou com ella. Eſtranhava-lho outra Religioſa; e ella trocando-ſelhe o roſto de penitente, e palido em huma aſcua de fogo, reſpondeo: *Madre, naõ hei de alegrarme? Naõ vê que pódem eſtes inimigos entrar para dentro, e nós, que ſomos aqui as primeiras, lograremos a felicidade do martyrio? A morte,*

e o

e o martyrio ſempre atemorizaõ (tornou a outra Religioſa). *Pois Voſſa Reverencia* (continuou Soror Filippa) *naõ havia de ter mais goſto, que temor? Digo-lhe que ajudando-me Deos, ſe eu merecera o martyrio, havia de olhar com grande alvoroço para o cutelo.*

Eſtas as lavaredas, que rompiaõ daquelle coraçaõ, mas naõ ficavaõ ſó os defafogos em palavras, recoria ás penitencias, a rigoroſas diſciplinas, achando no ſeu braço naõ menos cruel verdugo, nos ſeus golpes mais tyranno martyrio, quanto mais o he, o que conſervando a vida, deixa em que continuar a pena. Abraçava goſtoſa as da penitencia regular; mas nas da voluntaria era taõ exceſſiva, que pareceo aos Confeſſores, e Prelados que entraſſe a obediencia a tirarlhe da maõ a diſciplina. Grande prudencia pede ſimilhante reſoluçaõ, porque nem ſempre ſaõ acertados ſimilhantes preceitos, devendo attenderſe á capacidade dos eſpiritos, havendo talvez alguns, que já como livres das juriſdiçoens da carne, naõ eſcutaõ mais documentos, que os da vontade Divina, que parece os tem elevadado a outra eſféra! Se naõ, que rigor mais impio na avaliaçaõ dos homens, que ferirſe S. Domingos trez vezes em cada noite com huma cadea de ferro, onde ſe podia admirar, naõ a aſpereza, e conſtancia dos golpes, mas que naquelle attenuado corpo houveſſe ſangue para elles! Huma Santa Catharina de Sena, huma Santa Roſa, ſem largarem da maõ a diſciplina, ou fazerem acçaõ, que a induſtrias da penitencia naõ foſſe verdugo da vida! Conſelho, e permiſſoens eraõ eſtas do Ceo, e daquelle Eſpoſo, que as tratava domeſticas, e as queria mais ajuſtadas. Naõ he logo ſempre acertado o prohibir penitencias. Meſſaõ-ſe primeiro as capacidades do eſpirito, que podem, ou naõ abraçallas; e evitem-ſe ſó as indiſcretas.

Naõ o podiaõ ſer nunca as da Madre Sor Filippa; davalhe pena verſe com as maons atadas, e as azas ſoltas. Soltas as azas do coraçaõ para buſcar a Deos todas as horas como eſpoſa; prezas as maons para naõ poder buſcallo com os abrazados deſafogos de mortificada. Mas remediou-o o Ceo. Veyo a eſta Provincia o Meſtre Geral da Ordem Frey Serafino Silo ao Capitulo Geral, que celebrou em S. Domingos de Lisboa; e viſitando (como ſeu Prelado) eſte Moſteiro do Sacramento, achou Soror Filippa caminho para o ſeu ſocego, e deſafogo, pedindo-lhe diſpenſaçaõ dos preceitos, que lhe tinhaõ poſto Prelados inferiores; e impetrando licença (pertendida com repetida, e empenhada efficacia) para continuar as ſuas penitencias. Admirouſe o grande Prelado de taõ pertendido indulto, quando ſaõ ſó favoraveis os que ſe pertendem de ſimilhante Prelado: e ficou Soror Filippa com penitencia dobrada; porque, ſendo eſta licença concedida ſó de palavra, e publicos os preceitos, que tinha, para naõ alargar a penitencia, aſſim ſe andava furtando aos olhos de todas, como quem temia eſcandalizallas. Apertou o eſcrupulo com ella, declarou a licença.

A eſte rigor uſado comſigo unia huma viva caridade, com que ſe havia com o proximo. A ſalvaçaõ das almas era o continuo emprego de ſua oraçaõ; aqui encaminhava todas as acçoens meritorias de ſua vida. A huma taõ pura naõ haviaõ de faltar mimos do Ceo. Aſſim parece lhos concedeo o Senhor, tambem por aquelle eſtylo, com que os faz aos mais mimoſos, diſpenſando com elles o conhecimento de futuros. Apontaremos hum caſo; e foy, que eſtando eſta Madre em oraçaõ no Capitulo (era eſte o lugar, em que a coſtumava ter) vio entrar por elle a Condeſſa do Balto com duas filhas nos braços, e chegando a certo lugar, deſappareceo. Aſſuſtouſe com a viſta, porque com os olhos vio aquella novidade, naõ como repreſentaçaõ; mas continuou no ſanto exercicio, attribuindo aquella viſta á fraqueza della, e contando-o ás Religioſas com a meſma ſingeleza; mas veyo tempo, em que pareceo profecia.

Paſſado hum anno, faleceo a Condeſſa do Baſto, mulher de Dom Diogo de Caſtro; e mandando-ſe ſepultar no Capitulo deſte Moſteiro, ſe lhe abrio a cova no lugar em que tinha deſapparecido. Paſſou mais tempo, e faleceo ſua filha Dona Paula Margarida de Tavora em Madrid, onde era Dama do Paço; e mandando que trouxeſſem ſeu corpo a eſte Reyno, e ſe depoſitaſſe no Capitulo deſte Moſteiro, ſe poz o caixaõ ſobre a ſepultura da Condeſſa ſua mãy. Correo menos de hum anno, e faleceo neſta Caſa ſua irmãa Soror Franciſca da Encarnaçaõ. Mandouſe abrir a cova junto da meſma ſepultura, e correo a terra de ſorte, que de duas ſe fez huma, verificandoſe a viſaõ de Soror Filippa.

Favores de mais eſtima communicou o Senhor á ſua ſerva. Souberaõ-ſe alguns, praticados por ella a ſeu Confeſſor (era eſte o Padre Frey Joaõ da Piedade, Religioſo devoto, e reformado, que deſpois foy Biſpo da China). Perſeguia a o eſcrupulo de que ſeriaõ illuſoens do demonio, e naõ favores do Ceo: taõ abatido era o conceito, que formava do pouco, que merecia! Achava-ſe eſta Madre gravemente enferma, pedio ás Religioſas que lhe trouxeſſem para junto á cabeceira a Imagem de hum Crucifixo, e alli lha deixaſſem para alivio, e companhia. Eraõ as dores intoleraveis: voltaraõ deſpois as Religioſas; e cuidando achar a doente afflicta, como a tinhaõ deixado, a viraõ alegre, e contente, confeſſando que era tal a ſuavidade, que recebera da viſta, e viſinhança daquelle Senhor, que as ancias lhe eſtavaõ parecendo delicias, as dores doçuras, ſem mais deſejo, que o de padecer mais; porque, figurando-ſelhe que aquellas dores tinhaõ ſahido do Sacroſanto Lado daquelle Senhor, eſtava com huma ancia de padecer taõ acceza, como o que abrazado da ſede ſuſpira hum copo de agua fria. Era eſta Imagem aquella, que a Madre Soror Iſabel de Jeſus, Fundadora, e primeira Prioreza deſta Caſa, trouxe de Santa Catharina de Sena, e de quem recebeo aquelle extraordinario favor, que eſcrevemos em ſua vida.

Rece-

Recebido já o Viatico, inſtava com grande ancia pela Santa Unçaõ, a noite precedente á ſua morte. Naõ era eſſe o voto dos Medicos, que lhe alargavaõ mais a vida; mas ella tinha de melhor Medico noticia mais ſegura. Aſſim o devia de entender o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, entaõ Vigario, que entrou a ſatisfazerlhe aquelle deſejo; e perguntando-lhe antes de a ungir, ſe ſentia de que ſe reconciliar, reſpondeo ſegura: *Que nenhuma outra couſa ſentia mais que hum intenſiſſimo deſejo de ver a Deos, ſendo taõ indigna de taõ unico bem. Mas que era tal eſta ancia, que parece que a inſtantes a acabava.* Ditoſa alma lutando com os deſejos de Paulo, de deſatarſe, e eſtar com Chriſto! mas parece que adiantandoſe a Paulo em lhe apreſſar a morte eſſe deſejo. No dia ſeguinte (foy em hum Domingo 13. de Dezembro de 1620.) paſſou a vêllo premiado, deixando as Religioſas com tantas ſaudades, como envejas.

Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto. Ad Philip. 1. n. 23.

CAPITULO XI.

Das Madres Soror Magdalena das Chagas, e Soror Barbara da Trindade.

GRandes indicios do que ſeria a Madre Soror Magdalena, ſe podiaõ tirar dos pays, que lhe deu o Ceo, ſendo doutrina do mais verdadeiro Meſtre, que de raizes Santas ſaõ Santos os ramos. Foy Soror Magdalena das Chagas (no ſeculo Dona Magdalena de Vilhena) filha de Franciſco de Souſa Tavares, e de Dona Maria da Sylva, illuſtriſſimos em ſangue, igualmente em virtude. Naõ degenerou a boa filha do bom genio dos pays. Fermoſa he a virtude, mas junta com a nobreza naõ ha igual harmonia. Eſta bemquiſtou a Dona Magdalena para eſpoſa pertendida. Caſou primeiro com Dom Joaõ de Portugal, neto de Dom Franciſco de Portugal, primeiro Conde de Vimioſo. Paſſara Dom Joaõ á infelice campanha de Africa, onde conſórme as noticias, que entaõ vieraõ a Dona Magdalena, morreo, acompanhando a ElRey Dom Sebaſtiaõ, como grande vaſſallo, e peleijando como Soldado valoroſo.

Si radix Sancta, & rami. Paulo 11. ad Rom. 16.

Eſta noticia deixou deſembaraçada a Dona Magdalena para ſegundas bodas com Manoel de Souſa Coutinho, Fidalgo illuſtre, e dos bemquiſtos entendimentos daquella idade (que ainda naquella parece que naõ era odioſo eſte nome). Viveo com elle alguns annos, até que ſe reſolveraõ a fazer divorcio, tomando ambos o habito de S. Domingos; ella neſta Caſa do Sacramento, elle na Recoleta de Bemfica; reſoluçaõ, que abraçaraõ taõ deſpidos do Mundo, que nunca mais ſe viraõ em quanto viveraõ. Chamouſe ella Soror Magdalena das Chagas, elle Frey Luiz de Souſa, taõ celebre pelos acertos deſta reſoluçaõ, como pelos de ſua penna, acrédora de toda eſta Provincia. Dos motivos deſte divorcio deixamos já eſcrito em ſua vida, no primeiro livro deſta quarta Parte.

Recolhida Soror Magdalena á Clauſura, nada lhe pareceo novo, mais que a exterio-

rida-

ridade do habito, e o obrar por preceito os mais dos ſantos exercicios, que em ſua caſa frequentava livre. Entre as Noviças fazia numero, taõ igual com ellas, que ſó a differençava a madureza, dizendo talvez no Coro os verſos com Soror Barbara ſua neta. Naõ podia parecer Noviça, mas já veterana naquella vida, quem entrara aquellas portas com tanto goſto, e tanto deſengano; quem occupara o tempo em ſua caſa, furtando ſe á aſſiſtencia de ſua familia, para as eſcondidas paredes de hum Oratorio; quem tinha aberta a porta á neceſſidade do proximo, os ouvidos ás ſupplicas, e a maõ ás eſmolas. Já livre (antes agora debaixo de ley) para os actos da contemplaçaõ, e da caridade, naõ eſperou tempo para ganhar em ambas grande nome. Aſſim era continua na oraçaõ, aſſim continua em ſervir, ſendo a primeira occupaçaõ, que lhe poz nas maons a obediencia, o ſer enfermeira; paſſou-a o ſeu goſto, e o ſeu genio a eſcrava; tal era o fervor, e deſvelo com que exercitava o officio. A igualdade, com que a achavaõ todas as doentes, lhe deu entre ellas o nome de mãy. Com eſte a chamavaõ, a eſte correſpondia.

No trato, nas palavras taõ humilde, como ſe lhe eſquecera, naõ ſó o dominio de ſua caſa, e familia, mas todo o commercio, e parenteſco, que tivera, e tinha com o melhor da nobreza. Aſſim ſogeita, aſſim ſofrida, que nenhuma reprehenſaõ, por aſpera, ou palavra, por deſarrezoada, lhe pode nunca alterar a brandura. Grangeoulhe algumas doenças a mudança de eſtado, acharaõna com invencivel ſofrimento; mais que tudo raro, o com que ſe accommodava á extrema pobreza religioſa, abraçando com igual conſtancia as obrigaçoens, e os deſcommodos daquella vida. Naõ lhe durou ella na Clauſura mais que oito annos; mas tam bem aproveitados, como o deu a conhecer a conformidade, com que recebeo o deſengano da ſua morte, taõ placida, como enſayada naquella vida. Recebidos com pias demonſtraçoens os Sacramentos, paſſou a lograr a eterna, em dia de Santo Thomaz, 7. de Março de 1621.

Ainda que a Madre Sor Barbara da Trindade faleceo muitos annos deſpois, naõ parecerá deſarrezoado admittirmos ao parenteſco o privilegio de anticipar a noticia de ſua vida, acompanhando-a de huma taõ grande parenta. Era a Madre Sor Barbara filha de Dom Lopo de Almeida, e de Dona Joanna de Portugal. Foy eſta filha de Dona Magdalena, de que acabamos de eſcrever, e paſſamos á vida de Sor Barbara como neta ſua. De pequena começou a pizar o caminho da virtude, tendo por enſino, e por exemplo a piedade dos pays, que entendendo o bem, que lhe negoceavaõ a melhor vida, a recolheraõ por pupila neſta Caſa. De ſete annos entrou nella, acompanhando a Sor Magdalena ſua avó, e em breve deſmentio os poucos annos com a muita capacidade. Já lhe naõ ſabiaõ o nome de pupila, vendo-a occupada nas obrigaçoens de Freira.

Tinha boa voz, e natural

viveza, com que ſe capacitou em pouco tempo nas ceremonias do ordinario, e couſas pertencentes ao Officio Divino. Já as Noviças a reconheciaõ Meſtra; como tal governou deſpois alguns annos o Coro. Creſceo com ella hum piedoſo affecto, e devoçaõ ao Roſario, que com grandes lucros de ſua alma conſervou toda a vida. Nos mais exercicios imitava, e talvez excedia as meſmas Religioſas. Exacta na obſervancia do ſilencio, ninguem, eſpecialmente de manhãa, lhe pode ouvir palavra ſem licença de ſua Meſtra. Dava-ſe á liçaõ de livros devotos, e com mayor applicaçaõ aos que tratavaõ da Paixaõ de Chriſto, que ella ſuſpirava Eſpoſo, contemplando já naquelles verdes annos com tanta madureza as circunſtancias, com que crucificaraõ ao Senhor no Lenho, as dores, que ſentiria, arvorando-ſe eſte no Calvario, que com compaſſiva ternura deſfazia o coraçaõ em lagrimas, e taõ ſequioſa dellas, como ſe via na continuaçaõ com que meditava.

Naõ ſe contentava com ſentir, quizera tambem padecer; aſſim applicava a eſta contemplaçaõ muitas mortificaçoens, e pedia á ſua Meſtra azevre, e fel, que trazia na boca á ſeſta feira. Em algumas era ſervido o Senhor de a illuſtrar, e parecia-lhe que via tudo o que paſſou naquelle laſtimoſo acto; que via o Senhor banhado em ſangue, cuberto de agonias, rodeado de ancias, levantando a enfraquecida voz ao Pay, e entregando-lhe finalmente nas maons o eſpirito; a magoa da Mãy affligida; a dor do Diſcipulo amante; as vozes do Povo impio, e rebelde, tudo repreſentado com tanta viveza, que banhada em lagrimas compaſſivas, ficava como amortecida. Confiſſaõ foy de peſſoa fidedigna, com quem fallava em materias de eſpirito com confiança, naquella idade, e deſpois de creſcida.

Já profeſſa, parecialhe que lhe accreſcia nova obrigaçaõ á obſervancia das aſperezas da Caſa; entregouſe a novas penitencias, jejuns, cilicios, e diſciplinas; tudo lhe parecia nada com as penalidades, que trazia continuamente no penſamento, vendo a ſeu Eſpoſo cravado em hum Lenho; eſpectaculo, de que toda ſua vida naõ tirou os olhos da alma, e com que naõ enxugou nunca os do corpo. De poucos annos a elegeraõ Meſtra de Noviças, e grande Meſtra, porque enſinava o que ſeguia. Adiantavaſe o exemplo á palavra, minoravaſe o preceito na companhia, e aſſim a obedeciaõ Prelada, como as que a experimentavaõ companheira; aſſim as trazia fervoroſas, aſſim conſoladas.

O rigor das penitencias a proſtrou muitas vezes, e taõ ſofrida era nas doenças: como auſtera em naõ temer cauſallas. Repartia o tempo de orar entre a oraçaõ mental, e vocal, porque todos os dias entoava o Roſario, furtando-ſe muitas vezes a hora (do pouco, que tomara para deſcanço) por naõ faltar a eſte proveitoſo exercicio, quando as obrigaçoens da Communidade lhe eſtreitavaõ o tempo; que aſſim lhe ſuccedia ſempre, por ſeu grande preſtimo. Poucos dias antes de

ſua

ſua morte, eſtando já proſtrada, pedia a huma Religioſa que a acompanhaſſe, e que ambas rezaſſem o Roſario; e dizendo-lhe a Religioſa que ſocegaſſe, que já naõ podia com aquelle trabalho, reſpondeo: *Antes, Madre, eſte he o unico arrimo, que tenho para a hora de minha morte*; e logo o rezou.

Para a certeza della teve dous aviſos. Entrava huma vez, antes da ultima doença, no Coro; vio nelle huma Religioſa; deſconheceo-a; chegouſe a ella, deſapparecerlhe, e o meſmo foy deſappareceolhe, que entender, que eſtava viſinha ſua morte. Com eſta certeza, de que eſtava convencida, começou de prepararſe, confeſſando-ſe geralmente. Paſſouſe logo a huma vida totalmente retirada, até deſſe pouco commercio das Religioſas. Accreſceraõ-lhe achaques; entendeoſe que de novas penitencias; mas andava de pé, acodindo a todas as Communidades. Entrava huma vez com ella para o Coro, a cantar a Ladainha de Noſſa Senhora, quando ouvio clara, e diſtincta huma voz, que lhe dizia: *Deſta has de morrer*. Com eſta noticia foy mayor o fervor de ſua alma; com mais ſuavidade cantou a Ladainha, affinando como Ciſne os ultimos accentos, naõ em ſaudoſas deſpedidas da vida, mas em vivos alvoroços de melhoralla.

No dia ſeguinte cahio enferma, e de doença taõ penoſa, que movia juntamente a laſtima vêlla ſentir, como a edificaçaõ vêlla ſofrer. Recebeo os Sacramentos com juizo inteiro, e ſuavidade de eſpirito; e ſem fazer acçaõ, que pareceſſe termo de morte, paſſou a melhor vida, ficando-lhe hum roſto bem aſſombrado, e riſonho, que enxugando as lagrimas á pena, as trocava em outras de alegria. Com ellas nos olhos levantavaõ as Religioſas as maons ao Ceo, ſentindo piamente que de lá deſciaõ os reflexos da bemaventurança a ferir nas palidezes daquella ſombra. Faleceo em huma quarta feira, 19. de Novembro de 1642. de idade de trinta e ſeis annos.

CAPITULO XII.

Da Madre Soror Margarida do Santiſſimo Sacramento.

PArece que competiaõ neſta venturoſa Caſa a graça, e a natureza, povoando-a huma, e outra de ſogeitos heroicos em virtude, e qualificados em nobreza; reflexaõ, que fez algum bom juizo, olhando para os Clauſtros Dominicanos, onde eſcaſſamente ſe achava Gigante na virtude, que o naõ foſſe tambem nas prendas do ſangue. Aſſim provou ſempre eſte bem, quando buſcou hum Pay, que unio em ſi excellentemente huma, e outra qualidade. Seja agora boa prova (ou continuada) Sor Margarida, onde ſe achou huma, e outra. No ſeculo ſe chamou Dona Margarida de Menezes, filha de Dom Fradique de Menezes (da Caſa dos Condes de Cantanhede, e Marquezes de Marialva, illuſtre, como venerada em Portugal, e Caſtella) e de Dona Iſabel Henriques, Senhora, em que ſe viraõ competir as prendas naturaes com a qualidade do naſcimento; aſſim eraõ aquel-

las grandes, aſſim eſte illuſtre. Com eſte parece que herdou tambem aquellas ſua filha Dona Margarida, naſcendo com tanto extremo fermoſa, que entre as primeiras mantilhas naõ foy ſó o emprego da admiraçaõ, mas de piedoſos vaticinios, que a deſtinavaõ toda ao Ceo, como peregrina na terra; naõ ſendo de menos ponderaçaõ o do Padre Frey Gaſpar do Roſario, Religioſo de S. Domingos, peſſoa de grande reputaçaõ em virtude, e Confeſſor de Dona Iſabel, que vendo a menina a poucas horas de naſcida, pedio a ſua mãy lhe puzeſſe por nome Innocencia, para indicio da muita, que haveria em ſua alma; e ainda que entaõ o naõ indicou o nome, diſſe-o deſpois a experiencia.

Creſceo; e já nos primeiros annos o hia confirmando na devota inclinaçaõ ás couſas de Deos, com tanta, e taõ continua applicaçaõ a ellas, e eſquecimento de tudo o mais, como ſe renunciara a propenſaõ dos poucos annos. Continua na oraçaõ, na veneraçaõ, e particulares devoçoens das Imagens; mas no meyo deſtes ſantos exercicios com huma notavel eſquivança ao dizeremlhe que ſe criava para Freira; e aſſim foy mayor caſo, que contando já dez annos, e ſuccedendo ouvir praticar a ſua irmãa mais velha a reſoluçaõ, que tomava de ſer Freira na Madre de Deos em Lisboa, ſentio em ſi hum abalo taõ vehemente, que (ſegurava-o ella meſma já Religioſa) lhe ferira o coraçaõ, inclinando-a com hum vivo deſaſocego áquelle eſtado, e com taõ ſeguros propoſitos, que coſtumava dizer: *Que aquella fora a hora da ſua converſaõ.* Deſte dia fez ſempre ſingular memoria, dando nelle a Deos graças com demonſtraçoens alegres, e agradecidas.

Já creſcia com ella a eſtimaçaõ do toſco ſayal Capucho, de que tinha noticia, aſſentando comſigo, e praticando publicamente, que naõ abraçaria outra vida mais, que a Clauſura da mais eſtreita Recoleta. Com eſta reſoluçaõ lhe creſcia ſervoroſamente o amor á pobreza, ſem haver couſa, que chegaſſe ás maons da ſua diligencia, e da ſua induſtria, que naõ paſſaſſe logo ás dos pobres. Pareceolhe pouco o que lhe naõ cuſtava mais que diligencias; meteo os pobres de partilhas na porçaõ, que na meſa tinha nome de ſua, e ſempre era menor a que deixava, que a que repartia. Porém naõ podendo ſer grande ainda toda, ſem duvida a multiplicava o Ceo, porque com aquelle pouco ſoccorria a muitos.

Foy couſa notavel, que aſſiſtindo commummente com algumas criadas em huma torre alta, que havia nas caſas, lá ouvia a voz do pobre, que pedia embaixo na ſala, naõ ſuccedendo o meſmo a quem eſtava com ella, e parecendo impoſſivel pela diſtancia. Entaõ deſcia ligeira, e alvoroçada, e lhe dava eſmola. Havia em caſa huma criada (com o achaque, de que adoecem todas, e convalecem raras) que em ſabendo que Dona Margarida tinha proviſaõ para os pobres, fingida, e diſſimulada, pedia na ſala, chorando huma mãy velha, entrevada, e faminta: com eſte engano

no roubava á innocente caritativa o que grangeara para a verdadeira pobreza; e repetindo-o muitas vezes, naõ cahio nelle nenhuma a verdadeira eſmoler, porque naõ coſtumava olhar para os roſtos envergonhados, mas para as maons vaſias dos pobres; ſenaõ era, que corria cega áquelle ſanto exercicio, porque lhe davaõ nos olhos os reſplandores da caridade, que lhe ſahiaõ do peito.

Naõ lançavaõ de ſi menos luzes as lavaredas, que ſe ateavaõ nelle, de ſe ver eſpoſa daquelle Deos, que he fogo, que ſuavemente conſome. Já começava de alvoroçarſe para eſta felicidade, porque paſſava com ſua mãy para a Cidade de Liſboa, e tinha havia tempos os olhos na Recoleta da Madre de Deos, em que contava amigas, e parentas, que a ſuſpiravaõ companheira; mas ſeu grande eſpirito, e partes já davaõ mayor brado, acompanhada da reſoluçaõ, com que vinha, de ſepultarſe em huma Recoleta. Em todas, as que havia na Corte, começaraõ a avivarſe os deſejos de a recolher nos ſeus Clauſtros; mas era mayor o ſanto commercio, que tinha com a do Sacramento, como Caſa Dominicana, por ter Dona Margarida já dous irmaons com o habito deſta Familia.

Reſolveoſe em acompanhallos na eſcolha, por mais que a fizera (eſtando ainda no Porto) do Moſteiro da Madre de Deos. Mas eſtava nelle cheyo o numero das Religioſas; e ainda que em Roma ſe pertendia já a diſpenſa para a receberem extranumeraria, naõ admittia dilaçoens hum deſejo, que era fogo, e havia de conſumir a conſtancia, em quanto ſe naõ deſafogaſſe na reſoluçaõ. Achava-ſe já com dezaſete annos, e entendia que em vida taõ breve, onde ſe naõ ſegura hum inſtante, já ſeriaõ menos os que déſſe ao Ceo, que os que tinha gaſto com o Mundo; como ſe fora vaſtallos com o Mundo, terſe ſervido delle ſó no domicilio. Aſſentou em veſtir a mortalha Dominicana neſta Caſa; mas ſendo ſeus parentes os que tinhaõ impugnado a fundaçaõ della, começaraõ os embaraços a aſſuſtarlhe os alvoroços, mas naõ os deſejos; porque a pezar das grandes batarias do inimigo commum, já do deſgoſto dos parentes, já dos rigores da Caſa, já do deſamparo de ſua mãy (que naõ tinha mais que a ella) aſſentou comſigo que nas difficuldades lhe queria o Ceo accreſcentar o triunfo, e que ſeria ingratidaõ naõ agradecer ao Ceo nas reſoluçoens o que lhe grangeava nos embaraços.

Tinha vindo algumas vezes a eſta Caſa do Sacramento, como aquella, a que tinha, e em que achava o mayor agrado, ſendo o reformado della o mayor para o ſeu genio; mandou pedir grade, em que queria fallar á Prelada, e pedio-a com tanta inſtancia, que ſuſpeitaraõ as Religioſas que ſem duvida era mais que viſita. Pedia a licença para huma Veſpera do Roſario. Acompanhou-a a mãy, vencida de rogos, e da devoçaõ, que tinha ao Moſteiro; mas bem fóra da magoa de tornar para caſa ſem companhia. Diſpoz Dona Margarida tudo de ſorte, que eſtando na Igre-

ja

ja com ſua mãy, acabadas Veſperas, lhe deſappareceo de diante dos olhos; e abrindo-ſelhe a Portaria, ſe paſſou aos braços daquella alvoroçada, e ſanta companhia, com tanto goſto, que por ſer o mayor de ſua vida, lho quiz o Ceo contrapezar com o ſentimento de ver a ſua mãy entrada em hum deſmayo, e logo cuberta de lagrimas, e formando queixas naſcidas eſtas do engano, que ſe lhe fizera, aquellas do deſamparo em que ficava. Quiz a filha enxugar humas, e ſatisfazer outras; eſteve com a mãy no Locutorio; ſeguiraõ-ſe ás meiguices muitas razoens cheas de grande eſpirito; mas nem a mãy ſe conſolava, nem a filha ſe movia; porque a filha olhava para o ſeu acerto, a mãy para o ſeu deſamparo, ou porque eſta obedecia á natureza, aquella ao Ceo.

Oito dias retardou Dona Margarida o noviciado, dando á mãy o alivio de a ver em hum Locutorio, e deixando ao coſtume do tempo o vêlla com mais alivio: mas naõ eſtava entaõ ocioſa, por moſtrar que naõ era irreſoluçaõ a detença. No Coro acompanhava as Religioſas. Na oraçaõ, e contemplaçaõ parece que as excedia, porque ainda gaſtava com Deos o que ellas nas occupaçoens da Caſa. De noite contrapezava o naõ hir a Matinas, com diſciplinas rigoroſas. Aſſim, ainda ſecular, era já Noviça; ainda Noviça, huma das Religioſas mais conſummadas da Caſa. Parece que o prova o que diremos. Eraõ paſſados dez mezes de noviciado, chamaraõ as Vogaes, para a porem a votos, como he coſtume. Era pratica ſua confeſſarſe indigna de companhia taõ ſanta; aſſim deu a entender o abalo, e ſuſto com que ouvio chamar a conſelho. Retiraſe a huma Capella, lança-ſe por terra, ergue os olhos, e as maons ao Ceo, pedindo a Deos que a naõ exclua daquelle ditoſo rebanho, como incapaz de fazer nelle numero. Atraz das vozes do coraçaõ, ſobio o eſpirito; aſſim ficou extatica, naõ ſó o tempo, que durou a funçaõ dos votos, mas ainda deſpois de chegarem a ella as Religioſas, a ſegurarlhe, que eſtava aceita. Julgaraõ o ſilencio, e immobilidade por encolhimento natural, como ſabiaõ o como era callada, e humilde; mas ſoube-ſe dahi a dias, que era mais myſterioſo o ſilencio, quando inconſideradamente confeſſou, que naõ ouvira couſa alguma do que ſe lhe diſſera. Sem duvida ſe applicaraõ os ſentidos de ſua alma a eſcutar de mais ſuperior eſféra as noticias da ſua ventura. Eſta era Sor Catharina, quando Noviça.

Mas naõ permittio o Divino Eſpoſo, a que eſperava dar a maõ, que foſſe ſó o noviciado da Religiaõ, o que a diſpuzeſſe para aquella felicidade; em outro noviciado a quiz approvar o Ceo no ſofrimento, e paciencia com que abraçou huma cruel doença, entendendo, que era mimo daquella maõ, que lhe promettia o Eſpoſo. Aſſim naõ ſó ſofria, mas feſtejava as dores, ſem que o rigor dellas lhe embaraçaſſe as horas de oraçaõ, em que ſentia tal ſuavidade, que naõ havia moleſtia, que lhe naõ eſqueceſſe.

ſe. Apertavaõ-na rigoroſas ſedes; e recorrendo á oraçaõ, em que ſe ſuſpendia, parecia-lhe muitas vezes que o Senhor a a recreava com ſua preſença, permittindo que com os ſequioſos beiços chegaſſe ao Sacroſanto Lado, e com tanta conſolaçaõ, e doçura de eſpirito, que no meſmo inſtante lhe paſſava a ſede, ficando-lhe ſó a de repetir aquella ſuavidade.

Continuava o embaraço da doença (eraõ humas crueis quartans) e prendia-a no leito em certo dia, que commungavaõ as Noviças. Entrouſe de huma vehemente magoa, ou ſanto ciume, e inveja daquelle unico bem, que ſe lhe difficultava; e diſſe ao Senhor com hum ſuſpiro ſahido da alma: *Ha! Senhor, que ahi vos eſtais regalando com eſſas voſſas ſervas; e ſó a mim, como indigna, me repudiais, pois aqui me prendeis paralytica, para que vos naõ receba!* Logo lhe pareceo, que eſcutava ao Senhor, que brandamente lhe dizia: *Para que dizes iſſo, ſe ſabes que te amo?* Seguio-ſelhe huma doçura de eſpirito, que (derretendolhe o coraçaõ em lagrimas) lhe parecia que era a com que ſempre commungava.

Em huma terceira Dominga (em que ſe coſtumava expor o Senhor neſta Caſa) duravalhe ainda a prizaõ da doença, e naquelle dia com huma accendida febre, que a tinha proſtrada. Aggravava-ſelhe com a dor de naõ poder ſe quer ter ſocego para contemplar naquella ſoberana iguaria, já que com os olhos mortaes naõ podia vêlla. Pedio ao Senhor, que já que lhe naõ permittia aquella viſta, lhe reſervaſſe o deſaſocego da febre para outra hora, porque o queria contemplar naquella. Sentio logo em ſi hum taõ grande ſocego de eſpirito, como ſe foraõ alheas as affliçoens do corpo. Levantouſe; e com admiraçaõ das que ſabiaõ o eſtado, em que havia pouco a deixavaõ, aſſiſtio no Coro á Miſſa, e Sermaõ, até ſe recolher o Senhor.

Chegava o dia de ſua Profiſſaõ; determinou a Prelada que foſſe naquelle, em que o achaque a deixava livre, ſem que mais ſe lhe dilataſſe, porque era tal a ſua ancia, que entendiaõ que a convaleceria o goſto de Profeſſa. O conceito, que Sor Margarida ſe tinha grangeado, encheo todo o Moſteiro de alvoroço, armando-ſe as Capellas com devotas figuras, em que ſe repreſentavaõ alguns Paſſos dos Cantares; em que melhor ſe exprimem os Divinos deſpoſorios. Tudo convidava a devoçaõ, e ſanta, e eſpiritual alegria. Moſtravaõ-lhe tudo; e a nada do que ſe lhe dizia, ou ſe lhe moſtrava, dava acordo; aſſim eſtava abſorta naquelle bem, que via já proximo, e a que ſempre levantou medroſa os olhos do merecimento humano. Aſſim ſuſpendida, e como alhea (como a que em nada era já ſua por aquella ditoſa entrega) chegou aos pés da Prelada; e ao pôr as maons no livro das Profiſſoens, lhe pareceo que alli eſtavaõ as de ſeu Eſpoſo, e que como tal lha dava, e ao inclinarſe, hum amoroſo abraço; tudo taõ vivamente, que nunca mais lhe ſahio da memoria, e menos do entendimento, hum conceito firme,

firme, e ſeguro de que aquelle acto fora a Deos aceito, e hum real, e legitimo deſpoſorio.

Deſta viva, e continuada contemplaçaõ lhe naſcia hum tal deſpego da materialidade do corpo, que vivia como eſquecida de que ainda era peregrina na terra, levandolhe o mais do tempo a doce lembrança daquella hora em que ſe deſpoſara, ainda que lhe contrapezava o Senhor eſtas conſolaçoens com a continuaçaõ de achaques, repetidas dores, e pezar vivo de ſe ver ſem ſaude, e forças para ſervir, e ſe atormentar. Mas antes que paſſemos a mayores noticias, ou para que melhor demos todas deſta verdadeiramente extatica Madre, recopilaremos ſua vida (como no la deixou expreſſa da ſua meſma penna, tanto para edificaçaõ, como para doutrina, naõ fiando o Ceo tanto voo de outra, que naõ foſſe a ſua) Achouſe em hum papel de ſua letra, fizera-o ſendo Noviça, com documentos para occupar com lucros, e melhoras de ſua alma todas as horas do dia. Como os eſcreveo, os obſervava, e obſervou toda ſua vida. Dizia aſſim fallando comſigo:

Pela manhãa em acordando, lembrarme, que começa o dia, e deſejar gaſtallo todo em ſerviço de Deos: e para bom principio procuro fazer as couſas melhor, que até alli. Até Prima gaſto neſtes propoſitos, pedindo a Deos graça para os pôr por obra. Deſpois de Prima, procuro aproveitar o tempo da oraçaõ, repreſentando a Deos diante. Quando ſahir do Coro, pedindo licença, e favor a Deos, e procurando chegar até caſa de Noviças, occupar o tempo em ſaudades ſuas; e para as aliviar, naõ ſahir nunca de ſua Divina preſença, imaginando no paſſo em que aquelle dia tive oraçaõ; e para tudo, o que me mandarem, eſtar muy prompta. Se enſinar as outras Noviças, lembrarme, quanto mais neceſſidade tenho eu de aprender, e aſſim fazello com humildade, e caridade. Se aprender, hir com goſto para louvar a Deos. Se for para o Oratorio, agradecer a Noſſo Senhor, querer, que eſteja diante delle. Tangendo o ſino para as horas, alvoroçar a alma para hir louvar a Deos, indo até o Coro, dando-lhe graças por eſte ſoberano officio, que me deu. Em entrando no Coro, pedir devoçaõ para eſtar nelle. Na Miſſa ter conſideraçaõ dos peccados paſſados, pedir miſericordia, dar graças por beneficios recebidos, encomendar a Noſſo Senhor a ſua Igreja, renovar os bons propoſitos, e offerecimentos. Quando for á meſa, queixarme a Deos de ſer forçado ſuſtentar o corpo; deſejar ter muita mortificaçaõ, e eſcuſar tudo o que naõ for neceſſario. Na meſa cuidar no fel, e vinagre, ou no dia em que ſe deu. Em acabando dar graças, e hir logo ajudar a lavar a louça, com contentamento de ſervir. Deſpois hir para caſa de Noviças, fallar com as companheiras, porque mo mandaõ; pedindo a Deos ſeu favor, para o naõ offender em alguma palavra, procurando que a pratica ſeja delle; as palavras poucas, ſem profia, e baixas, e menos diante da Madre Meſtra, deſejando ſempre o recolhimento. Tangendo, hir para a cella prepararme para a oraçaõ de Noa, com o exame de conſciencia, liçaõ para a ora-

a oraçaõ, meditaçaõ, o Paſſo do dia, peccados paſſados, e ruim vida preſente, procurando até Veſpera conſervar a devoçaõ, ſentindo muito neſte tempo ter alivio em alguma couſa, pois he taõ proprio para ſentir os trabalhos de Chriſto. Deſpois de Veſpera tornar para caſa, procurando naõ ſahir nunca da preſença de Deos, e para iſſo uſar muitas jaculatorias. A' cea, ou colaçaõ as conſideraçoens do jantar, deſejando, que ſe acabe, para hir para o Coro, e procurar de eſtar entaõ com devoçaõ, por ſer a derradeira hora do dia. Recolherme fazendo primeiro exame, e ſentindo haver de gaſtar o tempo em dormir ſem louvar a Deos. Pedir ao Anjo da Guarda, que o faça por mim. Pedir perdaõ, licença, e favor a Deos. Ao deſpir lembrarme, que em caſa de Pilatos tiraraõ ſeus veſtidos ao Senhor, e deſpois de Matinas, quando com mayor dor no monte Calvario lhe fizeraõ o meſmo. Deitarme conſiderando como eſtenderaõ o Senhor na Cruz, e ao levantar, quando o levantaraõ nella. Dormir com as maons cruzadas.

A eſta repartiçaõ de dia, que trazia decorada, e cumpria á riſca, naõ deixando inſtante livre ao penſamento, para poder deter os voos do eſpirito, ou tropeçar nas fraquezas de humano, ajuntou outro papel, eſcrito tambem de ſua letra que ſe lhe achou, a que chamava *Propoſitos*, e ſe ſoube, que eſcritos, e exercitados com reſoluçaõ de os naõ quebrar em ſua vida. Dizia aſſim o papel.

Propoſitos, que determino cumprir com o favor de Deos. Lellos todas as ſemanas. Rezar todos os dias pelo menos hum Terço do Roſario com devoçaõ, e de joelhos. Fazer todos os dias exame de conſciencia. Naõ paſſar nenhum, em que me naõ mortifique em alguma couſa. Quando me recolher, ler a meditaçaõ do outro dia, e ter alguma conſideraçaõ quando me deitar, lembrando-me logo pela manhãa de Deos. Naõ dizer palavras em meu louvor, nem de queixa, nem de deſconfiança. Trazer os olhos ſempre baixos; naõ fazer nada ſem conſelho. Nem fallando, nem eſcrevendo, dizer palavras, que moſtrem curioſidade. Encomendar todas as ſemanas a Noſſo Senhor todas as couſas, que nos mandaõ em Capitulo, e as peſſoas, que me reprehenderem, ou aggravarem. Naõ me deſculpar. Fazer o que me pedirem com muito boa vontade. Naõ fallar com minha Meſtra por goſto proprio, ſenaõ por neceſſidade, e pertender na pratica ſò o mayor ſerviço de Deos, e aproveitamento de minha alma. Naõ me rir das faltas alheas. Gaſtar bem o tempo, que leva o Officio Divino, procurando eſtar nelle com attençaõ, e recolhimento interior.

Eſtes os propoſitos, que inviolavelmente obſervava Sor Margarida; aquella a repartiçaõ de tempo, com que o aproveitava todo; e aſſim ſe deixa ver, que era ſua vida huma oraçaõ continuada, pois naõ havia inſtante, que naõ occupaſſe contemplativa. Naõ foy eſta a ſua mayor occupaçaõ recolhida nos Clauſtros; já o tinha ſido, vivendo ainda em ſua caſa, onde madrugava para o Oratorio, e nelle gaſtava quaſi todo o dia. Paſſando ſua mãy a viver em Lisboa (como deſpois dizia, e chorava) naõ foy algum tempo neſte exercicio taõ continua por buſcada, e tratada de algumas Senhoras parentas; mas tanto do genio, e criaçaõ de Soror Margarida, que bem podia naõ lamentar de mal gaſto aquelle tempo, em que ſó ſe tratava de como ſe havia de occupar bem, ſeguindo-ſe a eſte ſanto commercio o povoarem-ſe algumas recoletas dos eſpiritos, que o fomentavaõ.

Abrazava-ſe no amor daquelle myſterio, que he por anthonomaſia de amor. Já em os primeiros annos eraõ fervoroſos os meſmos deſejos; porque ſobindoſe a hum lugar alto de ſua caſa, corria com os olhos, e com o coraçaõ as Igrejas, que dalli deſcobria, venerando-as como ſagrados celeiros, que guardavaõ o Paõ dos Anjos. Diante delle expoſto ficava taõ alienada, e eſquecida, que era neceſſario advertilla, e comporlhe o manto, quem eſtiveſſe com ella. Em levantando os olhos, e os penſamentos para o adorar, ſeguiaſe-lhe á ſuſpenſaõ o atearſelhe o coraçaõ em vivas lavaredas, a eſtas o deſafogo das lagrimas, e taõ ardentes, como faiſcas do coraçaõ; teſtemunhavaõ-no ſeus olhos nunca enxutos, por mais que ſempre abrazados. Já no Moſteiro (onde para eſtes ſantos empregos tinha liberdade, e commodo) naõ lhe parecia, que deſcançava, ſenaõ no Coro, e á viſta do Sacrario, continuando eſte exercicio com tanto lucro, que o meſmo era porſe de joelhos, que eſquecerſe de todas as penſoens do corpo, ſem mais memoria, que aquella em que ſeu Eſpoſo ſe deixara.

No meyo deſtas contemplaçoens negava-lhe o Senhor aquelle fervor, com que a toda a hora ſe queria transformar nelle, illuſtrando-a com ſoberana luz. Huma noite de Natal, ouvindo cantar na Miſſa o *Gloria in excelſis Deo*, e contemplando, que os Anjos entoaraõ aquelle Cantico a hum Menino Deos, que por ſua vontade vinha á terra a trazer a verdadeira paz à ſua alma, aſſim ſe elevou, que naõ ſoube, nem deu acordo ſe ſe cantaraõ Laudes, parecendo-lhe ſó, que tinha dentro em ſi aquelle Deos, que para naõ eſtranhar a ſua viſinhança, tomara ſua meſma natureza.

Cantava Completas em huma Dominga de Ramos, quando levantando a Deos o penſamento, ſe ſentio interiormente levantar ſobre ſi, pondo-ſe diante da Santiſſima Trindade, recebendo hum rayo de luz, que lhe dava conhecimento do muito, que Deos era. Parecialhe hum mar immenſo, que por todas as partes a tinha cercado, e como ſepultada nelle, ſentio perder todas as operaçoens naturaes, como ſe nella vivera eſpi-

eſpirito mais ſoberano. Chamou-a huma Religioſa, que a vio tranſportada, e tornou em ſi com huma ſuſpenſaõ, e hum paſmo, como ſe ſe lhe fizera novo o verſe entre as baixezas, e debilidades do corpo humano.

Eſta ſuave experiencia dos mimos do Ceo a trazia retirada de tudo o que naõ era a meditaçaõ delle, ſuſpirando ſempre a ſoledade para ſe transformar em Deos. Eſte mimo lograva eſpecialmente nos dias de communhaõ, parecendo-lhe, deſpois de commungar, que dentro em ſi tinha aquelle Senhor, em que diviſava huma alvura, e claridade nunca viſta, nem comparavel com as da terra; a eſta luz lhe parecia, que ſe lhe abriaõ os olhos do entendimento, e alcançava mais, que o que podia o humano, no Myſterio profundo da uniaõ do Verbo; mas nada affirmava, ſepultada logo em huma eſcuridade impenetravel. O que ſó ſegurava, era contemplar vivamente aquelle ſuſtento das almas na ſua, que com huma incomparavel belleza deſterrava della toda a ſombra de agonia; repreſentaçaõ, que lhe ficava tanto na memoria, como ſe dos olhos corporaes lhe naſcera aquella ſaudoſa lembrança.

Igualmente viva era a repreſentaçaõ dos mais myſterios, e Paſſos ſagrados, e tanto, que fallando ás vezes nelles, repetia, e individuava as circunſtancias com huma tal miudeza, como ſe a ſeus olhos paſſara o que repetia. Eſta ſuavidade, em que trazia como encantado o eſpirito, a retirava de tudo, e em tudo a trazia como eſtranha, e moleſtada, como ſe lhe tirara as forças, e lhe enfraquecera o coraçaõ qualquer occupaçaõ, que naõ foſſe eſtar contemplando; ſuccedendo-lhe muitas vezes, que indo a ler na Communidade, naõ podeſſe mover os beiços, como ſe com violencia lhe taparaõ a boca; aſſim eſtranhava as acçoens do corpo, como ſe alli naõ houvera já mais que eſpirito.

Mas porque eſte gemia ainda nas prizoens da carne, ſentia muito o haver de accommodarſe ás debilidades della, ſendo-lhe preciſo o tomar algum deſcanço. Succedia-lhe aſſim deſpois de Matinas, recolhendo-ſe huma hora antes de Prima, perſeguida de inſoportaveis dores de cabeça, que a privavaõ do alivio de ficar aſſiſtindo ao Santiſſimo Sacramento. Pedio, e tornou a pedir áquelle Senhor, que lhe tiraſſe aquelle embaraço; e aſſim ficou ſem elle, de ſorte, que antes de Prima ſó ſe recolhia meya hora.

Na obediencia deſempenhou os propoſitos, que tinha eſcrito, e decorado. Nem no juſtificado da acçaõ lhe ficava voluntaria a eſcolha; ſuas Meſtras, e Preladas lhe determinavaõ tudo o que obrava, taõ deſpida de vontade propria, como ſe ſe lhe trocara em obediencia. Mas aſſim ſe contentava o Ceo da ſua, que o quiz moſtrar para premialla. Era ainda Noviça, achava-ſe a Madre Soror Jeronyma de Jeſus muito affligida com huma colica, e dores inſoportaveis de cabeça, (achaque, que muitas vezes a perſeguia) e havia cinco dias, que naõ ſocegava. Chegouſe a ella a Meſtra de Noviças, e le-

vando conſigo, como de acaſo, a Soror Margarida, lhe diſſe, que puzeſſe a maõ na cabeça á enferma. Bem entendeo a boa Noviça (por mais que interiormente o eſtranhava) que era eſperar daquelle toque a meſinha; mas obedeceo mandada; applicou a maõ, e no meſmo inſtante ceſſou toda a queixa, ficando a enferma como ſe até alli o naõ eſtivera. Iſto achamos apontado por huma Religioſa de boa opiniaõ, que o preſenciou.

Era extremoſa ſua humildade, nada eſtimava menos que a ſi meſma. Todas lhe pareciaõ capazes de mais reſpeito que ella. O conceito de que era a mais indigna creatura, a obrigava a hum rigoroſo exame, que precedia á communhaõ, naõ o dando por ſufficiente, em quanto as lagrimas lhe naõ ſeguravaõ, que eſtava ferido o coraçaõ. Aſſim ſe ſentenceava a ſi meſma, naõ achando em ſi venialidade, que lhe naõ pareceſſe crime, ſendo taõ humana com as acçoens alheyas, que ſempre chegavaõ a ſeus olhos com deſculpa, ſe eraõ menos juſtificadas, e com confuſaõ ſua, ſe eraõ puras, ſentindo bem de todas. As affliçoens, e trabalhos alheyos lhe pareciaõ proprios: tal era a ambiçaõ de ſentillos; paſſava á de querer remediallos; recorria á oraçaõ; e pagava-ſe Deos tanto deſte deſvelo, que a illuſtrava com o conhecimento de ſucceſſos futuros: ſuccedeo algumas vezes aſſim.

Tiveraõ humas Religioſas noticia, que em Caſtella eſtava enferma, e perigoſa huma irmãa ſua, Dama da Rainha, peſſoa de tantas prendas, que ainda faziaõ mayor a perda. Deſconſoladas, recorriaõ a Soror Margarida; inſtava ella na oraçaõ, compadecida das irmãas, como da enferma. Foy ſervido o Senhor de lhe dar a entender, que naõ viviria. Conformeme com a vontade Divina, e magoada da dor das irmãas, lhes pedio, que ſe puzeſſem nas maons de Deos, porque teriaõ noticia de huma grande perda. Tomaraõ o conſelho, ainda que com o alivio de nova eſpalhada, que ſe achava melhor a enferma. Mas Soror Margarida eſtava mais ſegura no que ſe lhe tinha moſtrado, que no que eſtava ouvindo. Succedeo aſſim, que veyo brevemente noticia, que a enferma falecera. Fazia a meſma ſupplica na oraçaõ pela vida de Dom Miguel de Caſtro, Arcebiſpo de Lisboa, que eſtava perigoſo, e importunavaõ-na parentas ſuas, a que eſta noticia trazia deſconſoladas. Naõ tardou a que Soror Margarida teve de que falleceria o Arcebiſpo; mas occultou-a; e falecido elle, ſe entendeo que antes a tivera.

No ſofrimento, e na paciencia, parece que deſconhecia as penſoens de humana, naõ conjecturadas, nem ainda no ſemblante. Aſſim ſe eſcutava reprehendida, como ſe ſe conhecera culpada. Lamentava o verſe ſem ſaude para mayores empregos de penitente. Eraõ taõ aſperos os das diſciplinas, que tomava com cadeas de ferro, que ſeus Confeſſores lhe puzeraõ preceito, para que naõ foſſem taõ continuadas, e taõ rigoroſas. Obedeceo; mas com tanta dor das que lhe embaraçavaõ,

çavaõ, que veyo a igualar as que lhe impediaõ. Só nas feſtas feiras naõ podia exercitar penitencias, porque a atormentava huma rigoroſa dor de coſtas, e cabeça, que a deixava ſem alento para outra. Durava-lhe de pela manhãa até ás trez da tarde. Mimo parecia de ſeu Eſpoſo, que repartia com ella das delicias, que naquelle dia, e naquellas horas goſtara no Paraiſo do Madeiro.

Aſſim queria viver ſó com elle no da Religiaõ, que o que lhe pedia no tempo, em que ainda naõ podia fallar a ſua mãy, e irmãas (porque ainda eſtava com a fogeiçaõ de Noviça) era, que os fizeſſe ſantos, mas que lhe embaraçaſſe o alivio de communicallos. Aſſim lho permittio Deos, porque a ſua mãy ſó huma vez fallou, e alguns de ſeus irmaons, nenhuma, prendendo-a huma grave enfermidade na Enfermaria, de donde paſſou a melhor morada. Ameaçada do achaque, foy ao Coro deſpedirſe do Senhor, e pedirlhe, que ſe aquella era a ultima doença, a deixaſſe padecer nella; ſem duvida entendeo que ſim o ſeria, porque logo diſſe palavras, que o deraõ a entender, por mais que os Medicos facilitavaõ a doença, naõ na opiniaõ das Religioſas, pela muita que tinhaõ da enferma, e dos fundamentos com que ſempre fallava.

Aggravouſe o achaque, creſceraõ as dores (eraõ já inſoportaveis) mas igual a conſtancia de quem as ſofria; ſabia que eraõ mimos, porque como taes os pertendera. Commetteolhe a cabeça hum humor groſſo, deulhe hum ſono pezado. Naõ havia induſtria, nem medicamento, que a divertiſſe delle. Inventou hum quem a conhecia; fallavaõ-lhe em Deos, logo a tinhaõ eſperta. A mayor dor, que padecia, era no peito; e ſendo facil a meſinha para alivialla, ella lha naõ applicava, ſem que a Prelada naõ ſó lho pediſſe, mas lho mandaſſe.

Fizera Sor Margarida hum concerto com huma Religioſa, que a que primeiro chegaſſe ao ultimo perigo da vida, deſenganaſſe a outra. Naõ ſe eſqueceo a boa amiga. Eſcutou-a Sor Margarida, reſpondendolhe com ſocego, que de parte mais certa tinha havia muito o deſengano. Algumas vezes commungou, dilatando-ſe a doença; e algumas pedio a Unçaõ; mas o dia em que faleceo, com tanta ancia, e taõ repetida, que entenderaõ naõ deviaõ dilatarlha. Recebeo-a com paz, e conſolaçaõ de eſpirito, e com ellas o deo ao Senhor, em huma ſegunda feira, 11. de Mayo de 626. tendo de idade vinte e dous annos. Ficou com hum ſemblante alegre, e deſaſombrado da morte, que baſtara a enxugar as lagrimas das Religioſas, ſe a ſaudade (ainda com os olhos naquelles boſquejos da ſua gloria) naõ ſuſpirara como humana a ſua companhia.

CAPITULO XIII.

Da Madre Sor Catharina dos Martyres.

ENtremos a ver o eſpectaculo, que a gentilidade cega achou digno das attençoens de Deos; hum coraçaõ abraçado

do com as miſerias da vida, ſem ceder na tolerancia. E que dirá o conhecimento Catholico, encaminhado da luz da razaõ, e da Fé, entendendo, que ſimilhantes lutas ſaõ a officina de venturoſas coroas; naõ aquellas, que fingia a vaidade nas immortalidades da fama; mas as verdadeiras, que no Templo triunfante de Deos haõ de durar incorruptas?

Omnis, qui in agone contendit, ab omnibus ſe abſtinet: illi ut corruptibilem coronam accipiant; nos autè incorruptam. 1.ad Cor. 9. n. 25.

Bem conheceo eſta verdade a Madre Sor Catharina, como ſe eſtudara com S. Paulo aquelle taõ claro, e importante conſelho de ſe adiantar no trabalhoſo eſtado deſta vida, para conſeguir huma immortal coroa, com muita mais razaõ, que os Athletas corriaõ com ancia para alcançar huma caduca. Naſceo Sor Catharina de pays nobres, mas taõ queixoſos da fortuna, que naõ alcançavaõ ſuas poſſes a inteirar hum dote á filha, para ſe recolher em o Moſteiro de Jeſu de Aveiro, eſte Patria ſua, e aquella a reſoluçaõ, com que ſe criava desde menina. Aſſim houve de accommodarſe (pois naõ havia reduzilla a outra vida) entrando em o lugar de Freira Converſa, em que deu tal conta de ſi, que naõ ſó ſervia ás Preladas, e Religioſas antigas de goſto, mas a todas de exemplo. Profeſſou; mas vivendo ſempre com a meſma ſogeiçaõ de Noviça, naõ ſó no ſerviço, e obrigaçoens da Caſa, mas na aſpereza de vida, que via, e imitava nas mais reformadas della.

Neſte tempo hum irmaõ ſeu, Religioſo Dominico, que aſſiſtia no Convento da Villa (eleito Biſpo de Cabo-Verde) quiz augmentar o dote á irmãa, que a eſtimava muito, e fazella Freira do Coro; mas foy couſa rara, que ſendo Sor Catharina taõ bemquiſta, ſe oppoz a iſſo toda a Caſa, ſem valer induſtria, nem valia, antes algumas pouco conſideradas (que a virtude ſempre tem emulos) começaraõ a tratar a Sor Catharina com deſprezos, accreſcentando afrontas, e injurias, como a incapaz do lugar, por que ſeu irmaõ fazia as diligencias. Era Sor Catharina bem naſcida, criada com eſtimaçaõ, ainda que naõ com grandeza; eſcutava agora aquella repulſa, via-ſe deſprezada, e perſeguida; mas como ſe deſconhecera as paixoens de humana, eſtava immovel, ſem que os vituperios, que lhe chegavaõ aos ouvidos, tiveſſem mais repoſta que a muda, que coſtumavaõ dar os olhos. Eſte o eſpectaculo, em que ſe vio vencida a natureza das firmezas da tolerancia. Seguiaõ-ſe ás injurias as falſidades, que lhe impunhaõ, e com que a deſauthorizavaõ; e Sor Catharina emmudecida, recorria ao ſagrado da oraçaõ, como ſe diſſera com o Profeta: *Senhor, o odio ſe empenha em me perſeguir: eu volto-lhe as coſtas, ponho-me a orar.*

Pro eo ut me diligerent detrahebant mihi; ego autem orabam. Pſ. 108.

Eſte era o alivio, e o remedio, a que recorria o ſeu deſamparo; buſcava os pés de hum Crucifixo; banhava-os com lagrimas, diziaõ ellas o que callava a boca, e ſouberaõ dizer tanto, que vio em huma occaſiaõ, que deſpregando o Senhor o braço da Cruz, a eſtreitou com elle, deixando-a taõ fóra de ſi o extraordinario do favor, que cahindo por terra, eſteve muitas horas, fiando a ſua confuſaõ

fuſaõ o ſaber agradecello, ficando de entaõ com hum coraçaõ taõ inteiro para as perſeguiçoens, que naõ ſó lhe pareciaõ toleraveis, mas as julgava intereſſes. Neſte eſtylo de vida ſacrificada paſſou Sor Catharina alguns annos, ancioſa ſempre de ſe adiantar em padecer, porque tudo lhe parecia pouco para ſervir hum Senhor, que ſabia dar tanto. Abriolhe o Ceo caminho na noticia deſta nova Caſa do Sacramento, e da grande obſervancia, com com que ſe vivia nella. Pedio ao irmaõ Biſpo, que lhe alcançaſſe licença para paſſar a viver naquella Clauſura, naõ por fugir na de Aveiro ás perſeguiçoens, que já o tempo diminuira; mas porque deſejava verſe em mayor eſtreiteza.

Foy facil ao irmaõ a licença; paſſou Sor Catharina para eſta Caſa do Sacramento por Freira do Coro, deixando ſaudoſas, e arrependidas as que lhe tinhaõ embaraçado o meſmo. Via-ſe agora ſeu eſpirito em campo aberto para lançar maõ das armas da penitencia, como a convidavaõ os exercicios da Caſa, e o exemplo daquelles eſpiritos, que voavaõ na reformа. Mas o que mais avultava nella era huma viva, e deſvelada caridade com os proximos, em que naõ podia ver miſeria, que naõ remediaſſe, ainda que foſſe á cuſta de ficar com ella, remediando-a. Aſſim era taõ pobre, que naõ conſeguia o goſto de dar, ſem o ſacrificio de pedir primeiro. Humilde, e obediente, naõ houve occupaçaõ de trabalho, a que naõ ſatisfizeſſe; mas o goſto, e alegria ainda excediaõ a pontualidade.

Achava-ſe já carregada de annos, que lhe grangearaõ huma cruel enfermidade, que cinco mezes lhe exercitou a paciencia, edificando a quem a via padecer emmudecida. Amanheceo hum dia com roſto alegre (foy o ultimo de ſua vida) e perguntando-lhe huma Religioſa de toda ſua confiança ſe ſe achava aliviada, porque o ſemblante o dizia, reſpondeo: *Naõ ſó aliviada, mas favorecida; porque a ſua Senhora do Roſario a viſitara.* Era devotiſſima da Senhora, e ao ſeu Roſario ajuntava todos os dias o ſeu Officio Menor, por mais que viveo ſempre occupada ſua muita capacidade nos officios de mais trabalho, que havia no Moſteiro; mas, ſe lhe faltava o tempo, ſuppria o que ſe havia de dar ao deſcanço. Foy creſcendo a doença, e ella entendendo, que chegava o do ſeu martyrio. Hum continuado fora toda ſua vida; e quem tambem entendia, que naõ podia haver nella outra couſa, e que tudo, o que tiveſſe de breve, teria de apreſſar a ultima felicidade, como naõ trocaria os receyos em alvoroços?

Com muito pedio, e recebeo os Sacramentos: e deſpois de demonſtraçoens penitentes, acompanhadas das lagrimas das Religioſas, que perdiaõ nella hum daquelles primeiros eſpelhos da obſervancia, e hum arrimo para a Caſa, acabou com hum ſocego, e ſerenidade, que ainda deſpois lhe durou no ſemblante, admirando-ſe as Religioſas, que a eſcutavaõ ſempre taõ temeroſa da morte. Mas eſſa he a importancia de morrer ſempre na vida, ſeguirſelhe o ſo-

ſocego de viver na morte. Deſengano, e conſelho bem importante, que deixou eſcrito o exemplar dos mortificados S. Paulo, que dizendo, que morria cada dia, diſſe deſpois, que a morte eſtava taõ fóra de lhe dar ſuſto, que antes era o ſeu deſejo. Só quem ſabe entender, que a vida he morte, ſabe alegrarſe com a morte, como principio da vida. Faleceo eſta Madre em 14. de Setembro de 1626.

Quotidie morior. 1. ad Corinth.

Deſiderium habens diſſolvi. Ad Philip. 1. 23.

CAPITULO XIV.

Das Madres Sor Maria Magdalena do Santiſſimo Sacramento, e Sor Thereſa de Jeſus, ambas irmãas.

SEndo todas as Virgens eſpoſas daquelle Cordeiro, que ſe apacenta entre as fragrantes, e intactas aſſucenas da caſtidade, parece, que as que do jardim Dominicano paſſaõ ao Celeſte thalamo, ſaõ mais propriamente eſpoſas do Cordeiro, porque o nome de Dominicas, que as dá a conhecer todas ſuas, as ſegura mais mimoſas. Eſſe o enfaſe no nome de Noſſo Patriarcha, *Dominicus*, como ſe diſſera *Todo do Senhor*; eſſa a mayor precioſidade, com que eſte grande Pay as dota filhas, eſſa a circunſtancia glorioſa, com que o Eſpoſo as eſtima mais ſuas. Aſſim parece, que ſe deſempenhou na Madre Sor Maria, moſtrando-ſe naõ ſó no nome, que eſcolheo, do Santiſſimo Sacramento; mas no que lhe ſuccedeo (vindo a ſer Dominica) na reſoluçaõ de tomar eſtado.

Foy a Madre Sor Maria (que no ſeculo, e até ſua Profiſſaõ ſe chamou Anna de Jeſus Maria) filha de Antonio de Sampayo, e de Anna de Sampayo (da meſma familia deviaõ ſer os dous caſados, como o moſtra o appellido) gente nobre, e rica; duas fortunas, a que ſó podia avantajarſe a de terem huma filha, que logo nos primeiros annos moſtrou o Ceo, que lha empreſtara, e naõ lha dera. Aſſim começou a reparar-ſe naquella idade (onde ainda prezo o diſcurſo, parece inſtincto) a devota propenſaõ, com que abraçava tudo o que era de Deos; ſervindo muitas vezes de divertimento aos pays a ancia, com que ſe eſquivava aos que lhe fallavaõ em eſtado, que naõ foſſe de Freira, ſeguindo com taõ notavel tenacidade as diſpoſiçoens para elle, que nunca acabaraõ com ella, que ataſſe huma fita, ou veſtiſſe gala, coutentando-a com a de hum habitoſinho, que (pedido com lagrimas) chamava ſó a ſua.

Creſceraõ os annos, e com a razaõ os deſejos, e começaraõ aquellas meninices a conhecerſe como enſayos dos que agora já eraõ propoſitos. Aſſim ſe vio o que levava nas ſuas reſoluçoens, pedindo a ſeus pays o exercicio de eſmoler, repartindo daquelles bens, que ſó paſſados pelas maons da caridade, podem ter eſſe nome. Queria ver bem empregado o que lhe cabia delles, e alargando a maõ, mais com os olhos no remedio da miſeria alheya, que nos augmentos de ſua caſa, eſcutava com magoa, e paciencia as reprehenſoens de huma parenta, que a criminava com os pays de eſperdiçada. Tornava-

ſe

ſe ao que tinha nome de ſeu, e era de huma pobre (que todos os dias para iſſo convidava) ou tudo, ou quaſi tudo o que ſe lhe punha na meſa.

Mas criava forças com aquelle exercicio o fogo da caridade, e eraõ ſopros, com que ſe augmentava aquellas impoſſibilidades, ou eſcacezes, com que diſpendia. Tudo lhe parecia pouco para ſacrificio daquelle deſejo. Queria paſſar ao que ultimamente podia, que era darſe a ſi meſma. Encontrava embaraços: porque, ainda que tinha outra irmãa, ſó de ſua prudencia fiavaõ os pays o governo de ſua caſa. Queixava-ſe como Martha, Maria, porque Maria era aqui a occupada. Deiva-a a irmãa com todo o pezo da familia, e ella paſſava ao Oratorio ſem reſpirar da mayor lida, porque aquella era a melhor parte, que eſcolhera.

Neſte exercicio era continua, e já nelle taõ ditoſa, que goſtando de ſuas ſuavidades, ſe deixava levar de hum novo genero de deſmayos, ou de hum leve roubo de ſentidos, em que adormecia, e de que nenhuma induſtria, mas ſó ella meſma ſe acordava. Naõ lhe embaraçava, antes lhe favorecia eſte ſuave ſono, o continuo deſpertador do cilicio, o ſangue, que ſaltando ao golpe da diſciplina, enfraquecia, e debilitava as forças, que os jejuns tinhaõ já cançadas. Neſtas penitentes batarias, ainda queria deſafiallas para mais largo campo, como ſe ainda duvidaſſe do triunfo; ſó no da Clauſura lhe parecia que o tinha certo. Eſta incanſavel ancia a obrigava a deſcobrir caminhos para conquiſtar a vontade dos pays, que com o intereſſe ou de a naõ deſterrarem de ſeus olhos, ou de deſcançarem com ella os cuidados caſeiros, reſiſtiaõ áquelles ſantos propoſitos, mais fervoroſos, quanto mais rebatidos. Buſcava peſſoas de eſpirito, inſtava, pedia a ſeus Confeſſores, que apadrinhaſſem o juſto daquella ſupplica, que nem o ſer juſta deixava deſcançar o eſcrupulo, de que o abſoluto da eſcolha pareceria deſobediencia.

Tiroulhe finalmente o Ceo os embaraços na vida dos pays; bem entendeo, que aſſim o diſpunha, para que com os ſentimentos de filha, compraſſe os alvoroços de eſpoſa; naõ podia cuſtar menos, o que valia tanto! Ficou em poder de ſeus irmaons, que com o intereſſe de ſe verem abſolutos ſenhores da Caſa, e da fazenda, começaraõ a eſcutar goſtoſos os intentos, que a traziaõ deſvelada. Soavaõ por eſte tempo nos ouvidos piedoſos as noticias da reſórma, com que as diſcipulas do eſpirito de Santa Thereſa hiaõ reſtaurando as antigas auſteridades do Carmelo; accendeoſe em vivos deſejos de eſcutar aquella Divina Meſtra na aula de ſeus Clauſtros. Agradavaõ-lhe as noticias, que tinha da Caſa de Santo Alberto, Moſteiro de grande reputaçaõ.

Concertouſe com ellas o dote, e a legitima; e a promeſſa de groſſas eſmolas, parece, que facilitavaõ a pertençaõ em huma Caſa, coſtumada a reſpirar dellas; mas ſendo grande o deſejo das Religioſas, a falta de lugar, começou a dallo ás eſperanças. Tinha Sor Maria hum claro entendimento, naõ ſe lhe eſcon-

dia, que reſoluçoens acertadas arriſcaõ eſte nome, ſem a induſtria de promptas. Vagares ao applicar da materia, perdem a chamma; antes he querer verlhe as cinzas, que as brazas. Bem conhecia Sor Maria, que o abrazado eſpirito, que a guiava, era aquelle, que ſendo todo fervores, deſconhece vagares. Determinou-ſe a obedecerlhe, recolhendo-ſe logo ao Moſteiro de Corpus Chriſti da Ordem de S. Domingos, que na meſma Cidade do Porto era claſſe de grandes eſpiritos.

Mas Deos, que ſobre lhe embaraçar os outros caminhos, abrindo-lhe ſó o de lhe chamar mais ſua (ſendo Dominica) ainda a guardava para lhe premiar aquella ancia, com que o coſtumava buſcar na meſa Sacramentado, lhe trouxe por via de hum irmaõ ſeu, a noticia de como em Lisboa florecia já com grande nome huma Caſa, que tinha aquelle, que ella eſcutava, e venerava com tanta ſuavidade.

Naõ houve detença, conſultou a reſoluçaõ com huma irmãa, que a acompanhava naõ menos na Caſa, que no genero de vida. (era a mais moça, chamava ſe Thereſa de Jeſus) Achou-a naõ ſó prompta, mas alvoroçada. Diſpuzeraõ-ſe com brevidade as circunſtancias de hum, e outro dote, e no meſmo inſtante a jornada; nada valia a detellas. Sabiaõ os parentes, que era o Moſteiro do Sacramento, antes ſepultura de vivas, que vivenda de mortificadas; era a ultima liſonja, que haviaõ de fazer a ſeus olhos, e com o deſengano de ultimas queriaõ dilatar as deſpedidas. Mas nada valia, nem nos irmaons caricias, nem na familia lagrimas, nem na terra longes, nem no natural ſaudades. Aſſim corriaõ ao deſterro de ſua Patria, como quem conhecia, que naõ ha na terra nenhuma, que o ſeja como lugar, em que ſempre ſe peregrina.

Em huma quinta feira fizeraõ a jornada com o feliz annuncio, em que a ſua devoçaõ fez reparo, encontrando ao ſahir de Caſa o Santiſſimo Sacramento, que hia a hum enfermo por Viatico. Lanço pareceo, de quem lhe ſahia ao encontro, como pagando-lhe nelle o deſvelo de buſcado. Aſſim deixaraõ as contentes irmãas a Caſa, a familia, os parentes, a Patria, e em fim a ſi meſmas, paſſando a ſepultarſe na ditoſa Clauſura deſta Caſa. Mas dividamos as irmãas, que ajuntou o habito, a Caſa, e o dia, e fallemos primeiro de Sor Maria, como mais velha.

Em huma quinta feira entrou eſta Madre eſtas ditoſas paredes, em outra profeſſou, naõ ſervindo o nome do noviciado, mais que de ſe conhecer o exceſſo, que fazia ás antigas no habito. Sempre foy Noviça na eſtreiteza da obſervancia, e mais que veterana no eſtylo, com que ſe portava Noviça. Sobre as Conſtituiçoens, guardadas como eſtaõ eſcritas, tem aquella Caſa para mais individual exercicio, e bom governo della, humas ordenaçoens, diſpoſtas pela prudencia, e eſpirito de ſeu primeiro Vigario o Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal; e naõ ſó era exacta em tudo a a Madre Sor Maria, mas ainda inventora de novos artificios de morti-

mortificarſe ; naõ havia inſtante, em que ſe naõ andaſſe exercitando penitente.

Sobre os jejuns de paõ , e agua , eſtreitos cilicios , e quotidianas diſciplinas , ſahia melhor huma notavel humildade, hum profundo juizo do pouco que era, que lembrando-lhe algumas faltas (na verdade venialidades) da vida paſſada , chegava pedir ás irmãas Noviças que eſcutaſſem o abyſmo de ſuas culpas , onde veriaõ como naõ as merecia por companheiras; antes que por incapaz de habitar aquella ſanta Clauſura , lhes pedia que a deſprezaſſem , e tiveſſem pela mais inutil , e vil creatura , que permittia nella o Divino ſofrimento.

Neſtes , e outros actos de fervoroſo , e verdadeiro eſpirito , a começaraõ a conhecer , e reſpeitar as Meſtras delle. Profeſſou em huma quinta feira por devoçaõ do Santiſſimo , a que eſte dia he conſagrado , e neſta ſua Caſa ſingularmente feſtivo , ſendo o acto da renova celebrado nella em cada hum delles com o mayor aceyo , a que póde chegar o deſvelo da terra , exercitado por eſpiritos, que ainda nella parecem do Ceo. Pedio , que em reverencia do meſmo Auguſtiſſimo Myſterio , ſe lhe trocaſſe o nome , que tinha de Anna de Jeſus , em o de Maria Magdalena do Santiſſimo Sacramento.

He uſo do Moſteiro ficarem as Profeſſas no noviciado , deſpois delle acabado , mais dous annos. He alli mayor o trabalho , porque deſcançaõ as Religioſas de mais annos , e menos forças , no que ainda podem, aquelles alentos novos , e menos cançados. Mas Sor Maria, que naõ buſcava outra couſa mais , que ter novos empregos a que ſacrificar a paciencia , fez voto ſobre os dous , de eſtar mais quatro. Communicou-o com o Vigario (era entaõ o Meſtre Frey Joaõ de Portugal) que lho confirmou , ſendo favor , que negara a muitas , como quem ſabia conhecer aquelle eſpirito adiantado a todas.

Aſſim começou Sor Maria com os alvoroços de ter paſſado na nova ſogeiçaõ de Noviça a eſcrava ; aſſim começaraõ a ſer mais deſvelados , mais fervoroſos todos ſeus exercicios ; nos do Coro mais prompta , mais continua , mais empenhada , porque tendo huma voz alta , e ſonora , aſſim a esforçava , como ſe fora a alma de toda aquella ſagrada melodia. Aſſim a imaginava em huma occaſiaõ (que arrebatada em eſpirito , lhe parecia , que tinha motivos para esforçar mais os jubilos , que do coraçaõ lhe paſſavaõ á lingua) e foy tanta a vehemencia , que ſentio abrirſelhe huma intoleravel dor no peito , e taõ aguda , que naõ deixou de entender que baſtaria a tirarlhe a vida.

Venturoſas contingencias (a que enganado o Mundo coſtumava chamar deſaſtres) taõ achadas no eſpirito fervoroſo dos filhos de Domingos , que ou reprehendendo vicios , ou repetindo a Deos jubilos , paſſaõ a tirar a vida nos exceſſos. Agora em Sor Maria no Coro , como no Apoſtolo de Germania , o noſſo S. Jacobo Sancedonio no Pulpito , quando inſtando em convencer os Uſura-

rios, lhe eſtalou huma veya no peito. Naõ ſaõ menos poderoſas as vehemencias do eſpirito, agitadas daquelle ſuperior fogo! A huma Santa Thereſa tiraõ a vida a intoleraveis ardores de caridade. A huma Santa Catharina de Sena fazem adoecer febricitante. A hum S. Filippe Neri fazem eſtalar hum oſſo, como alargando a eſtreita regiaõ do peito. A hum S. Pedro de Alcantara tiraõ a reſpirar no ar livre das anguſtias do cubiculo. Mas como naõ arriſcará a vida hum fogo (naõ como os pintados, e fabuloſos dos amantes da terra) taõ vehemente, que naõ tem mais forças a morte!

A' dor do peito ſobreveyo febre acceza, e cruel faſtio; naõ havia reduzilla a que levaſſe nada; deu a Prelada em huma ſanta induſtria, que foy mandarlhe que comeſſe por obediencia. Aqui foy o tirar forças donde já naõ as havia, e vencer com as lagrimas nos olhos a natureza. Eſta cuſtoſa traça lhe ſuſtentou trez mezes a vida, ou lhe dilatou o martyrio de ſuſtentalla. Poucos dias lhe reſtavaõ já della, quando chegava ás portas da morte outra Religioſa irmãa da Meſtra de Noviças. Fora conſelho dos Medicos, que levaſſem eſta Religioſa para a Caſa grande (aſſim chamavaõ a huma da Communidade) quando Sor Maria, mandando chamar a Meſtra, e pedindo que a deixaſſem ſó com ella, lhe diſſe: *Madre Meſtra, em huma Caſa grande me diſſeraõ, que a irmãa de Voſſa R. ficava, e que eu morria? Aſſim he verdade* (lhe tornou a Meſtra) *que vós morreis. Pois Madre* (tornou Sor Maria reveſtida de huma nova, e deſuſada alegria) *que fazem as Religioſas, que me naõ vem dar o perabem deſta ventura?*

Foy notavel, e pia conjectura que a doente teve revelaçaõ de que morria, e que naõ menos a teria a Meſtra, pois lho confirmava com tanta ſegurança. Aſſim ſuccedeo, que a deſconfiada moribunda da Caſa grande eſcapou, e Sor Maria em breves dias acabou os de ſua vida, ſem ter mais que dous annos da que eſcolhera naquella Caſa. Naõ ſirva de reparo o falecer taõ moça, e o darmos-lhe o nome de Madre; que ſe o levaõ de juſtiça as veteranas para merecer reſpeitos, naõ tem menor valor a prudencia, que os dias. Em prendas religioſas igualou, ſe naõ excedeo, Sor Maria os de todas.

Chegava dia da Aſcenſaõ, e naõ ſofria o deixar de acompanhar ſeu Eſpoſo, agora com o coraçaõ, e as vozes, como em breve tempo com o eſpirito. Pedia, ſuſpirava ás Religioſas, ás irmãas, ás amigas, que a levaſſem ao Coro; mas já naquelle attenuado corpo naõ havia mais alentos, que para aquelle deſejo. Grandes, e incançaveis foraõ os que teve de que naquelle dia foſſe a ſua ultima hora! Sobre a tarde pedio o Viatico; foy a circunſtancia, que lhe fez o dia feſtivo; já que naõ podia ſeguir a ſeu Eſpoſo, naõ lhe eſqueceo a fórma em que ainda lhe ficara no Mundo.

Já com todos os Sacramentos, naõ ſó naõ temia, mas ſuſpirava a morte, como quem alcançava o que lhe embaraça-

va

va a vida: aſſim entre os deſejos de a deixar ſe lhe eſcutavaõ jaculatorias abrazadas em ſuperior fogo, actos de conſtante Fé, e creſcida confiança; ſuſpendia-ſe nelles, e logo eſforçando a voz, ſe lhe ouvia dizer claramente: *Vaite, vaite dahi tinhoſo.* Aſſiſtialhe á cabeceira huma Religioſa amiga; perguntava-lhe ſe via alguma couſa? *Naõ Madre* (reſpondia Sor Maria) *nada vejo, mas tentame o demonio com vangloria, couſa, que em toda a vida naõ tive por miſericordia de Deos.*

Chegou hum Sabbado, dia da Trasladaçaõ de Noſſo Padre, eſtimou a circunſtancia, entendendo que tambem teria a de ultimo para ſua vida; fez chamar as Religioſas, e rendendo-lhes as graças de a terem em ſua companhia, pedindo-lhe perdaõ do maõ exemplo, que lhes dera, lhes rogava que pelo amor de Deos eſqueceſſem o detrimento, que tinhaõ tido com ſua doença, pois elle era já ſervido de a livrar das anguſtias della, e a ellas de taõ penoſa aſſiſtencia. Pedia que lhe repetiſſem a miudo o nome de Jeſu, e accreſtava: *Nazarenus miſerere meî.*

Com eſtas palavras jà mais no coraçaõ, que nos beiços, deu placidamente a alma a ſeu Eſpoſo em 24. de Mayo de 1626. ficando com hum ar no roſto taõ bem aſſombrado, e ſereno, que (na ſuſpenſaõ, e reparo das que a cercavaõ) antes parecia geſto da que paſſava a eternos mimos de eſpoſa, que de cadaver, que eſperava os horrores da ſepultura. Paſſando a eſta o corpo, foy tal a ſuavidade, e cheiro, que ficou na cella, percebido, e admirado de todas, que accendeo mais as ſaudades das boas irmãas, como as que olhavaõ com ſanta enveja para as ſombras daquelle premio, a que as levava o meſmo caminho.

Parece que ſe copiaraõ as ſantas irmãas, excedendo a Madre Thereſa de Jeſus (que era a mais moça) a Madre Sor Maria ſó nos annos de Religioſa, porque foraõ muitos os que contou na Clauſura, de que ſua irmãa em taõ poucos paſſos paſſou a melhor vida. Tinhaõ profeſſado ambas em o notavel (para a devoçaõ de huma, e outra) dia da quinta feira, dia, em que faleceo a Madre Sor Thereſa, de que eſcrevemos agora. Aſſim creſceo com eſta Madre o zelo, e o deſvelo grande daquella primeira obſervancia, que cada acçaõ ſua era huma regra viva; aſſim (em quanto ella o foy) poucas vezes conheceraõ as Noviças outra Meſtra; exercicio, em que ſe pezavaõ os mayores eſpiritos deſta Caſa; porque ſendo verdadeiras, e exactas Religioſas as diſcipulas, que poderiaõ ſer as Meſtras? Sendo ſempre o prototypo aquella idéa, a que as copias agradecem a ſingularidade de melhoradas.

Já queriaõ, que aquellas prendas, que ornavaõ ſua alma, ou ſerviaõ de mais perto de eſpelho ás Noviças, paſſaſſem a ſello de todas as Religioſas no lugar de Prioreza; atalhou-a huma longa enfermidade, que paſſando-ſelhe a achaque, a acompanhou alguns annos até a morte, privando as Religioſas de eſperanças, como a ella de forças. Mas eraõ taes as de ſeu eſpi-

eſpirito, que nunca as achou menos para continuar o Coro; primeiro hia a todo, deſpois ſó ao de dia. Chegou finalmente o de ſua morte. Precedeolhe huma aguda febre, entendeo que ſeria a ultima, pedio os Sacramentos recebidos com grande conſolaçaõ de ſua alma.

Aſſim eſperou aquelle golpe naturalmente medonho, como violento, taõ deſaſſombrada, e ſegura, que abraçando-ſe com a devota Imagem de hum Chriſto crucificado, deſpois de colloquios penitentes, e enternecidos, em que já fallava ſó o coraçaõ pelas enfraquecidas linguas dos olhos, chegando mais a elles a ſagrada Imagem, antes pareceo que adormecera, do que eſpirara, em huma quinta feira 10. de Fevereiro de 1666. Aſſim levantavaõ compungidas as Religioſas as maons ao Ceo, vendo o ſocego com que aquella alma ſe deſatara das eſtreitas prizoens do corpo, como moſtrando que ſó o Ceo era o ſeu verdadeiro centro: e porque naõ foſſe ſó piedoſa conjectura, permittio Deos para ſua gloria, que ſe lhe naõ dilataſſe mayor noticia.

Entrara no ultimo artigo a moribunda, quando huma das Religioſas, que via que naõ faria falta onde concorriaõ todas, recolhendo-ſe a ajudalla, antes com oraçoens, que com aſſiſtencias (aſſim era facil em levantar a Deos o eſpirito) vio que ſe lhe repreſentava huma luzida eſcada, e que por ella ſobia a Madre Sor Thereſa com hum habito como a neve, naõ já de grizé groſſeiro, mas fino, e apurado; naõ cuberta com manto preto, mas trocado eſte em hum vivo reſplandor, em que ſe hia accendendo o ar, até que apagando-o huma nuvem, deſappareceo a viſaõ. Levantouſe, e banhada em eſpiritual gozo a Religioſa chegou onde Sor Thereſa acabava de eſpirar, conſolando as ſaudades de a naõ achar, com a venturoſa certeza de a ter viſto partir. Naõ ficou noticia de quem foſſe eſta Religioſa; nem as que tem ſimilhantes ſucceſſos neſta Caſa, permittem de ſi outra.

Mas ainda o Ceo a quiz repetir em ſegundo teſtemunho da felicidade de Sor Thereſa. Era eſta Madre dotada de grandes prendas, naturaes, como adquiridas, hum genio docil, e facil para aprender tudo, o a que ſe quiz applicar. Tocara no ſeculo alguns inſtrumentos com deſtreza, quiz melhorar a habilidade na Clauſura, ſervindo a Deos com ella, e foy a primeira, que naquelle Coro ajudou o devoto de ſua muſica com o fundamento da viola de arco, como a que eſcutara o conſelho, e imitara o exercicio daquelle Rey (taõ aceito a Deos) que ao ſeu Pſalterio lhe entoava aquella diſcreta melodia, que hoje ſe eſcutava na Igreja, convidando aos Juſtos, que o louvaſſem em variedade de inſtrumentos.

Aſſim querem affirmar que eſtimou o Senhor aquelle ſincero, e religioſo obſequio deſta Madre, porque falecida ao levarem ſeu corpo para a ſepultura, e detendo-ſe a Communidade no Officio della no ante-Coro, cantando como he coſtume, as vozes ſingelas, e triſtes, foy ouvido entre ellas o inſtrumento, que tocara em vida,

Laudate eum in tympano, & Choro, laudate eum in hordis, & Organo. Pſalm. CXLIV.

da, com clara, e diſtinta conſonancia de trez Religioſas, que eſtavaõ na Enfermaria. Parece, que aſſiſtiaõ os Anjos, ou a pagarlhe na meſma moeda o que merecera, ou a ſupprir a ſua falta. Naõ ſe conheceo (neſte particular) deſpois de ſua morte, nenhuma no Coro, porque eſta Madre deixara diſcipulas já deſtras para acompanhallo.

CAPITULO XV.

Das Madres Sor Jeronyma de Jeſus, e Sor Maria da Piedade.

Agrum hunc Eccleſiæ fertilem cerno, nunc integritatis flore vernantem, nunc viduitatis gravitate pollentem. D. Amb. de viduis.

ALlegorizou ſabiamente S. Ambroſio, chamando á Igreja fertil campo, onde naõ ſó ſe achaõ as flores das ſagradas Virgens, mas tambem as plantas das ſantas viuvas, ſendo aquellas victimas ao Ceo de intactas purezas, e eſpirituaes fragrancias, como eſtas com os frutos, que Deos para ſeu ſerviço quer multiplicados. E naõ menos afermozeaõ, e adornaõ o campo da Igreja eſtas arvores, que aquellas flores, por iſſo ſe naõ eſtreitou ſó a jardim, alargouſe a campo, em que dando lugar ao fragranre de humas, e ao fructifero de outras, ſirvaõ ambas a hum, e outro eſtado de ſempre verde, e immarceſcivel eſperança, aſſiſtidas, e fecundadas do copioſo orvalho da graça.

Aſſim o moſtrou o Ceo no ſagrado campo deſte Moſteiro, ou neſta eſtampa ſua, como campo ſagrado, onde naõ ſó ſe viraõ as mimoſas, e intactas flores da virgindade; mas tambem as fructiferas plantas de eſtado conjugal, em que primeiro viveraõ exemplar, e ſantamente as Madres, de que agora fallaremos. Huma dellas foy a Madre Sor Jeronyma de Jeſus, no ſeculo Dona Jeronyma Ferraz, filha de André Machado da Sylveira, e de Jeronyma Ferraz. Teve nos primeiros annos o eſtado de caſada, buſcada como nobre, e como rica; prendas, que ella ſoube aproveitar para ſervir a Deos em eſtado, em que parece o faria ſó ao Mundo; porque a nobreza a aconſelhou modeſta, e a riqueza caritativa. Mãy dos pobres, naõ ſó lhe achavaõ a toda a hora as maons abertas para a eſmola; mas tambem o coraçaõ para a laſtima.

Na piedade Chriſtãa, com que doutrinava, e compunha ſua familia, antes parecia ſua caſa hum concertado Moſteiro, que vivenda de ricos da terra. Aſſim paſſou em paz, e ſocego conjugal muitos annos; já entrada nelles, foy Deos ſervido de a ſoltar daquella prizaõ, deixando-a viuva; liberdade, que ella eſtimou, para melhorar de cadea, buſcando-a (para eſperar a morte) na ditoſa mortalha Dominicana. Naõ a atemorizava o entrar na vinha já na undecima hora, porque intentava ſupprir o tempo com a diligencia, ou naõ ignorava, que o premio naõ reſpeitava o tempo, ſenaõ o ſerviço. Conhecia, que coſtumando naquella idade convidar o deſcanço, naõ era menos natural o eſcutar o deſengano de o naõ poder lograr muito. Nada lhe parecia mais a propoſito para aquelles ultimos annos, que fazellos primeiros, ſervindo, já que naõ

podia

podia vivendo; naõ ſe lhe repreſentando muito caducos para trabalho, em que tambem haviaõ de entrar os deſejos.

Com os mais vivos de merecer, começou a pizar o caminho da obſervancia, tomando o habito neſta Caſa, e correndo o anno de approvaçaõ, com eſpirito, e com forças mais naſcidas delle, que eſperadas daquella idade. Parece, que eſcutara eſta Madre, que eraõ os Juſtos o Feniz da graça, em que ateado o fogo do amor de Deos, ſabe trocar as cinzas em novas forças; e como ſe a caridade a remoçara, aſſim ſe achava já com tantas, que a nenhuma Religioſa queria ſer ſegunda, inda no mais cuſtoſo ſerviço da Caſa. Aſſim eſquecida da que tivera, e daquelles annos, que agora tinha, ſe achava entre os poucos das que a cercavaõ, taõ naturalizada, que pouco tinha que vencer nella a caridade fraternal, para a igualdade, que ſó deſmentia em querer ſer mais que todas humilde.

Era a Madre Sor Jeronyma deſtra no Latim, que pronunciava, e conſtruia, como quem o eſtudara pela devoçaõ de entender o que lia; emprego que deviaõ tomar todas as Religioſas, por ſe naõ privarem das ſuavidades, e recreyo de eſpirito que continuamente ſe offerecem na intelligencia da reza. Grande lucro, para taõ pequeno trabalho! Aſſim eraõ as ſuas praticas com as Noviças, antes claſſe eſpiritual, que converſaçaõ domeſtica. Aſſim as enſinava, aſſim as accendia em amor de Deos com aquellas palavras, que ſahindo-lhe do coraçaõ, haviaõ de vir accezas; e ſendo effeitos da meditaçaõ continua das feſtividades, e myſterios, que propoem a Igreja, haviaõ de confirmar a refórma das conſciencias, e provocar a repetidas acçoens de graças.

Nas mais obrigaçoens de Religioſa, e daquella Caſa, nas diſciplinas, nos jejuns, no recolhimento, na aſſiſtencia do Coro, e mais exercicios taõ deſvelada, como quem vinha a vingarſe do tempo, que os naõ tivera. Aſſim nem apertada de achaques, nem carregada de annos, deu ouvidos aos Medicos, que lhe aconſelhavaõ o pedir, ou aceitar diſpoſiçoens. Entendia, que naõ ſerviaõ eſtas de mais que retardar na carreira da virtude, e receava bem, que aſſim retardada, antes que chegaſſe ao fim da perfeiçaõ, ſe lhe chegaſſe o da vida. A conſtancia, com que continuava os trabalhos della, lhe apreſſou mais huma larga doença, e taõ penoſa, que bem conheceo, que lhe queria o Ceo exercitar a paciencia; aſſim ſe lhe naõ ouvia huma queixa, antes pondo-ſe da parte das dores, as fomentava com os deſcommodos, pedindo á enfermeira, que nos remedios, e alivios foſſe ella a ultima, antes talvez eſcuſando-a das diligencias de enfermeira, como couſa, de que já ſe naõ devia fazer caſo na vida.

Só huma couſa a tinha deſconſolada, que era naõ poder commungar as vezes, que quizera; ardentiſſima devoçaõ a levava áquella maravilha dos myſterios, inſaciavel a ancia de goſtar a miudo aquella ſuave Ambroſia da Euchariſtia. Aſſim preza,

preza, e como entrevada, pedia ás Religioſas, que hiaõ para o Coro, que da ſua parte diſſeſſem a ſeu Senhor, e Deos Sacramentado, que a ſua eſcrava ſe lhe fazia lembrada: e que lhe trouxeſſem repoſta. Conheciaõ as Religioſas, que naõ tinha Sor Jeronyma outra conſolaçaõ na vida; cada huma lhe levava por repoſta ſeu ramo de Pſalmo do Officio do Sacramento; alegrava-ſe com elle, e explicava-o a todas com humas razoens taõ vivas, e genuinas, que pareciaõ illuſtradas.

Naõ ficou ſem premio conhecido eſte fervoroſo, e ardente affecto. Aggravando-ſelhe a doença, e diſparando em violentos vomitos, mandaraõ os Medicos ſacramentalla; affligiaõ-ſe as Religioſas, vendo a impoſſibilidade de receber aquelle ſoberano bocado, de que ſó ſe moſtrava faminta, e que naquella hora lhe deſejavaõ todas como a Catholica. Mas ella reſpondia a todas ſegura, que naõ partiria ſua alma ſem goſtar aquella delicia. Nem baſtava para desdizerſe, o ver aggravar o achaque, e tella a violenta continuaçaõ dos vomitos ás portas da morte; e já ungida, continuava na meſma eſperança.

Veyo o Viatico a outra Religioſa, pedio que o queria ver, e adorar, o que fez com grande ſuavidade de eſpirito, ſegurando a todas, que ainda que a viaõ taõ atribulada, naõ deſconfiaſſem, que ella eſperava naquelle Senhor, que ainda lhe havia de fazer outra viſita, e ella ainda em vida hoſpedallo em ſua alma. Aſſim foy, porque ao ſeguinte dia ceſſaraõ de todo os vomitos, recebeo o Senhor como eſperava, e logo lhe entregou a alma em que o recebera, em huma ſeſta feira 15. de Setembro de 1628. Ficaraõ as Religioſas trocando a laſtima em enveja, porque do eſtylo de receber aquelle Santo Viatico, bem ſe inferia o caminho, que levava ſeu eſpirito.

Suſpendida tambem com o eſtado de caſada, viveo a Madre Sor Maria da Piedade alguns annos no ſeculo, ſuſpirando deixallo. A obediencia dos pays lhe prendeo as maons para aquelle laço. A nobreza, e o dote, o fizeraõ mais appetecido. Deraõ-lhe em Balthaſar de Sá hum nobre eſpoſo. Pouco lhe parecia a ella o nobre, ſó o ſuſpirava Celeſte. Naõ pode a reſiſtencia ſuſtentar a eſcolha; entraraõ os pays a diſpor da vontade, que naõ era ſua. Ella na ſogeiçaõ moſtrou, que era filha; elles mal, que eraõ pays na violencia. Grande deſatino deſtes! Como ſe podeſſem adquirir mais dominio nos que geraõ filhos, que o meſmo Deos nos que aníma creaturas! A quantos deſmanchos tem auctorizado eſte engano, ſem nenhum delles paſſar a exemplo! Olhem os pays, que niſſo os daõ aos filhos; porque de fazerem aquelles o que naõ podem, vem eſtes deſpois a fazer o que naõ devem.

Sogeitouſe em fim Dona Maria da Coſta; (que eſte foy no ſeculo o nome da Madre Sor Maria) mas conhecendo, que a Cruz dos que ſeguiaõ o verdadeiro Meſtre da vida, naõ tinha materia determinada, daquelle eſtado fez a ſua com taes

circunſtancias de Catholica, caritativa, penitente, e reformada, que o meſmo Chriſto em huma occaſiaõ lhe appareceo com huma em os hombros, e taõ pezada, que qualquer outra lhe pareceo leve dalli em diante. Eſtava Sor Maria em oraçaõ, exercicio, que com ſuavidade grande de ſua alma lhe levava o mais do tempo, furtado ao preciſo, em que diſpunha, e governava ſua familia. Bem entendeo, que o Senhor a convidava para a Cruz da Religiaõ; favor, que ella ſabia merecer na continua dor de o naõ poder executar.

Aſſim era ſua vida hum quotidiano ſuſpiro da melhor, que eſperava, occupando eſta em taõ fervoroſos, e repetidos actos de caridade, que o meſmo Chriſto lhe moſtrou muitas vezes, que lhe naõ deſagradava nella, ſuccedendo-lhe algumas (ao acabar de fazer eſmolas) achar em os braços da Imagem de hum Crucifixo huma roſa, em tempo em que naõ as havia. Aquella era a nova rubrica, em que acabava de entender o enigma da ſua Cruz, abraçada pelos meyos de mortificada, e caritativa; iſſo lhe parecia, que indicavaõ os eſpinhos, e cor daquella roſa.

Por eſte eſtylo a exercitou o Ceo alguns annos, e ſendo eſtes os em que ſe fundou, e povoou eſta Caſa, conhecida, e admirada de todos a refórma della, logo Sor Maria reſolveo comſigo, que naõ eſcolheria outra; aſſim já com amor de filha, lhe acodia com groſſas eſmolas; chegou finalmente a colher o fruto dellas, vendo-ſe livre daquella cadea, de que o Ceo a aliviou por morte do marido, e de hum filho (tinha já outro de annos antes tomado eſtado) reſtava huma neta, que amava com ternura de duas vezes mãy, contentouſe com lhe deixar parte do que tinha, e paſſou a eſta Caſa com huma tal reſoluçaõ de eſpirito, que nem annos, nem achaques, nem aſperezas, a ſuſpenderaõ nas do noviciado, paſſando a profeſſar taõ alegre, como ſenaõ reduzira a ley os empregos de penitente.

Nenhum tinha Sor Maria, que com mais goſto ſeu a convidaſſe, achando ſó no aſpero daquella vida huma falta, que era a liberalidade de dar huma eſmola. Mas o que faltava no exercicio das maons, ſobrava no dos olhos; com as lagrimas nelles a achavaõ os pobres, e ſó lhas enxugava o poder paſſar aquella ancia á aſſiſtencia dos doentes. Era Sor Maria commumente huma dellas, que os annos perſeguidos de mortificaçaõ continua, podiaõ mais que a ſua reſiſtencia; mas nada havia, que lha fizeſſe a coſtume de gaſtar a mayor parte do dia, e noite no Coro; já a contemplaçaõ parecia natureza, porque desde menina a exercitara, e com taõ vivo interior gozo de ſua alma, que rebentava fóra em huma deſuſada alegria; aſſim ſahia ſempre do Coro; e ſuſpeitando as Religioſas o que ſeria, nenhuma lho perguntava, porque na ſua candidez, e ſingeleza, mais ſe eſperava o merecer favores, que a explicaçaõ delles.

Naõ a podia haver mais clara, que a de ſuas lagrimas, quando chegava á meſa da Sagrada

grada Communhaõ, taõ copioſas eſtas primeiro, como deſpois abrazados os ſuſpiros, e mal reprimidos os ſoluços, que parecia, que lhe naõ cabia o coraçaõ no peito, ou que lhe naõ cabia no peito aquelle ſuſpirado bem, que hoſpedara em ſeu coraçaõ. Obſervantiſſima do ſilencio em toda ſua vida, fóra das horas da licença ſe lhe naõ ouvio, nem por deſcuido, huma palavra; menos queixoſa, naõ tendo parte no corpo, a que os achaques lhe naõ tiveſſem repartido hum martyrio; aſſim podia dizer, que antes que vida achaquoſa, era a ſua huma doença continuada.

Mas aggravaraõ-ſe com a continuaçaõ os males; cahio de todo enferma, nem os annos, nem a caſta da doença permittiaõ eſperanças de vida; pedio, e recebeo os Sacramentos com moſtras, e miſturas de contriçaõ, e delicia de compunçaõ, e ſuavidade. Com as meſmas repetia (naõ ſendo de antes polida na pronuncia do Latim) alguns verſos de Pſalmos com boa, e limada expreſſiva, e melhor accommodaçaõ para aquella hora. Particularmente: *Illumina oculos meos, ne unquam obdormiam in morte, ne quando dicat inimicus meus, prævalui adverſus eum.* E talvez rompendo em demonſtraçoens de ſagrada, e deſmedida alegria, levantava a voz, acompanhada com os meneyos dos dedos, como ſe tocara Orgaõ (nelle tinha ſido deſtra) e repetia com accento muſico: *Poſt tenebras ſpero lucem.* Venturoſo eſpirito, que imitando na vida a candidez do Ciſne, paſſava a ſeguillo nos privilegios da morte! Aſſim cantava nella alegre, e feſtiva, ſem que lhe entriſteceſſe, e nevoaſſe os olhos o anoitecerlhe o dia da vida; antes como ſe já nelles lhe feriraõ os rayos da immortal Aurora.

Entendeoſe, que teve eſta Madre revelaçaõ do dia, em que havia de paſſar a lograr as luzes della, porque ſahindo de hum termo, diſſe com voz percebida de todas: *Seſta feira corpo á terra.* Pareceo entaõ delirio, pelo tempo que hia da ſegunda, que entaõ era, á ſeſta feira, de que parece fallava, quando já ſe lhe contava por horas a vida. Mas o ſucceſſo fez deſpois pezar mais o dito. Naquelle eſtado foy durando, ſendo raras as horas, que ſe apartava da Imagem de hum Crucifixo, e algumas vezes dando a entender, que a provocava o demonio (ou para lhe eſtorvar a devoçaõ, ou para lhe enfraquecer a Fé) forcejava com a maõ algumas acçoens, encaminhadas aos pés da cama, como em caſtigo de quem alli eſtava, e deſprezo do que lhe fazia. Aſſim chegou até a quinta feira, em que com as ultimas demonſtraçoens de eſtreita uniaõ, e conformidade com Deos, lhe entregou a alma em 7. de Dezembro de 633. vindo a enterrar-ſe á ſeſta feira, e a julgarſe por ditoſa a ſingeleza, com que o ſegurara.

CAPITULO XVI.

Da Madre Sor Franciſca da Encarnaçaõ.

ESTáſeme figurando ao lançar os olhos para a muita nobreza, que começou a po-

voar eſta Caſa (e ainda hoje a povoa) que a eſcolheo Deos para ſeu Palacio na terra; ſeria, a noſſo modo de fallar, como obrigado do titulo de Monarcha, com que no Sacramento quiz, que o reconheceſſe o Mundo, ſendo aquelle homem Rey, que celebrando as bodas do filho, poz aos convidados hum banquete eſplendido. Aſſim corria a nobreza a qualificarſe neſta Caſa, ſendo ſem duvida a do eſpirito a verdadeira nobreza. Foy venturoſa a dos Condes do Baſto Dom Diogo de Caſtro, e Dona Joanna de Mendonça, que tendo ſeis filhas, ſó duas lhe roubou o Mundo, paſſando ſe as quatro a eſte ſanto Palacio. Entre eſtas era a de menos idade a Madre Sor Franciſca da Encarnaçaõ, que logo nos primeiros annos começou a pizar as eſperanças, com que a liſongeava o Mundo (em eſtado devido á ſua qualidade, e ás ſuas prendas) ſuſpirando ſó as eſtreitas, e pobres paredes de huma Recoleta, a que convidando as irmãas, affirmava, que naõ querendo acompanhalla, ella ſó abraçaria eſta vida.

A' ſegurança de o propor ſe ſeguio a reſoluçaõ de o abraçar com animo taõ inflexivel, que nem a debilidade de ſuas forças, nem o continuo ameaço de ſeus achaques baſtaraõ a ſuſpendella, ou retardalla, entrando pelas portas deſta ſanta Clauſura, com tanto goſto de ſua alma, que o dia de ſua Profiſſaõ teve pelo mais ditoſo de ſua vida. Começou a fazella taõ rigoroſa, e auſtera, que excedendo as cuſtoſas obrigaçoens, naõ ſó da Regra, mas da Caſa, na oraçaõ, nos cilicios, nas diſciplinas, era outro novo martyrio a diligencia de occultallas. Via, que naõ chegavaõ a tanto ſuas forças, temia o preceito da Prelada, ou para melhor, os aſſaltos da vangloria, ladraõ, com quem no caminho da vida ſe arriſcaõ publicos os theſouros da alma.

Padecia rigoroſiſſimas febres, ſem que os incendios, que lhe trocavaõ a boca em huma chaga, lha abriſſem para a queixa. Aſſim a trazia fechada no meyo de grandes, e continuas moleſtias, que ſem que eſtas lhe ſerviſſem de eſcuſas, aceitou o officio de Enfermeira, de que antes podia ſer ſervida, que occupada. Mas dobravaõ-lhe os eſpiritos os alentos da caridade, que podiaõ diminuirlhos, ſendo a caridade a que faz os males alheyos proprios, porque na ſua debilidade vinhaõ a ſer inſoportaveis unidos os proprios, e os alheyos. Doia-ſe aſſim delles, que tendo neſta Caſa as enfermeiras por companheira huma irmãa Converſa, ella ſe deſvelava de ſorte para o mayor, ou todo o trabalho, como ſe antes lhe deraõ a Irmãa para teſtemuha, que para companheira. Ella era a que ſe adiantava a fazer as curas, mais ligeira para as mais aſqueroſas; ella a que tomava á ſua conta a limpeza das enfermas, como ſe o delicado das maons, e do eſtomago, naõ ſoubeſſe eſtranhar immundicias.

Mas agradava-ſe aſſim Deos das occupaçoens de Sor Franciſca neſta officina, que ſem duvida a acompanhava nella com huma ſingular providencia. Foy reparo, que fizeraõ algumas Religio-

ligioſas bem intencionadas; porque lançando conta ao que ſe dava a Sor Franciſca para o gaſto de ſua Enfermaria em toda a ſemana, e ſendo taõ pouco, que naõ era baſtante para acaballa, havia continua experiencia, que as ſuas doentes naõ ſó naõ experimentavaõ faltas, mas ainda lhes ſobejavaõ mimos. Aſſim creſcia o ſuſtento nas maons deſta mulher forte, deſvelada, e caritativa diſpenſeira com aquella familia neceſſitada.

Exacta no ſilencio, nem nos exercicios de procuradeira, em que he preciſo o trato com toda a Caſa, ſe lhe ouvia palavra, que naõ foſſe preciſa; nem a occupaçaõ lhe embaraçava tomar os ſeus dias de retiro (ſempre exercitados neſte Moſteiro) e coſtumava dizer, que entre as occaſioens, que parece o deſtroem, ſe conſervava mais meritorio; tal era a paz, e ſocego interior de ſeu eſpirito, ou taõ pouco o que a apartava de Deos nenhum commercio. Fizeraõ-na Sacriſtãa, occupaçaõ, que aceitou mais goſtoſa, e com o alvoroço de aſſiſtir ao culto Divino; mas ſegurou logo, que aquelle ſuave trabalho lhe naõ duraria hum anno, porque primeiro acabaria a vida, que o officio. O effeito moſtrou de donde lhe viera ſimilhante noticia. Naõ lhe tardou huma doença taõ perigoſa, que ſe lhe gerou no peito huma poſtema; mas os deſejos de ſervir na ſua officina a engauaraõ, que convalecia della. Era pela Paſchoa, aſſim chegou ao Oitavario de Corpus, em que cahio de huma febre aguda.

Deſenganaraõ-na logo os Medicos, que ſe diſpozeſſe para morrer. Reſpondeo ſegura: *Que nunca tratara de outra couſa.* Muito antes, andando mal convalecida, ſonhou, que ſe via no Tribunal da verdade, e que lhe ſeguravaõ, que Deos tinha já dado a ſentença de que morreſſe brevemente. Ao principio olhou para a imaginaçaõ como ſonho; deſpois entrando em algum reparo, diſſe-o ao Confeſſor (era o Meſtre Frey André de Santo Thomaz, entaõ Vigario neſta Caſa) reſpondeolhe: *Que ſimilhantes ſonhos, era prudencia Chriſtãa tomallos como aviſos.* De entaõ naõ fez acçaõ Sor Franciſca, que naõ foſſe diſporſe para a ultima hora. Aſſim a achava agora o deſengano della; eſcutou-a antes alegre, que aſſuſtada; e dizendolhe huma Religioſa, que era tempo de tomar o Viatico, e a Unçaõ, levantou ao Ceo as maons, e olhos, e enchendo-ſelhe eſtes de lagrimas, diſſe, como ſe lhe chegara a noticia do ſeu reſgate: *In te, Domine, ſperavi, non confundar in æternum: Senhor, ſempre eſperey em vós, que naõ heide verme em eterna confuſaõ.* E voltando para ſuas irmãas, que lhe aſſiſtiaõ, e ainda lhe propunhaõ eſperança de vida, reſpondeo: *Que ella ſabia muito bem, que ſe naõ levantaria daquella cama, porque ſe naõ enganava quem lho diſſera.* Mas tornando em ſi com diſſimulaçaõ, deu a entender, que fora huma Religioſa de bom nome neſta Caſa.

Recebeo os Sacramentos, eſtando tanto em ſi, e taõ confiada em Deos, que naõ havia nella demonſtraçaõ, que naõ pareceſſe alvoroço. Creſcia a febre,

bre, e vencia-a o ſono; pedio, que a deſpertaſſem, e lhe leſſem a Paixaõ do Senhor, e que naquella cella ſe naõ fallaſſe mais, que em Deos; e esforçando a voz, como que ſem reparo ſe valia daquelle deſafogo, diſſe: *Ay meu Senhor Jeſus, como póde ſer, que devendo eſtar chea de alvoroço para vos ver, eſteja dormindo como ſe fora hum bruto? Em voſſas Divinas Chagas confio que as portas do Inferno eſtaõ cerradas para mim; e que ſó o Purgatorio ſerá eſtalagem, por onde heide paſſar.* Ficou ſocegada, e voltando ás irmãas, lhes advertio, que na Sacriſtia ficava hum veſtido do Menino Jeſus, que naõ podera acabar, e algumas couſas de aceyo dos Altares, que lhes pedia acabaſſem tudo, porque queria dizer ao Senhor nas ultimas contas, que o vira nú, e que o veſtira.

Era notavel a advertencia, e o acordo, com que eſtava. Deſpois de pedir perdaõ á Communidade, voltou á Prelada, e com muita humildade lhe pedio, que feitos os officios da ſepultura, déſſe huma recreaçaõ ás Religioſas, pelo muito trabalho, que tinhaõ tido com ella naquella doença. Aſſiſtialhe huma Religioſa muito medroſa, a quem havia tempos diſſera que lhe havia de apparecer deſpois de morta: voltouſe a ella, e diſſe-lhe: *Madre, naõ ſe aſſuſte; que eu naõ hey de apparecerlhe.*

Era morta Dona Paula ſua irmãa mais moça (que falecera Dama da Rainha em Caſtella) e como na morte ſe lhe ſeguia ella, que era a mais moça, reparou que eſtava mais ſuſpenſa Sor Filippa, que era das trez, que ficavaõ, a irmã mais moça, e diſſelhe: *Minha irmãa, naõ cuideis que me haveis de ſeguir a mim; que agora ha de começar a morte pelas mais velhas.* Vioſe deſpois a ſegurança com que o diſſera, porque a primeira, que faleceo, foy Sor Marianna, que das trez era a mais velha; deſpois Sor Catharina; e Sor Filippa, que era a mais moça, faleceo a ultima.

Pedio logo a huma das irmãas, que rezaſſe com ella o nome de Noſſa Senhora, que ſaõ cinco Pſalmos, e cinco Antiphonas, que principiaõ confórme as letras, que no nome de MARIA ſe vaõ ſeguindo. He devoçaõ uſada nas Caſas de mais refórma neſta Provincia, quando á noite ſe toca a ſilencio; reza-ſe na caſa, que commummente chamaõ das Horas, Altar conſagrado á Rainha dos Anjos, em que ſe lhe reza o Officio Menor. Mas já ſe lhe hiaõ quebrando os olhos, e enfiando o roſto. Entraraõ os Padres para o Officio da agonia. Levantou os olhos, e diſſe ſegura: *Somos entradas na ultima batalha. Dominus incepit, ipſe perficiet: O Senhor, que o principiou, eſſe meſmo o acabe.* Aſſim eſteve com ſocego, ouvindo, e ajudando o officio, com perfeito, e deſembaraçado conhecimento. Acabado elle, poz os olhos no Ceo, e cerrando-os brandamente, paſſou a lograr nelle a eterna felicidade. Ficou taõ compoſta, e com taõ boa cor no roſto, como ſe vivendo deſcançara em ſuave ſono. Faleceo em huma terça feira, 9. de Julho de 1630.

CA-

CAPITULO XVII.

Da Irmãa Converſa Soror Victoria da Cruz.

GRandes ſegredos os da Providencia Divina, expoſtos antes ao noſſo aſſombro, que ao noſſo conhecimento! Admiraçaõ, em que deſpois de extatico, e abſorto, rompia aquelle grande argumento della, S. Paulo, levantando os olhos aos deſuſados, e eſcondidos caminhos da miſericordia. Grande Sacramento deſta, que huma creatura ſem idade, e conhecimento para merecer, comece a pizar as eſtradas do Mundo, já aconſelhada do Ceo. Vioſe, e admirouſe em Sor Victoria.

Naſceo filha de pays humildes, e taõ pobres, que para naõ deixarem o quotidiano trabalho, de que viviaõ, ſe valiaõ da induſtria da filha (naõ permittida ainda de ſeus annos) mandando-a á Cidade, a comprar, e a vender o de que neceſſitava, ou adquiria ſeu trabalho, e ſua pobreza. Viviaõ em Bemfica, donde eraõ naturaes; paſſava continuamente a filha a Lisboa; e com ſer o trabalho como a diſtancia, aſſim negociava Victoria, que lhe ſobejava tempo para o continuo exercicio da oraçaõ. Nem lhe ſerviaõ as eſtradas de embaraço para elle, menos o trafego, e tumulto da Cidade, a que abſorta na contemplaçaõ de Deos, tinha pela meſma Jeruſalem Triunfante, vivenda da gloria, e a gente, que via, e tratava por Anjos Cidadaons della.

Naõ ſe admirem os crendulos das aereas, e induſtrioſas transformaçoens da Magia, das Circes, das Medeas, de ſuperſticioſas hervas, de pedras encantadoras, trocando os homens em brutos, os montes em Caſtellos, o dia em ſombras, a ſerenidade em tormentas, e as mais methamorphoſes, com que o artificio diabolico, ou fabuloſo enganou a cegueira dos homens, ou barbaros, ou eſtultos; que mayor poder, e verdadeira transformaçaõ he a que o amor de Deos ſabe exercitar nas couſas creadas, e caducas, trocando em nada o tudo dellas, ou levando a ſer tudo do Ceo o nada da terra, como uſava com a ſingeleza ſanta daquelles poucos annos, e inculpavel oraçaõ de Victoria, transformando-lhe a Cidade da terra em a de Siam, eſtavel, e venturoſa, o tumulto em ſonoros Hymnos, e acçaõ de graças, os homens, e creaturas humanas em Angelicas.

Caſo novo, mas referido, e teſtemunhado pelo ſeu Confeſſor, Religioſo Carmelita Deſcalço, ſogeito de letras, e eſpirito, chegando a dizer, que aquella alma por ſingular mimo de Deos, andava ſempre em ſua preſença. Já Victoria parece que goſtava neſte valle de miſerias aquella ditoſa ſegurança do monte das eternidades; elevada vivenda, a que naõ chegaõ as perturbaçoens da terra. Aſſim ſe podia affirmar, vendo a familiaridade, que tinhaõ com ella os domeſticos de Deos.

Paſſava hum dia á Cidade, encontrou-a a caſo hum homem, (deſconhecido ſeria, pelo que moſtrou o ſucceſſo, deſtes que o ſaõ no Mundo, mas naõ nos olhos

olhos do Senhor delle) Reparou nella , e chegando-ſe com aſſombro a ſaudalla , lhe perguntou quem era ? Naõ eſtava Victoria coſtumada a deterſe com praticas , nem a eſcutar perguntas ; pareceolhe aquella demaſiada de curioſa ; reſpondeo que lhe naõ importava. Continuou ſeu caminho cuidadoſa mais no penſamento , que ſempre trazia , que na importancia , que a levava; naõ reparou que o bom homem a ſeguia: recolheoſe a Bemfica; ſoube elle a Caſa , inquirio ſua vida , achou as noticias , que ſuppunha , e buſcando mayor clareza , alcançou , que em Carnide , lugar viſinho , vivia o Religioſo , que a confeſſava ; eſta era ſua mayor importancia ; parte ſem detença , procura o Religioſo , lança-ſelhe aos pés , pedelhe que o eſcute ; e entre alvoroços , e ſumiſſoens de compungido , e admirado , lhe diz aſſim :

Padre , ſey que tendes a voſſo cargo huma alma mimoſa de Deos: e porque elle ſem duvida he ſervido de que ſe conheça o quanto o he ſua ; vos buſco para darvos eſta noticia. Seu nome he Victoria , ſua vivenda Bemfica : baſta para inteirarvos de quem ſeja. No caminho da Cidade a encontrey hoje , em campo ſó , e deſembaraçado ; ao longe me fez novidade ver huma mulher entre dous mancebos com trage deſconhecido , e pouco uſado , tunicas brancas , e cabeças deſcubertas. Apreſſeime aſſuſtado , achey mayor prodigio , porque dos roſtos de ambos graciosos , e modeſtos ſahiaõ vivos rayos , como teſtemunhando que naõ ſeriaõ menos que dous Eſpiritos Angelicos. Caminhavaõ compaſſados , e ſeſudos , ſem que a ditoſa montanheza , a que faziaõ companhia , déſſe fé da que levava. Saudeya , e pergunteilhe quem era , taõ confuſo , e admirado , como o pedia o que me eſtava ſuccedendo ; entendeo que ſeria em mim curioſidade de caminhante , paſſou ſem deferirme ; ſegui-a , agradecendo ao Ceo o favor de buſcar em mim huma taõ vil creatura para teſtemunha dos que fazia áquella alma : aſſim permittio elle , que até de quem ſabia tanto della , tiveſſe eu noticia : ſó vós a podeis dar deſte prodigio , que ſabeis de ſua conſciencia ; que na minha boca parecerá loucura , como na dos que naõ achaõ ouvidos no Mundo , por deſauthorizados , e deſvalidos.

Aſſim callou o homem , admirando ; mas naõ o ficou o bom Religioſo do ſucceſſo , como quem mais vezes os eſcutava ſemelhantes ; e elle foy o que divulgou eſte , ſendo culpavel a grande omiſſaõ de quem pondo o em memoria , a naõ fez do nome do homem , e do Religioſo , ſendo crivel que naõ coſtuma o Ceo fazer linces de ſimilhantes ſegredos , menos que a eſpiritos , em que eſconde muitos.

Quem aſſim vivia entre a familia de Deos , bem ſe entende que ainda na terra ſeria Celeſte a ſua vida : eſta continuou Victoria até os vinte annos , já taõ conhecida , e venerada ſua virtude , que naõ eſcutaraõ as Religioſas deſta Caſa outra valia para a aceitarem nella por companheira. Aſſim entrou por Irmãa Converſa ; e com taõ adiantado eſpirito , que naõ ſó ſervia a todas de conſolaçaõ , ſenaõ de exemplo.

plo. Naõ ſe ſeguia menos do eſtylo de ſua vida paſſada, e da grande reſoluçaõ com que abraçava aquella taõ eſtreita, taõ auſtera, naõ ſó com ancia de a obſervar, mas ainda de a exceder.

Os jejuns continuos, a reçaõ naõ ſó apoucada, mas com novo, e rigoroſo tempêro, aſpera, e amargoſa, commumente fria, ou cuberta de cinza. Naõ ſe melhorava na bebida, talvez miſturava fél na agua. O ſegredo com que queria continuar eſte ſacrificio do goſto, a levava com muito a ſervir a coſinha, e de caminho aquelle exercicio de ſe ver no ultimo grao do abatimento. Nas mortificaçoens ſofrida; apertava ſobre o peito huma Cruz cuberta de agudas pontas de ferro, do meſmo feitio era o cilicio, de que uſou ſempre, e nem eſte continuo tormento a diſpenſava de outro, tirando-lhe das maons a diſciplina; cada dia tomava huma.

A oraçaõ lhe levava todo o tempo, que o ſerviço da Communidade lhe deixava livre, tirando de livros eſpirituaes os motivos da contemplaçaõ. Eſte o intereſſe, que a convidou a aprender a ler, aſſim os do noſſo idioma, como os do Latino, de que entendia muito. Deſta liçaõ tirava grande ſuavidade para as continuas meditaçoens de ſeu eſpirito, mas em quanto eſte ſe deleitava, naõ deſcançava o corpo, achando induſtria para uſar ao meſmo tempo de huma, e outra vida. Aprendeo alguns officios, em que podia ſer de proveito á Communidade. Corriaõ as Religioſas a occupalla, achavaõ-na todas, como ſe foraõ huma, aſſim igual para todas. Trabalhavaõ as maons, voava o penſamento, eſte ſempre mais ligeiro em unirſe com Deos, aquellas naõ com menos ancia caritativa. Toda era para Deos, e nella para o proximo toda; daquella lavareda, que ſobia, era eſta a braza, que lhe ficava.

Neſte eſtylo de vida ſe achava muy mimoſa, e quiz o Senhor provar ſua paciencia. Começou a ſentir interiores deſconſolaçoens, aridez de eſpirito, deſpido de toda a ſuavidade delle. Entendeo o exame de ſua conſtancia, na reſignaçaõ livrou a mayor delicia. Dalli começou a reſpirar já como triunfante daquelle combate, a arder em goſtoſa chamma de caridade, daqui em ardentiſſima ancia da ſalvaçaõ das almas, encaminhando todos ſeus exercicios a eſte unico bem dellas.

Entendia-ſe aſſim do fervor, com que talvez praticava eſta materia, naõ por ſe lhe ouvir nunca palavra com a menor noticia do que paſſava no interior de ſua alma, como quem ſabia recatar aquelle theſouro dos aſſaltos da vangloria. Huma unica Religioſa de conhecida virtude, a tratava mais familiarmente, e ſeus Confeſſores. Eſtes com tanta eſtimaçaõ, que dando-lhe hum accidente, de que entenderaõ, naõ eſcapaſſe, ao ſahir de confeſſalla o Meſtre Frey André de Santo Thomaz (era entaõ Vigario) diſſe para as Religioſas: *Naõ ſabem Madres, o que perdem na Irmãa, que eſtá naquella cama.* Era o Meſtre Frey André muy conſiderado, oppoſto ás licenças de apregoar virtudes, e canonizar eſpi-

eſpiritos no eſtado de viadores; mas entendeo, que naõ tardaria aquelle em pagar ao das eternas felicidades; eſte reparo a deixou alargar áquella noticia.

Mas nada luzia tanto nas acçoens de Sor Victoria (como couſa, que lhe naõ cabia no coraçaõ) como o zelo da honra de Deos, e obſervancia regular. Na minima particularidade das Conſtituiçoens da Ordem, na menor circunſtancia das ordenaçoens dos Prelados, eſtava taõ advertida, e andava taõ reſiſtada, que deſpois de obſervante, a achava o menor deſcuido zeladora. Aſſim era eſta a materia, em que a eſcutavaõ affouta, ſendo no mais humilde, e encolhida; e naõ havendo para ella emprego de mais cuidado, que agradar as Religioſas, nem reparo mais advertido, que o de naõ exceder a eſféra de Freira Converſa, ſó aquelle era o ponto, em que aventurava o ficar bem aceita, ou o ſahir eſtranhada.

Reſtavalhe já pouco da vida, e quiz Deos dobrarlhe o merecimento, para que lhe luziſſe na coroa. Enfermou de hum cancro, que lhe naſceo no peito, e nem ſendo a enfermidade taõ arriſcada, deixou de ſer neceſſario o preceito da Prelada, para a tirar da occupaçaõ da coſinha. As dores moſtravaõ, que naõ eſtava longe a morte, commetteraõ-lhe a cabeça humas, que ella chamava do Inferno; ſó eſte nome as moſtrava inſofriveis, porque ſe lhe naõ ouvia queixa, de que ſe entendeſſe, que o foſſem.

Pedio, e recebeo os Sacramentos primeiro com tanto alvoroço, deſpois com tanto ſocego, como conhecendo (no do Altar) que a vida, que alli goſtava, era a que logo ſe lhe ſeguia; aſſim poſta nas maons de Deos, eſperava a morte como eſtorvo de principialla. Aquelles dias, e horas, que ainda lhe durou a da terra, eſteve até ao ultimo eſpirito, com huma tal tranquilidade nelle, que por muitas vezes ſervio de admiraçaõ ao Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, que lhe aſſiſtia, vendo que nem o impeto de mortaes dores, que recolhendo-ſelhe o cancro, ſe lhe eſpalharaõ por todo o corpo, nem as ſombras da morte, que já tomavaõ parte delle, podeſſem turbar o ſocego, e paz interior daquella alma (que como ſe já pizaſſe o porto, deſconhecia os ſuſtos no meyo da tormenta) fallando com juizo, e deſembaraço até á ultima hora. Chegou eſta, e com huma imperceptivel reſpiraçaõ paſſou a melhor vida, em 3. de Fevereiro de 638.

Eſte o eſtylo, com que acabaõ os inculpaveis. Nos peccadores, he o acabar, paſſar da vida para a morte; nos Juſtos, paſſar da morte para a vida. Os peccadores morrem, ſem ſaber ſe tornaráõ a viver; os Juſtos morrem, ſabendo, que naõ tornaráõ a acabar. Os peccadores morrem, ſem ſaber ſe ſua alma perecerá na morte eterna; os Juſtos morrem, ſabendo, que já naõ ha outra morte para ſua alma. Por iſſo eſtes ſocegaõ, e aquelles ſe atribulaõ.

Aſſim ficou Sor Victoria com hum taõ compoſto, e bem aſſombrado ſemblante, como ſe naõ fizera a morte mais que reſgatal-

gatalla dos achaques, e reſtituirlhe as cores, que perdera com elles. Teſtemunhava-o aſſim a veneraçaõ de alguns Religioſos da Ordem, que entraraõ para o officio da ſepultura, e entre elles dous (de que naõ ficaraõ os nomes) de mais auctoridade, e opiniaõ de virtude, que da de Sor Victoria tinhaõ muita noticia, como os que muitas vezes a confeſſaraõ. Nem duvidou dizer hum delles, que o que ſe via naquelle corpo, eraõ reflexos de ſeu eſpirito glorioſo, taõ illuſtrado em vida de luzes do Ceo, que alcançara ainda vivendo o conhecimento, e revelaçaõ de muitas couſas futuras. Segurava o outro (peſſoa de naõ menos credito) que dando-lhe huma vez a Communhaõ, lhe vira, e admirara o roſto banhado em reſplandores. A eſtes teſtemunhos, e veneraçoens (ſuppoſta a melhor experiencia de ſua vida) ſe ſeguio a com que levaraõ particulas do habito, e o mais que ſe tocou no corpo da defunta, como joyas daquelle theſouro, que lhe eſcondia a terra.

CAPITULO XVIII.

Da Madre Soror Joanna do Roſario, Condeſſa de Vimioſo, Fundadora deſte Moſteiro.

QUando eſtes noſſos eſcritos naõ tiveraõ mais aſſumpto, que o que agora nos chama, e nos auctoriza a penna, com a vida da Madre Soror Joanna, credito era deſta Provincia, dar calor a eſta eſcritura, pelos duplicados titulos, com que a eſta Madre ſe confeſſa, e confeſſará ſempre devedora, fiando ſe quer aos fracos hombros do noſſo deſvelo, eſta taõ devida demonſtraçaõ do ſeu agradecimento, no que deixamos viva a memoria de huma Heroina (verdadeiramente capaz de encher a boca da fama) como eſtribada nas duas grandes columnas de nobreza, e virtude, com que felizmente creſce o templo da immortalidade.

A eſta Provincia deixou obrigada, e ennobrecida, porque de mais huma Caſa ſua (e a mais reformada) foy Fundadora, e do ſeu inſtituto foy mais huma filha, e a mais reformada (ſe he, que os eſpiritos, com que começou a reſpirar eſta Caſa, ſe conſentiraõ precedencias na refórma). Mas vejamolo em ſua vida. Naſceo a Madre Sor Joanna do Roſario (no ſeculo Dona Joanna de Mendonça) filha dos Condes de Baſto, Dom Fernando de Caſtro, e Dona Filippa de Mendonça, unico mimo de ſeus pays, porque ſobre as razoens de filha, avultavaõ nella muitas de prendas, que facilmente lhe davaõ o nome de milagre da Corte. Aſſim a tinha polido, e doutrinado, já naquelles poucos annos, a liçaõ dos livros, dandoſe com grande applicaçaõ á dos Latinos, lingua, em que ſe fez deſtriſſima, com a ancia de entender as Eſcrituras, e os Padres.

Para o divertimento, e partes, que eſtima o ſeculo, naõ ſahio menos polida nos inſtrumentos da Harpa, e Orgaõ, a que deſtriſſima muſica accommodava huma fermoſa voz, que

lhe dera o Ceo, e que ella deſpois pagou agradecida, occupando-a nos louvores de quem lha dera. Sobreſahia a todas eſtas prendas huma viveza, e graça natural em tudo o que dizia, ſem que a galantaria moleſtaſſe a minima attençaõ da modeſtia. Naõ teve mais que lhe dar a natureza; ſó o Ceo teve mais que lhe dar.

Começou a verſe pertendida do melhor da nobreza do Reyno, porque igualando a todas na qualidade, ſempre as prendas a deixavaõ exceſſiva no dote. Caſou-a ſeu pay com D. Luiz de Portugal III. Conde de Vimioſo, de que teve trez filhos, e trez filhas, até que o Ceo quiz, que excedeſſe as prendas da natureza, de que a enriquecera, com a reſoluçaõ, que agora lhe aconſelhava. Abraçou-a logo, ajuſtando com o Conde ſeu marido hum ſanto divorcio, huma repulſa ás grandezas do Mundo, huma vida para ſempre ſepultada na Clauſura, e huma ſogeiçaõ ao ſuave jugo da obediencia religioſa. Aſſim ſe apartaraõ, aſſim ſe recolheraõ. A Condeſſa neſta Caſa, que fundara; o Conde na de Almada, que eſcolhera. No principio deſte livro fica eſta noticia.

Entrada nos ſagrados Clauſtros deſta Caſa, já naõ a Condeſſa de Vimioſo, mas a humilde Sor Joanna do Roſario, nada da rigoroſa, e eſtreita obſervancia da Caſa, ſe lhe fez novo, porque o que agora dictava o preceito, já o tinha exercitado a devoçaõ; aſſim tinha ſido ſua caſa huma voluntaria recoleta, e ella taõ exemplar Prelada, que da ſua ilharga paſſaraõ duas filhas ſuas, huma a tomar o habito neſte Moſteiro, que foy Sor Filippa Aurelia de Jeſus (de que fallaremos) outra em Santa Catharina de Evora, que foy Sor Luiza de Deos, de que no ſegundo livro fica noticia. Naõ fez menos fruto na mais familia a doutrina, e exemplo da Condeſſa, que duas Ayas ſuas buſcaraõ a meſma Caſa de Santa Catharina de Evora. Eſtes os dictames, que ſe aprendiaõ, e praticavaõ naquella Caſa.

Mas nem o ter ſido Sor Joanna taõ grande Meſtra de eſpirito, lhe fez eſtranho, ou pezado o largo tempo, que deſpois foy diſcipula, porque quatro annos foy Noviça neſta Caſa, dilatando-lhe a profiſſaõ importancias grandes da ſua de Vimioſo, que ſe havia de compor para ella profeſſar. Mas aſſim abraçava o trabalho, e occupaçoens, que nas Noviças ſaõ mayores, como ſe agradecera á compoſiçaõ os vagares, e aſſim deſconhecia a cauſa delles no eſtado, que deixara, que ſempre era a primeira, que a Meſtra achava occupada, e mais contente, e ſatisfeita, quanto a occupaçaõ era mais vil, e mas penoſa. Parece, que levava os olhos a Deos, aſſim na promptidaõ, como no goſto de ſe ver ſervindo; e quiz o Senhor accreſcentar circunſtancias a eſte eſpectaculo, porque lavando humas mantas de eſtamenha, ſerviço, que pedia mais forças, que as ſuas, torceo hum braço, achando-a as dores com tanto ſofrimento, como a cauſa dellas com alvoroço.

Naſciaõ eſtes extremos do infimo conceito, que em toda

a materia formava de ſi, naõ havendo imperfeiçaõ, que naõ chamaſſe ſua, ou acçaõ ſua, que lhe naõ pareceſſe imperfeita, achando ſempre nas alheas, que aprender, e que louvar. Mas mais no caminho da virtude, levando-ſe ſempre de ſanta enveja das que via, e ſuppunha adiantadas nella, que na ſua opiniaõ eraõ todas, e ella ſó a deſcançada, e vagaroſa (aſſim o confeſſava) com mais annos de idade, e nem ſe quer hum paſſo na virtude. Eraõ palavras, que muitas vezes lhe ouviaõ repetir com magoa, e com que ſe confundia a ſi meſma.

Mas mayor ſacrificio, o que fazia do entendimento, porque tendo-o claro, e polido, e ella ſciente na Latinidade, era a primeira, que acodia a prover a reza na hora de exercicio, que tem as Religioſas por eſtatuto, provendo, e enſayando tudo, o que ſe ha de dizer no Coro; providencia, para que as menos deſtras naõ faltem á perfeiçaõ da pronuncia. Neſte numero ſe metia dizendo, que hia aprender o que ignorava. Grande documento, eſtudado nas maximas do Sol das Eſcolas Santo Thomaz, que huma vez ſe eſcuſou de dizer as Liçoens no Coro, com a deſculpa de as naõ ter provido. E já era Meſtre, já era grande. Aſſim ſe emmudecia a ſi meſmo aquelle Oraculo dos Doutores; mas porque aſſim o emmudecia o ſeu conceito, ſe eſcutava deſpois como Oraculo. Com que confuſaõ o eſcutaria a ignorancia, ſempre affouta, a naõ ſer ignorancia! Só os neſcios, que deſconhecem as difficuldades, com que ſe logra hum acerto, ſe atrevem ao conceito, de que o deſempenhaõ em tudo; e porque huma vez os favoreceo o acaſo, em nenhuma os convenceo deſpois o erro.

Profeſſou Sor Joanna, e naõ tendo, que innovar no ſeu eſtylo de vida, baſtou para exceſſos o continualla. Era oppoſta a penitencias indiſcretas, por exceſſivas, dizendo, que era neceſſaria muita prudencia, para naõ conſumir as forças, que perdidas com aquelles rigores, ſe reſtauravaõ deſpois com vagares, e mais valia demorarſe nas penitencias, que impoſſibilitarſe para continuallas. Leva-va-a a eſte conceito o receyo, de que algumas Religioſas ſe tratavaõ com exceſſo, e que por eſte reſpeito viria o Moſteiro a ſer mal ſervido. Eſta advertencia repetia, vendo-ſe no lugar de Prelada, em que deſpois de larga bataria a poz a obediencia; mas ſendo aquella a maxima, que praticara, aſſim deſconfiava do ſeu voto, que na ſua ultima doença proteſtou publicamente, que o diſſera, porque até alli era o que alcançava; mas que como ignorante, podia errar, e ſer de mais utilidade o que impedira, que o que aconſelhara.

Advertencia por certo digna do ſeu entendimento em materia, em que naõ póde haver reſoluçaõ abſoluta, porque de huma parte peza a razaõ da Madre Sor Joanna (porque aquelles exceſſos voluntarios, inhabilitaõ para os exercicios preciſos) e da outra moſtra a experiencia, que quem os praticou, naõ errava; ſe naõ reparem em hum S. Domingos enſangoen-

ſangoentando trez vezes em huma noite (e fazia-o em todas) huma cadea de ferro em larga diſciplina. Huma Santa Catharina de Sena, jejuando desde o dia de Cinza até o da Aſcenſaõ, ſem outro algum ſuſtento, mais que o paõ dos Anjos, que ſó o he do eſpirito. Huma Santa Ignez de Monte Policiano, jejuando quinze annos a paõ, e agua; e ſem duvida naõ podiaõ ſer erro exercicios, que mereciaõ regalos do Eſpoſo Divino. O certo he, que em materia taõ ardua ſó o Ceo aconſelha; e que Sor Joanna conheceo a difficuldade, e venceo a grande de ſe deſcontentar do ſeu voto.

No cargo de Prelada ſó lhe pareceo novidade o nome, porque ſem occupar o lugar do exemplo, ſempre foy a primeira para o trabalho. Tinha agora de mais o andarſe furtando ás penſoens do governo, por naõ faltar ás horas do ſeu retiro. Naõ baſtando o frequentar muito eſtas, para faltar á continua vigilancia, por mais que a podia deſcançar a Celeſte harmonia, com que hia correndo muito a obſervancia da Caſa. Zeloſa dos Eſtatutos della, naõ houve occaſiaõ, por mais privilegiada, que a obrigaſſe a afrouxar na ſua obſervancia.

Viſitava as Religioſas em huma occaſiaõ o Colleitor Caſtracani (grande venerador deſta Caſa, como o que a buſcava, antes como Sacrario, que como Moſteiro do Sacramento). Levou-o o Confeſſor, que entaõ era o Padre Frey Joſeph da Conceiçaõ, á grade do Coro, veyo a Madre Sor Joanna, entaõ Prioreza, acompanhando-a as mais antigas da Caſa, que com os veos cahidos lhe fallaraõ, e agradeceraõ a viſita. Pedio o Colleitor á Madre Sor Joanna, que levantaſſe o veo, mandando o meſmo ás ſuas ſubditas, que teria grande conſolaçaõ em vêllas. Reſpondeo, que por Eſtatuto da Caſa naõ podiaõ apparecer com os roſtos deſcubertos; e dando a meſma repoſta ás mais inſtancias, concluio o Colleitor, que bem podiaõ diſpenſar com elle, ou que elle diſpenſava por aquella ſó vez no Eſtatuto, como Nuncio do Pontifice, de quem tinha os poderes: *Por eſſa razaõ* (replicou a Madre Sor Joanna) *que Voſſa Illuſtriſſima he Nuncio de ſua Santidade, e Prelado da Igreja, deve conſervarnos, e induzirnos a mayor obſervancia, e naõ permittir, quanto mais aconſelhar, relaxaçoens no rigor della.* Deuſe o Colleitor por vencido, naõ acabando de admirar a ſanta inteireza, e conſtancia da boa Prelada, naõ eſperando com tudo menos do que ouvia della, e da obſervancia da Caſa.

Trez vezes foy nella Prioreza a Madre Sor Joanna, que as experiencias do primeiro governo a inculcavaõ para o ſegundo, e fora o ſeu continuado, em quanto viveo, ſe na ſua humildade naõ fora violento tudo o que parecia dominio. Nelle repartia com grande conſideraçaõ o tempo. Ficava deſpois de Matinas em oraçaõ no Coro, e com taõ grande fruto della, que ſem poder diſſimular as lagrimas, as publicavaõ os ſoluços, que compungiaõ as mais Religioſas, que alli ficavaõ. Dalli ſe recolhia a eſcrever, a diſpor as proviſoens do Moſteiro,

ro, e quaſi ſempre o mais tempo até Prima, com livros devotos, eſpelhos, a que concertava ſua conſciencia. Mas nunca ſe achava mais a ſeu goſto, que quando gaſtava o tempo, pondo-a a obediencia em officio, e occupaçaõ de mayor trabalho; aliviar a todas delle, era o ſeu deſvelo. Aſſim era abrazada ſua caridade.

A conſtancia, e ſofrimento nos golpes, que mais ſente a natureza, parece que a deſconheciaõ filha ſua. Aſſim eſcutou com os olhos enxutos mortes de parentes, e de filhos. Naõ admittia pezames, entendendo bem, que feita a vontade de Deos, naõ lhe ficava liberdade para os eſcutar. Neſta conformidade com Deos viveo nos Clauſtros, até idade de oitenta annos, tendo entrado nelles de quarenta e trez. Cahio em fim de doença ultima, e aſſim ſegurou, que o era, como ſe ſe lhe revelara. Eſcreveo logo algumas cartas a parentes, e alguns filhos, que ainda tinha vivos, em que lhes pedia ſuffragios, e lhes advertia o cuidado com algumas peſſoas neceſſitadas, que deſejava ver com amparo, e fóra de perigo. Aſſim diſpoz tudo, como quem ſabia, que já aquellas couſas lhe naõ haviaõ de dever outro cuidado, e perguntando-lhe as Religioſas, ſe tinha ainda couſa, que lhe déſſe pena? Reſpondeo: *Nada tenho, que me ſirva de embaraço, porque os peccados, tanto que os confeſſey, os puz aos pés de Noſſa Senhora, minha Mãy de peccadores, confiada, por naõ dizer, certa de ſua grande piedade, que por meyo de ſua interceſſaõ, e patrocinio, mos havia o Senhor de perdoar. E bem eſtava, digo bem aviada eſtava a peccadorinha, ſe neſte trance lhe fora forçado lidar com peccados.*

Grande documento para os filhos da Fé. que eſperaõ os frutos da immortalidade, diſporem ſua alma nos deſafogos, e ſocegos da vida, ſem eſperar a ultima hora, onde tudo embaraça! As dores da doença, as anguſtias da morte, os remorſos da conſciencia, as ſaudades do que fica, e duvida do que ſe eſpera, e as cavilaçoens do inimigo, que naõ deſcança. Aſſim he preciſa a cautela Chriſtãa, por naõ chegar a hora, em que o arrependimento ſeja martyrio, e naõ remedio.

Eſte o ſocego, com que naquella hora ſe achava a Madre Sor Joanna; mas tal a providencia com que ſe anticipara para aquella hora. Em huma entrou o Medico, e dizendo-lhe, que naõ achava materia, que lhe fizeſſe deſconfiar da doença, e que Deos lhe dilataria ainda a vida, reſpondeo: *Más novas me dá Senhor, ainda que eu, nem deſejo morrer, nem viver, porque ſó Deos ſabe o que nos eſtá melhor.* Eraõ já os ultimos dias, creſciaõ intoleraveis as dores, e perguntava ao ſeu Confeſſor, ſe ſeria culpa deſejar morrer, por livrarſe dellas, accreſcentando: *Ainda que eu naõ o peſſo a Deos.* E quando mais a apertavaõ, levantava os olhos ao Ceo, ſem paſſar ſe quer ao deſafogo de hum gemido. Sem duvida era imitaçaõ de ſeu Eſpoſo, o eſpirar com ſede de padecer.

Chegoulhe huma carta de ſeu filho o Marquez de Aguiar, em que lhe ſegurava o ſentimento

mento de a ter naquelle eſtado, e a conſolava com verdades de filho. Ouvio-a ler, e diſſe, que aquella carta lhe dera grande pena, porque tinha muito alivio em experimentar em hum filho aquella laſtima, e aquella lembrança; mas que pelo que ſe aliviava, o ſentia, porque já naõ era tempo de alivios deſta vida, mas de penas, que a diſpozeſſem para a outra.

Chamou as Religioſas, e pedindo-lhe primeiro perdaõ do mao exemplo, paſſou a exhortallas com palavras taõ vivas, taõ cheyas de eſpirito, taõ concertadas, e perſuaſivas, como ſe ſe eſquecera da debilidade em que eſtava. Aconſelhoulhes a obſervancia, deſperſuadindo-as da magoa de ſua falta, porque ſobre ſer inevitavel o tributo, já era o melhor tempo de pagallo, porque Deos o tinha diſpoſto. Abraçou-as, e lançoulhes a bençaõ, doendo-ſe de as ver chorar. Pedio logo á Prelada, que lhe mandaſſe abrir ſepultura aos pés de todas, mas naõ junto á Irmãa Converſa Sor Victoria, porque tinha falecido com opiniaõ de Santa, e ella ſe achava indigna de tal companhia. Pareceo tempo de receber os Sacramentos, e foy grande a doçura, que ſentio em ſeu eſpirito, percebida nas palavras, e no roſto.

Pedia, que continuamente lhe leſſem a Paixaõ de Chriſto, pelo livro do Meſtre Frey Luiz de Granada, ſem duvida, porque á viſta daquellas dores, lhe ficaſſem as ſuas menos ſenſiveis. Outras vezes tomando nas mãos hum devoto Crucifixo, deſpois de penitentes ſupplicas, e ardentes jaculatorias áquelle ſangue precioſo, accendida em huma deſuſada viveza, e eſtranho modo de alegria, repetia, como deſafogando o coraçaõ: *Que hei de ir ao Ceo! Sim por certo, pelo ſangue de meu Senhor Jeſu Chriſto. Que hei de entrar pelas portas do Purgatorio, cantando muitas vezes Alleluia! Que entro no Purgatorio, Alleluia! Que já naõ temo o demonio, Alleluia! Que eſtou perto de ver a Deos, Alleluia!* Dizendo iſto, ficava ſuſpenſa, e ſocegada.

Verificava-ſe niſto o que eſta Madre diſſera na occaſiaõ, que ſe recolheo a eſta Caſa, e ſe auſentou da ſua, que entaõ deixava, e ſe deſpedio de ſua familia, chorando, mas que eſperava em Deos, que havia de morrer rindo. Naõ ſuccederia menos (promettera o Eſpirito Santo pela boca da Sabedoria) áquella providente, e deſvelada mãy de familias, que diſpondo bem ſua caſa, trabalhaſſe pelas verdadeiras grangearias da melhor vida, naõ deſcançando nunca entre trabalhos do Mundo, para que no fim ſe riſſe ao ſahir delle. Et ridebit in die noviſſimo. Prov. 31. 25.

Succedeo aſſim á Madre Sor Joanna, eſtando já com poucas horas de vida, que tendo repetido as Alleluias da ſua jaculatoria, ouvio, que no Coro ſe cantava o verſo do Pſalmo 125. *Qui ſeminant in lacrymis*, e continuou: *In exultatione metent.* Accreſcentando: *Será iſto para quem fez boa ſementeira de lagrimas.* Val tanto o verſo, como dizer: *Os que ſemeaõ lagrimas, colhem alegrias.* Naõ fallou mais, tomada de hum repentino accidente, que abrandando, a deixou com livre, e perfeito juizo, ainda que muda, porque com

com grande advertencia, e conſolaçaõ de eſpirito, recebeo o ultimo Sacramento.

Choravaõ as Religioſas, que perdiaõ nella mãy, conſelho, e alivio. Naõ lhes eſquecia a liberalidade, com que lhes dera Caſa, o amor, com que lhes viera fazer companhia, a brandura, e caridade, com que tantos annos as governara; e eraõ eſtas razoens taõ poderoſas para a ſua ſaudade, que faziaõ cara ás que tinhaõ de alegrarſe, vendo-a taõ perto de entrar no ultimo, e verdadeiro deſcanço. Mas a boa Madre levantando os olhos, e as maons ao Ceo, dava a entender, que ao que elle diſpunha, ſó havia de reſponder a ſogeiçaõ, e a obediencia, devendo ainda enxugarſe as lagrimas, por naõ parecerem miudas repugnancias.

Foy couſa digna de reparo, que eſtando já no ultimo termo, desfalecida, e ſepultada naquella mudez, de que naõ tornou a ſahir, chegando-lhe hum dos Religioſos a Imagem de hum Crucifixo, e applicando-lhe a boca á chaga do Lado, advertindolhe, que o beijaſſe com muito affecto, rompeo o ſilencio, dizendo trez vezes com voz clara, e vigoroſa: *Muito, muito, muito.* E aſſim ficou abraçada com a ſagrada Imagem. Era ardentiſſima a devoçaõ, que tinha com a Senhora, com o ſeu Roſario; eſſe affecto lhe enſinou a eſcolher o nome para ſeu patrocinio; como eſtava com todos os ſentidos, e eſpertos todos, lembraraõ-lhe as Religioſas, que lhe aſſiſtiaõ de mais perto, a mayor delicia de ſua alma, começaraõ a entoar o nome de Noſſa Senhora nos cinco Pſalmos, e chegando ao quarto, e ao verſo: *Qui ſeminant in lacrymis, in exultatione metent*, deu o eſpirito ao Senhor, paſſando ao Ceo, a colher a eterna alegria, fruto das lagrimas, que ſemeara na terra. Era o oitavo dia da Aſcenſaõ, 21. de Mayo de 1643.

CAPITULO XIX.

Das Madres Soror Iſabel de Jeſus, e Soror Margarida da Reſurreiçaõ.

FIcara Sor Iſabel orfãa, e menina, e como filha de pays nobres, e ricos, em poder de irmaons poderoſos, razaõ, que fazia nella a ſogeiçaõ mais preciſa, e nelles mayor a liberdade de lhe darem eſtado a ſeu goſto. Mas quando o diſpoem o Ceo, nem a nobreza eſtima grandezas, nem o ouro aconſelha cobiças, porque nada ha na terra, que tenha valia, ou ſeja eſtimavel, ſe ſe olha com olhos livres do pó, que levantado do vento da vaidade, cega, para o conhecimento do pouco, que he tudo.

Era Sor Iſabel rica, e nobre, dous privilegios, que mais eſtima o Mundo, para grangear as idolatrias dos que crem, que o barro póde ſer duravel materia para fabricar hum idolo. Mas já naquelles poucos annos tinha madrugado tanto o conhecimento, que lhe naõ ſervio o muito que lhe offerecia o Mundo, mais que para a fazer avultar, pizando-o, e metendo-o debaixo dos pés, artificio poderoſo, para a aviſinhar mais ao Ceo, a quem devia o

conſelho, e a quem o pagava com a reſoluçaõ de naõ eſcutar, nem ſeguir os que lhe podia dar o meſmo Mundo. Já ſeus irmaons começavaõ a eſcutar as diligencias dos que a pediaõ eſpoſa (foſſe negaça o dote, ou a nobreza) diffirindo o ajuſte ſó por razaõ da idade. Ceſſou com os annos o embaraço, entenderaõ ſeus irmaons, que naõ havia outro; propuzeraõ-lhe os commodos, e obrigaçoens preciſas de aceitar aquella vida; mas nada valeo com Sor Iſabel para deixar a que já eſcolhera como mais ſegura.

Tomou o habito da Terceira Regra de S. Domingos com tanta reſoluçaõ de ſe aproveitar das ſantas grangearias delle, que em breve tempo ſe conheceraõ os acertos da eſcolha nas experiencias de ſua virtude. Aſſim era ſua vida como da mais apontada, da mais obſervante Religioſa, naõ lhe faltando mais que a circunſtancia da Clauſura. Paſſados annos, ſe paſſou a ella, tomando o habito neſta Caſa, como ſe ſe eſtivera diſpondo para as grandes obrigaçoens della, naõ fiando de ſeu eſpirito o acertallas ſem aquelle enſayo. Mas idade creſcida, gaſtada em voluntarias penitencias, naõ deixavaõ vigor nos hombros, para ſuſtentar por muito tempo o pezo daquella Cruz; houve de aliviarſe, diſpenſou a a ſua grande fraqueza de Matinas, porque naõ podia eſtar em pé; mas achou induſtria, para naõ perder o merecimento dellas, deſvelando-ſe toda a noite para chamar as Religioſas, fazendo o meſmo a Prima; e aſſim vinha a concorrer para aquellas ſagradas funçoens com a diligencia, mais que o que podera com a peſſoa.

O mais do tempo lhe levava a oraçaõ, e liçaõ dos livros ſagrados; aſſim era ſua vida hum continuo commercio com o Ceo. Meditava enternecida na Paixaõ. Arrebatava-a hum terniſſimo affecto com a Senhora do Roſario, e huma ſuavidade grande, com que aſſiſtia á ſua *Salve* de Completas, e já com taõ poucos alentos, que antes parecia privilegio da devoçaõ, que diligencia delles. Já contava vinte e trez annos de habito em venturoſa velhice, quando cahio em huma larga enfermidade. Fora ſua vida antes huma vital chamma de caridade com todas as Religioſas, mais ardente com as Noviças (ſempre o mais penoſo cahe ſobre os hombros deſtas) naõ queria deſacommodallas com aſſiſtencias, menos com deſvelos de meſinhas; aſſim ſofria as dores, e os incommodos, ſem ſe lhe eſcutar huma queixa, tendo todo o corpo em huma chaga viva. Levantava os olhos para as de hum Crucifixo, que lhe fazia companhia junto á cabeceira; e quando ſe via mais attribulada, e dorida, dizia com voz branda, e mortificada: *Chagas de Chriſto crucificado*, repetindo muitas vezes *crucificado*, como ſe aquelle fora o ſeu unico lenitivo.

Recebeo os Sacramentos com vivas demonſtraçoens de piedoſa alegria; olhava para a morte como reſgate; eſperava no ultimo inſtante da vida o primeiro de ſeu deſcanço. Só tinha hum unico no que aquella

la durava, que era merecer melhor a que ſe lhe ſeguia. Parece que lhe fazia o Ceo eſſa liſonja, porque contando-lhe já o alento por horas, aſſim lho foy ſuſtentando por dias, que chegou até o de Sabbado da Alleluia. Pareceo, a quem melhor reparou, couſa myſterioſa.

Corria o anno de 638. lamentava todo eſte Reyno o golpe, com que a eſpada da Igreja o ameaçava no interdicto, em que o tinha deixado Monſenhor Caſtracane (Legado do Papa Urbano VIII.) porque oppondo-ſe ás tyrannias de Caſtella (injuſto jugo, em que vivia opprimida eſta Coria) naõ ſó lhe negaraõ a obediencia, mas ainda lhe ameaçaraõ a liberdade, e a vida. Era commum eſcandalo da Chriſtandade o litigio, que os Miniſtros Caſtelhanos ſuſtentavaõ contra a immunidade Eccleſiaſtica, querendo, que nem eſta ficaſſe fora dos exorbitantes tributos, com que avexavaõ os Povos. Procedera com cenſuras o Legado, nunca obedecido, e finalmente ameaçado. Grande fatalidade! Sello de vaſſallos de hum Principe por anthonomaſia Catholico! E naõ menor ſatisfaçaõ para os Portuguezes (a quem aquelles chamaraõ deſpois rebelados á Coroa) vellos a elles rebeldes á Igreja, com tanta differença, que moſtrou bem deſpois o ſucceſſo, favorecido do Ceo, que a noſſa rebeliaõ foy juſtiça, e a ſua inobediencia, contumacia. Nella perſiſtiraõ com taõ deſembuçada irreverencia á juriſdiçaõ Apoſtolica, que o Legado eſcolheo por ſagrado o retiro, donde já naõ conhecia outro ſagrado. Partio occultamente para Roma, deixando interdicto o Reyno, taõ ſogeito ſempre ás leys Apoſtolicas, que ſó na voz de Caſtella, que entaõ tinha, ſe lhe eſcutara eſta inobediencia.

Aſſim lamentavaõ as Religioens, e Caſas ſagradas a pena do interdicto, emmudecidas em todas aquellas celebridades, com que coſtumaõ dar a Deos culto, quando por inſtantes acabava a vida a Madre Sor Iſabel. Sentiaõ as Religioſas (como as que ſabiaõ conhecer, e venerar ſua virtude) o haverem de lhe dar ſepultura ſem aquellas ſolemnes demonſtraçoens, com que a piedade Chriſtãa ſe conſola; mas entrando a moribunda a ſemana de Ramos ſem eſperança de paſſar do primeiro dia della, chegou com admiraçaõ de todas até ao de Sabbado, em que com rara conformidade, e ſocego de eſpirito, antes com moſtras de ſobrenatural alegria, paſſou a lograr as ſuavidades da eterna; valendo-lhe a ſolemnidade da Paſchoa, para que com toda ſe lhe houveſſe de dar ſepultura, o que ſe fez ao dia da Reſurreiçaõ de tarde, partindo a Igreja de ſeus privilegios com aquelle corpo, como já a Triunfante o fazia com o ſeu eſpirito; ou permittindo o Ceo, que ſe miſturaſſem as Alleluias com as exequias de huma vida, em que ſe viraõ os indicios de reſuſcitar glorioſa.

Naõ madrugou menos a piedade Chriſtãa na Madre Sor Margarida da Reſurreiçaõ, que o fizera na Madre Sor Iſabel, porque com as primeiras luzes da razaõ começou tambem a buſ-

buſcar aquelle caminho, para que ſó as do Ceo deſcobrem o paſſo. Mas as prendas da natureza, de que era dotada, a faziaõ taõ conhecida, que começou logo a verſe, naõ ſó pertendida, mas perſeguida de diligencias dos que a eſperavaõ eſpoſa, como ſe a executara a terra, pelo que tinha de ſua; mas eraõ aquellas prendas os engaſtes, com que o Ceo ornava aquella Margarita, buſcada a mayor diligencia, e deſtinada a melhor ventura.

Aſſim ſuccedeo. Era filha de pays honeſtos; entenderaõ adiantar ſua caſa nas condiçoens de honra, e fazenda, com que ſe aventajava hum dos pertendentes de Margarida; diſpuzeraõ de ſua liberdade, deraõlha eſpoſa; mas em taõ breve tempo perdeo eſte nome na vida do marido, que ſe deſenganaraõ os pays, que mais poderoſa maõ a negociava ſua, e a eſtimava precioſa. Já livre daquella prizaõ, começou a agradecer ao Ceo a liberdade, nas ancias de a cativar aos ſeus conſelhos; aſſim com lagrimas, e larga oraçaõ lhos pedia, para os acertos de ſer toda ſua. Começava entaõ a povoarſe eſta Caſa, como Sacrario de Deos, de abrazados, e puros eſpiritos; convidava o Angelico daquella vida aos que deſprezavaõ a da terra; para aqui ſe declarou a vocaçaõ de Sor Margarida.

Buſcou as Religioſas reſoluta; pedia o negocio madureza; deixaraõ, que o tempo lhe provaſſe a conſtancia. Inſtava com ſupplicas, com lagrimas, derretidas humas, accendidas outras, áquelle fogo, que naõ admitte detenças. Grande eſpectaculo para a confuſaõ humana! Que mais fariaõ os deſejos impacientes, para os avanços, para os commodos da vida, que eſtes para o continuo martyrio della? Que mais para os eſtados, que eſtes para os abatimentos? Que mais para a purpura, que eſtes para a mortalha? Mas eraõ já idiomas do Ceo, os com que Margarida pedia; entendiaõ-no bem aquelles eſpiritos como nelle verſados; naõ houve outro embaraço; aceitaraõ-na no Moſteiro.

Naõ havia detença, porque já Sor Margarida naõ attendia a nenhumas da terra. Chegou o dia da entrada, e ella á grade do Coro, a reſponder ás perguntas do Prelado, que (confórme as noſſas leys) lhe propunha os rigores, e aſperezas, a que voluntariamente ſe ſenteneaõ, as que com aquelle genero de vida ſe ſepultaõ. Levantou a caſo os olhos, e encontrou com elles a Imagem de Chriſto, naquella fórma em que Pilatos o moſtrou ao Povo, com huma inſcripçaõ, que dizia: *Ecce Homo*; val o meſmo que: *Eis-aqui o Homem.* Mas aſſim ſe lhe figuravaõ vivas as chagas, freſco aquelle ſangue, animada aquella agonia, que lhe pareceo, que via, naõ huma pintura, mas ao meſmo Chriſto vivo nella, como ſe naquella hora o acabara de ferir o flagello, e ſe levantaſſe a condemnallo o Povo.

Da viſta ſe lhe eſtampou aſſim na memoria, que nunca mais o perdeo della. Teſtemunhava-o muitas vezes, accreſcentando, que com aquella viſta laſtimoſa, interiormente repreſen-

preſentada, triunfara Noviça de muitas occaſioens, em que fraqueando a natureza, ſe intimidara aos rigores daquella vida, ou ſe reſolvera ao deſatino de deixalla. Por eſpaço de quarenta annos a continuou Sor Margarida, com taõ exacta obſervancia, como no primeiro dia em que a abraçara. Na caridade, na compaixaõ, no abatimento proprio, toda era exceſſos; e tal o de abatida, que ſendo taõ creſcida em annos, taõ venerada das que a olhavaõ como Meſtra, todo o ſeu emprego era miſturarſe com as mais modernas na mais infima, e cuſtoſa occupaçaõ da Caſa, naõ tendo (como dizia) hora de mayor goſto, que a de mayor trabalho.

No cilicio, diſciplina, e jejum, baſtando os do Moſteiro para o rigor, parece, que deixavaõ ainda com ſede aquella ancia penitente; aſſim os dobrava com eſcrupulos de viver mimoſa. Dormia veſtida, para que o Coro, e a oraçaõ a toda a hora a achaſſe prompta; aſſim era ſua vida huma continuada guerra com o corpo, que vencido mais de penitencias, que de annos, naõ tinha vigor para hoſpedar o eſpirito. Chegouſe a hora de o paſſar a melhor morada, recebeo os Sacramentos com eſpiritual doçura, eſperou a morte intrepida, demonſtraçoens da vida, que eſperava. Paſſou a ella em 17. de Março de 645. Aſſim o teſtemunhou o ſeu cadaver, exhalando ſuaviſſimas fragrancias, acompanharaõno eſtas até á ſepultura, ainda deſpois de muitos dias ſe perceberaõ nella. Naõ podia ſer outro o fumo, que de ſi deſpediſſem aquelles ſecos oſſos, acabando de apagarſe nelles o lume de huma vida, que a caridade conſervou lavareda.

CAPITULO XX.

Da Madre Soror Filippa de Jeſus, huma das que deraõ principio a eſta Recoleta.

LAvrado com diſpendio, e deſvelo o Templo material de Deos em eſta ſua Caſa, antes venturoſo Sacrario, em que ſe havia de hoſpedar Sacramentado, dando-lhe em paga o ſeu nome, para eterno, e ſingular timbre, buſcava a devota diligencia dos Condes de Vimioſo racionaes baſes, ſobre que ſe levantaſſe o eſpiritual Templo de Deos vivo, e doutrinados eſpiritos, com que começaſſe a reſpirar a Angelica vida daquella Recoleta. Era a Caſa de Santa Catharina de Sena de Evora, ſagrado, e mais celebre Seminario, em que a Religiaõ os criava, e era a Madre Sor Filippa, a que aſſim ſe adiantava em prendas de Religioſa, que nem o retiro, e cautela da Clauſura a permittia deſconhecida.

Entrara naquella Caſa com mais duas irmãas, taõ prendadas, como virtuoſas: venturoſos pays, os que a Deos offereceraõ taes victimas, furtando-as á contingencia de mal empregadas. Foraõ eſtes André Bugalho, e Dona Damianna Pereira, peſſoas de conhecida nobreza, e virtude. Aſſim foy eſta nas filhas herança, que perdendo a mãy, ſó á Religiaõ quizeraõ dar eſte nome, recolhendo-ſe todas trez em Santa Cathari-

tharina. Era a mais moça a Madre Sor Filippa, mas naõ ſó as irmãas, ainda as mais adiantadas em annos, e virtude, lhe deſconheciaõ a idade; parece, que naõ cabia tanto na de doze annos. Chegou aos quinze, entrou no de approvaçaõ, e paſſou aos de profeſſa, com tantos augmentos de reformada, e zeloſa, que nas vozes, e admiraçoens de todos chegou á noticia dos Condes, ſendo a voto de todas huma das Meſtras de eſpirito, que pediraõ, e alcançaraõ, e finalmente trouxeraõ para eſta Caſa, onde ſe começou a eſcutar como huma regra viva, do que ſe devia obſervar, e obſervou ſempre nella.

Naõ houve occupaçaõ, em que naõ aliviaſſe ás outras o trabalho, e em que lhe naõ déſſe exemplo. No Coro, antes ſe podia dizer, que vivia, do que, que o frequentava. Era alma delle, e ſingular ſuavidade de ſua alma, entoar a Deos louvores. A todas animava, e ſobre todas ſe ouvia; tal era ſua voz ſonora, clara, alta, vigoroſa. Naõ havia funçaõ na Caſa, em que lhe eſqueceſſe, que viera primeira, naõ para o reſpeito, para o cuidado; aſſim foy o lugar de Prioreza o unico, que a achou eſquiva. Nem a negaça de ſer aquelle dominio ſervidaõ, lhe tirava o horror de lhe parecer dominio. Fazia-lhe grande violencia hum profundo abatimento, de que tinha feito vida. Contava vinte e cinco annos, quando entrou a ſer Meſtra deſta Recoleta. Já ſua virtude parecia conſummada em taõ poucos; mas foy, que tinha madrugado nos primeiros.

Nos rigores, e exercicios da Caſa, deſvelada para exemplo, occultamente ainda exceſſiva para deſafogo; ſó aſſim ſocegava ſeu eſpirito; naõ tinhaõ para elle as leys mais de rigoroſas, que o que de taxadas. Aſſim fogia aos olhos de todas, para o rigoroſo das diſciplinas, para a contemplaçaõ em que ſe detinha, banhada em lagrimas, corria hum, e outro ſangue, que naõ eraõ mais executivos os golpes do braço, que os do ſentimento, como mais ſenſivel o coraçaõ, que o corpo. Naquelle naõ havia mais que Deos, e ſó Deos ſe lhe eſcutava na boca; mas eraõ ſempre os olhos os primeiros, que reſpondiaõ neſta pratica, fiando das lagrimas mais expreſſivo idioma. Naõ achava outro mais proprio para fallar com o Ceo; ſabia, que o Senhor delle coſtumava eſcutar no ruido das lagrimas a vida dos penitentes. Aſſim lhe ſuccedia, quando chegava á confiſſaõ (ſendo na de ſeus Confeſſores de inculpavel vida) como alli dava a Deos conta della, entendia, que das lagrimas tomaria melhor eſſa conta; como ſe diſſera com o Profeta: *Deus vitam meam annunciavi tibi, poſuiſti lacrymas meas in conſpectu tuo.* Vem a dizer: *Senhor, conteivos minha vida, e para o que olhaſte, foy para minhas lagrimas.*

Incançavel a achava ſempre a occupaçaõ de mayor aceyo para o culto Divino. Na Sacriſtia ſervio vinte annos; e ſó eſtes por cançados (advertencia compaſſiva dos Prelados) a tiraraõ della; mas nem a impoſſibilidade lhe callou a queixa, porque a tinha de que naõ eſperaſ-

peraſſem do ſeu goſto, o que já deſconfiavaõ do ſeu alento. Aſſim dizia a Deos com muitas lagrimas: *Bem ſey, que me lançais fóra de Caſa, por inutil ſerva. Mas, Senhor, que vos fez eſta ſerva, que a tirſtes de voſſa graça?* No tempo, que aſſiſtio neſta officina, naõ perdoava a diligencia, que conduziſſe á mayor decencia, e pureza do que tocava a ornamentos, e mais pertencentes ao Sacrificio da Miſſa, venerando aſſim tudo o que ſe coſtuma occupar nella, que a primeira vez, que no dia entrava na Sacriſtia, punha os joelhos em terra, inclinando-ſe eſpecialmente para a parte em que guardava Calices, e Corporaes. Aſſim entendia, que ſe deviaõ pôr os olhos em alfayas taõ ſantas, que ſe naõ deixaõ tocar, ſenaõ de mãos ſagradas. Grande reprehenſaõ para o pouco reparo, e menos aceyo com que ſe vem hoje tratadas em algumas ſagradas officinas, ſendo mais culpavel o pouco eſcrupulo nos Prelados dellas!

O goſto, com que ſe applicava a ſimilhante trabalho, naõ ſe lhe via ſó na diligencia, tambem na alegria, ſendo taõ exceſſiva a com que acodia á principal ſolemnidade na Caſa (que he do Sacramento) que a naõ ſabia diſſimular, como ſe lhe naõ coubeſſe no coraçaõ; aſſim applicava as maons ao que era preciſo, rompendo-lhe na boca abrazadas jaculatorias, derretendo-ſelhe nos olhos ſuaviſſimas lagrimas. O eſpirito alli aſſiſtia a animar aquellas piedoſas acçoens; mas lá o levava a contemplaçaõ a tratar com Deos; taõ continua, e facil neſta occupaçaõ Angelica, que naõ era a vida deſta Madre, mais que huma contemplaçaõ continuada.

Em ſe deſembaraçando das obrigaçoens da Communidade, naõ tinha lugar mais ſeu, que o Coro; aquelle era o ſeu centro, viſitado com tanto alvoroço de ſeu eſpirito, que muitas vezes o deſafogava em lagrimas. Tinha eſta Madre eſte dom, e eraõ eſtas commummente a primeira attençaõ, que lhe deviaõ affliçoens alheyas; aſſim a achavaõ todas mavioſa, branda, compaſſiva. Já os annos, que as penitencias faziaõ parecer muitos, a tinhaõ reduzido a tal debilidade, que naõ podia continuar Matinas; mas já no Coro ás trez da madrugada ſe vingava da falta, que fizera nellas. Outras vezes de Completas até á meya noite, a que ſe recolhia, como ſe enganara os achaques com o nome de diſpenſada, para lhe darem liberdade para mayor aſſiſtencia.

Grande fé, igual efficacia, a com que coſtumava pedir a Deos. Via-ſe no effeito de conſeguir facil o deſpacho. Com a meſma confiança recorria em ſuas tribulaçoens á Rainha dos Anjos, que amava com terniſſimos affectos de ſua alma. Naõ ſentio nella mayor affliçaõ, que a de ver ſua irmãa (era a Madre Joanna Bautiſta, e logo terá ſeu lugar neſta eſcritura) proſtrada de huma doença com ſinais de ultima. Mal ouvio eſte deſengano, corre ao Coro (venerava nelle com fé viva, e carinhoſa huma Imagem da Senhora da Aſſumpçaõ) lança ſe por terra, e fallando antes com o coraçaõ, que com a boca, antes em lagrimas, que em vozes, pedia

pedia á ſua grande Advogada, que lhe naõ tiraſſe na da irmãa aquelle unico arrimo da vida. Caſo grande! Eſcuta, que lhe reſponde a Senhora: *Mulher de pouca-fé, porque duvidaſte? Haviate eu de faltar? Tua irmãa vive.*

Poz Sor Filippa a boca em terra, e metida no abyſmo da humildade, naõ ouſava a erguer os olhos em veneraçaõ de ſua Bemfeitora; mas confuſa, acanhada, e emmudecida, ſe deixou ficar por largo eſpaço, fiando dalma, e do coraçaõ as graças, os agradecimentos, os jubilos. Naõ devia Sor Filippa menos cuidado ao Ceo, e á Rainha delle, aſſim ſe lhe permittiaõ, ainda em vida, favores, como a quem ſó com elle ſe comerceava.

Eſpirou a Prelada da Caſa (era de ſeu meſmo nome a Madre Sor Filippa de Jeſu Maria) ſentio a Madre Sor Filippa a falta daquelle ſanto commercio. Tinha deixado o corpo na Enfermaria. Era entaõ Subpriorеza, ſahio a obrigaçoens do officio, e occupando algum eſpaço de tempo, paſſava ao Coro a proteſtar a Deos, o como na ſua vontade ſe reſignava naquella perda, quando lhe ſuſpendeo os paſſos, e os ſentidos huma peregrina, huma ſuave muſica. Levou-a o primeiro diſcurſo a imaginar, ſe ſem ella levariaõ o corpo para o Coro; deſenganaraõ-na os olhos, ſem lhe ſahir a melodia dos ouvidos. Levantou as maons ao Ceo, dando-lhe graças entre aquella harmonia Angelica, em que ſuppunha deſcançando a ditoſa amiga.

Mas eraõ já muitos os annos; parece, que naõ queria o Ceo, que o dilatarlhe a coroa, favoreceſſe a duvida de naõ eſtar merecida. Apanhou-a hum rigoroſo accidente apopletico, que a privou de todos os ſentidos. Affligiaõ-ſe as Religioſas de a verem acabar ſem Sacramentos. Aſſiſtialhe o ſeu Confeſſor, pedialhes, que deſſem a Deos graças, ſem querer entender ſeus juizos, que Sor Filippa paſſava a lograllo com as circunſtancias, que elle era ſervido: que trocaſſem a pena em ſanta enveja; que elle ſe alargava a darlhes aquelle ſeguro, porque naõ permittia o Ceo ſentimentos em occaſiaõ de jubilos.

Naõ permittio elle, que ficaſſe em opinioens a razaõ de os haver; tornou Sor Filippa a ſeu perfeito juizo, recebeo os Sacramentos com igual devoçaõ, que ſocego; aſſim durou ainda alguns dias, gaſtados em fervoroſos colloquios, ſeguidos de piedoſas lagrimas, convidando a ellas as Religioſas, que agora as choravaõ de deſconſoladas, como primeiro de affligidas.

Foy capaz de reparo, que a eſte tempo ſe tinha reſtituido eſta Madre (a petiçaõ ſua) á antiga aſſiſtencia da Sacriſtia (eſta em toda ſua vida a occupaçaõ mais goſtoſa) ſahia della, quando a apanhou o accidente, reduzindo-a a tal eſtado, que a conſelho dos Medicos a recolheraõ dentro, e pelo riſco, que corria no abalo, ſe lhe fez alli huma cama, dalli ſe deſpedio ſua alma para melhor vida, em hum Domingo, 19. de Agoſto de 646. permittindo, e diſpondo o Ceo, que

ſe

ſe naõ eſcondeſſe o muito, que lhe eſtimara aquelle ſerviço, pois do lugar em que lho fizera, ordenava, que paſſaſſe a receber a paga.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Margarida da Coroa, e Sor Magdalena do Eſpirito Santo.

PArece, que era Deos o mais empenhado em que ſe povoaſſe de eſpirituaes plantas eſte ſeu Paraiſo, porque elle meſmo ſacramentado, havia de ſer a gracioſa fonte, que lhes déſſe o alimento. Aſſim as criava viçoſas, ſendo a graça o orvalho, que as fecundava, quando mal lhes amanhecia o dia da razaõ. Aſſim o moſtrou em muitas a experiencia; agora na Madre Sor Margarida. Naſceo na Villa de Aveiro, de que eraõ naturaes Manoel Rangel Lobo, e Luiza Carreira da Coſta, ſeus pays, nobres, ricos, e virtuoſos. Como taes naõ deſconheceraõ o premio, que o Ceo lhes dava em huma filha, que antes naſcia para elle, que para elles.

Aſſim começou ella a provallo na piedoſa inclinaçaõ com que foy creſcendo, ſervindo aos pays, e parentes primeiro de edificaçaõ, que de alivio. Eſte raro genio a fazia eſtimada de todos, como melhor joya da familia, ſendo o que com mais reparo a avaliava Dom Frey Miguel Rangel, ſeu tio, Religioſo da Ordem, e Biſpo de Cochim, peſſoa de grande opiniaõ, e eſpirito. Sabia (como tal) medir, e conhecer os proporcionados para auſtera vida de huma recoleta. Nenhuma lhe levava mais a veneraçaõ, e o agrado, que a deſta Caſa. Amava muito a ſobrinha, achou que ſó recolhendo-a nella, ſatisfazia ao que a amava. Tal opiniaõ tinha da Caſa! Tal indole deſcubria na ſobrinha!

Aceita eſtava já para tomar o habito em Jeſu de Aveiro; a pouca idade impedia a execuçaõ; entrou o tio a embaraçalla; naõ houve em Margarida repugnancia. Trouxe-a para eſta Caſa, naõ deſconheceo a melhora. Corria, antes voava, nos annos aſſim de approvaçaõ, como de profeſſa, nos rigores da Religiaõ com roſto alegre, e reſoluçaõ firme; mas quiz Deos diſporlhe outro genero de cruz mais pezada, que a com que o ſeguia no caminho da penitencia. Começaraõ a perſeguilla doenças, foraõ-lhe ficando em achaques; o mais cruel, e mais repetido o mal de coraçaõ; aſſim era ſua affliçaõ taõ grande, que como perdendo o ſofrimento, e o ſentido, rompia talvez em algum deſabrimento, de que logo tornando em ſi, pedia perdaõ, ſentindo vivamente, que os deſmanchos da dor (que ella queria ſó para o ſofrimento) ſe lhe paſſaſſem a deſatino.

Com eſta grande cruz caminhava, naõ a diſpenſando as crueldades della, das aſperezas, que por ley eſcolhera, e das que por vontade inventava. Extremoſa era na caridade, eſpecial com os doentes, commiſeraçaõ, que lhe naõ enſinaraõ ſeus achaques; os alheyos ſó lhe deviaõ cuidado, eſte lhos poz nas maons por officio. Foy a melhor induſtria para ſe eſquecer do que padecia. Como

a mais robuſta a tinhaõ ſempre as doentes á cabeceira; as mais trabalhoſas, mais goſtoſa. Em nada achava repugnancia nas doenças de mais aſco, com o meſmo cuidado, o meſmo roſto. Quando a deſembaraçava mais eſte trabalho, tomava algumas horas o baſtidor por deſcanço. Era nelle muy deſtra, e ſahia de ſuas maons com nova traça, com variedade viſtoſa o mais precioſo, o mais aceado ornato dos Altares, os panos ricos para ſervirem nelles; aſſim pagava ao Ceo o grande genio, que lhe dera para eſte emprego.

Igualmente, que de doenças, ſe via perſeguida do demonio com eſcrupulos, com tribulaçoens; aſſim era ſua vida huma penitente batalha, ſuſtentada com taõ poucas forças, que ao mais leve accidente eſperava a morte; daqui lhe naſcia huma continua meditaçaõ nella, e huma cautela ſanta, com que todas as noites, antes de recolherſe, tomando nas maons a Imagem de hum Crucifixo, repetia actos de contrita, e Catholica, com hum affecto taõ verdadeiro, como ſe qualquer delles houveſſe de ſer o ultimo. O meſmo lhe ſuccedia chegando ao Confiſſionario. Sempre a hora da confiſſaõ lhe parecia a ultima da vida; grande induſtria para a trazer ajuſtada!

Nella naõ tinha outra conſolaçaõ mais, que o ſanto commercio do Biſpo ſeu tio, eſcutando-lhe os conſelhos, com que ſe animava a abraçar os males com tolerancia. Mas quiz Deos vêlla batalhar ſó com elles, diſpoz, que paſſaſſe o tio á India, ſem eſperanças de voltar della; naõ tardou mayor deſengano, perdendo lá a vida. Achou o Ceo, que naõ baſtava no coraçaõ de Sor Margarida o golpe da ſaudade, quiz que ſobre eſte feriſſe o da morte. Naõ lhe dilatou a dor, anticipando-lhe a noticia; parece que a teve Sor Margarida na meſma hora.

Eraõ as de huma madrugada, quando ſahindo da cella a buſcar huma Religioſa amiga ſua, com moſtras igualmente de dor, e conformidade, lhe diſſe; *Madre, diſſeraõ me agora, que falecera meu tio o Biſpo de Cochim. Seja Deos louvado! Que para eu o ſentir, foy elle primeiro.* Entendeo a Religioſa, que naõ paſſaria de imaginaçaõ, fomentada de melancolia; mas Sor Margarida eſſes poucos mezes, que deſpois lhe durou a vida, o praticava como couſa certa. Já era falecida quando a eſte Reyno chegou a nova. Falecera o Biſpo no mez de Setembro; no meſmo havia lembrança, que o diſſera Sor Margarida. Difficilmente daõ credito eſpiritos timoratos a favores ſoberanos. Com os olhos na ſua humildade, naõ ſe atrevem a levallos ao que (a ſeu juizo) naõ cabe nella. Eſta he em todos a mais commua pratica. Nem Sor Margarida explicou o ſegredo, nem entenderaõ as Religioſas, que ſe mereciaõ ſimilhantes entre ellas. Deſpois o repararaõ, ſeguindo-ſe ao reparo mayor veneraçaõ deſta Madre, e memoria mais ſaudoſa do que perderaõ em ſua vida.

Apreſſaraõ a perda della continuas doenças ſobre ellas accreſceo huma queda, de que ficou mortal. Começaraõ os remedios a ſer antes martyrios;

naõ

naõ ſe logrou a cura, exercitouſe a paciencia. Já faltava a vida, mas ſobejava a conſtancia. Recebeo os Sacramentos com tanta doçura de eſpirito, que já começou a parecer paga de ſua grande tolerancia: ſabia, que com ella trabalhava a immortal coroa; em ſete mezes de continuas, e intoleraveis dores a grangeou em huma cama, de que ſobio placidamente a gozalla em huma ſeſta feira, 11. de Abril de 647.

Naõ parece, que ſe deſvelou menos a Divina Providencia nas acçoens da Madre Sor Magdalena do Eſpirito Santo, de tenra idade parecia já aconſelhada delle. Foy filha de pays nobres, de naçaõ Flamengos, de vida exemplares, de bens da fortuna abundantes. Queriaõ, que eſtes paſſaſſem ás mãos de Sor Magdalena, dando-a ella de eſpoſa a hum mancebo de qualidade, acerto, em que livraraõ as eſperanças de ſua Caſa, e deſcanço de ſua vida. Mas ella, que altamente aconſelhada, tinha feito eſcolha de outra (mal entendida da terra) deſenganou os pays, que nada della lhe faria mudar de eſcolha; que ſeu Eſpoſo havia de ſer Jeſu Chriſto, ſeu dote a pobreza, ſua vida a Clauſura, e eſſa a mais eſtreita, porque ella naõ havia de entrar na Caſa de Deos a buſcar vida, ſenaõ a ſepultalla; que nenhum favor, nenhum mimo intentava fazer á natureza; mas proteſtava morrer em cilicio, e cinza.

Era o pay virtuoſo, conhecia naquella inteireza ſuperior impulſo, achava-ſe viuvo, e entrado em annos, parecialhe duro deixallos ſem arrimo; naõ reſiſtia, mas aſſim foy dilatando por alguns a reſoluçaõ da filha, que contando já trinta, entrou neſta Caſa. Na dilaçaõ ſe lhe dobrou a ancia; abraçou os rigores della com tanto fervor, como ſe entendera, que a tardança fora culpa, e quizera vingar a tardança. Parece, que deſpira as paixoens de creatura; nenhuma aſpereza a achava com repugnancia.

Deraõ-lhe a occupaçaõ da Enfermaria (tivera eſſe trabalho já dous annos) parece, que ſentio em ſi algum diſſabor, e foy tal a ſanta indignaçaõ, com que ſe ſentenciou a ſi meſma, que com licença dos Prelados, fez voto de continuar o officio mais cinco annos. Aſſim pizou as rebeldias do genio, deixando taõ ſenhor o ſofrimento, que nenhum incommodo, ou moleſtia da vida, desde aquelle inſtante, a encontrou perturbada, ou a eſcutou queixoſa. Branda, agradavel, caritativa, de tudo queria ſervir a todas; nos males a achavaõ companheira, no ſerviço eſcrava.

Continua na oraçaõ, que acompanhava com lagrimas; a ſuavidade dalma, que ſentia nellas, a fazia andar fugindo de todo o commercio (deixava o Santo, por melhorarſe no Divino) para darſe a Deos, ſe furtava a tudo o que o naõ era. Aſſim paſſava mezes, ſepultada em ſilencio, ſem que lho quebraſſem mais que os gemidos do eſpirito, forcejado, e prezo no carcere do corpo. Creſcia com a contemplaçaõ o deſpego de tudo da vida; pedio aos Prelados licença, para hum anno de deſerto. Santa induſ-

tria de o poder fazer de huma Caſa!

Ha neſta duas, ou trez, taõ eſcondidas, e retiradas, que fóra de todo o commercio, naõ podem ter mais que o do Ceo. Aquella he a pequena Thebaida, para que o eſpirito deſafia o corpo, que deſamparado de todo o humano ſoccorro, ſuſtenta a dura batalha de continua penitencia. Os cilicios ſaõ as pezadas lorigas, que o cobrem. Humas hervas, e hum pouco de paõ o alimento, com que ſe esforça; a diſciplina, a arma offenſiva com que peleija, taõ inexoravel, e profiada, que nem vendo o corpo banhado em ſangue, a ſuſpende, nem conhecendo a ſua rebeldia trocada em fraqueza, a eſquece; aſſim fica, e dura aquelle pequeno campo, ſanguinolento theatro do rigor, e da aſpereza; debuxando nas paredes o ſangue, os triunfos, os trofeos do braço penitente.

Aſſim deu a ancia ſequioſa deſtes mortificados eſpiritos, na eſtranha invectiva de reduzir a huma cella a vaſta ſolidaõ da Paleſtina, taõ imitada nos exercicios, como deſconhecida nas eſtreitezas. Alli ſe retiraõ voluntariamente as Religioſas (ſuppoſta a licença da Prelada) huma taboa lhe ſerve de cama; hervas, ou paõ, e agua de meſa; a oraçaõ de vida, as diſciplinas de exercicio, o Ceo de companheiro. Aqui ſe enſayaõ para o ultimo deſengano as que eſtaõ para profeſſar. Aqui ſe adeſtraõ ſepultadas, para naõ terem mais que o nome de vivas.

Eſte o deſerto, a que ſe queria retirar por hum anno Sor Magdalena, como ſe o nome a convidara com ſanta inveja, a buſcar na eſtreiteza, e ſolidaõ daquella Caſa as delicias da ditoſa lapa de Marſelha. Pollo em execuçaõ reſoluta, continuava-o conſtante, quando cahio doente a Enfermeira (fora Sor Magdalena nequella occupaçaõ ſingulariſſima). Diſſe-lhe a Prelada: *Madre, adoeceo a Enfermeira, vá Voſſa R. para a Enfermaria.* Paſſou a ella taõ prompta, como ſe de muitos dias eſtivera advertida; ou como ſe naõ fora correndo atraz daquella delicia de ſua alma.

Era ſãa, e robuſta, começou a verſe perſeguida de achaques, e dores, com que Deos queria provalla. Derribaraõ-lhe as forças, naõ a paciencia. Foy rara a com que levou hum achaque eſtranho, que pareceo leſaõ de juizo. Era Sor Magdalena naturalmente concertada. Em hum pouco de burel, em huma toalha toſca, em hum véo groſſeiro naõ podia haver alinho; em andar direito, e limpo eſtava todo. Foy couſa notavel o deſmancho, que ſe ſeguio áquella queixa! Nada andava em ſeu lugar, nem para o pôr nelle, ſe podia ajudar da induſtria das maons, que eraõ as meſmas, que o deſcompunhaõ, foſſe o habito, foſſe o toucado, foſſe o véo, que commummente lhe varria o chaõ. Bem entendia Sor Magdalena, que aquelle genero de purgatorio viera a purificar venialidades. Punha-ſe na conformidade da parte do caſtigo; dava graças a Deos, de lho querer dar em taõ pouco.

Entendeo, que já o ſeria, o que lhe reſtava de vida, começou

çou tempos antes a diſporſe para deixalla ; achava , que naõ baſtavaõ poucos dias para huma hora , em que ſe aventuraõ todos. Naõ tinha lugar mais continuo , que o Coro ; repartia os dias em novenas ; ao Santiſſimo Sacramento , á Rainha do Ceo , a Noſſo Padre ; o mais em contemplar a Paixaõ de Chriſto , em que com terniſſimo coraçaõ ſe engolfava. Fora piedoſo emprego de toda ſua vida , no anno de approvaçaõ eſpecialmente , ferindo-ſe cada dia a impiedados golpes de huma diſciplina , dobrada no eſpaço do anno tantas vezes , que no cabo delle igualou o numero de cinco mil açoutes.

Similhantes exercicios lhe occupavaõ o mais do tempo , chegando a merecer neſte (ao que ſe julgou) revelaçaõ de ſua morte. Naõ o dia , mas a circunſtancia , ſegurava ás Religioſas , que lhe naõ ſeria pezada. Poucos dias antes chamou a Cantora , reſiſtou com ella no Proſſionario as oraçoens , que ſe dizem na ultima hora ; pôllo aſſim á cabeceira. Advertio a huma Religioſa o que pertencia á ſua mortalha ; tudo eraõ aparelhos de quem naõ tardaria em veſtilla. Repararaõ-lhe na providencia ; parecia demaſiada em quem ſe achava , ainda que achaquoſa , ſem ſinal de moribunda : *Madres* (reſpondeo) *naõ me julguem apreſſada , que aſſim ha de ſer a minha morte.*

Aſſim ſe confeſſava , aſſim ſe chegava á Sagrada Meſa muitas vezes , como quem eſperava , que cada huma foſſe a ultima. Deteve-ſe hum dia no Coro mais tempo que o coſtumado (era huma ſegunda feira , 13. de Janeiro de 1648.) paſſaraõ-ſe as horas de jantar ; importunava-a para eſſa diligencia a Enfermeira caritativa , ſahio como violentada , e em chegando á cella , rompeo em hum implacavel impeto de lagrimas ; ſeguio-ſe a eſtas hum accidente , que lhe tolheo a falla. Meya hora lhe durou o martyrio , paſſou delle ao eterno deſcanço.

CAPITULO XXII.

Da Irmãa Converſa Soror Maria do Roſario.

EM Bemfica , lugar pequeno , nas viſinhanças de Liſboa , naſceo Sor Maria do Roſario (no ſeculo Maria Rebella) ſeus pays Gonçalo Rebello de Lima , e Antonia da Sylva , gente nobre , mas apoucada , e deſvalida dos bens da fortuna , livrando-lha o Ceo toda naquella filha ; aſſim a viaõ já nos primeiros annos bem inclinada , e devota. Já creſcida , ſuſpirava pelas paredes de huma recoleta. Propunha-lhe logo a do Sacramento a grande devoçaõ , que tinha á Senhora do Roſario , entendendo , que tudo lhe ficava daquellas portas para dentro ; mas eraõ taõ limitadas as poſſes de ſeus pays , que naõ chegavaõ a poder darlhe hum dote inteiro para Freira do Coro ; porque o lugar de Converſa (mais facil em meyo dote) parecia eſtranho em peſſoas da ſua qualidade ; venceo porém a devoçaõ ao reparo do menos reſpeito , como gente , que entendia , que na Caſa de Deos fazem nobres as virtudes , e naõ os lugares , e

que

que o Prodigo, que eſcolheo o lugar de mercenario, ſobio ao dos braços como filho.

Vencido, antes deſprezado, eſte embaraço, entrou Sor Maria no lugar de Converſa, ſó com o receyo de que o naõ merecia; e pedindo a Deos forças, para que nas ſuas diligencias moſtraſſe o quanto o eſtimava. Era delicada por natureza; mas parece, que ſe lhe dobraraõ as forças com o goſto de as ver bem empregadas. Nada eſtranhou, porque o que achou, era o que pertendera; aſſim antes alvoroçada, que temeroſa, abraçou os rigores, e trabalho da Caſa. Na noticia daquelles he ſuperfluo o reparo, e repetiçaõ, por ſer já aſſentada a obſervancia das que entraõ nella a abraçar eſta vida. Continuas as Matinas da meya noite, as horas de oraçaõ; a eſtamenha junto á carne, o peſcado na meſa, o jejum de ſete mezes no anno, o ſilencio perpetuo, diſpenſado ſó em algumas horas de tarde.

Iſto o que pertence ás Conſtituiçoens Dominicanas. A's da Caſa, ainda com novas aſperezas, inviolavelmente obſervadas, ſem a minima diſpenſaçaõ, até o tempo que iſto eſcreviamos, e taõ longe de a poder haver, que o trabalho dos Prelados, naõ he fazer obſervar os Eſtatutos, he embaraçar o veremſe excedidos. Eſte o emprego, e vida commua das Religioſas deſta Caſa, ſantamente envejoſas humas de outras, ſó de verem, que diſpenſaõ os Prelados com algumas, para ſe alargarem nas penitencias.

Eſſa era a mayor ancia de Sor Maria, porque creſcendo na devoçaõ de contemplar a Chriſto padecendo, deſejava abraçar huns rigores, que de algum modo ſe aſſemelhaſſem áquelles. Aſſim pedia com vivas lagrimas (que eraõ o primeiro fruto deſta contemplaçaõ) a ſeu Eſpoſo, que repartiſſe com ella daquellas dores, para que lhe dera a cauſa. Naõ ficou ſem deſpacho a ſupplica; tanto ſe obrigou o Senhor della. Vellohemos deſpois. Mas bem alcançava Sor Maria a grandeza do que pedia; quiz accreſcentar merecimentos, e achou huma nova induſtria de reduzirſe a eſtado, que a tiveſſem por tonta. Aſſim o moſtrava no deſconcerto de ſua peſſoa, nas ſimplicidades do que reſpondia, naõ no que tocava ao ſerviço da Caſa, e execuçaõ da obediencia.

Couſa rara, e certamente permiſſaõ Divina, que todas a tiveſſem por fatua, ainda mais que por tonta, naõ havendo acçaõ propriamente de Religioſa, em que ſe naõ moſtraſſe advertida, e perfeita, porque ſó no trato commum a viaõ como eſquecida, e pouco atilada. Mas parece, que nevoava Deos os olhos ao diſcurſo das companheiras, ou queria trazer aquelle theſouro eſcondido entre ellas, para confuſaõ dos que examinaõ ao humano diſpoſiçoens Divinas; porque muitas vezes diſſe ás Religioſas, eſpecialmente ás Preladas, o Vigario, que era o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, e Confeſſor de Sor Maria, que a deixaſſem, que o caminho, que levava, era direito, e que mal ſabia aquella Caſa o que tinha em Sor Maria.

Naõ

Naõ dormia em cama, paſſando as noites inteiras no Coro, porque ſervindo, e incançavelmente todo o dia, naõ tinha outro tempo para orar, e contemplar com deſcanço. Encoſtada ao pé de hum Altar, tomava algum pequeno, quando a vencia o ſono. Achavaõna alli as Preladas, e ſabendo o que ſervia, e que aquelle eſtylo de deſcanço naõ baſtava, a mandavaõ recolher para a cella: ſem replicar, obedecia; mas recolhida a Prelada, tornava ao Coro, e á oraçaõ, até que a chamava o dia para o ſerviço da Caſa.

Sempre ſe achava a primeira para o mais penoſo della, acarretar agua, e lenha, tomar pezos mayores em ſeus braços, e hombros, trabalho, que admirou, e confundio as Religioſas, quando deſpois de ſua morte ſe ſoube a impoſſibilidade, que tinha para o fazer. Foy o caſo, que envejoſo o inimigo commum do grande fruto, com que a Serva de Deos entrava, e ſahia do Coro, lhe armou huma noite hum tropeço em huns ceiroens, que eſtavaõ nelle, por tal modo, que ſó podia ſer ſeu o artificio. Entrou Sor Maria, e preza no laço, deu huma tal queda, que o menos foy pizarſelhe o roſto, porque ſe lhe deſconjuntaraõ os oſſos de ſorte, que lhe veyo a ficar hum quadril fóra de ſeu lugar hum palmo; ſucceſſo, e leſaõ, de que naõ quiz dar noticia, porque pedia maons de cirurgia, e o lugar em que era, menos compoſiçaõ para a cura.

Aſſim ſepultou, e eſcondeo as dores, e o eſtado em que a deixara a queda; e ſó ao amortalharem-na, ſe ſoube, e pela noticia, que de mais particularidades ſuas ſe teve na vida, que della apontou a Irmãa Sor Cezilia dos Anjos, por preceito de ſeu Confeſſor. Incrivel parece, que huma mulher debil por natureza, e por compleiçaõ, e attenuada com penitencias, ſoportaſſe por nove annos (que tantos houve da queda á ſua morte) o mayor trabalho das officinas do Moſteiro, ſem ſe lhe ouvir queixa, ſem ſe experimentar falta, ſendo o deſaſtre capaz de a deter em huma cama paralytica, ou ao menos de a deixar com a penſaõ de aleijada. Mas Deos, que para ſeu merecimento, permittio a queda, ſem duvida lhe dobrou a força, e a paciencia.

O tempo, que lhe ſobejava das occupaçoens quotidianas, era inteiro para Deos, já aſſiſtindo no Coro diante do Santiſſimo, já viſitando Altares, já diante da Senhora do Roſario, rezando-o de joelhos, devoçaõ de todos os dias. Sabia, que lhe prohibiaõ os jejuns de paõ, e agua; e do que ſe dava na Communidade, comia taõ pouco, que ainda lhe ficava o jejum mais eſtreito. Em Seſtas, Sabbados, e dias de Communhaõ, nada admittia no ſuſtento, que podeſſe ſervir de goſto. Na Semana Santa pedia licença para naõ paſſar de humas hervas. Aſſim era ſua abſtinencia, que ſe admiravaõ de como ſe ſuſtentava, e mais do calor com que ſervia.

A's enfermas o fazia com tanto deſvelo, que ao mais fraco gemido já a tinhaõ á ſua cabeceira, largando qualquer outra importancia. Fazia-lhes mi-

mos

mos do que podia alcançar da deſpenſa por ſua induſtria ; e porque talvez as Preladas , achando-a com o furto nas mãos, a reprehendiaõ , e vendo que ainda continuava, lho eſtranhavaõ, reſpondeo huma vez : *Madre, a mim levame a caridade, e por mais que me caſtiguem, a noſſa Regra nos enſina, que o amor de Deos, e do proximo a tudo ſe anteponha.*

Com eſte eſtylo, e rigor de vida paſſou neſta Caſa trinta e nove annos. Cinco antes de ſua morte, perdeo de todo o ſentido de ouvir , e muita parte do de ver ; aſſim ficou eſcuſa ao trabalho , mandando-a as Preladas recolher na cella ; mas porque naõ tiveſſe nunca deſcanço , que era o que pedia a ſeu Eſpoſo , aos trabalhos ſuccederaõ tormentos. Incharaõ-lhe as coſtas , cubertas de vivos , e levantados vergoens , que lhe tomavaõ do peſcoſſo até á cintura. Duas grandes chagas, que lhe occupavaõ ambas as eſpadoas. O coraçaõ com dores taõ vehementes , como ſe lho eſtiveraõ atraveſſando com paſſadores. Aqui lhe faltava o ſofrimento, gritando muitas vezes por Jeſus crucificado ; laſtimava-ſe ao principio quem a ouvia, deſpois pareceo tontice da idade, porque queria ſeu Eſpoſo, que nem a commiſeraçaõ lhe ſerviſſe de alivio. Mandavaõ-na callar , reſpondia ſofrida: *Eu me emendarey , perdoemme pelo amor de Deos.*

Deralhe o Ceo huma excellente voz , que ſendo Converſa, a mandavaõ cantar no Coro com as mais Religioſas delle. Agora a idade , e os achaues a tinhaõ emmudecida. Era pelo Natal , pedio ás Religioſas, que a levaſſem á Caſa do Preſepio , onde ſe ajuntaõ todas; e chegando-ſe ao Menino , lhe cantou huma cantiga com tal ſuavidade, e deſtreza, que as deixou admiradas, naõ faltando alguma , que entendeſſe, que como o Ciſne, cantara com mais doçura, porque ſe fora deſpedir da vida. Recolheoſe logo á Enfermaria , onde quaſi hum anno lhe permittio o Ceo o purgatorio de ſuas dores ; e agradecendo com humildade o cuidado das Enfermeiras, e a aſſiſtencia das Religioſas, coſtumava dizer: *Deos lho pague*, accreſcentando com confiança , e ſingeleza : *E eu me lembrarey, quando me vir no Ceo.* Com eſta paz, e ſocego de eſpirito (por mais que as dores combateſſem o corpo) tomou o Viatico; e reſtituindo-ſelhe o ſentido de ouvir, e attendendo inteira, e ſocegada a Unçaõ, e Officio da agonia (em hum Sabbado, dia para ella fermoſo, 21. de Dezembro de 1647.) levantou os olhos ao Ceo, como ſe quizera ver o caminho , que levava ſua alma, e em huma imperceptivel reſpiraçaõ acabou a vida.

CAPITULO XXIII.

Da Madre Soror Catharina da Encarnaçaõ.

POderamos dizer, que a boa inclinaçaõ dos filhos naſcia ſó do bom exemplo, e enſino dos pays, ſe naõ viramos alguns daquelles com exercicios mayores , que ſua idade, naõ havendo ainda neſta, capacidade para ſe aproveitar do enſino,

ou

no, ou ſe convencer com o exemplo. Aſſim nos obriga a novidade a levantar o diſcurſo a mais ſoberano principio, contemplando os deſvelos da Providencia nos eſcolhidos para venturoſos empregos della. Com eſta advertencia vemos agora a Madre Sor Catharina (huma das quatro irmãas, filhas dos Condes de Baſto, e entre as quatro, a mais velha) já nos primeiros annos com occupaçoens taõ pouco delles, que naõ baſtando a tanto o enſino, que ſempre tem peſſoas de ſemelhantes qualidades (e muito mais de huns pays taõ piedoſos, como os Condes) forçoſamente havemos de levantar o conhecimento aos ſegredos do Ceo, entendendo, que já Sor Catharina procedia como aconſelhada delle, voltando as coſtas á boa cara, que lhe moſtrava o Mundo com ſuas grandezas, e eſperanças de aventajallas.

Aſſim era a ſua aſſiſtencia no Oratorio, onde paſſava a mayor parte do dia. Continuava com ſuavidade de eſpirito a oraçaõ, ſendo o primeiro effeito della o abrazarſe em ancias de buſcar o deſerto da Clauſura, a que ſeu Eſpoſo a chamava, para fallar a ſeu coraçaõ, ſem que os eſtrondos da terra lhe eſperdiçaſſem huma palavra: mas naõ goſtavaõ os Condes ſeus pays da pratica de recolherſe, com os olhos nas importancias de ſua Caſa, que talvez ſe podiaõ eſtribar nos parenteſcos, que traz comſigo hum deſpoſorio. Eſta era ſua pena, mas nada lhe deſenganava as eſperanças de triunfar do que lha motivava, continuando aquelle concertado eſtylo de ſua vida. Occupado em oraçaõ, e particulares devoçoens o mais do tempo; no que lhe reſtava, ſe applicava a obras de baſtidor, para que tinha grande genio, ou ſatisfazendo o mayor, com que a achava a liçaõ dos livros, entertendo-a honeſtamente a da hiſtoria.

Mas queria o Ceo adiantalla em caminho de mais importancia, e accommodando-ſe ſuavemente a ſeus annos, lhe hia abrindo mais os olhos, entendendo, que devia trocar aquella leitura, que ſó divertia, pela que ſeguramente aproveitava: aſſim ſe deu á de livros ſagrados, experimentando tanta melhora em ſua conſciencia, que levantado o ſeu conhecimento ſobre tudo da terra, olhava já para eſſe tudo, conhecido por nada. Seguioſe ao deſengano o deſprezo, ao deſprezo a reſoluçaõ de naõ admittillo, e fazendo voto de caſtidade, começou a diſpor embaraços taõ forçoſos, como ſe ſe acautelara até contra a poſſivel inconſtancia de ſeus deſejos. Ficou logo á ſua induſtria o trocar o Palacio em recoleta, reſolvendo-ſe á vida da Religioſa mais reformada. Por via de ſeus Confeſſores alcançou cilicios, e mais inſtrumentos de mortificarſe. Deſtinou o melhor, que ſe lhe punha no prato, a hum pobre; e deſvelada caritativa, no que podiaõ alcançar ſuas poſſes, naõ quiz mais herança de ſua Caſa, que a de ſeu avô, o Conde D. Fernando, e de ſeu tio o Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, na aſſiſtencia, e deſvelo com os deſamparados, e deſvalidos. Primeiro pareceo que os

herdara ; vioſe logo , que os excedia.

Eſta era ſua vida , mas deſaſocegada , por paſſarſe á mais eſtreita ; eſperava-o aſſim reſoluta, dando-ſe os parabens do voto , que fizera, privilegio , que o Ceo lhe havia de fazer bom , quando poderoſa a violencia lho quizeſſe derogar , ou deſconhecer. Nada lhe occupava com mais deſaſocego o ſentido, que o caminho de paſſar a mayor cativeiro ; mas a ſogeiçaõ , e amor , que tinha a ſeus pays, lhe tapava a boca, para que a reſoluçaõ , e o ſentimento naõ ſahiſſem a publico ; ſilencio, de que parece ſe deſagradou Deos, porque a começaraõ a perſeguir doenças prolongadas , com taõ difficil remedio, como ás que ſe lhe ignorava o principio.

Aſſim viveo martyr alguns annos ; contava já vinte e quatro. Olhava para o incerto da vida, via o pouco, que (ainda a conjecturas humanas) lhe reſtava della ; entrava em penſamentos , de que os achaques eraõ golpes, com que o Eſpoſo lhe batia á porta, para que acabaſſe de levantarſe do leito de ſua ſuſpenſaõ, rompendo por reſpeitos de pays , e parentes, offerecida a injurias , a moleſtias, a feridas , ſó por ſe ver em ſeus braços naquelle eſtado, e por aquelle eſtylo , em que foſſe indiſſoluvel o laço. Reſolveoſe em propollo aſſim a ſeus pays, e o meſmo foy tomar eſta reſoluçaõ , que largarem-na os achaques. Naõ o deſconheceo Dona Catharina , e agradecida á Celeſte induſtria de ſe ver caſtigada , e favorecida, deſcobrio aos pays ſua firme reſoluçaõ (edificio , que cada hora hia avultando ſobre o voto de caſtidade, que tinha feito) de que fóra de huma mortalha de burel, e huma ſepultura viva, naõ admittiria couſa , que lhe offereceſſe a terra, que já o Senhor lhe dava forças para entrar na venturoſa eſcravidaõ das que com o timbre de ſuas ſervas, augmentaõ a felicidade de ſuas eſpoſas, que ſó eſta ventura lhe deſaſocegava a eſperança ; e que eſta ſó lhe faltaria com a vida , aquella nem com a morte.

Mas nada baſtava com os pays, agora rebeldes com o receyo, de que no rigor daquella vida lhe repetiſſem os achaques. Naõ deſmayou Dona Catharina, antes com valor, e reſoluçaõ aconſelhados de quem lhos dava, decretou comſigo exercitar em ſua propria Caſa , o que lhe embaraçavaõ na de Deos, como quem entendia , què o achar a Deos , naõ tinha mais induſtria , que a de ſaber buſcallo ; e que alli aſſiſtia , onde lhe ſabiaõ fazer aſſiſtencia. Cortou os cabellos ; deulhe o ornato (como áquella Feniz , que deſeja o Sabio) a lãa e o linho ; eſte huma toalha, aquella huma tunica ; e recolhendo-ſe em huma caſinha junto ao Oratorio, achou no meyo dos fauſtos de ſua Caſa a hoſpedagem da Paleſtina, naõ menos que a Penitente de Bethulia.

Dormia poucas horas, e ſempre veſtida. Madrugava a tomar huma rigoroſa diſciplina ; ſeguiaſe larga oraçaõ ; paſſava a rezar as Matinas, e Prima do Officio Divino. As mais Horas delle nas que o coſtuma fazer a Igreja. A eſta regra ajuntava

todos

todos os dias o Officio de Noſſa Senhora, o pequeno do Eſpirito Santo, os Pſalmos Penitenciaes, os Graduaes, o Officio dos defuntos, Miſſa todos os dias, e frequencia dos Sacramentos. Se lhe reſtava algum tempo, cozia, e bordava as alfayas ſagradas, que mandava a Conventos, e Igrejas pobres, para adorno de Imagens, e Altares. Aſſim eſtava no Mundo taõ alheya delle, que lhe naõ deveraõ nunca as ſuas novidades nem a diligencia de chegar a huma janella, nem para que o fizeſſe, valeo induſtria alguma.

Mas gemia ſeu coraçaõ cativo na terra alheya, lembravaõ-lhe as delicias de Siaõ, e ſuſpirava o logro dellas, ſe quer no caminho da Clauſura, que he o que mais ſe lhe aviſinha. Aſſim inſtava com ſeu Eſpoſo com lagrimas, com a Rainha dos Anjos com ſupplicas, repetindo-lhe de joelhos o ſeu Roſario todos os dias; e continuando com mais fervor, lhe fez voto, de que chegando a verſe no eſtado de Religioſa, a ſerviria com eſpecial culto, determinando logo as circunſtancias delle em jejuar as Veſperas de ſuas Feſtas a paõ, e agua, por quinze annos, exercitando-ſe em cada hum delles naquella virtude, em que mais reſplandeceo no Mundo, contemplada nos myſterios de ſeu Roſario. Eſte voto comprio inteira, e exactamente recolhida aos Clauſtros ſagrados; e levada das ſuavidades de eſpirito (com que a Senhora lhe pagou a pontualidade) acabados os primeiros quinze annos, renovou o voto por outros quinze, e aſſim o repetio de ſorte, que em quanto viveo, o exercitou.

Nove annos contava já neſta aſpereza de vida, inflexivel aos rogos, e conſelhos com que os parentes a queriaõ deſviar della, ou reduzilla (apagando-lhe os deſejos da Clauſura) a menos aſpereza; mas enfraqueceo primeiro, que a ſua conſtancia, aquella bataria (como a teima dos pays) dando-lhe licença para ſe recolher, e ir acompanhar a ſua tia neſta Caſa do Sacramento, levando comſigo mais trez irmãas, como ſe o Ceo lhe quizeſſe pagar o martyrio dos antigos embaraços na felicidade de ſer ella a que os facilitava ás outras, em que já os exterminara, como triunfadora, a ſua conſtancia. Aſſim veſtiraõ todas a ſuſpirada mortalha Dominicana, no ultimo de Fevereiro de 1615., e eſcolhendo Dona Catharina ſabrenome, ſe chamou Soror Catharina da Encarnaçaõ.

CAPITULO XXIV.

Continua-ſe a vida da Madre Sor Catharina.

COmeçou eſta Madre a reſpirar, como ſe ſe vira no centro, ſendo o ſeu deſcanço, naõ o ter em couſa, que lhe naõ exercitaſſe a paciencia. Nada havia já, que a adiantaſſe na perfeiçaõ religioſa, mais que o ſer agora preceito o que até aqui goſto. Só nas penitencias alargava a maõ com mais liberdade, porque aos exemplos, que tinha de Caſa, e á viſta, ſe convencia que naõ tinha feito nada. Apertouſe entre duas Cruzes, que cubertas de agu-

dos bicos, huma lhe atormentava as coſtas, outra os peitos. Naõ havia mortificaçaõ, que a naõ achaſſe com ancia, e a naõ deixaſſe com ſede. Era inſaciavel a de chegarſe á fonte da vida; diviſava-ſelhe na alegria com que commungava.

Como era já creſcida, diſpenſou a Prelada com ella nos dous annos, que coſtumaõ eſtar em caſa de Noviças as Profeſſas, paſſando-a nella a Meſtra de humas, e outras, porque paſſaſſe a ter exercicio o exemplo, que até alli enſina mudo. Aſſim paſſou a ſua modeſtia, e a ſua obſervancia de aprender a enſinar, com o grande avanço de quem já enſinava aprendendo. Era ſua vivenda o Coro, ou a cella; e averiguou-ſe que fóra do tempo do Officio Divino, e particulares devoçoens, tinha de oraçaõ todos os dias oito horas, ou em pé abertos os braços, ou de joelhos. Naõ deixariaõ de ſer extraordinarias as conſolaçoens, que a conſervavaõ naquelle Celeſte commercio; mas eſtes ſaõ os theſouros, que eſconde a cautela no caminho do Mundo; ſó á noticia deſte os furtou o ſeu ſilencio.

De Matinas ficava no Coro até ás cinco da manhãa, tomando o breve deſcanço, que ſe permittia até hora de Prima. Daqui lhe naſcia huma grande tentaçaõ de ſono, que a afligia; mas huma tal conſtancia, que ou ſe deſpertava ao rigor da diſciplina, ou pingando os braços com a fervente cera de huma véla. Soubeſe deſta rigoroſa induſtria, porque hindo á coſinha a ajuda voluntaria, ao ſerviço della era forçoſo deſcobrir os braços, que ſe lhe viaõ em chaga viva. Foy rara ſua paciencia; ſem chegar a remedios, diſſimulava muito os achaques; aggravando-ſelhe, ſe lhe naõ ouvia a minima queixa delles. Nem os mayores baſtavaõ a divertirlhe o deſvelo com que cuidava no ſeu rebanho; aſſim concertado, aſſim prompto a todas as obrigaçoens da Caſa, que bem luzia nas diſcipulas a applicaçaõ da Meſtra. Fazialhes praticas, cheas de eſpirito, e doutrina; encaminhava-as com brandura, e em lugar de caſtigo, com o exemplo á exacta obſervancia, repartindo-lhe meditaçoens para todas as horas do dia; ainda hoje ſe obſervaõ, e ſe obſerva nellas o bem, que repartia o tempo, a onde chegava ſeu eſpirito.

Levou-a a obediencia ao lugar de Prelada; as prendas a faziaõ unica para o cargo, e ſó o nome a differençava nelle, e aſpereza com que reprehendia o mais leve deſcuido na obſervancia de Conſtituiçoens, Regra, e Eſtatutos da Caſa. Mas nem toda eſta inteireza lhe malquiſtava a ſuavidade, e brandura com que ſe fazia amada tanto, como obedecida, porque levada do ſeu genio, como doutrinada de grande Meſtre, queria antes as ſogeiçoens do goſto, que do medo. Agora luzia mais nella a caridade, aſſiſtindo deſvelada ás enfermas, e taõ deſvelada, e a taes horas, que antes pareciaõ as ſuas diligencias pontualidades de Enfermeira, que compaixoens de Prelada. Sendo a doença perigoſa, era a primeira, que deſenganava a enferma, animando-a com palavras cheas de viva eſperança

ça de melhor vida, e applicando por ella piedoſos exercicios, em que entaõ mais ſe affervorava.

Porque lhe naõ eſqueceſſem os em que empregava todo o tempo, tinha rodeada a pequena cella com aviſos para a memoria, e eſtimulos para a obſervancia, perguntando-ſe a ſi, para que viera para os ſantos Clauſtros, lembrando-ſe o que devia a Deos em a trazer a elles; o que eſperava deſpois deſta caduca, e miſeravel vida; que a unica importancia devia ſer aſſegurar a eterna; e que o perſeverar no eſtado, que tinha, devia ſer o unico emprego de ſua conſtancia. Com a mais inflexivel neſte genero de vida, contava já trinta e dous annos, quando quiz o Senhor pagarlhe os empregos della com o regalo de huma doença. Foy huma febre lenta, como a que ſe lhe permittia para exame da paciencia; e duroulhe quinze mezes, como ſe ſe lhe pagaraõ neſte martyrio os quinze annos daquelle ſeu ſingular voto.

Naõ o duvidava eſta Madre, como deſtra no idioma do Ceo, onde ſó valem o meſmo, que mimos os que a terra chama trabalhos. De pé tomou conſtantemente eſte achaque, ſegurando logo, que ſeria o ultimo. Começou de diſpor ſua alma como aconſelhada deſte conhecimento; taõ ſegura nelle, que bem ſe entendia que ſe lhe naõ communicara da terra, onde eſte era impoſſivel, e todos ſaõ falliveis. Mas aſſim vivia a Madre Sor Catharina ajuſtada, que ſem o minimo ſobreſalto, naõ fez mais novidade, que a de ir continuando com eſte conhecimento. Parece que o teve tambem de ſua morte, porque recolhendo-ſe á Enfermaria ao preceito da Prelada (aſſim queria, imitadora de ſeu Eſpoſo, abraçar a morte obedecendo) e dando-lhe a Communhaõ paſſados quatro dias, ao perguntar-lhe huma Religioſa, quando commungaria outra vez? Reſpondeo com ſocego: *Já agora eſperarey pelo Santo Viatico.*

Pedio logo, que alli ſe naõ fallaſſe em outra couſa mais que em Deos, e que por caridade lhe continuaſſem a liçaõ das piedoſas meditaçoens de Fr. Luiz Granada. Começou a medir o tempo, e a occupallo em penitentes, e abrazadas jaculatorias, que a miudo repetia a hum devoto Crucifixo, que tinha á cabeceira. A força do mal, e as poucas, que lhe deixaraõ as penitencias, naõ lhe permittiaõ continuar aquelle deſafogo de ſeu eſpirito; e aconſelhando-lhe huma Religioſa, que fizeſſe por tomar algum deſcanço, reſpondeo (chea de alvoroços) que naõ era já tempo de dormir, mas de vigiar, até que o Senhor foſſe ſervido de bater ás portas de ſua alma.

Pedio hum livro de inſtrucçoens para bem morrer; por elle ſe diſpoz; fez a proteſtaçaõ da Fé, e ſe confeſſou geralmente; e por mais que os Medicos aſſentavaõ em que ſe naõ aviſinhava tanto o ultimo perigo, ella, aconſelhada de mais ſeguro Medico, pedio o Viatico, e a Unçaõ. Era ſobre a tarde, entrou o Vigario, que era o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, e ao vello entrar, reveſtida de huma ſubita alegria, diſſe para elle:

Pa-

Padre: *Flores apparuerunt in terra noſtra.* E reconciliando-ſe, chamou as Religioſas, e com palavras cheas de amor, e humildade, lhes pedio perdaõ do mao exemplo, que lhes dera, e faltas em que cahira, aſſim ſubdita, como Prelada. Tomou o Viatico, e ao tomar a Unçaõ, chamando para junto a ſi huma Religioſa, foy repetindo com ella os Pſalmos Penitenciaes, e reſpondendo a tudo com hum tal ſecego, como ſe antes aſſiſtira, que o recebera. Pedio logo ao Prelado, que poſtas em ordem as Religioſas, cantaſſem hum *Te Deum laudamus*, dando da ſua parte graças a Deos, de a deixar receber os Sacramentos como filha da Igreja, inteiros os ſentidos, e o juizo. Aſſim ficou taõ ſocegada, e alegre, como ſe o que lhe reſtava, naõ foſſe a morte.

Choravaõ as Religioſas, como as que perdiaõ nella Mãy, Meſtra, e Prelada; e ella moſtrando, que ſe laſtimava de ſua pena, lhes repetia: *Que naõ era razaõ que foſſe tanto o ſentimento*, accreſcentando logo com os olhos no Ceo: *Non recuſo laborem, fiat voluntas tua.* Como ſe diſſera: *Naõ me eſcuſo a eſta agonia; faça-ſe a voſſa vontade.* Naõ admittia alivio huma Religioſa, que mais obrigada ſua, ſe lhe naõ apartava da cabeceira. Voltouſe a ella a Madre Sor Catharina, e diſſelhe com ſegurança, e com brandura: *Naõ ſintais com tanto exceſſo o que he para mim de tanto ganho*: *Mihi vivere Chriſtus eſt, & mori lucrum.* Vinha a dizer com o Apoſtolo, que com Chriſto, ou o viver, ou o morrer, ſempre he lucro. Era Veſpera da Viſitaçaõ, pedio a algumas que a ajudaſſem a rezar Matinas; diſſeraõ-lhe que as diſſeriſſe para o dia, e reſpondeo que no dia haveria trabalho, que lhe tiraria o tempo. Rezou, e ao dia pela manhãa as Horas; e por mais que lhe aconſelhavaõ que deſpois baſtava, repetia que hum ſucceſſo lhe podia embaraçar eſſe goſto.

Paſſado meyo dia, quiz rezar Veſperas, advertindo que deſpois naõ poderia. Embaraçoulho a Prelada, vendo-a deſfalecida, e mandou-lhe que naõ rezaſſe por obediencia; reſpondeo humilde: *Que primeiro que tudo eſtava eſta.* Deſpedioſe logo das Religioſas, e foyas abraçando. Chegou huma das mais antigas, e pedindo-lhe que lhe lançaſſe huma bençaõ, que a deixaria com eſſa conſolaçaõ, reſpondeo com encolhimento: *Que antes lha pedia, e que a encomendaſſe a Deos, pois a via em hora, em que tanto o neceſſitava.* Era entaõ Prioreza huma irmãa ſua, e chegando eſta a abraçalla, pedindo-lhe com lagrimas, que quando ſe viſſe diante de Deos, ſe lembraſſe de encomendarlhe aquella Caſa, lhe reſpondeo enternecida: *Minha Prioreza, iſſo me ha de dizer? E podermehey eu eſquecer de couſa, que eſtá á ſua conta?* Mas ſuſpendendo-ſe hum pouco, como arrependida do que diſſera, accreſcentou: *Mas que poſſo eu, ſendo huma taõ grave peccadora, que perece, que as engano com minhas hypocriſias?*

Pedio que lhe rezaſſem a Paixaõ de S. Joaõ; compungioſe, e enterneceo-ſe com ella. Advertio logo, que chamaſſem os

os Padres, que era tempo, e perguntando-lhe o Vigario ſe ſentia alguma couſa, reſpondeo: *Que nada mais, que as ancias da morte*; e foy continuando com os Religioſos o Officio da agonia, acabando-o com algumas jaculatorias á Imagem de hum Crucifixo; com que igualmente admirava, e enternecia. Faltoulhe juntamente a voz, e o eſpirito, entregando-o nas mãos de Deos. Aſſim ſe entendeo piedoſamente, ajudando a confirmallo a compoſtura, e alegria do ſemblante, em que deſconheceo as ſombras da morte, como o teſtemunho do Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, que voltando-ſe ás Religioſas, diſſe, que lhe naõ ouvira culpa mortal na confiſſaõ de toda a vida, e que ſe achava admirado, e confundido de ver o que havia naquella bemdita alma. Faleceo eſta Madre em dia da Viſitaçaõ de 1648. dia, que parece tinha vaticinado, quando reſpondendo ás Religioſas (que naõ conſentiaõ que ás Veſperas rezaſſe Matinas) diſſe, que aſſim o devia fazer, porque ao dia ſeguinte eſtaria embaraçada; e bem podia ter revelaçaõ da hora, que ſeria a ultima, quando parece, que a teve de que o era a doença.

Moſtrou-o com tanta ſegurança, que no dia, em que ſe lhe aggravou a febre, e ſe lhe abrio huma aguda pontada (era o do Bautiſta) diſſe ao applicarem, e diſporem os Medicos meſinhas, e minorativos, que ella aceitava o que ſe lhe ordenaſſe, porque proteſtava morrer obediente, naõ porque entendeſſe, que houveſſe remedio, que já a tiraſſe das maons da morte. Naõ mereceo ſua vida menos mimo a ſeu Eſpoſo, nem o conhecimento della menos credito em ſuppor eſte mimo. Engrandecido ſeja o Senhor, taõ juſto, que aſſim apreſſa premios; taõ piedoſo, que aſſim ajuda a merecellos!

CAPITULO XXV.

Da Madre Sor Joanna Bautiſta, das primeiras, que deraõ principio a eſta recoleta; e de Sor Franciſca da Madre de Deos, Converſa.

O Primeiro eſpirito, com que começou a viver, ou o eſpiritoſo coraçaõ, que começou a animar o penitente corpo da obſervancia neſta Caſa, foy a Madre Sor Joanna Bautiſta, com ſuas irmãas, as Madres Sor Maria da Reſurreiçaõ (que com bom nome faleceo nos primeiros annos de Profeſſa), e Sor Filippa de Jeſus, de que atraz fica noticia. Tomara a Madre Sor Joanna o habito em Santa Catharina de Evora. Poucos annos de idade, muitos eſmeros de virtude, ſaõ rayos do Sol vigoroſos, que com o augmento do dia criaõ brios, para romper nublados. Por mais que os diſſimule a moleſtia, os negue a induſtria, e os calle a ſingeleza, ſahem á praça, fazendo grito do meſmo ſilencio, levados em hombros da veneraçaõ, e do aſſombro.

Aſſim ſuccedeo (e aſſim tinha ſuccedido a ſua irmãa, a Madre Sor Filippa) ao raro exemplo, com que de quinze annos começou a Madre Sor Joanna a ſer eſpelho dos eſpiritos mais adiantados, que voa-

vaõ

vaõ para Deos no Ceo recoleto de Santa Catharina. Cuſtou pouco aos piedoſos Condes de Vimioſo o encontrarem eſta noticia, antes lhes entrou pela porta dentro a aliviarlhe o cuidado de começarem a povoar eſta Caſa, levantada com zelo, continuada com goſto, e agora perfeita com deſcanço, achando na Madre Sor Joanna, e em ſua irmãa a Madre Sor Filippa duas columnas, com que começaſſe a creſcer o edificio eſpiritual, como alma do que já avultava em paredes, e architectura. Aſſim paſſou a Madre Sor Joanna para eſta Caſa da de Santa Catharina, com o cargo de Fundadora, tendo de idade trinta annos, taõ adiantados em prudencia, e doutrina religioſa, que ſó podiaõ ter huma falta, que era a que ella ſentia na ſaude, perſeguida de achaques, pelo ter ſido naquelles primeiros tempos de rigores, que continuados, e paſſados a coſtume, contentavaõ a natureza, com lhe ter feito companhia.

Deixou ſaudoſa, e magoada toda a daquella Caſa; mas valia mais com ella a negaça de mayor eſtreiteza, como era a que ſe havia de uſar neſta. Aſſim veſtio goſtoſa, mais groſſeira, mais eſtreita gala em hum habito de grizè, deſpindo-o menos eſquivo na eſtamenha. Mais tapado véo lhe cobrio os olhos, mais rigoroſa Clauſura a eſcondeo aos do Mundo, e ficou no ſeu centro. Alli começou ſua vida a ſer huma regra animada, para que olhavaõ, e a que ſe compunhaõ, como a eſpelho criſtalino, aquellas ditoſas almas, que entravaõ ás vodas do Cordeiro. A ſua humildade confundia as ſubditas, a ſua obediencia aos Prelados lhas doutrinava obedientes. No ſilencio era Oraculo mudo; na oraçaõ devoto, na paciencia ſofrido; naõ havendo acçaõ penitente, ou religioſa, com que naõ confirmaſſe as perfeitas, adiantaſſe as vagaroſas, e confundiſſe as deſcuidadas. Aſſim podemos dizer, que ao grande eſpirito deſta Madre deve eſta Caſa os que nella ſuſtentaraõ, e ainda hoje continuaõ, ou adiantaõ a vida da reſórma, para exemplar dos que a buſcaõ, e reprehenſaõ dos que a relaxaõ.

Quatro annos foy eſta Madre Prioreza, com grande conſolaçaõ das Religioſas, tirandolhe os achaques o teremna mais vezes. Aſſim era amada, e eſtimada todas; aſſim as amava, e eſtimava a ellas; deulhe o Ceo todos os genios de cativar; com o exemplo as obrigava como ſubditas, com a brandura como filhas, com a commiſeraçaõ como companheiras. Antes pareceo mãy da pobreza, que Prelada de pobres. Era-o muito a Caſa; mas nem iſſo lhe fazia encolher as maons, que liberalmente eſtendia aos neceſſitados, repartindo com elles do pouco que havia, com tanta largueza, que ſe queixava a Procuradeira, temendo que no Moſteiro ſe ſentiſſe a falta. Foy couſa experimentada, e muitas vezes repetida deſta meſma Religioſa (peſſoa digna de credito) que naõ ſendo o trigo, e talvez os legumes, baſtantes a chegar ao cabo do anno, repartidos pela boa Prelada entre os pobres os mais dos dias da ſemana, naõ ſó venciaõ o anno, ſobeja-

ſobejavaõ para o outro. Era a Madre Sor Joanna pratica nos commercios da eſmola, conhecia os avanços della pela Arithmetica do Ceo, que elle naõ ſaberia menos multiplicar, que ella repartir.

Era rara a reſignaçaõ, com que continuamente ſe punha nas maons de Deos; daqui lhe naſcia hum como eſquecimento da natureza. Aſſim eſcutou conſtante a morte de ſeus irmaons; aſſim na de ſua irmãa a Madre Sor Filippa aſſiſtia com os olhos enxutos á ſua cabeceira. Receou a Prelada naõ rompeſſe em algum accidente aquella diſſimulaçaõ de ſentida; mandoulhe, que ſe retiraſſe; paſſou ao Coro a rezar o Officio Divino (os annos, e os achaques a naõ deixavaõ já acompanhar nelle a Communidade). Eſpirou a irmãa; chegou huma Religioſa a dizerlho. Continuou rezando, e logo levantando os olhos, e maons ao Sacrario, e dizendo: *Bemdito ſeja Deos*, voltou á Religioſa : *Madre*, *perdoeme*, *naõ lhe reſponder logo*, *que eſtava acabando huma Hora da reza.* Aſſim foy ſeguindo até a acabar, ſem que a preciſa dor do ſangue valeſſe a turbarlhe aquelle ſanto ſocego, com que ſe eſtava commerceando com o Ceo.

Naõ ſuccedia aſſim quando a pena, ou a magoa era naſcida de ſeu grande zelo ; aſſim ſentia no mais intimo dalma qualquer offenſa, que a Deos ſe fazia, que ſó aqui rompia a ſua impaciencia. Lamentou eſte Povo de Lisboa (corria o anno de 1630.) o execrando deſacato, com que na Freguezia de Santa Engracia ſe roubou o Santiſſimo Sacramento ; culpa permittida em caſtigo das em que ſe engolfava o noſſo deſcuido, e o noſſo deſatino. Eſcutou eſta Madre a lamentavel noticia, ſeguio-ſelhe a ella huma taõ vehemente dor, que banhada em lagrimas, e proſtrada diante do Sacrario, pedia com vivas ancias do coraçaõ ao Senhor, que venerava nelle, que ſe vingaſſe nella ſua ira, que em ſua vida deſpicaſſe aquella offenſa. Aſſim chorou, aſſim pedio huma vez, e outra, tambem eſcutada do Ceo, que o naõ duvidaraõ as Religioſas no que agora viaõ, e no que deſpois experimentaraõ.

Queixoſa, e nunca bem convalecida, paſſava já entaõ a Madre Sor Joanna ; mas daquelle dia em diante aſſim a apertaraõ novas queixas, taõ eſtranhas, e rigoroſas, que como a golpes da maõ Divina, parecia milagre a reſiſtencia. Neſte rigoroſo tormento ſuſtentou largos annos a vida, proſtrada já no cabo delles em huma cama, attenuada, e conſumida, reduzida ao retrato da paciencia, antes eſqueleto animado, que vivente desfalecido. Bem entendia, que aquelle era o deſpacho da ſua ſupplica, premio da ſua ancia, e mayor mimo daquelle Senhor, que deu a hum Paulo, a hum Franciſco, a hum Domingos, e a huma Catharina chagas por inextimaveis prendas. Bem ſabia, que aquelle era o eſtado, em que o ſeu ſofrimento lhe ſervia de deſaggravo, podendo dizer com David : *Zelus Domus tuæ comedit me*, *& opprobria exprobrantium tibi*, *ceciderunt ſuper me.* Como ſe diſſera: *Senhor o zelo de voſſa Caſa me conſumio*; *e a* Pſalm 68.

afronta, e deſacato, que vos fizeraõ blasfemos, e ſacrilegos, cahio ſobre mim.

Aſſim parece que foy, aſſim o pedira Sor Joanna, aſſim ſe via naquella cama conſumida, aſſim a ancias de ſeu zelo, ſe reduzio ao eſtado da mayor miſeria, tomando de ſi o deſaggravo daquella offenſa. Nada a affligia mais naquelle eſtado, que a continua ancia de purificar ſua alma, ſendo tanta a ſingeleza, e candidez deſta (com o privilegio de claro, e agudo entendimento) que affirmava ſeu Confeſſor, que nunca lhe achara culpa mortal. Foy aſſim taõ ſuave ſua morte, que nella ſe eſteve vendo ſua vida. Chegada aos ultimos della, recebeo os Sacramentos confórme, conſtante, e alegre; e em hum Sabbado, 25. de Abril de 648. deixou as Religioſas ſaudoſas de ſua companhia, e paſſou a lograr a dos Anjos. Aſſim parece, que o merecera na vida; aſſim o parecia no eſtylo com que a acabava.

Singular progenitora da virtude a pobreza, quando aſſiſtida da honra. Quando eſta ſabe aconſelhar ſofrimento aos deſamparos, ſahe a pobreza grande meſtra da vida. Arriſcado tropeço he a miſeria, e a penuria, enſinada dos apertos a alargar a maõ ao remedio delles, ſem reparo de que, ſendo illicitos, levaõ indevidamente nome de remedios. Eſtupendo eſpectaculo para a natureza, ver triunfar a honra da miſeria! Naõ levanta menos trofeo, que a virtude. Agora veremos eſte em Sor Franciſca da Madre de Deos.

Naſceo de pays pobres, mas honrados; e filha de huma pobreza honrada, naõ teria menos que a virtude por Meſtra. Sahio taõ boa diſcipula, que já de poucos annos eſtendia os olhos ao caminho da Clauſura, com a magoa, de que as poucas poſſes lhe prendeſſem os paſſos, propondo ao Ceo aquelles deſejos, que elle talvez dilata ſatisfeita, ou para os examinar legitimos, ou para os adiantar fervoroſos. Criara-ſe em Caſa de D. Diniz de Lancaſtro, aſſiſtia a Dona Iſabel Henriques ſua mulher; ſeriaõ ſeus pays da obrigaçaõ da meſma, buſcaraõlhe eſte honrado refugio, entre a magoa de a naõ poderem recolher a melhor Palacio. Mas Sor Franciſca, que naõ perdia hora de ſe aparelhar para elle, ſó com os olhos no intereſſe de viver mais pobre, ſeguia hum tal genero de vida, como ſe no meyo do trafego da Caſa, achaſſe o ſocego da mais apertada recoleta.

A oraçaõ induſtriada da liçaõ de livros devotos; recolhimento, mortificaçaõ, jejum quaſi continuo; de paõ, e agua huma Quareſma inteira. Nas outras dous dias na ſemana, como nas Vigilias dos Santos, de que era mais devota. Com eſte eſtylo de vida chegou a continuar vinte e dous annos de idade, merecendo ſem duvida por elle o venturoſo deſpacho daquella ſua continua ancia, recolhendo-ſe neſta Caſa por Irmãa Converſa, naõ ſe eſtendendo a mayor dote a diligencia dos pays, que a deſejavaõ Freira do Coro. Eſta foy a brecha, que o demonio eſpreitou, para aſſaltar a reſoluçaõ de Sor Franciſca, que entrando com os alvoroços de quem ſe via de poſ-

ſe

ſe do que já julgara impoſſivel, parece que começava a dar lugar, ſe naõ ao arrependimento, ao deſagrado do eſtado de Converſa.

Figurava-ſelhe, que com menos trabalho poderia aſſiſtir ao do Coro; ou propunha-lhe o demonio como menos decente aquelle trabalho. Foraõ profiados os aſſaltos; mas mayor a conſtancia de Sor Franciſca, fortalecendo-a com aſperas penitencias, induſtria com que paſſou a gozar de taõ inteira victoria, que offerecendo-lhe Dona Iſabel Henriques o dote inteiro para Freira do Coro, ella o naõ aceitou; antes com ſagrada ambiçaõ começou a temer, e a recear, naõ pertendeſſe o Ceo tirarlhe aquelle eſtado, em caſtigo da eſquivança com que o abraçara primeiro. Mas naõ queria Deos, que lhe duraſſe o goſto de continuar nelle com tantas forças, como deſejos; porque cortada das penitencias, antes que ſe recolheſſe, naõ acharaõ as novas reſiſtencias na ſua debilidade. Com a penſaõ de achaquoſa, e doente, ſeguia o trabalho, para que lhe faltavaõ os hombros; até que naõ podendo ſubſtituir por elles o eſpirito, a reduzio a obediencia a occupaçaõ menos penoſa.

De dia ajudava na Sacriſtia com tanto goſto, como induſtria para todo o genero de aceyo. De noite tomou por devoçaõ as vigias do Santiſſimo. He eſte hum emprego, antes, que de eſpiritos reformados, de Serafins humanos. De dia, e noite aſſiſtem orando diante do Sacrario as Religioſas; huma ſuccede a outra, ſem haver inſtante, em que ſe naõ ache huma. He grande neſte particular a vigilancia dos Prelados, aſpera a reprehenſaõ nos mais leves deſcuidos. Sagradas, e verdadeiras Veſtaes ſaõ as Religioſas daquelle fogo, que vio, e venerou Iſaias ſobre o Altar, que vê o venturoſo Povo Chriſtaõ, diſſimulado em apparente neve, Mongibello do amor Divino, foy verdadeiramente ſempiterno, nunca extincto. Eraõ as Veſtaes aquellas caſtas Religioſas, que com os naturaes dotes de nobreza, e fermoſura fundou ſuperſticioſo Numa Pompilio, como quer Plutarco, ou Eneas, confórme Juſto Lipſio. Guardavaõ em ſucceſſivas vigilias o ſagrado fogo. Apagado, era horroroſo vaticinio. Aſſim ſe ſeguiaõ fataes ruinas áquelle deſcuido, e ás Veſtaes (pela maõ do Summo Sacerdote) injurioſo caſtigo. Eſcuſaõ-ſe ainda os mais leves nos deſvelos deſta Caſa, nas aſſiſtencias do Divino fogo, porque o que arde no peito das Virgens, que o guardaõ, ateaſe do meſmo a que eſtaõ aſſiſtindo.

Iſaias 6.

Plutarch. in Numa. Juſtus Lipſius de Veſta, & Veſtalib.

Com eſta devota occupaçaõ ficava Sor Franciſca no Coro até Matinas; entaõ chamava a Communidade para ellas, e até ás trez ſe ſuſpendia commummente diante de todo o emprego de ſua alma, a Senhora do Roſario. Naõ gaſtava menos em rezallo; tanta era a ſuavidade, que ſentia na contemplaçaõ delle! Tal o vivo, e fervoroſo affecto, que a Senhora accendia em ſeu devoto coraçaõ! Mas naõ lograva a ſuavidade daquellas Roſas ſem a batalha de perſeguidores eſpinhos. Affligiaõ-na eſcrupulos,

ſalteavaõ-na duvidas de ſua ſalvaçaõ. Conhecia, que o pay da enveja a tinha do ſocego de ſua alma. Recorria com as lagrimas nos olhos, o coraçaõ nas lagrimas, á ſua Divina valedora. Inſtavaõ as agonias, naõ paravaõ as ſupplicas. Repetiaas huma vez, queixando-ſe deſconſolada, affligindo-ſe choroſa; naõ tirava os olhos choroſos da Imagem da Senhora; (qual eſſa foſſe, naõ ficou noticia) pareceolhe, que lhe via na cabeça huma capella de freſcas roſas, e ouvio, que lhe dizia: *Franciſca, neſtas ſe haõ de tornar todos teus trabalhos.* Já os mais cuſtoſos lhe pareciaõ ſuaves com aquella promeſſa. Já deſejava todos, como caminho de ſe ver mimoſa. Aſſim o era tanto da Senhora, que dizia com crivel ſingeleza: *Que nada lhe pedia, que lhe naõ concedeſſe.* Sempre pedem os Juſtos com a ventura de deſpachados; porque como naõ pedem pela ſua, mas pela vontade de Deos, a meſma, que os aconſelha, he a que os deſpacha.

A quem tam bem lhe hia com a oraçaõ, como a Sor Franciſca, todo o tempo pareceria pouco para ver nella bem empregado. Nem ſempre era poſſivel a mental, a vocal ſempre; na boca ardentes jaculatorias, como ſe andaſſe convidando o coraçaõ a accenderſe em ſaudades do Ceo. Creſcem eſtas no retiro, e ſolidaõ; por iſſo naõ havia para ella mais goſtoſos dias, que os que neſta Caſa ſe uſaõ de deſerto. Aquelle ſilencio deſafia as vozes do eſpirito; he aquella ſolidaõ interior ſocego, aquelle retiro eſquecimento de todo o commercio humano. Eſte o centro de Sor Franciſca, as penitencias ſem teſtemunhos na terra, a contemplaçaõ ſem embaraços para o Ceo. Já ſó delle parecia a ſua vida, entendendo as Religioſas, mais deſtras naquella, que a favorecia Deos com eſpeciaes illuſtraçoens. Aſſim ſe viaõ muitas vezes compridas, e experimentadas coulas, que muito de antes ſe lhe tinhaõ ouvido praticar com ſingeleza.

Eſte reparo (que os ſucceſſos fizeraõ preciſo) a poz em grande reputaçaõ, e reſpeito, a que ella fugia, e ſe eſquivava, eſcuſando-ſe em occaſioens, em que com algum ſe via buſcada, como valia do Ceo. Aſſim ſe confundia a ſi meſma com o conceito da mais infima creatura; daqui lhe naſciaõ os extremos de timorata. Era-o tanto na contemplaçaõ da ultima hora da vida, aſſim ſe affligia, aſſim ſe aſſuſtava medroſa, que baſtava para a ſuſpenderem, o fallaremlhe nella. Naõ aſſim quando chegou, e ſe vio na ſua. Succedeolhe o que aos que caminhaõ de noite, a quem as arvores ao longe aſſuſtaõ vultos, ao perto deſenganaõ troncos. Trocaraõ-ſe os pavores em conſtancias, os ſobreſaltos em ſocegos. O que ao longe a aſſuſtara morte, já ao perto a convidava paſſagem. De longe, como he contingente, até aos Juſtos aſſuſta a morte; de perto, onde já a vem coroados da perſeverança, nada lhe achaõ de medonha. Quem naõ trabalhará toda a vida para eſtar ſeguro onde todos tremem!

Já naõ ſó naõ ſe aſſuſtava Sor Franciſca, mas alegre eſperava a morte; ſó a entriſtecia com

com dilatarſe. Aſſim fallava nella, naõ ſó affouta, antes aſſim a ſuſpirava ancioſa, que admiradas as Religioſas, lhe perguntavaõ, quem fizera aquella mudança. *Madres* (lhes reſpondia) *a minha Senhora* (entendia a do Roſario) *me deu eſte ſeguro no ſangue de ſeu Filho*; *eu meſma ouvi, que lhe dizia: Filho, quero, que Franciſca ſe ſalve.*

Sem poder menearſe na cama, padecia muito. Havia alguns annos, que a atormentava huma hydropriſia; agora a tinha ás portas da morte, ſem ſe lhe eſcutar huma queixa, antes demonſtraçoens de confórme, com que edificava. Recebeo os Sacramentos com ſingular goſto, inteiro juizo, e taõ alhea de eſcrupulos, e tribulaçoens de eſpirito, como ſe já o tivera livre daquelle corpo, em que a atormentaraõ tanto. Chegou o dia da Magdalena, no anno de 649. de que era devotiſſima. De algumas palavras, que antes diſſera, entenderaõ as Religioſas, que ſeria aquelle o ultimo de ſua vida; aſſim foy, e com demonſtraçoens piedoſas de ſer o primeiro de ſua felicidade.

CAPITULO XXVI.

Da Madre Soror Marianna de Jeſus.

VEnturoſa familia a de D. Diogo de Caſtro, Conde do Baſto, que mereceo dar a eſta Caſa credito, ao Ceo goſto, ao Mundo exemplo, em quatro filhas, acredoras juſtificadas deſta eſcritura, deſtinada tanto á gloria de Deos, e Familia Dominicana, como á edificaçaõ, e lucro eſpiritual dos Leitores, importantes fins, de que naõ deve apartar os olhos quem péga na penna para ſemelhantes eſcritos.

Foy a Madre Soror Marianna de Jeſus entre as quatro filhas a ſegunda, mas igual com as outras em começar deſde o berço a pizar os apparatos, com que o Mundo coſtuma encher, e enganar os olhos, e os penſamentos a quem, antes que os diſcurſos, lhe applicava os olhos. Levava-lhe ſó eſtes tudo o que era em deſprezo, e deſengano delle. Aſſim lhe madrugou eſte com a primeira luz da razaõ, que eſcaſſamente de ſete annos nada eſcutava com mais goſto, que a ancia da Religioſa pobreza, com que ſe vivia na recoleta do Calvario de Evora (aſſiſtiaõ entaõ os Condes ſeus pays neſta Cidade). Suſpirava, e abrazava-ſe em deſejos de ſe ver naquella venturoſa penuria, mais rica, que o Palacio, que a prendia para naõ buſcalla.

Naõ creſceraõ menos para a reſoluçaõ os deſejos, que para o acerto ſe adiantaraõ á idade. Obrigaraõ-na a pôr em execuçaõ o fugir de Caſa; eſperou certo dia, que ſe deſcuidaſſe mais a familia, pizou a eſcada, mas ſuſpendeoſe nella, reparando, que o primeiro embaraço era naõ ſaber o caminho; mas tornou a elle lembrandolhe, que nos brincos das orelhas levava peita para quem lhe ſerviſſe de guia. Já parece que alcançava que naõ tinha o ouro melhor preſtimo, que negocear os deſembaraços daquelle caminho, ou porque ainda lhe ſahia barato o acerto, commerciado a taõ pouco cuſto. Mas

naõ

naõ media ainda o diſcurſo daquelles annos o como aquelle fim dependia de outros meyos, levada ſó daquella primeira luz, que confuſamente a chamava, diſpondo-a para mais madura, e conſiderada obſervancia.

Encontrou a ainda na eſcada o Capellaõ de Caſa, que entrou a caſo; eſtranhoulhe o exceſſo, fazendo, que o conheceſſe por deſatino. Recolheoſe com mayor ſentimento de ſe lhe embaraçar aquella ventura, que o que promettia a pouca conſideraçaõ com que a diſpuzera. Já com mais annos experimentou ſemelhante ſucceſſo em ſegunda reſoluçaõ; tinhaõ precedido nas caſas algumas obras de pedra, e cal; obſervou Dona Marianna, que ficara a porta de hum quintal (que tinha ſahida para o caminho) de pedra em ſonſo; madrugou hum dia diligente a deſembaraçalla, para paſſarſe á meſma recoleta, deſtra já na eſtrada. Applicou as maons á obra, ſem que o fraco, e delicado dellas adiantaſſe mais a diligencia, que a de deixar as pedras, antes banhadas em ſangue, que movidas de ſeu lugar; mas nem a dor, nem o pouco fruto della baſtavaõ a deſenganarlhe a conſtancia, a naõ entender que era ſentida. Aſſim o ficou tanto, que ſó o ter que offerecer a Deos no martyrio das maons, lhe ſuavizou a magoa de lhe naõ ſervirem no que pertendera. Contava-o aſſim a ſuas irmãas depois de Religioſa.

Mas naõ ficaraõ ſem vingança os poucos effeitos deſta diligencia, como ſe delinquira nella, condemnando-ſe a continuas, e aſperas penitencias, ſupplicas mudas, com que importunava o Ceo, para que lhe franqueaſſe aquelle caminho, em que ſe lhe difficultavaõ as entradas, como ſe os ſeus progreſſos naõ foſſem aſperezas. Naõ tardou o Ceo em lhas diſpenſar, em paga de as pertender como mimo, diſpondo occaſiaõ, em que ſe lhe permittio licença de ſeus pays, para entrar nos ſagrados Clauſtros deſta Caſa, acompanhando as irmãas com igual ventura.

Já entendia bem, que naõ eraõ aquellas ſantas paredes, mais que huma ſepultura, e reduzio ſua vida a huma morte continuada; obſervando tanto á riſca os effeitos della na ſeparaçaõ, e pouco trato com os vivos, que no Moſteiro naõ tinha mais commercio, que o a que a obrigava a obediencia nas occupaçoens em que a punha. Fóra dellas aſſim deſconhecia toda a communicaçaõ, ainda de pays, e irmaons, que nunca a poderaõ reduzir, a que lhes appareceſſe, ou lhe fallaſſe. Aſſim lhe ſuccedia eſtar por eſcuta de ſuas irmãas, que no Locutorio fallavaõ a ſeus pays, e irmaons, ſem ſe lhe ouvir huma palavra, por mais que a convidaſſe a viſinhança, e ainda procuraſſe a diligencia, e a induſtria. Governava eſtes Reynos por Caſtella a Princeza de Mantua Margarita; houve no Moſteiro noticia, que a tinhaõ huma tarde por hoſpeda; acauteloſe Sor Marianna, pedindo á Prelada, que a diſpenſaſſe da aſſiſtencia, e a huma Religioſa, de quem ſe fiava, que em huma caſa a fechaſſe por fóra; e naõ foy ocioſa a diligencia, porque ſó aſſim eſcaparia ás

que

que deſpois ſe fizeraõ por ella.

Tal era em Sor Marianna o amor do retiro, e do ſilencio, como quem ſuſpendia as operaçoens do corpo, para dar todo o lugar ás melhores do eſpirito. Nem perſeguida de achaques, abria a boca para a queixa, temendo no preceito da Prelada, o ſogeitarſe aos remedios, perdendo o intereſſe dos deſcommodos. Deſde a Septuageſima, até dia de Paſchoa era taõ inviolavel o ſeu ſilencio, que nem o mayor accidente, ou novidade, a obrigava a diſpenſar nelle. Succedeo, que huma de ſuas irmãas por moleſtia, que teve em hum pé, ao principio da Quareſma, ſe movia com difficuldade, e trabalho, que bem ſe percebia no exterior; mas nem encontrando-a, nem aſſiſtindo na Communidade junto della, lhe perguntou a cauſa, ſenaõ ao dia de Paſchoa, nas horas de recreaçaõ, que coſtuma diſpenſar a Prelada deſpois da meſa.

Eſta falta de communicaçaõ com a terra, bem moſtrava, que era com o Ceo toda a ſua. Antes parece que vivia, do que orava no Coro, ſentindo aſſim de dia, como de noite, a preciſa penſaõ de comer, e deſcançar, como embaraço de continuar aquelle goſto. Aſſim lhe ouviraõ alguma vez encarecer com graça, e ſingeleza, que de nada tinha enveja, como da alampada, que ardia diante do Santiſſimo, porque naõ neceſſitava de deixar o lugar, para continuar a toda a hora no officio do ſeu luzimento.

Eraõ aſperas, e continuas ſuas penitencias; breves as horas de ſono, e deſcanço, ſempre amortalhada no burel da tunica, que já naõ cobria mais que hum eſqueleto, em que os cilicios naõ apertavaõ mais que os oſſos, já como deſamparados do ſangue da diſciplina, com que todos os dias ſe ſangrava. Aſſim parece, que vivia como milagre, ou naõ acabava de morrer, como privilegio, que o era grande, durar naquelle eſtylo de vida huma creatura, fraca por natureza, mimoſa por criaçaõ, gaſtada por achaques, antes conſumida por penitencias. Severa no jejum, alargava os da Conſtituiçaõ a quaſi todo o anno. As Vigilias das Feſtividades de Noſſa Senhora a paõ, e agua. A Quareſma toda, ou hervas, ou algum peixe ſeco, fingindo (para ſe lhe permittir) que freſco naõ lho conſentia o eſtomago. Com eſta, e outras induſtrias ſe eſcuſava de tudo o que podia ſer regalo. Fazia o muito particular em o dia, que commungava, de deixar para hum pobre a melhor, e mayor porçaõ do que ſe lhe punha na meſa; para o que tinha alcançado licença da Prelada.

Aſſim attenuada voava já ſobre ſi taõ triunfadora das penſoens da carne, que naõ tinha mayor goſto, que verſe deſprezada, e tida pela mais inepta creatura; conceito, que queria grangear induſtrioſa, com acçoens, e palavras, filhas ſó da rudeza, ſem ſe ſaber a ſi outro nome, mais que o de bruta, accreſcentando, quando lhe davaõ algum officio, que era Providencia Divina, occuparem-na, ſem ter preſtimo, para que de algum modo mereceſſe o ſuſtento. Eſte conceito infimo,

mo, que de ſi tinha formado, lhe punha nas maons continuamente as occupaçoens mais ſervîs, na coſinha as de menos aceyo, na Enfermaria as de mais aſco.

Vivia aſſim ſocegada neſte centro do abatimento, quando quiz Deos examinar ſua conſtancia em mais arriſcada paleſtra, dando licença ao principe das diſcordias, para que como a outro Job lhe turbaſſe o ſocego, pondo-a no ultimo conflicto. Começaraõ a combatella os ventos das tentaçoens, e a querer ſubmergilla as ondas dos eſcrupulos, tempeſtade, que levantada em ſua alma, a reduzio ao extremo da miſeria, batalhando de dia, e de noite com a morte eterna diante dos olhos da deſconfiança. Mas o Ceo, que a poz no naufragio, lhe começou a deſcobrir o porto, levantando-lhe os olhos a Maria, piedoſa Eſtrella, que amanhece aos atribulados; fez-lhe voto de continuar toda ſua vida a devoçaõ de ſeu Roſario, rezando-o diante de ſua Imagem de joelhos. O jejum de todos os Sabbados, as Veſperas de ſuas Feſtas a paõ, e agua (o que já havia muito fazia por goſto) o aceyo, e concerto de ſeu Altar, por conta de ſeu deſvelo: e em breve tempo ſe vio reſtituida á antiga, e melhorada tranquillidade de ſeu eſpirito.

Paſſou aſſim alguns annos antes de ſua morte. Apreſſou-lhe eſta hum pleuriz, que diſſimulado (como era coſtume de ſeu grande ſofrimento) rompeo depois implacavel, ſem obedecer a remedio, e dando o ultimo deſengano, que ella eſcutou com alegria, recebendo os Sacramentos com os alvoroços de quem ſabia, que aquelles eraõ os ſoberanos viaticos, com que o Ceo a provia para a mais venturoſa jornada. Chegou a ultima hora della, e entrados os Religioſos, voltando a huma ſobrinha ſua, que lhe aſſiſtia, lhe diſſe: *Que tocaſſe as taboas com preſſa* (he temeroſo final, com que para aquella funçaõ ſe ajunta a Communidade) ſuſpendeoſe a ſobrinha, e ella tornou: *Ide, ide, naõ eſtejais ſuſpendida; que ſe naõ agrada Deos de gente frouxa.* Eraõ ancias, eraõ ſaudades impacientes de ſe ver com ſeu Eſpoſo no thalamo das eternidades. Aſſim ſe vio; porque acabado o Officio da agonia, e durando-lhe ainda a vida, diſſe com hum profundo ſuſpiro ao Crucifixo, que tinha na maõ: *Meu bom Jeſus, ainda iſto naõ acaba de ſer? Fiat voluntas tua.* E inclinando-o ſobre o roſto, lhe entregou nos braços o eſpirito, aos 26. de Janeiro de 1649. de idade de cincoenta e nove annos, em hum Sabbado, dia para a ſua devoçaõ de grandes privilegios.

CAPITULO XXVII.

Da Madre Soror Joanna da Appreſentaçaõ, e Soror Antonia da Columna, Pupilla.

FIlha de pays nobres, Manoel Alvares Camelo, e Leonor Camela, naſceo Joanna Camela, depois Soror Joanna da Appreſentaçaõ, em o celebre lugar de Belem, huma legoa de Lisboa, aſſentado em tanta viſinhança do rio, que a el-

a elle, como a ella, ſerve de movediço eſpelho. Recolheraõ-na ſeus pays neſta Caſa do Sacramento, tanto que o permittio a idade, ou porque a ſua indole dava já indicios de que o Ceo a eſcolhera, ou porque, conhecidas ſuas ſingularidades, a queriaõ ſeus pays dar ao Ceo, e aos mais o documento de darem a Deos o melhor, que lhes deu; porque ſe o melhor he data de Deos, ſem duvida ſe lhe deve reſtituir o melhor.

Tomou Sor Joanna o habito com tanto goſto, como deſtinada para elle. Já Profeſſa, abraçou com mais ancia as aſperezas daquella; mas começaraõ os eſcrupulos a fazerlha mais aſpera. Aſſim a cercavaõ, e perſeguiaõ, que ſem admittir conſelho, vacilava em hum continuo ſuſto, e deſaſocego de eſpirito. Moleſtavaõ-ſe os Confeſſores, que lhe naõ podiaõ applicar remedio, ou porque viaõ o pouco, que aproveitava o applicado; laſtimavaõ-ſe as Religioſas, que a viaõ appellar ao das lagrimas, romper em gritos, que valiaõ taõ pouco como ellas. Recorria a Deos, recorria á ſua piedoziſſima Mãy, e parecialhe, que aliviava na oraçaõ; mas acabada ella, achava-ſe outra vez na tormenta.

Parece, que lhe occorreo á memoria o que lera, ou ouvira de S. Jeronymo, que aconſelhando ao Monge Ruſtico, lhe advertia, que para reſgatar o eſpirito dos laços do demonio, era ſanta, e proveitoſa induſtria, exercitarſe no trabalho. Entendia, que aquelle exercicio era a vigilancia, que aconſelhava S. Paulo, para reſiſtir aos aſſaltos daquelle Leaõ deſvelado, e faminto. Começou a ſervir com tanta ancia, que parece, que ſe reproduzia nas officinas da Caſa; aſſim a achavaõ em todas, como ſe naõ foraõ mais que huma; ou aſſim era diligente em cada huma, que podia abranger a todas; e o meſmo foy ir ſervindo, que ir convalecendo. Já naõ ſó os deſpedia de ſi, mas parece, que ignorava eſcrupulos. Grande, quanto mais impropria, receita! Servir para ſarar! Mas aforiſmo do Ceo.

Naõ ſó ſe achou melhorada com elle applicado ao eſpirito, tambem entendeo, que ſe lhe deveriaõ as melhoras do corpo; naõ tinha formado menos ſobido conceito dos intereſſes da eſcravidaõ voluntaria. Diſpoz o Ceo, que lho confirmaſſe a experiencia. Cahio na cama de doença prolongada, contava já hum anno nella, e temiaõ-na entrevada. Chegava-ſe o dia, em que nomeavaõ as Religioſas, que naquelle anno haviaõ de ſervir nas officinas do Moſteiro, e era para ella deſconſolaçaõ, em que naõ admittia alivio, o verſe impoſſibilitada, ainda para o mais ligeiro trabalho. Quiz enganar o deſejo, ou obedecer ao Ceo, que obrigado daquelle, lhe deu conſelho ſemelhante. Chamou a Prelada, pediolhe humilde, e encarecidamente, que a nomeaſſe Refeitoreira; que ella eſperava em Deos, que logo teria forças para aſſiſtir á ſua officina.

Teve-o por delirio a Prelada, mas nomeou-a por contentalla, tendo tençaõ de encomendar a occupaçaõ a outra. Caſo notavel foy! Que ſabendo como a tinhaõ nomeado, pedio

o habito, veſtioſe com alvoroço, e encoſtada a huma muleta, appareceo no Refeitorio, miniſtrando á Communidade com tanto deſembaraço, que em breves dias deixou até aquelle pouco arrimo. Seja louvado o Senhor, que levantou a ſogra de ſeu Apoſtolo da cama, para lhe ſervir á meſa, paſſando-a do leito para o trabalho, como ſe eſte no enfermo foſſe antes convalecença, que deſmancho!

Mas nem os achaques, a quem dava Sor Joanna eſta convalecença, lhe tiravaõ da maõ a diſciplina, taõ rigoroſa, como teſtemunhavaõ os lugares, em que as tomava. O cilicio de ferro, com que ſe cingia, muitas vezes lho acharaõ, eſtranhado-lho por enferma. Eſtas a traziaõ deſvelada, ſendo Enfermeira, e taõ compaſſiva, que naõ ſó lhes curava as chagas, mas lhas beijava, e as mais aſqueroſas com mais ancia. Neſtes exercicios contava já vinte e ſete annos, quando a chamou o Ceo com huma doença, que deu logo ſinaes de ultima. Pedio confiſſaõ, e mais Sacramentos; entrou o Vigario para miniſtrallos. Era o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos; chegouſe á doente, e perguntando-lhe, como ſe achava de tentaçoens, e eſcrupulos? Reſpondeo: *Que pela graça de Deos, nem eſcrupulos, nem tentaçoens ſentia em ſua alma.* Compungioſe, ouvindo-a o Meſtre Frey Joaõ; e confundido aos juizos de Deos, ſubmergido no mar de ſuas miſericordias, naõ pode ter as lagrimas. Eſtes foraõ os rios, que naſceraõ daquelle mar.

Acabada a confiſſaõ, e aſſiſtindo as Religioſas, levantou Sor Joanna a maõ, e apontando com o dedo para o canto da cella, diſſe com ſegurança, e como quem ſe ſurria: *Madres, heilo alli eſtá acantoado. Já naõ tendes, que fazer; que já ſe vos acabou a licença.* Bem entenderaõ todas, que pelo demonio o dizia; e paſmadas do que ouviraõ, levantaraõ as maons, e o eſpirito a Deos, a darlhe graças, e a offerecerlhe ſeu coraçaõ, para as eſpirituaes batarias, pois taõ felices eraõ as vitorias. Recebeo a enferma todos os Sacramentos, e deſpedida das Religioſas, que a cercavaõ ſaudoſas, e compungidas, levantou cançadamente os olhos, e ancioſamente o eſpirito a ſeu Eſpoſo crucificado, e paſſou a gozallo glorioſo, aos 24. de Setembro de 1649. em huma terça feira.

Naõ deixa ſempre o Celeſte Cultivador das almas juſtas, que as flores paſſem á producçaõ dos frutos; ſerá, porque tambem ſaõ frutos as ſuas flores, ou tambem, porque o ſeu deſvelo naõ goſta ſó as delicias na meſa, mas as fragrancias na grinalda. Eſpoſo em fim daquella venturoſa alma, que illuſtrada por elle, pedia em as veſperas de ſe ver no ſeu thalamo tanto as flores, como os frutos, foſſem huns para o ſuſtento, outras para o adorno. Aſſim neſta ſua mais propria, e mimoſa vinha, em que o ſagrado licor de ſeu ſangue he quotidiano alimento da virgindade, ora eſcolhe, e colhe na madureza da idade os ſaſonados frutos da virtude, ora as flores tenras, que madrugaraõ, nos primeiros alentos da vida, a coroarſe

roarſe como orvalho da ſua Providencia. Eſſa a razaõ, porque deſpois da Madre Soror Joanna, Religioſa já adulta, ſe ſegue huma Pupilla, Sor Antonia da Columna.

Chamouſe no ſeculo Dona Antonia Henriques, foy filha de Dom Joaõ de Almada, a que ſua natural gentileza grangeou o epitheto de fermoſo, e de Dona Violante Henriques, irmãa de Dom Thomaz de Noronha, familias illuſtres, e aſſaz conhecidas, paſſando deſtes Reynos aos eſtranhos. Daõ-ſe facilmente as maons a nobreza, e a virtude, porque a boa educaçaõ da primeira facilita muito os paſſos da ſegunda. Já ás primeiras luzes da razaõ, começou Sor Antonia a deſcobrir o caminho, que pizaria mais ſegura, conhecendo, que o era ſó aquelle, que a levaſſe com mais deſembaraço aos braços do melhor Eſpoſo.

Importunava os pays com as ſupplicas, e inſtancias de lho deixarem ſeguir. Attribuiaõ elles ao principio a reſoluçaõ á viveza de poucos annos bem doutrinados, mas a conſtancia os fez levar ao penſamento, a que ſeria conſelho do Ceo. Com eſte conhecimento, junto á razaõ de lhe quererem dar eſſe goſto, a recolheraõ por Pupilla neſta Caſa, que foy eſcolha ſua, acompanhando outra irmãa mais pequena, que deſpois foy Religioſa, e ſe chamava Dona Joanna, a que aconſelhava, e reprehendia as ſaudades dos pays, com razoens taõ deſtras, e concertadas, que já pareciaõ mais que ſuas.

Mas naõ ſe achava Sor Antonia ſatisfeita em eſtado, em que a privilegiavaõ de tudo; e culpando a idade, a quem devia o privilegio, ſe eſcuſou voluntariamente a elle, ſendo Noviça, já que naõ nos annos, nos exercicios. Guardava ſilencio; cultivava a liçaõ de livros devotos, e retirava-ſe na ſua cella a orar diante da Imagem de hum Menino Jeſus. Alli ſe eſquecia, como ſe tudo o mais fora incapaz de lembrança, ou como ſe até a lembrança ſe paſſara a ſer viſta. Eſpreitavaõ-na as Noviças, e foy confiſſaõ das mais prudentes, que em quanto Sor Antonia orava, ſe moſtrava o Menino com ſemblante mais alegre. Seria eſte favor o que a prendia na cella, quando a chamavaõ para alguma recreaçaõ Religioſa; e inſtando-lhe, que a teriaõ por hypocrita, vendo-a naquelles annos taõ retirada, reſpondeo huma vez com inteireza: *Digaõ, e façaõ quanto quizerem, e ſirva eu, e ame ao meu Jeſus.* Iſto dizia com tanto aſſento, e madureza, que tinhaõ que aprender, as que hiaõ a eſtranhar.

Toda ſua inſtancia com as Meſtras, e com as Preladas era, que a deixaſſem continuar as Communidades, acompanhar as Noviças, fazer penitencias; e como apadrinhava eſtas ſupplicas com huma vida em tudo reformada, em muitas couſas alcançou a licença. Suſpirava por commungar mais a miudo, que o que ſe permittia á ſua idade; e era tal o aparelho, que ſe lhe naõ difficultou o deſpacho. Na veſpera todo o dia, e no que commungava, até á noite, em oraçaõ, ou no Coro, ou recolhida na cella, naõ havia importancia, que lhe mereceſſe

huma palavra. Achava-a a reprehenſaõ ſofrida, o trabalho alegre, a perſeguiçaõ conſtante, todo o accidente humilde; tanto a tinhaõ adiantado a ſua idade, a liçaõ dos livros, e os conſelhos do Ceo!

Mas chamava-a o caſtiſſimo Cordeiro para o rebanho das Virgens, que o ſeguem no monte das perennes felicidades. Deulhe huma febre, leve na opiniaõ dos Medicos, naõ na ſua, porque pedio logo os Sacramentos com inſtancia, ſem duvida aconſelhada de mais ſuperior noticia. Eraõ 3. de Agoſto de 1650. Veſpera de S. Domingos, que ella ſuſpirava Pay por preceito, como o eſcolhera por goſto; confeſſouſe, e ao dia commungou com huma paz Angelica, naõ o ſendo menos ſua alma, que de noticia de ſeus Confeſſores (como deſpois ſe ſoube) naõ perdeo nunca a innocencia Bautiſmal. Seguioſe á Communhaõ o exceſſo da febre, malignada logo com tanto, que paſſou a delirios, e taõ continuados, que naõ houve mais lugar, que de lhe dar a Unçaõ (reparouſe entaõ na cautela com que quizera commungar anticipada; e naõ pareceo eleiçaõ ſua) Chegou o oitavo dia de S. Domingos, como ſe neſte a tivera. Fez o ultimo esforço a febre, e chegando o ultimo accidente, voou aquelle eſpirito a fazer numero com os Anjos, naõ chegando o de ſeus annos a catorze completos.

CAPITULO XXVIII.

De Soror Cezilia dos Anjos Converſa.

NAõ moſtrou a Providencia do Eſpoſo menos deſvelo com outra eſpoſa ſua, infundindo em ſua alma, antes de tempo, o dom de diſcernir entre o mal, e o bem, o nada, e o tudo; voltando áquelle as coſtas, applicando a eſte as diligencias. Foy eſta Soror Cezilia dos Anjos, Religioſa Converſa. Foraõ ſeus pays Antonio Pires Varela, e Leonor Pires Roſado, Lavradores honrados, e favorecidos dos bens da fortuna. Naõ teve Sor Cezilia a de que lhe viveſſe muito ſeu pay, porque mereceſſe lograr a melhor de naõ ter na terra mais pay, que o do Ceo. Mas aſſim ſe moſtrou filha daquelle pay, que deſconhecendo a idade, a excedia nas capacidades, e nas occupaçoens.

O ſeu goſto era eſcutar noticias de Santos, e virtuoſos, praticas de Deos; a ſua aſſiſtencia voluntaria o Oratorio, e a Igreja; o ſeu exercicio trabalhar para o aceyo, e ſerviço della; porque naõ tendo ainda ſeis annos, devia já ao ſeu fuſo (que he o honrado baſtidor da gente de ſua qualidade) huma boa tea de pano de linho para toalhas dos Altares, offerecendo-a a elles em obſequio ao Menino Jeſus, a quem com fervoroſo, e terniſſimo affecto tinha entregado ſua alma em huma pia, e devota ſympatia, com ſeu ſuaviſſimo nome, e a ſua attractiva Imagem.

Contava dezaſete annos, quan-

quando em companhia de ſua mãy ſe reſolveo a deixar o Mundo, convidada do novo caminho, que ſe lhe abrio para o Ceo neſte Moſteiro, com a ventura de ſerem ellas das primeiras, que o pizaraõ. Mas Sor Cezilia, que ſe via das portas a dentro com ſeu Eſpoſo naquelle thalamo, em que coſtuma examinar as conſtancias de ſuas eſpoſas, já ſe naõ contentava com vir obediente, ſeguindo as attractivas fragrancias de ſeu nome, mas adiantava-ſe a correr para elle; tudo, o que naõ eraõ exceſſos, lhe pareciaõ detenças, ſó lhe agradavaõ aſperezas, que para aquelle voo lhe pareciaõ azas. Sobre o rigor das Conſtituiçoens, e exercicios particulares da Caſa, inventava penitencias; mas tanto, como a conſelhavaõ os deſejos, a deſenganavaõ as forças, porque a começaraõ a cercar achaques, huns repetidos, outros continuados.

Entraraõ os conſelhos dos Medicos, e os preceitos dos Prelados, para que moderaſſe o eſtylo de vida, em quanto convalecia dos achaques, por ſe naõ impoſſibilitar de todo com elles; que uſaſſe linho, naõ comeſſe peſcado, e diſpenſaſſe no Coro nocturno. Sacrificouſe Sor Cezilia aos dictames da obediencia, e eſte foy o mayor rigor a que podia ſogeitarſe a ancia de padecer; mas aſſim ſe mortificava nos alivios, como ſe naõ mudaſſem mais o nome as penitencias. Aſſim paſſou algum tempo, vindo a reſolverſe de conferencias, que teve com ſeus Confeſſores, que tornaſſe ao rigor da vida, que começara, porque era Deos ſervido que viveſſe em perpetua moleſtia. Começou logo a viver penitente, e ſem ſaude, tendo licença de Prelados para as penitencias, que lhe pareceſſe.

Caſo mayor pareceo, que obrigando-nos o preceito da caridade propria a conſervar a vida, tiveſſe Sor Cezilia diſpenſaçaõ para poder arriſcalla. Naõ vinha a ſer menos o viver, como vivia, achaquoſa, e o tratarſe com aquella aſpereza. Mas ſaõ ſegredos, que Deos fiou aos ſeus Miniſtros, porque ſeus Confeſſores, que foraõ o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Portugal, o Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, Varoens de igual reputaçaõ em letras, e virtude, e taõ deſtros em materias de eſpirito, que bem ſe podiaõ ſuppor Oraculos no Confeſſionario, diſpenſavaõ, e permittiaõ a Sor Cezilia eſte eſtylo de vida, que obſervava como milagre da natureza, ſem que os achaques, ajudados das penitencias, apreſſaſſem a morte, ou as penitencias, ſobrevindo aos achaques, enfraqueceſſem a conſtancia. Continuou Sor Cezilia, dobrando todo o genero de auſteridades, e rigores, jejuns repetidos, diſciplinas continuadas, crucificando o corpo em cruzes de bicos, e cilicios aſperos, mas taõ prompta no ſerviço da Communidade, como a que tinha tirado aos achaques, e ás penitencias o nome de eſtorvo para elle.

No Coro tinha oraçaõ com as Religioſas; recolhia-ſe logo á cella, onde eſtava todo o tem-

tempo de deſoccupada. Reparavaõ as Preladas, que ſe fechava; e querendo prohibilla, advertio o ſeu Confeſſor o Meſtre Fr. Joaõ de Portugal, que a deixaſſem recolher, e fechar na cella, que era muy bem empregado todo o tempo, que nella ſe recolhia. Alcançouſe deſpois de ſua morte, que poſta em oraçaõ era taõ facil de arrebatarſe, que lhe era preciſo o eſtarſe divertindo, para ſe naõ ſuſpender logo. Aſſim lhe aconſelhava ſeu Confeſſor, que eſtando no Coro, ſe acautelaſſe, applicando os olhos ás Imagens delle, para divertirſe com aquella exterioridade. Era todo o ſeu deſvelo, toda ſua induſtria, eſconder eſte theſouro aos olhos, e reparos do Moſteiro, e eſſa era a cauſa daquelle retiro.

Continuava com fervor, e alegria a vigia do Santiſſimo, que ſe uſa neſta Caſa; e naõ faltavaõ teſtemunhas das lagrimas, e gemidos com que alli aſſiſtia; naõ rompia em menos extremos a doçura, e ſuavidade, que experimentava ſua alma na aſſiſtencia, e na viſinhança. Poucos dias antes de ſua morte, chamando a Prelada, lhe diſſe: *Madre, encomendeme Voſſa Reverencia ás Religioſas, que nunca deixem, nem ſe deſcuidem da vigia do Senhor, porque he aſſiſtencia, de que muito ſe agrada.* Grande conſolaçaõ para a ditoſa Familia deſta Caſa, e grande incentivo para a inteireza, com que até o preſente ſe continúa eſta occupaçaõ Angelica.

Abrazava-ſe em vivos incendios de caridade (mais poderoſa febre) que proſtrava ſua conſtancia, porque acometendo-lhe o coraçaõ, ſuccedia muitas vezes naõ deſcançar em tres dias com intoleraveis dores nelle. Recolhia-ſe á cella, e por mais que lhe quizeſſem acodir, naõ admittia meſinha; aliviava-a ſó com chorar, nem o coraçaõ tem outras ſangrias para convalecer. Mas tinha mais myſterios a dor. Soube-ſe a qualidade della por hum papel, que á Irmãa Sor Victoria da Cruz, mandava o Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, ſendo Vigario do Coro, ou foſſe, que Sor Cezilia lho tiveſſe communicado, ou porque o conheceſſe ella illuſtrada, como ſe podia crer de ſua vida. Eraõ aquellas dores effeitos de vivos, e fervoroſos actos de amor de Deos, em que ás vezes ſe accendia Sor Cezilia; ſeguiaõ-ſe vehementes dores no coraçaõ, como ſe com agudas ſettas lho eſtiveraõ traſpaſſando, qual outra extatica Thereſa, ou contemplativo Agoſtinho. Daquellas inviſiveis feridas eraõ copioſo ſangue as lagrimas, naõ admittindo remedio humano, como quem conhecia, que o naõ era o motivo.

Eraõ igualmente copioſas as lagrimas com que chegava á Meſa da Communhaõ, ſem haver induſtria para as eſconder, ou as enxugar. Tal era o impeto dellas, ou tal o deſcuido de ſi com que alli chegava! Ordenoulhe ſeu Confeſſor o Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, que commungaſſe hum dia ſim, outro naõ; entendeo, que era o unico remedio para temperar as ſaudades, em que eſtalava por aquelle Soberano paſto. Alegrouſe ſeu eſpirito,

mas

mas confundia-ſe de ſe ver ſingularizada entre gente taõ boa; porém naõ tinha mais acçaõ, que a obediencia. Quizeraõ examinarlha outros Confeſſores, e mandaraõ-lhe, que naõ commungaſſe em os dias, que o fazia a Communidade; levantava-ſe do Confeſſionario com igual ſemblante, hia continuar o ſerviço da Caſa. Depois a mandavaõ chamar, para que commungaſſe. Tomava o véo, e manto, e hia obedecer com tanta paz de eſpirito, como quem, alhea de ſi, naõ ſabia o que ſe paſſava com a ſua liberdade, que ſó vivia nas reſoluçoens de quem a mandava.

Era amoroſa, e terniſſima a devoçaõ com que adorava, e ſervia a ſeu Eſpoſo na fórma de Menino; naõ podia paſſar por Imagem ſua, ſem que a detiveſſem ſuavemente colloquios, e jaculatorias namoradas. Neſtes extremos a apanharaõ hum dia as Religioſas, a que confeſſou, que naõ achava demonſtraçaõ com que explicar a ſympatia, que naquellas Imagens prendia ſua alma, mas com a magoa ſempre viva de entender, que no Ceo naõ poderia ver o Senhor glorioſo em aquella fórma de Menino. Voltou logo ſobre ſi com o eſcrupulo de fallar em materia, que naõ entendia; foyſe ao Confeſſionario deſcontente, perguntou a ſeu Confeſſor (era o Meſtre Fr. Joaõ de Portugal) a repoſta da duvida, que alli a trazia, e ſempre deſconſolada. Reſpondeolhe: *Que o naõ eſtiveſſe, que no Ceo veria ao Senhor tambem na fórma de Menino, porque aos bemaventurados ſe moſtrava tambem naquella fórma, em que mais o amaraõ em vida.* Fallava o Padre com grande conhecimento daquella alma; ſuſpirava ella pelas delicias daquella viſaõ ſoberana.

Ha neſta Caſa duas Imagens de Meninos: em huma eſtá o Senhor em pé ſobre huma almofada; he o feitio muito ao vivo, e mageſtoſo; trouxe-o o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos de Caſtella; e he piedoſa conjectura de bons eſpiritos deſta Caſa, que a temnos ſe lhe diviſaõ no roſto effeitos differentes, ora de alegria, ora de ſeveridade. Chamaõ a eſta Imagem o Senhor Siganitſio, nome, que lembrada do deſterro do Egypto, lhe poz Sor Cezilia, e que, ainda hoje ſe lhe conſerva. Na outra Imagem eſtá o Senhor ſentado em huma cadeirinha de borcado; o feitio pela antiguidade mete devoçaõ, e reſpeito; trouxeraõ no as Fundadoras deſta Caſa, da de Santa Catharina de Evora. Com eſtas duas Imagens era mais ſingular o affecto, e aſſiſtencia de Sor Cezilia, que ſe naõ podia chegar a ellas, ſem que ſua alma lhe fallaſſe pellas mudas linguas das lagrimas: mas naõ ficou ſem premio eſte extremecimento devoto; moſtrou-o bem o ſucceſſo.

Viaõ as Religioſas, que Sor Cezilia apreſſava fóra de ſuas forças o ſerviço, e occupaçoens da Caſa, para ſe applicar á almofada, e exercicio de agulha, ſem baſtarem os achaques, para lhe aconſelharem algum deſcanço no pouco tempo, que tinha menos embaraçado. Appareceraõ deſpois as duas Imagens veſtidas de redes, obra da

ſua

ſua agulha, e tarefa, que a trouxera taõ trabalhada. Celebraraõ as Religioſas a data, contaraõ o ſuccedido ao Vigario, ſem deixar de notar o deſvelo (como nocivo á ſua pouca ſaude) com que ſe entregara áquella occupaçaõ, quando os Meninos tinhaõ galas, e veſtidos precioſos. Vioſe obrigado o Vigario a defender a Serva de Deos, para gloria do meſmo Senhor, e credito della; e deſcobrio, como os Meninos lhe tinhaõ pedido cada hum ſua gala, e propondo Sor Cezilia a ſua pobreza para eſcuſa do cuſtoſo dellas, ſe offereceo a que naõ tiveſſem mais cuſto, que o ſeu trabalho, porque ſuas maons a haviaõ de reſgatar daquelle empenho. Aſſim aceitou os pobres veſtidinhos de rede aquelle Senhor, que fez mais caſo do ceitil da pobre viuva no gaziofilazio do Templo.

Outro cuidado, e novo ornato lhe deveo a Imagem do Menino da Cadeirinha. Aſſiſtia Sor Cezilia no Coro com as mais Religioſas, quando vio, que ſe lhe offerecia aos olhos o Menino no meyo da Communidade, trazendo na maõ huma Cruz com hum eſtandarte branco, e nelle as cinco Chagas (diviza, que a Imagem naõ tinha) e deſappareceo a viſaõ. Pedio logo Sor Cezilia ao ſeu Confeſſor com inſtancia, que lhe mandaſſe fazer huma Cruz com bandeirinha branca, em que ſe eſtampaſſem as Chagas. Fez o Confeſſor reparo na encomenda, como na inſtancia; tinha experiencia, que naõ ſeria curioſidade de Sor Cezilia, porque todas ſuas acçoens tinhaõ mayor cauſa; inſtou pela noticia; naõ poderaõ os rogos; entrou a obediencia, e veyo a confeſſar Sor Cezilia a viſaõ, que tivera. Fezſe a inſignia, que hoje ſe vê na maõ do Menino, e he muda lembrança deſte caſo.

O meſmo fogo, que abrazava a Serva de Deos no ſeu amor, eſtendia as lavaredas igualmente vivas para os proximos. Achavaõ-na os males de todos compaſſiva, os bens alvoroçada, e os eſpirituaes de todo ſatisfeita; mas os pobres, os affligidos, os enfermos, eraõ os primeiros, que tinhaõ lugar em ſua grande commiſeraçaõ. Hum caſo lhe ſuccedeo, em que ſe deſcobrem algumas deſtas circunſtancias juntas. Eſtava gravemente enfermo o Confeſſor da Caſa, era Procuradeira a Madre Soror Ignez do Preſepio, Religioſa de grande nome, e capacidade, que depois foy Prioreza. Mandara-lhe dizer o doente (por padecer hum rigoroſo faſtio) que ſó guizando-ſelhe hum pombo, comeria alguma couſa á cea, por naõ appetecer outra. Fez logo a Madre Sor Ignez toda a diligencia; naõ ſe deſcobria o pombo nem a mayor cuſto; fazia-ſe tarde, affligia-ſe a Religioſa, e ſobia já para cima deſconſolada, quando encontra Sor Cezilia, que ſabendo o motivo da affliçaõ, e deſejando alivialla, e acodir ao doente, voltou, ſem reſponder palavra, para o Dormitorio, e levantando os olhos a huma janella, que nelle cahia para o mar, alta, e deſcuberta, vio, que nella deſcançava hum pombo. Volta ligeira, e alvoroçada;

da ; dá noticia á Madre Sor Iguez ; duvída primeiro ; deſengana-ſe logo, e ſem que a ave faça o menor deſvio , chega, e lança maõ della, ſem lhe dar lugar ao diſcurſo o repentino do ſucceſſo. Guizado o pombo, deixou ao doente totalmente livre do faſtio. A muitas reflexoens eſtava convidando eſte caſo , ſe fora do noſſo inſtituto, ou tiveramos mais liberdade, que para a ſimples narraçaõ delle. O facil, com que Sor Cezilia achou o remedio para a affliçaõ , que ſe valia della. O acharſe o pombo , onde nenhum outro ſe tinha viſto. Deixarſe apanhar ás maons ſem reſiſtencia. Tirar ao enfermo o faſtio , que foy facilitarlhe a melhora. Naõ nos culparáõ o chamar ao ſucceſſo prodigio , porque ſaõ muitas circunſtancias juntas para acaſo.

Encomendavaõ lhe as Preladas, que pediſſe a Deos pelos augmentos , e vida dos bemfeitores da Caſa , e de peſſoas de reſpeito, que as importunavaõ com a meſma ſupplica, em ſe vendo em affliçaõ, ou doença. Obedecia Sor Cezilia ; e ainda que naõ dizia nada , já tinhaõ experiencia , que o ſeu ſemblante era a mais certa noticia. Alegre, era annuncio de melhorar o enfermo , ou o affligido ; triſte , evidencia do contrario. Sirva entre muitos de confirmaçaõ hum ſucceſſo. Enfermou gravemente D. Miguel de Portugal, Biſpo de Lamego , irmaõ do Marquez de Aguiar ; era bemfeitor da Caſa, filho dos Fundadores della ; nella tinha parentas ; era geral o ſentimento , e igual a ancia , com que as Religioſas , e Sor Cezilia com ellas pediaõ a Deos ſua vida. Chegou noticia, que ſe achava o enfermo com huma grande melhora, e fóra do riſco em que ſe vira. Era em dia de Jeſus ; entraraõ , e eſtiveraõ as Religioſas na Caſa do Preſepio, alegres da noticia , agradecendo ao Menino a melhora , como mimo feito áquella Caſa. Só Sor Cezilia (ſendo a que mais ſe alegrava nella) eſteve callada, e ſuſpenſa ; naõ deixou de ſer reparada, ainda que mal entendida, a ſua triſteza ; mas ſoltouſe ao dia ſeguinte o enigma, chegando a nova de que o Biſpo falecera.

Sentiraõ todas ſua morte, mas com mayor extremo (como a que mais lhe tocava) huma Religioſa ſobrinha ſua. Encontrouſe com Sor Cezilia, e diſſelhe (porque a Serva de Deos a conſolava) que o que ſentia , e o que a trazia ſem ſocego, era a duvida do eſtado, em que ſe acharia a alma de ſeu tio. *Alivie-ſe Madre* (lhe reſpondeo Sor Cezilia) *deixe a moleſtia, e a triſteza ; que a alma de ſeu tio eſtá em eſtado de ſalvaçaõ.* E proferindo iſto , ſe lhe accendeo em huma viva, e alegre cor o roſto , como ſe ſe lhe eſtivera repreſentando o que hia dizendo.

CAPITULO XXIX.

Continuaõ-ſe as noticias da vida, e morte de Sor Cezilia.

GRandes couſas nos ſepultou o ſilencio, e ſanta modeſtia de Sor Cezilia, que podiaõ ſervir de conſolaçaõ ás que

ſeguem ſeu meſmo Inſtituto, como aos que lerem eſtes eſcritos, de edificaçaõ, e exemplo. Mas na virtude ſincera, e purificada, pezaõ mais os riſcos de vangloria, que os intereſſes de exemplar. Em todas ſuas acçoens o foy Sor Cezilia. Aſſiſtia ſingularmente ás Preladas, ſervindo-as com mayor deſvelo, taõ longe do abuſo de liſongear o governo, que era pratica ſua, que aos Prelados ſe devia aſſiſtir com mais cuidado, porque nelles carregava o mayor pezo. Aſſim ſabia trocar em lanços da caridade, as maximas da liſonja. Outro intereſſe tinha em communicallas, que era o poder advertirlhes as neceſſidades das ſubditas, porque nenhuma ſe atrevera a negociar o remedio das proprias. Aconſelhava-as para as proviſoens, e governo temporal da Caſa, e nos apertos della, e ſempre era tal o ſeu conſelho, que parecia remedio.

Aſſim repartia com todos dos acertos, com que Deos illuſtrava ſeu entendimento, alcançando mais, que ao que coſtuma chegar o humano. Em mayores importancias o aconſelharaõ as luzes do Ceo para o acerto. Poucos annos contava Sor Cezilia de Religioſa, quando certa peſſoa ſecular de mayor eſféra lhe pedio, que alcançaſſe a certeza de huma couſa futura, aconſelhando-lhe para o conſeguir, huma devoçaõ prohibida, mas nas palavras taõ pia, e devota, que naõ foy muito enganarſe a innocencia de quem ainda de ſuſpeitoſos exteriores naõ inferiria malicia. Perguntou com tudo á peſſoa, que julgava timorata, ſe havia naquillo circunſtancia de ſuſpeita; e ouvindo repetidos ſeguros, em quem naõ ſuppunha menos, ſe reſolveo a fazer a devoçaõ o primeiro dia; mas na meſma noite delle, ſepultada em hum ſono profundo, ſe lhe repreſentou, que via a ſeu Eſpoſo, que com roſto ſevero lhe advertia o mal, que fizera, mandando-lhe, que o naõ repetiſſe como offenſa ſua. Acordou aſſuſtada, pedio perdaõ arrependida, e ficou com advertencia de naõ fiarſe de ſi propria, nem obrar acçaõ deſaconſelhada.

Aſſim a começou a illuſtrar o Senhor entaõ, para a enſinar deſpois, para a dar a conhecer. O que ſe ſabe he, que teve muitas viſoens; de poucas ficou individual noticia, mas para confirmaçaõ as que baſtaõ. Faleceraõ dentro em dez dias neſta Caſa duas Religioſas, iguaes por filhas da meſma terra, a idade pouca, e as virtudes mayores, que a idade. Aventajava-ſe huma na nobreza, e qualidade, como em mayor reputaçaõ de virtude; ſingularizava-a ſó eſta ſegunda, como a que vivia entre gente, donde ſó ella ſabe dar nome. Coſtumava Sor Cezilia com mais devota ancia, encomendar a Deos as que faleciaõ, como irmãas no habito, e no amor; e entendendo, que eſta, que falecera com mayor opiniaõ, naõ neceſſitaria já de ſuffragios, por ter paſſado á ultima felicidade, empregava-ſe em orar pela que acabara com menos nome. Eis-que orando huma vez, ſentio, como ſe fallaſſe a ſeu coraçaõ a voz de Deos, que lhe dizia: *Naõ te occupes*

em

em rogar por eſſa, que julgaſte menos juſtificada, porque já goza de minha gloria; pela outra applica tuas oraçoens, que ainda neceſſita.

Suſpendeoſe Sor Cezilia, e entre gozo, e pavor, diſſe: *Como he iſto, Senhor? Pois naõ era aquella Religioſa a mais qualificada na vida? Aſſim foy* (tornou o Senhor) *mas de ſua mayor virtude naſceo a ſua eſtimaçaõ, e o ſeu applauſo; e talvez eſquecida a humanidade, cahio na fraqueza de ſe contentar liſongeada.* Callou a Serva de Deos, e poz a boca na terra, confundida em ſua ignorancia. Singular caſo! que póde mudamente reprehender aos que deſinquietando a virtude, a deſenterraõ do ſeu retiro, para a exporem aos riſcos do applauſo, ſahindo talvez a inconſideradas, e appetitoſas inſtancias do canto de huma cella para a frequencia de hum Palacio, do ſolitario de hum Convento para o populoſo de huma Cidade, com o achaque de aſſiſtir ao doente, ou a conſolaçaõ de ſe ouvir praticar na virtude; naõ advertindo os que o pedem, ou os que o conſentem, que com a obſervancia mais acautelada ſaõ mais ſubtis os aſſaltos da vangloria. E ſe das portas a dentro da ſua Clauſura póde talvez o Religioſo, ou a Religioſa, entre poucos votos, perigar neſte aſſalto, que ſerá expoſta á eſtimaçaõ propria, no liſongeiro theatro do Mundo? Se talvez ſe acha o riſco nas tranquillidades do Oceano, que ſerá entre as ſoberbas correntes do Jordam!

Detinha-ſe huma vez Sor Cezilia (pouco tempo antes que faleceſſe) no Confeſſionario com o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos. Mandoulhe elle, que fizeſſe particular oraçaõ pelo eſtado da Igreja, e pelo Tribunal do Santo Officio, eſpecialmente deſte Reyno, porque andavaõ os ſeus Miniſtros cuidadoſos, e atribulados com materias de grandes conſequencias. Dilatouſe o Meſtre Fr. Joaõ, e foy tocando alguns pontos de Fé em gloria da Igreja, e de Deos. He ſubtil o inimigo; vio a difficuldade da pratica, começou a repreſentar no entendimento de Sor Cezilia alguma duvida; mas naõ permittio o Senhor, que cahiſſe nella ſua Serva; porque, ferindolhe de repente nos olhos hum activo, e fermoſo rayo de luz, que da parte de fóra penetrava o Confeſſionario, vio que ſe lhe repreſentava a Imagem de hum Chriſto mageſtoſo, com Chagas, e Coroa de eſpinhos, entendendo em ſeu coraçaõ, que lhe dizia: *Que no que alli ouvira naõ tiveſſe eſcrupulo, porque eraõ verdades taõ claras, como aquella luz, que tinha viſto.* Ficou confuſa, e confundida Sor Cezilia; e ſepultada em ſilencio, cahio por terra, adorando o Senhor. Acabou o diſcurſo o Meſtre Fr. Joaõ, eſperando repoſta; e vendo, que nem o minimo rumor ſe percebia de quem o eſcutava, bateo no ralo huma, e outra vez. Tornou em ſi Sor Cezilia, e levantando-ſe, e reſpondendo com turbaçaõ, lhe poz o Padre huma obediencia, para que lhe explicaſſe a cauſa, que a tivera muda. Naõ podia reſiſtir ao preceito; referio tudo o que tinha viſto,

viſto, e paſſado. Teſtemunha deſta verdade foy o meſmo Veneravel Padre Meſtre.

Ao dia ſeguinte cahio enferma Sor Cezilia: a idade, os achaques, e as penitencias, lhe podiaõ ſegurar, que era a ultima doença, ſe ella, muito anticipadamente a eſte accidente, naõ tivera alcançado, que o primeiro ſeria o ultimo. Eſta noticia teve em ſonhos; conſtou deſpois de ſua morte, achando-ſelhe eſcrito de ſua propria letra. Appareceolhe o Menino Jeſu (premio da ancia com que o ſervia, e adorava) e dizendo-lhe ella: *Senhor, quereis levarme para vós* ? Inclinou o Menino a cabeça, ſegurando-lhe, que ſim. Tornou ella: *E ſerá logo*? Sorrioſe o Menino, e ao meſmo tempo deſappateceo a viſaõ, e acordou Sor Cezilia taõ certa de que ſeria o fim da ſua vida a primeira doença, que logo deu a entender, que eſta era a ultima.

Com eſte conhecimento ſe diſpoz com tanto ſocego, que ſó lho embaraçava o alvoroço. Aſſim paſſou alguns dias; e chamando hum delles a Prelada, lhe diſſe com deſuſada alegria: *Que viſto ella ſe achar em huma cama, e incapaz daquella diligencia, lhe pedia, que fallaſſe ao Padre Vigario* (era o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, na occaſiaõ em que tinha acabado com igual felicidade, que induſtria, a obra da Igreja) *e lhe pediſſe da ſua parte a bençaõ; e que lhe rogava trataſſe muito de ſua ſaude, que era ſua vida de muita importancia á Igreja Catholica; e que eſtiveſſe certo, que agradara muito a Deos no diſpendio, e cuidado, com que edificara a Igreja daquelle Moſteiro; pelo que naõ tardaria o meſmo Senhor muito em lhe dar hum grande premio.*

A Prioreza, que (como era commum naquella Caſa) tinha experiencia, que naõ careciaõ de myſterio as palavras de Sor Cezilia, inſtou com ella, para que lhe explicaſſe o que naquelle particular alcançava, ameaçando-a, que a obrigaria o Vigario com huma obediencia. Rendeoſe a boa ſubdita, e continuando com alvoroço, diſſe: *Que eſtando (havia pouco) orando, e pedindo a Deos pelo augmento, e conſervaçaõ da obſervancia daquella Caſa, vira ao Senhor em hum throno de inexplicavel mageſtade, que com alegre ſemblante lançava huma bençaõ ao Padre Meſtre; dando-lhe a conhecer a ella, que aquella bençaõ era premio da obra da Igreja acabada com tanta perfeiçaõ, como foraõ as contradiçoens, com que ſe intentou, e finalmente ſe conſeguio. E ſaberá, Madre Prioreza* (accreſcentou Sor Cezilia) *para conſolaçaõ ſua, e das ditoſas filhas deſta Caſa, que todas, as que até aqui tem falecido nella, ſe ſalvaraõ por miſericordia de Deos.* Grande felicidade, piedoſamente crida, deſte Seminario da obſervancia; e naõ menor ventura para as que o habitaõ, viver antes em hum Santuario, que em hum Moſteiro!

Tinha ſem duvida alcançado Sor Cezilia, por mercê de Deos, a fortuna, que indicava aquella bençaõ ao Meſtre Fr. Joaõ; naõ a explicou entaõ, mas vioſe brevemente. Cahio o Padre em huma doença ligeira, convaleceo depreſſa; e indo á Igreja a dizer Miſſa, foraõ

foraõ as Religioſas ao Coro, alvoroçadas, a dar graças a Deos pela melhora, e a ter o goſto de o ver com ella. Foraõ dar logo eſta noticia a Sor Cezilia, entendendo, que lhe naõ podiaõ fazer mayor liſonja, nem applicarem ao que eſtava padecendo melhor meſinha. Aſſim ſabia eſtimar eſta ſubdita tal Prelado, mas naõ menos elle a ella, como o que tanto a conhecia. Ouvio ella, que diziaõ: *Já o Padre Meſtre eſtá ſam*; e reſpondeo com ſemblante triſte: *Sim eſtá ſaõ.* Repararaõ no pouco, que a alegrara couſa para todas de tanto goſto; e diſſe huma: *Que deva eſta Leiga tanto ao Padre Meſtre*; *e que ſe naõ alegre, nem eſtime vello reſtituido á ſua ſaude*? Mas como vaõ longe os diſcurſos dos Juſtos dos puramente humanos! E que pouco percebido he o ſeu myſterioſo idioma dos ouvidos da terra! Alegravaõ-ſe aquellas pelo que viaõ; entriſtecia-ſe Sor Cezilia pelo que alcançava. Ellas viaõ huma ſaude, que lhe parecia milagre; ella eſtava vendo o pouco, que diſtava da morte. Ellas parecialhes agradecimento o alvoroço; ella ſó na ſua triſteza conhecia o ſeu agradecimento, porque bem alcançava, que aquella melhora era huma deſpedida da vida. Succedeo aſſim, porque brevemente recahio o Veneravel Padre, e faleceo brevemente.

Mas naõ tardou muito Sor Cezilia, que ſe naõ adiantaſſe a reconhecer a coroa, que o eſperava, porque era já tempo de ſe lhe naõ dilatar a ſua. Tinhaõ-na diſpoſto para ella muito anticipados, e continuos martyrios. Foy hum delles huma rigoroſa dor, com que o Senhor quiz por todo o tempo, que viveo na Clauſura, provar ſua paciencia, moſtrando-lhe, que fora data da ſua maõ, onde naõ ſe ignorava o motivo de querer dobrarlhe o merecimento. Viviaõ ainda as Religioſas junto ao Poſtigo do Arcebiſpo, no Moſteiro novo; cahio huma noite hum rayo nelle (ſem damno de peſſoa, e ſó do edificio) mas com hum prodigioſo effeito, porque cahio a tempo, que Sor Cezilia ou ſonhava, ou via, que vinha hum rayo ſobre ella, e que lhe alcançava a parte direita. Acordou eſtremecida, e moleſtada, naõ ſó do eſtrondo, mas de huma dor taõ aguda, que tomando-lhe hum pé, lho naõ conſentia pôr no chaõ. Eſta dor, ás vezes menos intenſa, a moleſtou toda a vida, e nas occaſioens de trovoada, anticipando-lhe com mais vivo effeito a noticia della. Eſta foy a origem, e cauſa de ſua morte, ſem que lha diſpuzeſſe outro achaque.

Aggravou-ſelhe eſte com intoleraveis dores, mas ſofridas com taõ igual ſemblante, como ſe nada a moleſtara; eſtando-ſe vendo na exterioridade da inflammaçaõ daquella parte o que padecia, e o que diſſimulava. Aſſim ſe lhe dilatou dous mezes eſte purgatorio: e como ſabia quando havia de ter termo, pedio os Sacramentos, quando vio, que eraõ preciſos. Foy a devoçaõ igual á advertencia, e ſocego com que os recebeo, paſſando o dia ſeguinte inteiro em hum ſilencio ſocegado; ſeguioſe todo o outro, de huma deſuſada, e eſtranha alegria. Pareceo ás Religioſas,

que

que eraõ effeitos de melhora, e (no que colhiaõ do exterior) que aquella vez eſcapava ; mas atalhou eſte penſamento a reſoluçaõ com que pedio , que lhe chamaſſem os Padres para o Officio da ultima hora. Entraraõ ; pedio a véla ; e acompanhou o Officio com inteira advertencia ; e logo correndo os olhos com agrado por todas as Religioſas , levantou o braço direito , e foy-o recolhendo, como ſe as abraçara , e ſe deſpedira. Cerrou placidamente os olhos , e ſem fazer outro termo , deu a ſeu Creador o eſpirito , em huma terça feira de Novembro de 1651.

No inſtante que eſpirava , vio a Madre Sor Clara do Sacramento , peſſoa de tanta capacidade (ſaberſehá melhor adiante) que fiava o Ceo della ſemelhantes ſegredos ; referindo eſte , como de outra peſſoa, que ſobre o Moſteiro ſobia hum reſplandecente globo de luz entre as duas Virgens , e Martyres inſignes , Santa Cezilia , e Santa Ignez , Protectoras da Ordem Dominicana , e ſingulares empregos da devoçaõ de Sor Cezilia. Poucos dias deſpois de ſeu ditoſo falecimento, fazia o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos huma Pratica em a profiſſaõ de huma Noviça , e tocando (como quem dava pouco deſafogo ao muito, que callava ſeu eſpirito) na obſervancia , e virtude deſta Caſa , diſſe , que havia pouco falecera nella huma Irmãa Converſa , por nome Sor Cezilia , em cuja vida havia couſas taõ grandes , que naõ era poſſivel publicarem-ſe , ſem conſultar primeiro o Oraculo da Igreja , o Summo Pontifice. Daqui ſe póde inferir que ſeria o mais, e o mayor o que ſe nos eſcondeo de ſua vida , ſendo hum taõ grande voto o que approvou eſte ſilencio ; mas nem menos eſte ſilencio para grande credito.

CAPITULO XXX.

De Soror Leonor da Aſſumpçaõ, Converſa.

MUitas proporçoens tem a graça com a natureza , ficando cada huma em ſua eſféra , porque tambem na linha eſpiritual he natureza a graça , como principio da vida, com que ſe vive para Deos ; e ſendo hum dos effeitos da natureza o conſervar, nos que tem a meſma , a ſemelhança , eſſe ſem duvida ſe achará tambem na graça. Iſſo quiz dar a entender S. Paulo , quando eſcreveo , que predeſtinando-nos Deos para a ſua graça , nos fez confórmes a ſeu Filho na ſemelhança. Porque a graça aſſemelha na ſua linha , como a natureza aſſemelha na ſua.

Bom exemplo temos entre maons na vida de Sor Leonor , mãy de Sor Cezilia , de quem agora acabamos de fallar. Grande harmonia fez em ambas a graça , como ſe competira com a natureza ; porque ſe a natureza as fez ambas a meſma carne , a graça as fez ambas o meſmo eſpirito ; ſe a natureza fez que aquella filha foſſe ſemelhança deſta mãy , fez a graça que neſta mãy ſe achaſſe toda a ſemelhança daquella filha. Aſſim foraõ ambas neſta Caſa Religioſas , ambas Converſas ,

verſas, ambas obſervantes, ambas mimoſas de Deos; e ambas grande aſſumpto deſte noſſo venturoſo trabalho.

Dilatou o Ceo o de ſua peregrinaçaõ a Sor Leonor, mais que a Sor Cezilia, porque falecendo eſta de perto de ſeſſenta annos, chegou ſua mãy aos oitenta, taõ bem gaſtados todos, que perguntando-lhe huma peſſoa de reſpeito (já entaõ vivia Sor Leonor neſta Caſa) que vida tinha ſido a ſua? Reſpondeo com ſinceridade diſcreta em ſó tres palavras, o que ſe naõ diria melhor em muitas: *Donzella, tudo foy innocencia*; *caſada, tudo moleſtia*; *e Freira, tudo gloria.* Bem nos podia poupar eſta repoſta o cuidado de mais eſcritura, porque naõ póde haver mais que dizer de ſua vida; mais naõ ſerá o que diſſermos mas que huma expoſiçaõ daquella repoſta.

Ficou ſó noticia do ſobrenome do pay de Sor Leonor (que foy o de Varela) e do groſſo trato de ſua Familia, e Caſa, como dos Lavradores mais ricos no termo de Evora, naõ menos que de ſua vida, por homem timorato, e de ſãa, e limpa conſciencia; mas ſobre tudo com tantos extremos de caritativo, e deſvelado com os deſamparos do proximo, que com a porta, e as maons abertas, a todas as horas era ſegundo Abraham nos empregos da hoſpitalidade, mandando como outro pay de familias a ſeus ſervos, e criados, que trouxeſſem, e encaminhaſſem para ſua caſa, os que encontraſſem pelas eſtradas deſencaminhados, e famintos; e como eſta era para elle a mayor liſonja, naõ havia noite, que a naõ achaſſe na meſa, ſentando-ſe a ella taõ honrado, e contente, como quem tinha ao meſmo Deos por hoſpede.

Cerrouſe huma noite carrancuda, continuoſe tempeſtuoſa, achava-ſe o bom Lavrador em ſua caſa (como ſituada em o meyo de huma campina) ſem companhia, que lhe fizeſſe appetecer, e eſtimar a meſa, coſtumado em todas a ter a neceſſidade, e a pobreza por convidada. Continuava a tormenta, foy perdendo a eſperança. Chama os ſervos, manda os, que com fachas accezas ſayaõ ao campo, e ao caminho, a bradar por quem quizeſſe gaſalhado. Naõ podia deixar de ter hum grande encontro de intereſſe, hum taõ grande lanço de caridade. Eis-que guiados pelo norte dos brados, e da luz, reſpondem, e ſe vem chegando dous Religioſos Capuchos, que perdida a eſtrada, e ſem tino, e alento para a buſcar, com o eſcuro da noite, e rigor da tempeſtade, ſe ſacrificavaõ a ella ſem mais abrigo, que o campo deſcuberto, e hum pouco de burel taõ molhado, que antes ajudava a tormenta, que valia contra ella, antes vinha a ſervir de carga, que de cobertura. Já ſe apreſſaõ alvoroçados, já chegaõ atropelando deſcommodos, já entendem, que os que eſtaõ vendo, naõ ſeraõ menos que Anjos, e nem os deſenganava o idioma humano, com que de parte de ſeu ſenhor lhe offerecem gaſalhado; todas as circunſtancias ſeguravaõ o ſoccorro do Ceo. Levantaõ os peregrinos as mãos, e os olhos a elle, dando em

ſeu

ſeu coraçaõ graças ao Pay das miſericordias ; ſeguem o caminho, entraõ as portas do bom hoſpedeiro, que tomando-os nos braços,e embaraçando-lhes agradecimentos, os ſoccorre ao fogo contra o frio, na meſa contra a neceſſidade, agradecendo a Deos o honrallo aquella noite com taes hoſpedes, e os hoſpedes o acharem naquella caſa a ſua providencia.

Baſtara eſte caſo para ſabermos quem foy o pay de Sor Leonor, ſe a criaçaõ, e boa indole da filha naõ houvera de ſer argumento do que fora ſeu pay. Chamouſe ella Leonor Pires Roſada. Já nos primeiros annos era notavel ſeu retiro; a inclinaçaõ ás couſas ſagradas, como a de viver em Clauſura recoleta, porque coſtumava dizer (pelo que ouvia, e alcançava naquelles poucos annos) que naõ havia de ter outra vida mais, que a de Freira do Calvario de Evora ; aſſim lhe chamavaõ os pays a ſua Capucha do Calvario, eſtimando na filha aquella propenſaõ devota. Foy eſta creſcendo com os annos: e parece, que já merecia ao Ceo cuidados, porque deſtinando-a a outra Clauſura, que ainda naõ exiſtia, lha quiz repreſentar em hum emblema, que Leonor naõ pode entender entaõ, mas aſſim lhe ficou impreſſa na lembrança, que correndo os annos, conheceo nella o que devia ao Ceo, que lha repreſentara.

Foy a viſaõ em ſonhos; repreſentando-ſelhe, que via hum grande monte de trigo muito limpo, cercado de aſſucenas, e que deſejava com vivas ancias chegar a elle, e deſcançar entre ellas. Com eſte deſaſocego acordou, perdendo a viſaõ, mas nunca a lembrança, e o deſejo com que a vira. Deſpois de Freira alcançou, que aquelle era o emblema, em que o Eſpoſo Divino decifrara a fineza do Sacramento, de que fora, e era Sacrario o ventre de ſua Mãy Soberana, e o coraçaõ da Igreja Catholica, dizendo, que elle era paõ cuberto de flores, ou monte de trigo, cercado de candidas aſſucenas ; que decifrado no ſentido Tropologico, he a figura, e timbre deſta Caſa, porque he o Sacramento paõ aſſiſtido de aſſucenas, que ſaõ as filhas della. Acervus tritici vallatus liliis. Cant. 7.

Naõ podiaõ duvidarſe eſtas providencias do Ceo, e anticipados emblemas da vida, que Sor Leonor abraçaria em mayor idade, porque era rara ſua ſimplicidade, e importancia (teſtemunhavaõ no aſſim ſeus Confeſſores) ſendo eſtas as diſpoſiçoens, que buſca o Ceo nos eſpiritos, a quem ha de revelar ſeus ſegredos. Naõ deſconheciaõ ſeus pays que naquella filha naõ tinhaõ mais que o nome de ſua, porque já experimentavaõ em ſeu eſtylo de vida o para que Deos lha dera; mas os groſſos cabedaes de ſua Caſa, o deſejo natural de dilatar nos filhos a ſegunda vida, e o veremna já contando dezaſeis annos, os fez entrar em penſamentos de lhe dar eſtado, que em ſua velhice lhes ſerviſſe de arrimo. Aſſim diſpuzeraõ o deſpoſorio, ſem lhe darem noticia, ou por lhe pouparem o diſſabor, que teria com ella, ou por conhecerem na ſua ſogeiçaõ que naõ lhes daria outra repoſta mais, que a obe-

diencia.

diencia. Succedeo assim ; escutou , e obedeceo Leonor a seus pays, entendendo, que Deos assim o dispunha , mas que naõ permitiria, se lhe frustrasse a esperança , que até alli a entretivera , de differente vida

Inculpavel passou á de casada, merecendo nella a que suspirava de viuva, para se dar toda a Deos , que assim lho concedeo, ficando com trez filhos, e duas filhas , naõ sendo estes embaraços, para lhe sahirem, e a conquistarem bons casamentos. Mas já sua esperança levantava os olhos ao Ceo com liberdade, para suspirar melhor cadea ; recolheo-se com sua mãy , e desenganou os pertendentes com o estylo, que tomou de vida, antes retiro de todos os commodos , e interesses della. Naõ tardou o Ceo em lhe diminuir os embaraços, levando-lhe os trez filhos ; menos tardou Leonor em lhe agradecer a providencia , sacrificando-lhe a liberdade em que a punha , e dando a huma das filhas o mais precioso de sua casa , e fazendas , e pondo-a debaixo do cuidado de huma tia, com Sor Cecilia, (que era a outra filha, herdeira de seu mesmo genio, e espirito) se resolveo a buscar esta nova Recoleta , com as Fundadoras , que sahiaõ de Santa Catharina de Evora, por ser huma dellas, (e a que se escolheo para Prioreza) a Madre Soror Isabel de Jesus, sua tia.

O menos , em que reparou Leonor, foi em haver de ser Freira Conversa , (ella, como como sua filha Cecilia) em casa adonde tinha a tia Freira do Coro, e Prelada, porque doutrinada por Christo, que buscava Esposo, vinha a servir, e naõ a ser servida; para confusaõ das que nos Claustros Sagrados reparaõ tanto nestes pontos, sem advertirem , que na Monarchia da Igreja se só o servir faz benemeritos, só os servos tem melhores officios. Assim aconselhada do Ceo , do que grangearia no que tomava, se partio Leonor Pires Rosada, com sua filha Cecilia de Sousa, acompanhando as Religiosas , que vinhaõ para a nova fundaçaõ.

Mas o demonio, a quem ella desagradava, dispoz na noite, que precedeo á jornada para Lisboa, que junto ao aposento, em que se recolheraõ a mãi, e filha, se achasse hum cabritinho , (ou seria a fórma do mesmo inimigo , de quem foy a industria) que nunca se callou , bradando pela mãy. Despertou o grito importuno, que naõ permittia socego , em Leonor Pires a lembrança, imaginando, como doía, e costava , ainda nos brutos, a separaçaõ entre pays, e filhos, e passou com a imaginaçaõ a buscar a filha, que deixava no Mundo, e naquella terra, de que se apartava para toda a vida: foy-se a natureza levando da lembrança taõ poderosamente, que rompendo em vivas saudades, parece , que já lhe aceitava o conselho , se naõ da suspensaõ do proposito, se quer na dilaçaõ para melhor tempo. Mas naõ valeo a industria do demonio, porque começou a saudade naõ obedecida a ser o primeiro sacrificio, e a dobrar-se o merecimento donde se esperava enfraquecido. Enxugou Leonor as lagrimas com os interesses do bem, que hia comparando com ellas. Passou a Lisboa , entrou com a filha nesta Casa , profes-

ſaraõ ambas nella. Já em ſeu lugar fica eſta noticia.

Vio-ſe Sor Leonor Freira Converſa, e como ſe ſempre vivera ſervindo, naõ tinha mais goſtoſo emprego. Da ſua occupaçaõ paſſava ao Coro, e o que ſe detinha neſte, devia-o á boa diligencia, com que ſe apreſſava naquella. Era grande a delicia, e interior o contentamento, com que ſe dilatava diante do Santiſſimo; com a ſede de o repetir, hia para o Coro huma Quinta Feira Mayor, em companhia da mais Communidade, a aſſiſtir ao Officio Divino, deixando já ſatisfeito tudo o que eſtava a ſeu cargo; quando chegando-ſe a ella a Prelada, a manda, que volte á coſinha, a adereçar hum pouco de peixe, que chegara. Sem levantar olhos, voltou Sor Leonor para donde a chamava a obediencia, por mais que lhe ficavaõ donde a levava a devoçaõ. Mas naõ tardou o premio a eſte ſacrificio. Entra na coſinha, eis-que de repente vê voar ſobre a cabeça huma candida pomba, que fazendo a ſeu modo feſta, e agaſalho com o bater das azas, deſappareceo, ſendo taõ difficil a averiguar por donde ſahira, como o por donde entrara, ſabendo-ſe ſó, que ſuccedera, porque fallando Sor Leonor nos premios da obediencia, contou o ſucceſſo, pondo-o em terceira peſſoa.

Se era eſta a obediencia de Sor Leonor, facil fica de conhecer a ſua humildade, a ſua mortificaçaõ; mas ſobre tudo parece, que voava ſua caridade, mais entranhavel com os pobres. Faz-ſe no Moſteiro comer particular para elles com o da Communidade; aquelle era o primeiro, que adereçava, e punha ao lume, repetindo com goſto: *Deos diante.* Accreſcentava a eſta porçaõ a mayor parte da que lhe cabia na meſa, e levava-a, e o mais que grangeava ſua induſtria, á Rodeira, que era a que o repartia com tanto alvoroço, como quem lhe naõ duvidava o rendimento. Guardava inviolavel ſilencio, que nunca a ouviraõ, naõ ſó em lugares prohibidos, mas nas officinas em que aſſiſtia, ſem ſe lhe ouvir palavra deſneceſſaria. Ainda foy mais; que naõ havendo commodos no Moſteiro novo, mandou a Prelada, que ella, e ſua filha Sor Cecilia ſe recolheſſem em huma cella. Entendeo a Meſtra de Noviças, que diſpenſariaõ na ley do ſilencio a familiaridade, e o ſangue, e examinando-o repetida, e acauteladamente, as achou ſempre occupadas, com tal ſeparaçaõ, e ſilencio, como ſe em tal eſtreiteza podeſſem deſconhecer a natureza, e a viſinhança.

Aſſim trazia ſogeitos, e dominados os ſentidos, de que ſe lhe ſeguio a grande conſtancia de ſua paciencia: ſem haver contrariedade, que a naõ achaſſe igual, e muito mais entrada já naquelles annos, em que he difficultoſo o ſoffrimento, como facil o motivo de arriſcallo. Faltavaõ-lhe já os dentes, e ſuccedendo algumas vezes porem-lhe reçaõ de paõ duro, nem por iſſo pedia outro; molhado aquelle na agua, lhe ſervia de ſuſtento. Apanhava a talvez o Inverno pouco enroupada, aſſim o hia paſſando, ſe a Veſtiaria o naõ reparava, e lhe acodia. Naõ houve palavra, por aſpera, ou impertinencia, por repetida, que lhe

lhe mudaſſe o roſto, ou lhe alteraſſe o ſocego, naſcendo-lhe deſte o eſtar ſempre prompta para a Confiſſaõ, e Communhaõ de duas vezes na ſemana, como he eſtylo da Caſa; e o que mais era, ſem dar aos Confeſſores moleſtia. E perguntando-lhe: *Como era taõ breve naquelle lugar?* Reſpondeo: *Que por chegar a elle ſem duvida. Porque, em ſe me offerecendo alguma* (continuava com ſegurança) *rezo hum Padre noſſo, e logo o Senhor me poem tudo claro.* Aſſim era pura ſua conſciencia, nem ſe podia crer menos do ſocego della; mas nem aſſim baſtava a lhe enxugar as lagrimas com que alli chegava. Seria, que ſe lhe derretia o coraçaõ nas viſinhanças do Sol, que queria recolher nelle.

Na oraçaõ era taõ continua, que naõ havia em ſua vida mais que huma alternativa de orar, ou ſervir. Recolhida á noite na cella, orava duas horas. Dava trez ao deſcanço; levantava-ſe logo, e até que o dia a chamaſſe para a ſua officina, orava. Nas Matinas, a que aſſiſtem as Converſas, ficava no Coro até o meſmo tempo. Nas occupações, em que a punha a obediencia, ſervia, e orava, porque, ſe podia deſoccupar huma maõ do ſerviço, trazia nella o Roſario; ſe occupava ambas, punha junto a ſi hum monte de pedrinhas, e como podia, as hia paſſando como contas. Reparou nas pedras huma Religioſa, e perguntando-lhe para que eraõ, reſpondeo: *Que para apedrejar o demonio, e tello em diſtancia, que naõ chegaſſe a tentalla.* Se era tal o trabalho, que lhe naõ permittia nem as contas, nem as pedras, valiaſe de jaculatorias, humas, que lhe dictava o eſpirito, outras de que tinha feito eſtudo; repetindo muitas vezes: *Miſericordias Domini in æternum cantabo.*

Feitõ ſinal para a oraçaõ, era a primeira que voava para o Coro; e advertindo-lhe alguma Religioſa, (que via o muito, que tinha que trabalhar aquelle dia) porque naõ ficava, reſpondeo: *Que todas as vezes, que a Prelada a mandava ficar da oraçaõ, experimentava o trabalho mais penoſo, e dilatado; e deixando-a ir a ella, ou muy aliviado, ou de todo feito.* Da ſinceridade com que o dizia, e do que as Procuradeiras viaõ por experiencia, ſe entendeo bem, que era mais que humana a diligencia, e companhia, que a aliviava; e confirmava-ſe na ancia, com que perſuadia ás que vinhaõ para o Moſteiro, que nunca deixaſſem a oraçaõ, porque era infallivel a experiencia do que ſe merecia com ella. Naõ ſe ſoube caſo individual, porque os eſpiritos mais capazes de lhe ſuccederem, ſaõ os mais advertidos em os occultarem.

Sendo muitas ſuas particulares devoções (que lhe levavaõ algumas horas entre noite, e dia nas Capellinhas do Clauſtro, e varandas) era no Capitulo mayor a detença, orando pelas defuntas, e em eſpecial pelas que conhecera mais beneméritas daquella lembrança. Foy huma Dona Maria de Tavora, Condeſſa do Baſto, falecida de pouco, e enterrada por eſcolha ſua naquelle Capitulo. Orava por ella huma noite, quando vio que de ſua ſepultura ſe levantava hum vulto reſplandecente, que ſobindo vagaroſo ao alto da caſa, deſappareceo, lançando mais

viva, e copioſa luz. Foy grande ſua alegria, que os primeiros dias naõ ſoube diſſimulalla entre as mais Religioſas, e filhas da Condeſſa, que choravaõ a falta, que lhes fizera a ellas, e á Caſa; e importunando-a com a pergunta, de porque as naõ acompanhava, relatou o que lhe ſuccedera. Seria licença, ou preceito do Ceo, o dar aquella noticia; e grande argumento, para ſe crer a novidade de ſe ouvir.

Mas diſpunha o Ceo a ultima coroa de ſeus trabalhos, por hum taõ raro caminho, que a naõ proſtraraõ os achaques, nem os annos, ſendo eſtes incuraveis achaques, quando já creſcidos. Contava já Sor Leonor os ultimos dos oitenta com que faleceo, quando em huma ſeſta feira da Quareſma, (em que acompanhava a Communidade na Prociſſaõ dos Paſſos) pondo os olhos no Senhor, vio com os olhos corporaes em ſua cabeça vivas as chagas dos eſpinhos, e o ſangue, que banhando o roſto ſagrado, lhe enſanguentava os cabellos. Atraveſſou-lhe huma dor vehemente o coraçaõ compaſſivo, e taõ vehemente, que ſegurando que morria, cahio em huma cama. Alegrava-ſe de ver, que acabava ás mãos daquella dor, mas era ella taõ aguda, que entre as ancias lhe mortificava a alegria. Dahi a poucos dias lhe appareceo em ſonhos o Senhor, e veſtindo-lhe huma tunica precioſa, lhe accreſcentava naõ menos cuſtoſo ornato em huma parte, deixando-lhe a outra ſem elle. Aſſim deſappareceo a viſaõ, deixando-a illuſtrada, para conhecer que entaõ naõ acabaria, porque ainda lhe reſtavaõ mais trabalhos, para aperfeiçoar o ornato dos merecimentos.

Eſte conhecimento lhe dobrou o valor para continuar com mais fervoroſa ancia os ſeus exercicios; mas paſſado algum tempo, faltaraõ-lhe as forças, e deſoccuparaõ-na das officinas, que lhas tinhaõ cançadas. Começou a viver no Coro, de que ſó ſahia a tomar algum ſuſtento, e pouco deſcanço. Como já ſuſpirava, ou via viſinho o termo, contava os dias, e as horas, que ſe lhe dilatava a peregrinazaõ. Conheceo finalmente o fim della, e diſſe ás Religioſas, que morria. Parecia-lhes delirio da idade, porque a viaõ ſem outra moleſtia. Pedio inſtantemente os Sacramentos, e recebidos com veneraçaõ, e goſto, ſem mais achaque, que os annos, ſem mais dor, que huma ardente ancia de acabar, paſſou áquella vida, porque viveo morta, e morreo mortificada em quarenta e ſeis annos de Clauſura, com perto de oitenta de idade, em hum Sabbado, 10 de Março de 1653. Podendo bem chamar-ſe Feniz Dominica, que os annos, e o fogo, a idade, e o amor a reduziraõ á ſepultura para reſuſcitar a melhor vida.

CAPITULO XXXI.

De Sor Iſabel da Viſitaçaõ, Converſa.

QUiz povoar-ſe o Ceo das Religioſas Converſas deſta Caſa, levando della quatro em trez annos, como ſegurando o quanto lhe agradava aquella harmonia, com que as experimentara deſveladas neſta mortal vida, ajuntando as contemplações

ções de Maria aos exercicios de Martha. Foi eſta ultima Soror Iſabel, que em menos annos de Clauſura, que as outras, (pois naõ contou mais que ſeis) voou a emparelhar-ſe com as que em larga vida grangearaõ mais commodos para a ultima jornada della.

Naſceo Sor Iſabel no lugar de Bemfica, Termo de Lisboa, de pays humildes nos olhos do Mundo, nos de Deos mimoſos, como pobres, e ſeus tementes: premiados com aquella filha, que com o inculpavel de ſua vida mereceo, que ſeus Confeſſores (ſeriaõ os Religioſos da Recoleta Bemficana) a trouxeſſem á noticia das Preladas deſta Caſa do Sacramento, com quem a virtude era o mais precioſo dote, e poderoſa valia a vontade, que Iſabel moſtrava de recolher-ſe. Tomou o habito, e com tal reſoluçaõ, que parece deſafiou o inimigo, ſempre envejoſo, e agora menos ſoffredor, do que neſta Caſa hia perdendo.

O primeiro combate com que a quiz amedrentar, foy, cobrindo-lhe todo o Moſteiro de ſombras, vindo a perſuadilla, que eſcolhera por vivenda huma Noroega, porque naõ havia luz em toda aquella Caſa; aſſim lha repreſentava hum eſcuro abyſmo na mais clara hora do dia. Diſpoz-lhe logo huma profunda melancolia, offerecendo-lhe aos olhos, e á imaginaçaõ continuas imagens de triſteza, que tirando-lhe o goſto de tudo, nem comia, nem deſcançava, ſepultada ſempre em hum ſilencio pezado, ſendo alegre, e tratavel de genio. Paſſou a por-lhe horror nos lugares ſagrados, tirando-lhe o animo de chegar aos do Confeſſionario, e Commungatorio; e finalmente reduzio-a a hum tal deſabrimento, que aſſentou em ſeu animo que naõ podia continuar vida taõ rigoroſa.

Entraraõ os conſelhos dos Confeſſores, que conheciaõ bem a cauſa daquelles effeitos, e que ſó ſe haviaõ de deſtruir com a conſtancia nos bons propoſitos. Valeraõ as advertencias, foy-ſe ſuſtentando o ſoffrimento nas eſperanças de victorioſo; mas era incançavel o inimigo. Neſta batalha paſſou Iſabel o anno de approvaçaõ, merecendo com a reſiſtencia, o chegar ás venturas do dia de profeſſa. Mas o demonio, que via deſperdiçadas as aſtucias de hum anno em huma hora, apertou com todos ſeus esforços a bataria; cahe por terra a conſtancia; cede a miſeravel combatida, vai-ſe á Meſtra, e com ella á Prioreza; depoem, que ſaõ fracos ſeus hombros para aquella carga, a que ſe offerecera ſem experiencia; accreſcenta: *Que traz arriſcada a vida em huma Caſa, em que tudo ſaõ tropeços por eſcura.* Que ſe lhe fazia intoleravel hum ſerviço, que feito ás eſcuras, eraõ tantos os paſſos, como as quedas. Que mandaſſem chamar ſeus pays, que a levaſſem, já que a naõ ajudavaõ ſuas forças, ou tinha tantos embaraços para ſe naõ valer dellas.

Suſpendeo-ſe, admirou-ſe a Meſtra; admirou-ſe, ſuſpendeo-ſe a Prelada, naõ tanto da eſcuſa, como do motivo della; naõ tanto de parecer intoleravel o trabalho, mas de que o fizeſſe o eſcuro da Caſa, ſendo o Moſteiro, como todas ſuas officinas, claras, e alegres, como póde teſ-

teſtemunhar quem as vê, e as vio. (de que antes que iſto eſcreveſſemos, fuy eu boa teſtemunha, com grande goſto, e conſolaçaõ minha.) Eraõ prudentes as Preladas, naõ ignoravaõ as aſtucias do conſelheiro das ſombras; reſponderaõ á Noviça com brandura, que ſe deixaſſe eſtar mais huns dias, e mandaraõ ás Religioſas em Communidade, que rogaſſem a Deos por ella.

Chegava o dia de noſſo Patriarca S. Domingos. (he coſtume porſe em hum Altar do Coro huma reliquia da capa do Santo.) Chegaraõ a beijar as Religioſas, chegou a Noviça com ellas, e foi o meſmo chegar os beiços á reliquia, que levantar os olhos com alegre ſemblante, como os que naquelle inſtante ſe lhe banharaõ de luz tanto do Ceo, como da Caſa em que eſtava, conhecendo o engano de a ter por eſcura, pois a via taõ clara, e alegre, como já o eſtava ſua alma, repreſentando-ſelhe ſuave a vida Religioſa, que até alli recuſava, e trocada em jubilos a triſteza, que até alli a perſeguia. Suſpendeoſe, pondo os joelhos no chaõ, e levantando a Deos o coraçaõ, que naõ ſofrendo taõ incomparavel gozo, rompeo pelos olhos em duas correntes de goſtoſas lagrimas. Repararaõ as Religioſas, que Sor Iſabel ſe detinha; viaõ, que chorava, que as lagrimas creſciaõ com exceſſo, e que alli a hiaõ eſquecendo; chegaõ a ella, perguntaõ-lhe a cauſa; naõ pode reſponder, porque os ſoluços lhe prendem a voz na garganta; ſó ſe lhe entende com ella enterrompida: *Que quer ſer Freira.* Alegraõ-ſe todas, divulgaſe o caſo, daõ graças ao Senhor, e ao noſſo Patriarca; mas dilataõ-lhe a Profiſſaõ para exame da perſiſtencia; profeſſa finalmente dia de Todos os Santos, com grande alvoroço do Moſteiro, mayor o de ſeu eſpirito.

Enriqueceo-lho o Senhor com dobrada luz para as importancias de ſua alma, e conhecimento das diſpoſiçoens da vontade Divina; podendo dizer com o Meſtre da paciencia em a noite, que lhe precedeo a eſte dia: *Rurſum poſt tenebras ſpero lucem. Eſpero outra vez luz deſpois das ſombras.* Aſſim ſe via reſtituida á primeira alegria com que entrara neſta Caſa, e taõ illuſtrado ſeu conhecimento nos exercicios della, que já ſervia de exemplo nos dias em que todas neceſſitaõ de enſino. A mais reformada, a mais obediente, a mais pobre, a mais humilde; mas com excellencia a mais ſofrida, deſcobrindo-ſe a cada paſſo os quilates de ſua paciencia, porque levando-lhe ſó Deos o penſamento, e indoſe atráz deſte ſuavemente os ſentidos, ſuccedia deſcuidarſe de couſas, que eſtavaõ a ſeu cargo, e reprehendendo-a, e caſtigando-a aſperamente as Preladas, naõ ſe lhe ouvio nunca palavra, que ou pareceſſe impaciencia, ou foſſe deſculpa. Andava buſcando talvez as couſas, e eſtava com as mãos ſobre ellas; pareceo primeiro iſto tontiſſe, como aquelloutro deſcuido; mas deſenganou a todas hum caſo.

Coſtumaõ as Religioſas nos dias, e deſpois que commungaõ, fazer a venia, proſtrandoſe diante daquellas, que ſuppoem ſuas queixoſas, ou offendi-

didas; he eſte o eſtylo de pedir perdaõ, e de ſe reſtituirem á mutua caridade humas com outras, ſendo obrigada em boa ley, aquella a quem ſe faz a venia, a levantar logo a que eſtá proſtrada. Succedeo, que huma Religioſa buſcando, e achando a Sor Iſabel no Coro, lhe fez a venia por certo eſcrupulo. Naõ ſe moveo ella, advertio-a a proſtrada, pedindo-lhe, que lhe perdoaſſe, e continuando Sor Iſabel immovel, e muda, levanta-ſe a Religioſa, e vê, que eſtá extatica com os olhos abertos, e paſmados, ſem dar a nada tino. Aſſim a deixou, advertindo ás outras, que ſem duvida eraõ aquelles os motivos dos ſeus eſquecimentos, paſſando eſtes de reprehendidos a envejados.

De trazer ſempre em Deos o ſentido, lhe naſcia o naõ fallar mais que com Deos, ou de Deos; documentos, que lhe dera noſſo Patriarca, de quem ſe lê o meſmo. Mas era ainda mais o eſtylo com que fallava, porque criada no campo, em caſa donde a doutrina naõ paſſara da Cartilha, filha de pays humildes, de que naõ aprenderia mais que a ſinceridade Catholica; nenhuma liçaõ de livros, como a que naõ ſabia ler, nem eſcrever; pouco tempo de caſa, para que a continuaçaõ a fizeſſe deſtra; era com tudo tal a clareza, e acerto com que propunha os myſterios de noſſa Fé, as mais miudas circumſtancias dos aproveitamentos eſpirituaes, e por hum eſtylo taõ concertado, e genuino, que bem ſe conhecia o Meſtre, que a doutrinara, e a claſſe em que aprendera.

Incançavel no trabalho da coſinha, ſobreveio-lhe hum eſtilicidio continuado, e taõ forte, que brevemente a fez tiſica, e delle morreo. Alguns mezes lhe durou a enfermidade para exame de ſua paciencia, ou augmento da coroa della. Naõ tinha mais alivio, (ſinceramente o confeſſava) que ouvir fallar em Deos, ou hir ao Coro viſitallo, e aſſiſtirlhe no Sacrario. Detinha-ſe huma noite fóra de horas no meſmo Coro, achava-ſe tambem huma Religioſa na vigia do Sacramento, quando foraõ ouvidos nelle trez grandes golpes; aſſuſtouſe a Religioſa, mas ella ſurrindo-ſe, lhe diſſe com ſegurança: *Madre, naõ tenha medo, que ſó comigo falla aquelle aviſo. Bem ſei, que hei de morrer muito cedo.*

Seguioſe a eſte deſengano huma confiſſaõ geral, que fez logo. Já naõ havia nella acçaõ, que naõ foſſe aparelho para aquelle ultimo, e ignorado caminho. Permittindo-lho o achaque, ſó a achavaõ no Coro. Mas quiz o Ceo, já que ſe lhe revelara (ao que ſe entendeo) ſua morte, que ſe lhe naõ eſcondeſſe a circumſtancia de que ſeria ditoſa; ſuccedeo, que eſtando no Coro, (orava tambem nelle outra Religioſa) ouvio (ao que lhe parecia na Igreja) bem temperados, e ſuaves inſtrumentos, acompanhando finas, e afinadas vozes, de que ſe reſultava (como aſſima era) huma Celeſte harmonia. Levantou-ſe, chegou á outra Religioſa, perguntoulhe com ſingeleza: *Que feſta havia na Igreja, porque eſtava ouvindo huma mui concertada muſica.* Naõ ouvia a outra nada, via, que eſtava fechada a Igreja, entendeo, que a pergunta, ou era loucura,

ou

ou galantaria. Voltou, e mandou-a para o ſeu lugar com enfado, e deſabrimento. Tornou em ſi Sor Iſabel, e entendendo, que ſe aviſinhava muito ſua jornada, ſe recolheo de todo á Enfermaria.

Era dia de Natal, foy ao Coro a Enfermeira, (ficara ſó Sor Iſabel, que já ſe naõ podia levantar da cama) e voltando, e querendo-a conſolar, (porque ſabia a enveja com que via ir a todas a louvar a Deos) lhe reſpondeo: *Seja louvado o Senhor, que neſta cama me tem conſolada com ſua aſſiſtencia.* Entendeoſe, que teria recebido algum mimo ſingular do Ceo. Naõ ſe lhe perguntou nada, porque ſe reſpeitava muito ſua modeſtia. Só a Religioſa, que lhe reſpondera aſpera, quando no Coro lhe perguntou da muſica, vendo a ſegurança com que eſtava contando as horas de ſua vida, e o igual, e deſaſombrado ſemblante com que eſperava o ultimo aſſalto da morte, ſe chegou a ella, e lhe perguntou: *Que muſica fora aquella, que aquelle dia ouvira na Igreja? Naõ ſei mais* (reſpondeo) *que ouvir vozes, e inſtrumentos concertados, e ſuaviſſimos.*

Como o mal a apertava muito, naõ podia rezar os Padres Noſſos, que coſtumaõ todos os dias as Converſas; pedio ás Religioſas, que quizeſſem tomar por ella eſſe trabalho, até os principios de Março, que ſe hia chegando. Aſſim media o tempo, mas parecialhe, que caminhava vagaroſo, e que ſe lhe alongava o prazo, e entrava em deſejos ancioſos de ſe ver com Deos, repetindo com ſegura confiança: *Deos eſtá em mim, e eu eſtou nelle.* Recebeo os Sacramentos com alegria, e compunçaõ de eſpirito; e continuando o Officio da agonia, repararaõ as Religioſas, que ſe ſuſpendia; benziaſe logo, e formava huma figa para certo lugar da cella. Bem ſe via, que alli eſtava o inimigo, de que triunfava. Acabouſe o Officio, e pondo os olhos no Ceo, encaminhou para elle o eſpirito, em huma terça feira, dia na Religiaõ conſagrado a S. Domingos, Eſtrella, que a livrou daquellas primeiras ſombras, e agora a encaminharia para as perennes luzes, em 10 de Março de 1654. Seu corpo ſe achou organizado, e inteiro, ainda que mirrhado, ſeis annos deſpois de ſeu falecimento.

CAPITULO XXXII.

Da Madre Soror Maria de S. Jozé; primeiros paſſos de ſua vida, e progreſſos na de Religioſa.

POdemos dizer, que de hum Moſteiro a outro, de huma a outra obſervancia, (ſem accreſcentar mais que o voto da Clauſura) ſe paſſou a Madre Soror Maria; porque naõ era a caſa de ſeus pays menos reformada, nem elles menos piedoſos, e auſteros em ſua vida, que os Prelados da mayor recoleta. Foraõ elles Antonio Froes de Aguiar, e Dona Iſabel da Camara, naturaes de Lisboa, onde era bem conhecida ſua nobreza, como o eſtylo reformado de ſua Caſa. Tinhaõ quatro filhas; (dos filhos naõ ficou memoria) a todas poz ſua mãy o nome ſoberano, e venturoſo de Maria, porque todas lhe naſceraõ ao Sabba-

bado, dia de que era devotiſſima, como da Senhora delle.

Neſte dia ſe jejuava em toda ſua caſa a paõ, e agua, com que já era ſabido, que ſe naõ accendia fogo nella naquelle dia. Em todos ſe rezava o Roſario, e outras devoçoens, como nas Feſtas da Senhora, tendo ás Veſperas o meſmo jejum. Das filhas faleceraõ duas ainda de pouca idade, a terceira tomou o habito no Moſteiro da Annunciada em Lisboa, e chamouſe Soror Maria da Cruz; a quarta foi Soror Maria de S. Jozé, que entrou neſta Caſa do Sacramento em hum Sabbado, em outro faleceo, e tinha naſcido em outro, como fica dito. Venturoſa Maria! que em trez Sabbados naſceo para o Mundo, naſceo para a Religiaõ, naſceo para o Ceo!

Com o exemplo de tal mãy, com os exercicios eſpirituaes, em que ſe occupava timorata, e em que lhe ſervia de Meſtra, madrugou tanto Sor Maria para as importancias de ſua alma, que de ſeis annos paſſava inteiras as noites, naõ lhe permittindo deſcanço os deſejos de merecer a coroa do martyrio. Effeito era da liçaõ dos livros das Virgens Martyres, em que ſua mãy a adeſtrava; nem faziaõ menos effeito nella as ancias de ſe unir a Deos no laço de eſpoſa, illuſtrando-a o Ceo para mais altas contemplações, que as que ſe permittiaõ á ſua idade. Mas eſſas ſaõ as actividades do calor do Sol Divino, que as mais tenras flores troca em frutos, ſem eſperar as Eſtaçoens do anno, os vagares do tempo.

Tinha Sor Maria ſeu Confeſſor em S. Franciſco da Cidade em Lisboa; era o meſmo de toda a familia. Chegouſe huma noite de Natal, levou-as a devoçaõ a confeſſarſe; e fello com tanta Sor Maria, que o Confeſſor ſe admirou, e compungio. Era eſte o Padre Fr. Franciſco dos Martyres, peſſoa douta, e reformada, prendas, que lhe deraõ a Mitra de Goa, e Primazia da India. Tinha eſte Padre ſingular dom para encaminhar eſpiritos, e cultivar bons propoſitos. Conhecia os daquella tenra planta, que o Ceo já parece, que tinha deſtinado para as perennes amenidades do Paraiſo. Ouvio-a, e com aquella applicaçaõ, de quem tinha tanta noticia do theſouro, que ſe começava a deſcobrir naquella conſciencia. Exhortou-a com a occaſiaõ, que lhe dava a Igreja, no que aquella noite repreſentava. Dizpolla, para que recebeſſe em ſua alma aquelle Menino, que deixara o Ceo por ella. E accreſcentava com efficaz perſuaſiva, que a noite eſtava deſabrida para os deſamparos de huma lapa; que em ſeu coraçaõ lhe déſſe abrigo, donde os ſuſpiros o defendeſſem das inclemencias do tempo.

Enterneceoſe a menina, e começaraõ as lagrimas a ſer mudas linguas, que convidavaõ o Eſpoſo para o ſeu florido leito. Aſſim chegou á Meſa da Communháõ, figurando-ſelhe, que recebia o Senhor na tenra fórma de Menino. Aſſim foi para caſa, ſem contemplar em outra couſa; aſſim ſe começou a deſviar, e eſconder da familia, e das meſmas irmãas, que a convidavaõ com o mimo, e paſſatempo da conſoada. Fingio, que

eſtava indiſpoſta, e que a eſcuſava a moleſtia; e deſcendo a huma caſa terrea, e retirada, em que eſtava arrimada a huma parede huma grande pia de pedra, ſe accommodou, e eſcondeo no concavo della, conſiderando, que naõ ſeria menos deſabrida a lapinha; e entregandoſe a huma viva contemplaçaõ do que aquella noite ſe vira nella, mereceo que o Senhor na fórma de Menino ſe puzeſſe em ſeus braços. Que foſſe viſaõ, ou realidade, naõ ſoube nunca reſolver Sor Maria, perguntada muitas vezes de ſeus Confeſſores; mas aſſim lhe ficou em toda ſua vida viva aquella lembrança, que já mais a repetio ſem lagrimas, e piedoſa ternura de ſua alma.

Eleito em Arcebiſpo ſeu Confeſſor Fr. Franciſco dos Martyres, buſcou ſua mãy outro em S. Domingos de Lisboa. Tinhalho inculcado ſeu grande talento (era o Padre Fr. Franciſco de Tavora) Religioſo de taõ conhecida obſervancia, que faleceo Prior na Recoleta de Bemfica; ſendo em tempos em que baſtava aquelle cargo, para recomendaçaõ muda do que occupava. Já com os annos tinha creſcido, e hia avultando Sor Maria nos exercicios Santos. Muitas horas de recolhimento, e oraçaõ; penitencias exquiſitas, e diſſimuladas; cilicios aſperos, diſciplinas repetidas. Naõ era menos a induſtria com que as fazia, que o rigor com que as dobrava. Inventou huma de cordeis nodoſos, e pozlhe huma grande agulha de fazer rede, voltando-a, e trocando-a com tal arte, que com ambas as pontas feriſſe. A' repetiçaõ, e violencia dos golpes cedeo o ferro; eſtalandolhe, deixou boa parte de huma das pontas entranhadas nas coſtas. Affligia-a a ferida, que promettia mayor damno; mas a ſua mayor ancia, era o haver de deſcobrirſe para remedio. Fiouſe de huma prima ſua de ſua confiança, e de ſemelhante vida; mas naõ aproveitou nenhuma diligencia. Volta-ſe á Senhora do Roſario, ſingular Protectora, e Mãy ſua; propoemlhe a deſconſolaçaõ em que ſe acha; eſpera com viva fé verſe ſoccorrida. Aſſim orava, quando levada de hum leve, e ſuave ſono, ſe lhe repreſenta, que a Senhora a animava, e lhe dizia: *Maria, tem confiança, que ſerás sãa; e ſabe que terás o ſtado de Freira, e eſpoſa de meu Filho.* Acorda alvoroçada, acha aos pés a ponta da agulha, e ſem dor a ferida.

Na abſtinencia rigoroſa, paſſava tempos ſem beber agua, ardendo em ſede viva. Paſſou aſſim huma Quareſma inteira. Tomava azevre na boca, antes de ſentarſe á meſa, para que inficionando-lhe o paladar, tiraſſe o goſto a tudo o que ſe lhe puzeſſe no prato. Mas já começava a dar cuidado ao inimigo das almas eſte eſtylo, com que a innocente donzella cultivava a ſua. Quiz, já que naõ podeſſe divertilla, ao menos aſſuſtalla, porque talvez temeroſo de ſe ver vencido das armas da penitencia, banhadas em ſangue victorioſo, contenta-ſe de amedrentar a quem deſconfia de vencer.

Tinha ella em huma arquinha os livros em que meditava, e o theſouro dos inſtrumentos de ſua penitencia; deteve-ſe huma

ma tarde junto á arca com ella aberta; assim a deixou, indo a buscar luz, (porque já naõ enxergava) quando ao voltar com ella, vê a arca cheia de bichos immundos, estranhos, e medonhos, todos negros, como a idéa do artifice, que alli os formara. Conheceo-o assim Sor Maria, e sem se assustar, fez o final da Cruz, e ao mesmo instante vio que todos sahiaõ de tropel, desapparecendo por huma janella, que havia na casa.

Mas naõ se contentava Sor Maria, de ter a sua por Clausura, naõ lhe faltando nella o mayor concerto, e reforma de vida; suspirava pelos interesses da obediencia, pobreza, e humildade religiosa. Praticava com seu Confessor esta ancia, pedindo-lhe noticia da mais estreita Recoleta. Seguroulhe elle pelas experiencias, e conhecimento, que tinha, (como Religioso da Ordem) a aspereza, e trato desta Casa do Sacramento. Foy accrescentar materia ao fogo. Naõ parou Sor Maria; fallou, importunou seu pay, que a recolhesse naquella Casa. Naõ se resolveo elle a privarse de sua companhia, e desenganou-a. Recorreo ella ao Ceo, poz a supplica nos ouvidos de Deos. Lembrou á Virgem Mãy, sua Divina Bemfeitora, a palavra, que lhe dera. Passou algum tempo, e faleceo seu pay, naõ sendo a primeira vez, que quiz mostrar o Ceo o quanto se desagradava, de que estes estorvassem nos filhos o acerto de semelhantes propositos. Viose Sor Maria com mais liberdade; corta os cabellos, lançalhe huma toalha; e vestida em trage humilde, repete á mãy a instancia, naõ só de que lhe permitta o estado religioso, mas na Recoleta do Sacramento. Concedia a mãy o primeiro como timorata, negava o segundo, porque já naõ tinha mais alivio, que a assistencia da boa filha; e queria vêlla em hum Mosteiro, donde a tratasse com menos prizaõ, e embaraço. Esta foy a reposta, este o ultimo desengano.

Mas Sor Maria, que nos embaraços se lhe dobravaõ os espiritos, recorria á Rainha dos Anjos, acompanhava a supplica com lagrimas, com jejuns, com disciplinas; e buscando seu Confessor resoluta, pediolhe, que ajustasse a entrada no Sacramento; que alcançasse a licença do Prelado. Naõ tinha o dote duvida, que era a Casa abonada. A noticia de quem era, e do que era a Noviça, facilitou o animo das Religiosas, e Prelada; e em breves dias estava tudo sem duvida. Naõ a tinha Sor Maria de como sahiria de casa; esperava ver algum dia a mãy fóra della. Naõ tardou elle; pedio a huma prima sua, (mulher já madura) que a acompanhasse com huma criada, que era importancia de sua consciencia. Era pessoa, de que muitas vezes fiara materias della, por ser de capacidade grande, e boa vida; mas nem assim lhe descobrio donde a levava. Chegaõ ao Sacramento, abrese-lhe a porta, já a esperavaõ nella, lançalhe a Prelada os braços, e o habito; levanta ella as mãos, e olhos ao Ceo de se ver no centro, como as Religiosas de a terem comsigo. Tem Dona Isabel sua mãy noticia do caso; negalhe o dote teimosa, pondolhe a magoa nas mãos a vingança; e deixandose le-

levar de ſua impaciencia, deixa paſſar a filha dous annos de Noviça, até que ou a conſtancia da filha, ou o conhecimento do bem que fizera, lhe abriraõ os olhos, e lhe aconſelharaõ a verdade. Deulhe o dote, e vio-a profeſſar em dia de S. Franciſco, dia, que Sor Maria teve em todos os de ſua vida por alegre; e Santo de que era devotiſſima, e o foy mais dahi em diante.

Porém naõ paſſaremos em ſilencio os dous annos de ſeu noviciado, ainda que delles naõ ficaſſe noticia de tudo. Via-ſe já Sor Maria daquellas ditoſas portas para dentro; e foraõ taes os jubilos de ſua alma, que coſtumava dizer: *Que por ſegurar aquella ventura, viria de joelhos ainda de mayor diſtancia, comprando a com os mayores trabalhos da vida.* Mas logo o Ceo quiz apurar a ſua, vendo-ſe ſogeita a huma Meſtra, que lhe naõ dava licença para penitencias particulares. Porém deu em huma induſtria, que equivaleſſe a todas. Cortava continuamente pelo ſono (tormento, que na hora da morte confeſſou, que fora para ella o mais pezado.) (Grande conſolaçaõ para os Religioſos, que profeſſaõ Coro nocturno, terem que offerecer ao Ceo hum quotidiano martyrio; e grande confuſaõ para os ſoltos da lingua, e conſciencia, que criminaõ, ou motejaõ a religioſa de deſcançada) Tinha Sor Maria oraçaõ na cella, e para ella ſe deſpertava cuidadoſa, de ſorte, que quando a hiaõ chamar a Matinas, já a achavaõ orando, e algumas vezes taõ tranſportada, que com menos diligencia a poderiaõ divertir do ſono, que da ſuſpenſaõ.

Mas ainda era mayor a em que ſe ſepultava depois de chegar á Meſa da Communhaõ. Fez em huma occaſiaõ final a Prelada depois da oraçaõ, que tem toda a Communidade; recolheraõſe a ſuas cellas as Religioſas; fez Sor Maria o meſmo em caſa de Noviças. Tocouſe depois á Miſſa; vio a Meſtra, que eſtando todas nella, ſó faltava Sor Maria; buſcou-a na cella, parecendo-lhe, que adormecera, porque a achou de joelhos, e inclinada ſobre a cama. Chegaſe a ella, levanta-lhe o véo, com que cobria o roſto, e velhe os olhos abertos, e ſuſpenſos; e de todo immovel, e deſacordada. Abalou-a huma vez, e outra; e levantou a voz, dizendo-lhe: *Que acodiſſe ao Coro, que eſtavaõ já na Miſſa.* Acordou, e ainda pouco deſembaraçada da ſuſpenſaõ, rompeo em hum ſuſpiro, que moſtrava ſahirlhe do interior da alma, dizendo-lhe: *Minha Meſtra, ha tanto que vivo! Quanto ha, que viveis?* (lhe perguntou a Meſtra) *Ha muito que vivo*, (reſpondeo ella) e foy para o Coro, donde occupando-a a meſma contemplaçaõ, a nada do que ſe fazia, e ainda tocava ao ſeu cuidado, dava tino. Reparou-o a Meſtra, e advertio-lhe depois, que evitaſſe ſemelhantes ſuſpenſoens, e muito mais donde tantos olhos podiaõ ſer teſtemunhas, porque o demonio era induſtrioſo, e aquellas demonſtraçõeſ tinhaõ riſco.

Eſcutou Sor Maria o conſelho, e obſervou-o como ley; e aſſim começou a recatar ſua vida, que parou entre as Religioſas aquella grande opiniaõ, que tinhaõ concebido della. Grande diſcipula da doutrina

da

da Sabedoria increada, que mandou diſſimular as abſtinencias com exteriores compoſturas, e aconſelhou o furtar aos olhos da terra os commercios do Ceo!

CAPITULO XXXIII.

Continua-ſe a vida da Madre Soror Maria; da-ſe noticia de ſeu ditoſo tranſito.

PRofeſſa, e obrigada já Soror Maria aos Inſtitutos da Religiaõ, na obſervancia delles foy exacta, no que ſe lhe adiantava, exceſſiva; naõ ſendo o menor prodigio, que hum trato taõ rigoroſo, por mais que de todo lhe naõ debilitaſſe as forças, lhe naõ arriſcaſſe ſe quer alguma vez a ſaude, porque naõ padeceo nunca enfermidade, mais que a que precedeo á ſua morte. Sobre os ſete mezes continuos de jejum das Conſtituiçoens, accreſcentava nos mezes livres trez dias na ſemana da meſma abſtinencia. Quintas, Seſtas, e Sabbados. A's Feſtas de noſſa Senhora, e noſſo Padre S. Domingos, precediaõ nove dias de jejum. Na Quareſma as ſeſtas feiras a paõ, e agua. O meſmo toda a Semana da Paixaõ, e Semana Santa; e neſta á Quarta, Seſta, e Sabbado naõ comia nada.

Nas veſperas de Communhaõ comia huma ſó vez ao jantar, e iſſo, ou hervas, ou legumes ſem outra couſa. De ovos, e lacticinios ſe abſtinha em todo o anno, e de todo o prato, que promettia regalo, deixando-o para os pobres entre os ſobejos, que na meſa ſe tiraõ para elles. Muitos dias continuados naõ bebia. Era martyrio, a que havia muito ſe tinha ſentenceado, e como a occupavaõ em officios de trabalho, e continuamente trazia azevre na boca, eraõ ardentiſſimas as ſedes, que padecia. Ajuntou a eſte tormento o de naõ perdoar ao ſono; aſſim andava taõ ſeca, e mirrhada, que ſó o movimento a teſtemunhava viva.

Mas digamos, ou individuemos alguma acçaõ de ſua abſtinencia, e parcimonia. Coſtumaſe na Communidade, ou por feſtas grandes, ou por entradas, ou por profiſſoens de Noviças, accreſcentar o prato ás Religioſas. Aviſaraõ a Prioreza, que Sor Maria naquelles dias naõ comia nada, e tudo repartia com as doentes, e com os pobres. Poz-lhe a Prelada hum preceito, que comeſſe de tudo, e vioſe a boa Madre em hum grande aperto; mas ſahio delle ſeu eſpirito com huma notavel induſtria, para compor o ſeu goſto com a obediencia. Tomou de tudo, o que em ſemelhante occaſiaõ lhe veyo á meſa, hum pouco, e junto em hum prato, e revolvido nelle, fez hum tal miſto, que naõ ſó podia offender o goſto, mas ainda ſó viſto metia aſco. Iſto comeo, ſatisfazendo ao preceito, e achando caminho para ſer mayor a mortificaçaõ, comendo, que jejuando; porque houve occaſiaõ em que confeſſou o que padecera comendo.

Já envejava o demonio as circumſtancias com que ſempre ſahia victorioſa a ſua abſtinencia, e buſcou occaſiaõ de armarlhe huma cilada. Cahio hum anno a Feſta da Natividade da Senhora em huma ſegunda feira, e deliberou Sor Maria, por devo-

voçaõ, e naõ por voto, jejuar todas as daquelle anno. Seguioſe pouco depois o haver huma Profiſſaõ em huma ſegunda feira, e foy dia de Communhaõ, como naquelles he coſtume da Caſa. Havia aquella noite huma colaçaõ máis aventajada, que com maõ larga tinhaõ mandado os pays da profeſſa. Tem iſto o nome de recreaçaõ. Paſſadas Completas, vieraõ para o lugar della as Religioſas, e Sor Maria com ellas. Eſtava debilitada. Jejuara eſtreitamente o dia de antes, como nas veſperas de Communhaõ coſtumava; mas era aquelle dia, como ſegunda feira, o da ſua promeſſa. Naõ ſe eſcondeo ao demonio, que tinha occaſiaõ para o aſſalto, com huma antiga aſtucia, com que já no deſerto lhe dera a fome ouſadia para aconſelhar a gula. E parece, que propunha agora a Sor Maria, (vendo-a reduzida a hum extremo de fraqueza) *que diſpenſaſſe com o jejum, que era devoçaõ, e naõ voto, e o podia ſatisfazer em qualquer ſegunda feira de outro anno. Que eſtando taõ debilitada, antes era remedio, que regalo; e na ley da caridade propria eſtava obrigada a evitar hum desfalecimento, que depois a podia reduzir a faltar ao Inſtituto. Que mais meritorio era fomentar as forças para as ſacrificar á obediencia, que apoucallas por ſatisfazer á devoçaõ.* Aſſim ſe vio atribulada, e combatida Sor Maria; mas aſſim eſteve conſtante, e continuou reſoluta. Acabada a colaçaõ, foraõ as Religioſas (aſſim he eſtylo) ao Coro cantar hum Hymno, e outras Commemoraçoens ao Sacramento; e ao recolherem-ſe, pedio a Madre Sor Maria á Religioſa, que ſe ſeguia pela vigia do Senhor, que a deixaſſe em ſeu lugar; e poſta em oraçaõ, ſentio improviſamente huma tal ſuavidade em ſeu eſpirito, que totalmente eſquecida da fraqueza, de que ſe vira combatida, paſſou orando a noite inteira. Aſſim ficou o demonio envergonhado de o vencer a fraqueza, como Sor Maria novamente victorioſa em triunfar com ella.

Acompanhavaõ a eſtas abſtinencias iguaes vigilias, paſſando muitas noites ſem tomar algum genero de repouſo. Qando pelo Veraõ ſaõ as Matinas de tarde, vigiava no Coro quaſi ſempre toda a noite. Se deſcançava nella, eraõ trez, ou quatro horas, e veſtida ſobre a cama, ou ao pé de hum Altar de noſſa Senhora. Havendo Matinas, naõ ſe deitava depois dellas; paſſava orando, ou na cella, ou no Coro. A tunica de lãa, que trazia junto á carne, mudava poucas vezes. Sobre as coſtas trazia huma Cruz de bicos de ferro, que lhas andava ſangrando. Apertava-ſe rigoroſamente com cilicios de ferro, e nas partes mais ſenſiveis do corpo ſe martyrizava com huns ferros, que chamaõ deſpertadores. As diſciplinas de groſſas cadeas de ferro, que naõ reſiſtiaõ á força do braço, porque antes ſe quebravaõ ellas, que cançaſſe elle. Pela Quareſma ſe ſangrava com ellas cruelmente todas as noites, e naõ ſey ſe podia admirar o haver lugar para tantos golpes, ou o haver ſangue para todos elles. Mas a mayor, e mais penoſa circumſtancia neſte, como em outros martyrios, era para Sor Maria o oc-

occultallos. Lá ſe retirava, e ſe eſcondia em huma caſa de deſpejos, eſcura, e eſcuſa; mas ſe podia eſconder o ſangue, naõ ſabia callar o golpe. Mas digamos tudo (com o que achamos apontado do Meſtre Fr. Antonio da Encarnaçaõ) deſta grande penitente, porque fazendo reflexaõ no que ſabia della, reſolveo, que mais prudencia ſeria occultallo, porque naõ caberia na eſcritura, nem no credito. Mas tocaremos ſó huma couſa ſua individualmente neſte ponto de mortificada, e ficará, ou inferindo, ou facilitando o que ſe diſſimula.

Achava-ſe huma Religioſa velha, e muito achacada, na caſa dos lavatorios de pés, lugar a que ſe retiraõ as Religioſas, quando o pede a neceſſidade; era grande a deſta, por trazer aquella parte cheia de unguentos, feridas, e miſerias. Tinhaſe acabado de lavar, e naõ a ajudavaõ as forças a lançar fóra a agua. Sentio, que paſſavaõ, e pedia a que a aliviaſſem daquelle trabalho. Era Sor Maria a que hia, e com importancia, que naõ admittia detença; paſſou adiante, ſem dar repoſta; mas voltando dahi a algum eſpaço, e naõ achando já a doente, (que como pode, ſahira, e ſe recolhera á Enfermaria, deixando alli a agua immunda, e aſqueroſa) ſe ſuſpendeo hum pouco, e entendendo, que faltara á caridade de algum modo, foy tal a ſua dor, que querendo vingarſe de ſi meſma, poz aquella agua immunda á boca, e levou hum bom golpe della. Lançou a mais fóra, e aſſim ficou ſocegada. Bom exemplo para provar em huma ſó acçaõ dous exceſſos, bem deſempenhados, de mortificada, e caritativa!

Aſſim ao paſſo de ſua mortificaçaõ era ſua caridade taõ intenſa, que como ſe trouxera o coraçaõ em huma viva braza, ou huma acceza lavareda, baſtava ver huma Imagem, ou ouvir fallar em Deos huma palavra, para ſobir logo a elle, como a centro daquelle fogo, ſendolhe preciſa muita vigilancia, para naõ ficar a cada inſtante tranſportada. Aſſim ſe acautelava, ſe havia, de ir para preciſo trabalho de alguma officina, naõ indo por junto ao Coro, porque ſem duvida eſquecida de tudo, ou ficava, ou ao menos ſe detinha. Naſcia-lhe deſta continua ancia de eſtar com Deos, huma continua, e ſanta enveja das que logravaõ eſta delicia ſem embaraço, nos ſeus dias de retiro. Fraõ eſtes (como já diſſémos) os em que ſe apartaõ as Religioſas com licença da Prelada, para os exercicios da contemplaçaõ, e penitencia.

Succedeo paſſar por diante de Sor Maria huma Religioſa com o véo pelo roſto, (final de que eſtava nos ſeus dias de dezerto) e baſtou eſta viſta para ſe lhe atear o coraçaõ em vivos deſejos daquella occupaçaõ Angelica. Suſpirou, encheraõ-ſelhe os olhos de agua, e levantou-os ao Ceo com huma ſaudoſa, e enternecida ancia, mais bem eſcutada, quanto mais muda. Naõ lhe tardou a repoſta, porque começando a ſentir huma ſuavidade grande em ſua alma, ſe ſuſpendeo a ouvir no mais interior della, que lhe dizia: *Naõ te deſconſoles; que mais me agradas aqui.* Eſtava entaõ na Veſtiaria, officina, e occupaçaõ, em que ne-

nenhum tempo baſta para acodir, e enroupar as Religioſas, em eſpecial as enfermas.

Outro caſo lhe deu experiencia, do que o Senhor goſtava de a ver deſvelada por caritativa. Era enfermeira, e porque as doentes naõ padeceſſem alguma falta nas da ſua aſſiſtencia, ſervialhe commummente de cama o pé de hum Altar de noſſa Senhora. Aqui ſe encoſtou huma noite, com advertencia de acodir com preſſa a huma velhinha, que padecia muito entrevada; e mal pegou no ſono, quando ſe lhe repreſentou, que via com mais clareza, que a de quem ſonha, que a Senhora lhe dava o Menino, que tinha nos braços, e que elle eſtendia graciоſamente os ſeus, e ſe chegava a ella, e a abraçava. Suſpendia-ſe neſta delicia grande de ſua alma, quando a acordou (ſe he que dormia) a queixa da enferma. Levantouſe ligeira, acodiolhe com o que pedia, e agaſalhou-a de ſorte, que a deixou dormindo. Volta ao lugar do ſeu deſcanço, com ſaudades do que nelle ſe lhe tinha repreſentado, quando vê acordada, e advertida ao Menino, que deixando os braços da Mãy, eſtava em pé no Altar com os ſeus abertos. Eſtende-os Sor Maria, e beijandolhe os pés, proſtra-ſe por terra, rebentalhe o coraçaõ em doces lagrimas de alegria, e naõ ſe atreve a levantarſe em grande eſpaço, ſepultada no abyſmo do conhecimento proprio.

Iguaes mimos mereceo por muitas vezes eſta Madre, mas nas occaſioens de Communhaõ mais ſigularmente, de que ſe lhe ſeguio com Deos huma tal familiaridade, que lhe parecia, que ſempre andava junto a ella, que a eſcutava, e lhe reſpondia. Tirava hum dia o manto, vindo de commungar, lançando-o na cella com magoa de o naõ haver miſter taõ cedo, para aquella occaſiaõ de ſeu mayor goſto, e dizialhe: *Ahi eſtarás eſtes oito dias.* Ouvio logo clara, e diſtintamente, que lhe diziaõ: *E eu comtigo.*

Orava em ſemelhante occaſiaõ; e entrando-ſe do conhecimento do nada, que era, e o tudo, que recebera em ſua alma, formava juizo, de que o Senhor eſtaria alli violentado. Foylhe reſpondido: *Naõ eſtou ſenaõ por meu goſto.* Levantavaſe ſempre daquella Meſa Sagrada, e entrava na contemplaçaõ de que ſe abraçava com os pés de Chriſto, e lhe beijava ſuas Divinas Chagas. Atearaõ-ſe huma vez mais eſtes deſejos, e eſtalando com a ſequioſa ancia do Apoſtolo, de deixar, ou romper os laços do corpo, e eſtar com Chriſto, pedia ao Senhor: *Que a levaſſe comſigo, que o viver lhe era violento.* E ouvio logo em ſeu coraçaõ, que ſe lhe dizia: *Por hora naõ póde ſer; mas eu ficarey comtigo.*

Contemplava em huma Dominga do Advento, que ſe via aos pés do meſmo Senhor, e dizia-lhe: *Que para o Natal o havia de receber em ſua alma em fórma de Menino, e contentar eſte deſejo, com que todo eſte tempo o eſtaria ſuſpirando.* Mas ſatisfezlho o meſmo Senhor, porque ouvindo, que lhe dizia: *Aqui me tens já feito Menino*; vio na meſma viſaõ, que nos braços, e debaixo do véo o tinha na meſma fórma. Mas aſſim fi-

ca-

cava em ſemelhantes occaſioens tranſportada, e alheya, que tinha eſcrupulos de que naõ aſſiſtia á Miſſa, e Officios Divinos. Mas andava advertida em fazer reflexaõ na publicidade em que eſtava, e no que havia annos lhe aconſelhara ſua Meſtra, ſendo ainda Noviça, que ſemelhantes ſingularidades ſó eſcondidas eſtavaõ ſeguras.

Obſervava-o aſſim a Madre Sor Maria, e com huma diſſimulaçaõ, e cautela taõ previſta, que ſó ſua morte, e ſeus Confeſſores, tiraraõ ſua vida das opinioens de commua, porque nos exteriores em nada a viaõ ſingularizada. Mas chegava-ſe o tempo dos immortaes premios della, e precedeo huma doença taõ cruel, como ſe agora os começara a merecer de novo. Em toda ſua vida, (como já advertimos) naõ padeceo a Madre Sor Maria achaque, ou doença, ſuſpirando ſempre por tudo o que foſſe martyrio. (que eſte deſejo parece, que trouxe do berço, pois de ſeis annos naõ tinha outro mais vivo) Agora lhe queria o Senhor fazer eſſe mimo, como ſe em toda ſua vida lho andara merecendo, ou como quem nas veſperas do premio apurava as induſtrias de lho arrezoar augmentado.

Entrou a Quareſma de 1657, e começou a ſentir hum pejo na garganta, que ſem lhe impedir a reſpiraçaõ, e a voz, lhe embaraçava o engulir; e aſſim foy creſcendo, que em breves dias levava pouco ſuſtento, e á cuſta de grande martyrio; mas coſtumada á ſua abſtinencia, naõ eſtranhava o pouco ſuſtento. Tudo occultava penitente induſtrioſa; mas ſoube-o a Prelada, poz-lhe obediencia, que ſe ſogeitaſſe á Enfermaria, e foy o meſmo, que cahir nas mãos de algozes rigoroſos, que naõ faõ outra couſa remedios ſem effeitos. Recorreraõ os Medicos a hum, que foy abrirlhe fontes; e era eſte o remedio, a que a Madre Sor Maria em toda ſua vida moſtrara inflexivel repugnancia; mas diremos brevemente a cauſa, porque ſe ſacrificou a ellas ſem nenhuma.

Algum tempo antes deſte achaque, affervorando-ſe hum dia na oraçaõ, e abrazando-ſe em deſejos de padecer por Deos os mais deſuſados, e exquiſitos tormentos, ſe lhe repreſentaraõ muitos, e os que mais repugnancia faziaõ á ſua natureza. Entrou aqui o das fontes. Naõ naſcia ſó da dor a repugnancia, mas da honeſtidade, e modeſtia. Sahio a natureza com o primeiro impulſo de rebelde; mas aſſim lho rebateo com hum acto de reſignaçaõ, que naõ ſó ſe offereceo para aquelle tormento, mas pedio a Deos, que a naõ deixaſſe acabar ſem experimentallo. Via agora, que lhe diſpenſava Deos eſſe mimo, e ſogeitava-ſe goſtoſa; porque entendendo, que era aquelle achaque ultimo, já ſe alcançava, que naõ vinha a remediarlhe a queixa, mas a ſatisfazerlhe a ſupplica.

Foy aſſim, que nada aproveitaraõ as fontes, mais que em dar exercicio ao ſofrimento, antes ſe lhe aggravou o mal de ſorte, que já nem commungava, nem levava para baixo mais que couſa liquida; e até eſta (como a agua) lhe entrava no eſtomago com huma taõ vehemente reſiſtencia, que foy tormen-

to, que de nenhum modo ſoube explicar ao ſeu Confeſſor. Aſſim eſtava penando martyr de fome, e ſede. Levantouſe, ainda que com difficuldade, para ir á Kalenda do Natal; mas aſſim ſe recolheo ſem alento, que o naõ teve para ir no dia ao Coro. Chegou a ſegunda Oitava, dia do Euangeliſta; diſſe, que queria ir commungar. Lembravãolhe o como eſtava; porque para ir naõ tinha alento, e para commungar, naõ levava nada para baixo: *Deixem-me ir*, (repetio com ſegurança) *que ſim terey forças para chegar ao Coro, e licença para commungar ſem eſtorvo, porque eu vou tomar o Viatico.* A reſoluçaõ, com que o pedia, e o conhecimento, que já ſe eſpalhava do theſouro de ſua conſciencia, facilitaraõ huma couſa, e outra; foy ao Coro, arrimada a huma muleta, recebeo o Senhor ſem embaraço, (como ſe nunca o tivera) e voltou para a cella, deixando a todas edificadas, e ſuſpenſas.

Como ſe lhe impedio de todo a via do ſuſtento, (que em quinze dias, que durou, naõ levou nada) pareceo ás Religioſas, que lhe ficaſſe de noite aſſiſtindo huma. Reſpondeo: *Que eſcuſaſſem aquelle trabalho; que ainda naõ era chegado o tempo.* A outra, que a conſolava com eſperanças de alivio, diſſe: *Já, Madre, naõ ha lugar para conſolaçaõ, nem alivio; que eſtou poſta em padecer, porque aſſim he vontade de Deos.* Callava aſſim as dores, e trocava os gemidos em ſoliloquios, (que repetia continuamente) beijando os pés de hum Crucifixo, que tinha junto á cama, admirando todas, como tinha eſpirito para lançar huma palavra, eſtando deſtituida dos alimentos da vida. Repetia com devoçaõ, e pauſa o *Miſerere*; e chegando ao verſo: *Tibi ſoli peccavi*, creſciaõ tanto as lagrimas, que ſó dizia o mais com ellas. Já deſembaraçada, repetia o verſo: *In manus tuas Domine commendo ſpiritum meum*, accreſcentando: *Alleluia*; eraõ ſem duvida ſeguras eſperanças das eternas alegrias.

Menos duvidaraõ as Religioſas, que ſeriaõ reflexos delas, a com que todas as manhãas achavaõ a doente com hum taõ deſaſſombrado, e apraſivel ſemblante, que lhes parecia, que algum milagre a tinha já livre do achaque. Seriaõ talvez rayos da viſaõ matutina, que lhe começavaõ a ferir no roſto, enxugando-lhe as lagrimas, com que lho banhara a noite do tormento; que eſſa foy a promeſſa, que David fez, em nome de Deos, aos Juſtos, anoitecer chorando, para amanhecer rindo: *Ad veſperam demorabitur fletus, & ad matutinum lætitia.*

Naõ ſe fez menos reparo em outro prodigio, naõ menos averiguado, porque naõ achavaõ ſó as Religioſas pela manhãa alegre a doente, mas chea a cella de huma deſuſada fragrancia, que deſpertou os reparos, tanto por continuada, como por exquiſita. Inquiriraõ com miudeza, ſe ſe tinha feito algum perfume, ainda em lugar diſtante; ſe ſe accendera, ou entornara alguma caçoula; achouſe que naõ; e continuando, entendiaõ já que naõ ſeria outro o cheiro, mais que a oraçaõ, precioſo fumo, que do abrazado altar do peito da venturoſa mo-

ri-

ribunda ſobia á preſença de Deos em toda a hora.

Acompanhavaõ a eſte ſacrificio implacaveis ancias da fraqueza, e debilidade do eſtomago, que a cada inſtante a cobriaõ com ſuores de morte. Deſenganaraõ-ſe os Medicos de continuar com as ſangrias; foi hum de voto de ventoſas ſarjadas. Reſpondeo ella: *Que era eſcuſada diligencia*; mas entrando em eſcrupulo de que era eſcuſarſe áquelle martyrio, fez que ſe obedeceſſe ao voto do Medico, advertindo, que nada teria effeito Cercavaõ-a as Religioſas, admiradas de ſua paciencia, confundidas de ſua confiança, e perſuadiaõ-a com lagrimas, que fizeſſe rogativas, e votos aos Santos; ſeguravalhe a Prioreza, que tinha alli a Communidade para deſempenhallos; reſpondeo: *Que já naõ era tempo de votos, nem de diligencias por ſua vida, porque a vontade de Deos havia de ſer feita.* E tornando a Prelada: que viſto eſtar taõ debilitada, ſeria conveniente darlhe a Unçaõ, diſſe: *Que naõ era ainda neceſſaria; porque ainda havia de viver mais de hum dia*; e aſſim foy, porque faleceo ao Sabbado, ſuccedendo iſto á quinta feira. Mas vendo, que a Prelada inſtava, diſſe: *Que alli eſtava ſogeita a tudo, ainda que era cedo*; e lançando maõ de huma pequena lamina da Senhora da Piedade, (naquella extrema agonia, em que teve a ſeu filho morto em os braços) que tinha á cabeceira, e tivera ſempre na ſua cella, pondo-a ſobre o coraçaõ, na boca, e nos olhos, com elles cubertos de lagrimas, convidando as Religioſas a que a acompanhaſſem com as ſuas, lhe propunha ſemelhantes affectos:

Bemdita ſeja, Mãy ſoberana de miſericordia, a hora, em que tive uſo de razaõ para vos conhecer, e adorar. Louvem-vos os Anjos, que ſendo vós minha Advogada, já tenho confiança de ir acompanhar a ſua melodia. Seja bemdito o dia em que entrey neſta Caſa, para fazer em voſſo ſerviço a minha eſcravidaõ venturoſa. Conheço, e confeſſo, que ſois Mãy de Deos, ſeu Sacrario, que o trouxeſtes no ventre; ſeu throno, que o tiveſtes, e tendes nos braços; e tambem conheço, que nem o ſeres Mãy de hum Deos, vos eſquivou, para que o naõ foſſes dos homens, porque pode mais em vós a piedade, que o privilegio; ou antes eſtimaſtes o privilegio, por ſer mayor a piedade; e quem eſcolhida para Mãy, ſe reconheceo eſcrava, naõ havia de deſconhecer filhos eſcravos, por ſe ver Mãy do Senhor. Mas deixaime, ſoberana Senhora, ter eſta gloria, que vos adoro ſingularmente por Mãy, e por Senhora minha. O titulo da Piedade me deu a confiança; que ſe he titulo, que vos poz nos braços hum Filho ſem vida, tambem ſerá o que vos conſinta aos pés huma filha quaſi ſem ella. O voſſo amparo experimentey ſempre, vivendo; e nos voſſos dias contey ſempre as minhas mayores venturas; e ſe vivendo, vos experimentey ſempre Protectora, morrendo, naõ deixarei de acharvos Advogada. Agora, que he mayor o meu riſco, ſerá mayor piedade o voſſo amparo; e ſe eſtais com os braços abertos, ſuſtentando em voſſo Filho os deſmayos da morte, aonde recorreráõ os da minha, mais que aos braços da voſſa piedade? Valeyme, ſoberana Senhora; que ſe eu na vida eſcolhi o voſſo nome para valia,

na morte o faço a eſſa Imagem para ſegurança. Quem mereceo o voſſo nome, já começou a merecer a voſſa piedade.

Com ſemelhantes ſupplicas, e ternuras piedoſas, ſe foy engolfando a Madre Sor Maria de ſorte, que foy preciſo advertilla huma Religioſa, para que algum deſmayo a naõ privaſſe do ſentido, embaraçando-a para receber o ultimo Sacramento. Voltou a quem lhe fazia a advertencia, e diſſelhe: *Deixeme Madre, que com o aviſo, que me deraõ, parece que me naõ cabe a alma no corpo de alegria.* Recebeo a Unçaõ com grande ſocego, com os olhos ſuſpenſos, e paſmados, como ſepultada em huma contemplaçaõ profunda. Idos os Padres, chegaraõ as Religioſas a deſpedirſe della, e ella as hia abraçando com tanto ſocego, e agrado, que antes pareciaõ parabens, que deſpedidas.

Pediaõlhe todas, que as encommendaſſe a Deos, e cada huma em particular ao Santo de ſua devoçaõ; e ella reſpondia com ſegurança: *Que aſſim o faria*, como ſe eſtivera já com os pés na porta do Ceo. Aſſim era tal o ſocego das palavras, e a alegria do ſemblante, que diſſe huma Religioſa: *Se iſto ſuccede por eſte eſtylo, quem já temerá a morte?* E chegando-ſe a Prelada a ella, e pedindolhe, que para edificaçaõ de todas, e alivio das ſaudades, que lhes deixava, lhes diſſeſſe alguma couſa, reſpondeo: *Que póde dizer huma taõ grande peccadora, carregada de culpas, e com o tribunal á viſta, para dar o deſcargo dellas? Mas pois me mandaõ, digo (e o mais importante) que ſejaõ obedientes, ſem mais vontade, que a dos Prelados, e Preladas; porque naõ ha mais direito caminho para ſobir ao monte da perfeiçaõ, nem melhor norte para acertar, e ſeguir eſſe caminho. Sejaõ muito devotas de noſſa Senhora, que he boa, e verdadeira Mãy; e pois deſejaõ boa morte, entre as mais devoçoens, rezemlhe todos os dias trez vezes a oraçaõ da Salve Rainha, offerecida ás anguſtias, que padeceo ao pé da Cruz; e lembremſe, que ha de chegar eſta hora, e que duas couſas importaõ muito nella, ter eſta grande Advogada, e tella merecido na vida.*

Voltouſe depois á Enfermeira, porque as Religioſas foraõ para o Coro; e pediolhe, que lhe trouxeſſe para junto á cama tudo o que pertencia á mortalha, enſinandolhe o que havia de fazer com muita miudeza, porque era a Enfermeira nova no officio, e ainda na Caſa. Diſpunha aſſim ſua jornada, como a que tinha (ao que parece) noticia do venturoſo termo della. Grande conſelho a vida da Madre Sor Maria, para enſinar a naõ temer a morte! E grande conſolaçaõ a ſua morte, para eſperar premiada a boa vida!

Pareceo tempo de entrarem os Religioſos para o officio daquella hora, porque a fraqueza era extrema. Acabado elle, diſſe a huma Religioſa, que alternaſſe com ella o *Te Deum laudamus*, e no fim o verſo: *In manus tuas Domine* com *Alleluia.* Trouxeraõlhe o Menino Jeſus, que na profiſſaõ entregaõ ás Religioſas, e dizendolhe: *Que aquelle era o ſeu Eſpoſo*, continuou (alegrandoſe com ſua viſta) *Sim he, e confio, que o ha de ſer por toda a eternidade.* O meſmo repetio, chegandolhe a boca aos pés de

hum

hum devoto Crucifixo; e advertindolhe, que lhe pedisse, que a levasse comsigo para o seu Reyno, disse: *Para lá vou, e comigo o levo na minha alma.*

Passou a noite (era a em que estava de huma Sesta para o Sabbado) em protestaçaõ da Fé, colloquios com Deos, supplicas com os Santos; descançando logo com os olhos fechados, como que contemplava, e abria-os, dizendo com viveza, e alegria: *Alleluia.* Chegou a noite do Sabbado, fez hum termo, e tornaraõ a rezarlhe o Officio; e dizendolhe, que se valesse de nosso Patriarca S. Domingos, de quem era filha, e dos Santos de sua devoçaõ, os começou a invocar, principiando por nossa Senhora, depois S. Domingos, S. Jozé, Santa Catharina de Sena, S. Francisco, Santo Thomaz, Santa Theresa. Levantou nisto repentinamente os olhos (como sobre os pés da cama) para o mais alto da cella, e sem dar acordo de mais nada, gritou com grande ancia huma vez, e outra: *Esperem, esperem.* E perguntandolhe, *por quem haviaõ de esperar*, respondeo apressadamente: *Nossa Senhora*; e continuou: *Esperem, esperem*; e com tanta violencia, que affirmou quem estava junto da cama, que chegou a levantar meyo corpo della.

Cahio logo sem alento, como que lhe desapparecera a visaõ, cercando-a de repente as sombras da morte; e tornando a perguntarlhe: *Por quem haviaõ de esperar, que tanto gritara?* Respondeo (abaixando os olhos, como alcançada do que tinha dito): *A misericordia do Senhor.* Pedio logo a Imagem de Christo crucificado, apertando-a com os braços sobre o rosto, repetio o Verso: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*; e fez em sua alma, o que se lhe escutava na boca, em hum Sabbado 12 de Janeiro de 1658.

CAPITULO XXXIV.

Da Madre Soror Clara do Santissimo Sacramento.

REsolveo altamente o Sabio, quando ensinou que era reciproco o interesse da boa fama entre os pays, e os filhos, que os filhos serviaõ aos pays de coroa, os pays aos filhos de gloria. Os filhos aos pays, porque estes geraraõ filhos, que foraõ justificados; os pays aos filhos, porque estes foraõ gerados de pays, que foraõ virtuosos: *Coronam senum filii filiorum, & gloria filiorum patres eorum.* Agora temos entre maõs o proverbio nas vidas da Madre Soror Clara, e de sua mãy Joanna de Salinas, porque as virtudes da filha nos obrigaõ a fallar nas da mãy, as da mãy nos advertem, que foraõ os mudos documentos da filha, ficando huma sendo reciprocamente gloria de outra. A filha coroa da mãy, por esta ser mãy de huma filha, benemerita de avultar entre as grandes desta Casa; a mãy coroa da filha, por ser esta filha de huma mãy, benemerita da opiniaõ de justa. Porém como Joanna de Salinas foy Freira da Terceira Ordem Carmelitana Descalça, naõ roubaremos no assumpto a gloria ao Chronista daquella grande Familia, tocando só da mãy o que basta para conhecimento do que nella imitou a filha. Proverb. c.17. v.6.

To-

Tomou eſtado de caſada Joanna de Salinas com Pedro Nidrofe, e deulhe Deos a bençaõ de muitos filhos, que foraõ treze. Seis ſem chegarem ao uſo de razaõ, lhe levou o Ceo, como ſe fizera partilhas, deixandolhe os ſete, como por empreſtimo, porque todos eſtes começaraõ logo a pizar o caminho, que os outros paſſaraõ voando. Dous filhos tomaraõ o habito Carmelitano dos Deſcalços. Duas filhas o de S. Franciſco da Primeira Obſervancia, no Moſteiro de noſſa Senhora da Quietaçaõ, vulgarmente chamado das Flamengas em Alcantara, lugar entre Bellem, e Lisboa. Outras duas o de S. Domingos na nova Recoleta deſta Caſa do Sacramento, de que huma foy a Madre Sor Magdalena do Eſpirito Santo, de que já fallamos, a outra a Madre Soror Clara do Sacramento, de que agora fallaremos. Outro filho, finalmente, ſeguio as armas, experimentando nos caſos dellas a mayor inconſtancia da fortuna, e riſco da vida, eſpecialmente em hum cerco de Tarragona, de que ſe retirou a hum Hoſpital, em que o fez eſcravo a caridade, começando a premiallo com huma placida, e venturoſa morte.

Eſtes foraõ os caminhos, por onde os filhos de Joanna de Salinas, irmãos de Soror Clara, ſe foraõ chegando ao centro, a que os chamava ſeu eſpirito, de que parece lhe quiz o Ceo dar anticipada noticia, porque falecidos os primeiros ſeis, eſtando hum dia com o cuidado de que vida teriaõ os ſete, com que ſe achava, pegou no *Flos Sanctorum*, liçaõ ſua quotidiana, e mais goſtoſa, quanto mais ſe cultiva, quando a poucas folhas encontrou com a vida de huma Santa, que tivera ſete filhos, todos merecedores do meſmo titulo da mãy. Seguioſe a eſte bom annuncio a confirmaçaõ do que tivera de myſterio, mais que de acaſo; porque querendo a outro dia repetir a meſma liçaõ, buſcou a vida da Santa, e naõ foy poſſivel deſcobrilla, corrido o livro folha por folha da ſua, como de outra diligencia.

Pagava Joanna de Salinas ao Ceo eſtes piedoſos deſvelos com os de ſeus devotos, e quotidianos exercicios, ſendo em todos elles aquella varonil mulher, que encarecia o Sabio, verdadeira mãy de familias na educaçaõ dos filhos, e no cuidado dos ſervos. Mas queria-a o Ceo toda para ſi; ſoltou-a, por morte do marido, das prizoens do matrimonio, ficando em ſua liberdade, para poder ſacrificalla á Terceira Regra Carmelitana Deſcalça, taõ obſervante em todas as obrigaçoens della, que em breve tempo ſervio de exemplar da obſervancia, como de edificaçaõ a quem a conhecia, e tratava. Penitente, e humilde, mereceo ſinalados mimos da maõ de Deos, ſendo hum delles a luz, e conhecimento de couſas futuras. Outros mayores logrou de ſua Divina liberalidade, eſpecialmente naquella ſagrada Meſa, em que ſempre ſuſpirava iguaria do Ceo para ſuſtento de huma vida, que já naõ era da terra. Aſſim por ordem de ſeus Confeſſores commungava trez vezes na ſemana.

Padeceo muito, aſſim nas ſem razoens da fortuna, como nas perſeguiçoens do inimigo, e ſem-

ſempre conſtante, entre humas, e outras, veyo a falecer coroada com os triunfos de ambas, recebidos os Sacramentos com demonſtraçoens piedoſas, ſem ſe lhe ouvir mais que eſte gemido, (repetido com grande ternura de ſua alma) *Ay amor*! como ſe lhe tirara a vida aquella ſetta abrazada, que paſſou o coraçaõ a ſua Meſtra a grande Thereſa. Faleceo em 12 de Setembro de 1650. em huma ſegunda feira, ás trez horas depois da meya noite, e na quinta ſeguinte á meſma hora foy deſcuberta a gloria de ſua alma a huma Serva de Deos, amiga ſua, que orava por ella, que a tratara em vida, lhe aſſiſtira na doença, e a acompanhara á ſepultura. Deraõlha ſeus irmãos, os Religioſos Deſcalços, na ſua Caſa da Senhora dos Remedios. Naõ pareça eſta digreſſaõ eſcuſada, porque ſobre pagarmos a eſta virtuoſa mãy com huma memoria o darnos duas filhas taõ merecedoras della, he razaõ, que ſe ſaiba, que toda eſta familia foy ſanta, pois temos taõ grande parte nella.

Aſſim foy Joanna de Salinas a Meſtra igualmente, que mãy de Sor Clara. Aquella vida foy o eſpelho, a que Sor Clara compoz a ſua; de ſorte, que ſe verificaraõ em Sor Clara as maximas da graça pelo eſtylo proporcionado das da natureza, que enſinaõ, que ſaõ as filhas mais proprias imagens das mãys. Agora prevaleceo o eſpirito ao corpo, ſahindo Sor Clara huma viva copia de ſua mãy, mais viva nas harmonias da virtude, que do ſangue. Já nos primeiros annos lhe parecia pouco todo o tempo para exercicios piedoſos, levando mais a caridade com as Almas do Purgatorio, affliçaõ, e tormento, que nunca lhe ſahia do ſentido.

Mas começaraõ a aſſuſtarlhe o ſocego daquella vida os pertendentes de ſua fermoſura, taõ rara, que ainda á viſta dos que attendiaõ a todos os commodos do matrimonio, ſahia com valor de dote pertendido. Naõ era ſua mãy de voto daquelle genero de vida, mas vinha nelle forçada, porque os achaques, que Sor Clara padecia, naõ lhe permittiriaõ o eſtado da Clauſura, menos as da obſervancia, que eraõ as a que mais ſe inclinava, e com tenacidade taõ conſiderada, que ſe defendia com boas razoens de alguma, que a deſperſuadia, como dizendo: *Que a Deos ſe devia ſacrificar o melhor*: *e que, já que naõ tinha forças, offereceria a Deos aquella, que a eſtimaçaõ humana tinha por precioſidade da natureza, e chamavaõ fermoſura. Que os achaques teriaõ reſpeito áquelle ditoſo eſtado, porque Deos naõ podia deixar de os moderar em quem ſó deſejava ſaude para o ſervir*: *e que quando naõ foſſe ſervido de lhe dar remedio, teria que lhe offerecer nelles mais eſſe ſacrificio*; *e finalmente, que melhor ſe havia de achar Freira achacada, que em qualquer eſtado ſádia.*

Apoyava eſtas razoens com naõ dar ouvidos a nenhum partido, ainda que naõ tinha determinado eſcolha de Moſteiro. Convidavaõ-a as irmãas, que tinha no das Flamengas; duas vezes foy em companhia de ſua irmãa Sor Maria Magdalena viſitallas com tençaõ do ajuſte; de ambas houve deſvios para elle, como deſpois cauſa mayor, que

as

as deliberou a buſcarem a Recoleta deſta Caſa. Seria conſelho do Ceo; aſſim o parece, porque foy o ſeguinte.

Eſtava Clara Nidroſe em caſa de huma tia ſua; coſtumava ſobir a huma varanda alta, que deſcobria todo o bairro de Alcantara, e os dous Moſteiros, o das Flamengas, e o do Sacramento, ainda que muy diſtantes hum do outro. Detinha-ſe neſta viſta huma noite de luar das mais claras, e ſerenas, quando lançando os olhos para a parte do Sacramento, vê ſobre o Moſteiro huma grande Cruz, que ſe formava de huma ſombra. Reparou, ſuſpendeoſe, e ao meſmo inſtante ſentio hum interior abalo, a que ſe ſeguio huma inſpiraçaõ efficaciſſima, em que conheceo eſtava a cruz da ſua vida naquella Caſa. Communicou o ſucceſſo com ſua irmãa, e deraõ ambas preſſa a recolherſe nella com tanto alvoroço, como ſe poderaõ deſconhecer que a Cruz, que as chamava, era hum claro emblema da vida mais penoſa. Foy a ſua entrada neſte Moſteiro em 30 de Outubro de 1632. e ſuccedeo a Sor Clara o que ſe vaticinara de que Deos lhe daria ſaude para ſer Freira; porque em todo o anno do noviciado (ſendo o de mayor trabalho) naõ teve queixa, que a obrigaſſe a ficar hum dia do Coro, ſendo deſpois tantos ſeus achaques, que bem ſe póde chamar martyr delles.

Naõ tardou o martyrio, porque a pouco tempo de profeſſa cahio de huma febre aguda; logo começou a ir a cura errada, e começaraõ as meſinhas a ſer tormento, e naõ ſer remedio. Chegou a mais; porque receitando o Medico hum minorativo, em que havia de vir hum particular ingrediente, foſſe erro da penna, que, por mais huma letra, poz outro, que era pouco menos, que peçonha; ſeguioſe á inadvertencia do Medico a do Boticario: tomou Sor Clara a bebida, e foraõ taes os effeitos, que, inquirindo o Medico a receita, e viſto o engano della, teve a prodigio o achalla com vida; mas inchando-lhe huma face, e apertando-ſe-lhe a garganta, foy tal o faſtio, taes as dores, que ſem ter hum inſtante de ſocego, nem levar ſuſtento de conſideraçaõ para baixo, ſe reſolveo em breves dias ſua fermoſura á verdade do que era, trocando ſuas flores em o ſeco fruto de huma caveira; que ſe naõ colhe outro das flores da fermoſura.

Mas era tal ſeu ſofrimento, ſua paciencia no meyo de dores, que ameaçavaõ a vida, que ſem ſe lhe ouvir hum ay, ou huma queixa, vieraõ as Religioſas a chamarlhe *a noſſa Cordeirinha*, lembradas do innocente Cordeiro, que caminhou ao lugar do ſacrificio, taõ atormentado, como emmudecido. Naõ podia Sor Clara levantarſe da cama, porque naõ havia parte em ſeu corpo, que naõ ſentiſſe eſpecial tormento. Aſſim chamava ao leito o ſeu Purgatorio; lembravaſe ella mais neſte dos eſpiritos, que padeciaõ no fogo daquelle. Aſſim rezava por elles trez vezes na noite; e em ſe achando com algum alento, que ſe podeſſe veſtir, ainda que com trabalho, levantava-ſe, e poſta de joelhos, encoſtada na cama, ſe detinha em oraçaõ.

Eſta era ſua vida, padecer, e orar,

e orar, porque nada lhe lembrava da que deixara; tal foy a reſoluçaõ, e deſpego com que a deixou, e ſe ſepultou neſta Caſa. Morreraõ os parentes para ella, e nem de ſua mãy ſabia, ſe quer por letra, de ſorte, que eſcrevendo muito bem quando entrara, deſpois eſcaſſamente punha a ſua firma, como (ſendo preciſo) ſe vio por experiencia.

Hum dos pactos, que fez com ſeu Eſpoſo, quando recebeo como da ſua maõ aquelles achaques, foy naõ haver de lhe pedir remedio, nem alivio nelles, menos vida, ſenaõ para ſofrer, ou ſe foſſe ſua vontade, o alento, que baſtaſſe para o ir buſcar, e receber; aſſim pedia, que a levaſſem em hum carrinho, que havia no Moſteiro, ao Confeſſionario, dalli ao Coro, e Commungatorio, que era o unico alivio, que lhe fazia eſquecer o que eſtava padecendo. Naõ deixou o Senhor de communicar muitos a ſua alma, em quanto o ſervio com eſte genero de vida; mas porque o noſſo emprego he hiſtoria, e naõ revelaçoens, ſó apontarey duas, entre as muitas, de que fizeraõ memoria ſeus Confeſſores.

Suſpendia ſe Sor Clara hum dia orando deſpois de commungar; e repreſentandoſelhe vivamente, que tinha na boca huma memoriá de metal deſconhecido, (mas precioſo) ſe lhe propuzeraõ logo os deſpoſorios, que o Senhor celebrava com as almas juſtas, entendendo, que aquella memoria era huma ſegurança dos que tinha feito com a ſua. Eſtava gravemente enferma huma Freira Converſa, mui entrada em annos, e de grande opiniaõ, e virtude; e orando Sor Clara por ella, ſe lhe repreſentou, que via no mar huma barca deſtroncada, e velha, que cercada de repetidas, e furioſas ondas, ſe via perigar entre ellas; e no meſmo tempo diviſava no Ceo huma grande eſtrella, que deſappareceo, deſpedindo copioſas, e ſcintillantes luzes. Entendeo logo, que a Converſa decumbente havia de falecer daquella doença, e que ſua alma havia de paſſar na meſma hora a ſer eſtrella do Firmamento da Bemaventurança.

Mas para paſſarmos à noticia da mudança de vida de Sor Clara, ha de preceder a de duas viſoens, que tiveraõ ella, e ſua mãy, (quaſi ao meſmo tempo) por darem mais luz, e clareza ao que vamos hiſtoriando. Tinha Joanna de Salinas noticia do que Sor Clara, ſua filha, padecia; e como mulher, que abſtrahida da terra, naõ eſcutava já as vozes do ſangue, ou as queixas da natureza, naõ pedia a Deos mais, que o que diſpuzeſſe ſua vontade; e tolerancia, para que a enferma ſe abraçaſſe com ella. Neſta ſupplica eſtava huma noite, quando ſe lhe repreſentava ſua filha Sor Clara veſtida de bordadura cuſtoſa, mas ainda imperfeita; e entendeo logo a ſerva de Deos, illuſtrada pelo Senhor, que ainda reſtavaõ tormentos para coroar a paciencia da filha: aſſim lhe pedio, que a confortaſſe com o dom da tolerancia, e aperfeiçoaſſe o inextimavel feitio daquella gala

No meſmo tempo quiz o Senhor (ſeria pelas ſupplicas da mãy, bem eſcutadas, por ſerem por tal filha) enſinar a Sor

Clara o como ſe devia de haver ſua conſtancia nos tormentos, que lhe permitia, naõ ſe valendo de arrimo, ou ſoccorro da terra, mas recorrendo ſó ao que foſſe diſpoſiçaõ Divina; e repreſentou-ſelhe em viſaõ, que ſe achava em hum campo deſembaraçado, e que nelle ſe levantava direita huma eſcada, que eſcondia no alto o cume, cançando a viſta, e junto á eſcada hum Loureiro; e que indo a ſobir por ella, ſe valia dos troncos delle, por ſegurar a ſobida, e temer a queda; mas naõ lhe valendo a induſtria, vinha com ella o Loureiro a terra. Conheceo logo, que era documento do Ceo, para que em ſeus trabalhos naõ recorreſſe a alivios humanos: e aſſim o fez; porque ainda por mais perſeguida de dores, de moleſtias, nem chamava Enfermeiras, nem procurava medicinas, nem em ſuas affliçoens recorria ao conſelho, e companhia das Religioſas, mas, ſepultada em ſua paciencia, era victima do ſilencio, e da tolerancia.

Doze annos havia, que Sor Clara continuava o ſeu martyrio, quando faleceo ſua mãy Joanna de Salinas; e parece, que alcançou de mais perto a piedade do Senhor no alivio da filha, porque dalli em diante convaleceo eſta de alguma ſorte. Continuava o Coro de dia; tinha os ſeus de retiro; ſó a Matinas faltava, porque lhe poz a Prelada huma obediencia, mandando-lhe com a meſma, que ſe trataſſe como taõ achacada, naõ uſaſſe de lã, nem comeſſe peixe, e fizeſſe aſſiſtencia na Enfermaria; cuidado, e continua advertencia das Preladas deſta Caſa, onde ſó a obediencia retira as Religioſas dos exceſſos da penitencia, por mais que os achaques lhes deſenganem as forças, e a conſtancia. Aſſi obedeceo Sor Clara, ſeguindo novo modo de vida nos particulares, em que podia diſpor della.

Trez vezes ſe levantava de noite a rezar pelas almas. Pelas trez horas de madrugada entrava para o Coro; (rezando o *Miſerere* pelo caminho, como diſpoſiçaõ para entrar nelle) proſtravaſe em venia, repetia a confiſſaõ, invocava a Senhora, logo os Santos, de que era devota, e os Eſpiritos Angelicos, para que ſuppriſſem ſuas faltas, e accendeſſem ſua frieza pera louvar a Deos como devia, e eſtar decentemente em ſua preſença. Rezava logo ſuas particulares eſtaçoens, eſpecialmente às Chagas de Chriſto, ao Eſpirito Santo, a Noſſa Senhora. A eſtas vocaes ſe ſeguia a oraçaõ mental até Prima; gaſtava depois no Coro quaſi a manhã inteira. No dia rezava trez vezes o Roſario, hum com os braços em Cruz, valendo-ſe de ſuſtentar as mãos em prégos, porque a ſua debilidade naõ podia ſuſtentallos.

Mas naõ ſocegava ſeu eſpirito com eſte modo de vida, porque a que ſempre deſejara, fora a mais auſtera; nem a grande innocencia, que havia em ſua alma, a deſperſuadia de viver com mais aſpereza. Eiſ-que levada hum dia deſta ancia, vay-ſe ao Confeſſionario, em que ſoube eſtava o Prelado, dizlhe, que o que lhe vem pedir, he, que lhe ponha huma obediencia, para que deixe a caſa da Enfer-

ma-

maria, e vá para o Dormitorio viver na ſua cella; que traga tunica, e uſe de mantas de lã; que continue Matinas á meya noite; e que finalmente ſe naõ trate como achacada, que ſe lho mandar a obediencia, o ha de obſervar ſem duvida. O Vigario, que ſabia a ſua debilidade, e o como paſſava mal convalecente, admirava-ſe, e ſuſpendiaſe; lembrava-lhe logo o impoſſivel, que pedia; inſtava ella pela obediencia, até que elle (que naõ tinha pouca noticia de ſeu eſpirito) entendendo de quem podia ſer o conſelho, lhe poz a obediencia, e ella dalli em diante a obſervou ſem falta.

Aſſim começou Sor Clara a ſua refórma dous annos antes de ſua morte, tendo revelaçaõ muito antes de que ſeria apreſſada. Deſcobrio-a a ſua irmã a Madre Sor Maria Magdalena, mas nem o tempo, nem o modo em que ſeria; porque, querendo darlhe eſta noticia, e tendo já dito, que eſtando huma noite na cella, lhe entrara dentro huma nuvem, lhe veyo eſcrupulo do que tinha dito, e ſuſpendendoſe hum pouco, lhe diſſe: *Eſtay certa, que a minha morte ha de ſer apreſſada: aſſim vos peſſo que tenhais cuidado de mim.*

Outra noticia teve; e eſta, ainda que mais commua, mais proxima, para ſe diſpor, e aparelhar, ainda que o ſeu cuidado naõ era outro, nem podia haver aviſo, que naõ encontraſſe com o ſeu cuidado. He reparo antigo neſta Caſa, que o fez fazer a continuaçaõ, e crello a experiencia, que havendo de falecer alguma Religioſa, ſe vem, ou ouvem ſinaes, ſendo mais vulgares repentinos, e repetidos golpes. Eſtes ouvio a Madre Sor Clara; foraõ trez, e dados na porta da ſua cella com tanta violencia, que nem ſe fiaria da fraca maõ de huma Freira, nem ſemelhante eſtrondo ſe permittia no Dormitorio. Abre aſſuſtada a porta, naõ vê ninguem; buſca ſua irmã a Madre Sor Maria Magdalena, referelhe o ſucceſſo, accreſcentando que lhe vinha á imaginaçaõ, que ſeriaõ aquelles golpes pela Madre Sor Maria do Sacramento, (Marqueza que foy de Aguiar) que eſtava enferma, e perigoſa. E dizendo-lhe a irmãa: *Olhai, minha irmãa, naõ vades vós primeiro.* Reſpondeo ſem ſuſto: *Faça-ſe a vontade de Deos.* Succedeo aſſim, porque primeiro faleceo a Madre Sor Clara, que a Marqueza; mas verificandoſe que foraõ os trez golpes trez aviſos, porque quaſi em hum mez faleceraõ trez Religioſas.

Mas chegava-ſe o tempo da Madre Sor Clara, naõ fazendo outra couſa na dilaçaõ delle, mais que diſporſe para quando Deos a chamaſſe; e hum dia acabando de commungar, lhe deu ſubito huma febre taõ vehemente, que lhe tirou a falla, e cerrou os olhos; mas dando em alguns ſinaes moſtras de grandes ancias. Aſſim paſſou trez dias, eſperando todas, que tornaſſe para ſe lhe dar o Viatico, e a Unçaõ; reſolveraõ, que ſe lhe déſſe eſta, por naõ haver lugar para aquelle; mas antes para ver ſe tornava, lhe mandaraõ os Medicos dar huma ſangria. Fogio com o pé, acodio a Prelada, mandandolhe que o déſſe, e ſe

ſogeitaſſe ; e como ſe a obediencia , que a fez viver morta, a fizeſſe morrer, reſpondeo ſó a ella , e deu logo o pé ſem repugnancia.

Foy logo abſolta Sacramentalmente, dando materia; deſpois ungida; e rezado o Officio, repararaõ , que ſocegava, e eſtando aſſim hum pouco , abrio os olhos, como ſe deſcobrira duas eſtrellas, ou ſe ſe lhe reſtituira a belleza, de que o Ceo a dotara; e ſurrindoſe, eſpirou. Aſſim havia de ſucceder a quem das portas da morte ſahia a pizar o caminho da eterna felicidade. Morre rindo quem viveo gemendo; ſem duvida, que a Eſtrella matutina da Bemaventurança madrugava já , ferindo-lhe nos olhos, e abriolhos agora para as luzes, porque até aqui ſe naõ tinhaõ fechado para as lagrimas. Eſte foy o riſo, que os juſtos compraõ á cuſta dellas : *Beati , qui nunc fletis, quia ridebitis.* Ficaraõ as Religioſas emmudecidas , e affirmaraõ logo humas ás outras, que quando a Madre Sor Clara abrira os olhos , lançara delles dous reſplandores taõ vivos, como ſe de repente ſe accenderaõ duas tochas , ou correraõ duas exhalaçoens luzidas. Faleceo em os primeiros de Setembro de 1659.

CAPITULO XXXV.

Da Madre Soror Maria do Sacramento , no ſeculo Marqueza de Aguiar ; e da Irmãa Converſa Sor Margarida do Eſpirito Santo.

MUitas vezes nos tem occorrido (eſpecialmente nas memorias deſta Caſa, com grande gloria ſua) o como a virtude ſe fez ſempre bemquiſta com a nobreza, (diga-ſe ſem offenſa das mais naçoens) eſpecialmente no heroico ſangue Portuguez, hoſpedando-ſe nos Palacios, nas Caſas dos Principes, e dos grandes, deixando-ſe ficar tanto de aſſento nellas, que deſde os principios do Reyno as fez claſſes do eſpirito, e venturoſos Seminarios, de que tem ſahido tantos a occupar os Altares, mais venerado throno , que os que lhes grangeou o naſcimento. He claro argumento huma Rainha Santa, amortalhada no precioſo burel Franciſcano ; huma Santa Princeza no Dominico; hum D. Affonſo Henriques, Rey reconhecido por Santo; hum D. Fernando , Infante Santo por anthonomaſia. Com eſtes, e ſemelhantes exemplares, parece, que conſultavaõ os acertos de ſua vida os eſpiritos mais illuſtres; aſſim ſe continuou ſempre até o ſeculo em que iſto eſcrevemos, e naõ temos poucas provas do que eſtá eſcrito deſta Caſa, que a Condeſſa de Vimioſo trabalhou para tantas como coroa , ſendo agora a Marqueza de Aguiar hum grande eſmalte della.

Naſceo eſta Senhora , filha de Dom Chriſtovaõ de Moura, Marquez de Caſtel-Rodrigo, e de Dona Margarida Coutinha Corte-Real, (titulos, e appellidos , de que eſtaõ cheyos os Nobiliarios deſte Reyno) no ſeculo ſe chamou Dona Maria de Mendonça ; naſceo com ella a inclinaçaõ ás couſas ſagradas, piedade com os pobres, eſpecialmente encarcerados; e rigor, e auſteridade grande comſigo em exercicios penitentes, a que ſe deu

deu de doze annos em diante. Cingiaſe de hum aſpero cilicio, jejuava certos dias na ſemana, em que tomava rigoroſas diſciplinas de ſangue; a oraçaõ, e liçaõ de livros devotos eraõ ſeu exercicio quotidiano; branda, e affavel no trato, modeſta, e conſiderada no adorno; humilde, e ſogeita no genio; era huma muda refórma de toda ſua Caſa. Contava já dezoito annos, quando lhe faltou ſua mãy, golpe, que a achou com a conſtancia de quem entendia, que ſemelhantes trabalhos vem a examinar, e enriquecer a paciencia.

Auſentouſe o Marquez ſeu pay para Madrid, e ficou ella em companhia de ſeu irmaõ; pareceolhe occaſiaõ de ſahir a publico com a reſoluçaõ, que tinha tomado comſigo de deixar o Mundo, e foy diſpondo o ſeu retiro para o Moſteiro de Santa Martha, Caſa reformada da Ordem Franciſcana, nos arrabaldes de Lisboa. Teve o irmaõ noticia da diligencia, e moſtrouſe com ella taõ queixoſo, e deſabrido, que embaraçandolhe os commercios, rompeo em ameaços, ſendo preciſo a Dona Maria, naõ ſó deſiſtir da empreza, mas reconciliarſe com elle, ſegurandolhe, que já naõ teria vontade propria. Tanto ſe podia temer da reſoluçaõ de hum poderoſo (na ſua opiniaõ aggravado) que até ás paredes ſagradas naõ guardaria reſpeito. Aſſim ſerenou a tormenta, levantandoſe outra mayor no coraçaõ de Dona Maria, vendo, que naõ ſó naõ conſeguia o ſacrificar a Deos na Clauſura a primavera de ſeus annos, mas que era forçada a ſogeitallos a eſpoſo de inferiores prendas ás que ſuſpirava ſeu eſpirito.

Caſou a ſeu irmaõ com D. Affonſo de Portugal, Conde de Vimioſo, que foy Marquez de Aguiar deſpois da Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. e parece que quiz o Senhor pagar os grandes deſejos, e finos propoſitos, com que a Marqueza o buſcara, diſpenſandolhe as felicidades do deſpoſorio humano em filhos, e filhas de generoſas prendas, e grandes eſperanças, devidas humas, e outras ao diſvelo com que ſabia ſer mãy de familias, antes Prelada da mais compoſta, e reformada recoleta: naõ era outra ſua Caſa. Levantavaſe de madrugada, antes excedendo, que imitando aquella heroica Matrona do Sabio, porque naõ era o ſeu diſvelo para a proviſaõ da familia, ſenaõ para conſultar com Deos importancias de ſua alma. Aſſim ſe detinha no Oratorio em oraçaõ, até horas de Miſſa, a que vinha toda a Caſa. Havia no dia hora deputada, em que todos della ſe ajuntavaõ no Oratorio a rezar o Roſario; outra para liçaõ de livros devotos, a que ſe ſeguia oraçaõ, aſſiſtindo a tudo a Marqueza com igual devoçaõ, que vigilancia, naõ faltando caſtigo, e advertencia para os que aſſiſtiaõ ſem ella. Trez dias na ſemana jejuava a paõ, e agua; commungava com frequencia, e já nos ultimos annos havia Communhaõ no Oratorio duas vezes na ſemana, para algumas criadas, que ſeguiaõ ſua vida.

Eſta foy a da Marqueza até o falecimento do Marquez ſeu marido; e contando já entaõ ſeſſenta annos, (que antes pediaõ deſ-

deſcanço, que promettiaõ vigor para novo trabalho) deſcobrio aquellas brazas, que o Ceo accendera em ſeu coraçaõ, cubertas com a cinza de tanta idade, mas agora vivas para continuar o ſacrificio, que o meſmo Ceo permittira embaraçado. Eſtavaõ já caſados ſeus filhos, ſuas filhas Freiras. Neſta Caſa tinha duas, e muitas experiencias do rigor, e eſtreiteza de vida, que ſe profeſſava nella. Naõ houve mais conſulta; que a reſoluçaõ era já antiga; e levando comſigo trez criadas, (gente nobre, que com ella tomaraõ o habito, diſcipulas de ſua reſoluçaõ, e eſpirito) ſe recolheo em dia da Appreſentaçaõ de noſſa Senhora. Deteveſe hum pouco na Portaria entre muita nobreza em quanto lhe beijavaõ a maõ os filhos, e a nora; e vendoſe logo da parte de dentro, levantou os olhos ao Ceo, dizendo: *Graças a Deos, que já iſto eſtá arrancado!*

Era a Marqueza já Freira no Mundo; que ſeria no Moſteiro, ſenaõ exemplar das Freiras? Chamouſe Sor Maria do Sacramento. E como ſe o nome lhe dera antiguidade na Caſa, pareceo logo veterana nos exercicios della. Nos da humildade a todas excedia, como no conceito, que de ſi tinha de ſer a mais defeituoſa, ſendo taõ pontual, e diſvelada, que ou parece que deſconhecia os annos, ou o goſto lhos aliviava renovados. Era Meſtra das Noviças huma de ſuas filhas, e era ſua Meſtra; a eſta pedia, que a mandaſſe trabalhar; e vendo, que reprehendia as outras, laſtimava-ſe, queixandoſe porque a naõ reprehendia a ella, que ſó era a culpada, por mais remiſſa; e cuſtandolhe lagrimas o caſtigo das defeituoſas, e a pena de o naõ levar entre ellas, foy neceſſario advertir a Meſtra, quando havia de fazer Capitulo a alguma, o mandalla primeiro a ella para o Coro, a guardar o Santiſſimo.

Já profeſſa, porque ſó ſe queixava do pouco, que ſervia, a fizeraõ Enfermeira. Aviſou a ſeus filhos, e tudo foy abundancia na Enfermaria, mas nada avultou mais que a ſua caridade, naõ ſó prompta nas meſinhas, mas nas lagrimas, com que tomava ſobre ſi as moleſtias alheas. Aſſim aſſiſtia a todas, que parece, que ſe reproduzia para naõ faltar a nenhuma. Na occupaçaõ mais abatida andava mais ſatisfeita, porque nada excedia ao infimo conceito, que de ſi fazia. Succedendo muitas vezes eſtar em praticas de Deos com as Religioſas, aſſim ouvia callada, e emmudecida, que alguma lhe perguntou a cauſa. Reſpondeo: *Que achava, e conhecia de ſi, que naõ podia fallar com o acerto, com que o faziaõ todas, já meſtras, e adiantadas nas couſas de eſpirito, e naõ ella, huma mulher ſepultada toda ſua vida em as rudezas do Mundo; que ſó devia ouvir para aprender, já que Deos lhe naõ dera juizo para fallar.* Sendo que em todas as materias, e ſingularmente neſtas, era deſtra Sor Maria, por exercicio, como por inclinaçaõ, e genio. Mas já entendia, qual era o caminho dos Sabios do Ceo, donde ſó ſahia graduada, a que o Mundo chamava eſtulticia, como enſinou S. Paulo.

Is fiat ſtultus, ut ſapiens efficiatur. 1. ad Cor. 3. v. 18.

Achou-a hum dia ſua filha, Sor Margarida da Cruz, na cel-

la

la chorando amargamente. Perguntoulhe compaſſiva, que cauſa tinhaõ aquellas lagrimas. *Choro* (reſpondeo) *porque ſem duvida eſtou douda. Douda, naõ póde ſer*, (replicou a filha) *porque os doudos, por iſſo o ſaõ, porque o deſconhecem.* E inſtando mais, moſtrandolhe com evidencia, que eſtava em ſeu ſiſo, e naõ douda, diſſe Sor Maria: *Naõ ſe canſe, nem me martyrize, Madre, que bem douda eſtou, pois naõ amo a Deos como devo; que quem naõ ama a Deos, naõ tem juizo.* Grande maxima, digna de eterna, e Catholica lembrança! Mas venturoſas lagrimas, naſcidas de taõ grande penſamento; e penſamento unicamente digno de taõ amargas lagrimas. Mas grande argumento de que ſe abrazava em amor de Deos o coraçaõ, de que ellas ſahiaõ; que ſemelhantes ſuores naõ vem a aplacar menos ardentes febres.

Pouco mais de hum anno antes de ſua morte, cahio a Madre Sor Maria em huma tal fraqueza, que com grande trabalho ſe levantava, e encoſtada em huma Freira, hia para o Coro, onde gaſtava quaſi o dia inteiro. Mas eſtendeo-ſe-lhe eſta fraqueza á memoria, e á viſta; e naõ alcançava do Coro a ver a Hoſtia na Miſſa. Eſte era hum quotidiano incentivo de ſuas lagrimas, reſpondendo a quem a conſolava: *Se eu naõ tenho memoria, como me poderey confeſſar bem de taõ mal paſſada vida; e nella como poſſo ter goſto, ſe naõ vejo a meu Deos Sacramentado?* Bemaventurados olhos, que como os de Tobias, naõ tinhaõ alivio, porque naõ viaõ a luz do Ceo, a do Sol Sacramentado! e como os de David, choravaõ, por ver o ſeu Deos eſcondido! Mas aſſim ſe conformava com eſta magoa, como quem ſabia, que lha permittira Deos para merecer com ella.

Alguns dias antes de morrer, lhe deu huma febre ardentiſſima com ameaços de ar; e levando algumas ſangrias, ficou como ſe de todo perdera os ſentidos; mas era notavel, que em ſe lhe fallando em Deos, reſpondia com tanto acordo, como ſe eſtivera em ſeu inteiro, e ſocegado juizo. Aſſim lhe perguntaraõ, ſe queria receber todos os Sacramentos para morrer? Reſpondeo: *Que ſó iſſo deſejava*: miniſtraraõlhos, e no cabo delles eſpirou placidamente, ſem fazer mais termo, que o de huma imperceptivel reſpiraçaõ, em 10 de Outubro de 1659. Suſpenderaõſe as Religioſas, porque ao meſmo inſtante que eſpirou, tendo Sor Maria já ſumido, e ſeco o roſto com os annos, e as penitencias, de tal ſorte ſe lhe reſtituhio a huma fermoſa compoſtura, e mageſtade taõ ſerena, que podia dizer com David, que tornara a florecer ſua carne, anticipando no Eſtio daquelles ſecos oſſos a eterna Primavera dos bemaventurados.

Et reſloruit caro mea. Pſ.

Naõ foy digno de menos reparo o que depois ſuccedeo no Capitulo, porque entoando as Religioſas o Pſalmo 151 antes de ſe recolher o corpo na ſepultura, chegando ao Verſo: *Viduam ejus benedicens benedicam, pauperes ejus ſaturabo panibus*, (ſem haver embaraço, que turbaſſe o alternado de hum, e outro Coro) o repetiraõ trez vezes; fazendo logo reflexaõ, e reparo de que o tinhaõ repeti-

do,

do, levantaraõ mais o penſamento, porque para a defunta vinha muito de molde o Verſo, que vem a dizer: *Abençoando, darey a bençaõ á ſua viuva; e com o ſuſtento de paõ taparey a boca aos ſeus pobres.* E como vimos na vida da Marqueza, parece, que mereceo ao Ceo o Panegyrico de ſe abençoar Santa viuva, quando ſe lembravaõ os ſoccorros da pobreza.

Mas a mayor eſtabilidade, com que o Senhor quiz recommendar as circumſtancias deſta morte, foy huma, já repetida de ſua Providencia, e reparada em o falecimento de peſſoas mayores em virtude, e qualidade; e foy o ſeguinte. Mandara a Marqueza, eſtando ainda no ſeculo, a eſte Moſteiro huma planta de jaſmins, que chamaõ de Valença. Plantouſe no Clauſtro; prendeo, e avultou, dilatandoſe taõ viçoſa, que ainda na veſpera de ſua morte ſe colheraõ della muitas flores. Mas ao tempo que a ſepultaraõ, cahindo-lhe todas murchas, e ſecas, ſuccedeo o meſmo ás folhas, e ao tronco de ſorte, que até a raiz ſe eſqueceo na terra, como ſepultura, porque depois ſe lhe naõ vio brotar mais vara.

Da Infante Margarita ſe lê, que em ſua morte ſe ſecou huma arvore, que ella plantara por ſua maõ propria; e da Princeza Santa Dona Joanna, Religioſa profeſſa (como he tradiçaõ mais ſegura, de que á hora da morte profeſſara, e naõ fora ſó Religioſa Terceira) da noſſa Ordem Dominicana na Recoleta de Aveiro deſta Provincia, ſe lê nas noſſas Chronicas, e eſcrevi eu já com mais concertado eſtylo, e penna deſembaraçada das eſtreitas leys da Hiſtoria, que na hora, que pelo Clauſtro foy paſſando ſeu corpo para a ſepultura, ſe murcharaõ as flores, e as plantas na pouca terra, que cultivada da ſua diligencia, ſervia ás Religioſas de jardim, e de Pomar, como ſe imitaſſem todas o genio ao Giraſol, que ſeguindo a inclinaçoens os paſſos do Sol, igualmente ſe vê aquelle murcho, quando eſte ſepultado. Naõ podemos negar, que eſtas demonſtraçoens no inſenſivel, ſe foraõ na morte do meſmo Chriſto argumentos da Divindade, o ſeraõ nas dos Juſtos de ſua virtude, com ſeguros do premio, que ſe ſegue á ſua morte, podendo entenderſe que aquellas flores, que cahiraõ ſecas, a cobrir o cadaver, renaſceraõ eſtrellas a coroar o eſpirito.

Naõ merece ficar em eſquecimento o muito, que moſtrou Soror Margarida do Eſpirito Santo, Freira Converſa, que no meſmo anno, ainda que antes hum mez, que a Madre Sor Maria, faleceo ella tambem neſta Caſa; razaõ, porque ſe lhe dá lugar, ainda que ſegundo, neſte Capitulo. Foy Sor Margarida natural do lugar de Bemfica, notavel, e venturoſo, por fecundo de Religioſas Converſas, que deu a eſta Caſa para a ſervirem, ſervindo ainda melhor para a illuſtrarem. De pequena ficou ſem mãy, e logo em poder de huma madraſta, taõ eſquiva com ella, como o nome o promettia, porque de enteada a paſſou a ſerva, carregando ſobre aquelles tenros annos todo o pezo da caſa; a boa inclinaçaõ á virtude, com que naſcera, lhe abria já os braços para

ra

ra receber os trabalhos como mimos do Ceo, que parece lhe adiantava a razaõ, para conhecer, que o eraõ eſtes, e lhe dobrava as forças para poder com aquelles.

Deſejava reſgatalla daquelle cativeiro huma tia, que olhava para ella como deſamparada, e lhe queria melhorar as occaſiões de ſofrida, ſuſpirando vella neſta Caſa do Sacramento, donde aproveitaria as moſtras, que dava de ſeu preſtimo, e ſeu eſpirito. Rogou, pedio, importunou; e finalmante conſeguio, que as Religioſas lha aceitaſſem contra a vontade do pay, e madraſta, que perdiaõ nella huma eſcrava; e na humildade moſtrou ella, que o era depois (e com muito goſto) do Moſteiro, coſtumando dizer, ainda depois de profeſſa: *Que ella naõ era Freira, mas huma pobreſinha, que as Religioſas pelo amor de Deos receberaõ, e ſuſtentavaõ.*

Era continua no trabalho, como na mortificaçaõ; e caritativa taõ diſvelada, que a eſſe emprego ſe attribuio o viver quarenta annos neſta Caſa, ſem nunca ter doença. Dormia veſtida, para que a oraçaõ, e o trabalho a achaſſem mais prompta; poucas vezes ſobre a cama, as mais ao pé de algum Altar. Levantava-ſe de madrugada, e no Coro gaſtava em oraçaõ todo o tempo, até á hora de ir para a ſua officina, donde eraõ iguais nella o ſilencio, e a diligencia. A' noite, acabado o ſerviço, tornava ao Coro, donde era a oraçaõ mais larga; e com tal ſuavidade, e conſolaçaõ de ſeu eſpirito, que coſtumava dizer, que aquelle era o ſeu centro; e aſſim o moſtrava, porque acabado o trabalho, alli hia buſcar o deſcanço.

Em toda ſua vida foy rara ſua abſtinencia, porque quaſi ſempre paſſava com paõ, alguns grãos, e algumas hervas; e o dia, que ſe alargava a regalo, era de algum bocado de peixe ſeco. Parcimonia notavel, em quem andando pouco abaſtada, e trazia varios comeres entre mãos, naõ haver occaſiaõ, em que a convidaſſe o appetite, ou a obrigaſſe a fome! Commungava duas vezes na ſemana, e eſte era o ſuſtento de que mais vivia. Hum martyrio grande padeceo muitos annos, que ſendo o ſeu genio de reſponder, aſſim andava acautelada para o reprimir, que ſó ſe lhe diviſou, que no interior trazia aquella contenda, pelo natural, que tinha de fogoſa.

Tinha juizo claro, de que lhe naſcia o ſer recatada em couſas de ſua conſciencia; mas parece, que diſpenſou o Ceo huma vez com ella, chegando a contar com ſingeleza, que deſcançando huma noite ſobre a cama, quaſi como que dormitava, ouvira huma voz clara, que lhe dizia: *Levantate, e vay rezar pelo Conde do Baſto.* Era naquelle tempo D. Diogo de Caſtro. Eſpertou, ſegurando-ſe no que tinha ouvido; mas parecendolhe illuſaõ do ſono, e tornando a encoſtarſe, tornou a ouvir a meſma voz. Levantouſe logo, e foy rezar ao Coro, e dahi a trez dias veyo noticia ao Moſteiro, que era o Conde falecido. Parece, que eraõ bem ouvidas no Ceo as oraçoens de Sor Margarida, e ſeria aquella advertencia do ſeu Anjo da guarda.

Mas chegavaſe o termo a ſeus trabalhos; cahio doente de huma grande febre, que tardou pouco em ameaçalla de morte. Naõ ſe aſſuſtou Sor Margarida com o ameaço, ou foſſe que o Ceo lhe anticipaſſe o aviſo, ou que depois de veſtir aquella ſanta mortalha, lhe naõ foy neceſſario outro. Aſſim o moſtrou, porque no primeiro ameaço da doença juntou na cella quanto pertencia á ſua mortalha; com a meſma conformidade, e ſocego (antes alvoroço) ouvio depois aos Medicos o deſengano; porque advertindolhe, que ſe diſpuzeſſe para a ultima hora, levantando as mãos ao Ceo, deu graças a Deos, e voltandoſe ás Religioſas, lhes pedio, entoaſſem por ella o *Te Deum laudamus*, pois era chegada a hora, que ſuſpirara em toda ſua vida.

Mas foy couſa de reparo, que naõ ſe lhe ouvindo nunca nella palavra, que ſoaſſe a galantaria, algumas ſe lhe eſcutaraõ agora, ditas com alegre ſemblante, e boa graça, (por mais que a conſumiſſe a febre em huma viva lavareda) porque ſendo curta a cama, em que a deitaraõ, diſſe ſorrindoſe: *Baſta, minhas Madres, que tantos annos me naõ deitey em cama, para vos ſervir; e agora que foy forçado deitarme, he em huma, em que me naõ poſſo eſtender! Ora mandem ao coveiro, que me faça a cova mais comprida, que he cama, que a ninguem vem curta, que todos cabem nella.* Como a febre creſcia, e huma Religioſa, que a via eſtar abrazando, lhe diſſeſſe: *Que ſe conformaſſe com o que Deos diſpunha, pois era ſervido de lhe adiantar naquella cama o Purgatorio*, reſpondeo com igual viveza, que ſegurança: *Admirome, minha Madre, de Voſſa Reverencia me dizer tal! Iſto he Purgatorio? Folgara eu de padecer por meu Senhor até o dia do Juizo!*

Recebeo todos os Sacramentos com elle inteiro, e ſocegado, e grande conſolaçaõ de ſua alma; e vendo, que era tempo de lhe rezarem o Officio da agonia, perguntou, ſe tinhaõ já entrado os Padres; e dizendolhe huma Religioſa: *Para que perguntava por elles? Se ſe queria confeſſar?* Reſpondeo: *Confeſſar naõ; que pela miſericordia de Deos naõ o reſervey para eſte tempo, mas para acabarem já de me mandar para meu Senhor Jeſu Chriſto*; e abraçandoſe com elle crucificado, depois de acabado o Officio, pedio a véla, e com hum ſuſpiro, e algumas palavras, que lhe dizia, e lhe ſahiaõ da alma, a poz em ſuas mãos com ſocego, e confiança, em 15 de Setembco de 1659, dia para a Ordem fortunado, em que celebra a Thaumaturga Imagem de noſſo Patriarca, que a Virgem Senhora trouxe do Ceo á terra ao noſſo Convento de Soriano em Calabria.

CAPITULO XXXVI.

Da Madre Soror Maria de Jeſus.

GRandes vozes ſaõ as do exemplo; naõ ſó aconſelhaõ, parece, que obrigaõ. Aquella acçaõ, que ſe toca com a maõ da experiencia, naõ ſe póde negar; e aquella irrefragavel verdade, que eſtá ſempre teſtemunhando o que he, ſe he boa, ſem duvida affeiçoa contemplada; dalli

dalli lhe vem o obrigar para ſeguida. Eſſe foy o conſelho do Senhor, quando quiz enſinar ſeus Diſcipulos a reduzir; encomendoulhes a obra primeiro que a doutrina; que antes propuzeſſem a vida, que expuzeſſem a palavra; porque o exemplo he mais rhetorico, que a lingua, por ſer todo huma perſuaſiva muda. Vellohemos agora. Entrou Sor Maria por morte de ſua mãy com mais duas irmãas no ſerviço de Dona Maria de Mendonça, Marqueza de Aguiar; e ainda que de tenra idade, com tal genio, e capacidade, para ſaber eſcolher, e ſeguir o melhor, que reparando na vida da Marqueza, (a que naõ excedia a da mais timorata Religioſa) ſe convenceo tanto com ſeu exemplo, que deſconhecendo as deſculpaveis verduras dos poucos annos, ſe adiantou a elles em hum modo de vida, que parecia meditado na mayor madureza da razaõ. Deſpio, e deixou as galas, por mais que nella antes eraõ coſtume, que vaidade, e começou a tratarſe honeſta, e ſingelamente. Jejuava trez dias na ſemana, e com eſtreiteza. Nas ſextas feiras da Quareſma, e outros muitos dias, aſſim em todo o anno, como nella, a paõ, e agua. Deuſe á liçaõ dos livros de eſpirito, de que tirava grande fruto.

Qui autem fecerit, & docuerit. Matth.

Levantava os olhos, via recolher a Marqueza, e o Marquez a ſeus quartos, gaſtar horas na oraçaõ em ſeus Oratorios; enchiaſe de ſanta enveja, vendo aquelle retiro entre o fauſto, attençoens, e correſpondencias do Mundo: e fogindo aos olhos de todos, (em ficando livre da occupaçaõ, que tinha a ſeu cargo) trocava ſeu apoſento em o mais retirado deſerto; eſquecia-ſe orando, até que a natureza a obrigava a pagar pouca penſaõ ao ſono, e quaſi ſempre ou encoſtada na cama, ou ſobre huma nua cortiça; inflammava-ſe no amor de Deos, e muitas vezes de ſorte, que para deſafogar aquella febre da alma, appellava á larga ſangria da diſciplina. Depois de breve deſcanço, (como ſe tivera paſſado a noite com muito) madrugava para a oraçaõ vocal do Roſario, e Officio de noſſa Senhora, a que a levava huma ſingular ternura. Aſſiſtia depois á Miſſa, que era o ſeu paſto quotidiano, commungando com o deſejo, que ſempre trazia faminto daquella Angelica, e ſagrada iguaria, por mais que frequentaſſe a ſua Meſa.

Vinte e ſete annos contava já com eſte eſtilo de vida; mas chamava-a o Ceo para outra mais eſtreita. Reſolveoſe a buſcalla na Clauſura deſta Caſa do Sacramento, por mais que intentaraõ embaraçalla, achando ſó da ſua parte o voto da Marqueza, que antes a envejava, que a deſperſuadia. Recolhida já neſtes ſantos Clauſtros, (em que ſó accreſceo á ſua vida a penſaõ da obediencia) começou a goſtar hum ſocego dalma, como deſpida dos cuidados da terra. Em nada diſvelava os ſeus, como em agradar a ſeu Eſpoſo, e deſfazer em ſi tudo o que podia ſervir de agrado. Era, ou fora deſtra na guitarra, e em ſe acompanhar com ella com boa voz, e melhor gala, prenda, que tivera de muy menina; já em caſa da Marqueza havia annos,

nos, que a naõ viaõ uſar della, nem rogos, nem induſtria; agora ajudava o Coro com goſto, e gabos de todas as Religioſas; ſentia verſe ſingular entre todas; pedio a Deos, que lhe eſcureceſſe o metal da voz; inferioſe aſſim do que a deſcontentava verſe eſtimada, e da brevidade, com que hum eſtilicidio a deixou rouca, e ſatisfeita. Mas como era deſtra na ſolfa, aprendeo logo viola de arco, com que ficou ſervindo o Coro.

Era elle o ſeu centro; alli deſcançava da penalidade continua, a que a ſentenceava ſua penitencia, porque a oraçaõ era o ſuſtento, e o recreyo de ſua alma. Alli acabava de conhecer o quanto fora vaõ o receyo de ſeguir aquella vida, porque eſtando ainda no ſeculo, levantava os olhos com horror aos apertos deſta Caſa, obrigando-a elle a entrar em penſamentos de buſcar outra de menos eſtreiteza; mas já eſta naõ ſó lhe naõ parecia rigoroſa, mas muitas vezes frouxa. Aſſim carregava a maõ nas penitencias, temeroſa das repreſentaçoens do Inferno, com que a perſeguia o inimigo, em que padeceo muito. Recorria á oraçaõ, que era o ſeu ſagrado; e entendeoſe, que nella recebia particulares mimos de Deos, de alguma palavra, que chegou a dizer com inadvertencia. Achavaſe huma vez na oraçaõ, banhada em Celeſtial complacencia, e elevada a huma familiaridade, e uniaõ grande com Deos; aproveitouſe da occaſiaõ, e diſſelhe: *Senhor, façamos hum contrato, eu me naõ quero affligir mais com eſtes receyos, que ſempre trago diante dos olhos. Tomay vós á voſſa conta a minha ſalvaçaõ, e eu ficarey com o cuidado de me empregar em vos ſervir, de ſorte, que eu naõ tenha cuidado em mim.*

Foy taõ poderoſo eſte acto de reſignaçaõ, que, ceſſando logo a bataria do inimigo, a naõ perſeguio mais ſemelhante receyo. Parece, que eſcutara a Madre Sor Maria o conſelho de hum grande experimentado na Providencia de Deos, como foy David, enſinando, que nos puzeſſemos nas mãos de Deos, que elle diſporia a noſſa melhora; que quando nos apertaſſe o inimigo, commetteſſemos a Deos todo o cuidado, porque elle naõ permittiria, que fluctuaſſemos nos receyos da eternidade: *Jacta ſuper Dominum curam tuam, & ipſe te enutriet; non dabit in æternum fluctuationem juſto.* Foy correndo o contrato; e como o Senhor teve cuidado de livrar a Sor Maria do martyrio do ſeu receyo, ella naõ tinha outro cuidado mais, que ſervillo com tanta ancia, que tudo lhe parecia pouco para o a que ſe obrigara.

Pſ. 54. n. 23. Pungunt tam adulatores, quam detractores, quam ipſe diabolus; ſed ut non timeas eos, jacta ſuper Dominum curam. Hugo hic.

Suppoſto o jejum dos ſete mezes, em todo o anno levava trez dias na ſemana de paõ, e agua. Da porçaõ, que lhe dava a Communidade, por mais que limitada, tomava o menos, dizendo, (para lhe ſer permittido) *que o mais lhe fazia damno.* Qualquer prato, que ſe accreſcentava na meſa, eſcuſava como regalo; ſentindo muito, quando os achaques a obrigavaõ a ſuſtento mais delicado. Abrazavaſe em amor do proximo; entravaõ os ſeus inimigos na primeira ſupplica, que fazia a Deos, depois os parentes; e naõ deixou

xou de ſer digno de reparo o que ſuccedeo a hum ſeu irmaõ, por quem continuamente orava com inſtancia. Ardiaõ por eſte tempo em guerras as duas Coroas de Portugal, e Caſtella. Era o irmaõ bom Soldado, e achava-ſe por Cabo em Barbacena, lugar pequeno; pedia Sor Maria a Deos com grande ancia, que lhe guardaſſe a vida, por ſerem taõ arrebatadas as mortes da guerra. Succedeo cercar ao lugarejo o exercito Caſtelhano, reſiſtindo, e naõ querendo entregarſe o Cabo; durou pouco a contenda, foy entrado com ira militar, e paſſando tudo a ferro, tomaraõ o Cabo vivo, ſentenceado logo a ſer arcabuzeado, por ter reſiſtido a hum exercito Real, pondo-ſe em defenſa em hum lugar ſem ella. Oppozſe á ſentença hum Caſtelhano de reſpeito, concedeoſe-lhe a vida, quando ninguem a eſperava, e foy remettido a eſte Reyno, donde depois acabou com demonſtraçoens de predeſtinado. Contava-o aſſim quem teve noticia do ſucceſſo, e tinha razoens para formar juizo de que ás ſupplicas de Sor Maria ſe deveo aquelle effeito.

Seguida de rigoroſos achaques, entrava continuamente com ſeu Eſpoſo naquella demanda de Agoſtinho: *Senhor, aqui quero, aqui vos peſſo, que me affijais, para que depois me perdoeis.* No meyo de continuadas, e agudas dores (que abraçava com inteireza) naõ admittia remedios, ſem o preceito da Prelada; menos alivios das Religioſas, que lhos queriaõ inventar compaſſivas, dizendo: *Que naõ tinha, nem queria mais refrigerio, que contemplar na Paixaõ de Chriſto.* Suſpenderaõ ſelhe de improviſo as dores, depois de a chegarem ao ultimo extremo no martyrio de trez dias, dizendo ella a Deos no fim delles: *Que alli eſtava a ſua conſtancia; que ſó lhe pedia paciencia.* Tornaraõ á perſeguilla, e a proſtralla dahi a tempo; deſengaraõna os Medicos que eraõ mortaes. Eſcutou-o com alvoroço, e reſpondeo a quem lhe fazia nelle reparo, e lhe dizia, que ſua irmãa (Religioſa na meſma Caſa) o ſentia muito: *Digaõ a Soror Franciſca, que viva com goſto, porque me hey de ſalvar pela miſericordia de meu Senhor.*

Eſperava já o ultimo inſtante ſem alento, quando, movendoſe entre as Religioſas, que lhe aſſiſtiaõ, a pratica ſobre o infinito preço do ſangue de Chriſto, e como nos valia naquelle ultimo aperto, em eſpecial o do Lado; levantou a cabeça a moribunda (admiradas as que cuidavaõ, que a nada attendia) e diſſe: *Sim, eſſe ſangue já o Senhor mo tem dado.* Achavaſe alli a Prioreza, perguntoulhe o que diſſera, e ella como alcançada, tornou: *Digo, que muitas vezes tenho pedido ao Senhor a valia deſſe ſangue.* Entraraõ a rezarlhe a Ladainha, porque já com os olhos fechados eſpirava por inſtantes; chegoulhe entaõ huma Religioſa a Imagem de Chriſto crucificado, e pozlhe o Lado do Senhor na boca. Abrio os olhos, e com tanta viveza, que ſe ſuſpenderaõ todas, e ella pondo-os no Senhor, lhe entregou a alma, podendo entenderſe a gloria, a que paſſou, acabando com o privilegio daquelle domeſtico, e familiar de Deos, (que em o ſeu oſculo, e

a ſua

a ſua obediencia acabou a vida. Favoreceraõ a conjectura ſeus Confeſſores de muitos annos, que em toda ella lhe naõ acharaõ culpa mortal, nem venial grave, com advertencia, ouvindo-ſelhe ao meſmo tempo dizer a ella fallando com muito pezo: *Que os peccados, que ella tinha, naõ os teria nenhuma Religioſa.* Tal foy ſua humildade! Tal ſua morte, em 17 de Julho de 1660.

CAPITULO XXXVII.

Da Madre Sor Thereſa de Jeſus, e de Sor Mariana de S. Joſeph.

IRmãa inteira da Madre Sor Maria Magdalena do Santiſſimo Sacramento, foy a Madre Sor Thereſa de Jeſus, conſeguindo ambas aquella bençaõ da fraternidade unida, e conſagrada a Deos, como cantava o Rey Profeta do Povo de Deos junto em o Templo (que edificara Zorobabel) á viſta da Arca, em que ſe guardava o maná; e dizendo, que a Deos era agradavel, e jucunda aquella fraternidade (que diante da ſua Arca o levava) ſegurou logo, que aſſim conſeguia huma bençaõ gracioſa, e huma vida eterna: *Ecce quam bonum, & quam jucundum habitare fratres in unum ... quoniam illic mandavit Dominus benedictionem, & vitam uſque in ſæculum.* Mas naõ tomemos a penna da maõ aos Expoſitores, baſtenos apontar, que na Caſa de Deos, e á viſta da Arca (onde com eſpecialidade ſe venera o maná verdadeiro) ſe ajuntaraõ eſtas duas irmãas, a que depois do ſangue tornou a unir a virtude, grangeando com eſta fraternidade ſacrificada o agrado de ſeu Eſpoſo, e lograr com elle as delicias do eterno thalamo. Baſtava eſta circumſtancia para noticia do que foy Sor Thereſa, tendo já examinado (como fica eſcrito) a de ſua irmãa Sor Maria; mas vejamos os paſſos, com que ſe chegou, e unio a ella.

Canentes coram Arca reperta in Templo à Zorobabele exſtructo. Thomas le Blanc ſuper Pſ. 132. vi.

Juntamente com ſua irmãa tomou Sor Thereſa o habito neſta Caſa, em huma quinta feira. Correo ſuavemente o anno de approvaçaõ, dando tantas, e taes moſtras de ſua capacidade, e refórma, que poucos annos depois foy Meſtra de Noviças, aſſiſtio na Sacriſtia, e na Roda, lugares mais publicos, em que ſe conhecia a boa intelligencia, com que dava expediente a tudo o que ſe applicava. Inſtava neſta Caſa a eleiçaõ de Prioreza, e já nos animos de todas era ella a Prelada, quando lhe embaraçou eſſe trabalho o de hum achaque repentino, que a deixou impoſſibilitada para o cargo, porque ſendo até alli sãa, o que mais teve de vida, teve de achacada.

Naõ baſtou iſſo, para faltar aos exercicios da Caſa, e nelles taõ adiantada, que foy neceſſario, que o preceito lhe tiraſſe da maõ a diſciplina. Mas parece, que lhe pagava o Ceo a reſoluçaõ de o querer buſcar pelo caminho mais aſpero, illuſtrando-a com alguns conhecimentos do futuro, como ſe póde colligir de hum caſo, que lhe ſuccedeo, ſendo Meſtra de Noviças, que para melhor ſe ajuizar, contaremos com todas as circumſtancias.

Entraraõ duas moças de pouca idade no Moſteiro a tomar o ha-

o habito; chegando ao Coro, e vendo huma, que metia a Prelada a tiſoura nos cabellos da outra, levantou a voz, e diſſe: *Que lhos naõ cortaſſem a ella, porque eſtava reſoluta a naõ ſer Freira.* Aſſuſtaraõ-ſe as Religioſas; chegouſe a ella a Prioreza, a Meſtra, e algumas das mais antigas, propondo-lhe razoens, que rebateſſem aquelle deſatino, ſegurandolhe de quem podia ſer o conſelho. Paſſaraõ a perſuadilla ao humano, com o que eſtranharia o Mundo, e naõ conſeguiraõ outra repoſta, mais que a meſma reſoluçaõ obſtinada. Mas nem aſſim mereceo menos piedade na Prelada, e mais Religioſas, antes accommodandoſe ao ſeu goſto, vieraõ, em que veſtiſſe o habito, e lhe naõ cortaſſem o cabello, eſperando, que o Ceo lhe abriſſe os olhos do conhecimento, para voltar ao primeiro propoſito.

Veyo no partido; veſtio o habito; mas continuando na reſoluçaõ de naõ querer ſer Freira; chamaraõ ſeus parentes; e tirandolhe a Madre Sor Thereſa o habito, para entregalla, para mayor caſtigo lhe quiz tambem tirar o Roſario, que todas trazem ao peſcoço. Reſiſtio a moça, inſtou a Meſtra, até que vendo o pouco, que valia contra a reſiſtencia, lho deixou levar. Pouco depois, achando-ſe com algumas Religioſas, diſſe a Madre Sor Thereſa: *Que aquella moça havia de tornar para o Moſteiro, e nelle havia de morrer Freira.* Alteraraõſe as Religioſas; e reprovandolhe o dito, aſſentaraõ, que ſó inimigas da Religiaõ dariaõ tal voto; que taõ difficil ſeria o receberemna, como fora o reduziremna. Naõ reſpondeo palavra a Madre Sor Thereſa; mas o ſucceſſo favoreceo a ſua, porque naõ paſſaraõ cinco mezes, quando a moça, tornando a pedir o habito, teve os votos, e entrou no Moſteiro, e com grandes moſtras de eſpirito. Diga o leitor, ſe he digno de reparo, e ſe ſe póde ajuizar o que temos dito.

O em que mais ſobreſahio o eſpirito da Madre Sor Thereſa, foy nos empregos de caritativa; e com as doentes mais extremoſa. Em hum caſo raro diremos tudo o que toca a eſte pouco, e ficará entendido, aſſim o que a Madre Sor Thereſa obrava, como o que merecia. Era Enfermeira, e tinha na Enfermaria a Madre Sor Iſabel de Jeſus, martyr das ſuas chagas, e já viſinha á morte, com grande inflammaçaõ, e purgaçaõ aſqueroſa nellas. Chegouſe hum dia para lhas lavar; e indo-as a deſcobrir, lhe fez hum tal aſco, e repugnancia (ainda ſó á viſta) que lhe vieraõ impulſos de deixar a doente, e pedir a outra Religioſa, que executaſſe aquella piedade. Mas ao meſmo inſtante ſentio abrazarſe ſeu coraçaõ em huma viva lavareda de caridade; e lançandoſe, como ſequioſa, a pôr os beiços nas chagas, naõ ſó lhas beijou, mas chupou, e engolio o aſqueroſo humor, que havia nellas. Creſceo mais a ſede, como ſe foſſe criſtalina a fonte, ſem poder fartar os beiços dos fervoroſos oſculos, porque em quanto os repetia, ſentia banhar ſua alma de huma extraordinaria conſolaçaõ, que naõ cabia nella. Heroico acto de mortificaçaõ, e caridade! Lido, e imitado de ſua ſua Madre Santa Catharina de Se-

Sena ; e melhor teſtemunho do que obrou, e do que mereceo, caritativa, e mortificada.

Soube-ſe eſte caſo, por permiſſaõ do Ceo, que naõ quiz, que a acto taõ heroico lhe faltaſſe, nem o premio de publicado. Ao tempo, em que Sor Thereſa eſtava engolfada naquelle abyſmo da caridade, eſtavaõ tambem as Religioſas no Coro, aſſiſtindo ao Senhor, que naquelle dia eſtava expoſto, e entre ellas a Madre Sor Maria de Saõ Joſeph, de que já atraz deixamos noticia; lembroulhe a eſta Madre, como por inſpiraçaõ, que a Enfermeira (era como fica dito a Madre Sor Thereſa) naõ tornara a entrar no Coro, depois que commungara (final de que a tinha preza a ſua lida) e reſolveoſe a ſahir do Coro, para que aſſiſtindo ás doentes, vieſſe a Enfermeira lograr o alivio de aſſiſtir ao Senhor Sacramentado, e alivio taõ ſuſpirado de toda a Caſa, que eſſa circumſtancia lhe coſtuma dar aos dias o nome, e a eſtimaçaõ de feſta.

Com eſte penſamento ſahio Sor Maria do Coro; entra pela Enfermaria, quando vê a Sor Thereſa com os joelhos em terra, e a boca nas chagas da enferma ; ſuſpendeoſe á viſta daquelle eſpectaculo, e muito mais da ancia com que ſe continuava; e retirandoſe ſepultada em ſilencio, o naõ rompeo, ſenaõ ao fim de ſua vida, contando o ſucceſſo á Madre Sor Antonia da Magdalena, (que hoje vive, quando iſto eſcrevemos) que guardando eſta noticia, a teve muito caſualmente, com as circumſtancias mais occultas, pela meſma Madre Sor Thereſa, que ignorando, que ſe ſabia o ſogeito, contou o caſo, em prova do que o Ceo eſtimava ſemelhante ſacrificio.

Trez annos antes de ſua morte, teve huma doença, que lhe durou com a vida. Eſcuſou-a eſte martyrio continuado, de ter mais officio ; e vendoſe livre, entregouſe toda ás importancias de ſua alma, e diſpoſiçoens para a ultima hora, entendendo, que naõ podia haver couſa mais proxima, que a que a todo o inſtante devia ſer eſperada. Naõ lhe permittiaõ, que foſſe a Matinas, diſpenſaçaõ, de que ſe vingava, aſſiſtindo no Coro quaſi todo o dia, e grande parte da noite; aſſiſtencia, de que ſó a tirava a caridade com as doentes, que a levava á Enfermaria.

Com eſte eſtilo de vida paſſou os trez annos, cahindo ao cabo delles de huma febre, a que logo chamou ultima, dizendo, que já ſe naõ levantaria da cama, mais que para a ſepultura ; e que a jornada naõ tardaria muito, porque aquelle era o ultimo aviſo. Aſſim pedio os Sacramentos, quando lhe pareceraõ neceſſarios, recebendo-os com vivas demonſtraçoens de fé, e eſperança na Divina miſericordia, gaſtando o mais tempo, que lhe durou a vida, em piedoſos colloquios com as Imagens de hum Crucifixo, e da Senhora do Roſario. Admiravaõſe as Religioſas de a verem com tanto ſocego, e paz de conſciencia, ſendo que fora perſeguida de eſcrupulos toda ſua vida. Chegava o ultimo eſpirito della; confeſſou, que hum Crucifixo, que trouxera, e tinha ao peſcoço, era de ſeu irmaõ o Padre

dre Fr. Joaõ da Cruz, que para o ter naquella hora comſigo, lho tinha empreſtado. Aſſim ſe abraçou com elle, entregandolhe ſua alma naquelle thalamo, em que eſtendeo a maõ para a receber eſpoſa.

Foy ſeu falecimento em huma quinta feira, (dia todo de ſeu goſto, por conſagrado ao Sacramento, e dia, em que entrara neſta Caſa a acompanhallo, e ſervillo) 10 de Fevereiro de 1661. Mas naõ mereceo ſó o reparo a circumſtancia do dia; tambem podia haver algum na hora, porque faleceo pelas quatro da madrugada. Tinha-ſe obſervado, que recolhendo-ſe a Madre Sor Thereſa de Matinas, ou gaſtaſſe o mais tempo em oraçaõ, fugindo os olhos, que a podiaõ teſtemunhar no Coro, ou no tempo, que naõ hia a elle, deſpertando ás quatro horas, infallivelmente a ellas ſahia da cella, e hia eſpivitar a alampada, que no Coro arde diante do Santiſſimo; e dahi até Prima gaſtava orando. Viaõ agora, que á meſma hora falecera; e queriaõ entender o que aquelle pequeno ſerviço obrigava a quem ſe fazia, pois na hora delle a chamava á eterna felicidade.

Naõ deu menos moſtras de a merecer Soror Marianna de S. Joſeph, em que a brevidade da vida nos roubou mayor aſſumpto para larga eſcritura; mas ſe em poucos annos couberaõ muitos merecimentos, em poucas regras podem caber grandes noticias. No ſeculo ſe chamou Dona Marianna de Almeida, por filha de D. Joaõ de Almeida; ſua mãy Dona Violante Henriques. Os appellidos teſtemunhaõ bem ſua nobreza; de doze annos entrou neſta Caſa em dia da Purificaçaõ de noſſa Senhora; chamouſe Soror Marianna de S. Joſeph; e entrando neſta idade, ſe lhe dilatou a profiſſaõ até os dezanove annos, naõ porque em alguma couſa deſmereceſſe, porque era ſua vida hum exemplo de innocencia, humilde, obediente, ſofrida, e retirada, virtudes, que lhe grangearaõ tanta opiniaõ, que unidas a huma rara compoſtura, de que era dotada, obrigava a ella, donde quer que fazia aſſiſtencia.

Na do Coro edificava a quem lhe punha os olhos, encontrando nella huma mortificada eſtatua da modeſtia; aſſim recolhia ao interior todos os ſentidos, que nunca vio, nem attendeo, fóra do Officio Divino, a couſa, que ſe fizeſſe no Coro; os olhos, ou no chaõ, ou no livro. Voltados á Igreja, ſó ao rezar ás Imagens, ou ao aſſiſtir á Miſſa. Era grande ſua ſingeleza, mas de eſpirito, e naõ por defeito de entendimento claro, porque nas couſas de Deos era taõ deſtra, que naõ neceſſitou de Meſtra, para compor ſua vida. O principal emprego de ſua devoçaõ era o Santiſſimo Sacramento, a Paixaõ de Chriſto, a Senhora do Roſario, a quem depois deſte rezava o Officio pequeno, e outras devoçoens quotidianas, de que ſe teve noticia, porque ſe acharaõ em hum quaderninho apontadas da ſua letra. A noſſo Patriarcha com affecto, e veneraçaõ de verdadeira filha, rezava todos os dias o ſeu Officio menor, ſendo todo o ſeu diſvelo o ornato das ſuas Imagens, occupaçaõ para ella de grande alegria, como o fa-

fazer o meſmo obſequio a S. Joſeph, ſeu grande Tutelar, e eſcolhido Padroeiro.

Tomara de memoria hum quaderno, que lhe veyo á maõ, em que eſtavaõ eſcritos os tormentos da Paixaõ de Chriſto, repartidos pelas horas do dia, e da noite. Aſſim naõ dava hora, em que naõ repetiſſe com hum vivo affecto da alma: *Bemdita, e louvada ſeja a hora, em que meu Senhor Jeſu Chriſto padeceo tal tormento*; e dizia o que pertencia áquella hora. Iſto fazia, por mais que ſe achaſſe com companhia, ou com occupaçaõ, que a tiveſſe applicada. Póde daqui crerſe, que andava Sor Marianna em huma meditaçaõ continua do que repetia taõ continuada; e inferirem-ſe os effeitos, que cauſaria em ſua alma aquelle doloroſo eſpectaculo, de que naõ divertia as attençoens da memoria.

Daqui ſem duvida lhe naſcia hum deſprezo, com que ſe deſejava tratada, ſem reparo de eſtimaçaõ, ou menos preço, que ſe fizeſſe della; final de huma alienaçaõ de todas as humanas penſoens da natureza, e de huma vida já eſpiritualizada. Aſſim naõ houve ſucceſſo, ou ſemrazaõ, que alteraſſe a paz de ſeu eſpirito. Baſte para prova eſte caſo. Deixou huma Noviça cahir hum candieiro no Oratorio; achava-ſe nelle a eſte tempo Sor Marianna; ſahio a culpada a fazer diligencia para tirar a nodoa, e entrou logo a Religioſa, que tinha a cargo o aceyo daquella Caſa. Moleſtada do que via, e achando a Sor Maria, a reprehendeo com demaſiada, e repetida aſpereza, entendendo, que era a culpa ſua. Eſcutou ella o que ſe lhe imputava, e o como ſe lhe reprehendia; e pondo os olhos no chaõ, diſſe com brandura: *Seja pelo amor de Deos.* Entrava niſto a Noviça culpada, e confeſſando, e affirmando, que ella ſó o fora, ficou confuſa a Religioſa do que ouvira, como arrependida do que excedera, e com a meſma admiraçaõ o contava.

No tempo, que foy Pupilla, ſe lhe dilatou o noviciado cinco annos; já Noviça, ſe lhe dilatou a profiſſaõ trez mezes; e naõ ſendo ſua culpa, e muy clara a ſemrazaõ de quem a tinha, nunca ſe lhe ouvio queixa. Taõ confórme eſtava com o que Deos diſpunha, ou permittia! Profeſſou em dia da Trasladaçaõ de noſſo Patriarcha S. Domingos, e cumpriolhe o Ceo o deſejo, que tinha de que foſſe em Feſta ſua. Antes dellas, como das de noſſa Senhora, fazia novenas de jejuns, diſciplinas, e outras penitencias. Depois de profeſſa, indo confeſſarſe, lhe deu o Confeſſor o parabem, e perguntandolhe: *Se ſabia, que couſa era ſer profeſſa*, reſpondeo com muita ſingeleza (mas naõ diſlera melhor a mayor ſabedoria) *Que era ſer Eſpoſa de noſſo Senhor*, quem aſſim o entendia, naõ faria para o deſmerecer no que obrava.

Trez mezes tinha ſó de profeſſa, quando lhe deu huma inflammaçaõ na cabeça, cauſada de huma poſtema, que ſe lhe gerou em huma parte della, com taõ agudas dores, que deſcendolhe ao peſcoço, hombros, e coſtas, naõ fazia movimento, que naõ foſſe martyrio. Nem a repetidas ſangrias, nem a medicinas mais cuſtoſas obedecia o mal.

o mal. Já naõ havia remedio, mas ao deſengano, era nella igual o ſofrimento, offerecendo tudo á Paixaõ de Chriſto, e accommodando as dores ás partes, em que o Senhor as padecera em ſeu Sacroſanto corpo. As da cabeça ás chagas dos eſpinhos, as dos hombros ás do pezo da Cruz, as das coſtas aos açoutes, e aſſim ás mais; acompanhava eſtes ſacrificios com huma tal conformidade, e conſtancia, que levantando os olhos ao Ceo, rompia em fervoroſos actos de amor, dizendo muitas vezes: *Senhor, e que tormentos ſaõ eſtes, para igualar meus peccados? Se ſois ſervido de me dar outros mais crueis, que me atormentem até o dia do Juizo, que mayor gloria, que padecer por goſto voſſo? Dobray embora as penas, mas dobray o ſofrimento; que tudo, o que diſpuzeres, ſerá ſempre para mim de mayor lucro.* Paſmavaõ as Religioſas, porque ſempre tiveraõ a ſua ſingeleza por menos judicioſa.

Deraõlhe o aviſo de que os Medicos lhe mandavaõ dar o Viatico: e foy tal o ſeu alvoroço, como de quem ſabia, para donde ſeria a jornada. Aſſim parece, que podia dizer com o Profeta Pſalmiſta: *Lætatus ſum in his, quæ dicta ſunt mihi; in domum Domini ibimus: Senhor, grande he a minha alegria, porque me diſſeraõ, que eſtava em veſperas de ir á voſſa Caſa*; e aſſim deu a entender, que o eſperava com ſegurança, porque tendo pedido, que lhe chamaſſem o Confeſſor, e vendo, que tardava, diſſe: *Como tarda eſte noſſo Padre! Se elle houvera de caminhar para onde eu vou, elle ſe apreſſara mais.* Chegado o Confeſſor, e perguntandolhe o que queria, reſpondeo: *Quero ir para o Ceo.* Singeleza ſanta! mas reſoluçaõ de quem na vida naõ fizera diligencias por outra couſa.

Recebido o Viatico, começou a eſperar a morte, naõ ſó conſtante, mas contente. Poucas horas antes que ella chegaſſe, lhe deraõ huns gomos de limaõ doce, para poder mover a lingua ſeca ao rigor da febre. Levou o primeiro, e o ſegundo, mas chegando ao terceiro, e achando-o amargoſo, e que lhe renovava as dores da boca, que tinha em huma viva chaga, diſſe: *Que naõ carecia de myſterio.* E accreſcentou logo: *Eu ſó ao fel, que goſtou viſinho á morte meu Senhor Jeſu Chriſto, naõ tinha offerecido tormento. Agora foy eſte o meu fel. Naõ comerey mais limaõ: tudo eſtá conſummado.* Pedio logo a Unçaõ, e attendendo a ella, e ao Officio da agonia com piedoſas demonſtraçoens, inteiro juizo, e admiravel ſocego, entregou o eſpirito nas mãos de de ſeu Eſpoſo, a quem imitara eſpirando, como vivera com elle padecendo.

Faleceo em huma terça feira, em 27 de Setembro de 1663. que era hum dos dias, em que pedia a Deos a ſua ultima hora. Alguns ſinaes precederaõ a ella, porque naõ eſtando ainda dada a ſentença pelos Medicos, de que Soror Marianna morria, indo ſua irmãa Sor Magdalena das Chagas huma noite, e já tarde, recolhendoſe para a cella, e com os olhos em huma alampada, que dava huma luz clariſſima, vio, que de repente ſe apagava, e no meſmo inſtante aſſaltada de hum grande pavor,

lhe veyo ao ſentido, que morria ſua irmãa Sor Maria. Outro final houve, e eſte ſó a ella parece, que foy manifeſto, porque dous dias antes que eſpiraſſe, ſentio hum ſuaviſſimo cheiro, que lhe cercava a cama. Perguntou ás Religioſas: *Que perfume era aquelle taõ ſuave*; e reſpondendo todas, que nem alli, nem mais diſtante havia perfume, ſe callou, como alcançada do que diſſera. Parece, que já ſe aviſinhavaõ a ſeu eſpirito as fragrancias, de que ſe hia aviſinhando ás amenidades eternas.

CAPITULO XXXVIII.

Das Madres Soror Joanna do Roſario, e Soror Catharina de Jeſu Maria.

BEmafortunadas Familias, que com taõ conhecidos avanços ſouberaõ commerciar com eſta Caſa, dando-lhe filhas, que ella lhe melhorou Santas; mas naõ tem menos lucro taõ bem aſſentado commercio. Delle lançaraõ maõ D. Joaõ de Almeida, e Dona Violante Henriques, (de que já fallamos) mas merecidas memorias dos repetidos aſſumptos, que nos deraõ para eſtas. Hum, e outro appellido aſſaz celebre, como illuſtre neſte Reyno, levando comſigo as Caſas de Portugaes, Vilhenas, Menezes, e Noronhas, de que os Nobiliarios Portuguezes eſtaõ cheyos, e authorizados; mas muito mais ſua Caſa, por fecunda, naõ ſó de filhos, mas de filhas, que foraõ quatro, e vieraõ povoar eſta do Sacramento. Foy huma dellas a Madre Sor Joanna do Roſario, que de ſeis annos ſe ſepultou neſtes Clauſtros, deixando a ſeus pays taõ ſaudoſos, como ſatisfeitas as Religioſas, porque depois das prendas da natureza, de fermoſura, e graça, ſobreſahia nella a boa inclinaçaõ, e indole para o caminho da virtude, acertos, que ainda lhe naõ podia aconſelhar a idade; mas por iſſo mais eſtimados, como preſagios, que adiantava o Ceo a prometella toda ſua.

Era rara ſua modeſtia, com circumſtancias mais que dictadas da natureza, ſem haver nella acçaõ, que lhe podeſſe teſtemunhar a idade. Aſſim paſſou á de Pupilla, ſem a diſtinguir entre as Noviças mais que o nome, como depois Noviça, ſem ſe diſtinguir da mais reformada da Caſa. Já profeſſa, e fóra da de Noviças, era eſpelho, a que ſe compunhaõ todas. Aſſim ſuccedia, chegando ella, ir com grande reparo a pratica, em que ſe entertinhaõ algumas, porque em ouvindo palavra menos ſeſuda, (proferida talvez para deſpertarem a ſua boa graça, que em tudo tinha muita) dizia logo: *Que naõ deſaſeaſſem a caſinha*; eſte nome dava á conſciencia. Já de Pupilla adiantada aos exercicios da Caſa, (que baſtaõ a fazer a mais reformada Religioſa) tinha alguns particulares, que conſervou, e ainda augmentou em toda ſua vida, eſpecialmente na auſteridade dos jejuns, e na ſeveridade das diſciplinas.

Deſde a quinta feira até ao Domingo continuava na meditaçaõ do que o Senhor padecera, e obrara da Cea até a Reſurreiçaõ. Daqui lhe naſcia huma paciencia nunca vencida, ou alterada. Moſtrava-a melhor nas do-

doenças, porque neceſſitando de alguma couſa, vendoſe preza na cama, ou a naõ pedia, ou a eſperava da maõ de quem reparaſſe mais nella. Pagava-ſe o Ceo tanto deſte ſacrificio, como o moſtrou eſte ſucceſſo. Eſtava gravemente enferma, e deſejava (como medicina) hum pucaro de agua, a tempo que eſtavaõ as Religioſas na caſa da recreaçaõ; naõ ſe reſolvia a chamar nenhuma, ſó deſejava, que vieſſe ſua irmãa a Madre Sor Magdalena, e com eſte deſejo a chamava, como fallando comſigo, quando a vê entrar pela Enfermaria. Perguntoulhe: *Quem a chamava*, reſpondeo: *Que o coraçaõ lhe eſtava advertindo, que vieſſe, e o fizera com tanta força, como ſe alguem a chamara.* Foy couſa digna de reparo, porque em ſemelhantes occaſioens lhe ſuccedeo o meſmo.

No trabalho, e ſerviço da Caſa era a Madre Sor Joanna a mais prompta; e como era grande ſua capacidade, governo, e providencia, tudo na ſua maõ luzia, e avultava. Fizeraõ-na Procuradeira, e aſſim ſe viraõ aſſiſtidas as Religioſas, que naõ ſó ſe naõ conhecia falta, mas muitas vezes abundancia. Reparava-o de mais perto a Irmãa Converſa, que era ſua companheira, admirando-ſe de ver, que em muitas occaſioens tocava á meſa, faltando o neceſſario, e depois ſe experimentava de ſobejo. Naõ podia ſuccedermenos a quem movendo as mãos para o trabalho, levantava o coraçaõ ao Ceo, porque era ſua vida huma contemplaçaõ continuada. Verdadeira diſcipula de ſeu Eſpoſo, applicava-ſe ao trabalho, mas naõ ſe deſvelava na falta do ſuſtento. Tinha percebido a intelligencia do preceito Evangelico, naõ lhe faltou o premio de exercitallo.

Houve na Caſa falta total de azeite. (genero mais preciſo em Communidade, onde ſaõ paſto principal as hervas, e o peixe). Naõ havia aonde recorrer, porque a neceſſidade ſempre curta achava mais barato fechar a boca para o ſuſtento, que abrilla para pedillo. Tinhaõſe eſgotado as talhas, já as diligencias as achavaõ antes ſecas, que vaſias; eis-que hum dia tornando a Irmãa Converſa a buſcar nellas, antes deſengano, que remedio, vê huma pequena, e cuberta; e chegando-ſe a ella, a acha cheia. Suſpendeſe, conſidera, que em tantos dias, e tal aperto, naõ a podia ter deixado, ou a deſattençaõ, ou o deſcuido; dillo á Madre Sor Joanna, culpando-ſe a ſi meſma, que ſeria tontice ſua; mas naõ tardou muito o deſengano, obrigando-as a levantar mais o penſamento. Torna o ſeguinte dia á diſpenſa, e lançando os olhos a huma talha grande, que por ſuas mãos alimpara o dia antecedente, a vê igualmente cheia, como a outra. Entaõ naõ teve liberdade para fechar os olhos á evidencia, antes os abrio, chorando de confundida, e ſegura do cuidado com que Deos tratava aquella Serva ſua, lembrandolhe o mal, que duvidava no que cada dia lhe eſtava ſuccedendo na ſua officina; tudo mimos, com que o Ceo aſſiſtia, e honrava a Sor Joanna. Contou o ſucceſſo á Prelada, porque encontrando-a ao ſahir choroſa, lhe perguntou a cauſa; levantaraõ ambas as mãos

ao Ceo, e correndo a noticia por todo o Moſteiro, foy a Communidade ao Coro, entoando o *Te Deum laudamus*, e dando a Deos as graças pela Providencia com que lhe aſſiſtia; naõ ſendo menos deſvelada a que occupava com Sor Joanna pela caridade, com que deſejava remediar aquella Caſa, que a com
3. Reg. c. 17. que acodio á Viuva de Sareptha, por ſoccorrer o ſeu Profeta, naõ lhe faltando o azeite na talha.

Naõ valiaõ diante de Deos menos as ſuas diligencias, nem eraõ eſcutadas, e deferidas com menos preſteza as ſuas ſupplicas. Vioſe em outra occaſiaõ. Acabava a Madre Soror Joanna hum veſtido rico de cor nacarado a hum Menino Jeſus, de quem era muito devota, e deſvelada no aceyo com que ſempre o trazia: eis-que pegando nelle, lhe acha huma grande nodoa. Foy igual a que ſe lhe poz no coraçaõ, pelo grande alvoroço com que eſtava, de pôr ao Menino de gala ao outro dia. Fez publica a magoa, viraõ todas a nodoa, recolheo ſe Sor Joanna, e queixando-ſe aquella noite ao Menino, por permittir em couſa ſua aquelle deſaceyo, mal rompeo a manhãa, acha o veſtido ſem nodoa, nem final de que alli a houvera; como ainda hoje ſe vê, e entaõ o viraõ todas as Religioſas, que o preciſo da publicidade as fez em huma, e outra couſa teſtemunhas.

Faleceo huma irmãa ſua, (Sor Marianna de S. Joſeph, de que já fallámos) recolhia-ſe do enterro a Madre Sor Magdalena das Chagas, tambem irmãa de ambas; e perguntando-lhe huma Religioſa por Sor Joanna, que eſtava enferma, e como ſentira a morte da irmãa, reſpondeo a Madre Soror Magdalena com roſto enxuto: *Sim he para ſentir a morte de huma irmãa; mas Deos naõ nos deixa padecer.* Bem ſe vê, que venturoſa ſeria a morte de Soror Marianna, e participada ás irmãas a venturoſa noticia do lugar, a que paſſara ſua alma, porque aſſim ſe deſvelava o Ceo em conſolar a Sor Joanna. Mas aſſim o ſabia grangear a ſinceridade, e pureza de ſua vida, e a grande conformidade, com que ſe havia nos golpes della, ſem romper em outro deſafogo mais, que em o de louvar a Deos; lembrança, que ainda nos caſos de mais ſentimento a encontrava com a boca cheia de riſo.

Deu-lhe huma febre aguda, da que diſſe logo, que morria. Teria mayores certezas, que huma, que apontava, porque aos primeiros dias, que cahio na cama, voltando-ſe huma vez para a parede, vio nella huma grande ſombra; cauſou-lhe primeiro ſuſto, ſocegouſe logo, e diſſe com ſegurança, que morria. Naõ tardou muito a evidencia de que ſe naõ enganara, porque recorrendo-ſe ao remedio das ſangrias, e achando-a debilitada a repetiçaõ dellas, começou a viver por inſtantes. Pedio os Sacramentos, e recebendo-os com ſocego, e ſuavidade de eſpirito, o poz nas mãos de ſeu Eſpoſo, em hum dia de S. Jacintho, 16 de Agoſto, ás duas horas depois da meya noite, anno de 1665.

Muito ſemelhante á Madre Soror Joanna em qualidades de ſangue, e virtude (e naõ menos na criaçaõ neſta Caſa, onde tam-

tambem entrou de ſete annos, e com duas irmãas) foy a Madre Sor Catharina de Jeſus, neta do Conde do Baſto, como filha de Duarte de Albuquerque, e de Dona Joanna de Caſtro, filha do Conde. Continuou a meſma ſemelhança nas ſogeiçoens de Pupilla, começando já deſte eſtado a avultar nos exercicios da oraçaõ, e penitencia, recuſando o deſcanço da cama, eſpecialmente nas veſperas de Communhaõ, e noites de feſtas feiras, naõ permittindo ao corpo mais que o agaſalho, que promettia huma taboa nua.

Com a profiſſaõ creſceraõ as obrigaçoens, com os annos o exceſſo nellas, chegando Soror Catharina em breve tempo ao grao de virtude, e opiniaõ de verdadeira filha deſta Caſa. Taes ſaõ as qualidades, com que ſe grangea eſte nome! Incançavel na continuaçaõ das Matinas, até ás quatro da madrugada ſe detinha no Coro, naõ a embaraçando para a regular aſſiſtencia delle, nem os officios, em que a punha ſua muita capacidade. Aſſim diſpunha, e media o tempo, que acodia a tudo; e nem o trabalho da Enfermaria lho occupava todo, ſó a aſſiſtencia de alguma doente de perigo. Aos jejuns da Conſtituiçaõ accreſcentava muitos; eraõ continuados os de veſperas de Communhaõ, e Sabbados. O meſmo em Vigilias de alguns Santos, mas em todas as de noſſa Senhora a paõ, e agua. Muitos dias ſe abſtinha della; continuava-o mais pela Quareſma; e aggravando a mortificaçaõ, trazia azevre na boca. Uſava aſperos cilicios, tomava rigoroſas diſciplinas; e ſobre tudo, antes parece que ſe eſquecia, que ſe dilatava na oraçaõ. Tal era a ancia de naõ ter outra occupaçaõ na vida; enſinarlhehia a experiencia, que a naõ havia mais delicioſa. Taes eraõ os favores do Ceo, com que a frequentava.

Huma noite ſe lhe repreſentou, que hum Religioſo, ſeu Confeſſor, que aſſiſtia com o da Caſa na Vigairaria, eſtava muy apertado com hum eſtupor, que áquella hora lhe dera, mas que naõ morreria. Rompeo-ſe a manhãa ſeguinte a noticia no Moſteiro, e que o Religioſo, ſem eſperança de remedio, naõ admittia alivio. Soube-o a Madre Sor Catharina, e chamando o Confeſſor da Caſa, lhe propoz o que lhe ſuccedera, para que o doente eſtiveſſe com confiança. Pareceo diſpoſiçaõ do Ceo a felicidade deſta noticia, ſendo eſta Madre muy recolhida em materias de ſua conſciencia. Seguio-ſe logo no doente perfeita melhora, e depois larga vida, e em Sor Catharina confirmada a opiniaõ, que já tinha na Caſa.

Sendo Meſtra de Noviças, e tendo huma gravemente enferma, vio em ſonhos huma Religioſa, (amiga de ambas, que havia pouco falecera) e ouvio, que lhe dizia: *Levantate, e faze com que ſe dem os Sacramentos a eſſa menina, que certamente morre.* Acordou, e ſem dar credito ao ſonho, tornou a dormir, e logo a ouvir o meſmo, que primeiro. Tornou a acordar, e continuando no pouco reparo, dormio, e terceira vez ouvio o meſmo, e pelo meſmo eſtilo. Entaõ acordou com ſobreſalto, convencida já de que antes era avi-

aviſo, que ſonho; vay-ſe á Prelada, pedindo, que ſe dê logo o Viatico á Noviça. Era alta noite, recuſava ella deſaſocegar a Caſa, e ſem reſoluçaõ de Medico, parecendo-lhe antes loucura, que cautela. Inſta cada vez mais reſoluta a Meſtra; naõ coſtumava ſem fundamento fallar com tanta confiança; conhecia-o aſſim a Prelada, chama-ſe a Communidade, entraõ os Religioſos, e dando-ſe á doente os Sacramentos, perde logo a falla, e em breves horas a vida.

Commungava duas vezes na ſemana, (ſendo ſó huma da obrigaçaõ da Caſa) e acompanhava eſte acto com copioſas lagrimas; ſeria, que ſe lhe derretia o coraçaõ no peito com as viſinhanças do Sol, que recolhia na alma. Naõ havia occupaçaõ pertencente ao Coro, em que naõ foſſe deſtra, como continua. Na de Cantora ſe empregava com grande goſto, quando lhe deu hum forte eſtilicidio, de que naõ fez caſo, porque ſe naõ reſolvia a deixar o ſerviço do Moſteiro. A falta de remedios a foy pondo em eſtado de tiſica, e a de reſpiraçaõ em huma agonia continuada, em que ſe apurou ſua paciencia, e o conhecimento do pouco caſo, que fazia da vida. Rodeavaõ-lhe a cama duas irmãas, e algumas parentas; e vendo, que faziaõ huma devoçaõ pela ſua melhora, diſſe: *E que deſpropoſito fora tornar eu agora a deſejar a vida! Meu Senhor, ſeja antes pela minha alma.*

Foy-ſe-lhe aggravando o achaque, e chegou-a ás portas da morte. Sacramentaraõ-na, pedindo-o ella com inſtancia, e devoçaõ, repetindo com muita: *Louvado ſeja Deos, que naõ he ſó para os bons, e Santos, mas tambem ouve os maos, que eſtaõ tremendo do Inferno.* A eſpacios dizia as palavras do Pſalmiſta: *Ad te levavi oculos meos, qui habitas in cælis. Levantey os olhos a vós, Senhor; a vós, que tendes o Ceo por Palacio.* Eſtava com eſte ſocego, quando alterando-ſe hum pouco, diſſe: *Parece que eſtou para entrar em hum termo*; e ſobrevindo-lhe hum accidente, repetio: *Santiſſimo Sacramento.* Foy a ultima palavra, que ſe lhe ouvio, porque brevemente paſſou a gozar a Bemaventurança, como a que acabava de repetir, que a pertendia, recorrendo ao penhor della. Aſſim ſe podia conjecturar, advertindo, que nem os horrores da morte poderaõ diſſimular as luzes, em que já vivia ſeu eſpirito, percebidas em huma compoſtura deſaſombrada, e riſonha, que lhe ficou no roſto. Faleceo em dia do Anjo da Guarda, 1 de Outubro de 1666.

CAPITULO XXXIX.

De Soror Maria Joſefa, e Franciſca do Roſario, Pupilla, ambas irmãas.

DUas irmãs com tantas igualdades (como promettia a harmonia do ſangue) na inclinaçaõ, e no genio, e tantas na virtude, como ſe a graça ſeguira os paſſos da natureza, deu a Caſa dos Condes de S. Lourenço a eſte Moſteiro, para o deixar enriquecido, como ſaudoſo; taes foraõ ſuas prendas, e taõ breves ſuas vidas! Foraõ ellas Sor Maria de S. Joſeph, que entrou

trou de nove annos, e Soror Franciſca do Roſario, que entrou de ſete. Eraõ as delicias dos Condes ſeus pays, Martim Affonſo de Mello, e Dona Magdalena da Sylva, que ſem eſcutarem os ſoluços a ſuas ſaudades, ſe deſpojaraõ dos mayores alivios da vida, ſacrificando dous coraçoens em os altares da Clauſura; victimas taõ agradaveis a Deos, como o moſtrou a experiencia do pouco, que as permittio á terra. Mas digamos primeiro de Soror Maria.

De nove annos entrou neſta Caſa, deſmentindo os no modo com que ſe começou a portar nella, ſem eſperar, que as obrigaçoens de Noviça a puzeſſem no caminho de ſervir, e obedecer; aſſim era humilde, aſſim diligente! A todas excedia na modeſtia, e compoſtura; e cativava a todas com notavel meiguice, e boa graça, favorecida em tudo o que dizia, e obrava, de ſuma eſperteza, e fermoſura. Chegou aos quinze annos, tomou o habito com tanto alvoroço, como ſe naõ principiara o ſeu cativeiro: mas tal era o ſeu cativeiro; mas tal era o goſto com que viera buſcallo! Eſte a fez voar no anno de approvaçaõ, naõ havendo emprego de mortificaçaõ, e trabalho, em que ſe naõ adiantaſſe a ſua diligencia, e a ſua obſervancia. Naõ ouvia auſteridades das que uſaraõ as primeiras Noviças da Caſa, que naõ exercitaſſe com igual rigor, por mais que lho culpava a compleiçaõ delicada, e já reduzida a grande fraqueza. Para o exercicio da oraçaõ, e para os mais de penitencia, que ſe uſaõ na Caſa, aſſim era deſvelada, como a que vingava a ſede, que nunca lhe deixaraõ ſatisfazer em Pupilla, tanto na aſſiſtencia das Matinas, (que por favor lhe deixavaõ naquelle tempo ir a algumas) como na frequencia das diſciplinas, que a Meſtra lhe tirava da maõ, eſperando, que com o tempo criaſſe forças para aquelle exercicio.

Mas já agora tinha mais juſtiça para os actos de mortificada, ainda que eſcondia os que excediaõ a ſua debilidade, como era hum aſpero cilicio de ferro, com que rigoroſamente ſe cingia, em podendo livrarſe dos reparos da Meſtra. Já em Pupilla uſava eſta penitencia, e a meſma cautela. Profeſſou, que foy o dia mais alegre, como ſuſpirado de ſua alma, como quem naõ ignorava o Eſpoſo, que conſeguia, diſpondoſe aſſim para o deſpoſorio, como quem conhecia o ornato, de que ſe agradava ſeu Eſpoſo. Mas naõ permittio elle, que ella o ſuſpiraſſe muito na terra, porque dentro de dous mezes a chamou para o lugar de eſpoſa. Precedeo huma febre, que exaſperada com os remedios, deſenganou a todos; mas era tal ſua paciencia, que (recorrendo-ſe aos mais rigoroſos, que nem aſſim davaõ eſperanças de melhora) naõ ſe via nella a menor repugnancia; antes com ſemblante alegre ao dizeremlhe, que os Medicos davaõ o ultimo deſengano, reſpondeo: *E porque? Eu naõ o conheço?* Sacramentaraõ-na, ſendo nella tanta a devoçaõ, e inteireza, como nas Religioſas a laſtima. Deſpedioſe de todas; e depois de demonſtraçoens de huma alma pura, perdeo a fal-

la, e dalli a pouco a vida, paſſando a reſtaurar huma, e outra na companhia de ſeu Eſpoſo, para a lograr eternamente, vivendo, e louvando-o. Faleceo em 17 de Julho de 1666.

Seguio os meſmos paſſos ſua irmãa Soror Franciſca do Roſario, entrando neſta Caſa de ſete annos, já taõ adiantados em modeſtia, e concerto de vida, como ſe ſe anticipara a deſempenhalla perfeita, o conhecimento de a naõ ter dilatada. Conſentia ainda a ſua idade (porque naõ eraõ ainda completos os ſete annos) o entrar neſta Caſa a ver ſua prima a Madre Sor Antonia da Magdalena, que levada do amor, que lhe tinha, quiz eſta vez, que ficaſſe de todo nella, pois os Condes ſeus pays naõ tinhaõ outro intento, por mais que ſentiaõ, que a roubaſſem a ſeu goſto. Valeoſe a natureza dos poucos annos; ſentio a menina ſaudoſa o mimo, que deixava em ſeus pays, e ſua Caſa. Mas já a razaõ madrugava a enxugar as lagrimas, culpadas da inclinaçaõ, que naſcera com ella, de eſcolher aquella vida. Aſſim lhe deu principio com tanto fervor, que ſervia ás Religioſas juntamente de confuſaõ, e de goſto.

Levava-a hum ſingular affecto á Virgem Senhora do Roſario. Moſtrava-o na aſſiſtencia, que fazia em huma Capella ſua, onde muitas vezes a viaõ occupada com flores, e perfumes, acompanhados de groſſas lagrimas, como ſe envejoſo o coraçaõ quizeſſe fazer numero entre aquellas victimas. Acompanhava eſta devoçaõ com a de jejuar os Sabbados. Outros dias mais, que para ella tinhaõ particularidade, uſava a meſma abſtinencia, occultando-a com induſtria, porque o debil de ſuas forças culpava o exercitallas. Levava a huma Irmãa Converſa, que aſſiſtia na coſinha, o que lhe davaõ, e guardava da cea; e advertindo-lhe eſta huma vez, que guardaſſe os jejuns para quando foſſe Noviça, reſpondeo: *E ſabeis vós, ſe chegarey eu lá?* Parece que podia ajuizarſe, que alcançava a brevidade de ſua vida. Aſſim parece que a conhecia no muito que aproveitava.

Começou hum anno a jejuar a paõ, e agua os nove dias antes do Natal, conſagrados á Expectaçaõ da Senhora; paſſados alguns, diviſava-ſelhe já no roſto a fraqueza; deu parte á Meſtra huma Noviça, que o ſabia; e naquelle martyrio lhe embaraçavaõ o mayor goſto. A paõ, e agua jejuou as Veſperas de noſſo Padre eſſes poucos annos, que viveo, naõ ſendo a menos cuſtoſa circumſtancia deſta penitencia o occultalla. Tomava diſciplinas, e uſava cilicios com a meſma cautela. Recolhida na cella, tinha larga oraçaõ, naõ ſe contentando com a que em Communidade tinha no Coro. Nella, como nas occaſioens de Communhaõ, eraõ taõ copioſas ſuas lagrimas, que na toalha ſe lhe repreſentavaõ as nodoas.

Tinha todos os dias com a Senhora huma particular devoçaõ, veſtindo-a, e ornando-a com oraçoens taõ devotas, como bem accommodadas. O Roſario era o veſtido; o Officio menor da Senhora o manto; o ſeu nome (que ſe reza na Ordem com Pſalmos, e Antifonas, pelas letras) o toucado; a coroa,

a que

a que ſe reza á meſma Rainha; o calçado nove Padre Noſſos, e nove Ave Marias. De noite continuava as Matinas, que lhe permittiaõ, que naõ eraõ poucas; tal induſtria tinha para o conſeguir das Preladas! Humilde, ſofrida, e callada; naõ havia acçaõ religioſa, que naõ anticipaſſe em Pupilla. Suſpirava com continua ancia por acabar a vida. Raros deſejos naquelles annos! Conſultou o Confeſſor com eſcrupulo, ſe ſeria culpavel eſte deſejo. Aconſelhoulhe elle, que o mais ſeguro era reſignarſe, porque ainda que foſſem ſuſpiros por ver a Deos, devia huma alma porſe em ſuas mãos, porque ſó no ſeu decreto era infallivel o acerto.

Neſte eſtilo de vida contava ſete annos e meyo deſta Caſa, e quatorze e meyo de idade, quando lhe deraõ humas bexigas, que reſolvendo-ſelhe, a reduziraõ a ancias mortaes, e faltas de reſpiraçaõ, que naõ podia dar hum ſuſpiro; tormento, em que ſofreo muito. Mandaraõ os Medicos, que ſe lhe deſſem os Sacramentos. Magoadas as Religioſas, naõ havia huma, que ſe reſolveſſe a darlhe eſta noticia, temendo, que o ſobreſalto lhe aggravaſſe a doença; mas a Madre Soror Antonia da Magdalena, como parenta, e inteirada do eſpirito da Pupilla, lhe propoz o deſengano, accreſcentando razoens para a conformidade do que Deos diſpuzeſſe. A que reſpondeo Soror Franciſca ſem perturbaçaõ: *Agora vejo o que devo de amor a Voſſa Reverencia, pois aſſim trata da minha alma: ſe eſta he a vontade de Deos, quanto mais cedo, tanto melhor.*

Deraõlhe os Sacramentos, que receheo com inteira advertencia, e devoçaõ, que compungia as Religioſas, e juntamente as admirava, vendo aquella idade taõ deſtemida, e taõ conforme. Ameaçou-a huma modorra grande; e voltando ás Religioſas, pedio, que tiveſſem cuidado de a acordar; que naõ queria, que a morte a achaſſe dormindo. Era vigilante, era ſabia eſpoſa; e naõ ignorava, que aquella era a hora de chegar o Eſpoſo, e contingente ſobir ao thalamo a que o naõ eſperaſſe com diſvelo. Poz os olhos em hum Chriſto crucificado; e perguntando-lhe huma Religioſa o que via? Reſpondeo: *Vejome á mim meſma*; e continuando algumas palavras, cheias de confiança, e eſpirito, eſpirou, paſſando-o áquelles braços, que via abertos, para a receberem nos eternos deſcanços, em 20. de Abril de 1688. dia de Santa Ignez de Monte Policiano, feſtivo para a Ordem, como ditoſo para Soror Franciſca. Affirmaraõ Religioſas, dignas de credito, ouvirem neſte dia continuada, e repetida muſica, percebida a ſuavidade della, mas ignorado donde naſcia.

CAPITULO XL.

Das Madres Sor Leonor do Euangeliſta, Sor Ignez do Preſepio; e da Irmãa Converſa Sor Domingas de S. Jacintho.

ENtrou neſta Caſa a Madre Sor Leonor do Euangeliſta, promettendo o que logo começou a deſempenhar a experiencia; porque ſendo muito nobre por naſcimento, abraçou a hu-

mildade religioſa com tanto eſpirito, que a diligencia ſua naõ houve officio, ou occupaçaõ abatida na Caſa, em que naõ empregaſſe toda ſua vida. Aſſim a tinhaõ ſempre por companheira as Irmãas Converſas nas ſuas officinas. No eſſencial de Religioſa, e obſervancia nos exercicios da Caſa, era inculpavel. Nem os muitos achaques a faziaõ frouxa. Era de condiçaõ inteira, e fogoſa; e o dominalla, foy o continuo martyrio de ſua vida. Ella lhe fazia accreſcentar os jejuns, dobrar mais a miudo a diſciplina, e apertar o cilicio com mais aſpereza.

Devotiſſima da Senhora do Roſario, ſem duvida lhe mereceria o anticipado aviſo, com que começou a eſperar a morte, de huma doença, que a naõ promettia. Seguioſe ao conhecimento a conformidade, e huma paz grande em ſeu eſpirito, acompanhada de brandura, em que ſe lhe trocou a aſpereza do genio. Recebidos os Sacramentos, advertio ao Confeſſor, que o demonio a havia de inquietar na ultima hora, e que tiveſſe cuidado de a abſolver, ſe a viſſe inquieta. Succedeo aſſim; porque perdendo logo a falla, e continuando o Officio da agonia, ſe inquietou muito, fazendo final ao Confeſſor. Abſolvida, cerrou placidamente os olhos, como em hum ſuave ſono, paſſando a abrillos em o eterno dia, que amanheceo á ſua alma, em hum Sabbado, 2 de Julho de 1668, naõ deixando de merecer reparo a concurrencia feſtiva, que houve eſſe dia na Caſa, por ſer em hum Sabbado da Dominga infra octava do Sacramento, com que foy o corpo para o Coro, quando na Igreja ſe eſcutavaõ os inſtrumentos de trombetas, e charamellas. Ao Domingo ſe deu á terra, eſtando tudo ornado de branco, como pedia o Oitavario. Seguioſe motivo de mayor reparo, (e de ſentimento para as Religioſas, que ſempre tiveraõ os ſeus Clauſtros por ſepultura dos grandes effeitos de ſua obſervancia) porque ſoou logo na Corte huma voz, que falecera no Moſteiro do Sacramento huma Religioſa ſanta, a quem noſſa Senhora revelara o dia de ſua morte, ſem ſe averiguar donde eſte rumor ſe originaſſe.

Nem no naſcimento, nem na virtude inferior abraçou a meſma vida, e buſcou eſta Caſa a Madre Sor Ignez do Preſepio. Foraõ ſeus pays Ruy de Mendonça de Vaſconcellos, e Dona Jeronyma de Moura, naturaes de Lisboa. Naſceo com ella a inclinaçaõ aos Clauſtros da obſervancia, porque chegando a uſo de razaõ, naõ havia nenhuma, que a deſperſuadiſſe de buſcalla. Já contava os annos de o pôr em execuçaõ; venceo os pays com a ſupplica, e com a inſtancia; e tomou o habito com tantos alvoroços, como tinhaõ ſido os deſejos, e começaraõ a ſer as promptidoens nas obrigaçoens delle. Aſſim foy hum vivo exemplar das Conſtituiçoens, e exercicios deſta Caſa, contandoſe entre as primeiras Noviças della, porque viviaõ ainda as Religioſas na primeira.

Obediente exercitou todos os officios, obſervante, o de Prioreza, e em todos como perfeita Religioſa. Nos jejuns, diſciplinas, e mais penitencias, o que

mais

mais ſe ſabia, era pelos effeitos; aſſim era acautelada. Na oraçaõ continua; aſſim era recolhida. Diſpenſaraõ-na os annos muitos, e achaquoſos, de ſeguir a Communidade nas Matinas; mas aſſim madrugava para a vigia do Sacramento, que ainda as Religioſas eſtavaõ na oraçaõ dellas, quando vinha para o Coro, onde as mais das vezes contava as trez horas, gaſtando em oraçaõ até Prima, dalli a deſpertar as Religioſas para ella. Seis, ou ſete annos antes de ſua morte a affligio huma doença, em que padeceo muito; mas entendendo com invencivel fé, que no meyo daquella affliçaõ lhe eſtava Deos aſſiſtindo, como pelo ſeu Profeta promettera ao attribulado: *Cum ipſo ſum in tribulatione*: *Eu vivo junto do affligido.* Aſſim dizia com paciencia, e confiança: *Senhor, folgo, que eſtais aqui, e vedes o que padeço, porque, ſe aſſim naõ fora, quem me daria tanta paciencia?* E algumas vezes continuava, (voltando-ſe a quem lhe aſſiſtia) ſegurando, que deſejava acabar a vida, e padecer o golpe da morte, pois o meſmo Deos morrera por nós á força de dores, e aos olhos de ſua affligida Mãy.

Teve a occupaçaõ da Sacriſtia muitos annos, com igual aceyo, que diſvelo, em que a naõ deixava para o conhecimento do Senhor, a quem ſervia, e a experiéncia dos exceſſos, e pontualidades, com que pagava, moſtrando muitas vezes na ſua Providencia o que ſe agradava daquella officina. Eraõ-lhe preciſos dez mil reis para obra, que o naõ era menos, e eſtava a ſeu cargo; andava com a affliçaõ de naõ ter a quem recorreſſe; eis-que hum dia, abrindo hum almario, acha nelle pontualmente o dinheiro. Poem os joelhos em terra, levanta ao Ceo os olhos, cheyos de lagrimas, repete entre devoçaõ, e alegria o *Te Deum laudamus*; e porque preſenciara o caſo outra Religioſa, que a ajudava, lhe diſſe: *Graças ſejaõ dadas a Deos, que naõ he eſta a primeira vez.* E ſem duvida lhe ſuccederia muitas, porque reparando huma Religioſa em hum quadro de noſſo Padre, que eſtava na Sacriſtia, e notando-o de mal affigurado, reſpondeo Sor Ignez com ſingeleza, e graça: *Sim; mas dá dinheiro.*

Com outros favores a tinha o Ceo mimoſa, porque em muitas couſas futuras fallou com ſegurança, e moſtrou-as depois a experiencia. Eraõ iſto luzes participadas a ſeu eſpirito do commercio continuo, que tinha com o Ceo por meyo da oraçaõ. Detinha-ſe huma noite nella em o Coro, a tempo que huma Religioſa (chegando a huma varanda) vio arder huma fermoſa lavareda ſobre o telhado delle. Foy examinallo, e na parte, a que correſpondia o fogo, achou a Madre Sor Ignez orando; aſſim ſe naõ eſtreitava o de ſua caridade na eſféra do peito, ſobia rompendo embaraços a buſcar o centro, de que cahira faiſca para ſe levantar lavareda. Taõ viva era a da caridade, com que amava a Deos, e abraçava ſeus preceitos, que até em padecer as penas eternas eſtava conforme, diſpondo-o aſſim ſua Divina vontade. Praticou-o algumas vezes reſoluta com peſſoa de eſpirito, a quem devemos eſta, como as mais noticias

de

de ſua vida. Foy ella taõ inculpavel, que muitas vezes lhe ouviraõ dizer: *Que nunca á noite ſe recolhera, entendendo, que chegaſſe ao outro dia; nem ſe levantou nelle com eſperança de que chegaſſe á noite.* E memoria taõ bem occupada, como o naõ aconſelharia a vida, ſe a induſtria de a conſervar inculpavel, he o perder nunca de viſta os fins della, como he documento do mais verdadeiro Oraculo.

Memorare noviſſima tua.

Contava ſetenta annos, quando a chamou Deos com huma rigoroſa doença de terçans malignas. Como toda ſua vida foy huma continua preparaçaõ para deixalla, tomaraõ os alvoroços o lugar dos aparelhos, e já Sacramentada, e amanhecido o dia, em que o Ceo diſpoz ſua jornada, chegando-ſe a vêlla as Religioſas, ouviraõ, que fallava comſigo, e com voz clara ſe pedia alviçaras de chegar já aquella hora. Voltouſe logo a ellas, e diſſe: *Que nunca amanhecera com taõ grandes ſaudades de Deos, como aquelle dia.* Nelle, que foy em 20 de Julho de 1668. paſſou taõ ditoſamente a alivial-las, como ſe lhe moſtrara o Ceo, que ſe acabava para ſempre o tempo de padecellas.

Mas dem lugar eſtas duas Madres a huma Religioſa Converſa, que ſeguindo-lhe as pizadas na vida, o merece tambem fazer na memoria, ainda que a que nos chegou ás mãos, he aſſaz eſcaſſa, como vinda por algumas, mais advertidas em eſconder, que em apontar. Foy eſta Religioſa filha de pays honrados, e virtuoſos, prendas unicamente eſtimaveis, e bem conhecidas em toda eſta familia, mas com mayores augmentos a da virtude em Soror Domingas, diviſada já em ſua meninice, que bem doutrinada dos pays, e melhor illuſtrada do Ceo, naõ tinha já mais emprego, que pizar o ſeu caminho. Contava onze annos, quando já ſe achava muy adiantada nelle com os exercicios de contemplaçaõ continua na Paixaõ de Chriſto, a que offerecia muitos de mortificaçaõ, e penitencia, com grandes lucros de ſua alma. Aos olhos della começou o Senhor a permittir a ſuavidade de ſua preſença, de que lhe naſcia hum tal reſpeito, que nem no tempo, que preciſamente havia de dar ao deſcanço, ouſava deſcomporſe, nem ainda tirando a toalha depois de Religioſa; aſſim dormia veſtida.

Bem ſe infere qual ſeria a pureza de huma conſciencia, que tinha ſempre Deos á viſta, ſem ſe atrever a obrar acçaõ menos decente de ſua attençaõ ſoberana. Com eſſa fraze nos dá noticia a Chronica Sagrada das vidas dos mimoſos de Deos, dos Patriarcas, dos Profetas, dos Monarcas piedoſos, e juſtificados, dizendo: *Que viveraõ na ſua preſença; que lhe aconſelhou, que andaſſem ſempre nella.* Venturoſa alma na eſtimaçaõ de Deos, donde reproduzio, e achou o ſeu agrado as ſinceras ſemelhanças daquelle primeiro ſeculo!

Ambula coram me Gene. 17. Ut ambulent coram me, ſicut tu ambulaſti. 3. Reg. cap. 8.

Amiudava as Communhoens, por conſelho de ſeu Confeſſor, peſſoa douta, e que conhecia o como devia conſervarſe a pureza de ſua conſciencia. Recolhida em ſi meſma, antes parece, que ignorava, que fugia os commercios da vida. Com o eſtilo deſta chegou á idade de vinte e

ſete

ſete annos, em que entrou neſte Moſteiro, tomando o habito de Converſa, e avultando tanto na pontualidade das obrigaçoens delle, como promettia a ancia, com que buſcara o caminho de ſe adiantar mortificada. Era o ſeu preſtimo igual ao ſeu cuidado: via-ſe a Caſa bem ſervida, e edificada; aſſim era diligente, aſſim obſervante. Naõ tardaraõ os achaques, preciſos companheiros dos annos; mas nem o ſeu rigor a fez afrouxar no das Conſtituiçoens, menos nos que inventava, nunca ſatisfeita do que ſe perſeguia.

O ſeu comer era quaſi ſempre hervas; o mayor mimo dous ovos; pareceo-lhe regalo, e abſteveſe delles. Nem as occaſioens de feſtas, ou profiſſoens, em que ſe augmenta, e melhora o prato ás Religioſas, a obrigavaõ a diſpenſar neſta auſteridade. Deſpertava a Matinas, e ou antes, ou depois dellas, corria por ſua conta a vigia do Santiſſimo; favor, que procurado com inſtancia, alcançara da Prelada. Commungava duas vezes na ſemana, que ſempre a meditaçaõ, e penitencia a trazia diſpoſta. Com eſta frequencia ſe accendiaõ os deſejos em ſua alma, de chegar a lograr ſeu Eſpoſo na viſaõ eterna, e uniaõ mais intima, e ſegura.

Seguiaõ-ſe a eſtes deſejos deſprezos da vida, e a repetida confiſſaõ de que nada lhe agradava nella mais, que a eſperança de que chegaria a ſua ultima hora. Precederaõ a ella doenças rigoroſas; e contando já ſeſſenta annos a ultima, e taõ cruel, que as dores lhe tiravaõ o juizo, e ficava como frenetica. Paſſado o accidente, eraõ grandes as demonſtraçoens de ſua conformidade. Foy-a enfraquecendo o achaque, deraõlhe os Medicos a certeza de ſua morte, e eſcutou-a com tanto alvoroço, que voltando-ſe ás Religioſas, e levantando as mãos ao Ceo, dizia com o roſto banhado em lagrimas: *Que nunca tivera nova, que lhe déſſe tanta.* Recebeo os Sacramentos devota; e dizendo-lhe, que tinha o pulſo muito fraco, que já naõ poderia durar muito, reſpondeo com ſocego: *Pois iſſo aſſim he, ponhamonos a morrer.* Deſpedioſe das Religioſas com alegre ſemblante, e entre outras couſas, que diſſe, accreſcentou: *Que neſta miſeravel vida lhe tinha Deos feito muitas mercês*; e dandolhe graças por ellas, como por lhe apreſſar a hora, em que ſe via, taõ alegre para ella, acabou com o nome de Jeſus na boca, paſſando a contemplar nelle a verdadeira, e eterna alegria, em dia de noſſa Senhora da Appreſentaçaõ, 21 de Novembro de 1668.

CAPITULO XLI.

Da Madre Soror Magdalena das Chagas.

VEnturoſo nome, e appellido, que duas vezes ſe lê nas memorias deſta Caſa em duas filhas della, no nome parecidas, no ſangue parentas, nos Clauſtros reformadas, e ambas digno aſſumpto do noſſo trabalho, e grande credito deſte Moſteiro, renovando agora nelle a lembrança da Madre Soror Magdalena das Chagas, de que já eſcrevemos, viſavó deſta, de que eſcrevemos agora.

Cha-

Chamouſe eſta Madre no ſeculo (até niſſo ſemelhança da parenta) Dona Magdalena de Vilhena. Entrou a ſer Pupilla neſta Caſa de oito para nove annos de idade, em que ſe faziaõ mayor lugar as prendas, que lhe deu a natureza, e já madrugavaõ, fazendo-a privilegio della. Com excellente voz acompanhava as Religioſas no Coro, admirava-as com repoſtas de vivo, e prompto entendimento, e edificava-as com a compoſiçaõ, e modeſtia de ſeu trato. Aſſim como ſe adiantava á idade, o fazia tambem á obrigaçaõ, porque ainda nas liberdades de Pupilla ſe viaõ nella as obſervancias de Noviça voluntaria; e goſtava tanto o Ceo de a ver já a braços com o trabalho, que lho apreſſou em huma rigoroſa doença, como apalavrando-a para os muitos, que a eſperavaõ na vida.

Dilatouſelhe o noviciado alguns annos, ſacrificio, em que luzio mais o ſeu ſoffrimento; taõ vivas eraõ as ancias de ſe ver naquelle eſtado! Mas nem toda aquella ſede embaraçada, a eſcutou queixoſa, nem todos aquelles embaraços a acharaõ menos reſoluta. Chegou finalmente o dia de tomar o véo de Noviça, que foy em huma quinta feira, oitavo dia da Aſcenſaõ, 17 de Mayo de 1657, e teſtemunhou a Madre Soror Filippa da Encarnaçaõ, (entaõ Prioreza, que fazia a funçaõ) que aſſim lhe vira transformado o ſemblante, e banhado, naõ ſó em huma deſuſada alegria, mas em huma luz taõ peregrina, e ſoberana, que entendendo-a myſterioſa, naõ acabava de entender como era. Teſtemunhou-o aſſim a meſma Prelada ao Vigario o Padre Meſtre Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

Já Noviça, edificava em tudo o que fazia humilde, obediente, prompta, e deſvelada, mas ainda mais com ſua modeſtia, e compoſtura; tanto, que chegou a affirmar huma Religioſa antiga, e de grande opiniaõ na Caſa, que naõ punha nunca os olhos em Soror Magdalena, que os naõ voltaſſe a pôr em ſi, confundindo-ſe, como ſe ſe reprehendera; e rompendo em lagrimas de compungida. Mas que menos commoçaõ faria nos olhos pios o retrato da penitencia! Naõ trabalhou eſte ſó com com as cores do ſangue (que corria copioſo de largas, e rigoroſas diſciplinas) paſſou ao exceſſo de o querer ver em ſi meſma aberto de eſtampa. Alcançou com ſegredo, e induſtria hum ferro, e feito em braza, o poz ſobre o peito eſquerdo, abrindo nelle huma chaga, como ſe obedecera ao Eſpoſo, que alli ſe deſejava eſtampado, pedindo-lhe, que com hum ſinete o imprimiſſe no braço, e no peito. Bem parece que o eſcutou, e lhe deferio Soror Magdalena; porque ſe o Eſpoſo he fogo, foy ſinete o ferro, e deſte ſinete em braza lhe ficou no peito eſſa eſtampa. Aſſim lhe deu a eſtampa o nome de eſpoſa, que ſuſpirava, e ſe lhe confirmou na chaga o ſobrenome, que tinha. Mas porque ſe naõ gabaſſem o fogo, e o ferro, que ſó elles a aſſinalavaõ eſcrava de ſeu Eſpoſo, com ſeu meſmo ſangue fez huma firma, em que ſe ſegurava ſua; de que ao diante daremos mais particular noticia.

Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum. Cant. 3.

Era continua a ſede de oraçaõ,

çaõ, para o que a adeſtraraõ muito os livros de exercicios eſpirituaes, formando (doutrinada delles) hum retiro em ſeu coraçaõ, onde ſe eſcondia; e abſtrahida de tudo do Mundo, ſó em Deos achava o ſeu centro; delicia, que primeiro comprara á cuſta de muitas affliçoens, mas ſeguioſe a ellas à paz de eſpirito, com que depois lograva a aſſiſtencia de ſeu Eſpoſo, em ſe recolhendo áquellle retiro. Deſcobrio-o aſſim a ſeu Confeſſor. Chegou-ſe o dia de ſua profiſſaõ. Moveraõ-ſe alguns embaraços ſobre ella, por peſſoa mayor, que eſtava no Locutorio com o Vigario, e Prelada; creſceo a diſputa, e veyo a porſe em pratica, que a Noviça largaria o habito, e o Moſteiro, e ao menos a certeza de que naõ ſeria a profiſſaõ naquelle dia. Laſtimavaõſe as Religioſas, que amavaõ, e veneravaõ muito a Noviça; e buſcando-a para animalla, lhe deraõ (achando-a em oraçaõ no Coro) a noticia, e o conſelho de naõ deſcorſoar com ella. Nada ſe ſobreſaltou Sor Magdalena, antes reſpondeo com ſocego, e ſegurança: *Madres, naõ ſe moleſtem Voſſas Reverencias; que eu heide profeſſar hoje.*

Eſtava aſſentado o contrario; pareceo a todas profecia do deſejo. Mandoulhe a Meſtra, que ſe recolheſſe para caſa de Noviças; e indo com ella ſua irmãa, a Madre Sor Joanna do Roſario, (que inteirada do embaraço, chorava ſem alivio) lhe pedio Sor Magdalena, que naõ ſe affligiſſe; que eſtiveſſe certa, que ella havia de profeſſar aquelle dia. Naõ paſſaraõ muitas horas, que compondoſe impenſadamente a demanda, ſe diſpuzeraõ de ſorte as couſas, que naquella tarde profeſſou, taõ ſatisfeita agora, como até alli eſtivera ſegura; e as Religioſas taõ confuſas do que viaõ, como do que lhe naõ creraõ; entendendo, (e bem) que aquella ſegurança naõ podia ſer aconſelhada da terra.

Já nella naõ eſperava Soror Magdalena mayor dita; e como ſe até alli naõ fizera mais que ſuſpiralla, entendeo, que ainda devia merecella. Aſſim voava nos exercicios penitentes, alargando o coraçaõ, e a induſtria a mayores rigores, e muito mais quando ſe vio fóra de caſa de Noviças, onde naõ eraõ taõ immediatas as teſtemunhas. Accreſcentou jejuns, accreſcentou retiro, e ſilencio; mas tudo parecia pouco, porque hia muito diante ſeu deſejo, e naõ podia acompanhallo a debilidade do corpo, porém via, que já eſte, e ſeu eſpirito eſtavaõ conſagrados a ſeu Eſpoſo, e reſolveo, que naõ baſtavaõ para as obrigaçoens de profeſſa os deſempenhos de Noviça: viaſe em mais ſuperior eſtado, deſvelava-ſe por merecello. Entendia, que o deſpoſorio pedia igualdades; e as que naõ podia conſeguir por humana, intentava na ſua eſféra por compaſſiva, naõ ſe contentando com a chaga, que ainda lhe durava no peito, ſendo cinco as de ſeu Eſpoſo.

Já tinha mais commodo para conduzir á cella os inſtrumentos do ſeu martyrio; tomou hum ferro em braza, e abrindo mais a chaga antiga, a acompanhou com outras quatro em pequeno circulo, onde ajudando-ſe humas ás outras as dores, paſſavaõ a

intoleraveis. Começaraõ a ſangrarſe, como o promettia a violencia, que as abrira; e começou a ameaçar corrupçaõ a viſinhança, que hia de huma a outra. Naõ ſe reſolvia Sor Magdalena a fiar o ſegredo, via-o arriſcado, porque já era preciſo recorrer a algum remedio; buſcou o da oraçaõ, ſempre bem ſuccedida com elle, e agora melhor: porque eſtancando-ſe o o ſangue, ſem mais medicina, que alguns fios, que lhe applicava, pouco a pouco ſe lhe foraõ todas cerrando. Mas naõ permittio ſeu Eſpoſo, que ſepultaſſe o ſilencio extremo taõ heroico; e naõ fiou ſó do Confeſſor o teſtemunho delle, (que aſſim divulgou depois de ſua morte) mas com ſeus olhos vio os ſinaes das chagas Sor Anna Maria, Irmãa Converſa, na occaſiaõ de amortalhalla. Viaõ-ſe ſobre o peito eſquerdo, cercavaõ as quatro a mayor, tendo cada huma o tamanho, e circulo de hum toſtaõ.

Aſſim ſe ſinalou Sor Magdalena eſpoſa, ficando a meſma carne, (que nos eſpoſos he huma) tanto a meſma, que até o parecia no chagada; ou aſſim ficou verdadeiramente merecedora do ſeu nome, porque no peito lho eſcreveo o ſeu ſangue; imitaçaõ ſoberana de ſeu Eſpoſo, que chamandoſe JESUS, que val o meſmo que Salvador, ao meſmo tempo, que ſe lhe via correr o ſangue, ſe lhe eſcutava o nome. Grande argumento de que o merecia quem já o exercitava, como ponderou S. Bernardo: *Circumciditur Puer, & vocatur Jeſus ... Nec meus iſte Jeſus nomen vacuum, aut inane portat.* Naõ ſe me culpe a digreſſaõ, que eſtá convidando a muitas acçaõ taõ deſuſada, que prende a velocidade á penna, dando lugar ao preciſo reparo de ver eſta Madre fazendo numero com hum Francico penitente, hum Paulo transformado em Chriſto, e huma Catharina de Sena extatica, que ſendo todos vivas eſtampas de Chriſto chagado, parece que ainda ſe lhe adiantou Sor Magdalena, fiando ás reſoluçoens do ſeu meſmo braço as execuçoens daquelle martyrio.

Mas ſe Sor Magdalena era legitima eſpoſa nos ſinaes, naõ menos o começou a confirmar com as acçoens, naõ havendo nenhuma, em que naõ ſobreſahiſſe ſua rara humildade. Era Enfermeira com outra Religioſa; e lagandolhe tudo o que a occupaçaõ tinha de privilegio, e dominio, naõ lançava maõ, mais que ao que tocava ás irmãas Leigas em ſemelhantes officinas, querendo ſer a primeira ſó no diſvelo com as enfermas. Apreſſaraõ-na antes as penitencias, que os annos, a entrar no numero dellas, obrigando-a ſó a obediencia a admittir meſinhas, e reſpeitar moleſtias. Pozlhe a Prelada preceito, que naõ foſſe a Matinas; recolhiaſe na cella obediente, aonde em tocando a ellas, gaſtava orando, o que as Religioſas no Coro. Aſſim ſatisfazia ao preceito, e contentava o deſaſocego de ſeu eſpirito. Achava elle, que ainda era viver com liberdade o tella ſó na maõ da Prelada; quiz depoſitalla na do Confeſſor, e prometterlhe tambem obediencia. Eſcuſouſe elle repetidas vezes a eſta ſupplica, até que hum dia lhe diſſe Soror Magdalena: *Que*

ella

ella ſabia, que aquella ſogeiçaõ importava ao bem de ſua alma; e conſentindo o Padre, ſervio depois para muito, porque o ſeu preceito lhe tirou muitas vezes da maõ a diſciplina, lhe fez aliviar o cilicio, e mais auſteridades, com que de todo ſe hia atenuando.

Sobre eſta rara obediencia creſcia, e avultava cada vez mais o edificio da obſervancia, anticipando-ſe, ou ſobrecreſcendo nelle a da caridade. Eſta a empregava toda no remedio das affligidas, ſupprindo as lagrimas onde naõ chegavaõ as diligencias. As doentes a achavaõ á ſua cabeceira a toda a hora, que nem á do deſcanço preciſo perdoava. A's decrepitas, e impoſſibilitadas, para ſe ſervirem das cellas para dentro, lhas varria, e aceava, obrigando-as com agrado, para que lhe permittiſſem repetir aquella diligencia. Achava a mais deſvelada a neceſſidade de mayor importancia, como eraõ as da alma; as dos inimigos, e apoſtatas da Fé, por quem applicava exercicios penitentes. Por hum, de que teve particular noticia, andou muitos tempos afflicta, e penitenciada. Aqui carregava a maõ nas diſciplinas, ſempre taõ rigoroſas, que lhe era neceſſaria toda ſua induſtria, para que a naõ deſcobriſſe o ſangue, quando as tomava.

Com huma cadea de ferro cheia de bicos cingia o peſcoço, e levada pelas coſtas, lhe deſcia a fazer o meſmo ao peito. Outro cilicio, e huma Cruz de ferro com grandes bicos ſe lhe acharaõ por ſua morte. Mas nada baſtava a ſatisfazer aquella ancia penitente; nem o que já fizera, nem o que agora fazia, lhe parecia ſatisfaçaõ, para huma peccadora, qual ſe imaginava. Reſolveoſe a fazer huma petiçaõ a Deos, arrezoando que, já que ella naõ ſabia doerſe de ſuas culpas, lhe permittiſſe dores, e doenças, em que podeſſe purgalla. Ouvio o Senhor o ſeu requerimento: porque os achaques, que dalli em diante ſe lhe ajuntaraõ, e as dores, e affliçoens, que a perſeguiraõ, vinhaõ por taõ eſtranho caminho, e continuavaõ por tal modo, que ſe naõ duvidava da cauſa, que os diſpunha; porque tendo Sor Magdalena muitas parentas na Caſa, e ſendo o mimo della, em todas as ſuas doenças ſe via hum certo deſamparo, aſſim nas medicinas, como nas aſſiſtencias; que naõ deixando algumas Religioſas de fazer eſſe reparo, nem por iſſo ſe lhe poz remedio.

Ainda paſſou a mais aquella grande confuſaõ, a que a reduziaõ ſuas culpas (por eſte eſtilo o ſegurava a ſeu Confeſſor, que conhecia a innocencia de ſua alma) que reprehendendo-ſe a ſi do muito, que era ingrata a ſeu Eſpoſo Divino, lhe diſſe: *Senhor, já que eu naõ faço penitencia, nem para apagar a minha culpa, nem para correſponder ao voſſo amor, deſde agora vos peço, que ſe eu merecer por voſſa miſericordia a ventura de eſcolhida, me dilateis o purgatorio, para me vingar de mim meſma.* Muitas vezes, e nunca ſem lagrimas, repetio eſta ſupplica.

Faleceo ſua irmãa, a Madre Sor Joanna do Roſario, e tomando por pretexto eſte ſentimento, fez hum total retiro de todo o commercio, que as Re-

ligioſas tem nas horas diſpenſadas para alivio. Tiradas as funçoens da Communidade, e aſſiſtencias do Coro, ninguem a via no Moſteiro. Era ſua cella huma ſepultura viva, porque era ſua vida huma morte animada. Valia-lhe muito eſte recolhimento, para continuar o exercicio da oraçaõ; e porque ainda lhe parecia pouco o tempo, que tinha livre no dia, ſe valia do da noite, ou do da madrugada, advertindo a huma irmãa Converſa, de que ſe fiava, que a chamaſſe, porque (talvez de cançada) naõ adormeceſſe, ſendo que rara vez acodio a Converſa a eſta diligencia, que a naõ achaſſe, naõ ſó acordada, mas proſtrada em venia aos pés da cama. Madrugava aſſim Sor Magdalena para buſcar ſeu Eſpoſo: proprios diſvelos de Magdalena, buſcallo de madrugada; e ſuccederlhehia o meſmo venturoſo encontro, que á primeira, porque naõ parecia inferior a ſua ancia.

CAPITULO XLII.

Continua-ſe a vida da Madre Sor Magdalena; da-ſe noticia de ſua morte.

MAis dilatados, e miudos apontamentos do procedimento deſta Madre nos chegaraõ á maõ, mas naõ faltando ao eſſencial da noticia, diſpenſaremos com a miudeza, antes embaraço, e faſtio, que clareza da hiſtoria. Levava docemente os cuidados a Sor Magdalena a Imagem do Menino, a que chamaõ na Caſa *o Senhor Siganinho*, de que já atraz fica tocado. Em quanto lhe offerecia oraçoens, e lhe dizia jaculatorias, applicava as mãos a ornallo de galas, e enriquecello de inſignias, deixando-lhe huma vez huma maõ prendada com hum anel, confirmaçaõ de eſpoſa, e demonſtraçaõ da ternura com que o buſcara, tratando-o por hum nome taõ ſuave para ella, como facilmente ſe lhe percebia, quando o repetia, ou o eſcutava.

Meditava todas as ſemanas a Paixaõ do Senhor, deſde a quinta feira até o Domingo; exercicio, que tambem tiveraõ ſuas irmãas Soror Joanna do Roſario, e Soror Marianna de S. Joſeph, com igual lucro de ſua alma ao de Soror Magdalena, que era tanto, que chegou a dizer muitas vezes a ſeu Confeſſor: *Padre, naõ ſey explicar os favores, e mercês, que Deos me faz quando me chego a elle na oraçaõ; porque ſempre me parece, que eſtá benigno, e agradavel, e que aſſim me eſcuta, e alenta, por mais que o meu conhecimento me retira ao abyſmo do nada; mas ſou eu tal, que devendo tanto a eſte Senhor, e naõ havendo mayor delicia, que a que ſuſpiro na ſua aſſiſtencia, ainda aſſim o offendo a todas as horas.* Quiz dizer mais, mas emmudeceraõ-na os ſoluços, e as lagrimas.

O eſtilo, com que ſe entregava á contemplaçaõ, fica já apontado, onde diſſemos, que fabricara em ſeu coraçaõ huma caſinha, em que ſe recolhia, affaſtada de tudo da terra. Entrava nella com o penſamento, e antes de meditar o que convidava a ſua devoçaõ naquelle dia, ſe proſtrava aos pés de Chriſto, beijando-lhe as chagas devota, e enternecida. O nome de Magda-

gda-

gdalena lhe enſinava o lugar dos oſculos, e que alli deviaõ parar as ancias, e correr as lagrimas. Roubavaõ eſtas aſſim os olhos a ſeu Eſpoſo Divino, que ſe lhe repreſentava muitas vezes intellectualmente, que o meſmo Senhor, vendo-a cahida a ſeus pés, a levantava benigno, chegando-a eſtreitamente a ſeu Sacratiſſimo Lado. Entendia outras vezes, que a acompanhava, e lhe aſſiſtia huma peſſoa, attendendo a todas as acçoens, que obrava. E perguntando-lhe o Confeſſor, ſe a via, reſpondeo: *Que naõ: mas que naõ duvidava de que foſſe o meſmo Deos, ou Miniſtro ſeu; porque daquella companhia lhe reſultava hum gozo interior, o mais exceſſivo, e huma lavareda de amor, que lhe naõ cabia no peito.* Iſto explicava a ſeu Confeſſor com razoens taõ ſubidas, que bem moſtravaõ, que naõ eraõ ſó ſuas. Em particulares ſemelhantes teve com elle muitas conferencias, que deixamos, como peregrinas ao noſſo eſtilo de hiſtoriar ligeiro, e preciſo.

Tinha eſta Madre muito preſtimo para o Coro, e Canto, que ſe uſa na Caſa. Continuamente era occupada nelle; mas nem o attender ás clauſulas daquella devota harmonia, lhe embaraçava o applicarſe á goſtoſa de ſeu eſpirito, que era a contemplaçaõ, de que ſe ſeguia o veremſe nella ao meſmo tempo dous oppoſtos effeitos, a harmonia na boca, as lagrimas nos olhos. Pagavalhe o Senhor na doçura deſtas a ſuavidade daquella; e ella ſe pagava tanto de repetilla, que nem os achaques, nem as dores a tiravaõ de continualla; antes entendia, que era a ſua muſica medicina da ſua moleſtia. Sem duvida he medicinal a muſica, deſtruindo (ora com anthipatia, ora com induſtria) muitos contrarios da vida humana. Ve-ſe com experiencia nos mordidos das viboras, e das Tarantulas, como enſinou Theophraſte; nos perſeguidos de ciatica, e da gotta, como diz Aulo Gelio. E ſe havemos de crer o que ſynceramente nos deixou eſcrito a antiguidade, aſſim de dores, como de enfermidades curava Eſmineas (deſtriſſimo na frauta, e ſemelhantes inſtrumentos) ſem mais induſtria que tocallos. Mas naõ ſe jacte deſtes prodigios a melodia humana, que melhor os ſabe deſempenhar a ſagrada. Achava ſe a Madre Soror Magdalena apertada de dores, entrada a Semana Santa; doeuſe della ſeu Confeſſor, e pedindolhe, que ſe eſcuſaſſe áquelle trabalho, que lhe ſeria nocivo, reſpondeo: *Padre Confeſſor, naõ ſe moleſte; que eu vou cantar ao Coro, e hei de melhorar em cantando.* Foy, e ſuccedeo como tinha dito.

Neſta, como em outras occaſioens parece, que a illuſtrava ſuperior conhecimento; e nem ſempre era ſó em repreſentaçoens, muitas vezes em ſinaes ſenſiveis. Pedia em huma occaſiaõ á Senhora do Roſario (de quem era devotiſſima) ſoccorro para peſſoa, que eſtava em aperto; e ouvio huma voz, que claramente lhe advertia, que fizeſſe certa devoçaõ, e conſeguiria o que deſejava. Succedeo aſſim nas petiçoens, que fazia a Deos, quando eſtava em oraçaõ, conhecia pela ſuavidade, ou deſaſocego, com que a continua-

va,

va, o deſpacho da ſua ſupplica qual ſeria. Pedia huma vez a vida de ſua irmãa, Sor Joanna do Roſario, que eſtava enferma, e perigoſa; e por mais que começava a ſupplica, naõ a concluia. Daqui entendeo, (e foy aſſim) que acabaria a irmãa daquella doença. Apagouſelhe de improviſo huma alampada, que ardia no Dormitorio, huma noite, que ſe recolhia, levando os olhos nella. Aſſuſtouſe, entendendo logo, que ſua irmãa Sor Marianna de S. Joſeph duraria pouco; achavaſe eſta entaõ enferma, mas ſem riſco. Compadecida daquelle inexplicavel rigor, com que ſaõ atormentadas as Almas no Purgatorio, applicava por ellas muitos exercicios devotos, e penitentes. Rezava huma noite por defunta conhecida os Pſalmos Penitenciaes; era tarde, eſtava cançada, venceo-a o ſono ao principiar o *Miſerere*; mas acordou logo, porque ſentindo, que lhe pegavaõ em hum hombro, ouvio, que lhe diziaõ: *Miſerere*. Principiou-o outra vez, e deixandoſe adormecer, ſem o acabar, lhe ſuccedeo o meſmo, acordando, e ouvindo *Miſerere*. Entaõ ſe poz em pé, e acabou de rezar.

Outra noite, recolhendoſe da oraçaõ do Coro para a cella, ao abrir a porta, a vê trocada em huma accendida fornalha de implacaveis lavaredas, que rodeavaõ hum vulto de peſſoa, que conheceo logo, como couſa, que lhe tocava muito; e ſahindo de entre as lavaredas huma voz ſentida, e laſtimoſa, que lhe pedia ſoccorro diante de Deos com oraçoens, deſappareceo a viſaõ. Aſſim lhe dava a entender o Ceo, como eraõ valioſas, e bem ouvidas ſuas ſupplicas. Mas queria já o Senhor, que as repetiſſe fóra deſte valle de miſerias, e diſpoz, que padeceſſe a ultima em huma doença, que ella entendeo logo, que o era, contra os votos dos Medicos, que reſolvendo, que alli naõ havia riſco, fizeraõ com que a doente naõ foy ouvida, pedindo por vezes, que lhe chamaſſem o Confeſſor. Entendiaõ as Religioſas, que eraõ eſcrupulos de imaginaçaõ melancolizada; com lhe naõ deferirem, quizeraõ divertilla. Callava ella com paciencia; e hum dia, que ſe vio mais apertada, e que lhe naõ eſcutavaõ a meſma inſtancia, levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, diſſe: *Senhor, naõ permittais que morra eu ſem Sacramentos.*

Mas continuando o deſcuido, (antes o myſterioſo deſamparo) chegou a taõ grande aperto, que vendo-a nelle algumas Religioſas, correraõ apreſſadas a advertillo á Prelada, e veyo o Confeſſor, mas já achou ſem falla a enferma, e ſem movimento nas mãos, ſe quer para lhe apertar huma. Naõ he poſſivel paſſarmos daqui, ſem fazer huma breve reflexaõ, recorrendo ao que deſta Madre temos eſcrito, que em todas ſuas doenças ſe experimentou hum novo deſamparo, e ſó advertido já entre os deſenganos do remedio. Agora o veremos milagroſamente permittido por quem o permittio duvidoſo; que naõ he crivel outra couſa de ſe deſcuidarem do ultimo remedio da alma com hnma Religioſa, que inſtantemente o pedia, e em vinte e ſeis dias de doença. Mas aſſim ſe diviſava melhor a eſpecial permiſſaõ Divina,

vina, conſentindo nas doenças, e moleſtias, que lhe pedira Sor Magdalena, e confirmou-ſe agora.

Poſta neſte aperto de muda, e paralytica, e deſviadas algumas Religioſas com o Confeſſor na Caſa do Capitulo, (conferindo eſta pena) eis-que de repente ſe lhe reſtitue o movimento, e a falla. Confeſſa-ſe com vagar, e clareza; recebe o Viatico ſatisfeita, e devota; pede, e daõlhe a Unçaõ, a que attende com acordo, e quietaçaõ de eſpirito, entregando-o a ſeu Eſpoſo taõ ſuavemente, como ſe póde inferir do que advertiraõ as Religioſas, aſſentando-ſe no voto de todas, que alguma viſaõ Celeſte recreara a moribunda; porque antes da ultima reſpiraçaõ lhe viraõ abrir os olhos com huma nova fermoſura, e inexplicavel alegria, que a bom juizo, naõ podia ter outra cauſa. Faleceo de idade de trinta annos, e alguns mezes, em huma ſeſta feira, 9 de Novembro de 1668 ás trez horas da tarde, horas, e dia myſterioſos em ſua morte; porque as horas foraõ as em que Chriſto deu por nós a vida; o dia, o em que eſta ſua eſpoſa o meditava.

Mas porque naõ foy ſó eſte o mimo, com que o Senhor a chamou para contemplallo glorioſo, como até alli chagado, tocaremos alguma noticia das que precederaõ á ſua morte, como as que lhe moſtravaõ o pouco, que lhe tardaria a eterna felicidade. Detinhaſe huma noite no antecoro rezando; (poucos dias antes da ultima doença) eſtava o lugar ſolitario, e algum tanto eſcuro, quando ſentindo, que pegavaõ nella, vio diante de ſi huma caveira. Das mais circunſtancias naõ eſtava lembrada a Religioſa, que apontou eſta noticia, participada da meſma Madre Sor Magdalena. Servia eſta Madre com caridade deſvelada á irmãa Converſa Sor Domingas, (que havia tempo eſtava enferma) e aſſiſtindo hum dia com algumas Religioſas, que lhe rodeavaõ a cama, diſſe huma: *Que já a doente naõ podia ter muitos dias de vida.* Acodio Sor Magdalena, e repetio com ſegurança: *Primeiro hei de morrer eu, que Sor Domingas.* Naõ ſe alcançou o fundamento com que o diſſera, mas faleceo primeiro que Soror Domingas; e o ſucceſſo fez o dito myſterioſo.

Dous dias antes que faleceſſe eſta Madre, paſſava huma Religioſa pelo Dormitorio, e emparelhando com a ſua cella, ouvio cantar com huma peregrina ſuavidade. Suſpendeoſe, e firmandoſe em que era aquella a cella de Sor Magdalena, como no que ouvira, tornou a perceber a voz, mas naõ o conceito; e entendeo logo, que naõ tardaria muito ſua morte, pois o Ceo a convidava com aquella delicia, que ſem duvida a eſtava eſcutando a enferma. Ao teſtemunho deſta Religioſa ſe ſeguio (quaſi ao meſmo tempo) outro da irmãa Domingas, que como já diſſemos, eſtava enferma, e em huma cella viſinha á da Madre Sor Magdalena, que ſó hum tabique as dividia, quando ao voltarſe para a parede, em que ſe encoſtava a cama da moribunda, ſente huma taõ preciоſa, e activa fragrancia, que como depois teſtemunhava, até a fez alhea das dores, e as mais agu-

agudas, que entaõ padecia. Segurou logo eſta irmãa a huma Religioſa de ſua confiança, que infallivelmente morria Sor Magdalena, porque naõ podia ſer aquella fragrancia menos que do Ceo, que já lhe aſſiſtia na terra.

Mas reſtanos huma circumſtancia, para que já convidámos o Leitor ao principio da vida deſta Religioſa, quando abrindo em ſeu peito as cinco chagas para eſtampa, e copia de ſeu Eſpoſo, firmou com o ſangue dellas a ſegurança de eſpoſa ſua em hum papel, em que declarou eſta venturoſa entrega de ſi meſma. Servirá ſua leitura de edificaçaõ, eſtimulo, e exemplo ás que com limpo coraçaõ ſe quizerem conſagrar ao Eſpoſo Divino, pois elle permittio para mais inteira noticia de ſua ſerva, que eſcapaſſe o papel do fogo, a que a ſua advertencia o deixara decretado, fiando de huma Religioſa, que falecida ella, o reduziſſe a cinza. Era eſta Religioſa peſſoa de reputaçaõ, parenta, e de grande confiança da Madre Sor Magdalena; conhecia bem a limpeza de ſua conſciencia; entrou em diſcurſos, que naõ eſconderia o papel peccados, antes noticia de credito para a defunta, e conſolaçaõ para quem a deſconhecera, e a ſuſpirava.

Levada deſte penſamento, deu conta ao Vigario (era entaõ o Padre Meſtre Fr. Valerio de S. Raymundo, que depois foy Biſpo de Elvas, talento grande, e benemerito de que ſe eſpalhe repetidas vezes ſeu nome neſtes eſcritos.) Conferio elle o ponto com outro Meſtre em Theologia da Ordem, que acaſo ſe achava em ſua companhia, e reſolveraõ ambos, que hum abriſſe o papel, e que diviſandoſe couſa digna de ſegredo, ſe entregaſſe ao fogo, quando naõ ſe puzeſſe na maõ da Prelada; e ſendo para edificaçaõ, ſe participaſſe ás ſubditas. Abrio o Vigario, e achando nelle huma reſignaçaõ, que de ſi fazia a Deos a Madre Sor Magdalena, eſcrita por ſua maõ, e firmada duas vezes, huma com o ſeu ſangue, ſe leu ás Religioſas, guardandoſe o original no depoſito da Caſa, donde ſe tirou eſta copia:

J. H. S. MARIA.

Eu Sor Magdalena das Chagas, eſcrava que ſou de Maria Santiſſima, hoje a nove de Julho, anno de 1658. *proteſto de toda a minha vida, em quanto em mim for, negar para ſempre minha propria vontade, offerecendome á Santiſſima Trindade por perpetua eſcrava, confiada no amor, que vós meu amantiſſimo Jeſus Sacramentado a todas as horas me eſtais moſtrando. Particularmente o conheci hoje na paz, e ſuavidade, que me deſtes a ſentir depois da Communhaõ. Fazendo eu eſta entrega de mim toda*

da em voſſas mãos, eſpero nas voſſas miſericordias, que me ajudareis, para que vos naõ uſurpe o que já huma vez vos hey dado. E para que eſta reſignaçaõ vos ſeja mais aceita, torno a renovar o voto de caſtidade, que já vos hey feito, tomando por teſtemunhas, de que iſto he aſſim, a Virgem Maria, minha Senhora, o meu Patriarca S. Joſeph, meu Padre S. Domingos, S. Joaõ Euangeliſta, Santa Catharina de Sena, a cuja imitaçaõ o hey feito. E a vós, meu caſtiſſimo Jeſus, offereço, e entrego meu coraçaõ, proteſtando daqui por diante, naõ conſentir, que couſa da terra me occupe, porque fóra de vós, nada me ſatisfaz; e por iſſo já toda ſou voſſa, e vós todo meu, e ſó o ſer voſſa me deleita. Tomara, meu Jeſus da minha alma, morrer mil mortes ao dia por voſſo amor: tomara nunca offendervos: tomara ſempre amarvos. Fazey vós, meu Senhor, que ſe até agora fuy cova de baſiliſcos, agora ſeja Templo vivo, e Caſa de voſſo deſcanço. Guarday, meu amor, de todo eſta voſſa Caſa, que já he de todo voſſa. Deitaime prizoens de voſſo amor. Guarday todos meus ſentidos, para que com nenhum delles vos offenda. Sede vós todo meu; que eu já toda ſou voſſa. E para que me naõ eſqueça nunca eſta entrega, que de mim hey feito em voſſas Santiſſimas mãos, faço eſte firmado de minha maõ. Hoje 9 de Julho de 1658.

Sor Magdalena das Chagas, eſcrava.

Abaixo deſta firma ſe lê em hum papelinho, pegado no papel, outra, que eſcrita com ſangue, diz:

Voſſa eſcrava.

Sor Magdalena.

CAPITULO XLIII.

Da Madre Soror Paula do Eſpirito Santo.

QUe couſas mais repugnantes, que as ſoberanias, e as humildades? e ſendo toda humildades a virtude, e a nobreza toda ſoberanias, parece notavel ſympatia eſta, que tem a nobreza com a virtude, como novidade o reſultarem as harmonias das diſſonancias. Mas ſem recorrer a ſegredos da Providencia, no melhor voto da politica ninguem ſabe ſer mais humilde, que o que he legitimamente nobre; e na politica Chriſtãa ninguem ſe póde chamar verdadeiramente nobre, ſem pôr em pratica os dictames da virtude. Daqui naſce conduzirem muito os naſcimentos para os progreſſos virtuoſos, eſpecialmente no noſſo Portugal, onde parece que ſe herda a piedade com o ſangue. Aſſim era illuſtre o da Madre Soror Paula, que começou a reſpirar com elle a vida de ſua virtude, parecendo eſta herança, que lhe competia de huns pays, que lhe naõ deraõ menos, que imitar em ſua vida, do que que herdar em ſua nobreza. Chamouſe ſeu pay Joaõ de Brito Caſaõ de Mendonça, do illuſtre ſangue dos Condes de Villa Nova. Sua mãy Paula da Fonſeca de Araujo, que ficando viuva, paſſou á Corte com tôda ſua familia, ſendo Soror Paula entre ſeus irmãos de menor idade, mas de taõ venturoſa indole, que ou parece, que a negava, ou a excedia. Com os annos creſceo a inclinaçaõ, dando o Ceo mayor luz a ſeu entendimento, para adiantalla em mais penitente exercicio.

Começou logo a deſpirſe de tudo, o que aquelle ſexo chama galantaria, á calidada decencia, ſem que a calidade, ou o ſexo, (valias com que a deſinquietava ſua familia) a fizeſſem alterar hum trage honeſto, taõ fóra de artificios, e enfeites, que antes parecia habito, que veſtido. Nos lances da pobreza hia já taõ adiantada, que ainda das licitas alfayas, que determinou para ſeu uſo, nenhuma tinha o nome de ſua, excepto hum eſcritorio, de que trazia a chave comſigo. Naõ deixavaõ de reparar ſuas irmãas no grande reſguardo: e logrando a occaſiaõ de o acharem aberto, trocada em confuſaõ a curioſidade, viraõ que as joyas, e brincos, que guardava, eraõ cilicios, e diſciplinas, obrados aquelles, e eſtas com induſtria, e ſem piedade; e indicios baſtantes da pouca, com que ſe uſava delles; e humas pevides amargoſiſſimas, porque naõ ficaſſe a boca de melhor partido, que as mais partes do corpo. Atenuava-o com jejuns continuos, e apertados. Na ſemana trez dias, hum a paõ, e agua, que vinha a ſer (por todo o anno) o em que cahia a Exaltaçaõ da Cruz. Induſtriavaſe já para entrar na milicia Dominicana, que com aquelle ſagrado Eſtendarte diante começa a penitente bataria de ſua abſtinencia.

Na Quareſma trez dias na ſemana a paõ, e agua. Pelo meſmo eſtilo celebrava as Vigilias dos Santos de ſua devoçaõ, ſendo no mais tempo taõ pobre o ſeu prato, que commummente

ſe

ſe naõ alargava a mais, que a huns legumes, por mais que na meſa eſtiveſſe encontrando acepipes. Levavaõlhe o mais do tempo ou a liçaõ dos livros de eſpirito, ou a oraçaõ; grande ſuavidade do ſeu! Era exceſſiva a que recebia com o verdadeiro Maná, e ſuſtento dos Anjos, deſejando a pureza delles, para chegar á ſua meſa. Aſſim ſe preparava para elle com rigoroſo exame, ſendo-o igualmente o golpe da diſciplina, mais a obſervancia do retiro, e do ſilencio. Nelle eſcondia as delicias, que alli goſtava, e merecia ſua alma, naõ ſe lhe percebendo mais, que no recolhimento, na ſuſpenſaõ, e violencia para tudo o que naõ era eſtar orando, ſem gaſtar em outra couſa todo aquelle dia, ſalvo a noite delle, mais a petiçoens de ſua mãy, que a deſejo de algum commercio humano.

Mas nem toda ſua cautela baſtou a eſconderlhe no coraçaõ aquella Divina braza; e rompendo talvez (como ſe paſſara a lavareda reprimida) ſe percebeo como em faiſcas, alguma luz, da com que ſe illuſtrava ſua alma naquella Divina meſa. Orava Sor Paula hum dia (que tinha chegado a ella) diante do meſmo Senhor, que alli recebera, e eſtava expoſto em certa Igreja, a que a levara a devoçaõ, quando ſe ſentio banhada em huma copioſa chuva de ſangue do meſmo Chriſto, enchendoſelhe delle a boca, com inexplicavel ſuavidade, e doçura, e parecendolhe, que com a meſma ſe lhe paſſava da boca ao depoſito do coraçaõ. Succedeolhe o meſmo na delicia, e ſuavidade, em outra occaſiaõ, que tendo commungado, e eſtando o meſmo Senhor expoſto, ſe affligia, porque o naõ via de mais perto, que lhe ficava em muita diſtancia o Throno. Orava com com eſte deſejo, quando lhe pareceo, que ſahindo a Hoſtia Sacroſanta da Cuſtodia, ſe lhe punha diante dos olhos em breve diſtancia.

Eſtes mimos, que a traziaõ alienada, e ſobiaõ a hum graõ intenſo de affecto com aquelle myſterio ſoberano, que até no nome quiz eſculpir os proteſtos de ſua veneraçaõ, e ennobrecer as ſogeiçoens de eſcrava, moſtrando de quem o era, com o nome de Soror Paula do Sacramento. (brazaõ, que eſcolhia para a vida religioſa, que eſperava) Aſſim o propoz ao ſeu Confeſſor, o Padre Manoel Dias, peſſoa de grande opiniaõ. Mas parece, que o diſpoz de outra ſorte o meſmo Senhor Sacramentado. Diante delle ſe ſuſpendia Sor Paula, em occaſiaõ, em que junto ao Altar ſe achava ſeu Confeſſor; levantouſe eſte, e chegandoſe a ella, lhe diſſe: *Que o Senhor Sacramentado lhe dera alli o nome, diſpondo, que em vez do Sacramento, ſe chamaſſe Paula do Eſpirito Santo.* He eſta Divina Peſſoa, Pomba immaculada; e parece que ordenava o meſmo Chriſto, que com as azas daquella Pomba ſe remontaſſe Paula a beber os ſegredos daquella meſa.

Aſſim começaraõ a ſer mais vigoroſos os voos de ſeu eſpirito, e animando-a a remontarſe ao mais elevado da perfeiçaõ, ſuſpirava a da vida religioſa, porque já morta para a terra, ſó lhe faltava huma ſepultura para a vida. Pedia com larga,

e repetida oraçaõ á Mãy de miſericordia, que a fizeſſe digna de huma illuſtraçaõ Celeſte, para eſcolher a vida, que a ſeu bento Filho mais aggradaſſe, como o diſpenſara ao ſeu grande devoto o Thaumaturgo Dominicano S. Gonçalo; e aſſim como para o favor, o propunha para exemplo, aſſim ſeguia o ſeu nos jejuns, e penitencias, com que acompanhava a ſupplica. Naõ ſocegava nella, quando lhe eſcreveo ſeu Confeſſor, com quem a praticara, advertindo-lhe, que o Eſpirito Santo, que lhe permittira o ſobrenome, a havia de illuſtrar com hum rayo ſeu naquella perplexidade.

Succedeo aſſim: porque dous annos antes de ſe recolher, orava em o ſeu Oratorio huma Veſpera do Eſpirito Santo. Tinha eſperado aquelle dia (devoçaõ de todos os annos) jejuando treze, e taõ apertadamente, que foraõ alguns a paõ, e agua. Com o eſpirito aſſim purificado ſuſpirava as illuſtraçoens daquelle Divino Paracleto; eis-que ouve huma voz, que claramente lhe dizia (como em repoſta do que entaõ perguntava) *Em o Sacramento.* Lançouſe Sor Paula por terra, dando graças a Deos em ſua alma, por aquelle mimo de ſua Providencia; e repetindo-as ao Santo ſeu Advogado, a quem confeſſava dever aquelle conſelho, pois acabava de o eſcutar na meſma noite, em que Maria Santiſſima lho dera a elle.

Naõ poſſo deixar de ſuſpenderme a ponderar, que quiz o Ceo, que neſta venturoſa Caſa do Sacramento ſe reproduziſſem as glorias dos primeiros ſeculos, que illuſtraraõ naõ ſó eſta Provincia, mas toda a Religiaõ Dominicana; porque acabo de eſcrever de huma filha ſua, e deſta Caſa, a Madre Sor Magdalena das Chagas, que abrindo-as em ſeu corpo (qual outra Catharina Senenſe) foy eſtampa do meſmo Chriſto; e agora paſſo a eſcrever de outra (a Madre Soror Paula do Eſpirito Santo) que, qual outro S. Gonçalo, mereceo o Celeſte conſelho para veſtir eſte habito. Na verdade me parece, que eſcrevendo a Hiſtoria deſta Caſa, trabalho hum epitome da Religiaõ inteira.

O Eſpirito Divino, que deu o conſelho, foy taõ ſuavemente deſcobrindo o caminho, que naõ tendo Sor Paula conhecimento particular neſte Moſteiro, e eſtando com os olhos na Madre de Deos (aſſaz conhecido, e de que tantas vezes temos fallado) aſſim ſe diſpoz a vontade da mãy com as noticias deſta Caſa, aſſim foraõ bem ouvidas de Sor Paula as de ſua exacta obſervancia, que ſem embaraço, antes com alvoroço, entraraõ ella, e huma ſua irmãa, em que o eſpirito fez mayor parenteſco, eſtas ſagradas portas, veſtindo logo o habito com taõ ancioſa reſoluçaõ de abraçarem as penſoens delle, que naõ houve alguma, que lhe naõ pareceſſe ſuave. Aſſim começou Sor Paula o anno de approvaçaõ, continuando-o, como ſe cada dia o começara, e acabando-o, como no dia em que o começou. Aſſim era profeſſa, como fora Noviça; aſſim tinha ſahido Noviça, como fora ſecular, porque as penitencias, a caridade, o recolhimento, a ſogeiçaõ naõ podiaõ nella ter mais augmento, que paſſarem a ſer voto.

Mas

Mas começaraõ os achaques a perſeguirlhe a conſtancia. Tivera eſta Madre em ſecular a perigoſa queixa de lançar ſangue pela boca; agora ſe aggravava, com o mayor fervor nos rigores daquella vida, tornando a huma continuaçaõ, que lha ameaçava. Mas naõ a atemorizou a noticia, porque aſſim veyo acompanhada com mimos do Ceo, que eſtando em oraçaõ huma noite (reſignandoſe no que Deos diſpuzeſſe) ouvio claramente, que lhe diziaõ: *Aqui hás de ſer Martyr.* Seguioſe infallivelmente o effeito; creſceo o achaque, com a novidade de huma implacavel febre. Recorreraõ aos remedios, que antes adiantavaõ a paciencia, que a cura; e entre elles a hum taõ activo, mas taõ mal applicado, que occupando-lhe com dores a garganta, e com chagas a boca, lhe impedio o ſuſtento, achando até a bebida tanta reſiſtencia, que ſó miſturada com a das lagrimas, ſe lograva alguma. Continuou a rebeldia do achaque, e polla em eſtado de tiſica. Naõ havia naquelle atenuado corpo, parte ſem martyrio; aceitou-a, como mimo do Ceo, entendendo, que aquelle era o mais deſtro buril, com que o Eſpoſo das almas ſe eſtampava nellas.

Aſſim o pregoaraõ ſeus favorecidos, em Paulo chagado ſe via Chriſto vivo. Aſſim o leu a Madre Sor Paula em huma carta, que neſta occaſiaõ lhe eſcreveo ſeu primeiro Meſtre de eſpirito, e ſeu Confeſſor, o Padre Manoel Dias, em que lhe dizia, confirmando-a no ſofrimento: *Que era vontade de Deos, unilla com a Paixaõ de ſeu Filho.* Confirmouſe com o novo accidente, em que rompeo o achaque, em ſeſta feira da Paixaõ, que ſe ſeguio. Naõ ſe entendeo o que era; precederaõ dores, e fechando-ſelhe a garganta, como ſe lha apertaraõ com violencia, ſe lhe punha o roſto de huma cor roxa, e com huns ſinaes taõ medonhos, que ſe affligiaõ as Religioſas, ſuppondo, que eſpirava ſem Sacramentos. Por eſte eſtilo lhe repetio cinco vezes, durandolhe algumas mais de cinco horas. Atribuladas as Religioſas, e deſenganadas de remedios humanos, correraõ ao Coro, e levandolhe huma Reliquia de noſſo Padre S. Domingos, lha applicaraõ á garganta, (foy couſa prodigioſa, e da confiſſaõ da meſma Madre Sor Paula) que no meſmo inſtante ſentio, que ſe lhe reſolvera hum tumor, que lha apertava; abrandaraõ-ſelhe as dores, reſtituioſelhe a voz, confeſſouſe logo ſem embaraço.

Mas continuavaõ os mais achaques, e pondo-a em tal aperto, que o ſuſtentar a vida, naõ parecia mais que hum vagar de perdella, naõ ſe ouvindo na boca de Sor Paula no meyo de tantas, e taõ deſuſadas agonias, mais que huns eccos da paciencia, pedindo ás Religioſas, que a ajudaſſem a dar graças a Deos por aquelles mimos, que naõ merecia, como a ventura de a trazer o Senhor a morrer naquella ſua Caſa. Dilatouſelhe o rigor deſte martyrio de dores, e aperto na garganta, deſde os treze de Abril, até cinco de Julho, ſendo a ultima vez, que ſe levantou a commungar na tribuna da Enfermaria, o ultimo de Mayo. Voltando para o leito, diſſe a ſua irmãa, que a tra-

zia

zia pela maõ : *Já daqui me naõ levantarey outra vez ; tomay eſte habito, e o mais que me ha de ſervir de mortalha , e ajuntayo na noſſa cella.*

Sobreveyolhe huma cruel fezaõ, accendiaſelhe a palidez do roſto , como ſe naquelles ſecos oſſos ſe ateara hum incendio, que por horas lhe hia conſumindo a vida. Pedio o Viatico, que recebeo com tanta ſuavidade de eſpirito, e exterior ſocego, como ſe entaõ ſe apagaraõ aquellas lavaredas, em que ardia, com as groſſas lagrimas com que o recebera. Por vezes a tinhaõ ungido : aſſim começou a eſperar o ultimo termo, ſem mais deſafogo nas agonias , em que ſe cobria de mortaes ſuores, que dizer com Job : *Sit nomen Domini benedictum.* Fez a proteſtaçaõ da Fé com o meſmo ſocego ; ſuſpendeo-a logo hum breve ſono, de que acordou afflicta , e entre as piedoſas vozes do Officio daquella hora , paſſou dos horrores della a melhor vida , reparandoſe , que a deixara o ultimo eſpirito della, como ſe lhe apertaraõ a garganta , circumſtancia , que correſpondeo ao que ouvira na vida , que ſeria martyr naquella Caſa. Vioſe aſſim na crueldade com que os achaques foraõ os ſeus algozes. Ficou o cadaver taõ deſaſombrado das melancolias da morte , que podia enxugar as lagrimas nos olhos, que o viaõ, trocandolhe a magoa em huma ſanta enveja. Admiravaõ-no aſſim os Religioſos , que entraraõ ao enterro, e entre elles , o Padre Fr. Alvaro de S. Joſeph ; e baſte o ſeu nome, para authenticar eſta verdade.

Contavaõſe 5 de Julho de 1669. quando faleceo a Madre Sor Paula, tendo trez annos, e cinco mezes de Freira. Neſtes, como em todos os de ſua vida, dera largo aſſumpto ao noſſo exercicio , ſe os dos Servos de Deos naõ foraõ theſouro eſcondido, achado ſó das diligencias do Ceo , empenhado tanto em o augmentar precioſo , como em o retirar aos olhos do Mundo. Nelle , e na Religiaõ viveo eſta Madre com hum taõ raro exemplo de virtude , que lhe naõ guardou ſeu Eſpoſo os premios ſó para o deſcanço da eternidade ; neſta vida mortal lhe adiantou muitos, a que permittio ſe capacitaſſe ſeu eſpirito, deſpido já em vida das penſoens do corpo. Colheſe aſſim das cartas, que o Padre Manoel Dias (peſſoa de virtude qualificada , e que como Confeſſor ſeu tinha noticia da ſua) eſcrevia a eſta Madre no ſeculo , como depois de viver no Moſteiro , em que tocando no eſtilo , com que o Ceo a tivera , e tinha mimoſa , falla humas vezes com enigmas , outras em merces , e illuſtraçoens , ainda que naõ individuadas. Leſe o meſmo em outras cartas, que o meſmo Padre eſcreveo a ſua irmãa a Madre Soror Catharina, (de que eu fuy ocular teſtemunha) a quem ſegurava, que da vida da Madre Sor Paula o menos era o que ſe ſabia.

CA-

CAPITULO XLIV.

Das Madres Soror Margarida da Columna, Soror Brites de Deos, e Soror Margarida da Cruz, ambas irmãas; Soror Maria da Encarnaçaõ, Soror Maria da Viſitaçaõ, Soror Joanna do Santiſſimo Sacramento.

Numeri. cap. 3. Levita quaſi aſſumptus à Deo ad miniſterium Tabernaculi. Alapide hic.

VEnturoſa a Caſa de Vimioſo, (huma das mais eſclarecidas neſte Reyno) como Seminario dos domeſticos de Deos, que parece participou aquella bençaõ da Tribu de Levi, de donde ſe tiravaõ os que o haviaõ de ſervir em ſua Caſa. Iſſo quer dizer Levita, eſcolhido para o miniſterio do Tabernaculo. Eſtava no terceiro Tabernaculo a Urna com o Maná, figura do Sacramento; e deputou aquella familia para o haver de ſervir naquelle Tabernaculo, como ſingular privilegio. Naõ para ſervir, e aſſiſtir ao Maná, que era figura; mas ao meſmo Sacramento, que he o figurado, parece, que eſcolheo, e privilegiou Deos a Caſa de Vimioſo, pois tantos foraõ os eſpiritos, que ſahiraõ della na Caſa, e no Tabernaculo do Sacramento. Geraçaõ dos bemaventurados, dizia David, que era a dos que buſcavaõ a face de Deos: *Hæc eſt generatio quærentium eum. Quærentium faciem Dei Jacob*, que na intelligencia dos Expoſitores val o meſmo, que os que o buſcaõ com eſpecial culto no Sacramento. Naõ ſó no título, mas no ſingular culto, com que neſte Moſteiro ſe ſerve, e venera eſte myſterio ineffavel do Santiſſimo Sacramento, he eſta Caſa ſingularmente o Tabernaculo, em que ſe guarda o Maná verdadeiro; e neſta Caſa ſe vio tantas vezes buſcado da eſclarecida do Vimioſo, que podemos dizer que he ella a dos domeſticos de Deos, eſcolhidos para o ſervirem, e lhe aſſiſtirem no Tabernaculo deſte Moſteiro na terra, deſtinado a lhe continuarem a aſſiſtencia no da Bemaventurança. Antes de acabarmos eſte livro, nos ſervirá de mayor prova mais individual noticia deſta illuſtre Caſa, e Familia; e deſculpenos eſta pequena digreſſaõ o repetido, e venturoſo aſſumpto, que nos tem dado neſte livro, e o muito, que lhe deve no material, como no eſpiritual, eſte Moſteiro.

Pſalm. 23.

Populo Chriſtiano maxime convenit poſt incarnationem Dei, & ſubſtantialem moram, præſentiamque incarnati Dei in Euchariſtia. Lorinus hic.

Sor Margarida da Columna.

Nelle entrou, de pouca idade, a Madre Sor Margarida da Columna, filha de D. Nuno Alvares de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioſo, e do Meſtre Fr Joaõ de Portugal, Biſpo de Viſeu, Fundador, e primeiro Vigario deſte Moſteiro. Foy eſta Madre mimoſa da natureza por ſuas grandes prendas, e muito mais do Ceo, em ſaber empregallas. Abraçou a obſervancia com taõ grande eſpirito, que nem os achaques, de que ſe vio logo perſeguida, a aconſelharaõ que afrouxaſſe nella, antes inventava particulares, e devotos exercicios, eſtimulos, com que ſe adiantava no aſpero caminho da vida, que eſcolhera. Teve nos ſeus eſcrupulos hum rigoroſo purgatorio, de que muitos annos fez a Deos ſacrificio. Naõ lhe ſerviraõ de menos deſaſocego hum ardente zelo da Religiaõ, e culto Divino. O amor de Deos, e do proximo a traziaõ como alienada; por contemplaçaõ o de Deos; por com-

mi-

miſeraçaõ o do proximo. Seguioſe a eſta vida huma morte, que bem pareceo grangeada com ella, em 10. de Fevereiro de 1676.

Sigaõ-ſe a eſta Madre duas ſobrinhas ſuas, filhas dos Condes de Vimioſo D. Affonſo de Portugal, e Dona Maria de Mendonça, muito mais aparentadas com ella por virtude, que por ſangue, por habito, e obſervancia religioſa, que por nobreza. Foraõ ellas a Madre Soror Margarida da Cruz, filha mais velha dos Condes, e a Madre Sor Brites de Deos, ſua irmãa. Confirmou Soror Brites bem no exercicio o que vinha a dizer o ſobrenome; porque ſem mais lembrança, que de Deos, aſſim ſe eſqueceo dos mimos, e liſonjas, que deixara no Mundo, como ſe a recebera por eſcrava o Moſteiro. Todo o ſeu goſto era ſervir; e a occupaçaõ de mayor vileza, e trabalho, mayor goſto. Domava aſſim, e com rigoroſas, e continuas diſciplinas as rebeldias do ſeu natural, talvez aſpero, e ſeco; e ſe via, que com elle tinha eſcandalizado, ainda que levemente, ſe lançava aos pés da que imaginava ſentida (foſſe ſervente, foſſe Religioſa) com tanta humildade, e lagrimas, que compungia, e movia a ellas. Aſſim acabou, deixando eſperanças de que paſſava a colher o fruto dos que ſemeaõ lagrimas, em 13 de Abril de 1679.

Sor Brites de Deos.

Naõ ſe viraõ menores demonſtraçoens de humilde, e penitente na Madre Sor Margarida da Cruz; porque aſſim a convidou taõ bem o ſobrenome a buſcar a da obſervancia, que vendo lha naõ permittiriaõ os Condes ſeus pays, de quem era muy querida, diſpoz entrar neſ-Clauſura, ſem lhes dar noticia, executando-o hum dia, que com a Condeſſa ſua mãy veyo viſitar as parentas, que tinha neſta Caſa. Recolhida nella com a induſtria das Religioſas (vencidas de ſuas continuas ſupplicas, e lagrimas) naõ valeraõ nem as de ſua mãy, menos as de toda a familia, para que voltaſſe os olhos, já que naõ ás negaças da ventura, ſe quer aos conſelhos da laſtima. Aſſim veſtio a mortalha Dominicana, taõ pouco aſſuſtada dos rigores da nova vida, que entendia que em abraçallos naõ merecia nada. Tanto lhe ſoube o goſto desfigurar a aſpereza! Aſſim foy ſua vida hum animado eſpelho da obſervancia. O zelo della a poz quatro vezes no lugar de Prioreza, em que lhe deveo a Caſa (já que naõ a continuaçaõ da reforma, que nella parece natureza) o augmento do ornato, e decencia do culto Divino, em que gaſtou o muito, que do Conde ſeu irmaõ ſoube alcançar ſua induſtria, e diligencia.

Sor Margarida da Cruz.

Cahio de doença arrebatada, que logo entendeo ſer a uitima (nas cautelas, e aparelhos de ſua conſciencia ſe fez eſſa conjectura) e pozſe nas mãos de Deos taõ reſignada, que chegou a fazer eſcrupulo dos grandes deſejos de ir lograllo, ſendo as ſuas diſpoſiçoens ineſcrutaveis ao humano conhecimento. Recebeo os Sacramentos com grandes demonſtraçoens de contrita, entre outras de alvoroçada. Quando achou, que era tempo, chamou os Padres para o Officio da agonia; e acabando, entregou placidamente o eſpirito nas mãos de ſeu Eſpoſo; felici-

da-

dade, que parece ſegurava o agradavel ſemblante, que lhe deixou a morte. Mayor aſſumpto nos podia alargar eſta memoria, ſe a cautela deſta ſanta Madre naõ ſoubera livrar o theſouro de ſua conſciencia do ſubtil roubo da vangloria. Foy ſua morte em 5 de Dezembro de 1689.

Sor Maria da Encarnaçaõ.

Naõ foy menos acautelada, nem teria menos de que o ſer em ſua penitente, e larga vida, a Madre Sor Maria da Encarnaçaõ, filha do Senhor de Pancas, que buſcando em ſeus primeiros annos a Deos em duas Caſas ſuas, (Moſteiros da Corte de Lisboa) veyo a parar neſta, como centro de ſeu eſpirito na refórma, e obſervancia, que experimentou nella. Aſſim o era tambem a oraçaõ, em que ſe lhe dobrava o alento, parecendolhe pouco todo o tempo para aquelle exercicio. Era igualmente continuo o rigoroſo de largas diſciplinas, que lhe naõ tiravaõ da maõ, nem os annos, nem os achaques. Ardia em incendios de amor de Deos, que deſejava atear nos coraçoens do proximo. Levava-a eſta ancia com ſingular doçura, a eſcrever ſaudaveis conſelhos, e piedoſos incentivos, para accender, e illuſtrar as almas no caminho da perfeiçaõ: valiaſe para eſte emprego de hum genio Poetico, com que o Ceo enriquecera ſeu entendimento. Aſſim eſcreveo hum livro de Sagradas Rimas, outro em proſa, expondo, e applicando lugares da Eſcritura com grande propriedade, e ſentido genuino, como ſe lhe encaminhara a penna mais ſoberana luz, que a que naturalmente podia caber naquelle ſexo, deſpido de doutrina, e eſtudo.

Creſceraõ os achaques com a idade, e prenderaõ-na em huma cama, theatro de ſua paciencia. Naõ lhe faltou a coroa; de que o ſuave da morte, e circumſtancia della pode ſer conjectura; porque no inſtante, que eſpirou, viraõ muitas Religioſas hum globo de fogo, que voando ſobre a ſua cella, accendeo o ar com huma claridade taõ viva, que naõ ſó foy viſta das ſerventes, e viſinhança do Moſteiro, mas do bairro da Pampulha. (que lhe fica mais alto em pouca diſtancia) Correraõ com o ſuſto, de que ſe abrazava em fogo. Aſſim ſobiria aquella alma nas azas daquella lavareda, imitando a Elias no tranſito, como o fizera no zelo. Foy ſua morte em 2 de Agoſto de 1692.

Melior eſt dies mortis, die nativitatis. Eccleſiaſtes 7. 2.

Grande valia deu o Eſpirito Santo ao dia da morte, antepondo-o ao do naſcimento; e ſendo maxima taõ certa, (como da meſma Sabedoria) parece, que a quiz moſtrar com experiencia, e ſingularmente nas filhas deſta Caſa; pódeſe ver em quaſi todas, e finalmente neſtas ultimas, em que á Madre Sor Maria da Encarnaçaõ, ſe ſegue a Madre Sor Maria da Viſitaçaõ com o meſmo argumento de morte prodigioſa. Naõ o foy menos ſua vida, já no ſeculo taõ reformada, que em ſua meſma Caſa (vivendo em huma Quinta na tutela de hum tio) paſſava como ſepultada em huma eſtreita cella. Alli a tinha preza huma continua contemplaçaõ do Ceo, com taõ grande fruto della, que exercitando-a huma noite, vio, (ſem haver luz alguma, nem na caſinha, nem na ſua viſinhança) que lha enchera huma claridade ſuperior á do dia. Nada ajuizou,

Sor Maria da Viſitaçaõ.

parando na admiraçaõ do que eſtava vendo, porque ainda naõ alcançava ſua humildade, ou ſua ſingeleza, o que merecia ao Ceo com aquelle genero de vida.

Paſſava em outra occaſiaõ da Quinta a Riba mar, (Caſa de Religioſos Arrabidos, que huma legoa de Lisboa fica para a parte do mar na eſtrada, que corre de Belem a Caſcaes) e ſuſpendendoſe com a viſta das aguas, que em largo eſpelho ſe vaõ eſtendendo dalli até a barra, entrada da contemplaçaõ da immenſidade de Deos, ouvio huma voz, que no interior de ſua alma lhe dizia: *Engolfate no mar profundo de Deos.* Naõ foy menos activa outra inſpiraçaõ, com que o Ceo lhe aconſelhou mais perfeita vida hum dia, que contemplando na fermoſura de hum campo, ſe lhe repreſentou a incomparavel de Deos, ouvindo, que interiormente ſe lhe dizia: *Deixa o tudo pelo tudo.* Eſtas as luzes, com que o Ceo a encaminhou ás portas deſta Clauſura, em que ſó o preceito, e obediencia accreſceo ao reformado, e penitente de ſua vida; mas ella nunca ſatisfeita, aſpirou a parecer antes morta, que mortificada. Viaõ-na ſó no Coro, e actos de Communidade. Naõ ſe lhe ouvia palavra, que ſerviſſe a commercio humano. Fallavalhe em Deos quem queria examinar ſe fallava. Grande confuſaõ para a liberdade das converſaçoens, a que o Mundo chama divertimento! Quando ha de chegar dia, em que até as palavras ligeiras haõ de vir a juizo, e ſe haõ de pezar para a conta, as que talvez ſe naõ pezaraõ para a pratica? Mas grande cautela da Madre Soror Maria, que naõ ſó naõ eſperdiçava palavras, mas comprava o Ceo com ellas!

Omne verbum otioſum, quod locuti fuerint homines, redent rationem de eo in die Judicii. Matth. 12. 76.

Entendeoſe, que ſe eſquivava tanto ao commercio das creaturas, porque o continuava ſempre com Deos; e houve caſos, em que parece ſe viraõ os grandes intereſſes, que delle tirava, naõ ſó para ſi, mas para quem ſe valia della. Mas nós eſcrevemos, naõ canonizamos. O que podemos dizer, fallando por boca de ſeus Confeſſores, he, que era tal a pureza de ſua conſciencia, que dos pés delles paſſava á Meſa da Communhaõ, ſem mais que licença para as continuar, por naõ acharem de que a abſolver. Seguioſe a eſta vida huma morte enſayada nella. Commungou dia da Aſcenſaõ; e ameaçada de huma dor, ſe paſſou para a Enfermaria, aonde aggravando-ſe-lhe a queixa, pedio, e recebeo o Viatico, reparando as Religioſas, (que o teſtemunhaõ ainda hoje) que ſe lhe começou a ver huma rara fermoſura no ſemblante, que como banhado de luz, attrahia a ſi igualmente o agrado, e o aſſombro. Creſceo eſte, quando viraõ, que deſpedindoſe de todas, diſſe com alvoroço: *A Deos, a Deos, que vou para o Ceo.* E apertando nos braços a Imagem de hum Menino Jeſus, de que era devota, (já recebida a Unçaõ) com palavras cheias de ſuavidade teſtemunhava, a que ſentia em ſua alma. Aſſim paſſou a lograr a eterna, em 28. de Mayo de 1705.

Sor Joanna do SS. Sacramento.

Naõ foy menos obſervante nas palavras, e praticas, a Madre Soror Joanna do Santiſſimo Sacramento, porque naõ tinhaõ humas, e outras mais aſſumpto,

to, que as melhoras do eſpirito. Aſſim o trazia cultivado, e deſtro na contemplaçaõ da Paixaõ de Chriſto, que medidas as horas, dizia em as eſcutando: *A eſta hora padeceo o Senhor tal martyrio.* Naõ ſe havia de ouvir em ſua preſença palavra, que podeſſe moleſtar o proximo. Era tal a antipatia, que tinha com a mentira, que ainda dita por galantaria, ſe affligia com ella; e ouvindo-a a Religioſa de mais confiança, a reprehendia com aſpereza.

Muitos annos ſeguio, e exercitou a da vida, que ſe profeſſa neſta Caſa; mas os achaques lhe roubaraõ o goſto com que a ſeguia, e ficoulhe ſervindo de merecimento a violencia, com que afrouxou nella. Era continua na oraçaõ, que acompanhava com lagrimas. (ſuave fruto della, que colhia em todo o tempo, que eſtava no Coro.) Paſſava de ſetenta annos quando lhe amanheceo o Divino Sol, que as enxuga nos olhos dos Juſtos, com huma morte das com que coſtuma premiar a vida delles. Foy ella em 20 de Julho de 1705.

CAPITULO XLV.

Da Madre Sor Maria Magdalena do Horto, e outras Religioſas de nome; e da irmãa Converſa Sor Maria da Purificaçaõ. Apontaõ-ſe os Vigarios, que teve a Caſa, da fundaçaõ até o preſente.

TEmos chegado ao venturoſo fim das memorias das filhas deſta Caſa, podendo antes fazer hum catalago de todas, que ſó lembrança de algumas. Aſſim he inviolavel em todo o Moſteiro a obſervancia, e aſſim a das ſuas leys (ainda particulares) eſtreita, que o meſmo ſeria dizer Religioſa deſta Caſa, que perfeita Religioſa. Mas tendo a Caſa em commum eſte credito, tenhaõ-no tambem na ſingularidade do nome as que o Ceo quiz que a tiveſſem na virtude. Foy huma deſtas a Madre Soror Maria Magdalena do Horto, em quem a virtude pareceo herança. (aſſim foy a de ſeus pays ſinalada) Com eſtes enſayos entrou neſta Caſa, taõ deſtra para o enſino, que nos primeiros paſſos o trocou em exemplo. Aſſim o era continuamente nos exercicios de contemplativa, e mortificada. Aſſiſtia a Matinas, e até Prima ficava orando no Coro, tendo tomado primeiro poucas horas de deſcanço em huma cama, em que o naõ podia achar, ou em fórma, em que o naõ podia ter; porque ou era de joelhos, ſervindolhe a cama de arrimo, ou com os braços em cruz, inclinada ſobre ella. Queria deſconhecer as horas, em que a natureza ſabe desfigurar ao Mundo o trabalho, como quem ajuizava que naõ devia haver deſcanço no Mundo.

Toda ſua ancia era encontrar occaſioens de merecer, fazendo hum continuo ſacrificio das repugnancias do genio. Vioſe bem em hum caſo. Paſſava pela Enfermaria, e vendo hum prato com a ſangria, (que ſe tinha feito a huma enferma) lhe meteo aſco. Parou applicando outra vez a viſta, que o recuſava; e condemnando-ſe a ſi meſma na repugnancia, lançando maõ da ſangria, a bebeo, triun-

fando da natureza. Devotiſſima da Virgem Senhora, a ſervia em huma Imagem ſua com a aſſiſtencia, e a oraçaõ, com o ornato, e o aceyo. Entendeoſe, que della merecera favores ſingulares. Chamavaſe Sor Maria eſcrava ſua; huma cadea, que trazia no braço, o teſtemunhava. Entendeo-ſe, que ſeria data da Senhora, pelas grandes diligencias, que ſeu Confeſſor fez por ella. O ſentimento de ſua morte embaraçou a advertencia de lha tirarem do braço, e ficou a terra com eſſe theſouro.

Chegada ſua morte, diſpoſta por leve achaque, entenderaõ as Religioſas que ſe lhe anticipara a noticia della, tendolhe ouvido muito antes, que pouco lhe reſtava de vida, e vendo, que repetia as confiſſoens com mais frequencia. Ao fazer a ultima, para receber o Viatico, naõ lhe achou o Confeſſor materia para ella; aſſim aliviado das penſoens de humano, voou mais ligeiro ſeu eſpirito aos braços de ſeu Eſpoſo.

Naõ ſe deſvelaraõ menos por merecellos as Madres Soror Antonia de Jeſus, Soror Maria do Naſcimento, e Soror Maria de Santo Antonio, como verdadeiras profeſſoras de todo o rigor da obſervancia das Conſtituiçoens, e da Caſa. Neſtes exercicios conſumiraõ venturoſamente a vida, ſepultada em achaques ſofridos com paciencia, exercitada em virtudes heroicas, que lhe grangearaõ a coroa.

Mas ſeja a das memorias deſta Caſa huma irmãa Converſa, que viveo nella tantos annos, como lhe deu de exemplos. Foy ella Soror Maria da Purificaçaõ, a que chamavaõ Maria Pequena, nome, que lhe deu ſua meſma eſtatura. Foy natural da terra da Feira, de donde parece que a eſcolheo, e deſtinou o Ceo para filha deſta Caſa, guardando-a com ſingular providencia. Vioſe logo na primeira idade, porque enganado ſeu pay, e mal informado do puro, e limpo procedimento de ſua mãy, (innocencia, que depois ſe vio publica) querendo tirarlhe a vida com hum punhal, alcançou com elle (nas muitas feridas, que lhe deu) a pequena, e igualmente innocente filha, que naõ largava os braços da mãy, ainda ameaçada. Correraõ a curar a mãy, e querendo fazello á filha, que tinha paſſada huma eſpadoa, ella o naõ conſentio, dizendo, que ſó de MARIA Santiſſima (a que chamava Mãy) eſperava a cura. Continuavalhe eſta ſupplica diante de huma Imagem ſua aquella meſma noite, quando ouvio, que ſe lhe dizia interiormente: *Maria, eu te curarey.* Moſtrou a experiencia, que naõ fora illuſaõ a promeſſa, porque, ſem applicar remedio algum, ſe ſentio brevemente curada, ficandolhe para prova do prodigio o ſinal da ferida.

Com os annos creſceo em Sor Maria o conhecimento deſte beneficio, e como illuſtrada de ſuperior conſelho, ſe alentou a pedir outro, pondoſe nas mãos da meſma Senhora, como Mãy ſua, pedindolhe, exercitaſſe com ella eſte nome. E continuando eſta ſupplica a todo o inſtante, lhe pareceo, que ouvira lhe diziaõ clara, e diſtinctamente: *Obra como filha, que eu obrarey como Mãy.* Obedeceo a venturoſa

donzella, e começou a querer diſporſe para o titulo, com a pureza de ſua vida. Mas naõ tardou, que ſe naõ alteraſſe o ſocego della, com a tormenta de a obrigarem a tomar eſtado, naõ lhe valendo as repugnancias, e inteirezas, com que ſe eſcuſava, e defendia; reſoluçaõ, que ſem duvida lhe favorecia ſua ſoberana Protectora, dandolhe a conhecer, que para melhor Eſpoſo a guardava.

Vioſe aſſim, livrando-a do ultimo combate, em que ſe chegou a fechar em huma caſa trez dias, ſem mais ſuſtento, que hum pouco de paõ. Já deſenganados os pertendentes, conſentia o tio, que ſe recolheſſe em hum Moſteiro, offerecendoſelhe dous mais viſinhos da Feira. Suſpendeo Maria a eſcolha, porque já naõ tinha vontade propria, e recorreo á diligencia das ſuas ſupplicas, feitas á ſua Valedora, e taõ bem eſcutadas della, que ſe lhe repreſentou, como por ſonhos, que apparecendolhe a meſma Senhora com o Menino nos braços, lhe dizia: *Maria, naõ te cances; que ainda has de correr mais terras.* Entendeo logo, que outro havia de ſer o ſeu centro: e paſſando com ſeus parentes a Lisboa, ſe lhe meteo nas mãos a noticia deſta Caſa do Sacramento, convidandolhe a obſervancia della ſuavemente o genio. Naõ houve detença; ſó ao recebella na Clauſura, acharaõ as Religioſas o embaraço de a verem taõ pequena, que naõ promettia ſatisfazer a occupaçaõ, para que ſe recebia; mas receberaõ-na as meſmas, que tinhaõ feito o reparo, talvez que advertidas do Ceo, de que das mais pequenas plantas da terra, coſtuma a Providencia crear os mais levantados Cedros do verdadeiro Libano; ou de que naõ deſmereceo nos olhos de Chriſto a pequena eſtatura de Zacheo, porque com o meſmo Chriſto ſe chegou a pôr á meſa, ſervindo-o goſtoſamente em ſua caſa. Na Caſa de Deos, e Caſa, em que eſpecialmente ſe venera a ſua meſa, naõ foy menos aceita a pequena eſtatura de Maria, dandoſe o meſmo Senhor por bem ſervido della.

Era a officina, para que foy recebida, a da coſinha, e de mais trabalho na Caſa; mas logo ſe deſenganaraõ, de que ſe naõ medem pelo corpo as forças do goſto, e do eſpirito. Com eſtes dous alentos abraçou Sor Maria aquelle trabalho, que continuou toda ſua vida, até idade, que já lho naõ permittiaõ ſuas forças; mas naõ ſe deſcuidava o Ceo de lhe dar companhia, que ſuppriſſe por ellas. Aſſim entrando pela manhãa na ſua officina, achava já vencido, ou todo, ou o mayor trabalho, que podia haver nella, vindolhe a ſobejar tempo, para ſe entregar aos exercicios da oraçaõ, e da penitencia, naõ havendo mortificaçaõ, que lhe cançaſſe a conſtancia.

Era taõ eſtreito o ſeu jejum, que quaſi ſempre lhe ſerviaõ de ſuſtento os ſobejos da meſa, ignorando aſſim todo o goſto della, que, para o naõ achar em nada, deſtemperava o prato com cinza, ou agua fria. Começaraõ a perſeguilla os achaques, aſſim deſconhecidos, ou deſprezados de ſua paciencia, que nunca afrouxou, nem na aſpereza da vida, nem no ſerviço da Caſa,

em

em que ſe conjecturavaõ os ſoberanos mimos, com que o Ceo a premiava, e fortalecia. Muitos apontavaõ os Meſtres de ſua conſciencia. (peſſoas de eſpirito, e dignas de todo o credito) No meyo de ſuas mayores afflicçoens ſe lhe repreſentou em huma occaſiaõ (ſem ſaber diſtinguir ſe dormia, ſe velava) huma cruz, ſeguindoſe huma voz, que lhe dizia: *Eſta has de ter até á morte.* Fallou em varias occaſioens, como illuſtrada, em ſucceſſos futuros, e com muita ſegurança, que depois confirmou a experiencia. Mas a illuſtraçaõ mais notavel, de que ficou memoria (eſtabelecida no teſtemunho de ſeu Confeſſor) foy huma repetida repreſentaçaõ, que teve no Coro nos ultimos annos de ſua vida.

Coſtumava deterſe orando algumas horas pela madrugada, antes de paſſar á ſua officina. Continuava-o aſſim huma Veſpera da Aſcenſaõ de Chriſto, quando vê que ſe lhe trocava o Coro em hum concertado jardim com quatro quadros, de que hum eſtava perfeito, e cultivado cheyo de fermoſas, ſingulares, e odoriferas flores, de que os mais quadros ſe principiavaõ a ornar. Naõ entendeo agora a repreſentaçaõ Sor Anna; agradeceo ao Senhor o mimo della; mas, paſſados ſete mezes, repreſentandoſelhe a meſma viſaõ, vi o ſegundo quadro do jardim acabado, e que por entre elles ſe encaminhava ao ſitio, em que ella eſtava, hum mancebo de gentil, e mageſtoſa preſença, e lhe dizia, apontando para os quadros imperfeitos: *Maria, tudo iſto te falta; trabalha.* Paſſado no, e meyo, e tendo a meſma repreſentaçaõ, vio já o jardim perfeito, e acabado. Entaõ entendeo, que a piedade de ſeu Eſpoſo lhe decifrava nas flores os trabalhos, e que os que eraõ trabalhos para a vida, eraõ flores para a coroa; noticia, que communicou a ſeu Confeſſor, começando com mais fervor a diſporſe para aquella hora, que ſempre eſperava.

Mas amiudavaõſe os aſſaltos do inimigo commum, que a via, com inveja, coroar o curſo de ſua vida, triunfando de ſua aſtucia; e diſpoz o que ſe lhe permittio de vingança. Caminhava a boa velha para a coſinha, carregada de hum grande feixe de vides, e chegando a huma eſcada, que de baſtante altura deſce áquella officina, viraõ as Religioſas, que eſtavaõ nella, que medindo os degraos com violencia, lhes cahia aos pés, dando o rigoroſo golpe, que prometia hum corpo velho, e pezado, deſpedido de toda aquella eminencia. Acodem, entendendo, que eſpirara, quando vem, que ſem neceſſitar de arrimo, ſe levanta sãa, e deſaſombrada, ſegurando, que nada lhe doia, e dando a entender, que naõ deſconhecia de donde o mal lhe viera. Seguioſelhe o de huma hydropiſia, que largo tempo abraçou com paciencia, acabando de colher do jardim, que ſe lhe repreſentara, as flores, com que lhe teceo a coroa. Paſſou a lograr a da immortal Primavera, em 11. de Novembro de 1701.

Eſtas ſaõ as memorias da Caſa do Sacramento, (authorizadas com o teſtemunho dos Confeſſores della) em que corremos com a penna mais ligeira do que pediaõ muitas, a eſtarem au-

authenticadas. Naõ foy ſó a omiſſaõ, a que perdeo o importante deſta diligencia, mas a repugnancia na modeſtia das profeſſoras da virtude, contentes ſó com o teſtemunho de quem lhe póde dar o premio. Aſſim merece eſta Caſa o nome de eſpelho da obſervancia, naõ ſó para toda a Provincia, (mas para todas as Caſas de mayor reforma) conſervada eſta aſſim pelos grandes eſpiritos, que aqui a profeſſaõ, e cultivaõ, como pelo zelo dos Prelados, que lhe aſſiſtem, naõ como Confeſſores, ou Vigarios ordinarios dos mais Moſteiros, mas como Commiſſarios do Reverendiſſimo, (a que o Moſteiro he immediatamente ſogeito) a quem dá ſeus poderes para todo o governo, e diſpoſiçaõ, como receber, e profeſſar Religioſas, confirmar Preladas, prover os lugares de Confeſſores, Capellaens, e Procuradores. Aſſim foraõ ſempre Vigarios deſta Caſa os Religioſos de mais reputaçaõ neſta Provincia, como ſe póde ver na ſerie, que para plena noticia deſte Moſteiro fazemos delles.

Foy o primeiro o Meſtre Fr. Joaõ de Portugal, herdeiro da Caſa de Vimioſo, a que antepoz a mortalha Dominicana. Governou o Moſteiro, até ir para a ſua Mitra de Viſeu. Seguioſe o Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, que governou, até ir para Lente de Prima da Univerſidade de Coimbra. Entrou o V. P. M. Fr. Joaõ de Vaſconcellos, Prégador delRey, Reformador da Univerſidade de Coimbra, do Conſelho Geral do Santo Officio, Provincial, que foy deſta Provincia, e que recuſou o Biſpado de Miranda, e depois o Arcebiſpado de Braga. Governou até ſua morte, eſpaço de vinte annos. Succedeolhe o M. Fr. Fernando da Encarnaçaõ, eleito Biſpo do Algarve; governou pouco tempo, e pedio abſolviçaõ do Officio. Seguioſe o M. Fr. Antonio da Encarnaçaõ, que foy Provincial de Armenia, e Deputado do Santo Officio; governou cinco para ſeis annos, e pedio abſolviçaõ. Succedeolhe o Padre Fr. Chriſtovaõ de Aguiar, que governou até falecer. Seguioſe o M. Fr. Valerio de S. Raymundo, Provincial, que foy deſta Provincia, do Conſelho Geral do Santo Officio; governou, até o elegerem Biſpo de Elvas. Succedeolhe o M. Fr. Ignacio da Coſta, Conſultor do Santo Officio, e Commiſſario Geral, que foy deſta Provincia; faleceo começando a viſitalla. Seguioſe o Meſtre Fr. Vicente de Santo Thomaz, do Conſelho Geral do Santo Officio; governou onze annos, até que faleceo. Seguioſe o Meſtre Fr. Manoel Veloſo, Deputado do Santo Officio, governou nove annos, e impedido de achaques, pedio abſolviçaõ. Succedeolhe o M. Fr. Joaõ Bautiſta, Deputado do Santo Officio, Provincial, que foy deſta Provincia, e he o que governa o Moſteiro (vay por ſeis annos) ao tempo, que iſto eſcrevemos. Praticaõ a Prioreza, e Religioſas da Caſa, que ſe lhe perpetuem os Vigarios, e Confeſſores della, como grande maxima para a conſervaçaõ da obſervancia; porque ſendo meditada a eſcolha dos Prelados, que as Religioſas propoem ao Geral, devem conſervarſe, como eſcolhidos, e naõ repetir eſcolhas, que

que naõ acharáõ as meſmas qualidades em todos.

CAPITULO XLVI.

Fabrica da Igreja nova do Sacramento, e algumas particularidades da meſma Caſa, dignas de noticia.

POr naõ interromper a ſerie, e ordem, que venturoſamente fomos ſeguindo nas vidas, e falecimentos das filhas deſta Caſa, guardamos para o complemento della a reſórma, e augmento da ſua Igreja, que deſcreveremos com aquella ſingeleza, e brevidade, que pedem fabricas Sagradas, antes ſepulturas de eſpiritos amortalhados, que padroens levantados ao credito, e deſvanecimento humano. Já no primeiro Capitulo deſte livro fica raſcunhado o ſitio, e primeira fundaçaõ da primeira Igreja, que teve o Moſteiro, fabrica toſca, antes huma Caſa ſem fabrica. Agora nos dará aſſumpto a da Igreja nova.

Entrou pelos annos de 1635. a ſer Vigario da Caſa o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos; e pondo os olhos nella, vendo já as Religioſas bem accommodadas de vivenda, e que ſó a Igreja desdizia da mais obra, parece, que lhe occorreo a conſideraçaõ de David, quando fallando com o Profeta Nathan, lhe dizia: *Por ventura naõ reparas, que naõ he bem, que eſteja eu em hum Palacio, e a Arca de Deos ſem Templo?* Eſte penſamento o reſolveo a derribar a primeira Igreja, e começou logo a creſcer a nova, e a trabalharſe nella com tanto calor, que bem parecia que aſſiſtia o braço de Deos a mover a maõ de hum homem, que com mais deſejos, que cabedaes, emprendia obra, que ſó com muitos ſe deſempenhava. Aſſim ſahio acabada, e perfeita, com tanta ſingularidade na architectura, que pareceo ſoberanamente aconſelhada a idéa, como ao meſmo David dera Deos o raſcunho, para lhe lavrar o Templo. Ajudou eſta ſuperior idéa ao Veneravel Padre na noticia, que tinha da architectura, conſeguindoſe aſſim o logro da fabrica, que hoje vemos, e admiramos mais peregrina, que ſumptuoſa.

Levanta-ſe toda ella em quatro arcos largos, e alteroſos; nos que ficaõ aos dous lados, direito, e eſquerdo, a quem ſe poem na entrada, ſe fórma, e dilata o corpo da Igreja, ficando os outros dous dando lugar á Capella mayor, e ao Coro; eſte ao Naſcente, ao Poente aquella. Sobem de hum, e outro lado as paredes cubertas de almofadas de pedra fingida (valor, e galantaria, que enfeita toda a obra) até duas varandas, ou tribunas, que as deixaõ viſtoſas, e authorizadas. Aſſim o fica o mais vaõ das paredes com outras tribunas, que em correſpondencia deixaõ toda a Igreja ornada, e ayroſa. Corre ſobre os quatro arcos hum frizo, de que começa a creſcer hum fermoſo zimborio rematado em huma ayroſa claraboya, que com ſua luz dá alma a toda a Igreja. No arco, que fica ao Poente, ſe abre a Capella mór, capaciſſima, e deſembaraçada, com retabolo, que a occupa toda, ornado de fermoſas columnas, que ſuſtentaõ o frizo, em que no alto deſcan-

cança, e ſe abre hum eſpaçoſo nicho, em que ſe vê huma Imagem da Senhora ſentada, e com o Menino nos braços. Ao pé das columnas de huma, e outra parte, ſe vem quatro fermoſas, e avultadas Imagens. Da parte eſquerda ſe vê a de noſſo Patriarcha S. Domingos, com ſuas inſignias, a que dá a maõ direita o Anjo das Eſcolas Santo Thomaz, tendo nas mãos o Paõ dos Anjos. Aſſim ficaõ ambos, dando lugar mais authorizado da parte direita a noſſo Padre S. Franciſco, que tem á ſua ilharga o inſigne Portuguez Santo Antonio de Padua, que tem nas mãos o paſto Celeſtial, em lembrança da adoraçaõ, que lhe rendeo o bruto faminto. Abreſe no meyo do retabolo huma nobre, e eſpaçoſa tribuna, a que occupa o vaõ huma ayroſa charola, que creſcendo ſuſtentada em ſete columnas, ſe coroa com hum gracioſo remate. Tem a charola por coraçaõ hum globo dourado; (como o he toda a obra) ſuſtenta-o nas mãos hum Anjo de eſtatura de homem, acompanhado de outros dous, que ajoelhados veneraõ ao Senhor Sacramentado, de que he depoſito o globo, e de que ſaõ emblemas hum ramo de vide, que fecunda de cachos, o cerca, e hum molho de eſpigas, que graciоſamente o coroa, naõ inculcando menos myſterio as ſete columnas, em que ſe ſuſtenta a charola, alludindo ás que cortou a Sabedoria, para ornato da Caſa, em que ſe poz aquella gracioſa meſa, que neſta ſe vê com o exceſſo de eſtar aqui o figurado, e naquella a figura.

De huma, e outra parte acompanhaõ o arco da Capella dous mais inferiores, dando lugar a dous Altares. A' maõ direita o da Senhora do Roſario, Imagem com igual fermoſura, que mageſtade. Servelhe de eſpaldas hum fermoſo reſplandor, cercado de hum Roſario, de que ſaõ extremos grandes, e encarnadas roſas. Fica da parte eſquerda outro Altar, em que ſe vê a Imagem de hum Senhor crucificado de eſtatura de hum homem, que cauſa juntamente devoçaõ, e temor, e he tradiçaõ, que fallara a huma Religioſa. Em correſpondencia do Altar da Senhora, lhe ſerve de eſpaldas outro reſplandor, a que cercaõ, e remataõ os rayos, em laços gracioſos, humas pequenas laminas com as inſignias da Paixaõ. No arco, que fica ao Naſcente fronteiro á Capella mór, fica o Coro, e huma tribuna em proporcionada altura, dando lugar á porta unica da Igreja. O ornato, e aceyo della, antes parece occupaçaõ de eſpiritos Angelicos, que humanos. A fragrancia das flores, e dos perfumes, convidaõ, e arrebataõ com a ſuavidade os ſentidos á contemplaçaõ daquelle ſoberano Templo, em que os Anjos, e os bemaventurados offerecem continuo ſacrificio de aromas precioſos.

Aſcendit fumus incenſorum de manu Angeli. Apocal. 8. Habentes ſinguli phialas aureas plenas odoramentorum. Apocal. 5.

Eſta he a fabrica, que ſerve de alma a todo o Moſteiro, trabalhada, e conſeguida pelo Veneravel Padre com tanto diſpendio, deſvelo, e affecto taõ fino de ver a Deos venerado com perfeito culto, que o meſmo Senhor moſtrou lhe ſervira, e fora de agrado, como o revelou a huma Religioſa da meſma Caſa. Na vida do Padre fica já eſſa noticia. Eſta he a Arca do

Teſtamento, pollida, e dourada, em que o povo de Deos venera recolhido o Maná verdadeiro. Eſte o viſtoſo, e engraçado circulo, e clauſura dos lirios, em que ſe guarda, e fecha aquelle ſoberano monte de trigo, que dá a eſta Caſa nome, e paſto; correndo a buſcar a ſombra deſte monte os venturoſos eſpiritos, que vivem das abundancias delle, como do Povo mimoſo, e em genuina accommodaçaõ das povoadoras deſte Moſteiro, dizia Oſeas: *Convertentur ſedentes in umbra ejus, & vivent tritico.* Dos que vivem na Caſa de Deos, e do Sacramento, o entende Hugo.

Sub protectione Dei vivent tritico, corpore, & ſanguine Chriſti.

Quanto ao interior do Moſteiro, fica já tocado na fundaçaõ delle, e principio deſte livro; mas para darmos noticia das Imagens, que nelle ſe guardaõ, e veneraõ como em Sacrario, apontaremos o que achamos mais digno de ſahir a publico, para cabal conhecimento do Moſteiro. He todo elle bem repartido em proporcionados Dormitorios, e officinas; excede a todas a caſa, a que chamaõ do Lavor; Clauſtro alegre, e deſabafado, por mais que cercado de varandas cubertas, que nem aſſim aſſombraõ hum baſtante taboleiro de Jardim, lavrado de copadas murtas, e animado com huma fonte de diverſos jaſpes. No Clauſtro, e varanda delle, ſe repartem oito Capellas, com retabolos, e Imagens de ſingular ornato, e aceyo, deſvelo das Religioſas, que os tem a ſeu cargo com particular voto. Saõ mais celebres as Imagens de S. Franciſco Xavier, de que rezaõ no ſeu dia por particular indulto, e a de S. Gonçalo, feita por voto em acçaõ de graças, pela ſaude do M. Fr. Joaõ de Portugal, primeiro Vigario da Caſa, em occaſiaõ de huma enfermidade, que o teve á morte. He reparo, e experiencia das Religioſas, que nas ſupplicas, que ſe fazem por enfermos, muda o Santo o ſemblante em alegre, ou triſte, confórme ſe ha de ſeguir o effeito no doente.

Em outra Capella do Clauſtro eſtá a Imagem de hum Chriſto crucificado, que tirando os braços da Cruz, fez aquelle eſtupendo favor á Madre Sor Filippa do Santiſſimo Sacramento, como em ſua vida fica referido. No Capitulo, que fica no andar do Clauſtro, e he enterro das Religioſas, eſtaõ em hum Altar as duas devotiſſimas Imagens do Senhor com o madeiro ás coſtas, e a Virgem Mãy traſpaſſada de agonia, como no encontro da rua da amargura; he o Senhor da eſtatura de hum homem, e ambas as Imagens, buſcadas da devoçaõ das Religioſas com frequencia, e com experiencias do medicinal azeite da ſua alampada.

No topo, e fim do principal Dormitorio, ſe levanta hum Altar com a Imagem da Senhora das Horas. Deu-a a Madre Sor Jeronyma de Jeſus. He tradiçaõ ſer milagroſa, de que naõ ficou mais particular noticia. Chama-ſe das Horas, e he Altar achado em todas as Caſas Dominicanas, porque nelle ſe coſtuma rezar o Officio Menor da Senhora em Matinas. No toupo da Enfermaria, em outro Altar decente, ſe vê a Imagem da Senhora do Roſario, que eſteve na Igreja do primeiro Moſteiro. He tra-

tradiçaõ, que eſta Senhora acodia aos navegantes, como o teſtemunhavaõ os votos, que lhe cobriaõ as paredes.

Entrando no ante-Coro, em hum nicho fronteiro á porta delle, eſtá huma Imagem da Senhora da Aſſumpçaõ, da fundaçaõ da Caſa, e de ſingular devoçaõ, e veneraçaõ de toda ella. Sobre a porta, que entra para o Coro, da banda de dentro delle em hum nicho, ſe vê huma avultada Imagem do Divino Eſpoſo, que lançando a ſuas eſpoſas huma bençaõ, tem aos pés huma letra, que diz: *Sub umbra alarum tuarum protege nos*; como ſe lhe eſtiveraõ dizendo as eſpoſas: *Eſpoſo ſoberano, defendeinos debaixo de voſſa protecçaõ.* Entrando no Coro, ſe offerece na frontaria em lugar alto a Imagem de Chriſto crucificado, de eſtatura avultada, que no peito, como lugar, donde ſahio o verdadeiro Sacrario, guarda o Sacramento. No Calvario, que ſuſtenta a Cruz, ſe vem em artificioſos repartimentos varias reliquias, entre as quaes ſe acha a mayor parte de huma cabeça das Onze mil Virgens.

Segue-ſe inferior ao Calvario, occupando o vaõ da parede, que ha por cima da grade, ou tribuna da Communidade, que cahe para a Igreja, e entre os dous Altares Collateraes a ella, hum Santuario de obra de talha dourada, em que ſe recolhem outras reliquias, e ſaõ principaes, entre ellas, hum eſpinho da Coroa do Senhor, reliquias das grandes Madres Santa Tereſa, e Santa Catharina de Sena. Reliquia (e he ſingular neſte Reyno) de Santa Roſa de Lima. Parte da capa de noſſo Patriarcha, que já obrou conhecida maravilha em huma Noviça da Caſa. Ha mais nella huma boa parte do Santo Lenho. Todas eſtas reliquias ſaõ authenticadas; muitas dellas trouxe de Roma, e deu a eſte Moſteiro o M. Fr. Manoel Pereira, Provincial que foy da Terra Santa, e deſta Provincia, depois Biſpo do Rio de Janeiro, de que já deixamos mayor noticia no primeiro livro.

Enchem a meſma frontaria do Coro, tomando as grades, e o Santuario no meyo, os dous Altares Collateraes, que diſſemos, com ſeus retabolos dourados, gracioſos, e bem lavrados nichos; no da maõ direita da frontaria ſe vê huma peregrina Imagem da Senhora do Roſario, que mandou fazer o V. P. Fr. Joaõ de Vaſconcellos. No nicho do retabolo da maõ eſquerda, ſe vê a Imagem de noſſo Patriarca, e diante em o Altar a do Menino Jeſus, a que as Religioſas chamaõ *O Senhor ſiganinho.* Emprego foy dos ſuſpiros, e oraçaõ de Soror Cecilia, que lhe poz o nome. No aſpecto parece que reſpira Divindade; e e he reparo commum, e antigo no Moſteiro, que ſe lhe percebem differenças no ſemblante, ou de ſevero, ou de benigno. Cobrem de huma, e outra parte as paredes do Coro, as cadeiras com eſpaldares dourados, em que ſe vê a Hiſtoria dos Cantares, entremetidos alguns Santos da Ordem. Correm por cima outros quadros, que deixaõ a Caſa ornada, e viſtoſa.

Mas o que ſe faz mayor lugar, como prodigio moderno, e de que teſtemunhou a mayor parte do Moſteiro, he huma Ima-

gem, que ha nelle do Menino Jeſus, a que chamaõ o Menino, que ſe fez. O ſucceſſo explicará o titulo. Havia na Caſa a Imagem de hum Menino Jeſus dormindo, mas com taõ impropria ſemelhança da gentileza, que repreſentava que a falta della o eſcuſou, a voto das Religioſas, de eſtar á viſta, retirando-o huma dellas a huma gaveta da Sacriſtia, aonde o deſcuido o teve alguns annos ſepultado, até que ou abrindoſe em huma occaſiaõ mais a gaveta, ou fazendoſe mais reparo nella, ſe paſſou ao roſto do Menino; ſuſpendendoſe a Religioſa (que com elle deu a caſo) naõ ſó de o ver taõ bello, mas eſtranhando, que eſtiveſſe eſcondido tal theſouro. A codio a Communidade igualmente teſtemunhando o deſagradavel parecer antigo, como admirandoſe, e confundindoſe com o novo; de que he boa teſtemunha quem o vê, porque na occaſiaõ do Natal ſe poem no Altar da Igreja, no mais tempo ſe guarda no Moſteiro com aquella veneraçaõ, e decencia, que ſempre ſe eſtá devendo a quem parece a quiz comprar com o ſeu agrado. Eſtá adormecido, e inclinado ſobre a maõ direita; taõ vivo, que ſó parece, que o ſono lhe ſuſpende o movimento; no roſto moſtra hum ar mais que humano, ou quer teſtemunhar nelle, que ſe fez a ſi meſmo, como ſegurar ás ſuas eſpoſas, que ſe paga de que o conheçaõ pelo mais fermoſo entre os filhos dos homens, porque ſendo elle o mais perfeito, ſeja ſó o deſejado nome, que já lhe deu a eſpoſa, e nome, que elle ſe grangeou agora.

Specioſus forma præ filiis hominum. Pſalm. Totus deſiderabilis. Cant.

CAPITULO XLVII.

De algumas noticias pertencentes a eſta Caſa do Sacramento.

COncluidas as memorias deſta Caſa, ſeria culpavel a omiſſaõ de algumas, que de algum modo pertencem a ella, e ſem duvida tem alguma juſtiça, para nos executarem por eſta lembrança, havendo de ceder em credito da meſma Caſa; razaõ, que nos obriga a fechar eſte livro, ſatisfazendo eſta divida. Seja pois a primeira memoria de duas Veleiras deſte Moſteiro, taõ dignas de coroarem as memorias delle, como o foraõ do ſanto commercio com as Religioſas, ſendo-o ellas da Ordem Terceira, e gaſtando neſta Caſa ſua vida, como tendo nella ſua ſepultura. Foy a primeira Soror Anna da Eſperança, a ſegunda Soror Iſabel da Viſitaçaõ; de ambas ficou grande nome, e opiniaõ de virtude, obſervancia inteira de ſua Regra, e veneraçaõ commua de quem as conhecia. Mas de Sor Iſabel, como mais moderna, podémos recolher mais miuda noticia.

Foy Soror Iſabel natural do lugar de Bemfica, huma legoa da Cidade de Lisboa. Sua boa inclinaçaõ a levava continuamente a aſſiſtir na Igreja do Convento de S. Domingos, que tomou o nome do lugar, ficandolhe em alguma diſtancia, deſconhecida eſta do goſto de quem ſó o tinha naquella devota aſſiſtencia. Como começou eſta de idade tenra, a continuava agora na mais creſcida, frequentando os Sacramentos, fallando, e tratando nas couſas de Deos com

com grande eſpirito, igual a innocencia, e ſingeleza de ſua alma, que conhecida por ſeus Confeſſores, que apadrinharaõ ſuas ſupplicas, e diligencias, lhe lançou o habito de Religioſa Terceira o Prelado daquella Caſa. He boa conjectura, que faria eſta funçaõ o P. M. Fr. Joaõ de Portugal, ſendo alli Prior, porque ſendo Vigario deſta Caſa do Sacramento, trouxe a Soror Iſabel para aſſiſtente da ſua Portaria, e Veleira della, como inteirado de ſua capacidade, e reforma de vida.

Aſſim a deſempenhou Soror Iſabel, ſervindo de edificaçaõ a quem a via, e tratava. Sua modeſtia, e compoſtura, eraõ indicios da candidez de ſua conſciencia. Obſervante do ſilencio, naõ ſe lhe ouvio mais que o que era preciſo. Ou occupada, ou rezando, era incançavel no que eſtava á ſua conta, ſem haver trabalho em que ſe lhe diviſaſſe a minima impaciencia. Com inſaciavel caridade repartia aos pobres o que vinha de dentro do Moſteiro, augmentando-o com a melhor parte da ſua reçaõ, e com as eſmolas, que grangeava a ſua induſtria, com a liberalidade das Senhoras, e peſſoas de reſpeito, que vinhaõ áquella Caſa. Reprehendiaõ-na as Religioſas, entendendo, que as malquiſtaria aquella impertinencia; mas Soror Iſabel, que via a boa vontade de quem lhe dava as eſmolas, (conhecido o bom emprego dellas) pondo ſó os olhos na ſanta grangearia de repartillas, aceitava as reprehençoens, com o goſto de ter mais que merecer naquelle exercicio. Neſte, e em outros devotos, e penitentes, ſem afrouxar nunca nelles, conſumio a vida, dandolhe Deos no cabo della o martyrio de perder a viſta, exame, que abraçou a ſua paciencia com a conformidade, de quem ſó pertendia a verdadeira dos olhos de ſua alma. Parece, que lha naõ dilatou o Senhor; paſſou deſta vida como quem hia a logralla. Deuſelhe ſepultura (era ainda na primeira Igreja) junto a Soror Anna da Eſperança; e ſuccedendo abrirſe depois de alguns annos, foy o meſmo começar a bolirſe na terra, que encherſe o ar de huma fina, e peregrina fragrancia, que naõ ſó os Religioſos, e ſeculares, que ſe achavaõ na Igreja, mas as Religioſas no Coro, e algumas na larga diſtancia do Dormitorio, ſe ſuſpenderaõ. Examinouſe o motivo, e naõ ſe achando mais, que terra ſolta, ſem outra miſtura mais, que os oſſos ſecos daquelles dous venturoſos corpos, ſe entendeo, que elles eraõ a porçaõ aromatica, de que ſe exhalava taõ exquiſita fragrancia.

Mas coroemos finalmente eſte livro com huma noticia, que ſendo de credito para eſta Caſa, parece agradecimento della ás illuſtriſſimas do Baſto, e Vimioſo, que naõ ſó a fundaraõ, mas a ennobreceraõ, fazendo-a Palacio de ſua nobreza, recolhida nella a mayor parte de huma, e outra familia. E para que ſe conheça o como ambas foraõ mimoſas de Deos, e naõ menos agradecidas a elle, apontaremos, para melhor brazaõ de huma, e outra, as peſſoas, que dellas ſe recolheraõ, naõ ſó aos noſſos Dominicanos, mas a outros religioſos Clauſtros, ſendo exemplares de virtude em todos. E

co-

começando pela Caſa de Vimioſo.

Teve D. Affonſo de Portugal II. Conde de Vimioſo de ſua mulher Dona Luiza de Guſmaõ, cinco filhos, e oito filhas. Dom Joaõ de Portugal, que foy hum dos filhos, (e herdeiro da Caſa, como mais velho) fugindo dos braços do Mundo, e voltando as coſtas ás meiguices da ventura, tomou o habito em S. Domingos de Evora, attrahido de huma ſanta ſympatia, que o trouxe á Religiaõ Dominicana, ſegunda mãy, de cujos peitos ſe alimentou, e creſceo Varaõ illuſtre em virtude, e letras, coroadas humas, e outras com acclamaçoens, com cargos, com Mitras. Eſte foy o M. Fr. Joaõ de Portugal, de que já fica mais larga memoria entre os filhos de Evora.

Outro filho (que depois ſuccedeo na Caſa) foy D. Luiz de Portugal, que depois de acompanhar ſeu pay, e irmãos na infauſta tragedia dos campos de Africa, em que foy cativo; reſgatado, e reſtituido a eſte Reyno, já Conde de Vimioſo, caſou com Dona Joanna de Mendonça, filha de D. Fernando de Caſtro, Conde do Baſto; e paſſados annos, reſolvido entre os dous hum divorcio ſanto, fundando ambos eſte Moſteiro do Sacramento, tomou nelle o habito a Condeſſa, e o Conde o da meſma Ordem na Caſa de Bemfica. Venturoſo Condado do Vimioſo, que perdeo herdeiros para grangear Santos! Mais venturoſo, por duas vezes deixado, como herança de dous eſpiritos, que o ſouberaõ trocar pelos humildes capellos Dominicanos! O outro filho, que foy D. Nuno Alvares de Portugal (que faleceo ſendo hum dos trez Governadores, que governaraõ eſte Reyno) recolheo nos meſmos Clauſtros Dominicanos, em o Convento de Bemfica, dous filhos; Fr. Luiz da Cruz, e Fr. Antonio de Portugal; aquelle por obſervante, e penitente; eſte chorada ſua morte em pouca idade, e muitas eſperanças de grandes progreſſos nas letras. Deu mais D. Nuno Alvares huma filha a eſta Caſa do Sacramento; Soror Margarida da Columna, que viveo, e morreo como verdadeira filha della.

Das oito filhas do Conde D. Affonſo, faleceraõ quatro em tenra idade, querendo o Ceo entrar em partilhas na Caſa, como taõ ſua; ou levar as quatro em penhor das outras, que ficavaõ merecendo o meſmo. Deſtas foy huma Dona Joanna de Portugal, que tomou o habito no Moſteiro de Santa Catharina de Evora. Foraõ as outras Dona Brites, e Dona Thomazia; depois Sor Thomazia, e Sor Brites de Jeſus no Moſteiro da Madre de Deos de Lisboa, em que ambas foraõ Abbadeſſas, e acabaraõ com reputaçaõ de grandes Religioſas. A quarta foy Dona Filippa de Portugal, ſegunda Prioreza deſte Moſteiro do Sacramento, como já deixamos eſcrito.

D. Luiz de Portugal III. Conde de Vimioſo, (Fundador deſta Caſa do Sacramento, e depois profeſſo nos Clauſtros Dominicanos, onde ſe chamou Fr. Domingos do Roſario pela devoçaõ, que teve a elle, e ao Santo) entre muitos filhos teve duas filhas, Dona Filippa, e Dona Luiza. Foy eſta Religioſa no Moſ-

Moſteiro de Santa Catharina de Evora ; em ſeu lugar eſcrevemos ſua vida ; Dona Filippa neſte do Sacramento, donde paſſou ao de Santa Catharina, para o reduzir a reſórma ; nelle acabou a vida.

D. Affonſo de Portugal IV. Conde de Vimioſo, e depois Marquez de Aguiar, caſou com Dona Maria de Mendonça, de quem teve trez filhas, Dona Margarida, Dona Brites, e Dona Luiza. As duas primeiras entraraõ neſta Caſa ; a terceira na de Santa Catharina de Evora. Neſta do Sacramento entrou ſua mãy a Marqueza ; já o deixamos eſcrito. Seguio ſua familia o ſeu exemplo, recolhendoſe nos Clauſtros Sagrados, em differentes Moſteiros, cinco Ayas ſuas. Huma no Moſteiro de S. Bento das Bernardas de Evora, donde a obediencia a tirou para Fundadora das Bernardas Deſcalças em a Caſa, que ſe levantou no Mocambo, bairro de Lisboa, viſinho ao Sacramento. Naõ tinha entaõ mais que dous annos de Profeſſa, mas taõ adiantada nos exercicios da mais reformada, (eſtylo de vida, que ſempre obſervara em Caſa da Marqueza) que na da nova Recoleta a elegeraõ Abbadeſſa perpetua. Tomou outra o habito em Santa Catharina de Evora, aonde foy exemplar ſua vida. Eraõ as outras trez Ayas irmãas, gente nobre, e de muita eſtimaçaõ na Caſa da Marqueza ; com ella tomaraõ o habito neſta do Sacramento. Foraõ ellas Sor Franciſca das Chagas, Sor Joſefa de Jeſus Maria, Sor Maria de Jeſus, de taõ grande opiniaõ todas, que nos augmentaraõ o aſſumpto deſte livro.

Seguio os meſmos paſſos, buſcando o melhor Eſpoſo, pelo caminho eſtreito da Clauſura, Sor Barbara da Trindade, neta de D. Joaõ de Portugal, neto do primeiro Conde de Vimioſo D. Franciſco de Portugal. Neſta Caſa do Sacramento tomou o habito, como fica eſcrito. Sem noticia da Caſa ſabemos, que buſcaraõ tambem a Clauſura quatro filhas de D. Joaõ de Almeida, biſnetas do meſmo D. Joaõ de Portugal.

Da Caſa do Baſto fica dito que fundou, e ſe recolheo neſta do Sacramento a Condeſſa Dona Joanna: ſeguindo ſeu exemplo, buſcaraõ a meſma Clauſura quatro ſobrinhas, ſuas irmãas inteiras, filhas do Conde D. Diogo de Caſtro, Governador primeiro, e depois Vice-Rey deſte Reyno. Foraõ ellas Dona Catharina, Dona Franciſca, Dona Marianna, (deſtas démos já noticia) e Dona Filippa, ou a Madre Sor Filippa da Encarnaçaõ, que carregada de annos, vive ainda hoje, que iſto eſcrevemos, para conſolaçaõ das Religioſas, e lucro do Moſteiro. Seguiraõ tambem o exemplo da Condeſſa Dona Joanna, duas Ayas ſuas, que ſe recolheraõ em a de Santa Catharina de Evora.

Tal foy o exemplo, que deraõ ao Mundo, tal o fruto, que deraõ ao Ceo as duas Caſas do Vimioſo, e Baſto, povoando-ſe os Clauſtros Dominicanos, primeiro com as meſmas peſſoas, e herdeiros dellas, depois com as familias. E tal foy a deſtas duas mulheres fortes, a Condeſſa de Vimioſo, e a Marqueza de Aguiar. Eſtas as que a ſeus filhos, e domeſticos deraõ as tunicas de lãa, trabalhadas por ſua in-

Quæſivit linum, & lanam : omnes domeſtici ejus veſtiti ſunt duplicibus. Dedit prædam, & cibaria ancillis ſuis. Panem otioſa non comedit. De fructu manuum ſuarum plantavit vineam. Proverb. cap. 31.

induſtria, miſturando para ſi meſmas o ornato na purpura, e no panno groſſeiro. Eſtas as que ás ſuas ſervas deraõ na Caſa de Deos, (e eſpecialmente na do Sacramento) aquelle ſoberano ſuſtento, paõ quotidiano, de que tambem goſtaraõ á cuſta do trabalho de ſeu eſpirito. Mas ſeja a mayor gloria da Fundadora deſta Caſa, que verdadeiramente foy a melhor Fenix, que reduzindo ſeus deſejos ao fruto das obras, plantou eſta ſoberana Vinha, cujo licor ſagrado alimenta, e conſerva tantos Coros de Virgens, que o buſcaõ, e goſtaõ na Caſa, e na Meſa do Sacramento, nas vodas, e deſpoſorios de ſeus venturoſos eſpiritos.

Fim do terceiro livro.

QUAR-

QUARTA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO QUARTO.

Noticias do que pertence á India Oriental.

HE a Congregaçaõ da India Oriental, ou Conventos, e Vigairarias, que a Religiaõ de S. Domingos tem das bandas do Norte, e do Sul, huma Colonia deſta Provincia, aſſim por ſerem filhos ſeus os Fundadores da ſua Cabeça, (que he o Convento de Goa) como por ficarem todos debaixo da juriſdiçaõ do Prelado da dita Provincia, que he o que a provê de Vigario, para ſua adminiſtraçaõ, e governo. Aſſim nos corre tambem a nós por obrigaçaõ, eſtender a penna ás noticias de partes taõ remotas, e progreſſos dos filhos dellas. Trabalho inſuperavel o haver de ajuntar memorias em tanta diſtancia, quando ſaõ difficultoſas nos pertos, ainda á mayor diligencia. Das fundaçoens dos Conventos, e Vigairarias, primeiros povoadores dellas, ſucceſſos, e trabalhos na cultura Euangelica, (que he todo o empenho, e ſuor dos que dos noſſos paſſaõ áquelle Clima) fica já eſcrito, ou foſſe lavor, e trabalho da penna do Padre Fr. Luiz de Souſa, ou o tomaſſe por ſua morte o Meſtre Fr. Antonio da Encarnaçaõ, que ſim podia com tantas noticias, como experiencia de hum Clima, em que muitos annos fez aſſiſtencia. Aſſim ficaõ narrados todos os ſucceſſos, que pertencem á Congregaçaõ, até o anno de 1630. ou com o acerto do legitimo Chroniſta, ou com o eſtilo de quem ſó podia ſupprir ſua falta.

Reſtanos o que até o preſente anno de 1706. (em que iſto vamos eſcrevendo) ſuccedeo nas Ilhas de Solor, e Timor; o ſuccedido nos Rios de Sena, e no Reyno Siaõ; como tambem a

noticia de alguns Religioſos de nome, que ſerviraõ, e augmentaraõ aquellas Chriſtandades, cultivadas com o ſeu trabalho, ſuor, e fadiga, até que regadas com ſeu proprio ſangue, lhe renderaõ o fruto da eterna felicidade. Mas havendo de fallar neſtas Chriſtandades, repetiremos dellas alguma noticia para mayor clareza; e com eſtilo taõ apanhado, e conciſo, que aos que naõ tiverem noticia, lhes dê a que baſta; e aos que já a tem, lhes ſirva de memoria. Com eſta meſma deſculpa, a faremos do que a Congregaçaõ tem em todo o Oriente, recopilando o que na Terceira Parte ſe lê difuſo, e por iſſo menos apprehendido. Daremos finalmente noticia dos Religioſos, que ſerviraõ mais ſinaladamente eſtas Chriſtandades, conſervandoſe ainda nelles aquelles grandes eſpiritos de ſeus anteceſſores, que reſgatando da noite da cegueira aquelle berço do dia, lhe confirmaraõ o nome de Oriente, naſcendo nelle o Sol da verdade Euangelica, entre tantos prodigios, e aſſombros, que ſuſpenderaõ, arrebataraõ, e finalmente reduziraõ aquellas Regioens taõ vaſtas, como remotas, taõ barbaras, como deſconhecidas.

CAPITULO I.

Noticia ſummaria, e breve, do preſente eſtado da Congregaçaõ dos Prades Prégadores da India Oriental, ſogeita á Provincia de Portugal.

Do que tem a Congregaçaõ na Ilha de Goa.

OFferece-ſe primeiro a diſtancia. Diſta Goa da Provincia de Portugal, que a governa, cinco mil e tantas legoas de mar, navegadas em ſeis, ſete, e oito mezes. Por terra he difficultoſo, e arriſcado o caminho em todo o encarecimento, cauſa, e razaõ unica, porque os Provinciaes, e Prelados ſeus, que aſſiſtem em Portugal, a naõ viraõ, nem viſitaraõ nunca, tendo de antiguidade, e fundaçaõ cento e cincoenta e cinco annos. Aſſim a governaõ, e viſitaõ por ſeus Vigarios, naõ ſó a ella, como Cabeça, mas aos ſeus vaſtos, e dilatados membros, que ſe eſtendem por trez mil legoas, pouco mais, ou menos, pela Coſta de Sofala, Rios de Cuama, terras de Monopotapa, Coſta de Africa Oriental, até á China, que he o ultimo termo de Aſia: donde vem, que ficaõ humas partes della muy diſtantes das outras, e o governo de todas com muito trabalho, e talvez pouco effeito.

A Cabeça, e o Convento mayor, e principal deſta Congregaçaõ, em que reſide o Prelado mayor, e Vigario Geral della, he o Convento de S. Domingos, ſituado na Ilha de Goa, Convento magnifico, e ſumptuoſo, fundado no anno de 1548.

pe-

Convento de Goa.

pelo Padre Fr. Diogo Bermudes, primeiro Vigario Geral; e hoje de novo reformado, em nobre, e mais avultada fabrica, que o fazem hum dos mais grandiosos de toda a Provincia, e capaz de ser Cabeça da mais dilatada. Tem Casa de Noviços. Assim tem de ordinario nelle sessenta Frades. He a Igreja grande, e desafogada, no feitio de trez naves. No corpo se lhe abrem oito Capellas rasgadas, e alterosas em correspondencia a toda a fabrica. Ha nellas quatro Confrarias, mais celebre a do Rosario, administrada com devoçaõ, e grandeza; grande ornato; e muita prata; entre ella hum Andor de grande preço, em que entraõ iguaes a materia, e o feitio. Ha outra Confraria de Jesus; administraõ-na os Portuguezes, gente nobre, e escolhida. Ha nella grande fabrica, e ornato, riqueza, e aceyo. Outra Confraria he de S. Pedro Martyr, que pertence aos Inquisidores, e Ministros do Santo Officio. Outra finalmente do Espirito Santo, que pertence aos Cortezaons, e Ministros da Republica. Ha tambem na Igreja outra Confraria de N. P. S. Domingos em Suriano, que celebra este dia com grande pompa, e culto.

Collegio de Santo Thomaz.

Tem tambem a Congregaçaõ na Ilha de Goa mais dous Conventos, hum de Santo Thomaz, capacissimo tanto, como sadio, e fresco, por lograr a visinhança do rio. He Universidade, e Casa de estudos, com huma de Noviços espaçosa. A Igreja he de huma nave, fermosa, e desafogada; dous Coros, e sete Capellas; nellas algumas Confrarias. Singular a da Senhora dos Remedios, buscada, e assistida da devoçaõ dos naturaes, pelo interesse de perennes milagres. Residem nesta Casa de ordinario cincoenta Religiosos.

Recoleta de Santa Barbara.

He o outro Convento a Recoleta de Santa Barbara, dista da Cidade huma legoa. Sustentava doze, e quinze Religiosos; depois até vinte e dous, por se fazer nelle Casa de Noviços, com Escola de Latim, assim para os que vaõ do Reyno, e lá tomaõ o habito, como para os da terra. Ha tambem Escola publica de ler, e escrever, e musica. He tambem Paroquia dos Indios, que para isso a fundaraõ os primeiros Padres. A Igreja pequena, mas com duas Confrarias de Jesus, e do Rosario, administradas com devoçaõ, despeza, e zelo.

Ha mais na mesma Ilha outras Igrejas Paroquiaes dos Indios, de que os Religiosos saõ Paroquos, e Vigarios, e fazem Christandade. Huma se chama de S. Miguel, outra de Santa Cruz, outra da Magdalena. Ha nellas Confrarias com grandes fabricas. Ha mais outra Paroquia, a que chamaõ nossa Senhora do Rosario de Curca.

Ha na mesma Ilha algumas Ermidas, e Casas de devoçaõ, que pertencem aos nossos Conventos, como saõ a Ermida de nossa Senhora de Nazareth, em que assiste hum Religioso. Nella se faz a segunda Oitava da Pascoa huma celebridade grande, e do mayor concurso das Aldeas, e Cidades. Está situada em hum penhasco fronteiro á Barra, e he tradiçaõ, que se fundou com materiaes, que foraõ do Reyno, pelos primeiros Portuguezes, que chegaraõ a Goa.

A grande devoçaõ com a Senhora, junta a eſta antiguidade, fazem a Caſa mais celebre. A Ermida de noſſa Senhora de Valle das Marinhas. A Ermida de S. Joaõ Bautiſta do Arecal. Eſtas trez Ermidas com ſuas fazendas, pertencem ao Convento principal de Saõ Domingos de Goa. A Ermida de N. Senhora da Eſperança, e a Ermida de N. Senhora da Paz, que com ſuas fazendas, pertencem ao Convento de Santo Thomaz. Em todas eſtas Ermidas, e em cada huma dellas, aſſiſte hum Religioſo, que adminiſtra ſuas fazendas, e trata de ſeu concerto, e fabricas. Todos eſtes Conventos, Paroquias, Caſas, e Ermidas, ſe achaõ dentro da Ilha de Goa, que vem a ſer trez Conventos, quatro Paroquias, cinco, ou ſeis Ermidas, que podiaõ fazer o corpo de huma Provincia.

Do que tem a Congregaçaõ pela Coſta do Norte até Diu.

Convento de Chaul.

SAhindo de Goa para o Norte, em diſtancia de ſetenta legoas de mar, (navegadas de ordinario em ſete, ou oito dias) ſe acha a Cidade de Chaul, aonde tem a Congregaçaõ hum ſumptuoſo Convento, com o titulo de noſſa Senhora de Guadalupe; eſtá bem ſituado, tem Caſa de Noviços; a Igreja he de huma ſó nave, fermoſa, e deſabafada; tem ſete Capellas, nellas algumas Confrarias, ſingular a do Roſario, que adminiſtraõ os Indios com grande deſpeza, e zelo. Agaſalha eſta Caſa de ordinario trinta, e mais Religioſos. Fóra dos muros da Cidade, a pouca diſtancia, ſe vê huma Ermida de grande devoçaõ, e igual concurſo em todo o anno. Tem o titulo de noſſa Senhora das Mercês. Pertence ao meſmo Convento. Aſſiſte nella hum Religioſo.

Mais adiante, diſtancia de quatro, ou cinco legoas, em huma Ilha, e Povoaçaõ pequena, chamada Caranja, ſe acha outra Caſa, e Vigairaria, pertencente ao meſmo Convento, com o titulo de noſſa Senhora do Roſario, com ſua Confraria, que adminiſtraõ os Indios naturaes, com grande deſpeza, e cuidado. Aſſiſte aqui hum Religioſo.

Convento em Tanna.

Em diſtancia de outras quatro, ou cinco legoas de mar, em outra povoaçaõ chamada Tanna (Ilha de Salſete) eſtá outra Vigairaria com o meſmo titulo do Roſario, e huma Confraria delle, adminiſtrada pelos Indios, com grandes deſpezas, grande culto e feſtas. Aſſiſtiaõ nella dous Religioſos, creſceo depois, e augmentouſe em hum Convento pequeno, que agaſalhará até ſete.

Convento em Baçaim.

Adiante para o Norte, outras quatro, ou cinco legoas, eſtá a Cidade de Baçaim. Nella tem a Congregaçaõ hum Convento ſumptuoſo, com o titulo de S. Gonçalo. Igreja correſpondente á Caſa, alegre, e fermoſa, em que há cinco Capellas com ſuas Confrarias; ſingular a do Roſario, em que os Indios fazem feſtas com diſpendio, e eſtrondo igual á ſua devoçaõ, e zelo. O Convento tem tanta largueza, e capacidade (aſſim o Clauſtro) que podera alojar grande Communidade; mas a que ſe acha commummente he de doze Religioſos.

Fó-

Vigairaria de Baçaim.

Fóra da Cidade, hum quarto de legoa, ſe vê a Caſa de noſſa Senhora dos Remedios, Imagem milagroſiſſima (buſcada naõ ſó dos Chriſtãos, mas de Mouros, e Gentios) em que obra mayores prodigios, e mais continuados; experiencia, que os traz de toda a India, com grandes offertas, feſtas, e romarias. He Caſa da Ordem, e Vigairaria de per ſi. Reſidem nella cinco, ou ſeis Religioſos, ſendo capaz de muitos. He tambem Paroquia dos Indios naturaes, tem Igreja de huma ſó nave, mas ayroſa, e aceada, com dous Altares Collateraes, que acompanhaõ a Capella mór, fermoſa, e bem ornada. Nella ſe venera a Senhora em hum throno de prata de grande cuſto, obra, que inculca mageſtade, e reſpeito.

Adiante, quaſi a meſma diſtancia de cinco legoas, ſe vê outra Vigairaria da Ordem, (na Povoaçaõ de Maim) com o titulo de Bom Jeſus. Aſſiſtem nella o Vigario, e ſeu companheiro. Tem ſuas Confrarias, principal a do Roſario. Pertence tambem á Ordem huma Ermima, que com o titulo da Madre de Deos eſtá na meſma Povoaçaõ.

Na de Trapor, que fica na meſma diſtancia, quatro, ou cinco legoas adiante, para o Norte, eſtá outra Vigairaria, com o titulo do Eſpirito Santo, em que aſſiſtem quatro Religioſos. Tem a Caſa boa Igreja, com algumas Confrarias, ſingular a do Roſario.

Convento em Damaõ.

Em diſtancia de ſete, ou oito legoas, mais para o Norte, ſe acha a Cidade, e Fortaleza de Damaõ. Nella tem a Congregaçaõ o Convento de noſſa Senhora da Victoria; ſuſtenta até dez Religioſos com ſeu Prior. He Convento capaz, e bem acabado, tem Igreja grande, e perfeita, bom Clauſtro, e officinas iguaes a toda a Caſa. Ha aqui algumas Confrarias, a do Roſario ſobre todas. He Caſa de grande devoçaõ, e concurſo, pela Quareſma eſpecialmente, frequentada de dia, e de noite.

Convento de Diu.

Defronte deſta Cidade, atraveſſando o golfo de Cambaya, diſtancia de trinta legoas, pouco mais, ou menos, eſtá a Cidade, e Fortaleza de Diu, taõ celebre no Mundo, por theatro do eſforço Portuguez, e padraõ de ſuas heroicas, e memoraveis façanhas. Nella tem a Congregaçaõ o Convento da Madre de Deos, em que aſſiſtem doze Religioſos com o ſeu Prior. Tem Igreja fermoſa, e bem ornada; algumas Confrarias, adminiſtradas pelos Indios da terra, ſingular a do Roſario, com grande devoçaõ, apparato, e diſpendio. Tem a Caſa bem lançados, e perfeitos Clauſtros, e Dormitorios da melhor obra, e architectura, que ſe acha por eſtas partes, por ſerem os officiaes deſta os de mais fama, que conhece a India. Pouco affaſtado do Convento, fica o Hoſpital delRey; tem hum Religioſo a adminiſtraçaõ delle.

Ha tambem aqui Religioſo da Ordem, a que chamaõ *Pay de Chriſtãos*, como em Chaul, Tanna, Baçaim, Trapor, Damaõ. He o officio, e occupaçaõ deſte Padre, naõ ſó converter Infieis, (bautizando em todos os annos muitos) mas tambem ir ás naos de Meca (em todas as monçoens, que vem ás barras,

ras, e portos deſtas Cidades) a a tirar os Chriſtãos Abexins, chamados do Preſte Joaõ, que os Mouros com disfarce, e violencia trazem comſigo, obrigando-os á ſua ley, e abominaveis ritos. Occupaçaõ he eſta, aſſim como de grande ſerviço para Deos, de muita edificaçaõ para aquelles Povos. Fóra da Cidade hum quarto de legoa, ſe vê a Ermida de noſſa Senhora de Penha de França, Caſa de muita devoçaõ, e romagem; e dahi a duas legoas outra Ermida com o titulo de noſſa Senhora da Saude, Imagem milagroſa, muy buſcada, e aſſiſtida. Em cada huma deſtas Ermidas aſſiſte hum Religioſo da Congregaçaõ.

Do que tem, ou teve a Congregaçaõ no Sul até á China.

Convento deCóchim.

SAhindo de Goa para o Sul cem legoas, eſtá a Cidade de Cóchim, a mais nobre, e populoſa, que ha na India, depois de Goa. Nella teve a Congregaçaõ Caſa celebre, e ſumptuoſa, em que aſſiſtiaõ trinta, e quarenta Religioſos. Tinha a Igreja de trez naves, eſpaçoſa, e bem acabada, com ſuas Confrarias, ſingular a do Roſario, e de Jeſus. Era Caſa muy frequentada, e nella o culto Civino com ſingular decencia. Celebre na Igreja a Capella de Saõ Domingos em Suriano, aſſim por ſer a primeira, que ſe lhe lavrou na India, como por ſer a Imagem muy milagroſa, e aſſim muy ſervida, e buſcada. Havia neſte Convento Caſa de Noviços, edificio, que a orna, e authoriza. Fóra da Cidade, paſſado o rio, eſtá huma Ilheta, chamada das Oſtras, (por ter havido nella muitas) pertence ao Convento, como tambem huma Ermida de noſſa Senhora das Boas Novas, de muita devoçaõ, e romagem. Aſſiſte nella hum Religioſo.

Pela parte do Sul, mais adiante noventa, ou cem legoas, eſtá a famoſa, e celebrada Ilha de Ceilaõ, taõ ſinalada, e reconhecida em todo o Mundo, como theſouro da natureza, e pela fina canela, que em ſi tem. Nella eſtá a Cidade de Columbo, em que a Congregaçaõ teve huma Caſa, e Vigairaria de grande nome, com o da Senhora do Roſario, ſuſtentava até quinze Religioſos. Havia nella varias Confrarias, ſingular a do Roſario, ſervida pelos Indios, com devoçaõ, e diſpendio. Em pouca diſtancia da Cidade eſtá huma Ermida de S. Sebaſtiaõ, de devoçaõ, e concurſo. Aſſiſtia nella hum Religioſo. Entrando pelo Çertaõ deſta Ilha algumas legoas, ſe hiaõ contando doze Igrejas Paroquiaes, Chriſtandade celebre, e nomeada de Ceilaõ, dos Religioſos de S. Domingos, que nella aſſiſtiaõ, doutrinando os novamente convertidos, e convertendo muitos com trabalho, deſvelo, pouco commodo, e muito riſco.

Convento de Columbo.

Dezoito legoas de Columbo eſtá a Fortaleza de Galle, e nella havia huma Vigairaria com o titulo da Senhora do Roſario, em que a Congregaçaõ tinha hum Vigario, e ſeu companheiro. Trinta legoas de Columbo eſtá a Fortaleza de Manar; (contigua á Ilha de Ceilaõ) nella tinha a Congregaçaõ outra Vigai-

ra-

raria, e Caſa com o meſmo titulo do Roſario, que como a outra, tinha tambem ſeu Vigario, e companheiro. Neſta Caſa havia huma Imagem de S. Gonçalo de muitos milagres, e tantos, como eſpantoſos, pelo que era buſcada de muita devoçaõ, e romagem. Tinha mais a Congregaçaõ neſta Ilha a Igreja Paroquial de S. Joaõ, que adminiſtrava, e em que aſſiſtia hum Religioſo.

De Manar doze legoas, na meſma Ilha de Ceilaõ, eſtá o Reyno de Jafanapataõ; aqui tinha a Congregaçaõ Caſa, e Vigairaria, com o titulo do Roſario, Igreja fermoſa, e bem ornada, com Confraria da meſma Senhora, adminiſtrada pelos Indios, com devoçaõ, e deſpeza. Suſtentava a Caſa dous Religioſos, Vigario, e ſeu companheiro. Huma legoa fóra do povoado eſtava a Igreja Paroquial dos Paravelins, em que reſidia hum Religioſo, convertendo, bautizando, e adminiſtrando os Sacramentos aos naturaes da terra.

Caſa em Negapataõ.

De Jafanapataõ outras doze legoas, eſtá o povo de Negapataõ, em que ſe via huma Caſa, e Vigairaria, com o titulo do Roſario, boa Igreja, Coro, Clauſtro, e Dormitorios. Havia ſuas Confrarias, (adminiſtradas com grandes deſpezas) a do Roſario ſingular entre todas. Era a Caſa capaz de ſer Convento, porque ſuſtentava doze Religioſos.

Adiante noventa legoas, pouco mais, ou menos, eſtá a Cidade de Meliapor, em que prégou, e padeceo martyrio o Apoſtolo S. Thomé. Tinha aqui a Congregaçaõ Caſa, e Vigairaria, titulo do Roſario, Igreja pequena, mas bem acabada. Entre outras a Confraria da Senhora, bem adminiſtrada, e ſervida pelos Indios da terra. Suſtentava a Caſa dous Religioſos, Vigario, e ſeu companheiro. De Goa para o Sul, ſeiſcentas legoas, eſtá a Cidade de Malaca, em que a Congregaçaõ teve Caſa de nome, boa Igreja, nella a Imagem de huma Senhora milagroſa. Suſtentava cinco Religioſos; perdeoſe na entrada dos Hollandezes, flagello, que o braço de Deos eſtendeo ſobre aquellas terras, e de que eſperamos por ſua miſericordia vêllas reſgatadas.

Caſa em Malaca.

De Malaca para o Sul trezentas legoas, eſtaõ as Ilhas de Solor, que ſaõ muitas, e dilatadas. Nellas ſe eſtendem as Chriſtandades, que eſtaõ a cargo dos Religioſos da Congregaçaõ, ſem haver em toda aquella vaſtidaõ de terras Sacerdote algum, que naõ ſeja Religioſo Dominico. Na Ilha de Solor eſtá a Povoaçaõ de Larantuca, em que ha a Caſa, e Vigairaria de noſſa Senhora da Piedade, que he Cabeça de todas as Chriſtandades daquellas Ilhas. Tem Igreja eſpaçoſa, e bem acabada; nella algumas Confrarias, ſingular a do Roſario. Suſtenta a Caſa quatro Religioſos com ſeu Vigario, que tem juriſdicçaõ ſobre as Igrejas, que eſtaõ pela terra dentro, que ſeraõ dezoito; em cada huma aſſiſte ſeu Religioſo. He incançavel neſta Ilha o exercicio delles na converſáõ das almas, na deſtruiçaõ dos abuſos, na adminiſtraçaõ dos Sacramentos, com tanto fervor, tanto zelo, e tanto valor Apoſto-

Vigairaria de Larantuca, Cabeça de todas as Chriſtandades daquellas Ilhas.

to-

tolico, como moſtrou em muitos o martyrio. Mais moderna ſe abrio, e começou a florecer a Chriſtandade em Timor, Ilha dilatada, em que ſe contaõ trez Reynos; reduziraõ nella os Religioſos os Principes, e Cabeças; ſeguio-ſe grande fruto para Deos, grande augmento para a Fé, e grande reputaçaõ para os Cultores Euangelicos. Ha tambem Chriſtandade no Reyno de Siaõ, trabalhaõ nella dous Religioſos. Outra em Japara, na Jaoa mayor, Reyno de Mataraõ, cultura, e trabalho de outros dous Religioſos.

Convento na Cidade da China.

De Malaca quinhentas legoas, eſtá a Cidade da China, nella tem a Congregaçaõ Caſa ſumptuoſa, perfeita, e acabada, o titulo da Senhora do Roſario; Igreja de trez naves, tecto, e columnas douradas; Clauſtros, e Dormitorios, grandes, e deſafogados. Ha aqui algumas Confrarias, adminiſtradas com grande devoçaõ, e deſpezas. No ſerviço da Igreja muita prata, e entre boas peſſas della a mais celebre huma alampada de ſingular feitio, e taõ eſtranha grandeza, que ſe naõ póde pôr, nem tirar da Capella, ſe naõ deſmanchando-ſe em peſſas miudas: ſuſtenta eſta Caſa até vinte Religioſos.

Do que tem a Congregaçaõ para o Sul em a Coſta de Africa.

Caſa em Moçambique.

SAhindo da Coſta da India, atraveſſando para a Coſta de Africa, em diſtancia de novecentas legoas, navegadas em hum mez, eſtá Moçambique em altura de cincoenta graos do Sul, terras de Cafraria, em que a Congregaçaõ tem huma Vigairaria, e Caſa das principaes, chamada S. Domingos. Reſidem nella de ordinario quatro, cinco, ſeis Religioſos, e talvez mayor numero, por ſer a porta por onde os Religioſos entraõ, e ſahem para as Chriſtandades dos rios de Sena, e Reynos de Monopotapa.

Adiante ſeſſenta legoas, viagem de oito, e dez dias, ſe entra nos rios. A' entrada delles tem a Congregaçaõ a Caſa, e Vigairaria de Sena, com o titulo de S. Domingos; aſſiſtem nella trez, e quatro Religioſos, e talvez mayor numero; tem capacidade para ſer Convento. Meya legoa diſtante deſta Caſa, ſe vê a Igreja Paroquial de noſſa Senhora dos Remedios; aſſiſte nella hum Religioſo.

Caſa em Sena.

Pelos rios dentro eſtá a Caſa, e Vigairaria de Tete, com o titulo de Santiago, rica, e abundante entre todas as dos rios. Aſſiſtem nella dous Religioſos. Mais pelas terras dentro, no Reyno de Manica, tem a Congregaçaõ muitas Caſas, e Paroquias, Chimpambura, Matuca, Vumba, Dambarare, Matafune, Chipriviri, Loanze, Maçapa, Quitambruize, Ongue, e outras muitas, e em cada huma ſeu Religioſo cathequizando, enſinando, inſtruindo, e bautizando aquelles barbaros Cafres. Na Corte do meſmo Emperador, (chamada Zimbaoe) a que os Religioſos bautizaraõ, reduzido á luz da Fé, tem a Congregaçaõ Igreja, em que reſidem Religioſos, que o meſmo Emperador tem por Capellaens, e Con-

e Confeſſores, pedidos com inſtancia, e tratados com eſtimaçaõ.

Na Corte delRey Quiteve ſe vê novamente fundada huma Freguesia com ſeu Religioſo por Paroco, que promette naquellas Chriſtandades grande fruto. Fundouſe outra na Corte delRey Banoe, que ſe malogrou pela pertinacia do barbaro duro, e cego como Mouro. Pela meſma Coſta, perto do Cabo das Correntes, eſtá a Fortaleza de Sofala, em que a Congregaçaõ tem Caſa com hum Religioſo, que aſſiſte, e ſe occupa em cathequizar, inſtruir, e bautizar. Abaixo de Moçambique ficaõ as Ilhas de Quirimba, e Amiza; aqui ſe vem duas Igrejas, a que aſſiſte hum Religioſo, e muitas vezes dous, com grande fruto, e eſpiritual intereſſe daquella Chriſtandade.

Viſto o que pertence á Congregaçaõ da India, bem ſe deixa ver, que em numero de Caſas naõ he inferior á Provincia de Portugal, e muito digna de que os Reys, e Senhores noſſos (que o governaõ) favoreçaõ, e fomentem o exercicio de ſuas miſſoens, naõ já para premio do que trabalharaõ, mas para incentivo do que continuaõ. Muitas Caſas das que temos apontado, ſe ſuſpenderaõ, e extinguiraõ com a entrada do Hollandez naquelles Eſtados, que inimigo mais pertinaz da Igreja, começou a perſeguir os progreſſos, e augmentos della; mas naõ baſta iſto, para que os noſſos Religioſos percaõ a gloria de ter reduzido ao ſeu gremio aquelles barbaros, nem a eſperança de continuarem ainda a Deos, e ao Reyno os meſmos ſerviços. E fique advertido, que nas Chriſtandades dos rios, ſe entraraõ Religioſos eſtranhos, foy urbanidade dos noſſos; mas ſem licença dos Prelados.

CAPITULO II.

Noticia das Ilhas de Solor, eſpecial de Larantuca, Timor, e outras adjacentes.

SUppoſta a inteira noticia, que de toda a Congregaçaõ, e ſucceſſos della, eſcreveo na terceira Parte da Chronica o Padre Fr. Luiz de Souſa, e eſpecialmente das Ilhas de Solor, e primeira Chriſtandade dellas, reſtaõ-nos os progreſſos das meſmas Chriſtandades, por ſer o digno de memoria, obrado naquellas partes eſtes annos ultimos pelos Religioſos de S. Domingos. Mas como os ſucceſſos das Ilhas de Larantuca, e Timor nos haõ de dar materia, daremos dellas noticia; e de outras, alguma, que falta. Muitas ſaõ as Ilhas de Solor, que ſe comprehendem debaixo deſte nome, porque correm deſde o eſtreito de Bale até ás ultimas, que confinaõ com o mar, que vay dar na Ilha de S. Lourenço; por onde ſe vê, que ſaõ eſtas as ultimas do Mundo; porém naõ tocaremos aqui mais, que nas em que ha Chriſtandade, ou commercio, ou eſperança delle. A primeira, que he hoje Cabeça de toda a Chriſtandade deſtas Ilhas, ſe chama Larantuca; eſtá em ſete graos da banda do Sul, lançada de Norte a Sul, por comprimento de ſeſſenta legoas de ponta a ponta, tendo de largura dezaſete, até vinte e duas, ou mais. Na ponta, que *Larantuca.*

começa da banda do Norte, (que o fica tambem ſendo do Macaſſá) he que ha Chriſtandade, até o meyo da Ilha, por diſtancia de trinta legoas. Da outra banda confina com huma Ilha, chamada a Bima, em que naõ ha Chriſtandade, por ſer toda povoaçaõ de Mouros, ficandolhe no meyo hum Guno, que val o meſmo que *Monte alto*, a que chamaõ Gunuoapis, que eſtá vertendo ſempre grande copia de enxofre, e com mayor abundancia, e miſtura de fogo, o exhala no cume.

He eſta Ilha de Larantuca muy povoada, por limpeza, e pureza de ares, e fertilidade de terra. Nella fabricaõ as caſas de palha. Começando pela parte do Macaſſá, em que eſtá a Chriſtandade até o meyo da Ilha, onde chamaõ o *Ende*, ſaõ Gentios, (excepto alguns Chriſtãos, como em ſeu lugar diremos) porém do *Ende* por diante eſtaõ onze, ou doze Povoaçoens de arrenegados; a ſeu tempo diremos o motivo, que os reduzio a eſte eſtado. Acharſehaõ neſtas Povoaçoens ſeis para ſete mil almas, e entre todos dous mil para dous mil e quinhentos homens de guerra, grandes inimigos do nome de Chriſto, como por miſeria ſua o coſtumaõ os que primeiro o tiveraõ. Deſtas Povoaçoens, até o fim da Ilha, naõ ſe acha mais que Gentilidade pura, mas com grande commercio com os Chriſtãos; e quaſi nenhum com os Mouros, convidados de noſſa fidelidade, como do conſelho de hum Emperador ſeu, reduzido pelos noſſos Religioſos á Fé, e Bautiſmo (em que tomou o nome de D. Conſtantino) em os primeiros annos, em que eſtava no berço eſta Chriſtandade, que elle admittio, e fomentou nas ſuas terras, obedecendo aos Religioſos em tudo tocante ao eſpirito, e talvez conſultando-os para ſeu governo.

As couſas, que ha neſta Ilha por via de commercio, he muita canela, taõ fina, e taõ forte como a de Ceilaõ. Ha muitos eſcravos de varias ſortes de cativeiros, e alguma cera, em que tudo ha ganho, levando-o fóra da Ilha, como fazem os Macaſſás, que ſaõ os de mais trato; e ſem duvida, que fora groſſo o da Ilha, a naõ ſer a gente para pouco, frouxa, e perguiçoſa.

He toda eſta Gentilidade, pela mayor parte homens de guerra, particularmente para ſe defenderem, porque os mais eſtaõ providos de armas, como ſaõ azagayas, eſpadas curtas, rodelas, arcos, e flexas. Naõ conhecem, nem tem uſo de eſpingardas, antes tem grande medo dellas. Naõ ha Rey algum neſta Ilha, a quem propriamente ſe dê obediencia; porque o Emperador, que diſſemos, (e aſſim os mais) tem o nome, e reſpeito, naõ o dominio; mas ha em cada Povoaçaõ hum maioral, a que chamaõ Atacabel, ou Ataluque, a quem ſe ſogeitaõ a governo, e caſtigo, e o ſeguem como a ſeu Capitaõ, ſe ſe poem em campo. Naõ tem, nem reconhecem Deos, a que dem culto, com que naõ tem Idolos, nem Pagodes; uſaõ ſó de humas ſuperſtições Gentilicas, matando, e abrindo as cabras, e contemplandolhe as entranhas, eſtilo antigo dos Romanos, e de muitas naçoens barbaras.

Ha-

Haverá neſta Ilha de Larantuca (entre a Povoaçaõ principal, que tem eſte nome, e outra, que eſtá pela Ilha adiante quinze legoas, a que chamaõ *Siqua*, outra, que ſe chama *Pagua*, e o *Ende*, que eſtá outras quinze adiante, todas de Chriſtãos) numero de mil eſpingardas, e melhoria dellas, fóra outros muitos Chriſtãos, e Gentios amigos, com as ſuas armas, que acima diſſémos. O mantimento mais ordinario deſta Ilha, (e de que dá grande copia) he arroz. Pela terra dentro ſe compra mais barato. Dá tambem a Ilha muitos inhames, feijoens, e batatas, grande copia de canas de aſſucar, e aſſim aſſucar, milho, aſſim o miudo de Moçambique, como o que chamaõ Zaburro, tudo muito, e barato, com que fica ſendo o commum ſuſtento.

Ha muitas carnes; as do mato, porcos, veados, e bufaros, todos de grande corpulencia, e excellente goſto, e que ſe caçaõ com pouco trabalho. As carnes domeſticas ſaõ gallinhas, em grande copia, cabras com a meſma, e porcos, de que ha muita criaçaõ. Nada diſto ſe reſgata com moeda de prata, ou ouro, mas com pedaços de ferro, e ainda cabeças de prégos, ou alguns pannos. De peixe naõ uſaõ muito, mais que em algumas povoaçoens viſinhas ás prayas; e ainda ahi pouco, por ſe naõ darem muito a peſcas.

Ha neſta Ilha muita madeira, ainda que nenhuma de Tequa, nem Angelim, mas ſufficiente para fabricarem ſuas embarcaçoens, que talvez ſaõ de muito porte. Ignoraõ o beneficio da ſerra; aſſim por grande, e groſſa, que ſeja a taboa, naõ ſe ſervem della mais que fendida. Em lugar de prégos, uſaõ de tornos de pao; para vélas, de eſteiras de junco, da meſma Ilha, (como he commum em todo aquelle Sul) mas taõ bem tecidas, e taõ duraveis, que ſó ſe lhe aventajaõ as de lona, porque ſe conſervaõ com a agua ſalgada. O que ſó falta neſta Ilha he trigo, e vinho de Portugal, ſendo o que ſe faz na terra pelos Chriſtãos, de Palmeiras barbaras o melhor, que ha por aquellas partes.

Cinco legoas deſta Povoaçaõ, correndo pela Coſta, eſtá hum *Guno*, que val o meſmo, que monte, como diſſémos já. Chamaſe eſte *Levotobe*, e aſſim elle, como outro, que diſta vinte legoas (correndo pela meſma Coſta) vertem, e lançaõ de ſi quantidade de enxofre, rompendo muitas vezes em lavaredas no cume. Ha neſta Ilha muita terra, de que ſe faz ſalitre, cozida, apurada, porque chea de ourina de Morcegos (tantos ha nella) lança de ſi eſte material dos melhores, que ha no Oriente. Aſſim tem em abundancia os materiaes da polvora, deſcubertos pelos noſſos Religioſos, no meyo da falta, que naquellas partes ſe padecia della; e feita, ſahio da mais fina.

Paſſando a Ilha de Crama, *Crama.*
que eſtá mais proxima á de Larantuca, diſtando della huma legoa de boqueiraõ de mar, ao mais largo, porque em outras partes he mais eſtreito, naõ tendo mais diſtancia, que hum tiro de eſpingarda; em comprimento, e largura he eſta Ilha quaſi o meſmo; e de dezoito até vinte legoas, com que fica em

fórma pouco mais que redonda. He toda de Gentilidade, e taõ habitada, que tem ſete, ou oito Povoaçoens ao longo do mar (de huma banda, e outra) de arrenegados, que foraõ Chriſtãos, e ſaõ hoje Mouros; ſaõ ſeus nomes proprios, *Solores*, *Terroens*, *Lamalas*, *Lameiloens*, e *Adonaras*; com eſtes todos temos guerra, e de ordinario lhe daõ ſoccorro os Gentios da terra, naõ todos; que alguns temos confederados. Chamaõſe por aquellas Ilhas aos Gentios, que ſaõ pela parte dos Chriſtãos, *Demonaras*, e os que pela dos Mouros, *Pagenaras*. Com eſta Ilha temos commercio, em razaõ do mantimento, porque ha nella todos os generos, que diſſemos de Larantuca, e em muito mayor copia, por ſer a Ilha a mais fertil, e freſca, que ha por todo aquelle circuito.

A Ilha de Solor, aonde eſteve a noſſa Fortaleza, diſta da de Larantuca duas legoas, ficandolhe no meyo a Ilha de Crama. Terá quatorze, ou quinze de circuito, porque he em figura redonda. Povoaõ-na toda Gentilidade, e Mouros, e alguma Chriſtandade, adonde chamaõ *Pataõ*, *Pamancayo*, *Gravatos*, e outros Gentios adjacentes da noſſa juriſdicçaõ. No meyo da Ilha eſtá a Fortaleza, que o zelo do noſſo Biſpo de Cochim D. Fr. Miguel Rangel, indo por Commiſſario, e Viſitador daquellas Chriſtandades, em 1629. fez reformar com eſmolas, que a ſua diligencia, e induſtria ajuntou na China, na Cidade de Macao. Deu-lhe a artelharia o Governador Nuno Alvares Botelho; adquirio elle os mais apreſtos, poz os dous Religioſos, alguns moços para o ſerviço, e alguns Chriſtãos para a defenſa; mas tornando para Goa, e naõ tendo com que acodir á Fortaleza, ſe paſſou a artelharia para Larantuca, deſamparando-a os que eſtavaõ nella, expoſtos á furia, e rapina do Hollandez, quando naõ ás invaſoens dos Mouros *Lamanqueiras*, que vivendo na viſinhança, a podiaõ achar com pouca reſiſtencia.

Ilha de Solor.

He eſta Ilha de *Solor*, (ſendo a que dá o nome a todas) a mais mendiga dellas, por ſer a mais eſteril, e ſeca com a falta de agua; havendo eſta nas outras em muitas ribeiras, que as regaõ, e as fazem frutiferas. Algum tempo foy habitada de Chriſtãos, em quanto teve preſidio a noſſa Fortaleza, ſervindo de bom ſurgidouro ás embarcaçoens. Ainda depois a malquiſtou mais a vinda dos Mouros arrenegados, que paſſaraõ pela de Ternate, e Amboino, fazendo cruel guerra aos Chriſtãos, que a deixaraõ logo. O que neſta Ilha ha ſó de proveito, he muita terra de ſalitre, de que ſe faz a polvora. Naõ falta tambem carne de mato, de porcos, e veados.

Ilha de Levoleba.

Diſtante de Solor legoa e meya, no mais eſtreito de boqueiraõ de mar, eſtá a Ilha *Levoleba*; he grande, e pouco menos que Larantuca, e toda habitada de Gentios, chamados (como atraz diſſémos) *Demonaras*, e *Paginaras*, tendo huma ſó Povoaçaõ de Mouros, mas populoſa, chamada *Lavobala*. Tem commercio com noſco, e o principal, que ſe reſgata deſta Ilha, he quantidade de azeite de ſifa, taõ barato, que por hum

hum machado de ferro, ou quatro prégos velhos, ſe dá huma jarra de dous, e trez almudes. He a cauſa, porque de ordinario ſe occupaõ os moradores da terra na peſcaria de Baleatos com arpeos, ſem repararem no ambar, que podem dar eſtas Baleas, de que ſaõ bem povoados aquelles mares; mas he gente buçal, e bruta, ſem conſideraçaõ, ou agencia. Tem tambem o meſmo, que as mais Ilhas, de cera, eſcravagem, e tartaruga, e todo o mantimento, grande copia de carnes do mato, tudo naõ ſó para fartura da terra, mas ainda para vender para fóra.

As Ilhas Levotolo, Queidaõ, e Galiao.

Adiante deſta Ilha Levoleba, em pouca diſtancia, eſtaõ as trez Ilhas *Levotolo*, *Queidaõ*, e *Galiao*, contiguas humas com as outras com pequenos boqueirões, que as repartem. Saõ povoadas de Gentios, e Mouros, ſem Chriſtandade alguma, mas temos com elles commercio, indo, e vindo á noſſa Povoaçaõ de Larantuca, com tartaruga, eſcravagem, e cera, muito enxofre, que alli tem (melhor, e mais barato) em razaõ de hum huno, a que chamaõ *Levotolo*, que dá grande copia delle, o mais puro, e mais amarello. Tem em ſi eſtas Ilhas baſtante mantimento para os natures, de que ordinariamente vendem aos noſſos Chriſtãos de Larantuca o arroz, ſuſtentandoſe elles ſó com o milho, feijoens, e outros legumes.

Ilha de Maluá.

Adiante deſtas trez Ilhas, diſtancia de quatro legoas, eſtá a Ilha de *Maluá*, mayor, que a de *Larantuca*, de que ſe ſabe pouco, por naõ termos muito commercio, ſendo que algumas vezes vaõ os noſſos de Larantuca ao reſgate de eſcravos, tartaruga, e cera. He toda povoada de Gentios, e taõ tenazes, que de nenhum ſe ſabe, que paſſaſſe á ſeita dos Mouros. He gente ſelvatica, e bruta, e pela terra dentro comem huns aos outros, e principalmente aos mais velhos. Tem medo á navegaçaõ, como de ſahirem da propria terra, como ſe antes lhe fora prizaõ, que Patria. A eſta Ilha ſe ſeguem outras, e vaõ correndo em huma grande corda, até quaſi ás Malucas, com quem naõ temos commercio algum.

Ilha de Timor.

Adiante deſta Ilha de Maluá, em diſtancia de ſete legoas de mar, eſtá a Ilha de *Timor*, a mayor de todas as que chamaõ de Solor, aſſim he a nobreza das mais, com grande navegaçaõ, e commercio, por reſpeito do excellente pao de ſandola, que ella ſó tem. Fica em nove graos da banda do Sul, lançada de Norte a Sul, com cento e vinte legoas de comprimento, e trinta de largura. Foy ſempre de Gentios; de alguns annos para cá lhe entraraõ Mouros, por via de Macaſſá, de que eſtaõ duas Povoaçoens em duas paragens, a que chamaõ *Manatuto*, e *Adê*, que ſaõ tambem portos de commercio com ella, ainda que de pouca importancia. Do pao de ſandalo, que nella ha, ſe tiraráõ todos os annos, de mil quinhentos, para dous mil bartes; e ha muitos annos; e ainda ſe naõ ſentio falta; cada bar tem, ou paſſa de quatro quintaes. He notavel ſegredo o da ſementeira, e naſcimento do ſandalo. Comem os paſſaros neſta Ilha huma fruta, que ha nella pou-

Naſcimẽto do ſandalo.

pouco menos, que a baga do louro, e do meſmo feitio; tem eſta hum caroço dentro, que lançaõ os paſſaros por excremento, e ſem mais cultura, que cahir na terra, rebenta delle a arvore; e por mais que eſta ponha muito em naſcer, e em avultar, como he taõ continua a ſementeira, nunca ſe ſente falta.

He o ſandalo huma das melhores drogas daquelle Oriente, como fazenda ſem riſco de corrupçaõ, e até na agua ſalgada recebe melhoria. Aſſim he taõ eſtimado de toda a Gentilidade, que em todas ſuas precioſidades uſaõ delle. Para a China he taõ grande a ſaca, que ficando annos atraz a Cidade de Macao com a perda do commercio de Japaõ, e reduzida a grande neceſſidade por falta de prata, para reſgatar o mantimento, (que ſem ella o naõ dá a China) ainda aſſim foraõ a buſcar o ſandalo, feitas encarecidas ſupplicas ao Capitaõ General, e ao Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, Vigario mayor daquellas Chriſtandades, para conſeguirem dous navios com aquella carga, que foy o unico remedio do ſeu aperto.

Aſſim he eſte pao a droga mais requeſtada de todo o Oriente, e taõ ſuſpirada da ambiçaõ de Hollanda, que por muitas vezes importunou o Rey do Macaſſá, para que ſó com ella fizeſſe o contrato de todo o ſandalo, que vieſſe ao ſeu Reyno, excluindo os noſſos, que em naos de Inglaterra, e Dinamarca, buſcavaõ aquelle porto, para eſſa commerciaria. Com que fica a Ilha de Timor entre todas com a gloria de mais buſcada, como unico berço de material taõ precioſo. Mas deixando o muito, que ainda ſe podia dizer delle, vamos ſeguindo a brevidade. Tem eſta Ilha de Timor, depois de muita cera, e eſcravos, (deſcuberto ha poucos annos) grande quantidade de cobre; ſendo taõ copioſas as minas delle, que rebentaõ por cima da terra em grandes pedaços; e já taõ puro, que ſe entende, que tem alguma parte de ouro, o que tambem ſe vê em ſer mais pezado, que qualquer outro.

Ha tambem neſta Ilha ouro, achando-ſe muitas laſcas nas ribeiras, que vem deſcendo das ſerras; e taõ fino, e ſobido em quilates, como o da China. Naõ falta tambem neſta Ilha grande quantidade de terra, de que ſe faz ſalitre, e em mayor copia, que em nenhuma das outras; e juntamente o pao de que ſe faz o carvaõ para a polvora. Ha finalmente grande copia de carnes, aſſim de bufaros, como de carneiros, cabras, e porcos, todos corpulentos, gordos, e de excellente ſabor; ſó ſe naõ achaõ, nem daõ neſta Ilha veados, porque parece por experiencia, que o cheiro do ſandalo os mata. Uſa-ſe neſta Ilha de duas linguas diſtintas huma da outra. Chamaõ-ſe ellas *Vaiquenos*, e *Bellos*.

Ilha de Simao.

Diſtancia de Timor, hum tiro de bombarda para a parte do Norte, eſtá a Ilha de *Simao*, em hum boqueiraõ do mar. He em fórma redonda, com quinze até dezaſeis legoas de circuito. Naõ he habitada de gente propria, mas dos que vaõ cultivalla, fazendo ſuas hortas, e ſementeiras, como ſaõ os que ha-

habitaõ na Cabeça da Ilha de Timor, aonde chamaõ *Capaõ*, por ſer terra muito pedragoſa, e naõ ſe dar nenhum mantimento nella. Aſſim ficaõ neſta Ilha os Timores, e os Savos, e outros, em o tempo das ſementeiras, em palhoças, e depois ſe vaõ para ſuas Ilhas, deixando alguns eſcravos para a cultura, e beneficio daquelles campos. Acha-ſe neſta Ilha muita cera, e alguma tartaruga.

Ilha do Savo.

Sete legoas de Timor, em huma traveſſa do mar, fica a Ilha do *Savo*, com mais de vinte legoas de comprimento, e doze, até quatorze de largo; he a de melhores ares, e mais ſádia, que nenhuma das que ha naquelle Archipelago. Os naturaes ſaõ brancos, e melhor parecidos, que os das outras, em que a gente he preta, e de cabello creſpo, e ſó os deſta o tem ſolto. Todos ſaõ Gentios, com grande commercio com os Chriſtãos de Larantuca. Já hoje tem tambem alguma Chriſtandade. O que ha nella de commercio, e veniaga, he eſcravagem, muita tartaruga, e alguma cera. Tem muitos mantimentos, abundancia, que paſſa aos de fóra, ſendo para os naturaes ſobrada. Navegaõ em barcos pequenos, para Timor, e Larantuca.

Ilha do Savo grãde.

Diſtante deſta Ilha do Savo vinte e cinco legoas, fica a Ilha do *Savo grande*, nome, que lhe naõ deu a grandeza, mas a diſtancia. He toda de Gentilidade, gente de todo buçal, e inculta, que nem tem commercio, porque a terra lhes dá tudo o que lhes he neceſſario. Saõ brancos, e mais que os da Ilha do Savo. Ha nella muita eſcravagem, e muita tartaruga. Tratãõ-ſe os naturaes com grandeza, ſervindoſe com ouro, de ſorte, que ſe acharáõ nos principais eſteiras, e outras couſas domeſticas, deſte metal batido ao martelo; chapeos de ſol do meſmo. Naõ o dá a terra, mas a de humas Ilhas pequenas, que naõ diſtaõ muito, chamadas das *Palmeiras*, habitadas de gente anan. A eſtas, era entre os naturaes do Savo grande antiga tradiçaõ, que indo alguns delles a commercear, trouxeraõ ſuas pequenas embarcaçoens carregadas de ouro, intereſſe de que ſe abſtiveraõ, porque todos os que voltaraõ, vieraõ inchados, e disfórmes, achaque de que morreo a mayor parte delles; ameaço com que a natureza ſe quiz defender da cobiça humana. Mas grande confuſaõ! que conhecendo-o os Gentios, e barbaros, o deſconheçaõ tanto os Chriſtãos, e politicos! Eſtas ſaõ as principais Ilhas de Solor, de que havia menos noticia, ou menos individuada, porque em commum a dá de todas o Padre Fr. Luiz de Souſa. Suppoſta eſta clareza, e conhecimento deſtas Ilhas, paſſemos a continuar os ſucceſſos das Chriſtandades dellas.

CAPITULO III.

Primeira converſaõ na Ilha de Timor. Bautiza-ſe o Emperador da Ilha do Ende grande em Larantuca.

SUppoſta a entrada dos Religioſos de S. Domingos nas Ilhas de Solor; os levantamentos dos Gentios, perſeguiçoens, e martyrio dos Religioſos, que até

até o anno de 1630. eſcreveo o Padre Fr. Luiz de Souſa, devemos ſeguir o continuar a noticia da Ilha de Timor, aſſumpto, que de novo nos offerece a Congregaçaõ em grandes progreſſos na cultura Euangelica. Mas para mayor clareza tomaremos mais atraz a relaçaõ, por naõ faltarmos a alguma circumſtancia, que já na Chronica fica tocada, mas naõ eſcrita.

Achava-ſe a India Oriental no mais calamitoſo eſtado, que podiaõ ver, e chorar ſeus olhos. No temporal dominada da cobiça dos proprios, e dos eſtranhos; no eſpiritual emmudecidas as vozes da verdade, eſcondida a luz da Fé, por naõ ver triunfar as ſombras da cegueira, rebelde, obſtinada, e tyranna. As Chriſtandades da Abbaſſia, e do Japaõ fechadas de todo para os Cultores do Euangelho. Ormuz occupado pelo Perſa; Maſcate com as mais Fortalezas da Coſta da Arabia, debaixo do violento dominio do Arabio; as Igrejas do Canará, e do Cabo do Cumerim, embaraçadas, e inacceſſiveis com a tomada de Cochim pelo Hollandez, que tambem occupou toda a Ilha de Ceilaõ e Manar, permittindo ſó, que alguns Religioſos de S. Franciſco ficaſſem para beneficio dos Chriſtãos da terra. Finalmente deſtruidas as Igrejas, e Chriſtandades de Bengala, e Pegú pelo Mogor, e pelo Rey da Lua. Neſte eſtado gemiaõ todas aquellas dilatadas Provincias, e gemem deſde que a noite da hereſia tyrannizou ao berço do Oriente a luz da verdade, ficando, e conſervando-ſe a Euangelica nas Chriſtandades dos rios de Sena, e de Solor, plantadas pelos Religioſos de S. Domingos, e regadas com o ſangue de muitos, que fazendo creſcer a ſementeira de Chriſto, extinguio muitas vezes nella ateado o fogo do Inferno. Eſtes progreſſos ſeraõ o noſſo aſſumpto.

Achava-ſe Vigario Geral da Congregaçaõ da India o Veneravel P. Fr. Miguel Rangel, que a ella tinha chegado pelos annos de 1614, e tomando conhecimento do miſeravel eſtado, a que eſtavaõ reduzidas as Chriſtandades de Solor, já pelas guerras, e levantamentos domeſticos, já pela invaſaõ dos Hollandezes, tyrannos, como cobiçoſos, paſſou das lagrimas, com que chorou ſua miſeria, ao zelo, e deſvelo infatigavel de remedialla. Corria o anno de 1629. quando achando-ſe eſte Prelado em Malaca, teve noticia, que haviaõ largado os Hollandezes a Fortaleza de Solor, (feita primeiro, e reformada depois pelos Religioſos de Saõ Domingos, para defenſa, e amparo dos que de novo ſe hiaõ aliſtando na milicia de Chriſto) e pedindo ajuda a Nuno Alvares Botelho, Governador daquelle Oriente, a quem fizera companhia na campanha, e agora na grande vitoria, que alcançara do Rey Achem, ſe reſolveo a ir reparar, e reformar as Chriſtandades de Solor: o que poz logo em execuçaõ, levando comſigo alguns Religioſos, eſcolha de ſeu eſpirito, e experiencia. Eraõ elles o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, o Padre Fr. Luiz da Paixaõ, o Padre Fr. Chriſtovaõ Rangel, Fr. Gaſpar de Santa Maria, Fr. Eſtevaõ do Roſario, Fr. Chryſoſtomo de Santiago,

go, Fr. Luiz da Maya, Fr. Jacintho Ximenes, Fr. Franciſco Donato, Fr. Roque Cardoſo, Fr. Joaõ de Lisboa, e Fr. Bento Serraõ. Chegados áquellas Ilhas, ſe eſpalharaõ como aconſelhava a neceſſidade. O Padre Fr. Antonio de S. Jacintho paſſou á Ilha de Cremá, Chriſtandade, em que ainda que tinha trabalhado, e aſſiſtido por alguns annos o Padre Fr. Antonio do Loreto, a perſeguiçaõ a tinha reduzido a tal extremo, que foy neceſſario cultivalla de novo. Os Padres Fr. Luiz da Paixaõ, e Fr. Eſtevaõ do Roſario, á Ilha do Savo, em que o Padre Fr. Joaõ da Annunciaçaõ aſſiſtira dez annos, abrindo, e creando aquella Chriſtandade com taõ exemplar vida, que foy ella a mais efficaz, e poderoſa voz, que chamou aquelle Povo ao rebanho de Chriſto.

Os Padres Fr. Chryſoſtomo de Santiago, e Fr. Agoſtinho do Roſario, para o Ende, em duas Igrejas, S. Domingos de Numba, e Santa Maria Magdalena dos Charaboios. O Padre Fr. Roque Cardoſo para a Igreja de noſſa Senhora da Saude, ſita em huma paragem, chamada Baibalo, na Ilha de Larantuca. O P. Fr. Franciſco Donato para a Igreja de Santa Luiza de Sica na meſma Ilha O P. Fr. Luiz da Maya para a meſma Ilha de Larantuca, por Prelado mayor, e Vigario daquellas Chriſtandades todas, na Igreja de noſſa Senhora da Piedade. O Padre Fr. Gaſpar de Santa Maria para a Igreja de noſſa Senhora dos Remedios, com obrigaçaõ de enſinar aos meninos Solores a doutrina Chriſtãa, e a ler, e eſcrever. O Padre Fr. Rafael da Veiga para a Igreja de Pataõ, e Pamancayo, ſita na Ilha de Solor, duas Povoaçoens, a que podia acodir, por ficar no meyo de ambas. O Padre Fr. Chriſtovaõ Rangel para aſſiſtir, e attender ao temporal com alguns Padres, que alli ſe ajuntaraõ, ficando outros com o Vigario mayor na Caſa de Larantuca, para acodirem ao que ſe offereceſſe, quando nas mais Ilhas daquelle Archipelago ſe abriſſe nova Chriſtandade. Aſſim começaraõ a creſcer as deſtas Ilhas, com o zelo, e ancia dos novos Obreiros, que cada dia ſe eſtavaõ colhendo novos frutos de ſeus venturoſos trabalhos. Vencendo muitas vezes o da falta de veſtido, e ſuſtento, que mereciaõ como bons Mercenarios, que apaſcentavaõ as tenras ovelhas do rebanho da Igreja, ou deſvelados Obreiros, que madrugavaõ a cultivar a ſua vinha, porque, perdida Malaca, lhe faltou a ordinaria, que lhe dava o Governador Nuno Alvares Botelho, ficando os miſeraveis Religioſos obrigados naõ ſó a buſcar eſmolas para ſe ſuſtentarem a ſi, mas aos pobres, que muitas vezes o ficavaõ por abraçarem a Fé.

Neſte eſtado ſe achavaõ as Chriſtandades deſtas Ilhas, quando advertindo o Padre Fr. Chriſtovaõ Rangel, que em todas ſobejavaõ Miniſtros, e que em Timor faltavaõ, ſendo a mais populoſa dellas; ſe reſolveo a ir examinallo com ſeus olhos, e a ver ſe ſe lhe abria algum caminho, para pôr em execuçaõ antigos, e bons deſejos. Embarcou, e aportou no Reyno de Silabaõ. Vioſe com o Rey, preſentoulhe hum mimo, unica chave, que abre a primeira porta

aos que áquelles Principes pedem audiencia, e querem ſahir com bom deſpacho nella. Aſſim foy Fr. Chriſtovaõ bem aceito, e bem agaſalhado; e naõ perdendo tempo, ſoube logo induſtrioſo encaminhar a pratica a couſas da Religiaõ, que aſſim propoz com efficacia, e intimou com perſuaſiva, (naõ favorecido da Rhetorica humana, mas encaminhado daquella Sabedoria, que diſpoem com ſuavidade, e conſegue vigoroſamente) que veyo o Rey a darlhe palavra de receber a Fé com toda ſua Caſa, e os que de ſeu Reyno quizeſſem, fomentando, e favorecendo nelle os Miniſtros Euangelicos, que logo queria lhe foſſe negocear de Larantuca, e o mais que pertencia a levantar Igreja, e aſſentar entre elle, e os Portuguezes amizade perpetua. Aſſim ſabe levantar apreſſada lavareda aquella faiſca, em que o fogo do Ceo ſe introduz em huma alma!

Alvoroçouſe o Padre com a repoſta; muito mais o Rey, vendo que lhe dizia: *Que para ſeguro da ſua amizade, lhe apontaſſe lugar para a Igreja, porque elle tinha o preciſo para ella.* Naõ houve dilaçaõ; apontouſe o lugar, cortaraõ-ſe madeiras por Decreto do Rey, lavrou-ſe huma Cruz de ſandalo, por ordem de Fr. Chriſtovaõ; e em hum Domingo, (elevando-a entre ambos o Padre, e o Rey) acompanhados, e ſeguidos do melhor da Povoaçaõ, a collocaraõ em o lugar da Igreja, com grande celebridade, que o Rey augmentou, dando hum publico, e Real banquete. Em breves dias creſceo a fabrica da Igreja, (que naquellas partes naõ coſtumaõ ſer de muita) e paſſou o Padre Fr. Chriſtovaõ a Larantuca, alegrando aquella Chriſtandade com taõ grande noticia, e enchendo os Obreiros della de ſanta inveja, e piedoſas eſperanças de ſemelhante ventura.

Apreſtaraõ logo alguns Portugüezes huma embarcaçaõ carregada de ſuas veniagas. Proveoſe o Padre de tudo o preciſo para o Divino ſacrificio, e adminiſtraçaõ dos Sacramentos: e deſembarcando proſpera, e brevemente no Silabaõ, em que o Rey o eſperava, (mais obrigado agora de ſua pontualidade) ſe vio em breves dias ornada a Igreja, e levantado o Altar, em que o Padre diſſe a primeira Miſſa aos Chriſtãos, vendo-ſe adorado o Deos verdadeiro no meſmo throno, que o fora da idolatria. Cathequizado o Rey, e a mais Caſa Real, chegou o alegre dia do Bautiſmo, que os Chriſtãos, que ſe acharaõ, fizeraõ feſtivo, com a aſſiſtencia de ſuas peſſoas, e o melhor de ſuas galas. Poz o Padre por nome ao Rey D. Chriſtovaõ, querendo, que entre hum, e outro foſſe o meſmo nome final de amizade, e da filiaçaõ eſpiritual, em que lho dava por herança. Bautizouſe a Caſa Real, e os melhores do Povo, a que convidava o exemplo do ſeu Soberano. Aſſim começaraõ a creſcer os frutos da doutrina do Padre Fr. Chriſtovaõ, regando cada hora com aquella ſalutifera agua as novas plantas, que hia diſpondo no jardim da Igreja; entrando no trabalho de lhe purificar as raizes de abuſos, e ſuperſtiçoens barbaras, e gentilicas; emprego, que ſem duvida provocou alguns Mouros,

Bautizou-ſe o Rey de Silabaõ.

ros, (que com a negaça do contrato, viviaõ na terra) e naõ querendo perdello, naõ a conſentiaõ convertida. Ardiaõ em ira contra Fr. Chriſtovaõ; reſolvem a tirarlhe a vida. Em publico era difficultoſo, porque o Padre com o Povo era bemquiſto, com o Rey reſpeitado. Eſte deſengano lhe aconſelhou a induſtria; recorreraõ ás infames armas da India, e da fraqueza; deraõ-lhe peçonha. Conheceo-a o Padre, recorreo a contravenenos, que naquellas partes deu mais finos a providencia da natureza, em recompenſa dos grandes inimigos, que nellas permittio contra a vida. Eſcapou o Padre Fr. Chriſtovaõ com ella, mas inhabil para tudo; tornou para Larantuca, e depois com o Padre Fr. Gaſpar de Santa Maria, tambem incuravel de doença grangeada no trabalho da cultura Euangelica, foy levado ao Convento de Goa, em que ambos acabaraõ a vida com ſinaes do que ſouberaõ bem empregalla. Paſſou para Silabaõ, em lugar do P. Fr. Chriſtovaõ, o Padre Fr. Bento Serraõ, que lhe ſuccedeo no lugar, como ſe ſe reproduzira o ſeu deſvelo no meſmo exercicio.

Mas em quanto o Padre Fr. Chriſtovaõ Rangel obrava o que temos viſto no Silabaõ, naõ ſe contentavaõ os Padres, que reſidiaõ em Larantuca, com o miniſterio commum da doutrina, adminiſtraçaõ de Sacramentos, e ſanta educaçaõ dos meninos, a que em hum Collegio aſſiſtiaõ com incançavel trabalho. Abrazados em ſanta inveja, ſe reſolveraõ á mais ardua empreza.

Habita em humas ſerras viſinhas a Larantuca hum Senhor grande, intitulado o *Payaõ*, a quem reconhecem por Soberano, e rendem vaſſallagem, e tributo todos os Regulos do Ende, como a Emperador de toda aquella grande Ilha. Reſolveraõ-ſe os Padres a buſcallo, por mais que os deſperſuadia a experiencia de ſua dureza, e rebeldia; deſengano, com que ſeus anteceſſores tinhaõ deixado a empreza. Mas como diſcipulos do verdadeiro Meſtre, que enſinava aos ſeus, que tornaſſem a bater á porta do que ſe eſcuſava (porque de importunado ſe levantaria) tornaraõ a provar reſoluçaõ, e diligencia. Começaraõ de affeiçoallo com communicaçaõ, e viſitas, valendo-ſe das praticas, para introduzir os conſelhos, e as doutrinas, que encaminhadas pelo Ceo, vieraõ á ſer a pedra ſem força de maõs, que reduzio toda a dureza, e apparato daquella grande Eſtatua a huma pouca de terra, que poſta aos pés dos Religioſos, pedia ſequioſa a agua da eterna vida.

Et ſi ille perſeveraverit pulſans .., propter improbitatem tamen ejus ſurget. Lucæ 11.

Já as praticas o tinhaõ induſtriado; aſſentouſe o dia do Bautiſmo. Era Vigario daquellas Chriſtandades o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, filho do Reyno, e da Congregaçaõ pelo habito. Preparou a Igreja, chamou os Religioſos das Chriſtandades viſinhas; ſahiraõ de gala os moradores da terra, com grandes colares de ouro a ſeu uſo; celebrouſe o acto com todo o apparato; fez a funçaõ o Padre Fr. Antonio, e poz por nome ao Emperador D. Conſtantino. Poucos dias depois ſe bautizou o *Lagadoni*, que he como Regedor, e logo todos os

Bautiza-ſe o Emperador do Ende.

Grandes, e toda a Caſa do Emperador, a que ſeguio o exemplo innumeravel Povo. Com eſtas alegres novas paſſou o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho a Goa, aonde foy bem recebido, e ſe fizeraõ feſtas, e ſe renderaõ a Deos graças. Viveo depois D. Conſtantino com grande exemplo de Chriſtaõ; muita familiaridade, acompanhada de grande reſpeito com os Religioſos, e igual fidelidade com a Coroa Portugueza. Faleceo pelos annos de 1661.

CAPITULO IV.

Vida, e morte do Padre Fr. Rafael da Veiga, prodigioſa huma, e outra.

Bautizaõ-ſe dous Reys na meſma Ilha.

SIga a eſtas converſoens dos Gentios huma igualmente maravilhoſa, de hum Religioſo, que de entre os deſcuidos do ſeu eſtado, paſſou á ultima perfeiçaõ delle. Foy eſte o Padre Fr. Rafael da Veiga, filho do Reyno, e do Convento de Azeitaõ, em que tomou o habito. Profeſſo de novo, paſſou a viver no Convento de Bemfica, em que teve por Meſtre de Noviços o Veneravel Padre Fr. Miguel Rangel; e ainda que a vida de Fr. Rafael era huma vida concertada, como aconſelhada de bom genio, naõ era igual; humas vezes com deſcuidos, outras com exceſſos, em exercicios penitentes, e religioſos, mas ſuſpirando ſempre huma vida perfeita; deſejos, que o levaraõ á Provincia de Heſpanha, para paſſar á de Manilha (como á mayor reſórma) em que reſidio algum tempo, mas taõ perſeguido do clima, que para eſcapar com vida, ſe paſſou á China, e dalli embarcado para eſtas Ilhas de Solor, veyo a achar nellas por Prelado o Padre Fr. Miguel Rangel, ſeu Meſtre antigo, que com huma, e outra obrigaçaõ, o admoeſtou (paſſados alguns dias) em que entendeo, que Fr. Rafael naõ correſpondia ao eſpirito, que alli o trouxera.

Deixou-o a reprehenſaõ confuſo, e naõ tardou muito mais poderoſa advertencia, que o acabou de deixar convencido; porque chegando dahi a poucos mezes noticia ao Padre Fr. Miguel Rangel, de que eſtava eleito Biſpo de Cóchim, e deſpedindo-ſe dos Religioſos com moſtras de verdadeiro Pay, o quiz parecer mais de Fr. Rafael, que já via com algum fruto da ſua advertencia, e dandolhe os ultimos abraços lhe diſſe com entranhas piedoſas, conhecidas em vivas lagrimas: *Lembre-ſe, meu filho, ſempre de duas couſas: daquella criaçaõ, que lhe dey em Bemfica, e da admoeſtaçaõ, que me ouvio agora em Solor. Que ſe em ambas lhe moſtrey, que era Religioſo de S. Domingos, o conhecimento deſte nome o executara ás obrigaçoens delle. Acabe huma vez de eſcutar as vozes do Ceo, que em tantas inſpiraçoeus lhe tem fallado ao coraçaõ. Naõ deſmereça tellas ouvido, com moſtrar que já lhe eſqueceo, que as ouvio. Se Deos o manda a Ninive, naõ ſe embarque para Tharſis: ſe Deos o manda por ſeu Prégador á India, naõ ſe deixe levar das aguas de huma vida frouxa, e deſcançada. Naõ eſpere pela tor-*

men-

menta da ultima hora, em que arrojado ao mar da morte, o trague a eterna ſepultura. Deos o naõ permitta! Naõ ſe moſtre eſquecido: e eu lhe pedirey ſempre, que o faça ſanto.

Ferem no coraçaõ, e penetraõ até a alma as palavras dos Varoens Apoſtolicos, como eſpada ſem reſiſtencia. Vio-ſe Fr. Rafael em hum inſtante cortado, e dividido dos embaraços da carne; vio-ſe em hum inſtante trocado em huma imagem da penitencia, e da virtude. O que tinha, poz logo nas mãos dos Prelados; eraõ ſuas alfayas duas tunicas. A ſua cama huma eſteira ſobre huma taboa; ſeu ſuſtento paõ, e agua, porque huma pouca de agua, e hum pouco de arroz cozido, era ſeu quotidiano ſuſtento. Oraçaõ continua; amiudadas, e rigoroſas diſciplinas; ſepultado aos pés do Prelado, humilde, e obediente. Mas ſobre tudo o que mais ſe lhe enxergava, era o ardente zelo da ſalvaçaõ das almas, ſuſpirada com vivas ancias. Finalmente aſſim vivia Fr. Rafael, como ſe já deſconheceſſe as penſoens da carne, e aſſim olhavaõ para elle, naõ ſó os Religioſos, mas o Povo, com veneraçaõ de ſanto; nem por outro nome era já conhecido.

Quiz o Vigario daquellas Chriſtandades, que via em Fr. Rafael aquella perſeverança, e conhecia o ſeu zelo, darlhe emprego, em que podeſſe exercitallo, e em que ſua vida ſerviſſe de exemplo, e mandou-o aſſiſtir na Ilha do Savo pequeno, reſidencia, a que fogiaõ com a cara ainda os mais experimentados Religioſos, pela ſenſualidade, e devacidaõ daquelles barbaros, e ainda dos que já tinhaõ o nome Chriſtaõ. Obedeceo Fr. Rafael, mas vendo depois de algum tempo, que nem toda a ſua diligencia baſtava a pôr freyo á devacidaõ, com que ſe vivia na terra, mas que antes, ſem lhe valer ſeu retiro, e modeſtia, lhe entravaõ as mulheres pelas portas a inquietar, ou a provar ſua conſtancia, determinou buſcar terra, em que a ſua doutrina foſſe de algum proveito, e o reſgataſſe daquelle riſco, que temia como verdadeiro humilde, naõ deſconhecendo as penſoens da fragilidade; e eſtando hum dia em oraçaõ, rompeo fallando com Deos em ſemelhantes palavras: *Meu Senhor, e amoroſo Jeſus, eu naõ fuja á obediencia, obedeço á voſſa doutrina. Os voſſos Santos, e noſſos Meſtres nos enſinaraõ, que neſtas batalhas, que me acovardaõ, ſó vence quem foge. Naõ deſamparo eu eſtas ovelhas ſilveſtres, porque me cance o trabalho, mas porque antes me ſerviraõ de riſco, que eu a ellas de lucro. Vós enſinaſtes aos voſſos Prégadores, que quando naõ foſſem ouvidos, deixaſſem as Cidades. Se eu aqui perco tempo, conſelho he voſſo, que buſque aonde façafruto. Vós, que me conheceis o coraçaõ, me encaminhay os paſſos, que eu naõ tenho mais defenſa, nem mais guia, que a voſſa Providencia. Guiaime a parte em que a ſirva; e já que ſó vou a buſcalla, permitti, que vos naõ perca.*

Quicumque non receperit vos neque audierit... exeuntes foras de domo vel excutite civitate pulverem de pedibus veſtris. Matth. 10. 14.

Com eſte proteſto, e reveſtido de nova confiança, buſcou hum barquinho de dous remos, e metido nelle, com hum moço, que lhe ajudaſſe á Miſſa, e que levava o que pertencia a ella, com a matalotagem de hum pou-

pouco de arroz cozido, e agua, ſe entregou ao mar, ſem ſaber mais caminho, nem ſeguir mais norte, que o que quizeſſem as ondas. Aſſim navegou até o dia ſeguinte, em que vendo terra, ſe chegaraõ, e ſaltaraõ nella. Era a Povoaçaõ de Batepute, no Reyno de Amavi, da Ilha de Timor. Entrou o Padre com huma Cruz na maõ; ſeguia-o o moço com o que pertencia ao miniſterio ſanto. Foy eſpectaculo novo para aquella Gentilidade, verem hum homem em trage nunca viſto, na maõ tal inſignia, ſahindo do mar em huma embarcaçaõ taõ pequena. Correraõ, chamados da novidade. Levaõ-no ao Rey, que primeiro com eſpanto, depois com alvoroço, lhe deu attençaõ, ouvindo, que lhe dizia quem era, e logo lhe pedia alviçaras de lhes trazer a caſa a verdadeira luz de que neceſſitavaõ ſuas cegueiras. Continuou euangelizando-lhe a Chriſto crucificado; moſtrando-lhe o Eſtendarte da Cruz, com que ſe devia pôr em campo contra o Inferno. E perguntando-lhe os que o cercavaõ, ſe vinha ao reſgate do ſandalo? Reſpondeo: *Que ſó o trazia o de ſuas almas, genero mais precioſo, e que ſó ſe podia reſgatar com o ſangue do Filho de Deos.* E accreſcentou: *Que ſe quizeſſem abrir as portas á ſua fortuna, o eſcutaſſem, e lhe deſſem lugar para fundar Igreja, e offerecer nella ſacrificio a Deos verdadeiro, que era, e ſeria por todas as eternidades, unico Senhor de tudo.*

Naõ acabava o Rey de admirarſe, inclinado já o coraçaõ (que o meſmo Deos coſtuma ter em ſuas maõs) ás propoſtas taõ importantes, taõ ſeguras, taõ efficazes, que lhe dizia o Padre. Mandou logo, que o agaſalhaſſem, e ſe lhe déſſe tudo o que pediſſe. Deuſe ordem á Igreja. Viſitava em tanto o Padre Fr. Rafael ElRey, miſturavalhe na pratica as verdades da Fé; perguntavaõlhes, e ouviaõnas bem os ſenhores, e perſonagens do Reyno. Seguia-o o povo; ſoava já por todas as partes o nome de Jeſu Chriſto. Quem naõ eſtá lendo reproduzido aquelle ſeculo primeiro do Euangelho na Chronica de S. Lucas! Os cegos illuſtrados, e reduzidos; os Principes recebendo, e obedecendo aos Apoſtolos; os povos recebendo eſpontaneos o Euangelho, amotinados, feſtivos, e goſtoſos. Mas iſſo vem a ſer eſtenderſe agora a eſta fortunada Ilha aquelle meſmo poderoſo braço, que ſe fazia reconhecer em Galilea.

Magis autem augebatur credentium in Domino multitudo. Act. 5. 14.

Lavrou-ſe a Igreja; bautizou o Padre Fr. Rafael ao Rey. Seguio-o toda ſua Caſa, e os Grandes da terra. Abrio Eſcola para doutrinar os meninos. Foy cathequizando, e bautizando muitos, aſſim deſtes, como adultos. Naõ neceſſitava de paſſar a outras povoaçoens, ſahindo de ſua Igreja; vinhaõ-no buſcar a ella, chamados do nome de ſua virtude, que já ſoava com aſſombro por toda aquella Gentilidade. Mas naõ lhe deſcançava o coraçaõ, ſabendo, que nas terras viſinhas havia potentados, que naõ deviaõ ſahir dellas; e buſcallos, como ás ſuas povoaçoens, era obrigaçaõ ſua, ſuppoſta aquella Chriſtandade já aſſentada; naõ lhe eſquecendo, que diſſera Chriſto: (de quem era diſcipulo, e Apoſtolo) *Amim importa-me euangelizar a outras Cidades, que*

Bautizaſe o Rey de Amavi.

Quia & aliis civitatibus oportet me euangelizare regnum Dei quia ideò miſſus ſum. Lucæ 4. 43.

que para eſſe continuo emprego ſou mandado. Paſſou com eſſa reſoluçaõ ao Reyno de Amarraſſe, em humas ſerras viſinhas. Aviſtouſe com o Rey, convenceo-o, cathequizou-o; e finalmente o bautizou com toda a ſua Caſa, e muito povo ao exemplo della; e affirmaraõ os Religioſos, reſidentes naquellas Ilhas, que naõ houve Chriſtandade mais bem plantada, e inſtruida, que aquella.

Bautizaſe o Rey de Amarraſſe.

Neſtas, e em outras occupaçoens Apoſtolicas gaſtou o Padre Fr. Rafael ſeis annos naquellas Ilhas; e voltando para a de Batepute, morgada de ſua doutrina, querendo o Senhor apreſſarlhe a coroa de ſeus trabalhos, lhe deu huma doença, que com a morte lhe trouxe o fim de todos. Já com poucos alentos ſe achava ſó, e deſamparado em huma caſa, ſem mais leito, que huma eſteira, que fora ſempre a ſua cama, abraçado com huma Cruz, que ſempre fora ſua companheira; poſtos no Ceo os olhos, e o coraçaõ; eſte abrazado em vivas ancias de ver a Deos, cheyos aquelles de ſaudoſas lagrimas, pela companhia, que lhe faltava de ſeus irmãos Religioſos, que naquella hora lhe miniſtraſſem o Santiſſimo Viatico, para entrar mais confortado em taõ difficil caminho. Aſſim eſtava poſto nas mãos da Divina Providencia; mas quando faltou ella a quem ſoube porſe em ſuas mãos? Vellohemos agora em caſo todo ſeu.

Navegava a eſte tempo de Larantuca para o Savo grande o Padre Fr. Chriſtovaõ de Santiago, e ſeu companheiro, quando repentinamente, cerrado o Ceo, até alli ſereno, e embravecido o vento, até alli brando, ſe alterou o mar com taõ temeroſa furia, que foy preciſo, cedendo a ella, voltar ao vento a poupa, e navegar para onde o vento ſoprava. Eis-que a poucas horas aviſtaõ terra, chegaõ, e reconhecem o porto de Batepute. Sabiaõ, que o Padre Fr. Rafael aſſiſtia nelle; ſaltaõ em terra, e entraõ lhe pela porta a tempo que fazia ao Ceo a ſupplica, de que lhe permittiſſe o que já via com ſeus olhos; levanta-os outra vez, e as mãos, entre lagrimas, e alvoroços. Confeſſou-ſe com vagar aquella tarde; e ouvindo Miſſa, e commungando, ao dia ſeguinte paſſou placidamente deſta vida, a repetir ao Senhor as graças pelos favores daquella hora. Achouſe á ſua morte o Rey da Ilha, e Senhores della; e vendo, que os Padres queriaõ dar ao corpo ſepultura ordinaria, lho embaraçou, dizendo: *Que os Santos como fora, e era Fr. Rafael, mereciaõ mais veneraçaõ, que a commua; que naõ haviaõ de deſcançar ſeus oſſos menos, que em ſepultura Real.* Aſſim ſe lhe lavrou, penhorando-ſe em ſeu corpo o Rey, e a fé de toda a Ilha, por mais que os Padres o quizeraõ paſſar a Larantuca. Mandou logo a ella noticia do que paſſara o P. Fr. Chriſtovaõ de Santiago; e aſſiſtindo naquella Chriſtandade muitos annos, recebeo Embaixadores do Rey de Capam, (Reyno, que fica pelo Certaõ dentro) porque lhe pedia, que o quizeſſe ver, e inſtruir na Fé, porque deſejava abraçalla, e ſeguilla. Examinou o Padre, que naõ havia cavilaçaõ na ſupplica; paſſou ao Certaõ,

taõ, e bautizou o Rey, e quarenta peſſoas de ſua Caſa.

CAPITULO V.

Converſáõ geral, que houve na Ilha de Timor; prodigio grande, que a ella precedeo.

DEpois que os Religioſos de S. Domingos fundaraõ as Chriſtandades de Solor, ſempre conſervaraõ vivos deſejos, e firmes propoſitos de introduzilla em Timor, Ilha a mais fertil, a mais rica, e a de mais povo em todo aquelle grande Archipelago. Aſſim o deſejavaõ os Religioſos, e aſſim lhes quiz moſtrar o Ceo, que favorecia ſeus deſejos com prodigios, e e fortunados annuncios. Diremos do mayor. Pelos annos de 1641. em huma noite, em Ceo claro, e ſereno, appareceo, e ſe vio huma Cruz grande, e reſplandecente, que tendo o pé ſobre a Ilha de Timor, inclinava o mais corpo para o Norte. Viraõ-na claramente, aſſim os Chriſtãos, que ahi aſſiſtiaõ por razaõ do contrato, como todos os Gentios da terra, com admiraçaõ commua. Seguiraõ-ſe os effeitos milagroſos, que promettia a cauſa; porque em breve tempo ſe viraõ aliſtados debaixo daquella Sagrada bandeira muitos Reys, e Potentados da meſma Ilha. Mas antes que paſſemos ás grandes converſões, que ſe obraraõ nella, daremos noticia da perſeguiçaõ, que ſe levantou contra ſeus naturaes, em odio do noſſo commercio, e dos que affeiçoados nos abriaõ a porta ao fruto do Euangelho.

Prodigioſa appariçaõ de huma Cruz.

Perdida Malaca em Janeiro de 1640, ficaraõ todos os Reys do Sul taõ deſtemidos, e affoutos contra o nome Portuguez, que naõ houve algum que deixaſſe de levantar a maõ, fazendo oſtentaçaõ de a moſtrar já ſolta, e a provar vingada. Foy o primeiro rebelde o Macaſſá, que nem os muitos annos de amigo lhe enſinaraõ a diſſimular, que o era violento. Era neſte tempo Rey de Toló hum tio do Sumbaco, Emperador do Macaſſá, já defunto; (mas hum dos que mais ſe eſmeraraõ na fidelidade com o Eſtado) ſeu nome Carriliquio, de penſamentos altivos, ſoberbos, e ambicioſos, ingrato, deſagradecido; e aſſim eſquecido da fidelidade, como grande propagador da ſeita de Mafamede. Eſte vendo-ſe ſem o treyo de Malaca, e enfraquecida a maõ Portugueza, ajuntou logo huma Armada de 150. Galés, em que elle meſmo ſe embarcou, com ſeis para ſete mil homens, e no meſmo mez de Janeiro aportou em Larantuca. Aſſiſtia nella o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, como Vigario daquellas Chriſtandades; mandou-o chamar, e ao Capitaõ mór da gente da terra, Franciſco Fernandes, que chegaſſem á ſua Galé, que lhe importava fallar a ambos. Eſcuſaraõ-ſe os dous, mandando-lhe dizer: *Que lhe naõ reconheciaõ vaſſallagem, nem havia cauſa, para ſemelhante conferencia.*

Repetio o Rey recados; da terra as meſmas repoſtas; até que indignado, e reſoluto, mandou: *Que ſaltando em terra a Soldadeſca, puzeſſe tudo a ferro, e fogo.* Divulgada eſta reſoluçaõ, ſe foy a gente de Larantuca com ſuas armas para a ſerra: e deſ-

deſembarcando o Exercito ſem reſiſtencia, foy entrada a Povoaçaõ, e poſto fogo á Igreja da Miſericordia, com exorbitancia, e deſacato grande, feito ás Imagens, que ſe acharaõ nella. Via de longe a impiedade dos ſacrilegos hum dos noſſos Religioſos, que acompanhavaõ os retirados de Larantuca, por nome Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, natural de Lisboa, mas filho da Congregaçaõ. Era de eſpirito ardente, e igualmente zeloſo da honra de Deos; naõ ſofreo vêlla offendida; volta aos Chriſtãos, e incitando-os com o meſmo, que eſtavaõ vendo, lembrando-lhes a obrigaçaõ da vingança, lhes promettia o favor do Ceo para a vitoria. Naõ foy neceſſaria muita perſuaſiva. Lança-ſe ao inimigo (cego, e engolfado na preza, e na ira) o Capitaõ Franciſco Fernandes (que ſem o ſaberem o ſeu valor, o ſeu braço, e os ſeus brios, contava agora 130 annos) e animando os poucos Soldados, com que ſe achava, dá ſobre os ſacrilegos com tanta braveza, que os fez voltar coſtas correndo para as Galés ſem concerto, e deixando o campo cuberto de armas, e de corpos, (ſendo os mortos mais de trezentos) como a Armada de pavor, moſtrado na apreſſada, e vergonhoſa fugida, que fez da praya, paſſando a Timor, emprego principal de ſua vingança, ou de ſua cobiça.

Aportou em Timor, fez duas eſquadras da Armada, e mandando huma por fóra, outra por dentro da Ilha, paſſou a ella, e foy mettendo tudo a ſaco, que foy o mais precioſo, buſcado, e eſcolhido em tempo de trez mezes, que alli fez aſſiſtencia, e continuou a rapina. Conſentiaõna os miſeraveis Timores, ſem lhe fazer a menor reſiſtencia; antes enganados os Reys, e Potentados de toda a Ilha com as embaixadas, que o tyranno lhes mandava, ſegurando-lhes, que naõ fugiſſem, que elle ſó vinha com aquella Armada a reſgatallos da tyrannia Portugueza. Que naõ reſpeitaſſem a Larantuca, nem aos Padres, e Portuguezes della, que eſſes eraõ toda ſua ruina. Mas como naõ era facil veremlhe a eſpada de libertador na maõ de pirata, e nenhum lhe differia, recolheo o ouro, prata, ſandalo, e a mais fazenda, que achou na terra, e levando quatro mil peſſoas em cativeiro, voltou para o Macaſſá triunfante, e ufano, como ſe deixara proſtrada, e deſtruida alguma grande reſiſtencia, e taõ ſatisfeito do que tinha obrado, que para oſtentaçaõ vitorioſa, mandou fazer as vélas da Armada, das peſſas de ſeda, que tinha roubado na Ilha, como ſe lhe podeſſem ſervir para eſtendartes do triunfo os meſmos teſtemunhos do roubo. Exaggerava a grande opulencia, e precioſidades de Timor, theſouro daquellas Ilhas, e dizia: *Que até alli vivera cego, pois a naõ tinha deſfrutado.* Mas ſalteou-o a morte, como ao outro rico, a que apanhara fazendo perguntas, e dando parabens á ſua cobiça; porque a oito dias de ſua chegada, lhe tirou ſua meſma mulher a vida com peçonha, receoſa de ſe ter deſmandado com hum criado ſeu em ſua auſencia.

Stulte hac nocte animam tuam repetunt à te. Lucæ 12. 20.

Mas voltando aos vitorioſos de Larantuca, conſiderando o

Padre Fr. Antonio de S. Jacintho as hoſtilidades, que o Rey de Toló teria obrado em Timor, ſe reſolveo a ir conſolar, e acodir, confórme as ſuas poſſes, a ſeus naturaes; e negoceando huma embarcaçaõ capaz, em que com elle entraraõ dous Religioſos, muitos mantimentos, e ſetenta eſpingardeiros, (que agora ſerviaõ de guarda, e depois podiaõ ſer de ajuda) deſembarcou ſem encontro, ou perigo no Reyno de Mena, que achou deſtruido, e aſſolado. Naõ achou a Rainha, (viuva, e Governadora do Reyno, na tutoria de ſeu filho) porque ameaçada do inimigo, ſe tinha retirado pela terra dentro. Reſolveoſe a ir buſcalla com toda ſua companhia, dezaſete legoas pelo Certaõ, e a pé, como ſe o illuſtrara o Ceo, para o empenho daquella diligencia, que era tanto de importancia ſua. Achou finalmente a Rainha, que o recebeo com alvoroço de quem muitos annos o conhecera, e tratara, e agaſalhos, de quem ſe via buſcada, quando perſeguida. Era deſtro, e exercitado o Padre Fr. Antonio no emprego de ſaber lucrar almas; achou occaſiaõ de combater aquella de tanta importancia, e conſequencia; dilatouſe com ella na pratica, moſtroulhe: *Como os Mouros*, (cuja viſinhança a naõ conſentia reduzida) *eraõ ſó fabricadores da ſua conveniencia, ſem mais animo, que a politica de enfraquecer as forças dos Reys viſinhos, para os reduzir a ſeus tributarios. Que agora tinha entre mãos a experiencia, no inimigo, que a deixava roubada, e deſtruida com o mentiroſo pretexto de a querer conſervar no ſeu dominio. Que pelo contrario os Chriſtãos ſempre lhe tinhaõ aſſiſtido com trato fiel, amigo, e deſintereſſado. E que elle o era tanto, que ſem mais empenho, que o de ſaber o ſeu deſamparo, trazia aquelles Soldados a ſeu ſerviço; que aſſim podia diſpor daquella gente, e da ſua vontade.*

Achava-ſe a Rainha com mais de duas mil e quinhentas peſſoas, com ſeus filhos, e filhas, e os Grandes de ſeu Reyno. Eſtimou (com grandes demoſtraçoens, e agradecimentos de todos) a fineza, e offerta do Padre; e tomando o conſelho, que lhe dava, de que voltaſſe, e ſe recolheſſe ao ſeu Reyno, que elle com os que levava lhe faria companhia, ſahio do Certaõ com muita ſegurança nella, e recolhendo de caminho os vaſſallos, que andavaõ pelos matos fugitivos, e medroſos, entrou na ſua Corte, achando-ſe em breves dias aſſiſtida de toda ſua gente. O Padre Fr. Antonio, que naõ perdia inſtante, continuava com ella as praticas, propondo-lhe, e explicando-lhe as verdades Catholicas, que já eſcutava compungida, e edificada, ſendo aquella, que, ouvindo o meſmo Padre por mais de treze annos em ſeu Reyno, naõ conſentio nunca que fizeſſe nelle fruto ſua palavra. Mas já lhe feria nos olhos da alma aquella luz, que trocou as rebeldias de Saulo em ſogeiçoens de diſcipulo; porque chamando toda ſua Caſa, juntos todos os Senhores de ſeu Reyno, (depois de aſſentar com o Padre o dia de ſeu Bautiſmo) diſſe a todos com eſpirito, e fervor Apoſtolico ſemelhantes razoens:

Já que o Ceo por ſua clemencia,

cia, e miſericordia correſponde á minha rebeldia com os premios da ſua graça, porque agora, que eu mais lhe reſiſtia, agora me chama. Agora, que eu mais lhe cerrava os ouvidos, me abre os olhos; agora, que eu fugia aos ſeus aviſos, me mete de portas a dentro os ſeus Miniſtros Euangelicos; agora quizera, naõ ſó ſer a primeira, que me inclinaſſe ao ſuave jugo de Chriſto, mas quizera pagar ao Ceo, rendendo-lhe em muitos o que tardey em me reduzir a mim ſó. Naõ quero já vaſſallos, que o naõ ſejaõ tambem de Chriſto; naõ quero ſer voſſa Rainha, ſe ainda hey de entrar a partido com o demonio. Se até agora vos embaracey aquella unica ventura; agora, que a buſco, he para repartir com voſco. Ajudaime a deſaggravar o Ceo, e imitando-o a elle, naõ me deſampareis, porque vos aggravey; antes me ajuday a conſeguir o que vos impedi. Já que fuy má Rainha, ſede vós bons vaſſallos. Chriſto Jeſu he o verdadeiro Rey, elle nos reſgatou com o ſeu ſangue, naõ para ficarmos ſeus eſcravos, mas para ſermos ſeus domeſticos; naõ para nos tirar a liberdade, mas para nos dar hum Reyno. Elle he o verdadeiro Rey, porque naõ quer de nós tributo, que naõ ſeja noſſo remedio. Eſte he o Rey, que vos dou; e em mim já naõ huma Rainha, mas huma irmãa, abraçando com voſco a meſma Ley. Acabemos já de abrir os olhos para ver naſcer o dia neſtas regioens da noite. Vinguemonos da natureza, que nos veſtio de ſombras; e ſe até agora as reconheciamos nos coſtumes, como nas carnes, já os Miniſtros do Ceo nos offerecem huma agua, em que banhado o eſpirito deſdiga aas eſcuridades do corpo. Chegay, chegay comigo a receber a cabella, que ſó ella ha de extinguir o fogo do Inferno, de que até agora fomos ſecos carvoens. Chegay; que já abrazados naquelle fogo, que purifica, e naõ conſome, ſeremos no Altar do verdadeiro Deos de vivas brazas, ás victimas de noſſos coraçoens. Naõ tendes que vos deter, nem que vos aconſelhar; aqui eſtaõ os Padres, que naõ podeis deſconhecer Miniſtros ſeus, pois nos entraõ pelas noſſas terras a buſcar as noſſas almas, naõ as noſſas minas, os noſſos proveitos, naõ os noſſos theſouros. Naõ póde deixar de ſer Deos verdadeiro o que ſe ſerve com homens, que á cuſta do proprio trabalho vem buſcar o lucro alheyo. Naõ tenho mais que dizervos. Se o que me ouviſtes baſta para voſſo deſengano, baſte o que me vires fazer para voſſo exemplo.

A's ultimas vozes da Rainha ſe ſeguiraõ as do Povo, que a eſcutava, gritando todos que ſó a Ley de Chriſto queriaõ abraçar. Igual á novidade, e ao ſucceſſo foy nos Padres o alvoroço. Naõ houve dilaçaõ; começaraõ a cathequizar, e inſtruir, ſem perdoar a diligencia, logrando-ſe a coroa della em dia de S. Joaõ Bautiſta (que foy por Junho de 1641.) em que ſolemnemente ſe celebrou o Bautiſmo da Rainha, e do Principe herdeiro do Reyno, a que o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho poz o nome de D. Joaõ, que lhe offereceo o dia, offerecendo elle ao Sagrado Precurſor (como primeiro Miniſtro, que deu com aquelle acto o conhecimento de Chriſto) as venturoſas primicias daquelle Reyno. Seguiraõ o exemplo da Rainha os mais ſinalados nelle, ſeguindo-ſe a tudo grandes, e feſtivas demonſtraçoens de contentamento.

Bautizaſe a Rainha de Mena, e o Principe herdeiro.

Mas naõ deſcançava o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, porque parece que o chamava o Ceo para os Reynos viſinhos, a que tinha deſtinado a meſma ventura, que a eſte de Mena. Deſpedioſe da Rainha, Principe, e mais Senhores com lagrimas, e moſtras de verdadeira, e fiel amizade; e embarcando-ſe com os Padres Fr. Chryſoſtomo de Santiago, e Fr. Pedro Manço, (que até alli o tinhaõ acompanhado) navegaraõ para o Reyno de Lifao, o mais viſinho a eſte de que ſahiaõ. Deſembarcados em ſeu porto, foraõ recebidos com eſtranho alvoroço, mais eſtranhas as vozes, que ſoavaõ entre elle, ouvindo-ſe por todas as partes repetir: *Padre, Padre, queremos ſer Chriſtãos.* Tinha ſoado por todos os Reynos da Ilha, (queixoſos da tyrannia do Mouro Macaſſá) a demonſtraçaõ amiga, e piedoſa, que o Padre Fr. Antonio fizera com a Rainha de Mena; a ancia com que abraçara a Fé eſta Rainha. Ou o mais certo, queria já Deos reſgatar aquelles Povos de ſua miſeravel cegueira, e tinha guardado para o zelo do Padre Fr. Antonio aquella gloria, para que eſcolhera a Paulo, para que levaſſe ſeu nome á noticia dos Reys, e dos Principes, de quem o queria ver reconhecido, e venerado. Levantou o Padre os olhos cheyos de lagrimas ao Ceo, e eſtendeo os braços a tomar nelles a multidaõ do Povo, que vinha recebello. Vinha entre elles a Rainha, tambem viuva, com ſua filhas, e hum filho de dezaſeis annos, herdeiro do Reyno, que com o meſmo alvoroço, e moſtras alegres receberaõ os Padres; e por ficar a Corte diſtante, e lhe pouparem o trabalho do caminho, lhe mandaraõ logo levantar humas caſas de campo, em que os agaſalharaõ com a mayor grandeza, que permittia o ſitio, e a terra.

Vas electionis eſt mihi iſte, ut portet nomen meum coram Regibus, & Principibus. Act. 9.

Naõ ſe eſqueciaõ os Padres da grande importancia, que tinhaõ entre mãos; começaraõ a cathequizar a Caſa Real, e Povo por alguns dias, e em 1 de Julho do meſmo anno de 1641 ſe fez a funçaõ do Bautiſmo. Primeiro a Rainha. Seguioſe o Principe herdeiro, a que o Padre Fr. Antonio poz por nome D. Pedro. Logo as filhas, depois os parentes da Caſa Real, e mais Senhores; e finalmente muito Povo, diſpondo o Padre Fr. Antonio que eſperaſſem os que concorriaõ de todo o Reyno, para ſerem primeiro cathequizados, para o que brevemente lhe mandou Miniſtros. Mas coroe taõ grande dia hum ſucceſſo, que ſe vio nelle, digno de memoria.

Bautizaſe a Rainha de Lifao, e o Principe herdeiro.

Governava eſte Reyno de Lifao, por menoridade do Principe herdeiro, hum tio ſeu de ſetenta annos, cego de naſcimento, mas homem de grande prudencia, entendimento, deſtro, e maduro, partes, que lhe puzeraõ na maõ o governo; veyo eſte acompanhando a Rainha em hum andor, e chegou até á praya ao recebimento dos Padres; mas ouvindo, que a Rainha, e mais Caſa Real pedia o Bautiſmo, diſſe ao Padre Fr. Antonio que bautizaſſe a todos, que elle era já velho, e cego, e lhe reſtava pouca vida, e era já nelle de pouca importancia aquella ceremonia. Diſſimulou o Padre; e paſſados os primeiros agaſalhos, e com-

e comprimentos, buſcou em ſua meſma caſa ao velho Governador, e dizendo-lhe: *Que lhe hia dar a repoſta do que lhe ouvira*, continuou com viva, e elegante perſuaſiva, moſtrando-lhe como a elle por cego, e velho, lhe importava mais, que aos outros, o Bautiſmo, para que renaſceſſe ſua alma, e ſe deſtruiſſe ſua cegueira. Eſcutou o velho a propoſta, mas diſſe: *Que por entaõ naõ deferia a nada.* Chegado o dia do Bautiſmo, e ſendo convidado da Rainha para que honraſſe a funçaõ com ſua aſſiſtencia, ſe aſſentou em huma cadeira; e ouvindo que já toda a Caſa Real eſtava bautizada, levantou a voz, pedindo com inſtancia ao Padre, que logo o bautizaſſe; e bautizado, foy tal ſeu contentamento, que aſſim velho, cego, e pezado, ſaltou de alegria, por aquelle eſtylo com que os da terra coſtumaõ moſtrar a ſua mais extremoſa.

Puzeraõ os Padres os joelhos em terra, regando-a com lagrimas de alegria, e levantando as mãos em rendimento de graças, pelo grande dia, que quizera dar á ſua Igreja, gloria ao ſeu nome, jubilos a toda a Chriſtandade, honra aos filhos de S. Domingos, verdadeiros obſervantes de ſeu Inſtituto, eſpalhando a voz do Euangelho nos ultimos climas do Mundo. Augmentavaõ o goſto eſpiritual dos Padres as demonſtraçoens feſtivas dos Timores. Tudo eraõ alegrias, teſtemunho da nova luz, que amanhecera em ſuas almas; mas como ſe naõ veriaõ eſtas demonſtraçoens na terra, na converſaõ de tantas, ſe na de huma ſó ſe vem no meſmo Ceo!

Gaudium erit coram Angelis Dei ſuper uno peccatore pœnitentiam agente. Lucæ 15. 7.

Poucos dias depois, a tempo em que o Padre Fr. Antonio ſe detinha com a Rainha bautizada em praticas do Ceo, chegaraõ ao meſmo Padre Embaixadores do Rey de Manubaõ, Reyno diſtante deſte de Lifao trinta e ſinco legoas pela terra dentro. Lá tinhaõ penetrado tambem os progreſſos, que os Padres hiaõ obrando na propagaçaõ do Euangelho; noticia, que baſtou a convidar eſte Rey, mandando por hum tio ſeu authorizando a embaixada, de que ſó era a ſubſtancia pedir ao Padre Fr. Antonio o Bautiſmo para toda ſua Caſa, e Reyno; nova de grande conſequencia na eſtimaçaõ do Padre, por ſer aquelle hum dos Reys mais poderoſos naquella Ilha, e ſeu Reyno o mais dilatado, e populoſo. Mas como pedia ao Padre o favor de que chegaſſe á ſua Corte, em tempo em que lhe era preciſo paſſar a Larantuca, para mandar cultivadores para aquella Chriſtandade nova, foy conveniente aſſentar com o tio do Rey amizade, e a Real palavra de ſe fazer Chriſtaõ, elle, e todo o ſeu Reyno, levantando nelle Igrejas, obrigando-ſe o Padre a vir em peſſoa, ou mandar Miniſtros para ellas, aſſim para a funçaõ dos Bautiſmos, como para ficarem entre elles adminiſtrando-lhes os Sacramentos. Para tudo trazia poder o tio do Rey, a quem o Padre em ſinal da fé, e do concerto ajuſtado, entregou hum anel de diamantes, para que em ſeu nome o déſſe ao Rey, e outro mimo para a Rainha, mandando com elle hum Soldado Portuguez, por nome Joaõ Sanches da Fonſeca, e quatro Chriſtãos da terra, que todos

dos foraõ bem recebidos dos Reys, que logo confirmaraõ o que o Padre Fr. Antonio propunha; e aſſim lhe reſponderaõ, mandando-lhe em recompenſa ſeu mimo, o Rey huma manilha de ouro, que tirou do braço, a Rainha hum panno com que ſe cobria, bordado de ouro.

Naõ tardou o Padre Fr. Antonio em paſſar a Larantuca, e de caminho viſitando em Mena a Rainha viuva, lhe deixou a melhor parte dos mantimentos, que trazia, vendo que padecia eſſa falta; e deſpedido della, como da de Lifao, e daquellas Chriſtandades, em que lhe ficava o coraçaõ, chegou a Larantuca, aonde foy recebido dos Padres, e do Povo, com as alegres demonſtraçoens, que pedia o ſuccedido, de que Deos quiz foſſe elle inſtrumento: e como ſervo, que ſempre ſe reputava inutil, paſſou a ſegundo trabalho, parecendo-lhe pouco o primeiro. Preparou duas embarcaçoens, em que recolheo todo o mantimento, que agenceou, e deſcobrio ſua diligencia, (como ſoccorro preciſo para a Rainha de Mena, deſtruida, e attenuada) e cinco Religioſos, que ſe offereceraõ para aquella nova cultura, ordenando-lhes o que ſe havia de proſeguir nella. Eraõ os Religioſos, e a ordem, que levavaõ, os Padres Fr. Pedro de S. Joſeph, e Fr. Alvaro de Tavora para o Reyno de Lifao. Os Padres Fr. Bento Serraõ, e Fr. Manoel da Reſurreiçaõ para o Reyno de Mena. O Padre Fr. Jacintho de S. Domingos para o Reyno de Manubaõ, com ordem para chamar o Padre Fr. Chryſoſtomo de Santiago, que andava por aquellas Ilhas cathequizando ſem domicilio certo. Chegados os Religioſos, foraõ recebidos com alvoroço, aſſim em Mena, como em Lifao; levantaraõ-ſe logo Igrejas, e começaraõ a adminiſtrar os Sacramentos nellas. Neſte exercicio, e no de cathequizar os deixou o Padre Fr. Jacintho de S. Domingos, e paſſou ao Reyno de Manubaõ, recebido, e agaſalhado dos Reys com igual grandeza, que alegria, grande veneraçaõ, e reſpeito á ſua peſſoa. Inſtruio-os na Fé, e bautizou-os logo, naõ ſó ao Rey, Rainha, filhas, e toda a Caſa Real, mas muito Povo, que ſeguio ſeu exemplo; foy o dia de mayor celebridade, que vio aquelle Reyno; conheciaõ já os ſeus naturaes a ventura, que conſeguiaõ nella, até entaõ naõ ſó naõ conſeguida, mas ainda ignorada. Aſſim foy creſcendo, e ſe foy dilatando eſta Chriſtandade com a vaſtidaõ do Reyno: o que conhecido pelo Vigario Geral de todo o Oriente, que neſtes annos era o Meſtre Deputado Fr. Manoel da Cruz, mandou logo a ellas vinte Religioſos; porque ſendo tanta a ſementeira, naõ foſſem poucos os Operarios. Eſpalharaõ-ſe por todos os Reynos da Ilha, cathequizando, e bautizando os Reys, e Povos della.

Bautizaõ-ſe o Rey, e Rainha de Manubaõ.

Agora diremos das Igrejas, que ſe levantaraõ, e dos Padres, que nellas aſſiſtiraõ. No Reyno de Mena ſe levantaraõ duas Igrejas, huma (diſtante da praya huma legoa) com o titulo de noſſa Senhora do Deſterro, outra na Corte, pela terra dentro oito legoas, com o titulo de S. Domingos. Neſtas aſſiſtiraõ até

ſua

ſua morte os Padres Fr. Miguel do Eſpirito Santo, e Fr. Manoel da Reſurreiçaõ; deſte ficou a ſaudoſa, e envejada memoria de perfeito obſervante, e grande penitente. No Reyno de Lifao, que diſta ſeis legoas de Mena, ſe edificou outra Igreja com o titulo de Santa Cruz; aſſiſtio nella o Padre Fr. Pedro de S. Joſeph toda ſua vida, e bautizou quaſi todo aquelle Reyno. No de Cupaõ levantou Igreja o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho; alli chegou depois de eſtar o Rey bautizado, continuando o ſanto exercicio na mais gente do Reyno. No de Manubaõ ſe levantou tambem Igreja, continuando com a converſaõ o Padre Fr. Alvaro de Tavora, em quanto lhe durou a vida. Levantouſe outra em Batimiaõ; outra no Reyno de Luca, abrindo nelle Chriſtandade o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, bautizando a Rainha, e hum filho de menoridade, a principal gente do Reyno, e innumeravel Povo. Em o Reyno de Amaſao levantou tambem Igreja o Padre Fr. Antonio de noſſa Senhora, correndo muitos annos com aquellas Chriſtandades.

Bautizou-ſe o Rey de Cupaõ.

Bautizaſe a Rainha de Luca.

Mas coroe eſta breve noticia a de hum Religioſo, que paſſando por obediencia ao Reyno de Cupaõ, a abrir Chriſtandades, e levantar Igreja, perdeo a vida ás mãos de inimigos da Fé, a quem hia levalla. Foy eſte o Padre Fr. Luiz da Paixaõ, natural do lugar de Carnide, huma legoa diſtante da Cidade de Lisboa, de donde paſſou á India por Soldado; e deſejando ſello de Jeſu Chriſto, tomou o habito, e profeſſou na Congregaçaõ; paſſou a Solor com o Veneravel Padre Fr. Miguel Rangel, e reſidindo alguns annos na Povoaçaõ de Gueguena, na Ilha do Ende, vendo os augmentos com que corria a ſeara eſpiritual de Timor, paſſou, diſpondo-o aſſim a obediencia, a eſta Ilha; deſembarcou no porto de Cupaõ, em que tudo era ainda Gentilidade; e entrando pela Povoaçaõ, vendo huma roda de Gentios, ſe introduzio com elles, encaminhando a pratica ao fim para que alli vinha. Sentioſe inflammado do caminho, e com taõ rigoroſa ſede, que pedio huma pouca de agua; dando-lha, e bebendo-a, perdeo o Padre o juizo no meſmo inſtante; aſſim rompendo em deſatinos, começou de correr a Povoaçaõ, feito ludibrio daquelles barbaros, que encaminhando-o para hum deſpenhadeiro, o precipitaraõ delle, lugar em que depois de hum anno foy achado ſeu corpo, e levado para Larantuca por hum Religioſo, que com alguma gente veyo a fazer eſſa diligencia. Depois de algum tempo, pedindo o meſmo Rey de Cupaõ Padres para o ſeu Reyno, o bautizou o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, como a mayor parte do Reyno o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho. Eſtes, e outros muitos effeitos (que ainda diremos) ſe ſeguiraõ na Ilha de Timor áquella reſplandecente Cruz, que ſe vio nella, e lhe deu o nome, que tem agora, chamando-ſe a *Ilha de Santa Cruz.*

Precipitaõ em odio da Fé ao P. Fr. Luiz da Paixaõ.

CA-

CAPITULO VI.

Turbaçaõ nas novas Chriſtandades de Timor. Caſtigaõ ſe os perſeguidores dellas, e ficaõ ſocegadas.

NArradas as converſoens de Timor, e os effeitos dellas por junto, por naõ cortarmos o fio, com que as foy levando o Padre Fr. Antonio de Saõ Jacintho, tornemos a buſcar a cauſa da ſua revolta, que já deixámos ordida. Já vimos como o Rey de Toló, ſacudido de Larantuca, veyo por Timor, promettendo que paſſava a reformarſe de forças para caſtigo dos que admittiſſem Chriſtandades no ſeu Reyno, ou ſe naõ reduziſſem com elle a abraçar a ſeita de Mafamede: mas naõ lhe tardou huma morte afrontoſa, em que cahiraõ todas eſtas machinas da ſua ſoberba, e da ſua ira, como já diſſémos: mas reſtanos a individuaçaõ do que negoceou naquella retirada, como cauſa das turbaçoens, com que agora vemos os Reys deſta Ilha. Foy o Rey de Toló (favorecido da ſua Armada, e das eſperanças de voltar com ella mais poderoſa) reduzindo á ſua devoçaõ os que pode, e entre elles ao Vajalle, a quem deu huma touca, penhor (entre aquella gente) de aceitar a ſua ſeita. He eſte Vajalle como Emperador, a quem todos os Reys da Ilha reconhecem com tributo como a ſeu Soberano. Agora fazia as partes delRey de Toló, convidando a huns, e ameaçando a outros, e tendo a todos ſuſpenſos, e amedrentados. Eraõ os principaes o Rey de Manubaõ, a Rainha de Mena, o Rey de Lifao, e o Rey de Serviaõ. Penetrou neſte mais o receyo, e tendo já dado ſua palavra ao Rey de Toló, começou a pôr em pratica com o Vajalle, que abraçaſſe o ſeu Reyno a ſeita de Mafamede.

Chegou eſta noticia a Larantuca, que temendo bem, que com eſte exemplo, e o receyo, que hia correndo por toda a Ilha, ſe arruinaſſe o obrado nella, livrou o total remedio na preſteza do ſoccorro. Commetteo-ſe a empreza a Ambroſio Dias, Capitaõ mór do mar, homem de valor, e eſpiritoſo. Deraõ-ſe-lhe cento e cincoenta Moſqueteiros, naturaes de Larantuca, por Capellaens os Padres Fr. Bento Serraõ, e Fr. Pedro de S. Joſeph. Partiraõ ſem dilaçaõ, tomaraõ terra no porto de Mena, acodindo-lhe com ſoccorro de gente, e baſtimentos a Rainha viuva, o Rey de Lifao, e de Manubaõ, de que reſultou Exercito capaz de facçaõ grande. Sobiraõ ás vaſtas terras do Rey de Serviaõ, que era o primeiro emprego do caſtigo, a tempo que o viraõ retirar para humas ſerras, naõ ſe fiando na muita gente, que o ſeguia, para a reſoluçaõ de eſperar a batalha. Aſſim entraraõ os noſſos aſſolando, e deſpojando ſem reſiſtencia; o que viſto, e chorado pelos naturaes, (que o propunhaõ ao Rey, como culpado em os reduzir áquella miſeria) conſiderando elle, que retirado áquella ſerrania, havia de render á falta do ſuſtento o que cuidara reſgatar das mãos do inimigo, mandou ſem detença praticar as pazes com o noſſo Capitaõ, offerecendo ſogeiçaõ, e ami-

e amizade, o que se lhe aceitou, sendo huma das condiçoens, que viesse pessoalmente entregar a touca, que já tinha aceito em penhor, e contrato de introduzir a seita de Mafamede em seu Reyno; o que se executou logo, ficando com tantas veras de amigo, e sogeiçaõ ao Estado, que depois naõ só recebeo o Bautismo, mas fomentou a Christandade em todo o seu Reyno. Concluida a paz, e feita esta promessa, voltou a nossa gente para Larantuca victoriosa.

Mas instava o Vajalle, ameaçando a Rainha de Mena, e o Rey de Manubaõ, por terem recebido o Bautismo; e o Rey de Damitiaõ, porque se naõ resolvesse a recebello; e disto, que obrava, e do que obrara o Rey de Serviaõ, mandou noticia ao Rey de Toló, instando, que se naõ detivesse com a Armada, dando tempo aos soccorros de Larantuca. Mas já a este tempo tinha succedido sua desestrada morte; nada teve effeito, ainda que o Vajalle, ignorante della, continuava na arrogancia de dominar a Ilha. Neste estado se achavaõ as cousas della, quando chegou a Larantuca o Visitador, e Commissario Geral destas Christandades, o Padre Fr. Lucas da Cruz, de quem daremos aqui huma breve noticia, de que foraõ grandes acrédores seus merecimentos.

Foy este Padre Portuguez, seu nome Lucas de Aguiar. Fora Soldado de reputaçaõ, e nome. Chamou-o o Ceo para mais importante milicia na conquista das almas. Instado deste desejo, tomou o habito de S. Domingos em Cochim, chamando-se Fr. Lucas da Cruz. Applicou-se aos estudos, e aproveitou assim nelles, que no trabalho das Cadeiras alcançou o premio do magisterio. Occupou os lugares de Prelado; passou (á obediencia do Veneravel Padre Fr. Miguel Rangel) por Visitador da Ilha de Ceilaõ, e Manar. Depois ás Ilhas de Solor, com Patente de Visitador, e Vigario Geral, que naõ exercitou, porque espirando o governo da Congregaçaõ, em que fora provido, veyo outro a exercitar o cargo. Voltando á India, e estando em Malaca, se achou no cerco dos Hollandezes, em que obrou como valeroso Soldado de Christo, defendendo o Baluarte de Saõ Domingos, e recebendo duas lançadas mortaes, que nem assim foraõ bastantes a enfraquecer os brados com que defendia, que se naõ entregasse a Praça. Entregue ella, se retirou a Meliapor, aonde tendo Patente de Visitador, e Commissario Geral das Ilhas de Solor, do Vigario Geral da Congregaçaõ, o Mestre Deputado Fr. Manoel da Cruz, passou ao Macassá, dalli a esta Ilha de Larantuca, aonde o vemos agora pelos annos de 1641.

Chegado a ella, proveo as suas Igrejas, unio, e pacificou os animos da gente da terra, que sendo todos Christãos, se tinhaõ dividido, assim no sitio, como no commercio. Restituhio ao antigo os dous Capitaes mores, o dos naturaes, e o Portuguez Francisco Carneiro de Siqueira. Resolvia-se em passar a Timor, quando lhe chegaraõ relaçoens da alteraçaõ, que se sentia na Ilha, com os ameaços do Vajalle; e havido conselho com o Capitaõ mór Francisco

Fernandes, e Religioſos das Chriſtandades viſinhas, ſe aſſentou, que com toda a preſſa ſe acodiſſe aos ameaçados com maõ armada. Apreſtaraõ-ſe quatro embarçaçons; duas, que armaraõ os Religioſos, huma o Capitaõ mór, outra o Povo; e repartindo-ſe por ellas noventa Moſqueteiros, e o Viſitador com mais trez Religioſos, Fr. Antonio Cabral, Fr. Bento Serraõ, e Fr. Pedro Manſo, exhortando o Viſitador a todos, propondo-lhe a empreza, como toda do ſerviço de Deos, ſocego daquellas Chriſtandades novas, e reputaçaõ das armas Portuguezas, deraõ á véla em 26 de Mayo do meſmo anno de 1641, e ſahindo em terra no porto de Mena, foraõ recebidos, e hoſpedados do Rey, e Rainha mãy, com moſtras de amizade, grandeza, e abundancia no que permittia a terra. Deſpacharaõ logo dous Religioſos, e alguma gente aos Reys de Batimiaõ, e Serviaõ, propondo-lhes a empreza, e convidando-os para a liga contra o Vajalle, que os ameaçava. Vieraõ os Reys em tudo o propoſto, e paſſou a gente a Batimiaõ, aonde o Viſitador bautizou logo o Rey, a que poz por nome D. Pedro, dous ſobrinhos do Rey Amanence, cinco filhos da Rainha de Mena, e dos Grandes do Povo, ficou ſó por bautizar o Tumungaõ, que he Regedor. Depois o bautizou o Padre Fr. Pedro Manſo; e no dia ſeguinte, em que celebra a Igreja a Feſta de Santa Anna, ſe bautizou a Rainha com toda a gente de ſua Caſa, e já feita Chriſtãa, ſe deſpoſou na fórma da Igreja. Concorreo a pedir o Bautiſmo o mais Povo, e para inſtruillo, e cathequizallo, foy preciſo aos Religioſos, dilatarem a execuçaõ até 20 de Agoſto.

Bautiza-ſe o Rey de Batimiaõ, e a Rainha.

Alegre, e feſtiva toda a eſquadra dos noſſos, (mais os Religioſos (do fortunado principio, com que o Ceo lhe abria a porta para a futura campanha, ordenou o Capitaõ ſua gente, e a multidaõ dos naturaes (que concorreraõ, e ſe ajuntaraõ de Mena, Serviaõ, Amanence, e Batimiaõ) e em boa fórma foraõ marchando, ainda que com trabalho, por ſer o caminho fragoſo, e o calor exceſſivo. Chegados ás fronteiras do Vajalle, que eſperava a batalha com mayor poder, confiado, e ſoberbo, deu o Capitaõ *Santiago*, e enveſtiraõ os noſſos com tanta valentia, e ardimento, que cahindo muitos dos inimigos ao primeiro effeito da moſquetaria, voltou coſtas o Vajalle, e paſſando com muitos hum rio, ſe embrenhou no mato. Aſſim foraõ ſem reſiſtencia alguma, ſentindo as hoſtilidades de ferro, e fogo as Povoaçoens, até a Corte, em que deſcançou o Exercito aquella noite, naõ lhe faltando abundancia para a meſa, com que creſceo a alegria da vitoria. Ao dia ſeguinte, tendo provado a temeridade de perſeguir o inimigo no mato, voltaraõ com melhor conſelho, e pondo fogo aos paſſos do Vajalle, chegaraõ a Batimiaõ, recebidos do Rey, e do de Amanence, com as demonſtraçoens de alegria, que pedia a vitoria, e grandes conſequencia della. Deixou o Viſitador neſte Reyno o Padre Fr. Pedro Manſo, (que levantou logo Igreja, continuando com grande augmento de Chriſtandade os exercicios della) e paſſando com

com a gente ao Reyno de Mena, fez hum ſolemne Bautiſmo em dia de S. Lourenço, em que bautizou dous netos da Rainha de Mena, pondo a hum por nome D. Theodoſio, a outro D. Sebaſtiaõ. Eraõ filhos delRey de Monabaõ, criados em companhia da Rainha viuva. Bautizaraõ-ſe tambem trez filhos delRey Amabara, e mais Povo. Fez outro Bautiſmo, em que bautizou huma filha delRey de Acçaõ, a que poz por nome Dona Serafina; e ordenando algumas couſas convenientes áquella Chriſtandade, voltou com toda a eſquadra a Larantuca.

Eſpalhada, e ſabida a deſtruiçaõ do Vajalle, temido o braço Chriſtaõ por todos aquelles Reynos, naõ ſó lograraõ as Chriſtandades de Timor hum grande ſocego, mas foy raro o Rey, que naõ pediſſe o Bautiſmo. Adiantouſe o Rey de Tiripirim, deſejando-o para ſi, e para ſeu Reyno todo. Intentava o Viſitador paſſar áquelle Reyno, quando chegou de Goa o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, com Patente de Commiſſario das meſmas Chriſtandades de Timor, ficando o Meſtre Fr. Lucas governando as de Larantuca, e do Ende, em que continuou muitos annos, até que em Mayo de 1664. lhe chegou a Patente de Vigario Geral da Congregaçaõ, ſendo Provincial deſta Provincia o Meſtre Fr. Alvaro de Caſtro.

CAPITULO VII.

Noticias do ſuccedido no Japara, e no Macaſſar. Paſſa o Padre Preſentado Fr. Joaõ da Coſta á Provincia de Bajú. Tiraõ-lhe a vida em odio daquella Chriſtandade. Prodigios ſuccedidos nella.

ANtes que tornemos a Solor, ſerá razaõ darmos noticia da Chriſtandade de Japara, que com bom principio, e eſperanças naõ quiz Deos, que ſe colheſſem os frutos dellas; e paſſou aſſim. Navegavaõ de Goa para Solor os Padres Fr. Manoel de Santa Maria, e Fr Pedro de S. Joſeph; e perſeguidos de hum temporal, entraraõ no porto de Japara. Lançou logo maõ delles, e dos mais da embarcaçaõ o Governador da terra, ſabendo, que eraõ Chriſtãos, e tendo-os prezos, mandou aviſar do ſuccedido ao Mataraõ, Senhor de toda a Jaoa, que entendendo, que ſe lhe abria no porto hum novo commercio, mandou ao Governador, que ſoltando a todos, lhes offereceſſe ſitio para fazerem Povoaçaõ, e os Padres levantarem Igrejas, com o ſeguro, que teriaõ ſempre bom tratamento. Aceitaraõ os Portuguezes, e fazendo ſuas Capitulaçoens, ficou aſſentado, que os Chriſtãos, que fugiſſem do cativeiro de Japara, foſſem livres nas terras de Jaoa. Aſſim ficaraõ os Padres para adminiſtrarem os Sacramentos aos Chriſtãos, lançando os olhos a alguma reducçaõ dos Mouros da terra; mas nem familiaridade, nem trato, nem diligencia, ſurtiraõ effeito; deſengano, que fez retirar

rar ao Padre Fr. Pedro de Saõ Joſeph para Solor, ficando o Padre Fr Manoel acompanhando os Chriſtãos do commercio, que ceſſou com a perda de Malaca, naõ querendo o Mouro eſtar pelas condiçoens depois della: com que houve de retirar-ſe tambem para Solor o Padre Fr. Manoel de Santa Maria.

Neſte tempo trabalhavaõ os Prelados da Congregaçaõ em acodir ás Chriſtandades de Solor com repetidas miſſoens. Logo que tomou poſſe do cargo em Goa o Meſtre Fr. Lucas, mandou cinco Religioſos, por Vigario o Padre Fr. Sebaſtiaõ de S. Joſeph. Foy mandado logo por Viſitador da Religiaõ, e Commiſſario do Santo Officio o Preſentado Fr. Joaõ Rangel com dous companheiros. Depois, ſendo Vigario Geral o Meſtre, e Deputado Fr. Agoſtinho de Magalhaens, mandou por Viſitador, e Vigario Geral daquellas Chriſtandades o Preſentado Fr. Joaõ da Coſta, que voluntariamente ſe ſacrificou áquelle trabalho, ſendo actualmente Regente dos Eſtudos no Convento de Santo Thomaz; levou quatro companheiros, e o cargo de Commiſſario do Santo Officio.

Embarcado o Padre Fr. Joaõ da Coſta com ſeus companheiros, chegou ao Macaſſar, em que achou nova Povoaçaõ dos Chriſtãos expulſos de Malaca, com ſua Igreja Matriz, e Cabido, que viera da meſma Cidade; e vendo, que os Padres Capuchos de Macao tinhaõ alli ſeu Hoſpicio, os Padres da Companhia ſua Caſa, e Igreja, e que aos Religioſos de S. Domingos lhe era mais preciſa, pela continua paſſagem para Solor, alcançou licença, e ſitio (para Caſa, e Igreja) do Emperador do Macaſſar, e vencendo eſtorvos, e embaraços, dita nella a primeira Miſſa, e ficando por Vigario o Padre Fr. Antonio de Macedo, ſe embarcou com os mais Religioſos para Solor, em que aportou em dia de S. Thomé de 1651. Proveo logo as Chriſtandades de Meſtres, que doutrinaſſem os meninos, e mais Povo. Trabalhou, e conſeguio, que ſe lavraſſe na Povoaçaõ do Combas Igreja nova, ſendo pouco decente a primeira. Poz nella por Vigario o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ; e finalmente reparou a Caſa de Larantuca, ainda que, como deſejava, naõ pode fazer o meſmo na Igreja.

Diſpoſto o mais, que convinha áquellas Chriſtandades, entrou o Padre Fr. Joaõ em penſamentos de abrir novamente alguma, porque eſſe fora o eſpirito, com que ſe embarcara em Goa. Foy logo com ſeus companheiros, diſcorrendo varias Povoaçoens da Ilha do Ende, e paſſou á Provincia de Bajú, contra-Coſta de Larantuca, com incommodos, e trabalhos, tolerados com invencivel ſofrimento, e eſpirito Apoſtolico. Neſta Provincia foy bem recebido, achando diſpoſiçaõ na gente para dar ouvidos á verdade, e docilidade no genio, para ſe ſogeitar ao jugo de Jeſu Chriſto. Com eſtas eſperanças começou a exercitar ſeu eſpirito, eſpalhando naquella terra inculta a ſemente do Evangelho, que fomentada do Ceo, aſſim foy creſcendo em fecunda, e dilatada ſeara, que levantou logo Igreja,

ja, com o titulo de S. Domingos em Soriano. Celebraraõ nella Miſſa, com commum contentamento do Povo, e começou a concorrer innumeravel a pedir Bautiſmo. Mas naõ faltava entre eſta fermoſa, e creſcida ſeara o damno da cizania, favorecida do demonio em alguns principaes da terra, que viviaõ com eſcandalo, e perigo de ſervirem de exemplo. Buſcou os o Padre; advertio-os que, já que por deſgraça ſua fogiaõ ás vozes da Igreja, que como Mãi os chamava, naõ foſſem, com publicos deſatinos, tropeços, para os que caminhavaõ para ella. Deſprezaraõ o aviſo, e naõ valendo, nem a ſupplica fallou-lhes, e reprehendeo-os o Padre com inteireza, e liberdade Apoſtolica.

Ficaraõ os Gentios corridos, e confuſos; queriaõ, que o tirar-lhe publicamente a vida, foſſe deſempenho da ſua afronta, mas temiaõ o caſtigo, que lhes podia vir de Larantuca, e o motim da terra, em que o Padre tinha muitas vontades promptas para a defenſa, como depois empenhadas para a vingança. Appellaraõ para as armas da infamia, e da covardia, dando lhe peçonha; moſtraraõ-no aſſim os ſinaes da enfermidade, de que cahio repentino, e falleceo apreſſado, victima de Jeſu Chriſto, ferida em odio do Euangelho. O quanto o Senhor a eſtimou, moſtrou depois hum prodigio; porque paſſados dous annos, e querendo os Religioſos trasladar os oſſos para Larantuca, abriraõ a ſepultura, aſſiſtindo muitos Chriſtãos da terra, e acharaõ o corpo como na hora em que o tinhaõ ſepultado, ſem corrupçaõ, ou máo cheiro, e a meſma inteireza no habito. Eſte eſtranho ſucceſſo naõ ſó foi argumento do que mereceo o Padre naquelle genero de morte; mas de fomentar, e radicar muito aquella Chriſtandade. Naõ conſentiraõ os filhos della, que lhes roubaſſem aquelle theſouro; entre elles ſe venera ſepultado. Foy o Padre Fr. Joaõ da Coſta Portuguez, natural da Cidade da Guarda, irmaõ de Antonio Saraiva de Carvalho, Eſcrivaõ dos Aggravos, e Appellaçoens na Corte de Lisboa. Tomou o habito na Provincia de Caſtella, eſtudou no Convento de Valhadolid, em que leu Artes. Paſſou á Provincia de Portugal, della á India, em que leu Theologia, e tomou o grao de Preſentado; e ſendo Regente no Convento de Santo Thomaz em Goa, paſſou voluntariamente áquellas Ilhas, a que o chamava o Ceo para ſobir dellas a elle com a coroa daquella morte.

Morte do P. Preſentado Fr. Joaõ da Coſta.

Ficou depois della correndo com aquella Chriſtandade o Padre Fr. Manoel da Encarnaçaõ, hum dos companheiros, que trouxera de Goa, e de tal zelo, e eſpirito, que baſtou a temperar o ſentimento da ſua falta. Continuou eſte Padre os Bautiſmos, e o exercicio de cathequizar incançavelmente: e ſe eſte era o trabalho com os Gentios, naõ era menos o das advertencias com os Chriſtãos deſencaminhados. Davalhe cuidado hum que o andava com eſcandalo. Entrou a advertencia, continuou a reprehenſaõ; finalmente poz o ultimo eſforço no ameaço, e ſortio tal effeito, que o culpado naõ ſó deſiſtio dos deſmanchos,

chos, mas quiz fazer huma confiſſaõ geral. Aſſentou com o Padre hora deſoccupada, e poſto huma tarde a ſeus pés na Igreja, vio o meſmo Padre, levantando os olhos á porta della, que parava hum Chriſtaõ (que hia paſſando) ſem tirar os ſeus do Confeſſionario. Paſſou outro, e ſuccedeo-lhe o meſmo, e aſſim huns atraz dos outros ſe foraõ ajuntando muitos. Deu o Padre a abſolviçaõ ao penitente, e chamado da novidade, chegou aos da porta, perguntando-lhes quem os detinha? Ao que reſponderaõ todos, que o que tinhaõ viſto na Igreja os ſuſpendera; e continuou hum delles: *Que em quanto o Padre confeſſara o penitente, viraõ hum rayo de luz claro, e reſplandecente, que do tecto da Igreja deſcia ſobre o Confeſſionario, cahindo entre o penitente, e o Confeſſor, e que, a abſolviçaõ acabada, deſapparecera.* Authenticou-ſe o caſo, e foi melhor teſtemunha a grande volta, que o penitente deu no eſtylo de vida, taõ conhecida, e admirada na terra, como o ſucceſſo com que principiara.

Mais eſtrondo foy outro, que ſe vio na meſma Igreja, em credito do meſmo Padre, e confirmaçaõ para a Chriſtandade della. Celebrava o Padre Fr. Manoel o dia de S. Domingos com o aceyo, e ornato, que permittia a terra, e a Igreja. Chegaraõ á porta della alguns Gentios levados da curioſidade, e hum delles com confiança de principal entrou dentro a tempo, que o Padre ſe punha no Altar; e reparando nas ceremonias da Miſſa, vio que, ao conſagrar o Padre, ſahia de hum nicho, em que eſtava no meſmo Altar, a Imagem de huma Senhora do Roſario, e ſobre elle proſtrada, adorava a Hoſtia, e Caliz, e logo ſe recolhia no meſmo nicho. Ficou como tranſportado o Gentio em quanto ſe acabava a Miſſa, cahindo entaõ em terra, como ſe ficara ſem vida. Naõ valeraõ remedios humanos; e depois de largo eſpaço, tornou em ſi a tempo, que o Vigario tinha chegado, e lhe perguntava o que tivera? Ao que reſpondeo, que o que o proſtrara fora o penetrarſe do paſmo do que tinha viſto; e continuou o que fora, accreſcentando que eſtava certo, e ſeguro em ſua alma, que a Ley dos Chriſtãos era a verdadeira, e que ſó a ella queria abraçar, e acabar nella a vida. Cathequizou-o o Padre, e bautizou-o brevemente, ſendo a ſua converſaõ (como de peſſoa principal) e o caſo, que teſtemunhava, a que reduzio a muitos, e confirmou os reduzidos.

Naõ lhes ſervio de menos confirmaçaõ, como de igual gloria áquella Chriſtandade, o que agora diremos para novo aſſombro, e coroa deſte Capitulo. Juntos huma noite huns poucos de Gentios na diabolica occupaçaõ de fazerem feitiços, para ſe vingarem, e fazerem damno a alguns Chriſtãos, lhes appareceo de improviſo hum Frade, veſtido no habito de S. Domingos, com hum bordaõ, e dando-lhes alguns golpes com elle, lhes dizia: *Quem vos obriga, deſatinados, a occuparvos em ſerviço do demonio, fazendo feitiços nas minhas Chriſtandades? Anday daqui, anday, e naõ vos ſucceda outra vez; que ſerá o caſti-*

go

go mais rigoroſo. E dito iſto, deſappareceo. Levantaraõ-ſe os Gentios igualmente, que afrontados, confuſos, porque eſtavaõ fechados, e naõ viaõ por onde o Padre entraſſe, ou ſahiſſe. Mas duvidando ſe ſeria o Vigario, ainda que no roſto lho naõ parecera, ſe queixaraõ ao Senhor da terra, que buſcando com elles o Padre Fr. Manoel, com ſeus meſmos teſtemunhos ſe deſenganou, de que naõ fora aquelle o Padre. Divulgou-ſe o caſo, e entendeo o Vigario, e mais Chriſtãos da terra, que o Religioſo do bordaõ naõ ſeria outro ſenaõ noſſo Patriarca S. Domingos, que guardava aquella Chriſtandade como vinha do Senhor, de que ſeus filhos eraõ venturoſos Obreiros.

CAPITULO VIII.

Prodigio notavel, ſuccedido em Timor. Trabalhos, que a elle ſe ſeguiraõ naquellas Chriſtandades. Maravilhas com que o Ceo as defendeo.

ACHava-ſe neſtes tempos aſſiſtindo por Vigario da Igreja de S. Domingos, no Reyno de Amanence, o Padre Fr. Jordaõ de S. Domingos, Religioſo muy obſervante, e reformado; ſua vida, hum incançavel deſvelo na converſaõ das almas, occupando o tempo, que lhe reſtava deſte exercicio, em conſultar com Deos na oraçaõ, os caminhos de continuallo. Aſſim ſe detinha em huma occaſiaõ diante da Senhora do Roſario, de que era extremoſo devoto; e chegando a beijar-lhe os pés, reparou, que a Senhora tinha cuberto o roſto de alguma humidade; enxugou-a com hum ſanguinho, mas vio, que naſcia outra, que já ſe engroſſava em ſuor, que limpo ſegunda vez, correo mais copioſo. Convocou o Padre gente para teſtemunhar o milagre, e fazendo por cinco vezes a diligencia de applicar o ſanguinho, o tirou na ultima com algumas nodoas de ſangue freſco. Vi-o o Povo, e proſtrando-ſe todos por terra, pediaõ com lagrimas, e clamores á Senhora, que a ſua clemencia moderaſſe os effeitos, que coſtumaõ ſeguir-ſe a ſemelhantes finaes. Naõ tardou em confirmallo a experiencia; e ſuccedeo aſſim.

Reſolveraõ-ſe os Hollandezes a arrazar a Fortaleza, que tinhaõ na Ilha de Solor, por inutil, e fundar na Ilha de Timor outra, em que fortificando-ſe, ſe fizeſſem poderoſos para a ſua empreza ſuſpirada, de lançar fóra da Ilha os Chriſtãos, que aſſiſtiaõ nella de Larantuca, e os Religioſos de S. Domingos, que fomentavaõ ſua aſſiſtencia, porque para os naturaes baſtava hum ameaço, ficando a ſua cobiça com o commercio do ſandalo. Com eſtas eſperanças tomoraõ com violencia huma Fortaleza, que em Cupaõ eſtava principiada, e feita Praça de armas, romperaõ guerra com a gente de Larantuca, que reſidia na Ilha, convencidos, que teriaõ á ſua devoçaõ todos os Mouros della. Tentaraõ logo alguns Reys Timores para a liga, em que ſó veyo D. Sebaſtiaõ Rey de Amauy, ou por faltar na terra o Vigario da Chriſtandade, ou por lhe cegarem a razaõ as negaças do intereſſe, e prometteo, que entregaria as cabeças dos

dos noſſos, que ſeriaõ cincoenta Moſqueteiros, e ſeu Capitaõ, que entaõ era Mathias Fernandes, natural de Larantuca. Para eſta facçaõ ajuntou com preſteza toda ſua gente, e alguma eſtranha, de que formou hum Exercito de vinte mil homens, com que buſcou, e lançou qum coidaõ aos cincoenta, que aviſados do que ſe paſſava, ſe tinhaõ acaſtellado em huma eminencia, ſitio defenſavel; mas faltos de mantimentos, os reduzio brevemente a ſede, e a fome, a tomar a deſeſperaçaõ por reſgate, diſcorrendo, que ainda entregando-ſe, tinhaõ certa a morte; e ſahindo em hum corpo, diſparando os moſquetes, e logo com a eſpada no punho, romperaõ os inimigos, fazendo nelles hum inſtantaneo, e incrivel eſtrago, ſem que de todos ſe predeſſe hum unico. Unio-ſe logo a multidaõ dos inimigos, e vieraõ, mas ſem effeito, perſeguindo os retirados, que recolhidos a Amanence, voltou o Rey de Amauy para ſuas terras, reſpondendo aos que o calumniavaõ, de que com tantos, nem enveſtiſſe, nem deſbarataſſe taõ poucos: *Que no cerco, e na retirada guardara, e defendera a eſtes hum Frade no habito de S. Domingos, que ſó levantando os olhos, ou dizendo huma palavra, os atemorizava, e ſuſpendia.* Entenderaõ os noſſos, que ſeria noſſo Patriarca, que peleijava contra os inimigos das ſuas Chriſtandades, como em vida o fizera contra os Albigenſes.

Vendo-ſe o Hollandez taõ mal ſuccedido naquelle ſeu confederado, inſtou com o Rey de Amanence, que lhe entregaſſe o Padre Fr. Jordaõ de S. Domingos, entendendo, que aquelle era o coraçaõ, que infundia alentos nos Soldados, para que os naõ atemorizaſſe o reparo de poucos. Era o Rey Chriſtaõ, mas filho da cobiça; intereſſes, e eſperanças o dobraraõ áquella infamia. Prometteo entregar o Padre, que aviſado de hum Chriſtaõ, ſe paſſou ao Reyno de Senovay, perſeguido ſem effeito dos que o ſeguiaõ por ordem do Rey, que chamando os Hollandezes (depois de roubar a Igreja) fez brindes á ſua ira, offerecendo-lhe o eſtrago della, em que entraraõ igualmente o deſacato, e o fogo.

Tendo logo noticia do ſucceſſo o Padre Fr. Jordaõ, e mais Padres, e Chriſtãos, que ſe acharaõ em Senovai, ſe ajuntaraõ os Soldados para dar ſobre Amanence, mas naõ havendo Capitaõ, porque Mathias Fernandes ſe tinha retirado a Larantuca, houve ſobre o lugar tal contenda, que vendo-ſe o preciſo da occaſiaõ, e naõ querendo nenhum dos que entendiaõ merecer o poſto ceder do capricho, ſe reſolveraõ todos, a que o Padre Fr. Jordaõ de S. Domingos ſoſſe Capitaõ. O Padre, que criado no retiro da ſua cella, ou no exercicio da ſua Igreja, naõ ſabia ſuſtentar na maõ mais que o Breviario, ou a diſciplina, começou a pedir com lagrimas aos amotinados, que viſſem, que a cauſa era de Deos, por quem podiaõ ſacrificar pondunores; que elle era hum pobre velho, que o mais a que ſe obrigava, era a morrer com elles no riſco, mas que de governo de armas era taõ ignorante, como falto de forças para maneallas.

Na-

Nada valeo para a eſcuſa; aceitou o nome de Capitaõ, e paſſaraõ a Amanence. Tinha-ſe o Rey retirado a humas ſerras, de donde mandou ao Padre pedir perdaõ arrependido, reſtituindo as alfayas da Igreja, que guardara (aſſim o dizia) como leal filho della. Naõ ſe lhe deferio a nada.

Mas os noſſos achando-ſe deſaſombrados, e Senhores da terra, aſſim ſe deixaraõ levar de hum tal deſcuido, que chegou o Hollandez ſem ſer ſentido, e dando hum aſſalto, degollara a todos, a naõ ſer o valor de Mattheus da Coſta, (Capitaõ de huma eſtancia) natural de Larantuca, que achando-ſe com as armas nas mãos, enveſtio ſó, e deſtemido os inimigos, matando lhe o Capitaõ, e ſuſpendendo o impeto dos mais, até que chegando os noſſos, e dando ſobre elles, naõ ficou hum com vida, cahindo todos no lugar, em que ſacrilegos tinhaõ queimado a Igreja, para que ſe viſſe, que fora golpe da Divina vingança.

Conſeguida a vitoria, e alcançada depois a noticia de que o Hollandez eſperava de Batavia ſoccorro de importancia, apreſſaraõ-ſe os noſſos em recorrer a Larantuca, que ameaçada da meſma guerra, lhe naõ mandou mais que o Capitaõ Balthaſar Gonçalves, homem de valor, mas já taõ entrado em dias, que lhe deraõ por adjunto o Padre Fr. Franciſco da Conceiçaõ, Religioſo de grande zelo nas importancias da Chriſtandade, de eſpirito ardente, activo, e reſoluto para manear as armas contra os inimigos de Deos. Mas naõ baſtou a falta do ſoccorro para quebrar os animos aos que ſe achavaõ na Ilha de Timor. Era a mayor defenſa cem Moſqueteiros; com eſtes paſſaraõ a occupar o poſto, em que o inimigo intentava fazer hum reducto no coraçaõ da Ilha, em que aſſiſtiraõ ſeis mezes, paſſando alguns incommodos, e fomes, depois que ſe acabaraõ os baſtimentos, que recolheraõ de algumas entradas nos Reynos rebelados. Mas chegando noticia, que o Hollandez eſtava em Cupaõ com poderoſo Exercito, e Capitaõ grande Soldado, celebre, e cheyo de glorias militares, cuſtou muito ao P. Fr. Franciſco ſuſpender a reſoluçaõ, que tomavaõ, (prudente, e deſculpavel na grande deſigualdade de poder) de deſamparar a Ilha, e paſſarem todos a Larantuca. Finalmente deveo-ſe ao ſeu conſelho, e ao ſeu trabalho, o naõ ſe largar o poſto.

Tardava o inimigo, entraraõ os noſſos em conſelho; pareceo conveniente deſpedirem dous Capitaens, Mattheus da Coſta, e Antonio Ornay, que com ſeſſenta Moſqueteiros paſſaſſem a caſtigar hum Rey rebellado (embaraçando, que naõ engroſſaſſe com ſuas gentes o Exercito inimigo) e recolheſſem de ſuas terras algum mantimento. Mas em breves dias viraõ, que ſe lhe chegava o inimigo Hollandez com dezoito mil homens de varias naçoens, quando dos noſſos ſe contavaõ quarenta Soldados de moſquete, e pouco mais de cem Timores, todos antes encorrallados, que guarnecidos no poſto, que tinhaõ tomado. Pareceriaõ ſem duvida fabuloſas, e inventadas idéas, ou eſcrituras apocrifas, alheas, e va-

ſias de toda a verdade eſtas, de que vamos tecendo hiſtoria, a naõ ſerem os meſmos inimigos da Fé, e da verdade, os que contra ſi teſtimunharaõ a noſſa, enſinados á ſua cuſta, e convencidos da experiencia. Mas admirem-ſe embora os faltos de fé; que nós, que com o lume della vemos os poderes da Divina Providencia, naõ eſtranhamos, que quizeſſe eſcolher huma maõ taõ pequena, como a de taõ poucos Catholicos, para eſgrimir a ſua eſpada, levantada ſobre tantos ſacrilegos. Na deſigualdade do braço, e do golpe, ſe via quem movia aquelle para deſcarregar eſte.

Formado o inimigo na noſſa fronteira, ſe começou a travar a peleija, que durou trez horas, ſem damno noſſo, e muito conſideravel do inimigo. O que viſto pelo Capitaõ, reſolvia-ſe em pôr cerco á trincheira, envergonhado, naõ ſó de lhe fazermos reſiſtencia, mas ainda damno; mas os noſſos advertidos, e acautelados, ſe foraõ retirando a melhor poſto, e mais facil, para ſe encorporarem com elles os dous Capitaens, que já tinhaõ chegado. Poz-ſe em execuçaõ a melhora do ſitio, ſem que as diligencias do inimigo ſerviſſem de embaraço; e paſſada a noite com as armas na maõ, chegando de madrugada os Capitaens, ſem mais advertencia, que a de ſeu valor, acommetteraõ por huma parte o quartel dos inimigos, em quanto os outros por outra, com reſoluçaõ taõ prompta, taõ valente, e deſtemida, que atonito o inimigo, naõ ſe reſolvia a que parte fizeſſe frente, em quanto os noſſos intrepidos hiaõ deſcabeçando corpos, até que, morto o Capitaõ Hollandez, (que ſó, e deſtemido, ſuſtentou o impeto do aſſalto) ficou deſtruido o Exercito, eſcapando dos Hollandezes ſó cinco com vida, innumeraveis mortos no campo, em que tambem cahio o rebelde Rey de Amanence, retirando-ſe poucos dos ſeus, que levaraõ aos mais rebellados as novas do eſtrago, e depondo conformes (o que tambem os cinco Hollandezes) que em quanto durou a batalha, viraõ, que hum Frade em habito de S. Domingos, com huma cana de bengala na maõ, os feria, e atemorizava, bradando-lhe, que fugiſſem, e ſe retiraſſem. Quem duvîda, que diſpunha a Providencia Soberana, que ſe viſſe na fundaçaõ, e conſervaçaõ das Chriſtandades da India, (como Colonia de Portugal) a que ſe admirara na fundaçaõ, e propagaçaõ deſte Reyno todo ſeu, ſuſtentando o braço de Deos o Eſtendarte Portuguez ſempre vitorioſo, entre a diſparidade de prevalecerem poucos contra muitos? Argumento com que Moyſés ſegurava aos Iſraelitas, que eraõ o Povo de Deos mais favorecido, e mais mimoſo. Mas grande gloria para os cultores daquellas Chriſtandades, vir noſſo Patriarca a ſuſtentallas, por moſtrar a Providencia, com que Deos ſe havia com ellas.

Deuteron. cap. 32. Quomodo perſequatur unus mille, & duo fugient decem millia?

CA-

CAPITULO IX.

Novos prodigios, com que o Ceo favorece os Chriſtãos de Timor em nova, e mais poderoſa invaſaõ dos Hollandezes. Deſenganados eſtes de Timor paſſaõ a Larantuca com Armada formidavel, que ſe retira ſem operaçaõ alguma.

CONfuſos, e corridos os Hollandezes de ſe verem deſtroçados de taõ pouca gente, (antes cegos, e obſtinados, para naõ reconhecerem, que braço mais que humano nos defendia, e os caſtigava) lançaraõ fama, e com effeito trouxeraõ o mais conſideravel poder de Batavia em huma Armada com mil e trezentos Hollandezes, e innumeravel Soldadeſca de naçoens eſtranhas. Bem julgavaõ os noſſos Religioſos de Timor que os caſos precedentes eraõ milagres, e que nem ſempre os deviaõ eſperar, ainda que fizeſſem ſempre pelos naõ deſmerecer. Aſſim recorrendo primeiro ás armas de ſua profiſſaõ, em exercicios penitentes, devotos, e continuados, mandaraõ a Larantuca á pedir ſoccorro, dando noticia do que ſuccedera, e do que ſe eſperava. Era Vigario das Chriſtandades o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ, (de que já fica noticia) e incançavel ſeu zelo na conſervaçaõ dellas. Convenceo, e obrigou ao Capitaõ mór Franciſco Carneiro, que ſe ajuntaſſe o que foſſe poſſivel de ſoccorro; e embarcando-ſe com elle, e com o Padre Fr. Joaõ do Roſario, (tendo deixado em ſeu lugar o Padre Fr. Eſtevaõ do Roſario) aportaraõ em Timor com tanta felicidade na viagem, como alegria, e alvoroço no recebimento, que durou pouco, porque adoecendo o Vigario, paſſou brevemente deſta vida, recebidos os Sacramentos, com moſtras de contriçaõ verdadeira, e eſperanças do immortal premio della.

Mas naõ ceſſou a prevençaõ contra o inimigo, e diſpoſiçaõ para o que convinha ao conflicto eſperado. Mandaraõ aſſiſtir ao Rey de Amarraſte (D. Agoſtinho, reduzido, e bautizado pelo Padre Fr. Rafael da Veiga, e entre todos os Reys o mais leal, e fiel á ley, que profeſſara) dezaſete Moſqueteiros, por Cabo Joaõ Serraõ da Cunha. Foy eſta prevençaõ a mais neceſſaria: porque movendoſe todo o poder Hollandez de Cupaõ, aonde em deſembarcando, fizeraõ Praça de armas, governados por Thamen, o mais eſforçado Hollandez, que tinhaõ em toda a India, encaminharaõ a marcha a caſtigar o Rey de Amarraſte, pela conſtancia, com que ſempre deſprezara a pratica da liga. Mas ſuccedeo-lhes mal; porque errando o caminho, (ainda que guiados pelos mais praticos nelle) tomaraõ o mais difficil, e fragoſo, chegando a Amarraſte cançados, e deſtruidos. Tinha já o Capitaõ Joaõ Serraõ eſcolhido poſto com os doze Moſqueteiros, porque os outros tinhaõ chegado enfermos: aſſiſtia com elle o Rey com parte da ſua gente; e vendo a do inimigo taõ numeroſa, guerreira, e luzida, levantou ao Ceo os olhos, e pondo nelle o coraçaõ, e a confiança, ſe diſpoz para a peleija. Por duas partes

Rey de Amarraſte bautizado pelo P. Fr. Rafael da Veiga.

ſe podia avançar o poſto, que o noſſo Cabo eſcolhera; e ſem que a deſigualdade, que no inimigo eſtava vendo, lhe quebraſſe o animo, ou lhe eſmoreceſſe o coraçaõ (todo Portuguez) no inevitavel do riſco, a ambas as partes attendeo, e fortificou, pondo em huma cinco Moſqueteiros, e alguns Timores; na mais arriſcada ficou elle, e o Rey com alguma gente ſua. Parecia a diſpoſiçaõ antes delirio, que defenſa; antes parecia o poſto altar de poucas victimas, offerecidas ao golpe, que fortificaçaõ para ſe defender a elle. Bramava o Capitaõ Hollandez de colera, corrido de ver os que lhe faziaõ cara: aſſim avançou, antes deſprezando, que pertendendo a vitoria; mas foy taõ valoroſamente rebatido, e taõ deſtramente varejado da pouca moſquetaria, que, durando a peleija do romper da manhãa até ás trez da tarde, ſe via já o campo inimigo ſemeado de corpos mortos, que embaraçavaõ, e atemorizavaõ os vivos, ſem que dos noſſos cahiſſe hum ſó.

Reparou o o Capitaõ Hollandez; e vendo, que á profia continuava o damno, quiz, ſem moſtrar fraqueza, retirar a gente com que ſe achava, quando já a vio poſta em deſcuberta fugida, e taõ atemorizada, que ſeguida dos noſſos doze Moſqueteiros, e alguns Timores, ſe concluio hum tal eſtrago, que dos Hollandezes ficaraõ trezentos no campo, de outras nações naõ tinhaõ numero. Tomaraõ os noſſos trez bandeiras, algumas caixas, muitas muniçoens, petrechos de guerra, e carregados de deſpojos, ſe retiraraõ ao poſto, dando todos graças a Deos do manifeſto prodigio. O Rey com as mãos levantadas ao Ceo, naõ acabava de agradecer, e admirar as miſericordias do Senhor das batalhas. Mas eraõ muitos os prodigios, que tinhaõ experimentado neſta, e foraõ os ſeguintes.

Deu no mayor ardor da peleija huma bala de moſquete nos peitos ao noſſo Capitaõ, de que cahio, ao parecer, ſem vida. O Rey, que eſtava á ſua ilharga, vendo o Capitaõ ſem ella, e a ſi ſem defenſa, com os olhos cheyos de lagrimas levantou a voz ao Ceo, dizendo: *Já agora minha mulher, e filhos ſeraõ mortos, ou cativos; e eu, e o meu Reyno perdido: mas ſejais muito louvado ſempre meu Senhor.* Mal acabava de o pronunciar, quando o Capitaõ ſe levanta ſem ferida, ou leſaõ alguma, continuando com o meſmo vigor a peleija. Seguio-ſe novo prodigio. Era inſuperavel a multidaõ do inimigo; cahidos huns, appareciaõ outros peleijando colericos, em vingança dos deſtroçados, quando no mayor calor de hum aſſalto, reparou o Capitaõ que rebatiaõ com elle a furia dos inimigos mais cinco Moſqueteiros, que julgava ſerem os que no outro poſto tinha deixado; e por mais que os via peleijar com grande effeito, os reprehendeo, ſem que algum deixaſſe o ſitio, ou voltaſſe o roſto. Suſpendeo-ſe o Capitaõ, (vendo que ſoube logo, que os cinco, que deixara, continuavaõ no poſto, em que os puzera) que o Ceo lhe aſſiſtia. Entendeo-o depois melhor, quando por confiſſaõ dos meſmos vencidos ſoube de outro prodigio ſuccedido ao meſmo tempo; e

foy

foy, que viaõ os Hollandezes que da parte dos noſſos ſe adiantava a todos hum Frade de S. Domingos, que fazendo tiros muy amiudados, com grande eſtrago nos mais avançados dos inimigos, tendo junto a ſi huma peſſoa, que elles naõ diviſavaõ bem, mas ſó a acçaõ de lhe ir carregando o moſquete. Os Hollandezes entendendo que ſeria algum dos Religioſos, que reſidiaõ em Timor, (de que alli naõ eſtava, nem chegou algum) vendo o eſtrago, que lhes fazia, ameaçando-o raivoſos, e encarniçados, lhes diziaõ: *Apontay bem, Padre; que, ſe me naõ acertares a mim, hey de derribarvos a vós.* Mas naõ lhe durava ao ameaçador a vida mais, que em quanto tardava o tiro, que naõ era muito. Aſſim era depois pratica dos que eſcaparaõ: *Que naõ ſe podia ir peleijar a Timor, porque os Frades de S. Domingos daquella Ilha eraõ mais deſtros, que os meſmos Soldados.*

De grande conſequencia para as Chriſtandades (pela ſegurança dellas, e confuſaõ dos ſeus inimigos, e rebellados) foy a reputaçaõ, em que as armas dos Fieis ficaraõ com eſtes ſucceſſos mimoſas, e favorecidas do Ceo, e ſem duvida com aſſiſtencia do noſſo Patriarca, grande Soldado para provar a maõ contra a hereſia. Mas queria o Ceo trazer continuamente exercitada a Fé dos Padres, e dos Chriſtãos, pondo-os no ultimo deſamparo, e naõ lhe faltando depois com o ſoccorro. Agora experimentaraõ o primeiro, falecendo o Capitaõ mór Franciſco Carneiro de Siqueira, total eſperança de toda aquella Ilha. Paſſou logo della a Larantuca, naõ ſem grande riſco, o Padre Fr. Joaõ do Roſario; pedio Capitaõ, deu-ſe-lhe Simaõ Luiz, peſſoa de experiencia, e valor. Teve logo em que exercitallo: porque chegando com o Padre a Timor, acharaõ noticia que o Hollandez profiava em levantar Fortaleza no coraçaõ da Ilha; para o que, embarcando-ſe para Batavia os que eſcaparaõ de Amarraſte, tinhaõ deixado quarenta e quatro Hollandezes com muitos mil homens de varias naçoens, e alguma artilharia naquelle ſitio, que muitas vezes eſcolhera. Com eſta noticia ſe reſolveo o Capitaõ Simaõ Luiz, e o Padre Fr. Joaõ do Roſario, com alguma gente da terra, e os de Larantuca, que tinhaõ ficado do paſſado conflicto, e foy marchando a buſcar o Hollandez no ſeu alojamento. Mas elle quebrado, e medroſo com o golpe ainda freſco, naõ ſe dando alli por ſeguro, ſe retirou, ainda que com grande trabalho, a huma ſerra, (ſitio mais que defenſavel ao parecer inacceſſivel) e fortificando-ſe nelle com a ſua artilharia, e innumeravel Soldadeſca, zombava do aſſalto, quando ſe vio accommettido, e logo entrado de dous Capitaens noſſos, Antonio da Conceiçaõ, e Franciſco da Rocha, que ſobindo (antes trepando) com os ſeus Soldados por caminho, em que tanto como dos pés ſe valiaõ das mãos, depois de dada a primeira carga, foraõ levando tudo á eſpada, livrando-ſe ſó della os que nos deſpenhadeiros buſcavaõ morte mais rigoroſa. Ficaraõ prizioneiros os Hollandezes, porque poſtos á parte, e com bandeira branca, pediaõ quar-

quartel. Chegou o numero dos mortos a mil e oitocentos, e em ſitio, em que para ſe defenderem, e offenderem, lhe baſtavaõ ſómente as pedras por armas. Perguntou-lhes o Padre Fr. Joaõ do Roſario: *Como ſe naõ tinhaõ defendido em tal poſto tantos, e taõ bem armados, e contra taõ poucos?* Ao que reſponderaõ: *Que o meſmo fora vellos ſobir á ſerra, que entrarem-ſe de huma tal covardia, que naõ ſó naõ podiaõ menear as armas, mas muitos nem lançar maõ dellas.* Digaõ os mais praticos nas Hiſtorias, quando viraõ o Ceo mais repetidas vezes empenhado em favorecer os Soldados de Chriſto? que neſte dia foraõ taõ formidaveis para os Hollandezes, que ſuſpenderaõ as armas, deſenganados nas operaçoens de Timor: mas buſcando teimoſos outro caminho para emmudecer naquellas Ilhas a voz do Euangelho.

Voltaraõ pois á indignaçaõ as maquinas de ſuas eſperanças, e o ultimo esforço de ſuas armas contra Larantuca; favoreceo-lhes a fortuna os intentos com o ſuccedido no Macaſſá. Morto o Sumbaco ſeu Emperador, e ſuccedendo-lhe outro de genio mais frouxo, e que ſe deixava dominar dos ſeus Cacizes (ſendo hum inſtrumento do que lhe ſuggeria qualquer delles) foy a primeira reſoluçaõ, que tomou, mandar derribar as Igrejas dos Religioſos, deixando ſó a Matriz, adminiſtrada por hum Eccleſiaſtico ſecular. Aſſim foraõ arrazadas, com magoa, e eſtranho ſentimento do Povo, a de noſſa Senhóra do Rotario, as dos Padres da Companhia, e Capuchos, ſeguindo-ſe logo o Decreto de que todos os Religioſos deſpejaſſem o Reyno. Era neſte Vigario o Padre Fr. Antonio de Macedo, Religioſo de grande zelo, e eſpirito; e dando noticia a Goa do eſtado em que ficavaõ as couſas do Macaſſá, lhe mandou o Vigario Geral da Congregaçaõ, o Meſtre Fr. Lucas (que o era entaõ da ſegunda vez) que ſe recolheſſe a Larantuca, com Patente de Commiſſario das Chriſtandades de Solor, e do Santo Officio, o que poz logo em execuçaõ, como o Vigario Geral o ſoccorrer aquellas Chriſtandades de mantimentos, e Religioſos. Aſſim mandou quatro com os mantimentos, que pode ajuntar, em hum patacho, que navegava de Goa para a China. Mas cahindo logo nas mãos dos Hollandezes, que andavaõ ſenhores da Barra, foy metido a pique, ſalvando-ſe hum unico Religioſo a nado, e ficando as Chriſtandades de Solor ſem aquelle ſoccorro.

Mas mayores hoſtilidades intentaraõ nellas os Hollandezes; que vendo que o Rey do Macaſſar expulſara os Religioſos, alentaraõ as eſperanças a que fizeſſe o meſmo a todos os Portuguezes, ficando-lhe franco aquelle porto para o commercio do ſandalo. Mas para apadrinharem a ſua propoſta, apreſtaraõ huma Armada de vinte e ſeis vélas, para que paſſaſſe a deſtruir Larantuca, em que eſpiravaõ os ſoccorros de Timor, (primeira ancia de ſua cobiça) e de caminho effeituaſſe com o Macaſſar a expulſaõ dos Portuguezes, antiga empreza de ſua eſperança. Com eſtas ſurgio a

Ar-

Armada defronte de Larantuca, por Junho de 1660. Atemorizados os moradores, começaraõ a recolher o mais precioſo no retiro da ſerra; (couto, a que todas aquellas Ilhas recorrem no ultimo aperto) retirouſe a mais gente, que antes, que de defenſa, podia ſervir de embaraço. Mas o Vigario da Chriſtandade, (que era o Padre Fr. Antonio de Macedo) e ſeu companheiro, trataraõ de prevençoens mais proveitoſas; deraõ principio a huma Novena á Senhora da Piedade, Padroeira daquellas Ilhas, para que as amparaſſe, e defendeſſe como ſuas, tendo no fim da Novena o Senhor expoſto, e adorado do Povo com ſupplicas, e lagrimas, taõ frutuoſas, que de repente, ſem ſe ſaber a cauſa, levou ferro o inimigo, e deixou deſaſſombrado o porto.

Paſſou a Armada ao do Macaſſar, fazendo algumas hoſtilidades aos Mouros, que de atemorizados (com o ſeu Rey) vieraõ nas propoſtas, que lhe faziaõ de Batavia, ſendo a primeira, que lançaſſe de ſeu Reyno os Portuguezes. Depois ſe dividio a Armada em duas Eſquadras: e tratando da que nos toca, (pela relaçaõ de hum prodigio, que ſervio de novo credito a eſtas Chriſtandades, e de ultimo ameaço aos Hollandezes) voltou outra vez com quatorze náos ſobre Larantuca em tempo, em que nella naõ havia quatro homens de armas para a reſiſtencia, por terem paſſado todos (com dous Religioſos, que tambem entendiaõ, que o Hollandez naõ voltava taõ de preſſa) em ſoccorro dos Chriſtãos do Ende pequeno, apertados pelos Mouros de Berray. Ponderou o aperto, e ultimo deſamparo o Padre Fr. Antonio de Macedo; e dando tudo por perdido, naõ lhe deu a afflicçaõ mais tempo, que para entrar na Igreja, tomar a Imagem de noſſa Senhora em hum braço, e a de S. Domingos em outro; e ſobindo ao alto de huma ſerra, collocadas as Imagens com os roſtos voltados aos inimigos, propunha á Senhora (proſtrado por terra, com os olhos cheyos de lagrimas, como o coraçaõ de Fé) ſemelhante ſupplica: *Alli eſtaõ, Senhora, os inimigos de voſſo Filho; alli a caſa, em que vos buſcaõ, e vos adoraõ os voſſos Fiéis Chriſtãos; naõ conſintais, que aquelles ſacrilegos ſe atrevaõ ao voſſo throno, nem que os Fiéis deſconheçaõ o voſſo patrocinio. Coſtumado eſtá o voſſo Roſario a dar victoria; nas mãos tendes as armas; naõ ſe podem atrever a ellas os membros do demonio, quando vos baſtou huma planta para lhe quebrares a cabeça. Naõ permitta, Senhora, naõ permitta voſſa clemencia, que triunfem aquelles barbaros deſtes poucos filhos, que aqui vos chamaõ Mãi de miſericordia.*

Levantou niſto o Padre os olhos á Armada, (que ſe detinha em praticas com os Mouros alliados, que em ſuas embarcaçoens a rodeavaõ, dando aos Hollandezes a boa vinda, e convidando-os para que ſaltaſſem em terra) e vio que, paſſadas poucas horas, levando as ancoras, ſe foraõ retirando com preſſa, e moſtras de quem hia fogindo. Lançou-ſe o Padre por terra, ſem lhe caber o coraçaõ no peito de alegria, dando graças á Senhora, e admirando a Providen-

dencia, com que ſegunda vez reſgatara Larantuca; mas muito mais admirado, quando, reſtituidas as ſagradas Imagens á Igreja, teve noticia da cauſa da retirada; e ſuccedeo aſſim. Concorreraõ os Mouros aliados, e dando fundo a Armada, ſeguravaõ aos Hollandezes, que ſaltaſſem em terra, pois ao preſente naõ achavaõ nella quem lhe fizeſſe a minima reſiſtencia. Perguntavaõ-lhes os Hollandezes: *Se na terra havia Cavallaria*, e reſpondendo-lhes os Mouros: *Que ſó dous rocins ſe acharíaõ em toda ella*, lhe tornaraõ: (tratando-os de falſos, e traidores) *Que já ſabiaõ a cavilaçaõ, com que os queriaõ entregar; pois dizendo-lhes, que naõ havia nem Soldadeſca, nem Cavallaria na terra, eſtavaõ elles vendo com ſeus olhos, que de huma couſa, e outra, eſtavaõ cubertas as prayas, deſde Gueguem até Larantuca, em ordem, e diſpoſiçaõ militar; e no meyo huma Mulher com o cabello ſolto, hum Menino nos braços, e que eſtava animando, e incitando a todos.* Paſmavaõ os Mouros, que naõ viaõ couſa alguma; e por mais que trabalhavaõ por juſtificar ſua verdade, os Hollandezes, que viaõ o contrario, tratando-os aſperamente com afrontas, e ameaços, levaraõ ferro, retirando-ſe ligeiros.

Terribilis ut caſtrorum acies ordinata. Cant. 6. 9.

Sem duvida, que ſe naõ davaõ por ſeguros á viſta daquella Soberana Mulher Forte, que para defender o ſeu Povo, he terrivel como Eſquadraõ formado; e ſeria S. Miguel o que alli capitaneava a milicia Celeſte, Eſquadra dos Anjos, enſinada deſde a primeira campanha a debellar os ſequazes do Dragaõ, perſeguidor da Igreja. Mas ainda ſe naõ deſenganaraõ eſtes, entendendo, que acharíaõ em Timor melhor fortuna, como o tinha diſpoſto, e o eſperava a ſua diligencia. Eſtava aſſentado com o Rey de Lifao, e Amanabaõ, (eſcuſando-ſe á pratica os mais da Ilha) que, deſtruida Larantuca, viriaõ a deſembarcar nos ſeus portos, para que lhe entregaſſem os Padres, e Chriſtãos, que ſe achaſſem em ſeus Reyno; para o que aportariaõ de noite, e paſſariaõ á Povoaçaõ, guiados de huns fachos accezos: mas o Ceo, que eſpalha ſua Providencia por todos os caminhos, por mais que ſe juramentaſſe o ſegredo, diſpoz que vieſſe á noticia do Capitaõ mór de Timor, Simaõ Luiz, que, mandando prender o Rey de Lifao, naõ pode alcançar o de Amanabaõ, poſto em ſeguro pelo Certaõ dentro. Retirados agora os Hollandezes de Larantuca, e deſembarcando de noite, pela banda de dentro da Ilha, depois de cançados, por caminho aſpero, naõ diviſando o final do fogo, tornaraõ com preſſa a embarcarſe, ſuſpeitando traiçaõ, e deſenganando-ſe da empreza, em que tinhaõ (por mais que o deſconhecia a ſua rebeldia) por inimigo o Ceo, e por conſelheira a experiencia.

Michael, & Angeli ejus præliabantur cum Dracone. Ap. 12.

CAPITULO X.

Vida do Veneravel Padre D. Fr. Miguel Rangel, Biſpo de Cochim.

PAra hum eſpirito, que foy reſtaurador das Chriſtandades, de que acabamos de eſcrever,

ver, guardamos eſte Capitulo, como as noticias deſte grande Religioſo, para as que vamos continuando do Oriente, naõ negando ao Convento de Aveiro o ter tal filho, mas pezando mais para aquelle clima o merecer tal Prelado. Nelle exercitou cargos, aſſim Religioſo, como Biſpo. Nelle, e com elle foraõ todos os ſeus deſvelos naquella grande ſeara de Solor, que cultivaraõ os noſſos. Nelle ennobreceo a Ordem. Nelle deu mayores moſtras de virtude. Nelle acabou a vida, e nelle tem ſepultura; razoens convincentes, para lhe darmos o lugar donde lho deu o Ceo, mais publico, mais conhecido, e mais authorizado. Do muito, que haverá, que dizer delle, diremos o pouco a que perdoou o tempo, e o deſcuido. Antiga deſgraça! Occuparemos ſempre com a queixa o lugar, que deviamos com a noticia. Foy eſte Padre natural de Aveiro, nobre Villa de Portugal, filho do Convento, e Recoleta, que nella tem a Provincia. A' piedoſa inclinaçaõ para a virtude, ajuntou nos primeiros annos ſingular genio para os eſtudos. Nelles aproveitou aſſim, que ſahindo das Eſcolas, leu huma Cadeira de Eſcritura. Na virtude ſe adiantou de ſorte, que o occuparaõ (lugar, que entaõ canonizava os ſogeitos) no trabalho de Meſtre de Noviços, aſſim na Recoleta de Bemfica, como na Univerſidade de S. Domingos de Lisboa. Naquella para povoar a Provincia de verdadeiros Religioſos, neſta para que naõ afrouxaſſe a refórma com a applicaçaõ dos eſtudos.

Deſte exercicio, em que moſtrou ſua grande capacidade, foy tirado para Vigario Geral da Congregaçaõ do Oriente, deſterrando-o o zelo de a ver reformada, do ſocego da ſua cella. Tinha o Prelado, que entaõ governava eſta Provincia de Portugal, admoeſtado os daquelle Oriente ſobre algumas frouxidoens, que abriaõ caminho á relaxaçaõ do Convento de Goa, Cabeça, e Metropoli do que temos na India. Vinhaõ, e creſciaõ de lá as queixas, e informaçoens de algum mais zeloſo; chegavaõ lá tarde as advertencias do Prelado reſolviaſe eſte á jornada, por naõ achar de quem eſperaſſe o fruto della, quando praticando a reſoluçaõ com Fr. Miguel Rangel, achou nelle prompta a obediencia, e igual a capacidade para o que ſe eſperava. Deſcançou o Provincial de todo o eſcrupulo, no ſeu zelo. Mandou-o por Vigario Geral, com huma boa miſſaõ de Religioſos, com que chegou a Goa pelos annos de 1614 no Vice-reynado de D. Jeronymo de Azevedo.

Aqui começaraõ a ver-ſe, como em lugar mais alto, ſua grande capacidade, e eſpirito, depois com ſuavidade a refórma, que trouxera por empreza, com igual zelo, que induſtria; e entregando depois dos ſeus quatro annos o governo daquella Congregaçaõ ao Meſtre Fr. Antonio de S. Domingos, (filho della, grande Religioſo, celebre Letrado, e naquellas partes o Principe de ſeu tempo) voltou a Portugal, naõ a deſcançar nos braços da Patria, mas a dar calor ás miſſoens, entaõ mais preciſas ás Chriſtandades de Solor, que lamentava

perſeguidas, e quaſi deſamparadas; empreza, em que trabalhou com animo, e zelo Apoſtolico. O meſmo o tornou a levar a Goa, com ancia da reſtauraçaõ das meſmas Chriſtandades, de que foy nomeado Vigario, levando para Obreiros muitos Religioſos, pelos annos de 1625. governando ſegunda vez a India Dom Franciſco da Gama, Conde da Vidigueira. Chegado a Goa, ſe fez hum taõ grande lugar no amor, e eſtimaçaõ dos Religioſos, que o puzeraõ no de Prior do Convento, por mais que, deſconhecendo a ambiçaõ do dominio, naõ queria vender por elle o deſaſocego de ir lucrar almas para Chriſto. Accreſcentou-ſe-lhe ao trabalho do governo o de ler na meſma Caſa huma Cadeira de Theologia; tendo tambem a occupaçaõ de Deputado do Santo Officio; empregos, que ſe hiaõ atraz de ſua capacidade, ſempre eſquiva ao que podia parecer honra.

Mas como tinha o coraçaõ nas Chriſtandades de Solor, para donde ſe lhe embargava a jornada, em podendo fazella, largou tudo por buſcar o centro. Partio para elle no anno de 1628. em companhia do Governador Nuno Alvares Botelho. Foy ſua chegada nova vida daquellas Ilhas. Era o primeiro no exercicio de doutrinallas, e era ſua vida melhor perſuaſiva para movellas. Viraõ-ſe caſos grandes na converſaõ de antigos peccadores, pedras quebradas, e amolecidas com o ſucceſſivo golpe de ſuas lagrimas; ſete annos gaſtou neſtá occupaçaõ, chegando-lhe no cabo delles a Mitra de Cochim, de que foy o ſetimo Prelado, deixando ſaudoſas, e como orfans aquellas Chriſtandades, por mais que podia deſcançar o ſeu cuidado no de ſeus Vigarios, em que deixava ſeu eſpirito.

Poſto em Cochim, começou a experimentar o Povo que tinha em caſa antes hum eſmoler, que hum Biſpo. Aſſim entendia eſte as obrigaçoens do ſeu cargo. Na limitaçaõ, e pobreza, antes que parcimonia, de ſua caſa, ſe via o cuidado, com que olhava para as de ſuas ovelhas. Nada ſe achava nella, que naõ foſſe como em depoſito para ellas. Ainda á Igreja mais rendoſa podia empobrecer a ſua caridade. Achava-ſe muitas vezes ſem ter de que lançar maõ para a eſtender ao pobre. Naõ eſcapou de ſupprir eſta falta, nem a ſua meſma cama. Ficou-lhe ſervindo o chaõ de leito, em quanto pode occultar aos criados, que naõ tinha outro. Sentava-ſe em huma janella a eſperar os pobres, e poupando-lhe a diligencia da ſupplica, hia lançando aos que chegavaõ a ſua eſmola. Eraõ poucas as poſſes, muita a pobreza, a maõ mais larga; achou-ſe ſem dinheiro hum dia, eſtando na quotidiana occupaçaõ da janella. Mandou a hum criado, que lhe trouxeſſe o dinheiro, que houveſſe em caſa, (ſempre ignorava o que havia nella) voltou o criado com o deſengano de que o naõ havia. Affligio-ſe o bom Prelado, e diſſe-lhe com ancia: *Ide, ide, que alguma couſa heis de achar*; obedeceo o criado, e aberta huma gaveta, que naquelle inſtante tinha examinado vaſia, achou nella o dinheiro, que baſtou para a ſe-

á eſmola daquelle dia, e para ſoccorro da caſa. Parece, que quiz o Ceo, que nem na terra ficaſſe ſem premio eſte exercicio, para veneraçaõ de quem o tinha continuado; porque depois da morte do caritativo Prelado, he tradiçaõ, que ſe viraõ algumas noites cahir da janella humas faiſcas, com claridade, e reſplandor de Eſtrellas. Naõ podiaõ ter menos ſubſtituiçaõ as eſmolas, nem correr menos que por conta do Ceo a memoria dellas.

No cuidado da reſórma de ſuas ovelhas, naõ perdoava a trabalho, indo em peſſoa a fazer as viſitas. Adiantava-ſe o exemplo da ſua vida a ſer reprehenſaõ muda; providencia, com que ſoube poupar o Ceo á piedade do ſeu genio, o diſſabor de ſe valer do caſtigo. Succedeo-lhe hum caſo digno de reparo, andando viſitando. Detinha-ſe em huma viſita pela Coſta de Tutucorim, adonde chamaõ a Coſta da Peſcaria, porque alli ſe fazia a precioſa dos aljofares; e reparando hum dia, que a cobiça dos Hollandezes infeſtava aquelles mares com os olhos no intereſſe delles, de que ſe ſeguia a oppreſſaõ das Chriſtandades; accezo, e abrazado em zelo contra os inimigos de Chriſto, levantou o braço ſobre aquelles mares, e os amaldiçoou, para que nunca mais déſſem o tributo, por que eraõ appetecidos em detrimento das Chriſtandades, perſeguidas por elles. Aſſim amaldiçoara Chriſto aquella figueira, deixando-a infructuoſa, por naõ ſaber dar fruto a quem devia. Foy couſa notavel! Que como ſe as aguas ouviraõ o ameaço, nunca mais ſe achou nellas aquelle theſouro.

Nũquam ex te fructus naſcatur in ſempiternum; & arefacta eſt ficulnea. Matth. 12. 19.

Faleceo em Goa o Arcebiſpo D. Fr. Sebaſtiaõ de S. Pedro, e foy chamado o noſſo Biſpo para o governo daquella Igreja, occupaçaõ, em que ella experimentou o que grangearia nelle, a trocar-ſe a ſubſtituiçaõ em propriedade. Depois de dous annos de governo, reſtituido á ſua Igreja, e continuando por alguns os exercicios ſantos, em que naõ perdia hora, cahio de huma doença, que logo teve por ultima, e em breves dias diſſe tambem qual ſeria o ultimo da ſua, que foy em huma feſta feira, 14 de Setembro de 1646. com tanto ſocego, e paz de eſpirito, como quem naõ deſconhecia o lugar, que o eſperava por premio. Aſſim parece, que eſcolheo a morte, como o dia della, porque foy o da Exaltaçaõ da Cruz, de que era devoto. Em ſemelhante dia veſtira o habito, fizera profiſſaõ, e era a Cruz, aſſim como hum dos ſeus appellidos, o titulo de ſua Eſpoſa, a Igreja de Cochim, a que chamaõ Santa Cruz. Agora ſe lamentava, como deſamparada nas vozes dos pobres, ſeus filhos mimoſos, como nas de todo o Povo, e Biſpado, em que ſe ſentia ſua falta, bem conhecida no nome, que lhe dava o ſentimento nas acclamaçoens de Santo.

Deraõ-lhe ſepultura na Sé de Cochim, aonde depois de hum anno, foy achado ſeu corpo incorrupto: naõ aſſim depois de alguns, em que vindo a Cidade a poder de Hollandezes, foraõ trazidos ſeus oſſos pelos Religioſos de S. Franciſco, (que por permiſſaõ tinhaõ alli fica-

do) á Cidade de Goa, e depoſitados no Collegio de S. Boaventura, de donde, ſendo Vigario Geral, ſegunda vez, o Meſtre Fr. Thomé de Macedo, Inquiſidor Apoſtolico, e filho da Congregaçaõ, os paſſou com veneraçaõ, e ſolemne pompa, para o Convento de S. Domingos de Goa, pelos annos de 1666. em hum dia feſtivo naquella Caſa, por ſer no Oitavario do Roſario, em que eſteve o Senhor expoſto, e houve Sermaõ da vida, e virtudes do Santo Prelado. Ficaraõ ſeus oſſos em hum mauſoléo de pedra bem lavrado, junto ao Altar mayor, da parte do Euangelho. Naõ nos conſta da inſcripçaõ, que lhe ſerve de epithafio; ſervirá a que lemos em huma véra effigies, e copia ſua, que ſe mandou a eſta Provincia, e eſtá no Convento de S. Domingos de Lisboa, no Dormitorio das horas, em hum nicho, que no cabo delle correſponde ao Altar da Senhora, que fica no principio. Ve-ſe no quadro o ſanto Biſpo, com ſitial, e inſignias de Barrete, Cruz, e Anel, mas em habito de S. Domingos, que naõ largou nunca, como gala digna de hum Principe da Igreja. Ao pé ſe lhe lê huma letra, em que ſe lhe applica, e accommoda o recopilado, e mayor Panegyrico, que a Igreja canta ao noſſo grande Santo Antonino, Arcebiſpo de Florença, que diz:

Pater erat pauperum; oculus fuit cæco, & pes claudo.

Como ſe diſſera: *Foy pay dos pobres, viſta dos cegos, pés dos aleijados.* Sobre a cabeça lhe ficaõ as Armas da ſua Igreja de Santa Cruz, e as da Ordem, a que ſerve de orla o ſeu nome. A huma ilharga ſe lê mayor eſcritura, em que ſe toca alguma noticia de ſua vida, que aqui poupamos no que já eſcrevemos.

CAPITULO XI.

O que de novo obraraõ os Religioſos de S. Domingos nos Reynos de Siaõ, e Perú. Levantaõ novas Igrejas, exercitaõ-ſe na converſaõ das almas.

FOy a Chriſtandade do Reyno de Siaõ fundada, e cultivada pelos filhos de S. Domingos, que ſem temer perigos, ou pouparſe a trabalhos, ſeguiraõ as armas Portuguezas quando floreciaõ no Sul, ſendo ſua aſſiſtencia, naõ ſó importante á propagaçaõ do Euangelho, enſinando aquelles barbaros, mas preciſa para a adminiſtraçaõ dos Sacramentos aos Catholicos. Deixemos o que já ſe lê nas noſſas Hiſtorias da fundaçaõ deſta Chriſtandade, confirmada com o ſangue de alguns Martyres, que foraõ as primeiras victimas, com que neſte Reyno occupou a Fé os Altares, que o braço Portuguez derribara á idolatria; e paſſemos a dar noticia do que neſtes annos mais proximos continuaraõ os obreiros Evangelicos nas noſſas miſſoens da India, reſtituidos áquella ſua antiga ſeara.

Fr. Luiz de Souſa, 3. P. l. 5, c. 5.

Cor-

Corria o anno de 1639. achava-ſe o Reyno de Siaõ deſtituido, naõ ſó do commercio Portuguez, mas ainda dos Chriſtãos da terra, que perſeguidos pelos Hollandezes, tinhaõ ſido huns expulſos, outros mortos pelos Reys naturaes, que liſongeando, ou temendo a potencia Hollandeza, intentaraõ extinguir o nome Chriſtaõ; e quaſi que o conſeguiaõ, ſendo poucos, e cheyos de abuſos os que o conſervaraõ. Neſte eſtado ſe achavaõ as couſas de Siaõ, quando permittio a Providencia, que por hum deſuſado caminho o tornaſſem a ſeguir os progreſſos do Euangelho. Levantou-ſe com o Reyno hum homem de eſpiritos, tirando a vida ao Rey natural, e a muitos dos Grandes, que o ſeguiaõ: e trazendo á ſua devoçaõ o Povo, com promeſſas, e induſtrias, começou a reynar com mais ſegurança, q a que lhe permittia a tyrannia. Chegou neſte tempo a Siaõ hum Portuguez homem de capacidade, que examinada pelo Rey intruſo, o mandou logo por Embaixador a Malaca, a tratar com os Portuguezes commercio, e amizades. Já a eſte tempo ſitiavaõ aquella Cidade os Hollandezes, e deſenganado o Embaixador, ſe retirou a Macao, dando conta ao Capitaõ General D. Sebaſtiaõ Lobo, da Embaixada, e offertas do novo Rey; a que o Capitaõ correſpondeo logo, mandandolhe por Embaixador, de parte da Coroa Portugueza, a Franciſco de Aguiar Euangelho, que concluio o negocio com felicidade, aſſentando-ſe o commercio, e dando o Rey licença, para que naquelle Reyno aſſiſtiſſe hum Religioſo, continuando com a Chriſtandade, que nelle havia ao preſente, attenuada, e quaſi extincta.

Correo a eſte emprego, ſem deſconhecer o trabalho, o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, que eſtava em Macao por Vigario; e levando por companheiro o Padre Fr. Jacintho Ximenes, entrou por aquella mata inculta, com mais eſcritos, que cabedaes, para levantar Igreja, e ainda ſoccorrer os antigos Chriſtãos, que (reduzidos á ultima penuria) recorriaõ a ella. Antigo eſtylo dos noſſos Miſſionarios, pedirem, e grangearem para os deſvalidos, e deſamparados, (talvez em caſtigo de eſcutarem o Euangelho) levantando juntamente a voz para o enſino, e eſtendendo a maõ para o ſuſtento. Mas ainda foraõ mayores as difficuldades, que o Padre Fr. Antonio ſuperou na louvavel competencia, com que algumas Religioens ſe queriaõ introduzir na ſeara alhea, e cultura Euangelica, aberta, e cultivada com o braço, com o ſuor, e com o ſangue da noſſa. Mas o Povo, em que ainda viviaõ algumas memorias della, e o meſmo Rey, a quem ſe naõ eſcondia eſſa noticia, cortaraõ as pertençoens dos emulos, recebendo o Padre Fr. Antonio com alvoroço, e applauſo.

Achou o Padre os antigos Chriſtãos, naõ ſó eſquecidos das obrigaçoens daquelle nome, mas aſſim deſvalidos, e deſprezados (pela conſervaçaõ delle) que ſe lhe tinha dado para vivenda huma paragem taõ indecente, que naõ era capaz para ſe levantar nella Igreja. Intentou

tou logo melhorallos de ſitio; pedio ao Rey hum deſaſombrado, e eſtendido pedaço de campo, em que viviaõ huns Pegús. Parecia difficultoſa empreza, mas o Rey naõ ſó lho mandou dar, mas replicando-lhe os ſeus Falopis, (chamaõ aſſim aos Sacerdotes dos ſeus Deoſes) que no campo eſtava hum Pagode antigo, e venerado, ordenou, que o derribaſſem, e no meſmo lugar, por ſer o melhor, ſe levantaſſe a Igreja; extremo por certo pouco eſperado de Rey Gentio, mas muy proprio da maõ de Deos, que lhe podia voltar o coraçaõ. Aſſim ſe levantou a Igreja, ficaraõ os Chriſtãos melhorados de vivenda, e de vida, aſſim pela doutrina, e enſino do Padre, como pelo zelo, e eſpirito (ſuperior a ſuas poſſes) com que reſgatou os mais delles, que gemiaõ eſcravos de alguns Grandes do Reyno, e do meſmo Rey, deſde o tempo, que tyrannizara o Sceptro. Mas naõ parou aqui o coraçaõ do Padre Fr. Antonio, e de ſeu companheiro; começaraõ com ſanta induſtria a cathequizar aquelle Gentiliſmo, de que bautizaraõ muitos, por mais que o Barcalaõ (aſſim chamaõ ao Governador das naçoens Eſtrangeiras) o quiz ſuſpender, e embaraçar, primeiro com os conſelhos, depois com ameaços. Mas a cauſa era de Deos, aos ſeus Miniſtros, reſolutos a dar por ella a vida, nada pareceo embaraço, foy a Chriſtandade creſcendo.

Mas novo emprego para o ſeu exercicio tiveraõ os Padres no que ſucedeo agora. Amotinaraõ-ſe os poderoſos daquelle Reyno contra o Rey intruſo, e com taõ formidavel poder, que o obrigaraõ a ſahir da Corte; mas como era igualmente Soldado, que ardiloſo, deixou esfriar, e enfraquecer o motim com o tempo, e negoceando nelle alguma gente, melhorado de partido, ſe reſtituhio ao Throno. Deſcubertos os rebeldes, e amotinadores, lhes mandou tirar a vida com rigoroſo, e vario genero de mortes. Os noſſos Religioſos, ſempre attentos a reſgatar almas das garras do demonio, e reſtituillas a Deos, empenhados na occaſiaõ, entraraõ pelos carceres, peitando as guardas delles, e aos meſmos algozes, e inſtruindo: e deſenganando os miſeraveis padecentes, ás portas da morte lhes abriaõ no Bautiſmo a da verdadeira vida, eſcapando, na condemnaçaõ temporal, do caminho, que os levava á eterna. Com eſtes, e ſemelhantes exercicios dos cultores do Euangelho, foy creſcendo a Chriſtandade de Siaõ até o anno de 1662. em que veyo a eſta Provincia a ultima noticia, que nos tem dado materia.

As que podemos dar da Chriſtandade do Reyno de Pegú, ſeraõ breves. Deſtruida a Fortaleza de Syriaõ pelo Rey de Ava, no anno de 1613. levou o meſmo Rey muitos Chriſtãos cativos, e entre elles hum Religioſo Dominico; ſeria o Padre Fr. Gonçalo, de que ſó nos aponta o nome o Padre Fr. Luiz de Souſa, na deſtruiçaõ deſta Fortaleza. Foy eſte Padre o unico alivio, que tiveraõ os Chriſtãos naquellas calamidades, e trabalhos, confortando-os, e miniſtrando-lhes os Sacramentos: mas falecendo, e pouco depois outro Religioſo da

Fr. Luiz de Souſa 3. p. l. 5. c. 10.

da Companhia, que tinha o meſmo exercicio, paſſaraõ de Bengala a eſta Chriſtandade dous Sacerdotes ſeculares, que continuaraõ com ella, com grande zelo, e eſpirito, e venturoſo fruto de hum, e outro. Eſtando neſte eſtado as couſas de Pegú, mandou o Vigario Geral da Congregaçaõ, o Meſtre Fr. Agoſtinho de Magalhaens, ao Padre Fr. Franciſco Leitaõ, natural da India, por Viſitador dos Religioſos de Siaõ: mas aſſim foraõ profiados os contratempos, com que correo a viagem, que veyo a aportar em Pegú, aonde recebido com alvoroço dos Chriſtãos, e ſingularmente de hum Mercador (grande, e antigo devoto do habito, e da Senhora do Roſario) houve de ficar, levantando-ſe eſta Igreja, que ornou, e enriqueceo com maõ larga. De tudo deu o Padre noticia, eſcrevendo a Goa, e pedindo aos Prelados Obreiros Euangelicos; a que reſpondeo com promptidaõ zeloſa o Meſtre Fr. Lucas da Cruz, (ſegunda vez Vigario Geral) mandando o Padre Fr. Pedro de S. Luiz, e depois o Padre Fr. Joaõ da Mota: e levantando cada hum ſua Igreja ſerviraõ, e augmentaraõ muito a Chriſtandade daquelle Reyno.

CAPITULO XII.

O que de novo obraraõ os Religioſos de S. Domingos, eſtendendo o Euangelho nos Rios de Sena, terras do Monomotapa. Bautiza o Padre Fr. Luiz do Eſpirito Santo a Mavura, tio do Emperador Capranzine; intenta eſte nas ſuas terras a deſtruiçaõ dos Portuguezes, que levantaõ por Emperador a Mavura, alcançada huma grande vitoria.

ANtiga ceara, e cultura antiga do trabalho, e applicaçaõ dos filhos de S. Domingos, ſaõ os Rios de Sena, em que á ſombra das armas Portuguezas, entraraõ com o Governador Franciſco Barreto, reduzindo com a doutrina, como elle com a eſpada; prologo, que já ſe lê na terceira Parte da Chronica, com a noticia das primeiras Igrejas, que levantamos naquellas vaſtiſſimas terras, e fruto grande na reducçaõ das almas. Achamos novamente continuando os Padres naquellas Chriſtandades, levantada outra Igreja em Tete, com o titulo de S. Domingos em Soriano. Mas paſſemos ao obrado na Corte do Monomotapa, e Feiras da Mocaranga, de que tivemos, e daremos ſingular noticia.

Achavaõ-ſe neſte grande Imperio os noſſos Religioſos; de trez principaes ſabemos os nomes, o Padre Preſentado Fr. Luiz do Eſpirito Santo, e os Padres Fr. Manoel Sardinha, e Fr. Joaõ da Trindade. Occupavaõ-ſe no exercicio de cathequizar, e bautizar aquella gente barbara, e ſuperſticioſa, quando ſe offereceraõ ao Padre Fr. Luiz

Luiz algumas praticas com hum Principe, tio do Emperador, por nome Mavura, homem de coraçaõ brando, e entendimento claro, circumſtancias, que apreſſaraõ o effeito das batarias. Pedio o Bautiſmo, que lhe miniſtrou (depois de cathequizado pelo Padre Fr. Manoel Sardinha) o Padre Fr. Luiz, com grande alvoroço de eſpirito, e eſperanças de grandes conſequencias, e poz-lhe por nome D. Filippe. Eſtimulouſe o Emperador Capranzine, (era eſte o nome do ſobrinho, que de preſente governava o Imperio) e buſcava caminho para a vingança, a tempo, que chegava á ſua Corte Jeronymo de Bairros por Embaixador do Governador de Moçambique, D. Nuno Alvares Pereira, que mandava o preſente, a que chamaõ *Curva*, mimo, que os Capitaens daquella Fortaleza fazem todos os annos ao Emperador, em gratificaçaõ de terem ſuas terras francas para o commercio, e paſſagem para as Minas do ouro, correſpondencia, que ficou aſſentada, (por Franciſco Barreto, primeiro Capitaõ de Sofala) com o Quiteve, Rey das terras, que ſe eſtendem entre Sofala, e Manica.

Santos na Ethiopia Oriental l. 1. c. 17.

Recebido o preſente, diſpoz o Emperador (barbaridade impraticavel, ainda entre a meſma Cafraria) que com trayçaõ, e engano tiraſſem a vida ao Embaixador: e deſaforado em ſeu rancor, e odio, mandou dar *Empata*, que he como pregaõ geral, para que todos os Portuguezes, que ſe achaſſem em ſuas terras, foſſem mortos, e deſpojados de ſuas fazendas. Teve anticipado aviſo de tudo, pela fidelidade grande dos ſeus Cafres, André Ferreira, Portuguez deſtemido, que era ao preſente Capitaõ das Portas, que he huma Feira, ou como Feitoria, a que chamaõ *Macapa*. Detinha-ſe a eſte tempo na Corte, mas com o aviſo ſe retirou á ſua Feira, e fortificandoſe em hum *Chuambo*, que he o meſmo que reducto, ou tranqueira de paos muito fortes, mandou aviſo ás mais Feiras das terras do Emperador, que eraõ *Luanzi*, *Dambarare*, e *Chipiriviri*, para que recolhidos a ellas os Portuguezes, e Chriſtãos, ſe puzeſſem em defenſa contra o grande poder, que os ameaçava.

Recolheraõ-ſe logo ás Feiras, que lhe pertenciaõ, os Religioſos de S. Domingos, que andavaõ eſpalhados por aquellas Chriſtandades; e animando os Soldados contra o inimigo dellas, acompanhando ſuas armas com as que ſó podem debelar o demonio, (oraçoens, jejuns, e penitencias) ſe viraõ reſiſtidos os aſſaltos, e desbaratados os cercos, com que o Emperador com formidavel Exercito cahio de improviſo ſobre os ameaçados, em que achou taõ valeroſa reſiſtencia, que o obrigou a retirarſe com pouca reputaçaõ, e muita perda. Caſo admiravel! Que em hum Imperio taõ dilatado, como o da Mocaranga, (nome commum das terras do Monomotapa) com taõ groſſo poder, (aſſiſtido do meſmo Emperador) ficaſſem naõ ſó defendidos, mas vitorioſos huns poucos de Portuguezes, antes encorralados, que guarnecidos, em huma tranqueira de paos! Naõ ſe póde attribuir por certo ſó ao valor dos Soldados, nem

nem ás armas dos Religioſos, mas ao Ceo, que eſgrimindo-as, conſegue ſemelhantes triunfos.

Chegou noticia do ſuccedido aos Portuguezes de Tete, e Sena, e vendo o perigo, em que eſtavaõ os da Mocaranga, começaraõ a levantar muita gente de guerra nas noſſas terras de Botonga, por mandado do Capitaõ, e Governadór D. Nuno Alvares Pereira. Naõ deſcançavaõ os Religioſos; por conſelho dos quaes junto hum bom pé de Exercito na Feira de Luanze, acclamaraõ os Chriſtãos por Emperador o Mavura D. Filippe, e levando-o por Capitaõ do Exercito, de que era Alferes hum Religioſo noſſo, levando diante o Eſtendarte da Cruz arvorado, aviſtaraõ a Capranzine, ſoberbo, como poderoſo, e dando-lhe batalha, o viraõ em poucas horas poſto em vergonhoſa fugida. Mas retirado ao mais interior da Mocaranga, em que o buſcaraõ, e ſeguiraõ muitos, tornou a refazerſe, e a buſcar o campo Chriſtaõ por duas vezes, ſahindo de ambas taõ desbaratado, e enfraquecido, que poderaõ os Portuguezes ſeguramente trazer, e collocar a D. Filippe na Corte, e Throno do Monomotapa, fazendo-o reconhecer por Emperador dos Grandes, e Senhores daquelle Imperio; a que elle agradecido, jurou vaſſallagem a ElRey de Portugal, com o tributo de tantas peſſas de ouro, fruto da doutrina, e inſtrucçaõ do Padre Fr. Manoel Sardinha, a que D. Filippe eſcutava, e tratava com veneraçaõ de filho. Aſſim chamou logo a ſi, (e nunca largou de ſua companhia) os Religioſos de S. Domingos, a que reconhecia cauſa da fortuna de ſe ver Senhor do Imperio, ſendo para elle ainda de mais preço (como de toda a importancia) o ver-ſe herdeiro do da gloria, que nunca acaba. Para ir negociando eſta ás Chriſtandades daquellas terras, eſtimaraõ os Religioſos o valimento, naõ para ſe introduzirem nos Palacios, ou terem voz nos governos; maxima ſempre praticada nos filhos de S. Domingos.

CAPITULO XIII.

Continua-ſe a guerra com o Capranzine. Daõ a vida pela Fé os Padres Fr. Joaõ da Trindade, e Fr. Luiz do Eſpirito Santo. Dá huma vitoria ao Emperador D. Filippe hum myſterioſo ſinal, que ſe vio no Ceo. Levanta-ſe Igreja na Corte; noticia de outras na meſma Mocaranga, e no Reyno de Manica.

NAõ deixou o tyranno Capranzine deſcançar ao novo Emperador, que applicado a ideas de dilatar a Chriſtandade no ſeu Imperio, naõ ſuppunha taõ promptas as forças do ſeu inimigo; mas elle campeava já com hum groſſo Exercito nas meſmas terras do Imperio, que ameaçadas hiaõ reconhecendo o ſeu dominio. Sahio a encontrallo o Emperador com mais reſoluçaõ, que ventura, deixando-lhe nas mãos huma importante vitoria. Ficaraõ cativos muitos Chriſtãos, e entre elles dous Religioſos noſſos, que lhes faziaõ companhia em toda a fortuna, ſendo eſta, em que agora ſe viaõ, a que o Ceo

Glorioſa morte do P. Fr. Joaõ da Trindade.

lhes dava pelo muito que trabalharaõ. Eraõ elles o Padre Preſentado Fr. Luiz do Eſpirito Santo, e o Padre Fr. Joaõ da Trindade. Vinha eſte cheyo de feridas (glorioſos deſpojos, com que o enriquecera aquelle conflicto) mas naõ ſe contentando a crueldade dos barbaros de o ver naquelle eſtado, repetindo-lhe outras com odio carniceiro, o deſpenharaõ de hum alto rochedo, de donde chegou ao chaõ feito em miudos pedaços.

Ao meſmo tempo levavaõ outros ao Padre Fr. Luiz á preſença do Tyranno, que ſequioſo do ſangue innocente, ſe queria fartar agora delle, em vingança do que ſabia, que o Padre tinha obrado na reducçaõ do Emperador novo, e Chriſtandades daquelle Imperio. Mandou-lhe logo que lhe fizeſſe a *Zumbaya*. (que he no eſtylo da Cafraria a mayor reverencia) Era o Padre Fr. Luiz natural de Moçambique, pratico nos eſtylos daquellas terras, e ſabia bem que ſó ſe dava a Deos o que lhe pedia o Tyranno; reſpondeo-lhe intrepido: *Que elle era ſó hum Rey pequeno da terra, e que até eſſe apoucado Reyno tinha juſtamente perdido por tyranno; que ainda que em ſeu poder ſe via cativo, naõ reconhecia, nem podia reconhecer outro Rey na terra mais, que o de Portugal, como nem outro por Rey do Monomotapa, mais que a ſeu tio D. Filippe, já filho da Igreja; e que ſobre todos, o unico, que reverenciava, e reconhecia, como Rey dos Reys, era Jeſu Chriſto, Filho de Deos verdadeiro, Senhor do Ceo, e da terra, que reſgatara o genero humano com o ſeu ſangue, e ſua morte; preço inextimavel, com que merecera, em quanto homem, todas as veneraçoens de homens, Anjos, e demonios, no Ceo, na terra, e nos Infernos. E como te atreves tu* (continuava o Padre com hum generoſo, e inflexivel animo) *como te atreves, homem feito de pó, e que brevemente te has de reduzir a elle, a roubar a Deos verdadeiro a adoraçaõ, que ſe lhe deve, como Senhor de tudo? Ay de ti, que como outro Anjo rebelde, e ſoberbo, te atreves á Cadeira do Altiſſimo; mas cahirás no horrivel lago, bramindo por toda a eternidade, como miſeravel carvaõ do inextinguivel lume! Torna, torna em ti, já que Deos te aconſelha por minhas vozes, e dobra ao verdadeiro Senhor o joelho, antes que eſperar de mim, que a ti to dobre, devendo-o a elle.*

Martyrio do P. Preſentado Fr. Luiz do Eſpirito Santo.

Accendeoſe em ira o tyranno, impaciente com o que eſtava ouvindo, e mandou logo, que atado o Padre a hum tronco, foſſe azagayado; martyrio em que acabou glorioſamente a vida, e paſſou a dar a Deos na gloria a adoraçaõ, que lhe defendera na terra.

Mortos os Religioſos no martyrio, e mortos muitos Portuguezes na batalha, entendia agora o Capranzine, que recuperava o Imperio ſem reſiſtencia. Aſſim mandou dizer ao tio, que lhe deſpejaſſe a Corte, e o reconheceſſe por ſeu Rey, ou cahiria nas mãos de ſua ira, ainda enſanguentada da paſſada campanha. Ao que reſpondeo D. Filippe, que vieſſe, que nella o eſperava; e tratou logo de ajuntar gente: para o que o Padre Fr. Manoel Sardinha lhe agenciou muita roupa, (preço mais eſtimavel na Cafraria) que mandada á outra parte do Rio

Zam-

Zambeze, ſe ajuntaraõ vinte mil Cafres. Achava-ſe o Emperador com alguns Chriſtãos, e poucos Portuguezes; com eſta gente em boa ordem, ſe reſolveo a buſcar o inimigo, quando ao moverſe o Exercito, levanta os olhos ao Ceo, e vê nelle huma reſplandecente, e fermoſa Cruz, na fórma (ainda que ſem letras) em que já apparecera ao Emperador Conſtantino Magno. Proſtra-ſe por terra, beijando-a em veneraçaõ, e reverencia, a tempo que os Chriſtãos, que lhe faziaõ companhia, lhe davaõ preſſa, que naõ ſuſpendeſſe a marcha: a que elle reſpondeo (juntamente animoſo, e compungido) moſtrando-lhe a Cruz, e ao Padre Fr. Manoel, que mandou chamar logo, porque hia na outra parte do campo.

Sinal prodigioſo no Ceo.

Alvoroçou-ſe o bom Padre, e accendido em zelo da honra de Deos, vendo como encaminhava os ſeus Soldados com a meſma bandeira, com que no Mundo triunfara de ſeus inimigos, voltando-ſe ao Exercito, que admirava o prodigio, foy tal o eſpirito com que incitou a todos a ſeguir a myſterioſa bandeira, e dar a vida pelo Senhor, que lha moſtrava, ſegurando-lhe a vitoria, que enveſtindo todos ao inimigo, que já tinhaõ diante com innumeraveis combatentes, os romperaõ com o primeiro impeto, e os puzeraõ em tal confuſaõ, que ſem baſtarem a defenderſe, ſe vio em breves horas o campo cuberto de trinta e cinco mil Cafres, e os mais poſtos em arrebatada fugida, acompanhando o Capranzine. Mas o Emperador Chriſtaõ, deſtro, e Soldado, foy ſeguindo a vitoria, e naõ largou as armas da maõ, ſem expulſar os inimigos de toda a Mocaranga.

Porém naõ tardou o Tyranno, (ajudado de hum ſeu Capitaõ mór, a que chamaõ *Macamoaxa*, e de alguns ſenhores, a que chamaõ *Encoſſes*, que com ſeus filhos, e mais gentes, que fizeraõ, o foraõ buſcar) em ſe tornar a pôr em campanha, entrando pela Mocaranga com hum Exercito do mayor poder, e nobreza della. Mas os Portuguezes das Feiras, e os de Tete, e Sena, que tiveraõ de tudo anticipada noticia, fazendo com brevidade levas da gente mais robuſta, ajuntaraõ quarenta mil homens, em que ſe contavaõ duzentas eſpingardas Portuguezas, muitos Chriſtãos daquellas terras, e ſeis mil Cafres, que das em que aſſiſtia, levava o Padre Fr. Damiaõ do Eſpirito Santo, Religioſo noſſo, juntos, e levantados por ſua induſtria, e zelo. Com eſte poder entraraõ os noſſos pela Mocaranga, e ſe ajuntaraõ a hum troço de gente, com que o Emperador os eſperava; e buſcando logo o inimigo, (que vinha taõ confiado, como ſe acabara de ſahir vitorioſo) chocaraõ com elle com tanta bravozidade, e valentia, que ſem lhe valer nenhuma reſiſtencia, o fizeraõ eſpalhar pela campanha, deixando nella dous mil Cafres moços, e robuſtos, filhos dos Grandes, que o Capranzine trazia, para occupar nos lugares mais nobres. Mas elle ſem aſſiſtir no campo, como enſinado dos varios ſucceſſos delle, ſe retirou com pouca companhia, e menos eſperança, com a noticia, e magoa da perda.

Vitorioſo agora, e deſcan-

çado o Emperador D. Filippe, quiz, reconhecido a Deos, que ſe levantaſſe Igreja na ſua Corte. Aſſiſtio á expediçaõ dos materiaes o Padre Fr. Aleixo dos Martyres, Religioſo Dominico, e abertos os aliceſſes, quiz o meſmo Emperador lançar a primeira pedra, o que fez em dia ſinalado, levando-a ſobre ſeus hombros, aſſiſtido de alguns Religioſos, e dos ſenhores, que ſe achavaõ na Corte, e muito povo, que fizeraõ o acto mais feſtivo. Grande dia, ſem duvida, para os filhos de S. Domingos! Verem em terras taõ remotas, taõ eſtranhas, e taõ incultas, a hum Monarcha, e Senhor dellas, (que ainda que com as carnes pretas, poderoſo Senhor, pela precioſidade, e vaſtidaõ de ſeu Imperio, e como tal reſpeitado) carregado de hum penedo, naõ para o lançar com a Gentilidade no monte de Mercurio, mas para avultar ſobre elle o Templo de Deos verdadeiro! E ſoando naquella incognita lingua os ſeus louvores, como ecco das vozes Euangelicas, que os convidaraõ a elles! Grande gloria por certo, e ſingular premio, que quiz dar o Ceo á Familia Dominicana, como ſempre lembrada do ſeu Inſtituto, ſempre adiantada em exercitallo!

Com Igreja na Corte começaraõ com mais eſperanças os Padres a cathequizar o Povo, de que bautizaraõ muito, e entre elle a hum filho do Emperador, que á petiçaõ ſua inſtruio na Fé, e bons coſtumes o Padre Fr. Aleixo, pondo lhe eſte nome no Bautiſmo. Com a noticia do que ſe tinha obrado, e obrava na Mocaranga, ou terras do Monomotapa, vieraõ novos Obreiros Euangelicos de Goa. Eſpalharaõ-ſe logo por Vigarios naquellas Feiras. Na de Luanze já antiga, com huma fermoſa Igreja. Outra na de Maçapa. Outra na de Chipiriviri, iſto quanto ao Reyno da Mocaranga. No Reyno de Manica, aonde já era antiga a Chriſtandade, ſe levantaraõ trez Igrejas, e Paroquias. Na Feira de *Umba*. Na Feira de *Chipangura*. Na Feira de *Matuca*, em que começaraõ a florecer as Chriſtandades, de que foy grande cultivador o Padre Fr. Manoel da Cruz, por eſtes tempos Vigario Geral. Muito mais ſe poderaõ eſtender naquelles dilatados Reynos, mas ſaõ curtas as poſſes dos Religioſos, para a grandeza dos eſpiritos, com que ſe ſacrificaõ ao rigor daquelles climas, pela mayor parte deſtemperados, e pouco ſádios, ſendo innumeraveis as vezes, que ſe tem viſto reduzidos a extremas penurias, e ultimos apertos.

CAPITULO XIV.

Continuaõ-ſe as Chriſtandades no Imperio do Monomotapa. Bautiza-ſe o Emperador, toda a Caſa Real, e grande parte do Povo. Da-ſe noticia do ultimo progreſſo deſtas Chriſtandades.

HE incançavel o trabalho, com que os noſſos Cultores Euangelicos chegaõ a ver o fruto ſazonado neſta grande ſeara da Mocaranga, ou terras do Monomotapa: porque ainda que os Cafres naõ tenhaõ repugnancia a crer o que ſe lhes enſina nas verdades da Fé, como

mo ſuccede com os Mouros, (que criados, e abraçados com ſua maldita ſeita, duvidaõ de que poſſa haver ley mais ſegura, eſpecialmente, naõ achando nella freyo á ſua ſenſualidade, negaça com que ſeu maldito Profeta a fez bemquiſta) com tudo tomaraõ os Cafres delles, como contagio da viſinhança, o que tambem os leva, e arraſtra, que he a liberdade de terem muitas mulheres. E o que he mais para admirar, he que façaõ tanto caſo de ter muitas, naõ fazendo nenhuma eſtimaçaõ dellas; e a prova diſſo, como do pouco amor, que lhes tem, he, que naõ ſó naõ ſe alteraõ, ou ſe provocaõ a vingança, vendo-as com outros, (contra a pratica commua da natureza em todas as naçoens) mas levando-as comſigo á campanha, as offerecem, e poem diante ao inimigo, para que quebrada a primeira furia nellas, com as ſuas mortes ſe cance, e ſe embarace antes que peleije.

Naſce deſta crueldade, ſerem as Cafras menos difficultoſas de reduzir, com a pia affeiçaõ, que tem a huma ley, em que ſe manda, e obriga ao amor, e eſtimaçaõ das mulheres proprias, e que na Caſa ſaõ ſenhoras, como unicas. Menos difficuldade ha tambem nos Cafres pequenos, porque os pays (com a duvida de que o ſejaõ) naõ eſtimaõ os filhos, aſſim os deixaõ cathequizar dos Padres, de que o mayor cuidado he buſcallos nos primeiros annos. Mas pelos de 1652. ſe vio naquellas Chriſtandades, que já ſe facilitavaõ os adultos, para premio, e ainda para eſperança dos que trabalhavaõ zeloſos naquella Sagrada cultura. Paſſara o Sceptro do Monomotapa, por morte do Emperador D. Filippe, que annos atraz o governara com piedade Chriſtáa, (como já contamos nos precedentes Capitulos) á maõ de Monarca Gentio, e naõ nos conſtando o tempo, que eſteve nella, o achamos agora ſogeito á Igreja, por induſtria, e delvelo Apoſtolico do Padre Fr. Aleixo do Roſario.

Achava-ſe eſte Padre na Igreja, que eſtá na Corte, ou nas viſinhanças della. Amiudadas as viſitas, e as praticas com o Emperador, diſpoz o Ceo o effeito, a que ſe encaminhavaõ; cathequizou ao Emperador, e logo toda a Caſa Real, que inſtantemente pediaõ o Bautiſmo; diſpollo, e fello o Padre, com a mayor ſolemnidade, e fauſto, que foy poſſivel naquelle Imperio, em 4. de Agoſto de 1652. Ao Emperador poz por nome D. Domingos, (que no ſeu dia lho deu o noſſo Patriarca) e á Emperatriz Dona Luiza. Bautizaraõ-ſe tambem dous filhos. Ao Principe, e herdeiro da Coroa, deu o nome de D. Miguel. Seguiraõ-ſe os Grandes, todo o Palacio, e a mayor parte do Povo. Foi dia plauſivel para aquelle Imperio. Paſſou a noticia a toda a Chriſtandade, feſtejou-ſe em Roma, como Cabeça della, e para immortalizar eſta memoria, mandou o Meſtre Geral da Ordem dos Prégadores, Fr. Joaõ Bautiſta de Marines, gravar, e eſculpir em huma lamina de bronze o Bautiſmo com todas as circumſtancias delle, acompanhadas de huma inſcripçaõ narrativa, em que as explicava; e he a ſeguinte em idioma Latino:

An-

Anno 1652 *in inferiori Æthiopiæ vaſtæ Monomotapæ Imperator à Fratribus Ordinis Prædicatorum Chriſtiana Cathecheſi imbutus, interque eorumdem manus ſalutifero baptiſmi lavacro, palam ab uno ipſorum tinctus; quod Sacra hæc functio in* 4. *Auguſti diem incidiſſet, Dominici nomen ſibi imponi voluit, ſpem exinde amplam & concipiens, & faciens, non ſolos modo Palatinos, ac Proceres ab iiſdem Prædicatoribus jam penè edoctos; ſed & univerſa Imperii ſui Regna propediem Imperatoris ſui, atque Imperatricis Ludovicæ exemplo Fidem amplexatura; nec quoad Optimates diù fuit expectationis eventus, ſic librante Dei Providentia, ut quando ſub Canchri Tropico paſſim turbata Fidei ſemina ferè exaruerunt, eadem uberius alibi ſub Capricorni Tropico adoleſcant.*

Naõ foy menor a demonſtraçaõ, que fez a Provincia de Portugal, como aquella, a que de juſtiça lhe competia ſemelhante progreſſo, feito em huma colonia ſua. No Convento de S. Domingos de Lisboa, como Cabeça da Provincia, ſe celebrou a noticia com a mayor demonſtraçaõ Catholica, eſtando o Senhor expoſto, com Miſſa ſolemne, a que aſſiſtio com toda a Corte ElRey D. Joaõ o IV. de feliz memoria, favorecendo naquelle dia aos Religioſos deſta Caſa com ſingulares demonſtraçoens de ſua mageſtade, e grandeza.

Bautizado o Emperador daquelle grande Imperio, naõ ſó conſeguiraõ os noſſos Religioſos ver eſtendida a Chriſtandade por toda aquella Cafraria, á imitaçaõ do ſeu Monarca, mas pelo tempo adiante deraõ tambem á Ordem, e á Congregaçaõ hum filho, que a naõ deſmereceo, nem pela peſſoa, nem pela capacidade. Foy eſte o Principe D. Miguel, herdeiro da Coroa do Monomotapa, que criado com a doutrina dos Religioſos, e conhecendo o pouco, que ſaõ os Imperios do Mundo para quem pelo bautiſmo fica herdeiro de outro, que he eterno, entrou pelos Clauſtros Dominicanos a pedir, e veſtir a ſua mortalha, pedida com humildade, veſtida com alvoroço. Eſtudou com ſingular applicaçaõ: e chegando, com naõ menos capacidade, a occupar as Cadeiras, paſſou á converſaõ das almas dos que o perderaõ Principe, para o lograrem Meſtre; ſendo o ſeu exemplo a mais eloquente perſuaſiva, que ſe eſcutou naquelle Imperio, com igual aſſombro, que fruto. O

Meſ-

Meſtre Geral da Ordem, Fr. Thomaz de Rocaberti, lhe mandou Patente de Meſtre em Theologia, pelos annos de 1670. Acabou os ſeus em Goa, ſendo Vigario de Santa Barbara, de morte placida, como quem ſe tinha recolhido a enſayarſe para ella.

Mas ſerá razaõ, que demos noticia do ultimo progreſſo deſtas Chriſtandades dos Rios, neſtes annos proximos ao em que eſcrevemos. Começou a creſcer a zizania na ſeara de Chriſto, por algumas contendas, que o Adminiſtrador Eccleſiaſtico tinha com os Cultores della, intentando introduzir outras Religioens, ſem haver reſpeito a que era lavor, e trabalho da de S. Domingos, taõ proprio, como antigo, e frutuoſo. Com eſtes penſamentos paſſou o Adminiſtrador a Goa, aonde naõ ſurtio effeito a ſua diligencia; e voltando para os Rios, com tençaõ de as continuar, ſe pacificou tudo por induſtria do Preſentado Fr. Franciſco da Trindade, que embarcado com elle, vinha por Commiſſario, e Viſitador dos Rios, e Vigario de Tete, com mais cinco Religioſos para a adminiſtraçaõ das Igrejas. Chegou a Moſſe, aonde viſitou o Convento, e as Igrejas das Ilhas de *Quirimba*, e *Amiza*, e paſſando a Sena, (aonde fez hum Catheciſmo, e Confeſſionario na lingua dos naturaes, de que ſe tirou grande fruto) deſpedio os Religioſos, o Padre Fr. Joaõ de Santo Thomaz para a Igreja do Eſpirito Santo de Sofala; o Padre Fr. Damaſo de Santa Roſa para a Igreja do Zimbaoê, Capellania do Emperador do Monomotapa; o Padre Fr. Diogo de Santa Roſa para reedificar a Igreja em a *Macapa*; o Padre Fr. Jozé de Santo Thomaz para reedificar a Igreja do *Hongue*; o Padre Fr. Miguel dos Archanjos, para levantar novamente Igreja no Reyno de *Quiteve*. Outras Igrejas intentou o Commiſſario, que naõ tiveraõ effeito; mas continuou felizmente o da reducçaõ das almas neſtas novamente providas.

Deſpedidos os Religioſos, paſſou o Commiſſario a Tete, aonde compondo novo Catheciſmo na lingua da terra, fez fruto de innumeraveis almas, cathequizando, e bautizando aſſim meninos, como adultos. Foy hum deſtes o Principe do Monomotapa, filho do Emperador D. Pedro já defunto, e da Emperatriz Vondato; pozlhe por nome D. Conſtantino: e voltando de Tete, o trouxe para a India, e no Convento de Goa, com o nome de Fr. Conſtantino do Roſario, tomou o habito de S. Domingos, em que depois o acompanhou outro Principe irmaõ ſeu, por nome Fr. Joaõ (de que ſe perdeo o cognome) que tinha bautizado o Padre Fr. Filippe da Aſſumpçaõ. Ao tempo que iſto eſcrevemos, aſſiſtem ambos no Convento de Santa Barbara em Goa.

Eſtes foraõ os ultimos progreſſos das Chriſtandades dos Rios de Sena, em que ſem duvida cultivou aquellas plantas novas de Tete o Preſentado Fr. Franciſco da Trindade, com tanta applicaçaõ, e deſvelo, que pelas ruas ſe entoavaõ as oraçoens, e ſe ouviaõ no trabalho; e ordenando o Padre, que nas ca-

caſas da Povoaçaõ ſe entoaſſem de noite, e de manhãa, por haver nellas numeroſas familias, (e aſſim ſe exercitaſſe juntamente a devoçaõ, e a memoria) ſuccedeo hum caſo, em que moſtrou o Ceo o quanto lhe era aceito. Moleſtava-ſe com o eſtrondo, que lhe faziaõ os Cafres, hum homem dos poderoſos da terra, e mandou em ſua caſa, que naõ rezaſſem de madrugada. Mas naõ tardou muito, que nella ſe ouviſſe huma voz, que claramente chamava os eſcravos, que ajuntaſſem para a doutrina. Eſpertavaõ, e ajuntavaõ ſe, ſem acabar de entender quem os chamava. A repetiçaõ fez mayor o reparo na caſa; e fazendo o o Senhor della, veyo a entender, que naõ devia embaraçar occupaçaõ taõ ſanta; e advertido, e devoto, mandou continualla.

CAPITULO XV.

De alguns Religioſos, que deraõ glorioſamente a vida pela confiſſaõ da Fé, ſervindo ás Chriſtandades, que a Religiaõ de S. Domingos tem no Oriente.

GRande ceara a das miſſoens do Oriente, mas poucos Obreiros para o animo dos filhos de S. Domingos, que quizeraõ reproduzir ſe, para que a Fé mais ſe dilataſſe. Mas já diſſémos, que a pobreza, e limitaçaõ dos Religioſos embaraçava eſſes progreſſos, que ſem duvida ſe podiaõ adiantar com o zelo de bons Miniſtros (naquelle Clima) que advertiſſem aos noſſos Monarcas o como deviaõ eſtender a maõ a ſuſtentar aquellas bocas, de que ſe valia a Igreja para bradar aos deſencaminhados na noite da Gentilidade. Aſſim o fazem muitos dos noſſos (ainda ſentenceando-ſe voluntariamente aos apertos da fome) pizando as penſoens da natureza, por naõ faltar ás obrigaçoens do Inſtituto, ſendo ſó o Ceo o que muitas vezes coroa ſeu zelo com o premio do martyrio. Dos que tivemos noticia até eſte anno, em que vamos eſcrevendo, depois que ſuſpendeo as ſuas na Chronica o Padre Fr. Luiz de Souſa, daremos agora alguma, (aſſim dos annos proximos, como dos antigos) conſeguida pela noſſa diligencia, e de que ainda naõ achámos particular memoria.

Seja a primeira do Veneravel Padre Meſtre Fr. Jeronymo da Paixaõ, filho de Gonçalo Froes de Lemos, e Catharina Nobre, naturaes de Pernes. Naſceo eſte Padre na Cidade de Lisboa, donde tomou o habito de S. Domingos, e paſſou á Congregaçaõ da India. Alli ſe adiantou tanto nos eſtudos, que occupou as Cadeiras de Santo Thomaz de Goa, com grande reputaçaõ, ſendo tal a que ganhou com ſua virtude, e reforma, que o poz no lugar de primeiro Prior da Recoleta. Occupou depois os de Deputado do Santo Officio, Vigario Geral da Congregaçaõ duas vezes, e Governador do Arcebiſpado de Goa, empregos, em que ſe deraõ bem a conhecer ſeu eſpirito, e prudencia. Paſſou a viſitar os Conventos do Norte, com poderes do Tribunal do Santo Officio, para extinguir abuſos, emendar ſuperſticioſos, caſtigar rebeldes, e derribar Pagodes.

Che-

Chegado a Baçaim, poz em execuçaõ as ordens, que levava, com inteireza, e reſoluçaõ Apoſtolica. Cortou por ſuas mãos huma arvore, a que davaõ culto os Gentios, por ver nella ao meſmo tempo flores, e frutos. Paſſava a huma Aldea viſinha a derribar hum Pagode de grande veneraçaõ naquella Gentilidade; entenderaõ-no aſſim os idolatras (já ſentidos da deſtruiçaõ da arvore) ſahiraõ-lhe ao caminho juntos, e amotinados.

Morte do V. P. Fr. Jeronymo da Paixaõ, e do P. Franciſco Calaſſa da Ordem 3. de S. Domingos.

Acompanhava ao V. P. hum Sacerdote ſecular, por nome Franciſco Calaſſa, que hia por ſeu Secretario; advertio-lhe, que ſe retiraſſem, ſalvando as vidas; ao que reſpondeo ſeguro, e deſaſombrado o Veneravel Padre: *Que já naõ era tempo, mais que de as ſacrificar por Chriſto*; e pondo os joelhos em terra, e á ſua imitaçaõ ſeu companheiro, offereceraõ os corpos com grande conſtancia áquella infernal canalha, que com inſaciavel odio os treſpaſſaraõ a lançadas, deixando-os por mortos. Foraõ trazidos pelos Chriſtãos ao Convento de Baçaim, aonde o companheiro faleceo logo; o Veneravel Padre dahi a trez dias, em que ſe lhe prolongou o martyrio, mas com a ſuavidade de receber o Santiſſimo Viatico, paſſou á eterna felicidade, comprada com ſeu ſangue. Acharaõ os Religioſos ſeu corpo cingido de huma groſſa cadea de ferro, deraõ-lhe ſepultura raza; mas creſcendo as maravilhas, com que o Ceo quiz acreditallo naquelle Povo, á cuſta, e diligencia da Cidade, o paſſaraõ a ſumptuoſo ſepulcro, levantado junto ao Altar da parte do Evangelho. Continuaõ ainda hoje as maravilhas na terra da primeira ſepultura, que os naturaes buſcaõ como univerſal meſinha. Foy ſua morte em 19 de Fevereiro de 1636. como ſe acha no Agiologio Luſitano.

Se naõ com as meſmas circumſtancias, com a meſma reſoluçaõ perdeo a vida pelo augmento da Fé o Padre Fr. Joaõ de Santo Thomaz, de que (com ligeira informaçaõ) eſcreveo o Padre Fr. Luiz de Souſa, que deſpachado para a Ilha de Saõ Lourenço pelo Alferes mór D. Jorge de Menezes, em breve tempo acabara de doença, por inclemencia do Clima. Mas ſeguindo noticia mais ſegura, como de quem muitos annos aſſiſtio naquelles Rios, foy o ſuccedido, que paſſando o Padre Fr. Joaõ á Ilha de S. Lourenço, ſe deixou ficar nella, obrigado dos Chriſtãos, que alli havia, e para melhor, do zelo com que alli viera. Mas os Mouros aſſiſtentes na terra, ſempre inimigos do augmento da Chriſtandade, em que o Padre trabalhava incanſavelmente, lhe deraõ veneno, temendo tirar-lhe a vida com publicidade, por naõ parecer, que violavaõ as pazes, confirmadas de novo com Moſſe. Sentio o Padre o mortifero da peçonha em huma bebida; e offerecendo a Deos aquelle genero de morte, acabou com a magoa de deixar orfãa a ſua Chriſtandade.

Morte do Padre Fr. Joaõ de Santo Thomaz.

Com mais rigoroſa morte foy victima da Fé o Padre Fr. Niculao do Roſario, filho do Pedrogaõ, Villa de Portugal, (e aſſim filho da Villa, como do Convento de S. Domingos, que ha nella) grande Prégador, e

de vida exemplar, calidades, que lhe deraõ grande lugar na Congregaçaõ; paſſou della voluntariamente aos Rios, para Obreiro daquellas Chriſtandades, em que ſe detinha frutuoſamente, quando acompanhando o Capitaõ de Tete, na guerra, que tinha com os Zimbas, (Cafres crueis, e devoradores de carne humana) ficou prizioneiro delles. Foy logo atado de pés, e mãos a hum tronco, e como outro S. Sebaſtiaõ, cuberto de ſettas, que lhe abriaõ mais bocas, para lhes prégar a verdade no tempo, que lhe durou a vida no martyrio. Deſpedaçado depois ſeu corpo, o repartiraõ, e comeraõ.

Morte do Padre Fr. Niculao do Roſario.

Com igual exemplo de vida, obſervancia religioſa, e opiniaõ de letras, viveo no Convento de Cochim (em que profeſſou) o Padre Fr. Joaõ da Cruz, filho de Macao; ſacrificou-ſe ao miniſterio das Chriſtandades, em que gaſtou muitos annos, coroando o Ceo ſeu zelo com a gloria do martyrio, que com os olhos, e as mãos levantadas a elle, recebeo alanceado pelos Mouros de Achem, no anno de 1617.

Morte do Padre Fr. Joaõ da Cruz.

Sacrificaraõ tambem a vida nos altares da Fé o Padre Preſentado Fr. Luiz do Eſpirito Santo, e o Padre Fr. Joaõ da Trindade, pela tyrannia do Capranzine, na Mocaranga, de que já demos mais larga noticia. Na Provincia de Bajú (Contracoſta de Larantuca) o Padre Preſentado Fr. Joaõ da Coſta, que tambem nos deu já aſſumpto neſta eſcritura.

Os Padres Fr. Luiz do Eſpirito Santo, Fr. Joaõ da Trinda de, e Fr. Joaõ da Coſta.

Igualmente o deu ás glorias deſta Provincia de Portugal, de que foy filho, o Padre Preſentado Fr. Duarte Travaſſos. Foy eſte Padre igual talento para a Cadeira, e para o Pulpito. Lera muitos annos Theologia no Convento, e Univerſidade da Batalha. Entrado já em dias, deveo ao Ceo o conſelho de paſſar á Congregaçaõ da India, acompanhado de alguns Religioſos de grandes eſperanças, ſacrificadas todas ao lucro das almas naquelles Climas. Aſſim ſe offereceo, e aceitou a occupaçaõ de Miſſionario das Chriſtandades de Solor, Commiſſario do Santo Officio, e Governador do Biſpado de Malaca; e partindo por Prelado de cinco Religioſos, com que ſahio da barra de Lisboa, chegou ao Oriente, ſendo Vigario Geral o Meſtre Inquiſidor Fr. Thomé de Macedo, e governando aquelle Eſtado o Conde de S. Vicente, Joaõ Nunes da Cunha.

Paſſados quaſi dous annos, que o Padre Fr. Duarte reſidia em Lifao, aonde naõ deſcançava ſeu zelo no exercicio de reduzir, e bautizar, ſuccedeo que que, morrendo o Rey da terra D. Paulo, lhe quizeraõ fazer os vaſſallos Exequias com as ceremonias, e ſuperſtiçoens Gentilicas, para que ſempre inclina aquelle Povo, por mais que reduzido, e doutrinado. Teve o Padre noticia deſte deſatino, e naõ o ſofrendo o ſeu zelo, acompanhado de alguns Chriſtãos da Povoaçaõ, ſe meteo pela terra dentro; e chegando ao lugar das Exequias, em que achou os Miniſtros ſuperſticioſos, os reprehendeo, e ameaçou da parte da Juſtiça Divina, depois da humana. Eraõ eſtes Chriſtãos ſó no nome, em tudo indignos delle, gente dia-

Morte do P. Preſentado Fr. Duarte Travaſſos.

diabolica, impia, e ouſada; lançaraõ-ſe ao Padre, e aos que lhe faziaõ companhia, e com hum chuveiro de Azagayas lhe tiraraõ a vida, e lançaraõ logo ſeu corpo em hum poço, perſeguindo, e matando os poucos Chriſtãos, que o tinhaõ acompanhado, de que o deſcuido perdeo os nomes, mas naõ ſuas venturoſas almas as eternas coroas.

Correo logo a nova a Lifao, do martyrio do Padre Fr. Duarte, e ſeus companheiros, e lamentando-o todo o Povo como pay, appellou o ſentimento para a vingança, que ſe começou logo a machinar, ajuntando o Capitaõ mór Fernaõ Martins de Pontes a mais gente, que pode, que naõ foy muita, e paſſaraõ a buſcar os delinquentes com maõ armada. Tiveraõ elles aviſo, e eſperavaõ ao Capitaõ defendidos de eſquadraõ numeroſo; mas foy o meſmo aviſtarem-no, que voltarem coſtas, com tal confuſaõ, que quaſi todos perderaõ as vidas; confeſſando depois alguns, que ficaraõ prizioneiros, que o que os puzera em taõ deſatinada fugida, (tantos, e taõ medroſos, de taõ poucos) fora o verem hum Frade de S. Domingos, que no meyo dos noſſos Soldados dava coraçaõ a todos, e ameaçava com eſpantoſa ira os inimigos. Entendeo-ſe, que ſeria noſſo Patriarca, (por naõ haver em Lifao outro Religioſo mais, que o que perdera a vida) que vinha a caſtigar a barbaridade, que lha tirara, e a conſervar aquella Chriſtandade, a que os meſmos delinquentes machinavaõ a ultima ruina, como ſe ſoube, e ſe deſcobrio agora. Foy a morte do Padre Fr. Duarte no anno de 1670.

Contavaõ-ſe os de 1675. quando, infeſtadas as Ilhas dos Rios de Sena do Arabio, invadio a da Amiſſa. Era alta noite, ſahio ao rebate, de caſa, para a Igreja, o Padre Fr. Leonardo de noſſa Senhora, que era Vigario della; conheceraõ-no os inimigos pelo habito branco, e convidando-ſe huns aos outros, ſe arremeçaraõ a elle ás lançadas, com tal furia, e preſteza, que lhe naõ deraõ mais lugar, que de voltar a hum moço, que ſervia na Igreja, e entaõ o acompanhava, e dizer-lhe: *Que eſtiveſſe ſempre firme na Fé*; e cahio logo ſem vida, ficando o barbaro, que lhe deu a lançada, com o braço no ar, ſem mais o menear, nem ſe ſervir delle, como depois ſe ſoube de alguns Chriſtãos, que o viraõ, e dos meſmos Arabios, que aſſim o contavaõ. Tambem cahio logo o moço com o meſmo genero de morte. Perdeo-ſe-lhe o nome, mas naõ o premio della.

Morte do P. Fr. Leonardo de N. S.

Correo tambem a merecello, por zelar a honra de Deos, e os ſeus preceitos, o Padre Fr. Gaſpar Evangeliſta, filho da Congregaçaõ. Aſſiſtia eſte Padre na Igreja de Ade, na Ilha de Timor, em que o puzera a obediencia pelos annos de 1676. Era grande ſua diligencia: achou, que hum Chriſtaõ Macaſſá andava occaſionado com huma mulher, tambem Chriſtãa. Precederaõ as admoeſtaçoens, que continuadas ſem fruto, antes ouvidas com deſprezo, paſſou o Padre á mayor demonſtraçaõ, mandando-o prender, e depois ſoltar, poſta em promeſ-

ſas a emenda; mas foy eſta tanto ao contrario, que na noite ſeguinte, fazendo-ſe o delinquente *Amouco*, (tem eſte nome os que deliberados, e reſolutos, ſahem a tomar vingança, e tirar a vida a quem lhes faz reſiſtencia, até perderem a propria, porque deſtes nenhum eſcapa com ella) entrou em caſa do Padre, e buſcando-o em ſua meſma cama, donde o achou com deſcuido, e ſem reſiſtencia, lhe deu algumas crizadas, e depois o ferio com huma languinata, de que (recebidos os Sacramentos) acabou em breves horas a vida, offerecendo a Deos aquella morte com grande ſofrimento, e conformidade.

Morte do Padre Fr. Gaſpar Evangeliſta.

Aſſim offereceraõ, e ſacrificaraõ a Deos as vidas outros dous Vigarios, ambos de Quirimba, por inteiros na obrigaçaõ do ſeu officio, e zeladores da obſervancia da ley de Deos. Foraõ elles o Padre Fr. Nicolao do Roſario, e o Padre Fr. Gaſpar de S. Miguel, filho da Congregaçaõ. Chegou huma Quareſma, e negou o Padre Fr. Nicolau os Sacramentos ao ſenhor da Ilha filho da terra, mas de pay Portuguez; porque muitas vezes advertido, e admoeſtado continuava com eſcandalo publico (retirado de ſua mulher propria) a converſaçaõ de ſete irmãas Mouras. Poucos dias depois diſpoz o rebelde a vingança, chamando huma noite ao Padre, com hum recado falſo, para huma confiſſaõ: tanto que o teve na rua, elle (e alguns Cafres ſeus) lhe tiraraõ a vida ás eſtocadas, e depois lhe quiz tirar a honra, com hum teſtemunho, que o Ceo liquidou logo. Durou muitos annos o ſangue innocente no lugar do delicto, pedindo vingança contra o ſacrilego, que morreo depois miſeravelmente deſterrado, e perſeguido. Foy a morte deſte Padre no anno de 1637.

Morte do Padre Fr. Niculao do Roſario.

Naõ era menos exacto o Padre Fr. Gaſpar, como grande Religioſo, e bom Letrado. Fezſe na ſua Igreja hum grande deſacato ás ceremonias della em huma Quinta Feira Mayor; era o culpado ſuſpeito na Fé; diſpunha, e diligenciava o Padre, que naõ ficaſſe ſem caſtigo, quando por induſtria do ameaçado lhe deraõ veneno, que conhecido logo, ſe diſpoz com grande conſtancia a eſperar a ultima hora, que naõ tardou muito, que coroaſſe ſua alma no anno de 1663.

Morte do Padre Fr. Gaſpar de S. Miguel.

Corre tambem por obrigaçaõ noſſa a noticia do Padre Fr. Franciſco Donato, Miſſionario Apoſtolico; porque ainda que por Patria Romano, ſendo na profiſſaõ Dominico, (e ſervindo, e acabando nas Miſſoens, que eſta Provincia de Portugal tem no Oriente) aqui ſe lhe deve o lugar entre os que as illuſtraraõ com ſeu ſangue. Foy eſte Padre illuſtre por geraçaõ, mas mais conhecido por eſpirito, virtude, e letras, experiencia, com que a Sagrada Congregaçaõ de Propaganda o mandou por Miſſionario Apoſtolico a eſta grande ſeara. Cultivou-a nas duras ſerras do Malavar, nas Ilhas de Solor, Ceilaõ, Maſcate, Goa, e Moſſe, fazendo grande fruto naquella Gentilidade, como perîto nas linguas. Ultimamente embarcando-ſe de Dio para Maſcate, com intento de paſſar á Curia Romana, encontrando-ſe com quatorze

ga-

galeotas de Mouros Malavares, depois de profiada peleija foy entrado o navio, prezo o Padre, e levado ás embarcaçoens inimigas, aonde os Mouros executaraõ nelle o ſeu barbaro coſtume. Conſeguida a vitoria, ſacrificaõ hum dos prizioneiros á Lua, cortando-lhe a cabeça, e ſalpicando com o ſangue ainda quente as vélas das embarcaçoens. Tentaraõ primeiro o Padre, ſe queria ſeguir ſua ſeita; e vendo, que lhes deſprezava offertas com conſtancia, lhe cortaraõ a cabeça, e offereceraõ ſeu ſangue á Lua, ſalpicando com elle as vélas da Armada. Foy ſeu martyrio pelos annos de 1634.

Morte do Padre Fr. Franciſco Donato.

Naõ deixaremos em ſilencio dous Religioſos, que honraraõ eſtas Miſſoens, ſe naõ com o ſeu martyrio, com o ſeu exemplo; ſe naõ regando-as com o ſeu ſangue, fomentando-as com ſua virtude. Foraõ elles o Padre Fr. Gaſpar de Santo Thomaz, filho da Cidade de Cochim, e da Caſa, que a Congregaçaõ tem nella; e o Padre Fr. Jozé Rebello, filho da Provincia de Portugal, de donde paſſou á India, já creſcido. Viveo o Padre Fr. Gaſpar em Macao vinte annos de vida taõ auſtera, e obſervadas as Conſtituiçoens á riſca, oraçaõ, jejuns, e diſciplinas, continuado tudo com tal rigor, que ſem duvida lhe apreſſou a morte, que eſperou com grande conformidade, e pareceo premio de ſua virtude.

Do Padre Fr. Jozé Rebello, que nos annos proximos ao em que eſcrevemos paſſou de Portugal á Congregaçaõ, temos a noticia de que, aſſiſtindo primeiro em Goa, depois em Macao, paſſou a ſervir as Chriſtandades de Solor, e reſidio em *Sica*, terra de Larantuca, aonde ſe grangeou tal reputaçaõ com o reformado exemplar de ſua vida, e tal affecto dos naturaes com ſeu genio, e brandura, que, ſuccedendo-lhe paſſar a Larantuca, ſe deſpovoava Sica para lhe fazer companhia na jornada, ſeguindo-o todos, como filhos deſconſolados, e pedindo-lhe com lagrimas: *Que lhes reſtituiſſe com preſſa ſua aſſiſtencia.* Aſſim ſervio ella de grandes augmentos áquella Chriſtandade, que quizera mais larga ſua vida; mas quiz o Ceo, que lhe apreſſaſſe a morte a coroa, que tinha ganhado nella. Acabou com grande opiniaõ, deixando a Chriſtandade taõ augmentada, como ſentida, e ſaudoſa.

Eſtes ſaõ os empregos, com que os filhos de S. Domingos ſe eſpalharaõ, e eſtenderaõ (como ainda ao preſente o continuaõ) por aquellas vaſtiſſimas terras, taõ incultas, como remotas, hoje já cultivadas; mas roubando-nos á diſtancia o mais do que ſe tem obrado nellas, eſpecialmente nas Ilhas de Solor, e Rios de Sena, ſem afrouxar (como ſe póde ver no que acabamos de eſcrever) aquelle eſpirito, com que nellas principiaraõ a ſeara do Evangelho, gloria ſem controverſia primeiro da Religiaõ Dominicana, e alguma (como a de Solor) unicamente ſua. Mas como nem o Sol da verdade ſe livra dos vapores da duvida, antes inventada, que naſcida, ou do artificio invejoſo, com que os mal intencionados eſcrevem voluntariamente contra a evidencia, (para que favorecida dos annos

a men-

a mentira vá depois tomando corpo de duvida entre os que tem noticia dos chimericos fundamentos della) ainda que até agora naõ houve inconſideraçaõ, que ſe reſolveſſe a querer tirar aos Religioſos de S. Domingos a primazia, na cultura eſpiritual, e Miſſaõ Evangelica da Ethiopia Oriental, naõ faltou com tudo, quem neſtes tempos quizeſſe reduzir a controverſia, ſe foraõ, ou naõ os noſſos Religioſos, os primeiros, que levaraõ o Evangelho, e colheraõ delle o fruto nas terras da Ethiopia Occidental, reſolvendo voluntariamente, que os Padres da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, foraõ os que ſe adiantaraõ a todos neſta empreza.

Queria fiar a apologia dos Authores, que com tanta clareza fallaõ della, por naõ eſtar coſtumada a Religiaõ de S. Domingos a pôr em diſputas as ſuas glorias. Muito menos eſta, de que naõ quiz mais premio, que ſervir á Igreja, e moſtrarlhe, que os filhos de S. Domingos, como herdeiros dos Apoſtolos, naõ tinhaõ outro Inſtituto, e o bem, que ſabiaõ deſempenhallo. Mas alargarey mais a penna, e com mais modeſtia, que a com que eſte Author coſtuma eſtender a ſua, ſó para lhe apontar os Authores, que mudamente o convencem. Aſſim a pertinacia tiveſſe ouvidos! E a cegueira olhos!

CAPITULO XVI.

Moſtra ſe como os Religioſos de S. Domingos foraõ os primeiros, que levaraõ a Fé á Ethiopia Occidental, converteraõ, e reduziraõ almas naquellas incultas, e vaſtiſſimas terras.

CHamaraõ muitos ao eſcrever, ou provar glorias, e creditos proprios arriſcado, e ſuſpeitoſo emprego; mas quando a verdade as publica, e as pregôa, naõ vem a ſer o eſcrevellas, mais que lembrallas; cautela, com que devem armarſe os Chroniſtas das Familias Sagradas, para que naõ triunfe o tempo do que houve nellas digno de memoria, naõ para ampliar panegyricos, mas para naõ ſepultar exemplos. Eſte deve ſer o intento dos que eſcrevem ſemelhante Hiſtoria, propor a verdade, que coſtuma affeiçoar a razaõ, e favorecida deſta, tem energia para mover ás imitaçoens do que propoem com pureza. O ſegundo intereſſe de ſemelhante Hiſtoria, (ſuppoſta a noticia para erudiçaõ dos homens) he continuar o premio, ou o caſtigo do bem, ou mal obrado na reputaçaõ, que ſe perpetúa a hum, e outro. E quem leva os olhos neſtes precioſos fins, naõ os diverte, nem os occupa com a jactancia de precedencias, e muito menos imaginadas. Aſſim deponho que, naõ por grangear á minha Religiaõ huma gloria já grangeada, já merecida, e já ſua, tomo agora a penna; mas para reſgatar a verdade das mãos de quem a ſepulta, ſendo o officio, e obrigaçaõ do Chroniſta deſenter-

terralla. Porey os ſeus, e os meus fundamentos, como quem narra, e naõ como quem diſputa.

Eſcreve eſte Author, com a deſculpa de proceder com cegueira em cauſa propria, dando aos Padres da ſua Congregaçaõ a gloria (ſaõ palavras ſuas) de ſerem os primeiros, que converteraõ, e bautizaraõ almas nas Conquiſtas Portuguezas. Entendo, que ſeria erro da Impreſſaõ a palavra primeiros; porque naõ he crivel, que ignoraſſe eſte Padre, ſendo taõ noticioſo, que Conquiſta Portugueza foy a de Ceuta, tomada aos Mouros por ElRey D. Joaõ o I. e que nella ſe acharaõ com elle os Religioſos de S. Domingos, com Igreja, Moſteiro, e occupaçaõ de ſeu Inſtituto, que exercitado por largos annos, (que alli fizeraõ aſſento) naõ deixariaõ de exercitallo, naõ ſó em adminiſtrar Sacramentos, mas em reduzir Infieis, que alli ficaraõ cativos. De que bem ſe ſegue, que já os noſſos Religioſos ſe occupavaõ na reducçaõ das almas a Deos nas Conquiſtas Portuguezas pelos annos de 1415, e ainda em Portugal naõ exiſtia a Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, que muitos annos depois foy confirmada por Eugenio IV. Mas paſſemos a mais evidente argumento.

Deſta primeira entrada nas terras de Africa, pelos Religioſos de S. Domingos, lhes ficou como em herança o ſerem os primeiros, que nas Conquiſtas, que ſe foraõ ſeguindo nellas, ſe achaſſem ao lado dos Capitaens Portuguezes, para que igualmente no valor, e deſvelo de huns, e outros, foſſem vencendo a eſpada, e a doutrina. Foy aſſim na expediçaõ de Religioſos para as terras de Congo por ElRey D. Joaõ o II. a que os noſſos paſſaraõ no anno de 1486. Sem duvida naõ correſpondeo o fruto da ſementeira Evangelica á eſperança, com que os Religioſos foraõ principialla, ſendo o intento de ElRey de Beni, que os mandou pedir ao noſſo Monarca, antes politicas da terra, que intereſſes da alma; motivo, com que eſcreveo Maffêo, que os noſſos deixando a infructuoſa aſſiſtencia, voltaraõ para a Patria: *In Luſitaniam irriti redierunt.* Mas naõ he de admirar, que naõ procuraſſe, ou naõ tiveſſe eſte Author outra noticia dos noſſos, tendo-a do fim, que levaraõ, antes por accidente, que por ſubſtancia da Hiſtoria; porque a que ſeguia era a reducçaõ de Beni, que naõ teve effeito. O que naõ tira que o tiveſſe particularmente o emprego Apoſtolico dos noſſos nas meſmas terras, ou em outras viſinhas; progreſſos, de que o Padre Fr. Luiz de Souſa naõ teve noticia, por eſtarem eſtas antes nos Arquivos de toda a Religiaõ em Roma, que nos deſta Provincia. O que ſe póde ver no *Monumenta Dominicana* do Meſtre Fr. Vicente Maria Fontana (Author taõ digno de credito, que o naõ póde fazer ſuſpeito, nem o ſer noſſo) que fallando nos ſerviços, que a Religiaõ fez á Igreja no anno de 1486, e tocando a occaſiaõ de Congo, diz que os noſſos Religioſos reduziraõ, e bautizaraõ, ſe naõ a todo o Reyno, a muita nobreza, e a muitos do Po-

Joan. Pet. Maffæ. Hiſt. 50. dil. 1.

Fontana, Monumenta Dominicana an. 1486. *P.* 3. *c.* 10.

Povo : *Non ſolum multos ex populo , ſed etiam ex nobilibus ſacro regenerationis lavacro Chriſto , & Eccleſiæ adjunxerunt.* E continúa , que depois paſſaraõ alguns deſtes Religioſos ás terras do Preſte Joaõ , aonde levantaraõ Igrejas , e propagaraõ a Fé , ſuperando trabalhos , perſeguiçoens , e difficuldades , em quanto lhes duraraõ as vidas , conſumidas , e ſepultadas naquelle emprego , e naquellas terras : *Aliqui ex ipſis* (continúa o Padre) *ad Abyſſinorum Imperatorem pergentes , etiam ibidem & Cruces , & Eccleſias erexere tanto cum animarum fructu , ut nullus ex eiſdem Prædicatoribus , ærumnis licet , ac laboribus fractus , aſſumptum Apoſtolicum miniſterium deſerere auſus ſit. Sed omnes glorioſe ibidem uſque ad mortem inſudaverint in Gentilium illorum converſione.* Aſſim eſcreve eſte Author , citando o Biſpo de Monopoli , Chroniſta veridico.

Segunda jornada fizeraõ os Religioſos de S. Domingos ás terras de Guiné , depois de bautizado ElRey Bemoy , que o era da eſtendida Regiaõ de Jalofo , e recorrera a ElRey D. Joaõ o II. aſſim para recuperar o Reyno , que ſeu irmaõ lhe tinha tyrannizado , como para receber o Bautiſmo. Com elle mandou ElRey D. Joaõ ao Meſtre Fr. Alvaro Correa , Frade noſſo , e ſeu Confeſſor , homem de grande reputaçaõ em letras , e virtude , com outros Religioſos. Eſcreve-o aſſim Maffêo : *Euangelici quoque præcones impoſiti Alvaro Dominicano præfecto eximiæ virtutis , ac ſapientiæ viro , quo Rex ipſe ad ſacras Confeſſiones uti conſueverat.* O meſmo affirma Joaõ de Barros neſtas palavras , tendo dito da Armada , que ElRey mandara : *E para a converſaõ dos barbaros , alguns Religioſos ; o mayoral dos quaes era Meſtre Alvaro , Frade da Ordem de S. Domingos , e ſeu Confeſſor , peſſoa muy notavel em vida , e letras.*

Joaõ de Barros Decad. 1. l. 3. c. 8.

Aſſim eſcrevem eſtes Authores a ſegunda jornada dos Portuguezes ás terras de Guiné no anno de 1487. como tambem a eſcreveo Reſende ; ſem que Author algum , ou Portuguez , ou eſtranho , faça lembrança de que nellas , aſſim neſta , como na primeira , ſe achaſſem Padres da Congregaçaõ de S. Joaõ Euangeliſta. E que os noſſos Religioſos , ainda neſta ſegunda jornada , ſe empregaſſem na reducçaõ das almas , conſta de algumas Memorias da Ordem : porque entrando alguns por aquellas vaſtas , e deſconhecidas terras , renunciaraõ pelo ſeu Inſtituto da prégaçaõ a Patria , e tiveraõ nellas ſepultura. Digo alguns , e naõ todos , porque achamos na terceira Miſſaõ , pelas Memorias de Fontana , ao Meſtre Fr. Alvaro Correa , que ſem duvida voltou a Portugal com o Capitaõ mór Pedro Vaz da Cunha ; noticias de pouca importancia para os Authores ſeculares , que levaõ os olhos no aſſumpto da ſua Hiſtoria , e naõ nas particularidades dos Religioſos , que quando foy preciſo entraraõ nella. Mas a nós baſtanos delles a geral noticia de que os Religioſos de S. Domingos foraõ os primeiros , que com a voz Evangelica ſaudaraõ as terras daquella Ethiopia ; o que o Author (a quem reſponmos) quer , a voto ſeu , deixar em duvida.

Mas

Mas paſſemos ao que ſem nenhuma podia paſſar no livro deſte Author, que he a terceira Miſſaõ dos noſſos Religioſos, que elle quer para primeira dos ſeus Padres, vindo já taõ tarde, para as duas em que madrugamos tanto; e muito mais tarde, para negocear eſta terceira por ſua, ſendo tanto noſſa, como logo o dirá a evidencia. Foy eſta funçaõ de Congo pelos annos de 1491, e diſpozſe aſſim. Bautizados o Embaixador, e negros, que ElRey de Congo mandara a ElRey D. Joaõ o II. ſe armou no porto de Lisboa huma Armada com tanto deſvelo, como era o alvoroço, com que o noſſo Monarca eſperava todo aquelle Reyno reduzido. Nomeou por Capitaõ a Gonçalo de Souſa; compoz grandioſo mimo para ElRey de Congo, e attendendo ao que mais lhe levava o cuidado, que eraõ os Meſtres da Fé, pedidos por elle, os tirou dos Clauſtros Dominicanos, como de ſeminario, onde reconhecia os mais deſtros eſpiritos, para ſemelhantes jornadas, de que os Reys ſeus anteceſſores tiveraõ largas experiencias. Haviaõ de levantar Igreja, haviaõ de bautizar o Rey, haviaõ de eſtenderſe por aquella terra deſconhecida, eſpalhando a palavra Evangelica; haviaõ de reduzir barbaros, derribar Templos, queimar idolos, e finalmente porſe em campo contra os meſmos demonios. E eſſe era, e he o Inſtituto Apoſtolico dos noſſos Religioſos; eſſa a razaõ, com que para eſta jornada foraõ eſcolhidos os filhos de S. Domingos.

Moſtremos eſta verdade, naõ confirmada com eſta meſma eſcritura; naõ authorizada com a noſſa meſma penna; naõ ſendo nós o unico Author, que nos ſirva de prova, como ſuccede ao que confutamos, que unicamente ſe teve por patrono a ſi meſmo. Mas fallem já por nós os Authores, primeiro os noſſos, depois os eſtranhos. Dizem as noſſas Memorias, que os Religioſos, que neſte anno de 1491 foraõ por ordem delRey Dom Joaõ o II. á reducçaõ de Congo foraõ dez. Quer Fontana, que entre eſtes, (que na ſua opiniaõ naõ foraõ mais que ſeis) ſe conte tambem o Meſtre Fr. Alvaro Correa; e eſcreve neſta fórma: *Mittuntur á Joanne II. Luſitaniæ Rege præter recenſitos anno* 1486. *P. Alvarus eidem à Confeſſionibus, & quinque alii probatæ vitæ, & virtutis viri, de Provincia Portugalliæ, ad Regem Congi, quì Catholicam Fidem prædicantes, Reges Congi ad eandem mediis ſacris ablutioni'us amplexandam. Cooperante Deo induxerunt, cum magna Procerum Regni multitudine, copioſiſſimaque populi frequentia; Regem quidem Joannem; Reginam verò Eleonoram, & primogenitum illorum Alfonſum, nuncupantes, in memoriam Regum Luſitaniæ, viventium. Innumera Idola igne conſumpſere, atque Eccleſiam grandem ſub invocatione S. Crucis ibidem 5. nonas Maii, jactis fundamentis, conſtruxere. Quæ Epiſcopalis Sedes effecta eſt. Ibique noſtri Prædicatores per annos quinquaginta conſiſtentes, maximos Chriſti Eccleſiæ fructus dedere.*

Fontana, Monumenta Dominicana. P. 3. c. 11. an. 1491.

Aponta o meſmo numero de Religioſos de S. Domingos, ainda que differe no Prelado delles Fr. Affonſo Fernandes, aſſentando, (o que he mais com-

Fr. Alonſo Fernandes. Hiſtoria Eccleſiaſtica l. 2. c. 21.

mum) que o fora o Meſtre Fr. Joaõ de Santa Maria; e eſcreve neſta fórma: *Deſpues el año de 1491. embió ElRey D. Joan una Armada de tres navios, embiando por General dellos a Gonſalo de Souſa, y en falta deſte a ſu hermano Rodrigo de Souſa. En eſtos navios fueron por ordem de Su Mageſtad algunos Religioſos de S. Domingos, y por Superior uno llamado Fray Joan con otros cinco, para que predicaſſen el Santo Euangelio en el Reyno de Congo, y batizaſſen a los que convertieſſen.*

Aſſim eſcreve eſte, e outros Authores noſſos; mas ſe lhe naõ baſta contra a impraticavel ſuſpeita de proprios, o reconhecerem-ſe por fidedignos, paſſemos aos eſtranhos, e ſeja o primeiro o Padre Maffeo, que ainda que naõ traz o numero certo dos Religioſos (circumſtancia aſſás ligeira para a ſubſtancia da Hiſtoria) affirma que eſtes Religioſos foraõ de S. Domingos neſta fórma: *Neque Neophiti modo, ad ſuos remiſſi, verum etiam, & Sanctiſſima Dominicana Familia tres viri probatæ virtutis, atque doctrinæ, delecti, quia apud eoſdem Æthiopes, & docendi, & initiandi officio fungerentur.* *Maffe. l. 1. Hiſtoria India*

Que foſſem Religioſos de S. Domingos os que acompanharaõ neſta occaſiaõ a Gonçalo de Souſa; que aportaſſem nas terras de Maniſono, tio delRey de Congo; que á ſua inſtancia lhe deſſem os noſſos Religioſos o Bautiſmo em dia de Paſcoa 3. de Abril de 1491; que lhe puzeſſem por nome Manoel, e a ſeu filho menor Antonio; que paſſaſſem depois á Cidade de Ambaſſe, aonde os eſperava o Rey, e lhe deſſem hum rico preſente, levantaſſem a Igreja de Santa Cruz, bautizaſſem ao Rey, e Rainha, com os nomes de D. Joaõ, e de Dona Leonor, tomados dos noſſos Reys, e ao Principe com o nome de D. Affonſo, tomado do noſſo Principe, e as mais circumſtancias, que com elegancia narrativa continúa o Padre Fr. Luiz de Souſa, tudo eſcreve, e narra o Biſpo Barbuenſe, por eſte eſtylo: *Eodem tempore felicibus conatibus Joannis Regis Luſitaniæ, propagata eſt fides Chriſtiana in Regno Congi, de quo cæptum eſt agi ſuperioribus annis. Cum enim nobiles illi, quos diximus in Luſitaniam adductos, ſuſcepto Baptiſmo, biennium ſumma cum diligentia, Chriſtianis moribus, & inſtitutis imbuti ad ſua remiſſi fuiſſent; una cum nonnullis Patribus Dominicanis, tribus navibus armatis, Jub ducatu Gonſalvi Soſæ (cui inter navigandum peſte extincto, Rodericus fratris filius omnium conſenſu ſuffectus fuit) ubi primum ad litus Congi appulere, Regis patruus, qui ſono Maritimæ Congi plagæ, imperitabat, jam ſenex Baptiſmum cupidiſſimè ſuſcepit, &c.* *Spondanus Armada Eccleſiaſtica anno 1491. N. 7.*

O meſmo eſcreve Fr. Antonio de S. Romaõ, Monge Benedictino na ſua Hiſtoria Geral da India, aſſentando, que os Religioſos, que entraraõ, e fizeraõ o primeiro Bautiſmo em Congo, acompanhando a Gonçalo de Souſa, e depois a ſeu irmaõ Rodrigo de Souſa, foraõ os Religioſos de S. Domingos, por eſtas palavras: *Yá pues, que pareciò eſtar ſufficientemente inſtruidos en los myſterios de nueſtra Santa Fé, mandò el Sereniſſimo Rey armar una flota, en que bolvieſ-* *S. Romaõ Hiſtoria da India l. 1. cap. 4.*

vieſſen a ſu tierra las primicias de la Chriſtianidad della , y Religioſos de Santo Domingo , para predicar , y baptizar con ampliſſima poteſtad de Su Santidad. Dioles un rico preſente , y artifices , para que llevantaſſen Igleſias , con otras coſas , a que acudia ſu liberalidad generoſamente , porque le era muy natural. Fué nombrado Embaxador , y Capitan General de la jornada Gonçalo de Soſa , &c.

Venha o meſmo teſtemunho de Authores ſeculares , e ſeja de hum Meſtre delles , Joaõ de Barros , que com mais individuaçaõ , e particularidade conta a entrada , e reducçaõ de Congo pelos Portuguezes , neſte anno de 1491. dizendo , que os Miniſtros della foraõ Religioſos de S. Domingos ; e confórme a ſua narraçaõ , o numero delles , que foraõ ſeis , de que era Prelado Fr. Joaõ , que nas noſſas Memorias foy o Meſtre Fr. Joaõ de Santa Maria , homem de grande , e igual nome em letras , e virtude. As palavras de Joaõ de Barros , depois de eſcrever , que eſtes Religioſos chegaraõ ás terras de Maniſono , e lhe deraõ o Bautiſmo , paſſando depois á Corte delRey de Congo , ſaõ as ſeguintes : *Ruy de Souſa com os Sacerdotes , e Religioſos , de que o Mayoral delles era Fr. Joaõ , da Ordem de S Domingos , (paſſados os primeiros dias de ſua chegada) ordenaraõ , que ſe fizeſſe huma Igreja de pedra , e cal , ſegundo lhe por ElRey D. Joaõ era mandado , para a qual obra traziaõ ſeus officiaes.* E ſeguindo a mais narraçaõ dos Bautiſmos dos Reys , ao fallar na volta de Ruy de Souſa para Portugal , diz que deixara na Corte de Congo a Fr. Antonio da Piedade , que ſuccedeo na occupaçaõ de Vigario , por morte de Fr. Joaõ de Santa Maria , (que tambem deixa apontada) e mais quatro Frades , que ficaraõ correndo com aquellas Chriſtandades ; dillo no modo ſeguinte : *E tornando á Cidade , expedioſe Ruy de Souſa para eſte Reyno , leixandolhe para a converçaõ dos Povos Fr. Antonio , que era a ſegunda peſſoa , depois de Fr. Joaõ , e outros quatro Frades.*

Joaõ de Barros , Decada 1. l. 3. c. 9.

O que ſuppoſto , he apocrifo , e ſem nenhum fundamento o que narra da ſua Congregaçaõ o Author , que confutamos , attribuindo-lhe a primazia da converſaõ de Congo , e tresladando quaſi hum Capitulo do noſſo Chroniſta , o Padre Fr. Luiz de Souſa , accommodando o nome do Meſtre Fr. Joaõ de Santa Maria , Vigario da noſſa Miſſaõ , ao ſeu Padre Joaõ de Santa Maria , de que ſómente , depois em tempo delRey D. Manoel , ſe acha memoria. Aſſim eſcreve eſte Author , ſem mais authoridade , e teſtemunho , que o proprio , quando os Authores todos , que apontamos (e ainda o que nos naõ favorece) dizem o contrario. Aſſim ſe póde ver nelles , ſem que em algum ſe ache memoria deſtes Padres em Miſſoens de Congo , ſenaõ no reynado delRey D. Manoel , tempo em que já aquelle Reyno eſtava reduzido ; verdade , que o meſmo Author reconhece , trazendo-os ſó deſſe tempo ; e ſe os teve antes , como os aponta ſó depois ? Sendo toda a controverſia na primazia , que eſcreve deſauthorizada , e authorizando a Miſſaõ por ElRey D. Manoel , em que ninguem poem duvida.

Sem nenhuma ſe póde crer, que naõ achou o Author algum, (ainda deſvalidos, e de menos nome) porque naõ fio da ſua grande noticia, que ſe o houveſſe, lhe eſcapaſſe, nem da memoria, nem da diligencia; aſſim foy eſcuſada eſta de querer coroar a ſua Congregaçaõ com o trabalho alheyo, que eu fio, que ella ſe dá por ſatisfeita da gloria de entrar nas terras de Congo com grande intereſſe, e lucro das almas, muito depois dos filhos de S. Domingos, primeiros Meſtres dellas. Aſſim o vem a dizer os Authores, que o Author cita no reynado delRey D. Manoel, tempo, em que os Padres *Ceruleos*, como diz Maffeo, ou os Padres *Azuis*, como diz o noſſo Fernandes, paſſaraõ áquellas terras a edificar novo, mas naõ primeiro Templo, com grande, mas naõ primeiro fruto; o que naõ negamos, nem podemos negar, reconhecendo a authoridade dos Authores, que tanta verdade fallaraõ neſta Miſſaõ dos Padres da Congregaçaõ, que foy a ſua primeira, como na noſſa, e nas noſſas, que foraõ primeiras que a ſua.

Maffe. l. 4. Hiſtor. da India, Fernandes l. 2. c. 21.

Nem ſe deve crer, que taõ grandes Authores, que por officio ſaõ indagadores das verdades, e linces dos tempos, houveſſem de ignorar huma jornada de tanta conſequencia, e tanto apparato, como foy a da primeira converſaõ de Congo, para dizer eſte Author, (apontando tantos em ſeu favor, e da Miſſaõ no reynado delRey D. Manoel) *Que eſtes eſcreveraõ ſó deſta ſegunda, porque ignoraraõ a primeira.* O certo he, que todos fallaraõ na jornada, e os mais delles apontaraõ os noſſos Religioſos nella; e os que o naõ fizeraõ, podiaõ ignorar eſſa circumſtancia, mas nenhum o geral da noticia.

Suppoſta eſta, eſcuſada era a reflexaõ ſobre os fundamentos do Author, que mal podem ter eſte nome, contra verdade taõ limpa, e deſembaraçada; e entendia eu que, bem reparado o que temos dito, baſtava o ſerem propoſtos, para ficarem reſpondidos; mas em veneraçaõ do Author, farey antes memoria, que diſputa delles.

He o primeiro a contrariedade, que ſe acha entre os dous Eſcritores, Garcia de Reſende, que favorece neſta primazia de Congo aos Padres Franciſcanos, e Joaõ de Barros aos Dominicos. O que daqui ſe ſegue he, que perdendo-a huns, ficaraõ com ella os outros. Mas aos Padres da Congregaçaõ naõ ſey, que lhes poſſa ſervir de conſequencia a noſſa controverſia, porque ſem patrono naõ podem entrar neſta, e ſem os terem melhorados, naõ tem conſequencia. Entre as duas Religioens podia haver litigio, porque ambas ſe fiariaõ com juſtiça nos patronos, que tinhaõ para ella; mas que tem os Padres da Congregaçaõ, (em que ninguem deu pennada) para virem levar a primazia, como por concerto da contenda?

A verdade eſtá afiançada em mais; e póde neſte ponto authorizalla mais Barros, que Reſende, olhando para o emprego da narraçaõ de hum, e outro. Reſende eſcrevia a vida de hum Rey; Barros a reducçaõ de hum Reyno por ſeu mandado; e o que para eſte era principal, viria

ria a ſer para aquelle acceſſorio. Para a noticia do Rey era eſſencial ſaber-ſe, que mandara reduzir o Reyno; para a noticia do Reyno reduzido, era eſſencial ſaber-ſe dos Miniſtros da reducçaõ; e aſſim para Barros era ponto grave o apontar os Religioſos; para Reſende de pouco momento ſerem eſtes, ou aquelles. Mas por hora naõ he a controverſia com os Religioſos de S. Franciſco.

Quanto ao que recorre o Author, fazendo força na queixa do Padre Fr. Luiz de Souſa contra os Authores ſeculares, he falſo o ampliar a queixa, que o Padre dirigia a determinada materia, dizendo ſó, que naõ havia que attender a Authores ſeculares, porque nunca davaõ aos grandes Religioſos os premios, que ſe lhe deviaõ nos eſcritos; e o condemnallos neſta materia de curtos, e eſcaſſos, naõ era depollos da authoridade de verdadeiros, mas culparlhes a deſattençaõ de diminutos. E iſſo eſtamos vendo no meſmo Author, de que nos temos valido, que naõ podendo deixar de apontar os noſſos Religioſos, como parte eſſencial da reducçaõ de Congo, que eſcrevia, falla no Meſtre Fr. Joaõ de Santa Maria, tocando-lhe ſó o nome, e naõ reparando no grande, que lhe davaõ ſuas letras, e virtude, quando Maffeo, Eſcritor Religioſo, fallando em que foraõ trez os noſſos Religioſos da Miſſaõ, os acompanha com a noticia de virtude, e ſciencia conhecida, e examinada: *Viri tres probatæ virtutis, & doctrinæ.* Com que o Padre Fr. Luiz naõ deſconheceo nos Authores ſeculares a verdade no preciſo; culpou-lhes o attenderem pouco ás individuaçoens, que aos Religioſos podem ſervir de muito.

He o ſegundo fundamento do Author, o mandar ElRey, que os primeiros Ethiopes, que vieraõ de Congo a eſte Reyno, ſe recolheſſem em Santo Eloy, para os induſtriarem, aſſim no idioma, como na doutrina. Aſſim o concedo, ainda que os Authores naõ façaõ diſſo caſo, dizendo ſó, que ElRey os mandara entregar a peſſoas Religioſas: de que ſe infere, que bem podiaõ naõ ſer ſó eſtes Padres os Meſtres, e ſe podiaõ tambem repartir por outras caſas os hoſpedes. Mas naõ recorrendo a razaõ taõ achada, que tem a aſſiſtencia do Moſteiro, para adiantar os Padres na reducçaõ de Congo a outros, que lhe pertencia a prégaçaõ por Inſtituto? He o meſmo doutrinar huma familia, que reduzir hum Reyno? ElRey D. Joaõ, como quem tinha grande comprehençaõ do ſeu, achou em Santo Eloy melhor commodo para hoſpedar, e doutrinar os negros, que nos Clauſtros de S. Domingos; porque aquelles Padres, nas horas, que lhe ficaſſem livres da continuaçaõ do Coro, ſe podiaõ occupar no enſino; o que naõ era facil nos noſſos, tendo-as taõ occupadas, e medidas, que do Coro paſſaõ á applicaçaõ do Pulpito, e das Aulas. E quando naõ houvera eſta arrezoada congruencia, bem ſe vê, que naõ conclue o paſſar á primeira reducçaõ da Ethiopia, por doutrinar os primeiros negros, couſa, que indifferentemente podiaõ fazer quaeſquer Religioſos; e muito menos, naõ

tendo a Caſa de Santo Eloy, por ſer entaõ eſcolhida para Eſcola, o foro de Seminario dos Cathecumenos, e Hoſpicio de Miſſionarios; porque na vontade, e eſcolha delRey eſteve o buſcar eſtes Padres para aquella occupaçaõ, e o eſcolher os noſſos para aquelle emprego. E tendo nós da verdade deſte tantos Authores, e naõ tendo nenhum os Padres, bem ſe vê, que da aſſiſtencia dos negros ſe lhe naõ ſegue a conſequencia de Miſſionarios, e muito menos de primeiros.

He o terceiro fundamento do Author, que os Reys de Congo, apparecendo em publico, ſe veſtem de azul, em fórma de opa, como a que trazem os Padres. Bem ſe vê, que conſequencia ſe póde tirar deſtas premiſſas. Porque os Prégadores Evangelicos naõ paſſaraõ a Congo a levar moldes de veſtidos, a veſtir ſim áquelles barbaros, antes as almas, que os corpos. Nem dos novamente reduzidos á Igreja, pelo Bautiſmo, ſabemos mais, que o que ſe uſava na Primitiva, que era, como aponta Tertulliano, veſtirem-lhe huma tunica branca. Eu me convenço, que eſſe uſo nos Ethiopes de Congo, he inclinaçaõ á cor azul, como vemos em outros negros a grande, que tem ao encarnado. E quando queiraõ os Padres ter eſſa gloria, nem aſſim ſe infere a primazia, que muy bem podiaõ os Reys de Congo, (que ſe foraõ ſeguindo) uſar da opa, que imitaſſem dos Padres, que depois foraõ ao ſeu Reyno, como foraõ de facto em tempo delRey D. Manoel. E quando naõ queiraõ eſtar por eſta razaõ, ſerá preciſo authenticar, em como andou veſtido de azul o primeiro Rey de Congo, que recebeo o Bautiſmo. E ainda iſto ſuppoſto, podiamos reſponder, que o Bertangil ſeria a Purpura daquella Coroa.

Albis induitur veſtibus. Alcuinus annot. in lib. de Bapt.

Quanto ao que accreſcenta o Author das Armas do Principe de Congo D. Affonſo, Cruz branca em campo azul, cores, que tomou dos primeiros Padres, mais ponderoſa razaõ he, que com a Fé, e nome de Principe Portuguez, tomaria tambem eſcudo de algum modo accommodado ao de Portugal, que entaõ tinha reformado ElRey D. Joaõ o II. Conquiſtador de Congo, que era, como o vemos agora, em campo de prata cinco eſcudos azuis, poſtos em fórma de Cruz. Aſſim compoz aquelle Principe o ſeu eſcudo, mudando as cores do branco, e do azul na Cruz, e no campo; ou tambem ſeria a Cruz branca em campo azul, em memoria da que appareceo no Ceo clara, e luzida, dando-lhe victoria contra ſeu irmaõ, (como depuzeraõ os vencidos, e prizioneiros) já que havemos de continuar o paradoxo de ſer o Ceo azul, como ſe tivera cor o Ceo, naõ o dizendo S. Paulo, que (entre os vivos) vio o terceiro. Mas ſe o azul do eſcudo faz argumento para os Padres, porque o naõ faria o branco para os noſſos; ſe litigaſſemos pela cor, ou a houveſſemos de dar aos noſſos fundamentos, que a naõ neceſſitaõ por ſolidos? Mas entremos a partido no eſcudo de Congo, lembrados de que a primeira Igreja, que alli levantámos, ſe chamou Santa Cruz, e que a do eſcudo nos pertence por branca.

Aſſim

Aſſim ſeja a Cruz noſſa, que depois lhe deixamos o campo livre. O fundamento nos deſculpa ſemelhante repoſta.

A que damos ao quarto fundamento, deve ſer taõ occulta, como elle o he para nós, eſtabelecido na verdade dos ſeus Cartorios, naõ havendo memoria nas quaſi infinitas dos noſſos, que naõ dê por couſa aſſentada, ſerem os noſſos Religioſos os primeiros Miſſionarios de Congo. Quanto ás Proviſoens delRey D. Joaõ, provaráõ a aſſiſtencia dos negros na Caſa (de que deixamos a duvida, ou concedemos a certeza) ou faraõ fé de algum gaſto, que ſe fizeſſe com os meſmos na jornada de 1491, ou com os Meſtres, que antes da jornada os adeſtraraõ na doutrina. E ſe a tal Proviſaõ exiſte, deſcuido foy do Author naõ lançalla para teſtemunha. E ainda lançada, correria com a ſuſpeita, de que ſe lhe podia mudar huma clauſula, ſendo eſta contra tantos Authores, como os que nos ſervem de prova. Se ainda nos replicarem, que eſta he infima, reſponderemos, que nos moſtrem por ſua parte outra tanta.

A authoridade de Jorge Cardoſo (emendando no terceiro Tomo, o que tinha errado no primeiro, por ver o Cartorio de Santo Eloy, ou de Xabregas) vendo os noſſos, poderia tambem emendar no quarto, o que tinha dito no terceiro. Naõ fio eu menos dos noſſos Cartorios, a quem o dos Padres naõ pode vencer, nem em papeis, nem em annos; naõ recorrendo ás Memorias de toda a Religiaõ, depoſitadas no Arquivo de Roma, eſpecialmente ás das Conquiſtas Portuguezas, (pelos Miſſionarios, que tivemos nellas) que foraõ, e vaõ ſempre remettidas das meſmas ás mãos dos noſſos Geraes, que as poem no Tribunal de Propaganda, aonde a verdade ſe purifica.

Finalmente digo que eſcreveo bem Jorge Cardoſo no primeiro Tomo, dizendo, que os Monges de S. Bernardo foraõ os primeiros, que foraõ a Congo; e naõ menos eſcreveo bem no terceiro Tomo, dizendo, que os Conegos de S Joaõ Evangeliſta foraõ os primeiros, que foraõ a Congo, que tudo foy certo, porque os Padres Bernardos ſeriaõ os primeiros dos Monges, e os Padres da Congregaçaõ os primeiros dos Conegos ſeculares; que de Miſſionarios, ſó os filhos de S. Domingos, que eſtimaõ a primazia, porque no ſeu Inſtituto ſeria deſcuido o naõ deſempenhalla.

CAPITULO XVII.

Do que pertence aos Conventos dos Irlandezes, que a Religiaõ tem na Provincia de Portugal. Vem a eſte Reyno o Meſtre Fr. Domingos do Roſario. Funda Hoſpicio, e depois Collegio, para os Miſſionarios de Irlanda, ſua Patria; da-ſe noticia deſte Padre.

NAõ tenha Portugal ſó a gloria de ſer Seminario de Santos, como até agora temos moſtrado neſta Provincia, e ſeus filhos, criados nos Clauſtros Dominicanos; mas poſſa tambem gloriarſe de que até a hoſpedagem, que dá aos Eſtrangeiros, lhe

lhe ſerve de Eſcola para ſahirem, ou ſe conſervarem virtuoſos. Deſta verdade podem ſer prova os Conventos, Moſteiros, Collegios, e Hoſpicios, que Italia, França, e Inglaterra tem neſte Reyno, e neſta Corte, com muita edificaçaõ della, e delle. Bem parece Portugal Reyno de Deos, e ainda que o mais pequeno da Europa, mimoſo aſſim da Divina Providencia, como ſe para ſi ſó tomara, e conſtruira as palavras de Chriſto: *De que o pequeno rebanho teria a herença do ſeu Reyno.* Pequeno rebanho ſaõ os Portuguezes, menos em numero, que as outras naçoens, mas taõ favorecidos de Deos, que o Reyno, que lhes deu, foy o ſeu Reyno. Com eſte nome authorizou a Portugal o Rey dos Reys fallando deſde o Throno da Cruz ao primeiro Monarca Portuguez no Campo de Ourique. Aſſim he ſeu eſte Imperio; aſſim deve ter nelle a virtude o ſeu Seminario Mas tenha agora eſſe nome pelos grandes hoſpedes, que vem a buſcar nelle Sagrado, e domicilio. Hoſpedes grandes na virtude, e nas letras (duas columnas, em que ſe ſuſtenta, e com que ſe authoriza a Igreja) os Religioſos Irlandezes da Ordem dos Prégadores. Deſtes, como aſſiſtentes neſta Provincia, ou da Caſa, que tem nella, daremos, e devemos dar noticia, ainda que recopilada, como tambem das Religioſas Irlandezas, e da ſua Caſa, de que foy Fundador o Meſtre Fr. Domingos do Roſario, da meſma naçaõ, Varaõ de eſpirito verdadeiramente Apoſtolico. Tudo ſaõ noticias, de que he acrédora eſta Provincia, como ellas do lavor, e trabalho da noſſa penna.

Nolite timere pusillus grex qui complacuit Patri veſtro dare vobis regnum. Lucæ 12.

Volo in te, & ſemine tuo Imperium mihi ſtabilire.

Corria o anno de 1658. quando o Meſtre Fr. Domingos do Roſario, (de que depois daremos mayor noticia) chegado a Portugal com dous companheiros, e bem recebido neſta Provincia, e hoſpedado em S. Domingos de Liboa, alcançou da Rainha Dona Luiza de Guſmaõ, que por morte de ElRey D. Joaõ o IV. governava eſte Reyno, licença, para levantar hum Collegio para os Religioſos de Irlanda. Propunha a eſta Senhora: *Que o Reino de Irlanda eſtava deſtituido de Miniſtros Euangelicos, deſde o tempo de Henrique VIII. de Inglaterra, e da Rainha Iſabel'a ſua filha, impios flagel'os dos Catholicos. Que alguns Religioſos Dominicos, deſtemidos ao ameaço do garrote, e do cutello, tinhaõ ficado eſcondidos, e diſfarçados, para alimentar os filhos da Igreja, que a reconheciaõ Mãy, ainda perſeguida. Que eſtes Padres com grande trabalho, e riſco, induſtriavaõ na Fé, e depois lançavaõ o habito, e profeſſavaõ a alguns moços nobres de melhor genio, e partes, e eſpalhando-os depois pelas Provincias de Italia, e Fraãça, em que ſe cultivaſſem nas letras, e regular obſervancia, os capacitavaõ, para voltarem Miſſionarios de ſua Patria. Que eſte motivo o trazia a Portugal (como a centro da piedade, e da Religiaõ) para alcançar a licença de levantar hum Collegio, em que eſſes Religioſos Irlandezes achaſſem doutrina, e gaſalhado. Que no tempo calamitoſo de Caſtella naõ arribara a ſua pertençaõ mais, que a conſeguir hum Hoſpicio, em que havia trinta annos, que ſe padeciaõ deſcommodos*

na

na eſtreiteza das Caſas, pouco retiradas do trafego do Povo para a continuaçaõ dos ſeus eſtudos, e exercicios religioſos. Razoens todas propoſtas, e ordenadas pelo Meſtre Fr. Domingos, talento, que avultava muito, aſſim nas eſtimaçoens da Rainha, como de toda a nobreza, porque eraõ nelle iguaes a refórma, o juizo, as letras, e as noticias.

Mandou a Rainha paſſar a licença, para que ſe podeſſe fundar Collegio em qualquer ſitio da Corte, que podeſſe ter até cincoenta Religioſos, e de renda até cinco mil cruzados; e como neſta Senhora eraõ nativos o zelo, e a grandeza, dotou logo de rendas perpetuas o Collegio, e offereceo o preço, porque ſe compraſſe o ſitio. Achou-ſe eſte em hum pedaço de campo livre, e direito, que corre entre o Remolares, e o Corpo Santo. Aqui ſe levantou o Collegio, com a frontaria, e porta da Igreja no terceiro da Corte Real. He a Caſa na Architectura de pouca fabrica, antes de quem fundava Aula, que vivenda; ou antes de quem lavrava Armazem para prover os Soldados de Chriſto, que Palacio para os recolher com deſcanço, e regalo.

Achado o ſitio, e comprado, naõ ſem grandes difficuldades, que depois creſceraõ em embargos de partes intereſſadas nelle, mas deſarmado tudo com ſuavidade da Provincia, que favorecia taõ ſanta obra, ſe decretou o dia para ſe lançar a primeira pedra (que foy em hum Domingo 4 de Mayo de 1659.) Liaõ-ſe nella gravadas eſtas letras:

A Sacra Real Mageſtade da Rainha de Portugal Dona Luiza de Guſmaõ, fundou eſte Moſteiro para os Religioſos Irlandezes de S. Domingos, dedicado a noſſa Senhora do Roſario, e ao Patriarcha S. Domingos, em 4 de Mayo de 1659.

Fez a ceremonia o Biſpo de Targa, e eleito de Lamego D. Franciſco de Sottomayor; aſſiſtiraõ os Inquiſidores, Miniſtros de Tribunaes, Prelados, e peſſoas mais notaveis; a Communidade de S. Domingos de Lisboa, muſica da Capella Real, Sermaõ do Meſtre Fr. Fernando Sueiro, Prégador delRey. Concorreo toda a nobreza da Corte, muito Povo, alvoroçados todos de verem melhorar de hoſpedagem os Religioſos; aſſim os tinha ſeu procedimento, ſeu preſtimo, e ſuas letras, bemquiſtos. Vinhaõ já os Religioſos em fórma de Collegio. Continuaraõ-ſe com calor os eſtudos, e naõ menos, nas vagantes delles, os exercicios do Coro, e Confeſſionario. Aſſim ſe começaraõ a criar aquelles deſtemidos eſpiritos, deſtinados a ir arvorar os Eſtandartes da Fé nas Campanhas da hereſia. Aſſim começou eſte Seminario de letras, e virtude a povoar o Reyno de

Irlanda de zeloſos Miſſionarios, conhecendo-ſe grande fruto na ſeara Evangelica, regada com o ſangue de muitos, de que daremos breve noticia, naõ reduzindo a numero os que conſumiraõ a vida no exercicio Apoſtolico da doutrina, adminiſtraçaõ dos Sacramentos, e conſolaçaõ de Catholicos affligidos, e deſamparados.

Foraõ os Martyres, e os Meſtres, que eſte Collegio tem dado ao Ceo, e a Irlanda, vinte e nove; de alguns ſe ſabe alguma ſingularidade. Deſtes foy o primeiro o Padre Fr. Arturo Geochogan, que no anno de 1631 paſſando do Hoſpicio de Lisboa a Irlanda, foy prezo por hum teſtemunho, maquinado pelos hereges. Sentencearaõ no á morte de garrote, e meyo vivo lhe tiraraõ o coraçaõ, e entranhas, que lançadas no lume por hum blasfemo, lhe tremeo, e ſe lhe deſconjuntou o braço, com que o tinha feito, e dando lhe huma cruel dor nas entranhas, perdeo a vida em poucas horas. Lançadas no fogo as entranhas, deſpediraõ de ſi taõ activa, e ſuave fragrancia, que admirados os meſmos hereges, foraõ as primeiras teſtemunhas della; prodigios, que obrigaraõ a ElRey Carlos I. (com quem teſtemunharaõ traydor ao Padre Arturo) a que de novo ſe examinaſſe o delicto, e achada ſua innocencia, ſe puzeſſem editaes para publicalla. Confeſſaraõ-na tambem os Miniſtros, porque hum dos que lhe deraõ ſentença, quebrou por modo extraordinario huma perna no meſmo dia.

O P. Fr. Arturo Geochogan Martyr.

O P. Fr. Giraldo Dillon Martyr.

Foy o ſegundo Martyr o Padre Fr. Giraldo Dillon, de illuſtre naſcimento, e ſingulares prendas; vivera eſte Padre alguns annos no Collegio, ſendo Vigario, e paſſando a Inglaterra, e achando-ſe em Londres, acompanhou a Carlos I. quando entrou a ſubjugar os hereges. Deu-lhes batalha junto á Cidade Eboracence, em que os Parlamentarios ficaraõ vitorioſos. Aqui foy prezo o Padre Fr. Giraldo, e conhecendo os inimigos da Fé, que era Religioſo, o meteraõ em hum carcere eſcuro, aonde negando-lhe todo o ſuſtento, acabou a vida ás vagaroſas, e tyrannas mãos da falta delle.

Com mais violento martyrio coroou a ſua o Padre Preſentado Fr. Lourenço Ofarail, de igual nobreza; fora Reytor do Collegio, de donde paſſou á ſua Patria, Irlanda, e occupado pelo Nuncio Apoſtolico della, (Joaõ Bautiſta Renumecino, Arcebiſpo, e Principe de Fermo) deraõ com elle de improviſo os hereges, e achando-lhe algumas cartas, tocantes a importancias de Fé, foy ſentenceado á morte, e cuberto primeiro de violentos golpes, de duros, e groſſos baſtoens, e quaſi ſem vida, atado a hum maſto, o fizeraõ alvo de muita moſquetaria. E porque o Ceo lhe dilatava ainda a vida, para lhe accreſcentar a coroa, o atraveſſaraõ com huma eſpada, e paſſou a recebella.

O P. Fr. Lourenço Ofarail Martyr.

Soube-a tambem merecer o Padre Meſtre Fr. Thadeo, por geraçaõ illuſtre, mas ainda mais pela grande reputaçaõ em letras, e virtude. Eſte Padre, depois de viver alguns annos no Collegio, paſſou a Irlanda, em que foy Prior do Convento Tra-

O M. Fr. Thadeo, Martyr.

Tralienſe, na Provincia de Momonia, em que ſe eſtendeo a fama de ſeu grande zelo em conſervar, e augmentar a Fé. Convidou eſta voz a diligencia, e odio dos hereges. Prenderaõ-no com induſtria, e chamado a Tribunal, e pergantado pelos Juizes, porque quebrara as ordens do Parlamento, que mandara ſahir do Reyno a todos os Eccleſiaſticos? Reſpondeo com liberdade, e inteireza Apoſtolica: *Porque tenho mais obrigaçaõ de obedecer a Deos, e a quem na terra tem as ſuas vezes, que me ordenou, que naõ deſiſtiſſe do meu miniſterio, que naõ a mandado de algum homem.* Com eſta confiſſaõ o ſentencearaõ á morte; nova, que elle ouvio com alvoroço, repartindo em alviçaras com qnem lha deu, e com os algozes, o que lhe tinhaõ dado de eſmola para ſuas neceſſidades. Foy condemnado a garrote, e ſuſpendendo-ſe ao pé da forca com inflexivel animo, e coraçaõ, naõ ſó deſtemido, mas inflammado em ſuperior fogo, fez hum largo Sermaõ em louvor da Religiaõ Catholica, porque dava a vida. Ponderou a brevidade della, propondo a formidavel incerteza da ſua ultima hora, (e como outro André engrandecendo a Cruz, que foy ſeu patibulo) louvou, e engrandeceo o martyrio, e ſegurança do caminho, com que delle ſe paſſava ao immortal triunfo. Aſſim acabou conſtantemente a vida, deixando admirado o innumeravel Povo, que correo ao eſpectaculo, eſpecialmente aos circumſtantes, e algozes, vendo que ſe lhe trocava, e veſtia o roſto (de ſeco, e macilento do rigor do carcere) em huma nova gentileza, que parecia mais que humana. Foy ſeu martyrio em Outubro de 1653.

Cum Ægeas Crucis extollentem myſteria.. diutius ferre non poſſet, in Crucem tolli, & Chriſti mortem imitari juſſit. Ex feſto S. Andre Ap.

Mas tenha eſta Provincia a gloria de dar ás bandeiras de Chriſto naquelle Reyno hum Soldado, naõ ſó criado, mas filho della, porque o foy de habito do Convento de Bemfica. Foy eſte o Padre Fr. Mileno Matrah, que na profiſſaõ, e Provincia de Portugal ſe chamou Fr. Miguel do Roſario. Eſtudou em S. Domingos de Lisboa. Paſſou logo para o ſeu Collegio, e depois de alguns annos, para Irlanda, aſſim inflammado no zelo do exercicio Apoſtolico, que ſabendo, que faltava Miniſtro delle na Cidade de Cluonmilia, dominada dos hereges, entrou nella deſconhecido, conſolando os Catholicos, e miniſtrando os Sacramentos, occupaçaõ, em que apanhado pelos inimigos da Fé, foy logo levado ao afrontoſo patibulo da forca, e fazendo primeiro ao pé della huma pratica, (em que proteſtou, que o naõ trouxera áquella Cidade, mais que a obrigaçaõ de Miſſionario, ſem entrar em importancias de governo) acabou a vida para merecer a eterna.

O P. Fr. Mileno Matrah Martyr.

Buſcou-a pelo meſmo difficil caminho o Padre Fr. Ambroſio Ochail, que depois de gaſtar alguns annos no Collegio, ſe embarcou, e paſſou a Irlanda, em tempo, em que a guerra dos hereges contra os Catholicos andava mais acceza. Acompanhou o campo Catholico, miniſtrando os Sacramentos, e frequentando praticas aos Soldados: e ſendo cativo em huma eſcaramuça, que houve junto á Cidade de Correagia, dando os hereges quartel aos mais prezos,

O P. Fr. Ambroſio Ochail Martyr.

zos, ſabendo, que elle era Religioſo, o fizeraõ logo em pedaços, que eſpalharaõ pelo campo, para ſuſtento dos corvos. Crueldade (de que pela boca de David ſe queixava a Igreja) uſada com ſeus benemeritos, e fideliſſimos filhos; e gloria grande deſte, que o mereceo ſer com ſemelhante morte.

A eſtes Martyres ás mãos da crueldade, podemos ajuntar dous, que o foraõ ás executivas da peſte, expondo-ſe aos ſeus golpes, por acodir, e remediar os Catholicos, que em Irlanda pereciaõ feridos della. Foraõ eſtes os Padres Fr. Miguel Claro, e Fr. Gerardo Bagote, ambos Collegiaes deſte Collegio. Mas coroemos as noticias delle com as de ſeu Fundador, o Meſtre Fr. Domingos do Roſario, benemerito deſta memoria, naõ ſó para credito deſta Caſa, mas porque o foy da Religiaõ com ſua vida.

Os Padres Fr Miguel Claro, e Fr. Gerardo Bagote.

Naſceo o Meſtre Fr. Domingos do Roſario na Provincia de Mamonia, em Irlanda, em hum lugar, chamado Quilſarcon, no Condado de Quieris. Foraõ ſeus pays illuſtres, tanto no ſangue, como na piedade, e pareceo o filho, aſſim como premio deſta, gloria daquelle. Criado na doutrina Chriſtãa, e moſtrando ſingular indole para os eſtudos, paſſou a Heſpanha, aonde conhecida ſua calidade, e talento, recebeo o habito de S. Domingos na Cidade de Lugo. Profeſſou; e ſervindo de edificaçaõ aos Religioſos, paſſou a eſtudar em S. Paulo de Burgos, ſahindo hum grande Theologo, e (continuando nos exercicios religioſos) hum exemplar do ſeu eſtado. Leo as Cadeiras de Filoſofia, e Theologia, e paſſando a Irlanda, foy mandado pelo Provincial daquella Provincia, por Lente do Collegio de Lovaina, aonde aſſiſtio alguns annos, até que o meſmo Provincial o mandou á Corte de Madrid com requerimento juſto, (como depois bem deſpachado) ſobre importancias daquelle Collegio.

Da Corte de Madrid paſſou a Portugal, á de Lisboa, a pertender a fundaçaõ de hum Collegio, que conſeguio, como já vimos, atropelando contrariedades, e alcançando licenças aſſim da Rainha Regente, como do Colleitor, e Arcebiſpo, a que todos era muy aceito. Fez aceitar o Collegio pela ordem no anno de 1644 no Capitulo celebrado em Roma, em que ſahio eleito em Meſtre Geral o Reverendiſſimo Fr. Thomaz Turco, e neſte Capitulo lhe deraõ a Patente de Meſtre em Theologia. De Lisboa voltou a Madrid, em pertençaõ da licença para a fundaçaõ do Moſteiro do Bom Succeſſo, como adiante veremos.

Eraõ iguaes nelle as letras, e a virtude, como a liberdade Apoſtolica, com que ſabia fallar as verdades aos Principes; qualidades, que o puzeraõ em grande reputaçaõ com os Monarcas Portuguezes. A Rainha Dona Luiza o fez ſeu Confeſſor; ElRey Dom Joaõ o IV. o mandou a França com duas enviaturas; concluio com felicidade a importancia dellas, ganhando com os Reys Chriſtianiſſimos agrado, eſtimaçaõ, e ſingulares honras. No meyo do commum applauſo, e deſtas demonſtraçoens, com que o autho-

ri-

rizava o Mundo, o achavaõ ſepultado no centro da humildade. Eſcutava-ſe no ſingelo de ſua pratica, via-ſe no trato de ſua peſſoa, porque em quaſi todas ſuas peregrinaçoens, e jornadas, o viaõ caminhar a pé, valendo-ſe de hum bordaõ para o cançaço, e de pedir pelas portas para o ſuſtento. Toda ſua ancia era o augmento da Fé, e da veneraçaõ, e culto de Deos. Tinha ſingular modo para reduzir, e affeiçoar a ella; zelo, que o fez Conſultor do Santo Officio, (occupaçaõ rara naquelle tempo) para que o chamou o Inquiſidor Geral D. Antonio de Sottomayor.

Obſervante das Conſtituiçoens, nunca comeo carne, ſempre veſtio lãa. Frequentava a oraçaõ, continuava os jejuns, ajudados de rigoroſa diſciplina. Servia-lhe de cama o pavimento da Igreja, ou na cella o duro de alguma taboa. Eſcuſouſe com iſençaõ Apoſtolica ao titulo de Biſpo de Tangere, com aſſiſtencia, e rendas na Corte. Regeitou a Mitra de Primaz da India, que huma couſa, e outra lhe offerecia ElRey D. Joaõ o IV. até que falecido ElRey, houve de aceitar o Biſpado de Coimbra, para acodir ás duas fundaçoens, de que tinha o governo, e neceſſitavaõ de ſoccorro, mais que para utilidade ſua, porque ſe via reduzido a eſtado por annos, e doença, que ſem duvida o aceitou, por ſe ver em veſperas de o deixar. Succedeo aſſim; porque ſó oito mezes contou mais de vida, antes de purgatorio, com rigoroſo achaque, que lha tirou, mas taõ conforme com elle, que ſe conjecturou a melhor, que mereceo. Acabou em trinta de Junho de 1662, deixando a todos geralmente ſentidos, aos ſeus deſamparados, e ſaudoſos. Seu corpo foy ſepultado com pompa, e concurſo popular, e demonſtraçoens de veneraçaõ, merecida de ſua vida, e exercicios della. Cobre-lhe em ſeu meſmo Collegio a ſepultura huma grande pedra com eſtas letras:

Hic jacet Venerabilis Pater Magiſter Frater Dominicus de Roſario Hybernus, hujus, & Conventus Monialium Boni Succeſſus Fundator. In variis Regum legationibus felix. Epiſcopus Conimbricenſis electus, vir prudentia, literis, & Religione Conſpicuus.

Obiit trigeſimo Junii. Anno Domini 1662. *ætatis ſuæ ſexageſimo ſeptimo.*

Eſte foy o Meſtre Fr. Domingos do Roſario, Varaõ deſejado de muitos ſeculos, Irlandez por naſcimento, e Patria, Portuguez por amor, e aſſiſtencia, a quem a Religiaõ dos Prégadores deveo a fundaçaõ fructuoſa de duas Caſas, Seminario de Martyres, e Virgens; ou Hoſpicios, em que os generoſos eſpi-

piritos de huns, e outros naõ deſcançaraõ, mas ſe detiveraõ a merecer os eternos ſocegos da Patria, a que paſſaraõ pelo eſtreito caminho do martyrio, e da penitencia. Já vimos a fundaçaõ do Collegio de noſſa Senhora do Roſario, vejamos agora a do Moſteiro de noſſa Senhora do Bom Succeſſo.

CAPITULO XVIII.

Fundaçaõ do Moſteiro do Bom Succeſſo. Entra o Meſtre Fr. Domingos em penſamentos da nova fundaçaõ. Abreſe-lhe prodigioſamente caminho para ella. Sobrecreſcem embaraços; mayor o da licença delRey. Vencem-ſe todos.

FEriaõ continuamente nos ouvidos do Meſtre Fr. Domingos os brados (de que naõ eſtava longe ſua compaixaõ) da Chriſtandade de Irlanda, que gemia deſamparada debaixo do flagello da hereſia. Aſſim dominava, e affligia eſta cinco dilatadas Provincias, que antigamente foraõ Reynos, em que florecia a Fé, que agora ſe via pizada dos apoſtatas ſacrilegos, que lhe arrancavaõ tyrannamente dos peitos os miſeraveis filhos. Já para os mais retiros, que eſcapavaõ da perſeguiçaõ, lhe negoceara o Meſtre Fr. Domingos hum Sagrado, fundando-lhes o Collegio. Reſtava lhe agora mayor cuidado no deſamparo, e afflicçaõ das donzellas daquelle Reyno, (do mais eſcolhido da nobreza delle) cada dia orfãas, perdendo os pays, a que a aſtucia, e pravidade hereticа, impondo falſamente o labeo de traydores, tiravaõ as vidas, ſaboreado o fim de extinguir a Fé, com o de lhes roubarem as fazendas; e paſſando muitas vezes, e vencendo a crueldade a ambiçaõ, naõ ſe fartando com fazendas, e vidas, exercitava nos corpos dos miſeraveis as carniçarias do rancor, e do odio. A huns abriaõ, e arrancando-lhe as entranhas, lhe lançavaõ os palpitantes coraçõeſ em ardentes fogueiras; outros deixavaõ pendurados em infames patibulos; outros faziaõ em quartos, repartindo-os pelos lugares publicos, para medonho aviſo, e ameaço dos Catholicos. Eſtes eraõ os eſpectaculos, que continuamente ſe offereciaõ aos olhos das deſamparadas filhas, baſtantes a atemorizar mayores conſtancias, que as que promettiaõ ſexo fragil, poucos annos, e eſſes mimoſos, e delicados.

Neſte perigo urgente de abraçarem a hereſia, por fugir á perſeguiçaõ, de terem difficultoſo, e quaſi impoſſivel recurſo aos Miniſtros da Fé, em poder de parentes hereges, e com os fios da eſpada, poſta a cada inſtante na garganta, conſiderava o bom Padre as donzellas illuſtres de ſua Patria, e entrou comſigo em huma empreza, que entendeo lhe cuſtaria menos, que eſta agonia. Intentou lavrar huma Caſa, que foſſe Sagrado para aquellas perſeguidas, ſem mais conſelho em taõ grande obra, que levantar os olhos á Divina Providencia. Aſſim encomendou o negocio a Deos; mas creſciaõ os embaraços, quanto mais ſe meditava a reſoluçaõ. Era o primeiro as poucas, ou nenhumas poſſes, e a grandeza do que ſe emprendia. Naõ

ſe

ſe achar ſitio na Cidade, Caſa, ou Quinta nas viſinhanças della, de que podeſſe lançar maõ a diligencia. Mas o que ſuperava todas, era o conſeguir licença para a fundaçaõ nova, (e mais para Eſtrangeiros) em tempo, e em materia, em que os naturaes, e os mais poderoſos eſcutavaõ cada dia deſenganos. Mas o Ceo, que lhe aconſelhara a reſoluçaõ, lhe foy dando luz para entrar nella. Devia o Meſtre Fr. Domingos grandes demonſtraçoens de liberalidade caritativa a Dona Catharina Telles de Menezes, Senhora de Barbacena, (que já tinha deſempenhado ſua generoſidade piedoſa na fundaçaõ do Collegio) communicou-lhe agora os ſeus novos intentos, e a grande força dos ſeus motivos, que approvados de Dona Catharina, lhe prometteo quatro mil cruzados para a compra do ſitio do Moſteiro.

Com eſte primeiro arrimo começou o Padre a caminhar mais alentado nas ſuas eſperanças, logo mais favorecidas de Dona Marianna de Mello, (donzella illuſtre, diſcipula de ſeu eſpirito, e exemplo) filha mais velha de trez, que teve Ruy de Mello de Sampayo, Fidalgo bem conhecido por ſua nobreza, e peſſoa. Communicou o Padre a ſua empreza a Dona Marianna, que ouvindo-a com alvoroço, (por mais que o Padre queria meter tempo em meyo) lhe prometteo logo, que ſeria a primeira, que entraſſe na ſanta Clauſura, melhorando de eſpoſo, e fogindo ao que ſeu pay lhe propunha, porque naõ tendo filho, entrava em cuidados de fazer nella caſa. Com os meſmos intentos de ſe recolher a huma Recoleta Franciſcana, ſe achava ſua irmãa Dona Luiza de Mello, que convidada agora por ella, para a acompanhar na fundaçaõ nova, (pratica, que o Padre movera, preſentes ambas) ſe eſcuſou logo com a vida, que em ſeu penſamento eſcolhera. Acodio o Padre (como ſe fallara illuſtrado,) e diſſe-lhe: *Que o por-ſe nas mãos de Deos, era o mais ſeguro, porque ſó nelle ſe achavaõ verdadeira luz, e caminho.* Fello aſſim Dona Luiza, e eſtando huma noite em oraçaõ, (exercicio em que ſe criara) reparando em ſi meſma, ſe vio veſtida em hum habito Dominico. O parecer-lhe illuſaõ, lhe accreſcentou o reparo, e ſeguir-ſe a eſte o deſengano de que era aſſim o que eſtava vendo. Naõ ſe fiava ella de hum claro juizo, de que o Ceo a dotara, e propoz o caſo ao Meſtre Fr. Domingos, e a alguns Theologos Dominicos, e da Companhia, que reconhecendo a pureza de ſua vida, e exercicios della, aſſentaraõ, que reconheceſſe aquella repreſentaçaõ por conſelho, e aviſo do Ceo.

Achavaõ-ſe já neſte tempo eſtas duas irmãas (em companhia de outra) em Santos, nobre Moſteiro das Commendadeiras da Ordem de Santiago, no caminho de Xabregas, pouco diſtante de Lisboa, Caſa, a que ſe tinhaõ recolhido por morte de ſeu pay Ruy de Mello. Alli grangearaõ nova povoadora para a fundaçaõ futura, em que ambas tinhaõ feito voto de ſepultar a vida. Foy a nova convidada, Dona Magdalena da Sylva (filha de D. Manoel de Me-

Menezes, taõ illuſtre, como o diz o ſeu appellido) por mais que ao principio moſtrou alguma repugnancia ; taõ myſteriosamente vencida, que tomando o Padre por director de ſua alma, foy a cooperadora de mais importancia, que teve eſta empreza. Aſſim ſe achava já o Padre com quatro Freiras em promeſſa, porque a terceira filha de Ruy de Mello (que eſtava com as irmãas na meſma Caſa de Santos, e ſe chamava Dona Angelica de Mello) abraçara a meſma reſoluçaõ, e com o meſmo goſto. Todas eraõ illuſtres por naſcimento, ſingulares por prendas da natureza, e com algum cabedal, o mayor de virtudes. Mas fazendo o Padre grandes diligencias em deſcobrir, e eleger ſitio taõ infrutuoſas, que de algum modo afrouxava a reſoluçaõ das que procuravaõ eſte genio de vida; cuidado, que trazia ao Padre taõ afflicto, como o que entendia o poder, que tinha o tempo para esfriar vontades, e enfraquecer reſoluçoens grandes, porque nas ſuſpençoens ſe lhe diviſavaõ melhor as difficuldades. Mas acodio-lhe o Ceo, facilitando-lhe eſta : porque tendo Dona Magdalena noticia, muito acaſo, de que a Condeſſa da Atalaya tinha deſejo de conſagrar a Deos, para Caſa ſua, huma Quinta, e muita fazenda, de que era ſenhora, entrou em praticas com ella, tendo por medianeira a Condeſſa de Sabugal Dona Luiza Coutinho, mulher do Conde de Sabugal, D. Franciſco de Caſtello Branco, Meirinho mór ; e ſendo o intento aſſaz difficultoſo por outras fundaçoens, em que a Condeſſa da Atalaya tinha entrado ſem effeito, ſe reduzio agora a elle com tanta felicidade, que em breves dias ſe viraõ facilitados embaraços, que o naõ promettiaõ em muitos annos, e o Meſtre Fr. Domingos de poſſe de hum tal ſitio, que antes, que achado, parecia eſcolhido.

Corria o anno de 1630, quando acompanhado do Preſentado Fr. Pedro Yannes (Religioſo da Ordem, de naçaõ Heſpanhol, e ao preſente Prelado do novo Collegio) partio deſta Corte de Lisboa para a de Madrid o Meſtre Fr. Domingos, fiado em algumas cartas de favor, e da grande entrada, que ſeu companheiro tinha com os Miniſtros de mayor ſuppoſiçaõ daquella Coroa, para que ſe facilitaſſe a licença da nova fundaçaõ; empreza, que ſó o Ceo podia aconſelhar á viſta das repulſas, com que ſemelhantes ſupplicas ſe viaõ ao preſente, ou entretidas com vagaroſas eſperanças, ou de todo deſenganadas. Mas o Meſtre Fr. Domingos, pratico nos caminhos de Deos, naõ ſuſpendia os paſſos por temer os abrolhos, entendendo, que a reſoluçaõ de os pizar, havia de merecer o valor para os vencer. Chegaraõ a Madrid, buſcaraõ os Miniſtros, propuzeraõ a ElRey Filippe IV. de Caſtella, e III em Portugal, a ſua pertençaõ, que eſcutando-a com bom ſemblante, a mandou pôr em Conſelho, que os favoreceo com o deſpacho de lhes naõ dilatar o deſengano. Naõ eſperou mais o Padre; entendeo, que o Ceo ſe naõ ſervia de ſeu zelo; a ſeu pouco eſpirito attribuia a infelicidade do ſucceſſo. Eſcreveo logo a Lisboa,

boa, dando noticia delle a Dona Magdalena, e deſobrigando-a da ſua palavra, como ás mais, que ſe tinhaõ obrigado por ella, pois Deos aſſim o diſpunha; e que ſem duvida as melhoraria a ſua Providencia. Naõ ſe affligiraõ as boas Senhoras com a carta, antes reſponderaõ ao Padre, que nada innovariaõ até o naõ verem em Lisboa; mas que lhe pediaõ, que naõ levantaſſe maõ da diligencia, ainda ſuppoſta a repulſa. Naõ fundavaõ menos que no Ceo a ſua eſperança, porque parece, que elle meſmo lha dera. Foy o caſo referido depois pelo Meſtre Fr. Domingos, como o que tinha tanta noticia de ſuas conſciencias.

Antes que o Padre partiſſe para Madrid, naõ faltaraõ peſſoas, e de mayor ſuppoſiçaõ, que o deſperſuadiaõ da jornada, tendo-a por infrutifera. Mas ſendo ſempre de contrario parecer, as conſtantes diſcipulas lhe requeriaõ da parte de Deos, que foſſe, porque a duas dellas (iſto lhe communicavaõ, e naõ ſe ſoube nunca dos nomes) illuſtrara o Senhor, dando-lhe a entender: *Que teria effeito a nova fundaçaõ: que concorreriaõ a ella muitas Religioſas, moſtrando-ſelhe glorioſas Capellas, com que a Rainha do Ceo, e ſeu bemdito Filho havia de premiar ſuas eſpoſas: que o Meſtre Fr. Domingos veria a Caſa em ſua perfeita religiaõ, e obſervancia; e que, falecidas primeiro nella cinco Religioſas, acabaria a vida.* O que tudo ſe vio com experiencia. Mas voltando a Madrid com a repoſta, e conſtancia das boas filhas, tornou o Padre a reſuſcitar a ſua pertençaõ com deſagrado dos Miniſtros, dos quaes aconſelhado Fr. Pedro Yannes, (a que o Padre Meſtre obedecia, como a Prelado da ſua conſciencia) lhe mandou, que logo deſiſtiſſe da empreza, e paſſaſſe a Portugal para o lugar de Vigario do ſeu Collegio, que tanto neceſſitaria de tal Prelado. Naõ houve replica, diſpunha-ſe a jornada, quando na veſpera della entrou na Igreja do Collegio de Santo Thomaz de Madrid (em que o Padre ſe detinha orando) huma mulher de aſpecto veneravel, e trage honeſto, e chegando-ſe a elle, lhe perguntou ſe aſſiſtia alli hum Religioſo Irlandez, por nome Fr. Domingos do Roſario. Ao que dando-ſe a conhecer o Padre, e inquirindo a cauſa da pergunta, diſſe a mulher: *Padre adverti, (já que o ſabeis) que a obediencia aos pays eſpirituaes naõ ſe deve obſervar com detrimento do bem commum, e cauſa geral. Tratay do negocio, que tendes entre mãos, que he muito do ſerviço de Deos.* E dito iſto, voltou ſem dar mais repoſta ao para que lhe perguntara quem era.

Aſſim ficou entre alvoroçado, e ſuſpenſo; porque ainda que naõ ignorava que o conſelho naõ era humano, via por outra parte que ſe lhe cerravaõ os caminhos de obedecello. Recorreo á oraçaõ, e differio com diſſimulaçaõ a jornada por alguns dias. Praticava-ſe a eſte tempo nos conſelhos daquella Coroa com grande calor o intento delRey, que era levantar Terços, e eſcolher Cabos no Reyno de Irlanda, para ſubſidios da guera, que ao preſente trazia com os rebeldes de Hollanda. Naõ ſe eſcondia a El-

Rey a total noticia do Meſtre Fr. Domingos, ſeu eſpirito, ſua capacidade, ſua qualidade (grandes huma, e outra) ſua Patria, e o reſpeito, que conciliaria nella. Poz logo nelle os olhos, e chamando-o a particulares conferencias, acabou de ajuizar, que para o que intentava, naõ ſe deſcobriria peſſoa de mais importancia. Eraõ de muita as promeſſas, com que ElRey o convidava: mas o bom Padre, que naõ aſpirava a outra mais, que á que alli o detinha, propoz a ſua antiga ſupplica da licença: a que ElRey deferio logo; e interpondo ſua Real palavra, deſpachou o Padre para Irlanda.

CAPITULO XIX.

Volta o Meſtre Fr. Domingos de Irlanda; alcança todas as licenças para a nova fundaçaõ. Da-ſe noticia da revelaçaõ, que ſobre ella teve huma Religioſa de virtude.

DE Madrid partio o Meſtre Fr. Domingos para Biſcaya, donde ſe embarcou, e paſſou a Irlanda, e em poucos dias á Cidade de Lembrie, Provincia de Momonia: e como levava muito papel aſſinado por ElRey, que fiava da ſua capacidade a eſcolha dos ſogeitos, e elle tinha noticia dos que poderiaõ deſempenhar a ſua eſcolha, em poucos mezes ſatisfez a commiſſaõ com tanta fortuna, como depois ſe conheceo por experiencia; e praticando com as Senhoras daquelle Reyno (as mais, parentas ſuas) ſobre o intereſſe das perſeguidas, na fundaçaõ nova, lhes facilitou o caminho para que, havendo occaſiaõ, ſe retiraſſem a ella. Paſſou logo a Madrid, merecendo a graça delRey, que ſe deu por bem ſervido, (inteirados já os Miniſtros do que o Meſtre Fr. Domingos tinha obrado) mas entrando elle no requerimento da licença, aſſim diſputaraõ elles ſobre ella, que, ainda mediando a palavra Real, durou a duvida; e querendo ſatisfazer ao Padre, lhe offereceraõ huma Mitra, e os dotes para quatro ſobrinhas ſuas entrarem em Religiaõ; offertas, que elle teve em menos, porque o naõ traziaõ empenhado intereſſes proprios. Aſſim foy ſeu animo milagre naquella Corte, deſpido de cobiça, e veſtido de conſtancia. Nada negocearaõ com elle promeſſas; mandou-lhe ElRey paſſar a licença. He a ſeguinte no noſſo idioma, lançada aqui como ſe lê no original, e como devem fazer os Chroniſtas, para authorizarem ſeus eſcritos, valendo menos a cenſura com que nos ſeus quiz certo Author condemnar ao Padre Fr. Luiz de Souſa, (com quem devia trocar em veneraçaõ a competencia) que occupava as paginas dos livros com as Proviſoens, e Alvarás, nas fundaçoens dos Conventos; ſem advertir eſte Author, que naõ era penuria de aſſumptos, nem induſtria de alargar a letra para avultar tomos, mas conhecimento de que as Proviſoens ſaõ para ſemelhantes edificios as primeiras, e para a verdade, e credito delles, as mais preciſas teſtemunhas. Diz o Alvará:

Eu

Eu ElRey faço ſaber aos que eſte Alvará virem, que, por quanto Fr. Domingos do Roſario, da Ordem de S. Domingos, Qualificador do Santo Officio da Inquiſiçaõ, Comiſſario Geral da Miſſaõ de Irlanda, me repreſentou, que he tanta a perſeguiçaõ, que padece o dito Reyno, de muitos annos a eſta parte, por razaõ de noſſa Santa Fé Catholica, ſem por iſſo haver afrouxado hum ponto nella, que em nome do dito Reyno recorria a mim Protector della, para que foſſe ſervido de aſſentar, e favorecer os Catholicos daquelle Reyno, no que houver lugar, pedindo-me que, por quanto naõ ſe lhe permitte que nelle haja Convento algum, por cuja cauſa padecem muita neceſſidade, e deſcommodidade as peſſoas nobres, que naõ tem dote, nem poſſibilidade para caſar ſuas filhas, com que ficaõ toda a vida ſem eſtado, lhe faça merce dar licença, para que na Cidade de Lisboa, ou ſeu termo, poſſa fundar hum Moſteiro de Freiras da meſmo Ordem de S. Domingos, pois he taõ grande ſerviço de Deos, e conſolaçaõ daquella Chriſtandade, concedendo-lhe que poſſaõ aceitar quaeſquer doaçoens, e eſmolas, que ſe lhe derem para a dita fundaçaõ. E tendo eu conſideraçaõ ao fim referido, e por outros juſtos reſpeitos, hey por bem, e me praz, conceder licença ao dito Fr. Domingos do Roſario, para fundar hum Convento de Irlandezes na Cidade de Lisboa, ou ſeu termo, no qual poderá haver numero de cincoenta Religioſas, e ter de renda até cinco mil cruzados, em juros, ou pelo menos, ametade, e o mais em bens de raiz. E da permiſſaõ deſta fundaçaõ ſe pagou de mea Annata ſeis ducados, e pelo que mais tocar á mea Annata, da renda, e calidade della, ſe deu fiança de pagar o que ſe dever. Pelo que mando a todos, e a quaeſquer Miniſtros, Officiaes, e peſſoas de qualquer calidade, eſtado, ou condiçaõ, que ſejaõ, a que o conhecimento deſta pertencer, que a cumpraõ, e guardem, e façaõ cumprir, e guardar, como nella ſe contém, ſem embargo de quaeſquer leys, que em contrario haja, que todas por eſta vez hey por expreſſas, e derogadas, ainda que ſejaõ da calidade, que dellas ſe deva fazer expreſſa mençaõ; e valerá, poſto que ſeu effeito haja

de durar mais de hum anno, ſem embargo da Ordenaçaõ do livro ſegundo, titulo 40. Martim de Figueiredo Sarmento a fez em Madrid, aos 21 dias do mez de Março de 1639 annos. Diogo Soares a fez eſcrever.

REY.

Aqui começaraõ a trocar-ſe as eſperanças do Meſtre Fr. Domingos em alvoroços, em que repetia ao Senhor muitas graças, de lhe acabar de deſembaraçar aquella venturoſa eſtrada, por que queria conduzir ſuas eſpoſas ao thalamo da eterna felicidade. Tambem o foy para elle o achar a eſte tempo na Corte de Madrid ao Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, Provincial entaõ da Provincia de Portugal, que, como muito familiar do Meſtre Fr. Domingos, feſtejou a licença conſeguida, e deu a ſua, para haver a nova fundaçaõ na Provincia. E porque neſta licença ſe exprime a eſtreiteza, e regular obſervancia, com que ſe fundou eſta Recoleta, a lançamos aqui para mayor clareza da Hiſtoria. Diz aſſim a licença:

Nós o Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, Prégador de Sua Mageſtade, do ſeu Conſelho, e do Geral da Inquiſiçaõ, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores, nos Reynos de Portugal, por quanto o Padre Fr. Domingos do Roſario, Irlandez de naçaõ, e Religioſo da dita noſſa Ordem, nos repreſentou os grandes trabalhos, que de annos a eſta parte padece o Reyno de Irlanda, com continuas perſeguiçoens dos hereges, ſem poder fundar Caſa alguma, ou Moſteiro, aonde em Communidade poſſaõ viver as peſſoas devotas, que ſe querem dedicar, e conſagrar ao ſerviço de Deos noſſo Senhor; no que paſſaõ grandes incommodidades, particularmente as Senhoras, e mulheres nobres, que ou por inſpiraçaõ de Deos, ou por naõ poderem caſar conforme ſua calidade, ficaõ toda a vida ſem eſtado nenhum, naõ ſem perigo da offenſa de Deos; e do credito de ſua nobreza. E por quanto outro ſi, o dito Padre Fr. Domingos do Roſario tem achado peſſoas nobres, e pias de noſſos Reynos, que com liberalidade, e caridade Chriſtãa, offerecem, e daõ ſuas fazendas para ſe fazer hum Moſteiro de Freiras recoletas, e muy obſervantes, para recolhimento das mulheres illuſtres da dita naçaõ Irlandeza; deſejoſos nós de favorecer taõ

taõ pios intentos, dando todo o favor, que neſta parte podemos, pela preſente: Damos licença ao dito Padre Preſentado Fr. Domingos do Roſario, para fundar hum Moſteiro de noſſa Sagrada Religiaõ na Cidade de Lisboa, ou ſeu termo, e deſtricto; aonde achar ſitio accommodado para a dita fundaçaõ, com as condiçoens ſeguintes. Primeiramente, que o dito Moſteiro ſeja ſempre recoleto, e muito pontual na obſervancia de noſſas leys, e Sagradas Conſtituiçoens; que nenhuma Religioſa de qualquer calidade, que ſeja, poſſa ter algum tempo depoſito, nem fazenda alguma, mais do que lhe der a Commnnidade, e que muito menos poſſa ter rendas, nem couſa annual. Segunda, que nunca poderáõ comer carne, nem trazer pano de linho, ſenaõ em enfermidades graves. Que tenhaõ ſempre Coro, donde em Communidade ſe diraõ todas as Horas do Officio Divino, e o Roſario da Virgem. Que naõ poſſaõ ter locutorios, nem grades abertas para fallar a peſſoa alguma, ſalvo a parentes muito chegados, dentro no terceiro grao, ou alguma vez, ou por algum fim de grande importancia, de caridade, ou de ſerviço de Deos, e com expreſſa licença dos Prelados, e da Prioreza, para as quaes couſas acima referidas, e juntamente, para de novo eſtabelecer quaeſquer Eſtatutos, e Leys conducentes á dita obſervancia regular, damos, e concedemos ao dito Padre Preſentado Fr. Domingos do Roſario toda noſſa authoridade, e plenaria faculdade; e outro ſi lhe damos poder para obrigar as Religioſas, que no dito Moſteiro ſub qualquer proteſto viverem, com preceitos, e cenſuras, a guardar tudo acima referido. E para alcançar quaeſquer doaçoens, ou eſmolas de bens moveis, ou de raiz, e para fazer obras, e comprar ſitio, e caſas para a tal fundaçaõ, e em geral para celebrar quaeſquer eſcrituras, contratos, e concertos pertencentes de qualquer maneira ao dito Moſteiro, com todas as mais faculdades no eſpiritual, e temporal, que para ſeu bom governo forem neceſſarias. Dada em Madrid, a 15 de Junho de 1639.

Fr. Joaõ de Vaſconcellos,
Prior Provincial.

Com

Com eſtes deſpachos voltou o Meſtre Fr. Domingos para Portugal, favorecido em tudo do Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, como ſe vê no copioſo da licença, que lhe paſſava como Commiſſario, que era com todas as vezes do Reverendiſſimo, (e conſtituido por elle) do Collegio, e Moſteiro futuro de Religioſas, e Religioſos Irlandezes. Foy o Meſtre Fr. Domingos bem recebido da Condeſſa da Atalaya, e das Religioſas em promeſſa, as trez filhas de Ruy de Mello, e Dona Magdalena da Sylva, que havia ſeis annos, que ſuſtentavaõ os ſantos propoſitos na eſperança já venturoſa com a viſinhança da coroa. Era pelos annos de 1639 quando entrou o Padre em penſamentos, e diligencias de Religioſas Fundadoras. Deſejava, que vieſſem do Moſteiro do Sacramento, Oraculo da virtude, e obſervancia, como de outros Moſteiros, eſcolha de ſeu eſpirito, e experiencia; mas eſcuſando-ſe eſtas com encolhimento religioſo, houve de accommodar ſe com duas de outra Caſa, ainda que com a meſma ſufficiencia. Vieraõ de S. Joaõ de Setuval, por ordem do Provincial, o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, a Madre Sor Anna da Conceiçaõ, e a Madre Sor Antonia Thereſa de Jeſus. As mais eſperavaõ o dia da entrada, e determinava o Meſtre Fr. Domingos, que as acompanhaſſe nella huma irmãa do Marquez de Montalvaõ, chamada Sor Franciſca da Cruz, Religioſa no Moſteiro da Annunciada de Lisboa, peſſoa de grande opiniaõ, com quem o Padre tinha aſſentado a entrada; e alcançada a licença para a mudança, lhe fazia agora aviſo do dia. Mas oppozſe a Prelada, e o Confeſſor da Caſa; (que ſabiaõ avaliar o theſouro, que eſta guardava em Sor Franciſca) deſengano, e embaraço, que ella ſentio, e com que reſpondeo ao Meſtre Fr. Domingos, dando-lhe noticia de huma viſaõ, que tivera, (ſobre o Orago da Caſa, e nome, que ſe acabava de pôr á fundaçaõ nova) de que o meſmo Padre, como director de ſua conſciencia, tivera já noticia; mas pedia-lha agora, e de ſua meſma letra, para moſtrar a razaõ de ſe reſolver no titulo da Caſa, para ficar no Cartorio della, aonde hoje ſe lê, e diz o ſeguinte:

Por obedecer a Voſſa Paternidade faço eſte apontamento; que os trabalhos, em que Deos me tem poſto, ſaõ taõ grandes por meus peccados, que naõ atino a nada, e iſto fora melhor praticado, que apontado. Eſtando huma noite no Coro, vi na Igreja duas peſſoas irem da grade do Coro debaixo, paſſeando até á Capella mór, e de lá tornaraõ para a meſma grade; ambas eſtas peſſoas hiaõ com o meſmo trage, e toucado, com huns Sceptros de prata, muitos fermoſos, nas mãos, que eu cuidava, que eraõ eſpadas, porque tinhaõ muito fermoſos cabos; e a huma deſ-

deſtas peſſoas naõ pude ver o roſto, á outra enxerguey todas as feiçoens, e eſtava toucada com huma toalha branca deſaffaſtada do roſto, e a coroa emcima da cabeça; e como naõ era deſtas coroas coſtumadas, cuidava eu, que era toucado; iſto era de noite, e a Igreja eſtava taõ clara, como ſe fora de dia; pareceme ſer iſto ſonho, porque eu eſtava afaſtada da grade, e via o que hia na Igreja, muy clara, e diſtinctamente, como ſe eſtivera acordada, ficoume iſto taõ impreſſo na imaginaçaõ, que me deu muito em que cuidar. Iſto foy quando prenderaõ o Colleitor; pareceme a mim, que ſignificava iſto fortaleza na Igreja de Deos. Dahi a poucos dias me veyo V. P. dizer ſe queria ir para eſſe Moſteiro, que dentro em trez dias foſſe; tomey eu entaõ iſto, que vi por eſta ida, porque me lembrou, que quando ſe fundou o Moſteiro do Sacramento, me eſcreveo o P. Fr. Joaõ de Portugal, que lhe havia de dar hum ſim, e que ainda que depois choveſſem eſpadas nuas ſobre mim, naõ havia de deſiſtir; eu como cuidava, que eſtes Sceptros eraõ eſpadas, pareceme, que me declarava noſſo Senhor a firmeza, que eu havia de ter em ir; dey logo conta diſto aos parentes, com grande determinaçaõ de naõ deſiſtir diſto, foy tanta a deſconſolaçaõ de meus parentes, que mo eſtrovavaõ por todas as vias, que poderaõ, e a Prelada, e o Confeſſor todos ſe pozeraõ da parte dos parentes; andava eu com iſto muy deſconſolada, e afflicta, e ſabia huma Freira, que eu andava aſſim, foy-ſe hum dia, eſtando eu no Coro com bem de lagrimas, e levoume hum reſiſto, e diſſe: Naõ ſe deſconſole, que aqui lhe trago N. Senhora do Bom Succeſſo; encommendeſe muito a ella; eu em lhe pondo os olhos, vi que era aquella peſſoa, que eu tinha viſto na Igreja. Fiquey toda traſpaſſada, e como embaraçada, e muito confiada em eſta Senhora me levar para eſſe Moſteiro, e ainda hoje naõ perco as eſperanças de me fazer eſta mercê, porque eſtou com muita fé neſta Senhora. Eſte retabolo dey a meu irmaõ, para levar comſigo ao Braſil, pela grande fé, que tenho neſta Senhora; dahi a muitos dias ſoube que eſſe Moſteiro ſe chamava de N. Senhora do Bom Succeſſo, com que fiquey ainda com mayores deſejos de a ir ſervir neſſa ſanta Caſa. Naõ diz mais o papel.

Che-

Chegou eſte ás mãos do Meſtre Fr. Domingos, depois da entrada das Religioſas, e elle o pedio para moſtrar a todas o como aquella Senhora buſcava povoadoras para a ſua Caſa, e como o titulo do Bom Succeſſo, que tinhaõ nella, parecia mais que eſcolha humana. Naõ ſe deve dar credito ligeiramente a revelaçoens, menos os homens doutos, e timoratos; mas tambem naõ devem eſtes deſconhecer, que póde Deos eſcolher as conſciencias puras para interpretes da ſua vontade: e como declarar Orago a huma Caſa, he devoçaõ, e eſcolha pia, quiz o Meſtre Fr. Domingos, que eſta Caſa tiveſſe o titulo do Bom Succeſſo, attendendo ao que a Sor Franciſca tinha ouvido.

Tambem ao ſer a Caſa Dominica (couſa bem remota das tençoens da Fundadora) precedeo huma piedoſa circumſtancia, que aqui apontamos pelo teſtemunho della, naõ lhe concedendo mais reparo, que o que ſe deve a hum ſonho, ſuccedido em tempo, e tendo depois effeito, que o fez parecer myſterioſo. Foy o caſo, que embargando-ſe á Condeſſa da Atalaya a caſa de Enfermaria, que na ſua Quinta tinha fundado aos Padres Arrabidos, ſonhou huma noite, que via entrar na Ermida cinco mulheres veſtidas de branco, e que concertando o Altar della, lhe accendiaõ as vélas, e deſappareciaõ, deixando-as accezas. Acordou com a apprehenſaõ do riſco, que podia ter o lume, ſem quem o apagaſſe; mas vendo, que era ſonho, o deixou eſquecido, vindo depois de muitos tempos a fazer nelle reparo, vendo a Caſa Dominica; o que menos imaginara. Catholicas experiencias temos das muitas vezes, que eſcolhe o Ceo os ſonhos, ou para importantes aviſos, ou para venturoſos annuncios. De caſa temos exemplo no que ſonhou Honorio III. que noſſo Patriarca ſuſtentava em ſeus hombros a Igreja. Levantouſe a de Santa Maria Mayor em Roma, ſendo hum ſonho, o que lhe deu o nome, e lhe demarcou o ſitio. Com eſta razaõ naõ quizemos deixar ſem reparo, o que precedeo á fundaçaõ do Bom Succeſſo.

In feſto B. Mariæ ad Nives die V. Aug.

CAPITULO XX.

Entraõ as Religioſas em Clauſura, da-ſe conta da obſervancia, que ſe começou a guardar nella. Lança-ſe a primeira pedra na Igreja nova.

DEterminou-ſe a entrada em 12 de Novembro do meſmo anno de 1639. Eſtava a Quinta, em que havia de principiar a Clauſura, reduzida pela Condeſſa a hum Recolhimento com ſua Ermida, e mais commodos, ainda que eſtreitos, e acanhados, como deſtinados a Communidade pequena. Tinha ficado naquella fórma por algumas fundaçoens, que intentara a Condeſſa. Fora a primeira, hum Convento de Santa Paula, para que conduzio de Madrid algumas peſſoas de grande calidade, com diſpendio grande, tudo diligencia baldada, porque a fundaçaõ naõ teve effeito por falta de licença. Succedeo o meſmo a varias Religioens, que pertendiaõ a Condeſſa Bemfeitora, ou Padroeira em ſuas Caſas,

ſas , ou em fundaçoens novas, como foraõ os Padres Jeronymos, os Trinos, os Gracianos, e os Terceiros , a que ſeguiaõ as Religioſas de Santa Monica, do Calvario, e de Santa Anna, a que naõ deferio a Condeſſa, reſolvendo ſe a fazer huma Enfermaria para os Padres Arrabidos; e eſtando já tudo com a ultima maõ, foy embargado por ordem de D. Antonio de Ataide, Conde de Caſtro de Ayro, entaõ hum dos Governadores deſte Reyno.

Neſte tempo , precedendo aquella repreſentaçaõ, que teve a meſma Condeſſa na Ermida da meſma Quinta, ſe encontrou com Dona Magdalena da Sylva, praticou com o Meſtre Fr. Domingos, e trataraõ a fundaçaõ, e o mais que fica relatado, naõ carecendo de myſterio , que tiveſſem tantas fundaçoens embaraços , para cederem , e ſe coroarem todos, vindo a prevalecer eſta da Ordem de S Domingos ; demonſtraçaõ da ſingular Providencia, com que naõ ſó o Ceo eſcolhia eſta Caſa para Palacio da ſua Rainha, mas o meſmo Chriſto , para hoſpedagem das Peregrinas, que com a candida gala Dominica vinhaõ celebrar com elle venturoſas vodas.

Chegou finalmente o dia da entrada, e recolhidas na Clauſura as duas Fundadoras, a Madre Sor Anna da Conceiçaõ, e a Madre Sor Antonia Thereſa de Jeſus, a que acompanhou (entrando com ellas, e ſeguida de algumas Senhoras) a Duqueza de Mantua, que governava eſta Coroa por Caſtella, ſe celebrou na Ermida com toda a ſolemnidade, e pompa, a Miſſa com a muſica da Capella, e Sermaõ de hum dos dous Oraculos, que mereceo aquelle ſeculo, o Meſtre Fr. Domingos de Santo Thomaz , Prégador del-Rey, Religioſo Dominico, que já no primeiro livro nos ſervio de mais largo aſſumpto. Aſſiſtiraõ a Communidade de S. Domingos, nobreza da Corte , e Povo innumeravel. Lançou logo o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos o habito a cinco Noviças. Foraõ ellas, Dona Magdalena da Sylva , filha de D. Manoel de Menezes, que ſe chamou Sor Magdalena de Chriſto ; Dona Luiza de Mello , filha de Ruy de Mello de Sampayo , que ſe chamou Sor Luiza Maria do Sacramento; Dona Leonor Ilavanor , Irlandeza, (filha do Senhor de Polmonte, e Boreſe, Caſa illuſtriſſima da Provincia de Lagenia) que ſe chamou Sor Leonor de Santa Margarida. Foraõ as outras duas , Sor Leonor do Calvario , e Sor Jacintha de Jeſus Maria , peſſoas nobres , e de boas partes , ambas Portuguezas. Naõ entraraõ mais neſte dia, mas dahi a poucos mezes o fizeraõ as outras duas filhas de Ruy de Mello , Dona Marianna, e Dona Angelica, que ſe chamaraõ Sor Marianna de Jeſus, e Sor Angelica Maria das Chagas , a que acompanharaõ duas Irlandezas illuſtres , de grande virtude, e partes Sor Cecilia do Roſario, e Sor Joanna da Trindade.

Trouxeraõ todas eſtas Noviças peſſas de valor, e eſtima, para ornato, e ſerviço da Igreja ; entre ellas huma fermoſa Cuſtodia, e Cofre rico, que hoje eſtá no Sacrario , joyas , ſe-

das, e alcatifas, pondo aos pés de ſeu Eſpoſo o que tinhaõ, e o que eraõ, tudo pouco para o que vinhaõ a ſer, e o que haviaõ de poſſuir, eſpoſas de Chriſto, e herdeiras do ſeu Reyno. Começou logo a Caſa a correr na obſervancia, como ſe de muitos annos ſe exercitara; mas achavaõ as leys os deſejos por ſugeiçoens, e as obediencias com o meſmo vigor de eſcolhas. Pela ſua fez o Meſtre Fr. Domingos Prelada da Caſa, com o nome de Vigaria in capite, a Madre Sor Anna da Conceiçaõ, e Meſtra de Noviças a Madre Sor Antonia Thereſa, a quem deu novo Eſtatuto para ſe enſinar, e obſervar no Moſteiro, que em ſuſtancia he o ſeguinte:

Supposta a obſervancia da Regra, e Conſtituiçoens á riſca, e ſem diſpenſaçaõ alguma; que as Religioſas teriaõ trez horas de oraçaõ, repartidas em Matinas, Prima, e Completas; depois de Prima, a córos o Terço, e Ladainha de Noſſa Senhora; que commungariaõ duas vezes na ſemana; que em Advento, e Quareſma, teriaõ duas diſciplinas cada hum dia. Huma por todo o tempo de Santa Cruz de Setembro, até o dia do Roſario, exercicios diſpenſados ſó em dia Santo; que em toda a Quareſma ſe obſervaria ſilencio, ſem mais licença, que a aſſiſtencia, e viſita de doentes, diſpondo-o a Prelada; que todas ſerviriaõ ás ſemanas na coſinha; que dadas graças, depois de jantar, viria a Communidade ao ſerviço della, rezando Pſalmos a córos o tempo, que duraſſe; que nas cellas naõ teriaõ mais, que huma barra de pinho, nella hum enxergaõ, duas mantas, e cobertor groſſeiro, huma Cruz, e huma caldeirinha de agua benta; que as Religioſas naõ pediriaõ a ſeus pays, ou parentes couſa de minima valia; e mandando-ſe-lhe, ſe entregaria á Prelada para o applicar ao commum.

Eſtes, e outros Eſtatutos, que já ficaõ apontados na licença, que para a fundaçaõ deu o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, foraõ os com que começou a obſervancia deſta Caſa, e ſe obſervaõ até agora com o meſmo rigor, e inteireza.

Profeſſas as primeiras Noviças em Novembro de 1640, entraraõ no meſmo dia duas Irlandezas, peſſoas de grande calidade, Dona Leonor de Burgo, que ſe chamou Sor Catharina do Roſario, e Dona Urſula Bautiſta. Eſtes foraõ os primeiros eſpiritos, com que começou a reſpirar o corpo deſta Recoleta; mas como o ſitio ficava

cava taõ deſviado da Cidade, e taõ viſinho á barra, entraraõ as Religioſas em receyos de que lhe podia ſer nociva a viſinhança das embarcaçoens dos hereges, (que entraõ continuamente no porto, por razaõ do contrato) e que com duas paredes ficava o Sacrario mal defendido; ajuntavaõ-ſe as razoens de lhe ſer mais cuſtoſo o provimento na diſtancia do povoado: e começou o Prelado a querer melhorallas de ſitio; mas com duas advertencias, com que parece as aconſelhou o Ceo, ſe ſuſpendeo a diligencia. Foy huma, que eſtando certa Religioſa no Coro em oraçaõ, pedindo a Deos o acerto da mudança, ouvio huma voz, que clara, e diſtinctamente diſſe: *Aqui ha de ſer.* Naõ ſe ſoube, que Religioſa foſſe, mas propollo aſſim o Prelado á Communidade. Foy a outra, que huma peſſoa de grande opiniaõ, eſcrevendo á Prelada, lhe proteſtou: *Que naõ largaſſem o ſitio, porque perigava a nova fundaçaõ em qualquer outro.* Aſſim vieraõ a ficar neſte da Quinta da Condeſſa, e ſe deu logo ordem a principiar os muros da Clauſura.

Sahindo do lugar de Belem, (nome, que deu ao ſitio o do Real Moſteiro de Religioſos Jeronymos, que huma legoa de Lisboa fundou ElRey D. Manoel, com igual arquitectura, que grandeza; (eſtampas huma, e outra de ſua magnificencia) entrando na eſtrada, que corre direita até Paſſo de Arcos, ſe deſcobre hum pedaço de terra livre, direito, e deſabafado, a que da parte direita fica o caminho, e a praya da eſquerda, alegre com a viſta, que ſe eſtende até ſe perder na barra, e delicioſo, pelo eſpaçoſo eſpelho das aguas, que alli brandas, e criſtalinas, ſe quebraõ com ſaudoſo golpe nas areas. Faz mais viſtoſo o ſitio a continuaçaõ, com que as embarcaçoens eſtaõ ſahindo, e entrando no porto, e a frontaria das pequenas ſerras, que da outra banda ſe levantaõ da praya, ou como verde guarniçaõ, que ſobreſahe nas areas, ou como varias molduras, que vaõ cingindo o eſpelho das aguas. Neſte ſitio ſe eſtendia a Quinta, que a Condeſſa da Atalaya fez Moſteiro, e agora ſe começava a melhorar de edificio; pediaõ-o aſſim o numero de Religioſas, que creſcia, e naõ lhe faltava largueza para augmentar a Caſa.

Entrado o anno de 1645. determinado o dia, e ſendo a Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto, Vigaria in capite da Caſa, ſe lançou a primeira pedra para a Igreja nova. Fez a ceremonia o Meſtre Fr. Domingos do Roſario, porque impedido o Biſpo de Targa, que eſtava convidado, lhe mandou os ſeus poderes. Prégou o Meſtre Fr. Fernando Sueiro: e paſſando os Religioſos em Prociſſaõ ao ſitio, com a Senhora do Bom Succeſſo debaixo de Pallio, foy lançada a pedra, em que hia eſculpida huma Eſtrella ſobre as ondas, e eſtas letras: *S. M. M. S. P. N.* que vem a dizer: *Stella, Maria, Maris, Succurre, Piiſſima, Nobis.* Aſſim ſe deu principio áquella Sagrada fabrica, correndo os cabedaes por conta da Divina Providencia. Aſſiſtia o Meſtre Fr. Domingos ao edificio de pedra, e cal, com o ſeu cuidado;

e ao que mais creſcia, (que era o eſpiritual) com o ſeu exemplo. Mas entraraõ os annos, e os achaques a embaraçar-lhe aquella goſtoſa aſſiſtencia; logo a morte a tirar-lhe a vida, perpetua ſaudade deſta Caſa.

Naõ foy menos merecida a que deixou nella a Condeſſa da Atalaya, ſua illuſtre Fundadora, e acrédora mais juſtificada, da principal memoria, que neſta fundaçaõ nos occupou a penna. Naõ faltemos a ella. Foy eſta Senhora filha de Joaõ de Brito, e D. Antonia de Ataide; ſeu nome Dona Eria de Brito. Criou-ſe na protecçaõ de Dona Filippa de Ataide, (tia de ſua mãy, e Camereira mór da Rainha Dona Catharina, avó de ElRey D. Sebaſtiaõ) porque ſeus pays de feitiços, que lhe deraõ, ficaraõ incapazes de adminiſtrar Caſa, e doutrinar familia. Aſſim paſſou Dona Eria os primeiros annos em o Moſteiro de Santa Clara com huma parenta, de donde paſſou para o de Santos das Commendadeiras, para o cuidado, e enſino de Dona Grimaneza de Brito, tia ſua.

Contava quatorze annos, quando ſe vio herdeira de ſua Caſa, porque dous irmãos, que tinha, hum, que era Chriſtovaõ de Brito, acompanhando a ElRey D. Sebaſtiaõ, perdeo a vida na Campanha de Africa, e Lopo de Brito (que era o outro) na Batalha, em que foy deſtruido o Principe D. Antonio no lugar de Alcantara, junto a Lisboa. Herdada a Caſa, caſou Dona Eria com D. Diogo Forjaz Pereira, Conde da Feira, e em breve tempo viuva, celebrou ſegundas vodas com D. Franciſco Manoel, primeiro Conde da Atalaya; de ambos os matrimonios teve filhos, e deſtes a magoa de os perder em poucos annos; golpes, que aſſim lhe chegaraõ á alma, que parece lhe offenderaõ o juizo. Mas illuſtrou-lho o Ceo, para que melhorando de herdeiros, ſe reſolveſſe a dar ſua fazenda, e Quinta ás filhas de S. Domingos, que a reſpeitavaõ mãy, mas brevemente a chooraraõ ſem vida, (querendo Deos naõ lhe dilatar a paga) porque fundando-ſe a Caſa em 12 de Novembro de 1639, paſſou ella a lograr o premio do que tinha obrado, em 26 de Janeiro de 1640, naõ deixando tambem de o ſer o dar-lhe o Senhor vida até o tempo de lhe fazer aquella offerta, e negocear-ſe taõ ditoſa ſepultura.

CAPITULO XXI.

De algumas particularidades da Imagem da Senhora do Bom Succeſſo, Orago da Caſa; e das primeiras Religioſas, que faleceraõ nella, Sor Antonia Thereſa de Jeſus, huma das Fundadoras, e Sor Catharina do Roſario.

PRincipiada já a Igreja nova, (de que a ſeu tempo daremos noticia) naõ ſeguindo agora mais, que as que nos vaõ offerecendo os annos, he tempo de naõ faltarmos a huma, em que ſe contém, e ſe diviſaõ as mayores glorias deſta Caſa, como cifradas na Imagem da Senhora do Bom Succeſſo, Orago, e toda a veneraçaõ della, data da Condeſſa da Atalaya, (que hoje ſe vê na Capella mór) e a conſeguio ella como prenda

da do Ceo, bem reparada a circunſtancia com que lhe veyo a caſa. Caſo he muy parecido ao de algumas Imagens milagroſas da Senhora; (como o foy o da Senhora do Repouſo, do Moſteiro da Annunciada, e o da Senhora Madre de Deos na Caſa deſte nome) e foy o ſeguinte.

Occupava-ſe a Condeſſa com os cuidados, e diligencias da ſua fundaçaõ, quando hum dia lhe trouxeraõ a Imagem de huma Senhora, dizendo, que alli chegava hum peregrino com ella, e a vendia. Alvoroçou-ſe a Condeſſa, e levada da grande devoçaõ, que tinha com a Senhora, (e a muita com que eſta a repreſentava) mandou, que lhe trouxeſſem o peregrino, para ajuſtar o preço. Porém naõ ſó ſe naõ achou na ſala, em que o tinhaõ deixado, mas nem a gente da Caſa, que eſtava no patio, ſoube dar razaõ ſe tinha ſahido. Creſceo a devoçaõ com eſte reparo, e depois ſe lhe poz a invocaçaõ da Senhora do Bom Succeſſo, (já apontámos o motivo) e querendo a Madre Sor Marianna de Jeſus, que por aquelle molde ſe lavraſſe outra, para ſe collocar com o meſmo titulo na Capella Collateral da parte do Evangelho (que eſcolhia para jazigo de ſeu pay) por duas vezes ſe cançou de balde a Eſcultura, até que mudando a Religioſa a tençaõ, e reſolvendo-ſe, que foſſe a Imagem da Senhora do Roſario, ſahio logo perfeita, mas naõ parecida. Aſſim ſe collocou a Imagem peregrina na Capella mór, como Orago da Caſa.

Grandes ſaõ os favores, que eſta experimenta na ſua protecçaõ; grande a devoçaõ, e fé com que as Religioſas recorrem a ella, convidadas da experiencia, em que cada dia conhecem, que as eſcuta como Mãy, e as remedea como Senhora. Por trez vezes, recorrendo a ella, lhe creſceo o azeite nas talhas de todo vaſias; prodigio, de que todas foraõ teſtemunhas. Por repetidas vezes lhe livrou no celleiro os legumes, e o trigo do gorgulho; para o que uſavaõ de huma piedoſa induſtria; em ſe vendo perſeguidas daquella praga, (que era huma total perda) offereciaõ o trigo á Senhora, e em ſua veneraçaõ amaſſavaõ hum alqueire para os pobres; e vindo depois ao celleiro, achavaõ montes de gorgulho morto.

Guardava em huma occaſiaõ o celleiro unicos ſeis alqueires de trigo, naõ ſendo poſſivel por entaõ o provimento. Deu a Celleireira parte á Prelada, (naõ ficou em memoria quem era) que vendo-ſe naquelle aperto, recorreo ao remedio coſtumado. Mandou, que ſe amaſſaſſe hum alqueire para os pobres, (deſtra na retribuiçaõ de Deos de cento por hum) naõ eſtava taõ prompta a fé da Celleireira; reprehendeo-a a Prelada, e mandou-lhe que obedeceſſe ſem replica, accreſcentando: *Que aquella eſmola era em nome da Senhora, e que ella ſe naõ eſqueceria de ſua familia.* Hia a obedecer a ſubdita, quando chamando-ſe na Roda, acha hum recado, em que aviſavaõ a Prelada, que mandaſſe logo deſpachar huma caravella, que alli tinha dado fundo, e trazia dez moyos de trigo para o Moſteiro. Todo elle teſtemunhou o ſuccedido.

Mas

Mas naõ foraõ ſó as Religioſas as que o fizeraõ a ſemelhantes maravilhas ; tambem os ſeculares deraõ fé em parte dellas. Agora o veremos. Era em Veſpera do Roſario no anno de 1662. Achava-ſe a Prelada ſem dinheiro , a Caſa ſem o provimento quotidiano , o dia , que eſperavaõ feſtivo ; recorreo afflicta á Senhora , e diſſe-lhe : *Senhora , vós neſta Caſa ſois a Prioreza , e eu a Procuradora. A' manhãa he o voſſo dia. Eſe em ſemelhante naõ falta huma Rainha com a meſa ás ſuas Damas , naõ haveis vós de faltar com o ſuſtento ás voſſas eſcravas.* Naõ ſe paſſou tempo , quando chamando á Roda , entregaraõ huma eſmola para a Senhora ; trazia-a o Piloto de huma embarcaçaõ , que acabava de dar fundo defronte do Moſteiro. E ſem que ſe lhe fizeſſe pergunta , diſſe : *Que aquella eſmola tirara elle na ſua embarcaçaõ : porque , vendo-ſe no mar largo , ſem poder aviſtar a barra , e quaſi em calmaria , acoſſado do Gallego* , (que entaõ perſeguia , e infeſtava a Coſta) *e chegando a extremo de lhe naõ eſcapar , chamaraõ pela Senhora do Bom Succeſſo , e viraõ de improviſo que , ajuntando-ſe-lhe huma náo poſſante , ſe poz em fugida o inimigo , e a náo em ſeguimento delle , ſem que os da embarcaçaõ perſeguida podeſſem (eſtando em taõ pouca diſtancia) conhecer que náo os defendia* Mas entendeo logo a ſua devoçaõ , que ſeria aquella Senhora , que foy a Náo Soberana , em que o Ceo ſe commerciou com a terra : *Entendendo-o aſſim* (continuava o Piloto) *tirey entre os da embarcaçaõ eſta eſmola , e experimentamos todos nova mercê ; porque temendo ſemelhante encontro , lançámos ſortes ; pondo Norte , e Sul com os titulos da Senhora da Ajuda , e do Bom Succeſſo ; e ſahindo a do Bom Succeſſo , a ſeguimos com breve , e proſpera viagem , e viemos lançar ferro á viſta deſta ſua Caſa.*

Facta es quaſi Navis inſtitoris , de longe portans panem ſuum. Prov. 31. 14.

Em outro aperto , ſem recurſo de humano ſoccorro , ſe vio em outra occaſiaõ a Prelada ; e chegando-lhe (como o entendeo) por favor da Senhora huma eſmola (que eſtando muitas Religioſas enfermas , naõ vinha a ſer de ſubſtancia) ſe poz diante da Senhora , e lhe diſſe : *Vós bem vedes , Senhora , que eſte ſoccorro he eſcaço para o noſſo aperto. Naõ heis de permittir que as voſſas ſervas pereçaõ deſamparadas.* Chamaraõ no meſmo tempo á Roda a procurar a Prelada , com a paga de hum juro , que naõ eſtava vencido , e ſe coſtumava arrecadar com trabalho. Deſte , e ſemelhantes caſos teſtemunharaõ as Religioſas ; e donde ſe conhece a ſua obſervancia , baſta o teſtemunho das meſmas. Mas naõ falte tambem o noſſo na vida de algumas , que acreditaraõ ſingularmente eſta Caſa , e o faraõ tambem a eſta eſcritura ; e ſeguiremos nella a ordem com que faleceraõ. Seja a primeira a Madre Sor Antonia Thereſa de Jeſus , huma das Fundadoras.

A Madre Sor Antonia Thereſa de Jeſus.

Foy eſta Madre de naçaõ Portugueza , de naſcimento nobre ; veyo para Fundadora deſta Caſa da de S. Joaõ de Setuval , de idade de trinta e quatro annos , mas taõ adiantados em virtude , e prudencia , que encheo o lugar de Meſtra primeira , e regra viva da obſervancia. Foy nella ſingular exemplar de penitencia. Naõ ſe ſatisfazia ſeu eſ-

eſpirito com os rigores do Eſtatuto do Moſteiro ; acabada a diſciplina com toda a Communidade, ſe retirava a continuar a ſua , e com tanta crueldade, como depois (por mais que diſſimulado) moſtrava o ſangue. Acompanhavaõ as diſciplinas os cilicios , naõ menos rigoroſos, que continuados. Era rara a eſtreiteza do ſeu jejum, (accreſcentando muitos aos da Conſtituiçaõ) e igualmente eſtreito, que diſſimulado. Muito tempo naõ teve mais cama, que huma taboa, e huma manta. Hum habito taõ ſaffado , e roto , que lhe naõ podia ſervir de abrigo. Obrigou-a a Prelada a aceitar duas mantas , e hum enxergaõ por cama, e hum habito, ſe menos remendado , mais groſſeiro. Aceitou em huma, e outra couſa a melhora, ganhando obediente o que perdia mortificada. Todo o tempo para ella era de oraçaõ; aſſim lhe levava eſte emprego quaſi todo, o que lhe reſtava da occupaçaõ do Coro.

Na de Prioreza) peregrina a ſua humildade , e ſogeiçaõ) eſtimava ſó o creſcer-lhe a obrigaçaõ de caritativa com as ſubditas , para que ſó olhava como filhas. Pagava-ſe Deos daquelle genio piedoſo , e parece que lho deu a entender; aſſim chegaraõ quatro donzellas de Irlanda , com Patentes do Provincial daquella Provincia, para tomarem o habito neſta Caſa. A ordem naõ tinha vigor, por ſer ella immediata ao Geral. Para o meſmo havia neſte Reyno muitas pertendentes ; no Moſteiro poucas poſſes ; retardavaõ-lhe as Religioſas a entrada , (que ſe lhe hia pondo duvidoſa) quando hum dia eſtando a Madre Sor Antonia em oraçaõ no Coro (depois de ter commungado) vio que nelle eſtavaõ nas Cadeiras das Noviças as quatro Irlandezas com ſeus habitos de Religioſas. Aſſim entendeo a vontade de Deos , e communicando-o com a Madre Sor Maria Magdalena, e eſtendendo ſe a toda a Caſa, lançou logo o habito a huma, que foy a Madre Sor Ignez do Roſario, naõ continuando com as outras, porque lho atalhou a morte, de que parece lhe anticipou o Ceo a noticia.

Partia o Meſtre Fr. Domingos do Roſario com Enviatura a França, por mandado delRey D. Joaõ o IV. e pedia-lhe a Madre Sor Antonia, que a deixaſſe aliviada do trabalho de Prioreza. Enterteve-a o Padre até que ſe auſentou, deixando-a nelle. Sentio-o ella, e diſſe ás Religioſas : *Hora já que naõ quiz abſolverme o Padre Vigario , Deos me abſolverá de outro modo.* Entendeo-ſe a ſegurança, com que o diſſe , quando a poucos dias a viraõ ás portas da morte de hum accidente. Paſſada a força delle , lhe perguntou Sor Maria Magdalena, ſe queria reconciliar-ſe; (tinha commungado o dia de antes) reſpondeo , que pela miſericordia de Deos naõ tinha de que , e ſó eſperava a ultima hora, que era toda a ſua importancia. Moſtrava-o aſſim o alvoroço , que ſe lhe percebia nas palavras , e no ſemblante, ſem que o mal , que eſtava padecendo , lho diminuiſſe. Com eſte ſocego a alcançou a morte em 13 de Outubro de 1649. Deraõ-lhe entaõ ſepultura no Coro, depois no Capitulo, com a conſolaçaõ de ſe entender e por

huma

huma peſſoa de virtude) que já Sor Antonia lograva o premio da ſua.

A Madre Sor Catharina do Roſario.

Naõ ſoube merecello menos a Madre Sor Catharina do Roſario, Irlandeza, em que a virtude pareceo herança, como filha de D. Joaõ de Burgo, Senhor do Caſtello, e Caſa de Britos, e de Dona Gracia Torronton, filha de D. Jorze Torronton, Marichal de Momonia, Caſas huma, e outra illuſtriſſimas em Irlanda. Ficara Dona Gracia pejada, quando tiraraõ a vida a ſeu marido D. Joaõ, (em odio da Fé, e por mandado da Rainha Iſabela de Inglaterra) achando-ſe, que diſpuzera em ſeu teſtamento, que ou filho, ou filha, que Deos lhe déſſe, veſtiſſe o habito de S. Domingos; ſahio daquelle parto á luz Sor Catharina, criou-ſe como herdeira da Caſa, (por morte de hum irmaõ, que ſeu pay mandara criar a Caſtella) e chegando á idade de lhe poder dar ſucceſſaõ, entraraõ a mãy, e parentes com as inſtancias de que eſcolheſſe eſpoſo da melhor nobreza do Reyno, de que ſe via naõ ſó buſcada, mas perſeguida. Mas ella ſem eſquecer o conſelho de hum tal pay, tinha aſſentado em ſeu coraçaõ, que as vodas haviaõ de ſer com Jeſu Chriſto, e a mortalha Dominica a gala do deſpoſorio.

Eſte foy o deſengano, que deu naõ ſó a ſua mãy, parentes, e peſſoas de grande reſpeito, mas ao Biſpo de Lemeriqûe, Cidade em que vivia, que a obrigava com os olhos na perda, e deſconſolaçaõ de ſua Caſa. Começou logo Sor Catharina a experimentar nella perſeguiçoens, e deſprezos, tratada de toda a familia, como a mais infima eſcrava della; golpes, que rebatia com grande paciencia, recorrendo á oraçaõ, e ás lagrimas, em que gaſtava a noite inteira, retirada em huma caſa, em que a deixavaõ ſem luz, nem cama. Por eſte tempo ſe achava o Meſtre Fr. Domingos do Roſario na meſma Cidade de Lemerique, com importancias de Caſtella. Praticou (foy induſtria do Ceo) com Sor Catharina, approvou ſeu ſanto propoſito, como outro ſemelhante, de huma prima ſua Dona Urſula de Burgo, e aſſentou com ambas a entrada no Moſteiro, que fundava em Portugal. Accendeo novamente ſeus eſpiritos em ancias de buſcar o centro delles, e fiando toda a boa direcçaõ de Fr. Diogo de Orliens, Provincial de S. Domingos da Provincia de Irlanda, como parente das duas diſcipulas, que deixava, paſſou a Caſtella.

Mas as duas donzellas, que aborrecendo o fauſto, e pompa do Mundo, queriaõ induſtriarſe na Regra Dominicana, deixaraõ ſuas Caſas, e recolheraõſe em a de huma Terceira da Ordem, couſa permittida a mulheres da primeira calidade, que querem com mais diſfarce, e menos teſtemunhas, frequentar os exercicios, e occupaçoens Catholicas. Aqui eſtiveraõ dous annos de vida penitente, e com tanto intereſſe de ſuas almas, que o inimigo dellas, apparecendo hum dia impaciente a Sor Catharina, lhe diſſe: *Que ſe naõ mortificaſſe, porque lhe naõ havia de valer para ſe ſalvar.*

Mas o Ceo, que já ſe obrigava de ſua conſtancia, diſpoz fe-

felizmente a occaſiaõ de paſſarem a eſte Reyno, ella, e ſua prima; chegaraõ a elle pelos annos de 1640, e tomaraõ logo o habito neſte Moſteiro do Bom Succeſſo, em que Sor Catharina começou a reſpirar, como em centro de ſeu eſpirito. Sempre parece, que o trazia na preſença de Deos, porque continuamente a viaõ de joelhos, ainda nas officinas, e no emprego dos ſeus officios. Inventava rigoroſas diſciplinas, com que ſe feria ſem piedade. Duas taboas eraõ a ſua cama, tendo a de hum enxergáõ por muito mimoſa. O ſeu mais cuſtoſo trabalho era eſconder eſtes, e ſemelhantes rigores da Meſtra, que lhos naõ permittia.

Teve dom de lagrimas, que na oraçaõ lhe cahiaõ copioſas, como ſe ſe lhe diſtillara o coraçaõ naquelle fervoroſo incendio, que lhe arrebatava o eſpirito: movidas do que viaõ nella, lhe perguntaraõ algumas Religioſas: *Que eſtylo era o ſeu na oraçaõ*; a que reſpondeo: *Que de oraçaõ naõ entendia nada*; *que o que fazia, era rezar o ſeu Roſario*; *e que para huma vida muy larga, baſtava hum ſó myſterio.* Aſſim ſabia ſer profunda ſua contemplaçaõ! Cahio enferma de mal rigoroſo, e arrebatado. Laſtimavaõ-ſe as Religioſas, que lho viaõ padecer; e dizendo-lhe huma, que ſe encomendaſſe á Senhora da Encarnaçaõ, (de que era devota, e dahi a trez dias ſe celebrava) para que lhe aliviaſſe a moleſtia, para a ſervir no ſeu dia; reſpondeo: *Grande mal ſerá o meu, ſe em dia da Encarnaçaõ naõ eſtiver eu com meu Senhor!*

Pedio, e recebeo os Sacramentos com ſuavidade de eſpirito; e poucas horas antes da ultima (que foy ao terceiro dia da doença) pedio, que lhe molhaſſem hum lenço em agua cheiroſa. Lavou as mãos, e o roſto; e dizendo lhe a Prelada por galantaria: *Boa Religioſa do Bom Succeſſo! Com hum lenço de agua de cheiro?* reſpondeo com a meſma graça: *Pois, Madre, ſe as do Mundo uſaõ de aguas de cheiro para o Mundo, que mal faço eu de querer ir muy cheiroſa a meu Eſpoſo!* Aſſim ficou hum pouco ſuſpenſa: e ouvindo em voz clara, que de huma parte do leito, que eſtava deſoccupada, ſe lhe dizia: *E quem te diſſe a ti, que havia eternidade? Naõ creias niſſo*: diſſe, voltando o roſto, como quem conhecia o author do conſelho, e deſprezava hum, e outro: *Bem conheço a você. Va-ſe embora; que muito bem ſabe, que ha Ceo, e Inferno.* E continuando ſoliloquios com ſeu Eſpoſo Chriſto, e a Senhora do Roſario, lhe ouviraõ dizer muitas vezes, como ſe reſpondera: *A mim! Senhora, a mim! Que ſou huma neſcia!*

Já lhe cançava a voz; deſpedio-ſe das Religioſas com tanta alegria, e alvoroço, como quem eſtava de caminho para o Paraiſo. Aſſim paſſou (piedoſa conjectura das aſſiſtentes) ao das eternas felicidades, em dia de noſſa Senhora da Encarnaçaõ, 25 de Março de 1651, como parece vaticinara, quando cahio enferma. Ficou com ſemblante alegre, e corpo flexivel. Deraõ-lhe ſepultura no Coro; e paſſados ſeis mezes, a paſſaraõ para o Capitulo. Eſtava o caixaõ por huma parte aberto; e teſtemunharaõ as Religioſas, que ex-

halava fragrancia de flores. Houve huma, que (para teſtemunhar o que ſuppunha) examinou com as mãos a inteireza do corpo, e aſſim o achou taõ flexivel, como ſe eſtivera vivo.

CAPITULO XXII.

Das Madres Sor Luiza Maria do Sacramento, Sor Cecilia do Roſario, Sor Iſabel da Paixaõ.

VEnturoſa alternativa, a com que o Ceo hia eſcolhendo as Religioſas deſta Caſa, para os Córos da Bemaventurança! Huma Portugueza, Irlandeza outra, para teſtemunhar a conformidade, com que viviaõ todas, deſconhecendo a caridade a diverſidade das Patrias, como aquella que era caminho para huma, aonde haviaõ de viver juntas. Aſſim ſe ſeguio á Madre Sor Antonia Portugueza, huma Irlandeza, que foy a Madre Sor Catharina; e a eſta ſe ſegue outra Portugueza, que he a Madre Sor Luiza Maria do Sacramento. Foy eſta Madre filha de Ruy de Mello de Sampayo, da Caſa de Villaflor, e de Dona Maria de Azevedo, igual em nobreza. Foy notavel o parto, de que eſta Senhora teve a Sor Luiza: porque precedendo dous de filho, e filha, (taõ rigoroſos, que eſteve ás portas da morte em ambos) o de Sor Luiza foy taõ ſuave, que, viſitando huma amiga, ao aſſentar-ſe em huma cadeira, a lançou com huma dor taõ leve, que a attribuîo a milagre.

A Madre Sor Luiza Maria do Sacramento.

A tal naſcimento ſe ſeguio igual vida, ainda em idade, em que obra ſem conſelho a natureza. Baſtava dizerem-lhe, que huma couſa era peccado, para ſe deſviar della, como ſe o conhecera. Nos exercicios da virtude achava já huma harmonia, que a arrebatava; toda ſua occupaçaõ era rezar; e para tudo, o que naõ era Deos, a levavaõ com violencia. Venciaõ-na talvez as irmãas, (para os divertimentos daquelles primeiros annos) e eſtando huma occaſiaõ com Dona Marianna de Mello, que era huma dellas, em huma ſala, deixando-a eſta ſó por pouco eſpaço, quando voltou, a achou ſuſpenſa com os olhos em huma parede, e cheyos de groſſas lagrimas. Perguntou-lhe Dona Marianna a cauſa; a que reſpondeo: *Que áquelle inſtante ſe lhe abrira aquella parede, e vira muitos Anjos, e entre elles dous irmãos ſeus, (falecidos de tenra idade) convidando-a para ſua companhia, e ſe lhe cerrara a parede, ſem ella poder dizer nada.* Outros caſos lhe ſuccederaõ neſtes annos, de que naõ ficou mais que a memoria de ſuccedidos.

Já ſem mãy, e com duas irmãas, em companhia de huma tia, no Moſteiro de Santos, vivia como na mais apertada recoleta. Continuava os exercicios penitentes, e devotos, frequentava os Sacramentos, mas ſuſpirando ſempre viver ſem liberdade, ſepultada em huma clauſura. Naõ ſe deitava em cama. Muitas noites paſſava de joelhos. Vencida do ſono, encoſtava por poucas horas a cabeça no leito. Das trez até ás ſeis da madrugada gaſtava orando. Trez vezes na ſemana tomava diſciplina de ferro, e por eſpaço de meya hora; os meſmos trez dias ſe cingia, e apertava com cilicios; martyrio, que con-

ti-

tinuava toda a Quareſma. A eſte eſtylo de vida ajuntou o de Religioſa, tomando o habito neſta Caſa; e ſobre o rigor das Conſtituiçoens, e Regra, aſſim creſciaõ cada dia os exercicios da penitencia, que foy neceſſario entrar o preceito do Prelado a reſgatar-lhe a vida das mãos de ſua ſeveridade. No Coro a naõ viaõ nunca ſentada mais, que na ceremonia do Officio Divino. Em pé, ou de joelhos, reconhecia a preſença do Santiſſimo. Taõ bem occupado tinha alli ſeu penſamento!

Nas officinas de mais trabalho era a primeira. O ſeu deſvelo, lançar maõ da occupaçaõ mais infima. No trato de ſua peſſoa, e cella, ſe via como ſe deſpira do Mundo, cerceando ainda muito da pobreza grande do Moſteiro. No Refeitorio deſtemperava com agua o prato, em que achava goſto, e comia couſas amargoſas, com a deſculpa de lhe chamar meſinha. Chorava amargamente, dizendo: *Que envejava ás mais o ſaberem ouvir a voz de Chriſto, para ſe conformarem nos trabalhos: e que ſó ella como mayor peccadora ſe via rebelde em todos*; ſendo tal ſeu ſofrimento, conſtancia, e inteireza, que naõ houve adverſidade, que a achaſſe afluſtada, menos affliçaõ, que a deixaſſe queixoſa. O que a deſvelava, era o augmento da Caſa na obſervancia. Entendia da ſua ſanta, e primeira Prelada, a Madre Sor Antonia Thereſa, que gozava a viſta de Deos; e eſtando huma noite no Coro de joelhos ao pé da ſua ſepultura, acabada ſua oraçaõ, e dizendo-lhe: *Madre, pois eſtais diante de Deos, pedi-lhe por eſte voſſo Moſteiro*, levantando os olhos á Capella da Senhora do Bom Succeſſo, vio claramente a ſanta Prelada orando.

De ſemelhantes caſos de repreſentaçoens, com que o Ceo premiava ſua fé, ſe conjecturou muito, mas naõ houve importunaçaõ, que as podeſſe deſenterrar do ſeu ſilencio. Em Veſpera da Encarnaçaõ, por Março de 1651. ſahio de Matinas, ameaçada de huma febre mortal; mas eſtava a Madre Sor Catharina do Roſario em paſſamento, naõ quiz recolher-ſe, foy aſſiſtir-lhe, deixando-ſe vencer o mal da força da caridade. Repararaõ os Religioſos, (que tinhaõ entrado ao officio da agonia) que ella eſtava com moleſtia; e mandando-a o Prelado recolher, acodio a moribunda, como ſe deſpertara de hum lethargo, dizendo: *Deixay Padre, deixay eſtar a Santa; que ella nas Veſperas da Senhora naõ ſe deita.* Já vimos no Capitulo paſſado quem era a Madre Sor Catharina; e agora a hora, em que eſtava, e as circumſtancias com que o differa. Grande teſtemunho para a Madre Sor Luiza!

No dia da Encarnaçaõ commungou, gaſtando (como ſempre fazia) todo o dia no Coro, donde a recolheraõ deſacordada. Tinha entrado no Moſteiro, aſſiſtindo á morte da Madre Sor Catharina, o Meſtre Fr. Diogo Arturo, que entaõ era Vigario; e vendo a Madre Sor Luiza veſtida no ſeu burel, ſobre duas taboas, que eraõ a ſua cama, cuberta com huma manta groſſeira, voltando para ſua irmãa a Madre Sor Marianna, diſſe com os olhos cheyos de lagrimas: *E que conta darey eu a Deos,*

que me corre a meſma obrigaçaõ, que a eſta ſua ſerva! E ſahindo da cella com a Prioreza, rompeo neſtas palavras, filhas de ſeu eſpirito: *Ah Madres! E quanto temo, que no dia do Juizo ſejais vós outras noſſos verdugos!* Como ſe diſſera com S. Gregorio Magno: *Que he o que podemos dizer nós os homens robuſtos por natureza, vendo o debil, e fraco das donzellas, pondo na conquiſta do Ceo o peito ás lanças! Grande confuſaõ para nós! Eſtas batalhando com os martyrios, e nós ſem buſcar a Deos, ſe quer entre ſocegos! Quid inter hæc, nos barbati, & debiles dicimus, qui ire ad regna Cæleſtia, puellas per ferrum videmus... Hoc ipſum nobis turpe ſit, quod Deum nolumus ſaltem per pacem ſequi.*

Greg. Pap. Homilia 12. in Euangelia.

Durou o mal trez dias, e no fim delles, já deſamparando-a o alento, recebeo Sor Luiza os Sacramentos com grande eſpirito; e voltando-ſe á Prioreza, e mais Religioſas, lhes pedio perdaõ, e ſe deſpedio dellas, reſpondendo a huma (que lhe fazia eſſa pergunta) *Que já de nada tinha eſcrupulo; perſeguindo-a em toda ſua vida eſſe martyrio.* Pedio logo, que lhe diſſeſſem algumas oraçoens devotas, e daquella hora, que repetia com grande devoçaõ, e advertencia; e já ſem alento, abraçando ſe com hum Chriſto crucificado, lhe entregou o eſpirito, cerrando os olhos como em ſuave ſono. Chegado Setembro deſte meſmo anno, e havendo-ſe de mudar o Coro, ſentia a Prioreza, que as Religioſas falecidas, e eſpecialmente a Madre Sor Luiza, (que taõ magoada, e ſaudoſa deixara toda aquella Caſa) houveſſem de ficar fóra da Clauſura, porque o Coro antigo paſſava a ſer Caſa da Portaria, e as ultimas Religioſas, (como ſepultadas de freſco) tinhaõ ſua difficuldade, para ſerem paſſadas para o commum jazigo.

Eſcreveo ſobre eſte ponto ao Prelado; e antes de ter a reſoluçaõ delle, ſonhou a Madre Sor Marianna de Jeſus, que ſua irmãa Sor Luiza ſe lhe moſtrava veſtida em huma roupa muy alva, e com ſemblante alegre lhe dizia: *Dizey á Prioreza, que mude os noſſos corpos na fórma, que diz o noſſo Padre Vigario.* Pela manhãa ao abrir da Roda, ſe achou a repoſta do Prelado, que mandava, que ſe fizeſſe a mudança, e Religioſos para aſſiſtir a ella. Teſtemunharaõ os que aſſiſtiraõ mais viſinhos ao caixaõ da Madre Sor Luiza, que perceberaõ hum ſuave cheiro em o abalando. Outra circumſtancia ſe ſeguio á morte deſta Madre, digna do noſſo reparo, e foy, que huma Freira das Commendadeiras de Santos, peſſoa de vida reformada, e que tivera grande familiaridade com a Madre Sor Luiza (eſtando naquella Caſa) poucos dias depois de ſua morte ſonhou que a via cercada de huma grande luz, com precioſa gala, e roſto banhado em alegria, e que a chamava, para que a acompanhaſſe nella. Acordou entre goſtoſa, e aſſuſtada, contando a todas o ſonho; e dahi a dous dias lhe deu mais credito, (com grande goſto de ſeu eſpirito e porque adoecendo, e recebidos os Sacramentos, faleceo logo. Chamavaſe D. Brites Soares, filha de Amador Gomes Rapoſo, Chanceller mór da India, e eſtava com outras irmãas neſta Caſa.

Mas

Mas ſigaõ-ſe neſta do Bom Succeſſo á Madre Sor Luiza, duas Religioſas Irlandezas, continuando a venturoſa alternativa das primicias, que a ſua Clauſura deu ao Ceo. Foraõ ellas a Madre Sor Cecilia do Roſario, e Sor Iſabel da Paixaõ, Religioſas de eſtreita obſervancia, muita penitencia, trabalho continuo, e vida inculpavel, como teſtemunhou o Meſtre Fr. Domingos do Roſario, que confeſſando a Madre Sor Cecilia gravemente enferma, ſe admirava naõ ſó da pureza de ſua alma, mas do acerto com que diſpuzera ſua conſciencia, praticando no que tocava a ella, como ſe fora illuſtrada, e como o mayor Theologo o fizera. E accreſcentava o Padre: *Que ella infallivelmente falecia*; *porque aquillo naõ podia ſer menos, que reflexos do lume da gloria.* Favoreceo mais eſte penſamento o ſer Sor Cecilia em ſuas praticas muy acanhada, e ſingela; e finalmente confirmaraõ no algumas circumſtancias, que ſe viraõ em ſua morte (dignas de advertencia, como de ſanta enveja). Foy ella em Julho de 1652.

A Madre Sor Cecilia do Roſario.

Seguio os meſmos paſſos a Madre Sor Iſabel da Paixaõ, com o exceſſo de ſua grande conſtancia em buſcar a prizaõ da Clauſura, e o martyrio da obſervancia; porque eſta Madre foy huma das quatro irmãas Irlandezas (de que já démos noticia) a que ſe difficultou a entrada, tomando ella, e mais duas o habito de Terceiras, e vivendo com hum taõ ſingular exemplo na viſinhança do Moſteiro, que foy o que lhe franqueou a todas as portas delle. Entrou por ellas Sor Iſabel, naõ accreſcentando ao reformado de ſua vida mais, que a Clauſura; mas o que nella avultava mais, era o zelo da Religiaõ, e caridade com as Religioſas. Eſtando moribunda, pedio que lhe lançaſſem agua benta, dizendo á Prioreza, que ao ouvido lhe eſtavaõ perguntando onde iria? e aſſim queria, que lhe leſſem logo a proteſtaçaõ da Fé, que acompanhou, e repetio em juizo perfeito, eſpirando logo com grande ſocego de eſpirito. Foy ſua morte em dia dos Innocentes de 1659.

A Madre Sor Iſabel da Paixaõ.

Mas naõ eſqueçamos huma reflexaõ, que agora nos advertio a morte da Madre Sor Iſabel, (e a podiamos fazer em as das mais Religioſas Irlandezas) por ſer materia de que ha experiencia; e vem a ſer que, moſtrando o Ceo a virtude, em que mais ſe eſmeraõ, que he a conſtancia da Fé, e ſuſtentada deſde o berço, de que começaõ a deſpedaçar as ſerpentes das aſtucias, e cavillaçoens dos hereges, a vencer os trabalhos da perſeguiçaõ de ſuas impiedades e ſempre no ultimo alento da vida as combate o inimigo commum, como Capitaõ dos rebeldes, e deſtro em ſemelhantes rebates. Mas ſempre e para confuſaõ ſua e ſahe a fraqueza, e debilidade feminina com a vitoria, quebrando-lhe a cabeça.

CA-

CAPITULO XXIII.

Das Madres Sor Marianna de Jeſus, Sor Leonor de Santa Margarida, Sor Maria Magdalena de Chriſto, Sor Leonor do Calvario, Sor Jacintha de Jeſus Maria, da meſma Caſa do Bom Succeſſo.

CONtinuamos ainda com a meſma alternativa de Portuguezas, e Irlandezas, chamando o Ceo ora humas, ora outras ao thalamo das felicidades eternas: aſſim ſe ſegue agora a eſtas duas Irlandezas do Capitulo paſſado, huma Portugueza. Foy ella a Madre Sor Marianna de Jeſus, filha mais velha de Ruy de Mello de Sampayo, e das primeiras povoadoras deſta Caſa do Bom Succeſſo, para onde veyo triunfando de muitos embaraços, (liſonjas aos olhos do Mundo, nos laços do matrimonio) em que ſeu pay lhe queria roubar a liberdade, offerecida já a melhor Eſpoſo, que a tinha eſcolhido. Criara-ſe eſta Madre em hum Moſteiro de Religioſas Franciſcanas, com huma tia, a que deſejava acompanhar no habito, por ſer já neſte tempo ſua vida de huma reformada Religioſa.

A Madre Sor Marianna de Jeſus.

Aſſim adiantada nos exercicios da mais perfeita, entrou neſta Caſa, abraçando todas as aſperezas da obſervancia, mas logo os achaques lhe foraõ á maõ nos ſeus rigores. Entregouſe á oraçaõ, e era ſua vida, paſſando-a inculpavel, e empregando-a no culto do Santiſſimo, a que deu huma fermoſa Cuſtodia, e algumas peſſas de valor para lhe armarem o Altar, offerecendo, para mayor decencia ſua, o mais precioſo, que trouxera de ſua Caſa, parecendolhe ſempre dote eſcaço, como quem entendia o que grangeara na maõ de ſeu Eſpoſo. Creſciaõ os achaques (e já em annos muy creſcidos) aſſim traziaõ a Sor Marianna muito acautelada. Sahindo do Confeſſionario hum dia, lhe deu hum accidente, e entrando a vêlla a Prelada, e dizendo-lhe, que o Medico lhe mandava dar o Viatico, levantando os olhos, e as maõs ao Ceo, diſſe com ſemblante alegre: *Muitas graças ſejaõ dadas a Deos!* e recebendo-o com ſuavidade de eſpirito, paſſou deſta vida, e ſeria a repetirlhas na eterna, em 4 de Mayo de 1668.

A Madre Sor Leonor de Santa Margarida.

Siga-ſe a eſta Portugueza, huma Religioſa Irlandeza, que foy a Madre Sor Leonor de Santa Margarida. Tomou o habito no dia da primeira entrada, que ſe fez neſta Caſa, e o ſobrenome, por vontade da Duqueza de Mantua Margarida, que entaõ governava eſta Coroa por Caſtella, e aſſiſtio a eſta funçaõ, pedindo ao Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, que lançava o habito ás Noviças, os cabellos deſta, naõ por ſerem (como eraõ) largos, e formoſos, mas pela grande opiniaõ, que tinha de Sor Leonor; aſſim levou a prenda com eſtimaçoens de reliquia. Foy eſta Madre do principal ſangue de Irlanda, donde fogindo aos ameaços da hereſia, ſe retirou a Caſtella depois de viuva; e achando-a o Meſtre Fr. Domingos do Roſario em hum Recolhimento naquella Corte, a trouxe para a nova fun-

fundaçaõ, como o que tinha tanto conhecimento de ſua qualidade, como experiencias de ſua virtude.

Deſempenhou Sor Leonor o conceito, que ſe tinha della, na nova reforma de ſua vida, dando-lhe o Ceo forças (porque já a perſeguiaõ doenças) para continualla, e com tanta edificaçaõ das Religioſas, que occupou os lugares de Meſtra de Noviças, e de Prioreza, pelo voto de todas. Apanhou-a a morte em ſanta velhice, e pareceo premio no que teve de ſuave, em 21 de Março de 1669.

A Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto.

Grande Portugueza continuou a alternativa, pois foy a que ſe ſeguio a Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto, a quem tanto deve eſta Caſa, ſendo eſta Madre a que com varonil conſtancia venceo embaraços, e pizou deſenganos, applicando todas ſuas forças para ſe conſeguir a fundaçaõ della, como a que lhe deu entaõ o principio, depois a perfeiçaõ; pois como já vimos, foy a Madre Sor Maria a que alcançou a reſoluçaõ da Condeſſa, para a fundaçaõ do Moſteiro; e depois da morte della, a que, como veremos, o melhorou de edificio. Baſtava eſta noticia para ennobrecer ſua memoria; mas vamos ás que ainda colhemos de ſua vida, ou ás que puderaõ eſcapar á vigilancia de ſua modeſtia.

Foy a Madre Sor Maria Magdalena filha de D. Manoel de Menezes, da Caſa dos Marquezes de Marialva, e de Dona Luiza de Moura, por morte da qual ſe criou com huma tia no Moſteiro das Commendadeiras de Santos, e taõ lembrada já deſde os primeiros annos das importancias de ſua alma, que nada lhe levava os olhos, como a vida de huma Clauſura, e mais, quando mais eſtreita. Teve conhecimento do Meſtre Fr. Domingos do Roſario, Fundador deſte Moſteiro, e diſcipula de ſeu eſpirito: foy huma das que acompanharaõ as Fundadoras da Caſa, e hum dos primeiros alentos com que começou a reſpirar aquella obſervancia. Foy ſua primeira vocaçaõ o Inſtituto de Santa Thereſa das Carmelitas Deſcalças; mas ouvindo praticar o Meſtre Fr. Domingos na Recoleta, que inſtituia para as Irlandezas, vacilando no primeiro propoſito, entrou em penſamentos de acompanhallas; aſſim pedia a Deos, que a illuſtraſſe para o acerto com ſupplicas, com inſtancias, com lagrimas, quando detendo-ſe huma noite nellas, ſe lhe repreſentou a Senhora do Roſario, aſſiſtida, e venerada do Meſtre Fr. Domingos, e muitas Religioſas Dominicas, que diante tinhaõ dous açafates de freſcas, e ſingulares capellas de flores. Entendeo logo, que a Senhora a convidava para o numero daquella ditoſa familia: e vencidas as difficuldades, que houve para a fundaçaõ nova, entrou nella, abraçando a mortalha Dominicana.

Acabou o Noviciado, como ſe entrara em outro novo; tal ſua ſogeiçaõ, e tal ſeu recolhimento! Aſpera nas penitencias, ſe cingia de cilicios, e inventando novas mortificaçoens, começou a abrir a porta aos achaques, que foraõ ſua continua penitencia. O zelo, e amor da obſervancia, a puzeraõ no lugar

gar de Prelada, que occupou vinte annos, avaliados por poucos das ſubditas, que atrahia com ſua brandura, e emendava com ſua vida. Era zeloſa, ſem paſſar ao extremo de ſevera, affavel ſem eſquecer a inteireza de Prelada; e coſtumava dizer com hum claro entendimento (de que a dotou o Ceo) *Que nos que governavaõ Familias Sagradas, o mais ſeguro emprego era a caridade, porque o zelo ſempre era neceſſario muy joeirado.* Grande documento para os que coſtumaõ lançar a capa do zelo ſobre os hombros dos reſpeitos particulares!

Por morte de ſeu irmaõ D. Joaõ de Menezes, ficou herdeira de hum bom morgado, com que ſe animou a emprender a obra grande da Igreja, que hoje ſe vê, e a de reedificar o Moſteiro em mayor fabrica, e melhor fórma, com que he hoje hum dos mais regulares, e perfeitos, que ſe achaõ na Corte, e viſinhanças della. Daremos depois neſte particular mais larga noticia. Foy rara ſua humildade: nem os privilegios de Prelada a iſentaraõ das occupaçoens de abatimento, lançando maõ dellas, com a deſculpa de que as exercitava para enſino. Aſſim era ſua vida huma regra muda, mas taõ grande brado para a ſua reputaçaõ, que naõ cabendo na Clauſura, ſe eſtendia aos ouvidos da Corte, occupando as attençoens da Rainha Dona Luiza, que com ſingular agrado a communicava. Apreſſaraõ-lhe os achaques a morte a huma vida, que ſempre parecia breve de bem empregada, tendo de idade ſetenta annos, que ſouberaõ merecer hum fim ſoſſegado, e indicio de conſeguir ſem fim o melhor premio. Tem ſepultura no Coro debaixo; lem-ſe eſtas letras na pedra, que a cobre.

Sepultura da Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto, que foy huma das primeiras, que tomaraõ o habito neſte Convento, e nelle viveo trinta e dous annos, e foy Prelada vinte; deu a traça da Igreja, e a edificou toda do rendimento de hum morgado, que herdou; e para ella ſe trasladou com ſolemniſſima pompa o Santiſſimo Sacramento em 20 de Julho de 1670.
Já diſſe a vida o mais que calou o epitafio.

A Madre Sor Leonor do Calvario.

Siga á Madre Sor Maria outra Religioſa da meſma antiguidade, que tomou o habito com ella. Foy eſta a Madre Sor Leonor do Calvario, nobre por naſcimento. Criou-ſe (ficando orfãa) em Caſa da Condeſſa Fundadora com grande eſtimaçaõ, que foy creſcendo com as experiencias da virtude, que nella ſe augmentava com a idade. Era já muy entrada nella, quando veyo para a Clauſura deſta Caſa, mas nada a deſperſuadio de abra-

abraçar os rigores da obſervancia, querendo ſeguilla com as obrigaçoens de Freira Converſa, aonde a convidava o intereſſe de mais abatida; moſtrou bem, que ſó eſſe a deſvelava, quando, querendo-a eleger Prelada, (profeſſara com empenho de todo o Moſteiro, por Freira do Coro) foy pelas cellas das Religioſas, lançando-ſe-lhes aos pés, e pedindo, que a naõ mortificaſſem em hum lugar, que nem poderia deſempenhar, nem podia merecer; e foy tal ſua eficacia, que as Religioſas mudaraõ de parecer, e votaraõ em outra.

Por mais que era vigilante ſua cautela, ſe alcançava muito de ſua penitencia: mas a obediencia foy a que mais luzio nella, e quiz moſtrar o Ceo, como lhe agradava com eſta virtude, dando a conhecer, que a exercitava com ſingularidade. Teve muita o caſo, que ſervio de teſtemunho, e foy o ſeguinte. Coſtumava a Madre Sor Antonia de Santa Thereſa Fundadora, (de que já deixamos noticia) retirarſe algumas tardes ao cabo da Cerca, para mais ſocegado exercicio de meditaçaõ, ou de reza; fello hum dia com tanta doçura de eſpirito, que entrou a noite ſem que ella o advertiſſe: tornando em ſi, teve pavor de ſe ver ſó naquelle lugar, e preza para a reſoluçaõ de ſahir delle, diſſe em ſeu coraçaõ: *Quem me ha de acompanhar? Eu mando vir aqui a Religioſa mais obediente, que ha nas ſubditas deſta Caſa!* Suſpendeo-ſe hum pouco, e levantando os olhos, achou junto a ſi a Madre Sor Leonor, que (reſpondendo-lhe á admiraçaõ com que lhe perguntava, quem alli a trouxera) lhe diſſe: *Que eſtando occupada em ſerviço da Communidade, lhe advertira o coraçaõ, que a Prelada eſtava na Cerca, e que para ſe recolher eſperava companhia. E que logo viera.* Carregada de annos, cahio entrevada; que lhe quiz o Ceo dar mais a coroa da tolerancia. Paſſou a recebella em dia de Santa Barbara (de que era devota) favor, que pedio a Deos toda ſua vida.

Tem aqui ſeu lugar a da Madre Sor Jacintha de Jeſus Maria, por ſer a ultima das cinco, que tomaraõ o habito no dia em que ſe fez a entrada no Moſteiro. Veyo eſta Madre para elle já muy creſcida, prendendolhe a aſſiſtencia de ſua mãy, ſó, e viuva, os paſſos com que deſde o uſo de razaõ quizera caminhar a buſcar a Clauſura; agora vingava os vagares com que viera, adiantando ſe em huma vida, que ſervia de edificaçaõ a toda a Caſa. Avultava mais nella a caridade, que lhe poz nas mãos o officio de Enfermeira, que ainda ſem obrigaçaõ exercitara com deſvelo, como ſe naõ viera a buſcar aquella vida para outro, ſendo taõ prompta em todos os da obſervancia, que em cada hum ſe achava toda.

A Madre Sor Jacintha de Jeſus.

Teve a meſma repugnancia, que a Madre Sor Leonor, para o lugar de Prelada, de que a eſcuſaraõ as Religioſas, porque a todas affirmava, que eſſe pezar lhe tiraria a vida. Queria tella mais retirada, para os penitentes exercicios de rigoroſas diſciplinas, e cilicios continuados. Já muy entrada em annos, pedia a Deos, que lhe naõ déſſe morte, que ſerviſſe ao Moſteiro de trabalho. Conſeguio-o aſſim;

porque, dando-lhe hum accidente, eſtando ouvindo Miſſa, a trouxeraõ para a Enfermaria, e no meyo da Confiſſaõ ſe lhe tirou a falla. Havia pouco, que tinha commungado: aſſim paſſou deſta vida (como pedira ao Ceo) ſem dar detrimento. Depois de falecida, ſe deſcobriraõ mayores indicios da pureza de ſua alma.

CAPITULO XXIV.

Das Madres Sor Maria da Encarnaçaõ, Sor Urſula Bautiſta, Sor Joanna da Trindade, Sor Angelica Maria das Chagas, Sor Iria de Santo Antonio, Sor Marianna da Trindade; e das Religioſas Converſas, Sor Brizida de S. Patricio, e Sor Felicia da Madre de Deos, do meſmo Moſteiro do Bom Succeſſo.

SE houveramos de alargar a penna em vidas, quanto ao voto humano juſtificadas, qual ſeria a filha deſta Caſa, que nos naõ ſerviſſe de materia? Mas como a fazemos do mais notavel, ſó apontamos algumas, que ſe ſinalaraõ mais entre as outras.

A Madre Sor Maria da Encarnaçaõ.

Foy huma dellas a Madre Sor Maria da Encarnaçaõ, que entrando Pupila neſta Caſa, (em que tinha ſua tiá a Madre Sor Cecilia, de que já fallámos) aſſim deſconheceo a idade, que ſó parece vivia para a virtude. Na da tolerancia parecia milagre: porque reprehendida muitas vezes das Preladas, ou das mais Religioſas, (e ſabendo-ſe talvez que eſtava ſem culpa) ao aconſelharem-lhe, que ſe defendeſſe, reſpondia: *Porque? Naõ he melhor ſofrer pelo amor de Deos?* Já Religioſa, foy inculpavel ſua vida. Venerava, e chamava com cordeal affecto a Maria Senhora noſſa, ſua Mãy; e Pay ao Santo Patriarca Jozé. Toda ſua ancia era merecer-lhe o nome de filha. Conjecturou-ſe, que de algum modo o merecera; porque abrindo-ſe ſua ſepultura, quarenta annos depois de ſua morte, ſentiraõ as Religioſas hum cheiro ſuaviſſimo, de que deraõ todas teſtemunho, e o de ſua vida o deixou juſtificado.

A Madre Sor Urſula Bautiſta.

Seguio os meſmos paſſos a Madre Sor Urſula Bautiſta, dando tambem os primeiros de ſua vida, para buſcar ſeu Eſpoſo, como encaminhada da ſoberana Eſtrella, a Virgem Maria: porque orando diante de huma Imagem ſua, ouvio, que a aconſelhava: *Que abraçaſſe o Inſtituto de S. Domingos, Prégador do ſeu Roſario.* Mereceo Sor Urſula eſte favor, vivendo ainda em Irlanda, (ſua Patria) e ſoube agradecello com hum taõ reformado eſtylo de vida, como ſe já ſe vira na mais eſtreita obſervancia. Continuou-a com tanto rigor neſta Caſa, que foy neceſſario mediar a obediencia a ſuſpender os exceſſos della. Serviaõ-lhe de cama duas taboas em cruz, em que acommodava o corpo de ſorte, que lhe ficava crucificado em trez cilicios de ferro, que pregara induſtrioſa nas taboas, e diſſimulava com huma manta, como os com que continuamente ſe cingia.

Elegeraõ-na Prioreza: e como tirada do centro do ſeu retiro, e continua contemplaçaõ, cahio aos nove mezes de huma doença mortal. Aſſiſtiaõ-lhe, e rodeavaõ-na as Religioſas, que lhe deſejavaõ a vida; e lhe fal-

la-

lavaõ na eſperança della; a que reſpondia: *Que naõ gaſtaſſem com ella cuidado, e aſſiſtencia: que a deixaſſem como huma pouca de terra; e que foſſem para o Coro dar louvores a Deos, que ſó era o que nunca acabava.* Recebeo os Sacramentos com grande alvoroço; e pedindo a todas, que por ſeu reſpeito naõ faltaſſem a acto algum de Communidade, ficou com ella huma unica Religioſa, que vendo-a proxima ao ultimo parociſmo, levantou a voz para chamar as Religioſas, (eſtavaõ no Refeitorio áquella hora) mas naõ o conſentio a moribunda, e diſſe com ſocego, e advertencia: *Para que? Naõ chameis ninguem. Dai-me aquella véla, que he ſinal de Chriſtãa, e dizei-me o Credo.* E repetindo-o com a Religioſa, paſſou deſta vida, ficando com hum ſemblante taõ ſocegado, como ſe ainda vivera nella, e taõ bem aſſombrado, como ſe ſegurara a melhor em que já vivia.

A Madre Sor Joanna da Trindade.

Soube-a buſcar a Madre Sor Joanna da Trindade, pizando o meſmo caminho das mortificaçoens, cobrindo-ſe de cilicios, e ferindo-ſe com rigoroſas diſciplinas. Foy eſta Madre Irlandeza, e de gentil parecer; mas ſem attender mais que ás perfeiçoens da alma, caſtigava em ſi as prendas da natureza. Reparavaõ-lhe nas mãos, por bem feitas, claras, e mimoſas, e ella metia-as em cal viva, para deſfigurallas, por lhe naõ ſer ſempre poſſivel eſcondellas. Depois de morta, ſe lhe admiraraõ taõ perfeitas, como ſe em toda a vida antes as pullira, que as martyrizara. Enfermou, e juntamente com ella a Madre Sor Angelica, (de que logo diremos) e a poucos dias de doença, diſſe com muita ſegurança: *Que era chegada ſua morte, porque ella vira aquella noite paſſar por junto á ſua cama a Madre Sor Angelica; e que voltando-ſe para ella, lhe dizia: Venha Sor Joanna, que já he tempo.* E accreſcentava: *Que ainda que Sor Angelica eſtava com ella enferma, e mais perigoſa, naõ iria primeiro.* E ſuccedeo aſſim, porque em breves dias acabou a vida com admiraveis moſtras de alegria, e dahi a dous mezes faleceo a Madre Sor Angelica. Era a Madre Sor Joanna muy recatada; aſſim ſepultou comſigo mayores empregos de ſua vida. Só dizia, que recebera nella ſingulares mercês da Senhora do Preſepio, de que era devota. Eſtá eſta Imagem na Capella das Horas: he de grande veneraçaõ na Caſa.

A Madre Sor Angelica Maria das Chagas.

Seguio á Madre Sor Joanna a Madre Sor Angelica Maria das Chagas, meya irmãa das Madres Sor Maria de Jeſus, e Sor Luiza Maria, de que já fica noticia nas primeiras deſta Caſa. Cahio-lhe a eſta Madre o nome de Angelica por ſorte, porque tirando-as ſuas irmãas, quando houve de bautizar-ſe, lhe ſahio eſte. Deſempenhou-o ella na candidez de ſua alma, teſtemunhando ſeu Confeſſor, que nem hum leve penſamento lhe maculara a pureza, naõ porque o fugira, mas porque totalmente o ignorara. Trez vezes a poz no lugar de Prelada o zelo, o deſvelo, o amor da obſervancia. Foy placida ſua morte, como fora pura ſua vida. Deſta Madre, e de ſuas duas irmãas teſtemunhou hum Religioſo de grande opiniaõ, que ſabia a quem (eſtando em oraçaõ) ſe

repreſentaraõ vivamente em as fórmas de trez eſpiritos Angelicos. Aſſim paſſariaõ deſta vida, a accreſcentallos no numero, e a acompanhallos no ſeu exercicio.

A Madre Sor Iria de Santo Antonio.

Continuou-o na terra a Madre Sor Iria de Santo Antonio, Irlandeza de naçaõ, e da Caſa dos Condes de Berry, e Muſcry, porque deſde menina ſe lhe naõ ouvio na boca mais que Deos. Depois de Religioſa, nada mais lhe levou o cuidado. Inventou hum tal exercicio de oraçaõ vocal, e mental, que podeſſe continuallos a todo o tempo, ainda quando o tiveſſe mais occupado. Trabalhavaõ as mãos, em quanto ſobiaõ ao Ceo os deſejos; e naõ eraõ aquellas menos operoſas, por andarem eſtes mais ſuſpendidos. Couſa, que admirava a quem tinha mais noticia de ſua conſciencia. Obediente executava ſem repugnancia o que talvez parecia fazella a razaõ, ſem olhar mais, que para a unica de ſer mandada. Caritativa, eſpecialmente com as enfermas, ſentia naõ achar ſempre em que ſervillas. Tendo noticia de que falecera peſſoa, a que a ſua pobreza deixaria ſem ſuffragios, os tomava por ſua conta, rezando-lhe o Pſalterio, e outras devoçoens, que lhe aconſelhava a commiſeraçaõ de ſeu eſpirito.

Eſtes, e ſemelhantes exercicios, e a eſtreita obſervancia, que profeſſara, e em que naõ afrouxara nunca, lhe continuaraõ huma vida ſem culpa mortal. Teſtemunharaõ-no aſſim ſeus Confeſſores. Faleceo com eſpirito inteiro, e ſocegado, como quem conhecia a morte antes por tranſito, que por termo.

A Madre Sor Marianna da Trindade.

Poz eſte ao grande martyrio de ſeus achaques, a da Madre Sor Marianna da Trindade, de naçaõ Irlandeza, companheira, e conſanguinea da Madre Sor Iſabel da Paixaõ, de que já fica memoria. Avultou mais neſta Madre, entre huma eſtreita obſervancia, huma invencivel paciencia, com que deſafiava os deſcommodos da vida, para a trazer ſempre exercitada. Sobreveyo-lhe o achaque de hum cancro, que occultou muitos annos, ſem que a mais leve queixa ſerviſſe de indicio, recatando todos com o receyo de que a privaria a obediencia da continuaçaõ das Communidades, e Matinas á mea noite, a que ſe ſeguia o deſvelo de ficar orando até á madrugada, e as mais vezes de joelhos no retiro da cella.

Alcançou em fim a Enfermeira o mal, que a conſumia; ſentio-o ella com lagrimas, vendoſe já obrigada a afrouxar nos rigores da obſervancia. Continuava os que ſe lhe permittiaõ, quando a impedio de todo huma doença, em que, levando-a da cella para a Enfermaria, diſſe com admiravel ſegurança: *Que já naõ tornaria a ella.* Foy aſſim; porque ſe lhe apreſſou a morte, e taõ placida, que pareceo premio de ſua paciencia. Era eſta Religioſa muy devota do Santo Bautiſta. Guardava a agua, que ſerenava na ſua noite, para todo o anno; e affirmaraõ as Religioſas, que a applicava, e ſervia de remedio a muitas queixas.

Sor Brizida de S. Patricio.

Fechemos eſte Capitulo com a noticia de duas Religioſas Converſas, Portugueza huma, outra Irlandeza. Foy eſta a irmãa Sor Brizida de S. Patricio, a quem

a quem o Santo parece que participou muito de seu espirito na graça de operaçoens fóra da esféra humana. Escrevemos o que nos testemunharaõ Religiosas de grande opiniaõ, que hoje vivem, e viveraõ com Sor Brizida, e fallaraõ, naõ de tradiçaõ, mas de experiencia, e pelo que ouviraõ aos Confessores da Casa. Foy Sor Brizida dotada de huma maravilhosa sinceridade, e singeleza. Era sua vida huma oraçaõ continuada, em se desembaraçando das obrigaçoens a que acodia. Costumava dizer: *Que para aquelle exercicio naõ havia de haver relogio, se naõ estar sempre com Deos; e o preciso á vida humana, satisfazer-se de pressa.* Assim o executava no que lhe pertencia, para ficar livre, e acompanhar as Religiosas nas Matinas, sendo mayor martyrio para ella o naõ lho permittir o preceito da Prelada.

Levava-a hum singular afecto a abraçar as acçoens da nossa Santa Rosa de Lima, especialmente da sua penitencia; assim cingio a cabeça com hum cilicio de agudos bicos de ferro, que dissimulava com a toalha; outros lhe rodeavaõ o corpo, fazendo-os mais asperos a continua applicaçaõ ao serviço. Era austero o seu jejum. Muitos de paõ, e agua. Abstinha-se de a beber, consumindo-se em rigorosa sede, mas temperava-se esta com a inundaçaõ de favores Celestes. Assistia na cosinha: e faltando-lhe muitas vezes o provimento necessario para chegar a toda a Communidade, lhe lançava huma bençaõ em nome de S. Patricio, e sobejava tudo. Estando occupada em servir o Mosteiro, ou na cella, ou em parte mais desviada, ouvia Missa, e adorava o Santissimo, como se estivera á grade do Coro. Fallava em cousas futuras, que depois se viaõ com o successo, que ella apontava; e perguntandolhe: *Quem lhe dera a certeza*, respondia singelamente: *Que fora cousa que sonhara.*

Ateouse por hum descuido o fogo no Claustro, e ameaçava todo o Mosteiro. Instava Sor Brizida na oraçaõ, a que recorreo logo; quando vio que, entrando huma grande, e desconhecida ave branca de pennas, no meyo das lavaredas bateo as azas, e apagando o incendio, desappareceo entre o fumo. Achava-se gravemente enferma, e era mortal o fastio. Disse a huma companheira sua que entendia que só hum bocado de perdiz lhe abriria a vontade. E dizendo-lhe a companheira: *Que, se se achasse, logo se compraria*, o naõ consentio ella, dizendo: *Que Deos a daria, se quizesse que assim melhorasse.* Cousa foy maravilhosa, (e que ainda hoje o testemunha a companheira a quem succedeo) que sahindo logo cita a hum quintal do Mosteiro, lhe cahio aos pés huma perdiz, cousa, que em todo elle se naõ achava. Assim a trouxe guizada: e contou o successo á enferma, que, dando graças a Deos, começou a convalecer daquella hora. Contava setenta annos de idade, quando chegou a ultima de sua vida em hum accidente. Recebeo a absolviçaõ, que só a isso lhe deu lugar, e passou (como piamente se conjecturou de sua vida) aos da felicidade eterna, em 27 de Agosto de 1689.

Sor Felicia da Madre de Deos.

Foy a outra irmãa Conversa, Sor Felicia da Madre de Deos; e as-

e aſſim toda de Deos em ſua vida, que, eſtando ainda no berço, diſſe a ſeus pays hum Religioſo Dominico, de grande eſpirito, que a criaſſem com cuidado, porque ſeria Freira Dominica, e grande Religioſa. Vioſe hũma couſa, e outra, porque entrando neſta Caſa, viveo com grande edificaçaõ de toda ella, e faleceo tendo vaticinado as circumſtancias de ſua morte. Na hora della ſe entendeo, que lhe aſſiſtira Santa Maria Magdalena, (Protectora da Ordem) de quem era muy devota; e acabou como quem merecia tal viſita. Vio-ſe com effeito o que vaticinara. Porque lhe deu o Viatico o Meſtre Fr. Manoel Leitaõ, neſte tempo Viſitador do Moſteiro, com Patente do Meſtre Geral, e entraraõ com ella a dar-lhe ſepultura alguns Religioſos deſta Provincia; que era o que tinha dito havia muitos tempos, que os Padres della teriaõ muito trabalho com ſua morte, e ſepultura. Naõ podendo entender-ſe aſſim, porque o Moſteiro eſtá iſento da juriſdicçaõ da Provincia de Portugal, e immediato ao Geral; tem Vigario Irlandez, que he o Reytor do Collegio dos Hibernios, e em ſemelhantes funçoens ſó ſe achavaõ os taes Religioſos. Faleceo Sor Felicia em 15 de Dezembro de 1697. e foy das ultimas Religioſas, que neſta Caſa deixaraõ ſingular memoria de ſua vida, deixando muitas, que paſſando-a (como he vulgar no Moſteiro) em eſtreita obſervancia, nos naõ alargaõ eſta eſcritura, em que ſó o mais raro nos tem ſervido de aſſumpto.

CAPITULO XXV.

Deſcreve-ſe a Igreja nova, e o augmento, que teve toda a Caſa.

COmo a fabrica da Igreja, que hoje ſe vê, foy empreza da Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto, e primeiro, que ſe aperfeiçoaſſe a obra, faleceraõ muitas Religioſas na Caſa, nos foy preciſo, por naõ interromper a ſerie das filhas della, guardar para eſte ultimo Capitulo o raſcunho da Igreja, e mais eſſencial de toda a Caſa. Era grande a eſtreiteza della; augmentavaõ-ſe as Religioſas, houve de tomar mais campo o interior do Moſteiro; (já fica apontado o ſitio) começaraõ a creſcer as paredes em quatro lanços, eſpaçoſos Dormitorios, artificioſas, e alegres eſcadas, e proporcionadas officinas. He ſingular a do Refeitorio, com ſetenta palmos de comprido, quarenta de largo, caſa alegre, e bem acabada, meyas paredes de azulejo, que a deixaõ mais viſtoſa. Clauſtro grande, ayroſo, e deſaſſombrado, com hum jardim de muitas flores, animadas de huma fermoſa fonte, (que no meyo ſe levanta) de lavrados, e pulidos jaſpes brancos, pretos, e encarnados, diſpoſtos com todo o primor da arte, naõ ſendo menos o com que ſe vem deſatar copioſas aguas por muitos, e varios eſguichos. Foy tudo idéa da Madre Sor Maria. Aſſim fica ſendo o interior do Moſteiro a mais perfeita Caſa de Clauſura, que hoje ſabemos das muitas, que ha na Corte, de que algumas a excedem na grandeza, mas naõ na regularidade.

Mas

Mas paſſando á fabrica da Igreja, a que devemos mais individual noticia, como Caſa, em que as familias religioſas ſe eſmeraõ mais, aſſim na arquitectura, como no ornato, e no aceyo; tornaremos a repetir o que já tocámos para mais clareza. Falecida a Condeſſa Fundadora, e ficando a Caſa, naõ Moſteiro, mas hum Recolhimento acanhado, com huma pequena Ermida, antes que Igreja, ſuſpiravaõ as Religioſas por conſagrar a Deos mais grandioſa, e decente Caſa. Diſpollo o Ceo: porque falecen-D. Joaõ de Menezes, irmaõ da Madre Sor Maria Magdalena, ſem herdeiro, lhe veyo a ella o morgado, com rendimento de quatro mil cruzados. Todos applicou eſpecialmente á fabrica da Igreja, e depois ao principal de toda a obra da Caſa, que foy o que acabou em ſua vida. Ella deu aos officiaes a idéa da Igreja, que hoje ſe vê neſta fórma.

Creſcem as paredes com ella oitavada até o frizo, em que deſcança huma abobada continuada até fechar no centro della com humas fachas de pedra. Deſta ſaõ tambem todas as paredes, repartindo-ſe, e continuando-ſe em bem lavrados pilares, que acompanhaõ ſeis arcos das Capellas, que em circuito formaõ o corpo da Igreja. Fica a porta della em o arco do meyo da parte da Epiſtola, e vem a ſer cinco as Capellas, por ſe occupar eſte arco com a porta. Em os dous, que ficaõ a Naſcente, e Poente, ſe vem a eſte a Capella mór; naquelle duas grades de dous Coros, que lhe ficaõ fronteiros. Correm por cima das Capellas, e arcos, ſeis janellas, dando a pedraria entre ellas lugar a ſeis quadros de Santos da Ordem; aſſim fica todo o corpo da Igreja alegre, ornado, e viſtoſo.

Abre-ſe entre os outros o arco da Capella mór mais largo, e alteroſo. He toda a Capella de pedraria varia; occupa o retabolo todo o vaõ della, e creſce em oito columnas de jaſpe matizado, ſuſtentando hum arco da meſma materia, que com baſtante vaõ de huma abobeda de gracioſa pedraria, fica com o tecto ſervindo de docel ao Sacrario. He eſte todo de prata, de altura de trez covados, mais de cinco no circuito da baze. Sóbe em fórma oitavada, e pyramidal, com ſuas quartellas da meſma materia, lavradas de relevo, e vay-ſe formando nas faces em gracioſas molduras, que acompanhaõ finas laminas, em que ſe lê a Hiſtoria dos Cantares. Remata em cima com huma Cruz bem lavrada da meſma materia, que deixa toda a obra ayroſa ſobre rica.

Na face do retabolo (que creſce ſobre o arco, que cobre o Sacrario, e remata no alto da Capella, ſobindo deſde as oito columnas, athlantes de toda a obra) ſe abrem quatro nichos dos meſmos jaſpes, em que ſe vem as Imagens de noſſos glorioſos Patriarcas. A de S. Domingos da parte da Epiſtola, dando a do Evangelho a S. Franciſco. Sobre os arcos deſtes dous primeiros deſcançaõ outros dous nichos, com a meſma correſpondencia; vem-ſe nelles a Imagem de S. Thomaz da parte eſquerda, a de Santo Antonio na direita. Acompanhaõ eſtes dous nichos o arco de huma fermoſa tribuna, ayroſa, e deſafogada, em

que

que ſe remata, e fecha todo o retabolo. Occupa o vaõ della hum throno mageſtoſo, em que deſcança a Imagem da Senhora do Bom Succeſſo, Orago da Caſa, e de muitos milagres (como já deixamos noticia). Acompanhaõ o throno dous Anjos, que, como ſe os ſuſtentara o voo, eſtendendo as azas, recolhem as cortinas, com que ſe cobre, ou ſe manifeſta a Imagem. Ao pé della ſe vem as do Arcanjo S. Miguel, e Anjo Cuſtodio do Reyno.

Creſce toda eſta maquina á face da Capella ſobre o Altar, a que acompanha huma banqueta de jaſpe preto, com embutidos de finiſſima pedra branca, outra vermelha, precioſa, e reſplandecente como rubim. Sobre eſta banqueta, em lugar mais ſobido, como ſervindo de peanha ao Sacrario, ſe vê outra de talha bem lavrada, e dourada, em que ſe recolhem varias Reliquias, a principal, que occupa o meyo, a cabeça de S. Sotero Papa, e Martyr. Moſtraõ-ſe nas paredes da meſma Capella mór, lavradas á face della, duas ſepulturas, de huma, e outra parte, em que ſe abrem dous arcos de jaſpe preto, cobrindo a mais obra, que he de varios, e bem lavrados jaſpes; na da parte do Euangelho ſe lê eſte epitafio:

Aqui deſcançaõ os oſſos de Dona Iria de Brito, Condeſſa que foy da Feira, e viuva ſegunda vez do primeiro Conde de Atalaya D. Franciſco Manoel; de cada Conde deſtes lhe levou Deos hum filho, e em ſeu lugar lhe deu toda a nobreza do Reyno de Irlanda por filhas; para ellas fundou eſte Convento, e deu a ſua fazenda com larga maõ. Nomeou noſſa Senhora do Bom Succeſſo por Padroeira, em 13 de Novembro de 1639 ſe diſſe a primeira Miſſa, e em 26 de Janeiro do anno de 1640 a levou Deos com todos os Sacramentos a gozar os premios da ſua devoçaõ.

Pater noſter.

Correſponde da parte da Epiſtola outro nicho, e em outra ſemelhante ſepultura ſe lê eſte epitafio:

Aqui neſta dura pedra deſcançaõ os oſſos de D. Nuno Manoel, de treze annos, unico filho dos primeiros Condes de Atalaya D. Franciſco Manoel, e Dona Iria de Brito, ſua eſperança da poſteridade, e mais amado por ſuas partes,

que

que pela ſucceſſaõ, que delle eſperavaõ; de que a morte os deſenganou no anno de 1659.

Pater noſter.

Occupaõ, e continuaõ o circuito da Igreja cinco Capellas. Da parte do Euangelho he a primeira da Senhora do Roſario, Imagem fermoſa, que mandou fazer a Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto. Segue-ſe a do Apoſtolo de Hibernia S. Patricio, logo a de S. Gonçalo. Da parte da Epiſtola he a primeira do Santo Chriſto, he toda ao moderno de boa talha, devida ao cuidado, e diſpendio da Madre Sor Maria de Jeſus, que he Prioreza ao tempo, que iſto eſcrevemos, e com grande zelo do culto Divino, intenta continuar as mais Capellas na meſma fórma. Segue-ſe logo o arco, em que fica a porta da Igreja, e a ella a Capella de Santa Brigida, entre a qual, e a de S. Gonçalo fica o arco, em que ſe abrem as duas grades de dous Coros, capazes, e proporcionados a toda a obra, ornados decentemente com a de cadeiras, e pinturas.

Fim do quarto livro.

APPENDIX
A ESTA
QUARTA PARTE.

Noticia breve em commum dos Eſcritores da Ordem de S. Domingos neſta Provincia de Portugal.

NAM nos occupará a penna neſte conciſo Catalogo, menos que Author, q̃ com a ſua ſe fez digno de enchello. Digo o que com ella alargou a ſua eſcritura a emprego executivo de huma eſtimavel memoria. Porque naõ obſtante ſer hum diſcurſo predicativo (ſe he cabalmente deſempenhado) demonſtraçaõ de, hum igual talento, ſem duvida faz pouco vulto, aſſim para encher os numeros de hum Catalogo, como para ſingularizar hum engenho, em que aquelle exercicio he Inſtituto. Aſſim naõ ſeguiremos a vulgaridade dos que, para multiplicar Eſcritores, barateaõ eſte nome; e naõ daremos favor ao eſcrupulo dos que quizerem ter eſte noſſo emprego por menos juſtificado. Os erudîtos, e curioſos, que neſta materia deſejarem mais individuaçaõ, e allegaçoens, (que authorizaõ verdades, e comprovaõ a exiſtencia, e operaçoens dos Authores) pódem ver o *Theatro Literario*, que eſcreveo o M. Fr. Pedro Monteiro no ſeu *Clauſtro Dominicano*.

Em todos os ſeculos, deſde a ſua inſtituiçaõ, foy a Religiaõ Dominicana officina de Meſtres, Eſcritores, e Obſervantes (como Paleſtra de letras, e virtudes) de que ás Univerſidades encheo as Cadeiras de Meſtres; á Igreja os Altares de Santos; e a todo o Mundo, (nos deſtrictos da Fé) de Obreiros Evangelicos.

Neſta quarta Parte o acabamos de comprovar com os illuſtres filhos deſta Provincia, (todos grandes, muitos Veneraveis) que continuaraõ eſte ſecu-

lo proximè paſſado, os exercicios de ſeu ſagrado Inſtituto; e parece razaõ, que a demos de terceira Claſſe de ſogeitos religioſamente heroicos, que com a laborioſa applicaçaõ de ſuas remontadas pennas, ſe ſouberaõ negocear ſegundas vidas; porque nem a morte (que ſabe triunfar nas de todos) deixará de lhas reconhecer nos ſeus eſcritos. Será a noticia generica, porque naõ pareça, que queremos ſenhorear a alhea, ou ambiçaõ de alargar eſcritura.

O primeiro Religioſo, que achamos lembrado com eſte emprego neſta Provincia, he Fr. Affonſo Bom Homem, que em letras, e virtude confirmou o cognome. Foy ſingularmente verſado nas linguas Latina, Grega, Hebraica, e Arabica. Verteo deſta em Latim o *Tratado de Rabbi Samuel.* Argumento do verdadeiro Meſſias.

Fr. Ayres Correa eſcreveo ſobre os *Dezaſete Capitulos do primeiro livro dos Reys.* E ſobre o *Profeta Egeas.*

Fr. Alvaro da Torre, Meſtre em Theologia, e Prégador delRey D. Joaõ o II. eſcreveo hum grande *Tratado da Creaçaõ do Mundo.*

O Meſtre Fr. Alvaro Leitaõ, Prégador delRey D. Affonſo VI. e D. Pedro II. eſcreveo, e imprimio hum Tomo de *Sermoens Quadrageſimaes*; e mais ſete avulſos, tambem impreſſos, e prégados em dias, e funçoens notaveis.

O Meſtre Fr. André de Reſende (milagre dos Eſcritores do ſeu tempo, e digniſſimo de ſe reconhecer em todo) eſtimado dos Reys, e Principes deſtes Reynos, como de muitos dos eſtranhos; aſſumpto de ſingulares elogios, nas pennas dos doutos, aſſim por ſuas Proſas, como por ſuas Poeſias; compoz hum grande volume, em que ajuntou quatro livros de *Antiquitatibus*, e algumas traducçoens do Latim, em que era peritiſſimo. Eſcreveo huns *Commentarios de verborum conjunctione.* Eſcreveo dous livros de *Aquæductibus* por ordem delRey. Outro de *Aquæductu Eborenſi.* Eſcreveo hum Tratado, que intitulou *Genealiacum Principis Luſitaniæ.* Compoz em Latim com ſingular eſtylo, e acerto as vidas de muitos Santos, eſpecialmente as de S. Vicente Martyr, Padroeiro de Lisboa, e de S. Fr. Gil, da Ordem dos Prégadores, S. Gonçalo de Amarante, da meſma Ordem, e da Rainha Santa Iſabel. Eſcreveo varias cartas no meſmo idioma Latino a varios homens erudîtos do ſeu tempo. Hum livro de *Arquitectura.* Huma *Apologia*, impugnando certo Prelado. Hum *Poema*, que intitulou *Adverſus Stolidos, politioris Literaturæ obtrectatores*, com a ſingular elegancia de que era dotado na Poeſia. Varias *Oraçoens* no meſmo idioma Latino, que eſcrevia com pericia, e repreſentava com viveza. Outro Poema de *Bracharæ urbis conditione.* Compoz huma *Chronica* delRey D. Affonſo Henriques. Eſcreveo o *Martyrologio Portuguez* em idioma Latino. Reformou o *Breviario Eborenſe*, por ordem do Cardeal Infante D. Henrique. Compoz huma obra, que intitulou *De Coloniarum, & Mancipiorum jure commentarium.* Quaſi tudo vio em ſua vida com o premio da eſtampa, concorrendo os erudîtos para lhe perpetuarem os elogios,

gios, e para lhe naõ perderem os documentos. Ditoſo ſeculo!

Fr. André Dias, Biſpo de Megara, eſcreveo algumas obras para o bom governo das conſciencias, de que ſe acha alguma nos manuſcritos do V. M. Fr. Luiz de Granada. E huma *Collecçaõ* de prodigios do Senhor Jeſus, que ſe venera na Igreja de S. Domingos de Lisboa; e ainda que naõ achamos mais teſtemunhos da ſua penna, naõ he aqui ocioſa eſta memoria, por ſer de hum Prelado, que recomendou a ſua, aſſim na vida, como na morte, ſendo ambas teſtemunhas de ſua ſantidade.

O Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, Lente de Prima da Univerſidade de Coimbra, inſigne Theologo, eſcreveo doutiſſimos *Commentarios* ſobre a *Summa de Santo Thomaz.*

O Meſtre Fr. Antonio de Affonſeca, Lente de Eſcritura na Univerſidade de Coimbra, e Prégador delRey D. Joaõ o III. eſcreveo *Commentarios* ſobre o *Pentatheuco*, expoſto pelo Cardeal Caetano, de que tambem eſcreveo a vida. Compoz tambem ſobre *Joſué*, livros dos *Reys*, e *Paralipomenon.*

O Meſtre Fr. Antonio de Almeida eſcreveo dous tomos de *Sermoens de Myſterios*, e *de Santos.*

O Meſtre Fr. Antonio de S. Domingos leo a Cadeira de Theologia na Univerſidade de Coimbra, em que foy Deputado da Inquiſiçaõ, naõ ſó foy hum dos celeberrimos Theologos no ſeu ſeculo, mas hum grande Eſcritor; eſcreveo com profundidade ſobre toda a *Summa de Santo Thomaz.* Eſcreveo huma *Chronica dos Santos da Ordem*, e hum tomo ſobre os *Noviſſimos do Homem.*

O Meſtre Fr. Antonio Coutinho eſcreveo, e imprimio varios *Sermoens.*

O Meſtre Fr. Antonio da Encarnaçaõ (que foy Provincial em Armenia, e deſtro naquella lingua) eſcreveo varios *Documentos* para o governo dos ſeus ſubditos, a que purificou de alguns erros. Eſcreveo tambem varias *Relaçoens das Chriſtandades de Solor*, em que ſe achou, e deu a noticia do que os filhos de S. Domingos obraraõ nellas. Deu tambem á eſtampa a terceira Parte da Hiſtoria deſta Provincia, eſcrita pelo grande Chroniſta Fr. Luiz de Souſa, em que eſcreveo algumas addiçoens, imitando o ſeu eſtylo com ſingular elegancia Hiſtorica.

Fr. Antonio de França eſcreveo a *Vida da Princeza Santa Joanna.* Hum livro da *Inſtituiçaõ da Caſa de Jeſu de Aveiro.* Huns fragmentos da *Hiſtoria de Heſpanha.* Huma *Relaçaõ dos Reys ſepultados em Alcobaça*, eſcrita por ordem delRey D. Sebaſtiaõ.

Fr. Antonio Feyo, inſigne Prégador, eſcreveo hum tomo de *Sermoens Quadrageſimaes.* Mais dous tomos de *Sermoens de Santos.* Hum tomo de *Feſtas de noſſa Senhora*, e mais alguns *Sermoens* avulſos; tudo deu ao Prélo.

O Meſtre Fr. Antonio Ferreira, Confeſſor delRey Dom Joaõ o III., e do Principe D. Joaõ ſeu filho, eſcreveo dous tomos ſobre particulares *Aſſumptos dos Santos Padres*, e *dos Euangelhos de todo o anno.*

Fr. Antonio de Madureira, inſigne Genealogico (e neſta materia

teria o mais perito de ſeu tempo) eſcreveo muitos livros de *Familias deſte Reyno*, de que hoje ſe valem os que melhor eſcrevem, e eſtimaõ os que melhor o entendem.

Fr. Antonio dos Prazeres eſcreveo huma *Hiſtoria dos Eſtados da India*, e eſtando para a authorizar o Prélo, ſe ſepultou nas mãos de certo perſonagem, que a alcançou com artificio, e a negou com indecóro.

O Meſtre Fr. Antonio Pereira, Deputado do Santo Officio na India, e neſte Reyno, eſcreveo, e imprimio varios *Sermoens*.

O Meſtre Fr. Antonio da Reſurreiçaõ, naõ ſó grande Theologo, mas o mayor do ſeu ſeculo, (e em tempo em que ſe reconheciaõ muitos, naõ ſó na Provincia, más em todo o Reyno) Lente de Prima na Univerſidade de Coimbra, em que tambem foy Deputado do Santo Officio. Deixou doutiſſimos manuſcritos ſobre a *Summa de Santo Thomaz*, a que a penuria da Provincia deixou ſem o merecido premio do Prélo, que ſe occupou com alguns Sermoens ſeus, com que a eſtimaçaõ dos que o conheceraõ, quiz contentar a memoria dos que o ſuſpiraraõ.

O Meſtre Fr. Antonio Ribeiro eſcreveo, e imprimio alguns *Sermoens*.

O Meſtre Fr. Antonio Roſado eſcreveo, e imprimio trez volumes. Hum ſobre a *Deſtruiçaõ de Jeruſalem*. Outro ſobre os quatro *Noviſſimos*. Outro de *Sermoens, e milagres do Roſario*. Deixou muitos *Sermoens* avulſos, dignos da eſtampa, como tambem hum volume de *Vidas de Santos*.

O Meſtre Fr. Antonio de Senna, illuſtre, e incançavel Eſcritor, (de huma couſa, e outra deu teſtemunho ſua penna) eſcreveo dous tomos de *Queſtoens Theologicas*. Outros dous; hum de *Comparatione virtutum*. Outro de *Quinque ſtatibus hominis*. Eſcreveo hum volume do que pertence á abſoluta fórma da Religiaõ; illuſtrou a *Summa de Santo Thomaz*, pondo-lhe á margem citaçoens dos Padres, e Authores Gentilicos. O meſmo fez nas *Queſtoens diſputadas do meſmo Santo*, emprego de incomparavel eſtudo, concluîdo em trez annos e meyo. Eſcreveo huma *Chronica recopilada de toda a Ordem*. Outra, ainda que já adiantada, naõ concluida. Hum tomo, que intitulou *Bibliotheca Fratrum Prædicatorum*. Varias *Vidas de Santos, de Beatos, e Veneraveis da Ordem*. Para glorioſo intereſſe dos eruditos, deu á eſtampa o *Commento de Santo Thomaz* ſobre o *Geneſis*. Intentou o meſmo nos *Commentarios do meſmo Santo* ſobre os *Machabeos*, mas naõ ſe igualaraõ as poſſes com o zelo, contentando-ſe com a gloria de ter deſcuberto os *Commentarios*, com diligencia taõ laborioſa, como bem afortunada; ſervindo a ſua penna, naõ ſó de facilitarnos o credito dos ſeus Eſcritores, mas os a que faltava a noticia de noſſos. Fez dar á eſtampa humas *Homilias do Cardeal Infante Dom Henrique*; a que accreſcentou alguns *Diſcurſos* ſeus predicativos.

O Meſtre Fr. Antonio de Souſa, Provincial que foy deſta Provincia, e depois Vigario Generaliſſimo de toda a Ordem, por Clemente VIII., e ultima-

men-

mente Biſpo de Viſeo. Eſcreveo huma *Chronica* deſta Provincia.

O Meſtre Fr. Antonio de Souſa, ſegundo do nome, conſumado Theologo, e inſigne Canoniſta, Deputado do Conſelho Geral da Inquiſiçaõ, eſcreveo trez volumes. O primeiro intitulado *Aforiſmos dos Inquiſidores.* O ſegundo ſobre a *Bulla da Cea.* O terceiro de *Solicitantibus*, todos em idioma Latino, em que era ſingularmente verſado. Naõ o era menos no Pulpito, eſtudo de que tambem enriqueceo o Prélo.

Sor Antonia de S. Domingos, Religioſa na Caſa de Jeſus de Aveiro, dotada de ſingular engenho, eſcreveo com admiravel eſtilo a *Vida da V. M. Luiza do Roſario do meſmo Moſteiro.*

O Veneravel Padre Fr. Bartholomeu dos Martyres, Primaz das Heſpanhas, Regra de Religioſos, exemplar de Prelados, e admiraçaõ de todos, que com o nome de Arcebiſpo Santo ſe encontra a cada paſſo nos Eſcritores do ſeu, e noſſo tempo, como Oraculo Catholico, eſcreveo hum volume intitulado *Compendium Spiritualis Doctrinæ ex variis SS. Patrum ſententiis collectum.* Outro, que intitulou *Stimulus Paſtorum*, que S. Carlos Borromeo fez imprimir na Curia Romana. Eſcreveo hum tomo *In Pſalmos, & Cantica Feriarum.* Outro: *Annotationes in Jeremiam, & alios Prophetas.* Hum tomo, que intitulou *Puncta tangentia jura, & caſus conſcientiæ*: Outro *De variis ſtudiis ad Sacram Scripturam pertinentibus.* Eſcreveo hum tomo, que intitulou *Epitome Chronicorum Mundi.* Outro: *Compendium Hiſtoriarum Eccleſiaſticarum.* Outro: *Narrationes geſtorum in Concilio Tridentino.* Outro: *Regulæ menſæ Religioſæ.* No noſſo idioma eſcreveo hum *Tratado de Praticas devotas* para os Prelados, que daõ Ordens. Outro: *Praticas Eſpirituaes* ſobre os Evangelhos das Feſtas de todo o anno. Hum *Summario da Doutrina Chriſtãa*, copioſo de documentos exemplares, para educaçaõ dos moços do ſeu Arcebiſpado O *Cathecismo da Doutrina Chriſtãa*, que ElRey Dom Sebaſtiaõ mandou imprimir. Todas eſtas obras, que podiaõ ter pedras precioſas naquella grande Mitra, foraõ eſpecioſo aſſumpto da fecundiſſima, e doutrinal penna do grande Fr. Luiz de Granada, que incomparavel em todos os empregos della, chegou com os elogios, aonde o Arcebiſpo com os progreſſos.

O Meſtre Fr. Bento de Santo Thomaz, Theologo celebre, e Prégador inſigne, eſcreveo hum tomo contra a *Perfidia Judaica*, que tendo approvaçaõ commua, perdeo com ſua morte a vida da eſtampa, em que alguns *Sermoens* ſeus foraõ teſtemunho do muito que ſe perdeo no que ſe naõ imprimio.

Fr. Bartholomeu Ferreira eſcreveo, e imprimio hum grande tomo, que intitulou: *De iis, qui de Fide Catholica male ſentientes aliquid ſcripſerunt, vel inter Catholicos tractatus alquid de ſuo interpoſuere*; obra de grande eſtudo, e igual proveito.

O Meſtre Fr. Bartholomeu Ferreira, Deputado do Santo Officio; eſcreveo, e deu á luz a *Vida do Veneravel Padre Meſtre Fr. Antonio Freire*, Confeſſor delRey D. Joaõ o III. e de ſeu filho o Principe D. Joaõ.

Fr. Bartholomeu da Veiga eſcre-

creveo hum tomo de eſpecial eſtudo, com o titulo de *Computo Eccleſiaſtico.*

Fr. Bartholomeu Nobre eſcreveo dous tomos. Hum ſobre o *Geneſis.* Outro ſobre *S. Mattheus.*

Fr. Braz de Reſende, de raro, e memoravel engenho, eſtimaçaõ dos Principes do ſeu ſeculo, eſcreveo em verſo o *Pranto da Magdalena*, e de *S. Pedro.*

O Meſtre Fr. Chriſtovaõ Carvaõ, Prégador celebre, eſcreveo, e imprimio hum tomo de varios *Sermoens.*

O Meſtre Fr. Chriſtovaõ do Roſario, Prégador, e Confeſſor da Rainha da Graõ Bretanha, eſcreveo dous grandes volumes de *Prédica*, eſtimaveis no voto dos erudîtos; mas os achaques, e morte do Author, lhe embaraçaraõ a gloria da eſtampa.

Sor Catharina Pinheira, filha do Convento de Jeſus de Aveiro, de ſingular reforma, e engenho, eſcreveo a *Vida da Princeza Santa Joanna*, como teſtemunha de viſta.

Fr. Damiaõ da Fonſeca, grande Theologo, que o foy (paſſando a Roma) do Cardeal Baldino, e companheiro do Meſtre do Sacro Palacio, eſcreveo huma obra ſingular (de que naõ ficou outra noticia) no idioma Italiano, em que era verſadiſſimo, que imprimio vertida em Heſpanhol, a diligencia, e com applauſo da Curia.

Fr. Diogo Alvares eſcreveo dous tomos ſobre *Iſaias*, que imprimio em Roma.

O Meſtre Fr. Diogo Artur, Lente de Prima na Cadeira, que a Religiaõ tem de propriedade na Univerſidade de Coimbra, o mais celebre, e reconhecido Theologo, que tiveraõ as Academias de toda Heſpanha no ſeculo paſſado, (neſta Provincia perfilhado, ainda que de naçaõ Hibernio) eſcreveo com incomparavel profundidade, e methodo ſobre a *Summa de Santo Thomaz*, que principiando-ſe a imprimir na Impreſſaõ Craesbekiana, morrendo o Impreſſor, e o Meſtre, correraõ os originaes a meſma fortuna (naõ ſem culpavel omiſſaõ deſta Provincia) ficando a obra ſó neſta parte imperfeita, e ſepultada no Collegio dos noſſos Hibernios, que reſidem neſta Corte.

Fr. Diogo Callado foy perîto nas linguas Latina, Japonia, e Chinenſe. Eſcreveo huma *Arte de Grammatica Japonenſe.* Hum *Diccionario*, e *Theſouro da meſma lingua.* Outro da *Chinenſe*, de grande utilidade para a propagaçaõ Evangelica, e commercio naquellas Regioens.

Fr. Diogo de Caſtilho eſcreveo varias obras de erudiçaõ, e noticias, que ſe conſervaõ em Roma na Bibliotheca; a mais conhecida ſe vê com o titulo de *Origem dos Turcos, e ſeus Emperadores*, de que ſe valeo bem o vaſto, e erudîto Eſcritor da *Republica Gentilica.* Algum Author nos quer tirar do *Catalogo Dominicano* eſte Eſcritor, mas com taõ leve fundamento, que o naõ podemos deſconhecer noſſo.

O Fr. Diogo de Lemos, igualmente douto, que reformado, eſcreveo a *Vida de noſſo Padre S. Domingos*, illuſtrando-a com conceitos, e erudiçaõ, obra eſtimavel; eſpecialmente para a Rainha Dona Leonor, terceira mulher

lher delRey D. Manoel, que a mandou imprimir.

O Meſtre Fr. Diogo de Moraes, Lente de Veſpera na Univerſidade de Coimbra, inſigne Expoſitor de muitos livros da Sagrada Eſcritura, (como ſe póde ver na Chronica de Fr. Antonio de Senna) foy elegante, e de feliz memoria, naõ menos venerado pela reforma de ſua vida.

Fr. Diogo do Roſario, Varaõ de grande nome, aſſim em erudiçaõ, como em virtude; eſcreveo hum grande tomo de *Vidas de Santos*; e foy o primeiro *Flos Sanctorum*, que deu a luz a Emprenſa de Heſpanha. Outro de *Sermoens*, que tambem ſe divulgou por ella. Huma breve *Chronica da Ordem*, e huma *Summa de caſos de conſciencia*. Outra obra lhe attribue certo Author, digna da ſua grande capacidade, e da noſſa memoria, a ſer mais commua a noticia.

Fr. Domingos Caveira de S. Payo eſcreveo hum tomo de *Santos deſte Reyno*; outro dos *Varoens illuſtres da Ordem*. Ambos imprimio em França, em que a ſua capacidade fez grande lugar ao ſeu nome.

O M. Fr. Domingos Freire, hum dos mayores Theologos, que admirou a Univerſidade de Coimbra neſte ſeculo paſſado, eſcreveo por ordem do Santo Officio (de que era Deputado naquella Cidade) contra varios erros offenſivos á Fé, deſcubertos, e confutados com a rara argucia do ſeu grande talento, e eſtudos. Eſcreveo a *Vida de Santa Roſa* em idioma Latino, em que era eruditamente verſado. Eſcreveo varias *Rezas de Santos da Ordem*, admirando-ſe nos ſeus Hymnos a elegancia, e doçura Poetica, que o poz no Catalogo deſta ſoberana Arte, em que tambem foy Meſtre.

Fr. Domingos Smets, Germano de naçaõ, conhecido, e venerado pelas grandes reducçoens dos hereges celebres, que concluîo em ſua Patria, e neſta Corte, eſcreveo no ſeu idioma hum grande tomo de *Sermoens*, e *Praticas*, para todas as Domingas do anno.

Fr. Domingos da Paz, celebre Prégador Apoſtolico, eſcreveo na lingua Latina dous tomos de *Sermoens*, que em Veneza ſe deraõ á eſtampa.

O Meſtre Fr. Domingos Daly, ou do Roſario, Irlandez de naçaõ, conhecido por Fundador dos Hibernios Dominicanos neſte Reyno, (que já neſta quarta Parte nos deu aſſumpto) do Conſelho privado da Rainha Dona Luiza (na menoridade de ſeu filho Dom Affonſo VI.) ſeu Confeſſor, e primeiro Miniſtro do ſeu Deſpacho. Recuſada a Cadeira de Prima (que a Religiaõ tem na Univerſidade de Coimbra), e varias Dignidades Epiſcopaes, foy Embaixador á Inglaterra, a França, a Roma duas vezes (por Filippe III. governando eſtes Reynos, por D. Joaõ o IV. e a Rainha Dona Luiza), em que moſtrou huma capacidade rara, concluindo grandes importancias, com intereſſe, e reputaçaõ deſta Coroa, em que veyo a aceitar o Biſpado de Coimbra, por adiantar a fundaçaõ, que emprendera. Eſcreveo na lingua Latina, em que era verſadiſſimo, huma *Chronica dos Reys de Hibernia*, e *Familia Geraldina*. Eſcreveo hum ſingular *Poema* em ver-

ſo heroico, em que incluio todas as cenſuras, que ſe achaõ no Direito Canonico, em beneficio de Confeſſores, e Moraliſtas.

O Meſtre Fr. Domingos de Santo Thomaz, plauſivel, e venerado talento neſta Provincia, e no paſſado ſeculo, (que neſta quarta Parte nos deu materia para eſtimavel eſcritura) Oraculo na Cadeira, como no Pulpito, ſingular Canoniſta, como inſigne Poeta, eſcreveo toda a *Theologia*, eſpeculativa, como moral, em ſeis grandes tomos, com o titulo de *Manuale Thomiſticum.* Recopilou, e imprimio toda a *Theologia* em trez tomos, a que chamou *Tirocinios.* Eſcreveo, e imprimio hum tomo *Predicativo Panegyrico*, ſobre a Sequencia do Sacramento, que compoz Santo Thomaz. Eſcreveo varios *Sermoens*, que perpetuou o Prélo, ainda que inferiorés a ſeu grande nome.

O Meſtre Fr. Eſtevaõ Leitaõ eſcreveo dous volumes, hum de *Laudibus Montis Calvarii*, outro a *Concordia de Janſenio*, Biſpo Gandegavenſe.

O Meſtre Fr. Eſtevaõ de S. Payo eſcreveo trez volumes, o primeiro com o titulo: *Theſaurus arcanus Luſitanis gemmis refulgens.* Aos outros dous deu o titulo de *Stemma ſelectiſſimum*, *&c.*

Fr. Filippe das Chagas eſcreveo hum volume, com o titulo de *Arte Poetica*, *Pintura*, *Symmetria*, *e Perſpectiva*, e outro, que intitulou *Roſario da Senhora.*

Fr. Fernando de Almeida eſcreveo hum *Tratado* dos erros, que contém as Gloſſas dos Sagrados Canones, obra de importancia, e erudiçaõ.

O Preſentado Fr. Fernando de Caſtro, neto do grande Vice-Rey D. Joaõ de Caſtro, eſcreveo o *Sitio da Cidade de Goa.* Eſcreveo a *Vida*, *e martyrio do Padre Meſtre Fr. Jeronymo da Cruz*, que morreo pela Fé no Reyno de Siaõ.

Fr. Fernando da Encarnaçaõ, Biſpo de Cochim, e depois do Algarve, eſcreveo hum volume de *Theologia* em vulgar.

O Meſtre Fr. Fernando de Eleno eſcreveo hum tomo em idioma Italiano, que intitulou: *Hiſtoria de la deſunione del Regno de Portugelo de la Corona de Caſtiglia.* Outra memoria diz, que ſendo outro o Author, elle o augmentou, e illuſtrou com ſingulares *Additamentos* de couſas notaveis.

O Meſtre Fr. Fernando Soeiro, grande Theologo, (e hum dos mais celebres do ſeu tempo) foy Prégador dos Sereniſſimos Reys D. Joaõ o IV., D. Affonſo VI., e D. Pedro II. Eſcreveo, e imprimio alguns *Sermoens* de relevantes aſſumptos, com erudiçaõ, e elegancia predicativa.

Fr. Fernando de Tavora, nomeado Biſpo do Funchal, a que naõ podemos faltar com a breve reflexaõ (que nos pede ſua reforma, erudiçaõ, e nobreza) de lhe aſſiſtir á profiſſaõ no Convento de Bemfica; o Cardeal Infante, que governou eſta Coroa, e de ter por Meſtre na Univerſidade (que a Religiaõ tem na Batalha) o Veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres. Commentou o *Evangelho de S. Joaõ*, com o titulo: *Joannis Evangelium poſterius ſcriptum.* Foy eſte Padre inſigne na arte da Pintura.

O Meſ-

O Meſtre Fr. Fernando de Avreu, Conſultor do Santo Officio, Deſembargador da Relaçaõ Eccleſiaſtica Patriarchal, Deputado da Junta das Miſſoens, Academico do numero da Academia Real, eſcrevia nella as *Memorias do Biſpado de Miranda*, em que já tinha occupado o Prélo com o *Catalogo dos Prelados daquella Igreja*, quando a morte lhe embargou os progreſſos della.

Fr. Franciſco dos Anjos eſcreveo a *Vida da Veneravel Madre Jeronyma de Carvalho* da Terceira Ordem de S. Domingos.

O Meſtre Fr. Franciſco de Bobadilha, filho dos Marquezes de Punhaõ, (Heſpanhol, mas perfilhado neſta Provincia) eſcreveo ſobre o livro da *Sabedoria*. Commentou copioſamente o livro do *Eccleſiaſtico*, e todas as *Epiſtolas de S. Paulo*. Fez humas breves *Annotaçoens* aos *Proverbios de Salomaõ*. Compoz mais alguns *Tratados*, tocantes á materia da Religiaõ, e fóra della.

Fr. Fernando Soeiro, celebre Theologo, como o reconheceo (eſcutando-o) o Concilio Tridentino. Foy Prégador delRey D. Joaõ o III., Confeſſor delRey D. Sebaſtiaõ, e da Infante Dona Maria, filha delRey D. Manoel, e da Rainha Dona Leonor. Eſcreveo com admiravel acerto, e eſtylo ſobre *Iſaias*, *Job*, *Pſalmos*, livros de *Salomaõ*, ſobre os *Profetas*, aſſim *Mayores*, como *Menores*.

Fr. Franciſco de Jeſus eſcreveo hum tomo em oitavas Rimas de *Malaca Conquiſtada*.

O Meſtre Fr. Franciſco de Orta deixou eſcritos doutiſſimos, e copioſos *Commentarios* ſobre toda a *Summa de Santo Thomaz*.

O Padre Fr. Franciſco da Piedade eſcreveo huma obra grande, com o titulo de *Expoſitiones ſelectæ Sanctorum PP. Doctorumque clariſſimorum, in totum Hiſtoriale utriuſque paginæ textum*, de que ſe deu ao Prélo o primeiro tomo.

Fr. Franciſco Mexia compoz, e imprimio hum tomo, que intitulou: *Ordo, & Methodus Partium S. Thomæ; & omnium partium reſolutio*; obra importante a voto dos Theologos.

Sor Franciſca Joſefa de Nazareth, do Moſteiro da Roſa, traduzio do Italiano em Portuguez o tomo intitulado: *Finezas de Jeſus Sacramentado*, que ſeu irmaõ Fr. Jozé de Santa Thereſa, Carmelita Deſcalço, tinha compoſto em Italia.

Fr. Gaſpar de Barros, grande Antiquario, e inſigne Geografo, compoz, e deu á luz hum grande *Itinerario*, em que deſcreveo todos os lugares, nomes, e origens dos Reynos de Heſpanha.

Fr. Gaſpar da Cruz, o primeiro Miſſionario, que entrou no Imperio da China, nomeado Biſpo de Malaca, e que acabou no ſeu exercicio com opiniaõ de Santo, eſcreveo hum *Tratado* taõ individual, como extenſo, das couſas da China.

O Meſtre Fr. Gaſpar de Mello (que ſubſtituio a Cadeira de Prima, que a Religiaõ tem na Univerſidade de Coimbra, e paſſou por Inquiſidor ao Eſtado da India) eſcreveo erudîtas, e varias obras, de que ficou eſta noticia confuſa, e a de que a morte do Author lhe ſuſpendeo a eſtampa.

Fr. Gaſpar do Salvador, filho da India, compoz huma *Chronica* dos Religioſos daquella Congregaçaõ, que faleceraõ nella com nome de letras, e virtude.

Fr. Gaſtaõ, (de que ſe ignora o ſobrenome) eſcreveo as guerras entre os Reys de Cochim, e Calecut, livro eſtimavel pela verdade experimental, com que ſeu Author tratou a materia, em que envolveo com a meſma as façanhas do grande Duarte Pacheco, em beneficio dos que eſcreveraõ deſte Heroe.

O Meſtre Fr. Gaſpar Pinheiro, Lente de Prima da Univerſidade de Coimbra, imprimio alguns *Sermoes*, prégados em feſtividades dignas de tanto Orador.

Fr. Jorze de Santiago, Varaõ doutiſſimo, Biſpo de Angra, (que por mandado delRey D. Joaõ o III. foy por Theologo ao Concilio Tridentino) eſcreveo, e imprimio por aceitaçaõ commua, a grande *Oraçaõ*, que fez no meſmo Concilio, e hum tomo de varias *Direcçoens*, e *Dictames* para o governo do ſeu Biſpado, como para qualquer governo Eccleſiaſtico.

O Meſtre Fr. Jorze Vogado, que foy Provincial deſta Provincia, eſcreveo varios *Tratados* de memorias pertencentes a ella.

O Santo Fr. Gil, Doutor pela Univerſidade de Pariz, e o primeiro, que lêo Theologia Eſcolaſtica neſta Provincia, eſcreveo huma *Chronica* de varios, e inſignes Meſtres, que floreceraõ nella.

Fr. Henrique de..... Religioſo douto, e reformado, (da eſtimaçaõ da Rainha Dona Catharina, mulher delRey D. Joaõ o III.) eſcreveo, e imprimio hum tomo de *Sermoens* dos mais principaes myſterios da Igreja; e a goſto, e obſequio da meſma Rainha, verteo da Latina na lingua Caſtelhana o *Compendio da Doutrina Chriſtãa* do Meſtre Fr. Luiz de Granada.

O Meſtre Fr. Jeronymo da Azambuja, Eſcritor celebre com o cognome de Oleaſtro, peritiſſimo nas linguas Grega, e Hebraica, com o nome de Theologo delRey D. Joaõ o III. aſſiſtio no Concilio Tridentino, onde ſe eſcutou como Oraculo. Foy Deputado do Santo Officio em Evora, e Lisboa, e do Conſelho delRey D. Henrique. Recuſou o Biſpado de S. Thomé, em tempo em que ainda a ponca experiencia o naõ tinha malquiſto. Foy Provincial deſta Provincia. Eſcreveo ſobre todo o *Penthateuco*, ſobre *Iſaias*, e *Jeremias*, e todos os *Profetas Menores*, ſobre os quatro livros dos *Reys*, ſobre os *Pſalmos*. Eſcreveo mais outros *Commentarios* ſobre varios livros da *Eſcritura*; e hum tomo ſobre as *Hereſias* do ſeu tempo; e ſendo ſem controverſia hum dos primeiros, e mais genuinos Expoſitores, (de quem os que ſe lhe ſeguiraõ, em muita parte ſe valeraõ) em huma couſa foy inimitavel, que foy nas ſuas *Reflexoens ad mores*, por profundas, e breves.

Fr. Jeronymo Correa eſcreveo hum tomo de *Concordia ſcientiarum*. Outro, em que compilou todos os privilegios da Ordem dos Prégadores.

Fr. Jeronymo Pereira, Varaõ doutiſſimo, e Prégador celebre, Biſpo Titular de Salé, que

que aſſiſtio ao Cardeal Infante D. Henrique, eſcreveo hum tomo de *Reſurrectione Chriſti Domini*; outro de *Sacramentis Eccleſiæ*, e varios *Sermoens* do tempo, e de *Santos*. De mais obras ficou ſó a noticia em commum ſem titulo, ou numero.

Fr. Jeronymo Ramos eſcreveo exactamente a *Vida do Infante Santo D. Fernando*.

O Meſtre Fr. Ignacio Coutinho compoz dous tomos com o titulo de *Promptuario Eſpiritual*, ſobre os *Evangelhos* das feſtas dos Santos, que celebra a Igreja, pelo diſcurſo do anno. Eſcreveo hum *Marial de Panegyricos*, para todas as Feſtas da Senhora. Eſcreveo mais varios *Sermoens* avulſos; tudo com tanta erudiçaõ ſagrada, e elegancia predicativa, (em tempo em que huma, e outra couſa era rara) que naõ ſó o perpetuou a eſtampa neſte Reyno, e no noſſo idioma, mas paſſou a eſtranhos, em que logrou o meſmo beneficio na traducçaõ Latina, por hum Religioſo da Ordem.

O Meſtre Fr. Ignacio Galvaõ eſcreveo com ſingular erudiçaõ, e eſtylo, em idioma Latino dous grandes tomos de *Elogios* ſobre a *Doutrina do Doutor Angelico Santo Thomaz*. Imprimiraõ-ſe, e alguns *Sermoens* avulſos.

O Meſtre Fr. Joaõ Aranha, Lente de Prima de Eſcritura na Univerſidade de Coimbra, eſcreveo, e prégou com eſtimaçaõ publica as *Exequias delRey Filippe o Primeiro*, que governou eſtes Reynos. De mais *Sermoens* o faz Author alguma memoria, que naõ paſſou de commua.

Fr. Joaõ da Cruz, Religioſo erudîto, compoz huma *Chronica* da Ordem em dous tomos. Eſcreveo hum *Dialogo* ſobre a importancia da *Oraçaõ*, e *Obras virtuoſas*; hum *Diſcurſo* ſobre o *Pſalmo* 41. Verteo em Latim a *Hiſtoria Eccleſiaſtica*, que ſe intitula: *Bipartida*. Imprimio-ſe roubando o nome, e gloria a eſte Author. Eſcreveo, e deu á eſtampa trinta e ſeis *Sermoens*, ſobre as mais importantes materias ao Chriſtianiſmo.

Fr. Joaõ Lopes eſcreveo a *Vida de S. Vicente Ferreira*.

Fr. Joaõ Madeira, verſadiſſimo na Hiſtoria, eſcreveo as *Vidas dos Reys de Portugal*, manuſcrito, de que ſe aproveitaraõ grandes Authores.

Fr. Joaõ Pedraça, Caſtelhano de naçaõ, (perfilhado neſta Provincia) da illuſtriſſima Caſa dos Duques do Infantado, Lente de Veſpera na Univerſidade de Coimbra, Biſpo das Canarias, eſcreveo huma copioſa *Summa de caſos de conſciencia*, recebida (primeira, e ſegunda vez) pela eſtampa dos melhores votos na materia, com credito do Author, e intereſſe dos eſtudioſos.

Fr. Joaõ Pinheiro, que de Doutor na Univerſidade de Pariz, veyo lêr a Cadeira de Veſpera em Coimbra, e paſſou ao Concilio Tridentino por Theologo delRey D. Sebaſtiaõ, atalhando a morte os grandes progreſſos de ſeus eſtudos, que trinta e nove annos tinha deſempenhado hum Oraculo de Theologia, e Eſcritura Sagrada, ſobre que eſcreveo varios livros, de que (faltando elle) ſe aproveitaraõ muitos, roubando ao Author o premio do Prélo; ao Prélo hum particular aſſumpto, em muitos que podiaõ authorizar eſte Catalogo.

Fr. Joaõ

Fr Joaõ de Portalegre eſcreveo a *Vida de S. Fr. Gil*, eſtendendo a todos ſeus milagres a eſcritura, como teſtemunha de viſta.

Fr. Joaõ de Portugal, filho dos Condes de Vimioſo, Prégador delRey, e Biſpo de Viſeu, Religioſo de eximia literatura, e ſingular obſervancia; já neſta Chronica nos authorizou a eſcritura; eſcreveo quatro tomos de *Theologia*, ſobre as materias de *Gratia*, *creata*, *& increata*. Eſcreveo no noſſo idioma hum tomo, a que intitulou *Caſamento Chriſtaõ*. Outro de *Louvores de noſſa Senhora*.

Fr. Joaõ dos Santos, grande Miſſionario do Oriente, eſcreveo hum livro com o titulo de *Ethiopia Oriental*, impreſſo, e buſcado, como o mais veridico nas noticias daquelle Emporio.

O Meſtre Fr. Joaõ de Santo Thomaz, Inquiſidor no Tribunal de Madrid, Confeſſor de Filippe IV. lêo em Alcalá as Cadeiras de Prima, e Veſpera. Eſcreveo hum *Curſo Theologico* em trez tomos. Mais quatro tomos ſobre as *Queſtoens de Santo Thomaz*. Trez tomos de *Filoſofias* no idioma Heſpanhol, hum livro com o titulo *Explicacion de la Doctrina Chriſtiana*. Faleceo com opiniaõ de Santo.

O Veneravel M. Fr. Joaõ de Vaſconcellos, (que nos enriqueceo eſta eſcritura, com mais eſpecioſa materia) eſcreveo varios tomos de *Theologia Eſcolaſtica*.

D. Fr. Jozé de Jeſu Maria, Biſpo Titular de Patara, eſcreveo em idioma Latino hum tomo com o titulo de *Manuale Qualificatorum*. Hum *Sermaõ nas Exequias de Clemente XI.* Imprimioſe.

O M. Fr. Jozé de Santa Maria eſcreveo dous grandes tomos de *Libero arbitrio*. Imprimio-ſe o primeiro.

O M. Fr. Jozé da Purificaçaõ, ſingular Latino, e celebre Poeta no meſmo idioma, Academico do numero da Academia Real, eſcreveo, e recitou a *Oraçaõ Gratulatoria na exaltaçaõ ao Solio Pontificio do noſſo Pontifice Benedicto XIII.* Na ſua morte a *Oraçaõ Funebre*. Eſcreveo, e imprimio alguns *Sermoens*.

Fr. Jozé Teixeira, Prégador do Cardeal Rey D. Henrique, eſcreveo a *Genealogia de Henrique IV.* que ſe imprimio. E hum *Tratado Apologetico*, em obſequio do Principe de Condé. Mal informado Manoel de Faria, faz a eſte Religioſo Trinitario.

Fr. Jordaõ, (a que os ſucceſſos de ſua vida, e morte ſuppriraõ o ſobrenome, porque morrendo no Oriente pela Fé, ſe ſeguiraõ tantos prodigios á ſua morte, que os meſmos Gentios lhe levantaraõ imagens em ſeus Pagodes) eſcreveo hum volume do martyrio de quatro Religioſos Menores, que intitulou *Certamen glorioſum in Oriente*.

Fr. Lopo Soares eſcreveo ſete tomos, a que a ſua morte privou da vida da eſtampa. De dous ficou a memoria das materias, hum: *Diſcurſos Predicativos* ſobre as *Domingas da Quareſma*, outro em idioma Latino, contra o procedimento dos *Chriſtãos novos*.

O Veneravel Servo de Deos, e ſanto Varaõ Fr. Lourenço Mendes, que floreceo em virtudes,

des, e milagres, e no exercicio de Prégador Apoſtolico, eſcreveo ſobre varias materias, como teſtemunhaõ as *Memorias da Ordem*; perderaõ-ſe os ſeus eſcritos, (como tem ſuccedido a muitos, que a podiaõ authorizar) na demoliçaõ do primeiro Convento de Guimaraens.

Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta mór deſta Provincia, e Reynos de Portugal, Academico do numero da Academia Real. Eſcreveo eſta *Quarta Parte das Chronicas da Ordem.* O *Panegyrico Hyſtorico da Princeza Santa Joanna*, em methodo predicativo em dous tomos. O *Thaumaturgo do Roſario*, *Vida de Saõ Domingos*, com reflexoens, em hum tomo. O *Pantheon Evangelico*, com cincoenta *Panegyricos*, em hum tomo. Hum tomo com o titulo de *Diſcurſos Aſceticos.* Hum tomo com o titulo de *Tribunal da conſciencia.* Hum tomo com o titulo de *Panegyricos Sacros. Sermoens* avulſos, numeroſos, que por varias mãos andaõ adulterados. Varias obras em verſo; ſagradas muitas, de que ſe imprimiraõ algumas. Quando iſto eſcrevemos, continúa o ſeu emprego Academico nas *Memorias de Malta*, em que tem eſcrito dous livros, e eſcreveo a mayor parte da *Hiſtoria dos Templarios*; em hum, e outro aſſumpto ſe imprimiraõ *Catalogos.*

Fr. Luiz Cacegas, primeiro Chroniſta de que ha memoria neſta Provincia de Portugal, da Ordem dos Prégadores, eſcreveo a *Hiſtoria* della, que ficou infórme.

Fr. Luiz de Souſa, Chroniſta mór (e grande Chroniſta) da Ordem dos Prégadores, neſta Provincia, e Reyno de Portugal, eſcreveo a *Chronica* della em trez tomos. Eſcreveo a *Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres.* Eſcreveo varias *Genealogias de Portugal.* Algumas obras em verſo Latino, arte, e idioma em que era elegantemente verſado. Eſcreveo a *Vida delRey Dom Joaõ o III.* a que o roubo, ou induſtrioſo, ou violento, tirou o premio do Prélo.

Fr. Luiz de Faria eſcreveo varios *Tratados Aſceticos*, bem avaliados dos doutos do ſeu ſeculo.

Fr. Luiz Gracez eſcreveo as *Vidas das Madres Sor Iſabel dos Anjos*, e *Sor Juliana de Jeſus*, Religioſas de grande opiniaõ no Moſteiro de Chellas, em tempo em que profeſſava o Inſtituto Dominicano.

O Veneravel Meſtre Fr. Luiz de Granada, perfilhado neſta Provincia, e Convento de Evora, Atleta da Religiaõ, e Doutrina Chriſtãa, eſcreveo incançavel com ſciencia, eſpirito, e zelo, doutrinando o Mundo Catholico; reconhecido aſſim pelos Pontifices, Principes Eccleſiaſticos, e Seculares, e Miniſtros da Igreja, como ſoccorro, e ornamento della. Eſcreveo eſte grande Meſtre tanto, que mal ſe póde reduzir a numero; diremos com brevidade do mais vulgar, e o primeiro o ſeu admiravel volume ſobre a *Oraçaõ.* O inimitavel do *Symbolo da Fé*, outro tomo da *Oraçaõ*, e *Contemplaçaõ*, com admiravel methodo directivo. Seis tomos de *Sermoens*, dous de *Santos*, quatro

Dou-

Doutrinaes. Hum tomo com o titulo de *Sylva de varios lugares*, em utilidade dos Cultores Evangelicos. Hum grande volume, repartido em ſeis livros, com o titulo de *Rhetorica Euchariſtica.* Huma obra em ſeu proprio idioma, repartida em dous livros, com o titulo de *Guia de peccadores*, outra repartida em ſete *Tratados*, com o titulo de *Memorial da Doutrina Chriſtãa*, outra de *Addiçoens* a eſte *Memorial*, repartida em dous *Tratados*, outra obra, que intitulou: *Introducçaõ ao Symbolo da Fé*, repartida em cinco partes. A eſta accreſcentou hum *Tratado* ſobre o modo com que ſe ha de propor, e introduzir a Fé, cathequizando os Infieis.

No idioma Heſpanhol eſcreveo huma obra com o titulo de *Inſtituiciones, y Regla de bien vivir.* Na lingua Portugueza, por ordem da Rainha Dona Catharina, de quem era Confeſſor, eſcreveo hum *Compendio de Doutrina Chriſtãa.* Eſcreveo trez livros ſobre a *Sagrada Euchariſtia.* Eſcreveo outra obra, que intitulou: *Parabolas Evangelicas*; outra em Latim, intitulada: *Exhortationes ad pœnitentiam.* Hum livro ſobre a *Frequencia da Communhaõ.* Hum livro de *Officio Parochi.* Hum *Tratado* de *Peregrinationibus*: huma copioſa *Homilia* de *Sacerdotis Dignitate, & Officio.* Hum tomo ſobre o *Roſario da Senhora.* Verteo de Latim em Heſpanhol, (á inſtancia de varios perſonagens) a *Hiſtoria Eccleſiaſtica.* Traduzio os quatro livros de *Contemptu Mundi.* Traduzio huma ſingular obra de *S. Joaõ Climaco.* Eſcreveo varias vidas de peſſoas de opiniaõ.

Todos eſtes eſcritos (e outros, de que ficou ſó a noticia de que os houve) ſe imprimiraõ, ou com advertencia, ou em obſequio das Tiaras da Igreja, que alcançou em ſua vida. Muitos ſe lhe uſurparaõ, e imprimiraõ com diverſo nome. O ſeu foy applaudido, e elogiado pelas mais doutas pennas, que entaõ reconhecia o Mundo Catholico. Quem deſejar mais individuaes noticias deſte laborioſo operario da Chriſtandade, lêa o terceiro lanço do *Clauſtro Dominicano*, que eſcreveo o Meſtre Fr. Pedro Monteiro.

Fr. Luiz Lamberto, Prégador celebre, eſcreveo muitos *Sermoens*; dous ſe imprimiraõ.

O Meſtre Fr. Luiz de Sotto-mayor, Oraculo dos Theologos do ſeu tempo, foy verſado nas linguas Grega, e Hebraica, celebre na Latina. Lêo Theologia na Univerſidade de Lovaina; teve Cadeira de Latim em Londres, por mandado delRey Filippe de Caſtella. Paſſou ao Concilio de Trento por Theologo delRey Dom Sebaſtiaõ. Leo a Cadeira de Prima de Eſcritura na Univerſidade de Coimbra. Compoz ſobre os *Cantares* dous tomos copioſiſſimos, e de toda a erudiçaõ; outro grande tomo ſobre duas *Epiſtolas de Saõ Paulo*, tudo em commum beneficio dos Cultivadores do Evangelho, e tudo impreſſo. Hum copioſo *Commento* ſobre o *Evangelho de Saõ Joaõ*, que ficou imperfeito entre muitos manuſcritos

tos de tanta eſtimaçaõ, como tudo o que eſcreveo, merecendo-a no voto de Clemente VIII. como de todo o Mundo eſtudioſo.

Sor Luiza de Deos, filha dos Condes de Vimioſo, Marquezes de Aguiar, do Convento de Santa Catharina de Senna de Evora, eſcreveo por preceito de ſeu Confeſſor, o Meſtre Fr. Fernando Soeiro, ſua meſma *Vida*, em que tocou varias applicaçoens da Eſcritura, com admiravel intelligencia; para que ſeria illuſtrada, como ſe infere de ſua eſtreita obſervancia.

O Meſtre Fr. Manoel Coelho, Vigario Geral da Congregaçaõ da India, Deputado do Santo Officio em Goa, eſcreveo hum tomo ſobre as *Chriſtandades do Oriente*, e huma elegante *Oraçaõ*, que recitou em huma funçaõ Regia daquelles Eſtados. Imprimioſe.

O Meſtre Fr. Manoel da Encarnaçaõ, conhecido pelo cognome de Pontevel, Provincial, que foy deſta Provincia. Commentou o *Evangelho de Saõ Mattheus* em quatro grandes tomos, que ſe achaõ impreſſos.

Fr. Manoel Homem eſcreveo hum tomo, que intitulou: *Memoria da diſpoſiçaõ das Armas Caſtelhanas*. Eſcreveo hum grande tomo ſobre a *Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV*. Eſcreveo, e imprimio duas *Relaçoens das duas Embaixadas do Marquez de Caſcaes a França*.

Fr. Manoel da Sylva, Preſentado, compoz huma *Summa* ſobre a *Bulla da Cruzada*, com a diſtinçaõ entre Portugal, e Caſtella, e foy a primeira, que por eſte eſtylo ſe eſcreveo, e imprimio.

O Meſtre Fr. Manoel Veloſo compoz huma *Summa*, em que recopilou algumas materias das *Partes de Santo Thomaz*, para facilitar o eſtudo aos examinandos na Theologia.

O Meſtre Fr. Martinho de Ledeſma, inſigne talento, Theologo celeberrimo, Heſpanhol por naſcimento, e neſta Provincia perfilhado, e primeiro Lente de Veſpera na Univerſidade de Coimbra, (depois o foy de Prima) eſcreveo dous grandes volumes de *Theologia* ſobre o *Meſtre das Sentenças*; imprimiraõ-ſe. Eſcreveo copioſos *Commentarios*.

Fr. Manoel Guilherme eſcreveo, e compilou os *Agiologios Dominicanos*, com a aſſiſtencia, e applicaçaõ de Fr. Manoel de Lima, Religioſo da meſma Ordem; eſcreveo mais alguns *Opuſculos*. Tudo corre impreſſo, e alguns *Sermoens*.

Deve-ſe a eſte Padre o grande complemento da Bibliotheca de Saõ Domingos de Lisboa, a que dotou, e enriqueceo com hum juro de trezentos e cincoenta mil reis.

O Veneravel Fr. Miguel Rangel, Biſpo de Cochim, que neſta quarta Parte no livro quarto nos deu hum glorioſo aſſumpto, como ás Chriſtandades do Oriente hum exemplar Prelado, eſcreveo huma copioſa *Relaçaõ* das importancias dellas, e daquelle Eſtado.

A Madre Soror Margarida Pinheira, Religioſa do Moſteiro de Jeſus de Aveiro, eſcreveo com individuaçaõ, como teſtemunha de viſta, a *Vida da Beata Joanna, Princeza de Portugal*, filha da meſma Caſa.

A Madre Soror Maria Bautiſta, Religioſa no Moſteiro do Salvador de Lisboa, eſcreveo a *Hiſtoria* do meſmo Moſteiro.

A Madre Soror Maria de Noronha, Religioſa da Annunciada, filha do Conde de Linhares, deſtra na Latinidade, e arte da Pintura, eſcreveo com eſpirito, e acerto varias materias de Doutrina, e edificaçaõ.

Fr. Nicoláo Dias, douto, e reformado, Prégador inſigne, e Miſſionario do Roſario, que eſpalhou com grande fruto, primeiro correndo as terras da Paleſtina, depois na Curia Romana, em que foy aceito ao Santo Pontifice Pio V. eſcreveo hum tomo do *Roſario*. Hum *Tratado* do *Juizo univerſal*; outro *Tratado* da *Paixaõ de Chriſto*; e algumas *Rezas*, aſſim do Roſario, como de alguns Santos, que celebra a Igreja; entende-ſe, que por ordem do Pontifice. Tudo ſe imprimio. Hum *Tratado* das *Excellencias do Bautiſta*; a *Vida da Princeza Santa Joanna*, Religioſa da Terceira Ordem de Saõ Domingos. Imprimio-ſe. Outra obra com o titulo de *Jornada da Terra Santa*.

O Meſtre Fr. Pedro Calvo, hum dos mais celebres Prégadores do ſeu tempo, e elle o foy dos Filippes II., e III. governando eſte Reyno. Eſcreveo no idioma Latino dous grandes tomos de *Homilias*, ſobre os *Evangelhos* de todo o anno. Outro tomo com o titulo das *Lagrimas dos Juſtos*. Mais dous *Sermoens*; tudo ſe imprimio em beneficio dos Cultores do Evangelho.

Fr. Pedro Fernandes Gallego eſcreveo a *Vida do noſſo Patriarca Saõ Domingos* em Latim, e a *Hiſtoria da Ordem* no meſmo idioma, até o tempo do Meſtre Geral Humberto. Faleceo com grande nome de virtude.

Fr. Pedro Juliaõ, por outro nome Pedro Hiſpano, Summo Pontifice, com o nome de Joaõ XXI. eſcreveo as *Summulas*, que por muitos annos ſe leraõ nas Univerſidades de Heſpanha. Huns *Problemas Filoſoficos*, e hum volume, que intitulou *Theſouro de pobres*.

O Meſtre Fr. Pedro de Magalhaens, de grande nome em letras, e virtude. Foy do Conſelho Geral do Santo Officio, e nelle Preſidente. Compoz hum *Tratado de ſcientia Dei*, outro de *Prædeſtinationis executione*; outro com o titulo de *Tractatus Theologici*, *ad primam Partem Divi Thomæ*. Imprimiraõ-ſe. Por ſua morte ſe embaraçou a eſtampa a varias materias Theologicas, como a outras de Filoſofia. Faleceo com grande opiniaõ de virtude.

O Meſtre Fr. Pedro Martyr, Lente de Veſpera na Univerſidade de Coimbra, eſcreveo ſobre a *Primeira Parte de Santo Thomaz*. Eſcreveo hum tomo de *Auxiliis*. Eſcreveo hum volume, que intitulou: *Diario Virginal*.

Fr. Pedro de Santa Maria eſcreveo, e imprimio hum tomo com o titulo de *Boa criaçaõ*, e *Politica Chriſtãa*.

O Meſtre Fr. Pedro Monteiro, Academico do numero da Academia Real, eſcreveo hum

hum grande volume dos *Varoens illuſtres da Religiaõ*, em letras, virtudes, e lugares, repartido em quatro Claſſes, de que já huma conſeguio a eſtampa. Tambem a mereceraõ varios *Sermoens*, que prégou em funçoens celebres neſta Corte. Tem eſcrito no ſeu emprego Academico tudo o que toca ao Santo Tribunal da Inquiſiçaõ, e muitos *Sermoens*, que eſpera o Prélo.

Fr. Pedro Pacheco, Biſpo de Cochim, que governou o Arcebiſpado de Goa, eſcreveo hum tomo de *Politica*. Imprimio-ſe. Eſcreveo quatro Sermoens, prégados nas quatro partes do Mundo, em que eſteve. Imprimiraõ-ſe.

Fr. Pedro Paes eſcreveo em idioma Latino a *Prodigioſa vida do Santo Fr. Gil.*

Fr. Silveſtre de Azevedo eſcreveo ſobre hum dos *Myſterios de noſſa Santa Fé*, aſſiſtindo no Reyno de Cambaya (onde foy o primeiro Miſſionario) por mandado do meſmo Rey da terra, e no idioma della, em que era verſado.

O Meſtre Fr. Simaõ da Luz, celeberrimo Prégador do ſeu tempo, compoz hum tomo de *Auxiliis*. Prégou (e imprimio) varios *Sermoens*, nas mayores funçoens, que houve neſta Cidade.

Fr. Soeiro Gomes, companheiro de noſſo Santo Patriarcha, Fundador, e primeiro Provincial deſta Provincia, eſcreveo, e compoz por ordem delRey Dom Affonſo o II. as primeiras *Leys Geraes*, porque ſe governou eſte Reyno.

O Meſtre Fr. Thomaz Aranha, que ſubſtituîo na Univerſidade de Coimbra, por ordem Regia, as Cadeiras de Durando, e de Eſcritura, de Prima, e Veſpera, eſcreveo hum livro, que intitulou: *Triunfo da Fé*. Dous tomos de *Sermoens Quadrageſimaes*, e de *Santos*. Imprimio varios *Sermoens* avulſos. Eſcreveo varias *Poeſias*, (em que tinha conhecimento, e deſtreza) eſpecialmente na feliz Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV., que ſe imprimiraõ com nome alheyo.

Fr. Thomaz Barreto imprimio alguns *Sermoens*.

Fr. Thomaz de Chaves compoz huma *Summa* ſobre os *Sacramentos da Igreja*. Eſcreveo humas *Queſtoens Theologicas*, ſobre os *Decretos dos Concilios*, em eſpecial do Tridentino.

Fr. Thomaz da Coſta, no ſeu tempo eſplendor da Cadeira, e do Pulpito. Foy Prégador delRey Dom Joaõ o III. Confeſſor da Rainha Dona Catharina, virtuoſo, e reformado; aſſim recuſou, ſendo doutiſſimo, o Magiſterio. Eſcreveo hum grande volume em idioma Latino, que intitulou: *Tropi inſignes veteris, ac novi Teſtamenti, ejuſdemque Phraſes*. Hum tomo de varios lugares da Eſcritura *ad mores*.

Fr. Thomaz Duraõ compoz hum livro intitulado *Manipulus Curatorum*. Foy eſte Padre Prégador de ElRey Dom Joaõ o III., e Meſtre do Cardeal Infante Dom Henrique.

Fr. Thomaz, Meſtre, e celeberrimo Theologo Heſpanhol, perfilhado neſta Provincia, Meſtre do Sacro Palacio por Pio IV. Purificou todas as *Obras de Santo Thomaz*, reduzindo-as

a dezaſete tomos. Sobre as meſmas *Obras* compoz doutiſſimos *Commentarios*. Expurgou as *Obras de Alexandre Tartagino*. Polio o *Cathecifmo* com Fr. Euſtachio Lucatello, Procurador Geral da Ordem.

Fr. Thomaz da Penha, celebre em letras, virtude, e elegancia predicativa. Compoz hum tomo de *Conceitos* ſobre os *Evangelhos* de todo o anno. Compoz o *Officio*, e *Reza* do Doutor Angelico Santo Thomaz, de que uſa a Igreja: deſtro na Latinidade, e na Poeſia.

O Meſtre Fr. Thomaz de Souſa, Prégador delRey Dom Sebaſtiaõ, eſcreveo doutiſſimos *Commentarios* ſobre *Oſeas*, e *Joel*; e he tradiçaõ, que tambem eſcreveo ſobre *Joſué*.

Fr. Vaſco de Lucena eſcreveo em idioma Latino hum grande volume da *Vida de Saõ Fr. Gil*.

O Meſtre Fr. Vicente Gomes eſcreveo a *Vida do Veneravel Padre Fr. Domingos Anadou*, Religioſo da Ordem. Hum *Certame Poetico* (como deſtro na arte da Poeſia) ſobre a meſma vida. Eſcreveo as *Feſtas na Canonizaçaõ de Saõ Raymundo*. Eſcreveo alguns *Sermoens* na *Beatificaçaõ de Saõ Luiz Beltraõ*. Eſcreveo os *Milagres dos Santos da Ordem*, Santo Ambroſio de Senna, e Saõ Jacobo Salomonio; os *Milagres da Imagem do noſſo Padre em Soriano*. Huma *Chronologia das Santas da Ordem*. A *Deſcripçaõ da Cidade Santa*, no tempo em que Chriſto Senhor noſſo padeceo nella.

O Meſtre Fr. Vicente de Lisboa, Provincial das Heſpanhas, e nellas Inquiſidor Geral, Prégador, e Confeſſor delRey Dom Joaõ o I. Eſcreveo muitos livros, com que convenceo, e deſtruio as hereſias neſtes Reynos, e de Caſtella, como conſta do Epitafio da ſua ſepultura.

O Meſtre Fr. Vicente da Ponte eſcreveo hum tomo de *Queſtoens Theologicas*. Eſcreveo em idioma Francez, ſobre o *Artigo da Fé*: *Credo unam Sanctam Catholicam, & Apoſtolicam Eccleſiam Romanam*. Eſcreveo outro tomo de *Materias Theologicas*.

O Meſtre Fr. Umberto Cordeiro eſcreveo hum tomo com o titulo de *Amor de Deos, e do proximo*.

Sor Violante do Ceo, Religioſa no Moſteiro de noſſa Senhora do Roſario, por outro nome da Roſa, deſta Corte de Lisboa, verſada ſingularmente na arte da Poeſia, eſcreveo hum tomo de bons *Verſos*, que logo ſe imprimio. De mais dous tomos houve noticia, e que eſtavaõ para ſe dar á eſtampa. Por varias vezes a tem occupado os ſeus celebres *Soliloquios ao Sacramento*, e a *Chriſto crucificado*. Huns em idioma Portuguez, outro no Heſpanhol, todos pios, e elegantes.

Grande numero de Religioſos, notaveis por letras, virtudes, e lugares (que vaõ diſtribuidos pelos ſeus, naõ ſó neſta quarta Parte, mas nas outras trez) nos podiaõ occupar, e ennobrecer a penna neſta materia, ſe quizeſſemos fazella de hum ſó Sermaõ, ou papel de menos vulto, que Hiſtoria; (como vemos

mos praticado em Eſcritores, que nos podiaõ ſervir de exemplo, e deſculpa) mas naõ mendigando eſſe ſoccorro, e eſcuſando de diſputas eſte Catalogo, antes o quizemos juſtificado, que extenſo.

CA-

CATALOGO

DOS ARCEBISPOS, E BISPOS,

que neſtes Reynos de Portugal, e ſuas Conquiſtas, teve a Sagrada Ordem dos Prégadores, aſſim nacionaes, como eſtranhos. Entraõ tambem os que, ſendo nacionaes, tiveraõ eſtas Dignidades em outros Reynos.

ENTROU em Portugal a Religiaõ de S. Domingos, occupando as attençoens da eſtimaçaõ, e do reſpeito, que ſeus filhos ſouberaõ grangear, com aquelles dous empregos, que ſó dignamente as ſabem merecer, como ſaõ, virtude, e letras, herança glorioſa de ſeu grande Patriarcha. Naõ ſe difficultaraõ eſtas noticias aos ouvidos, e reparos dos noſſos Monarchas, a que ſempre os merecimentos acharaõ as mãos abertas, como as Familias ſagradas as portas de ſeus Reynos, deſejoſos de ter aos ſeus Povos bem doutrinados, e o culto Divino com augmentos. Com maximas taõ Catholicas começaraõ igualmente a dilatar os ſeus dominios, e a entregar grande parte delles nas mãos dos Religioſos, em que naõ ſó tinha para negocear com Deos bons Mercieiros, mas em que achava Prelados, a que entregar ſuas Igrejas, conhecendo, (como lhe hiaõ moſtrando as experiencias) que eraõ os mais proprios eſmoleres, coſtumados a viver como pobres, e ſingulares Meſtres para o exemplo, e para o enſino, como continuos Cultivadores de ſciencias, e virtudes.

Era (como ſempre foy) a Religiaõ Dominicana, reconhecida officina de ſogeitos abalizados naquelles dous empregos; começaraõ os Reys a tirallos dos Clauſtros, com a certeza de que aproveitavaõ os poſtos. Nem o ſerem eſtes elevados, lhe valeo, para que os naõ dominaſſe a tyrannia dos tempos, ſepultando muitos dos grandes eſpiritos, que os adminiſtraraõ com mais acerto, que ventura, faltando-lhe a de ſe lhe perpetuar a memoria. Diremos dos que a conſeguiraõ, naõ mais merecida, mas mais privilegiada.

Foy o primeiro D. Fr. Soeiro Viegas, ſegundo do nome, e quinto Biſpo de Lisboa, depois de livre da tyrannia dos Mou-

Mouros. Valeo muito com ElRey D. Affonſo II. paſſando a Roma ſobre o litigio do meſmo Rey, com ſuas irmãas as Infantas (hoje Beatificadas) Dona Sancha, e Dona Thereſa. Segunda vez paſſou D. Soeiro á Curia, aonde renunciando o Biſpado nas mãos de Gregorio IX. chamado dos prodigios, com que noſſo Patriarcha aſſombrava o Mundo, voltando a Portugal, veſtio o habito de S. Domingos das mãos do primeiro Provincial, que teve eſta Provincia, o ſanto Varaõ, D. Fr. Soeiro Gomes, de que veſtindo tambem o eſpirito, continuou em huma taõ rigoroſa obſervancia a vida, que a acabou com demonſtraçoens de que paſſava á eterna, no annno de 1232.

Fr. Roberto Portuguez, Biſpo de Sylves no Algarve, reynando Affonſo III. pelos annos de 1254. Aceitou o Biſpado com licença do dito Rey, porque a nomeaçaõ nelle foy por ElRey de Caſtella Affonſo X., naõ pertencendo ainda o Algarve a eſta Coroa.

D. Fr. Bartholomeu Portuguez, teve por Clemente IV. o meſmo Biſpado pelos annos de 1268.

D. Fr. Pedro Juliaõ, chamado nas Hiſtorias Pedro Hiſpano, filho de Lisboa, de geraçaõ illuſtre, Filoſofo inſigne, e o primeiro, que em Heſpanha compoz na ſua faculdade; na de Medicina foy excellente, em que tambem compoz progreſſos, que deveo ás Aulas de Pariz. Occupou rendoſos, e authorizados lugares no Eccleſiaſtico; o Priorado de Mafra na Dioceſi de Lisboa, em que foy Deaõ no anno de 1264. Na do Porto, Theſoureiro mór. Na de Braga, Arcediago de Vermoim. E na Collegiada de Guimaraens, o ſeu grande Priorado pelos annos de 1268. Neſta grandeza Eccleſiaſtica ſe achava, quando tomou o habito de S. Domingos, vendo-ſe no muito, que deixou, o eſpirito com que o veſtio. No anno de 1270 profeſſou, buſcando-o logo Braga para a Primazia da ſua Cadeira, no ſegundo anno, que contava de Clauſura, em que eſperava a confirmaçaõ, quando ElRey D. Affonſo III. o mandou ao Concilio, que ſe celebrava em Leaõ de França.

Aqui lhe deu o Capello de Cardeal Gregorio X. com o Biſpado Tuſculano. Vagando depois, por morte de Adriano V. a Cadeira Pontificia, foy promovido a ella, enchendo-a com ſua grande capacidade, como deſempenhando a com acertos, que ſe eſperavaõ della; lavrava em Viterbo hum Palacio para os Pontifices, quando nelle foy opprimido em huma ruina, de que com admiraçaõ de todos o tiraraõ vivo, ſó para receber os Sacramentos, circunſtancia, que fez parecer aquella deſgraça eſpecial diſpoſiçaõ da Providencia Divina. Faleceo no anno de 1277 ao oitavo mez do ſeu Pontificado.

D. Fr. Domingos Soares, de naçaõ Portuguez, que paſſou a Caſtella, em que foy Biſpo de Avila. Foy peſſoa de muita conta, o que confirmou a muita que fez delle ElRey D. Affonſo o Sabio, eſcolhendo-o para ſeu Embaixador ao Pontifice Alexandre IV. ſobre o direito, que tinha ao Imperio. No anno de 1267 veyo a eſte Reyno a concor-

cordar a contenda, que havia entre o dito Rey, e ElRey D. Affonſo III ſobre o Reyno do Algarve, que reſtituido ao noſſo Rey D. Affonſo, fez delle Biſpo ao meſmo Fr. Domingos, a que foy preciſo repetir as Mitras, para correſponder ás ſuas muitas virtudes, e grandes letras.

D. Fr. Paſchaſio de Betancor, Portuguez de naçaõ, Biſpo de Lamego por Innocencio VI. no anno de 1365, reynando ElRey D. Pedro I. Entre as virtudes, e ſingular exemplo com que apacentou as ſnas ovelhas, o ornaraõ a literatura, e a clemencia. Paſſou a Italia, (ignora-ſe o motivo) e faleceo em Campania no anno de 1368. Eſte Prelado reſtituiraõ á Religiaõ Eſcritores eſtranhos, ignorado culpavelmente dos naturaes, e domeſticos.

Como a Ilha de Ceilaõ pertenceo á Coroa de Portugal, podemos apontar em Columbo, Cidade deſta Ilha, hum Biſpo Dominicano, que foy D. Fr. Jordaõ, natural de..... que reſplandeceo em virtudes, ſendo Apoſtolo da meſma Ilha, em que entrou (reynando ElRey D. Affonſo IV.) mandado pelo Pontifice Joaõ XXII. com huma numeroſa miſſaõ de Obreiros Evangelicos, aſſim noſſos, como Franciſcanos, com que fez grande fruto naquellas terras, que no anno de 1330 lhe pagaraõ a doutrina com a ſepultura.

D. Fr. Bartholomeu, de naçaõ Portuguez, Biſpo da Guarda, pelo Pontifice Innocencio VI., reynando em Portugal D. Affonſo IV. Foy exemplariſſimo, reduzindo aos Conegos da ſua Igreja, com ſeu efficaz exemplo, a mayor perfeiçaõ do culto Divino, que com ſuas rendas deixou augmentado. Mas nem o grande brado, que com ſuas virtudes deu neſte governo, chegou aos ouvidos dos noſſos Eſcritores, que com o ſeu deſcuido (a naõ ſer a advertencia alhea) nos deixavaõ eſta gloria, ou roubada, ou deſconhecida.

D. Fr. Gualter, Biſpo de Tangere, Cidade em Africa (que a Coroa Portugueza deveo ao invicto braço delRey D. Affonſo V., que nella ſe grangeou a glorioſa antonomaſia de Africano.) Deixou eſte Prelado eſta ſua Igreja, (ignora-ſe a cauſa,) e paſſou a Bolonha ſua Patria, em que pelos annos de 1345 acabou a vida.

D. Fr. André Dias, Portuguez, e filho de Lisboa, Biſpo de Megara, (Cidade da Grecia) em que reſidio alguns annos. Voltando a eſta Corte pelos de 1432 ſe recolheo no Convento de S. Domingos de Lisboa, onde pela adherencia de ſua grande capacidade, o buſcou o grande Rey D. Joaõ I. para Commendatario do Moſteiro de Saõ Joaõ da Alpendrada. Da caridade protentoſa deſte Prelado, e dos prodigios, que obrou com ella, ſe acha nos noſſos Eſcritores larga Hiſtoria.

D. Fr. Joaõ (ignora-ſe o ſobrenome) Biſpo de Tangere, por Nicolao V. anno de 1451.

D. Fr. Eſtevaõ, Portuguez, de que naõ ficou mais que eſte nome, Biſpo Titular Flroliananſe, *in partibus Infidelium*, por Calixto III anno de 1457.

D. Fr. Gil, Portuguez, Biſpo Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebiſpo de Braga D. Fr. Luiz

Pires, nos reynados delRey D. Affonſo V., e D. Joaõ o II. pelos annos de 1470. Eſta noticia devemos a huma penna Seraфica, ſervindo ás noſſas de confuſaõ, o que lhe podia ſervir de gloria.

D. Fr. Juſto Baldino, Biſpo de Ceuta, e Tangere, Primaz de Africa, celebre por ſua eruдiçaõ, e virtude, que até na morte deveo ſingular eſtimaçaõ aos Monarchas deſta Coroa, permittindo-lhe ſepultura no Real Convento da Batalha; privilegio grande, e mayor o deixar abrir nella o ſeu nome, á entrada do Capitulo deſta Caſa, em que os Reaes Mauſoleos honraõ ſua memoria.

D. Fr. Duarte Nunes, Portuguez, Biſpo Titular de Laodicea, pelo Pontifice Alexandre VI. á inſtancia delRey D. Manoel. Foy eſte Prelado o anteſignano dos que paſſaraõ á India com eſta Dignidade, a exercer funçoens Pontificaes. Teſtemunhou aquelle Oriente os ſeus merecimentos, ouvindo-o eſpalhar o Evangelho, e vendo-lhe correſponder copioſo fruto. Voltando ao Reyno, ſe recolheo ao Convento reformado de Aveiro, onde continuou huma exemplar vida, e onde pelos annos de 1528. teve ſepultura.

D. Fr. Gonçalo de Amorim, Portuguez, Biſpo Titular de Hierapoli, Cidade da Aſia, na Arabia, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebiſpo de Braga D. Diogo de Souſa. Elegeo-o Leaõ X. no reynado delRey Dom Manoel, naõ logrando a Dignidade mais que hum anno.

Outro Biſpo teve eſta meſma Cidade, de que ſe ignora o nome (ſem mais que o de Dominicano) com a ſingularidade de Coadjutor do meſmo Arcebiſpo, eleito pelo meſmo Pontifice, por morte de D. Fr. Gonçalo. De nenhum dos dous ha memoria nas noſſas Hiſtorias, a que as eſtranhas caſtigaõ o deſcuido, eſtimando o delicto de lhe deixarmos eſſe aſſumpto.

D. Fr. Ambroſio, Varaõ ſanto, Apoſtolico, e Miſſionario das terras em que prégou S. Thomé, e de que o ſeu zelo, e incançavel exercicio Evangelico o fizeraõ Arcebiſpo, Dignidade, que teve por muitos annos, conſumindo, e acabando a vida na cultura daquellas Chriſtandades, em que ganhou para Deos infinitas almas, e para ſuas virtudes eternas coroas.

D. Fr. Joaõ de Riperia, Francez de naçaõ, Biſpo de Calecut, celebre Emporio da India Oriental, em que gaſtou a vida, com continuado, e copioſo intereſſe daquella Chriſtandade.

D. Fr. Bernardo da Cruz, Portuguez, filho do Convento de S. Domingos de Lisboa, Biſpo de S. Thomé, por Paulo III. á inſtancia delRey D. Joaõ o III. Dignidade, que renunciou; ſeria diſpoſiçaõ do meſmo Monarca, que o eſcolheo para ſeu Eſmoler mór, fazendo-o juntamente Reytor da Univerſidade de Coimbra, Cidade em que depois fundou o Tribunal do Santo Officio, por commiſſaõ do Cardeal Henrique, quando governava eſta Coroa. Finalmente deixadas occupaçoens taõ decoroſas, ſe retirou a humas Abbadias, em que no anno de 1550.

aca-

acabou a vida, tendo alli por alguns annos ſuſtentado a dos pobres, e paſſando a arrecadar na gloria o depoſito, que em ſuas mãos tinha feito.

D. Fr. Joaõ Bautiſta, Portuguez, Biſpo de S. Thomé, nomeado por ElRey D. Joaõ III. que o tinha mandado a Roma ſobre importancias deſta Coroa. Sagrado naquella Curia, voltou a eſte Reyno, e pedindo aos Prelados deſta Provincia doze Religioſos, paſſou á ſua Dioceſi, deſprezando os perigos daquelle clima, em beneficio da Cultura Evangelica, em que ſe empregou incançavel, acabando naõ tanto ás inclemencias da Zona torrida, como á obſtinaçaõ dos coraçoens enregelados dos poderoſos, que deſprezavaõ os conſelhos Evangelicos; ſendo tal a magoa de ver naufragar aquellas miſeraveis almas deſconhecendo o porto, que lhes offerecia o Ceo, que ſem outra doença, paſſou a receber delle a coroa no anno de 1354.

D. Fr. Jorze de Santiago, Biſpo de Angra, Varaõ igualmente douto, que auſtero, como vio, e admirou o ſagrado Congreſſo do Concilio Tridentino, a que o mandou por ſeu Theologo ElRey D. Joaõ o III., e em que fez huma erudita Oraçaõ, que ſe acha nos Actos do meſmo Concilio. Foy Deputado da Meſa grande da Inquiſiçaõ de Lisboa, lugar, que alli tem a Ordem, e de que ſahio para o Biſpado, á inſtancia do meſmo Rey.

D. Fr. Ambroſio de Rontecali, por outro nome Botigella, Maltez de naçaõ, foy Biſpo Titular de Aurenſe (Peninſula na India Oriental) por Paulo IV. que a ella o mandou por Miſſionario, com poderes de Legado á Latere. Viveo em Goa, em que ſe occupou em applicaçoens literarias, e converſoens Catholicas, ſervindo a Deos naquellas Conquiſtas, naõ ſó como zeloſo Prelado, e conſummado Theologo, mas como grande Mathematico, e inſigne Geografo, e ſingularmente verſado nas linguas Chaldea, e Arabiga. Voltava para eſte Reyno por Cochim, onde o encontrou a morte, e lhe deu ſepultura o Convento, que a Ordem tem naquella Cidade, no anno de 1560.

D. Fr. Gaſpar dos Reys, Portuguez, Biſpo Titular de Tripoli, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebiſpo de Evora o Infante Cardeal Henrique. Foy hum daquelles grandes Theologos, e Varoens inſignes, que da Religiaõ Dominicana paſſaraõ ao Concilio Tridentino, por mandado delRey D. Joaõ o III. Voltando ao Reyno, foy o primeiro Cenſor, e Revedor de livros, que teve o Tribunal da Inquiſiçaõ. Logo Inquiſidor em Evora, depois do Conſelho Geral em Lisboa, e finalmente Biſpo, funçoens, que deſempenhou, e lugares, que encheo com tanta exacçaõ, e inteireza, que antes pareceo, que lhos reſtituiaõ, do que lhos davaõ. Faleceo no anno de 1577.

D. Fr. Jorze de Lémos, Portuguez, filho do Convento de Lisboa, Biſpo do Funchal, por Paulo IV. á inſtancia delRey D. Joaõ o III. Voltando da ſua Dioceſi a eſte Reyno, já carregado de annos, largou o Biſpado, aceitando o ſer Eſmoler mór

delRey D. Sebaſtiaõ. Faleceo, e tem ſepultura no Convento de que era filho, pelos annos de 1568.

Fr. Jorze Themudo, Portuguez, Oraculo dos Theologos do ſeu tempo, primeiro Biſpo de Cochim, nomeado pela Rainha Dona Catharina, por menoridade delRey D. Sebaſtiaõ, Regente deſta Coroa. Fello Paulo IV. dando áquella Cidade a honra de Epiſcopal, de que D. Fr. Jorze paſſou á Cadeira Primaz de Goa, com a gloria de o pôr nella a Santidade de Pio V. Foy incançavel Miſſionario, grangeando áquella Chriſtandade com a ſua reſórma, e exemplo hum copioſiſſimo fruto, e celebrando o primeiro Concilio, que vio aquelle Eſtado, em que fez ajuſtadas, e proveitoſas Conſtituiçoens para o ſeu governo. Eſtes exercicios, zelo, e inteireza na Prelaſia, lhe conciliaraõ hum ſingular reſpeito, e acclamaçoens de Santo, com que faleceo nos annos de 1572.

D. Fr. Jorze de Santa Luzia, Portuguez, primeiro Biſpo de Malaca, pelo Pontifice Paulo IV. nomeado por ElRey D. Joaõ o III. Varaõ Santo, inſigne Theologo, zeloſo Miſſionario, e celebre Oraculo daquelle Emporio, que arrebatou com caſos maravilhoſos, e reſgatou da horrivel perſeguiçaõ de crueis, e carniceiras féras, que excommungou, e extinguio. Renunciado (depois de dous annos de exercicio, e grande lucro daquella Dioceſi) o Biſpado, (entre os clamores do commum ſentimento) nas mãos do Pontifice Gregorio XIII. ſe recolheo ao Convento de Goa, reſtituindo-ſe ao centro do ſeu eſpirito, e ſervindo aos mais reformados de exemplo na pobreza da ſua cella, deſprezo de ſua peſſoa, exercicios mais abatidos da Caſa, empregos, em que o naõ aſſuſtou a morte, paſſando-o delles para a eterna felicidade.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, celebre com o titulo antonomaſtico de Arcebiſpo Santo. Foy hum dos mayores Theologos, e hum dos mayores Prelados, que no ſeu ſeculo reconheceraõ as Cadeiras, e confeſſaraõ as Mitras. Nomeou o para o Arcebiſpado a Rainha Dona Catharina, mulher delRey D. Joaõ o III. Regente deſta Coroa na menoridade delRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto. Confirmou-o Paulo IV., e admirou aquella idade (ainda fecunda de Heroes) hum eſpirito taõ deſpido do que mais preza o Mundo, que ſó o poder executivo da obediencia o fez entrar no cargo, pondo-o a pena de ſe ver nelle, ás portas da morte. Ditoſo ſeculo o em que ſe elegiaõ taes Prelados! Grandes Prelados, que aſſim ſobiaõ aos lugares para que eraõ eleitos!

Com elle entraraõ naquella grande Igreja a reſórma nos coſtumes, o remedio dos pobres, o caſtigo dos delinquentes, a ſogeiçaõ nos rebeldes, a ley nos Eccleſiaſticos, e a juſtiça para todos. Foy mandado ao Concilio Tridentino, onde aquelle ſabio, e veneravel Congreſſo o eſcutou como Oraculo. Naõ lhe deſconheceraõ o titulo, aſſim os Pontifices, como os Cardeaes de ſeu tempo. Até o preſente ſoaõ os brados de

ſua

ſua virtude; e na Curia Romana os grandes motivos de beatificalla.

Alguns annos antes de ſua morte, renunciado o Arcebiſpado, ſe recolheo ao Convento, que a Ordem tem em Vianna, enſayando-ſe naquella ſepultura recoleta, para a que brevemente eſperava, como ſe ainda ſe naõ fiara de ter ſido enſayo toda ſua vida. Poz termo a ella pelos annos de 1590, deixando aos Religioſos documentos para ſaber morrer, como aos Prelados para ſaber acertar. Melhor ſe póde ver na ſua vida, a que deſtinou o Ceo por Chroniſta a noſſo anteceſſor o Padre Fr. Luiz de Souſa, como ſe ſe deſobrigara na ſua penna (nunca melhor aparada) do grande aſſumpto, que naquella vida tinha dado á eſcritura.

D. Fr. Fernando de Tavora, Portuguez, Biſpo do Funchal por ElRey Dom Sebaſtiaõ (de que foy Eſmoler) confirmado pelo Santo Pontifice Pio V. A ſua exacta obſervancia o poz no lugar de Prior na Caſa de Bemfica, onde ella eſtava mais vigoroſa. As ſuas letras, e erudiçaõ teſtemunharaõ os doutos Commentarios ſobre o Evangelho de Saõ Joaõ. Naõ chegaraõ ao Prélo, e perdeo-os o deſcuido. Renunciado o Biſpado, ſe recolheo á Recoleta de Azeitaõ, onde faleceo com grande ſocego de eſpirito, e edificaçaõ do Convento, anno de 1577.

D. Fr. Antonio Bernardes, Portuguez, Biſpo Titular de Martyria, Coadjutor, e Suffraganeo do Biſpo de Coimbra. Foy nomeado por ElRey Dom Sebaſtiaõ, confirmado por Gregorio XIII., e taõ exacto, e exemplar no eſtado de Prelado, que nem nelle deſconheceo as ſogeiçoens de Religioſo.

D. Fr. Gaſpar da Cruz, Portuguez, natural de Setuval, Biſpo de Malaca, nomeado por ElRey Dom Sebaſtiaõ. Foy eſte Padre hum dos primeiros doze Miſſionarios Dominicanos, que paſſaraõ á India em fórma de Communidade a fundar Convento; e lhe podemos chamar (depois do grande diſcipulo de Chriſto Saõ Thomé) o Apoſtolo da China; porque naquelle vaſto Imperio entrou primeiro, que os veneraveis Padres da Companhia Rogerio, e Ricio. Deſte Prelado foy aquelle primeiro brado Evangelico, que ſoou nos obſtinados ouvidos daquelle Gentiliſmo. Seu foy aquelle zelo fervoroſo, e intrepido, que entrou por aquelles ſacrilegos Templos, derribando idolos, e aſſombrando poderoſos, que ſem ſe atreverem a tirar-lhe a vida, (que elle offerecia ao martyrio) ſe ſatisfizeraõ com o exterminarem daquelle Imperio.

Paſſou a Ormuz, Reyno em que colheo copioſos frutos de ſua Cultura Evangelica; e voltando a eſte Reyno no anno de 1569, em que o contagio da peſte tinha reduzido a Corte de Lisboa a theatro da miſeria, naõ baſtando todo o ſeu horror a enfraquecer aquellas chammas de caridade, que agora o deſvelavaõ na aſſiſtencia dos enfermos, deu bem a conhecer as que o levaraõ á reducçaõ dos Gentios. Tirou-lhe o meſmo mal a vida, porque quiz moſtrar

trar o Ceo, que viera a acabar de lavrar a coroa da eterna, achando-o eſte ultimo, e horroroſo golpe com tanto ſocego, como foy a ſegurança com que o tinha profetizado no anno de 1580.

D. Fr. Henrique de S. Jeronymo, ou de Tavora, Biſpo de Cochim, nomeado por ElRey Dom Sebaſtiaõ, e confirmado por S. Pio V., e depois promovido a Arcebiſpo de Goa, pelo meſmo Rey, e confirmado por Gregorio XIII. Foy dos grandes Theologos do ſeu tempo, experiencia, que o fez companheiro do grande Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, ao Concilio Tridentino, onde de todo aquelle veneravel, e ſapientiſſimo Congreſſo foy eſcutado na primeira Dominga da Quareſma, como Oraculo do Pulpito. No ſeu Arcebiſpado deſterrou abuſos, caſtigou vicios, e reſiſtio a poderoſos, reprehendendo no Pulpito com liberdade Apoſtolica, e em particular com ſeveridade prelaticia; mas eſcutadas ſempre as reprehenſoens, como injuria nas iſençoens da nobreza, lhe negocearaõ a morte, que bebeo diſtarçada em veneno, acabando victima do Inſtituto Apoſtolico no anno de 1582.

D. Fr. Jorze de Padilha, Portuguez, filho do Convento de Saõ Domingos de Lisboa, peſſoa de grandes letras, e erudiçaõ; paſſando a Italia, foy eleito Biſpo de Civita Ducale, no Eſtado de Parma, por Clemente VIII. Ignora-ſe o anno em que faleceo.

D. Fr. Antonio de S. Domingos, Portuguez, Biſpo Titular. Titulo em que os Eſcritores daquelle tempo lhe recopilaraõ a noticia, que ſem duvida mereceria ſer mais extença, naõ coſtumando ſobir a humildade religioſa áquelles lugares, ſem que lhe dem a maõ, ou letras, ou virtudes. Mas contente-ſe o ſeu nome com a gloria da Dignidade, que naõ deixa de ſer expreſſiva de mayor talento em ſeculo, em que ellas naõ coſtumavaõ ſer titulo, ſem ſerem premio.

Com eſte meſmo achamos a D. Fr. Joaõ de Cintra, filho do Convento de Saõ Domingos de Lisboa, com quem os noſſos Eſcritores andaraõ taõ eſcaſſos, que ſe contentaraõ com a generalidade, de que ficaſſe conhecido por Biſpo do Oriente.

D. Fr. Jeronymo Pereira, Portuguez, hum dos mais applaudidos Oraculos do ſeu ſeculo na Cadeira, e no Pulpito, Biſpo Titular de Salé, Coadjutor Suffraganeo do Arcebiſpo de Evora, o Infante Cardeal Henrique, á inſtancia déſte Principe, e delRey Dom Sebaſtiaõ. De ſua grande erudiçaõ, e capacidade literaria, teſtemunhou muitas vezes a Imprenſa.

D. Fr. Antonio de Souſa, Portuguez, da Caſa dos Condes da Caſtanheira, venerado, e reconhecido por Religioſo reformado, e inſigne Theologo. Foy Biſpo de Viſeu, depois de governar eſta Provincia, como Provincial, e como Vigario Geral de toda a Ordem, por Clemente VIII. Faleceo em tempo delRey Dom Sebaſtiaõ, de que foy Prégador.

D.

D. Fr. Antonio Valente, filho de Lisboa, Biſpo de Saõ Thomé á inſtancia de Filippe II. por Clemente VIII. Entre varios lugares, que lhe deu a occupaçaõ literaria, ſe fez o de inſigne, e celebre Moraliſta.

D. Fr. Antonio de Santo Eſtevaõ, Portuguez, natural de Lisboa, Biſpo de Angola á inſtancia de Filippe II. por Clemente VIII. reſulta do ſingular nome de incançavel caritativo, que ſe grangeou no tempo da peſte, como de outro ainda mayor, que como Obreiro Evangelico, lhe tinha neſte Reyno dado o Pulpito. Paſſando á ſua Dioceſi, baſtou o exemplo de ſua inculpavel vida, para commover os meſmos Gentios, acabando o zelo de ſua prégaçaõ, que muitos deixaſſem os idolos, e que os Catholicos mais eſquecidos choraſſem ſeus peccados. Entre eſtes exercicios o chamou o Ceo para a retribuiçaõ eterna (deixando a Fé neſte Reyno, em grande parte propagada) pelos annos de 1609.

D. Fr. Joaõ da Piedade, Biſpo de Macao, por Clemente VIII. á inſtancia de Filippe II. Eſcutou-o a mayor parte do Imperio da China, incançavel pregoeiro da palavra Evangelica, correſpondendo copioſo fruto aos ſuores de ſeu continuo exercicio, em que deſempenhando as obrigaçoens de fiel Obreiro, voltou a eſte Reyno a eſperar a paga no canto de huma cella, no Convento de Abrantes, em que teve ſepultura pelos annos de 1628.

D. Fr. Sebaſtiaõ da Aſcenſaõ, Biſpo de Cabo Verde, á inſtancia de Filippe II. por Paulo V. Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, inſigne em virtudes, celebre em letras. Acabou pelos annos de 1614, ſacrificando a vida ao Inſtituto Evangelico, com que querendo deſterrar abuſos, e caſtigar erros, concitou contra ſi a obſtinaçaõ dos comprehendidos, que diſſimulando a vingança em hum veneno, lavraraõ a coroa a ſeu zelo Apoſtolico.

D. Fr. Joaõ de Portugal, filho legitimo dos primeiros Condes de Vimioſo Dom Affonſo de Portugal, e Dona Luiza de Guſmaõ, irmaõ de Dom Luiz de Portugal, IV. Conde de Vimioſo. (que morrendo para o Mundo, abraçou o Inſtituto Dominicano, buſcando no ſeu habito a mortalha, nos ſeus Clauſtros a ſepultura) Nas memorias da Provincia nos deveo mais larga eſcritura. Chegou Dom Fr. Joaõ á Cadeira Epiſcopal de Viſeu, depois de ter occupado os lugares de Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, e de Prégador de Filippe III., a cuja inſtancia foy confirmado por Urbano VIII., ſobejando-lhe os degraos da natureza para ſubir á Mitra, na exacta obſervancia de Religioſo reformado, e na commua experiencia de profundo Theologo, laborioſo exercicio, com que deu ao Prélo quatro tomos, irrefragaveis teſtemunhas de ſeus grandes eſpiritos. Faleceo (tendo dado principio ao Moſteiro do Sacramento, ditoſo ſepulchro da melhor nobreza deſte Reyno) ſuſpirado de ſuas ovelhas, acclamado ſanto por ſuas obras, confirmando-as a fragrancia de ſeu corpo, quando levado á urna do ſepulchro,

em

em que ſe entendeo Feniz de melhor vida ſeu eſpirito pelos annos de 1628.

D. Fr. Domingos da Aſſumpçaõ, Portuguez, Biſpo de Angola por Urbano VIII. á inſtancia de Filippe III. pelos annos de 1627.

D. Fr. Agoſtinho das Chagas, Portuguez. Foy eleito por Urbano VIII. Arcebiſpo de Naviſan na Armenia, em que reſplandeceo ſua grande capacidade, prudencia, e zelo, falecendo com opiniaõ de irreprehenſivel Prelados pelos annos de 1653.

D. Fr. Miguel Rangel, Portuguez, Arcebiſpo de Cochim por Urbano VIII. á inſtancia de Filippe III. Foy Varaõ claro em letras, ſuas virtudes ſe authorizaraõ com publicos milagres; ſeu eſpirito Apoſtolico ſe vio na copioſa reducçaõ dos Gentios; ſeu zelo, e valor prelaticio, em arruinar Templos, e deſpedaçar idolos; ſua obſervancia religioſa no reformado Convento de Santa Barbara, que fundou á Ordem em Goa, cujo Arcebiſpado governou por dous annos. Faleceo no de 1644, com tanta magoa da ſua Igreja, como teſtemunhos de paſſar á Triunfante, o que confirmou depois de hum anno a incorrupçaõ com que foy achado ſeu corpo Com mais individuaçaõ o deixámos aqui eſcrito no livro quarto.

D. Fr. Manoel Telles, Portuguez, inſigne Theologo, que da Cadeira do Magiſterio, e da de Provincial deſta Provincia, paſſou a occupar a Primaz de Goa por Urbano VIII. á inſtancia de Filippe III. Dioceſi, em que ſe admirou ſeu zelo Apoſtolico, e incançavel exercicio, na reducçaõ ao Bautiſmo, em que contou numeroſa Gentilidade; glorioſo trabalho, em que lhe eſtabeleceo a morte a opiniaõ de ſanto no anno de 1640.

D. Fr. Antonio da Reſurreiçaõ, Portuguez, Biſpo de Angra por Urbano VIII. á inſtancia de Filippe III. Foy Oraculo da Theologia no ſeu tempo, como teſtemuuhou a Cadeira de Prima da Univerſidade de Coimbra, que occupou, e ennobreceo, paſſando della á ſua Dioceſi, que o admirou, e reconheceo pay de pobres, e exemplar de Prelados, como ſe vio em todas as acçoens de ſua vida, e ſe eſcutou nos lamentos, que acompanharaõ ſua morte, grangeando-lhe huma, e outra acclamaçoens de ſantidade; entre ellas paſſou deſta vida pelos annos de 1637.

D. Fr. Antonio do Roſario, Biſpo de Malaca, a que o deſcuido da Religiaõ pagou com o deixar deſconhecido naquella honra, a que elle lhe grangeou com a Mitra, e lhe podera augmentar, ſabendo-ſe o exercicio della.

D. Fr. Fernando de Oliove, Flamengo de naçaõ, foy Biſpo do Funchal, nomeado por ElRey Dom Joaõ o IV., que premiando-lhe o zelo com que intentou, e diſpoz a liberdade do Infante Dom Duarte ſeu irmaõ, (que no Caſtello de Milaõ faleceo a tempo, que eſtava facilitado taõ grande negocio) o deſtinou para aquella Mitra, a que naõ paſſou com o meſmo ſucceſſo, que tinha

nha precedido a logralla, que a merecella. Faleceo em ....

D. Fr. Domingos do Roſario, Irlandez de naçaõ, filho da Provincia de Caſtella pelo habito, e deſta de Portugal pela filiaçaõ. Filippe III. o mandou por ſeu Embaixador a Inglaterra a Carlos I., e a Roma ao Pontifice Innocencio X. ElRey Dom Joaõ o IV. o mandou por ſeu Embaixador a França a Luiz XIV. A Rainha Dona Luiza ao meſmo Reyno, com o meſmo caracter, e a Roma a Alexandre VII. Foy Confeſſor da meſma Rainha, e do ſeu Conſelho; e (falecido ElRey) com continua aſſiſtencia no ſeu governo. Em taõ grandes, e repetidas occupaçoens andou ſempre o ſeu deſintereſſe ao paſſo da ſua capacidade; recuſou o Arcebiſpado de Goa, e alguns Biſpados, que queriaõ ou ſatisfazer, ou exercitar ſeus merecimentos, vindo a aceitar o de Coimbra, obrigado do Collegio dos ſeus Religioſos, que neceſſitava de ſoccorro, mas foy já a tempo em que os achaques, e os annos lhe embaraçaraõ eſſes propoſitos, perdendo o Collegio aquelle arrimo, e aquella Dioceſi hum grande Prelado, de que já deixamos mayor noticia no quarto livro.

D. Fr. Fernando da Encarnaçaõ, illuſtre por naſcimento, letras, e virtude, que lhe grangearaõ a Mitra de Cochim; logo do Algarve por ElRey Dom Joaõ o IV. Faleceo em Bemfica, com a grande opiniaõ, que mereceo a ſua obſervancia. Neſtas memorias tem mais larga noticia.

D. Fr. Lourenço de Caſtro, illuſtre por naſcimento, ſingular por obſervancia, letras, e Pulpito, Confeſſor delRey D. Affonſo VI. Primeiro exercitou a Mitra de Angra, depois a de Miranda, em que faleceo. Já ſua vida nos deu mais larga eſcritura.

D. Fr. Gregorio Lopes, natural da China, filho no habito das Filippinas, Biſpo Titular Baſilicano por Clemente X. Foy eſte o primeiro Biſpo, o primeiro Religioſo, o primeiro Sacerdote, e o primeiro Miſſionario, que ao grande Imperio da China deu a Igreja Romana. No anno de 1666. eſcutaraõ ſua voz Evangelica naquellas vaſtiſſimas terras nove Provincias, em que bautizou duas mil almas. Na Provincia de Totien, (em que já havia alguma Chriſtandade) reduzio cem, bautizou quinhentas e cincoenta e ſeis, e confirmou os antigos Catholicos, reformando-os dos erros, que deſde o tempo de S. Thomé introduzio a diuturnidade.

O Pontifice Clemente X. o conſtituîo Vigario Apoſtolico de Nankim, Adminiſtrador das Provincias de Pekim, Xanti, Xantung, Honan, Xarti, e da Provincia da Corea, com ampliſſimos poderes. Florecia pelos annos de 1677. Toca a eſtas memorias, e a eſte Reyno, por ſerem as Igrejas da China do Padroado Real.

D. Fr. Manoel Pereira, Biſpo do Rio de Janeiro, grande Theologo, e Prégador inſigne. Na Curia Romana, (em que ſe pezou ſua grande capacidade) ſe fez hum lugar igual a ella, ſendo companheiro do Meſtre Geral Rocaberti, Pro-

vincial da Terra Santa, Vigario Geral de toda a Religiaõ. Neſte Reyno foy do Conſelho Geral do Santo Officio, Secretario de Eſtado delRey Dom Pedro II. Já neſtes papeis deixamos delle mais individual noticia.

D. Fr. Domingos de Guſmaõ, filho do Duque de Medina Sidonia, ſobrinho da Rainha Dona Luiza, e primo delRey Dom Pedro II. dos grandes Theologos do ſeu tempo. Vindo a eſte Reyno, o nomeou ElRey primeiro Biſpo de Leiria, confirmado por Innocencio XI. Promovido depois ao Arcebiſpado de Evora, o governou com ſingular prudencia, e prevalecendo á ſua grandeza a moderaçaõ religioſa, antes que Prelado, pareceo eſmoler da ſua Igreja, em que faleceo no anno de 1689, e em que tem ſepultura.

D. Fr. Valerio de Saõ Raymundo, Portuguez, hum dos mayores Theologos, que veneraraõ os Meſtres do ſeu ſeculo. Foy Provincial deſta Provincia, Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, e Biſpo de Elvas, a que paſſou taõ pobre como vivia na Religiaõ, ſendo nella hum exemplar de Religioſos, como na ſua Dioceſi o foy de Prelados. Delle deixamos mayor noticia no primeiro livro.

D. Fr. Jacintho de Saldanha, Portuguez, nobre de geraçaõ, Biſpo Titular, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebiſpo de Goa Dom Fr. Antonio Brandaõ, Religioſo de Ciſter. Foy nomeado por ElRey Dom Pedro II. confirmado por Innocencio XI. Na Religiaõ foy reformado, na Prelatura laborioſo. Faleceo no anno de 1677.

D. Fr. Pedro Pacheco, (glorioſo deſcendente daquelle rayo Luſitano, que fulminado no Oriente, aſſombrou todo o Mundo; o grande Duarte Pacheco, eſpelho de Heroes abalizados, como de merecimentos queixoſos) foy Vigario Geral da Congregaçaõ da India, a que naõ chegou; e arribando a eſte porto de Lisboa, o nomeou ElRey Dom Pedro o II. Biſpo de Cochim, confirmado por Innocencio..... Paſſou á India, onde deſempenhou a expectaçaõ, que ſe tinha de ſeu grande zelo, e paſtoral vigilancia, ſendo hum dos Prelados, que naquellas Chriſtandades deviaõ ſer eternos. Faleceo com edificaçaõ, e magoa dos Religioſos, e povo de Goa, onde reſidia pelos annos de 1713. Já neſtas memorias nos deveo mayor noticia.

D. Fr. Joſeph de Jeſus Maria, Portuguez, Biſpo Titular de Patara, nomeado pelo Auguſto Rey, e Senhor noſſo D. Joaõ o V. o Magnifico, e confirmado por Clemente XI. Já delle deixamos noticia.

D. Fr. Manoel de Santo Antonio, Portuguez, natural de Goa, filho da Congregaçaõ da India, Biſpo de Malaca, inſigne Theologo, Religioſo reformado, Prelado zeloſo, incançavel Miſſionario. Mais larga noticia tem no quarto livro.

Eſte Catalogo de inſignes Prelados, e glorioſos filhos da Religiaõ Dominica, quizemos encoſtar a eſtas memorias della, para ſatisfazer aos Cultivadores da Hiſtoria, condemnando a culpavel omiſſaõ dos Eſcritores Portuguezes, a cujas pennas pa-

re-

pareceraõ ſempre ſuperfluas, ou pouco importantes as glorias dos Regulares, ſem advertirem que, pertencendo ellas á decencia da Igreja, devem, e ſaõ as primeiras a executar a ſua eſcritura. Naõ he menos reprehenſivel nos domeſticos o deſcuido, com que deixaraõ nas mãos do tempo os mais dos progreſſos de ſeus Irmãos, inſignes Religioſos, em que nos roubaraõ aſſumptos á penna, creditos á Provincia, e exemplos á piedade Catholica.

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTE'M nos quatro livros deſta quarta Parte da Hiſtoria de S. Domingos, eſpecial deſte Reyno, e Conquiſtas de Portugal.

PRIMEIRO LIVRO.

CAP. I. *De alguns filhos do Convento de Santarem, que deixaraõ nome, e opiniaõ de virtude*, pag. 2.

CAP. II. *Addiçaõ á fundaçaõ do Convento de Saõ Domingos de Lisboa, de algumas particularidades, que ſe vem nelle ao preſente*, 8.

CAP. III. *Dos Meſtres Fr. Pedro de Magalhaens, Fr. Agoſtinho de Cordes, Fr. Guilherme do Vadre*, 13.

CAP. IV. *Dos Padres Fr. Manoel do Eſpirito Santo, Fr. Antonio de Jeſus, Fr. Thomé de Mendonça, e Fr. Belchior de França*, 15.

CAP. V. *De alguns Religioſos filhos deſte Convento, de reputaçaõ em letras, e Pulpito, e tirados da Ordem para Biſpos*, 21.

CAP. VI. *De Fr. Manoel do Roſario, Irmaõ Converſo, filho do Convento de noſſa Senhora dos Martyres de Elvas*, 27.

CAP. VII. *Dos Padres Fr. Raymundo da Purificaçaõ, e Fr. Manoel do Roſario, filhos do Convento de*

de S. Domingos de Guimaraens, 31.

CAP. VIII. *Do Irmaõ Converſo Fr. Jorze dos Santos, filho do Convento de Evora, chamado o Porteiro Santo na voz do povo. Entra na Religiaõ, ſua vida, e exercicios nella*, 34.

CAP. IX. *Continuaõ-ſe as noticias do Irmaõ Fr. Jorze*, 42.

CAP. X. *Do Padre Meſtre Fr. Joaõ de Portugal, Biſpo de Viſeu, filho do Convento de Evora*, 48.

CAP. XI. *Continuaõ-ſe as noticias do Meſtre Fr. Joaõ de Portugal*, 50.

CAP. XII. *Do Padre Fr. Franciſco da Purificaçaõ, e o Padre Meſtre Fr. Antonio da Encarnaçaõ, que foy Provincial de Armenia, ambos filhos do meſmo Convento de Evora*, 56.

CAP. XIII. *do Meſtre Fr. Valerio de S. Raymundo, Biſpo, que foy de Elvas, filho deſta Caſa de Evora*, 60.

CAP. XIV. *De alguns Religioſos filhos deſta Caſa, notaveis em virtude, e letras*, 63.

CAP. XV. *Do Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos. Entra na Religiaõ; cargos, que teve nella; como ſe houve nelles*, 69.

CAP. XVI. *Retira-ſe ao Convento da Cartuxa de Santa Maria de Paular de Segovia*, 80.

CAP. XVII. *Daſſa o Veneravel Padre a Evora, por mandado de Filippe IV. Da-ſe conta de hum prodigioſo caſo, que ahi lhe ſuccedeo*, 82.

CAP. XVIII. *Viſita a Provincia; caſos, que lhe ſuccederaõ*, 85.

CAP. XIX. *Sahe de Compoſtella, recolhe-ſe em Aveiro. Offerecem-lhe o Biſpado de Miranda; naõ aceita. Eſcolhem-no Viſitador da Congregaçaõ de Saõ Joaõ Evangeliſta; eſcuſa-ſe. Daſſa a Coimbra a viſitar o Santo Tribunal por ordem do Supremo de Lisboa, a Univerſidade pela delRey, e os Conventos da Ordem, de Irlandezes, Frades, e Freiras, pela do Meſtre Geral. Eſcuſa-ſe ao Arcebiſpado de Braga, offerecido por ElRey*, 87.

CAP. XX. *Recolhe-ſe ao Moſteiro do Sacramento, como ſeu Vigario. Da-ſe con-*

conta das virtudes, em que mais ſe eſmerou. Tocaõ-ſe alguns ſucceſſos em confirmaçaõ, 92.

CAP. XXI. *Caſos prodigioſos, que continuaõ o argumento de ſua virtude. Cahe em huma grave enfermidade; origina-ſe della ſua morte*, 99.

CAP. XXII. *De ſeu notavel tanſito, e circumſtancias de ſeu enterro*, 103.

CAP. XXIII. *Noticia das exequias; caſos notaveis, que obrou o Ceo, mediante ſuas Reliquias; breve relaçaõ de ſua fiſionomia, e prendas*, 109.

CAP. XXIV. *Do Padre Fr. Luiz de Souſa, filho deſte Convento, e Chroniſta da Ordem neſtes Reynos de Portugal*, 117.

CAP. XXV. *Do Meſtre Fr. Fernando de Menezes, Biſpo do Algarve, e do Padre Fr. Franciſco de S. Domingos da Cruz*, 123.

CAP. XXVI. *Dos Padres Fr. Alvaro de S. Joſeph, Fr. Joaõ de Aragaõ, Fr. Franciſco de Santo Thomaz, e Fr. Martinho da Fonſeca, filhos do meſmo Convento*, 129.

CAP. XXVII. *Dos Meſtres Fr. Manoel Pereira, e Fr. Lourenço de Caſtro, tirados da Religiaõ para Biſpos, filhos da meſma Caſa de Bemfica*, 136.

CAP. XXVIII. *Dos Padres Fr. Nicolao do Roſario, Fr. Joaõ Barreto, Fr. Jacintho do Eſpirito Santo, filhos deſte Convento, e de dous Irmãos, o Padre Fr. Luiz da Cruz, e o Irmaõ Fr. Joaõ de Portugal*, 142.

CAP. XXIX. *Addiçaõ ao Convento de noſſa Senhora da Miſericordia da Villa de Aveiro*, 147.

CAP. XXX. *Do Padre Preſentado Fr. Mattheus Toſcano, e dos Padres Fr. Manoel da Encarnaçaõ, Fr. Jacintho dos Anjos, Fr. Luiz da Annunciaçaõ, e do Meſtre Fr. Domingos Freire, filhos do Convento de Aveiro*, 149.

CAP. XXXI. *Do Meſtre Fr. Antonio da Reſurreiçaõ, Lente de Prima da Univerſidade de Coimbra, Biſpo de Angra, filho do Convento de Azeitaõ*, 153.

CAP. XXXII. *Dos Padres Fr. Pedro Martyr, Fr. Jeronymo das Chagas, Fr. Antonio da Natividade, Fr. Manoel do Deſter-*

terro, e Fr. Jorze de Santo Thomaz, 157.
CAP. XXXIII. *Do Martyr Fr. Joſeph de Morant. Memoria pertencente ao Convento de S. Sebaſtiaõ de Setuval*, 162.
CAP. XXXIV. *Martyrio, e milagres do Veneravel Fr. Joſeph de Morant*, 167.
CAP. XXXV. *Do Padre Fr. Domingos do Roſario, no ſeculo D. Luiz de Portugal, terceiro Conde de Vimioſo, filho do Convento de Almada*, 172.
CAP. XXXVI. *Do Meſtre Fr. Fernando Soeiro, filho deſte Convento de Almada; e alguns Religioſos deſta Provincia, de que ſe duvîda, ou ignora a Caſa*, 174.
CAP. XXXVII. *Fundaçaõ do Convento de Santa Joanna, Princeza de Portugal, da Ordem dos Prégadores*, 183.
CAP. XXXVIII. *Dos Religioſos filhos deſta Provincia, que occuparaõ, e ſerviraõ os lugares do Conſelho Geral da Inquiſiçaõ. Aponta-ſe como os filhos de Saõ Domingos foraõ os primeiros a que os Pontifices commetteraõ a fundaçaõ deſte Santo Tribunal, e as primazias, que nelle teve eſta Provincia*, 192.
CAP. XXXIX. *Continua-ſe a materia precedente, e huma recopilaçaõ da fundaçaõ do Tribunal do Santo Officio no Reyno de Portugal*, 195.
CAP. XL. *Dos Religioſos de Saõ Domingos, pertencentes a eſta Provincia, e que nos Reynos, e Conquiſtas de Portugal, mereceraõ Mitras, como dos que ſe eſcuſaraõ a ellas*, 206.

SEGUNDO LIVRO.

CAP. I. *Das Madres Dona Violante de Mendonça, Dona Anna de Mendonça, Dona Franciſca de Noronha, e Dona Ignez Henriques no Moſteiro de Saõ Domingos das Donas*, 211.
CAP. II. *Das Madres Soror Jeronyma das Chagas, Soror Mecia de Saõ Franciſco, Soror Franciſca Henriques; e da Irmãa Converſa Sor Maria*

do

do Eſpirito Santo, 215.

CAP. III. *Das Madres Dona Maria de Vilhena, Dona Joanna de Caſtro; e a Irmãa Converſa Soror Franciſca Coutinho, todas irmãas. E das Madres Soror Margarida do Eſpirito Santo, Soror Filippa de Siqueira, Soror Maria Magdalena, Soror Anna de Macedo, Soror Marianna de Jeſus. A Irmãa Converſa Soror Joanna da Conceiçaõ; e da Noviça Soror Maria Michaela, do meſmo Moſteiro de Saõ Domingos das Donas*, 220.

CAP. IV. *Das Madres Soror Margarida do Roſario, Soror Maria do Preſepio, Soror Catharina da Gloria, Soror Catharina das Chagas, Soror Catharina de S. Jacintho, que floreceraõ no Moſteiro de Corpus Chriſti de Villa Nova do Porto*, 228.

CAP. V. *Das Madres Soror Maria do Bautiſmo, Soror Iſabel da Madre de Deos, Soror Luiza de Saõ Raymundo, e outras filhas do meſmo Moſteiro*, 232.

CAP. VI. *Das Madres Soror Maria de Saõ Joſeph, Soror Anna da Appreſentaçaõ, Soror Maria de Saõ Joſeph, Soror Luiza da Conceiçaõ, Soror Antonia de Saõ Domingos, Soror Joanna Bautiſta, e Soror Anna de Jeſus, da meſma Caſa*, 236.

CAP. VII. *Das Madres Soror Maria do Roſario, Soror Maria do Sepulchro, Soror Paula da Cruz, Soror Marianna da Reſurreiçaõ, Soror Maria de Jeſus, do Moſteiro do Salvador*, 241.

CAP. VIII. *Das Madres Soror Maria da Gloria, Soror Juſtina do Eſpirito Santo, Soror Maria de Jeſus, Soror Joanna de Santa Clara, Soror Catharina do Preſepio; e da Irmãa Converſa Natalia do Salvador, (diz outra memoria de Jeſus) do meſmo Moſteiro*, 247.

CAP. IX. *Das Madres Soror Magdalena de Jeſus, Soror Ignez da Encarnaçaõ, Soror Iſabel da Viſitaçaõ, Soror Filippa da Cruz, Soror Maria da Cruz, Soror Marianna das Chagas, Soror Antonia Bautiſta, do meſ-*

meſmo Moſteiro, 254.
CAP. X. *Das Madres Soror Euſebia do Sacramento, Soror Anna de Jeſus, Soror Marianna de S. Jozé, Soror Catharina de S. Joaõ, Soror Antonia de Jeſus, (e de mais trez Religioſas ſuas irmãas) todas filhas deſta Caſa do Salvador*, 258.
CAP. XI. *De algumas Imagens milagroſas, que ao preſente ſe reſpeitaõ com eſſe titulo, e experiencia neſta Caſa*, 264.
CAP. XII. *Das Madres Soror Ignez de Saõ Jacintho, Soror Maria do Bautiſmo, Soror Magdalena do Sepulchro, Soror Iſabel das Chagas, Soror Iſabel de S. Joaõ, do Moſteiro de Jeſus de Aveiro*, 271.
CAP. XIII. *Das Madres Soror Maria de Jeſus, Soror Filippa de Noronha, Soror Monica de Santo Agoſtinho, Soror Anna Natalia, Soror Camila Bautiſta, e de trez irmãas, que deixaraõ nome de virtude, todas da meſma Caſa de Aveiro*, 274.
CAP. XIV. *Das Madres Soror Paula de Saõ Jeronymo, Soror Iſabel da Viſitaçaõ, Soror Filippa do Eſpirito Santo, Soror Marianna do Roſario, Soror Maria Magdalena, Soror Catharina dos Anjos, da meſma Caſa de Aveiro*, 278.
CAP. XV. *Das Madres Soror Maria do Naſcimento, Soror Margarida de Tavora, Soror Antonia de Saõ Domingos, Soror Magdalena dos Serafins, Soror Luiza de Saõ Joſeph, Soror Guiomar da Gloria, Soror Filippa do Sacramento, da meſma Caſa de Aveiro*, 282.
CAP. XVI. *Das Madres Soror Berarda dos Martyres, Soror Maria Evangeliſta, Soror Maria das Chagas, Soror Maria dos Serafins, Soror Luiza da Annunciaçaõ, da meſma Caſa de Aveiro*, 287.
CAP. XVII. *Das Madres Soror Iſabel de Meſquita, Soror Iſabel de Lemos, Soror Eſtefania de Saõ Joſeph, Soror Franciſca Pimentel, Soror Joſefa Maria, Soror Filippa de Athaide, do Moſteiro de Santa Anna de Leiria; e de algumas ſerven-*

ventes de opiniaõ, que viveraõ, e acabaraõ na meſma Caſa, 291.

CAP. XVIII. *Das Madres Soror Catharina do Preſepio, Soror Iſabel de Chriſto, Soror Aldonça da Magdalena, Soror Magdalena do Horto, Soror Marianna de Saõ Miguel, Soror Joanna de Jeſus, Soror Catharina da Cruz, do Moſteiro de noſſa Senhora da Saudaçaõ de Monte mór o Novo*, 299.

CAP. XIX. *Da Madre Soror Maria das Chagas, filha do Moſteiro de noſſa Senhora da Annunciada de Lisboa*, 305.

CAP. XX. *Das Madres Soror Maria de Jeſus; e trez irmãas Soror Brites do Sacramento, Soror Anna de Jeſus, Soror Catharina do Eſpirito Santo, do meſmo Moſteiro da Annunciada*, 309.

CAP. XXI. *Das Madres Soror Elena da Cruz, Soror Maria da Véra Cruz, Soror Catharina da Cruz, Soror Margarida de Saõ Miguel, e outras Madres de reputaçaõ, e nome; e de duas Irmãas Converſas do meſmo Moſteiro da Annunciada*, 313.

CAP. XXII. *De Soror Iſabel dos Anjos, e Soror Fauſtina das Chagas, Converſas da meſma Caſa da Annunciada*, 318.

CAP. XXIII. *Da Madre Soror Leonor de Santa Thereſa, da meſma Caſa da Annunciada; e algumas particularidades della*, 323.

CAP. XXIV. *Das Madres Soror Branca, Soror Antonia Henriques, Soror Brites do Preſepio, Soror Maria da Reſurreiçaõ, Soror Brites do Eſpirito Santo, Soror Brites da Conceiçaõ, Soror Iſabel Bautiſta, e de outra Religioſa, ſem mais nome, que a ſua vida. Todas filhas da Caſa de noſſa Senhora do Paraiſo, da Cidade de Evora*, 332.

CAP. XXV. *Das Madres Soror Iſabel dos Anjos, Soror Leonor do Eſpirito Santo, Soror Maria do Monte Olivete, Soror Cecilia da Encarnaçaõ, Soror Maria da Annunciaçaõ, Soror Franciſca das Chagas, Soror Catharina do Eſpirito Santo, Soror Antonia de Jeſus,*

ſus; e de trez Irmãas Converſas, Soror Domingas, Soror Agueda da Cruz, e Soror Maria de Belem, todas da meſma Caſa do Paraiſo de Evora, 337.

CAP. XXVI. *Das Madres Soror Brites de Lima, ou da Cruz, Soror Brites da Encarnaçaõ, Soror Leonarda da Trindade, Soror Guiomar dos Fieis de Deos, Soror Urſula de Santa Maria, Soror Antonia de Jeſus, Soror Magdalena da Silva, filhas do Moſteiro da Roſa*, 350.

CAP. XXVII. *Das Madres Dona Maria de S. Lourenço, Dona Anna da Aſcenſaõ, Dona Maria de Saõ Sebaſtiaõ, Dona Iria de Mello, Dona Antonia de Brito, Soror Barbara de Saõ Franciſco, Soror Anna Bautiſta, Soror Catharina de Sena, Soror Ignez de Santa Maria, do meſmo Moſteiro da Roſa*, 355.

CAP. XXVIII. *Da Madre Soror Ignacia dos Santos, e da Irmãa Converſa Soror Maria da Aſſumpçaõ, do meſmo Moſteiro da Roſa*, 360.

CAP. XXIX. *Da Madre Soror Violante do Ceo; e de huma Pupilla, ambas da meſma Caſa da Roſa*, 365.

CAP. XXX. *Das Madres Soror Catharina do Naſcimento, e Soror Brites de Saõ Joſeph do Moſteiro de Saõ Joaõ de Setuval*, 367.

CAP. XXXI. *De outras Religioſas, que faleceraõ com opiniaõ de virtude neſta Caſa de Saõ Joaõ de Setuval, e de algumas notabilidades pertencentes a ella*, 371.

CAP. XXXII. *Das Madres Soror Maria da Aſſumpçaõ, e outras Religioſas, filhas do Moſteiro de noſſa Senhora da Graça da Villa de Abrantes; e da Irmãa Converſa Leonor de Jeſus, do meſmo Moſteiro*, 375.

CAP. XXXIII. *Das Madres Soror Luiza de Deos, filha dos Condes de Vimioſo, e da Caſa de Santa Catharina de Sena de Evora*, 379.

CAP. XXXIV. *Das Madres Soror Catharina do Evangeliſta, Soror Luiza da Columna, Soror Barbara da Trindade, Soror Felicia da Purificaçaõ, Soror Maria dos An-*

Anjos; *e da Irmãa Converſa* Soror *Ambroſia de Santo Agoſtinho*, *filhas da meſma Caſa de Santa Catharina*, 386.

CAP. XXXV. *Fundaçaõ do Moſteiro de noſſa Senhora da Oliva*, *do lugar do Tojal*, 393.

CAP. XXXVI. *De algumas particularidades deſta Caſa*; *e das Madres* Soror *Agueda da Graça*, Soror *Juliana de Saõ Bernardo*, Soror *Catharina de Saõ Joſeph*, *e outras*, *que com bom nome faleceraõ nella*, 397.

CAP XXXVII. *Das Irmãas Terceiras da Villa de Guimaraens. De ſeu recolhimento*, *e voluntaria clauſura*; *e noticia das primeiras*, *que com nome*, *e reputaçaõ entraraõ nella*, 403.

CAP. XXXVIII. *Da Madre* Soror *Iſabel do Eſpirito Santo*, *da Terceira Ordem da Penitencia. Primeiros paſſos da ſua vocaçaõ*, 410.

CAP. XXXIX. *Toma* Soror *Iſabel o habito. Favores*, *que mereceo do Ceo*; *ſua virtude*; *acaba ſantamente*; *circumſtancias*, *que ſe admiraraõ em ſua morte*, 415.

CAP. XL. *De* Soror *Luiza de Jeſus*, *Freira da Terceira Ordem*, 419.

CAP. XLI. *Da Madre* Soror *Joanna de Tavora*, *da Terceira Ordem de Saõ Domingos*, 424.

TERCEIRO LIVRO.

CAP. I. *Dos Fundadores deſta Caſa*, *e embaraços*, *que ſe oppuzeraõ á fundaçaõ della*, 429.

CAP. II. *Impetra-ſe licença do Geral. Eſcolhe-ſe ſitio. Da-ſe principio ao novo Moſteiro*, 437.

CAP. III. *Referem-ſe alguns vaticinios de peſſoas de reputaçaõ em virtude*, *ſobre a fundaçaõ deſta Caſa. Da-ſe a razaõ de intitular-ſe do Santiſſimo Sacramento*, 439.

CAP. IV. *Vem para primeiras Fundadoras deſte Moſteiro*, *e entraõ nelle Religioſas de Santa Catharina de Sena de Evora*; *da-ſe noticia de quem foraõ*, 443.

CAP. V. *Elege-ſe a primei-*

meira Prioreza do Moſteiro; acodem Religioſas de outros; tomaõ o habito Dona Filippa de Portugal, e a Condeſſa Fundadora, 445.

CAP. VI. *Moſtra-ſe a ſeparaçaõ, que eſte Moſteiro tem da Provincia, com ſogeiçaõ immediata ao Geral da Ordem*, 448.

CAP. VII. *Da Madre Soror Iſabel de Jeſus, huma das Fundadoras, e primeira Prioreza deſte Moſteiro*, 451.

CAP. VIII. *Da Madre Soror Filippa de Jeſus Maria, ſegunda Prioreza deſta Caſa, e da Meſtra* Soror *Victoria da Cruz*, 456.

CAP. IX. *Fundaçaõ do novo Moſteiro, entrada das Religioſas nelle*, 461.

CAP. X. *Da Madre Soror Filippa do Santiſſimo Sacramento*, 467.

CAP. XI. *Das Madres* Soror *Magdalena das Chagas, e* Soror *Barbara da Trindade*, 472.

CAP. XII. *Da Madre Soror Margarida do* Santiſſimo Sacramento, 475.

CAP. XIII. *Da Madre Soror Catharina dos Martyres*, 485.

CAP. XIV. *Das Madres* Soror *Magdalena do* Santiſſimo Sacramento, *e* Soror *Thereſa de Jeſus, ambas irmãas*, 488.

CAP. XV. *Das Madres* Soror *Jeronyma de Jeſus, e* Soror *Maria da Piedade*, 495.

CAP. XVI. *Da Madre Soror Franciſca da Encarnaçaõ*, 499.

CAP. XVII. *Da Irmãa Converſa* Soror *Victoria da Cruz*, 503.

CAP. XVIII. *Da Madre* Soror *Joanna do Roſario, Condeſſa de Vimioſo, Fundadora deſte Moſteiro*, 507.

CAP. XIX. *Das Madres* Soror *Iſabel de Jeſus, e* Soror *Margarida da Reſurreiçaõ*, 513.

CAP. XX. *Da Madre Soror Filippa de Jeſus, huma das que deraõ principio a eſta Recoleta*, 517.

CAP. XXI. *Das Madres* Soror *Margarida da Coroa, e* Soror *Magdalena do Eſpirito* Santo, 521.

CAP. XXII. *Da Irmãa Converſa* Soror *Maria do Roſario*, 525.

CAP. XXIII. *Da Madre* Soror *Catharina da Encarnaçaõ*, 528.

CAP. XXIV. *Continua-ſe a vi-*

a vida da Madre Soror Catharina, 531.
CAP. XXV. *Da Madre Soror Joanna Bautiſta, das primeiras, que deraõ principio a eſta Recoleta; e de Soror Franciſca da Madre de Deos, Converſa*, 535.
CAP. XXVI. *Da Madre dre Soror Marianna Jeſus*, 541.
CAP. XXVII. *Da Madre Soror Antonia da Appreſentaçaõ, e Soror Antonia da Columna, Pupilla*, 544.
CAP. XXVIII. *De Soror Cecilia dos Anjos*, 548.
CAP. XXIX. *Continuaõ-ſe as noticias da vida, e morte de Soror Cecilia*, 553.
CAP. XXX. *De Soror Leonor da Aſſumpçaõ, Converſa*, 558.
CAP. XXXI. *De Soror Iſabel da Viſitaçaõ, Converſa*, 564.
CAP. XXXII. *Da Madre Soror Maria de Saõ Joſeph. Primeiros paſſos de ſua vida, e progreſſos na de Religioſa*, 568.
CAP. XXXIII. *Continua-ſe a vida da Madre Soror Maria; da-ſe noticia de ſeu ditoſo tranſito*, 573.
CAP. XXXIV. *Da Madre Soror Clara do Santiſſimo Sacramento*, 581.
CAP. XXXV. *Da Madre Soror Maria do Sacramento, no ſeculo Marqueza de Aguiar; e da Irmãa Converſa Soror Margarida do Eſpirito Santo*, 588.
CAP. XXXVI. *Da Madre Soror Margarida de Jeſus*, 594.
CAP. XXXVII. *Da Madre Soror Thereſa de Jeſus, e de Soror Marianna de S. Joſeph*, 598.
CAP. XXXVIII. *Das Madres Soror Joanna do Roſario, e Soror Catharina de Jeſus Maria*, 604.
CAP. XXXIX. *De Soror Maria Joſefa, e Franciſca do Roſario, ambas irmãas*, 608.
CAP. XL. *Das Madres Soror Leonor do Evangeliſta, Soror Ignez do Preſepio; e da Irmãa Converſa Soror Domingas de S. Jacyntho*, 611.
CAP. XLI. *Da Madre Soror Magdalena das Chagas*, 615.
CAP. XLII. *Continua-ſe a vida da Madre Soror Magdalena. Da-ſe noticia de ſua morte*, 620.
CAP. XLIII. *Da Madre*

Soror *Paula do Eſpirito Santo*, 626.
CAP. XLIV. *Das Madres Soror Margarida da Columna*, *Soror Brites de Deos*, *e* Soror *Margarida da Cruz*, *ambas irmãas*; Soror *Maria da Encarnaçaõ*, *Soror Maria da Viſitaçaõ*, Soror *Joanna do Santiſſimo Sacramento*, 631.
CAP. XLV. *Da Madre* Soror *Maria Magdalena do Horto*, *e outras Religioſas de nome*, *e da Irmãa Converſa* Soror *Maria da Puriſicaçaõ. Apontaõ-ſe os Vigarios*, *que teve a Caſa*, *da fundaçaõ até o preſente*, 635.
CAP. XLVI. *Fabrica da Igreja nova do Sacramento*, *e algumas particularidades da meſma Caſa*, *dignas de noticia*, 640.
CAP. XLVII. *De algumas noticias pertencentes a eſta Caſa do Sacramento*, 644.

QUARTO LIVRO.

CAP. I. *Noticia ſummaria*, *e breve do preſente eſtado da Congregaçaõ dos Frades Prégadores da India Oriental*, *ſogeita á Provincia de Portugal*, 650.
CAP. II. *Noticia das Ilhas de Solor*, *eſpecialmente de Larantuca*, *Timor*, *e outras adjacentes*, 657.
CAP. III. *Primeira converſaõ na Ilha de Timor. Bautiza-ſe o Emperador da Ilha do Ende grande em Larantuca*, 663.
CAP. IV. *Vida*, *e morte do Padre Fr. Rafael da Veiga. Prodigioſa huma*, *e outra*, 668.
CAP. V. *Converſaõ geral*, *que houve na Ilha de Timor*; *prodigio grande*, *que a ella precedeo*, 672.
CAP. VI. *Turbaçaõ nas novas Chriſtandades de Timor. Caſtigaõ-ſe os perſeguidores dellas*, *e ficaõ ſocegadas*, 680.
CAP. VII. *Noticias do ſuccedido no Japara*, *e no Macaſſá. Paſſa o Padre Preſentado Fr. Joaõ da Coſta á Provincia de Bajú. Tiraõ-lhe a vida em odio daquella Chriſtandade. Prodigios ſuccedidos nella*, 683.
CAP. VIII. *Prodigio notavel*, *ſuccedido em Timor. Tra-*

Trabalhos, que a elle ſe ſeguiraõ naquellas Chriſtandades. Maravilhas, com que o Ceo as defendeo, 687.

CAP. IX. *Novos prodigios, com que o Ceo favoreceo os Chriſtãos de Timor, em nova, e mais poderoſa invaſaõ dos Hollandezes. Deſenganados eſtes de Timor, paſſaõ a Larantuca com Armada formidavel, que ſe retira ſem operaçaõ alguma*, 691.

CAP. X. *Vida do Veneravel Padre D. Fr. Miguel Rangel, Biſpo de Cochim*, 696.

CAP. XI. *O que de novo obraraõ os Religioſos de Saõ Domingos nos Reynos de Siaõ, e Pegú. Levantaõ novas Igrejas, exercitaõ-ſe na converſaõ das almas*, 700.

CAP. XII. *O que de novo obraraõ os Religioſos de Saõ Domingos, eſtendendo o Evangelho nos Rios de Sena, terras do Monomotapa. Bautiza o Padre Fr. Luiz do Eſpirito Santo a Mavura, tio do Emperador Capranzine. Intenta eſte nas ſuas terras a deſtruiçaõ dos Portuguezes, que levantaõ por Emperador a Mavura, alcançada huma grande vitoria*, 703.

CAP. XIII. *Continua-ſe a guerra com o Capranzine. Daõ a vida pela Fé os Padres Fr. Joaõ da Trindade, Fr. Luiz do Eſpirito Santo. Dá huma vitoria ao Emperador Dom Filippe hum myſterioſo final, que ſe vio no Ceo. Levanta-ſe Igreja na Corte; noticia de outras na meſma Mocaranga, e no Reyno de Manica*, 705.

CAP. XIV. *Continuaõ-ſe as Chriſtandades no Imperio do Monomotapa. Bautiza-ſe o Emperador, toda a Caſa Real, e grande parte do povo. Da-ſe noticia do ultimo progreſſo deſtas Chriſtandades*, 708.

CAP. XV. *De alguns Religioſos, que deraõ glorioſamente a vida pela confiſſaõ da Fé, ſervindo ás Chriſtandades, que a Religiaõ de Saõ Domingos tem no Oriente*, 712.

CAP. XVI. *Moſtra-ſe como os Religioſos de Saõ Domingos foraõ os primeiros, que levaraõ a Fé á Ethiopia Occidental; converteraõ, e reduziraõ almas*

mas naquellas incultas, e vaſtiſſimas terras, 718.

CAP. XVII. *Do que pertence aos Conventos dos Irlandezes, que a Religiaõ tem na Provincia de Portugal. Vem a eſte Reyno o Meſtre Fr. Domingos do Roſario. Funda Hoſpicio, e depois Collegio, para os Miſſionarios de Irlanda ſua Patria. Da-ſe noticia deſte Padre*, 727.

CAP. XVIII. *Fundaçaõ do Moſteiro do Bom Succeſſo. Entra o Meſtre Fr. Domingos em penſamentos da nova fundaçaõ. Abre-ſe-lhe prodigioſamente caminho para ella. Sobrecreſcem embaraços; mayor o da licença del Rey. Vencem-ſe todos*, 734.

CAP. XIX. *Volta o Meſtre Fr. Domingos de Irlanda; alcança todas as licenças para a nova fundaçaõ. Da-ſe noticia da revelaçaõ, que ſobre ella teve huma Religioſa de virtude*, 738.

CAP. XX. *Entraõ as Religioſas em Clauſura; da-ſe conta da obſervancia, que ſe começou a guardar nella. Lança-ſe a primeira pedra na Igreja nova*, 744.

CAP. XXI. *De algumas particularidades da Imagem da Senhora do Bom Succeſſo, Orago da Caſa; e das primeiras Religioſas, que faleceraõ nella, Soror Antonia Thereſa de Jeſus, huma das Fundadoras, e Soror Catharina do Roſario*, 748.

CAP. XXII. *Das Madres Soror Luiza Maria do Sacramento, Soror Cecilia do Roſario, Soror Iſabel da Paixaõ*, 754.

CAP. XXIII. *Das Madres Soror Marianna de Jeſus, Soror Leonor de Santa Margarida, Soror Maria Magdalena de Chriſto, Soror Leonor do Calvario, Soror Jacyntha de Jeſus Maria, da meſma Caſa do Bom Succeſſo*, 758.

CAP. XXIV. *Das Madres Soror Maria da Encarnaçaõ, Soror Urſula Bautiſta, Soror Joanna da Trindade, Soror Angelica Maria das Chagas, Soror Iria de Santo Antonio, Soror Marianna da Trindade; e das Religioſas Converſas Soror Brizida de S. Patricio, e Soror Felicia da Madre de Deos, do meſmo Moſteiro*

teiro do Bom Succeſſo, 762.
CAP. XXV. *Deſcreve-ſe a Igreja nova, e o augmento, que teve toda eſta Caſa*, 766.

8901419
15 mr 2021